



KEN
FOLLETT



MUNDO
SEM FIM







**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

MUNDO SEM FIM

KEN FOLLETT

Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos

Título Original: World Without End
Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos

Índice

[Parte I](#)

[Parte II](#)

[Parte III](#)

[Parte IV](#)

[Parte V](#)

[Parte VI](#)

[Parte VII](#)

[Agradecimientos](#)

Para Barbara

Parte I



1

Gwenda estava com oito anos, mas não tinha medo do escuro. Quando abriu os olhos não pôde ver nada, mas não foi isso que a assustou. Sabia onde se encontrava. Estava no priorado de Kingsbridge, no prédio de pedra comprido que chamavam de hospital - um lugar para tratar de doentes, mas que também servia como um albergue para os pobres e os ricos - deitada no chão, numa cama de palha. A mãe deitava ao seu lado, e Gwenda compreendeu, pelo cheiro de leite quente, que amamentava o bebê que acabara de nascer, ainda sem nome. Do outro lado da mãe estava o pai e, junto de Gwenda, o irmão mais velho, Philemon, que tinha doze anos. Havia muita gente no hospital. Embora não pudesse ver as outras famílias deitadas no chão, espremidas como ovelhas num cercado, Gwenda podia sentir o cheiro desagradável dos corpos quentes. Quando o dia amanhecesse, seria Todos os Santos, um domingo naquele ano, e por isso mesmo um dia muito especial. A noite anterior fora um momento perigoso, quando os espíritos do mal vagueavam livres por toda parte. Centenas de pessoas haviam ido para Kingsbridge, das aldeias ao redor, como a família de Gwenda, a fim de passar o Dia de Todos os Santos no recinto sagrado do priorado, comparecendo à missa ao amanhecer. Gwenda era cautelosa com os espíritos do mal, como todas as pessoas sensatas; mas sentia-se mais assustada com o que teria de fazer durante o serviço religioso. Ela ficou olhando para o escuro, tentando não pensar no que a deixava apavorada. Sabia que havia uma janela em arco na parede à sua frente. Não tinha vidro - só os prédios mais importantes tinham vidro nas janelas —, mas uma cortina de linho impedia a entrada do ar frio do outono. Mas Gwenda não conseguiu divisar uma mancha cinza no lugar em que deveria estar a janela. E sentiu-se contente por isso. Não queria que a manhã chegasse. Não podia ver nada, mas havia muito para escutar. A palha que cobria o chão sussurrava a todo instante, sempre que as pessoas se mexiam e mudavam de posição no sono. Uma criança gritou, como se tivesse sido acordada por um pesadelo, mas foi logo silenciada por palavras de carinho murmuradas. Alguém falava de vez em quando, enunciando as palavras truncadas de conversa no sono. Em algum lugar

havia o som de duas pessoas fazendo a coisa que os pais faziam, mas sobre a qual nunca falavam, a coisa que Gwenda chamava de grunhido, porque não tinha outra palavra para descrevê-la.

Não demorou muito para que surgisse uma luz. No lado leste do vasto salão, um monge passou pela porta, carregando uma única vela. Colocou-a ao pé do altar, usou a chama para acender uma vela fina e comprida. Saiu pelo salão, encostando a chama nos lampiões nas paredes. Sua sombra comprida subia pela parede a cada vez, a vela de verdade se encontrando com a vela de sombra no pavio de cada lampião.

A claridade crescente iluminava as fileiras de pessoas estendidas no chão, envoltas por seus mantos miseráveis ou aconchegadas contra os vizinhos, em busca de calor. As pessoas doentes ocupavam os catres perto do altar, onde podiam obter o máximo de benefício da santidade do lugar. No lado oposto havia uma escada que levava ao andar superior, que tinha quartos para os visitantes aristocráticos: o conde de Shiring estava ali naquele momento, com sua família.

O monge inclinou-se sobre Gwenda para acender o lampião por cima de sua cabeça. Fitou-a e sorriu. Ela estudou o rosto à luz bruxuleante das chamas e reconheceu-o. Era o irmão Godwyn, jovem e bonito. Na noite anterior ele conversara gentilmente com Philemon.

Ao lado de Gwenda havia outra família de sua aldeia: Samuel, um próspero camponês, que cuidava de uma propriedade grande, a esposa e os dois filhos. O caçula, Wulfric, era um irritante menino de seis anos, que achava que jogar bolotas de carvalho nas meninas e correr em seguida era a coisa mais divertida do mundo.

A família de Gwenda não era próspera. O pai não tinha nenhuma terra e trabalhava para qualquer um que quisesse lhe pagar. Havia sempre trabalho no verão, mas, depois da colheita, quando o tempo começava a esfriar, a família muitas vezes passava fome.

Era por isso que Gwenda tinha de roubar.

Ela se imaginava sendo apanhada: a mão forte de alguém agarrando-a pelo braço; uma voz profunda e cruel dizendo "Ora, ora, uma pequena ladra"; a dor e a humilhação de ser açoitada; e depois, o pior de tudo, a agonia e perda quando sua mão fosse cortada.

O pai sofrera essa punição. Ao final do braço esquerdo tinha um coto horrível, todo enrugado. Ele conseguia fazer as coisas com uma única

mão: era capaz de usar uma pá, selar um cavalo, até fazer uma rede para pegar aves. Mesmo assim, era sempre o último trabalhador a ser contratado na primavera e o primeiro a ser dispensado no outono. Nunca poderia deixar a aldeia e procurar trabalho em outros lugares, porque a amputação marcava-o como um ladrão; por isso, as pessoas se recusariam a contratá-lo. Quando viajava, ele amarrava uma luva recheada no coto, para não ser escoraçado por todo estranho que encontrasse; mas isso também não enganava as pessoas por muito tempo.

Gwenda não testemunhara a punição do pai - ocorrera antes de seu nascimento -, mas imaginava-a com frequência. Agora, não podia deixar de pensar na mesma coisa lhe acontecendo. Em sua mente, via a lâmina do machado descendo para o pulso, cortando pele e ossos, separando a mão do braço, de tal forma que nunca mais seriam religados; e teve de ranger os dentes para não soltar um grito.

As pessoas levantavam e se esticavam, esfregando o rosto. Gwenda também se levantou e ajeitou as roupas. Todos os seus trajes haviam pertencido antes ao irmão mais velho. Ela usava uma bata de lã que descia até os joelhos, com uma túnica por cima, presas na cintura por um cinto feito de corda de cânhamo. Os sapatos outrora tinham cordões, mas os ilhoses haviam rasgado e os cordões desapareceram. Agora, ela prendia os sapatos nos pés com palha trançada. Assim que juntou os cabelos por baixo de uma touca feita de rabos de esquilo, ela terminou de se arrumar.

Olhou para o pai, que indicou furtivamente uma família ali perto, um casal de meia-idade com dois filhos, apenas um pouco maiores do que Gwenda. O homem era baixo e franzino, com uma barba ruiva encrespada. Afivelava uma espada na cintura, o que significava que era um homem de armas ou um cavaleiro, já que os homens comuns não tinham permissão para usar espadas. A esposa era magra, com uma atitude brusca e uma expressão mal-humorada. Enquanto Gwenda os examinava, irmão Godwyn acenou com a cabeça, respeitoso, e disse:

- Bom-dia, Sir Gerald, lady Maud.

Gwenda viu o que atraía a atenção do pai. Sir Gerald tinha uma bolsa presa ao cinto por uma tira de couro. A bolsa estava estufada. Devia conter várias centenas das pequenas moedas de prata de pennies, halfpennies e farthings, o dinheiro inglês... tanto quanto o pai poderia ganhar em um ano inteiro de trabalho, se conseguisse arrumar emprego. Seria mais do que o

suficiente para alimentar a família até o plantio da primavera. A bolsa poderia até conter umas poucas moedas de ouro estrangeiras, como florins de Florença ou ducados de Veneza.

Gwenda tinha uma pequena faca numa bainha de madeira, pendurada por um cordão no pescoço. A lâmina afiada cortaria a tira de couro e faria com que a bolsa estufada caísse em sua mão... a menos que Sir Gerald sentisse alguma coisa estranha e a agarrasse antes que cometesse o furto...

Godwyn elevou a voz por cima do rumor das conversas.

- Pelo amor de Cristo, que nos ensina a caridade, será servida uma refeição depois do serviço de Todos os Santos. Até lá, há água para beber na fonte no pátio. Por favor, não deixem de usar as latrinas lá fora... nada de urinar dentro do prédio!

Os monges e freiras eram rigorosos com a higiene. Ontem à noite, Godwyn surpreendera um menino de seis anos urinando num canto e expulsara toda a família. A menos que tivessem um penny para uma taverna, teriam passado a fria noite de outubro estremecendo no chão de pedra do pórtico norte da catedral. Havia também uma proibição para animais. O cachorro de três pernas de Gwenda, Hop, fora banido. E ela se perguntava onde Hop passara a noite.

Depois que todos os lampiões foram acesos, Godwyn abriu a enorme porta de madeira para o exterior. O ar frio da noite gelou as orelhas e a ponta do nariz de Gwenda. Quando Sir Gerald e a família encaminharam-se para a porta, o pai e a mãe foram atrás. Gwenda e Philemon seguiram o exemplo. Philemon sempre fora o encarregado de roubar até agora. Mas, no dia anterior, quase fora apanhado, no mercado de Kingsbridge. Palmeara um pequeno pote de óleo caríssimo do estande de um mercador italiano, mas deixara-o cair, à vista de todos.

Por sorte, o pote não quebrara ao bater no chão. E ele fora obrigado a fingir que o derrubara acidentalmente.

Até bem pouco tempo atrás, Philemon era pequeno e apagado, não chamava a atenção de ninguém. Mas, durante o último ano, crescera bastante, adquirira uma voz profunda, tornara-se desajeitado, como se não conseguisse se acostumar ao novo tamanho de seu corpo. Ontem à noite, depois do incidente com o pote de óleo, o pai anunciara que Philemon era agora grande demais para o furto sistemático; dali por diante, essa incumbência seria de Gwenda.

Fora por isso que ela permanecera acordada durante boa parte da noite.

O nome de Philemon na verdade era Holger. Quando tinha dez anos, ele decidira que seria monge; e dissera a todo mundo que mudara o nome para Philemon, que parecia mais religioso. Numa reação surpreendente, a maioria das pessoas atendeu a seu desejo, embora o pai e a mãe continuassem a chamá-lo de Holger.

Eles passaram pela porta e viram duas fileiras de freiras trêmulas, segurando tochas acesas, para iluminar o caminho do hospital até a enorme porta de oeste da catedral de Kingsbridge. As sombras cabriolavam na beira da luz das tochas, como se os duendes e diabinhos da noite anterior estivessem à espreita ali, mantidos à distância apenas pela santidade das freiras.

Gwenda pensava que encontraria Hop esperando lá fora, mas não o avistou. Talvez ele tivesse encontrado algum lugar quente para dormir. Enquanto seguiam para a catedral, o pai deu um jeito de permanecerem próximos de Sir Gerald. Alguém deu um puxão doloroso nos cabelos de Gwenda, por trás. Ela soltou um grito estridente, pensando que era um duende. Virou-se para descobrir que era Wulfric, seu vizinho de seis anos. Ele se afastou para fora de seu alcance, rindo. Mas o pai de Wulfric berrou "Comporte-se!", e deu um cascudo em sua cabeça. O menino começou a chorar.

A vasta catedral era uma massa informe pairando acima da multidão amontoada. Só as partes inferiores eram nítidas, arcadas e janelas iluminadas em laranja e vermelho pela luz bruxuleante das tochas. A procissão passou a andar mais devagar ao se aproximar da entrada da catedral, e Gwenda avistou os moradores da cidade, que vinham da direção oposta. Havia centenas de pessoas, pensou ela, talvez milhares, embora não soubesse quantas pessoas havia em mil, pois não era capaz de contar tão alto.

A multidão avançava lentamente pela entrada. A luz irrequieta das tochas incidia sobre as figuras esculpidas nas paredes, dando a impressão de que se empenhavam numa dança delirante. Havia demônios e monstros no nível mais baixo. Gwenda olhou assustada para dragões e grifos, um urso com cabeça de homem, um cachorro com dois corpos e um único focinho. Alguns dos demônios lutavam contra humanos: um demônio punha um laço no pescoço de um homem, um monstro parecido com uma raposa arrastava uma mulher pelos cabelos, uma águia com mãos espetava com

uma lança um homem nu. Por cima dessas cenas, os santos formavam uma fileira, abrigados sob dosséis; mais acima, os apóstolos sentavam em seus tronos; depois, na arcada por cima da porta principal, São Pedro com sua chave e São Paulo com um pergaminho olhavam em adoração para Jesus Cristo lá no alto.

Gwenda sabia que Jesus estava lhe dizendo para não pecar ou seria torturada pelos demônios; mas os humanos assustavam-na mais do que os demônios. Se não conseguisse roubar a bolsa de Sir Gerald, seria açoitada pelo pai. Pior ainda, não haveria nada para a família comer além de sopa feita com bolotas de carvalho. Ela e Philemon passariam fome por semanas a fio. Os seios da mãe secariam e o bebê morreria, como os dois últimos. O pai desapareceria por vários dias e voltaria sem nada para a panela, apenas uma garça magricela ou um par de esquilos. Sentir fome era pior do que ser açoitada... doía por mais tempo.

Ela fora ensinada a cometer pequenos furtos desde que era bem pequena: uma maçã de uma barraca, um ovo retirado de baixo da galinha do vizinho, uma faca que um bêbado descuidado largava na mesa de uma taverna. Mas roubar dinheiro era diferente. Se fosse apanhada ao tirar a bolsa de Sir Gerald, não adiantaria desatar a chorar e torcer para ser tratada como uma criança travessa, como acontecera uma vez, depois que roubara um par de sapatos de couro de uma freira de coração mole. Cortar o cordão de couro da bolsa de um cavaleiro não era um pecadilho infantil, mas um crime de adulto, e seria tratado de acordo.

Ela tentou não pensar a respeito. Era pequena, ágil e rápida. Pegaria a bolsa furtivamente, como um fantasma... desde que conseguisse não tremer.

A vasta catedral já estava lotada. Monges encapuzados seguravam tochas nos corredores laterais, projetando clarões vermelhos irrequietos. As colunas em marcha da nave subiam pela escuridão. Gwenda permaneceu perto de Sir Gerald, enquanto a multidão avançava para o altar. O cavaleiro de barba ruiva e sua esposa magricela não a notaram. Os dois meninos não prestavam mais atenção a ela do que às paredes de pedra da catedral. A família de Gwenda ficou para trás, e ela não viu mais ninguém.

A nave se encheu depressa. Gwenda nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar; estava mais movimentada do que a campina verde no dia do mercado. As pessoas se cumprimentavam na maior jovialidade, sentindo-

se a salvo dos espíritos do mal naquele lugar sagrado. O som de todas as conversas se juntava num rugido.

Até que o sino repicou e todos calaram.

Sir Gerald estava ao lado de uma família da cidade. Todos usavam mantos de bom tecido, o que indicava que o chefe devia ser negociante de lã. Ao lado do cavaleiro havia uma garota que devia ter dez anos. Gwenda postou-se atrás de Sir Gerald e da garota. Tentou passar despercebida, mas, para sua consternação, a garota olhou para trás e sorriu, tranquilizadora, como se lhe dissesse que não precisava ficar assustada.

Ao longo das paredes, os monges começaram a apagar as tochas, uma a uma, até que a vasta catedral ficou mergulhada na mais absoluta escuridão.

Gwenda especulou se a garota rica se lembraria dela mais tarde. Não se limitara a lançar um olhar para Gwenda e depois a ignorara, como a maioria das pessoas fazia. Notara-a, pensara nela, previra que poderia ficar assustada, e oferecera um sorriso cordial. Mas havia centenas de crianças na catedral. Ela não poderia ter percebido as feições de Gwenda com bastante nitidez na semi-escuridão da catedral... ou será que poderia? Gwenda tentou remover a preocupação de sua mente.

Invisível no escuro, adiantou-se e esgueirou-se sem fazer barulho entre as duas figuras. Sentiu a lã macia do manto da garota num lado e o tecido mais áspero do manto do cavaleiro no outro. Agora se encontrava em posição de alcançar a bolsa.

Levou a mão ao pescoço e tirou a pequena faca da bainha.

O silêncio foi rompido por um terrível grito. Gwenda já esperava por isso a mãe explicara o que aconteceria durante o serviço religioso -, mas mesmo assim ficou atordoada. Parecia que alguém estava sendo torturado. Depois, houve um estrondo estridente, como se alguém estivesse batendo numa placa de metal. Mais ruídos se seguiram: gemidos, risadas ensandecidas, uma trompa de caça, barulho de correntes, o repicar de um sino. Na congregação, uma criança começou a chorar, e foi logo seguida por outras. Alguns adultos soltavam risadas nervosas. Sabiam que os ruídos eram feitos por monges, mas ainda assim era uma cacofonia infernal.

Aquele não era o momento para pegar a bolsa, pensou Gwenda, amedrontada. Todos estavam tensos, alertas. O cavaleiro seria sensível a

qualquer toque.

O ruído diabólico foi se tornando mais e mais alto, até que um novo som interveio: música. A princípio, era tão baixo que Gwenda não podia ter certeza se ouvira mesmo, mas pouco a pouco foi se tornando mais alto. As freiras cantavam. Gwenda sentiu seu corpo dominado pela tensão. O momento se aproximava. Movendo-se como um espírito, imperceptível como o ar, ela virou-se, a fim de ficar de frente para Sir Gerald.

Sabia exatamente o que ele vestia. Tinha uma grossa túnica comprida de lã, presa na cintura por um cinto largo e tachonado. Por cima da túnica, usava um manto bordado, dispendioso mas velho, com botões de osso amarelados na frente. Fechara alguns botões, mas não todos, provavelmente por causa da indolência do sono ou porque a caminhada do hospital até a catedral era tão curta.

Com um toque tão leve quanto possível, Gwenda encostou a mão no manto. Imaginou a mão como uma aranha, tão desprovida de peso que o homem não poderia sentir. A mão de aranha deslizou pela frente do manto e encontrou a abertura. Enfiou-se por baixo da beira do manto e avançou pelo cinto largo até encontrar a bolsa.

O pandemônio diminuía à medida que a música se tornava mais alta. Da frente da congregação veio um murmúrio de reverência. Gwenda não podia ver nada, mas sabia que um lampião fora aceso no altar para iluminar um relicário, uma caixa elaborada, de ouro e marfim, contendo os ossos de St. Adolphus, que não estavam ali quando as tochas se apagaram. A multidão se adiantou, todos querendo chegar mais perto das relíquias sagradas. Ao sentir que era espremida entre Sir Gerald e o homem na frente, Gwenda ergueu a mão direita e encostou a beira da faca no cordão da bolsa.

O couro era duro e seu primeiro movimento não foi suficiente para cortá-lo. Serrou-o frenética com a faca, torcendo desesperada para que Sir Gerald estivesse tão interessado na cena no altar que não notaria o que acontecia por baixo de seu nariz. Olhou para cima e compreendeu que podia começar a divisar os contornos das pessoas ao redor: os monges e freiras acendiam as velas. A claridade seria maior a cada momento. Quase não lhe restava tempo.

Ela deu um puxão mais forte na faca e sentiu que a tira do couro cedia. Sir Gerald soltou um grunhido baixo: sentira alguma coisa ou reagia ao espetáculo no altar? A bolsa caiu e parou na sua mão; mas era muito

grande para que a segurasse com facilidade e começou a escapular. Por um momento terrível, ela pensou que a deixaria cair e a perderia no chão, entre os pés indiferentes da multidão. Pouco depois conseguiu segurá-la com firmeza, experimentou um momento de alívio e alegria: estava com a bolsa.

Mas ainda corria um tremendo perigo. O coração batia tão alto que tinha a sensação de que todos ao redor podiam ouvi-la. Virou-se depressa, ficando de costas para o cavaleiro. No mesmo movimento, enfiou a bolsa recheada pela frente da túnica. Podia sentir que formava uma protuberância, pendendo à sua frente, junto a barriga de um velho. Deslocou-a para o lado, onde ficaria parcialmente oculta pelo braço. Ainda seria visível quando a claridade aumentasse, mas não tinha outro lugar para guardá-la. Meteu a faca na bainha. Agora, tinha de escapar depressa, antes que Sir Gerald sentisse a perda... mas a pressão dos fiéis, que a ajudara a pegar a bolsa sem ser notada, agora obstruía a fuga. Tentou recuar, na esperança de encontrar uma brecha nos

cantos por trás, mas todos ainda tentavam se adiantar, na esperança de ver os ossos do santo. Ela estava acuada, incapaz de se mover, bem na frente do homem que acabara de roubar. Uma voz murmurou em seu ouvido: Você está bem?

Era a garota rica. Gwenda fez um esforço para conter o pânico. Precisava ser invisível. Uma criança mais velha prestativa era a última coisa que queria naquele momento. Não disse nada.

Tomem cuidado - disse a garota às pessoas ao redor. - Estão espremendo a menina.

Gwenda teve vontade de gritar. A gentileza da garota rica poderia fazer com que sua mão fosse cortada.

Desesperada para escapar, ela estendeu as mãos para o homem da frente e o empurrou, mas não conseguiu afastá-lo. Só conseguiu atrair a atenção de Sir Gerald.

- Não consegue ver nada aí embaixo, não é? - murmurou sua vítima, em tom gentil.

E, para seu horror, Sir Gerald pegou-a por baixo dos braços e levantou-a. Gwenda estava impotente. A mão enorme do homem estava a poucos centímetros de sua axila, onde escondera a bolsa. Virou-se para a frente, a fim de que ele só pudesse ver a parte posterior de sua cabeça. Olhou por cima da multidão para o altar, onde monges e freiras acendiam mais velas

e cantavam para o santo havia muito morto. Além deles, uma tênue claridade brilhava através da janela de rosácea: o dia amanhecia, expulsando os espíritos do mal. O clangor cessara agora, e o canto aumentava de intensidade. Um monge alto e bonito subiu para o altar. Gwenda reconheceu-o como Anthony, o prior de Kingsbridge. Ele ergueu as mãos numa bênção e disse, bem alto:

- E assim, mais uma vez, pela graça de Cristo Jesus, o mal e as trevas deste inundo são banidos pela harmonia e pela luz da santa igreja de Deus.

A congregação deixou escapar um rugido triunfante, para depois começar a relaxar. O clímax da cerimônia passara. Gwenda contorceu-se. Sir Gerald entendeu a mensagem e a pôs no chão. Com o rosto virado para o outro lado, ela afastou-se, seguindo para o fundo da multidão. As pessoas não se sentiam mais ansiosas em ver o altar, e ela pôde esgueirar-se entre os corpos. Quanto mais se distanciava, mais fácil era, até que finalmente avistou a grande porta de oeste e encontrou sua família.

O pai fitava-a em expectativa, pronto para um acesso de fúria, se ela tivesse fracassado. Gwenda tirou a bolsa de baixo da túnica e estendeu-a, contente por se livrar. O pai pegou-a, e virou-a para um olhar furtivo no conteúdo. E deu um sorriso de satisfação. Entregou-a à mãe, que a escondeu nas dobras da manta que agasalhava o bebê. A provação terminara, mas o risco ainda não passara.

- Uma garota rica me notou - avisou Gwenda, notando a estridência do medo na própria voz.

Os olhos pequenos e escuros do pai faiscaram em raiva.

- Ela viu o que você fez?

- Não. Mas disse aos outros para não me espremerem. E depois o cavaleiro me levantou para que eu pudesse ver melhor.

A mãe soltou um gemido baixo. O pai resmungou:

- Então ele viu seu rosto.

- Virei para o outro lado durante todo o tempo.

- Mesmo assim, é melhor ele nunca mais se encontrar com você. Não vamos voltar para o hospital. Comeremos numa taverna.

- Não podemos nos esconder durante o dia inteiro - disse a mãe.

- Tem toda razão. Mas podemos sumir no meio da multidão.

Gwenda começou a se sentir melhor. O pai parecia pensar que não havia um perigo real. De qualquer forma, ficava mais segura porque o pai

assumia o comando, tirando a responsabilidade dela.

- Além do mais - acrescentou o pai -, estou com vontade de comer pão e carne, em vez do mingau aguado dos monges. Podemos pagar agora.

Eles deixaram a catedral. O céu era de um cinza aperolado com a claridade do amanhecer. Gwenda queria segurar a mão da mãe, mas o bebê começou a chorar. E atraiu por completo a atenção da mãe. Foi nesse instante que Gwenda avistou um cachorrinho de três pernas, branco, de cara preta, que veio correndo da catedral.

- Hop! - gritou ela, pegando o cachorro nos braços e apertando-o com força.

2

Merthin tinha onze anos, um ano mais velho do que o irmão Ralph; mas, para sua intensa irritação, Ralph era mais alto e mais forte.

Isso causava problemas com os pais. O pai, Sir Gerald, era um soldado, e não podia esconder seu desapontamento quando Merthin se mostrava incapaz de levantar a pesada lança, ou ficava exausto antes de terminar de cortar uma árvore, ou voltava para casa chorando depois de perder uma briga. A mãe, lady Maud, agravava ainda mais a situação, embaraçando Merthin por sua atitude superprotetora, quando o que o menino precisava mesmo era que ela fingisse que não notava. Sempre que o pai demonstrava orgulho pela força de Ralph, a mãe tentava compensar com críticas à estupidez de Ralph. Como era um pouco lento para compreender as coisas, Ralph era escarnecido pelos outros meninos, o que o deixava curioso e o levava a brigar.

Os pais estavam nervosos na manhã do Dia de Todos os Santos. O pai nem queria ir a Kingsbridge. Mas fora obrigado. Devia dinheiro ao priorado e não tinha como pagar. A mãe dizia que os monges tomariam suas terras: ele era senhor de três aldeias perto de Kingsbridge. O pai lembrava-lhe que era descendente direto do Thomas que se tornara conde de Shiring no ano em que o arcebispo Beckct fora assassinado pelo rei Henry II. Esse conde Thomas era filho de Jack Uuilder, o arquiteto da catedral de Kingsbridge, e de lady Aliena de Shiring... um casal quase legendário, cuja história era contada nas longas noites de inverno, junto com os relatos heroicos de Carlos Magno e Roland. Com tais ancestrais, Sir Gerald não podia ter as terras confiscadas por qualquer monge, ele berrava, muito menos por aquele velho assustado que era o prior Anthony. Quando ele começou a gritar, uma expressão de resignação cansada se estampava no rosto de Maud, que se virava em seguida. Merthin já a ouvira murmurar:

- Lady Aliena tinha um irmão, Richard, que só sabia lutar, não servia para qualquer outra coisa.

O prior Anthony podia ser uma velha, mas pelo menos fora homem suficiente para se queixar das dívidas não pagas de Sir Gerald. Procurara o suserano de Sir Gerald, o atual conde de Shiring, que era também primo em segundo grau de Gerald. O conde Roland convocara Gerald a

Kingsbridge hoje, para um encontro com o prior, em que tentariam encontrar uma solução. Era esse o motivo do mau humor do pai.

E,, ainda por cima, o pai fora roubado.

Só descobriu a perda depois do serviço religioso de Todos os Santos. Merthin apreciara o drama: a escuridão, os estranhos ruídos, a música começando suavemente e depois aumentando de intensidade, até que parecia vibrar em toda a vasta catedral, e no final as velas sendo acesas uma a uma, devagar. Também notara, quando a claridade começava a aumentar, que algumas pessoas haviam tirado proveito da escuridão para cometer pequenos pecados, pelos quais podiam agora ser perdoadas: vira dois monges parando de se beijar abruptamente, e um mercador matreiro retirar a mão do seio roliço de uma mulher sorridente, que parecia ser a esposa de outro. Merthin ainda se encontrava num clima de excitação quando voltaram ao hospital.

Enquanto esperavam que as freiras servissem a refeição, um garoto da cozinha passou por perto e subiu a escada, levando uma bandeja com um jarro de cerveja, a bebida maltada, escura e amarga, e uma travessa com uma carne assada. A mãe comentou, irritada:

- Acho que seu parente, o conde, poderia nos convidar para comer com ele, em seu aposento particular. Afinal, sua avó era irmã do avô dele.

- Se você não quer o mingau, podemos comer na taverna - respondeu o pai. Merthin ficou alerta no mesmo instante. Gostava de comer na taverna, do pão fresco e da manteiga salgada. Mas a mãe disse:

- Não podemos pagar.

- Claro que podemos.

O pai estendeu a mão para a bolsa, e foi nesse instante que descobriu que ela havia desaparecido.

A princípio, ele olhou para o chão ao redor, como se pudesse ter caído naquele momento; e depois notou a ponta cortada da tira de couro e rugiu com indignação. Todos olharam para ele, exceto a mãe, que se virou; e Merthin ouviu-a murmurar:

- Era todo o dinheiro que tínhamos.

O pai lançou olhares acusadores para as pessoas próximas. A cicatriz comprida, que se estendia da têmpora direita ao olho esquerdo, pareceu escurecer com a raiva. Houve um silêncio tenso: um cavaleiro furioso era sempre um perigo, mesmo sendo um cavaleiro que parecia caído em desgraça.

- Você foi roubado na catedral, com toda certeza - comentou a mãe nesse instante.

Merthin refletiu que devia ter sido mesmo isso. No escuro, as pessoas haviam roubado mais do que beijos.

- Sacrilégio ainda por cima! - exclamou o pai.

- Acho que aconteceu quando você suspendeu aquela menina. - A mãe tinha o rosto todo contorcido, como se tivesse acabado de engolir alguma coisa amarga. - O ladrão deve ter se inclinado por trás para alcançar sua cintura.

- Ele deve ser encontrado! - gritou o pai.

O jovem monge chamado Godwyn interveio:

- Lamento muito que isso tenha acontecido, Sir Gerald. Vou comunicar imediatamente a John Constable, o chefe dos guardas. Ele pode procurar por um morador da cidade que se tornou rico de repente.

Merthin refletiu que era um plano pouco promissor. Havia milhares de moradores da cidade e mais centenas de visitantes. O guarda não poderia vigiar todos. Mas o pai se mostrou um pouco apaziguado.

- O patife será enforcado! - bradou ele, a voz um pouco menos alta.

- Enquanto isso, talvez você, lady Maud e seus filhos queiram nos conceder a honra de sentar à mesa que está sendo armada na frente do altar - murmurou Godwyn, deferente.

O pai soltou um grunhido. Sentia-se satisfeito, Merthin sabia, por lhe ser atribuído um reconhecimento acima do da massa dos convidados, que sentariam no lugar onde haviam dormido.

O momento de violência potencial passou. Merthin relaxou um pouco. Enquanto os quatro sentavam à mesa, no entanto, ele especulou sobre o que poderia acontecer agora com a família. O pai era um bravo soldado... todos reconheciam isso. Sir Gerald lutara pelo velho rei em Boroughbridge, onde a espada de Um rebelde do Lancashire abrira a cicatriz em sua testa. Mas era um homem sem sorte. Alguns cavaleiros voltavam da batalha com despojos: apoderavam-se de jóias, tarroças com dispendiosos tecidos flamengos ou sedas italianas ou com o atirado pai de uma família nobre, que podia ser resgatado por mil libras. Sir Gerald, porém, nunca conseguira muitos despojos. Mas ainda tinha de comprar armas, uma armadura e um caríssimo cavalo de guerra, para poder cumprir seu dever e servir ao rei; e, por algum motivo, os rendimentos de suas

terras nunca eram suficientes. Por isso, contra a vontade da mãe, ele começara a tomar emprestado.

Empregados da cozinha trouxeram um caldeirão fumegante. A família de Sir Gerald foi servida primeiro. O mingau era feito com cevada e temperado com alecrim e sal. Ralph, que não compreendia a crise da família, começou a falar muito excitado sobre o serviço de Todos os Santos. Mas acabou se calando, por causa do silêncio sombrio com que seus comentários foram recebidos.

Depois de comer o mingau, Merthin foi até o altar. Escondera seu arco e flecha por trás. As pessoas hesitariam em roubar qualquer coisa de um altar. Ainda poderiam superar o medo se a recompensa fosse bastante tentadora, mas não era o caso de um arco tosco e umas poucas flechas, que ainda estavam onde deixara.

Sentia-se orgulhoso de seu arco. Era pequeno, é claro: para dobrar um arco normal, com quase dois metros, era preciso toda a força de um homem adulto. O arco de Merthin tinha pouco mais de um metro de comprimento e era fino, mas, sob outros aspectos, era igual ao arco inglês de combate, que matara tantos homens das montanhas escocesas, rebeldes galeses e cavaleiros franceses de armadura.

O pai não fizera antes qualquer comentário sobre o arco. Agora, deu a impressão de que o via pela primeira vez.

- Onde conseguiu essa madeira curva? - indagou ele. - Custa muito caro.

- Não esta, porque é muito curta. Foi um fabricante de arcos que me deu.

O pai balançou a cabeça. A não ser por isso, é perfeita. Foi cortada da parte interna do teixo, onde o albúrneo se encontra com o cerne.

Ele apontou para as duas cores diferentes. Merthin respondeu com ansiedade, pois não era sempre que tinha a oportunidade de impressionar o pai:

- Sei disso. O alburno é melhor para a frente do arco, porque o puxa de volta para o formato original; e o cerne mais duro é melhor para a parte interna da curva, porque empurra de volta quando o arco é dobrado para dentro.

- Exatamente. - O pai devolveu o arco. Mas lembre-se de que essa não é a arma de um nobre. Os filhos de cavaleiros não se tornam arqueiros. Dê para o filho de algum camponês.

Merthin ficou desolado.

- Mas ainda nem experimentei! A mãe interveio.

- Deixe os dois brincarem. São apenas meninos.
- Tem razão - murmurou o pai, perdendo o interesse. - Será que esses monges nos trariam um jarro de cerveja?
- Lá vai você de novo - resmungou a mãe. - Merthin, tome conta de seu irmão.
- O inverso é mais provável - resmungou o pai.

Merthin ficou contrariado. O pai não tinha a menor idéia do que acontecia. Ele, Merthin, podia cuidar de si mesmo, mas Ralph sozinho sempre se metia em brigas. Merthin sabia, no entanto, que era melhor não discordar quando o pai estava naquele humor. Por isso, deixou o hospital sem dizer mais nada. Ralph seguiu-o.

Era um dia claro e frio de novembro. O teto do céu era formado por nuvens de um cinza claro. Deixaram a catedral lado a lado e desceram pela rua principal, passando pela Fish Lane, Leather Yard e Cookshop Street. Na base da colina, atravessaram a ponte de madeira sobre o rio, deixando a cidade para a comunidade suburbana chamada de Newtown. As ruas com casas de madeira passavam entre pastos e hortas. Merthin seguiu na frente até uma campina conhecida como Lovers Field, o campo dos namorados. Ali, o constable da cidade e seus ajudantes haviam colocado tocos de árvores... alvos para os arqueiros. A prática de arco-e-flecha depois do serviço religioso era compulsória para todos os homens, por ordem do rei. Não havia necessidade de impor o cumprimento da determinação real: afinal, não era difícil ou extenuante disparar algumas flechas na manhã de domingo. Por isso, havia uma centena ou mais de jovens da cidade em fila, esperando por sua vez, observados por mulheres, crianças e homens que se consideravam velhos ou distintos demais para serem arqueiros. Alguns tinham suas próprias armas. Para os que eram pobres demais e não tinham condições de comprar um arco, John Constable punha à disposição arcos de treino, baratos, feitos de teixo ou aveleira.

Era como um dia de festival. Dick Brewer vendia canecas de cerveja, de um barril numa carroça. As quatro filhas adolescentes de Betty Baxter circulavam com bandejas de pães temperados para vender. Os habitantes mais ricos estavam bem agasalhados, com gorros de pele e sapatos novos; até mesmo as mulheres mais pobres haviam arrumado os cabelos e enfeitado seus mantos com trançados novos.

Merthin era o único menino com um arco e por isso logo atraiu a atenção das outras crianças. Ele e Ralph foram logo cercados, os meninos fazendo

perguntas invejosas, as meninas com olhares de admiração ou desdém, segundo o temperamento de cada uma. Uma das garotas indagou:

- Como soube fazer um arco?

Merthin reconheceu-a: ela ficara perto dele na catedral. Era cerca de um ano mais jovem, calculou ele, usava um vestido e um manto caro, de lã bem fechada. De um modo geral, Merthin achava que as meninas de sua idade eram insuportáveis.

Riam muito e recusavam-se a levar qualquer coisa a sério. Mas aquela fitava-o e a seu arco com uma curiosidade franca, que não podia deixar de agradar-lhe.

- Acho que adivinhei.

- Isso é muito bom. Funciona direito?

- Ainda não experimentei. Qual é seu nome?

- Caris, da família Wooler. Quem é você?

- Merthin. Meu pai é Sir Gerald.

Merthin empurrou para trás o capuz do manto e pegou lá dentro a corda enrolada do arco.

- Por que guarda a corda no capuz?

- Para não molhar se chover. É o que fazem os arqueiros de verdade.

Ele prendeu a corda nas aberturas nas extremidades do arco, dobrando-o um pouco para que a tensão a mantivesse no lugar.

- Vai atirar nos alvos?

- Vou.

- Não deixarão - interveio outro menino.

Merthin fitou-o. O menino tinha cerca de doze anos, alto e magro, pés e mãos grandes. Merthin vira-o na noite passada no hospital com a família: seu nome era Philemon. Assediara os monges, fazendo perguntas. Ajudara a servir a ceia.

- Claro que deixarão - declarou Merthin. - Por que não deixariam?

- Porque você é jovem demais.

- Isso é estupidez.

Mesmo enquanto falava, Merthin sabia que não deveria se sentir tão seguro: os adultos muitas vezes eram estúpidos. Mas a pressuposição de maior conhecimento de Philemon irritara-o, ainda mais depois que ele demonstrara tanta confiança na frente de Caris.

Ele deixou as crianças e se aproximou de um grupo de homens esperando para usar um alvo. Reconheceu um deles: um homem muito alto, de

ombros largos, chamado Mark Webber. Mark olhou para o pequeno arco e perguntou a Merthin:

- Onde conseguiu esse arco?

- Eu fiz - respondeu Merthin, orgulhoso.

- Dê uma olhada, Elfric - disse Mark para o homem ao seu lado. - Ele fez um bom trabalho.

Elfric era musculoso, com uma expressão astuta. Lançou um olhar superficial para o arco e comentou, desdenhoso:

- É muito pequeno. Nunca vai disparar uma flecha capaz de penetrar n armadura de um cavaleiro francês.

- Talvez não - admitiu Mark, a voz suave. - Mas creio que o rapaz ainda vai esperar um ou dois anos antes de enfrentar os franceses.

John Constable gritou nesse instante:

- Estamos prontos para começar. Mark Webber, você é o primeiro.

O gigante adiantou-se até a linha de tiro. Pegou um arco e testou-o, dobrando a madeira grossa sem o menor esforço. O constable notou a presença de Merthin pela primeira vez.

- Nada de meninos - declarou ele.

- Por que não? - protestou Merthin.

- Não importa por que não. Apenas saia daí para não atrapalhar. Merthin ouviu os risos zombeteiros das outras crianças.

- Não há motivo para me impedir! - insistiu ele, indignado.

- Não tenho de dar explicações para crianças. Muito bem, Mark, pode atirar. Merthin sentia-se mortificado. O untuoso Philemon provara que ele estava errado na frente de todos. Ele voltou para junto das crianças.

- Eu disse que não da conseguir - comentou Philemon.

- Ora, cale a boca e vá embora!

- Não pode me obrigar a ir embora - declarou Philemon, que era quinze centímetros mais alto do que Merthin.

Ralph interveio:

- Mas eu posso.

Merthin suspirou. Ralph era sempre leal, mas não percebia que sua briga com Philemon faria com que Merthin parecesse um fraco, além de idiota.

- Preciso ir embora de qualquer maneira - disse Philemon. - Tenho de ajudar o irmão Godwyn.

Ele afastou-se. As outras crianças se dispersaram, em busca de novas curiosidades. Caris sugeriu a Merthin:

- Você pode experimentar o arco em outro lugar.

Era evidente que ela estava ansiosa por ver o que aconteceria. Merthin olhou ao redor.

-Mas onde?

Se fosse visto a atirar sem supervisão, poderiam lhe tirar o arco.

- Podemos ir para a floresta.

Merthin ficou surpreso. As crianças eram proibidas de entrar na floresta. Malfeitores escondiam-se na floresta, homens e mulheres que viviam do roubo. As crianças podiam ser despojadas de suas roupas ou virar escravas... e havia perigos ainda piores, que os pais apenas insinuavam. E mesmo que escapassem desses perigos, as crianças ainda corriam o risco de ser açoitadas pelos pais, por ter violado as regras.

Mas Caris parecia não ter medo, e Merthin não queria parecer menos corajoso do que ela. Além do mais, a maneira brusca como fora dispensado pelo constable levava-o a ser desafiador.

- Está bem. Mas precisamos ter certeza de que ninguém nos verá. Caris tinha uma solução.

- Conheço um caminho.

Ela seguiu na direção do rio. Merthin e Ralph foram atrás. Um cachorro pequeno, de três pernas, acompanhou-os.

- Qual é o nome do seu cachorro? - perguntou Merthin a Caris.

- Ele não é meu. Mas dei-lhe um pedaço de toucinho mofado e agora não consigo me livrar dele.

Foram andando pela margem lamacenta do rio, passando por armazéns, cais e barças. Merthin estudava discretamente a garota que se tornara líder sem qualquer esforço.

Tinha um rosto quadrado e determinado, que não era bonito nem feio. Havia malícia nos olhos, que eram esverdeados, com manchas de um castanho dourado. Os cabelos castanho-claros estavam presos em duas tranças, como era a moda entre as mulheres das classes mais prósperas. As roupas eram caras, mas as botas, práticas, de couro, em vez dos sapatos de pano bordados que as damas da nobreza preferiam.

Ela afastou-se do rio. Passaram por uma serraria e entraram numa área de mato baixo. Merthin sentiu uma pontada de apreensão. Agora que estavam na floresta, onde poderia haver um bandido à espreita por trás de qualquer carvalho, ele se arrependia de sua bravata; mas ficaria envergonhado se recuasse.

Continuaram a andar, à procura de uma clareira bastante larga para praticar com arco e flecha. Caris disse, em voz baixa, num tom de conspiração:

- Estão vendo aquela moita grande de azevinho?

- Claro.

- Assim que passarmos por ali, agachem-se junto comigo e não façam barulho.

- Por quê?

- Já vai descobrir.

Um momento depois, Merthin, Ralph e Caris agacharam-se por trás da moita. O cachorro de três pernas sentou também, olhando esperançoso para Caris. Ralph começou a fazer uma pergunta, mas Caris fez um gesto para que se calasse.

Um minuto depois, uma menina apareceu. Caris levantou-se de um pulo e segurou-a. A menina gritou.

- Não grite! - ordenou Caris. - Estamos perto da estrada e não queremos ser ouvidos. Por que está nos seguindo?

- Vocês estão com meu cachorro, e ele não quer voltar! - soluçou a menina.

- Conheço você... nos encontramos na catedral esta manhã - disse Caris, com a voz mais suave. - Não precisa gritar. Não vamos lhe fazer nenhum mal. Qual é o seu nome?

- Gwenda.

- E o cachorro?

- Hop.

Gwenda pegou o cachorro, que lambeu suas lágrimas.

- Está com ele agora. É melhor continuar conosco, porque ele pode fugir de novo. Além do mais, não conseguiria encontrar o caminho de volta para a cidade sozinha.

Continuaram a andar. Merthin perguntou:

- O que tem oito braços e onze pernas?

- Eu desisto - disse Ralph no mesmo instante. Ele sempre desistia.

- Eu sei - disse Caris, sorrindo. - Somos nós. Quatro crianças e o cachorro.

Ela riu e arrematou:

- Essa é boa.

Merthin ficou satisfeito. As pessoas nem sempre entendiam suas piadas; as garotas quase nunca. Um momento depois, eles ouviram Gwenda explicar a Ralph:

- Dois braços, mais dois braços, mais dois braços, mais dois braços, fazem oito. Duas pernas...

Não viram ninguém, o que era ótimo. As poucas pessoas que tinham atividades legítimas na floresta - lenhadores, queimadores de carvão, aqueles que fundiam ferro - não trabalhariam naquele dia; e seria excepcional encontrar um grupo de aristocratas caçando no domingo. Os que por acaso se reunissem ali, naquele dia, só poderiam ser malfeitores. Mas as chances de encontrá-los eram mínimas. A floresta era grande, estendendo-se por muitos quilômetros. Merthin nunca viajara bastante longe para ver o fim daquela floresta.

Alcançaram uma clareira larga e Merthin disse:

- Aqui está bom.

Havia um carvalho com um tronco largo no outro lado da clareira, a cerca de quinze metros de distância. Merthin ficou de lado para o alvo, como vira os homens fazerem. Pegou uma de suas três flechas e ajustou a ponta com uma reentrância na corda do arco. Tivera tanta dificuldade para fazer as flechas quanto encontrara com o arco. A madeira era freixo e as penas eram de ganso. Não conseguira arrumar ferro para as pontas, por isso se limitara a afiá-las e calciná-las, para que ficassem duras. Mirou o carvalho. Puxou a corda do arco. Precisou fazer o maior esforço. Lançou a flecha.

Caiu no chão antes de atingir o alvo. Hop, o cachorro, correu através da clareira para buscá-la.

Merthin ficou consternado. Esperava que a flecha voasse pelo ar, zunido, e a ponta cravasse no tronco. Compreendia agora que não puxara o arco pelo espaço necessário.

Tentou com o arco na mão direita e a flecha na esquerda. Era excepcional sob esse aspecto, porque não era canhoto nem destro, mas uma mistura. Com a segunda flecha, puxou a corda ainda mais, e conseguiu dobrar o arco mais do que antes. Desta vez, a flecha quase tocou no carvalho.

No terceiro disparo, ele apontou para cima, na esperança de que a flecha voasse num arco, e descesse em cima do tronco. Mas exagerou e a flecha passou entre os galhos, caindo no chão com uma chuva de folhas secas amareladas.

Merthin sentiu-se embaraçado. Atirar com um arco era mais difícil do que ele imaginara. O arco provavelmente era bom, ele refletiu; o problema era

sua competência... ou melhor, falta de competência. Mais uma vez, Caris pareceu não perceber seu constrangimento.

- Deixe-me tentar - pediu ela.

- Garotas não podem atirar - interveio Ralph.

Ele tirou o arco de Merthin. Ficou de lado para o alvo, como Merthin o fizera, mas não atirou de imediato; em vez disso, puxou o arco várias vezes, para ter uma noção. Como Merthin, descobriu que era mais duro do que previra a princípio. Mas, depois de alguns momentos, pareceu pegar o jeito.

Hop largara as três flechas aos pés de Gwenda, que agora as pegou e estendeu para Ralph.

Ele mirou sem puxar a corda, apontando a flecha para o tronco enquanto não havia pressão de seus braços. Merthin compreendeu que deveria ter feito a mesma coisa.

Por que essas coisas eram tão naturais para Ralph, que não era capaz de responder ao enigma mais simples? Ralph puxou a corda, não sem esforço, mas num movimento fluido, parecendo sustentar a tensão com as coxas. Soltou a flecha e acertou no tronco do carvalho, a ponta penetrando por dois ou três centímetros na casca externa mais mole. Ralph soltou uma risada triunfante.

Hop saiu correndo atrás da flecha. Parou quando alcançou a árvore, aturdido.

Ralph já estava puxando a corda do arco outra vez. Merthin percebeu o que ele tencionava fazer.

- Não...

Mas era tarde demais. Ralph atirou no cachorro. A flecha acertou-o atrás do pescoço e afundou. Hop tombou para a frente e ficou se contorcendo.

Gwenda soltou um grito desesperado. Caris exclamou:

- Oh, não!

As duas saíram correndo na direção do cachorro. Ralph exibiu um sorriso.

- O que acha disso? - indagou ele, orgulhoso.

- Você atirou no cachorro dela! - berrou Merthin, furioso.

- Não tem importância... o bicho só tinha três pernas.

- Mas a menina gostava dele, seu idiota! Olhe só como ela está chorando!

- Você só está com inveja porque não sabe atirar.

Alguma coisa atraiu a atenção de Ralph. Com um movimento ágil, ele prendeu outra flecha na corda, puxou-a, virou o arco, e disparou, sem

qualquer pausa. Merthin não viu no que ele atirava, até que a flecha atingiu o alvo, uma gorda lebre saltando pelo ar, ferida nos quartos traseiros.

Merthin não pôde ocultar sua admiração. Mesmo com prática, nem todos conseguiam acertar uma lebre em disparada. Ralph possuía um talento natural. Merthin sentia inveja, embora nunca fosse admitir. Ansiava em ser um cavaleiro, bravo e forte, e lutar pelo rei, como o pai fazia; e sentia-se consternado ao descobrir que era um caso perdido, que nem sabia como atirar com arco e flecha.

Ralph pegou uma pedra e esmagou o crânio da lebre, acabando com seu sofrimento.

Merthin foi se ajoelhar ao lado das duas meninas e de Hop. O cachorro não estava mais respirando. Caris, gentilmente, tirou a flecha de seu pescoço e entregou a Merthin. Não houve fluxo de sangue. Hop estava mesmo morto. Por um momento, ninguém disse nada. No silêncio, ouviram um homem gritar.

Merthin levantou-se de um pulo, o coração batendo forte. Ouviram outro grito, uma voz diferente: havia mais de uma pessoa. Eram vozes agressivas e furiosas. Havia uma luta ali perto. Merthin ficou apavorado, tanto quanto as outras crianças. Paralisados, escutando, eles ouviram outro som, o barulho de um homem correndo impetuoso pela floresta, pisando em galhos caídos, achatando árvores novas, pisoteando folhas mortas.

E se aproximava da clareira. Caris foi a primeira a falar:

- A moita!

Ela apontou para uma moita grande, formada por várias plantas... provavelmente o lugar em que se abrigava a lebre que Ralph matara, pensou Merthin. Um momento depois, ela estava deitada de barriga para baixo, rastejando pela moita.

Gwenda seguiu-a, com o corpo de Hop nos braços. Ralph pegou a lebre morta e foi se juntar aos outros. Merthin estava de joelhos, vigiando a clareira, quando compreendeu que haviam deixado uma flecha denunciadora espetada no tronco do carvalho. Correu através da clareira, arrancou-a, e voltou para mergulhar por baixo da moita.

Ouviram o homem respirar antes de avistá-lo. Ofegava bastante enquanto corria, aspirando o ar com um esforço que indicava que quase não aguentava mais. Seus perseguidores continuavam a gritar, avisando um ao outro:

- Por aqui... ele seguiu nesta direção!

Merthin recordou que Caris dissera que não estavam longe da estrada. O homem em fuga seria um viajante que fora atacado por salteadores?

Um momento depois, ele apareceu na clareira.

Era um cavaleiro, de vinte e poucos anos, com uma espada e uma adaga comprida presas no cinto. Estava bem vestido, numa túnica de couro para viagem, botas de cano alto, as bordas superiores viradas. Cambaleou e caiu, rolou, levantou-se, encostou no carvalho, ofegante. Sacou suas armas.

Merthin olhou para os outros. Caris estava branca de medo, mordendo o lábio. Gwenda apertava o corpo do cachorro morto como se isso a fizesse se sentir mais segura. Ralph também parecia assustado, mas não tanto que o impedisse de arrancar a flecha da lebre e meter a carcaça por dentro da túnica.

Por um momento, o cavaleiro olhou fixamente para a moita. Merthin sentiu, com um terror total, que ele vira as crianças escondidas ali. Ou talvez notasse os gravetos quebrados e folhas pisoteadas por onde haviam passado. Pelo canto do olho, Merthin viu que Ralph prendia uma flecha no arco.

No instante seguinte, os perseguidores apareceram. Eram dois homens de armas, corpulentos, empunhando suas espadas. Usavam túnicas distintivas, de duas cores, o lado esquerdo amarelo, o lado direito verde. Um deles usava um manto marrom de lã ordinária, o outro, um manto preto encardido. Todos os três ficaram parados, recuperando o fôlego. Merthin tinha certeza de que estava prestes a ver o cavaleiro ser retalhado até a morte, e sentiu um impulso vergonhoso de desatar a chorar. Até que, subitamente, o cavaleiro virou a espada e estendeu-a, o cabo virado para a frente, num gesto de rendição.

O mais velho dos homens de armas, o que usava o manto preto, adiantou-se e estendeu a mão esquerda. Cauteloso, pegou a espada estendida, entregou-a a seu companheiro, e aceitou depois a adaga do cavaleiro, antes de dizer:

- Não são suas armas que eu quero, Thomas Langley.

- Você me conhece, mas eu não o conheço. - Se Thomas sentia algum medo, mantinha-o sob controle. - Pelas túnicas, devem ser homens da rainha.

O homem mais velho encostou a ponta da espada na garganta de Thomas e empurrou-o contra a árvore.

- Você tem uma carta.

- Instruções do conde para o xerife sobre a questão dos impostos. Pode ler à vontade.

Era uma piada. Os homens de armas, quase com certeza, não sabiam ler. Thomas tinha muita coragem e calma, pensou Merthin, para escarnecer de homens que pareciam dispostos a matá-lo.

O segundo homem de armas passou por baixo da espada do primeiro e pegou a carteira presa no cinto de Thomas. Impaciente, cortou o cinto com sua espada. Jogou o cinto para o lado e abriu a carteira. Tirou uma bolsa pequena, que parecia ser feita de lã oleada. Pegou um pergaminho enrolado, lacrado com cera.

Aquela luta poderia ser apenas por causa de uma carta?, especulou Merthin. Se era isso mesmo, então o que estava escrito no pergaminho? Não era provável que fossem instruções rotineiras sobre impostos. Algum terrível segredo devia estar escrito ali.

- Se você me matar - disse o cavaleiro -, o crime será testemunhado por quem se esconde naquela moita.

A cena ficou paralisada por uma fração de segundo. O homem de manto preto manteve a espada encostada na garganta de Thomas, resistindo à tentação de olhar para trás. O homem de verde hesitou, mas acabou olhando para a moita.

Foi nesse instante que Gwenda gritou.

O homem de verde ergueu a espada e deu duas passadas largas através da clareira, na direção da moita. Gwenda levantou-se e saiu correndo, deixando a folhagem. O homem de armas partiu em seu encalço, estendendo a mão para agarrá-la.

Ralph também se levantou. Ergueu o arco e atirou a flecha contra o homem, no mesmo movimento. Acertou-o no olho e afundou na cabeça por vários centímetros. O homem ergueu a mão esquerda, como se quisesse pegar a flecha e arrancá-la, mas depois ficou inerte e caiu como um saco de trigo, batendo no chão com um baque tão forte que Merthin pôde sentir o tremor.

Ralph também saiu correndo da moita e seguiu Gwenda. A beira de seu campo de visão, Merthin percebeu que Caris agora corria atrás deles. Merthin queria fugir também, mas seus pés pareciam enraizados no solo.

Soou um grito no outro lado da clareira. Merthin viu que Thomas derrubara a espada que o ameaçava e sacara, de algum lugar do corpo, uma pequena faca, a lâmina com a extensão da mão de um homem. Mas o homem de armas de manto preto estava alerta, e pulou para trás, fora do alcance da faca. Depois, ergueu a espada e desferiu um golpe, visando a cabeça do cavaleiro.

Thomas esquivou-se, mas não com a rapidez suficiente. A beira da lâmina atingiu seu braço esquerdo, cortando o couro e alcançando a carne. Ele soltou um uivo de dor, mas não caiu. Com um movimento rápido, que pareceu extremamente gracioso, levantou a mão direita e atingiu a garganta do oponente; e com a mão ainda em movimento, descrevendo um arco, puxou a faca para o lado, cortando a maior parte do pescoço.

O sangue esguichou da garganta do homem, como água saindo de uma fonte. O homem de preto tombou, a cabeça pendendo do corpo apenas por uma pequena tira.

Thomas largou a faca e estendeu a mão direita para segurar o braço esquerdo ferido. Sentou no chão, parecendo subitamente fraco.

Merthin estava sozinho com o cavaleiro ferido, dois homens de armas mortos e o cadáver de um cachorro de três pernas. Sabia que deveria correr atrás das outras crianças, mas a curiosidade prevaleceu. Thomas parecia agora inofensivo, ele disse a si mesmo.

O cavaleiro tinha uma boa vista. Pode sair da moita agora - disse ele. - Não sou mais um perigo para você veja o estado em que me encontro.

Hesitante, Merthin levantou-se e saiu da moita. Atravessou a clareira e foi parar a alguns passos de distância do cavaleiro sentado no chão. Thomas disse:

- Será açoitado se descobrirem que estava brincando na floresta. Merthin acenou com a cabeça em concordância.

- Guardarei seu segredo, se você guardar o meu.

Merthin tornou a acenar com a cabeça. Ao aceitar o acordo, ele não fazia concessões. Nenhuma das crianças contaria o que vira. Haveria problemas incalculáveis se falassem. O que aconteceria com Ralph, que matara um dos homens da rainha?

- Poderia fazer o favor de me ajudar a passar uma atadura neste ferimento? pediu Thomas.

Apesar de tudo o que acontecera, ele falava com extrema cortesia, pensou Merthin. O controle do cavaleiro era extraordinário. Merthin sentiu que queria ser como ele quando crescesse.

Depois de um longo esforço, a garganta apertada de Merthin conseguiu emitir uma palavra.

- Claro.

- Pegue aquele cinto rasgado e enrole no meu braço.

Merthin fez o que ele mandou. A camisa de Thomas estava encharcada de sangue e a carne do braço, aberta, como um pedaço de carne no cepo do açougueiro. Merthin sentiu-se um pouco nauseado, mas forçou-se a passar o cinto em torno do braço de Thomas, para fechar o ferimento e diminuir a hemorragia. Deu um nó, e Thomas usou a mão direita para apertá-lo ao máximo possível.

Depois, com um enorme esforço, Thomas conseguiu se levantar. Olhou para os homens mortos.

- Não podemos enterrá-los. Eu sangraria até a morte antes que as sepulturas acabassem de ser escavadas. - Ele lançou um olhar para Merthin. - Mesmo com você me ajudando.

Thomas pensou por um momento.

- Por outro lado, não quero que sejam encontrados por algum casal de namorados procurando um lugar para... ficar a sós. Vamos arrastar os corpos para aquela moita em que vocês se escondiam. O homem do manto verde primeiro.

Os dois foram até o morto indicado.

- Cada um segura uma perna - disse Thomas.

Com a mão direita, ele pegou o tornozelo esquerdo do homem. Merthin pegou o outro pé, com as duas mãos. Juntos, arrastaram o morto até a moita, ao lado do corpo de Hop.

- Aqui está bom - decidiu Thomas.

Ele tinha o rosto branco de tanta dor. Depois de um momento, abaixou-se e arrancou a flecha do olho do morto.

- É sua? - indagou, alteando uma sobancelha.

Merthin pegou a flecha e limpou-a na terra, para remover o sangue e o cérebro grudado.

Em seguida, arrastaram o corpo do outro homem através da clareira, da mesma maneira, a cabeça quase solta balançando de um lado para outro. Deixaram-no ao lado do primeiro.

Thomas pegou as espadas dos dois atacantes e jogou-as na moita. Depois, recuperou suas próprias armas.

- Agora, tenho de pedir que me faça um grande favor. - Thomas estendeu a adaga. - Pode cavar um pequeno buraco para mim?

- Está bem. Merthin pegou a adaga.

- Bem aqui, na frente do carvalho.

- De que tamanho?

Thomas pegou a carteira de couro que estava presa em seu cinto.

- Grande o suficiente para esconder isto por cinquenta anos. Merthin tomou coragem para perguntar:

- Por quê?

- Cave e lhe contarei tudo o que posso contar.

Merthin fez um quadrado no solo com a adaga e usou-a para afofar a terra fria, antes de retirá-la com as mãos. Thomas pegou o pergaminho, o pôs na bolsa de lã e ajeitou-o dentro da carteira.

- Recebi esta carta para entregar ao conde de Shiring. Mas contém um segredo tão perigoso que compreendi que o portador seria morto, para se ter certeza de que não poderia revelá-lo. Por isso, eu precisava desaparecer. Decidi que procuraria santuário num mosteiro, e me tornaria um monge. Estou cansado de lutar e tenho muitos pecados de que me arrepender. Assim que perceberam meu desaparecimento, as pessoas que me deram a carta começaram a me procurar... e tive azar. Fui visto e reconhecido numa taverna em Bristol.

- Por que os homens da rainha o perseguiram?

- Ela também gostaria de impedir a revelação do segredo.

Quando o buraco cavado por Merthin tinha quase meio metro de profundidade, Thomas disse:

- Já é suficiente.

Ele largou a carteira no buraco. Merthin tapou-o com a terra retirada. Thomas cobriu a terra revirada com folhas e gravetos, até que ficou indistinguível da área ao redor.

- Se souber que eu morri, gostaria que abrisse o buraco e entregasse a carta a um padre - pediu Thomas. - Pode fazer isso por mim?

- Claro.

- Até que isso aconteça, não deve contar a ninguém. Enquanto souberem que tenho a carta, mas ignorarem onde está, terão medo de fazer qualquer

coisa. Mas, se você revelar o segredo, duas coisas vão acontecer. Primeiro, eles me matarão. Depois, matarão você.

Merthin ficou transtornado. Era injusto que corresse tanto perigo só porque ajudara um homem, cavando um buraco.

- Lamento assustá-lo - acrescentou Thomas. - Mas também a culpa não é toda minha. Afinal, não pedi que viesse até aqui.

- Não, não pediu. Merthin desejou com toda a força do coração ter obedecido à ordem da mãe e se mantido longe da floresta.

- Voltarei para a estrada agora. Por que você não retorna pelo caminho por onde veio? Aposto que encontrará seus amigos esperando em algum lugar perto daqui.

Merthin virou-se para ir embora.

- Qual é o seu nome? - perguntou Thomas, antes que ele se afastasse.

- Merthin, filho de Sir Gerald.

- É mesmo? - disse Thomas, como se conhecesse o pai. - Não conte nada, nem mesmo para ele.

Merthin acenou com a cabeça e partiu.

Vomitou depois de percorrer cinquenta metros. E sentiu-se um pouco melhor.

Como Thomas previra, os outros esperavam-no à beira da floresta, perto da serraria. Agruparam-se ao seu redor, tocando-o, como se quisessem se certificar de que ele estava mesmo bem. Pareciam aliviados, mas também envergonhados, como se estivessem se sentindo culpados por tê-lo deixado para trás. Estavam todos abalados, até mesmo Ralph, que balbuciou:

- Aquele homem... em quem acertei a flechada... ele ficou muito ferido?

- Ele morreu.

Merthin mostrou a flecha, ainda suja de sangue.

- Arrancou a flecha do olho dele?

Merthin gostaria de dizer que sim, mas decidiu dizer a verdade.

- Foi o cavaleiro quem tirou.

- O que aconteceu com o outro homem de armas?

- O cavaleiro cortou sua garganta. E depois escondemos os corpos na moita.

- E ele deixou você ir embora?

- Deixou.

Merthin não disse nada sobre a carta enterrada.

- Temos de guardar segredo - declarou Caris. - Haverá problemas terríveis se alguém descobrir.

- Nunca contarei a ninguém - disse Ralph.

- Devemos fazer um juramento - insistiu Caris.

Formaram um pequeno círculo. Caris estendeu o braço, para que sua mão ficasse no centro do círculo. Merthin pôs sua mão por cima. A pele de Caris era macia e quente. Ralph estendeu a mão também. Gwenda fez a mesma coisa. Juraram pelo sangue de Jesus.

E voltaram à cidade.

A prática de arco-e-flecha já terminara, e se aproximava o momento da refeição do meio-dia. Ao atravessarem a ponte, Merthin comentou com Ralph:

- Quando eu crescer, quero ser como aquele cavaleiro... sempre cortês, sem nunca sentir medo, mortífero numa luta.

- Eu também - disse Ralph. - Quero ser mortífero.

Na cidade, Merthin experimentou um sentimento irracional de surpresa por descobrir que a vida normal continuava: o som de bebês chorando, o cheiro de carne assando, a visão de homens tomando cerveja fora das tavernas.

Caris parou diante de uma casa enorme, na rua principal, na frente da entrada para o priorado. Estendeu o braço pelos ombros de Gwenda e disse:

Minha cachorra acaba de ter filhotes. Quer ver os filhotes?

Gwenda ainda parecia assustada, à beira das lágrimas, mas acenou com a cabeça, enfática.

- Quero, sim, por favor.

Era uma manobra hábil, além de gentil, pensou Merthin. Os filhotes seriam um conforto para a menina... e também uma distração. Quando voltasse para sua família, contaria sobre os filhotes e era menos provável que falasse da aventura na floresta.

Despediram-se. As meninas entraram na casa. Merthin descobriu-se a pensar em quando veria Caris de novo.

Até que se lembrou dos outros problemas. O que o pai faria em relação às dívidas? Merthin e Ralph chegaram à catedral. Ralph ainda levava o arco e a lebre morta.

O hospital estava vazio, exceto por uns poucos doentes. Uma freira informou:

- O pai de vocês está na catedral, com o conde de Shiring.

Os dois entraram na vasta catedral. Os pais estavam no vestíbulo. A mãe sentava junto de uma coluna, no canto em que a coluna redonda se aproximava do canto quadrado. A luz fria que passava pelas janelas altas, seu rosto era sereno, quase como se esculpido da mesma pedra cinzenta da coluna em que encostava a cabeça. O pai mantinha-se de pé ao seu lado, os ombros largos arriados numa atitude de resignação. O conde Roland se encontrava na frente dos dois. Era mais velho do que o pai, mas parecia mais jovem por causa dos cabelos pretos e dos movimentos vigorosos. O prior Anthony estava ao lado do conde. Os dois meninos recuaram quando viram a cena, mas a mãe fez sinal para que se adiantassem.

- Venham até aqui - disse ela. - O conde Roland ajudou-nos a chegar a um acordo com o prior Anthony que resolve todos os nossos problemas.

O pai soltou um grunhido, como se não se sentisse tão grato quanto a mãe pelo que o conde fizera.

- E o priorado fica com as minhas terras - disse ele. - Vocês dois não terão nada para herdar.

- Passaremos a viver aqui, em Kingsbridge - explicou a mãe, em tom mais animado. - Seremos corroditários do priorado.

- O que é um corroditário? - perguntou Merthin.

- Significa que os monges nos darão uma casa para viver e duas refeições por dia, pelo resto de nossas vidas. Não é maravilhoso?

Merthin compreendeu que ela não pensava de fato que era maravilhoso. Apenas fingia estar satisfeita. Já o pai sentia uma vergonha evidente de ter perdido suas terras. Havia mais do que uma insinuação de desgraça nisso, concluiu Merthin. O pai olhou para o conde.

- O que vai acontecer com meus meninos?

O conde Roland virou-se para examiná-los.

- O maior parece promissor - disse ele. - Foi você que matou essa lebre?

- Fui, sim, milorde - respondeu Ralph, orgulhoso. - Acertei-a com uma flecha.

- Ele pode me procurar dentro de poucos anos para ser um pajem, um aprendiz de cavaleiro.

O pai parecia satisfeito.

Merthin sentia-se atordado. Grandes decisões estavam sendo tomadas muito depressa. Ficou indignado pelo fato de o irmão mais jovem ser privilegiado, enquanto não faziam nenhuma menção a ele.

- Isso não é justo! - protestou Merthin. - Também quero ser um cavaleiro!

- Não! - exclamou a mãe.

- Mas eu fiz o arco!

O pai deixou escapar um suspiro exasperado.

- Foi você quem fez o arco, pequeno? - disse o conde, com uma expressão desdenhosa. - Neste caso, será aprendiz de carpinteiro.

3

A casa de Caris era um prédio de madeira luxuoso, com chão de pedra e uma chaminé de pedra. Havia três cômodos separados no térreo: a sala com a grande mesa de jantar, a sala pequena em que o pai podia tratar de negócios em particular, e a cozinha. Quando Caris e Gwenda entraram, a casa estava impregnada pelo aroma apetitoso de pernil assando.

Caris levou Gwenda pela sala grande, até a escada interna.

- Onde estão os filhotes? - perguntou Gwenda.

- Quero ver minha mãe primeiro - explicou Caris. - Ela está doente. Entraram no quarto da frente, onde a mãe deitava numa cama de madeira toda esculpida. Era uma mulher pequena e frágil; Caris já tinha a mesma altura da mãe. Ela achou que a mãe parecia mais pálida do que o habitual hoje, vários fios dos cabelos ainda não arrumados grudados no rosto molhado de suor.

- Como se sente, mamãe? - perguntou Caris.

- Um pouco fraca hoje.

O esforço de falar deixou a mãe ofegante. Caris sentiu uma mistura familiar e angustiante de ansiedade e desamparo. A mãe estava doente havia um ano. Começara com dores nas juntas. Logo passara a ter úlceras dentro da boca e equimoses inexplicadas pelo corpo. Sentia-se fraca demais para fazer qualquer coisa. Na semana passada pegara um resfriado. Agora, tinha febre e dificuldade para respirar.

- Precisa de alguma coisa?

- Não, obrigada.

Era a resposta habitual, mas Caris sentia-se enfurecida com a própria impotência cada vez que a ouvia.

- Devo chamar madre Cecilia?

A priora de Kingsbridge era a única pessoa capaz de proporcionar algum conforto à mãe. Ela tinha um extrato de papoulas que misturava com mel e vinho quente para atenuar a dor por algum tempo. Caris achava que Cecilia era melhor do que um anjo.

- Não há necessidade, querida. Como foi o serviço de Todos os Santos? Caris notou que os lábios da mãe estavam muito pálidos.

- Assustador.

A mãe fez uma pausa, descansando um pouco, antes de perguntar:

- O que fez esta manhã?

- Fui assistir à prática de arco-e-flecha.

Caris prendeu a respiração, com medo de que a mãe pudesse adivinhar seu segredo culpado, como acontecia com frequência. Mas a mãe olhou para Gwenda.

- Quem é sua amiguinha?

- Gwenda. Eu a trouxe até aqui para ver os filhotes.

- Isso é ótimo.

A mãe mostrou-se subitamente cansada. Fechou os olhos e virou a cabeça para o lado.

As meninas deixaram o quarto sem fazer barulho. Gwenda estava chocada.

- O que há de errado com ela?

- Ela tem uma doença debilitante.

Caris detestava falar a respeito. A doença da mãe deixava-a com o sentimento enervante de que nada era certo, qualquer coisa poderia acontecer, não havia nenhuma segurança no mundo. Era ainda mais assustadora do que a luta que testemunhara na floresta. Se pensava no que poderia acontecer, na possibilidade da morte da mãe, sofria uma sensação de pânico que deixava o coração palpitando e dava vontade de gritar.

O quarto do meio era usado no verão pelos italianos, compradores de lã de Florença e Prato, que vinham fazer negócios com o pai. Agora, estava vazio. Os filhotes se encontravam no quarto dos fundos, que pertencia a Caris e sua irmã, Alice. Tinham sete semanas de idade, prontos para deixar a mãe, que se mostrava cada vez mais impaciente com as crias. Gwenda soltou um suspiro de alegria, e se abaixou no mesmo instante para ficar no chão com os filhotes.

Caris pegou uma fêmea, a menor da ninhada, mas bastante animada, sempre se aventurando sozinha para explorar o mundo.

- Ficarei com esta - comentou ela. - Seu nome é Scrap.

Segurar a cachorrinha acalmou-a, e ajudou-a a esquecer as outras coisas que a perturbavam.

Os outros quatro animais subiram em Gwenda, farejando-a e mastigando seu vestido. Ela pegou um macho, feio, marrom, o focinho comprido, os olhos muito juntos.

- Gosto deste - murmurou ela.

O filhote enroscou-se em seu colo. Caris disse:

- Gostaria de ficar com ele?

Lágrimas afloraram aos olhos de Gwenda.

- Temos permissão para dar todos os filhotes.

- É mesmo?

- Papai não quer mais cachorros. Se você quiser, pode levar.

- Quero, sim - sussurrou Gwenda. - Muito obrigada.

- Já tem um nome?

- Alguma coisa que me lembre Hop. Talvez eu o chame de Skip.

Era uma referência à expressão bop, skip and a jump, um pulo, outro pulo e um salto, para designar uma distância curta.

- É um bom nome.

Caris percebeu que Skip já adormecera no colo de Gwenda. As duas meninas continuaram sentadas no chão com os filhotes, em silêncio. Caris pensou nos dois meninos que haviam conhecido, o pequeno, de cabelos vermelhos e olhos castanho dourados, e seu irmão mais jovem, alto e bonito. O que a impelira a levá-los para a floresta? Não era a primeira vez que ela cedia a um impulso estúpido. Tendia a acontecer quando alguém de autoridade ordenava que ela não fizesse alguma coisa. Sua tia Petranilla vivia ditando regras:

- Não dê comida a esse gato ou nunca vamos nos livrar dele. Nada de jogo de bola em casa. Fique longe daquele menino, pois sua família é de camponeses.

Regras que reprimiam seu comportamento pareciam levar Caris à loucura. Mas ela nunca fizera nada tão insensato. E sentiu-se abalada agora ao pensar a respeito. Dois homens haviam morrido. Mas o que poderia acontecer era ainda pior. As quatro crianças poderiam ter sido mortas também.

Ela especulou sobre o motivo da luta, por que os homens de armas perseguiram o cavaleiro. Obviamente, não era um simples assalto. Havia falado de uma carta. Mas Merthin não dissera mais nada a respeito. Era bem provável que não tivesse sabido de mais nada. Ou seja, era apenas outro mistério da vida adulta.

Caris gostara de Merthin. Seu irmão, insuportável, era como todos os outros meninos de Kingsbridge, fanfarrão e agressivo, além de estúpido. Mas Merthin era diferente. Ela sentira-se atraída desde o início.

Duas novas amigas em um único dia, pensou ela, olhando para Gwenda. A menina não era bonita. Tinha olhos castanho-escuros bem juntos, por

cima de um nariz adunco. Escolhera um cachorro que parecia um pouco com ela, compreendeu Caris, divertida. As roupas de Gwenda eram velhas e deviam ter sido usadas por muitas outras crianças antes. Gwenda estava mais calma agora. Não dava mais a impressão de que poderia desatar a chorar a qualquer momento. E ela também sentia-se tranquilizada pelos filhotes.

Soaram passos familiares na sala lá embaixo. Um momento depois, uma voz berrou:

- Tragam-me um jarro de cerveja, pelo amor dos santos! Estou com mais sede que um cavalo de carroça!

- É meu pai - anunciou Caris. - Venha comigo para conhecê-lo. Ao perceber que Gwenda estava apreensiva, ela acrescentou:

- Não se preocupe. Ele sempre grita assim, mas é um homem bom. As meninas desceram com os filhotes.

- O que aconteceu com todos os meus criados? - esbravejou o pai. - Fugiram para a terra dos duendes?

Ele saiu da cozinha, arrastando a perna direita torta, como sempre, carregando uma enorme caneca de madeira, com a cerveja ameaçando derramar.

- Olá, meu botão-de-ouro!

A voz com que ele se dirigiu a Caris era mais suave. Sentou numa cadeira enorme, à cabeceira da mesa, e tomou um gole prolongado da caneca.

- Assim é melhor. - Ele enxugou a barba irregular com a manga. Notou a presença de Gwenda. - Uma pequena margarida para acompanhar meu botão-de-ouro? Como é seu nome?

- Gwenda, de Wigleigh, milorde - respondeu ela, apavorada.

- Dei um filhote a ela - explicou Caris.

- Uma ótima idéia! Os filhotes precisam de atenção, e ninguém pode amar mais um filhote do que uma menina.

Caris viu, no banco ao lado da mesa, um manto escarlate. Só podia ser importado, porque os tintureiros ingleses não sabiam como obter aquele vermelho brilhante. Seguindo o olhar da filha, o pai explicou:

- É para sua mãe. Ela sempre quis ter um casaco de vermelho italiano. Espero que isto a encoraje a melhorar logo para vesti-lo.

Caris tocou no casaco. A lã era macia e fechada, como só os italianos sabiam fazer.

- É lindo - murmurou ela.

Tia Petranilla veio da rua. Tinha alguma semelhança com o pai, mas era muito contida, enquanto o irmão era expansivo. Parecia mais com o outro irmão, Anthony, o prior de Kingsbridge: eram ambos altos e imponentes, enquanto o pai era baixo, de peito estufado, e manco.

Caris não gostava de Petranilla. Ela era esperta e mesquinha, uma combinação terrível num adulto: Caris nunca conseguia enganá-la. Gwenda sentiu a aversão de Caris e olhou apreensiva para a recém-chegada. Só que o pai se mostrou satisfeito ao vê-la.

- Entre, irmã - disse ele. - Onde estão todos os meus criados?

- Não sei por que você imagina que eu sei, já que venho de minha própria casa, no outro lado da rua. Mas, se tivesse de adivinhar, Edmund, eu diria que sua cozinheira está no galinheiro, à procura de ovos para fazer um pudim, enquanto a outra criada está lá em cima, ajudando sua esposa a sentar num banco, o que costuma fazer por volta de meio-dia. E espero que seus dois aprendizes estejam de guarda no armazém à beira do rio, cuidando para que nenhum dos festeiros embriagados neste dia de festa resolva acender uma fogueira a distância de um voo de faísca de sua lã.

Ela costumava falar assim mesmo, fazendo um pequeno sermão em resposta à pergunta mais simples. Seu comportamento era arrogante, mas o pai não se importava... ou fingia não se importar.

- Minha extraordinária irmã - disse ele. - Você é a única que herdou a sabedoria de nosso pai.

Ela virou-se para as meninas.

- Nosso pai descendia de Tom Builder, o padraсто e mentor de Jack Builder, que foi o arquiteto da catedral de Kingsbridge. O pai prometeu que daria seu primogênito a Deus, mas infelizmente fui a primeira criança a nascer. Ele me deu o nome de Santa Petranilla... que era filha de São Pedro, como tenho certeza que sabem... e rezou para que nascesse um menino em seguida. E nasceu um menino, só que era deformado, Como não queria dar a Deus um presente defeituoso, ele criou Edmund para assumir o negócio de lã. Felizmente veio outro menino em seguida, nosso irmão Anthony, bem-comportado e temente a Deus, que ingressou no mosteiro ainda pequeno, para se tornar agora, como todos nos orgulhamos de proclamar, o prior.

Ela teria se tornado sacerdote se fosse homem, mas tivera de se contentar em fazer a melhor coisa seguinte, criando o filho Godwyn para ser um monge no priorado. Como o avô Wooler, Petranilla entregara um filho a

Deus. Caris sempre sentira pena de Godwyn, seu primo mais velho, por ser filho de Petranilla.

Petranilla notou o casaco vermelho.

- De quem é isto? - indagou ela. - É o tecido italiano mais caro!

- Comprei para Rose - disse o pai.

Petranilla fitou-o fixamente. Caris podia sentir que ela estava pensando que o irmão era um tolo ao comprar um casaco como aquele para uma mulher que não saía de casa havia um ano. Mas ela limitou-se a fazer um comentário, que podia ser encarado como um elogio... ou não:

- Você é muito bom para ela. O pai não se importou.

- Suba para vê-la exortou ele. - Vai animá-la.

Caris duvidava, mas Petranilla não tinha essas apreensões e tratou de subir. A irmã de Caris, Alice, veio da rua. Tinha onze anos, um a mais do que Caris. Olhou para Gwenda e perguntou:

- Quem é ela?

- Minha nova amiga, Gwenda - respondeu Caris. - Ela vai levar um filhote.

- Mas ela pegou o filhote que eu queria! - protestou Alice. Ela nunca dissera isso antes.

- Ei... você não tinha escolhido nenhum! - exclamou Caris, indignada. - Só está dizendo isso por maldade!

- Por que ela deveria ficar com um dos nossos filhotes? O pai interveio:

- Calma, calma... Temos mais filhotes do que precisamos.

- Caris deveria ter me perguntado primeiro qual deles eu queria!

- Tem razão - disse o pai, embora soubesse muito bem que Alice estava apenas querendo criar problemas. - Não faça isso de novo, Caris.

- Está bem, papai.

A cozinheira veio da cozinha, com jarros e canecas. Quando Caris estava aprendendo a falar, chamava-a de Tutty, ninguém sabia por quê. Mas o nome pegara. O pai disse:

- Obrigado, Tutty. Sentem-se à mesa, meninas.

Gwenda hesitou, sem saber se o convite a incluía. Mas Caris acenou com a cabeça para ela, pois sabia que o pai a incluía... ele costumava convidar para comer todas as pessoas que se encontravam em sua presença no momento da refeição.

Tutty encheu de cerveja a caneca do pai, depois serviu a Alice, Caris e Gwenda um pouco de cerveja misturada com água. Gwenda bebeu tudo

imediatamente, com evidente satisfação. Caris compreendeu que ela não bebia cerveja com frequência: as pessoas pobres tomavam sidra feita com maçã ácida.

Em seguida, Tutty pôs na frente de cada pessoa uma grossa fatia de pão de centeio. Gwenda pegou sua fatia para comer, e Caris adivinhou que ela nunca antes comera a uma mesa.

- Espere um instante - murmurou ela.

Gwenda largou o pão. Tutty trouxe o pernil numa tábua, junto com um prato de repolho. O pai pegou um facão e cortou fatias do pernil, empilhadas em cima de cada pedaço de pão. Gwenda arregalou os olhos pela quantidade de carne que lhe foi servida. Caris usou uma colher para pegar folhas de repolho e pôr sobre as fatias do pernil.

Foi nesse instante que a outra criada, Elaine, desceu correndo a escada.

- A patroa parece pior - disse ela. - A sra. Petranilla diz que devemos chamar madre Cecilia.

- Pois então corra até o priorado e peça a ela para vir - ordenou o pai. A criada saiu.

- Comam, crianças - disse o pai.

Ele espetou uma fatia de pernil quente com a faca; mas Caris podia perceber que o pai não sentia mais qualquer satisfação pela comida. Parecia estar olhando para alguma coisa distante. Gwenda comeu um pouco do repolho e sussurrou:

- Isto é uma comida do céu.

Caris experimentou. O repolho fora cozido com gengibre. Provavelmente Gwenda nunca provara gengibre antes. Só os ricos podiam comprá-lo.

Petranilla desceu, pôs um pouco de pernil num prato de madeira e subiu para oferecer à cunhada. Mas voltou poucos momentos depois com a comida intacta. Sentou à mesa para comer o pernil. A cozinheira trouxe-lhe pão.

- Quando eu era pequena, nossa família era a única em Kingsbridge que tinha carne para comer todos os dias - comentou ela. - Exceto nos dias de jejum... meu pai era muito devoto. Foi o primeiro mercador de lã da cidade a negociar diretamente com os italianos. Todos fazem isso agora... embora meu irmão Edmund ainda seja o mais importante.

Caris perdera o apetite. Tinha de mastigar bastante para poder engolir. Madre Cecilia finalmente chegou, uma mulher pequena e ativa, com uma atitude mandona tranquilizadora. Era acompanhada por irmã Juliana, uma

pessoa simples, com um coração terno. Caris sentiu-se melhor ao observá-las subirem a escada, uma pardoca saltitante e uma galinha balançando de um lado para outro em sua esteira. Lavariam a mãe com água-de-rosas para esfriar a febre, e a fragrância serviria para reanimá-la.

Tutty trouxe maçãs e queijo. O pai descascou uma maçã com sua faca, distraído. Caris recordou que o pai costumava lhe dar os pedaços da maçã descascada quando ela era pequena, e depois ele comia a casca.

Irmã Juliana desceu, com uma expressão preocupada no rosto roliço.

- A priora quer que o irmão Joseph venha ver a sra. Rose Vou chamá-lo. Joseph era o médico sênior no mosteiro; estudara com os mestres em Oxford.

Juliana saiu apressada para a rua.

O pai largou a maçã descascada sem comer.

- O que vai acontecer? - perguntou Caris.

- Não sei, botão-de-ouro. Vai chover? Os florentinos precisam de quantos sacos de lã? As ovelhas vão pegar uma morrinha? A criança que vai nascer será uma menina ou um menino com a perna torta? Nunca sabemos, não é mesmo? É isso... - O pai desviou os olhos. - É isso o que torna tudo tão difícil.

Ele estendeu a maçã para Caris, que a deu a Gwenda... que comeu tudo, inclusive os caroços.

Irmão Joseph chegou poucos momentos depois, acompanhado por um jovem assistente, que Caris reconheceu como Saul Whitehead, Cabeça Branca, assim chamado porque os cabelos - o pouco que restava depois do corte monacal eram louro acinzentados.

Cecilia e Juliana desceram, sem dúvida para dar espaço aos dois homens no pequeno quarto. Cecilia sentou-se à mesa, mas não comeu. Tinha um rosto pequeno, com feições bem acentuadas, o nariz um pouco pontudo, olhos brilhantes, um queixo que parecia a proa de um barco. Olhou curiosa para Gwenda.

- Quem é essa menina? - indagou ela, jovial. - Ela ama Jesus e sua Santa Mãe?

- Sou Gwenda, amiga de Caris.

Ela fitou Caris, ansiosa, como se temesse que fosse muita presunção de sua parte reivindicar essa amizade.

- A Virgem Maria vai fazer minha mãe ficar melhor? - perguntou Caris. Cecilia ergueu as sobrancelhas.

- Uma pergunta direta. É fácil perceber que você é filha de Edmund.
- Todo mundo reza para ela, mas nem todos ficam bons - comentou Caris.
- E sabe por que isso acontece?
- Talvez seja porque ela nunca ajuda ninguém, e acontece apenas que as pessoas fortes ficam boas, mas as fracas, não.
- Não diga bobagem - interveio o pai. - Todo mundo sabe que a Santa Mãe nos ajuda.
- Não se preocupe - disse-lhe Cecilia. - É normal as crianças fazerem perguntas... ainda mais as inteligentes. Caris, os santos são sempre poderosos, mas algumas orações são mais eficazes do que outras. Compreende isso?

Caris acenou com a cabeça, relutante, não se sentindo convencida, mas sem saber o que responder.

- Ela deve ir para a nossa escola - disse Cecilia.

As freiras mantinham uma escola para as filhas da nobreza e os habitantes mais prósperos da cidade. Os monges cuidavam de uma escola separada para os meninos. O pai não concordava com essa idéia.

- Rose já ensinou as letras para as meninas. E Caris conhece os números tão bem quanto eu... até me ajuda nos negócios.

- Ela deve aprender mais do que isso. Não vai querer que ela passe a vida como sua serva, não é?

Petranilla interveio:

- Ela não precisa aprender as coisas dos livros. Vai casar muito bem. Haverá multidões de pretendentes para as duas irmãs. Filhos de mercadores, até mesmo filhos de cavaleiros, se mostrarão ansiosos em casar nesta família. Mas Caris é uma criança voluntariosa; devemos cuidar para que ela não se perca com algum menestrel sem dinheiro.

Caris notou que Petranilla não previa problemas com a obediente Alice, que provavelmente casaria com o homem que a família escolhesse para seu marido.

- Deus pode chamar Caris para seu serviço - sugeriu Cecilia.
- Deus já chamou duas pessoas desta família... meu irmão e meu sobrinho resmungou o pai. - Imagino que Ele já se sente satisfeito a esta altura.

Cecilia olhou para Caris.

- O que você acha? Quer ser uma mercadora de lã, a esposa de um cavaleiro ou uma freira?

A perspectiva de ser freira deixava Caris horrorizada. Teria de obedecer às ordens de outra pessoa em todas as horas do dia. Seria como permanecer uma criança pelo resto da vida... e ter Petranilla como mãe. Ser a esposa de um cavaleiro, ou de qualquer outro homem, parecia quase tão ruim, porque as mulheres tinham de obedecer a seus maridos. Ajudar o pai, talvez assumir o negócio quando ele se tornasse velho demais, era a opção menos desagradável; mas, por outro lado, não era exatamente o seu sonho.

- Não quero ser nenhuma dessas coisas.

- Há alguma outra coisa que você gostaria de fazer? - indagou Cecilia. Havia, sim, embora Caris nunca tivesse dito a ninguém antes; na verdade, nem sequer compreendera direito até aquele momento. Mas agora a ambição parecia plenamente formada e ela compreendeu, sem a menor dúvida, que era seu destino.

- Vou ser uma doutora.

Houve um momento de silêncio, e depois todos riram. Caris corou, sem saber o que era tão engraçado. O pai se compadeceu e explicou:

- Só os homens podem ser doutores. Não sabia disso, botão-de-ouro? Caris ficou espantada. Olhou para Cecilia.

- Mas o que você é?

- Não sou uma médica. As freiras podem cuidar de doentes, é claro, mas seguem as instruções dos homens treinados. Os homens que estudaram com os mestres compreendem os humores do corpo, a maneira como se desequilibram na doença, e como levá-los de volta às proporções corretas, para restabelecer a boa saúde. Sabem que veia sangrar para a enxaqueca, lepra ou falta de ar; onde aplicar uma ventosa e onde cauterizar; se pôr um cataplasma ou dar um banho.

- Uma mulher não poderia aprender essas coisas?

- Talvez, mas Deus determinou o contrário.

Caris sentia-se frustrada com a maneira como os adultos recorriam a esse truísmo todas as vezes que não sabiam como responder.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, o irmão Saul desceu com uma bacia com sangue, e atravessou a cozinha para despejá-la no quintal dos fundos. A cena deixou Caris com vontade de chorar. Todos os médicos usavam a sangria como uma cura, e por isso devia ser eficaz; mas mesmo assim ela detestava ver a força vital da mãe numa bacia, prestes a ser jogada fora.

Saul voltou ao quarto da doente. Poucos momentos depois, ele e Joseph desceram.

- Fiz tudo o que posso por ela - declarou Joseph ao pai, solene. - E ela confessou seus pecados.

Confessou seus pecados! Caris sabia o que isso significava. Começou a chorar. O pai tirou seis pennies de prata de sua bolsa e entregou-os ao monge, murmurando, a voz rouca:

- Obrigado, irmão.

Enquanto os monges se retiravam, as duas freiras tornaram a subir.

Alice sentou no colo do pai e comprimiu o rosto contra seu pescoço. Caris chorou e abraçou Scrap. Petranilla ordenou que Tutty tirasse a mesa. Gwenda observava tudo com os olhos arregalados. Todos continuaram sentados à mesa, esperando.

4

O irmão Godwyn estava com fome. Já comera um ensopado de nabos cortados com peixe salgado, mas não se satisfizera. Os monges quase sempre comiam peixe e tomavam uma cerveja fraca, mesmo quando não era um dia de jejum.

Nem todos os monges, é claro. O prior Anthony tinha uma dieta privilegiada. E teria hoje uma refeição ainda mais especial, pois a priora, madre Cecilia, seria sua convidada. Ela estava acostumada a uma boa comida. As freiras, que sempre pareciam ter mais dinheiro do que os monges, matavam um porco ou uma ovelha a intervalos de poucos dias e comiam com vinho da Gasconha.

Era incumbência de Godwyn supervisionar a refeição, uma tarefa difícil, quando seu próprio estômago roncava de fome. Ele conversou com o cozinheiro do mosteiro, verificou o ganso gordo assando no forno, a panela com o molho de maçã borbulhando no fogo. Pediu ao adegueiro que tirasse um jarro de sidra do barril e pegou um pão de centeio na padaria... do dia anterior, já que não se fazia pão aos domingos. Tirou as taças e travessas de prata da arca trancada e as arrumou na mesa da sala da casa do prior.

O prior e a priora faziam uma refeição juntos pelo menos uma vez por mês. O mosteiro e o convento eram instituições separadas, com suas próprias instalações e diferentes fontes de receita. O prior e a priora eram subordinados de forma independente ao bispo de Kingsbridge. Apesar disso, partilhavam a enorme catedral e vários outros prédios, onde os monges trabalhavam como médicos e as freiras, como enfermeiras. Por isso, havia sempre detalhes para discutir: serviços na catedral, hóspedes e pacientes no hospital, os problemas políticos da cidade. Anthony tentava muitas vezes persuadir Cecilia a pagar custos que, em termos estritos, deveriam ser divididos igualmente - janelas de vidro para a sala do capítulo, colchas para o hospital, a repintura do interior da catedral - e ela quase sempre concordava.

Hoje, porém, a conversa deveria se concentrar na política. Anthony voltara no dia anterior de duas semanas em Gloucester, onde participara das cerimônias de sepultamento do rei Edward II, que perdera o trono em

janeiro e a vida em setembro. Madre Cecilia queria saber de tudo, embora simulasse se manter acima de todas as intrigas.

Godwyn tinha outra coisa em mente. Queria conversar com Anthony sobre seu futuro. Estivera aguardando ansioso pelo momento certo desde que o prior voltara. Ensaíara o discurso, mas ainda não encontrara a oportunidade de fazê-lo. Esperava ter a chance naquela tarde.

Anthony entrou na sala no momento em que Godwyn punha um queijo e uma tigela com peras no aparador. O prior parecia uma versão mais velha de Godwyn. Os dois eram altos, com feições regulares e cabelos castanho-claros. Como todos na família, tinham olhos esverdeados com pintas douradas. Anthony parou ao lado do fogo... a sala estava fria e o velho prédio permitia a passagem de aragens geladas. Godwyn serviu uma taça de sidra.

- Padre prior, hoje é meu aniversário. Estou com vinte e um anos.

- Sei disso. Lembro muito bem de seu nascimento. Eu tinha quatorze anos na ocasião. Minha irmã Petranilla berrou como um javali com uma flecha nas entranhas quando trouxe você ao mundo. - Anthony ergueu a taça num brinde, fitando o sobrinho com uma expressão afetuosa. - E agora você é um homem.

Godwyn decidiu que aquele era o momento.

- Estou no priorado há dez anos.

- Tanto tempo assim?

- Isso mesmo... como estudante, noviço e monge.

- É muito tempo.

- Espero ter sido um crédito para minha mãe e para meu tio.

- Sentimos orgulho de você.

- Obrigado. - Godwyn engoliu em seco. - E agora quero ir para Oxford.

A cidade de Oxford era havia muito tempo um centro para mestres de teologia, medicina e direito. Padres e monges iam a Oxford para estudar e debater com mestres e outros discípulos. Ao longo do último século, os mestres haviam se incorporado numa companhia, ou universidade, que recebera a permissão real para aplicar exames e conceder diplomas. O priorado de Kingsbridge mantinha um departamento ou célula na cidade, conhecido como Kingsbridge College, onde oito monges podiam continuar a vida de orações e abnegação enquanto estudavam.

- Oxford! - Uma expressão de ansiedade e desagrado estampou-se no rosto de Anthony. - Para quê?

- Para estudar. É o que os monges devem fazer.
- Nunca estive em Oxford... e sou o prior.

Era verdade, mas Anthony às vezes se encontrava em desvantagem com colegas seniores em consequência. O encarregado da sacristia, o tesoureiro, e várias outras autoridades monásticas, ou obedienciais, eram graduados na universidade, além dos médicos. Todos tinham o pensamento ágil e eram hábeis na argumentação. Anthony parecia às vezes inepto em comparação, especialmente no capítulo, à reunião diária de todos os monges. Godwyn ansiava em adquirir a lógica irrefutável e a superioridade confiante que observava nos homens de Oxford. Não queria ser como o tio.

Mas não podia dizer isso.

- Quero aprender.
- Por que aprender heresia? - indagou Anthony, desdenhoso. - Os estudantes de Oxford questionam os ensinamentos da Igreja!
- A fim de compreendê-los melhor.
- É inútil e perigoso.

Godwyn se perguntou por que Anthony reagia com tanta veemência. O prior nunca parecera preocupado com a heresia antes, e Godwyn não estava nem um pouco interessado em desafiar as doutrinas aceitas. Ele franziu o rosto.

- Pensei que você e minha mãe tinham ambições para mim. Não querem que eu avance, me torne um obediencial, e talvez um dia o prior?
- Claro que queremos. Mas você não precisa deixar Kingsbridge para conseguir isso.

Você não quer que eu avance muito depressa para não os ultrapassar; e não quer que eu deixe a cidade para não perder o controle que tem sobre mim, pensou Godwyn, num relance de percepção. Ele desejou ter previsto essa resistência a seus planos.

- Não quero estudar teologia.
- O que então pretende estudar?
- Medicina. É uma parte importante do nosso trabalho aqui.

Anthony contraiu os lábios. Godwyn vira a mesma expressão desaprovadora na mãe.

- O mosteiro não tem condições de pagar por você. Sabia que apenas um livro custa pelo menos quatorze shillings?

Godwyn foi tomado de surpresa. Sabia que os estudantes podiam alugar livros por páginas; mas essa não era a questão principal.

- O que me diz dos estudantes que já estão lá? Quem paga por eles?

- Dois são sustentados por suas famílias e outro, pelas freiras. O priorado paga pelos outros três. Mas não temos condições de mandar mais ninguém. Na verdade, temos duas vagas no colégio que não são preenchidas por falta de recursos.

Godwyn sabia que o priorado passava por dificuldades financeiras. Por outro lado, possuía vastos recursos: milhares de acres de terras; moinhos, pesqueiros, florestas; e a enorme receita do mercado de Kingsbridge. Ele não podia acreditar que o tio estivesse recusando o dinheiro de que precisava para estudar em Oxford. Sentia-se traído. Anthony era seu mentor, além de parente. Sempre favorecera Godwyn em relação aos outros jovens monges. Mas agora ele tentava bloquear o progresso do sobrinho.

- Médicos trazem dinheiro para o priorado - argumentou ele. - Se não treinar alguns jovens, os velhos acabarão morrendo e o priorado se tornará mais pobre.

- Deus proverá.

Essa platitude irritante era sempre a resposta de Anthony. Havia alguns anos vinha declinando a receita que o priorado conseguia com a realização anual da Feira do Velocino. Os habitantes da cidade exortavam Anthony a investir em melhores instalações para os negociantes de lã - tendas, estandes, latrinas, até mesmo um prédio para as transações - mas ele sempre recusava, alegando pobreza. E, quando o irmão Edmund dizia que a feira definharia até acabar, ele respondia:

- Deus proverá.

- Neste caso, talvez Deus também providencie o dinheiro necessário para meus estudos em Oxford - disse Godwyn.

- É possível.

Godwyn sentia um doloroso desapontamento. Experimentava o impulso de escapar de sua cidade natal e respirar um ar diferente. Em Kingsbridge College, continuaria sujeito à mesma disciplina monástica, é claro... mas pelo menos ficaria longe do tio e da mãe, o que era uma perspectiva atraente. Mas ainda não estava disposto a desistir da argumentação.

- Minha mãe ficará muito desapontada se eu não for.

Anthony mostrou-se apreensivo. Não queria incorrer na ira da formidável irmã.

- Então deixe-a rezar para que o dinheiro seja encontrado.

- Eu poderia conseguir o dinheiro em outro lugar - sugeriu Godwyn, improvisando.

- Como faria isso?

Ele vasculhou a mente à procura de uma resposta, e teve uma súbita inspiração.

- Eu poderia fazer o que você faz, e pedir a madre Cecilia.

Era possível. Cecilia deixava-o nervoso - podia ser tão intimidativa quanto Petranilla - mas era mais suscetível a seu charme juvenil. Podia ser persuadida a pagar pela educação de um monge jovem e inteligente.

A sugestão pegou Anthony de surpresa. Godwyn percebeu que ele tentava pensar numa objeção. Mas vinha argumentando como se o dinheiro fosse a principal consideração, e era difícil agora mudar de posição.

Enquanto Anthony hesitava, Cecilia entrou.

Usava um grosso manto de lã, sua única indulgência... detestava sentir frio. Depois de cumprimentar o prior, ela virou-se para Godwyn.

- Sua tia Rose está gravemente doente. - A voz era precisa e musical. - Pode não passar desta noite.

- Que Deus esteja com ela.

Godwyn sentiu uma pontada de compaixão. Numa família em que todos eram líderes, Rose era a única seguidora. Suas pétalas pareciam mais frágeis por estar cercada por espinheiros.

- Não é um choque - acrescentou ele. - Mas minhas primas Alice e Caris ficarão tristes.

- Felizmente elas têm sua mãe para consolá-las.

- É verdade.

Consolar alguém não era o ponto forte de Petranilla, pensou Godwyn - ela era melhor em exigir uma postura empertigada e prevenir as recaídas -, mas não corrigiu a priora. Em vez disso, serviu-lhe uma taça de sidra.

- Acha que está frio aqui, reverenda madre?

- Congelando.

- Acenderei o fogo. Anthony interveio, insidioso:

- Meu sobrinho Godwyn está sendo atencioso porque quer que você pague seus estudos em Oxford.

Godwyn lançou-lhe um olhar furioso. Teria planejado um discurso cuidadoso e escolhido o melhor momento para apresentá-lo. Agora, Anthony apresentara o problema da maneira mais brusca possível.

- Acho que não temos condições de financiar mais dois. Foi a vez de Anthony ficar surpreso.

- Alguém mais pediu dinheiro a você para estudar em Oxford?

- Talvez eu não deva dizer. Não quero criar problemas para ninguém.

- Não tem importância. - Anthony falou num tom um tanto brusco, mas logo recuperou o controle e acrescentou: - Somos gratos por sua generosidade.

Godwyn pôs mais lenha na fogueira e saiu em seguida. A casa do prior ficava no lado norte da catedral. O claustro e todos os outros prédios do priorado ficavam no lado sul. Godwyn passou pela catedral, a caminho da cozinha do mosteiro.

Pensara que Anthony podia usar de subterfúgios e ser evasivo sobre Oxford, dizendo-lhe que deveria esperar até ficar mais velho ou até que um dos estudantes que já estavam lá se formasse... pois Anthony era um evasivo por natureza. Mas ele era um protegido de Anthony, e sentira-se confiante de que o tio acabaria por apoiá-lo. A oposição categórica de Anthony deixara-o chocado.

Ele especulou quem mais teria solicitado o apoio da priora. Dos vinte e seis monges, seis eram mais ou menos da idade de Godwyn: podia ser qualquer um deles. Na cozinha, o subadegueiro, Theodoric, estava ajudando o cozinheiro. Poderia ser o rival pelo dinheiro de Cecília? Godwyn o observou ajeitar o ganso numa travessa e encher uma tigela com o molho de maçã. Theodoric tinha inteligência suficiente para estudar. Podia ser um concorrente.

Godwyn levou o jantar para a casa do prior, preocupado. Se Cecilia decidisse ajudar Theodoric, ele não sabia o que faria. Não tinha um plano alternativo.

Queria ser o prior de Kingsbridge um dia. Tinha certeza de que poderia fazer um trabalho melhor que o de Anthony. E se fosse um prior bem-sucedido, poderia subir ainda mais alto: bispo, arcebispo ou talvez um agente ou conselheiro real. Tinha apenas uma vaga idéia do que faria com esse poder, mas estava convencido de que pertencia a alguma posição elevada na vida. Mas havia apenas dois caminhos para essas alturas. Um era o nascimento aristocrático; o outro, a educação. Godwyn vinha de uma

família de mercadores de lã: sua única esperança era a universidade. E, para isso, precisaria do dinheiro de Cecilia.

Ele pôs o jantar na mesa. Cecilia estava perguntando:

- Mas de que o rei morreu?

- Ele sofreu uma queda. Godwyn trinchou o ganso.

- Quer um pedaço do peito, reverenda madre?

- Quero, sim, por favor. Uma queda? - O tom era cético. - Fala como se o rei fosse um velho trôpego. Ele tinha apenas quarenta e três anos.

- Os carcereiros disseram que foi uma queda.

Deposto, o ex-rei se tornara prisioneiro no castelo de Berkeley, há dois dias de viagem de Kingsbridge.

-Ah, os carcereiros... Homens de Mortimer.

Cecilia desaprovava Roger Mortimer, o conde de March. Não apenas ele liderara a rebelião contra Edward II, mas também seduzira a esposa do rei, a rainha Isabella.

Eles começaram a comer. Godwyn especulou se sobraria alguma coisa.

Anthony disse a Cecilia:

- Você dá a impressão de que desconfia de alguma coisa sinistra.

- Claro que não... mas outras pessoas desconfiam. Tem havido comentários...

- De que ele foi assassinado? Sei disso. Mas vi o cadáver, nu. Não havia marcas de violência no corpo.

Godwyn sabia que não deveria interromper, mas não pôde resistir:

- Há rumores de que todos na aldeia de Berkeley ouviram gritos de agonia quando o rei morreu.

Anthony fitou-o com uma expressão de censura.

- Quando um rei morre, há sempre rumores.

- O rei não apenas morreu - disse Cecilia. - Foi primeiro deposto pelo Parlamento... uma coisa que nunca havia acontecido antes.

Anthony baixou a voz para comentar:

- As razões eram poderosas. Havia pecados de impureza.

Ele estava sendo enigmático, mas Godwyn sabia o que isso significava. Edward tinha seus "favoritos"... rapazes pelos quais demonstrava um afeto anormal. O primeiro, Peter Gaveston, recebera tanto poder e privilégio que despertara ciúme e ressentimento entre os barões. Ao final, ele fora executado por traição. Mas depois vieram outros. Não era de admirar, diziam as pessoas, que a rainha tivesse arranjado um amante.

- Não posso acreditar nisso - protestou Cecilia, que era uma fervorosa realista. - Pode ser verdade que os bandidos na floresta se entreguem a essas práticas tão sórdidas, mas um homem de sangue real nunca poderia afundar tão baixo. Há mais um pouco do ganso?

- Há, sim.

Godwyn fez um esforço para ocultar seu desapontamento. Cortou o último pedaço da carne da ave e serviu a priora.

- Pelo menos não há agora nenhum desafio ao novo rei - comentou Anthony. O filho de Edward II e da rainha Isabella fora coroado como rei Edward III.

- Ele tem quatorze anos e foi posto no trono por Mortimer - lembrou Cecilia. - Quem será o verdadeiro soberano?

- Os nobres estão contentes por terem estabilidade.

- Especialmente os amigos de Mortimer.

- Como o conde Roland de Shiring, não é mesmo?

- Ele parecia muito entusiasmado hoje.

- Não está sugerindo...

- Que ele teve alguma coisa a ver com a "queda" do rei? Claro que não. - A priora comeu o resto de sua carne. - Seria muito perigoso falar sobre essa idéia, até mesmo entre amigos.

- Tem toda razão.

Houve uma batida na porta. Saul Whitehead entrou na sala. Tinha a mesma idade de Godwyn. Poderia ser seu rival? Era inteligente e capaz, e tinha a grande vantagem de ser um parente distante do conde de Shiring; mas Godwyn duvidava que ele tivesse a ambição de ir para Oxford. Era devoto e tímido, o tipo de homem para quem a humildade não era uma virtude, porque vinha naturalmente. Mas qualquer coisa era possível.

- Um cavaleiro acaba de entrar no hospital com um ferimento de espada informou Saul.

- Interessante, mas não bastante chocante para justificar a interrupção do jantar do prior e da priora - declarou Anthony.

Saul parecia assustado.

- Peço perdão, padre prior - balbuciou ele -, mas há divergências sobre o tratamento.

Anthony suspirou.

- Seja como for, o ganso já acabou...

Ele se levantou e saiu, junto com Cecilia. Godwyn e Saul os seguiram. Entraram na catedral pelo transepto do norte, saíram pelo transepto do sul, atravessaram os claustros e entraram no hospital. O cavaleiro ferido estava na cama mais próxima do altar, como era adequado para sua posição.

O prior Anthony deixou escapar um grunhido involuntário de surpresa. Por um momento, exibiu choque e medo. Mas logo recuperou o controle, e seu rosto se tornou impassível. Cecilia, no entanto, não deixava escapar nada e perguntou-lhe:

- Conhece esse homem?

- Conheço. É Sir Thomas Langley, um dos homens do conde de Monmouth. Era um homem bonito, na casa dos vinte anos, ombros largos e pernas compridas. Estava nu da cintura para cima, exibindo um tronco musculoso, cruzado por cicatrizes de lutas anteriores. Parecia pálido e exausto.

- Ele foi atacado na estrada - explicou Saul. - Conseguiu se livrar dos atacantes, mas depois teve de se arrastar por quase dois quilômetros para chegar à cidade. Perdeu muito sangue.

O antebraço esquerdo do cavaleiro estava cortado do cotovelo ao pulso, um ferimento obviamente infligido por uma espada afiada.

O médico sênior do mosteiro, irmão Joseph, estava ao lado do paciente. Joseph era baixo, na casa dos trinta anos, nariz grande, os dentes ruins.

- O ferimento deve ser mantido aberto e tratado com um unguento, para fazer o pus sair. Dessa maneira, os humores ruins serão expelidos e o ferimento curará de dentro para fora.

Anthony acenou com a cabeça.

- Onde está a divergência?

- Matthew Barber tem outra idéia.

Matthew era um barbeiro cirurgião da cidade. Vinha se mantendo recuado, numa atitude deferente, mas agora se adiantou. Segurava a caixa de couro que continha suas tesouras caras e afiadas. Era baixo e magro, com olhos azuis brilhantes e uma expressão solene.

Anthony não cumprimentou Matthew, mas perguntou a Joseph:

- O que ele está fazendo aqui?

- O cavaleiro o conhece e mandou chamá-lo.

Anthony disse a Thomas:

- Se quer ser retalhado, por que veio para o hospital do priorado?

A insinuação de um sorriso surgiu no rosto branco do cavaleiro, mas ele parecia cansado demais para responder.

Foi Matthew quem falou, com surpreendente confiança, aparentemente alheio ao desdém de Anthony:

- Já vi muitos ferimentos como esse no campo de batalha, padre prior. O melhor tratamento é o mais simples: lavar o ferimento com vinho quente, depois costurar para fechar e enfaixar.

Ele não era tão deferente quanto parecia. Madre Cecilia interveio:

- Será que nossos dois jovens monges têm opiniões a respeito?

Anthony estava impaciente, mas Godwyn compreendeu aonde ela queria chegar. Era um teste. Talvez Saul fosse o rival pelo dinheiro da priora. E a resposta era tão fácil que Godwyn se apressou em ser o primeiro a enunciá-la:

- O irmão Joseph estudou os antigos mestres. Deve saber melhor. Não creio que Matthew sequer saiba ler.

- Sei, sim, irmão Godwyn - protestou Matthew. - E tenho um livro. Anthony riu. A idéia de um barbeiro com um livro era tão absurda quanto a de um cavalo usando chapéu.

- Que livro?

- O Canon, de Avicenna, o grande médico islâmico. Traduzido do árabe para o latim. Li tudo, devagar.

- E seu tratamento é proposto por Avicenna?

- Não, mas...

- Então não há o que discutir. Matthew insistiu:

- Mas aprendi mais sobre cura viajando com exércitos e tratando de feridos do que jamais poderia aprender no livro.

Madre Cecilia tornou a interferir:

- Saul, qual é sua opinião?

Godwyn esperava que Saul desse a mesma resposta, o que deixaria a competição sem decisão. Mas, embora se mostrasse nervoso e tímido, Saul contradisse Godwyn:

- O barbeiro pode estar certo.

Godwyn exultou, enquanto Saul continuava a argumentar pelo lado errado:

- O tratamento proposto pelo irmão Joseph pode ser mais apropriado para ferimentos de esmagamento ou pancada, como as que acontecem nos locais de construção, onde a pele e toda a carne ao redor ficam cortadas. Fechar o ferimento prematuramente pode fazer com que os humores ruins

fiquem dentro do corpo. Este é um ferimento limpo e, quanto mais cedo for fechado, mais depressa vai curar.

- Não diga bobagem - declarou o prior Anthony. - Como um barbeiro da cidade pode estar certo e um monge instruído errado?

Godwyn disfarçou um sorriso triunfante.

A porta foi aberta nesse instante e um jovem com um traje de sacerdote entrou. Godwyn reconheceu Richard de Shiring, o mais jovem dos dois filhos do conde Roland. Seu aceno de cabeça para o prior e a priora foi tão superficial a ponto de ser impolido. Foi direto até a cama e perguntou ao cavaleiro:

- O que aconteceu?

Thomas ergueu a mão, num gesto que indicava extrema fraqueza, e fez sinal para que Richard chegasse mais perto. O jovem padre inclinou-se sobre o paciente. Thomas sussurrou em seu ouvido. Padre Richard recuou, num movimento brusco, como se estivesse chocado.

- Absolutamente não! - exclamou ele.

Thomas gesticulou de novo, e o processo se repetiu: outro sussurro, outra reação indignada. E desta vez Richard perguntou:

- Mas por quê? Thomas não respondeu.

- Está pedindo uma coisa que não está em nosso poder conceder. Thomas acenou com a cabeça, firme, como se dissesse: Está, sim.

- Você não nos dá opção.

Thomas sacudiu a cabeça de um lado para outro, fraco. Richard virou-se para o prior Anthony.

- Sir Thomas deseja se tornar um monge aqui no priorado.

Houve um momento de silêncio surpreso. Cecilia foi a primeira a reagir:

- Mas ele é um homem de violência!

- Ora, não é um fato inédito - disse Richard, impaciente. - Às vezes um guerreiro decide abandonar sua vida de combate e procurar perdão por seus pecados.

- Talvez na velhice. Mas esse homem ainda não tem vinte e cinco anos. Está fugindo de algum perigo. - Cecilia olhou para Thomas. - Quem ameaça sua vida?

- Reprima sua curiosidade - resmungou Richard, ríspido. - Ele quer ser um monge, não uma freira. Portanto, não tem por que fazer mais perguntas.

Era uma maneira chocante de falar com uma priora, mas os filhos dos condes podiam escapar impunes dessa grosseria. Ele virou-se para

Anthony.

- Você tem de aceitá-lo.
- O priorado é pobre demais para aceitar mais algum monge. A menos que haja um donativo que pague os custos...
- Será providenciado.
- Teria de ser adequado à necessidade...
- Será providenciado!
- Está bem.

Cecilia continuava desconfiada. Perguntou a Anthony:

- Sabe mais sobre esse homem do que está me dizendo?
- Não há razão para rejeitá-lo.
- O que o faz pensar que ele é um penitente sincero?

Todos olharam para Thomas. Ele fechara os olhos. Anthony disse:

- Ele terá de provar sua sinceridade durante o noviciado, como todos os outros.

Ela sentia-se visivelmente insatisfeita; mas, para variar, Anthony não estava lhe pedindo dinheiro, e portanto não havia nada que pudesse fazer.

- É melhor cuidarmos logo do ferimento - disse ela. Saul explicou:
- Ele recusou o tratamento do irmão Joseph. Foi por isso que tivemos de chamar o padre prior.

Anthony inclinou-se sobre o paciente. Em voz alta, como se falasse com um surdo, ele declarou:

- Você deve aceitar o tratamento determinado pelo irmão Joseph. Ele sabe melhor.

Thomas parecia inconsciente. Anthony virou-se para Joseph.

- Ele não está mais objetando. Matthew Barber protestou:
- Ele pode perder o braço!
- É melhor se retirar - disse-lhe Anthony. Furioso, Matthew saiu. Anthony olhou para Richard.
- Talvez queira ir até a casa do prior para tomar uma taça de sidra.
- Obrigado.

Antes de se retirar, Anthony disse a Godwyn:

- Fique aqui e ajude a madre priora. Procure-me antes da Véspera para informar como o cavaleiro está se recuperando.

O prior Anthony não costumava se preocupar com o progresso dos pacientes individuais. Por isso, era evidente que tinha um interesse especial naquele caso.

Godwyn observou o irmão Joseph aplicar o unguento no braço do cavaleiro agora inconsciente. Refletiu que provavelmente garantiria o apoio financeiro de Cecilia ao dar a resposta correta à indagação, mas estava ansioso em ouvir a confirmação expressa. Depois que o irmão Joseph acabara e Cecilia lavava a testa do cavaleiro com água-de-rosas, ele decidiu dizer:

- Espero que considere meu pedido de forma favorável. Ela lançou-lhe um olhar penetrante.

- É melhor eu lhe dizer logo de uma vez que decidi dar o dinheiro a Saul. Godwyn ficou chocado.

- Mas eu dei a resposta certa!

- Será?

- Não concorda com o barbeiro, não é? Ela ergueu as sobrancelhas.

- Não aceito ser interrogada por você, irmão Godwyn.

- Desculpe - disse ele, no mesmo instante. - Apenas não consigo compreender.

- Sei disso.

Se ela queria ser enigmática, não havia sentido em continuar a conversa. Godwyn virou-se, tremendo de frustração e desapontamento. Ela daria o dinheiro a Saul! Seria porque ele tinha um parentesco com o conde? Godwyn achava que não: madre Cecilia era muito independente. Fora a devoção ostentosa de Saul que inclinara a balança, concluiu Godwyn. Mas Saul nunca seria um líder de qualquer coisa. Seria um tremendo desperdício. Godwyn não sabia como daria a notícia à sua mãe. Ela ficaria furiosa... mas a quem culparia? Anthony? O próprio Godwyn? Um sentimento familiar de medo dominou-o, enquanto imaginava a ira da mãe.

E, ao pensar nela, Godwyn viu-a entrar no hospital, pela porta na outra extremidade, uma mulher alta, com um busto proeminente. Seus olhos se encontraram, e Petranilla parou junto da porta, esperando que o filho viesse ao seu encontro. Ele avançou devagar, tentando decidir o que dizer.

- Sua tia Rose está morrendo - anunciou Petranilla, assim que ele chegou perto.

- Que Deus abençoe sua alma. Madre Cecilia já tinha me contado.

- Você parece chocado... mas sabe como ela estava doente.

- Não é por causa de tia Rose. Tenho outra má notícia. - Godwyn engoliu em seco. - Não posso ir para Oxford. Tio Anthony não vai pagar, e madre

Cecilia também recusou.

Petranilla não explodiu de imediato, para grande alívio do filho. Mas contraiu os lábios numa expressão sombria.

- Mas por quê?

- Ele não tem dinheiro, e madre Cecilia prefere mandar Saul.

- Saul Whitehead? Ele nunca será qualquer coisa.

- Pelo menos ele vai ser um médico.

A mãe fitou-o nos olhos, e ele murchou.

- Acho que você cuidou muito mal de tudo. Deveria ter falado comigo antes. Godwyn já receava que a mãe enveredasse por esse caminho.

- Como pode dizer que agi errado?

- Deveria ter me deixado falar com Anthony primeiro. Eu o teria amaciado.

- Mas ele ainda poderia dizer não.

- E, antes de abordar Cecilia, deveria ter descoberto se outro já havia pedido sua ajuda. Dessa maneira, poderia arruinar a posição de Saul antes de falar com ela.

- Como?

- Ele deve ter uma fraqueza. Você poderia descobrir qual é, e levá-la ao conhecimento de Cecilia. E, quando ela estivesse se sentindo desiludida, apresentaria sua proposta.

Godwyn percebeu o sentido do que ela dizia. Baixou a cabeça.

- Nunca pensei nisso.

Com uma raiva controlada, Petranilla declarou:

- Você tem de planejar essas coisas, da maneira como os condes planejam batalhas.

- Compreendo isso agora - murmurou Godwyn, sem fitar a mãe nos olhos.

- Nunca mais cometerei o mesmo erro.

- Espero que não. Ele tornou a fitá-la.

- O que devo fazer?

- Não vou desistir. - Uma expressão familiar de determinação estampou-se no rosto de Petranilla. - Providenciarei o dinheiro.

Godwyn sentiu um fluxo de esperança, mas não podia imaginar como a mãe cumpriria a promessa.

- Onde vai conseguir?

- Venderei minha casa e passarei a morar com meu irmão Edmund.

- Ele aceitará?

Edmund era generoso, mas às vezes tinha atritos com a irmã.

- Acho que sim. Ele ficará viúvo em breve e precisará de alguém para ser dona-de-casa. Não que Rose jamais tenha sido muito eficiente nesse papel. Godwyn sacudiu a cabeça.

- Mesmo assim, você ainda precisará de dinheiro.

- Para quê? Edmund me dará casa e comida e pagará as pequenas necessidades. Em troca, cuidarei das criadas e educarei suas filhas. E você terá o dinheiro que herdei de seu pai.

Ela falava com firmeza, mas Godwyn podia perceber a amargura expressa nos lábios contraídos. Sabia que seria um grande sacrifício para a mãe. Ela se orgulhava de sua independência. Era uma das mulheres proeminentes da cidade, a filha de um homem rico e irmã do principal mercador de lã. Prezava sua posição. Adorava convidar os homens e mulheres mais poderosos de Kingsbridge para jantar, partilhar o melhor vinho. Agora, propunha se mudar para a casa do irmão e viver como parente pobre, trabalhando como uma espécie de criada, dependente de Edmund para tudo. Seria uma queda terrível.

- É sacrifício demais - murmurou Godwyn. - Não posso aceitar.

O rosto da mãe endureceu. Ela ergueu os ombros, como se estivesse se preparando para assumir uma carga pesada.

- Claro que pode.

5

Gwenda contou tudo ao pai. Jurara pelo sangue de Jesus que guardaria o segredo; por isso, iria agora para o inferno... mas sentia mais medo do pai do que do inferno.

O pai começou por perguntar onde ela arrumara Skip, o novo filhote, o que a obrigou a contar como Hop morrera; e, no final, toda a história saiu.

Para sua surpresa, não foi açoitada. Na verdade, o pai parecia satisfeito. Fez com que ela o levasse à clareira em que as mortes haviam ocorrido. Não foi fácil encontrar o lugar de novo, mas Gwenda acabou descobrindo; e lá estavam os corpos dos dois homens de armas com a libré verde e amarela.

Primeiro, o pai abriu suas bolsas. Ambas continham vinte ou trinta pennies. Ele se mostrou ainda mais satisfeito com as espadas, que valiam mais do que uns poucos pennies. Começou a despir os mortos, o que era difícil, com apenas uma das mãos; por isso, ordenou que Gwenda o ajudasse. Os corpos sem vida eram pesados, estranhos ao contato. O pai obrigou-a a tirar tudo o que eles usavam, inclusive as calças enlameadas e as roupas de baixo sujas.

Ele envolveu as armas com as roupas, formando o que parecia ser uma trouxa de trapos. Depois, ele e Gwenda arrastaram os corpos nus para a moita.

O pai demonstrava a maior animação quando voltaram para Kingsbridge. Levou-a para a Slaughterhouse Ditch, uma rua perto do rio, e entraram numa taverna grande mas suja, chamada de White Horse. Ele comprou uma caneca de cerveja para Gwenda, e foi para os fundos do prédio com o taverneiro, a quem chamava de "Davey boy". Era a segunda vez que Gwenda bebia cerveja naquele dia. O pai voltou poucos minutos depois sem a trouxa.

Retornaram à rua principal. Encontraram a mãe, Philemon e o bebê na Bell Inn, ao lado do portão do priorado. O pai piscou exultante para a mãe, e entregou-lhe um bom punhado de dinheiro para esconder entre as roupas do bebê.

Era o meio da tarde, e a maioria dos visitantes já voltara para suas aldeias. Mas, como era tarde demais para voltar a Wigleigh, a família passaria a

noite na estalagem. O pai insistia em dizer que agora tinham condições, embora a mãe, bastante nervosa, sempre murmurasse:

- Não deixe as pessoas saberem que você está com dinheiro!

Gwenda sentia-se exausta. Levantara cedo e andara muito. Deitou num banco e adormeceu no instante seguinte.

Foi acordada pela batida violenta da porta da estalagem. Levantou os olhos, surpresa, para ver dois homens de armas entrarem. A princípio, pensou que eram os fantasmas dos homens que haviam morrido na floresta, e sofreu um momento de terror absoluto. Mas depois compreendeu que eram homens diferentes usando o mesmo uniforme, amarelo num lado, verde no outro. O mais jovem carregava uma trouxa de roupas de aparência familiar. O mais velho perguntou ao pai:

- Você é Joby de Wigleigh, não é?

Gwenda ficou apavorada no mesmo instante. Havia um tom sério de ameaça na voz do homem. Não era pose, mas determinação. O homem deu-lhe a impressão de que era capaz de fazer qualquer coisa para conseguir o que queria.

- Não - respondeu o pai, mentindo automaticamente. - Vocês encontraram o homem errado.

Os dois ignoraram a resposta. O segundo homem pôs a trouxa na mesa e abriu-a. Havia duas túnicas em amarelo e verde envolvendo duas espadas e duas adagas. Ele olhou para o pai.

- De onde veio isto?

- Nunca vi antes. Juro pela Cruz.

Era uma estupidez negar, pensou Gwenda, apavorada: os homens arrancariam a verdade do pai, assim como ele arrancara dela. O mais velho dos homens de armas informou: „

- Davey, o dono do White Horse, disse que comprou de Joby Wigleigh.

A voz vibrava de ameaça. As poucas outras pessoas ali levantaram-se e saíram da estalagem, ficando apenas a família de Gwenda.

- Joby foi embora há pouco tempo - alegou o pai, desesperado. i H -

O homem acenou com a cabeça.

- Com a esposa, duas crianças e um bebê. >

- Isso mesmo.

O homem avançou com uma súbita rapidez. Agarrou a túnica do pai com a mão forte e empurrou-o contra a parede. A mãe gritou, e o bebê começou a chorar. Gwenda viu que a mão direita do homem tinha uma luva

acolchoada, coberta por uma cota de malha. Ele recuou o braço e desferiu um soco na barriga do pai. A mãe gritou:

- Socorro! Assassino!

Philemon também começou a chorar. O rosto do pai ficou branco de dor e o corpo se tornou inerte. Mas o homem manteve-o comprimido contra a parede, evitando que ele caísse. Deu outro soco, desta vez no rosto. O sangue esguichou do nariz e do rosto do pai.

Gwenda teve vontade de gritar e escancarou a boca, mas nenhum som passou pela garganta. Pensava que o pai era todo-poderoso - muito embora ele fingisse às vezes ser fraco ou covarde, a fim de obter compaixão ou desviar a raiva - e aterrorizava-a agora vê-lo tão impotente.

O estalajadeiro apareceu na porta que dava para os fundos do prédio. Era um homem enorme, na casa dos trinta anos. Uma menina gorducha espiou detrás dele.

- O que está acontecendo aqui? - perguntou ele, com um tom de autoridade. O homem de armas não olhou para ele.

- Fique fora disso.

E acertou outro soco na barriga do pai, que vomitou sangue.

- Pare com isso! - protestou o estalajadeiro.

- Quem você pensa que é?

- Sou Paul Bell e esta é a minha casa.

- É melhor cuidar de sua própria vida, Paul Bell, se sabe o que é bom para você.

- Acho que você pensa que pode fazer qualquer coisa por usar esse uniforme. Havia desprezo na voz de Paul.

- Tem toda razão.

- Mas, afinal, de quem é essa libré?

- Da rainha.

Paul olhou para trás.

- Bessie, corra para chamar John Constable. Se um homem vai ser assassinado em minha taverna, quero que ele seja testemunha.

A menina desapareceu.

- Não haverá nenhuma morte aqui - declarou o homem de armas. - Joby mudou de idéia. Decidiu que vai me levar ao lugar em que roubou os dois mortos... não é mesmo, Joby?

O pai não podia falar, mas acenou com a cabeça em concordância. O homem largou-o. Ele caiu de joelhos, tossindo e vomitando. O homem

olhou para o resto da família.

- E a criança que testemunhou a luta...?

- Não! - gritou Gwenda.

O homem balançou a cabeça com satisfação.

- A menina com cara de ratinho, é óbvio. Gwenda correu para a mãe, que balbuciou:

- Maria, Mãe de Deus, salve minha criança!

O homem agarrou Gwenda pelo braço e afastou-a da mãe, com um puxão brusco. Ela gritou. O homem resmungou:

- Fique quieta ou vai receber a mesma coisa que o desgraçado de seu pai. Gwenda comprimiu os maxilares com toda força para não gritar.

- Levante-se, Joby. - O homem puxou o pai. - Trate de se recuperar logo, pois vamos dar um passeio.

O segundo homem pegou as roupas e as armas. Quando deixavam a estalagem, a mãe ainda gritou, frenética:

- Façam tudo que eles mandarem!

Os homens tinham cavalos. Gwenda sentou na frente do cavalo do homem mais velho, enquanto o pai ocupava a mesma posição no outro cavalo. O pai estava impotente, gemendo, e por isso Gwenda os guiou, lembrando o caminho com toda nitidez, agora que já o percorrera duas vezes. O progresso a cavalo foi rápido, mas mesmo assim a tarde já escurecia quando alcançaram a clareira.

O homem mais jovem segurou Gwenda e o pai, enquanto o líder tirava os corpos de seus companheiros de baixo da moita.

- Esse Thomas deve ser um guerreiro excepcional para matar Harry e Alfred juntos - comentou o homem mais velho, olhando para os cadáveres. Gwenda compreendeu que os homens não sabiam das outras crianças. Teria confessado que não estava sozinha e que Ralph matara um dos homens, mas sentia-se apavorada demais para falar.

- Ele quase decepou a cabeça de Alfred. - O homem olhou para Gwenda. Alguém falou sobre uma carta?

- Não sei! - exclamou ela, recuperando a voz. - Fiquei com os olhos fechados porque sentia muito medo, e nem ouvi o que disseram! Juro que é verdade! Eu diria se soubesse!

- Se tivessem tirado a carta antes, ele a teria recuperado depois de matá-los.

- O homem correu os olhos pelas árvores ao redor da clareira, como se esperasse encontrar a carta pendurada entre as folhas agonizantes. - É bem provável que ele esteja agora no priorado, onde não podemos pegá-lo sem violar a santidade do mosteiro.

O segundo homem disse:

- Pelo menos podemos relatar o que exatamente aconteceu, e levar os corpos para um sepultamento cristão.

Houve uma súbita comoção. O pai desvencilhou-se do segundo homem e correu através da clareira. Seu captor fez menção de partir no encalço do pai, mas foi detido pelo homem de armas mais velho.

- Deixe-o ir... qual o sentido de matá-lo agora? Gwenda começou a chorar baixinho.

- O que vamos fazer com a criança? - perguntou o segundo homem.

Iam matá-la, Gwenda tinha certeza. Não podia ver qualquer coisa através das lágrimas, e soluçava tanto que não podia suplicar por sua vida. Morreria e iria para o inferno. E ficou esperando pelo fim.

- Deixe-a ir embora - murmurou o homem mais velho. - Não nasci para matar crianças.

O outro homem soltou-a e empurrou-a. Ela cambaleou e caiu. Levantou-se, limpou os olhos para poder ver, e afastou-se a cambalear.

- Corra, menina! - gritou o homem. - Hoje é o seu dia de sorte!

Caris não conseguia dormir. Levantou-se e foi até o quarto da mãe. O pai sentava num banco, olhando para o corpo imóvel na cama.

A mãe tinha os olhos fechados e seu rosto brilhava, à luz da vela, com uma camada de suor. Parecia ter dificuldade para respirar. Caris pegou sua mão pálida: estava muito fria. Ela manteve-a entre suas mãos, tentando esquentá-la.

- Por que tiraram o sangue de mamãe?

- Acham que a doença vem às vezes do excesso de um dos humores. Esperam diminuí-lo com o sangue tirado.

- Mas isso não fez com que ela ficasse melhor.

- Não, não fez. Na verdade, ela parece pior. As lágrimas afloraram aos olhos de Caris.

- Então por que deixou que fizessem isso?

- Os padres e os monges estudam as obras dos filósofos antigos. Sabem mais do que nós.

- Não acredito nisso.

- É difícil saber em que acreditar, meu pequeno botão-de-ouro.
- Se eu fosse médica, só faria coisas que fizessem as pessoas melhorarem.
O pai não prestava atenção. Olhava mais atentamente para a mãe. Inclinou-se para a frente e enfiou a mão sob a manta para tocar no peito, logo abaixo do seio. Caris podia ver o formato de sua mão enorme por baixo da lã fina. Ele deixou escapar um som abafado. Deslocou a mão e comprimiu com mais firmeza. Manteve-a assim por uns poucos momentos.

Fechou os olhos.

Caiu para a frente, lentamente, até ficar de joelhos ao lado da cama, como se estivesse rezando, a cabeça grande encostada na coxa da mãe, a mão ainda em seu peito.

Caris compreendeu que o pai chorava. Era a coisa mais assustadora que já lhe acontecera, muito mais assustadora do que ver um homem ser morto na floresta. As crianças choravam, as mulheres choravam, as pessoas fracas e desamparadas choravam, mas o pai nunca chorava. Ela teve a sensação de que o mundo chegava ao fim.

Tinha de pedir ajuda. Largou a mão fria da mãe em cima da manta, onde permaneceu, imóvel. Voltou a seu quarto e sacudiu o ombro de Alice, que dormia.

A princípio, Alice não abriu os olhos.

- Papai está chorando! - exclamou Caris.

Alice sentou na cama.

Não pode ser.

- Levante-se!

Alice saiu da cama. Caris pegou a mão da irmã e foram juntas para o quarto da mãe. O pai estava de pé agora, olhando para o rosto imóvel no travesseiro, as faces manchadas de lágrimas. Alice fitou-o em choque.

Caris sussurrou:

- Eu disse!

Tia Petranilla estava no outro lado da cama.

O pai viu as meninas paradas na porta. Foi até lá e abraçou-as.

- A mãe de vocês foi ao encontro dos anjos - murmurou ele. - Rezem por sua alma.

- Sejam corajosas, meninas - acrescentou Petranilla. - Daqui por diante serei a mãe de vocês.

Caris removeu as lágrimas dos olhos, fitou a tia e balbuciou:

- Não será, não...

Parte II



6

O domingo de Pentecostes, no ano em que Merthin completou vinte um anos, um rio de chuva caiu sobre a catedral de Kingsbridge. Enormes gotas ricocheteavam no telhado de ardósia; córregos corriam pelas calhas; fontes jorravam das bocas das gárgulas; lençóis de água desciam pelos botaréus; e torrentes projetavam-se pelas arcadas e escorriam pelas colunas, encharcando as estátuas dos santos. O céu, a vasta catedral e a cidade tinham todos diferentes tonalidades de cinza.

Pentecostes celebrava o momento em que o Espírito Santo descera para os discípulos de Jesus. O sétimo domingo depois da Páscoa, caía em maio ou junho, logo depois que a maioria das ovelhas da Inglaterra era tosquiada; e por isso era sempre o primeiro dia da Feira do Velocino de Kingsbridge.

Enquanto seguia para o serviço matutino na catedral, sob o aguaceiro, puxando o capuz para a frente numa vã tentativa de manter o rosto seco, Merthin teve de passar pela feira. Na extensa campina a oeste da catedral, centenas de negociantes haviam armado seus estandes... e haviam-nos coberto às pressas, com pedaços de aniagem oleados e panos empastados, a fim de impedir a passagem da chuva. Os negociantes de lã eram as figuras principais na feira, dos pequenos operadores que ofereciam a produção de uns poucos aldeões dispersos, aos grandes negociantes, como Edmund, que tinha um armazém cheio de sacos de lã para vender. Ao redor deles, agrupavam-se os estandes subsidiários, vendendo tudo o que o dinheiro podia comprar: vinho doce da Renânia, brocado de seda com fios de ouro de Lucca, tigelas de cristal de Veneza, gengibre e pimenta de lugares no Oriente cujos nomes poucas pessoas conheciam. E, finalmente, havia os comerciantes dos produtos cotidianos, que forneciam aos visitantes e donos dos estandes as necessidades comuns: padeiros, cervejeiros, confeitheiros, adivinhos e prostitutas.

Os donos dos estandes reagiam com bravura à chuva, gracejando uns com os outros, na tentativa de criar o clima de carnaval; mas o tempo seria ruim para os lucros. Algumas pessoas tinham de fazer negócios de qualquer maneira, com chuva ou com sol: os compradores italianos e flamengos precisam da macia lã inglesa para milhares de teares movimentados em Florença e Bruges. Mas os clientes mais casuais permaneceriam em casa: a esposa de um cavaleiro decidiria que podia

passar sem noz-moscada e canela; um próspero camponês daria um jeito para que seu velho casaco durasse mais um inverno; um velho advogado chegaria à conclusão de que sua amante não precisava de uma argola de ouro.

Merthin não tencionava comprar qualquer coisa. Não tinha dinheiro. Era um aprendiz sem remuneração, vivendo com seu mestre, Elfric Builder. Comia à mesa com a família, dormia no chão da cozinha, e usava as roupas descartadas de Elfric, mas não recebia um pagamento. Nas longas noites de inverno fabricava brinquedos engenhosos, que vendia por uns poucos pennies - uma caixa de jóias com compartimentos secretos, um galo que esticava a língua quando se apertava o rabo -, mas no verão não tinha tempo de sobra, pois trabalhava até o anoitecer.

Mas seu aprendizado estava quase terminando. Em menos de seis meses, no primeiro dia de dezembro, iria se tornar um membro pleno da guilda dos carpinteiros de Kingsbridge, aos vinte e um anos de idade. Aguardava esse momento com a maior ansiedade.

As grandes portas de oeste da catedral estavam abertas para admitir os milhares de moradores da cidade e visitantes que compareceriam ao serviço religioso naquele dia. Merthin entrou e sacudiu a chuva das roupas. O chão de pedra estava escorregadio de água e lama. Num dia de sol, o interior da catedral estaria iluminado por facho de luz, mas hoje os vitrais estavam escuros, a congregação encolhida sob roupas escuras e molhadas.

Para onde da toda aquela chuva? Não havia valas de drenagem em torno da catedral. A água - milhares e milhares de galões - apenas encharcava o solo. Descia mais e mais, até cair como chuva no inferno? Não. A catedral fora construída numa encosta. A água seguia por baixo da terra, descendo pela colina de norte para sul. As fundações dos enormes prédios de pedra eram projetadas para permitir a passagem da água, pois um acúmulo seria perigoso. Toda aquela chuva acabaria no rio, no limite meridional do terreno do priorado.

Merthin imaginou que podia sentir o fluxo subterrâneo da água, a vibração transmitida pelas fundações e pelo chão, alcançando as solas de seus pés.

Uma pequena cadela preta aproximou-se, abanando o rabo, para cumprimentá-lo com a maior alegria.

- Olá, Scrap.

Merthin abaixou-se para afagá-la. Ao levantar os olhos, deparou com a dona da cadela, Caris, e seu coração parou por um instante.

Ela usava um manto escarlate que herdara da mãe. Era o único ponto de cor na escuridão. Merthin sorriu, feliz ao vê-la. Era difícil dizer o que a tornava tão bonita. Caris tinha um rosto pequeno e redondo, feições regulares; cabelos castanhos; e olhos verdes com manchas douradas. Não era muito diferente de uma centena de outras moças de Kingsbridge. Mas usava o chapéu num ângulo elegante, exibia um brilho de inteligência zombeteira nos olhos, com um sorriso malicioso, que prometia prazeres vagos mas fascinantes. Merthin conhecera-a havia dez anos, mas só nos últimos meses compreendera que a amava.

Caris puxou-o para trás de uma coluna e beijou-o na boca, a ponta de sua língua passando pelos lábios de Merthin.

Beijavam-se sempre que tinham uma oportunidade: na catedral, no mercado, quando se encontravam na rua e - melhor de tudo - quando ele da à casa de Caris e ficavam a sós.

Merthin vivia para esses momentos. Pensava em beijá-la antes de dormir e voltava a pensar assim que acordava.

Merthin da até a casa de Caris duas ou três vezes por semana. O pai, Edmund, gostava dele, embora a tia Petranilla não gostasse. Um homem jovial, Edmund muitas vezes convidava-o a ficar para o jantar. Merthin aceitava, agradecido, pois sabia que a refeição seria melhor do que na casa de Elfric. Ele e Caris jogavam xadrez ou damas ou apenas conversavam. Ele gostava de observá-la a contar uma história ou explicar alguma coisa, as mãos desenhando imagens no ar, o rosto expressando divertimento ou espanto, de acordo com o relato. Na maior parte do tempo, no entanto, ele esperava pelos momentos em que podia roubar-lhe um beijo.

Ele olhou ao redor na catedral: ninguém olhava naquela direção. Merthin enfiou a mão por dentro do manto e tocou no linho macio do vestido. O corpo de Caris era quente. A mão subiu, a palma envolveu o seio pequeno e redondo.

Ele adorava a maneira como a carne de Caris cedia à pressão das pontas de seus dedos. Nunca a vira nua, mas conhecia os seios com a maior intimidade.

Em seus sonhos, os dois iam mais longe. Ficavam a sós, em algum lugar, uma clareira na floresta ou um quarto grande num castelo; e os dois estavam nus. Por mais estranho que parecesse, porém, os sonhos sempre

terminavam um momento antes de penetrá-la; e ele acordava na maior frustração.

Um dia, pensava ele; um dia...

Ainda não haviam falado sobre casamento. Os aprendizes não podiam casar, e por isso ele tinha de esperar. Caris, com certeza, já deveria ter-se perguntado o que fariam quando o prazo de aprendizado terminasse; mas ela nunca expressara esses pensamentos. Parecia contente em viver um dia de cada vez. E Merthin tinha um medo supersticioso de falar sobre o futuro juntos. Diziam que os peregrinos não deviam passar muito tempo planejando a jornada, pois podiam tomar conhecimento de tantos riscos que decidiriam não partir.

Uma freira passou, e Merthin retirou a mão do busto de Caris, com um sentimento de culpa; mas a freira não os notou. As pessoas faziam coisas de todos os tipos na vasta catedral. No ano passado, Merthin vira um casal mantendo um congresso sexual junto da parede da nave do sul, durante o serviço da véspera do Natal... embora tivessem sido expulsos por isso. Especulou se ele e Caris poderiam continuar a se acariciar discretamente ao longo do serviço.

Mas ela tinha outras ideias

? - Vamos para a frente.

Caris pegou-o pela mão e levou-o através da multidão. Merthin conhecia muitas das pessoas ali, mas nem todas: Kingsbridge era uma das maiores cidades da Inglaterra, com cerca de sete mil habitantes, e ninguém conhecia todo mundo.

Ele acompanhou Caris até o ponto em que a nave se encontrava com os transeptos. Ali, encontraram uma barreira de madeira, bloqueando a passagem para a extremidade leste, o coro, a área que era reservada ao clero.

Merthin descobriu-se ao lado de Buonaventura Caroli, o mais importante dos mercadores italianos, um homem corpulento, com um grosso casaco de lã, todo bordado.

Vinha de Florença - que dizia ser a maior cidade do mundo cristão, nuns de dez vezes maior do que Kingsbridge -, mas agora vivia em Londres, cuidando dos muitos negócios que sua família mantinha com os produtores de lã ingleses. Os Carolis eram tão ricos que emprestavam

dinheiro a reis, mas Buonaventura era amável e despretensioso... embora as pessoas dissessem que podia ser implacável nos negócios.

Caris cumprimentou-o com toda familiaridade, já que o homem estava hospedado em sua casa. Ele ofereceu um aceno de cabeça cordial a Merthin, embora devesse ter adivinhado, pela idade e roupas velhas, que era um simples aprendiz. Buonaventura estudava a arquitetura. Puxou uma conversa afável.

- Visito Kingsbridge há cinco anos, mas até hoje nunca havia notado que as janelas dos transeptos são muito maiores do que as outras.

Ele falou em francês, com uma mistura de palavras do dialeto da região italiana da Toscana.

Merthin não teve dificuldade para compreender. Como a maioria dos filhos dos cavaleiros ingleses, crescera falando francês normando com os pais e inglês com os companheiros; e podia adivinhar o significado de muitas palavras italianas porque aprendera latim na escola dos monges.

- Posso explicar por que as janelas são assim.

Buonaventura ergueu as sobrancelhas, surpreso por um aprendiz alegar tal conhecimento.

- A catedral foi construída há duzentos anos, quando as janelas ogivais estreitas eram um esquema revolucionário - continuou Merthin. - Cem anos depois, o bispo queria uma torre mais alta, e reconstruiu os transeptos na mesma ocasião, abrindo janelas maiores do que estava na moda.

Buonaventura ficou impressionado.

- E como sabe de tudo isso?

- Há na biblioteca do mosteiro uma história do priorado, chamada Livro de Timothy, que diz tudo sobre a construção da catedral. A maior parte foi escrita no tempo do grande prior Philip, mas autores posteriores acrescentaram novas informações. Li quando era menino na escola dos monges.

Buonaventura fitou Merthin fixamente por um momento, como se quisesse memorizar seu rosto, antes de murmurar, casual:

- É um belo prédio.

- Os prédios na Itália são muito diferentes?

Merthin sentia o maior fascínio por outros países, sua vida em geral e a arquitetura em particular. A expressão de Buonaventura era pensativa.

- Creio que os princípios da construção são os mesmos por toda parte. Mas nunca vi domos na Inglaterra.

- O que é um domo?
- Um telhado redondo, como se fosse uma meia bola. Merthin ficou atônito.
- Nunca ouvi falar disso! Como é construído? Buonaventura riu.
- Meu jovem, sou um negociante de lã. Posso dizer se um velocino vem de uma ovelha de Cotswold ou uma ovelha de Lincoln apenas por esfregar a lã entre o indicador e o polegar.

Mas não sei como um galinheiro é construído, muito menos um domo.

O mestre de Merthin, Elfric, aproximou-se. Era um homem próspero e usava roupas caras, mas sempre dava a impressão de que elas pertenciam a outra pessoa. Um habitual sicofanta, ignorou Caris e Merthin, mas fez uma reverência profunda para Buonaventura e disse:

- É uma honra tê-lo de novo em nossa cidade, senhor. Merthin afastou-se.
- Quantas línguas você acha que existem? - perguntou-lhe Caris. Ela sempre falava sobre coisas absurdas.
- Cinco - respondeu Merthin, sem pensar.
- Vamos falar sério. Há o inglês, o francês e o latim. São três. Os florentinos e os venezianos falam de maneiras diferentes, embora tenham palavras em comum.
- Tem razão. - Merthin entrou no jogo. - Já são cinco. Há também o flamengo. Poucas pessoas em Kingsbridge podiam entender a língua dos mercadores que vinham das cidades de tecelagem de Flandres: Ypres, Bruges, Ghent.
- E dinamarquês.
- Os árabes têm sua própria língua, e quando escrevem nem usam as mesmas letras que nós.
- E madre Cecilia me disse que todos os bárbaros têm suas próprias línguas, embora ninguém saiba como escrevê-las... escoceses, galeses, irlandeses e provavelmente outros. Com isso, temos onze línguas... e pode até haver povos de que nunca ouvimos falar!

Merthin sorriu. Caris era a única pessoa com quem podia conversar assim. Entre seus amigos da mesma idade, ninguém compreendia a emoção de imaginar povos estranhos e diferentes maneiras de viver. Ela fazia uma pergunta ao acaso: Como é viver na beira do mundo? Os padres estão errados sobre Deus? Como você sabe que não está sonhando neste

momento? E os dois se lançavam numa viagem especulativa, competindo para saber quem apresentava ideias mais extravagantes.

O barulho das conversas na catedral cessou de repente. Merthin viu que os monges e freiras começavam a sentar. O mestre do coro, Blind Carlus, entrou por último. Embora fosse cego, caminhava sem ajuda na catedral e nos prédios monásticos, devagar, mas tão confiante quanto um homem dotado de visão, conhecendo cada pilastra e cada laje. Agora, ele deu uma nota, em sua profunda voz de barítono, e o coro começou a cantar um hino. Merthin mantinha um ceticismo discreto em relação ao clero. Os padres exerciam um poder que nem sempre combinava com seus conhecimentos... mais ou menos como seu empregador, Elfric. Mas ele gostava de frequentar a catedral. Os serviços religiosos induziam-no a uma espécie de transe. A música, a arquitetura e as invocações em latim o fascinavam, e sentia-se como se estivesse adormecido com os olhos abertos. Mais uma vez, ele experimentou a sensação fantasiosa de que podia sentir a água da chuva correndo em torrentes sob seus pés.

Seu olhar vagueou pelos três níveis da nave, arcada, galeria e clerestório. Sabia que as colunas eram feitas pondo-se uma pedra sobre outra, mas davam uma impressão diferente, pelo menos à primeira vista. Os blocos de pedra eram esculpidos, de tal forma que cada coluna parecia com um feixe de hastes. Ele acompanhou a subida de um dos quatro pilares gigantesco da interseção, da imensa base até o ponto em que uma projeção estendia-se para o norte, formando uma arcada sobre a nave lateral, antes de continuar a subir até o nível da tribuna. Outra projeção seguia para oeste e formava a arcada da galeria, continuava a subir para se tornar a arcada do clerestório. As hastes restantes separavam-se, como um buquê de flores, para se tornarem as vigas do teto abobadado. Da saliência central, no ponto mais alto da abóbada, ele acompanhou a descida de uma haste até a coluna equivalente no outro lado da interseção.

E, no instante em que o fazia, uma coisa estranha aconteceu. Sua vista pareceu momentaneamente turva, e ele teve a impressão de que o lado leste do transepto se deslocava.

Houve um rumor baixo, tão profundo, que foi quase inaudível, e um tremor sob seus pés, como se uma árvore tivesse caído nas proximidades.

O canto hesitou.

No coro, apareceu uma rachadura na parede do lado sul, bem ao lado do pilar que Merthin estudava.

Ele começou a se virar para Caris. Pelo canto do olho, viu blocos de pedra caindo no coro e na interseção. E, depois, o barulho prevaleceu sobre tudo: mulheres gritando estridentes, homens berrando, o estrondo ensurdecedor das enormes pedras batendo no chão. Durou um longo momento. Quando o silêncio voltou, Merthin descobriu que segurava Caris, o braço esquerdo em torno de seus ombros, comprimindo-a contra ele, o braço direito protetor a cobrir sua cabeça, o corpo se interpondo entre sua amada e o lugar em que uma parte da enorme catedral desabara em ruínas.

Foi obviamente um milagre o fato de ninguém ter morrido.

O dano maior era na nave sul do coro, onde não havia ninguém durante o serviço. A congregação não era admitida no coro, e o clero se concentrava na parte central. Vários monges haviam escapado por um triz, o que apenas aumentava os rumores sobre milagres. Outros haviam sofrido cortes e equimoses de lascas voando. A congregação não sofrera mais do que uns poucos arranhões. Era evidente que todos haviam recebido uma proteção supernatural de St. Adolphus, cujos ossos estavam preservados sob o altar-mor. Seus milagres incluíam muitos casos de cura de doentes e de salvação de pessoas da morte. Mas, de um modo geral, todos concordavam que Deus enviara um aviso aos habitantes de Kingsbridge. Só que ainda não era claro o objetivo da advertência.

Uma hora depois, quatro homens inspecionaram os danos. Irmão Godwyn, o primo de Caris, era o sacristão, o responsável pela catedral e por todos os seus tesouros. Sob o seu comando, como matriculário, encarregado dos reparos e operações de construção, seguia o irmão Thomas, que fora Sir Thomas Langley dez anos antes. O contrato para a manutenção da catedral era de Elfric, carpinteiro por treinamento e construtor geral por ofício.

E Merthin acompanhava o grupo, como aprendiz de Elfric

A extremidade leste da catedral era dividida por pilares em quatro seções, chamadas de baías. O desabamento afetara as duas baías mais próximas da interseção. A abóbada de pedra sobre a nave sul fora destruída por completo na primeira baía, e parcialmente na segunda. Havia rachaduras na galeria da tribuna, e pedras da armação haviam caído de janelas do clerestório.

- Alguma fraqueza na argamassa permitiu que a abóbada desabasse, o que por sua vez causou as rachaduras nos níveis superiores - declarou Elfric.

Não parecia correto para Merthin, mas ele carecia de uma explicação alternativa

Merthin detestava seu mestre. Fora primeiro aprendiz do pai de Elfric, Joachim, um construtor de larga experiência que trabalhara em igrejas e pontes em Londres e Paris. O velho gostava de explicar a Merthin os conhecimentos dos pedreiros... o que eles chamavam de seus "mistérios", que eram acima de tudo fórmulas aritméticas para construção, como a proporção entre a altura de um prédio e a profundidade de suas fundações. Merthin gostava de números e absorvia tudo o que Joachim podia lhe ensinar.

Mas Joachim morreu e Elfric assumiu. Elfric achava que a coisa mais importante para um aprendiz era aprender a obediência. Merthin tinha dificuldade para aceitar essa imposição, e Elfric punia-o com rações curtas, roupas finas e trabalho ao ar livre nos dias gelados. Para agravar a situação, a filha gorducha de Elfric, Griselda, da mesma idade de Merthin, era sempre bem vestida e bem agasalhada.

A esposa de Elfric morrera três anos antes, e ele casara com Alice, a irmã mais velha de Caris. As pessoas achavam que Alice era a irmã mais bonita. Era verdade que ela tinha feições mais regulares, mas carecia das atitudes cativantes de Caris. Merthin achava-a insípida. Alice sempre parecera gostar de Merthin, quase tanto quanto a irmã. Por isso, ele esperava que o casamento levasse Elfric a tratá-lo melhor. Mas o inverso acontecera. Alice parecia pensar que era seu dever conjugal juntar-se ao marido para atormentá-lo.

Merthin sabia que muitos outros aprendizes sofriam da mesma maneira; todos aturavam, porque o aprendizado era o único acesso a um ofício bem remunerado. As guildas dos artesãos bloqueavam com eficiência os que queriam exercer um ofício de outra maneira. Ninguém podia trabalhar numa cidade sem pertencer a uma guilda. Até mesmo um padre, um monge ou uma mulher que quisesse negociar com lã ou produzir cerveja para vender teria de ingressar numa guilda. E fora das cidades quase não havia trabalho: os camponeses construíam suas próprias casas e costuravam suas próprias roupas.

Ao final do aprendizado, a maioria dos rapazes permanecia com o mestre, trabalhando por um salário. Uns poucos acabavam como sócios, assumindo os negócios quando o velho morria. Esse não seria o destino de

Merthin, de tanto que detestava Elfric. Já decidira que o deixaria no momento em que pudesse.

- Vamos olhar de cima - propôs Godwyn. eles se encaminharam para o leste. Elfric disse:

- É bom vê-lo de volta de Oxford, irmão Godwyn. Mas deve sentir a falta da companhia de todas aquelas pessoas de grande saber.

Godwyn acenou com a cabeça.

- Os mestres são mesmo espantosos.

- E os outros estudantes... devem ser jovens extraordinários, eu imagino. Apesar de também ouvirmos histórias de mau comportamento.

Godwyn exibiu uma expressão desolada.

- Infelizmente, algumas dessas histórias são verdadeiras. Quando um jovem padre ou monge se afasta de casa pela primeira vez, pode sofrer tentações.

- Seja como for... somos afortunados por contar em Kingsbridge com o benefício de homens treinados na universidade.

- É muita gentileza sua dizer isso.

- Mas é verdade.

Merthin teve vontade de dizer: Cale a boca, pelo amor de Deus! Mas aquele era o jeito de Elfric. Era um artesão deficiente, com um trabalho não acurado e um julgamento impreciso, mas sabia como se insinuar nas boas graças dos outros. Merthin observara-o fazer isso muitas vezes... pois Elfric podia ser tão encantador com as pessoas de quem queria alguma coisa quanto era grosseiro com aqueles de quem nada precisava.

Merthin sentia-se mais surpreso com Godwyn. Como um homem inteligente e instruído podia deixar de perceber como Elfric era? Talvez fosse menos óbvio para a pessoa que era o alvo dos elogios.

Godwyn abriu uma pequena porta e subiu pela estreita escada em espiral oculta na parede. Merthin sentiu-se animado. Adorava entrar nas passagens escondidas da catedral. Também sentia-se curioso pelo dramático desabamento, ansioso em descobrir a causa.

As naves eram estruturas de um único andar, projetando-se dos lados do corpo principal da catedral. Tinham tetos de pedra, com vigas em abóbada. Por cima da abóbada, um telhado inclinado erguia-se da beira da nave até a base do clerestório. Sob esse telhado inclinado havia um vazio triangular, seu chão o lado oculto, ou extradorso, do teto abobadado da

nave. Os quatro homens entraram nesse vazio para avaliar os danos de cima. ”

Era iluminado pelas aberturas de janela para o interior da catedral. Além disso, Thomas tivera a precaução de trazer um lampião a óleo. A primeira coisa que Merthin notou ali foi que as abóbadas, vistas de cima, não eram exatamente iguais em cada baia. A do leste tinha uma curva um pouco menos acentuada que a vizinha, enquanto a seguinte - parcialmente destruída - parecia ser também diferente.

Caminharam pelo extradorso, mantendo-se perto da beirada, onde a abóbada era mais forte, até chegarem tão perto quanto ousavam da parte desabada. A abóbada era construída da mesma maneira como o resto da catedral, as pedras unidas por argamassa, só que as pedras do teto eram muito finas e leves. Era quase vertical ao subir de seu apoio, mas depois se inclinava para dentro, até se encontrar com a extensão que se projetava do outro lado.

- A primeira coisa a fazer, obviamente, é reconstruir a abóbada sobre as duas primeiras baias da nave - declarou Elfric.

- Faz muito tempo que ninguém constrói uma abóbada com vigas. - Thomas olhou para Merthin. - Você é capaz de fazer o cimbrio?

Merthin sabia a que ele se referia. Na beira da abóbada, onde a alvenaria era quase vertical, as pedras ficariam no lugar por seu próprio peso; mais alto, porém, à medida que se inclinasse para o horizontal, havia necessidade de uma sustentação para mantê-las no lugar, enquanto a argamassa secava. O método óbvio era fazer o cimbrio, uma armação de madeira, também conhecida como cambota, ajeitando as pedras por cima.

Era um desafio e tanto para um carpinteiro, pois as curvas tinham de ser exatas. Thomas conhecia a competência de Merthin. Afinal, supervisionara o trabalho de Merthin e Elfric na catedral, ao longo de vários anos. De qualquer forma, era falta de tato de Thomas dirigir-se ao aprendiz em vez do mestre. Elfric reagiu no mesmo instante:

- Sob a minha supervisão, é claro que ele pode fazer.

- Posso fazer o cimbrio - respondeu Merthin, já pensando na maneira como a armação seria sustentada por andaimes, na plataforma em que os pedreiros trabalhariam. - Mas essas abóbadas não foram construídas com címbrios.

- Não diga bobagem, menino - resmungou Elfric. - Claro que foram. Você não sabe nada sobre isso.

Merthin sabia que era uma insensatez discutir com seu mestre. Por outro lado, dentro de seis meses estaria competindo com Elfric por trabalho e precisava que pessoas como o irmão Godwyn acreditassem em sua competência. Além disso, sentiu-se espicaçado pelo desdém na voz de Elfric, e teve um desejo irresistível de provar que seu mestre estava enganado.

- Reparem no extradorso - disse ele, indignado. - Depois de terminarem uma baia, era de esperar que os pedreiros usassem a mesma armação na seguinte. Neste caso, todas as abóbadas teriam a mesma curva. Mas, na verdade, são todas diferentes.

- É óbvio que não tornaram a usar as armações - declarou Elfric, irritado.

- Por que não faziam isso? - insistiu Merthin. - Deviam querer poupar madeira, para não falar dos salários de carpinteiros competentes.

- Não é possível construir abóbadas sem uma armação de madeira.

- É, sim. Há um método...

- Já chega! - exclamou Elfric. - Você está aqui para aprender, não para ensinar. Godwyn interveio:

- Só um momento, Elfric. Se o garoto estiver certo, poderemos poupar muito dinheiro para o priorado. - Ele olhou para Merthin. - O que você da dizer?

Merthin quase desejou não ter levantado o assunto. Teria de pagar caro mais tarde. Mas já estava comprometido. Se recuasse, todos pensariam que não sabia do que falava.

- Está descrito num livro na biblioteca do mosteiro, e é muito simples. A medida que cada pedra é assentada, passa-se uma corda em torno. Uma ponta da corda é amarrada na parede e se prende um peso de madeira na outra ponta. A corda forma um ângulo reto na beira da pedra, impedindo-a de se soltar da camada de argamassa e cair no chão.

Houve um momento de silêncio, enquanto todos se concentravam, tentando visualizar a disposição. Depois, Thomas acenou com a cabeça e comentou:

- Pode dar certo.

Elfric ficou furioso. Godwyn estava intrigado.

- Que livro é esse?

- Chama-se Livro de Timothy.

- Conheço o livro, mas nunca o estudei. É evidente agora que deveria tê-lo estudado. - Godwyn olhou para os outros. - Já vimos o suficiente?

Elfric e Thomas acenaram com a cabeça. Enquanto desciam, Elfric murmurou para Merthin:

- Compreende que acaba de abrir mão de várias semanas de trabalho? Aposto que não faria isso se fosse seu próprio mestre.

Merthin não pensara a respeito. Elfric tinha razão: ao provar que o cimbrio era desnecessário, ele ficara sem o trabalho. Mas havia alguma coisa errada na maneira de pensar de Elfric. Era injusto permitir que alguém gastasse dinheiro desnecessariamente, só para ter um trabalho. Merthin não queria ganhar a vida enganando as pessoas.

Desceram a escada em espiral para o coro. Elfric disse a Godwyn:

- Virei procurá-lo amanhã com um preço para o trabalho.

- Combinado.

Elfric virou-se para Merthin.

- Fique aqui e conte as pedras numa abóbada da nave lateral. Leve-me a resposta em casa.

- Está bem.

Elfric e Godwyn se retiraram, mas Thomas ficou.

- Eu o meti numa encrenca.

- Tentava me ajudar.

O monge deu de ombros e fez um gesto de o-que-se-pode-fazer, com o braço direito. O braço esquerdo fora amputado na altura do cotovelo dez anos antes, depois da infecção no ferimento sofrido no combate que Merthin testemunhara.

Merthin quase não pensara mais naquela estranha cena na floresta acostumara-se a Thomas com o hábito de monge -, mas recordou-a agora: os homens de armas, as crianças escondidas na moita, o arco e a flecha, a carta enterrada. Thomas sempre o tratava com toda gentileza, e Merthin achava que era pelo que acontecera naquele dia.

- Nunca contei a ninguém sobre a carta - murmurou ele.

- Sei disso. Se tivesse contado, estaria morto.

A maioria das grandes cidades era dirigida por uma guilda de mercadores, uma organização dos cidadãos mais eminentes. Sob a guilda dos mercadores, havia numerosas guildas de artesãos, cada uma dedicada a um ofício específico: pedreiros, carpinteiros, curtidores de couro, tecelões, alfaiates. Havia ainda as guildas paroquiais, pequenos grupos centrados

em torno de igrejas locais, formados para levantar dinheiro para vestes sacerdotais e ornamentos sagrados, além de ajuda a viúvas e órfãos.

As cidades de catedrais eram diferentes. Kingsbridge, como St. Albans e Bury St. Edmunds, era regida pelo mosteiro, que possuía quase todas as terras dentro e ao redor da cidade. Os priores sempre haviam recusado permissão para uma guilda de mercadores. Contudo, os artesãos e mercadores mais importantes pertenciam à guilda paroquial de St. Adolphus. Não restava a menor dúvida de que começara, no passado distante, como um grupo devoto que angariava dinheiro para a catedral. Agora, era a organização mais importante da cidade. Determinava regras para a condução de negócios, e elegia um chefe e seis auxiliares para impor o cumprimento. No salão da guilda eram mantidas as medidas que padronizavam o peso de um saco de lã, a extensão de uma peça de pano e o volume de um bushel, para todas as transações em Kingsbridge. Mas os mercadores não podiam formar tribunais e dispensar justiça, como acontecia nas outras cidades, pois o priorado de Kingsbridge se reservava esses poderes.

Na tarde do domingo de Pentecostes, a guilda paroquial ofereceu um banquete para os compradores visitantes mais importantes. Edmund Wooler era o chefe, e Caris o acompanhou como a anfitriã. Assim, Merthin tinha de se divertir sem ela.

Por sorte, Elfric e Alice também foram ao banquete. Ele sentou sozinho na cozinha, escutando a chuva e pensando. Não fazia frio, mas fora aceso um pequeno fogo para cozinhar, e o brilho vermelho era animador.

Ele podia ouvir a filha de Elfric, Griselda, lá em cima. Era uma boa casa, embora menor que a de Edmund. Havia apenas uma sala e a cozinha lá embaixo. A escada levava a um patamar aberto, onde Griselda dormia, e a um quarto fechado, para o mestre e sua esposa. Merthin dormia na cozinha.

Houvera uma ocasião, há três ou quatro anos, em que Merthin era atormentado à noite por fantasias de subir a escada e se meter por baixo das cobertas, ao lado do corpo quente e roliço de Griselda. Mas ela se considerava superior a ele, tratando-o como a um servo. Nunca lhe dera o menor encorajamento.

Sentado num banco, Merthin olhava para o fogo e visualizava o andaime de madeira que construiria para os pedreiros que reconstituíam a abóbada desmoronada na catedral. A madeira era cara e os troncos

compridos eram raros... os donos das florestas costumavam ceder à tentação de vender a madeira antes do pleno desenvolvimento da árvore. Por isso, os construtores tentavam reduzir a quantidade de madeira usada em andaime. Em vez de construírem do nível do chão, poupavam madeira ao suspenderem-no das paredes existentes.

Enquanto ele pensava, Gnselda entrou na cozinha e foi se servir de uma caneca de cerveja do barril.

- Quer também? - perguntou ela.

Merthin aceitou, surpreso com a cortesia. Ela tornou a surpreendê-lo ao sentar num banco na sua frente para beber.

O namorado de Gnselda, Thurstan, desaparecera havia três semanas. Sem dúvida, ela sentia-se agora solitária, e era por isso que procurava a companhia de Merthin. A bebida esquentou seu estômago e relaxou-o. Em busca de alguma coisa para dizer, ele perguntou:

- O que aconteceu com Thurstan?

Ela sacudiu a cabeça, como uma égua arisca.

Eu disse que não queria casar com ele.

- Por que não?

- Ele é jovem demais para mim.

Isso não pareceu certo a Merthin. Thurstan tinha dezessete anos e Griselda, vinte... e Griselda não era muito madura. Era mais provável, pensou Merthin, que Griselda o considerasse de uma classe inferior. Thurstan chegara a Kingsbridge dois ou três anos antes, sem que ninguém soubesse de onde vinha. Trabalhara como ajudante não-especializado para vários artesãos da cidade. Era de se imaginar que tivesse se sentido entediado, de Griselda e Kingsbridge, e decidira ir embora.

- Para onde ele foi?

- Não sei e não me importo. Devo casar com alguém da minha idade, alguém com um senso de responsabilidade... talvez um homem que possa um dia assumir o negócio de meu pai.

Ocorreu a Merthin que Griselda podia estar se referindo a ele. Não, não era possível, pois ela sempre o menosprezara. Griselda levantou-se e veio sentar no banco ao seu lado.

- Meu pai é rancoroso com você. Sempre achei isso. Merthin ficou atônito.

- Levou um bocado de tempo para dizer. Estou morando aqui há seis anos e meio.

- É difícil para mim ficar contra minha família.

- Mas por que ele é tão infame comigo?

- Porque você sabe as coisas melhor do que ele e não consegue esconder. Talvez eu saiba mesmo.

- Entende o que eu quis dizer?

Merthin riu. Era a primeira vez que ela o fazia rir.

Griselda chegou mais perto, de tal forma que sua coxa, coberta pelo vestido de lã, encostou nele. Merthin usava sua velha camisa de linho, que descia até o meio das coxas, com o calção que todos os homens vestiam por baixo. Podia sentir o calor do corpo de Griselda através das roupas. O que provocava isso? Ele fitou-a, incrédulo. Griselda tinha cabelos escuros lustrosos e olhos castanhos. O rosto era atraente, mas meio carnudo. E tinha uma boca bonita para ser beijada.

- Gosto de ficar dentro de casa num dia de chuva - murmurou ela. - É aconchegante.

Merthin sentia-se cada vez mais excitado. Desviou os olhos. O que Caris pensaria, especulou ele, se entrasse ali naquele momento? Ele tentou reprimir o desejo, mas isso só serviu para torná-lo pior.

Tornou a olhar para Griselda. Ela tinha os lábios úmidos e entreabertos. Inclinou-se para ele. Merthin beijou-a. No mesmo instante, ela enfiou a língua em sua boca. Foi uma intimidade súbita e chocante, que o deixou ainda mais excitado. Ele reagiu da mesma maneira. Não era como beijar Caris...

O pensamento o deteve. Ele se desvencilhou de Griselda e levantou-se.

- Qual é o problema?

Merthin não queria dizer a verdade e por isso comentou:

- Você sempre deu a impressão de que não gostava de mim. Ela se mostrou irritada.

- Já disse que tinha de ficar do lado de minha família.

- Mudou de repente.

Griselda levantou-se e avançou. Merthin recuou até encostar na parede. Ela pegou sua mão e comprimiu-a contra o busto. Os seios eram redondos e cheios, e ele não pôde resistir à tentação de acariciá-los.

-Já fez isso antes... a coisa de verdade... com uma mulher?

Merthin descobriu que não era capaz de falar, mas acenou com a cabeça.

- Já pensou em fazer comigo?

-Já

- Pode fazer agora, se quiser, enquanto todo mundo está fora. Podemos subir e deitar na minha cama.

-Não.

Griselda comprimiu o corpo contra o dele.

- Beijá-lo me deixou toda quente e molhada por dentro.

Ele afastou-a. O empurrão foi mais brusco do que tencionava. Griselda cambaleou para trás e caiu, sobre o traseiro bem fornido.

- Deixe-me em paz! - gritou Merthin.

Ele não tinha certeza se era isso mesmo que queria, mas Griselda aceitou sua palavra.

- Pois então vá para o inferno!

Ela levantou-se e subiu, batendo os pés. Merthin continuou onde estava, ofegante. Agora que a rejeitara, já se arrependia.

Os aprendizes não eram atraentes para as jovens, que não queriam esperar anos pelo casamento. Mesmo assim, Merthin cortejara várias garotas de Kingsbridge. Uma delas, Kate Brown, gostara dele o suficiente para deixá-lo ir até o fim, numa tarde quente de verão, um ano antes, no pomar de seu pai. Depois, o pai morrera de repente, e a mãe levara a família para viver em Portsmouth. Fora a única ocasião em que Merthin tivera uma relação com uma mulher. Era louco por rejeitar a oferta de Griselda?

Ele disse a si mesmo que tivera sorte ao escapar. Griselda era mesquinha e não gostava dele. Deveria se orgulhar de ter resistido à tentação. Não seguira o instinto, como um animal estúpido; tomara uma decisão, como um homem.

E foi nesse instante que Griselda começou a chorar.

O choro não era alto, mas dava para ouvir. Ele foi até a porta dos fundos. Como todas as casas na cidade, a de Elfric tinha uma faixa de terra atrás, comprida e estreita, com uma latrina e um depósito de lixo. Em quase todas as casas havia galinhas e um porco, uma horta e árvores frutíferas. Mas o terreno de Elfric era usado para guardar pilhas de madeira e de pedras, rolos de corda, baldes, carrinhos-de-mão e escadas. Merthin ficou olhando para a chuva caindo no quintal, mas mesmo assim os soluços de Griselda ainda alcançavam seus ouvidos.

Ele decidiu sair da casa. Foi até a frente, mas não pôde imaginar para onde iria. Só encontraria Petranilla na casa de Caris, e tinha certeza de que ela não gostaria de recebê-lo.

Pensou em ir até à casa dos pais, mas eram as últimas pessoas que gostaria de ver naquele estado. Poderia conversar com o irmão, mas Ralph só voltaria a Kingsbridge mais para o final da semana. Além do mais, ele compreendeu, não poderia sair de casa sem um casaco... não por causa da chuva, pois não se importava de ficar molhado, mas porque o volume na frente das roupas não diminuiria.

Tentou pensar em Caris. Imaginou que ela estaria tomando vinho, comendo rosbife e pão de trigo. E imaginou o que ela estaria vestindo. Ficava muito bem num vestido rosa, com um decote quadrado, que deixava à mostra a pele alva do pescoço esguio. Mas o choro de Griselda insistia em se intrometer em seus pensamentos. Queria confortá-la, dizer que lamentava fazer com que ela se sentisse rejeitada, explicar que ela era uma mulher atraente, mas não eram certos um para o outro.

Merthin sentou, mas logo tornou a se levantar. Era difícil escutar impassível o choro de uma mulher angustiada. Não podia pensar em andaimas com aquele som espalhando-se pela casa. Não podia ficar, não podia sair, não podia sentar quieto.

Ele subiu.

Griselda estava deitada de barriga para baixo no colchão de palha que era sua cama. O vestido subira pelas coxas grossas. A pele na parte de trás das pernas era muito branca e parecia macia.

- Desculpe - murmurou Merthin.

- Vá embora.

- Não chore.

- Eu odeio você.

Ele ajoelhou-se e acariciou as costas de Griselda.

- Não posso ficar sentado na cozinha ouvindo seu choro. Ela virou-se e fitou-o, o rosto molhado de lágrimas.

- Sou feia, gorda e você me detesta.

- Não, não detesto você.

Merthin removeu as lágrimas das faces dela com o dorso da mão. Griselda segurou-o pelo pulso e puxou-o.

- Não mesmo? Jura?

- Não. Mas...

Ela estendeu a mão para trás da cabeça de Merthin, puxou-o e beijou-o. Ele gemeu, mais excitado do que nunca. Deitou no colchão, ao lado de

Griselda. Vou deixá-la daqui a pouco, disse a si mesmo. Só a confortarei por mais um momento, depois vou me levantar e descer.

Griselda pegou a mão dele, levantou a saia, e comprimiu-a entre suas pernas. Merthin sentiu os pelos duros, a pele macia por baixo, a divisória úmida... e compreendeu que estava perdido. Acariciou-a rudemente, até enfiou o dedo. Sentiu que estava prestes a explodir e balbuciou:

- Não posso parar.

- Depressa!

Ela levantou a camisa e baixou o calção de Merthin. Ele montou-a. Sentiu que perdia o controle quando ela o guiou para dentro. O remorso atingiu-o antes de acabar.

- Oh, não...

A explosão começou com a primeira arremetida e acabou num instante. Ele arriou em cima de Griselda, os olhos fechados.

- Oh, Deus, eu gostaria de estar morto...

7

Buonaventura Caroli fez seu anúncio surpreendente à primeira refeição da segunda-feira, o dia seguinte ao grande banquete no salão da guilda.

Caris sentia-se um pouco indisposta ao sentar à mesa de carvalho na sala da casa do pai. Estava com dor de cabeça e um pouco de náusea. Comeu um prato pequeno de pão e bebeu leite quente para aquietar o estômago. Ao recordar que apreciara o vinho no banquete, ela especulou se não teria bebido demais. Seria aquela a sensação na manhã seguinte sobre a qual homens e rapazes gracejavam quando se gabavam da quantidade de bebida forte que podiam tomar?

O pai e Buonaventura comiam carneiro, enquanto tia Petranilla contava uma história:

- Quando eu tinha quinze anos, fiquei noiva de um sobrinho do conde de Shiring. Todos consideraram que era uma boa união: o pai dele era um cavaleiro de nível intermediário, e o meu era um rico mercador de lã. Até que o conde e seu único filho morreram, na Escócia, na batalha de Loudon Hill. Meu noivo, Roland, tornou-se o conde... e rompeu o noivado. Ele ainda é o conde. Se eu tivesse casado com Roland antes da batalha, seria agora a condessa de Shiring.

Ela mergulhou sua torrada na cerveja.

- Talvez não fosse a vontade de Deus. - Buonaventura jogou um osso para Scrap, que pulou em cima como se não comesse há uma semana. Depois virou-se para o pai. - Meu amigo, há uma coisa que preciso lhe dizer antes de começarmos os negócios do dia.

Caris sentiu, pelo tom de voz, que era uma má notícia; e o pai deve ter tido a mesma intuição, pois comentou:

- Isso parece sinistro.

- Nosso comércio vem encolhendo durante os últimos anos - continuou Buonaventura. - A cada ano, minha família vende um pouco menos de tecido, a cada ano compramos um pouco menos de lã da Inglaterra.

- Os negócios são sempre assim - disse Edmund. - Sobem, descem, ninguém sabe por quê.

- Mas agora seu rei resolveu interferir.

Era verdade. Edward III compreendera que havia muito dinheiro no negócio de lã e resolvera que uma parte maior deveria ir para a coroa.

Introduzira um novo imposto, de uma libra por saco de lã. Um saco era padronizado em 165 quilos, vendido por quatro libras; portanto, o novo imposto representava um quarto do valor da lã, uma fatia considerável. Buonaventura acrescentou:

- E o que é pior, ele tornou difícil a exportação da lã da Inglaterra. Tive de pagar enormes subornos.

- A proibição das exportações será suspensa em breve - garantiu Edmund. Os mercadores da Companhia da Lã em Londres estão negociando com as autoridades reais...

- Espero que você esteja certo. Mas, nas circunstâncias atuais, minha família acha que não preciso mais visitar duas feiras de lã separadas nesta parte do país.

- É isso mesmo! - exclamou Edmund. - Esqueça a cidade de Shiring e venha só para cá.

A cidade de Shiring ficava há dois dias de viagem de Kingsbridge. Era mais ou menos do mesmo tamanho; embora não tivesse uma catedral nem um priorado, contava com o castelo do xerife e alojava o tribunal do condado. Realizava uma vez por ano uma feira de lã rival.

- Infelizmente, não consigo as mesmas condições aqui. A Feira do Velocino de Kingsbridge parece estar declinando. Mais e mais vendedores preferem Shiring. A feira ali oferece uma variedade maior de tipos e qualidades.

Caris estava consternada. Aquilo podia ser desastroso para o pai. Ela interveio:

- Por que os vendedores preferem Shiring? Buonaventura deu de ombros.

- A guilda dos mercadores da cidade procura tornar a feira ali cada vez mais atraente. Não há uma fila comprida para passar pelo portão da cidade; os mercadores podem alugar barracas e estandes; e há um prédio onde todos podem negociar à vontade num dia de chuva.

- Podemos fazer tudo isso - declarou Caris. O pai soltou uma risada.

- Duvido muito.

- Por que não, papai?

- Shiring é um burgo independente, com uma carta real. A guilda dos mercadores tem o poder de organizar as coisas em benefício dos negociantes de lã. Kingsbridge pertence ao priorado...

Petranilla interveio:

- Para a glória de Deus.

- Sem dúvida - concordou Edmund. - Mas nossa guilda paroquial não pode fazer nada sem a aprovação do priorado... e os priores são cautelosos e conservadores. Meu irmão não é exceção. O resultado é que quase todos os planos de melhoria são rejeitados.

- Por causa da antiga associação de minha família com você, Edmund, e com seu pai antes, continuamos a vir a Kingsbridge - explicou Buonaventura. - Mas não podemos ser sentimentais em momentos difíceis.

- Pois então deixe-me pedir um pequeno favor, em nome dessa antiga associação. Não tome uma decisão final por enquanto. Mantenha a questão em aberto.

Era uma manobra hábil, pensou Caris. Estava impressionada - como acontecia com frequência - com a astúcia que o pai podia demonstrar numa negociação. Não argumentou para que Buonaventura revertisse a decisão, o que só serviria para deixá-lo ainda mais determinado. Era mais provável que o italiano concordasse em apenas não tomar a decisão final. Isso não representava nenhum compromisso, mas deixava a porta aberta.

E Buonaventura achou difícil recusar.

- Está bem. Mas com que finalidade?

- Quero a chance de melhorar a feira, especialmente a ponte - explicou Edmund. - Se pudermos oferecer melhores instalações em Kingsbridge do que em Shiring, e passarmos a atrair mais vendedores, vocês continuariam a nos visitar, não é mesmo?

- Claro.

- Então é isso o que temos de fazer. - Edmund levantou-se. - Irei conversar com meu irmão agora. Caris, venha comigo. Vamos lhe mostrar a fila na ponte. Ou melhor, Caris... vá chamar aquele seu jovem e competente construtor, Merthin. Precisaremos de seus conhecimentos.

- Ele deve estar trabalhando.

- Pois então diga ao mestre dele que o regedor da guilda paroquial exige a presença do rapaz - declarou Petranilla.

Ela sentia-se orgulhosa pelo fato de o irmão ser regedor da guilda, e fazia questão de mencioná-lo em todas as oportunidades. Além do mais, tinha toda razão. Elfric teria de liberar Merthin.

- Vou procurá-lo - disse Caris.

Ela vestiu o manto com capuz e saiu. Ainda chovia, embora não com a mesma intensidade do dia anterior. Elfric, como a maioria dos cidadãos proeminentes, vivia na rua principal, que começava na ponte e seguia até

os portões do priorado. Era uma rua larga, agora cheia de carroças e pessoas a caminho da feira, passando por enormes poças e pequenos regatos criados pela chuva.

Caris sentia-se ansiosa em ver Merthin, como sempre. Gostava dele desde aquele Dia de Todos os Santos, dez anos antes, quando Merthin aparecera na área de treino de arco-e-flecha com o arco que fabricara. Ele era inteligente e divertido. Como ela, sabia que o mundo era um lugar maior e mais fascinante do que a maioria dos cidadãos de Kingsbridge podia conceber. Mas seis meses antes haviam descoberto uma coisa que era ainda melhor do que serem amigos.

Ela já beijara meninos antes de Merthin, embora não com frequência: nunca achara que havia algum sentido. Com ele, no entanto, era diferente, excitante e sensual. Merthin tinha um jeito malicioso que tornava tudo atraente. Caris também gostava quando ele acariciava seu corpo. Queria fazer mais... e tentava não pensar a respeito. "Mais" significava casamento, e uma esposa tinha de ser subordinada ao marido, que seria seu amo... e Caris detestava essa perspectiva. Felizmente, não precisava pensar sobre isso por enquanto. Merthin não podia casar até terminar seu aprendizado, e ainda faltava meio ano.

Caris entrou na casa de Elfric. Sua irmã, Alice, sentava à mesa na sala, em companhia de Griselda, a enteada. Comiam pão com mel.

Alice mudara nos três anos desde que casara com Elfric. Sua natureza sempre fora agressiva, como a de Petranilla; sob a influência do marido, ela se tornara ainda mais desconfiada, ressentida e mesquinha. Mas, naquele momento, se mostrou bastante cordial.

- Sente-se, irmã. O pão é fresco esta manhã.

- Não posso. Estou procurando Merthin. Alice assumiu uma expressão desaprovadora. -Tão cedo?

- O pai quer falar com ele.

Caris atravessou a cozinha até a porta dos fundos e olhou para o pátio. A chuva caía sobre uma paisagem desoladora de material de construção. Um dos trabalhadores de Elfric punha pedras molhadas num carrinho-de-mão. Não havia sinal de Merthin. Ela voltou à sala.

- Deve encontrá-lo na catedral - informou Alice. - Ele está fazendo uma porta.

Caris recordou que Merthin falara a respeito. A porta no pórtico do norte apodrecera, e ele fora encarregado de fazer outra.

- E está esculpindo virgens - acrescentou Griselda, que sorriu e pôs mais pão com mel na boca.

Caris sabia disso também. A velha porta era decorada com esculturas que ilustravam a história que Jesus contara no Monte das Oliveiras, sobre as virgens sábias e as insensatas. Merthin tinha de copiá-las. Mas havia alguma coisa desagradável no sorriso de Griselda, pensou Caris; quase como se ela estivesse rindo de Caris por ser uma virgem.

- Tentarei a catedral.

Com um aceno brusco, ela saiu. Subiu pela rua principal e entrou no pátio da catedral. Enquanto se esgueirava entre os estandes, teve a impressão de que um certo desânimo pairava sobre a feira. Seria apenas sua imaginação, pelo que Buonaventura dissera? Ela achava que não. Ao recordar as Feiras do Velocino de sua infância, refletiu que eram mais movimentadas e mais concorridas. Naquele tempo, o recinto do priorado não era bastante grande para comportar toda a feira. Por isso, as ruas próximas eram atravancadas por estandes sem licença muitas vezes apenas uma mesa pequena com produtos diversos - além de ambulantes com bandejas, malabaristas, adivinhos, músicos, e frades itinerantes, chamando os pecadores para a redenção. Agora, parecia que sobrava lugar no pátio da igreja para mais alguns estandes.

- Buonaventura deve estar certo - murmurou ela para si mesma. - A feira está mesmo encolhendo.

Um mercador lançou-lhe um estranho olhar, e Caris compreendeu que expressara seu pensamento em voz alta. Era um péssimo hábito: as pessoas achavam que ela falava com os espíritos. Condiçãoara-se a não fazer isso, mas às vezes esquecia, em especial quando se sentia ansiosa.

Ela contornou a enorme catedral para o lado norte.

Merthin trabalhava no pórtico, uma área ampla em que as pessoas costumavam se reunir. A nova porta estava presa numa armação de madeira, para mantê-la imóvel, enquanto ele cuidava das esculturas. A porta antiga permanecia na arcada, toda rachada, se esfarelando.

Merthin estava de costas para ela, a luz passando por cima de seus ombros para incidir sobre a madeira à frente. Não a viu, e o barulho da chuva abafou os passos de Caris. Por isso, ela pôde estudá-lo por um momento sem ser notada.

Era um homem pequeno, não muito mais alto do que ela. Tinha uma cabeça grande e inteligente, sobre um corpo vigoroso. As mãos pequenas movimentavam-se com extrema habilidade pela escultura, arrancando lascas de madeira com uma faca afiada, enquanto ele moldava as imagens. A pele era branca e os cabelos vermelhos eram abundantes.

- Ele não é muito bonito - comentara Alice, com uma careta, quando Caris admitira que se apaixonara por Merthin.

Era verdade que Merthin não tinha a aparência vistosa do irmão Ralph, mas Caris achava que seu rosto era maravilhoso: irregular, exuberante, com um riso fácil, igual a seu espírito.

-Olá.

Merthin teve um sobressalto. Ela riu e comentou:

- Você não costuma se assustar com tanta facilidade.

- Confesso que levei um susto.

Ele hesitou por um instante, mas beijou-a em seguida. Parecia um pouco contrafeito, mas isso às vezes acontecia, quando estava concentrado em seu trabalho.

Caris olhou para as imagens na madeira. Eram cinco virgens em cada lado da porta, as sábias festejando no casamento, as insensatas lá fora, segurando lampiões virados ao contrário, para mostrar que não tinham mais óleo. Merthin copiara os desenhos da porta antiga, mas com mudanças sutis. As virgens estavam em filas, cinco num lado, cinco no outro, como as arcadas na catedral; mas na nova porta não eram exatamente iguais. Merthin dera a cada uma delas um sinal de individualidade. Uma era bonita, outra tinha cabelos crespos, outra chorava, outra fechava um olho numa piscadela maliciosa. Fizera com que fossem reais, e a cena na velha porta parecia agora, na comparação, fria e sem vida.

- É maravilhoso - murmurou Caris. - Mas eu me pergunto o que os monges pensarão.

- O irmão Thomas gosta.

- E o prior Anthony?

- Ele ainda não viu. Mas aceitará. Não vai querer pagar duas vezes.

Era verdade, pensou Caris. Seu tio Anthony não gostava de coisas novas, mas também era parcimonioso. A menção do prior lembrou-a de sua missão.

- Meu pai quer que você se encontre com ele e o prior na ponte.

- Ele disse por quê?

- Acho que vai pedir a Anthony para construir uma nova ponte. Merthin guardou as ferramentas num saco de couro. Varreu o chão, tirando do pórtico a serragem e lascas de madeira. Depois, ele e Caris atravessaram a feira, debaixo da chuva, e seguiram pela rua principal até a ponte de madeira. Caris relatou o que Buonaventura dissera à mesa naquela manhã. Merthin também achava, como ela, que as feiras recentes não eram tão movimentadas quanto as de sua infância.

Apesar disso, havia uma longa fila de pessoas e carroças esperando para entrar em Kingsbridge. Na extremidade próxima da ponte havia um monge numa guarita, recebendo uma taxa de um penny de cada mercador que queria entrar na cidade para vender seus produtos. A ponte era estreita, e por isso ninguém podia se esquivar da fila. Em consequência, pessoas que não precisavam pagar - principalmente os moradores da cidade - também tinham de entrar na fila. Além disso, algumas tábuas da ponte estavam tortas ou quebradas, o que obrigava as carroças a avançarem devagar. O resultado era que a fila estendia-se interminável pela estrada, passando além das choupanas fora dos limites da cidade e desaparecendo na chuva.

A ponte também era muito curta. Outrora, sem dúvida, os dois lados davam para terra seca. Mas o rio alargara ou a passagem de carroças e pessoas ao longo das décadas e séculos havia afundado as margens, de tal forma que as pessoas tinham de passar agora por uma faixa lamacenta, nos dois lados.

Caris percebeu que Merthin estudava a estrutura. Conhecia aquela expressão em seus olhos: ele pensava em como a ponte conseguia se manter de pé. Caris surpreendia-o com frequência a olhar para alguma coisa daquela maneira, em geral na catedral, mas às vezes também na frente de uma casa ou até mesmo alguma coisa natural, como um espinheiro em flor e um falcão pairando no ar. Merthin ficava imóvel, os olhos brilhantes e penetrantes, como se projetasse uma luz em algum lugar escuro, tentando entender tudo. Se Caris perguntava, ele respondia que tentava ver o interior das coisas.

Ela acompanhou seu olhar e tentou imaginar o que ele via na velha ponte. Tinha sessenta metros de um lado a outro, a ponte mais longa que ela já vira. Era sustentada por maciças pilastras de carvalho, em duas fileiras, como os pilares nos lados da nave da catedral. Havia cinco pares de pilastras. As que ficavam nas extremidades, onde a água era mais rasa,

eram menores, mas as três centrais se elevavam acima da água por cinco metros.

Cada pilastra consistia de quatro vigas de carvalho, mantidas juntas por braçadeiras de tábuas. A lenda dizia que o rei dera ao priorado de Kingsbridge os vinte e quatro melhores carvalhos da Inglaterra para a construção dos três pares de pilastras centrais. As partes de cima eram ligadas por vigas, em duas linhas paralelas. Vigas mais curtas cruzavam de uma linha para outra, para formar o leito da ponte; e tábuas longitudinais haviam sido estendidas por cima, como o leito da estrada. Em cada lado havia uma cerca de madeira, que servia como um frágil para-choque. De dois em dois anos, em média, um camponês embriagado passava com a carroça por essa grade, caindo no rio; o homem e o cavalo morriam.

- O que está vendo? - perguntou Caris.

- As rachaduras.

- Não vejo nenhuma.

- As madeiras nos lados da pilastra central estão rachando. Dá para ver onde Elfric reforçou-as com braçadeiras de ferro.

Agora que ele apontava, Caris podia perceber as faixas de metal pregadas através das rachaduras.

- Você parece preocupado.

- Não sei por que as madeiras racharam, em primeiro lugar.

- Isso tem alguma importância?

- Claro que tem.

Merthin não estava muito loquaz naquela manhã. Caris já ia perguntar o porquê quando ele anunciou:

- Lá vem seu pai.

Ela olhou pela rua. Os dois irmãos formavam uma estranha dupla. O alto Anthony levantava com todo cuidado a batina monacal e contornava cauteloso as poças, com uma expressão de desagrado no rosto pálido de quem passava a maior parte do tempo entre quatro paredes. Edmund, mais vigoroso, apesar de mais velho, tinha um rosto vermelho e uma barba grisalha, longa e desgrenhada. Andava descuidado, arrastando a perna murcha pela lama, falando com veemência e gesticulando a todo instante. Quando viu o pai, à distância, da maneira como um estranho poderia vê-lo, Caris sentiu um ímpeto de amor.

A discussão estava no auge quando alcançaram a ponte, e continuou sem qualquer pausa.

- Olhe só para essa fila! - exclamou Edmund. - Centenas de pessoas não estão negociando na feira porque ainda não conseguiram chegar! E pode ter certeza de que a metade encontrará um comprador ou vendedor enquanto espera, e fará seus negócios ali mesmo, depois voltará para casa, sem sequer entrar na cidade!

- Isso é sonegar o imposto e é contra a lei - declarou Anthony.

- Vá dizer às pessoas que estão na fila, se conseguir atravessar a ponte... mas não vai conseguir, porque é estreita demais! Se os italianos forem embora, a Feira do Velocino nunca mais será a mesma. Sua prosperidade e a minha dependem da feira... não podemos permitir que isso aconteça.

- Não podemos obrigar Buonaventura a fazer negócios aqui.

- Mas podemos tornar nossa feira mais atraente que a de Shiring. Precisamos anunciar um projeto grande e simbólico, agora, esta semana, alguma coisa para convencer todo mundo de que a Feira do Velocino não acabou. Temos de dizer que vamos derrubar essa velha ponte e construir uma nova, duas vezes mais larga.

- Sem qualquer aviso, ele virou-se para Merthin. - Quanto tempo levaria, rapaz?

Merthin ficou surpreso, mas respondeu:

- Encontrar as árvores certas seria a parte difícil. Precisamos de madeiras compridas e amadurecidas. Os pilares terão de ser fincados no fundo do rio... o que é sempre complicado, pois estaremos trabalhando na correnteza. Depois disso, é apenas carpintaria. Dá para terminar até o Natal.

- Não há certeza de que a família Caroli mudará de planos se construirmos uma nova ponte - protestou Anthony.

- Mudará - declarou Edmund, incisivo. - Eu garanto.

- Seja como for, não posso construir uma ponte. Não tenho o dinheiro.

- Também não pode deixar de construir a ponte. Vai se arruinar e destruir a cidade.

- É impossível. Nem mesmo sei onde arrumarei dinheiro para consertar a nave sul da catedral.

- Então o que pretende fazer?

- Confiar em Deus.

- Aqueles que confiam em Deus e plantam uma semente podem ter uma colheita abundante. Mas você não está plantando a semente.

Anthony ficou irritado.

- Sei que é difícil para você compreender, Edmund, mas o priorado de Kingsbridge não é um empreendimento comercial. Estamos aqui para cultuar Deus, não para ganhar dinheiro.

- Não poderá cultuar Deus por muito tempo se não tiver nada para comer.

- Deus provera.

O rosto vermelho de Edmund se incendiou de raiva, ao ponto de ficar meio purpura.

- Quando você era menino, o negócio de nosso pai o alimentou e vestiu, pagou sua educação. Desde que se tornou um monge, os cidadãos desta cidade e os camponeses das terras ao redor o mantêm, pagando seus arrendamentos, díizimos, taxas dos estandes no mercado, pedágio da ponte e uma dúzia de outros tributos diferentes. Durante toda a sua vida, você viveu como uma pulga nas costas das pessoas que trabalham. E agora tem a desfaçatez de dizer que Deus provê.

- Isso é perigosamente próximo da blasfêmia.

- Não se esqueça de que o conheço desde que nasceu, Anthony. Você sempre teve um talento para evitar o trabalho.

A voz de Edmund, que se elevava para um grito com bastante frequência, agora baixava... um sinal, Caris sabia, de que ele estava realmente furioso.

- Quando chegava o momento de esvaziar nossa latrina - continuou Edmund -, você da para a cama, pois precisava estar descansado para a escola no dia seguinte. O presente do pai para Deus, você sempre teve o melhor de tudo, e nunca levantou a mão para ganhar nada. Comida reforçada, o quarto mais quente, as melhores roupas... fui o único menino que usou as roupas descartadas de seu irmão mais jovem!

- E nunca me deixou esquecer isso.

Caris esperava por uma oportunidade de interromper a discussão, e interveio nesse instante:

- Deve haver uma maneira de contornar o problema.

Ambos fitaram-na, surpresos com a interrupção. Ela acrescentou:

- Por exemplo, os moradores da cidade não poderiam construir uma ponte?

- Não diga bobagem - protestou Anthony. - A cidade pertence ao priorado.

Um servo não assume o encargo de reformar a casa de seu amo.

- Mas, se sua permissão for solicitada, não teria razão para recusar. Anthony não contestou de imediato, o que era animador; mas Edmund sacudiu a cabeça.

- Não será possível convencer os cidadãos a entrar com o dinheiro. Seria do interesse de todos, a longo prazo, é claro; mas todos relutam em pensar a longo prazo quando são convidados a se separarem de seu dinheiro.

- Mas você espera que eu pense a longo prazo! - exclamou Anthony.

- Você lida com a vida eterna, não é? Entre todas as pessoas, deve ser capaz de ver além do fim da próxima semana. E cobra o pedágio de um penny de todo mundo que passa pela ponte.

80

Receberia seu dinheiro de volta e ainda se beneficiaria com o aumento dos negócios na cidade.

- Mas tio Anthony é um líder espiritual e acha que esse não é o seu papel interveio Caris.

- Mas ele possui a cidade! - protestou o pai. - É o único que pode fazer isso! Edmund lançou um olhar inquisitivo para a filha, ao compreender que ela devia ter uma razão para contestá-lo.

- Em que está pensando?

- Os moradores da cidade não poderiam construir uma ponte e ser pagos com o penny do pedágio?

Edmund abriu a boca para expressar uma objeção, mas nenhuma lhe ocorreu. Caris olhou para Anthony, que disse:

- Quando o priorado era novo, sua única receita vinha da ponte. Não posso abrir mão agora.

- Mas pense no que ganharia se a Feira do Velocino e o mercado semanal recuperassem seu tamanho antigo: não apenas o pedágio da ponte, mas também as taxas de locação dos estandes, a porcentagem que recebe de todas as transações na feira, e ainda por cima os donativos à catedral!

Edmund acrescentou:

- E os lucros de suas próprias vendas de lã, grãos, peles, livros, estátuas dos santos...

- Planejou tudo isso, não é? - Anthony apontou um dedo acusador para o irmão mais velho. - Instruiu sua filha e o rapaz sobre o que deveriam dizer. Ele nunca poderia conceber um projeto desse tipo, e ela é apenas uma mulher. Tem a sua marca. É tudo uma conspiração para me privar do pedágio da ponte. Pois fracassou. Louvado seja Deus, não sou tão estúpido assim!

Ele afastou-se, furioso, pisando na lama. Antes de se afastar também, Edmund ainda comentou:

- Não sei como meu pai pôde ter um filho com tão pouco bom-senso. Caris virou-se para Merthin.

- O que você acha de tudo isso?

- Não sei. - Ele virou o rosto, evitando os olhos de Caris. - É melhor eu voltar ao trabalho.

E Merthin partiu, sem beijá-la. Quando ele não podia ouvi-la, Caris indagou, em voz alta:

- O que será que deu nele?

8

O conde de Shiring foi a Kingsbridge na terça-feira da semana da Feira do Velocino. Levou os dois filhos, várias outras pessoas da família e um séquito de cavaleiros e pajens.

A ponte foi esvaziada por homens que vieram na frente, e ninguém teve permissão para atravessá-la por uma hora antes de sua chegada, para que ele não sofresse a indignidade de ter de esperar, como as pessoas comuns. Seus seguidores usavam librés em vermelho e preto, e entraram na cidade com estandartes erguidos, os cascos dos cavalos espirrando água da chuva e lama nos cidadãos. O conde Roland prosperara nos últimos dez anos - sob a rainha Isabella e, mais tarde, sob seu filho, Edward III - e queria que o mundo soubesse disso, como em geral acontecia com os homens ricos e poderosos.

Em sua companhia, estava Ralph, filho de Sir Gerald e irmão de Merthin. Na mesma ocasião em que Merthin se tornara aprendiz do pai de Elfric, Ralph ingressara como pajem no serviço do conde Roland. Era feliz desde então. Passara a ser bem alimentado e bem vestido, aprendera a cavalgar e lutar, ocupava a maior parte do tempo empenhado em caçadas e jogos. Em seis anos e meio, ninguém jamais lhe pedira para ler ou escrever uma única palavra. Enquanto cavalgava atrás do conde, através dos estandes apinhados da Feira do Velocino, observado por rostos ao mesmo tempo invejosos e assustados, ele se compadeceu dos mercadores e negociantes que tinham de disputar pennies na lama.

O conde desmontou na frente da casa do prior, no lado norte da catedral. Seu filho mais jovem, Richard, fez a mesma coisa. Richard era o bispo de Kingsbridge e a catedral, teoricamente, era sua igreja. Mas o palácio do bispo ficava em Shiring, a sede do condado, a dois dias de viagem. Isso convinha ao bispo, cujos deveres eram políticos, além de religiosos; e convinha aos monges, que preferiam não ter uma estreita supervisão.

Richard tinha apenas vinte e oito anos, mas seu pai era um grande aliado do rei, e isso contava mais do que a idade.

O resto do séquito seguiu para o lado sul da catedral. O filho mais velho do conde, William, lorde de Caster, mandou que os pajens levassem os cavalos para o estábulo, e foi se instalar no hospital, em companhia de meia dúzia de cavaleiros. Ralph apressou-se em ajudar a esposa de

William, lady Philippa, a desmontar. Era uma mulher alta e atraente, de pernas compridas e seios profundos. Ralph sentia um amor sem esperança por ela.

Depois que os cavalos estavam cuidados, Ralph foi visitar a mãe e o pai. Eles viviam numa casa pequena, de graça, no lado sudoeste da cidade, à beira do rio, numa área que era malcheirosa por causa do trabalho dos curtidores de couro. Ao se aproximar da casa, Ralph sentiu que murchava de vergonha, dentro de seu uniforme vermelho e preto. E também se sentiu grato porque lady Philippa não podia ver a indignidade da situação de seus pais.

Não os via há um ano, e achou que pareciam mais velhos. Havia muitos fios brancos nos cabelos da mãe, e o pai estava quase perdendo a vista. Serviram-lhe sidra feita pelos monges e morangos silvestres que a mãe colhera na floresta. O pai admirou sua libré.

- O conde já o promoveu a cavaleiro? - perguntou ele, ansioso.

A ambição de cada pajem era a de se tornar um cavaleiro, mas a ansiedade de Ralph era maior que a dos outros. O pai nunca superara a humilhação, dez anos antes, de ser degradado para a posição de pensionista do priorado. Uma flecha penetrara no coração de Ralph naquele dia. A angústia nunca seria atenuada até que ele restaurasse a honra da família.

Mas nem todos os pajens se tornavam cavaleiros. Mesmo assim, o pai sempre falava como se fosse apenas uma questão de tempo para Ralph.

- Ainda não - respondeu Ralph. - Mas é provável que haja em breve uma guerra contra a França, e terei uma oportunidade.

Ele falou em tom jovial, não querendo demonstrar como ansiava pela chance de se distinguir em batalha. A mãe não gostou.

- Por que os reis sempre querem a guerra?

O pai riu.

- Os homens são feitos para isso.

- Não são, não! - protestou a mãe, veemente. - Quando dei à luz Ralph, em dor e sofrimento, não queria que ele vivesse para ter a cabeça cortada pela espada de um francês ou o coração atingido pela flecha de uma besta.

O pai deu-lhe uma palmada de leve, um aviso para encerrar aquele tipo de conversa, e depois perguntou a Ralph:

- O que o faz dizer que haverá guerra?

- O rei Philip da França confiscou a Gasconha.

- Não podemos admitir isso.

Os reis ingleses governavam a província ocidental francesa da Gasconha havia gerações. Havia concedido privilégios comerciais aos mercadores de Bordeaux e Bayonne, que faziam mais negócios com Londres do que com Paris. Mas sempre havia problemas.

- O rei Edward enviou embaixadores a Flandres para fazer alianças.
- Aliados podem querer dinheiro.
- Foi por isso que o conde Roland veio a Kingsbridge O rei quer um empréstimo dos mercadores de lã.
- Quanto?
- Fala-se em duzentas mil libras, em todo o país, como um adiantamento sobre o imposto da lã.
- O rei deve tomar cuidado para não tributar os mercadores de lã até a morte
- comentou a mãe, desolada.
- Os mercadores têm muito dinheiro... basta olhar para suas boas roupas. Havia uma amargura evidente na voz do pai, e Ralph notou que ele usava uma surrada camisa de linho e sapatos velhos.
- De qualquer maneira, eles querem que tomemos providências para impedir que a marinha francesa continue a interferir com seu comércio - acrescentou o pai.

Ao longo do último ano, navios franceses haviam atacado cidades na costa sul da Inglaterra, saqueando os portos e incendiando os navios ancorados.

- Os franceses nos atacam, e por isso atacamos os franceses - disse a mãe. Qual é o sentido?
- As mulheres nunca compreenderão - resmungou o pai.
- É verdade - declarou a mãe, incisiva. Ralph mudou de assunto:
- Como está meu irmão?
- É um bom artesão.

O pai falava, pensou Ralph, como um vendedor de cavalos dizendo que um pônei pequeno era uma boa montaria para uma mulher.

- Ele está apaixonado pela filha de Edmund Wooler - informou a mãe.
- Caris? - Ralph sorriu. - Ele sempre gostou dela. Brincávamos juntos quando éramos crianças. Caris era mandona, mas Merthin parecia não se importar. Eles vão casar?
- Espero que sim - disse a mãe. - Quando ele terminar o aprendizado.
- Ele terá muito trabalho. - Ralph levantou-se. - Onde ele está neste momento?

- Trabalhando no pórtico norte da catedral - respondeu o pai. - Mas talvez tenha saído para comer.

- Vou procurá-lo.

Ralph beijou os pais e saiu. Voltou ao priorado e vagueou pela feira. A chuva cessara e o sol aparecia de vez em quando, entre as nuvens, brilhando nas poças e no vapor que subia das cobertas encharcadas dos estandes. Ele avistou um rosto familiar, e seu coração disparou: o nariz reto e o queixo forte de lady Philippa. Ela era mais velha do que Ralph, em torno dos vinte e cinco anos, pelos seus cálculos. Estava parada num estande, examinando peças de seda da Itália. Ralph admirou a maneira lasciva como o vestido leve de verão envolvia as curvas dos quadris. Fez uma reverência desnecessariamente elaborada.

Ela levantou os olhos e ofereceu um brusco aceno de cabeça.

- Lindos tecidos - murmurou ele, tentando puxar conversa.

- Sim.

Nesse momento, um homem pequeno, de cabelos cor de cenoura despenteados, aproximou-se: Merthin. Ralph ficou exultante ao vê-lo.

- Este é meu esperto irmão mais velho - disse ele a Philippa.

- Compre o verde-claro... combina com seus olhos - sugeriu Merthin a Philippa.

Ralph estremeceu. Merthin não deveria tê-la tratado com tanta familiaridade. Mas ela parecia não se importar muito. Disse apenas, com um ligeiro tom de censura:

- Quando eu quiser a opinião de um menino, perguntarei a meu filho. Ao mesmo tempo, ela ofereceu um sorriso que era quase galante.

- Esta é lady Philippa, seu tolo! - interveio Ralph. - Peço desculpas pela ousadia de meu irmão, milady.

- Como ele se chama?

- Merthin Fitzgerald, a seu dispor sempre que tiver alguma hesitação sobre sedas.

Ralph pegou o braço do irmão e afastou-o, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa inconveniente.

- Não sei como você pode fazer isso! - O tom de Ralph misturava exasperação e admiração. - Combina com os olhos dela, não é? Se eu dissesse alguma coisa, ela mandaria me açoitar.

Ele exagerava, é claro, mas também era verdade que Philippa costumava reagir com rispidez a qualquer insolência. Ralph não sabia se devia achar

divertido ou sentir raiva por ela ter sido indulgente com Merthin.

- Sou assim - murmurou Merthin. - O sonho de todas as mulheres. Ralph percebeu alguma amargura na voz do irmão.

- Tem algum problema? Como está Caris?

- Cometi uma estupidez - disse Merthin. - Contarei tudo mais tarde. Mas agora vamos dar uma volta, enquanto faz sol.

Ralph notou um estande em que um monge de cabelos louros quase grisalhos vendia queijo. Disse para Merthin:

- Fique observando.

Ele se aproximou do estande e disse:

- Parece saboroso, irmão... de onde vem?

- Fabricamos em St.-John-in-the-Forest. É uma pequena célula do priorado de Kingsbridge. Sou o prior ali... meu nome é Saul Whitehead.

- Sinto fome só de olhar. Bem que gostaria de comprar um pedaço... mas o conde mantém os pajens sem dinheiro.

O monge cortou uma fatia da roda de queijo e deu para Ralph.

- Pode levar um pedaço de graça, em nome de Jesus.

- Obrigado, irmão Saul.

Enquanto se afastavam, Ralph sorriu para Merthin e comentou:

Viu só? É tão fácil quanto tirar uma maçã de uma criança.

- E igualmente admirável.

- Mas ele é um tolo por dar um pedaço de queijo a qualquer um que conte uma história triste.

- É bem provável que ele pense que é melhor correr o risco de ser feito de tolo do que negar comida a um homem faminto.

- Você está um pouco amargo hoje. Por que acha que pode ser atrevido com uma mulher da nobreza, enquanto eu não posso convencer um monge estúpido a me dar um pedaço de queijo de graça?

Merthin surpreendeu-o com um sorriso.

- Como acontecia quando éramos pequenos, não é?

- Exatamente!

Agora, Ralph não sabia se devia achar graça ou ficar furioso. Antes que pudesse tomar uma decisão, uma linda garota abordou-o, com ovos numa bandeja. Era esguia, um busto pequeno sob um vestido caseiro. Ralph imaginou que os seios eram pálidos e redondos como os ovos. Sorriu para a garota.

Quanto? - perguntou ele, embora não precisasse de ovos.

- Um penny por doze.

- São bons?

Ela apontou para um estande próximo.

- São daquelas galinhas.

- E as galinhas foram bem servidas por um galo saudável?

Ralph viu que Merthin revirava os olhos, num desespero zombeteiro, pela insinuação. A garota, no entanto, resolveu entrar na brincadeira. Sorriu e disse:

- Sim, senhor.

- Galinhas de sorte, hem?

- Não sei.

- Claro que não. Uma donzela pouco entende dessas coisas.

Ralph examinou-a. Ela era loura, de nariz arrebitado. Devia ter dezoito anos, ele calculou. A garota pestanejou e murmurou:

- Não me olhe assim, por favor.

Um camponês - sem dúvida o pai da garota - chamou do estande:

- Annet! Venha para cá!

- Então seu nome é Annet - murmurou Ralph. Ela ignorou o chamado.

- Quem é seu pai? - perguntou Ralph.

- Perkin de Wigleigh.

- É mesmo? Meu amigo Stephen é senhor de Wigleigh. Stephen é bom para você?

- Lord Stephen é justo e misericordioso. O pai chamou de novo:

- Annet! Você é necessária aqui!

Ralph sabia por que Perkin tentava afastá-la. Não se importaria se um pajem quisesse casar com sua filha: seria um degrau acima na escada social para ela. Mas receava que Ralph quisesse apenas se divertir com ela e depois descartá-la. E ele tinha toda razão.

- Não vá, Annet Wigleigh - pediu Ralph.

- Não pretendo ir até você comprar o que estou oferecendo. Ao lado deles, Merthin murmurou:

- Não sei qual dos dois é pior.

- Por que não larga seus ovos e vem comigo? - propôs Ralph. - Podemos dar um passeio pela beira do rio.

Entre o rio e o muro do terreno do priorado havia uma margem larga, coberta naquela época do ano por arbustos enormes e flores silvestres, um

tradicional ponto de encontro de namorados. Mas Annet não era tão fácil quanto parecia.

- Meu pai não gostaria.

- Não vamos nos preocupar com ele.

Não havia muita coisa que um camponês pudesse fazer para se opor à vontade de um pajem, ainda mais quando o pajem usava a libré de um grande conde. Era um insulto ao conde tentar agredir um de seus servidores. O camponês podia tentar dissuadir a filha, mas seria perigoso para ele tentar contê-la à força.

Mas outra pessoa surgiu em ajuda de Perkin. Uma voz juvenil interveio:

- Olá, Annet. Está tudo bem?

Ralph virou-se para o recém-chegado. Ele parecia ter dezesseis anos, mas era quase tão alto quanto Ralph, os ombros largos, as mãos enormes. Era muito bonito, com feições regulares que podiam ter sido talhadas por um escultor da catedral. Tinha abundantes cabelos louros castanhos, com um princípio de barba da mesma cor.

- Quem é você? - perguntou Ralph.

- Sou Wulfric de Wigleigh, senhor. - Wulfric era deferente, mas não demonstrava medo. Olhou para Annet. - Vim ajudá-la a vender alguns ovos.

O ombro musculoso do rapaz interpôs-se entre Ralph e Annet, sua postura protegendo a garota, ao mesmo tempo em que excluía Ralph. A atitude era um pouco insolente, e Ralph sentiu um ímpeto de raiva.

- Saia da frente, Wulfric de Wigleigh. Você não é desejado aqui. Wulfric virou-se de novo e fitou-o com uma expressão serena.

- Estou noivo desta mulher, senhor.

Mais uma vez, o tom era respeitoso, mas a atitude, sem medo. Perkin interveio:

- É verdade, senhor... eles vão casar.

- Não me fale sobre seus costumes camponeses - disse Ralph, desdenhoso. Não me importo se ela é casada com esse idiota.

Irritava-o ouvir inferiores lhe falando daquela maneira. Não tinham o direito de lhe dizer o que fazer. Merthin se intrometeu:

- Vamos embora, Ralph. Estou com fome, e Betty Baxter está vendendo tortas quentes.

- Tortas? Estou mais interessado em ovos.

Ele pegou um dos ovos na bandeja e acariciou-o de uma maneira sugestiva. Largou-o em seguida e estendeu a mão para o seio esquerdo de Annet. Era firme sob as pontas de seus dedos, com o formato de um ovo.

- O que pensa que está fazendo?

Ela parecia indignada, mas não se afastou. Ralph apertou, gentilmente, apreciando a sensação.

- Examinando as mercadorias em oferta.

- Tire as mãos de mim.

- Num instante.

Foi nesse momento que Wulfric deu-lhe um violento empurrão.

Ralph foi tomado de surpresa. Não esperava ser atacado por um camponês. Cambaleou para trás, tropeçou e caiu. Ouviu alguém rir, e o espanto deu lugar à humilhação. Levantou-se, furioso.

Não estava usando a espada, mas tinha uma adaga comprida no cinto. Mas seria indigno usar armas contra um camponês desarmado: ele poderia perder o respeito dos cavaleiros do conde e dos outros pajens. Teria de punir Wulfric com os punhos. Perkin saiu de seu estande, falando depressa:

- Um erro lamentável, senhor. Não foi intencional. O rapaz está profundamente arrependido. Posso lhe garantir...

A filha, no entanto, não exibia qualquer sinal de medo.

- Rapazes, rapazes! - exclamou ela, num tom de censura zombeteira, parecendo mais satisfeita do que qualquer outra coisa.

Ralph ignorou os dois. Deu um passo para cima de Wulfric e ergueu o punho direito. E quando Wulfric levantou os braços para se defender do golpe, Ralph acertou o punho esquerdo em sua barriga.

Não era tão mole quanto ele esperava. Mesmo assim, Wulfric dobrou-se para a frente, o rosto contorcido em agonia, levando as mãos à barriga; e Ralph aproveitou para golpeá-lo no rosto com o punho direito, acertando no alto do malar. O soco doeu em sua mão, mas trouxe alegria para a alma.

Para seu espanto, porém, Wulfric atingiu-o em resposta.

Em vez de desabar no chão e ficar estendido, à espera de ser chutado, o camponês reagiu com um golpe do punho direito, que tinha por trás toda a força do ombro. O nariz de Ralph pareceu explodir em sangue e dor. Ele rugiu de raiva.

Wulfric recuou, parecendo compreender a coisa terrível que acabara de fazer. Baixou os braços, as palmas estendidas para cima.

Mas era tarde demais para se arrepender. Ralph atingiu-o com os dois punhos, no rosto e no corpo, uma tempestade de socos de que Wulfric tentou se esquivar, mantendo os braços erguidos e baixando a cabeça. Enquanto batia, Ralph especulou vagamente por que o rapaz não fugia. Adivinhou que ele esperava receber toda a sua punição agora, em vez de enfrentar um destino pior mais tarde. Ele tinha coragem, compreendeu Ralph; mas isso o deixou ainda mais furioso. Acertou-o com toda força, várias vezes, dominado por uma emoção que era ao mesmo tempo de raiva e êxtase. Merthin tentou interferir.

- Pelo amor de Cristo, já chega!

Ele pôs a mão no ombro do irmão, mas Ralph desvencilhou-se com um movimento brusco.

Finalmente as mãos de Wulfric caíram para os lados e ele cambaleou, atordoado, o rosto bonito coberto de sangue, os olhos fechando; um momento depois, ele arriou no chão. Ralph começou a chutá-lo. Foi nesse instante que um homem corpulento, de calça de couro, apareceu e falou, com uma voz de autoridade:

- Já chega, jovem Ralph. Não assassine o rapaz.

Ralph reconheceu John, o constable da cidade, e gritou, indignado:

- Ele me atacou!

- Não está mais atacando, não é, senhor? Nem poderia, estendido no chão, com os olhos fechados. - John postou-se na frente de Ralph. - Prefiro cuidar do caso sem o inquérito do juiz.

As pessoas se agrupavam em torno de Wulfric: Perkin; Annet, que parecia corada de excitação; lady Philippa; e vários espectadores.

Ralph perdeu o sentimento de êxtase. Sentia o nariz doer muito. Só conseguia respirar pela boca. E sentia o gosto de sangue.

- Esse animal acertou meu nariz.

Ele falava como um homem com uma forte gripe.

- Será punido pelo que fez - declarou John.

Dois homens que se pareciam com Wulfric apareceram: o pai e o irmão mais velho, calculou Ralph. Ajudaram Wulfric a levantar, lançando olhares furiosos para Ralph. Perkin, um homem gordo, com um rosto astuto, disse:

- O pajem deu o primeiro soco.

- O camponês me empurrou deliberadamente! - gritou Ralph.
- O pajem insultou a futura esposa de Wulfric.
- Não importa o que o pajem possa ter dito; Wulfric deveria saber que não pode pôr as mãos num servidor do conde Roland - declarou John. - O conde vai esperar que ele seja severamente punido.

O pai de Wulfric indagou:

- Há uma nova lei, John Constable, dizendo que um homem de libré pode fazer o que bem quiser?

Houve murmúrios de assentimento da pequena multidão agora reunida. Os jovens pajens causavam muitos problemas, e com frequência escapavam à punição por usarem as cores de algum barão; e isso causava um crescente ressentimento entre mercadores e camponeses. Lady Philippa interveio nesse momento:

- Sou a nora do conde e assisti a tudo.

Sua voz era baixa e melodiosa, mas tinha a autoridade de alguém em sua posição. Ralph esperava que ela tomasse seu lado, mas ficou consternado quando a ouviu acrescentar:

- Lamento dizer que a culpa foi toda de Ralph. Ele acariciou a moça de uma maneira insultuosa.
- Obrigado, milady - disse John Constable, deferente. Ele baixou a voz para conferenciar com ela. - Mas acho que o conde pode não querer que o camponês fique sem punição.

Lady Philippa acenou com a cabeça, pensativa.

- Não queremos que isso seja o início de uma prolongada disputa. Ponha o rapaz no tronco por vinte e quatro horas. Não vai lhe fazer nenhum mal na sua idade, mas todos saberão que a justiça foi feita. Isso será o suficiente para o conde... respondo por ele.

John hesitou. Ralph percebeu que o constable não gostava de receber ordens de ninguém, a não ser de seu empregador, o prior de Kingsbridge. Mas a decisão de Philippa poderia satisfazer a todas as partes. O próprio Ralph gostaria de ver Wulfric açoitado, mas começava a desconfiar de que não sairia daquela história como um herói, e pareceria ainda pior se exigisse uma punição rigorosa. Depois de um momento, John disse:

- Está bem, lady Philippa, se estiver disposta a assumir a responsabilidade.
- Claro que assumo.
- Então está resolvido.

John pegou Wulfric pelo braço e levou-o. O rapaz se recuperara depressa e podia andar normalmente. Talvez lhe dessem de comer e beber enquanto estivesse no tronco, e providenciassem para que não fosse agredido.

- Como se sente? - perguntou Merthin ao irmão.

Ralph tinha a sensação de que metade do rosto inchava como uma bexiga inflada. A voz era fanhosa e ele sentia bastante dor.

- Estou bem. Nunca me senti melhor.

- Vamos procurar um monge para cuidar de seu nariz.

- Não. - Ralph não tinha medo de lutar, mas detestava o que os médicos faziam: sangrias, ventosas, lancetar furúnculos. - Só preciso de uma garrafa de vinho forte. Leve-me para a taverna mais próxima.

- Está bem.

Mas Merthin não se mexeu. Fitava o irmão com uma expressão estranha.

- O que há com você? - perguntou Ralph.

- Você não muda, não é? Ralph deu de ombros. - Alguém muda?

Godwyn estava completamente fascinado pelo Livro de Timothy. Era uma história do priorado de Kingsbridge; e, como a maioria das histórias, começava com a criação do Céu e da Terra por Deus. Mas, acima de tudo, relatava a era do prior Philip, dois séculos antes, quando a catedral fora construída... um tempo que era agora considerado pelos monges como a era de ouro. O autor, irmão Timothy, alegava que o lendário Philip fora um disciplinador rigoroso, além de um homem de compaixão. Godwyn não sabia como alguém podia ser as duas coisas.

Na quarta-feira da semana da Feira do Velocino, na hora de estudo antes do serviço da Sexta, Godwyn sentava num banco alto na biblioteca do mosteiro, o livro aberto sobre o atril à sua frente. Era o seu lugar predileto no priorado: uma sala espaçosa, bem iluminada por janelas altas, com quase cem livros num armário trancado. Era uma sala normalmente silenciosa, mas hoje ele podia ouvir o barulho abafado da feira, no outro lado da catedral: mil pessoas comprando e vendendo, negociando e discutindo, apregoando suas mercadorias e torcendo nas brigas de galo e nas lutas de cachorros com ursos.

Ao final do livro, autores posteriores haviam relatado os descendentes dos construtores da catedral, até os dias atuais. Godwyn sentia-se satisfeito - e francamente surpreso - por encontrar confirmação da teoria de sua mãe de que descendia de Tom Builder, através da filha dele, Martha. Ele se

perguntou que características da família poderiam vir de Tom. Um pedreiro precisava ser um hábil negociante, refletiu ele, e o avô de Godwyn e seu tio Edmund possuíam essa qualidade. A prima Caris também apresentava sinais da mesma competência. Talvez Tom também tivesse os olhos verdes com manchas douradas que todos partilhavam.

Godwyn também lera sobre o enteado de Tom Builder, Jack, o arquiteto da catedral de Kingsbridge que casara com lady Aliena e gerara uma dinastia de condes de Shiring. Ele era o ancestral do namorado de Caris, Merthin Fitzgerald. Isso fazia sentido: o jovem Merthin já demonstrava uma capacidade incomparável como carpinteiro. O Livro de Timothy até mencionava os cabelos vermelhos de Jack, herdados por Sir Gerald e Merthin, embora não por Ralph.

O que mais o interessava era o capítulo do livro sobre as mulheres. Ao que parecia, não havia freiras em Kingsbridge no tempo do prior Philip. Havia uma proibição rigorosa do ingresso de mulheres nos prédios do mosteiro. O autor, citando Philip, dizia que um monge nunca deveria olhar para uma mulher, se possível, para sua própria paz de espírito. Philip desaprovava a combinação de mosteiro e convento, argumentando que as vantagens das instalações partilhadas eram superadas pelas oportunidades para que o demônio introduzisse a tentação. Onde havia as duas coisas, a separação de monges e freiras deveria ser tão rigorosa quanto possível, dizia ele.

Godwyn sentiu a emoção de encontrar um apoio autorizado para uma convicção que já acalentava. Em Oxford, apreciara o ambiente exclusivamente masculino do Kingsbridge College. Os professores da universidade eram todos homens, assim como os estudantes, sem exceção. Mal falara com uma mulher durante sete anos; e se mantinha os olhos abaixados ao caminhar pela cidade podia até evitar a possibilidade de vê-las. Ao voltar para o priorado, achara perturbador ver freiras com tanta frequência. Embora elas tivessem seus próprios claustros, refeitório, cozinha e outros prédios, ele as encontrava a todo instante na igreja, no hospital e em outras áreas comuns. Naquele momento, havia uma jovem e bonita freira chamada Mair a poucos passos de distância, consultando um livro sobre ervas medicinais. Era até pior encontrar as garotas da cidade, com suas roupas justas e penteados atraentes, passando descontraídas pelos terrenos do priorado, em missões diversas, como levar mantimentos para a cozinha e visitar o hospital.

Era evidente, pensou ele, que o priorado não conseguira manter os elevados padrões de Philip... outro exemplo da fraqueza que impregnara tudo sob o regime de Anthony, o tio de Godwyn. Mas talvez ele pudesse fazer alguma coisa sobre isso.

Soou o sino para a Sexta, e ele fechou o livro. Irmã Mair fez a mesma coisa. Sorriu para ele, os lábios vermelhos formando uma doce curva. Ele desviou os olhos e se apressou em deixar a sala.

O tempo começava a melhorar, o sol aparecia a intervalos, entre pancadas de chuva. Na catedral, os vitrais clareavam e escureciam, à medida que as nuvens desfilavam pelo céu. A mente de Godwyn estava igualmente irrequieta, distraída das orações pela especulação sobre a melhor maneira de usar o Livro de Timothy para inspirar um revival no priorado. Decidiu levantar o assunto no capítulo, a reunião diária de todos os monges.

Ele notou que os construtores estavam trabalhando depressa nos consertos no coro, depois do desabamento do último domingo. Os escombros já haviam sido removidos e a área fora isolada por cordas. Havia uma crescente pilha de pedras finas e leves no transepto. Os homens não pararam de trabalhar nem mesmo quando os monges começaram a cantar... havia tantos serviços religiosos no decorrer de um dia normal que os reparos levariam um tempo interminável se fossem interrompidos. Merthin Fitzgerald, que abandonara temporariamente seu trabalho na nova porta, encontrava-se na nave sul, preparando a teia elaborada de cordas, galhos e andaimes que os pedreiros usariam para reconstruir o teto abobadado. Thomas Langley, cujo trabalho era supervisionar os construtores, estava parado no transepto sul, junto com Elfric, apontando com o único braço para a área desmoronada, obviamente discutindo o trabalho de Merthin.

Thomas era eficiente como matriculário: era decidido e nunca deixava as coisas escaparem ao controle. Em qualquer manhã em que os construtores deixavam de aparecer - uma irritação frequente - Thomas saía para procurá-los e exigia uma explicação para a ausência. Se tinha um defeito, era o fato de ser independente demais: quase nunca relatava o progresso ou pedia a opinião de Godwyn. Conduzia o trabalho como se fosse seu próprio mestre, em vez de subordinado de Godwyn...

E Godwyn tinha a incômoda suspeita de que Thomas duvidava de sua capacidade. Godwyn era mais jovem, mas apenas um pouco: tinha trinta e um anos, contra os trinta e quatro anos de Thomas. Talvez Thomas achasse

que Godwyn fora promovido por Anthony sob pressão de Petranilla. Mas ele não deixava transparecer qualquer outro sinal de ressentimento. Apenas fazia as coisas à sua maneira.

Enquanto Godwyn observava, murmurando automaticamente os responsos do serviço, a conversa de Thomas com Elfric foi interrompida. Lorde William de Caster entrou na igreja. Era alto, de barba preta, muito parecido com o pai, igualmente rigoroso, embora as pessoas comentassem que às vezes era abrandado pela esposa, Philippa. Ele aproximou-se de Thomas e acenou para que Elfric se afastasse. Thomas virou-se para William. Alguma coisa em sua atitude lembrou Godwyn de que Thomas fora outrora um cavaleiro, e chegara ao priorado sangrando de um ferimento de espada, que acabara levando à amputação do braço esquerdo, na altura do cotovelo.

Godwyn desejou poder ouvir a conversa. Lorde William inclinou-se para a frente, falando de um jeito agressivo, apontando um dedo. Thomas, destemido, respondia com igual vigor. Godwyn lembrou de repente que Thomas tivera uma conversa intensa e combativa similar no dia em que chegara ali, há dez anos. Naquela ocasião, ele discutira com o irmão mais moço de William, Richard... antes um padre, agora o bispo de Kingsbridge. Talvez fosse apenas uma fantasia, mas Godwyn imaginou que discutiam hoje sobre o mesmo assunto. O que poderia ser? Seria possível que houvesse algum problema entre um monge e uma família nobre que ainda fosse causa de raiva dez anos depois?

Lorde William se afastou, furioso, numa insatisfação evidente. Thomas virou-se para Elfric.

A discussão dez anos antes resultara no ingresso de Thomas no priorado. Godwyn recordou que Richard prometera um donativo para garantir a aceitação de Thomas. Godwyn nunca mais ouvira falar desse donativo. Especulou agora se teria mesmo sido pago.

Durante todo aquele tempo, ninguém no priorado, ao que tudo indicava, descobrira muita coisa sobre a vida anterior de Thomas. O que era curioso, pois os monges adoravam as intrigas. Por viverem em contato tão estreito, como um pequeno grupo - eram vinte e seis no momento - tendiam a saber tudo uns sobre os outros. A que senhor Thomas servira? Onde vivera? A maioria dos cavaleiros controlava umas poucas aldeias, recebendo arrendamentos que lhe permitiam pagar cavalos, armadura e armas.

Thomas tinha antes uma esposa e filhos? Se tinha, o que acontecera com eles? Ninguém sabia.

Além do mistério de seus antecedentes, Thomas era um bom monge, devoto e trabalhador. Parecia que aquela existência combinava com ele mais do que a vida de cavaleiro. Apesar de sua antiga carreira de violência, havia alguma coisa de mulher nele, como acontecia com vários monges. Era muito ligado ao irmão Matthias, um homem de natureza doce, alguns anos mais jovem. Mas, se cometiam pecados de impureza, eram tão discretos que nenhuma acusação jamais fora feita.

Quase ao final do serviço, Godwyn olhou para a escuridão profunda da nave e avistou a mãe, Petranilla, parada ali, tão imóvel quanto um dos pilares, uma haste de sol iluminando a orgulhosa cabeça grisalha. Ela estava sozinha. Godwyn se perguntou há quanto tempo a mãe estaria ali, observando. Os leigos não eram encorajados a comparecer aos serviços durante a semana, e ele calculou que Petranilla viera procurá-lo. Sentiu a mistura familiar de prazer e apreensão. Sabia que a mãe faria qualquer coisa por ele. Vendera sua casa e se tornara governanta do irmão Edmund para que ele pudesse estudar em Oxford. Quando pensava no sacrifício que isso representara para a orgulhosa mãe, ele tinha vontade de chorar de gratidão. Mas a presença de Petranilla sempre o deixava ansioso, como se ele estivesse prestes a ser repreendido por alguma transgressão.

Enquanto os monges e freiras se retiravam, Godwyn afastou-se da procissão para ir ao seu encontro.

- Bom-dia, mamãe.

Ela beijou-o na testa e comentou, com uma preocupação maternal:

- Você parece magro. Não tem o suficiente para comer?

- Peixe salgado e mingau, mas há sempre uma grande quantidade.

- Por que está tão excitado?

Petranilla era sempre capaz de perceber a disposição do filho. Ele falou sobre o Livro de Timothy.

- Eu poderia ler o trecho durante o capítulo.

- Os outros apoiariam?

- Theodoric e os monges mais jovens apoiariam. Muitos acham perturbador ver mulheres durante todo o tempo. Afinal, optaram por viver numa comunidade só de homens.

Petranilla acenou com a cabeça em aprovação.

- Isso o projeta no papel de líder. Excelente.

- Além do mais, eles gostam de mim por causa das pedras quentes.
- Pedras quentes?
- Introduzi uma nova regra no inverno. Nas noites geladas, quando vamos à catedral para as Matinas, cada monge recebe uma pedra quente enrolada num pano. Evita que peguem frieiras.
- Muito esperto. Mesmo assim, verifique seu apoio antes de entrar em ação.
- Claro. Mas combina com o que os mestres ensinam em Oxford.
- E o que é?

- A humanidade é falível, e por isso não devemos confiar em nosso próprio raciocínio. Não podemos esperar compreender o mundo... tudo o que podemos fazer é nos espantar com a criação de Deus. O verdadeiro conhecimento só vem através da revelação. Não devemos questionar a sabedoria recebida.

A mãe parecia cética, como costumava acontecer com os leigos quando homens instruídos tentavam explicar a alta filosofia.

- E é nisso que os bispos e cardeais acreditam?
- É, sim. A Universidade de Paris até proibiu as obras de Aristóteles e Aquino, porque estão baseadas na racionalidade em vez da fé.
- Essa maneira de pensar o ajudará a conquistar os favores de seus superiores?

Era só com isso que a mãe se importava. Queria que o filho fosse prior, bispo, arcebispo, até mesmo cardeal. Godwyn queria a mesma coisa, mas esperava não ser tão cético quanto ela.

- Tenho certeza de que sim.
- Ótimo. Mas não foi por isso que vim procurá-lo. Seu tio Edmund acaba de sofrer um golpe. Os italianos estão ameaçando levar seus negócios para Shiring.

Godwyn ficou chocado.

- Isso vai arruinar muita gente.

Mas ele ainda não entendia por que o fato merecia uma visita especial de Petranilla.

- Edmund acha que pode recuperá-los, se melhorarmos a Feira do Velocino... em particular se derrubarmos a velha ponte e construirmos uma nova, mais larga.
- Deixe-me adivinhar: tio Anthony recusou.
- Mas Edmund não desistiu. ,

- Quer que eu converse com Anthony? Petranilla sacudiu a cabeça.
- Você não pode persuadi-lo. Mas se o assunto for levantado no capítulo, deve apoiar a proposta.
- E ir contra tio Anthony?
- Sempre que uma proposta sensata encontrar a oposição da velha guarda, você deve ser identificado como o líder dos reformadores.

Godwyn sorriu, com a maior admiração.

- Mamãe, como sabe tanto sobre política?
- Eu lhe direi. - Ela desviou os olhos, focalizando a grande janela de rosácea no lado leste, a mente no passado. - Quando meu pai começou a negociar com os italianos, foi tratado como um arrivista pelos principais cidadãos de Kingsbridge. Torciam o nariz para ele e sua família, fizeram tudo o que podiam para impedi-lo de pôr em prática suas ideias. Minha mãe já havia morrido a essa altura, e eu era adolescente. Por isso, tornei-me sua confidente. Ele me contava tudo.

O rosto de Petranilla, normalmente fixo numa expressão de calma gelada, contorceu-se agora numa máscara de ressentimento e amargura: os olhos se contraíram, os lábios foram repuxados, o rosto ficou vermelho na vergonha lembrada.

- Ele concluiu que nunca se livraria deles enquanto não assumisse o controle da guilda paroquial. Foi nisso que se empenhou, e eu o ajudei. - Ela respirou fundo, como se mais uma vez concentrasse suas forças para uma guerra prolongada. - Dividimos o grupo predominante, lançamos uma facção contra outra, fizemos alianças e trocamos de lado, minando as forças de nossos oponentes, implacáveis, usando os nossos partidários até que nos conviesse descartá-los. Demorou dez anos, mas no final ele era o regedor da guilda e o homem mais rico da cidade.

Petranilla já contara antes a história do avô, mas nunca em termos tão francos.

- Quer dizer que você o ajudava, como Caris faz com Edmund? Ela soltou uma risada curta e áspera.
- Isso mesmo. A diferença é que já éramos os cidadãos mais eminentes de Kingsbridge quando Edmund assumiu. Meu pai e eu subimos a montanha; Edmund precisou apenas descer pelo outro lado.

A conversa foi interrompida por Philemon. Ele entrou na catedral, vindo dos claustros, um homem alto, de pescoço estreito, com vinte e dois anos,

andando como um passarinho, em passos curtos e saltitantes. Trazia uma vassoura: era empregado pelo priorado como um faxineiro. Parecia excitado.

- Estava à sua procura, irmão Godwyn. Petranilla ignorou a pressa óbvia.

- Olá, Philemon. Ainda não o fizeram monge?

- Não consigo obter o donativo necessário, sra. Petranilla. Venho de uma família humilde.

- Mas não é inédito que o priorado abra mão do donativo no caso de um candidato que demonstre devoção. E há anos você é um servidor do priorado, pago e não-pago.

- Irmão Godwyn propôs meu ingresso, mas alguns monges mais velhos foram contrários.

Godwyn interveio:

- Blind Carlus detesta Philemon... não sei por quê.

- Falarei com meu irmão Anthony. Ele deve prevalecer sobre Carlus. Você é um bom amigo de meu filho... e eu gostaria de vê-lo como um monge.

- Obrigado.

- Como é evidente que está ansioso em contar alguma coisa a Godwyn que não pode ser dita em minha presença, vou me retirar agora. - Petranilla beijou o filho. - Lembre-se do que eu disse.

- Não esquecerei, mamãe.

Godwyn sentiu-se aliviado, como se a nuvem de tempestade tivesse passado para desabar em outra cidade. Assim que Petranilla se afastou, Philemon disse:

- É o bispo Richard!

Godwyn elevou as sobrancelhas. Philemon tinha um jeito todo especial de descobrir os segredos das outras pessoas.

- O que você descobriu?

- Ele está no hospital neste momento, num dos quartos particulares lá em cima... com sua prima Margery!

Margery era uma linda jovem de dezesseis anos. Os pais - um irmão mais moço do conde Roland e uma irmã da condessa de Marr - haviam morrido, e ela era pupila de Roland. Ele acertara seu casamento com um filho do conde de Monmouth, numa aliança política que fortaleceria sua posição como o principal nobre do sudoeste da Inglaterra.

- O que eles estão fazendo? - perguntou Godwyn, embora pudesse adivinhar. Philemon baixou a voz:

- Estão se beijando!
- Como sabe?
- Eu lhe mostrarei.

Philemon seguiu na frente. Deixaram a catedral pelo transepto sul, passaram pelos claustros dos monges e subiram um lance de escada para o dormitório. Era um quarto simples, com duas fileiras de camas de armação de madeira, cada uma com seu colchão de palha. Partilhava uma parede com o hospital.

Philemon foi até um armário grande, onde eram guardados lençóis. Com algum esforço, puxou o armário para a frente. Havia uma pedra solta na parede por trás. Por um momento, Godwyn especulou como Philemon encontrara aquela abertura. Calculou que ele podia ter escondido alguma coisa ali. Philemon retirou a pedra, tomando cuidado para não fazer barulho.

- Dê uma olhada, depressa! - sussurrou ele. Godwyn ainda hesitou.
- Quantos outros hóspedes você já observou daqui?
- Todos eles - respondeu Philemon, como se isso fosse óbvio.

Godwyn pensou que sabia o que da ver, e não gostou. Espionar o comportamento impróprio de um bispo podia ser aceitável para Philemon, mas parecia vergonhosamente clandestino. A curiosidade, no entanto, prevaleceu. Ao final, perguntou a si mesmo o que a mãe aconselharia, e compreendeu no mesmo instante que ela lhe diria para olhar.

O buraco na parede ficava um pouco abaixo do nível do olho. Ele inclinou-se e espiou.

Era um dos dois quartos particulares de hóspedes no segundo andar do hospital. Havia num canto um prie-dieu, na frente de um quadro da crucificação. Havia também duas cadeiras confortáveis e alguns bancos. Quando havia muitos hóspedes importantes, os homens ficavam num quarto e as mulheres, no outro; e aquele era com certeza o quarto das mulheres, pois havia numa mesa pequena vários artigos femininos típicos: escovas, fitas e misteriosos potes e outros frascos.

No chão havia dois colchões de palha. Richard e Margery estavam deitados em um dos colchões. E faziam mais do que se beijar.

O bispo Richard era um homem atraente, com cabelos castanhos e feições regulares. Margery tinha quase a metade de sua idade; era uma jovem esguia, de pele branca e sobrancelhas escuras. Deitavam lado a lado. Richard beijava seu rosto e falava em seu ouvido. Um sorriso de prazer

contraía seus lábios carnudos. O vestido de Margery fora levantado até a cintura. Ela tinha pernas bonitas, brancas e compridas. Richard mantinha a mão entre as coxas dela, movimentando-a com evidente experiência. Embora não tivesse muito conhecimento de mulheres, Godwyn sabia de alguma forma o que ele fazia. Margery fitava Richard com adoração, a boca entreaberta, ofegante de excitação, o rosto vermelho de paixão. Talvez fosse apenas preconceito, mas Godwyn teve a intuição de que Richard considerava Margery como sua diversão do momento, enquanto ela via em Richard o amor de sua vida.

Godwyn contemplou-os por um momento horrorizado. Richard deslocou a mão, e Godwyn se descobriu de repente olhando para o triângulo cabeludo entre as coxas de Margery, escuro contra sua pele branca, que nem as sobrancelhas. Apressou-se em desviar os olhos.

- Deixe-me ver também - murmurou Philemon.

Godwyn afastou-se da parede. Aquilo era chocante, mas o que ele deveria fazer... se é que alguma coisa? Philemon olhou pelo buraco e soltou um murmúrio de excitação.

- Posso ver a cona! - sussurrou ele. - E Richard a está acariciando!

- Saia daí - disse Godwyn. - Já vimos o suficiente... até demais. Philemon ainda hesitou, fascinado; depois, relutante, afastou-se e ajeitou a pedra solta no lugar.

- Devemos denunciar a fornicção do bispo imediatamente!

- Cale a boca e deixe-me pensar.

Se fizesse o que Philemon sugeria, Godwyn passaria a ter Richard e sua poderosa família como inimigos... e sem qualquer propósito. Mas havia alguma maneira de se aproveitar daquela situação? Godwyn tentou pensar a respeito, como a mãe. Se não havia nada a ganhar pela revelação do pecado de Richard, seria possível transformar em virtude o fato de ocultá-lo? Talvez Richard se mostrasse agradecido a Godwyn por guardar o segredo.

Isso era mais promissor. Mas, para que funcionasse, Richard precisava saber que Godwyn o protegia.

- Venha comigo - disse ele a Philemon.

Philemon tornou a arrastar o armário para o lugar. Godwyn se perguntou se o barulho da madeira rangendo na pedra do chão seria audível no quarto ao lado. Duvidava... e, de qualquer maneira, Richard e Margery se

encontravam absortos demais no que faziam para prestar atenção a ruídos no outro lado da parede.

Godwyn desceu a escada na frente. Atravessaram os claustros. Havia duas escadas para os aposentos particulares: uma subia do andar térreo e a outra era por fora do prédio, permitindo que os hóspedes importantes entrassem e saíssem sem passar pelo salão em que ficavam as pessoas comuns. Godwyn subiu apressado pela escada externa.

Parou junto do quarto em que Richard e Margery estavam. Murmurou para Philemon:

- Entre atrás de mim. Não faça nada. Não diga nada. Saia quando eu sair. Philemon largou a vassoura.

- Não - disse Godwyn. - Entre com ela.

- Está bem.

Godwyn abriu a porta e entrou.

- Quero este quarto muito limpo - disse ele, em voz alta. - Varra todos os cantos... oh, perdão! Pensei que o quarto estava vazio!

No tempo que levava para Godwyn e Philemon correrem do dormitório para o hospital, os amantes haviam progredido. Richard agora deitava em cima de Margery, a batina clerical levantada na frente. Ela mantinha as pernas levantadas, nos lados dos quadris do bispo. Não havia a menor possibilidade de equívoco sobre o que faziam.

Richard interrompeu os movimentos de arremetida e olhou para Godwyn, com uma mistura de frustração indignada e culpa assustada. Margery soltou um grito chocado e também fitou Godwyn, com medo nos olhos.

- Bispo Richard! - exclamou Godwyn, simulando surpresa, pois queria que Richard não tivesse a menor dúvida de que fora reconhecido. - Mas como... e Margery?

Ele simulou compreender subitamente.

- Perdoem-me! - Godwyn virou-se. Gritou para Philemon. - Saia! Agora!

Philemon se apressou em passar pela porta, ainda segurando a vassoura. Godwyn seguiu-o, mas virou-se na porta, para ter certeza de que Richard o via direito. Os dois amantes permaneceram paralisados na posição, em congresso sexual, mas seus rostos mudaram. A mão de Margery subira para a boca, no gesto eterno de culpa e surpresa. A expressão de Richard era de quem fazia cálculos frenéticos. Queria falar, mas não podia pensar

no que dizer. Godwyn decidiu tirá-los da angústia. Fizera tudo o que precisava fazer.

Saiu... mas, antes que pudesse fechar a porta, um choque deixou-o imóvel. Uma mulher subia a escada. Ele foi dominado por um momento de pânico. Era Philippa, a esposa do outro filho do conde. Ele compreendeu no mesmo instante que o segredo culpado de Richard perderia seu valor se mais alguém o descobrisse. Tinha de avisar Richard.

- Lady Philippa! - disse ele, em voz alta. - Seja bem-vinda ao priorado de Kingsbridge!

Ouviu sons urgentes dentro do quarto. Pelo canto do olho, percebeu que Richard levantava-se de um pulo.

Por sorte, Philippa não entrou direto no quarto. Em vez disso, parou e disse a Godwyn:

- Talvez você possa me ajudar.

Do lugar em que parara, ela não podia ver o interior do quarto, percebeu Godwyn.

- Perdi uma pulseira - explicou Philippa. - Não é preciosa, apenas madeira esculpida. Mas gosto muito dela.

- É uma pena - murmurou Godwyn, com um ar compadecido. - Pedirei a todos os monges e freiras para procurarem.

- Eu não vi - disse Philemon.

- Talvez tenha escapulado de seu pulso - comentou Godwyn. Ela franziu o rosto.

- O mais estranho é que não a usei desde que cheguei aqui. Tirei-a e a larguei em cima da mesa. Agora, não consigo encontrá-la.

- Talvez tenha rolado para algum canto escuro. Philemon aqui vai procurar. É ele quem limpa os quartos de hóspedes.

Philippa olhou para Philemon.

- Eu o encontrei quando saía, há cerca de uma hora. Não viu a pulseira quando varreu o quarto?

- Ainda não varri. A srta. Margery entrou no momento em que eu da começar.

- Philemon acaba de voltar para limpar o quarto, mas a srta. Margery está...

- ele olhou para o quarto - ... em oração.

Margery ajoelhou no prie-dieu e mantinha os olhos fechados... suplicando perdão por seu pecado, Godwyn esperava. Richard postava-se atrás dela, a

cabeça inclinada, as mãos cruzadas, os lábios em movimento, num murmúrio.

Godwyn deu um passo para o lado, a fim de deixar Philippa entrar no quarto. Ela lançou um olhar desconfiado para o cunhado.

- Olá, Richard. Você não costuma orar durante a semana.

Ele levou um dedo aos lábios, no gesto de quem pedia silêncio, e apontou para Margery. Philippa disse, bruscamente:

- Margery pode orar tanto quanto quiser, mas este é o quarto das mulheres, e quero que você saia.

Richard escondeu seu alívio e se retirou, fechando a porta para as duas mulheres.

Ele e Godwyn se fitaram. Godwyn percebeu que Richard não sabia o que fazer. Poderia se sentir propenso a dizer Como ousa entrar num quarto sem bater mas ele estava tão errado que provavelmente não teria o sangue-frio para se mostrar arrogante. Por outro lado, também não podia suplicar a Godwyn que guardasse segredo, pois assim reconheceria que se encontrava sob o poder do monge. Era um momento de constrangimento angustiante. Enquanto Richard hesitava, Godwyn declarou:

- Ninguém jamais ouvirá nada de mim.

Richard mostrou-se aliviado, mas olhou para Philemon. -E ele?

- Philemon quer ser um monge. Está aprendendo a virtude da obediência.

- Estou em dívida com você.

- Um homem deve confessar seus próprios pecados, não os pecados de outros.

- Mesmo assim, sou grato, irmão...

- Godwyn, o sacristão. Sou sobrinho do prior Anthony. - Ele queria que Richard soubesse que era bastante bem relacionado para criar problemas. Mas apressou-se em acrescentar, para atenuar o tom de ameaça: - Minha mãe foi noiva de seu pai, há muitos anos, antes que seu pai se tornasse o conde.

- Já ouvi essa história.

Godwyn teve vontade de dizer também: E seu pai rejeitou minha mãe, assim como você planeja rejeitar a pobre Margery. Mas, em vez disso, apenas comentou, jovial:

- Poderíamos ter sido irmãos.

- É verdade.

Soou o sino para o jantar. Aliviados do embaraço, os três homens se separaram: Richard foi para a casa do prior Anthony, Godwyn, para o refeitório dos monges, e Philemon, para a cozinha, a fim de ajudar a servir. Godwyn estava pensativo enquanto atravessava os claustros. Sentia-se perturbado pela cena animal que testemunhara, mas achava que cuidara bem da situação. Ao final, Richard dera a impressão de que confiava nele. No refeitório, Godwyn sentou ao lado de Theodoric, um monge inteligente, uns poucos anos mais jovem do que ele. Theodoric não estudara em Oxford, e em consequência tinha o maior respeito por Godwyn. Como Godwyn tratava-o como um igual, Theodoric sentia-se lisonjeado.

- Acabo de ler uma coisa que vai interessá-lo - comentou Godwyn.

Ele resumiu o que lera sobre a atitude do reverenciado prior Philip em relação às mulheres em geral e às freiras em particular.

- É o que você sempre disse - arrematou Godwyn.

Na verdade, Theodoric nunca expressara uma opinião sobre o assunto, mas sempre concordara quando Godwyn queixava-se da indulgência do prior Anthony.

- Claro. - Theodoric tinha olhos azuis e a pele clara. Ficou agora corado de excitação. - Como podemos ter pensamentos puros quando somos constantemente distraídos pelas mulheres?

- Mas o que podemos fazer?

- Devemos confrontar o prior.

- No capítulo, não é mesmo? - Godwyn falou como se a idéia fosse de Theodoric, não sua. - Um excelente plano. Mas outros nos apoiariam?

- Os monges mais jovens apoiariam.

Os jovens provavelmente concordavam com quase todas as críticas aos mais velhos, pensou Godwyn. Mas ele também sabia que muitos monges partilhavam sua preferência por uma vida em que as mulheres estivessem ausentes... ou pelo menos fossem invisíveis.

- Se conversar com alguém daqui até o capítulo, avise-me sobre o que os outros disserem - pediu Godwyn.

Isso encorajaria Theodoric a sair em busca de apoio.

O jantar foi servido, um ensopado de peixe salgado e vagem. Mas, antes que Godwyn pudesse comer, foi impedido por frei Murdo.

Os frades eram monges que viviam entre as pessoas comuns, em vez de se isolar em mosteiros. Achavam que sua abnegação era mais rigorosa que a

dos monges institucionais, cujo voto de pobreza era comprometido por seus esplêndidos prédios e extensas propriedades. Tradicionalmente, os frades não tinham propriedades, nem mesmo igrejas... embora muitos abandonassem esse ideal depois que admiradores devotos lhes davam terras e dinheiro. Aqueles que ainda viviam pelos princípios originais pediam comida e dormiam em chão de cozinha. Pregavam em mercados e na frente de tavernas, e eram recompensados com pennies. Não hesitavam em viver à custa dos monges comuns, aos quais pediam comida e alojamento, sempre que isso lhes convinha. Sua pressuposição de superioridade, como era de se esperar, causava ressentimentos.

Frei Murdo era um exemplo bastante desagradável: gordo, sujo, guloso, muitas vezes bêbado, às vezes visto na companhia de prostitutas. Mas era também um pregador carismático, capaz de atrair uma multidão de centenas de pessoas com seus sermões pitorescos, embora duvidosos em termos teológicos.

Agora ele se levantou, sem ser convidado, e começou a orar, em voz alta:

- Nosso Pai, abençoe este alimento para nossos corpos infames e corrompidos, tão cheios de pecados quanto um cachorro morto é cheio de vermes...

As orações de Murdo nunca eram breves. Godwyn largou sua colher, com um suspiro.

9

Havia sempre uma leitura no capítulo, em geral da regra de São Bento, mas com frequência da Bíblia, e às vezes de outros livros religiosos. Enquanto os monges ocupavam seus lugares nos bancos de pedra da câmara octogonal do capítulo, Godwyn procurou o jovem monge com quem deveria ler naquele dia e avisou, em voz baixa mas firme, que ele, Godwyn, seria o único a ler hoje. Depois, quando o momento chegou, ele leu a página crucial do Livro de Timothy.

Sentia-se nervoso. Voltara de Oxford um ano antes, e desde então mantinha conversas discretas sobre a reforma do priorado; mas, até aquele momento, não tivera uma confrontação aberta com Anthony. O prior era fraco e preguiçoso, precisava ser arrancado de sua apatia. Além disso, São Bento escrevera: "Todos devem participar do capítulo, pois muitas vezes o Senhor revela a um membro mais jovem o que é melhor." Godwyn tinha todo o direito de falar no capítulo e pedir um cumprimento mais rigoroso das regras monásticas. Mesmo assim, ele sentiu de repente que corria um risco, e desejou ter levado mais tempo a pensar em sua tática de usar o Livro de Timothy.

Mas era tarde demais para qualquer arrependimento. Ele fechou o livro e disse:

- Minha pergunta, para mim mesmo e para meus irmãos, é a seguinte: Caímos abaixo dos padrões do prior Philip na questão da separação entre os monges e as mulheres?

Ele aprendera, nos debates entre estudantes, a apresentar seu argumento sob a forma de uma indagação, sempre que possível, dando a seu oponente a margem mínima de contestação.

O primeiro a responder foi Blind Carlus, o subprior, auxiliar direto de Anthony:

- Alguns mosteiros ficam longe de qualquer centro de população, ou numa ilha desabitada, ou no fundo de uma floresta, ou no topo solitário de uma montanha.

Sua maneira lenta e deliberada de falar deixava Godwyn na maior impaciência. Ele continuou, sem qualquer pressa:

- Nessas casas, os irmãos se isolam de todo contato com o mundo secular. Kingsbridge nunca foi assim. Estamos no coração de uma grande cidade, o

lar de sete mil almas. Cuidamos de uma das mais magníficas catedrais da cristandade. Muitos de nós são médicos, porque São Bento disse: "Cuidados especiais devem ser dispensados aos doentes, pois devem ser tratados como o próprio Cristo." O luxo do isolamento total não nos foi concedido. Deus nos incumbiu de uma missão diferente.

Godwyn esperava alguma coisa assim. Carlus detestava que mudassem os móveis de posição, pois esbarraria neles; e se opunha a qualquer outro tipo de mudança, pela ansiedade paralela de lidar com o desconhecido. Theodoric tinha uma resposta rápida para Carlus:

- Razão ainda maior para que sejamos rigorosos com as regras. Um homem que vive ao lado de uma taverna deve tomar um cuidado extraordinário para evitar a embriaguez.

Houve um murmúrio de concordância satisfeita: os monges gostavam de uma réplica bem articulada. A pele clara de Theodoric ficou rosada de satisfação. Um noviço chamado Juley, encorajado, disse num sussurro alto:

- As mulheres não incomodam Carlus porque ele não pode vê-las. Vários monges riram, embora outros balançassem a cabeça em desaprovação.

Godwyn sentiu que da muito bem. Parecia estar ganhando a discussão até agora. O prior Anthony perguntou:

- O que propõe exatamente, irmão Godwyn?

Ele não estudara em Oxford, mas sabia o suficiente para pressionar à procura da cenda do oponente. Relutante, Godwyn pôs suas cartas na mesa:

- Podemos considerar a possibilidade de reverter a situação ao que era no tempo do prior Philip.

Anthony continuou a pressionar:

- O que exatamente isso significa? Nada de freiras?

- Isso mesmo.

- Mas para onde elas iriam?

- O convento pode ser removido para outro lugar e se tornar uma célula remota do priorado, como Kingsbridge College ou St.-John-in-the-Forest.

Isso deixou todos chocados. Houve um clamor de comentários, que o prior controlou com alguma dificuldade. A voz que emergiu no burburinho foi a de Joseph, o médico sênior. Era um homem inteligente e orgulhoso, alguém que mantinha Godwyn cauteloso.

- Como poderíamos cuidar do hospital sem as freiras? - Os dentes ruins tornavam a voz sibilante, de tal maneira que parecia embriagado; mas nem por isso falava com menos autoridade. - Elas ministram os medicamentos, trocam os curativos, alimentam os inválidos, penteiam os cabelos dos velhos senis...

- Os monges poderiam fazer tudo isso - garantiu Theodoric

- E o que me diz dos partos? - indagou Joseph. - Muitas vezes cuidamos de mulheres que estão com dificuldade para trazer um bebê ao mundo. Como os monges as ajudariam sem as freiras para... tocar no que é necessário tocar?

Vários homens manifestaram sua concordância, mas Godwyn previra essa questão e sugeriu agora:

- As freiras não poderiam ser removidas para o antigo lazareto?

A colônia de leprosos - ou lazareto - ficava numa pequena ilha no rio, ao sul da cidade. Nos velhos tempos, era povoada por sofredores, mas a lepra parecia estar acabando, e agora havia apenas dois ocupantes, ambos idosos.

Irmão Cuthbert, que era sempre espirituoso, murmurou:

- Eu não gostaria de ser encarregado de comunicar à madre Cecilia que ela será transferida para uma colônia de leprosos.

Houve uma onda de risos.

- As mulheres devem ser regidas pelos homens - declarou Theodoric.

- E madre Cecilia é regida pelo bispo Richard - disse o prior Anthony. - Ele teria de tomar a decisão.

- Que o céu impeça que ele tome tal decisão. - Era Simeon, o tesoureiro. Um homem magro, de rosto comprido, ele se opunha a todas as propostas que acarretassem despesas. - Não poderíamos sobreviver sem as freiras.

Godwyn foi tomado de surpresa.

- Por que não?

- Não temos dinheiro suficiente. Quando a catedral precisa de reparos, quem você acha que paga os construtores? Não somos nós... não temos condições. Madre Cecilia. Ela compra os suprimentos para o hospital, pergaminhos para a sala dos manuscritos e ração para os estábulos. Qualquer coisa usada em comum por monges e freiras é paga por ela.

Godwyn estava consternado.

- Por que somos tão dependentes das freiras? Simeon deu de ombros.

- Ao longo dos anos, muitas mulheres devotas doaram terras e outros bens ao convento.

Essa não era toda a história, Godwyn tinha certeza. Os monges também dispunham de muitos recursos. Recebiam aluguéis e outros tributos de quase todos os cidadãos de Kingsbridge, além de possuir milhares de acres de terras cultivadas. A maneira como a riqueza era administrada devia ser um fator. Mas não havia sentido em entrar nesse ponto agora. Perdera a discussão. Até mesmo Theodoric se calara. Anthony disse, complacente:

- Foi uma discussão muito interessante. Obrigado, Godwyn, por levantar a questão. Agora, vamos rezar.

Godwyn sentia-se furioso demais para uma oração. Não conseguira nada do que queria, e não sabia onde errara. Enquanto os monges saíam, Theodoric lançou-lhe um olhar assustado e murmurou:

- Eu não sabia que as freiras pagavam tanta coisa.

- Nenhum de nós sabia. - Godwyn compreendeu que olhava irritado para Theodoric, e se apressou em acrescentar: - Mas você foi esplêndido... debateu melhor do que muitos homens de Oxford.

Era a coisa certa para dizer, e Theodoric ficou feliz.

Aquela era a hora em que os monges liam na biblioteca ou passeavam pelos claustros, mas Godwyn tinha outros planos. Alguma coisa o apoquentara durante todo o jantar e o capítulo. Relegara para o fundo da mente, porque coisas mais importantes haviam interferido, mas voltou agora. Pensava que sabia onde podia estar a pulseira de lady Philippa.

Havia poucos esconderijos num mosteiro. Os monges levavam uma vida comunitária: com exceção do prior, ninguém tinha um quarto só para si. Mesmo na latrina, sentavam lado a lado, sobre um cocho por onde passava sem cessar a água levada por tubos. Não podiam ter bens pessoais, e por isso ninguém tinha um armário, nem mesmo uma caixa.

Mas hoje Godwyn vira um esconderijo.

Ele subiu para o dormitório. Estava vazio. Afastou o armário de lençóis da parede e removeu a pedra solta, mas não olhou pelo buraco. Em vez disso, enfiou a mão, explorando. Tateou em cima, nos lados, no fundo. A direita, havia uma pequena fissura. Godwyn esticou os dedos e tocou em alguma coisa que não era pedra nem argamassa. Tirou o objeto.

Era uma pulseira de madeira esculpida.

Godwyn levantou-a contra a luz. Era feita de alguma madeira de lei, provavelmente carvalho. A superfície interna era lixada, mas a externa era

de quadrados e losangos interligados, com uma precisão fascinante. Godwyn pôde compreender por que lady Philippa gostava tanto daquela pulseira.

Ele guardou-a no mesmo lugar em que a encontrara, ajeitou a pedra solta, e empurrou o armário de volta à posição.

O que Philemon queria com aquela pulseira? Poderia vendê-la por um ou dois pennies, mas seria um risco, porque era reconhecível. Mas com certeza não a usaria.

Godwyn deixou o dormitório e desceu a escada para os claustros. Não sentia a menor disposição para o estudo ou a meditação. Precisava conversar sobre os acontecimentos do dia. Tinha necessidade de ver a mãe. O pensamento deixou-o apreensivo. Ela poderia censurá-lo por seu fracasso no capítulo. Mas tinha certeza de que o elogiaria pela maneira como lidara com o bispo Richard, e estava ansioso em relatar tudo. Decidiu sair para procurá-la.

Em termos estritos, isso não era permitido. Os monges não deveriam vaguear à vontade pelas ruas da cidade. Precisavam de uma razão, e em teoria deveriam pedir permissão para o prior antes de sair do priorado. Na prática, porém, os obedienciários - autoridades monásticas - tinham dezenas de pretextos. O priorado mantinha negócios constantes com mercadores, comprando alimentos, roupas, sapatos, pergaminhos, velas, ferramentas para o jardim, arreios para os cavalos... todas as necessidades da vida cotidiana. Os monges eram proprietários; possuíam quase toda a cidade. E qualquer um dos médicos podia ser chamado para um paciente que não era capaz de se locomover até o hospital. Portanto, não era incomum ver monges nas ruas, e não era provável que alguém pedisse a Godwyn, o sacristão, uma explicação para sua saída do mosteiro.

Não obstante, era sempre sensato ser discreto. Ele passou pela feira movimentada e seguiu apressado pela rua principal até a casa de seu tio Edmund.

Como já esperava, Edmund e Caris haviam saído para cuidar dos negócios. Encontrou a mãe sozinha com os criados.

- É um presente generoso para uma mãe, ver o filho duas vezes no mesmo dia!

- exclamou Petranilla. - E me dá uma oportunidade de alimentá-lo direito! Ela serviu-lhe uma caneca grande de cerveja forte, e mandou que a cozinheira trouxesse um prato com carne fria.

- O que aconteceu no capítulo? Godwyn relatou tudo e comentou, ao final:
- Eu estava com pressa demais. Petranilla acenou com a cabeça.
- Meu pai costumava dizer: nunca convoque uma reunião até que o resultado seja certo.

Godwyn sorriu.

- Devo me lembrar disso.
- Seja como for, acho que não houve mal algum. Era um alívio. A mãe não estava ficando furiosa.
- Mas perdi a discussão.
- Mas também definiu sua posição como líder do grupo reformista mais jovem.
- Mesmo que tenha bancado o tolo?
- É melhor do que ser uma figura nula.

Godwyn não sabia se a mãe estava certa sobre isso; mas, como sempre acontecia quando duvidava da sabedoria da mãe, não a contestou, preferindo pensar a respeito mais tarde.

- Aconteceu uma coisa muito estranha.

Ele contou sobre Richard e Margery, omitindo os detalhes físicos mais grosseiros. Ela ficou surpresa.

- Richard deve estar louco! O casamento será cancelado se o conde de Monmouth descobrir que Margery não é mais virgem. O conde Roland ficará furioso. Richard pode ser banido do clero.
- Mas muitos bispos têm amantes, não é mesmo?
- Isso é diferente. Um padre pode ter uma "governanta", que é sua esposa sob todos os aspectos, menos no nome. Um bispo pode ter várias amantes. Mas tirar a virgindade de uma nobre pouco antes de seu casamento... até mesmo o filho de um conde pode ter dificuldade para sobreviver como um clérigo depois disso.

- O que acha que devo fazer?

- Nada. Cuidou muito bem da situação até agora.

Godwyn sentiu o maior orgulho.

- Um dia essa informação será uma arma poderosa - acrescentou Petranilla.

- Não se esqueça disso.

- Há mais uma coisa. Fiquei pensando como Philemon descobriu a pedra solta, e me ocorreu que ele podia ter usado o lugar inicialmente como um

esconderijo. Estava certo... e encontrei uma pulseira que lady Philippa havia perdido.

- Muito interessante. Tenho a impressão de que Philemon ainda será muito útil para você. Ele é capaz de fazer qualquer coisa. Não tem escrúpulos, não tem moral. Meu pai tinha um associado que estava sempre disposto a fazer o trabalho sujo... começar rumores, espalhar intrigas venenosas, fomentar discórdias. Homens assim podem ser valiosos.

- Acha que não devo denunciar o furto?

- Claro que não. Obrigue-o a devolver a pulseira, se acha que isso é importante... ele pode dizer que a encontrou quando varria. Mas não o denuncie. Garanto que colherá os benefícios mais tarde.

- Devo então protegê-lo?

- Como faria com um cachorro doido que ataca os intrusos. Ele é perigoso, mas vale a pena.

10

Na quinta-feira, Merthin completou a porta que estava esculpindo. Concluía seu trabalho na nave sul, pelo menos por enquanto. O andaime estava pronto. Não havia necessidade de fazer o cimbrio para os pedreiros, já que Godwyn e Thomas estavam determinados a poupar dinheiro pelo uso do método proposto por Merthin. Por isso, ele voltou a cuidar da porta, e constatou que restava bem pouco para terminá-la. Passou uma hora melhorando os cabelos de uma virgem sábia, e outra no sorriso tolo de uma virgem insensata, mas não tinha certeza se conseguira melhorar o que já fizera antes.

Era difícil tomar decisões com a mente oscilando entre Caris e Griselda. Mal fora capaz de falar com Caris durante toda a semana. Sentia-se envergonhado de si mesmo. Cada vez que via Caris, pensava na maneira como abraçara Griselda, beijara-a, fizera com ela o maior ato de amor da vida humana... uma jovem de quem ele não gostava, muito menos amava. Embora tivesse passado antes muitas horas felizes imaginando o momento em que faria aquilo com Caris, agora a perspectiva o enchia de medo. Não havia nada de errado com Griselda... isto é, havia, mas não era isso que o perturbava. Sentiria a mesma coisa se fosse qualquer outra mulher que não Caris. Tirara o significado do ato ao fazer com Griselda. E agora não podia encarar a mulher que amava.

Enquanto ele olhava para seu trabalho, tentando parar de pensar em Caris e decidir se a porta já estava pronta ou não, Elizabeth Clerk entrou pelo pórtico norte. Era uma beldade esguia e pálida, de vinte e cinco anos, com uma nuvem de cachos louros. Seu pai fora bispo de Kingsbridge antes de Richard. Residira no palácio do bispo em Shiring, como Richard, mas em suas frequentes visitas a Kingsbridge se apaixonara por uma garota que servia na Bell... a mãe de Elizabeth. Por causa de sua ilegitimidade, Elizabeth era sensível em relação à posição social, alerta à menor desfeita e rápida em se ofender. Mas Merthin gostava dela, porque era uma mulher inteligente; e também porque o beijara quando ele tinha dezoito anos, deixara-o acariciar seus seios, que ficavam no alto do peito e eram pequenos, como se moldados de taças rasas, com mamilos que endureciam ao contato mais gentil. O romance acabara por algo que parecera trivial

para Merthin e imperdoável para ela - uma piada que ele contara sobre padres devassos -, mas ele ainda gostava de Elizabeth.

Ela tocou no ombro de Merthin e olhou para a porta. Levou a mão à boca e soltou uma exclamação de espanto.

- Elas parecem vivas!

Merthin ficou emocionado. O elogio era sincero. Mesmo assim, ele sentiu um impulso de ser modesto.

- Apenas porque eu dei características individuais a cada uma. Todas as virgens eram idênticas na porta antiga.

- É mais do que isso. Elas dão a impressão de que podem sair da porta a qualquer momento para falar com as pessoas.

- Obrigado.

- Mas é diferente de todo o resto na catedral. O que os monges dirão?

- O irmão Thomas gosta.

- E o sacristão?

- Godwyn? Não sei o que ele vai pensar. Mas, se criar problemas, recorrerei ao prior Anthony... que não vai querer encomendar outra porta e pagar duas vezes.

- A Bíblia não diz que eram todas iguais, é claro... apenas que cinco tiveram o bom-senso de se aprontar com antecedência, enquanto as outras cinco deixaram os arranjos para o último momento, e acabaram perdendo a festa. Mas o que me diz de Elfric?

- A porta não é para ele.

- Elfric é o seu mestre.

- Ele só está interessado em receber o dinheiro. Elizabeth não estava convencida de que era só isso.

- O problema é que você é melhor artesão do que ele. É evidente há dois ou três anos, e todo mundo sabe disso. Elfric nunca admitiria, mas é o motivo para que ele odeie você. Pode fazê-lo se arrepender de ter feito essa porta assim.

- Você sempre vê o lado pior.

- Acha mesmo? - Ela se mostrava ofendida. - Veremos se estou certa. Espero estar enganada.

Ela virou-se para ir embora.

- Elizabeth...

- O que é?

- Fico muito satisfeito por você ter gostado.

Ela não respondeu, mas parecia um pouco apaziguada. Acenou em despedida e foi embora.

Merthin decidiu que a porta estava pronta. Envolheu-a com pano de saco. Teria de mostrá-la a Elfric, e agora era uma ocasião tão boa quanto outra qualquer: a chuva cessara, pelo menos por enquanto.

Ele chamou um dos trabalhadores para ajudá-lo a carregar a porta. Os construtores tinham uma técnica para carregar objetos pesados e de difícil manipulação. Estendiam duas estacas fortes no chão, paralelas, e ajeitavam tábuas na transversal, na parte central, para ter uma base firme. Colocavam o objeto sobre as tábuas. Depois, postavam-se entre as estacas, um de cada lado, e levantavam. A disposição era chamada de padiola, sendo usada também para transportar doentes até o hospital.

Mesmo assim, a porta era bastante pesada. Mas Merthin já se acostumara a levantar peso. Elfric nunca permitira que ele se esquivasse desse trabalho por causa de sua pequena estatura. Em consequência, ele se tornara surpreendentemente forte.

Os dois homens chegaram à casa de Elfric e entraram com a porta. Griselda estava sentada na cozinha. Parecia se tornar mais voluptuosa a cada dia que passava: os seios grandes pareciam ser ainda maiores. Merthin não gostava de desagradar qualquer pessoa, e tentou ser cordial, indagando ao passarem:

- Não quer ver minha porta?

- Por que eu haveria de querer ver uma porta?

- É esculpida. A história das virgens sábias e das insensatas. Ela soltou uma risada sem qualquer humor.

- Não me fale de virgens.

Levaram a padiola no pátio. Merthin não compreendia as mulheres. Griselda tratava-o com frieza desde que haviam feito amor. Se era assim que ela se sentia, por que fizera? Griselda vinha deixando claro que não queria fazer de novo. Ele poderia tê-la tranquilizado com a informação de que se sentia da mesma maneira - na verdade, detestava a perspectiva - mas achava que seria insultuoso. Por isso, nada dizia.

Baixaram a padiola no pátio e o ajudante de Merthin foi embora. Elfric estava ali, o corpo musculoso inclinado sobre uma pilha de tábuas, contando-as. Batia em cada uma com um pedaço de madeira de um palmo de comprimento, a língua estufando a bochecha, como sempre fazia

quando se deparava com um desafio mental. Lançou um olhar furioso para Merthin e continuou. Merthin não disse nada. Retirou o pano que cobria a porta e encostou-se numa pilha de blocos de pedra. Sentia um orgulho extraordinário do trabalho que fizera. Seguiu o padrão tradicional, mas ao mesmo tempo fizera uma coisa original, que deixava as pessoas impressionadas. Mal podia esperar para ver a porta instalada na catedral.

- Quarenta e sete - disse Elfric, virando-se para Merthin.

- Acabei a porta - anunciou Merthin, orgulhoso. - O que você acha? Elfric olhou para a porta por um momento. Tinha o nariz grande, e as narinas tremeram em surpresa. Depois, inesperadamente, ele bateu no rosto de Merthin com a vareta que vinha usando para ajudá-lo a contar. Era sólida e a pancada doeu. Merthin gritou em súbita agonia, cambaleou para trás e caiu.

- Seu monte de imundície! - berrou Elfric. - Você profanou minha filha! Merthin ainda tentou balbuciar um protesto, mas tinha a boca cheia de sangue.

- Como se atreveu?

Como se fosse uma deixa, Alice veio do interior da casa.

- Serpente! - gritou ela. - Entrou sorrateiro na casa e deflorou nossa menina! Os dois fingiam ser espontâneos, mas haviam planejado a cena, pensou Merthin. Ele cuspiu sangue e disse:

- Deflorei? Ela não era mais virgem!

Elfric o golpeou de novo, com o porrete improvisado. Merthin rolou para se esquivar, mas ainda assim foi atingido no ombro, que ficou dolorido.

- Como pôde fazer isso com Caris? - indagou Alice. - Minha pobre irmã... quando ela descobrir, ficará com o coração partido.

Merthin foi espicaçado a dar uma resposta.

- E você, com certeza, vai contar a ela, não é mesmo, sua vaca?

- Ela acabará sabendo, porque seu casamento com Griselda não será um segredo - declarou Alice.

Merthin ficou atônito.

- Casamento? Não vou casar com Griselda. Ela me odeia. Griselda apareceu nesse instante.

- Claro que não quero casar com você, mas não há outro jeito. Estou grávida. Merthin fitou-a, espantado.

- Não é possível... só fizemos uma vez. Elfric soltou risada áspera.

- Só é preciso uma vez, seu idiota.

- Mesmo assim, não casarei com ela.

- Se não casar, será despedido.

- Não pode fazer isso.

- Por que não?

- Não me importo. Não casarei com ela.

Elfric largou o pedaço de pau e pegou um machado.

- Jesus Cristo! - exclamou Merthin. Alice deu um passo para a frente.

- Não cometa um assassinato, Elfric

- Saia da frente, mulher. Elfric ergueu o machado.

Merthin, ainda no chão, recuou apressado, com medo por sua vida. Elfric baixou o machado, não em cima de Merthin, mas em sua porta.

- Não! - berrou Merthin.

A lâmina afiada afundou no rosto da virgem de cabelos compridos e rachou a madeira ao longo da granulação.

- Pare! - gritou Merthin.

Elfric levantou o machado outra vez. O novo golpe rachou a porta em duas. Merthin levantou-se. Para seu horror, sentia os olhos cheios de lágrimas.

- Você não tem esse direito!

Ele tentava gritar, mas a voz saiu num sussurro. Elfric ergueu o machado e virou-se para ele.

- Fique longe, rapaz... não me tente.

Merthin percebeu a luz da loucura nos olhos de Elfric e recuou.

Elfric tornou a bater com o machado na porta.

Merthin ficou olhando, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

11

Os dois cachorros, Skip e Scrap, cumprimentaram-se com um entusiasmo esfuziante. Eram da mesma ninhada, embora não fossem parecidos: Skip era um macho marrom e Scrap, uma fêmea pequena e preta. Skip era um típico cachorro de aldeia, magro e desconfiado, enquanto Scrap, moradora da cidade, era gorda e contente.

Já havia dez anos desde que Gwenda escolhera Skip numa ninhada de filhotes mestiços, no chão do quarto de Caris, na casa enorme do mercador de lã. Acontecera no dia em que a mãe de Caris morreu. Desde então, as duas haviam se tornado grandes amigas. Só se encontravam duas ou três vezes por ano, mas partilhavam seus segredos. Gwenda sentia que podia contar tudo a Caris, e as informações nunca chegariam ao conhecimento de seus pais, ou de qualquer outra pessoa em Wigleigh. Presumia que Caris sentia a mesma coisa: como Gwenda não falava com qualquer outra garota de Kingsbridge, não podia haver risco de deixar escapulir alguma coisa num momento de descuido.

Gwenda chegou a Kingsbridge na sexta-feira da semana da Feira do Velocino. Seu pai, Joby, foi para o terreno da feira, no pátio da catedral, a fim de vender as peles dos esquilos que apanhara em armadilhas, na floresta perto de Wigleigh.

Gwenda seguiu direto para a casa de Caris, e os dois cachorros se reencontraram. Como sempre, Gwenda e Caris puseram-se a conversar sobre os rapazes.

- Merthin anda muito estranho - comentou Caris. -No domingo estava normal, beijando-me na igreja... mas, na segunda-feira, mal foi capaz de me fitar nos olhos.

- Ele se sente culpado por alguma coisa - disse Gwenda no mesmo instante.

- Provavelmente tem alguma relação com Elizabeth Clerk. Ela sempre andou de olho em Merthin, embora seja uma vaca fria e velha demais para ele.

- Você e Merthin já fizeram?

- Fizemos o quê?

- Você sabe... quando eu era pequena, costumava chamar de grunhido, porque era esse o ruído que os adultos soltavam quando faziam.

- Ah, isso? Não... ainda não.

- Por que não?

- Não sei...

- Não tem vontade de fazer?

- Tenho, mas... não se preocupa em passar sua vida fazendo o que algum homem manda?

Gwenda deu de ombros.

- Não gosto da idéia, mas também não me preocupo com isso.

- E você? Já fez algum dia?

- Não fiz direito. Disse sim para um garoto da aldeia próxima, há alguns anos, só para ver como era. Dá um calor por dentro, como beber vinho. Essa foi a única vez. Mas deixaria Wulfric fazer a qualquer momento em que ele quisesse.

- Wulfric? Isso é novidade!

- Sei disso. E falo sério. Eu o conheço desde que éramos pequenos, quando ele costumava puxar meus cabelos e correr. Até que um dia, logo depois do Natal, olhei para ele, quando entrou na igreja, e descobri que se tornara um homem. E não apenas um homem... um homem deslumbrante. Tinha neve nos cabelos, um lenço da cor de mostarda em torno do pescoço... e parecia radiante.

- Você o ama?

Gwenda suspirou. Não sabia como dizer o que sentia. Não era apenas amor. Pensava em Wulfric durante todo o tempo, e não sabia como poderia viver sem ele. Sonhava em sequestrá-lo e mantê-lo trancafiado numa cabana no fundo da floresta, para que nunca mais pudesse escapar dela.

- A expressão em seu rosto responde à pergunta - comentou Caris. - Ele a ama?

Gwenda sacudiu a cabeça.

- Wulfric nem fala comigo. Gostaria que ele fizesse alguma coisa para mostrar que sabe quem eu sou, mesmo que fosse apenas puxar meus cabelos. Mas ele é apaixonado por Annet, a filha de Perkin. Ela é uma vaca egoísta, mas Wulfric a adora. O pai dela e o dele são os dois homens mais ricos da aldeia. O pai de Annet cria e vende galinhas poedeiras, enquanto o pai de Wulfric tem cinquenta acres.

- Fala como se não houvesse qualquer esperança.

- Sempre há uma esperança. Tudo pode acontecer, não é mesmo? Annet pode morrer. Wulfric pode compreender de repente que sempre me amou.

Meu pai pode ser feito conde e ordenar que ele case comigo.

Caris sorriu.

- Tem razão. No amor, sempre há uma esperança. Eu gostaria de conhecer esse rapaz.

Gwenda levantou-se.

- Era o que eu esperava que você dissesse. Vamos sair e procurá-lo.

As duas deixaram a casa, seguidas pelos cachorros. As tempestades que castigaram a cidade no início da semana já deram lugar a chuvas ocasionais, mas a rua principal ainda era um rio de lama. Por causa da feira, a lama se misturava com o esterco de animais, legumes podres e toda a sujeira e imundície de mil visitantes.

Enquanto passavam pelas poças repugnantes, Caris perguntou sobre a família de Gwenda.

- A vaca morreu. O pai precisa comprar outra, mas não sei como ele vai conseguir. Só tem algumas peles de esquilo para vender.

- Uma vaca custa doze shillings este ano - informou Caris, preocupada. - Dá cento e quarenta e quatro pennies de prata.

Caris sempre fazia de cabeça os cálculos aritméticos; aprendera os algarismos árabes com Buonaventura Caroli, e dizia que eles tornavam tudo mais fácil.

- Aquela vaca nos manteve vivos durante os últimos invernos... especialmente os pequenos.

A dor da fome extrema era familiar para Gwenda. Mesmo com a vaca para dar leite, quatro dos bebês da mãe haviam morrido. Não era de admirar que Philemon ansiasse em ser monge, pensou ela: valia quase qualquer sacrifício para ter refeições fartas todos os dias, sem falta.

- O que seu pai vai fazer? - perguntou Caris.

- Alguma coisa furtiva. É difícil roubar uma vaca... não se pode escondê-la na bolsa... mas ele vai encontrar algum plano astucioso.

Gwenda falava mais confiante do que se sentia. O pai era desonesto, mas não muito inteligente. Faria qualquer coisa que pudesse, legal ou não, para conseguir outra vaca, mas poderia fracassar.

Elas passaram pelos portões do priorado e entraram no extenso pátio em que se realizava a feira. Os mercadores estavam molhados e desolados, no sexto dia de mau tempo. Havia exposto suas mercadorias à chuva, e ganharam pouco em retorno.

Gwenda sentia-se embaraçada. Ela e Caris quase nunca falavam sobre a disparidade de riqueza entre as duas famílias. Cada vez que Gwenda visitava-a, Caris encontrava um jeito discreto de dar um presente que a amiga poderia levar para casa: um queijo, um peixe defumado, uma peça de fazenda, um pote de mel. Gwenda agradecia - e se sentia profundamente grata - mas não dizia mais nada a respeito. Quando o pai propunha que ela aproveitasse a confiança de Caris para roubar da casa, Gwenda argumentava que nesse caso nunca mais poderia fazer outra visita, enquanto que assim sempre levava alguma coisa para casa duas ou três vezes por ano. Até mesmo o pai podia perceber que havia sentido nisso.

Gwenda procurou pelo estande em que Perkin estaria vendendo suas galinhas. Provavelmente encontraria Annet ali... e onde Annet se encontrava, Wulfric pairava por perto. Gwenda tinha razão. Lá estava Perkin, gordo e insinuante, sempre polido com os fregueses, grosseiro com todos os outros.

Annet segurava uma bandeja com ovos, sorrindo coquete. A bandeja comprimia o vestido contra os seios, fios dos cabelos louros se soltavam do chapéu para esvoaçar em torno das faces rosadas e do pescoço comprido. E lá estava também Wulfric, como um arcanjo que errara o caminho e vagueava entre a humanidade por engano.

- Ali está ele - murmurou Gwenda. - O alto com...

- Já sei quem é - disse Caris. - Ele tem mesmo uma aparência fascinante.

- Entende agora o que eu quis dizer.

- Ele não é um pouco jovem? a

- Tem dezesseis anos. Eu estou com dezoito. E Annet também tem dezoito.

- Está bem.

- Sei o que pensa, Caris. Ele é bonito demais para mim.

- Não...

- Os homens bonitos nunca se apaixonam pelas mulheres feias, não é mesmo?

-Você não é feia...

- Já me vi num espelho. - A lembrança era tão dolorosa que Gwenda fez uma careta. - Chorei quando descobri como parecia. Tenho um nariz grande e os olhos muito juntos. Pareço com meu pai.

- Você tem lindos olhos castanhos e cabelos maravilhosos - protestou Caris.

- Mas não estou à altura de Wulfric.

Wulfric estava de lado. Gwenda e Caris tinham uma boa visão de seu perfil. Admiraram-no por um momento... até que ele se virou. Gwenda soltou um grito de espanto. O outro lado do rosto de Wulfric era completamente diferente: inchado, cheio de equimoses, com o olho fechado. Ela correu para ele.

- O que aconteceu com você? Ele teve um sobressalto.

- Olá, Gwenda. Tive uma briga.

Wulfric virou-se um pouco, obviamente embaraçado.

- Com quem?

- Um pajem do conde.

- Você ficou ferido!

Ele se mostrou impaciente.

- Não se preocupe. Estou bem.

Wulfric, é claro, não entendia por que ela se mostrava tão preocupada. Talvez até pensasse que Gwenda exultava com seu infortúnio. Caris perguntou:

- Que pajem?

Wulfric fitou-a com interesse, percebendo pelo vestido que era uma mulher rica.

- O nome dele é Ralph Fitzgerald.

- Oh... o irmão de Merthin! - exclamou Caris. - Ele ficou ferido?

- Quebrei seu nariz - respondeu Wulfric, orgulhoso.

- E não foi punido?

- Uma noite no tronco.

Gwenda soltou um grito de angústia.

- Wulfric coitado!

- Não foi tão ruim assim. Meu irmão providenciou para que ninguém jogasse nada em mim.

- Mesmo assim...

Gwenda sentia-se horrorizada. A idéia de ser aprisionada de qualquer forma parecia-lhe o pior tipo de tortura. Annet terminou de atender um freguês e entrou na conversa.

- Oh, é você, Gwenda...

Ela falou com frieza. Wulfric podia ignorar os sentimentos de Gwenda, mas Annet os percebia. Por isso, tratava Gwenda com uma mistura de hostilidade e desdém.

- Wulfric brigou com um pajem que me insultou - acrescentou ela, incapaz de esconder sua satisfação. - Foi como um cavaleiro numa balada.

- Eu não gostaria que ele ficasse com o rosto todo machucado por minha causa - comentou Gwenda, áspera.

- Felizmente, não é provável que isso aconteça, não é mesmo? Annet sorriu, triunfante. Caris interveio:

- Nunca se sabe o que o futuro nos reserva.

Annet fitou-a, surpresa com a interrupção; e ficou ainda mais surpresa ao descobrir que a companheira de Gwenda usava um vestido tão caro. Caris pegou o braço de Gwenda.

- Foi um prazer conhecer vocês de Wigleigh - disse ela, graciosa. - Adeus. Elas se afastaram. Gwenda soltou uma risada.

- Você foi um bocado condescendente com Annet.

- Ela me irritou. Seu tipo dá uma péssima reputação às mulheres.

- Annet ficou satisfeita por Wulfric ter sido espancado por sua causa. Tive vontade de arrancar seus olhos.

Caris perguntou, pensativa:

- Além de bonito, como ele é?

- Forte, orgulhoso, leal... o tipo de homem capaz de se meter numa briga em defesa de outra pessoa. Mas também é o tipo de homem que provera sua família, ano após ano, incansável, até cair morto.

Caris não disse nada. Gwenda acrescentou:

- Não se sentiu atraída, não é?

- Pela maneira como você fala, é um homem insípido.

- Se tivesse sido criada por meu pai, não acharia que um bom provedor é insípido.

- Eu sei. - Caris apertou o braço de Gwenda. - Acho que ele é maravilhoso para você... e, para provar, vou ajudá-la a conquistá-lo.

Gwenda não esperava por isso.

- Como?

- Venha comigo.

Deixaram a feira e seguiram para a extremidade norte da cidade. Caris levou Gwenda para uma pequena casa numa rua transversal, perto da igreja paroquial de St. Mark.

- Uma curandeira vive aqui - murmurou Caris. - Ela sabe tudo.

As duas deixaram os cachorros do lado de fora e passaram pela porta baixa. O único cômodo do primeiro andar era estreito, dividido por uma

cortina. Na metade da frente, havia um banco e uma cadeira. A lareira devia ficar no outro lado, pensou Gwenda, sem entender por que alguém haveria de querer esconder o que acontecia na cozinha. O lugar era limpo, com um cheiro forte, parecendo de ervas, um pouco ácido, mas não desagradável. Caris chamou:

- Mattie, sou eu!

Depois de um momento, uma mulher em torno dos quarenta anos puxou a cortina para o lado e se adiantou. Tinha os cabelos grisalhos e a pele pálida de quem não costumava sair de casa. Sorriu quando viu Caris. Lançou um olhar para Gwenda e disse:

- Vejo que sua amiga está apaixonada... mas o rapaz mal fala com ela. Gwenda ficou aturdida.

- Como soube?

Mattie arriou na cadeira; era corpulenta e tinha dificuldade para respirar.

- As pessoas me procuram por três razões: doença, vingança e amor. Você parece saudável, e é muito jovem para a vingança. Portanto, deve estar apaixonada. E o rapaz deve se mostrar indiferente, caso contrário não precisaria de minha ajuda.

Gwenda olhou para Caris, que parecia satisfeita e comentou:

- Eu disse que ela sabia tudo.

As duas sentaram no banco e fitaram a mulher com expectativa. Mattie continuou:

- Ele mora perto de você, provavelmente na mesma aldeia, mas tem uma família mais rica.

- Tudo isso é verdade.

Gwenda estava impressionada. Não havia a menor dúvida de que Mattie adivinhava, mas era tão precisa que parecia dotada de uma segunda visão.

- Ele é bonito?

- Muito.

- Mas é apaixonado pela garota mais bonita da aldeia.

- Para quem gosta do tipo.

- E a família dela também é mais rica do que a sua.

- É, sim.

Mattie acenou com a cabeça.

- Uma história familiar. Posso ajudá-la. Você deve compreender uma coisa. Não tenho nada a ver com o mundo dos espíritos. Só Deus pode fazer milagres.

Gwenda ficou perplexa. Todos sabiam que os espíritos dos mortos controlavam todos os acasos da vida. Se ficavam satisfeitos com você, faziam os coelhos correrem direto para suas armadilhas, davam bebês saudáveis, e providenciavam para que o sol brilhasse no trigo amadurecendo. Mas se você fazia alguma coisa para enfurecê-los, podiam pôr bichos em suas maçãs, fazer sua vaca parir um bezerro deformado, e deixar seu marido impotente. Até mesmo os médicos no priorado admitiam que as orações para os santos eram mais eficazes que seus tratamentos.

- Não se desespere - acrescentou Mattie. - Posso vim der-lhe uma poção de amor.

- Sinto muito, mas não tenho dinheiro.

- Sei disso. Mas sua amiga Caris gosta muito de você e quer que seja feliz. Veio aqui disposta a pagar pela poção. Mas você deve administrá-la corretamente. Pode ficar a sós com o rapaz por uma hora?

- Darei um jeito.

- Ponha a poção na bebida dele. Não vai demorar muito para que ele se torne amoroso. É quando deve ficar a sós com ele... se houver outra mulher presente, o rapaz pode se apaixonar por ela. Por isso, mantenha-o longe das outras, e seja doce. Ele vai achar que você é a mulher mais desejável do mundo. Beije-o, diga que ele é maravilhoso e, se quiser, faça amor. Depois de algum tempo, ele dormirá. Quando acordar, vai se lembrar que passou a hora mais feliz de sua vida em seus braços... e vai querer fazer de novo, o mais depressa que puder.

- Mas não precisarei de outra dose?

- Não. Na segunda vez, seu amor, desejo e feminilidade serão suficientes. Uma mulher pode fazer qualquer homem muito feliz se ele lhe der a oportunidade.

O simples pensamento deixou Gwenda cheia de desejo.

- Mal posso esperar.

- Então vamos preparar a mistura. - Mattie levantou-se. - Podem vir comigo. Gwenda e Caris passaram para o outro lado da cortina, enquanto ela explicava:

- Só mantenho a cortina para as pessoas ignorantes.

A cozinha tinha um chão de pedra limpo e uma enorme lareira, com suportes e ganchos para os caldeirões, muito mais do que uma mulher precisaria para sua própria alimentação. Havia uma mesa velha e pesada,

toda manchada e queimada, mas muito limpa; uma prateleira com uma fileira de potes de cerâmica; e um armário trancado, que devia conter os ingredientes mais preciosos das poções de Mattie. Havia uma grande lousa pendurada na parede, com números e letras rabiscados, presumivelmente as receitas.

- Por que precisa esconder tudo isso por trás de uma cortina? - indagou Gwenda.

- Um homem que faz unguentos e medicamentos é chamado de boticário, mas uma mulher que faz a mesma coisa corre o risco de ser chamada de bruxa. Há uma mulher na cidade que é chamada de Crazy Nell. Ela anda por toda parte gritando sobre o demônio. Frei Murdo acusou-a de heresia. Nell é louca, sem dúvida, mas não faz mal a ninguém. Mesmo assim, Murdo insiste num julgamento. Os homens gostam de matar uma mulher de vez em quando, e Murdo oferece uma desculpa para isso. Depois, vai cobrar seus pennies como esmolas. É por isso que eu digo às pessoas que só Deus faz milagres. Não conjuro espíritos. Apenas uso as ervas da floresta e meus poderes de observação.

Enquanto Mattie falava, Caris movimentava-se pela cozinha, tão à vontade como se estivesse em casa. Pôs uma tigela para mistura e um frasco na mesa. Mattie entregou-lhe uma chave, e ela abriu o armário.

- Ponha três gotas de essência de papoula numa colher de vinho destilado disse Mattie. - Devemos ter cuidado para não fazer a mistura forte demais, ou ele dormirá antes de chegar o momento.

Gwenda estava espantada.

- Você vai fazer a poção, Caris?

- Às vezes ajudo Mattie; mas não diga nada a Petranilla, que desaprovava.

- Eu não diria nada a ela mesmo que seus cabelos estivessem pegando fogo.

A tia de Caris detestava Gwenda, provavelmente pela mesma razão por que desaprovava Mattie: elas pertenciam às classes inferiores, e essas coisas eram importantes para Petranilla.

Mas por que Caris, a filha de um homem rico, trabalhava como aprendiz na cozinha de uma curandeira numa rua transversal? Enquanto Caris preparava a mistura, Gwenda recordou que a amiga sempre se sentira atraída por doenças e curas. Quando pequena, Caris queria ser médica, sem entender que apenas os padres tinham permissão para estudar medicina. Gwenda ainda recordava a indagação de Caris quando sua mãe morrera:

- Mas por que as pessoas têm de ficar doentes?

Madre Cecilia dissera que era por causa do pecado; Edmund dissera que ninguém realmente sabia. Nenhuma das respostas satisfizera Caris. Talvez ela ainda procurasse a resposta ali, na cozinha de Mattie.

Caris despejou o líquido num pequeno frasco, tapou-o, e prendeu a tampa com um barbante, atando as extremidades com um nó. Entregou o frasco a Gwenda.

Gwenda guardou-o na bolsa de couro em sua cintura. Especulou como faria para ficar a sós com Wulfric durante uma hora. Dissera num súbito impulso que daria um jeito, mas, agora que tinha a poção do amor, compreendia que a tarefa era quase impossível. Wulfric mostrava-se irrequieto se ela apenas falava com ele. Queria ficar com Annet em todos os seus momentos de folga. Que razão Gwenda poderia apresentar para ficar a sós com ele? Quero lhe mostrar um lugar em que podemos conseguir ovos de patas selvagens. Mas por que ela mostraria a Wulfric e não a seu pai? Wulfric podia ser um pouco ingênuo, mas não era estúpido: saberia que ela estava tramando alguma coisa.

Caris deu doze pennies de prata a Mattie... duas semanas de salário para o pai. Gwenda disse:

- Obrigada, Caris. Espero que você compareça ao meu casamento. Caris riu.

- É isso que eu gosto de ver... confiança!

As duas deixaram a casa de Mattie. Voltaram para a feira. Gwenda decidira começar por descobrir onde Wulfric se hospedava. Sua família tinha uma boa situação e não podia alegar pobreza. Portanto, não devia estar de graça no priorado. Era bem provável que estivessem em alguma estalagem. Gwenda poderia perguntar a ele, ou a seu irmão, e seguir com uma pergunta sobre o nível das acomodações, como se estivesse interessada em descobrir qual das muitas estalagens da cidade era melhor.

Um monge passou, e Gwenda se lembrou, com um sobressalto de culpa, que nem mesmo pensara em procurar o irmão, Philemon. O pai não o visitaria, pois havia anos que se odiavam; mas Gwenda gostava dele. Sabia que o irmão era furtivo, insincero e maldoso, mas mesmo assim o amava. Haviam passado juntos muitos invernos de fome. Trataria de procurá-lo mais tarde, decidiu, depois que tornasse a se encontrar com Wulfric.

Mas antes que alcançassem o pátio da feira, encontraram o pai de Gwenda.

Joby estava quase nos portões do priorado, fora da Bell. Era acompanhado por um homem de aparência rude, numa túnica amarela, com uma mochila nas costas... e uma vaca marrom. Ele acenou para que Gwenda se aproximasse.

- Encontrei uma vaca.

Gwenda examinou a vaca. Devia ter dois anos de idade, era magra, com um jeito impaciente, mas parecia saudável.

- Parece boa - murmurou ela.

- Este é Sim Chapman.

O pai acenou com o polegar para o homem de túnica amarela. Um chapman, ou mascate, viajava de aldeia em aldeia vendendo pequenos artigos, como agulhas, fivelas de cinto, espelhos de mão, escovas. O homem talvez tivesse roubado a vaca, mas isso não incomodaria o pai, se o preço fosse certo. Gwenda perguntou ao pai:

- Onde arrumou o dinheiro?

- Não vou exatamente pagar - respondeu o pai, evasivo. Gwenda já imaginava que ele tinha algum plano.

- O que então pretende fazer?

- É mais uma troca.

- O que dará em troca pela vaca?

- Você.

- Não diga bobagem.

Foi nesse instante que ela sentiu um laço de corda ser enfiado pela cabeça e apertar seu corpo, imobilizando os braços nos lados.

Ficou atordoada. Aquilo não podia estar acontecendo. Debateu-se para se desvencilhar da corda, mas Sim apertou o laço ainda mais.

- Não crie problemas - resmungou o pai.

Gwenda não podia acreditar que ele estivesse falando sério.

- O que você pensa que está fazendo? - indagou ela, incrédula. - Não pode me vender, seu idiota!

- Sim precisa de uma mulher, e eu preciso de uma vaca - explicou o pai. - É muito simples.

Sim falou pela primeira vez:

- Ela é bastante feia, sua filha.

- Isso é um absurdo! - exclamou Gwenda. Sim sorriu para ela.

- Não se preocupe, Gwenda. Serei bom para você, enquanto se comportar e fizer tudo o que eu mandar.

Eles falavam sério, compreendeu Gwenda. Pensavam mesmo que podiam fazer aquele tipo de troca. Uma agulha fria de medo penetrou em seu coração ao constatar que isso podia mesmo acontecer. Caris interveio, a voz alta e firme:

- Essa brincadeira já foi longe demais. Solte Ctwenda agora mesmo. Sim não se intimidou com seu ar de autoridade.

- K quem é você, para dar ordens?

- Meu pai é regedor da guilda da paróquia.

- Mas você não é - declarou Sim. - E, mesmo que fosse, não teria autoridade sobre mim ou meu amigo Joby.

- Não podem trocar uma garota por uma vaca!

- Por que não? - indagou Sim. - A vaca é minha, e a garota é filha dele.

As vozes elevadas atraíram a atenção de pessoas que passavam por ali. Algumas pararam e olharam para a jovem amarrada. Alguém perguntou:

- O que está acontecendo? Outra pessoa explicou:

- Ele vendeu a filha por uma vaca.

Gwenda viu uma expressão de pânico surgir no rosto do pai. Ele gostaria que tudo fosse discreto... e não fora bastante esperto para prever a reação pública. Gwenda compreendeu que os espectadores poderiam ser sua única esperança. Caris acenou para um monge que passava pelos portões do priorado.

- Irmão Godwyn! Venha acertar uma disputa, por favor! - Ela olhou para Sim, triunfante. - O priorado tem jurisdição sobre todos os negócios realizados na Feira do Velocino. O irmão Godwyn é o sacristão. Acho que terá de aceitar sua autoridade.

- Olá, prima Caris - disse Godwyn. - Qual é o problema? Sim soltou um grunhido de repulsa.

- Seu primo?

Godwyn lançou-lhe um olhar gelado.

- Qualquer que seja a disputa aqui, tentarei dar um julgamento justo, como um homem de Deus... pode contar com isso.

- Fico muito contente por ouvir isso, senhor - disse Sim, com uma atitude subserviente.

Joby também se mostrou untuoso.

- Eu o conheço, irmão. Meu filho Philemon é devotado à sua pessoa. Sempre foi a alma da bondade com ele.

- Já chega de conversa - disse Godwyn. - O que está acontecendo?

- Joby quer vender Gwenda por uma vaca - explicou Caris. - Diga a ele que não pode fazer isso.

- Ela é minha filha, senhor, tem dezoito anos e é uma donzela - protestou Joby. - Portanto, é minha para eu fazer o que quiser.

- Mesmo assim, parece vergonhoso vender as próprias crianças - comentou Godwyn.

Joby tornou-se patético.

- Eu não faria isso, senhor, se não tivesse mais três em casa, e sou um trabalhador sem terra que não tem meios de alimentar as crianças durante o inverno, a menos que tenha uma vaca, e nossa velha vaca morreu.

Houve murmúrios de simpatia na crescente multidão. Todos conheciam as dificuldades do inverno, e os extremos a que um homem tinha de chegar para alimentar a família. Gwenda começou a se desesperar.

- Vergonhoso pode achar, irmão Godwyn, mas é um pecado? - indagou Sim. Ele falava como se já soubesse a resposta. Gwenda imaginou que ele já tivera aquela discussão antes, num lugar diferente. Com óbvia relutância, Godwyn disse:

- A Bíblia parece sancionar a venda de uma filha para a escravidão. Livro do Êxodo, capítulo vinte e um.

- Pois aí está! - disse Joby. - É um ato cristão! Caris estava indignada.

- O livro do Êxodo! - exclamou ela, desdenhosa. Uma das espectadoras entrou na discussão: i

- Não somos filhas de Israel!

Era uma mulher baixa e atarracada, dentuça, o que proporcionava a seu queixo uma aparência determinada. Embora vestida pobremente, era decidida. Gwenda reconheceu-a como Madge, a esposa de Mark Webber.

- Não há escravidão hoje em dia - acrescentou Madge.

- E os aprendizes, que não têm pagamentos e podem ser espancados por seus mestres? - indagou Sim. - Ou os noviços, monges e freiras? Ou as criadas por casa e comida nos palácios da nobreza?

- A vida pode ser difícil, mas eles não podem ser comprados e vendidos... não é mesmo, irmão Godwyn? - insistiu Madge.

- Não digo que o negócio é legal - respondeu Godwyn. - Estudei medicina em Oxford, não o direito. Mas não posso encontrar nenhuma razão, nas Sagradas Escrituras ou nos ensinamentos da Igreja, para dizer que é pecado o que esses homens estão fazendo.

Ele olhou para Caris, deu de ombros, e acrescentou:

- Sinto muito, prima.

Madge Webber cruzou os braços.

- E então, mascate, como vai tirar essa moça da cidade?

- Na ponta de uma corda - disse ele. - Da mesma maneira como entrei com a vaca.

- Mas não teve de passar com a vaca por mim e por essas pessoas.

O coração de Gwenda disparou em esperança. Não sabia quantos espectadores a apoiavam; mas se houvesse uma luta, era mais provável que ficassem do lado de Madge, uma moradora da cidade, do que de Sim, um forasteiro.

- Já lidei com mulheres obstinadas antes - disse Sim, os lábios se contraindo em desdém. - Nunca me deram qualquer problema.

Madge pôs a mão na corda.

- Talvez você tivesse sorte. Ele deu um puxão na corda.

- Tire as mãos da minha propriedade e não vai se machucar. Deliberadamente, Madge pôs a mão no ombro de Gwenda.

Sim empurrou-a, e ela cambaleou para trás; mas houve um murmúrio de protesto da multidão. Alguém comentou:

- Você não faria isso se visse o marido dela.

Houve uma onda de risadas. Gwenda recordou Mark, o marido de Madge, um gigante gentil. Se ao menos ele aparecesse!

Mas foi John Constable quem chegou, o faro bem desenvolvido para encrencas levando-o a qualquer multidão, quase que no momento mesmo em que se formava.

- Não queremos empurrões aqui - disse ele. - Está causando problemas, mascate?

Gwenda tornou a ficar esperançosa. Os mascates tinham uma péssima reputação, e o constable estava presumindo que era Sim o causador do problema.

Sim tornou-se subserviente, uma atitude que obviamente podia assumir mais depressa do que trocar de chapéu.

- Peço perdão, mestre Constable. Mas quando um homem paga o preço acertado por sua compra, deve ter permissão para deixar Kingsbridge com a mercadoria intacta.

- Claro. - John não podia deixar de concordar. Uma cidade mercado dependia de sua reputação de negócios justos. - Mas o que você comprou?

- Esta moça.

- Hum... -John se mostrou pensativo. - Quem a vendeu?
- Eu vendi - declarou Joby. - Sou o pai.
- E essa mulher de queixo grande ameaçou tirar a moça de mim - acrescentou Sim.
- É isso mesmo - disse Madge. - Pois nunca ouvi falar de nenhuma mulher sendo comprada e vendida no mercado de Kingsbridge, nem ninguém por aqui ouviu.
- Um homem pode fazer o que quiser com sua filha - insistiu Joby, correndo os olhos pela multidão, suplicante. - Há alguém aqui que discorde disso?

Gwenda sabia que ninguém discordaria. Algumas pessoas tratavam as crianças com bondade, algumas com rigor, mas todas concordavam que o pai devia ter poder absoluto sobre os filhos. Ela explodiu, furiosa:

- Vocês não ficariam parados aí, surdos e mudos, se tivessem um pai como ele. Quantos de vocês foram vendidos por seus pais? Quantos de vocês foram obrigados a roubar desde crianças, quando tinham mãos pequenas para entrarem nas bolsas das pessoas?

Joby começou a se mostrar preocupado.

- Ela está delirando agora, mestre Constable - disse ele. - Nenhuma criança minha jamais roubou.

- Isso não importa - declarou John. - Quero que todos prestem atenção. Tomarei uma decisão sobre o caso. Os que discordarem de minha decisão podem se queixar ao prior. Se houver algum empurrão ou outra atitude agressiva de qualquer pessoa, prenderei todos os envolvidos. Espero ter sido bem claro.

Ele olhou ao redor, beligerante. Ninguém falou todos estavam ansiosos por ouvir sua decisão.

- Não conheço nenhuma razão para que esse comércio seja ilegal. Portanto, Sim Chapman tem permissão para ir embora com a garota.

- Eu não disse...

- Feche esta maldita boca, Joby, seu idiota - interrompeu-o John. - Sim, trate de ir embora e depressa. Madge Webber, se erguer a mão, eu a porei no tronco, e seu marido não vai me impedir. Não quero ouvir nenhuma palavra sua, Caris Woo ler, por favor... pode se queixar de mim a seu pai, se quiser.

Antes mesmo que John acabasse de falar, Sim deu um puxão na corda inclinou-se para a frente, e estendeu um pé para não cair; e depois, de

alguma forma, estava andando pela rua, cambaleando, meio correndo. Pelo canto do olho, percebeu que Caris a acompanhava. Até que John Constable agarrou pelo braço; ela virou-se para protestar e, um momento depois, Gwenda não pode mais vê-la.

Sim foi andando depressa pela lamacenta rua principal, puxando a corda, sempre mantendo Gwenda meio desequilibrada. Ao se aproximarem da ponte, ela começou a se sentir desesperada. Tentou puxar a corda também, mas Sim reagiu com um puxão ainda mais forte, que a jogou na lama. Como ainda tinha os braços imobilizados, ela não podia usar as mãos para se proteger. Caiu de frente, machucando o peito, o rosto afundando na lama. Levantou-se com a maior dificuldade, e desistiu de qualquer resistência. Estava amarrada como um animal, machucada, assustada, coberta de lama imunda. Cambaleou atrás de seu novo dono, atravessou a ponte, e seguiu pela estrada que levava à floresta.

Sim Chapman levou Gwenda através do subúrbio de Newtown, até a encruzilhada conhecida como Gallows Cross, a encruzilhada da forca, onde os criminosos eram enforcados. Ah, ele pegou a estrada para o sul, na direção de Wigleigh. Amarrou a corda em seu pulso para que Gwenda não pudesse escapar, mesmo quando sua atenção vagueasse. O cachorro, Skip, seguiu-os. Mas Sim jogou algumas pedras, e depois que uma acertou seu focinho, Skip recuou, com o rabo entre as pernas.

Depois de vários quilômetros, quando o sol começou a se pôr, Sim entrou na floresta. Gwenda não vira nada diferente na beira da estrada para marcar o lugar, mas Sim parecia ter escolhido com todo cuidado, porque encontraram uma trilha de pois de umas poucas centenas de passos entre as árvores. Ao baixar os olhos, Gwenda viu as impressões de dezenas de pequenos cascos na terra, e compreendeu que era uma trilha de veados. Levaria até a água, pensou ela. E não demorou muito para alcançarem um pequeno córrego, a vegetação pisoteada em lama dos dois lados.

Sim ajoelhou-se ao lado do córrego, encheu de água as mãos em concha e bebeu. Levantou a corda, para que ficasse em torno do pescoço de Gwenda, deixando suas mãos livres. Ele gesticulou para a água.

Ela limpou as mãos e depois bebeu, sedenta.

- Lave o rosto - ordenou Sim. - Você já é bastante feia por natureza.

Gwenda obedeceu, especulando cansada por que ele se importava com sua aparência.

A trilha continuava pelo outro lado do córrego. Retomaram a caminhada. Gwenda era forte, capaz de andar durante o dia inteiro, mas estava derrotada, desesperada e apavorada, o que fazia com que se sentisse exausta.

Qualquer que fosse o destino que a aguardava, provavelmente era pior do que aquilo; mesmo assim, ela ansiava em chegar, só para poder sentar.

O crepúsculo começava. A trilha dos veados serpenteou entre as árvores por mais um quilômetro e meio, até desaparecer na base de uma colina. Sim parou ao lado de um carvalho enorme e soltou um assovio baixo. Poucos momentos depois, um vulto surgiu do meio das moitas.

- Tudo bem, Sim?

- Tudo bem, Jed.

- O que você tem aí... uma rameira?

- Terá direito de comer também, Jed, junto com os outros, se tiver seis pennies.

Gwenda compreendeu o que Sim planejava. A prostituí-la. A descoberta atingiu-a como um golpe violento. Ela cambaleou e caiu de joelhos.

- Seis pennies, hein? - A voz de Jed parecia vir de muito longe, mas ainda assim ela pôde perceber o excitamento. - Que idade ela tem?

- O pai alegou que ela tinha dezoito anos. - Sim deu um puxão na corda. Levante, sua vaca preguiçosa. Ainda não chegamos.

Gwenda levantou-se. Era por isso que ele queria que eu lavasse o rosto, pensou ela; e, por alguma razão, a compreensão fê-la chorar.

E continuou a chorar, desesperada, na esteira de Sim, até que alcançaram uma clareira, com uma fogueira no meio. Através das lágrimas, ela percebeu quinze ou vinte pessoas deitadas em torno da beira da clareira, a maior parte envolta por cobertores ou mantos. Quase todos que a observaram, à luz da fogueira, eram homens, mas ela também avistou um rosto branco de mulher, a expressão dura; a mulher fitou-a apenas por um instante, antes de desaparecer nas cobertas esfarrapadas. Um barril de vinho virado e uma porção de canecas de madeira espalhadas ao redor indicavam que acontecera ali uma festa de bêbados.

Gwenda compreendeu que Sim a trouxera para um covil de bandidos.

Ela soltou um gemido. A quantos seria obrigada a se submeter?

E, no instante mesmo em que formulou a pergunta, ela teve certeza da resposta: a todos eles.

Sim arrastou-a através da clareira até um homem que estava sentado no chão, encostado numa árvore.

- Tudo bem, Tam - disse Sim.

Gwenda compreendeu no mesmo instante quem devia ser o homem: o mais famoso bandido do condado, chamado de Tam Hiding. Tinha um rosto bonito, embora avermelhado pela bebida. As pessoas diziam que ele nascera nobre, mas era o que sempre comentavam sobre os bandidos famosos. Ao observá-lo, Gwenda ficou surpresa com sua juventude: devia ter vinte e poucos anos. Mas, como matar um fora-da-lei não era crime, era provável que poucos vivessem para ser velhos.

- Tudo bem, Sim.

- Troquei a vaca de Alwyn por uma garota.

- Bom trabalho.

A voz de Tam estava apenas um pouco engrolada.

- Vamos cobrar seis pennies ao pessoal, mas é claro que você pode ter de graça. Achei que gostaria de ser o primeiro.

Tam examinou-a, com os olhos injetados. Talvez fosse apenas sua ansiedade, mas Gwenda imaginou que viu uma sugestão de paixão nos olhos dele.

- Não, obrigado, Sim. Pode ir em frente e deixar os outros se divertirem. Talvez você queira deixar para amanhã. Tiramos um barril de bom vinho de dois monges a caminho de Kingsbridge, e quase todos estão mortos de tão bêbados agora.

O coração de Gwenda disparou em esperança. Talvez sua tortura fosse adiada.

- Terei de consultar Alwyn - disse Sim, hesitante. - Obrigado, Tam.

Ele se afastou, puxando Gwenda. A poucos passos de distância, um homem de ombros largos fez um tremendo esforço para se levantar. Sim disse:

- Tudo bem, Alwyn.

A expressão parecia servir aos bandidos como um cumprimento e um código de reconhecimento. Alwyn estava na fase mal-humorada da embriaguez.

- O que você tem aí?

- Uma garota nova.

Alwyn levantou o queixo de Gwenda, apertando com uma força desnecessária, e virou seu rosto para o clarão da fogueira. Ela foi obrigada

a fitá-lo nos olhos. O homem era jovem, como Tam Hiding, mas com a mesma aparência doentia de uma vida desregrada. Sua respiração fedia a bebida.

- Por Cristo, você pegou uma feia.

Por uma vez, Gwenda sentiu-se feliz por ser considerada feia: talvez Alwyn não quisesse fazer nada com ela.

- Peguei o que encontrei - resmungou Sim, irritado. - Se o homem tivesse uma filha bonita, não a venderia por uma vaca, não é mesmo? Em vez disso, ele a casaria com o filho de um rico mercador de lã.

O pensamento do pai deixou Gwenda furiosa. Ele deveria saber, ou pelo menos desconfiar, que aquilo aconteceria. Como fora capaz de fazer isso com ela?

- Isso não importa - declarou Alwyn. - Com apenas duas mulheres no grupo, muitos estão desesperados.

- Tam disse que devemos esperar até amanhã, porque todos estão bêbados demais esta noite... mas depende de você.

- Tam está certo. A metade já dormiu.

O medo de Gwenda diminuiu um pouco. Qualquer coisa poderia acontecer durante a noite.

- Combinado. Também estou exausto. - Ele olhou para Gwenda. - Deite, você.

Sim nunca a chamava pelo nome. Ela deitou, e Sim usou a corda para amarrar seus pés e as mãos nas costas. Ele e Alwyn deitaram ao seu lado. Em poucos momentos, os dois estavam dormindo.

Gwenda sentia-se exausta, mas não pensava em dormir. Com os braços nas costas, todas as posições eram dolorosas. Tentou mexer os pulsos dentro da corda, mas Sim apertara com força e dera um nó firme.

Só conseguiu ficar esfolada, de tanto que a corda roçou em sua carne.

O desespero transformou-se em raiva impotente. Imaginou a vingança contra seus captores, açoitando-os com um chicote, enquanto se encolhiam apavorados à sua frente. Era uma fantasia inútil. Ela fez um esforço para se concentrar em meios práticos de fuga.

Primeiro, teria de fazer com que a desamarrassem. Isso feito, trataria de escapar. Em termos ideais, cuidaria para que não pudessem segui-la e recapturá-la.

Parecia impossível.

12

Gwenda sentia frio quando acordou. Era o meio do verão, mas esfriava durante a noite, e ela não tinha nada para se proteger, exceto o vestido leve. O céu começava a passar de preto para cinzento. Ela correu os olhos pela clareira, na semi-escuridão: ninguém se mexia.

Precisava fazer pipi. Pensou em fazer ali mesmo, deixar o vestido encharcado. Quanto mais ficasse repulsiva, melhor. Mas ela descartou a idéia quase no instante mesmo em que lhe ocorreu. Seria desistir. E ela não tinha a menor intenção de desistir.

Mas o que podia fazer?

Alwyn dormia ao seu lado, com uma adaga comprida na bainha, ainda presa em sua cintura. Isso lhe deu o vislumbre de uma idéia. Não tinha certeza se teria coragem de executar o plano que começava a se delinear em sua mente. Mas recusou-se a pensar no quanto se sentia apavorada. Teria de fazer de qualquer maneira.

Embora os tornozelos estivessem amarrados juntos, ela podia mover as pernas. Chutou Alwyn. A princípio, ele pareceu não sentir. Gwenda chutou-o de novo. Ele se mexeu. Na terceira vez, ele sentou e perguntou, a voz sonolenta:

- Foi você que me chutou?

- Tenho de fazer pipi.

- Não na clareira. É uma das regras de Tam. É preciso dar vinte passos para uma mijada, cinquenta para uma cagada.

- Portanto, até os bandidos vivem de acordo com regras.

Ele fitou-a sem entender. Não percebeu a ironia. Não era um homem esperto, concluiu Gwenda. Isso era útil. Mas ele era forte e mau. Ela teria de ser bastante cautelosa.

- Não posso ir a lugar nenhum com as pernas amarradas. Resmungando, Alwyn soltou a corda que prendia os tornozelos de Gwenda. A primeira parte do plano dera certo. Agora, ela se sentia ainda mais assustada. Fez um enorme esforço para se levantar. Todos os músculos das pernas doíam, de uma noite de aperto. Ela deu um passo, cambaleou e caiu de novo.

- É muito difícil com as mãos amarradas. Alwyn ignorou a sugestão.

A segunda parte do plano não dera certo.

Teria de continuar a tentar.

Gwenda levantou-se de novo, e foi andando entre as árvores. Ele seguiu-a, contando os passos nos dedos. Na primeira vez em que chegou a dez, ele começou de novo. Na segunda vez, declarou:

- Já é suficiente.

Ela fitou-o, com uma cara de desamparada.

- Não posso levantar o vestido. Alwyn cairia nessa?

Ele ficou olhando para Gwenda, com uma expressão aturdida. Ela quase que podia ouvir o cérebro dele em funcionamento, como as engrenagens de um moinho de água. Alwyn poderia levantar seu vestido enquanto ela urinava; mas era o tipo de coisa que uma mãe fazia com uma criança pequena, e ele acharia humilhante. Como alternativa, ele poderia desamarrear suas mãos; e com as mãos e os pés livres, ela poderia tentar correr. Mas era pequena, estava cansada e com câibras: não teria a menor possibilidade de correr mais do que um homem com pernas compridas e musculosas. Ele devia estar pensando que o risco não era sério.

Pois desamarrou as mãos dela.

Gwenda virou o rosto, para que ele não visse sua expressão de triunfo.

Ela esfregou os antebraços, para restabelecer a circulação. Tinha vontade de arrancar os olhos do homem com os polegares; em vez disso, porém, sorriu tão docemente quanto podia e murmurou:

- Obrigada.

Era como se Alwyn tivesse acabado de efetuar um ato de bondade. Ele não disse nada. Continuou parado onde estava, observando-a.

Gwenda esperava que ele desviasse os olhos quando ela levantasse a saia e se agachasse, mas Alwyn continuou a observá-la, com uma atenção ainda maior. Ela sustentou seu olhar, relutante em se sentir envergonhada ao fazer o que era natural. O homem entreabriu a boca e a respiração se tornou mais pesada.

Agora, vinha a parte mais difícil.

Ela se levantou, devagar, deixando-o dar uma boa olhada, antes de baixar a saia. Alwyn passou a língua pelos lábios, e ela compreendeu que conseguira o que queria. Adiantou-se.

- Você será meu protetor? - perguntou ela, usando uma voz de menina que não era natural.

Ele não deixou transparecer o menor sinal de desconfiança. Não disse nada, mas estendeu a mão rude para seu seio e apertou-o com toda força. Gwenda soltou um grito de dor.

- Não com tanta força. - Ela pegou a mão de Alwyn entre as suas. - Seja mais gentil.

Ela ajeitou a mão dele em seu seio, esfregando lentamente, até que o mamilo ficou duro.

- É mais gostoso quando você é mais gentil.

Ele grunhiu, mas continuou a esfregar devagar. Depois, puxou a gola do vestido com a mão esquerda, e sacou a adaga. Tinha pelo menos trinta centímetros de comprimento, com uma ponta fina, a lâmina brilhando de ter sido afiada havia pouco tempo. Era evidente que ele tencionava cortar o vestido. O que não seria nada bom, porque a deixaria nua.

Gwenda pegou o pulso de Alwyn, apertando de leve, para contê-lo por um momento.

- Não precisa da faca. Olhe...

Ela recuou, abriu o cinto, e com um rápido movimento tirou o vestido pela cabeça. Era seu único traje.

Gwenda estendeu-o no chão e deitou-se em cima. Tentou sorrir para o homem. Teve certeza de que só conseguiu exibir uma careta horrível. Abriu as pernas.

Alwyn hesitou apenas por um momento.

Com a faca na mão direita, abaixou o calção, e ajoelhou-se entre as pernas de Gwenda. Apontou a adaga para o rosto dela e murmurou:

- Qualquer problema e cortarei seu rosto.

- Não precisará fazer isso. - Ela tentava desesperadamente adivinhar as palavras que um homem gostaria de ouvir de uma mulher naquela situação. - Meu grande e forte protetor...

Ele não demonstrou qualquer reação. Estendeu-se por cima dela, arremetendo às cegas.

- Não tão depressa - disse Gwenda, rangendo os dentes contra a dor das arremetidas desajeitadas.

Ela estendeu as mãos entre as pernas e guiou-o para a entrada, erguendo as pernas para facilitar a penetração.

Alwyn ergueu-se por cima, apoiando o peso do corpo nos braços. Largou a adaga na relva, ao lado da cabeça de Gwenda, cobrindo o cabo com a mão direita. Gemeu quando a penetrou. Ela acompanhou seus movimentos, mantendo a farsa de sua disposição. Olhava para o rosto de Alwyn, com um esforço para não virar a cabeça na direção da adaga, aguardando pelo

momento certo. Sentia-se ao mesmo tempo apavorada e repugnada, mas uma pequena parte de sua mente permanecia calma e calculista.

Ele fechou os olhos e ergueu a cabeça, como um animal farejando a brisa. Tinha os braços esticados, sustentando o corpo. Gwenda arriscou um olhar para a faca. Ele afastara um pouco a mão, de tal forma que só cobria o cabo parcialmente. Ela poderia pegá-la agora, mas qual seria a rapidez da reação do homem?

Ela olhou de novo para o rosto de Alwyn, que tinha a boca contraída num ricto de concentração. Ele arremeteu com mais força ainda, e Gwenda acompanhou seus movimentos.

Para sua consternação, sentiu um calor espalhar-se pelo ventre. Ficou apavorada com ela própria. O homem era um bandido, assassino, pouco mais que uma besta da floresta, e planejava prostituí-la por seis pennies de cada vez. Ela fazia aquilo para salvar sua vida, não pela diversão! Mas experimentou um fluxo de umidade dentro dela, enquanto o homem acelerava os movimentos.

Gwenda sentiu que o momento do orgasmo masculino era iminente. Tinha que ser agora ou nunca. Ele soltou um gemido, que parecia ser de rendição, e ela entrou em ação.

Tirou a faca de baixo da mão do homem. Não houve mudança na expressão de êxtase que ele exibia: não notara seu movimento. Apavorada, com medo de que ele percebesse o que fazia e a detivesse no último momento, Gwenda não hesitou: desferiu um golpe com a adaga para cima, ao mesmo tempo em que erguia os ombros. O homem sentiu seu movimento e abriu os olhos. Choque e medo estamparam-se em seu rosto. Golpeando desvairada, ela enfiou a adaga em sua garganta, logo abaixo do queixo. Grunhiu, desesperada, sabendo que errara as partes mais vulneráveis do pescoço, o tubo da respiração e a veia jugular. Ele rugiu de dor e raiva, mas ainda não estava incapacitado. Gwenda compreendeu que se encontrava mais próxima da morte do que em qualquer outra ocasião de sua vida.

Agiu por instinto, sem pensar. Com o braço esquerdo, bateu na parte interna do cotovelo do homem. Ele dobrou o braço, e involuntariamente arriou em cima dela. Gwenda tornou a erguer a adaga, e o peso do corpo fez com que penetrasse mais fundo em Alwyn. O sangue jorrou de sua boca aberta, caindo no rosto de Gwenda. Ela sacudiu a cabeça para o lado, num reflexo, mas continuou a enfiar a adaga. A lâmina encontrou

resistência por um instante, depois deslizou, até que o globo ocular pareceu explodir. A ponta da adaga saiu pela cavidade, num jato de sangue e cérebro. O homem arriou em cima dela, morto, ou quase. O peso deixou-a sem fôlego. Era como estar por baixo de um tronco caído. Por um momento, ela sentiu-se impotente demais para fazer qualquer movimento. E, para seu horror, sentiu que o homem ejaculava dentro dela.

Foi dominada por um terror supersticioso. Ele parecia mais assustador assim do que no momento em que a ameaçara com a adaga. Em pânico, Gwenda contorceu-se para sair de baixo.

Levantou-se, trêmula, respirando com dificuldade. Tinha o sangue do homem nos seios e o esperma nas coxas. Olhou apavorada na direção do acampamento dos bandidos. Alguém estaria acordado para ouvir o grito de Alwyn? E, se todos ainda dormiam, o barulho teria acordado alguns?

Sem parar de tremer, ela enfiou o vestido pela cabeça e prendeu o cinto. Tinha sua bolsa e uma faca pequena, que costumava usar para comer. Mal ousava desviar os olhos de Alwyn: tinha um sentimento angustiante de que talvez ele ainda estivesse vivo. Sabia que deveria liquidá-lo de vez, mas não era capaz. Um som na direção da clareira surpreendeu-a. Precisava sair dali, o mais depressa que pudesse. Olhou ao redor, para se orientar, depois seguiu na direção da estrada.

Havia uma sentinela perto do enorme carvalho, ela lembrou, com um súbito sobressalto de medo. Continuou a andar pela floresta, tomando cuidado para não fazer barulho ao se aproximar do carvalho. Avistou a sentinela - o nome era Jed

- dormindo no chão. Passou por ele na ponta dos pés. Teve de recorrer a toda a sua força de vontade para não desatar a correr. Mas o homem não se mexeu.

Gwenda encontrou a trilha dos veados e seguiu-a até o córrego. Parecia que ainda não havia ninguém em sua perseguição. Ela lavou o sangue do rosto e do peito, depois jogou a água fria nas partes íntimas.

Bebeu bastante água, sabendo que tinha uma longa caminhada pela frente. Já se sentindo um pouco menos frenética, ela continuou pela trilha dos veados. Escutava com toda atenção enquanto andava. Os bandidos levariam quanto tempo para encontrar Alwyn? Ela nem tentara esconder o corpo. Quando descobrissem o que acontecera, certamente partiriam em seu encalço, pois haviam dado uma vaca para comprá-la, e o valor era de

doze shillings, o que correspondia a meio ano de salário para um trabalhador como seu pai.

Ela alcançou a estrada. Para uma mulher viajando sozinha, a estrada aberta era quase tão perigosa quanto uma trilha na floresta. O grupo de Tam Hiding não era o único, pois havia muitos outros bandidos refugiados na floresta. Além disso, havia muitos outros homens - pajens, camponeses, bandos de homens de armas - que poderiam se aproveitar de uma mulher indefesa. Mas sua prioridade era escapar de Sim Chapman e seus companheiros. Para isso, a rapidez era de suprema importância.

Que direção deveria seguir? Se voltasse para Wigleigh, Sim poderia segui-la até lá e reivindicá-la de novo... e não havia como prever a reação do pai. Precisava de amigos em quem pudesse confiar. Caris a ajudaria.

Ela seguiu para Kingsbridge.

Era um dia de sol, mas a estrada continuava lamacenta por causa dos muitos dias de chuva. Com isso, andar era muito mais difícil. Depois de algum tempo, ela alcançou o topo de uma colina. Ao olhar para trás, pôde avistar a estrada por cerca de um quilômetro e meio. No limite extremo de seu campo de visão, avistou um vulto solitário. Ele usava uma túnica amarela.

Sim Chapman.

Gwenda desatou a correr.

13

O caso contra Crazy Nell foi ouvido no transepto norte da catedral, no sábado, ao meio-dia. O bispo Richard presidiu o tribunal eclesiástico, com o prior Anthony à sua direita. A esquerda sentava o assistente pessoal do bispo, o arquiidiácono Lloyd, um padre solene, de cabelos pretos, que fazia todo o trabalho do bispado, pelo que se dizia.

Havia uma enorme multidão de espectadores. Um julgamento de heresia era uma boa diversão, e Kingsbridge não testemunhava nenhum havia alguns anos. Muitos artesãos e trabalhadores encerravam suas atividades ao meio-dia de sábado. Lá fora, a Feira do Velocino chegava ao fim. Os mercadores desmontavam seus estandes e empacotavam as mercadorias não vendidas, os compradores preparavam a volta para casa, alugando as balsas que desceriam o rio com suas aquisições, até o porto marítimo de Melcombe.

A espera do início do julgamento, Caris pensou desolada em Gwenda. O que ela estaria fazendo naquele momento? Sim Chapman a obrigaria a ter sexo com ele, com toda certeza... mas isso poderia não ser a pior coisa a lhe acontecer. O que mais ela teria de fazer como sua escrava? Caris não tinha a menor dúvida de que Gwenda tentaria fugir... mas conseguiria? se fracassasse, como Sim a puniria? Caris compreendeu que talvez nunca descobrisse.

Fora uma estranha semana. Buonaventura Caroli não mudara de idéia: os compradores florentinos não voltariam a Kingsbridge, pelo menos até que o priorado melhorasse as condições para a Feira do Velocino. O pai de Caris e outros importantes mercadores de lã haviam passado metade da semana ocupados em conversas com o conde Roland. Merthin continuava num ânimo estranho, retraído e sombrio. E a chuva recomeçara.

Nell foi arrastada para a catedral por John Constable e frei Murdo. Seu único traje era uma túnica sem mangas, presa na frente, mas deixando à mostra os ombros ossudos. Não usava chapéu nem sapatos. Debatia-se sem muita força nas mãos dos dois homens, enquanto gritava imprecizações.

Depois que conseguiram acalmá-la, vários moradores da cidade se adiantaram para testemunhar que a haviam ouvido invocar o demônio. Diziam a verdade. Nell ameaçava as pessoas com o demônio durante todo

o tempo... pela recusa em lhe dar uma esmola, por ficar na sua frente na rua, por usar um bom casaco ou sem qualquer motivo.

Cada testemunha relatou um infortúnio que se seguira à blasfêmia. A esposa de um ourives perdera um broche precioso; todas as galinhas de um estalajadeiro morreram; uma viúva teve um furúnculo doloroso no traseiro... uma queixa que provocou risos, mas também acarretou condenação, pois as feiticeiras eram conhecidas por seu senso de humor malicioso. Enquanto isso acontecia, Merthin veio se postar ao lado de Caris.

- Isso tudo é uma estupidez - comentou ela com Merthin, indignada. - Dez vezes mais testemunhas poderiam se apresentar para dizer que Nell as amaldiçoou e nada aconteceu.

Merthin deu de ombros.

- As pessoas acreditam no que querem acreditar.

- Talvez as pessoas comuns. Mas o bispo e o prior deveriam saber melhor... são homens instruídos.

- Tenho uma coisa para lhe dizer - anunciou Merthin.

Caris empertigou-se. Talvez estivesse prestes a descobrir a razão para a mudança de ânimo de Merthin. Olhava-o de lado até agora, mas se virou para fitá-lo. Ele tinha uma enorme equimose no lado esquerdo do rosto.

- O que aconteceu com você?

A multidão caiu na gargalhada com alguma declaração de Nell. O arquidiácono Lloyd teve de pedir silêncio várias vezes. Merthin disse, quando pôde ser ouvido de novo:

- Não aqui. Podemos ir para algum lugar sossegado?

Caris quase se virou para sair com ele, mas alguma coisa a deteve. Durante toda a semana Merthin a deixara atônita e magoada com sua frieza. Agora, finalmente, ele decidira que chegara o momento de dizer qual era o problema... e esperava que ela se apressasse em atender à sua ordem. Por que Merthin deveria determinar a hora? Fizera-a esperar por cinco dias... por que ela não podia fazê-lo esperar por uma hora?

- Não - murmurou Caris. - Não agora. Ele ficou surpreso.

- Por que não?

- Porque não é da minha conveniência. E, agora, preste atenção.

Ao se virar de novo para a frente, Caris percebeu sua expressão magoada. No mesmo instante, desejou não ter sido tão fria; mas já era tarde demais, e não pretendia se desculpar.

Uma testemunha encerrou seu depoimento. O bispo Richard disse:

- Mulher, você diz que o demônio domina a Terra?

Caris ficou indignada. Os hereges cultuavam Satã porque acreditavam que ele tinha jurisdição sobre a Terra, enquanto Deus só reinava no Céu. Crazy Nell não podia sequer compreender esse credo tão sofisticado. Era vergonhoso que Richard aceitasse a acusação ridícula de frei Murdo. Nell gritou em resposta:

- Pode meter o seu cacete no rabo!

A multidão caiu na gargalhada, exultante com o insulto grosseiro ao bispo. Richard disse:

- Se é essa a sua defesa... i O arqui-diácono Lloyd interveio:

- Alguém deve falar em sua defesa.

O tom era respeitoso, mas ele parecia satisfeito por corrigir seu superior. Não podia haver a menor dúvida de que o preguiçoso Richard contava com Lloyd para lembrá-lo das regras. Como ninguém mais falasse, Caris declarou:

- Nell é louca.

Todos se viraram, para descobrir quem era a pessoa bastante insensata para se postar ao lado de Nell. Houve um murmúrio de reconhecimento - a maioria das pessoas conhecia Caris - mas nenhuma reação de surpresa, pois ela tinha a reputação de fazer o inesperado.

O prior Anthony inclinou-se e murmurou alguma coisa no ouvido de Richard, que disse:

- Caris, a filha de Edmund Wooler, nos diz que a acusada é louca. Já havíamos chegado a essa conclusão sem a sua ajuda.

Caris se irritou com o sarcasmo frio.

- Nell não tem a menor idéia do que diz! Invoca o demônio, os santos, a lua e as estrelas. Não faz mais sentido do que os latidos de um cachorro. Seria como enforcar um cavalo por relinchar para o rei.

Ela não pôde evitar o desdém em sua voz, embora soubesse que era uma insensatez permitir que seu desprezo transparecesse quando se dirigia à nobreza.

Algumas pessoas na multidão murmuraram em concordância. Todos gostavam de uma acalorada discussão. Richard disse:

- Mas ouviu as pessoas testemunharem sobre os danos causados por suas pragas.

- Perdi um penny ontem. Cozinhei um ovo e descobri que estava estragado. Meu pai passa a noite inteira acordado de tanto tossir. Mas ninguém nos rogou uma praga. As coisas ruins simplesmente acontecem. Muitas pessoas balançaram a cabeça. A maioria acreditava que havia uma influência maligna por trás de cada infortúnio, grande ou pequeno.

Caris perdera o apoio da multidão.

O prior Anthony, seu tio, conhecia suas opiniões, e já argumentara com ela antes. Agora, inclinou-se para a frente e disse:

- Certamente não acredita que Deus é responsável por todas as doenças, infortúnios e perdas, não é mesmo? ;

-Não...

- Quem é então?

Caris imitou o tom afetado de Anthony:

- Certamente não acredita que todo infortúnio na vida é responsabilidade de Deus ou de Crazy Nell, não é?

O arquidiácono Lloyd interveio, ríspido:

- Seja respeitosa com o prior.

Ele não sabia que Anthony era tio de Caris. Os espectadores riram: todos conheciam o prior afetado e sua sobrinha de mentalidade independente.

- Acho que Nell é inofensiva - concluiu Caris. - Louca, sem dúvida, mas inofensiva.

Foi nesse instante que frei Murdo levantou-se e começou a falar, com sua voz sonora:

- Meu senhor bispo, homens de Kingsbridge, amigos. O maligno está por toda parte, nos tentando ao pecado... à mentira, gula com comida, embriaguez com o vinho, ao orgulho desmedido, ao desejo da carne.

A multidão gostava disso: as descrições que Murdo fazia do pecado ataçavam a imaginação e evocavam deliciosas cenas de indulgência, que eram santificadas por sua veemente desaprovação.

- Mas ele não pode passar sem ser observado - continuou Murdo, elevando a voz em excitação. - Assim como o cavalo deixa as marcas de seus cascos na lama, assim como o camundongo da cozinha deixa suas pegadas na manteiga, assim como o devasso deixa seu sêmen infame para crescer no ventre da donzela enganada, assim o demônio deve deixar... sua marca! Pessoas gritaram em aprovação. Sabiam o que ele queria dizer, inclusive Caris.

- Os servidores do maligno podem ser conhecidos pela marca que ele deixa. Pois ele suga o sangue quente deles, assim como uma criança suga o leite doce dos seios intumescidos de sua mãe. E, como a criança, ele precisa de uma teta para sugar... um terceiro mamilo!

Ele mantinha a audiência extasiada, observou Caris. Começava cada frase em voz baixa e contida, depois da aumentando o tom, recorrendo a uma frase emotiva para alcançar o clímax; e a multidão reagia com ansiedade, escutava em silêncio, para gritar em aprovação ao final.

- Essa marca é escura, saliente como um mamilo, projetando-se da pele clara ao redor. Pode estar em qualquer parte do corpo. Às vezes fica no vale macio entre os seios de uma mulher, a manifestação anormal imitando cruelmente a natural. Mas o demônio gosta mais de localizá-la nas partes secretas do corpo, na virilha, em lugares íntimos, especialmente...

O bispo Richard interrompeu-o, em voz bastante alta:

- Obrigado, frei Murdo. Não precisa continuar. Está pedindo que o corpo da mulher seja examinado à procura da marca do demônio.

- Isso mesmo, meu senhor bispo, pois...

- Não precisa argumentar mais nada. Já disse o suficiente. - Richard olhou ao redor. - Madre Cecilia está por perto?

A priora sentava num banco no lado do tribunal, junto com irmã Juliana e algumas freiras mais antigas. O corpo nu de Crazy Nell não podia ser examinado por homens; mulheres teriam de fazê-lo em particular, para depois relatarem o que haviam encontrado. As freiras eram a escolha óbvia.

Caris não invejava a tarefa. A maioria dos moradores da cidade lavava as mãos e o rosto todos os dias, e as partes que mais cheiravam do corpo uma vez por semana. O banho em todo o corpo era, na melhor das hipóteses, um ritual efetuado duas vezes por ano, necessário, embora perigoso para a saúde. Crazy Nell, no entanto, dava a impressão de que nunca se lavava. O rosto era sujo, as mãos eram imundas e ela cheirava como um monte de estrume.

Cecilia levantou-se. Richard disse:

- Por favor, leve essa mulher para uma câmara privada, tire suas roupas, examine seu corpo com todo cuidado, e volte para relatar fielmente o que encontrou.

As outras freiras também se levantaram e se encaminharam para Nell. Cecilia falou em voz suave com a louca. Pegou-a pelo braço, gentilmente. Mas Nell não se deixou enganar. Desvencilhou-se e ergueu os braços. Nesse momento, frei Murdo gritou:

- Estou vendo! Estou vendo!

Quatro freiras conseguiram conter Nell. O frade acrescentou:

- Não é preciso tirar suas roupas. Basta olhar para o braço direito. Enquanto Nell voltava a se debater, ele adiantou-se, ergueu o braço dela, apontou para a axila, e disse:

- Aqui!

A multidão aproximou-se, ansiosa.

- Estou vendo! - gritou alguém.

Outros repetiram o grito. Caris não podia ver nada além dos cabelos normais na axila, e relutava em cometer a indignidade de espiar mais de perto. Não tinha a menor dúvida de que Nell devia ter alguma mancha ou excrescência ali. Muitas pessoas tinham marcas na pele, em particular as mais velhas.

O arquidiácono Lloyd pediu ordem e silêncio. John Constable obrigou a multidão a recuar, batendo com uma vara. Quando o silêncio foi restabelecido, Richard levantou-se e declarou:

- Crazy Nell de Kingsbridge, eu a considero culpada de heresia. Será agora amarrada na traseira de uma carroça e açoitada através da cidade, depois levada até o lugar conhecido como Gallows Cross, para ser enforcada pelo pescoço até a morte.

A multidão aclamou a decisão. Caris virou-se, revoltada. Com uma justiça assim, nenhuma mulher estava segura. Seus olhos se iluminaram ao se deparar com Merthin, ainda esperando, paciente.

- Muito bem - disse ela, irritada. - Qual é o problema?

- Parou de chover. Vamos até o rio.

O priorado tinha uma série de pôneis para os monges e freiras mais idosos usavam quando viajavam, mais alguns cavalos de tiro para transportar as mercadorias. Esses animais e mais as montarias dos visitantes prósperos eram guardados em estábulos de pedra, junto da extremidade meridional da catedral. A horta próxima era fertilizada com a palha suja das baias.

Ralph estava no pátio do estábulo, com o resto da comitiva do conde Roland. Os cavalos haviam sido selados, prontos para iniciar a viagem de

dois dias de volta à residência de Roland, o Earls castle, perto de Shiring. Esperavam apenas pelo conde.

- Não sei por que Stephen foi feito senhor de Wigleigh, enquanto eu não tenho nada - disse ele. - Somos da mesma idade, e ele não é melhor do que eu num cavalo, numa justa ou com a espada.

Cada vez que se encontravam, Sir Gerald fazia as mesmas perguntas esperançosas, e Ralph tinha de dar as mesmas respostas inadequadas. Ralph poderia suportar o desapontamento com mais facilidade se não fosse a patética ansiedade do pai em vê-lo promovido a cavaleiro.

Griff era um cavalo novo. Um animal de caça, já que um simples pajem não merecia um custoso cavalo de guerra. Reagia muito bem quando Ralph o exigia numa caçada. Agora, mostrava-se excitado com toda a atividade no pátio, ansioso por partir. Ralph murmurou em seu ouvido:

- Quieto, meu bom rapaz. Terá a oportunidade de esticar as pernas mais tarde.

O cavalo acalmou-se ao som de sua voz.

- Mantenha-se sempre alerta a todas as oportunidades de agradar ao conde recomendou Sir Gerald. - Assim ele se lembrará de você quando tiver um posto para preencher.

Era uma boa idéia em teoria, pensou Ralph, mas as verdadeiras oportunidades só surgiam em batalha. E a guerra podia estar um pouco mais próxima hoje do que há uma semana. Ralph não participara das reuniões entre o conde e os mercadores de lã, mas calculava que os mercadores estavam dispostos a emprestar dinheiro ao rei Edward. Queriam que o rei tomasse alguma ação decisiva contra a França, em retaliação aos ataques franceses nos portos da costa sul.

Enquanto isso, Ralph procurava por alguma maneira de se distinguir e começar a recuperar a honra que a família perdera dez anos antes... não apenas pelo pai, mas também por seu próprio orgulho.

Griff bateu com as patas no chão e sacudiu a cabeça. Para acalmá-lo, Ralph levou-o para andar de um lado para outro, acompanhado pelo pai. A mãe continuou parada no mesmo lugar, transtornada pelo nariz quebrado do filho.

Junto com o pai, Ralph passou por lady Philippa, que segurava com mão firme a rédea de um cavalo veloz e arisco, enquanto conversava com o marido, lorde William.

Ela usava roupas justas, que eram apropriadas para a viagem, mas também realçavam o busto cheio e as pernas compridas. Ralph mantinha-se sempre atento a pretextos para conversar com ela, mas de nada adiantava: ele não passava de mais um servidor de seu sogro, e Philippa só lhe dirigia a palavra quando era necessário.

Enquanto Ralph observava, ela sorriu para o marido e bateu de leve em seu peito, com o dorso da mão, num gesto zombeteiro de repreensão. Ralph ficou cheio de ressentimento. Por que não podia ser com ele que Philippa partilhava aquele momento de divertimento particular? Não havia a menor dúvida de que Philippa faria isso se ele fosse o senhor de quarenta aldeias, como era o caso de William.

Ralph sentiu que sua vida era toda aspiração. Quando conseguiria realizar alguma coisa? Ele e o pai percorreram toda a extensão do pátio, viraram e voltaram.

Ele viu um monge de um braço só sair da cozinha e atravessar o pátio. Ficou impressionado ao constatar como o homem lhe parecia familiar. Um momento depois, ele se lembrou de onde conhecia o rosto. Era Thomas Langley, o cavaleiro que matara dois homens de armas na floresta, dez anos antes. Ralph não o vira desde aquele dia, mas seu irmão Merthin tornara a encontrá-lo, várias vezes, pois o cavaleiro se tornara monge e era agora o responsável pela supervisão dos reparos nos prédios do priorado. Thomas usava o hábito castanho de um monge em vez das belas roupas de um cavaleiro. Tinha os cabelos cortados na tonsura de um monge. Estava mais corpulento na cintura, mas ainda tinha o porte de um guerreiro. Enquanto Thomas passava, Ralph comentou com lorde William, num tom descontraído:

- Lá vai ele... o monge misterioso. William perguntou, ríspido:

- Como assim?

- O irmão Thomas. Ele era um cavaleiro, e ninguém sabe por que entrou no mosteiro.

- O que sabe sobre ele?

O tom de William era de raiva, embora Ralph não dissesse nada ofensivo. Talvez ele estivesse de mau humor, apesar do sorriso afetuoso de sua linda esposa. Ralph desejou não ter puxado o assunto.

- Eu estava aqui no dia em que ele chegou a Kingsbridge.

Ele hesitou, recordando o juramento que as crianças haviam feito naquela tarde. Por causa disso e da inexplicável irritação de William, Ralph não

contou toda a história. Limitou-se a acrescentar:

- Ele entrou na cidade trôpego, sangrando de um ferimento de espada. Um menino se lembra dessas coisas.

- Muito curioso... - Philippa olhou para o marido. - Sabe qual é a história do irmão Thomas?

- Claro que não! - respondeu William, incisivo. - Como eu poderia saber de uma coisa assim?

Ela deu de ombros e se afastou. Ralph também se afastou, contente em escapar da conversa.

- Lorde William estava mentindo - disse ele para o pai, em voz baixa. Gostaria de saber por quê.

- Não faça mais perguntas sobre aquele monge - disse o pai, ansioso. - É obviamente um assunto delicado.

O conde Roland finalmente apareceu, acompanhado pelo prior Anthony. Os cavaleiros e pajens montaram. Ralph beijou os pais e subiu para a sela. Griff deu alguns passos para o lado, ansioso em partir. O movimento fez o nariz de Ralph doer como se estivesse pegando fogo. Ele rangeu os dentes: não havia nada que pudesse fazer, a não ser suportar.

Roland foi até seu cavalo, Victory, um garanhão preto com uma mancha branca num olho. Não montou, mas pegou a rédea e começou a andar, ainda em conversa com o prior. William gritou:

- Sir Stephen Wigleigh e Ralph Fitzgerald, sigam na frente e esvaziem a ponte.

Ralph e Stephen atravessaram o pátio gramado da catedral. A relva estava pisoteada e o terreno lamacento na área antes ocupada pela Feira do Velocino. Uns poucos estandes ainda faziam negócios, mas a maioria já fora desmontada. Muitos negociantes já haviam partido. Passaram pelos portões do priorado.

Na rua principal, Ralph avistou o rapaz que o deixara de nariz quebrado. Wulfric era seu nome, e vinha da aldeia de Wigleigh, que pertencia a Stephen. O lado esquerdo do rosto, que Ralph esmurrara várias vezes, estava machucado, bastante inchado. Wulfric havia parado na frente da Bell Inn, com o pai, a mãe e o irmão. Pareciam prestes a ir embora.

É melhor você torcer para nunca mais me encontrar, pensou Ralph.

Ele tentou pensar em algum insulto para gritar, mas foi distraído pelo som de uma multidão.

Enquanto ele e Stephen desciam pela rua principal, os cavalos avançando resolutos pela lama, avistaram à frente uma multidão compacta. No meio da ladeira, foram obrigados a parar.

A rua se encontrava entupida por centenas de homens, mulheres e crianças, gritando, rindo, empurrando-se à procura de espaço. Todos estavam de costas para Ralph. Ele olhou por cima de suas cabeças.

A frente daquela procissão indisciplinada seguia uma carroça, puxada por um boi. Uma mulher seminua fora amarrada na traseira da carroça. Ralph já vira aquele tipo de coisa antes: uma pessoa ser açoitada através da cidade era uma punição comum. A mulher usava apenas uma saia de lã ordinária, presa na cintura por uma corda. O rosto, quando ele pôde vê-lo, estava todo manchado, os cabelos imundos, de tal forma que ele pensou a princípio que era uma velha. Até que viu os seios e compreendeu que ela tinha apenas vinte e poucos anos.

Tinha as mãos amarradas e presas pela mesma corda na carroça. Cambaleava em sua esteira, às vezes caía e era arrastada, contorcendo-se na lama, até que conseguia se levantar de novo. O constable da cidade da atrás, usando um chicote simples, uma tira de couro presa numa vara, para açoitar as costas nuas da mulher.

A multidão, liderada por um bando de jovens, escarnecia da mulher, gritando insultos, rindo, jogando lama e outras sujeiras.

Ela reagia com a maior satisfação, berrando imprecações e cuspiendo em quem chegava perto. Ralph e Stephen levaram seus cavalos contra a multidão. Ralph elevou a voz:

- Abram caminho! Dêem passagem para o conde! Stephen fez a mesma coisa.

Mas ninguém deu a menor atenção.

Ao sul do priorado, o terreno descia íngreme até o rio. A margem naquele lado era rochosa, imprópria para a atracação de barcas e balsas. Por isso, todos os cais ficavam no lado sul, mais acessível, em Newtown. O lado norte era mais quieto, e naquela época do ano era colorido pelas flores silvestres. Merthin e Caris sentaram num penhasco baixo, à beira da água.

O rio aumentara com as chuvas. Deslocava-se mais depressa do que o habitual, Merthin notou, e podia compreender o motivo: o canal se tornara mais estreito do que antes. Isso acontecia por causa do desenvolvimento na margem do rio. Quando ele era pequeno, a maior parte da margem sul era uma praia larga e lamacenta, com uma região pantanosa além. O rio

corria então num ritmo lento e imponente, de tal forma que podia flutuar de costas de um lado para outro. Mas os novos cais, protegidos das enchentes por muros de pedras, espremiam a mesma quantidade de água num funil menor, através do qual o rio passava apressado, como se estivesse ansioso em deixar a ponte para trás. Além da ponte, o rio tornava a se alargar e diminuía a velocidade, contornando a ilha do Leproso, onde ficava o lazareto.

- Fiz uma coisa horrível - anunciou Merthin.

Infelizmente, Caris parecia ainda mais adorável naquele dia. Usava um vestido de linho vermelho escuro, e a pele parecia luzir de vitalidade. Mostrara-se furiosa no julgamento de Crazy Nell, mas agora parecia apenas preocupada -, e isso lhe proporcionava uma aparência vulnerável, que provocava um aperto no coração de Merthin. Caris devia ter percebido que ele fora incapaz de fitá-la nos olhos durante toda a semana. Mas o que ele tinha de lhe contar era provavelmente pior do que qualquer coisa que ela imaginara.

Merthin não falara com ninguém a respeito desde a briga com Griselda, Elfric e Alice. Ninguém sabia que sua porta fora destruída. Ele sentira-se ansioso em descarregar, mas se contivera. Não queria conversar sobre aquilo com os pais: a mãe faria um julgamento moral, e o pai lhe diria que tinha de ser um homem. Poderia ter conversado com Ralph, mas havia uma frieza entre os dois desde a briga com Wulfric: Merthin achava que o irmão se comportara como um algoz, e Ralph sabia disso.

Ele receava contar a verdade a Caris. Por um momento, perguntou-se por quê. Não era porque tivesse medo do que ela faria. Podia ser desdenhosa - e era boa nisso -, mas não poderia dizer qualquer coisa pior do que tudo o que vinha dizendo a si mesmo a todo instante.

O que ele de fato receava, compreendeu Merthin, era magoá-la. Podia suportar sua raiva; era a angústia de Caris que não tinha condições de encarar.

- Você ainda me ama, Merthin?

Ele não esperava pela pergunta, mas respondeu sem hesitação:

- Amo.

- E eu amo você. Qualquer outra coisa é apenas um problema que podemos resolver juntos.

Merthin desejou que ela estivesse certa. E desejou tanto que as lágrimas afloraram aos seus olhos. Ele virou o rosto para que Caris não pudesse ver.

Uma turba entrava na ponte, seguindo uma lenta carroça. Merthin compreendeu que devia ser Crazy Nell, sendo açoitada através da cidade, a caminho de Gallows Cross, em Newtown. A ponte já estava lotada de negociantes e suas carroças de partida. O movimento era tão intenso que quase não se conseguia avançar.

- Qual é o problema? - indagou Caris. - Você está chorando.

- Deitei-me com Griselda - revelou Merthin, abruptamente. Caris ficou boquiaberta.

- Griselda - murmurou ela, incrédula.

- E me sinto envergonhado.

- Pensei que devia ser Elizabeth Clerk. ;

- Ela é orgulhosa demais para se oferecer.

A reação de Caris surpreendeu-o: i

- Quer dizer que faria com Elizabeth também, se ela se oferecesse?

- Não foi isso que eu quis dizer!

- Griselda! Santa Maria! Pensei que eu valia mais do que isso.

- E vale.

- Uma lupa - disse ela, usando a palavra latina para prostituta.

- Nem mesmo gosto dela. E detestei.

- Diz isso para fazer com que eu me sinta melhor? Não se arrependeria se tivesse gostado?

-Não!

Merthin estava consternado. Caris parecia determinada a interpretar da maneira errada tudo o que ele dizia.

- O que deu em você?

- Ela estava chorando.

- Pelo amor de Deus! Faz isso com toda mulher que começa a chorar?

- Claro que não! Apenas tentava explicar como aconteceu, embora eu não quisesse.

O desdém se tornava pior a cada coisa que ele dizia,

- Não diga bobagem. Se você não quisesse que acontecesse, não teria acontecido.

- Escute, por favor! - suplicou Merthin, frustrado. - Ela me chamou, e eu disse que não. Ela começou a chorar. Passei o braço por seus ombros, para confortá-la, e depois...

- Poupe-me dos detalhes sórdidos... não quero saber.

Merthin começou a ficar ressentido. Sabia que errara e esperava que Caris ficasse furiosa, mas seu desprezo doía.

- Está bem - murmurou ele, para se calar em seguida.

Mas não era o silêncio que Caris queria. Fitou-o na maior insatisfação e indagou:

- O que mais?

Ele deu de ombros.

- De que adianta continuar a falar? Você manifesta seu desdém por tudo o que eu digo.

- Não quero escutar desculpas patéticas. Mas há uma coisa que você não me contou... posso sentir.

Merthin suspirou.

- Ela está grávida.

A reação de Caris surpreendeu-o. Toda a raiva desapareceu. O rosto, até esse momento tenso em indignação, pareceu murchar. Só restou a tristeza.

- Um bebê... Griselda terá seu bebê.

- Pode não acontecer. Às vezes... Caris sacudiu a cabeça.

- Griselda é saudável, bem alimentada. Não há razão para que ela sofra um aborto.

- Nem eu gostaria - murmurou Merthin, embora não soubesse se isso era mesmo verdade.

- Mas o que vai fazer? Será sua criança. E a amará, mesmo que odeie a mãe.

- Tenho de casar com ela.

Caris soltou um grito de espanto.

- Casar? Mas isso seria para sempre!

- Gerei uma criança e tenho de cuidar dela.

- Mas passaria toda a sua vida com Griselda!

- Sei disso.

- Não precisa - declarou Caris, decidida. - Pense um pouco. O pai de Elizabeth Clerk não casou com a mãe dela.

- Ele era um bispo.

- Tem também o caso de Maud Roberts, em Slaughterhouse Ditch... ela tem três filhos, e todos sabem que o pai é Edward Butcher.

- Ele já é casado, e tem quatro outros filhos com a esposa.

- Estou querendo dizer que nem sempre as pessoas são obrigadas a casar. Você pode continuar como está.

- Não seria possível. Elfric me mandaria embora. Caris se mostrou pensativa.

- Quer dizer que já conversou com Elfric?

- Conversei? - Merthin tocou de leve no rosto machucado. - Pensei que ele da me matar.

- E a esposa dele... minha irmã?

- Ela gritou comigo.

- Então ela sabe.

- Sabe. Disse que eu tinha de casar com Griselda. Alice jamais quis que eu ficasse com você, não sei por quê.

- Alice queria ficar com você - murmurou Caris.

Isso era novidade para Merthin. Parecia improvável que a ativa Alice se sentisse atraída por um mero aprendiz.

- Nunca vi nenhum sinal disso.

- Só porque você nunca olhou para ela. O que a deixava furiosa. Ela casou com Elfric por frustração. Você partiu o coração de minha irmã... e agora está partindo o meu.

Merthin desviou os olhos. Não reconhecia aquele retrato de si mesmo como um homem que partia o coração das mulheres. Como as coisas podiam sair tão erradas? Caris ficou calada. Merthin olhou pelo rio, na direção da ponte.

Notou que a multidão parecia não estar mais andando. Uma pesada carroça, carregada com sacos de lã, havia parado na extremidade meridional, provavelmente com uma roda quebrada. A carroça que arrastava Nell havia parado também, incapaz de continuar. A multidão enxameava em torno das duas carroças. Algumas pessoas subiram nos sacos de lã para ver melhor. O conde Roland também tentava partir. Estava no lado da ponte que dava para a cidade, a cavalo, com sua comitiva; mas mesmo eles tinham dificuldade para passar pela ponte. Merthin avistou o irmão, Ralph, em seu cavalo castanho, de crina e rabo pretos. O prior Anthony, que obviamente fora se despedir do conde, retorcia as mãos com ansiedade, enquanto os homens de Roland forçavam seus cavalos contra a multidão, tentando em vão abrir uma passagem.

A intuição de Merthin tocou um alarme. Havia alguma coisa errada, ele tinha certeza, embora a princípio não soubesse o que era. Olhou mais atentamente para a ponte. Já notara, na segunda-feira, que as vigas maciças de carvalho através da ponte, estendendo-se de uma pilastra a

outra, apresentavam sinais de rachadura, no lado que dava para rio acima; e que as vigas haviam sido reforçadas com braçadeiras de ferro pregadas por cima das rachaduras. Merthin não participara desse trabalho, e fora por isso que não o examinara direito antes. Mas, na segunda-feira, especulava por que as vigas estavam rachando. A fraqueza não era entre as partes verticais, como se poderia esperar se a madeira tivesse se deteriorado ao longo do tempo. Em vez disso, as rachaduras eram próximas das pilastras centrais, onde a tensão deveria ser menor.

Ele não pensara a respeito desde segunda-feira - havia muitas outras coisas em sua mente - mas agora uma explicação lhe ocorreu. Era quase como se a plataforma central não estivesse suportando as vigas, mas sim puxando-as para baixo. Isso significaria que alguma coisa solapara as fundações por baixo dos pilares... e, assim que o pensamento lhe ocorreu, ele compreendeu como poderia ter acontecido. Devia ser o fluxo mais rápido do rio, removendo a areia no fundo em torno das pilastras.

Ele se recordou de andar descalço por uma praia arenosa quando era pequeno. Parado na beira do mar, notara que as ondas no refluxo puxavam a areia de baixo de seus pés. Esse tipo de fenômeno sempre o fascinara.

Se estava certo, a plataforma central, sem nada por baixo para sustentá-la, estava agora pendurada da ponte... o que explicaria as rachaduras. E as braçadeiras de ferro de Elfric não haviam ajudado; na verdade, poderiam ter agravado o problema, ao tornar impossível a ponte assentar lentamente numa posição nova e estável.

Merthin calculou que a outra pilastra do par - no lado rio abaixo da ponte ainda estava firme. A correnteza, com toda certeza, consumia a maior parte de sua força na pilastra rio acima, e atacava a segunda com uma violência reduzida. Só uma pilastra fora afetada; e parecia que o resto da estrutura era bastante firme para que a ponte permanecesse de pé... desde que não fosse submetida a uma pressão extraordinária.

Mas as rachaduras pareciam mais largas hoje do que na segunda-feira. E não era difícil adivinhar por quê. Havia centenas de pessoas na ponte, uma carga muito maior do que em circunstâncias normais; e havia uma carroça carregada com lã, com vinte ou trinta pessoas sentadas em cima dos sacos, para aumentar o peso.

O medo apertou o coração de Merthin. Achava que a ponte não seria capaz de suportar aquele nível de tensão por muito tempo.

Ele teve a vaga noção de que Caris falava, mas as palavras não penetraram em sua mente até que ela elevou a voz:

- Você não está escutando!
- Vai haver um terrível acidente.
- Como assim?
- Temos de tirar todo mundo da ponte.
- Ficou louco? Estão todos atormentando Crazy Nell. Nem mesmo o conde Roland consegue afastar as pessoas. Não vão escutá-lo.
- Acho que a ponte vai desabar.
- Ei, olhe ali! - exclamou Caris, apontando. - Está vendo uma pessoa correndo pela estrada da floresta, aproximando-se do lado sul da ponte? Merthin não podia imaginar o que isso tinha a ver com o resto, mas olhou para a direção indicada. E avistou uma mulher correndo, os cabelos esvoaçando.
- Parece Gwenda - murmurou Caris.

Por trás dela, numa perseguição implacável, vinha um homem de túnica amarela.

Gwenda sentia-se mais cansada do que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida.

Sabia que a maneira mais rápida para se percorrer uma longa distância era correr vinte passos, depois andar vinte passos. Começara a fazer isso meio dia antes, quando avistara Sim Chapman um quilômetro e meio atrás. Perdera-o de vista durante algum tempo; mas quando a estrada tornara a oferecer uma extensa vista para trás, percebera que ele fazia a mesma coisa, alternadamente corria e andava. A medida que um quilômetro sucedia outro, que uma hora sucedia outra, ele fora diminuindo a distância que os separava. Na metade da manhã, Gwenda compreendera que Sim a alcançaria antes que ela conseguisse chegar a Kingsbridge.

Em desespero, ela se embrenhara pela floresta. Mas não podia se afastar da estrada por muito tempo, com medo de se perder. Depois de algum tempo, ouvira passos correndo e a respiração ofegante; espiara através das moitas para ver Sim passar pela estrada. E concluíra que ele perceberia o que acontecera depois de percorrer alguma distância sem avistá-la. E ele logo voltara pela estrada.

Gwenda continuara pela floresta, parando a intervalos de poucos minutos para ficar em silêncio e escutar. Conseguia se esquivar durante algum tempo. Sabia que ele continuaria a procurar na floresta nos dois lados da

estrada, a fim de ter certeza de que ela não se escondera. Mas o progresso de Gwenda também era lento, retardado pelo mato mais alto do verão e pela necessidade de verificar o curso a todo instante, para não se desviar demais da estrada.

Ao ouvir o som de uma multidão distante, ela compreendeu que não podia estar longe da cidade. E pensou que conseguiria escapar, no final das contas. Foi até a beira da estrada e espiou cautelosa, de trás de uma moita. O caminho estava livre, nas duas direções... e, meio quilômetro ao norte, avistou a torre da catedral.

Estava quase chegando.

Ouviu um latido familiar. Seu cachorro, Skip, saiu das moitas no lado da estrada. Gwenda inclinou-se para afagá-lo, e o cachorro abanou o rabo, na maior alegria. Ela ficou com os olhos cheios de lágrimas.

Sim não estava à vista, e por isso ela se arriscou a sair para a estrada aberta. Cansada, retomou o ritmo de vinte passos correndo, vinte passos andando, agora com Skip trotando a seu lado, pensando que era uma nova brincadeira. A cada vez que trocava de ritmo, Gwenda olhava para trás. Na terceira, avistou Sim.

Ele vinha a apenas duzentos metros atrás.

O desespero envolveu-a, como um maremoto. Teve vontade de se jogar no chão e morrer. Mas já alcançara a área suburbana, e faltava agora menos de meio quilômetro para chegar à ponte. Por isso, forçou-se a continuar.

Tentou correr, mas as pernas se recusaram a obedecer à ordem. Passos mais rápidos, cambaleantes; aquilo foi o máximo que conseguiu. Os pés doíam. Olhou para baixo: o sangue escorria pelos buracos nos sapatos arreventados. Ao virar a encruzilhada de Gallows Cross, ela divisou uma enorme multidão na ponte à sua frente. Todos observavam alguma coisa. Ninguém notou-a correndo por sua vida, perseguida de perto por Sim Chapman.

Não tinha armas além da faca que usava para comer, que mal dava para cortar uma lebre assada, e não seria de qualquer proveito diante de um homem. Ela desejou com todo seu coração ter tido a coragem de arrancar a adaga comprida da cabeça de Alwyn e trazê-la. Agora, estava praticamente indefesa.

Havia uma fileira de casas num lado - as casas suburbanas de pessoas pobres demais para viverem na cidade - e, no outro, o pasto conhecido como Lovers' Field, que pertencia ao priorado. Sim estava tão próximo

que ela podia ouvir sua respiração, também pesada e entrecortada. O terror lhe proporcionou um novo fluxo de energia. Skip latiu, mas havia mais medo do que desafio no som... ele não esquecera a pedra que o atingira no focinho.

O acesso à ponte era uma área de lama pegajosa, revolvida por botas, cascos e rodas de carroças. Gwenda avançou, com a esperança desesperada de que Sim, mais pesado, fosse estorvado ainda mais do que ela.

Finalmente alcançou a ponte. Avançou pela multidão, que era menos densa naquela extremidade. Todos olhavam para o outro lado, onde uma pesada carroça, carregada de lã, bloqueava a passagem de um carro de boi. Ela tinha de chegar à casa de Caris, quase à vista, na rua principal.

- Deixem-me passar! - gritou ela, lutando para se adiantar.

Apenas uma pessoa pareceu ouvi-la. Uma cabeça virou-se para olhar, e ela reconheceu o irmão, Philemon. Ele abriu a boca, em alarme, e tentou se aproximar, mas a multidão resistiu a seu avanço, tanto quanto resistia a ela.

Gwenda tentou passar pela parelha de bois que puxava a carroça, mas um boi virou a cabeça maciça e empurrou-a para o lado. Ela perdeu o equilíbrio... e nesse momento uma mão enorme agarrou-a pelo braço e deu-lhe um puxão poderoso. Ela compreendeu que fora recapturada.

- Peguei você, sua vaca - balbuciou Sim.

Ele deu um tapa na cara de Gwenda, com toda força. Ela não tinha mais qualquer energia para resistir. Skip tentava morder, em vão, os calcanhares de Sim.

- Não vai me escapar de novo - resmungou ele.

O desespero dominou-a. Fora tudo por nada: seduzir Alwyn, assassiná-lo, correr por quilômetros. Estava de volta ao ponto em que começara, a cativa de Sim.

E, de repente, a ponte começou a balançar.

Merthin viu a ponte vergar. Sobre o píer central, no lado próximo, toda a superfície vergou, como um cavalo com o dorso quebrado. As pessoas que atormentavam Nell descobriram de repente que as tábuas sob seus pés já não eram mais firmes. Cambalearam, agarrando as pessoas próximas em busca de apoio. Uma caiu para trás, passou por cima do parapeito e despencou no rio, logo seguida por outra. Os gritos e vaias dirigidos contra Nell foram logo abafados em berros de alerta e medo.

- Oh, não! - exclamou Merthin.

- O que está acontecendo? - gritou Caris.

Todas essas pessoas, ele teve vontade de dizer... pessoas com quem fomos criados, mulheres que foram bondosas conosco, crianças que nos admiram; mães e filhos, tios e sobrinhas; mestres cruéis, inimigos jurados, amantes ansiosos... todos vão morrer. Mas ele não foi capaz de emitir qualquer palavra.

Por um momento - menos que uma respiração - Merthin torceu para que a estrutura pudesse estabilizar na nova posição; mas ficou desapontado. A ponte vergou de novo. E desta vez as tábuas engatadas começaram a se soltar das articulações. As pranchas longitudinais, sobre as quais as pessoas pisavam, saíram das cavilhas de madeira; as juntas transversais, que sustentavam o leito da ponte, viraram e saíram dos encaixes; e as cintas de ferro que Elfric pregara sobre as rachaduras foram arrancadas da madeira.

A parte central da ponte pareceu dar uma guinada para baixo, no lado mais próximo de Merthin, rio acima. A carroça carregada de lã inclinou-se e os espectadores de pé e sentados nas pilhas de sacos foram lançados no rio.

Vigas enormes se partiram e voaram pelo ar, matando todas as pessoas que atingiam. O parapeito insubstancial cedeu e a carroça deslizou lentamente pela beira, a parelha de bois, impotente, mugindo em terror. Caiu com uma lentidão de pesadelo, e bateu na água com um estrondo. E, de repente, havia dezenas de pessoas se jogando ou caindo no rio, logo seguidas por outras dezenas. As pessoas que já estavam na água eram atingidas pelas outras que caíam, pelas madeiras que se desintegravam, alguns fragmentos pequenos, outros imensos. Cavalos também caíam, com e sem cavaleiros, carroças despencando por cima.

O primeiro pensamento de Merthin foi sobre os pais. Nenhum dos dois fora ao julgamento de Crazy Nell, e não teriam a menor disposição para acompanhar sua punição: a mãe achava que esses espetáculos públicos eram abaixo de sua dignidade, e o pai não tinha o menor interesse quando a única coisa em jogo era a vida de uma louca. Em vez disso, haviam ido ao priorado para se despedir de Ralph.

Mas Ralph estava agora na ponte.

Merthin podia ver o irmão fazendo o maior esforço para controlar o cavalo, Griff, que empinou, batendo no ar com os cascos da frente.

- Ralph! - gritou ele, inutilmente.

As tábuas por baixo do cavalo cederam. Griff caiu na água.

- Não! - berrou Merthin, quando cavalo e cavaleiro desapareceram de sua vista.

O olhar de Merthin deslocou-se para o outro lado, onde Caris avistara Gwenda. Viu-a lutando contra um homem de túnica amarela. No instante seguinte, essa parte também despencou. As duas extremidades da ponte foram puxadas para a água pelo meio desabando.

O rio era agora uma massa de pessoas se debatendo, cavalos em pânico, tábuas quebradas, corpos ensanguentados. Merthin compreendeu que Caris não se encontrava mais ao seu lado quando a viu correndo pela margem na direção da ponte. Ela pulava pedras, afundava na lama, mas seguia em frente. Olhou para trás e gritou:

- Depressa! O que está esperando? Vamos ajudar!

Um campo de batalha deve ser assim, pensou Ralph: os gritos, a violência fortuita, as pessoas caindo, os cavalos enlouquecidos pelo medo. Foi o último pensamento que ele teve antes que a ponte despencasse no ponto em que se encontrava.

Sofreu um momento de terror absoluto. Não podia entender o que havia acontecido. A ponte estava ali, debaixo dos cascos de seu cavalo, mas agora não estava mais, e ele e Griff davam cambalhotas pelo ar. Um momento depois, não podia mais sentir a massa familiar do cavalo entre suas coxas, e compreendeu que não se encontravam mais juntos. E bateu na água fria.

Afundou e prendeu a respiração. O pânico deixou-o. Agora, sentia-se assustado, mas calmo. Brincara no mar quando era criança - uma aldeia à beira-mar era um dos domínios do pai - e sabia que voltaria à superfície, embora pudesse demorar um pouco. Era arrastado para o fundo pelo peso das grossas roupas de viagem, agora molhadas, e da espada.

Se estivesse de armadura, afundaria até o leito do rio e lá permaneceria para sempre. Mas finalmente a cabeça tornou a aflorar à superfície e ele aspirou o ar, sôfrego.

Nadara muito quando era menino, mas isso fora há muitos anos. Mesmo assim, a técnica voltou, mais ou menos, e conseguiu manter a cabeça acima da água. Começou a bater braços e pernas na direção da margem norte. Reconheceu a seu lado a pelagem castanha e a crina preta de Griff, fazendo a mesma coisa que ele, nadando para a praia mais próxima.

A postura do cavalo mudou de repente, e Ralph compreendeu que seus cascos agora se apoiavam no leito do rio. Estendeu as pernas para o fundo e descobriu que dava pé também para ele. Avançou com alguma dificuldade. A lama pegajosa parecia querer sugá-lo para o meio da correnteza. Griff subiu para a faixa estreita de praia por baixo da muralha do priorado. Ralph fez a mesma coisa.

Virou-se e olhou para trás. Havia várias centenas de pessoas na água, muitas sangrando, muitas gritando, muitas mortas. Quase na beira, ele avistou alguém com a libré vermelha e preta do conde de Shiring, flutuando, o rosto virado para baixo. Tornou a entrar na água, agarrou o homem pelo cinto, e arrastou-o para a margem.

Virou o corpo, e seu coração teve um sobressalto no reconhecimento. Era seu amigo Stephen. Tinha o rosto ileso, mas o peito parecia ter afundado. Os olhos estavam arregalados, mas sem qualquer sinal de vida. Não havia respiração. O corpo ficara lesionado demais para que Ralph pudesse sequer sentir as batidas do coração. Há poucos minutos, pensou Ralph, eu o invejava. Agora, sou o afortunado.

Com um sentimento de culpa irracional, ele fechou os olhos de Stephen.

Pensou nos pais. Deixara-os no pátio do estábulo apenas alguns minutos antes. Mesmo que o tivessem seguido, ainda não teriam alcançado a ponte. Deviam estar seguros.

Onde estava lady Philippa? Ralph projetou a mente de volta à cena na ponte, pouco antes do desabamento. Lorde William e Philippa se encontravam na retaguarda da procissão do conde, e ainda não haviam entrado na ponte.

Mas o conde já entrara.

Ralph conseguiu projetar a cena com toda nitidez. O conde Roland estava perto dele, impaciente, instigando seu cavalo, Victory, a avançar pelo espaço aberto na multidão por Ralph, montado em Griff. Portanto, Roland devia ter caído perto de Ralph.

Ele ouviu as palavras do pai: Mantenha-se sempre alerta a todas as oportunidades de agradar ao conde. Talvez fosse aquela a grande oportunidade que esperava, pensou Ralph, excitado. Talvez não precisasse esperar por uma guerra. Podia se distinguir hoje. Salvaria o conde... ou mesmo apenas Victory.

O pensamento incutiu-lhe uma nova energia. Esquadrinhou o rio. O conde vestia uma túnica purpura distintiva e um manto de veludo preto. Mas era

difícil distinguir uma pessoa na massa fervilhante de corpos, vivos e mortos. Até que avistou um garanhão preto, com uma mancha branca sobre um olho.

Seu coração disparou: era o cavalo de Roland, Victory debatia-se na água, parecendo incapaz de nadar em linha reta, provavelmente com uma ou mais pernas quebradas.

Ao lado do cavalo, flutuava um corpo alto, de túnica purpura.

Aquele era o momento de Ralph.

Ele tirou os trajes externos, pois tornariam o nado difícil. Apenas com o calção de baixo, tornou a entrar no rio e nadou na direção do conde. Teve de forçar a passagem por homens, mulheres e crianças. Muitos dos vivos o agarravam, desesperados, retardando seu progresso. Ralph tratou de repeli-los, implacável, com socos furiosos.

Finalmente alcançou Victory. Os movimentos do animal eram mais fracos agora. Ficou imóvel por um instante, para depois começar a afundar; mas quando a cabeça entrou toda na água, o cavalo voltou a se debater.

- Calma, rapaz, calma... - murmurou Ralph em seu ouvido, embora tivesse certeza de que o cavalo morreria afogado.

Roland flutuava de costas, os olhos fechados, inconsciente ou morto. Tinha um pé ainda preso no estribo e parecia ser isso que impedia o corpo de afundar. Perdera o chapéu e o alto da cabeça era uma massa ensanguentada. Ralph não podia imaginar que o homem fosse capaz de sobreviver a um ferimento assim. De qualquer forma, trataria de salvá-lo. Haveria com certeza alguma recompensa apenas pelo cadáver, quando era de um conde.

Ele tentou arrancar o pé de Roland do estribo, mas descobriu que a tira de couro enrolara no tornozelo. Estendeu a mão para sua faca, mas se lembrou que ela estava presa no cinto, que deixara na praia, junto com o resto dos trajes externos. Mas o conde tinha armas. Ralph tateou para tirar da bainha a adaga de Roland.

As convulsões de Victory tornavam difícil cortar a tira. Cada vez que Ralph segurava o estribo, o cavalo agonizante estrebuchava e se afastava de seu alcance, antes que ele pudesse encostar a faca no couro. Cortou o dorso da própria mão no esforço. Ao final, apoiou-se no flanco do cavalo, em busca de estabilidade, e nessa posição foi capaz de cortar a tira do estribo.

Agora, tinha de arrastar o conde inconsciente até a margem. Ralph não era um bom nadador, e já se encontrava ofegante de exaustão. Para agravar a situação, não podia respirar direito através do nariz quebrado, e por isso sua boca se enchia a todo instante com a água do rio. Ele ficou quieto por um momento, apoiando o peso do corpo no condenado Victory, enquanto tentava recuperar o fôlego; mas o corpo do conde, agora sem nada para segurá-lo na superfície, começou a afundar, e Ralph compreendeu que não podia descansar.

Pegou o tornozelo de Roland com a mão direita e começou a nadar para a margem. Descobriu que era mais difícil manter a cabeça acima da superfície quando só tinha um braço para nadar. Não olhava para Roland: se a cabeça do conde ficasse coberta pela água, não haveria nada que Ralph pudesse fazer para evitar. Depois de alguns segundos, ofegava para respirar e sentia braços e pernas doendo muito.

Não estava acostumado a uma coisa assim. Era jovem e forte, passara toda a sua vida cavalgando, participando de justas, lutando com a espada.

Podia passar o dia inteiro na sela e, na mesma noite, ganhar uma disputa de luta livre. Mas agora ele parecia depender de músculos pouco usados. O pescoço doía do esforço de manter a cabeça erguida. Não conseguia deixar de engolir água quando respirava, e isso o fazia tossir e sufocar. Agitava o braço esquerdo frenético, mas só conseguia se manter à tona. Puxava o volumoso corpo do conde, ainda mais pesado por causa das roupas molhadas. Foi se aproximando da praia com uma lentidão angustiante.

Até que chegou bastante perto de apoiar os pés no leito do rio. Resfolegante, passou a andar, sempre puxando o corpo de Roland. Quando a água ficou na altura das coxas, Ralph virou-se, pegou o corpo do conde nos braços, e carregou-o pelos últimos passos até a praia.

Pôs o corpo no chão e arriou ao lado, exausto. Com o que lhe restava de força, sentiu o peito do conde. O coração batia forte.

O conde Roland estava vivo.

O desabamento da ponte deixou Gwenda paralisada pelo medo. Um instante depois, o súbito mergulho na água fria provocou um choque que a levou de volta ao normal.

Quando sua cabeça aflorou à superfície, descobriu-se cercada por pessoas se debatendo e gritando. Alguns haviam encontrado pedaços de madeira para mantê-los à tona, mas todos os outros tentavam se manter na superfície se apoiando em alguém. As pessoas empurradas para baixo

tentavam se desvencilhar, reagindo com socos. Muitos golpes erravam o alvo; e os homens que se apoiavam nelas tratavam de voltar. Era como estar na frente de uma taverna de Kingsbridge à meia-noite. Seria cômico, se as pessoas não estivessem morrendo.

Gwenda ofegou para respirar e afundou. Não sabia nadar.

Logo retornou à superfície. Para seu horror, deparou com Sim Chapman bem à sua frente, soprando água pela boca, como uma fonte. Ele começou a afundar, obviamente porque não sabia nadar, como Gwenda. Em desespero, Sim segurou-a pelo ombro e tentou usá-la para se apoiar. Gwenda afundou no mesmo instante. Ao constatar que ela não poderia mantê-lo na superfície, Sim largou-a.

Abaixo da superfície, prendendo a respiração, com um esforço para conter o pânico, ela pensou: Não posso me afogar agora, depois de tudo por que passei.

Na outra vez em que voltou à tona, ela sentiu que era empurrada para o lado por um corpo pesado. Pelo canto do olho, viu que era o boi que esbarrara nela um momento antes de a ponte desabar. Parecia ileso e nadava com vigor. Gwenda alcançou-o, batendo os pés, e conseguiu segurar um dos chifres. Puxou a cabeça do animal para o lado, por um momento, mas logo o pescoço poderoso do boi tornou a erguê-la.

Gwenda não largou o chifre.

Seu cachorro, Skip, apareceu ao seu lado, nadando sem esforço. Latiu de alegria ao vê-la.

O boi seguia para a praia além da cidade. Gwenda continuou a segurar o chifre, embora tivesse a sensação de que o braço estava prestes a se soltar do encaixe.

Alguém segurou-a, e ela olhou para trás e viu que era Sim de novo. No esforço de usá-la para se manter à tona, ele puxou-a para baixo. Sem largar o boi, ela se desvencilhou de Sim com a mão livre. Ele recuou, a cabeça próxima dos pés de Gwenda. Ela mirou com todo cuidado, e acertou um chute em sua cara, com toda a força de que era capaz. Ele soltou um grito de dor, logo abafado quando sua cabeça afundou.

O boi alcançou um ponto em que podia pisar no fundo e saiu do rio, espanando água e bufando. Gwenda largou-o assim que descobriu que já dava pé para ela.

Skip soltou um latido assustado, e Gwenda olhou ao redor, cautelosa. Sim não estava na margem. Ela esquadrinhou o rio, à procura do brilho de uma

túnica amarela entre os corpos e as madeiras flutuantes.

Avistou-o, segurando um pedaço de tábua que o mantinha à tona. Batia as pernas e avançava direto para o lugar em que ela se encontrava.

Gwenda não podia correr. Não lhe restava qualquer força, o vestido estava molhado. Não havia onde se esconder naquele lado do rio. E agora que a ponte desabara, não havia jeito de atravessar o rio para Kingsbridge.

Mas não deixaria que Sim a levasse.

Viu que ele se debatia, o que lhe proporcionou alguma esperança. A tábua o manteria à tona se ficasse quieto, mas Sim batia as pernas para alcançar a margem, e os movimentos o desestabilizavam. Ele puxava a tábua para se erguer, depois batia as pernas para se aproximar da margem, e a cabeça tornava a afundar. Talvez não conseguisse sair do rio.

Mas Gwenda compreendeu que não podia ter certeza disso.

Ela olhou ao redor. Havia muita madeira na água, de pequenos fragmentos a pranchas enormes. Seus olhos se iluminaram quando viu uma tábua grossa, talvez com um metro de comprimento. Ela entrou na água e pegou-a. Depois, seguiu por dentro da água na direção do homem que a comprara. Teve a satisfação de perceber o brilho do medo nos olhos de Sim.

Ele parou de bater os pés. A sua frente, via a mulher que tentara escravizar... furiosa, determinada, brandindo um porrete formidável. Por trás, a morte por afogamento espreitava-o.

Ele se adiantou.

Gwenda estava de pé, com água até a cintura, à espera do momento certo.

Viu Sim parar de novo, e percebeu por seus movimentos que ele estendia os pés à procura do leito do rio.

Tinha de ser agora ou nunca.

Gwenda ergueu a madeira por cima da cabeça e adiantou-se. Sim compreendeu o que ela pretendia fazer e tentou se esquivar, desesperado. Mas estava meio desequilibrado, nem nadando nem vadeando, e não tinha como escapular. Gwenda bateu com a tábua em sua cabeça, com toda a sua força.

Sim revirou os olhos e arriou, inconsciente.

Ela inclinou-se para a frente e agarrou-o pela túnica amarela. Não deixaria que Sim flutuasse para longe... pois ele poderia sobreviver. Puxou-o, pôs as duas mãos em sua cabeça, e empurrou-a para baixo da água.

Era mais difícil do que imaginara manter um corpo abaixo da superfície, mesmo ele estando inconsciente. Os cabelos enebados eram

escorregadios. Ela teve de prender a cabeça sob seu braço e depois tirar os pés do fundo, para que seu peso levasse ambos para baixo.

E começou a sentir que poderia subjugar-lo. Quanto tempo era preciso para afogar um homem? Não tinha a menor idéia. Os pulmões de Sim já deviam estar se enchendo de água. Como ela saberia quando poderia largá-lo?

Subitamente, ele se contorceu. Gwenda apertou sua cabeça com mais força. Por um momento, teve de fazer um tremendo esforço para contê-lo. Não sabia se ele recuperara os sentidos ou se era uma convulsão da inconsciência. Os espasmos de Sim eram fortes, mas pareciam aleatórios. Os pés de Gwenda tornaram a tocar no fundo, ela se firmou, e continuou a apertá-lo.

Olhou ao redor. Ninguém a observava: todos estavam concentrados em se salvar.

Depois de alguns momentos, os movimentos de Sim foram se tornando mais fracos. E logo ele ficou imóvel. Pouco a pouco, ela soltou-o. Sim afundou.

E não tornou a subir.

Ofegante, ela voltou à margem do rio. Sentou no chão lamacento. Procurou a bolsa de couro no cinto; continuava ali. Os bandidos não haviam se preocupado em roubá-la, e ela conseguira preservá-la através de todas as suas atribulações. Continha a preciosa poção do amor feita por Mattie Wise. Gwenda abriu a bolsa para verificar... e encontrou apenas fragmentos de cerâmica. O pequeno frasco se quebrara.

Ela começou a chorar.

A primeira pessoa que Caris viu fazer alguma coisa sensata foi Ralph, o irmão de Merthin. Ele vestia apenas um calção de baixo, encharcado. Não estava ferido, além do nariz vermelho e inchado, que já tinha antes. Ralph tirou o conde de Shiring do rio e deitou-o na margem, ao lado de um corpo que já se encontrava ali, de um homem com a libré do conde. Roland tinha um horrível ferimento na cabeça, que podia ser fatal. Ralph parecia exausto do esforço e sem saber o que fazer em seguida. Caris pensou no que deveria lhe dizer.

Olhou ao redor. Naquele lado, a margem do rio consistia de pequenas praias lamacentas, separadas por rochas. Não havia muito espaço para acomodar os mortos e feridos ali; teriam de ser levados para outro lugar.

A poucos metros de distância, alguns degraus de pedra subiam do rio para um portão no muro do priorado. Caris tomou uma decisão. Apontou e disse para Ralph:

- Leve o conde para o priorado por ali. Deite-o com todo cuidado na catedral, e corra até o hospital. Diga à primeira freira que encontrar para chamar madre Cecília imediatamente.

Ralph parecia contente por contar com uma pessoa decidida para obedecer. Não hesitou em fazer o que era ordenado.

Merthin começou a entrar na água, mas Caris deteve-o.

- Olhe para aquele bando de idiotas. - Ela apontou para o lado da cidade da ponte desabada. Havia dezenas de pessoas paradas ali, olhando aturdidas para a cena trágica no rio. - Convoque os homens mais fortes que estiverem ali. Eles podem começar a tirar as pessoas do rio e carregá-las para a catedral.

Ele hesitou.

- Os homens não têm como descer até aqui.

Caris compreendeu o argumento. Eles teriam de descer pelos destroços da ponte, o que provavelmente causaria mais feridos. Mas as casas naquele lado da rua principal tinham hortas nos fundos que subiam até o muro do priorado. A casa na esquina, pertencente a Ben Wheeler, tinha uma pequena porta no muro, que permitia o acesso ao rio. Merthin pensou a mesma coisa.

- Eu os trarei através da casa e da horta de Ben Wheeler.

- Boa idéia.

Ele subiu pelos rochedos, abriu a porta e desapareceu. Caris olhou para a água. Um homem alto vadeava pela beira do rio para alcançar a margem. Ela reconheceu Philemon. Ofegante, ele perguntou:

- Viu Gwenda?

- Vi, sim... pouco antes de a ponte desabar - respondeu Caris. - Ela fugia de Sim Chapman.

- Eu sei... mas onde ela está agora?

- Não sei. A melhor coisa que você pode fazer agora é começar a tirar as pessoas da água.

- Quero encontrar minha irmã.

- Se ela estiver viva, será uma das pessoas que precisam de ajuda para sair da água.

Caris também estava desesperada para saber onde sua própria família se encontrava... mas havia muita coisa para fazer ali. Ela prometeu a si mesma que procuraria o pai assim que fosse possível.

Ben Wheeler passou por seu portão. Um homem atarracado, de ombros largos e pescoço grosso, era um carroceiro; ganhava a vida mais pelo uso dos músculos do que do cérebro. Desceu para a praia e olhou ao redor, sem saber o que fazer.

Estendido no chão, perto de Caris, estava um dos homens do conde Roland, usando a libré vermelha e preta, aparentemente morto. Ela disse:

- Ben, leve este homem para a catedral.

A mulher de Ben, Lib, também passou pelo portão, com uma criança no colo. Era um pouco mais inteligente do que o marido, e perguntou:

- Não deveríamos cuidar dos vivos primeiro?

- Temos de tirar as pessoas da água antes de sabermos se estão vivas ou mortas... e não podemos deixar os corpos aqui na margem porque isso atrapalharia as equipes de resgate. Devemos levá-los para a catedral.

Lib percebeu que o argumento fazia sentido.

- É melhor fazer logo o que Caris está pedindo, Ben - disse ela. Ben levantou o corpo sem o menor esforço e afastou-se.

Caris compreendeu que poderiam transportar os corpos mais depressa se os carregassem nas padiolas que os construtores costumavam usar.

Os monges poderiam organizar esse transporte. Mas onde estavam os monges? Dissera a Ralph para avisar madre Cecília, mas até agora ninguém aparecera. Os feridos precisariam de ataduras, unguentos e fluidos de limpeza. Todas as freiras e os monges teriam de ajudar. Matthew Barber deveria ser chamado: haveria muitos ossos quebrados para consertar. E Mattie Wise também deveria ajudar, dando poções aos feridos para aliviar a dor. Caris tinha de dar o alarme, mas relutava em deixar a beira do rio antes que a operação de resgate estivesse organizada. Onde estava Merthin?

Uma mulher engatinhou para a praia. Caris entrou na água e ajudou-a a se levantar. Era Griselda. O vestido molhado grudava no corpo e Caris podia ver os contornos dos seios cheios e das coxas grossas. Como sabia que ela estava grávida, Caris perguntou, na maior ansiedade:

-Você está bem?

- Acho que sim.

- Está sangrando? -Não.

- Graças a Deus!

Caris olhou ao redor e sentiu-se grata ao ver Merthin passar pelo portão de Ben Wheeler, à frente de uma fileira de homens, alguns dos quais com a libré do conde. Gritou para ele:

- Pegue o braço de Griselda, e ajude-a a subir os degraus até o priorado. Ela deve sentar e descansar um pouco. - Uma pausa e Caris acrescentou, tranquilizadora: - Ela está bem.

Merthin e Griselda fitaram-na de uma maneira estranha, e ela compreendeu de repente que a situação era mesmo esquisita. Os três ficaram imóveis por um momento, num triângulo paralisado: a futura mãe, o pai de sua criança, e a mulher que o amava.

Mas logo Caris virou-se, rompendo o encantamento, e passou a dar ordens aos homens.

Gwenda chorou por uns poucos momentos, mas logo parou. Não era tanto o frasco quebrado que a deixava triste. Afinal, Mattie podia fazer outra poção do amor, e Caris pagaria, se as duas ainda estivessem vivas. Suas lágrimas eram por tudo o que passara nas últimas vinte e quatro horas, da traição do pai aos pés sangrando.

Não sentia qualquer arrependimento pelos dois homens que matara. Sim e Alwyn queriam escravizá-la e prostituí-la. Mereciam morrer. Matá-los nem mesmo fora assassinato, pois não era crime eliminar um fora-da-lei. Ainda assim, ela não conseguia fazer com que as mãos parassem de tremer. Exultava por ter vencido seus inimigos e conquistado a liberdade, mas ao mesmo tempo sentia-se angustiada pelo que fizera. Jamais esqueceria a maneira como o corpo agonizante de Sim estrebuchara até o fim. E temia que a visão de Alwyn com a ponta da adaga saindo pelo olho poderia atormentá-la nos sonhos. Não podia deixar de tremer, dominada por sentimentos contraditórios tão fortes.

Tentou apagar as duas mortes de sua mente. Quem mais teria morrido? Seus pais planejavam deixar Kingsbridge no dia anterior. Mas o que teria acontecido com seu irmão, Philemon? Com Caris, sua maior amiga? E Wulfric, o homem que tanto amava?

Ela olhou através do rio e sentiu-se tranquilizada em relação a Caris. Ela estava na outra margem, com Merthin, e os dois pareciam organizar um grupo de homens para tirar as pessoas da água. Gwenda sentiu um fluxo de gratidão: pelo menos não ficara completamente sozinha no mundo.

Mas onde estava Philemon? Fora a última pessoa que ela vira antes do desabamento. Era de se imaginar que caíra perto dela, mas não podia avistá-lo agora.

E onde estava Wulfric? Duvidava que ele pudesse apreciar o espetáculo de uma bruxa sendo açoitada através da cidade. Mas ele planejava voltar para Wigleigh hoje com a família, e era possível - oh, Deus, não! - que eles estivessem atravessando a ponte quando ocorrera o desabamento. Ela correu os olhos pela superfície, frenética, procurando pelos cabelos fulvos distintivos. Rezou para vê-lo nadar vigorosamente para a praia, em vez de flutuar com o rosto virado para baixo. Mas não o viu em parte alguma.

Decidiu atravessar o rio. Não sabia nadar, mas pensou que seria possível se tivesse uma tábua bastante grande para mantê-la na superfície enquanto batia os pés. Encontrou uma tábua apropriada, tirou-a da água e caminhou pela margem por cinquenta metros, rio acima, a fim de ficar longe da massa de corpos. Entrou na água. Skip seguiu-a, assustado. Foi mais difícil do que imaginara, com o vestido molhado retardando o progresso, mas finalmente alcançou a outra margem.

Correu para Caris. As duas se abraçaram. Caris perguntou:

- O que aconteceu?
- Fugi.
- E Sim?
- Ele era um bandido. -Era?
- Ele morreu.

Caris mostrou-se surpresa, e Gwenda apressou-se em acrescentar:

- Morreu quando a ponte desabou. - Ela não queria que ninguém soubesse das circunstâncias exatas, nem mesmo sua melhor amiga. - Viu alguém da minha família?
- Seus pais deixaram a cidade ontem. Vi Philemon há poucos momentos... ele estava à sua procura.
- Graças a Deus! Sabe alguma coisa sobre Wulfric?
- Não. Ele não foi tirado do rio. A noiva deixou a cidade ontem, mas seus pais e seu irmão estiveram na catedral esta manhã, durante o julgamento de Crazy Nell.
- Tenho de procurá-lo.
- Boa sorte.

Gwenda subiu apressada os degraus e atravessou o pátio gramado. Uns poucos negociantes ainda arrumavam seus pertences, no final da feira. Ela

achou incrível que fossem capazes de continuar em suas atividades normais quando centenas de pessoas acabavam de morrer num acidente... até compreender que era provável que as pessoas ali ainda não soubessem; a tragédia acontecera apenas poucos minutos antes, embora a sensação fosse de que várias horas se haviam passado.

Ela passou pelos portões do priorado para a rua principal. Wulfric e sua família haviam se hospedado na Bell. Ela entrou correndo.

Havia um adolescente parado ao lado do barril de cerveja, com uma expressão assustada.

- Estou procurando Wulfric Wigleigh - disse Gwenda.

- Não há mais ninguém aqui. Sou o aprendiz. Deixaram-me para tomar conta da cerveja.

Alguém convocara todo mundo para ajudar na beira do rio, pensou Gwenda. Ela tornou a sair, correndo. Deparou-se com Wulfric no momento em que passou pela porta. Gwenda sentiu-se tão aliviada que o abraçou.

- Você está vivo... graças a Deus!

- Alguém disse que a ponte desabou. Quer dizer que é verdade?

- É, sim... uma coisa horrível. Onde está o resto de sua família?

- Todos partiram há algum tempo. Fiquei para cobrar uma dívida. - Ele levantou uma pequena bolsa de couro com dinheiro. - Espero que não estejam entre as vítimas do desabamento da ponte.

- Sei como podemos descobrir. Venha comigo.

Gwenda pegou-o pela mão. Wulfric deixou que ela o levasse para o priorado sem retirar a mão. Ela não o tocava havia muito tempo. Ele tinha a mão enorme, os dedos grossos do trabalho, a palma macia. O contato deixou-a emocionada, apesar de tudo o que acontecera. Atravessaram o pátio gramado e entraram na catedral.

- Estão tirando as pessoas do rio e trazendo para cá - explicou ela.

Já havia vinte ou trinta corpos no chão de pedra da nave, e mais chegavam a todo instante. Algumas freiras cuidavam dos feridos, e pareciam muito pequenas no contraste com os poderosos pilares ao redor. O monge cego que conduzia o coro parecia ter assumido o comando.

- Ponham os mortos no lado norte - disse ele, quando Wulfric e Gwenda entraram na nave. - Os feridos vão para o sul.

Subitamente, Wulfric soltou um grito de choque e consternação. Gwenda seguiu seu olhar e avistou David, o irmão de Wulfric, estendido entre os

feridos. Ajoelharam-se no chão, ao seu lado. David era dois anos mais velho do que Wulfric, com o mesmo corpo enorme. Respirava e tinha os olhos abertos, mas parecia não vê-los.

- Dave... - chamou o irmão, em voz baixa e urgente. - Sou eu, Wulfric. Gwenda sentiu alguma coisa pegajosa e descobriu que David estava estendido no meio de uma poça de sangue.

- Dave... onde estão mamãe e papai?

Não houve resposta. Gwenda olhou ao redor e avistou a mãe de Wulfric. Ela estava no lado norte da nave, onde Blind Carlus mandava deixarem os mortos.

-Wulfric...

-Oque é?

- Sua mãe. Ele levantou-se e olhou.

- Oh, não!

Atravessaram a catedral. A mãe de Wulfric estava estendida ao lado de Sir Stephen, o senhor de Wigleigh... iguais agora. Era uma mulher pequena... e todos se espantavam por ter tido dois filhos tão grandes. Em vida, era vigorosa e cheia de energia, mas agora parecia uma boneca frágil e magra. Wulfric pôs a mão em seu peito, à procura de batidas do coração. Quando apertou, um filete de água escorreu da boca de sua mãe.

- Ela se afogou - sussurrou ele.

Gwenda estendeu o braço pelos ombros largos de Wulfric, tentando confortá-lo com o contato. Não dava para saber se ele notara.

Um homem de armas, usando a libré vermelha e preta do conde Roland, aproximou-se nesse instante, carregando o corpo sem vida de um homem enorme. Wulfric soltou um grito angustiado. Era seu pai.

- Pode deixá-lo aqui, ao lado da esposa - disse Gwenda.

Wulfric estava atordoado. Não disse nada. Parecia incapaz de absorver o que acontecera. Gwenda sentia-se aflita. O que poderia dizer ao homem que amava naquelas circunstâncias? Todas as frases que afloravam em sua mente pareciam estúpidas. Queria desesperadamente lhe proporcionar algum conforto, mas não sabia como.

Enquanto Wulfric contemplava os corpos da mãe e do pai, Gwenda olhou para seu irmão. David parecia imóvel demais. Ela se encaminhou apressada para o seu lado. Os olhos abertos fixavam-se no teto, sem ver, e ele não respirava mais. Gwenda encostou a mão em seu peito. Não sentiu as batidas do coração.

Como Wulfric poderia suportar?

Ela removeu as lágrimas de seus olhos e voltou para junto dele. Não havia sentido em esconder a verdade.

- David também morreu - murmurou ela.

Wulfric permaneceu com os olhos vazios, como se não compreendesse. Ocorreu a Gwenda o pensamento terrível de que o choque fizera-o perder o juízo. Mas ele finalmente falou, num sussurro:

- Todos eles... todos os três... todos mortos.

Ele fitou Gwenda, que viu as lágrimas aflorarem em seus olhos. Ela abraçou-o, sentindo seu corpo enorme se sacudir em soluços desamparados. Apertou-o com força e murmurou:

- Pobre Wulfric... pobre e amado Wulfric...

- Graças a Deus que ainda tenho Annet - sussurrou ele.

Uma hora depois, os corpos dos mortos e feridos cobriam a maior parte do chão da nave. Blind Carlus, o vice-prior, estava parado no meio de tudo, com o tesoureiro Simeon de rosto fino ao lado, servindo como seus olhos. Carlus assumira o comando porque o prior Anthony havia desaparecido.

- Irmão Theodoric, é você? - indagou ele, aparentemente reconhecendo os passos do monge de pele clara e olhos azuis, que acabara de entrar. - Procure o coveiro. Diga a ele para providenciar seis homens fortes para ajudá-lo. Vamos precisar de pelo menos cem novas covas, e não podemos demorar com os sepultamentos nesta época do ano.

- Imediatamente, irmão - disse Theodoric.

Caris ficou impressionada pela eficiência com que Carlus era capaz de organizar tudo, apesar da cegueira.

Ela deixara Merthin cuidar com toda competência do resgate dos corpos ainda no rio. Providenciara para que todas as freiras e monges fossem avisados do desastre, depois chamara Matthew Barber e Mattie Wise. E, finalmente, procurara sua própria família.

Só tio Anthony e Griselda estavam na ponte no momento do desabamento. Ela encontrara o pai no salão da guilda, em companhia de Buonaventura Caroli. Edmund comentara:

- Agora eles terão de construir uma nova ponte de qualquer maneira!

E ele descera mancando até a beira do rio para ajudar a tirar as pessoas da água. Os outros também estavam sãos e salvos: tia Petranilla se encontrava em casa na ocasião, cozinhando; a irmã de Caris, Alice, fora

com o marido, Elfric, à Bell Inn; o primo Godwyn ficara na catedral, inspecionando os reparos no lado sul do coro.

Griselda fora agora descansar em casa. Anthony continuava desaparecido. Caris não gostava do tio, mas também não queria sua morte. Procurava-o ansiosa sempre que um novo corpo entrava na catedral.

Madre Cecilia e as freiras lavavam ferimentos, aplicavam mel como antisséptico, prendiam ataduras, e serviam canecas restaurativas de cerveja quente bem temperada. Matthew Barber, o competente e incisivo cirurgião com experiência em campo de batalha, trabalhava em cooperação com a gorda e ofegante Mattie Wise. Era ela quem administrava uma poção calmante poucos minutos antes de Matthew consertar pernas e braços quebrados.

Caris foi até o transepto sul. Ali, longe do barulho, confusão e sangue na nave, os monges médicos seniores agrupavam-se em torno do corpo ainda inconsciente do conde de Shiring. Suas roupas molhadas haviam sido removidas e o corpo estava coberto por uma manta grossa.

- Ele está vivo - disse o irmão Godwyn. Mas seu ferimento é muito grave. Godwyn apontou para a parte posterior da cabeça e acrescentou:

- Parte do crânio foi esmigalhada.

Caris espiou por cima do ombro de Godwyn. Podia ver o crânio, como uma crosta de pastelão arreventada, todo ensanguentado. Através das aberturas, dava para ver a matéria cinzenta por baixo. Será que nada se podia fazer por um ferimento tão terrível?

Irmão Joseph, o mais velho dos médicos, achava que não. Esfregou o nariz grande e disse, através dos dentes estragados:

- Devemos trazer as relíquias do santo. - Como sempre, a voz saía engrolada e sibilante, como a de um bêbado. - São a sua melhor esperança de recuperação.

Caris tinha pouca fé no poder dos ossos de um homem havia muito morto para curar a cabeça quebrada de um homem vivo. Não disse nada, é claro; sabia que era diferente sob esse aspecto, e na maior parte do tempo guardava suas opiniões para si mesma.

Os filhos do conde, lorde William e bispo Richard, acompanhavam tudo. William, alto, cabelos pretos, porte militar, era uma versão mais jovem do homem inconsciente. Richard tinha os cabelos mais claros e era mais arredondado. O irmão de Merthin, Ralph, estava com eles.

- Tirei o conde da água - declarou ele.

Era a segunda vez que Caris o ouvia dizer isso. A esposa de William, Philippa, parecia tão insatisfeita quanto Caris com a declaração do irmão Joseph.

- Não há qualquer coisa que vocês possam fazer para ajudar o conde? - indagou ela.

Godwyn respondeu:

- A oração é a cura mais eficaz.

As relíquias eram guardadas num compartimento trancado por baixo do altar mor. Enquanto Godwyn e Joseph se afastavam para buscá-las, Matthew Barber inclinou-se sobre o conde e examinou o ferimento na cabeça.

- Nunca vai curar desse jeito - murmurou ele. - Nem mesmo com a ajuda do santo.

- Como assim? - perguntou William, ríspido. Caris pensou que ele falava como o pai.

- O crânio é um osso como qualquer outro - respondeu Matthew. - Pode se emendar por si mesmo, mas os pedaços precisam ser ajustados da maneira certa. Se não se fizer isso, crescerá torto.

- Acha que sabe mais do que os monges?

- Milorde, os monges sabem como invocar a ajuda do mundo espiritual. Eu apenas conserto ossos quebrados.

- E onde obteve esse conhecimento?

- Fui cirurgião com os exércitos do rei por muitos anos. Marchei com seu pai, o conde, nas guerras escocesas. Já vi cabeças quebradas antes.

- E o que faria por meu pai agora?

Matthew estava nervoso com o interrogatório agressivo de William, Caris sentiu; mas parecia seguro no que dizia.

- Separaria os pedaços de ossos quebrados do cérebro, limparia com todo cuidado e tentaria ajustá-los direito.

Caris respirou fundo, aturdida. Mal podia imaginar uma operação tão ousada. Como Matthew tinha a coragem de propô-la? E se desse errado?

- E ele vai se recuperar? - perguntou William.

- Não sei - respondeu Matthew. - Às vezes, um ferimento na cabeça tem estranhos efeitos; pode prejudicar a capacidade de um homem andar ou falar. Tudo o que posso fazer é remendar o crânio. Se querem milagres, peçam ao santo.

- Então não pode prometer sucesso.

- Só Deus é todo-poderoso. Os homens fazem o que podem e torcem pelo melhor. Mas creio que seu pai morrerá se o ferimento não for tratado.
 - Mas Joseph e Godwyn leram os livros escritos pelos antigos filósofos médicos.
 - E eu vi homens feridos no campo de batalha morrerem ou se recuperarem. É sua a decisão sobre em quem confiar.
- William olhou para a esposa. Philippa disse:
- Deixe o barbeiro fazer o que pode, e peça para St. Adolphus ajudá-lo.
- William acenou com a cabeça. I
- Está bem. - Ele olhou para Matthew. - Pode começar.
 - Quero o conde estendido numa mesa perto da janela, onde a claridade poderá iluminar o ferimento - disse Matthew, decidido.

William estalou os dedos para dois monges noviços.

- Façam tudo o que esse homem mandar - ordenou ele.
 - Preciso também de uma tigela com vinho quente - acrescentou Matthew.
- Os monges trouxeram uma mesa de cavaletes do hospital e armaram-na por baixo da janela grande no transepto sul. Dois pajens levantaram o conde Roland sobre a mesa.
- O rosto virado para baixo, por favor - pediu Matthew. Eles viraram-no.
- Matthew tinha uma bolsa de couro em que guardava todos os seus instrumentos afiados. Pegou primeiro uma tesoura pequena. Inclinou-se sobre o conde e começou a cortar os cabelos em torno do ferimento. O conde tinha cabelos pretos abundantes, que eram naturalmente oleosos. Matthew cortava as mechas e as jogava para o lado, a fim de que caíssem no chão. Depois que abriu um círculo em torno do ferimento, a lesão se tornou mais visível.

O irmão Godwyn voltou, carregando o relicário, a caixa esculpida com marfim e ouro contendo o crânio de St. Adolphus e os ossos de um braço e uma das mãos. Quando viu Matthew cuidando do conde Roland, ele perguntou, indignado:

- O que está acontecendo aqui? Matthew levantou os olhos.
 - Se puser as relíquias sagradas nas costas do conde, tão perto da cabeça quanto possível, acho que o santo firmará minhas mãos.
- Godwyn hesitou, obviamente furioso por um mero barbeiro ter assumido o comando. Lorde William interveio:

- Faça o que ele diz, irmão, ou a morte de meu pai pode lhe ser atribuída. Ainda assim, Godwyn não obedeceu. Em vez disso, dirigiu-se a Blind Carlus,

parado a poucos passos de distância:

- Irmão Carlus, lorde William ordenou...

- Ouvi o que lorde William disse - interrompeu-o Carlus. - É melhor fazer o que ele deseja.

Não era a resposta que Godwyn esperava. Seu rosto exibiu uma frustração furiosa. Com evidente desagrado, pôs o relicário sagrado nas costas largas do conde Roland.

Matthew segurou um fórceps. Com extremo cuidado, pegou a parte visível de um pedaço de osso e levantou-o, sem tocar na matéria cinzenta por baixo. Caris observava, fascinada. O osso desprendeuse da cabeça, com pele e cabelos ainda grudados. Matthew pôs o fragmento de osso na tigela com vinho quente.

Fez a mesma coisa com mais dois fragmentos de osso. O barulho na nave - os gemidos dos feridos e os soluços dos parentes desconsolados - pareceu retroceder para um segundo plano. As pessoas observavam Matthew em silêncio, ainda num círculo ao seu redor e do conde inconsciente.

Em seguida, ele trabalhou nos fragmentos que continuavam presos no resto do crânio. Em cada caso, ele cortava os cabelos, limpava a área com um pedaço de linho embebido em vinho. Depois, usava o fórceps para ajeitar o osso no que julgava ser a posição original.

Caris mal respirava, de tão grande que era a tensão. Nunca admirara tanto alguém quanto admirava Matthew Barber naquele momento. Ele tinha muita coragem, habilidade e confiança. E efetuava aquela operação de delicadeza inconcebível num conde! Se saísse errada, provavelmente seria enforcado. Apesar disso, suas mãos eram tão firmes quanto as mãos dos anjos esculpidos em pedra por cima do portal da catedral.

Finalmente ele ajeitou os três pedaços de ossos que deixara na tigela com vinho, ajustando-os como se estivesse consertando um vaso quebrado.

Puxou a pele do couro cabeludo por cima do ferimento e costurou-a, com pontos rápidos e precisos.

O crânio de Roland estava agora completo.

- O conde deve dormir por um dia e uma noite - disse Matthew. - Se acordar, dêem a ele uma dose forte da poção para dormir de Mattie Wise.

Depois, ele deve permanecer imóvel por quarenta dias e quarenta noites. Se for preciso, devem amarrá-lo.

Para encerrar, ele pediu a madre Cecilia que enfaixasse a cabeça do conde. Godwyn deixou a catedral e correu para a margem do rio, sentindo-se frustrado e furioso. Não havia mais uma autoridade firme: Carlus estava deixando que todos fizessem o que desejassem. O prior Anthony era fraco, mas era melhor do que Carlus. Era preciso encontrá-lo.

A maioria dos corpos já fora retirada do rio. Os que estavam apenas um pouco machucados e chocados haviam ido embora. Quase todos os mortos e feridos já se encontravam na catedral. Restavam apenas os que continuavam presos nos destroços.

Godwyn sentia-se ao mesmo tempo excitado e assustado com o pensamento de que Anthony podia ter morrido. Ansiava por um novo regime, com uma interpretação mais rigorosa da regra de São Bento, junto com uma administração meticulosa das finanças. Ao mesmo tempo, porém, sabia que Anthony era seu protetor, e que poderia não ter mais promoções com outro prior.

Merthin requisitara um barco. Ele e dois outros homens se encontravam agora no meio do rio, onde agora flutuava a maior parte da ponte desabada. Vestidos apenas com as roupas de baixo, os três tentavam levantar uma pesada viga, a fim de soltar alguém por baixo. Merthin era pequeno na estatura, mas os outros dois pareciam fortes e bem alimentados. Godwyn calculou que deviam ser pajens do conde.

Apesar do vigor evidente, eles tinham dificuldade para levantar as vigas, no meio da correnteza, de pé num pequeno barco a remo.

Godwyn observava, no meio de um grupo de moradores da cidade, dividido entre o medo e a esperança, enquanto os dois pajens levantavam uma viga e Merthin tirava um corpo por baixo. Depois de um breve exame, ele gritou:

- Marguerite Jones... morta!

Marguerite era uma mulher idosa, que não tinha parentesco com ninguém. Impaciente, Godwyn perguntou:

- Não pode encontrar o prior Anthony?

Os homens no barco trocaram um olhar, e Godwyn compreendeu que fora peremptório demais. Mas Merthin gritou em resposta:

- Posso ver o hábito de um monge.

- Então é o prior! - Anthony era o único monge ainda desaparecido. - Pode dizer como ele está?

Merthin inclinou-se pelo lado do barco. Aparentemente incapaz de chegar bastante perto dessa maneira, ele entrou na água. E gritou depois de algum tempo:

- Ainda está respirando!

Godwyn sentiu-se ao mesmo tempo exultante e desapontado.

- Então tirem-no da água depressa! - Uma pausa e ele acrescentou: - Por favor!

Não houve resposta, mas ele viu Merthin enfiar a cabeça por baixo de uma tábua parcialmente submersa, e depois dar instruções para os outros dois homens. Eles estenderam para o lado a viga que seguravam, largaram-na na água com todo o cuidado. Depois, inclinaram-se pela proa do barco para pegar a prancha sob a qual Merthin se metera. Merthin parecia ter a maior dificuldade para soltar as roupas de Anthony de um emaranhado de tábuas e lascas.

Godwyn observava, frustrado por não ser capaz de fazer nada para acelerar o processo. Disse para dois espectadores:

- Corram até o priorado e peçam a dois monges para trazerem uma padiola. Digam que foi Godwyn quem mandou.

Os dois subiram os degraus e entraram no terreno do priorado. Merthin conseguiu finalmente tirar o homem inconsciente do meio dos destroços. Puxou o corpo e os outros dois homens o levaram para o barco. Merthin também subiu, e eles empurraram o barco com as varas até a margem.

Voluntários ansiosos tiraram Anthony do barco e estenderam-no na padiola trazida pelos monges. Godwyn examinou o prior rapidamente. Ainda respirava, mas a pulsação era fraca. Tinha os olhos fechados, o rosto exibía uma palidez assustadora. A cabeça e o peito tinham apenas escoriações, mas a pélvis parecia esmagada, e ele sangrava bastante.

Os monges levantaram-no. Godwyn seguiu na frente, atravessando o terreno do priorado até a catedral.

- Abram caminho! - gritava ele a todo instante.

Ele conduziu o prior pela nave e entrou no coro, a parte mais sagrada da catedral. Orientou os monges para porem o corpo na frente do altar-mor.

O hábito encharcado delineava com nitidez os quadris e as pernas de Anthony, torcidos de tal maneira que apenas a parte superior do corpo

parecia humana.

Em poucos momentos, todos os monges se reuniram em torno do corpo inconsciente do prior. Godwyn foi buscar o relicário que deixara junto do conde Roland e ajeitou-o aos pés de Anthony. Joseph pôs um crucifixo com pedras preciosas no peito e estendeu as mãos do prior por cima.

Madre Cecilia ajoelhou-se ao lado de Anthony. Limpou seu rosto com um pano embebido em algum líquido tranquilizante. Disse a Joseph:

- Ele parece ter quebrado muitos ossos. Quer que Matthew Barber o examine?

Joseph sacudiu a cabeça, sem dizer nada.

Godwyn sentiu-se satisfeito. O barbeiro teria profanado o santuário sagrado. Era melhor deixar que Deus cuidasse de tudo.

Irmão Carlus deu a extrema-unção e depois conduziu os monges num hino. Godwyn não sabia por que torcer. Havia alguns anos que aguardava ansioso pelo fim do regime do prior Anthony. Mas na última hora tivera um vislumbre do que poderia substituir Anthony: um regime conjunto de Carlus e Simeon. Eram companheiros de Anthony, e não seriam melhores do que ele.

Subitamente, ele avistou Matthew Barber à beira da multidão, olhando por cima dos ombros dos monges para estudar a metade inferior do corpo de Anthony. Godwyn já da ordenar, indignado, que ele deixasse o coro, quando Matthew sacudiu a cabeça, de forma quase imperceptível, e se afastou.

Anthony abriu os olhos.

- Louvado seja Deus! - exclamou irmão Joseph.

O prior deu a impressão de que queria falar. Madre Cecilia, que ainda estava ajoelhada ao seu lado, inclinou-se para ouvir suas palavras. Godwyn viu a boca de Anthony se movimentar, e desejou poder ouvir. Depois de um momento, o prior se calou.

Cecilia parecia chocada.

- Isso é verdade? - murmurou ela.

Todos fitaram-na, aturdidos. Godwyn perguntou:

- O que ele disse, madre Cecilia? Ela não respondeu.

Os olhos de Anthony se fecharam. Uma mudança sutil ocorreu. Ele ficou absolutamente imóvel.

Godwyn inclinou-se sobre o corpo. Não havia mais respiração. Ele pôs a mão sobre o coração de Anthony, e não sentiu qualquer batida. Segurou o

pulso, à procura de uma pulsação: nada. Ele levantou-se e disse:

- O prior Anthony deixou este mundo. Que Deus abençoe sua alma e o receba em sua sagrada presença.

Todos os monges disseram:

- Amém. E Godwyn pensou: Agora terá de haver uma eleição.

Parte III



14

A catedral de Kingsbridge era um lugar de horror. Feridos gemiam de dor e gritavam pela ajuda de Deus, dos santos ou de suas mães. A intervalos de poucos minutos, alguém à procura de uma pessoa amada encontrava-a morta e desatava a gritar, com o choque da dor súbita. Os vivos e os mortos estavam contorcidos de uma maneira grotesca, os ossos quebrados, cobertos de sangue, as roupas encharcadas e rasgadas. O chão de pedra da catedral se tornara escorregadio de água, sangue e lama da beira do rio.

No meio do horror, uma pequena zona de calma e eficiência concentrava-se na figura de madre Cecilia. Como um passarinho ágil, ela passava de um corpo estendido para outro. Era acompanhada por um pequeno bando de freiras encapuzadas, entre as quais sua assistente havia muito tempo, irmã Juliana, agora respeitosamente conhecida como Old Julie. Enquanto examinava cada paciente, ela dava ordens: para lavar, para unguentos, para ataduras, para medicamentos de ervas. Nos casos mais graves, chamava Mattie Wise, Matthew Barber ou irmão Joseph. Sempre falava em voz baixa, mas incisiva, as instruções simples e decididas. Deixava quase todos os pacientes mais calmos e seus parentes, esperançosos.

Lembrou Caris, com terrível nitidez, do dia em que sua mãe morrera. Havia terror e confusão na ocasião, embora apenas em seu coração. Da mesma forma, madre Cecilia parecia saber o que fazer. A mãe morrera apesar da ajuda de Cecilia, assim como muitos dos feridos hoje também morreriam; mas havia uma certa ordem na morte, o senso de que fora feito tudo o que era possível.

Algumas pessoas apelavam para a Virgem e os santos quando alguém ficava doente, mas isso deixava Caris ainda mais incerta e assustada, pois não havia como saber se os espíritos ajudariam ou mesmo se haviam ouvido. Madre Cecilia não era tão poderosa quanto os santos, a Caris de dez anos sabia; mesmo assim, sua presença tranquilizadora e pragmática proporcionara a Caris esperança e resignação, numa combinação que levava paz à sua alma.

Agora, Caris tornava-se parte do círculo de Cecilia, sem tomar uma decisão ou sequer pensar a respeito. Seguia as ordens da pessoa mais decidida ali, assim como as pessoas haviam seguido suas orientações na beira do rio logo depois do desabamento, quando ninguém mais parecia

saber o que fazer. O pragmatismo decidido de Cecilia era contagiante, e as pessoas ao redor adquiriam um pouco da mesma competência controlada.

Caris descobriu-se a segurar uma pequena tigela com vinagre, enquanto uma linda noviça chamada Mair mergulhava um pano e lavava o sangue do rosto de Susanna Chepstow, a esposa do mercador de madeira.

Depois disso, ela trabalhou sem cessar até depois do escurecer. Graças à longa noite de verão, todos os corpos flutuando foram retirados do rio antes da escuridão... embora talvez ninguém jamais soubesse quantos afogados teriam afundado para o leito do rio ou sido arrastados pela correnteza. Não havia qualquer sinal de Crazy Nell que devia ter sido arrastada para o fundo com a carroça a que estava amarrada. Injustamente, frei Murdo sobrevivera: sofrera apenas uma torção no tornozelo, e claudicara até a Bell para se recuperar com presunto quente e cerveja forte.

Mas o tratamento dos feridos continuou mesmo depois do escurecer, à luz de velas. Algumas freiras ficaram exaustas e tiveram de parar; outras se acabrunharam tanto com a escala da tragédia que perderam o controle, confundindo as ordens e se tornando tão desajeitadas que tiveram de ser dispensadas; mas Caris e um pequeno grupo persistiram, até que não havia mais o que fazer. Já devia ser meia-noite quando o último nó foi dado na última atadura, e Caris atravessou o pátio cambaleando de cansaço, de volta à casa de seu pai.

O pai e Petranilla sentavam juntos na sala de jantar, de mãos dadas, lamentando a morte do irmão, Anthony. Edmund tinha os olhos marejados de lágrimas, e Petranilla chorava desconsolada. Caris beijou-os, mas não foi capaz de pensar em qualquer coisa para dizer. Se sentasse, dormiria na cadeira; por isso, preferiu subir a escada. Deitou na cama, ao lado de Gwenda, que fora para seu quarto, como sempre fazia quando vinha à cidade. Gwenda mergulhara num sono profundo da exaustão, e não se mexeu.

Caris fechou os olhos, o corpo cansado e o coração apertado de tristeza.

O pai lamentava uma pessoa entre as muitas, mas ela sentia o peso de todas. Pensou em seus amigos, vizinhos e conhecidos, estendidos mortos no frio chão de pedra da catedral; e imaginou a desolação dos pais, filhos, irmãos e irmãs de todas aquelas pessoas; e o puro volume de tanta dor sufocou-a. Soluçou no travesseiro. Sem dizer nada, Gwenda estendeu o

braço e abraçou-a. Depois de um momento, a exaustão prevaleceu e Caris adormeceu.

Levantou-se de novo ao amanhecer. Deixou Gwenda ainda adormecida, voltou à catedral, e recomeçou a trabalhar. Muitos feridos haviam sido enviados para casa. Os que ainda precisavam de cuidados - como o conde Roland, ainda inconsciente foram transferidos para o hospital. Os mortos foram dispostos em fileiras no coro, no lado leste da catedral, aguardando o sepultamento.

O tempo voou, quase sem qualquer momento para o descanso. Ao final da tarde de domingo, madre Cecilia mandou Caris tirar uma folga. Ela olhou ao redor e compreendeu que a maior parte do trabalho já fora feita. Foi nesse momento que começou a pensar no futuro.

Até aquele momento, sentira - de forma inconsciente - que a vida normal acabara, e que ela passara a viver num novo mundo de horror e tragédia. Agora, ela compreendeu que isso, como todo o resto, também passaria. Os mortos seriam enterrados, os feridos ficariam curados, e de alguma forma a cidade se esforçaria para voltar ao normal. E ela recordou que outra tragédia ocorrera pouco antes de a ponte desabar, violenta e devastadora à sua maneira.

Foi encontrar Merthin à beira do rio, com Elfric e Thomas Langley, organizando a limpeza, com a ajuda de cinquenta ou mais voluntários. A briga de Merthin com Elfric fora obviamente posta de lado na emergência. A maior parte da madeira solta fora retirada da água e empilhada na beira do rio. Mas muito da ponte ainda continuava junto; e uma massa de pranchas e vigas interligadas flutuava na superfície, movendo-se de leve com a água que subia e descia, com a inocente tranquilidade de uma besta depois de matar e devorar.

Os homens tentavam separar os destroços em proporções controláveis. Era um trabalho perigoso, com o risco constante de a ponte desabar ainda mais e ferir os voluntários. Havia amarrado uma corda em torno da parte central da ponte, agora meio submersa. Uma equipe de homens mantinha-se na margem, puxando a corda. Num barco, no meio da correnteza, estavam Merthin, o gigante Mark Webber e um remador. Quando os homens na margem pararam de puxar, o barco foi remado para junto dos destroços; e Mark, orientado por Merthin, atacou as vigas, com um enorme machado de lenhador. Depois, o barco afastou-se para uma

distância segura, Elfric deu uma ordem e os homens na margem tornaram a puxar a corda.

Enquanto Caris observava, uma enorme seção da ponte se soltou. Todos aclamaram, e os homens puxaram a madeira emaranhada até a praia.

As esposas de alguns voluntários chegaram com pães e canecas de cerveja. Thomas Langley determinou uma pausa no trabalho. Enquanto os homens descansavam, Caris levou Merthin para um lado.

- Você não pode casar com Griselda - declarou ela, sem qualquer preâmbulo. A súbita declaração não o surpreendeu.

- Não sei o que fazer. Continuo pensando a respeito.

- Quer dar uma volta comigo?

- Está bem.

Os dois deixaram a multidão na beira do rio e subiram pela rua principal. Depois do intenso movimento da Feira do Velocino, a cidade tinha agora a quietude de um cemitério. Todos permaneciam em suas casas, cuidando dos feridos ou lamentando os mortos.

- Não pode haver muitas famílias na cidade que não tenham algum morto ou ferido - comentou Caris. - Devia haver mil pessoas na ponte, tentando deixar a cidade ou atormentando Crazy Nell. Há mais de cem mortos na igreja e já tratamos de quatrocentos feridos.

- E quinhentas pessoas foram afortunadas - murmurou Merthin.

- Nós dois poderíamos estar na ponte ou em algum lugar próximo. E neste momento poderíamos estar estendidos no chão do coro, frios e imóveis. Mas recebemos uma dádiva... o resto de nossas vidas. Não podemos desperdiçá-la por causa de um erro.

- Não é um erro - protestou Merthin, brusco. - É um bebê... uma pessoa, com uma alma.

- Você também é uma pessoa com uma alma... e uma pessoa excepcional. Pense no que está fazendo. Há três pessoas no comando na beira do rio neste momento. Uma delas é o construtor mais próspero da cidade.

Outra é o matriculário do priorado. E a terceira pessoa é... um mero aprendiz, que ainda não completou vinte e um anos. Mas os moradores da cidade obedecem a você com a mesma disposição com que obedecem a Elfric e Thomas.

- Isso não significa que eu possa me esquivar de minhas responsabilidades. Os dois entraram no terreno do priorado. O pátio gramado na frente da catedral estava todo esburacado da feira. Havia trechos enlameados e

enormes poças. Nas três janelas grandes a oeste da catedral Caris podia ver os reflexos do sol claro e de nuvens brancas esparsas, uma cena dividida, como um retábulo de três partes. O sino começou a tocar para a Véspera.

- Pense em todas as vezes que você falou que queria conhecer os prédios de Paris e Florença - disse Caris. - Vai renunciar a tudo isso?

- Acho que sim. Um homem não pode abandonar sua esposa e sua criança.

- Então já está pensando nela como sua esposa. Merthin virou-se para ela.

- Nunca pensarei nela como minha esposa - murmurou ele, amargurado. Você sabe quem eu amo.

Por uma vez, Caris não foi capaz de pensar numa resposta hábil. Abriu a boca para falar, mas as palavras não lhe ocorreram. Em vez disso, sentiu um aperto na garganta. Piscou para conter as lágrimas, e baixou os olhos para esconder as emoções. Merthin segurou-a pelos braços e puxou-a ao seu encontro.

- Você sabe, não é?

Ela forçou-se a fitá-lo nos olhos.

-Sei?

Sua visão estava turva. Merthin beijou-a na boca. Era um novo tipo de beijo, diferente de qualquer outra coisa que ela já experimentara antes. Ele mexeu os lábios contra os dela, num movimento gentil, mas insistente, como se estivesse determinado a nunca mais esquecer aquele momento; e ela compreendeu, apavorada, que Merthin estava pensando que aquele seria o último beijo.

Abraçou-o e apertou-o, querendo que aquele instante durasse para sempre; mas ele logo se afastou.

- Eu amo você, Caris, mas vou casar com Griselda.

Vida e morte continuaram. Crianças nasceram e velhos morreram. No domingo, Emma Butchers atacou o marido adúltero, Edward, com o maior cutelo que ele tinha, num acesso de raiva e ciúme. Na segunda-feira, uma das galinhas de Bess Hampton desapareceu, e foi encontrada na água fervendo na panela na cozinha de Glynnie Thompson. Por isso, Glynnie foi despida e açoitada por John Constable. Na terça-feira, Howell Tyler trabalhava no telhado da igreja de St. Mark quando uma viga podre cedeu. Ele caiu no chão da igreja. Teve morte instantânea.

Na quarta-feira, os destroços da ponte já haviam sido removidos, faltando apenas os tocos das duas pilastras centrais. A madeira fora empilhada na margem.

O canal principal do rio estava aberto e as barcaças e balsas puderam deixar kingsbridge, a caminho de Melcombe, levando a lã e outras mercadorias da Feira do Velocino, que seguiram para Flandres e Itália.

Quando Caris e Edmund foram até a beira do rio, para verificar o andamento do transporte, Merthin usava as madeiras salvas da ponte desabada para construir uma balsa, que levaria as pessoas de um lado para outro do rio.

- É melhor do que um barco - explicou ele. - O gado pode entrar e sair, e as carroças também.

Edmund acenou com a cabeça, a expressão sombria.

- Deverá servir para a feira semanal. Felizmente, devemos ter uma nova ponte antes da próxima Feira do Velocino.

- Acho que não - disse Merthin.

- Mas você garantiu que levaria um ano para construir uma nova ponte!

- Uma ponte de madeira. Mas se construirmos outra ponte de madeira, também vai desabar.

- Por quê?

- Deixe-me mostrar.

Merthin levou-os até uma pilha de madeiras. Apontou para um grupo de postes enormes.

- Eram as pilastras... provavelmente os melhores vinte e quatro carvalhos da terra, dados ao priorado pelo rei. Observem as extremidades.

Caris pôde perceber que os enormes postes eram originalmente pontiagudos, mas seus contornos haviam sido suavizados por anos debaixo d'água.

- Uma ponte de madeira não tem fundações - explicou Merthin. - Os postes são simplesmente fincados no leito do rio. Isso não é suficiente.

- Mas essa ponte resistiu por centenas de anos! - protestou Edmund, indignado.

Ele sempre se mostrava belicoso quando argumentava. Merthin já estava acostumado a isso e não deu a menor importância a seu tom de voz.

- E agora desabou - disse ele, paciente. - Alguma coisa mudou. As pilastras de madeira eram firmes antes, mas não são mais.

- O que pode ter mudado? O rio é o rio.

- Por um lado, você construiu um armazém e um cais na margem do rio. E protegeu a propriedade com um muro. Vários outros mercadores fizeram a mesma coisa. A velha praia lamacenta em que eu costumava brincar, na

margem sul, desapareceu quase por completo. O rio não pode mais se espalhar pelos campos. Em consequência, a água corre mais depressa do que antes... ainda mais depois de chuvas fortes como as que caíram este ano.

- Quer dizer que terá de ser uma ponte de pedra?

- Isso mesmo.

Edmund levantou os olhos e avistou Elfric parado ali perto, escutando.

- Merthin diz que uma ponte de pedra levará três anos para ser construída. Elfric confirmou com um aceno de cabeça.

- Três temporadas de construção.

A maior parte da construção era realizada nos meses mais quentes, Caris sabia. Merthin já lhe explicara que as muralhas de pedra não podiam ser erguidas quando havia o risco de a argamassa congelar antes de começar a secar.

Elfric acrescentou:

- Uma temporada para as fundações, outra para as arcadas, a terceira para o leito da ponte. Depois de cada estágio, a argamassa deve permanecer intocada por três ou quatro meses para endurecer, antes que se possa acrescentar o novo estágio por cima.

- Três anos sem ponte - murmurou Edmund, sombrio.

- Quatro anos, a menos que comece imediatamente.

- É melhor preparar uma estimativa de custo para o priorado.

- Já comecei a preparar. Mas é um trabalho longo. Precisarei de mais dois ou três dias.

- Seja o mais rápido que puder.

Edmund e Caris deixaram a beira do rio e subiram pela rua principal. Ele caminhava com seu andar trôpego, mas vigoroso. Nunca se apoiava no braço de ninguém, apesar da perna aleijada. Para manter o equilíbrio, sacudia os braços, como se estivesse correndo. Os habitantes da cidade sabiam que deviam lhe oferecer espaço suficiente, ainda mais quando ele tinha pressa.

- Três anos! - exclamou ele, enquanto andavam. - Será terrível para a Feira do Velocino. Não sei quanto tempo levaremos para voltar ao normal. Três anos!

Ao chegar em casa, encontraram Alice, a irmã de Caris. Ela prendera os cabelos dentro do chapéu, numa nova moda, copiada de lady Philippa. Sentava à mesa, em companhia de tia Petranilla. Caris compreendeu no

mesmo instante, pelas expressões em seus rostos, que conversavam sobre ela.

Petranilla foi até a cozinha, e voltou com cerveja, pão e manteiga fresca. Encheu uma caneca para Edmund.

Petranilla chorara no domingo, mas desde então não demonstrava qualquer sinal de pesar pelo irmão morto, Anthony. Surpreendentemente, Edmund, que jamais gostara de Anthony, parecia lamentá-lo mais: lágrimas afloravam a seus olhos em momentos inesperados durante o dia, embora pudessem desaparecer um instante depois.

Agora, ele estava cheio de notícias sobre a ponte. Alice parecia disposta a questionar o julgamento de Merthin, mas Edmund descartou essa noção com a maior impaciência.

- O garoto é um gênio. Sabe mais do que muitos mestres construtores, embora ainda não tenha concluído o aprendizado.

Caris comentou, amargurada:

- O que torna ainda mais lamentável que ele tenha de passar o resto de sua vida com Griselda.

Alice interveio em defesa da enteada:

- Não há nada de errado com Griselda.

- Há, sim - insistiu Caris. - Ela não o ama. Seduziu-o porque seu namorado deixou a cidade... só por isso.

- É essa a história que Merthin lhe contou? - Alice riu, sarcástica. - Se um homem não quer fazer, não faz... aceite minha palavra.

Edmund soltou um grunhido.

- Um homem pode ser tentado.

- Quer dizer que está do lado de Caris, papai? - indagou Alice. - Isso não me surpreende. É o que sempre costuma acontecer.

- Não é uma questão de ficar de um lado ou de outro - respondeu Edmund. Um homem pode não querer fazer uma coisa antes, e se arrepender depois, mas por um breve momento seu desejo pode mudar... ainda mais quando uma mulher usa sua astúcia.

- Astúcia? Por que presume que ela se jogou em cima de Merthin?

- Eu não disse isso. Mas soube que começou quando Griselda chorou e ele confortou-a.

A própria Caris lhe dissera isso. Alice soltou um resmungo desgostoso.

- Você sempre teve uma fraqueza por esse aprendiz insubordinado.

Caris comeu um pouco de pão com manteiga, mas não sentia o menor apetite. Comentou:

- Acho que eles terão meia dúzia de crianças gordas, Merthin herdará o negócio de Elfric, e se tornará apenas mais um negociante da cidade. Construirá casas para os mercadores e vai adular os clérigos para obter contratos, como seu sogro faz.

Petranilla interveio:

- E poderá se considerar um homem afortunado por isso. Será um dos homens mais importantes da cidade.

- Ele é digno de um destino melhor.

- Acha mesmo? - O tom de Petranilla era de espanto zombeteiro. - O filho de um cavaleiro que caiu em desgraça e não tem um shilling para comprar sapatos para a esposa! Para que exatamente acredita que ele estava destinado?

Caris irritou-se com o escárnio. Era verdade que os pais de Merthin eram corrodírios pobres, dependentes do priorado para ter o que comer e beber. Para ele, herdar um bem-sucedido negócio de construção significaria uma ascensão na escada social. Mas ainda assim ela sentia que Merthin merecia coisa melhor. Não podia dizer que futuro exatamente tinha em mente para ele. Apenas sabia que Merthin era diferente de todos os outros na cidade, e não suportava o pensamento de que ele pudesse se tornar igual ao resto.

Na sexta-feira, Caris levou Gwenda para ver Mattie Wise.

Gwenda ainda estava na cidade porque Wulfric continuava ali, providenciando o enterro dos pais. Elaine, a criada de Edmund, secara o vestido de Gwenda na frente do fogo. Caris fizera curativos em seus pés e lhe dera um par de sapatos velhos.

Caris achava que Gwenda não lhe contara toda a verdade sobre sua aventura na floresta. Ela dissera que Sim a levava ao encontro dos bandidos, mas que conseguira escapar; Sim a perseguira e morrera no desabamento da ponte. John Constable ficara satisfeito com essa história: os bandidos estavam fora da lei, e por isso Sim não podia legar sua propriedade para ninguém. Gwenda era livre.

Mas alguma coisa mais acontecera na floresta, Caris tinha certeza; alguma coisa sobre a qual Gwenda não queria falar. Caris não pressionava a amiga. Era sempre melhor deixar algumas coisas enterradas.

Os funerais eram o negócio mais importante da cidade naquela semana. A maneira extraordinária como as mortes haviam ocorrido não fazia muita diferença para os rituais de sepultamento. Os corpos tinham de ser lavados; as mortalhas, costuradas para os pobres; os caixões, pregados para os ricos; as sepulturas, escavadas; e os padres, pagos. Nem todos os monges eram qualificados como padres, mas vários eram, e trabalhavam em turnos, durante o dia inteiro, todos os dias, conduzindo as exéquias no cemitério, no lado norte da catedral. Havia meia dúzia de pequenas igrejas paroquiais em Kingsbridge, e seus padres também ficaram ocupados.

Gwenda estava ajudando Wulfric com os arranjos, desempenhando as tarefas tradicionais das mulheres, como lavar os corpos e costurar as mortalhas, além de fazer tudo o que podia para confortá-lo. Wulfric continuava atordoado. Cuidava direito dos detalhes dos enterros, mas passava horas com o olhar perdido no espaço, o rosto franzido em perplexidade, como se tentasse encontrar algum sentido naquele terrível enigma.

Na sexta-feira, os funerais já haviam terminado, mas o prior em exercício, Carlus, anunciara um serviço especial pelas almas dos mortos. Por isso, Wulfric ficaria até segunda-feira. Gwenda relatou a Caris que ele parecia grato pela companhia de alguém de sua aldeia, mas só demonstrava alguma animação quando falava sobre Annet. Caris ofereceu-se para pagar outra poção do amor.

Encontraram Mattie Wise em sua cozinha, preparando medicamentos. A pequena casa recendia a ervas, óleo e vinho.

- Usei quase tudo o que tinha no sábado e domingo - comentou ela. - Preciso me reabastecer.

- Mas deve ter ganhado algum dinheiro - disse Gwenda.

- É verdade... se conseguir receber. Caris ficou chocada.

- As pessoas dão o calote em você?

- Algumas. Sempre tento receber adiantado, enquanto as pessoas ainda estão sentindo dor. Mas se não tiverem dinheiro com elas naquele momento, é difícil recusar o tratamento. A maioria paga depois, mas nem todas.

Caris sentiu-se indignada por conta da amiga.

- O que elas dizem?

- Uma porção de coisas. Alegam que não têm dinheiro, que a poção não serviu, que tomaram contra a sua vontade, qualquer coisa. Mas não se

preocupe. Há bastantes pessoas honestas para que eu possa continuar. Por que veio me procurar?

- Gwenda perdeu sua poção do amor no acidente.

- É um problema fácil de remediar. Por que não prepara a poção para ela? Enquanto fazia a mistura, Caris perguntou a Mattie:

- Quantas gravidezes terminam em aborto espontâneo?

Gwenda sabia por que ela perguntava. Caris lhe falara sobre o dilema de Merthin. As duas conversavam, na maior parte do tempo em que passavam juntas, sobre a indiferença de Wulfric ou os elevados princípios de Merthin.

Caris até se sentira tentada a comprar uma poção de amor e usá-la com Merthin; mas alguma coisa a contivera.

Mattie lançou-lhe um olhar incisivo, mas respondeu num tom neutro:

- Ninguém sabe. Muitas vezes uma mulher perde a regra num mês, mas volta no mês seguinte. Ela engravidou e perdeu o bebê ou havia alguma outra razão? É impossível determinar.

-Hum...

- Nenhuma das duas está grávida, porém, se é isso o que a preocupa. - Gwenda se apressou em perguntar:

- Como sabe?

- Basta olhar para vocês. Uma mulher muda quase que imediatamente. Não é apenas na barriga e nos seios, mas também na pele, na maneira de se movimentar, na disposição. Reparo nessas coisas mais do que a maioria das pessoas... é por isso que acham que sei de tudo. Então quem está grávida?

- Griselda, a filha de Elfric

- Ah, sim. Eu a tenho visto. Ela já está com três meses. Caris ficou atônita.

- Quanto tempo?

- Três meses ou quase isso. Dê uma olhada nela. Nunca foi uma garota magra, mas está ainda mais cheia agora. Por que ficou tão chocada? O bebê é de Merthin, não é?

Mattie sempre adivinhava essas coisas. Gwenda comentou com Caris:

- Pensei que tivesse me dito que aconteceu há pouco tempo.

- Merthin não me contou quando foi exatamente, mas deu a impressão de que não tem muito tempo, e garantiu que só aconteceu uma vez. Agora, parece que vem fazendo isso com ela há meses!

Mattie franziu o rosto.

- Por que ele mentiria?
- Para não ficar tão mal? - sugeriu Gwenda.
- Como poderia ser pior?
- Os homens são estranhos... não entendo a maneira como eles pensam.
- Perguntarei a Merthin - declarou Caris. - Agora mesmo. Ela largou o frasco e a colher de medição. Gwenda indagou:
- E minha poção do amor?
- Pode deixar que eu acabo - disse Mattie. - Caris está com muita pressa.
- Obrigada.

Caris saiu. Desceu até a beira do rio, mas não encontrou Merthin ali. Também não o encontrou na casa de Elfric. Concluiu que ele deveria estar no sótão do pedreiro.

Na fachada oeste da catedral, numa das torres, havia uma oficina para o mestre pedreiro. Caris subiu por uma escada em espiral interna, no botaréu da torre. A oficina era grande, bem iluminada por janelas altas e estreitas. Ao longo de uma parede estavam os moldes de madeira originais usados pelos pedreiros que haviam preparado as pedras para a catedral. Eram preservados com todo cuidado e usados agora para reparos.

O chão era todo marcado. As tábuas do assoalho haviam sido cobertas por uma camada de argamassa. O mestre pedreiro original, Jack Builder, riscara suas plantas na argamassa, com instrumentos de ferro. As marcas eram brancas a princípio, mas esmaeceram com o passar do tempo. Novos desenhos foram riscados por cima dos antigos. Quando havia tantos desenhos que era impossível distinguir os novos dos antigos, uma nova camada de argamassa era aplicada por cima de tudo, e o processo recomeçava.

Pergaminhos, as peças de couro fino em que os monges copiavam os livros da Bíblia, eram caros demais para serem usados em desenhos. Ainda na vida de Caris, um novo material de escrita aparecera, o papel, mas vinha dos árabes, e por isso os monges o rejeitavam como uma invenção paga muçulmana. De qualquer maneira, tinha de ser importado da Itália e não era mais barato do que o pergaminho. E traçar tudo no chão tinha outra vantagem: um carpinteiro podia pôr um pedaço de madeira no chão, e esculpir seu molde exatamente de acordo com os desenhos deixados pelo mestre pedreiro.

Merthin estava ajoelhado no chão, esculpindo um pedaço de carvalho de acordo com um desenho; mas não fazia um molde. Era uma roda denteada, com dezesseis dentes. Caris contemplou-o em silêncio por um momento, a raiva competindo com o amor em seu coração. Ele tinha aquela expressão de concentração total que ela conhecia tão bem: o corpo franzino inclinado sobre o trabalho, as mãos fortes e os dedos hábeis fazendo pequenos ajustamentos, o rosto imóvel, o olhar firme. Exibia a graça perfeita de um jovem cervo baixando a cabeça para beber a água de um regato. Era assim que um homem parecia, pensou Caris, quando fazia aquilo que nascera para fazer. Ele se encontrava num estado que parecia de felicidade, mas era mais profundo. Realizava seu destino.

- Por que mentiu para mim? - perguntou Caris, abruptamente.

A talhadeira escapou ao controle. Merthin soltou um grito de dor e olhou para o dedo ferido.

- Cristo! - exclamou ele, pondo o dedo na boca.

- Desculpe - murmurou Caris. - Ficou machucado?

- Não muito. Quando menti para você?

- Deu-me a impressão de que Griselda só o seduziu uma vez. A verdade é que vocês dois estão fazendo isso há meses.

- Claro que não.

Ele sugou o dedo sangrando.

- Ela está grávida de três meses.

- Não é possível. Aconteceu há duas semanas.

- Mas ela já tem três meses de gravidez. Pode-se dizer por seu corpo.

- Você consegue perceber?

- Mattie Wise me disse. Por que você mentiu?

Merthin fitou-a nos olhos.

- Mas eu não menti. Aconteceu no domingo da semana da Feira do Velocino. Foi a primeira e única vez.

- Então como ela pode ter certeza de que está grávida, depois de apenas duas semanas?

- Não sei. Como as mulheres costumam saber dessas coisas?

- Você não sabe?

- Nunca perguntei. De qualquer maneira, há três meses Griselda ainda estava com...

- Oh, Deus! - Uma centelha de esperança surgiu no coração de Caris. - Ela ainda estava com o antigo namorado... Thurstan. ,

A centelha transformou-se numa chama intensa, e ela acrescentou:

- A criança deve ser de Thurstan... não sua. Você não é o pai!

- É possível? Merthin não ousava ter essa esperança.

- Claro que é... e isso explica tudo. Se ela tivesse se apaixonado por você de repente, trataria de procurá-lo em todas as oportunidades possíveis. Mas disse que ela mal fala com você.

- Pensei que era porque eu relutava em casar com ela.

- Griselda jamais gostou de você. Apenas precisava de um pai para seu bebê. Thurstan fugiu... provavelmente quando ela lhe disse que engravidara... e você estava disponível, na casa, bastante estúpido para cair em sua armadilha. Oh, graças a Deus!

- Graças a Mattie Wise - murmurou Merthin.

Caris olhou para a mão esquerda dele. O sangue escorria de um dedo.

- Fiz você se cortar! - Ela pegou a mão de Merthin e examinou o talho. Era pequeno, mas profundo. - Desculpe.

- Não é tão ruim assim.

- É, sim - murmurou Caris, sem saber se falava sobre o talho ou outra coisa. Ela beijou a mão de Merthin, sentindo o sangue em seus lábios. Pôs o dedo em sua boca, chupando para limpar o ferimento. Era um gesto de tanta intimidade que parecia um ato sexual. Caris fechou os olhos, extasiada. Engoliu, sentindo o gosto de sangue, e estremeceu de prazer.

Merthin construíra uma balsa uma semana depois do desabamento da ponte.

Ficou pronta na manhã de sábado, a tempo para o mercado semanal de Kingsbridge. Trabalhara na balsa durante toda a noite de sexta-feira, à luz de lampiões, e Caris calculava que ele não tivera tempo de dizer a Griselda que sabia que o bebê era de Thurstan. Caris e o pai foram até a beira do rio para ver a nova sensação no momento em que os primeiros negociantes chegavam... mulheres das aldeias vizinhas com cestos de ovos, camponeses com manteiga e queijo, pastores com rebanhos de ovelhas.

Caris admirou o trabalho de Merthin. A balsa era bastante grande para transportar um cavalo e uma carroça sem que fosse preciso tirar o animal do varal. Tinha grades de madeira para impedir que as ovelhas caíssem no rio. Novas plataformas de madeira, no nível da água, nas duas margens, facilitavam a entrada e saída das carroças. Os passageiros pagavam um penny, coletado por um monge, já que a balsa, como a ponte, pertencia ao priorado.

O mais engenhoso era o sistema que Merthin projetara para impulsionar a balsa de uma margem a outra. Uma corda comprida estendia-se da extremidade sul da balsa através do rio, passava por um poste, voltava pelo rio, dava uma volta por um tambor, e seguia de novo até a balsa, para ficar presa na extremidade norte. O tambor era ligado por engrenagens de madeira a uma roda, impulsionada por um boi: Caris vira Merthin desenhando as engrenagens no dia anterior. Uma alavanca alterava as engrenagens para que o tambor girasse numa direção ou outra, dependendo se a balsa da ou voltava... e não havia necessidade de desatrelar o boi e fazê-lo andar na direção oposta.

- É muito simples - comentara Merthin, quando ela manifestara sua admiração.

E era mesmo, admitiu Caris, quando olhou o esquema mais atentamente agora. A alavanca levantava uma roda denteada grande, afastando-a da corrente, e duas rodas menores entravam em seu lugar; o efeito era fazer com que o tambor girasse na direção inversa. Mesmo assim, ninguém em Kingsbridge jamais vira qualquer coisa parecida.

Durante a manhã, metade da cidade foi olhar a espantosa máquina de Merthin. Caris transbordava de orgulho por ele. Elfric ficou parado ao lado, explicando o mecanismo para qualquer pessoa que perguntava, assumindo o crédito pelo trabalho de Merthin.

Caris não entendia como Elfric podia ter tanta desfaçatez. Ele destruíra a porta de Merthin, um ato de violência que escandalizaria a cidade se não fosse ofuscado pela tragédia maior do desabamento da ponte. Batera com um pedaço de pau em Merthin, que ainda tinha a equimose no rosto. E tramara uma fraude para fazer com que Merthin casasse com Griselda e cuidasse da criança de outro homem. Merthin continuara a trabalhar com ele, achando que a emergência era mais importante do que a briga entre os dois. Mas Caris não entendia como Elfric ainda era capaz de manter a cabeça erguida.

A balsa e seu conceito eram brilhantes... mas insuficientes.

Foi o que Edmund ressaltou. No outro lado do rio, carroças e mercadores faziam fila na estrada, até onde a vista podia alcançar.

- Seria mais rápido com dois bois - comentou Merthin.

- Duas vezes mais rápido?

- Nem tanto. Mas eu poderia construir outra balsa.

- Já há uma segunda embarcação.

Edmund apontou. Ele tinha razão: Ian Boatman, o barqueiro, remava um barco com quatro passageiros através do rio. Ian não podia levar carroças, recusava animais, e cobrava dois pennies por passageiro. Em circunstâncias normais, tinha dificuldade para ganhar a vida: levava um monge até a ilha do Leproso duas vezes por dia e tinha uns poucos outros passageiros, aqui e ali. Mas hoje também havia uma fila de pessoas para usar seu barco.

- Tem razão - disse Merthin. - No final das contas, uma balsa não é uma ponte.

- Isso é uma catástrofe - murmurou Edmund. - A notícia de Buonaventura já foi terrível, mas isso pode acabar com a cidade.

- Então precisamos de outra ponte.

- Não depende de mim, mas do priorado. O prior morreu, e não há como saber quanto tempo vão levar para eleger outro. Teremos de pressionar o prior em exercício para tomar uma decisão. Falarei com Carlus agora mesmo. Venha comigo, Caris.

Eles subiram pela rua e entraram no priorado. A maioria dos visitantes tinha de ir ao hospital e avisar a um dos servidores que queria falar com um monge; mas Edmund era importante demais e muito orgulhoso para suplicar por uma audiência dessa maneira. O prior era o senhor de Kingsbridge, mas Edmund era o regedor da guilda, líder dos mercadores que tornavam a cidade o que era; por isso, tratava o prior como um parceiro na administração da cidade. Além do mais, durante os últimos treze anos, o prior fora seu irmão mais jovem. Assim, ele foi direto para a casa do prior, no lado norte da catedral.

Era uma casa de madeira, como a de Edmund, com um vestíbulo e uma sala no primeiro andar, dois quartos no segundo. Não havia cozinha, pois as refeições do prior eram preparadas na cozinha do mosteiro. Muitos bispos e priores viviam em palácios - e o bispo de Kingsbridge tinha um lindo palácio em Shiring, mas o prior de Kingsbridge tinha uma vida modesta. Mas as cadeiras eram confortáveis, havia nas paredes tapeçarias com cenas da Bíblia, e uma enorme lareira mantinha a casa aconchegante no inverno.

Caris e Edmund chegaram no meio da manhã, o momento em que os monges mais jovens deveriam estar ocupados no trabalho e os mais velhos, absortos na leitura. Encontraram Blind Carlus na entrada da casa do prior, conversando com Simeon, o tesoureiro.

- Precisamos conversar sobre a nova ponte - declarou Edmund, sem qualquer preâmbulo.

- Está bem, Edmund - disse Carlus, reconhecendo-o pela voz.

Caris percebeu que a recepção não era calorosa, e especulou se não teriam vindo num momento inoportuno. Edmund era tão sensível quanto ela ao clima, mas sempre assumia os riscos. Tratou de sentar e perguntou:

- Quando acha que será a eleição para o novo prior?

- Pode sentar também, Caris. - Ela não tinha a menor idéia de como Carlus tomara conhecimento de sua presença. - Ainda não foi marcada a data para a eleição. O conde Roland tem o direito de indicar um candidato, mas ainda não recuperou a consciência.

- Não podemos esperar - disse Edmund.

Caris achou que o pai estava sendo brusco demais; mas era o seu jeito, e por isso ela não disse nada.

- Temos de iniciar a construção da nova ponte imediatamente - continuou Edmund. - Uma ponte de madeira não serve. Temos de fazer uma ponte de pedra. Levará três anos... quatro, se atrasarmos a decisão.

- Uma ponte de pedra?

- É essencial. Conversei com Elfric e Merthin. Outra ponte de madeira desabaria como a antiga.

- Mas o custo seria alto demais

- Cerca de duzentas e cinquenta libras, dependendo do projeto. Os cálculos de Elfric

Irmão Simeon interveio:

- Uma nova ponte de madeira custaria cinquenta libras, e o prior Anthony rejeitou-a na semana passada por causa do preço.

- E olhe só o resultado! Cem pessoas mortas, muitas outras feridas, animais e carroças perdidos, o prior morto, o conde às portas da morte!

Carlus disse, incisivo:

- Espero que não pretenda lançar a culpa por tudo isso ao falecido prior Anthony.

- Não podemos achar que a decisão dele foi acertada.

- Deus nos pune pelo pecado.

Edmund suspirou. Caris sentia-se frustrada. Sempre que estavam errados, os monges metiam Deus na discussão. Edmund comentou:

- É difícil para nós, meros homens, conhecer as intenções de Deus. Mas de uma coisa sabemos com certeza: sem a ponte, esta cidade morrerá. Já

começamos a perder muitas coisas para Shiring. A menos que construamos uma nova ponte de pedra, o mais depressa possível, Kingsbridge logo será uma pequena aldeia.

- Pode ser esse o plano de Deus para nós. Edmund começou a demonstrar exasperação.

- É possível que Deus esteja insatisfeito com vocês, monges? Pois podem ter certeza de uma coisa: se a Feira do Velocino e o mercado de Kingsbridge acabarem, não haverá mais um priorado aqui, com vinte e cinco monges, quarenta freiras e cinquenta servidores, um hospital, um coro e uma escola. E também não haverá mais uma catedral. O bispo de Kingsbridge sempre residiu em Shiring... e se os prósperos mercadores ali se oferecerem para construir uma catedral nova e esplêndida em sua própria cidade, com os lucros de seu mercado cada vez maior? Nada de mercado em Kingsbridge, nada de cidade, nada de catedral, nada de priorado... é isso o que vocês querem?

Carlus parecia consternado. Era evidente que não lhe havia ocorrido que as consequências a longo prazo do desabamento da ponte poderiam afetar a posição do priorado. Mas Simeon disse:

- Se o priorado não tem condições de construir uma ponte de madeira, não há com certeza a menor possibilidade de construir uma ponte de pedra.

- Mas vocês devem construir a ponte!

- Os pedreiros trabalhariam de graça?

- Claro que não. Precisam alimentar suas famílias. Mas já explicamos como os habitantes da cidade podem levantar o dinheiro e emprestá-lo ao priorado, tendo como garantia os pedágios da ponte.

- E ficaríamos sem a receita da ponte! - protestou Simeon, indignado. - Está de volta a essa fraude, hem?

Caris interveio:

- Não estão recebendo os pedágios da ponte agora.

- Mas recebemos as passagens na balsa.

- Tiveram de arrumar o dinheiro para pagar a Elfric por isso.

- Muito menos do que gastaríamos com uma ponte... e mesmo assim tivemos de esvaziar os cofres.

- As passagens nunca darão bastante dinheiro... a balsa é muito lenta.

- Pode chegar o momento, no futuro, em que o priorado terá condições de construir uma nova ponte. Deus providenciará os recursos... se assim o desejar. E depois ainda teremos os pedágios.

- Deus já providenciou os recursos - disse Edmund. - Inspirou minha filha a imaginar uma maneira de levantar o dinheiro, como nunca se pensou antes.

- Por favor, deixe-nos decidir o que Deus faz - pediu Carlus, irritado.

- Está bem. - Edmund levantou-se e Caris também. - Lamento muito que esteja assumindo essa atitude. É uma catástrofe para Kingsbridge e todos os que vivem aqui, inclusive os monges.

- Devo ser orientado por Deus, não por você. Edmund e Caris viraram-se para sair.

- Só mais uma coisa, se me permite - disse Carlus. Edmund parou na porta e virou-se.

- Claro.

- Não é aceitável que os leigos entrem no prédio do priorado à vontade. Na próxima vez em que desejar falar comigo, vá até o hospital, por favor, e mande um noviço ou um servidor do priorado me avisar, à maneira normal.

- Sou o regedor da guilda da paróquia! - protestou Edmund. - Sempre tive acesso direto ao prior!

- Sem dúvida o fato de o prior Anthony ser seu irmão deixava-o relutante em impor as normas usuais. Mas esses dias passaram.

Caris olhou para o pai. Ele fazia um esforço para reprimir a fúria.

- Está bem - murmurou Edmund, tenso.

- Deus o abençoe.

Edmund saiu, acompanhado por Caris.

Atravessaram o pátio enlameado, passando por poucos estandes armados para o mercado. Caris podia sentir o peso das obrigações do pai. A maioria das pessoas preocupava-se apenas em alimentar a própria família. Edmund preocupava-se com toda a cidade. Agora, tinha o rosto contraído de ansiedade. Ao contrário de Carlus, ele não levantaria as mãos para o céu e diria que a vontade de Deus seria feita. Vasculhava o cérebro à procura de uma solução para o problema. Caris sentiu um ímpeto de compaixão pelo pai, que tanto se esforçava para fazer a coisa certa, sem a ajuda do poderoso priorado. Nunca se queixava da responsabilidade, apenas a assumia. Deixou-a com vontade de chorar.

Os dois saíram do terreno do priorado e seguiram pela rua principal. Ao se aproximarem da porta de sua própria casa, Caris perguntou:

- O que vamos fazer?

- Não é óbvio? - murmurou o pai. - Temos de providenciar para que Carlus não seja eleito prior.

15

Godwyn queria ser o prior de Kingsbridge. Ansiava por isso, com toda a força de seu coração. Queria reformar as finanças do priorado, controlar a administração das terras e outros patrimônios, para que os monges não precisassem mais pedir dinheiro a madre Cecilia. Desejava uma separação mais rigorosa entre monges e freiras, mas também dos habitantes da cidade, para que pudesse respirar o ar mais puro da santidade. Mas, além desses motivos irrepreensíveis, havia mais alguma coisa. Sonhava com a autoridade e a distinção do título. A noite, em sua imaginação, já era o novo prior.

- Limpe essa sujeira no claustro! - diria a um monge.

- Pois não, padre prior. Imediatamente. Godwyn adorava o som de padre prior.

- Bom-dia, bispo Richard - diria, não submisso, mas com uma cortesia afável. E o bispo Richard responderia, um eminente clérigo se dirigindo a outro:

- Bom-dia para você também, prior Godwyn.

- Posso contar que está satisfeito com tudo, arcebispo? - poderia dizer, mais deferente desta vez, mas ainda assim como um colega júnior do grande homem, não como um subalterno.

- Claro que sim, Godwyn. Tem realizado um trabalho extraordinário aqui.

- Sua Reverência é muito generoso.

E talvez um dia, caminhando pelo claustro ao lado de um homem bem vestido e muito poderoso:

- Sua Majestade nos concede uma grande honra ao visitar nosso humilde priorado.

- Obrigado, padre Godwyn, mas vim até aqui para pedir seu conselho.

Ele queria o cargo... mas não sabia como alcançá-lo. Refletiu sobre a questão durante toda a semana, enquanto supervisionava cem enterros e planejava o serviço no domingo, que seria ao mesmo tempo o funeral de Anthony e uma recordação de todos os mortos de Kingsbridge.

Enquanto isso, não falou com ninguém sobre suas esperanças. Aprendera havia apenas dez dias qual era o preço de ser inocente. Fora para o capítulo com o Livro de Timothy e um forte argumento para a reforma... e a velha

guarda o rejeitara com uma perfeita coordenação, como se todos tivessem ensaiado, esmagando-o como a uma rã sob a roda de uma carroça.

Não deixaria que isso acontecesse de novo.

Na manhã de domingo, enquanto os monges entravam no refeitório para a primeira refeição, um noviço sussurrou para Godwyn que sua mãe gostaria de vê-lo, no pórtico norte da catedral. Ele tratou de se afastar, com toda a discrição possível.

Sentia-se apreensivo ao atravessar o claustro e a catedral. Não podia imaginar o que acontecera. Pois ocorrera alguma coisa no dia anterior para perturbar Petranilla.

Ela passara metade da noite acordada, pensando a respeito. Despertara ao amanhecer, com um plano de ação... e o filho era uma parte desse plano. Ela se mostraria impaciente e autoritária. O plano provavelmente seria bom... mesmo que não fosse, insistiria para que Godwyn o executasse.

Esperava pelo filho na escuridão do pórtico, o manto molhado, pois voltara a chover.

- Meu irmão Edmund foi falar com Blind Carlus ontem - disse ela. - E me imitou que Carlus age como se já fosse o prior, e a eleição não passasse de uma mera formalidade.

Havia um tom acusador em sua voz, como se a culpa fosse de Godwyn. Ele respondeu na defensiva:

- A velha guarda se postou atrás de Carlus antes mesmo que o corpo de tio Anthony esfriasse. Não querem ouvir falar de qualquer outro candidato.

- E os mais jovens?

- Querem que eu concorra, é claro. Gostaram da maneira como enfrentei o prior Anthony no caso do Livro de Timothy... embora eu tenha sido derrotado. Mas eu não disse nada.

- Algum outro candidato?

- Thomas Langley é o intruso. Alguns o desaprovam porque ele já foi um cavaleiro e matou pessoas, por sua própria admissão. Mas ele é competente. Faz o seu trabalho com uma eficiência discreta, nunca pressiona os noviços...

A mãe exibiu uma expressão pensativa.

- Qual é a história dele? Por que se tornou um monge?

A apreensão de Godwyn começou a se dissipar. Parecia que a mãe não o censuraria por inação.

- Thomas diz apenas que sempre ansiou pela vida religiosa. Veio até aqui para cuidar de um ferimento de espada, e decidiu que nunca mais iria embora.

- Lembro disso. Foi há dez anos. Mas nunca soube em que circunstâncias ele sofreu o ferimento.

- Nem eu. Ele não gosta de falar sobre seu passado violento.

- Quem pagou por sua admissão no priorado?

- Por mais estranho que possa parecer, não sei.

Godwyn costumava se espantar com a capacidade da mãe de formular as perguntas reveladoras. Ela podia ser tirânica, mas tinha de admirá-la.

- Pode ter sido o bispo Richard - acrescentou ele. - Recordo-o a prometer o donativo. Mas ele não teria os recursos pessoalmente... não era um bispo na ocasião, apenas um padre. Talvez estivesse falando pelo conde Roland.

- Descubra.

Godwyn hesitou. Teria de procurar nos documentos do priorado. O bibliotecário, irmão Augustine, não teria a pretensão de questionar o sacristão, mas algum outro poderia fazê-lo. Neste caso, Godwyn passaria pelo constrangimento de inventar uma história plausível para explicar o que fazia. Se o donativo tivesse sido em dinheiro, em vez de terras ou outras propriedades - o que era excepcional, mas sempre possível -, ele teria de verificar as contas do priorado...

- Qual é o problema? - perguntou a mãe, ríspida.

- Nada. Você tem razão. - Godwyn lembrou a si mesmo que a atitude autoritária era um sinal do amor da mãe, talvez a única maneira que ela conhecia para expressá-lo. - Deve haver um registro. Pensando bem...

- O que é?

- Um donativo assim costuma ser alardeado. O prior o anuncia na catedral e invoca bênçãos para o doador. E faz um sermão para explicar como as pessoas que doam terras ao priorado são recompensadas no paraíso. Mas não me lembro de qualquer coisa parecida na ocasião em que Thomas se tornou um de nós.

- Mais razão ainda para procurar o documento de doação. Thomas é um homem com um segredo. E um segredo é sempre uma fraqueza.

- Pode deixar que vou procurar. O que acha que devo dizer aos que quiserem me apoiar na eleição?

Petranilla sorriu, insinuante.

- Acho que você deve dizer que não será um candidato.

A primeira refeição já acabara quando Godwyn deixou a mãe. Os retardatários não tinham permissão para comer, por uma regra antiga. Mas o responsável pela cozinha, irmão Reynard, sempre podia oferecer alguma coisa para alguém de quem gostava. Godwyn foi até a igreja e conseguiu um pedaço de queijo e um bico de pão. Comeu de pé, enquanto, ao seu redor, os servidores do priorado traziam as tigelas do refeitório e limpavam o caldeirão de ferro em que o mingau fora feito.

Enquanto comia, ele refletiu sobre o conselho da mãe. E, quanto mais pensava a respeito, mais esperto lhe parecia. Depois que anunciasse que não seria candidato na eleição, tudo o que dissesse teria a autoridade de um observador desinteressado. Poderia manipular a eleição sem ser suspeito de motivos egoístas. E, depois, tomaria a iniciativa no último momento. Ele sentiu um fluxo de gratidão pela astúcia do cérebro irrequieto da mãe e a indômita lealdade de seu coração.

O irmão Theodoric encontrou-o ali. A pele clara de Theodoric estava corada de indignação.

- O irmão Simeon falou conosco no refeitório sobre a escolha de Carlus para prior. Acentuou que seria a continuação das sábias tradições de Anthony. Ele não vai mudar coisa alguma!

Fora uma manobra astuciosa, pensou Godwyn. Simeon aproveitara sua ausência para dizer, com autoridade, coisas que Godwyn teria contestado se estivesse presente. Ele disse, compreensivo:

- É vergonhoso.

- Perguntei se os outros candidatos teriam direito de falar aos monges no refeitório da mesma maneira.

Godwyn sorriu.

- Boa pergunta.

- Simeon disse que não havia necessidade de outros candidatos. "Não estamos disputando um concurso de arco-e-flecha", foram suas palavras.

Em sua opinião, a decisão já estava tomada: o prior Anthony escolheu Carlus para seu sucessor ao fazê-lo vice-prior.

- Isso é um absurdo total.

- Concorro plenamente. Os monges estão furiosos.

O que era ótimo, pensou Godwyn. Carlus ofendera até mesmo seus partidários ao tentar lhes tirar o direito de votar. Estava minando sua própria candidatura. Theodoric acrescentou:

- Acho que devemos pressionar Carlus a se retirar da disputa.

Godwyn teve vontade de dizer: Ficou louco Mas mordeu a língua e tentou dar a impressão de que refletia a respeito.

- Seria a melhor maneira de lidar com a situação? - indagou ele, como se realmente estivesse em dúvida.

Theodoric se mostrou surpreso com a pergunta.

- Como assim?

- Você diz que os irmãos estão todos furiosos com Carlus e Simeon. Mas, se Carlus se retirar, a velha guarda encontrará outro candidato. E pode fazer uma escolha melhor na segunda vez. Pode ser alguém popular... como o irmão Joseph, por exemplo.

Theodoric ficou aturdido.

- Eu nunca tinha pensado assim.

- Talvez devamos torcer para que Carlus continue a ser a escolha da velha guarda. Todos sabem que ele é contra qualquer tipo de mudança. A razão para ele ser um monge é o fato de saber que todos os dias serão iguais: percorrerá os mesmos caminhos, sentará nos mesmos assentos, vai comer, rezar e dormir nos mesmos lugares. Talvez seja por causa da cegueira, embora eu desconfie que ele sempre foi assim. A causa não importa. Ele acredita que nada aqui precisa mudar. Não são muitos os monges que se sentem tão satisfeitos assim... o que faz com que Carlus seja um adversário relativamente fácil de derrotar. Um candidato que representasse a velha guarda mas defendesse algumas pequenas reformas teria muito mais probabilidade de vencer.

Godwyn compreendeu que deixara de parecer hesitante, e passara a ser categórico. Apressou-se em voltar atrás, murmurando:

- Não sei... o que você acha?

- Acho que você é um gênio - respondeu Theodoric.

Não sou um gênio, pensou Godwyn, mas aprendo depressa.

Ele foi para o hospital. Encontrou Philemon varrendo os quartos de hóspedes no segundo andar. Lorde William continuava ali, velando o pai, à espera de que ele vivesse ou morresse. Lady Philippa ficara com ele. O bispo Richard voltara para seu palácio em Shiring, mas era esperado hoje, para a grande missa fúnebre.

Godwyn levou Philemon à biblioteca. Philemon mal sabia ler, mas seria útil para pegar os documentos, chamados de cartulários.

O priorado tinha mais de uma centena de documentos desse tipo. A maior parte era de registro de propriedades, quase todas nas proximidades de

Kingsbridge, mas algumas espalhadas por outras partes da Inglaterra e de Gales.

Outros documentos concediam aos monges o direito de estabelecer seu priorado, construir uma igreja, retirar pedras de uma pedreira em terras do conde de Shiring sem pagamento, dividir e arrendar a terra em torno do priorado para a construção de casas, realizar julgamentos, promover um mercado semanal, cobrar um pedágio pela travessia da ponte, ter uma Feira do Velocino anual, e despachar mercadorias de navio pelo rio até Melcombe, sem o pagamento de tributo aos senhores das terras pelas quais o rio passava.

Os documentos eram escritos com pena e tinta em pergaminhos, um couro fino limpo e raspado com todo cuidado, embranquecido e estendido para formar uma superfície em que se podia escrever. Os mais compridos eram enrolados e amarrados com uma tira fina de couro. Eram guardados numa arca revestida de ferro. A arca estava sempre trancada, mas a chave ficava na biblioteca, numa pequena caixa esculpida.

Godwyn franziu o rosto em desaprovação quando abriu a arca. Os documentos não estavam alinhados em pilhas meticulosas, mas largados de qualquer maneira, sem nenhuma ordem aparente. Alguns tinham pequenos rasgões e pontas esfareladas, e todos estavam cobertos de poeira. Deveriam ser mantidos na sequência das datas, pensou ele, cada um numerado, com uma relação grudada na parte interna da tampa da arca, para que qualquer documento específico pudesse ser encontrado mais depressa. Se eu fosse o prior...

Philemon tirou os documentos da arca, um a um, soprando a poeira, para depois ajeitá-los numa mesa, ao lado de Godwyn. A maioria das pessoas detestava Philemon. Um ou outro monge mais velho desconfiava dele, mas não era assim que Godwyn se sentia: era difícil desconfiar de alguém que o tratava como a um deus. A maioria dos monges se acostumara a ele, pois estava ali há muito tempo. Godwyn recordava-o como menino, alto e desajeitado, sempre rondando o priorado, perguntando aos monges para que santo era melhor orar, e se já haviam testemunhado um milagre.

A maior parte dos documentos fora originalmente escrita duas vezes na mesma folha. A palavra "quirógrafo" era escrita em letras grandes entre as duas cópias, para depois se cortar o pergaminho ao meio, numa linha em ziguezague através da palavra. Cada uma das partes ficava com uma

metade e a combinação dos ziguezagues era a prova de que se tratava de um documento genuíno.

Alguns documentos tinham buracos, provavelmente onde a ovelha viva fora mordida por um inseto. Outros pareciam ter sido roídos em algum momento de sua história, presumivelmente por ratos.

Estavam escritos em latim, é claro. Os mais recentes eram mais fáceis de ler; às vezes Godwyn tinha dificuldade para decifrar o estilo de escrita mais antigo. Ele examinava cada documento até encontrar uma data. Procurava por algo escrito logo depois do Dia de Todos os Santos, há dez anos.

Examinou cada folha e nada encontrou.

O mais próximo era um documento datado de algumas semanas depois, pelo qual o conde Roland concedia permissão a Sir Gerald para transferir suas terras para a propriedade do priorado; em troca, o priorado perdoaria as dívidas de Gerald e o sustentaria e a esposa pelo resto de suas vidas.

Godwyn não chegou a ficar realmente desapontado. Muito pelo contrário.

Ou Thomas fora admitido sem o donativo usual - o que por si só já seria curioso

ou o documento era guardado em outro lugar, longe de olhos bisbilhoteiros. De qualquer forma, parecia cada vez mais provável que o instinto de Petranilla era certo: Thomas tinha mesmo um segredo.

Não havia muitos lugares privados num mosteiro. Os monges não deveriam ter bens pessoais, nem segredos. Embora em alguns mosteiros mais ricos houvesse celas particulares para os monges seniores, em Kingsbridge todos dormiam num enorme dormitório, com exceção do prior. Era quase certo que o documento que garantira a admissão de Thomas estivesse na casa do prior.

Que era agora ocupada por Carlus.

Isso tornava a situação bastante difícil. Carlus não permitiria que Godwyn revistasse a casa. Mas talvez não houvesse necessidade de uma revista meticulosa. Era provável que houvesse uma caixa ou uma bolsa à plena vista contendo os documentos pessoais do falecido prior Anthony: um breviário do tempo de noviço, uma carta cordial do arcebispo, alguns sermões. Era também provável que Carlus já tivesse examinado o conteúdo depois da morte de Anthony. Mas não tinha qualquer razão para permitir que Godwyn fizesse a mesma coisa.

Godwyn franziu o rosto, pensando. Outra pessoa poderia procurar? Edmund ou Petranilla poderiam pedir para ver os bens do irmão, e seria difícil para Carlus negar o pedido. Mas ele poderia retirar antes os documentos do priorado. Portanto, a busca teria de ser clandestina.

O sino tocou para a Terça, o ofício da manhã. Godwyn compreendeu que o único momento em que podia ter certeza de que Carlus não estaria na casa do prior seria quando estivesse num serviço na catedral.

Teria de faltar à Terça. Teria de pensar em alguma desculpa plausível. Não seria fácil. Afinal, era o sacristão, o único monge que nunca deveria faltar aos serviços. Mas não havia alternativa.

- Quero que vá me procurar na catedral - disse ele a Philemon.

- Está bem.

Philemon ficou preocupado: os empregados do priorado não deveriam entrar no coro durante um culto.

- Apareça logo depois do primeiro versículo. Sussurre em meu ouvido. Pode dizer qualquer coisa. Não dê atenção às reações, apenas faça isso.

Philemon contraiu o rosto, em ansiedade, mas acenou com a cabeça em concordância. Faria qualquer coisa por Godwyn.

Godwyn deixou a biblioteca e juntou-se à procissão a caminho da catedral. Havia apenas algumas poucas pessoas na nave: a maior parte dos habitantes viria mais tarde, para a missa pelas vítimas do desabamento da ponte. Os monges ocuparam seus lugares no coro, e o ritual começou.

- Ó, Deus, venha em minha ajuda - entoou Godwyn, junto com os outros.

O versículo acabou e eles começaram o primeiro hino. Philemon apareceu. Todos os monges olharam para ele, como as pessoas sempre olham para qualquer coisa fora do normal que ocorre durante um ritual familiar. O irmão Simeon franziu o rosto em desaprovação. Carlus, conduzindo o canto, sentiu a perturbação e assumiu uma expressão de perplexidade.

Philemon seguiu direto para Godwyn e inclinou-se para sussurrar em seu ouvido:

- Bem-aventurado é o homem que não anda no conselho dos ímpios. Godwyn simulou surpresa e continuou a escutar, enquanto Philemon recitava o Salmo número um. Depois de alguns momentos, ele sacudiu a cabeça vigorosamente, como se negasse um pedido. Escutou mais um pouco. Teria de inventar uma história elaborada para explicar aquela pantomima. Talvez alegasse que a mãe insistia em falar com ele com urgência sobre o funeral do irmão, o prior Anthony, e que ameaçara entrar

no coro pessoalmente, se Philemon não transmitisse um recado a Godwyn. A personalidade autoritária de Petranilla e a dor da família fariam com que a história tivesse credibilidade. Enquanto Philemon terminava de recitar o salmo, Godwyn assumiu uma expressão resignada, levantou-se e deixou o coro atrás dele.

Contornaram apressados a catedral, até a casa do prior. Um jovem servidor varria a casa. Não ousaria questionar um monge. Poderia informar a Carlus que Godwyn e Philemon haviam passado pela casa... mas àquela altura já seria tarde demais.

Godwyn achava que a casa do prior era uma vergonha. Era menor do que a casa de tio Edmund, na rua principal. Um prior deveria ter um palácio de acordo com sua posição, como era o caso do bispo. Mas não havia nada de glorioso naquela casa. Umas poucas tapeçarias cobriam as paredes, mostrando cenas bíblicas e impedindo a passagem das correntes de ar, mas no geral a decoração era insípida e sem imaginação... como fora o falecido Anthony.

Os dois revistaram a casa rapidamente e logo encontraram o que procuravam. Lá em cima, no quarto, numa arca ao lado do prie-dieu, havia uma bolsa grande. Era feita de pele de cabra, cor de gengibre, costurada com linha escarlate: Godwyn teve certeza de que fora um presente de uma das pessoas que trabalhavam com couro na cidade.

Ele abriu a bolsa, observado atentamente por Philemon.

Lá dentro havia trinta folhas de pergaminho, separadas por pedaços de linho protetores. Godwyn examinou-as depressa.

Várias tinham anotações sobre os Salmos: Anthony devia ter cogitado, em algum momento, escrever um livro de comentários, mas o trabalho parecia ter sido abandonado. O documento mais surpreendente era um poema de amor, em latim. Tinha o título de Virent Oculi, e era endereçado a um homem de olhos verdes. Tio Anthony tinha olhos verdes com pintas douradas, como toda a família.

Godwyn especulou sobre quem o teria escrito. Não eram muitas as mulheres que sabiam escrever bastante bem em latim para compor um poema. Uma freira amara Anthony? Ou o poema era de um homem? O pergaminho era antigo e amarelado: o caso de amor, se é que houvera algum, ocorrera na juventude de Anthony. Mas ele guardara o poema. O que talvez significasse que não fora um homem tão insosso quando Godwyn imaginara.

- O que é isso? - perguntou Philemon.

Godwyn sentiu-se culpado. Bisbilhotara um canto muito particular da vida do tio, e desejou agora não ter feito isso.

- Nada... apenas um poema.

Ele pegou a folha seguinte... e descobriu o que procurava.

Era um documento datado do Natal, de dez anos antes. Tratava de uma propriedade de quinhentos acres perto de Lynn, em Norfolk. O senhor local morrera pouco antes. O documento transferia a senhoria vaga para o priorado de Kingsbridge e especificava as contribuições anuais - em cereais, velocinos, bezerros e galinhas - para o priorado dos servos e rendeiros que cultivavam a terra. Também determinava que pagamentos em dinheiro podiam ser efetuados no lugar dos produtos, uma prática que era agora predominante, ainda mais quando a terra se situava a muitos quilômetros de distância da residência do senhor.

Era um documento típico. Todos os anos, depois da colheita, representantes de dezenas de comunidades similares faziam a peregrinação ao priorado para entregar o que deviam. Os emissários das propriedades próximas apareciam no início do outono; outros vinham a intervalos ao longo do inverno. Uns poucos de lugares distantes só chegavam depois do Natal.

O documento também especificava que o donativo era feito em consideração pela aceitação de Sir Thomas Langley como um monge. Isso também era rotina.

Mas uma característica do documento não era comum. Fora assinado pela rainha Isabella.

O que era muito interessante. Isabella era a esposa infiel do rei Edward II. Rebelara-se contra o marido real e instalara em seu lugar o filho de quatorze anos. Pouco depois, o rei deposto morrera. O prior Anthony comparecera a seu funeral, em Gloucester. Thomas chegara a Kingsbridge nessa ocasião.

Durante uns poucos anos, a rainha e seu amante, Roger Mortimer, haviam controlado a Inglaterra; mas não demorara muito para que Edward III proclamasse sua autoridade, apesar de muito jovem. O novo rei tinha agora vinte e quatro anos e mantinha um firme controle. Mortimer morrera e Isabella, agora com quarenta e dois anos, vivia num retiro opulento em Castle Rising, Norfolk, não muito longe de Lynn.

- Então é isso! - exclamou Godwyn para Philemon. - Foi a rainha Isabella quem providenciou para que Thomas se tornasse um monge!

Philemon franziu o rosto.

- Mas por quê?

Embora não tivesse instrução, Philemon era esperto.

- Isso mesmo, por quê?

- Podemos presumir que queria recompensá-lo, ou silenciá-lo, se não as duas coisas. E isso aconteceu no ano em que ela deu o golpe. - Godwyn respondeu.

- Ele deve ter prestado algum serviço à rainha. Godwyn acenou com a cabeça, em concordância.

- Ele levou uma mensagem, ou abriu os portões de um castelo, ou revelou os planos do rei para ela, ou garantiu o apoio de algum barão importante. Mas por que é um segredo?

- Não é - disse Philemon. - O tesoureiro deve saber. E todas as pessoas em Lynn. O emissário de lá deve conversar com algumas pessoas quando vem a Kingsbridge.

- Mas ninguém sabe que tudo foi feito em benefício de Thomas... a menos que tenham visto este documento.

- Então é esse o segredo... o fato de que a rainha Isabella fez o donativo por Thomas.

- Exatamente.

Godwyn arrumou os documentos com todo cuidado, entremeando os pergaminhos com os pedaços de linho, e tornou a guardar a bolsa na arca. Philemon perguntou:

- Mas por que é um segredo? Não há nada de desonesto ou vergonhoso nessa disposição... acontece o tempo todo.

- Não sei por que é um segredo, e talvez não precisemos saber. O fato de as pessoas se empenharem em esconder pode ser suficiente para o nosso propósito. Vamos sair desta casa.

Godwyn sentia-se satisfeito. Thomas tinha um segredo e Godwyn sabia disso. O que lhe proporcionava algum poder. Agora, sentia-se bastante confiante para assumir o risco de lançar Thomas como candidato a prior. Mas também sentia-se apreensivo: Thomas não era nenhum tolo.

Os dois voltaram à catedral. O ofício da Terça terminou poucos momentos depois, e Godwyn começou a preparar a catedral para o grande serviço fúnebre. Seguindo suas instruções, seis monges levantaram o caixão de

Anthony e o puseram num suporte na frente do altar, para depois cercá-lo com velas acesas. Os habitantes da cidade começaram a se reunir na nave. Godwyn acenou com a cabeça para a prima Caris, que cobrira sua touca habitual com seda preta. Depois, avistou Thomas, carregando uma cadeira grande e ornamentada com a ajuda de um noviço. Era o trono do bispo, ou cátedra, que proporcionava à igreja sua posição especial de catedral. Godwyn tocou no braço de Thomas.

- Deixe Philemon fazer isso.

Thomas se irritou, pensando que Godwyn oferecia ajuda por causa de seu braço perdido.

- Posso dar um jeito.

- Sei que pode. Mas queria lhe falar.

Thomas era mais velho - tinha trinta e quatro anos, enquanto Godwyn tinha trinta e um anos - mas Godwyn era seu superior na hierarquia monástica. Mesmo assim, Godwyn sempre sentira um pouco de medo de Thomas. O matriculário em geral demonstrava a deferência devida ao sacristão, mas ainda assim Godwyn tinha a impressão de que recebia apenas o respeito que Thomas achava que ele merecia, nem mais um pouco. Embora Thomas se conformasse sob todos os aspectos com a disciplina da regra de São Bento, mesmo assim parecia ter levado para o priorado uma qualidade de independência e autossuficiência que nunca perdera.

Não seria fácil enganar Thomas... mas era exatamente isso o que Godwyn planejava fazer.

Thomas permitiu que Philemon tomasse seu lugar ao lado do trono. Godwyn levou-o para um lado da catedral.

- Estão falando sobre você como possível novo prior - comentou Godwyn.

- Dizem a mesma coisa a seu respeito.

- Eu me recuso a ser candidato. Thomas elevou as sobrancelhas.

- Você me surpreende, irmão.

- Tenho dois motivos - declarou Godwyn. - Primeiro, acho que você faria um trabalho melhor.

Thomas parecia ainda mais surpreso. Provavelmente não desconfiara que Godwyn fosse capaz de tanta modéstia. Ele estava certo: Godwyn mentia.

- Segundo, você tem mais chance de vencer. - Godwyn agora dizia a verdade. - Os jovens gostam de mim, mas você é popular em grupos de todas as idades.

O rosto bonito de Thomas exibia uma expressão irônica. Esperava pelo ardil.

- Quero ajudar - acrescentou Godwyn. - Creio que a única coisa importante é ter um prior que introduza reformas no mosteiro e melhore as finanças.

- Acho que eu poderia fazer isso. Mas o que você quer em troca de seu apoio?

Godwyn sabia que não podia deixar de pedir alguma coisa. Thomas não acreditaria nele. Inventou uma mentira plausível.

- Eu gostaria de ser o vice-prior.

Thomas acenou com a cabeça, mas não deu um consentimento imediato.

- Como me ajudaria?

- Primeiro, obtendo o apoio dos habitantes da cidade.

- Só porque Edmund Wooler é seu tio?

- Não é tão simples assim. Os habitantes estão preocupados com a ponte. Carlus não diz quando começará a construir, nem mesmo se vai construir. Por isso, as pessoas torcem para que ele não seja o novo prior. Se eu disser a Edmund que você começará a cuidar da nova ponte assim que for eleito, contará com o apoio de toda a cidade.

- Mas isso não me valerá os votos de muitos monges.

- Não tenha tanta certeza. Lembre-se de que a escolha dos monges tem de ser ratificada pelo bispo. A maioria dos bispos sempre tem a prudência de consultar a opinião local... e Richard é tão ansioso quanto qualquer outro em evitar problemas. Se os habitantes o apoiarem, isso pode fazer uma diferença.

Godwyn podia perceber que Thomas não confiava nele. O matriculário estudava-o, e Godwyn sentiu uma gota de suor escorrer pela coluna; mas fez um esforço para permanecer impassível sob o olhar atento. Mas Thomas aceitava seus argumentos.

- Não resta a menor dúvida de que precisamos de uma nova ponte - disse ele.

- Carlus é insensato ao protelar a decisão.

- Portanto, pode prometer uma coisa que tenciona fazer.

- Você é muito persuasivo.

Godwyn ergueu as mãos num gesto defensivo.

- Não tenho essa intenção. Você deve fazer o que achar que é a vontade de Deus.

Thomas fitava-o com evidente ceticismo. Não acreditava que Godwyn fosse tão imparcial. Mas disse:

- Está bem. - Uma pausa, e ele acrescentou: - Rezarei por uma orientação. Godwyn sentiu que não arrancaria de Thomas um compromisso mais forte hoje, e que poderia ser contraproducente se tentasse pressioná-lo mais um pouco.

- Eu também - disse ele, antes de se virar.

Thomas faria exatamente o que prometera, rezaria em busca de uma orientação. Não tinha muitos desejos pessoais. Se achasse que essa era a vontade de Deus, seria candidato a prior; se não, não seria. Godwyn não poderia fazer mais nada com ele, pelo menos por enquanto.

Havia um brilho de velas em torno do caixão de Anthony. A nave se enchia de habitantes da cidade e camponeses das aldeias próximas. Godwyn esquadrinhou a multidão à procura do rosto de Caris, que avistara poucos minutos antes. Localizou-a no transepto sul, olhando para o andaime de Merthin. Tinha lembranças afetuosas de Caris quando criança, no tempo em que ele era o primo crescido que sabia de tudo.

Caris se mostrava desolada desde o desabamento da ponte, mas Godwyn notou que ela parecia mais animada hoje. O que o deixou satisfeito, porque gostava da prima. Tocou em seu cotovelo.

- Você parece feliz.

- E estou. - Caris sorriu. - Um nó romântico acaba de ser desatado. Mas você não compreenderia.

- Claro que não.

Você não faz idéia de quantos nós românticos existem entre os monges, pensou ele. Mas não disse nada: era melhor deixar os leigos na ignorância dos pecados que ocorriam no priorado. Ele disse:

- Seu pai deveria conversar com o bispo Richard sobre a reconstrução da ponte.

- É mesmo? - indagou ela, cética. Quando criança, ela o admirava como um herói, mas agora não sentia tanto respeito. - Qual o sentido? A ponte não é dele.

- A escolha dos monges para prior tem de ser aprovada pelo bispo. Richard pode avisar que não aprovaria alguém que se recuse a construir a ponte. Alguns monges podem assumir uma posição de desafio, mas outros dirão que não há sentido em votar em alguém que não será ratificado.

- Entendo. Mas acha mesmo que meu pai pode ajudar?

- Tenho certeza de que sim.
- Então farei a sugestão.
- Obrigado.

O sino tocou. Godwyn deixou a catedral e foi se juntar outra vez à procissão que se formava no claustro. Era meio-dia. Fizera um bom trabalho naquela manhã.

16

Wulfric e Gwenda deixaram Kingsbridge no início da manhã de segunda-feira, para caminhar pela longa estrada que os levaria de volta à aldeia de Wigleigh.

Caris e Merthin observaram os dois atravessar o rio na balsa nova. Merthin sentia-se satisfeito por constatar que ela continuava a funcionar muito bem. As engrenagens de madeira ficariam desgastadas bem depressa, ele sabia. Usar engrenagens de ferro seria melhor, mas... Caris tinha outros pensamentos.

- Gwenda está muito apaixonada - murmurou ela, suspirando.
- Ela não tem a menor chance com Wulfric.
- Nunca se sabe. Gwenda é muito determinada. Veja como ela escapou de Sim Chapman.
- Mas Wulfric está noivo de Annet... que é muito mais bonita.
- A boa aparência não é tudo num romance.
- Pelo que agradeço a Deus todos os dias. Caris riu.
- Adoro sua cara engraçada.
- Mas Wulfric brigou com meu irmão por causa de Annet. Portanto, deve amá-la.
- Gwenda tem uma poção do amor. Merthin lançou-lhe um olhar de desaprovação.
- Então acha certo que a mulher manobre um homem para casar com ela mesmo quando ele ama outra?

Caris permaneceu calada por um momento. A pele macia do pescoço ficou rosada.

- É realmente a mesma coisa?
- É parecido.
- Mas ela não o está coagindo... só quer fazer com que Wulfric a ame.
- Deveria tentar isso sem uma poção.
- Agora me sinto envergonhada de ajudá-la.
- Tarde demais.

Wulfric e Gwenda desembarcaram da balsa, no outro lado do rio. Viraram-se para acenar, e depois se afastaram pela estrada, com o cachorro Skip em sua esteira. Merthin e Caris tornaram a subir pela rua principal. Caris comentou:

- Você ainda não falou com Griselda.

- Farei isso agora. Não sei se aguardava ansioso pelo momento, ou se receava.

- Não tem nada a temer. Foi ela quem mentiu.

- É verdade. - Merthin levou a mão ao rosto. A equimose quase desaparecera. - Só espero que o pai dela não fique violento outra vez.

- Quer que eu vá com você?

Merthin gostaria muito de contar com o apoio de Caris, mas sacudiu a cabeça.

- Eu criei essa confusão, e agora tenho de resolver tudo sozinho.

Pararam na frente da casa de Elfric; Caris murmurou:

- Boa sorte.

- Obrigado.

Merthin deu um beijo de leve nos lábios dela, resistiu à tentação de beijá-la de novo, e entrou na casa.

Elfric estava sentado à mesa, comendo pão e queijo. Tinha uma caneca de cerveja à sua frente. Além dele, Merthin viu Alice e a criada na cozinha. Não havia sinal de Griselda.

- Onde você estava? - perguntou Elfric.

Merthin decidiu que, se não tinha nada a temer, era melhor agir sem medo. Ignorou a pergunta de Elfric.

- Onde está Griselda?

- Ainda na cama. Merthin gritou pela escada:

- Griselda! Quero falar com você!

- Não há tempo para isso - disse Elfric. - Temos muito trabalho a fazer. Merthin tornou a ignorá-lo.

- Griselda! É melhor você se levantar agora!

- Ei, quem você pensa que é para dar ordens aqui? - protestou Elfric. I

- Quer que eu case com ela, não é?

- E daí?

- Então é melhor ela se acostumar a fazer o que seu marido manda. - Ele tornou a elevar a voz. - Desça agora mesmo, ou terá de ouvir o que vou dizer de outra pessoa!

Griselda apareceu no alto da escada.

- Já estou descendo! - exclamou ela, irritada. - Por que toda essa confusão?

Merthin esperou que ela descesse, antes de declarar:

- Descobri quem é o pai da criança. O medo aflorou aos olhos de Griselda.

- Não seja estúpido. É você.
- Não, não sou eu. É Thurstan.
- Nunca deitei com Thurstan! - Ela olhou para o pai. - Juro que não!
- Ela não mente - disse Elfric. Alice veio da cozinha.
- É isso mesmo - declarou ela.
- Deitei com Griselda no domingo da semana da Feira do Velocino... há quinze dias. Griselda está grávida de três meses.
- Não estou, não!

Merthin olhou duro para Alice.

- Você sabia, não é?

Alice desviou os olhos. Merthin acrescentou:

- E mentiu... até mesmo para Caris, sua própria irmã.
- Você não sabe há quanto tempo ela está grávida - resmungou Elfric.
- Olhe para ela - respondeu Merthin. - Dá para ver sua barriga crescida. Não é muita coisa, mas se pode perceber.

- O que você sabe sobre essas coisas? É apenas um garoto.

- Você contava com minha ignorância, não é? E quase deu certo. Elfric acenou com um dedo.

- Você deitou com Griselda e agora terá de casar com ela.
- Não vou, não. Ela não me ama. Deitou comigo para arrumar um pai para eu bebê, depois que Thurstan fugiu. Sei que fiz uma coisa errada, mas vou me punir pelo resto da minha vida ao casar com ela.

Elfric levantou-se.

- Vai casar, e sabe disso.
- Não.
- Tem de casar.
- Não.

O rosto de Elfric ficou vermelho. Ele gritou:

- Vai casar com ela!
- Quantas vezes quer que eu continue a dizer não? Elfric compreendeu que não o faria mudar de idéia.
- Neste caso, você está dispensado. Saia da minha casa e nunca mais volte. Merthin já esperava por isso. Era um alívio. Significava que a discussão terminara.

- Está bem.

Ele tentou passar por Elfric, que bloqueou sua passagem.

- Onde você pensa que vai?

- Até a cozinha, para pegar minhas coisas.
 - Está se referindo às suas ferramentas, não é?
 - Isso mesmo.
 - Não são suas. Paguei por elas.
 - Um aprendiz sempre tem direito às suas ferramentas no final do...
- Merthin não concluiu a frase.
- Ainda não terminou o aprendizado. Portanto, não tem direito às ferramentas.

Merthin não esperava por isso.

- Já tenho seis anos e meio!
- Precisa completar sete anos.

Sem ferramentas, Merthin não poderia ganhar a vida.

- Isso é injusto. Apelarei para a guilda dos carpinteiros.
- Aguardo ansioso por isso - disse Elfric, presunçoso. - Será interessante ouvir você argumentar que um aprendiz que foi despedido por deitar com a filha do mestre deve ser recompensado com um jogo de ferramentas de graça. Todos os carpinteiros na guilda têm aprendizes e muitos têm filhas. Vão expulsá-lo a pontapés no traseiro.

Merthin compreendeu que ele tinha razão. Alice interveio:

- Está metido na maior encrenca, não é mesmo?
- Estou, sim - respondeu Merthin. - Mas o que quer que aconteça, não será tão terrível como a vida com Griselda e sua família.

Ao final daquela manhã, Merthin foi à igreja de St. Mark para o funeral de Howell Tyler. E foi porque esperava que alguém ali lhe arrumasse um trabalho.

Ao olhar para o teto de madeira - a igreja não tinha uma abóbada de pedra -, Merthin divisou o buraco no teto pintado, no formato de um homem, um sombrio testemunho da maneira como Howell morrera. Tudo lá em cima estava apodrecido, comentaram os construtores presentes ao funeral, com conhecimento de causa; mas só diziam isso depois do acidente, a sagacidade chegando tarde demais para salvar a vida de Howell. Era evidente agora que o telhado estava fraco demais para ser reparado; devia ser demolido por completo e reconstruído do nada. Isso significava fechar a igreja.

St. Mark era uma igreja pobre. Tinha apenas uma pequena dotação, uma única fazenda, a quinze quilômetros de distância, cuidada pelo irmão do padre, que mal dava para sustentar a família. Os rendimentos do padre

Joffroi vinham de oitocentos ou novecentos cidadãos de sua paróquia, na zona norte da cidade, a mais pobre. Os que não eram de fato indigentes, em geral fingiam ser; assim, seus dízimos rendiam apenas uma modesta quantia. Ele ganhava a vida com batizados, casamentos e enterros, cobrando muito menos que os monges na catedral. Seus paroquianos casavam cedo, tinham muitos filhos, e morriam jovens, o que significava que havia bastante trabalho. No final das contas, ele ganhava o suficiente. Mas se fechasse a igreja, seus rendimentos ficariam suspensos... e ele não poderia pagar os construtores.

Em consequência, o trabalho no telhado estava paralisado.

Todos os construtores da cidade compareceram ao funeral, inclusive Elfric. Merthin tentou se manter impassível, mas era difícil: quase todos sabiam que ele fora dispensado. Recebera um tratamento injusto, mas infelizmente não era de todo inocente.

Howell tinha uma jovem esposa que era amiga de Caris; e foi junto com a viúva e a família desconsolada que Caris entrou na igreja. Merthin foi se postar ao seu lado, e relatou o que acontecera com Elfric.

O padre Joffroi conduziu o serviço numa velha batina. Merthin pensou no telhado. Achava que tinha de haver um jeito de desmontá-lo sem fechar a igreja. O processo habitual, quando os reparos haviam sido adiados por muito tempo e as madeiras estavam muito apodrecidas para suportar o peso de trabalhadores, era construir andaimes em torno da igreja e derrubar as tábuas dentro da nave. O prédio ficava então exposto aos elementos, até que o novo telhado fosse concluído e coberto de telhas. Mas deveria ser possível fazer um guincho móvel, sustentado pela grossa parede lateral da igreja, que levantaria as madeiras do telhado, uma a uma, em vez de derrubá-las dentro da igreja, passando por cima da parede, para depositá-las no cemitério. Dessa maneira, o teto de madeira poderia ficar intacto, e só seria substituído depois que o telhado fosse trocado.

A beira da sepultura, ele olhou para os homens, especulando qual deles teria mais probabilidade de empregá-lo. Decidiu falar com Bill Watkin, o segundo maior construtor da cidade, que nunca fora um admirador de Elfric.

Bill tinha o alto da cabeça calvo, com uma franja de cabelos pretos ao redor, uma versão natural da tonsura monacal. A maior parte de suas construções era em Kingsbridge. Como Elfric, empregava um pedreiro e um carpinteiro, um punhado de trabalhadores e um ou dois aprendizes.

Howell não fora um homem próspero, e seu corpo foi baixado para a cova numa mortalha, sem um caixão. Depois que o padre Joffroi se retirou, Merthin procurou Bill Watkin.

- Bom-dia, mestre Watkin - disse ele, formal.

A reação de Bill não foi calorosa.

- O que é, jovem Merthin?

- Acabo de me separar de Elfric.

- Sei disso. E também sei por quê.

- Ouviu o lado de Elfric da história.

- Ouvi tudo o que precisava ouvir.

Merthin compreendeu que Elfric conversara com as pessoas antes e durante o serviço. Tinha certeza de que Elfric omitira de seu relato o fato de que Griselda tentara fazer com que Merthin se tornasse o pai substituto do bebê de Thurstan. Mas sentiu que de nada lhe serviria apresentar desculpas. Era melhor admitir sua culpa.

- Sei que agi errado e lamento muito, mas ainda sou um bom carpinteiro.

Bill acenou com a cabeça em concordância.

- A nova balsa confirma isso. Merthin sentiu-se mais animado.

- Não quer me contratar?

- Como o quê?

- Como um carpinteiro. Disse que eu era bom.

- Mas onde estão suas ferramentas?

- Elfric não quis me dar.

- E tinha razão... porque você não concluiu seu aprendizado.

- Então me aceite como aprendiz por seis meses.

- Para lhe dar um jogo de ferramentas de graça no final? Não posso ter essa generosidade.

As ferramentas eram caras porque o ferro e o aço tinham preços elevados.

- Serei um trabalhador e pouparei para comprar minhas próprias ferramentas. Levaria um tempo enorme, mas ele estava desesperado.

-Não.

- Por que não?

- Porque também tenho uma filha. Aquilo era um absurdo.

- Não sou uma ameaça para as donzelas, e sabe disso.

- E um exemplo para os aprendizes. Se escapar impune do que fez, o que impedirá os outros de tentarem a sorte?

- Mas isso é injusto demais! Bill deu de ombros.

- Você pode achar isso. Mas pergunte a qualquer outro mestre carpinteiro da cidade. Creio que vai descobrir que eles pensam da mesma maneira que eu.

- Mas o que eu vou fazer?

- Não sei. Deveria ter pensado nisso antes de fazer o que fez com Griselda.

- Não se importa de perder um bom carpinteiro? Bill tornou a dar de ombros.

- Sobra mais trabalho para nós.

Merthin afastou-se. Esse era o problema com as guildas, pensou ele, amargurado: era de seu interesse excluir as pessoas, por bons ou maus motivos. A escassez de carpinteiros permitia que eles cobrassem mais caro. Não tinham incentivos para serem justos.

A viúva de Howell foi embora, acompanhada por sua mãe. Caris, liberada do dever de comisseração, aproximou-se de Merthin.

- Por que está com esta expressão tão infeliz? - indagou ela. - Mal conhecia Howell.

- Talvez eu tenha de deixar Kingsbridge. Ela empalideceu.

- Por que faria isso?

Merthin relatou o que Bill Watkin dissera.

- Ou seja, ninguém em Kingsbridge vai me contratar, e não posso trabalhar por conta própria porque não tenho ferramentas. Poderia morar com meus pais, mas não tiraria a comida de suas bocas. Por isso, terei de procurar trabalho em outro lugar, onde ninguém saiba de Griselda. Com o tempo, talvez eu possa economizar o suficiente para comprar um martelo e uma talhadeira. Quando conseguisse, iria para outra cidade, e tentaria ser admitido na guilda dos carpinteiros ali.

Enquanto dava as explicações para Caris, ele começou a avaliar a profunda miséria de sua situação. Admirou as feições de Caris como se fosse pela primeira vez, e ficou outra vez encantado pelos olhos verdes cintilantes, o nariz pequeno e perfeito, e os contornos do queixo indicando determinação. Compreendeu que a boca não se ajustava direito ao resto de seu rosto: era muito larga, com os lábios muito cheios. Desequilibrava a regularidade da fisionomia, da mesma forma que sua natureza sensual subvertia a mente lógica. Era uma boca feita para o sexo, e o pensamento de que poderia ir embora e nunca mais beijá-la levou-o ao desespero.

Caris ficou furiosa.

- Mas isso é uma iniquidade! Eles não têm esse direito!

- É o que também penso. Mas parece que não há nada que eu possa fazer. Tenho de aceitar.

- Espere um instante. Deixe-me pensar um pouco. Você pode viver com seus pais, e comer na minha casa.

- Não quero me tornar um dependente, como meu pai.

- Nem deve. Pode comprar as ferramentas de Howell Tyler... a viúva acaba de me dizer que está querendo uma libra pelas ferramentas.

- Não tenho qualquer dinheiro.

- Peça um empréstimo a meu pai. Ele sempre gostou de você. Tenho certeza de que não negará.

- Mas é contra as regras que alguém empregue um carpinteiro que não pertence à guilda.

- As regras podem ser quebradas. Deve haver alguém na cidade bastante desesperado para desafiar a guilda.

Merthin compreendeu que deixara que os velhos reprimissem seu espírito, e sentiu-se grato a Caris por se recusar a aceitar a derrota. Ela tinha razão, claro: ele deveria permanecer em Kingsbridge e lutar contra a decisão injusta. E conhecia alguém que se encontrava bastante desesperado para recorrer a seu talento.

- Padre Joffroi - murmurou ele.

- Ele está desesperado? Por quê? Merthin explicou o problema do telhado.

- Vamos falar com ele - decidiu Caris.

O padre vivia numa pequena casa ao lado da igreja. Encontraram-no preparando uma refeição de peixe salgado num ensopado de verduras. Seu comportamento era brusco, mas tinha a reputação de se manter ao lado dos pobres. Merthin disse:

- Posso consertar seu telhado sem fechar a igreja. Joffroi ficou cauteloso.

- Você é a resposta para as minhas orações, se for mesmo capaz.

- Construirei um guincho que removerá as tábuas do telhado e as largará no cemitério.

- Elfric despediu-o.

O padre lançou um olhar embaraçado para Caris.

- Sei o que aconteceu, padre.

- Ele me despediu porque eu não quis casar com sua filha. Mas a criança que ela está esperando não é minha.

Joffroi acenou com a cabeça.

-Alguns dizem que você foi tratado injustamente. Posso acreditar. Não tenho grande amor pelas guildas... suas decisões quase nunca são desinteressadas. Mesmo assim, você ainda não completou seu aprendizado.

- Algum membro da guilda dos carpinteiros é capaz de consertar o telhado sem fechar a igreja?

- Ouvi dizer que você nem mesmo tem ferramentas.

- Deixe esse problema comigo. Darei um jeito. Joffroi parecia pensativo.

- Quanto você quer receber? Merthin respirou fundo.

- Quatro pennies por dia, mais o custo do material.

- É o salário de um carpinteiro da guilda.

- Se eu não tiver a competência de um carpinteiro qualificado, não deve me contratar.

- Você é muito presunçoso.

- Só estou dizendo o que sou capaz de fazer.

- A arrogância não é o pior pecado do mundo. E posso pagar quatro pennies por dia se mantiver a igreja aberta. Quanto tempo levará para construir seu guincho?

- Duas semanas no máximo.

- Não pagarei até ter certeza de que pode dar certo.

Merthin tornou a respirar fundo. Ficaria sem dinheiro, mas poderia enfrentar essa situação. Moraria com os pais e comeria na mesa de Edmund Wooler. Haveria de sobreviver.

- Pague os materiais e guarde meu salário até que a primeira viga seja retirada e levada em segurança para o solo.

Joffroi ainda hesitou por um instante.

- Serei impopular... mas não tenho opção. Ele estendeu a mão. Merthin apertou-a.

17

Durante todo o percurso de Kingsbridge a Wigleigh - uma distância de mais de trinta quilômetros, um dia inteiro de caminhada - Gwenda esperou por uma oportunidade de usar a poção do amor. Mas ficou desapontada.

Não foi porque Wulfric se mostrasse cauteloso. Ao contrário, ele foi franco e cordial. Falou de sua família, e contou como chorava todas as manhãs quando acordava e compreendia que as mortes não eram um pesadelo. Era atencioso, perguntando a todo instante se ela não se sentia exausta e precisava descansar. Disse que achava que a terra era uma coisa que lhe fora entregue em confiança, algo de que um homem deveria cuidar durante toda a sua vida, depois passar para os filhos e que, quando melhorava a terra - arrancava mato, fazia cercas para os rebanhos, retirava as pedras do pasto -, estava cumprindo seu destino.

Até afagou Skip.

Ao final do dia, Gwenda sentia-se mais apaixonada por ele do que nunca. Infelizmente, Wulfric não dava sinal de sentir por ela qualquer coisa mais do que uma espécie de camaradagem, carinhosa, mas não apaixonada. Na floresta, com Sim Chapman, ela desejara com toda a força de seu coração que os homens não fossem tão parecidos com bestas selvagens; mas agora ela queria que Wulfric tivesse um pouco mais de besta. Durante o dia inteiro ela fez pequenas coisas para despertar o interesse dele. Como se por acaso, deixou-o ver suas pernas, que eram firmes e bem torneadas. Quando subiam por uma encosta, ela sempre respirava fundo e estufava o peito. Em todas as oportunidades, roçava nele, tocava em seu braço, punha a mão em seu ombro. Nada disso causava o menor efeito. Sabia que não era bonita, mas havia alguma coisa nela que levava muitos homens a fitarem-na atentamente e respirarem pela boca... só que isso não acontecia com Wulfric.

Pararam para um descanso ao meio-dia, e comeram o pão que traziam. Beberam água de um regato próximo, usando as mãos em concha como caneca para levá-la à boca. Gwenda não teve qualquer oportunidade de usar a poção do amor.

Mesmo assim, ela sentia-se feliz. Tivera Wulfric só para si durante um dia inteiro. Podia contemplá-lo, falar com ele, fazê-lo rir, condoer-se, tocá-lo de vez em quando. Fingiu para si mesma que poderia beijá-lo a qualquer

momento em que quisesse, mas agora não se sentia disposta. Era quase como ser casada. E terminaria em breve.

Chegaram a Wigleigh no início da noite. A aldeia ficava numa elevação, os campos descendo por todos os lados. Depois de duas semanas na agitação de Kingsbridge, o lugar familiar parecia muito pequeno e sossegado, apenas um punhado de casas toscas ao longo da estrada que levavam ao solar e à igreja. O solar era tão grande quanto uma casa de mercador em Kingsbridge, com os quartos num andar superior. A casa do padre também era boa, e umas poucas casas de camponeses eram mais substanciais. Mas a maioria das residências eram choupanas de dois cômodos, um deles para abrigar os animais, o outro servindo como cozinha e quarto para toda a família. Só a igreja era uma construção de pedra.

A primeira das casas mais substanciais pertencia à família de Wulfric. As portas e janelas estavam fechadas, o que lhe proporcionava uma aparência desolada. Wulfric se encaminhou para a segunda casa maior, que era onde Annet vivia com os pais. Ofereceu um aceno de despedida casual para Gwenda e entrou, sorrindo com expectativa.

Ela experimentou uma terrível sensação de perda, como se tivesse acabado de despertar de um sonho maravilhoso. Engoliu em seco o descontentamento e partiu pelos campos. A chuva do início de junho fora boa para as colheitas. O trigo e a cevada estavam verdes, mas agora precisavam do sol para amadurecer. As mulheres da aldeia circulavam pelas fileiras das plantações, inclinadas, arrancando as ervas daninhas. Algumas acenaram para ela.

Ao se aproximar de sua casa, Gwenda sentia uma mistura de apreensão e raiva. Não via os pais desde o dia em que o pai a vendera a Sim Chapman por uma vaca. Tinha quase certeza de que o pai pensava que ela continuava com Sim. Sua presença ali seria um choque. O que ele diria quando a visse? E o que ela diria ao pai que traía sua confiança?

Tinha certeza de que a mãe nada sabia da venda. O pai provavelmente inventara uma história, de que Gwenda fugira com um rapaz. A mãe ficaria furiosa.

Sentia-se feliz com a perspectiva de ver as crianças pequenas, Cath, Joanie e Eric. Compreendia agora quanta saudade sentira.

No outro lado do terreno de cem acres, meio escondida entre as árvores, à beira da floresta, ficava sua casa. Era ainda menor do que as choupanas

dos camponeses, com apenas um cômodo, partilhado com a vaca à noite. Era feita de varas trançadas e massa: galhos de árvores fincados no chão, com gravetos trançados como num cesto, as aberturas cobertas por uma mistura de lama, palha e estrume de vaca. Havia um buraco no teto de colmo para deixar passar a fumaça do fogo no meio do chão de terra. As casas assim duravam apenas uns poucos anos, e tinham de ser reconstruídas. Agora, ela pareceu a Gwenda ainda pior do que antes. Estava determinada a não passar o resto de sua vida num lugar assim, tendo filhos a cada um ou dois anos, a maioria morrendo por falta de comida. Não viveria como a mãe. Preferia morrer.

Quando ainda se encontrava a cem metros da casa, ela viu o pai caminhando em sua direção. Ele carregava um pote; provavelmente compraria cerveja de Peggy Perkins, a mãe de Annet, que era a cervejeira da aldeia. O pai sempre tinha dinheiro naquela época do ano, pois havia muito trabalho a fazer nos campos.

A princípio, ele não a viu.

Gwenda estudou o corpo franzino enquanto ele avançava pela estreita faixa de terra entre duas plantações. Vestia uma bata comprida que chegava até os joelhos, uma touca velha e sandálias de fabricação doméstica, amarradas com palha. Seu jeito era ao mesmo tempo furtivo e arrogante: sempre parecia um forasteiro nervoso, assumindo uma atitude de desafio, como se se sentisse em casa. Os olhos eram quase juntos, dos dois lados do nariz grande; tinha um maxilar largo e queixo pontudo, de tal forma que parecia um triângulo encaroçado; e Gwenda sabia que se parecia com ele sob esse aspecto. Ele olhava de esguelha para as mulheres nos campos, como se não quisesse que soubessem que as observava.

Quando se aproximou da filha, lançou um de seus olhares furtivos, por baixo das pálpebras quase fechadas. Mas levantou os olhos no instante seguinte. Gwenda ergueu a cabeça e fitou-o com uma expressão altiva. O espanto estampou-se no rosto do pai.

- Você! - exclamou ele. - O que aconteceu?

- Sim Chapman não era um mascate, mas um bandido.

- E onde ele está agora?

- No inferno, pai. Você vai encontrá-lo lá.

- Você o matou?

- Não. - Gwenda já decidira mentir a respeito. - Deus o matou. A ponte de Kingsbridge desabou quando Sim passava. Deus puniu-o por seu pecado.

Já puniu você também?

- Deus perdoa os bons cristãos.

- Isso é tudo o que tem a me dizer? Que Deus perdoa os bons cristãos?

- Como escapou?

- Usei minha esperteza. ; Uma expressão de astúcia surgiu nos olhos do pai.

- Você é uma boa menina. Ela ficou desconfiada.

- Qual é a maldade que está planejando agora?

- Você é uma boa menina - repetiu o pai. - Vá falar com sua mãe agora. Terá uma caneca de cerveja com a comida.

O pai se afastou. Gwenda franziu o rosto. O pai parecia não ter medo da reação da mãe ao saber a verdade. Talvez achasse que Gwenda não contaria, por vergonha. Pois estava enganado.

Cath e Joanie estavam na frente da casa, brincando na terra. Quando viram Gwenda, correram em sua direção. Skip latiu, histérico. Gwenda abraçou as irmãs, recordando como pensara que nunca mais as veria; e naquele momento experimentou uma intensa satisfação por ter enfiado a adaga na cabeça de Alwyn.

Ela entrou. A mãe estava sentada num banco, dando leite ao pequeno Eric, ajudando-o a segurar a caneca para que não derramasse a bebida.

Soltou um grito de alegria quando viu Gwenda. Largou a caneca, levantou-se, e abraçou a filha. Gwenda começou a chorar.

E depois que começou a chorar, foi difícil parar. Chorou porque Sim Chapman .1 arrastara da cidade numa corda, porque deixara que Alwyn fizesse sexo com ela, por todas as pessoas que haviam morrido quando a ponte desabara, e porque Wulfric amava Annet. Quando os soluços passaram, ela disse:

- O pai me vendeu, mamãe. Vendeu-me por uma vaca, e tive de ir para o esconderijo dos bandidos.

- Foi uma coisa errada.

- Foi pior do que errada. Ele é mau... um demônio! A mãe se afastou do abraço.

- Não diga essas coisas.

- São verdadeiras!

- Ele é seu pai.

- Um pai não vende uma filha como se fosse um animal. Não tenho pai.

- Ele alimentou você durante dezoito anos. Gwenda fitava a mãe aturdida, sem entender.

- Como pode ser tão insensível? Ele me vendeu para os bandidos!

- E conseguiu uma vaca. Há leite para Eric agora, embora meus seios tenham secado. E você está aqui, não é mesmo?

Gwenda estava chocada.

- Você está defendendo o pai!

- Ele é tudo o que tenho, Gwenda. Não é um príncipe. Não é nem mesmo um camponês. É um trabalhador sem terra. Mas tem feito tudo o que pode por esta família há quase vinte e cinco anos. Trabalhou quando podia e roubou quando precisava. Manteve você e seu irmão vivos, e se o vento ajudar fará a mesma coisa por Cath, Joanie e Eric. Com todos os seus defeitos, estaríamos pior sem ele. Por isso, não o chame de demônio.

Gwenda sentia-se mais atordoada do que nunca. Mal se acostumara à idéia de que o pai a traía. Agora, tinha de enfrentar o fato de que a mãe também era má. Sentia-se desorientada. Era como no momento em que a ponte balançara sob seus pés: não conseguia entender o que estava lhe acontecendo.

O pai entrou na casa com o pote cheio de cerveja. Pareceu não notar o clima. Pegou três canecas de madeira na prateleira por cima da lareira e disse, jovial:

- Agora vamos beber pela volta de nossa menina.

Gwenda sentia muita fome e sede, depois de andar durante o dia inteiro. Pegou a caneca e bebeu. Mas sabia que o pai tramava alguma coisa quando exibia aquela disposição.

- O que está planejando?

- Teremos a Feira de Shiring na próxima semana, não é?

- E daí?

- Podemos fazer tudo de novo. Gwenda não podia acreditar no que ouvia.

- Fazer o que de novo?

- Eu vendo você, você vai embora com o comprador, foge, e volta para casa. Não foi tão ruim assim para você.

- Não foi?

- E conseguimos uma vaca que vale doze shillings! Tenho de trabalhar durante quase meio ano para ganhar doze shillings

- E depois disso?

- Há outras feiras... Winchester, Gloucester, não sei quantas. - Ele tornou a encher a caneca com cerveja. - Pode ser melhor do que o ano em que você roubou a bolsa de Sir Gerald!

Gwenda não bebeu mais. Sentia um gosto amargo na boca, como se tivesse comido alguma coisa podre. Pensou em argumentar com o pai. Palavras ásperas afloraram aos seus lábios, acusações furiosas, imprecizações... mas não as disse. A maneira como se sentia já se projetava além da raiva. Qual o sentido de ter uma discussão agora? Nunca mais poderia confiar no pai. E, porque a mãe se recusara a ser desleal ao pai, Gwenda também não podia confiar nela.

- O que vou fazer? - indagou ela, em voz alta.

Mas não queria uma resposta de ninguém ali: a pergunta era para si mesma. Naquela família, tornara-se um objeto, uma coisa a ser vendida nas feiras das cidades. E, se não estivesse disposta a aceitar isso, o que podia fazer?

Podia ir embora.

Ela compreendeu com um choque que aquela casa não era mais o seu lar. E o golpe abalou as próprias fundações de sua existência. Vivera ali desde que podia se lembrar. Agora, não se sentia mais segura naquela casa. Tinha de ir embora.

Não na próxima semana, ela compreendeu; nem mesmo na manhã seguinte... tinha de ir embora agora.

Não tinha para onde ir, mas isso não fazia diferença. Permanecer ali, e comer o pão que o pai punha na mesa, seria se submeter à sua autoridade. Estaria aceitando a avaliação que ele fizera dela, como uma mercadoria a ser vendida. Já se arrependia de ter tomado a caneca de cerveja. Sua única chance era rejeitá-lo imediatamente e ir embora de seu teto. Gwenda olhou para a mãe.

- Você está enganada. Ele é um demônio. E as histórias antigas são certas: quando você faz um pacto com o demônio, acaba pagando mais do que pensava.

A mãe desviou os olhos.

Gwenda levantou-se. Ainda tinha a caneca com cerveja na mão. Inclinou-a, despejando a cerveja no chão. Skip começou a lambar. O pai disse, furioso:

- Paguei um quarto de penny por essa cerveja!

- Adeus - disse Gwenda. E foi embora.

18

No domingo seguinte, Gwenda compareceu à audiência no tribunal que decidiria o destino do homem que ela amava.

As audiências eram realizadas na igreja, depois da missa. Era o fórum em que a aldeia decidia a ação coletiva. Algumas questões envolviam disputas - discussões sobre limites de campos, acusações de roubo ou estupro, brigas sobre dívidas

mas com mais frequência eram decisões pragmáticas, como o momento de começar a arar com os oito bois que pertenciam à comunidade.

Em teoria, o senhor do solar presidia os julgamentos de seus servos. Mas a lei normanda - levada para a Inglaterra pelos invasores que vieram da França, quase três séculos antes - obrigava os senhores a seguirem os costumes de seus antecessores; e para descobrir quais eram esses costumes, eles tinham de fazer consultas formais a doze homens que ocupavam posições de destaque na aldeia... um júri. Portanto, na prática, as audiências muitas vezes se tornavam negociações entre o senhor e os aldeões.

Naquele domingo em particular, Wigleigh não tinha senhor. Sir Stephen morrera no desabamento da ponte. Gwenda trouxera essa notícia para a aldeia. E também avisara que o conde Roland, que tinha a incumbência de designar o substituto de Stephen, estava gravemente ferido. No dia anterior à sua partida de Kingsbridge, o conde recuperara a consciência pela primeira vez... mas despertara com uma febre tão alta que era incapaz de dizer uma frase coerente. Portanto, ainda não havia perspectiva de um novo senhor em Wigleigh.

O que não era uma circunstância excepcional. Os senhores mantinham-se ausentes com frequência: na guerra, no Parlamento, lutando em ações judiciais, ou apenas acompanhando o conde ou o rei. O conde Roland sempre designava um representante, em geral um de seus filhos, mas naquele caso não pudera fazê-lo. Na ausência de um suserano, o bailiff tinha de cuidar dos problemas da senhoria da melhor forma que pudesse.

A função de um bailiff ou reeve era, em teoria, a de executar as decisões do senhor, mas isso inevitavelmente lhe proporcionava um certo poder sobre seus companheiros. O grau exato desse poder dependia da preferência pessoal do senhor: alguns mantinham um controle rigoroso,

enquanto outros eram indulgentes. Sir Stephen mantinha a rédea frouxa, mas o conde Roland era notório por seu rigor.

Nate Reeve fora bailiff para Sir Stephen e Sir Henry antes dele, e provavelmente continuaria a ser o bailif para o próximo senhor. Era um corcunda, baixo, magro e vigoroso. Era astuto e ganancioso, cuidadoso em tirar o máximo de proveito de seu poder limitado, exigindo subornos dos aldeões em todas as oportunidades.

Gwenda detestava Nate. Não era sua ganância que condenava, pois todos os bailiffs tinham esse vício. Mas Nate era um homem distorcido pelo ressentimento, tanto quanto pelo defeito físico. O pai fora bailiff para o conde de Shiring, mas Nate não herdara esse importante cargo. Atribuía à corcunda o fato de ter acabado na pequena aldeia de Wigleigh.

Parecia odiar todas as pessoas jovens, fortes e bonitas. Em suas horas de lazer, gostava de tomar vinho com Perkin, o pai de Annet - que sempre pagava a bebida.

A questão que o tribunal tinha de determinar naquele dia era o que fazer com a terra da família de Wulfric.

Era uma propriedade extensa. Nem todos os camponeses eram iguais, e não tinham terras iguais. O padrão era um virgate, o que correspondia a cerca de trinta acres naquela parte da Inglaterra. Em teoria, um virgate era a área de terra que um homem podia cultivar, capaz de produzir, em condições normais, o suficiente para sustentar uma família. A maioria dos camponeses de Wigleigh, no entanto, tinha meio virgate, o equivalente a quinze acres, mais ou menos. Eram obrigados a encontrar meios adicionais de sustento da família: armadilhas para aves na floresta, para peixes no rio que passava por Brookfield, a fabricação de cintos e sandálias com sobras de couro ordinário, a produção de tecidos com fio de lã para os mercadores de Kingsbridge, ou a caça ilegal dos veados do rei na floresta. Uns poucos tinham mais de um virgate. Perkin tinha cem acres e o pai de Wulfric, Samuel, tinha noventa. Esses camponeses ricos precisavam de ajuda para cultivar sua terra, ou dos filhos e outros parentes, ou de trabalhadores contratados, como o pai de Gwenda.

Quando um servo morria, sua terra podia ser herdada pela viúva, os filhos ou uma filha casada. De qualquer forma, a transferência tinha de ser autorizada pelo senhor, com o pagamento de um tributo pesado, chamado de heriot. Em circunstâncias normais, a terra de Samuel seria

automaticamente herdada pelos dois filhos, sem necessidade de uma audiência do tribunal. Os dois pagariam o heriot, dividiriam a terra ou a explorariam juntos, criando disposições para o sustento da mãe. Mas um dos filhos de Samuel também morrera, o que complicava a situação.

Todos os adultos da aldeia, de um modo geral, compareciam às audiências. Gwenda tinha um interesse particular pelo que aconteceria hoje. O futuro de Wulfric seria decidido, e o fato de que ele pretendia passar esse futuro com outra mulher não arrefecia a preocupação de Gwenda. Talvez ela devesse lhe desejar uma vida miserável com Annet, ela pensava às vezes; mas não era capaz de fazê-lo. Queria que ele fosse feliz.

Quando o serviço religioso terminou, uma cadeira de madeira grande e dois bancos foram trazidos do solar. Nate instalou-se na cadeira e os jurados se sentaram nos bancos. Todos os outros permaneceram de pé. Wulfric falou, com simplicidade:

- Meu pai tinha noventa acres do senhor de Wigleigh. Cinquenta acres eram de seu pai antes e quarenta, de seu tio, que morreu há dez anos. Como minha mãe morreu também, assim como meu irmão, e não tenho irmãs, sou o único herdeiro.

- Qual é a sua idade? - perguntou Nate.

- Tenho dezesseis anos.

- Ainda não pode nem ser chamado de homem.

Tudo indicava que Nate pretendia criar dificuldades. Gwenda sabia por quê. Ele queria um suborno. Mas Wulfric não tinha dinheiro.

- Os anos não são tudo - protestou Wulfric. - Sou mais alto e mais forte do que a maioria dos homens adultos.

Aaron Appletree, um dos jurados, disse:

- David Johns herdou de seu pai quando tinha dezoito anos.

- Dezoito anos não é a mesma coisa que dezesseis - declarou Nate. - Não me recordo de um único caso em que alguém de dezesseis anos recebesse permissão para herdar.

David Johns não era um jurado. Estava de pé ao lado de Gwenda e comentou:

- Eu também não tinha noventa acres.

Houve uma sucessão de risos. David tinha meio virgate, como a maioria dos camponeses. Outro jurado interveio:

- Noventa acres é demais para um único homem, ainda mais para um garoto. Não vamos esquecer que era cultivado por três homens até agora.

Era Billy Howard, um homem de vinte e poucos anos que cortejara Annet, sem êxito... o que podia explicar por que queria ficar do lado de Nate, erguendo obstáculos para Wulfric

- Tenho quarenta acres e preciso contratar trabalhadores na época da colheita - acrescentou ele.

Vários homens acenaram com a cabeça em concordância. Gwenda começou a se sentir pessimista. A situação não era favorável a Wulfric.

- Posso obter ajuda - disse Wulfric.

- Tem dinheiro para pagar os trabalhadores? - perguntou Nate.

Wulfric parecia um pouco desesperado, e o coração de Gwenda se confrangeu por ele.

- A bolsa de meu pai se perdeu quando a ponte desabou. Gastei o dinheiro que levava comigo no funeral. Mas posso oferecer a meus trabalhadores uma participação na colheita.

Nate sacudiu a cabeça.

- Todos na aldeia já estão trabalhando durante todo o tempo em suas próprias terras, e aqueles que não têm terras já estão empregados. E não é provável que alguém renuncie a um emprego que paga em dinheiro em troca de outro que oferece apenas uma participação numa colheita incerta.

- Farei a colheita - insistiu Wulfric, determinado e veemente. - Posso trabalhar dia e noite, se for necessário. Provarei a todos que posso cuidar da terra.

Havia tanta ansiedade em seu rosto bonito que Gwenda teve vontade de se adiantar num pulo e clamar por apoio para ele. Mas os homens sacudiam a cabeça. Todos sabiam que um único homem não podia fazer sozinho a colheita em noventa acres. Nate virou-se para Perkin.

- Ele está noivo de sua filha. Não pode fazer alguma coisa para ajudá-lo? Perkin parecia pensativo.

- Talvez a terra devesse ser transferida para mim, por enquanto. Eu poderia pagar o heriot. Depois, quando casasse com Annet, ele assumiria sua terra.

- Não! - protestou Wulfric no mesmo instante.

Gwenda sabia por que ele era contra a idéia. Perkin era astucioso. Passaria todos os minutos de vigília, dali até o casamento, tentando encontrar meios de se apropriar da terra de Wulfric. Nate perguntou a Wulfric:

- Se não tem dinheiro, como pagará o heriot

- Terei dinheiro com a colheita.

- Se conseguir fazer a colheita. E pode não ser suficiente. Seu pai pagou três libras pela terra do pai dele e duas libras pela terra do tio.

Gwenda respirou fundo. Cinco libras eram uma fortuna. Parecia impossível que Wulfric conseguisse levantar tanto dinheiro. Provavelmente absorveria todas as economias de sua família. Nate acrescentou:

- Além do mais, o heriot é normalmente pago antes de o herdeiro tomar posse... não depois da colheita.

- Nas circunstâncias, Nate, você poderia ser indulgente nesse ponto comentou Aaron Appletree.

- Posso? Um senhor pode se mostrar indulgente, pois tem o direito de fazer o que quiser com suas próprias terras. Mas se um bailiff demonstra indulgência, está dando o ouro de outra pessoa.

- Mas só estaremos fazendo uma recomendação, de qualquer forma. Nada será definitivo até a aprovação do novo senhor de Wigleigh, quem quer que venha a ser.

Era verdade, em termos estritos, pensou Gwenda; na prática, porém, era improvável que um novo senhor revogasse uma herança de pai para filho.

- Senhor, o heriot de meu pai não chegou a cinco libras - declarou Wulfric.

- Devemos verificar as contas.

A resposta de Nate foi tão rápida que Gwenda calculou que ele já esperava pela contestação da quantia por Wulfric. Nate costumava planejar uma pausa no meio de uma audiência, refletiu ela. Presumia que era para oferecer às partes uma oportunidade de propor um suborno. Talvez ele pensasse que Wulfric estava escondendo algum dinheiro.

Dois jurados foram buscar na sacristia a arca contendo os registros das decisões do tribunal, escritas em longas tiras de pergaminho, enroladas em cilindros. Nate sabia ler e escrever, pois um bailiff tinha de ser alfabetizado para compilar as contas apresentadas ao senhor. Ele procurou o pergaminho certo na arca.

Gwenda sentiu que Wulfric estava indo muito mal. Sua maneira simples e objetiva de falar e sua honestidade evidente não eram suficientes. Nate queria acima de tudo coletar o heriot do senhor. Perkin manobrava para se apropriar da terra. Billy Howard queria deixar Wulfric na miséria por pura maldade. E Wulfric não tinha dinheiro para um suborno.

Também era um ingênuo. Acreditava que se apresentasse seu caso com clareza teria justiça. Não tinha o bom-senso necessário para controlar a

situação.

Mas talvez ela pudesse ajudá-lo. Uma filha de Joby não poderia crescer sem aprender alguma coisa sobre astúcia.

Wulfric não apelara para os interesses pessoais dos aldeões em seus argumentos. Gwenda faria isso por ele. Virou-se para David Johns, parado ao seu lado, e comentou:

- Estou surpresa que os homens desta aldeia não estejam mais preocupados com esta situação.

Ele fitou-a, inquisitivo.

- O que está querendo dizer com isso, garota?

- Apesar das mortes súbitas, é um caso de herança de pai para filho. Se deixarem Nate usar subterfúgios agora, ele vai questionar todos os casos. Sempre pode encontrar algum argumento para contestar um legado. Não tem medo de que ele possa um dia interferir nos direitos de seus próprios filhos?

David mostrou-se preocupado.

- Acho que tem razão nesse ponto, garota.

Ele virou-se para conversar com o homem no outro lado.

Gwenda também achava que era um erro de Wulfric exigir uma decisão final hoje. Seria melhor pedir um julgamento temporário, que os jurados poderiam conceder com mais facilidade. Ela foi falar com Wulfric, que naquele momento discutia com Perkin e Annet. Quando Gwenda se aproximou, Perkin assumiu uma expressão desconfiada, enquanto Annet erguia o rosto, desdenhosa. Mas Wulfric mostrou-se cortês, como sempre.

- Olá, minha companheira de viagem. Ouvi dizer que deixou a casa de seu pai.

- Ele ameaçou me vender.

- Pela segunda vez?

- Tantas vezes quanto eu pudesse escapar. Acha que encontrou uma bolsa sem fundo.

- Onde está morando?

- A viúva Huberts me aceitou. E estou trabalhando para o bailiff, nas terras do senhor. Um penny por dia, do amanhecer ao anoitecer... Nate gosta que seus trabalhadores cheguem em casa exaustos. Acha que ele vai dar o que você quer?

Wulfric fez uma careta.

- Nate parece relutante.

- Uma mulher cuidaria da situação de uma maneira diferente. Wulfric ficou surpreso.

- Como assim?

Annet lançou um olhar furioso para ela, mas Gwenda ignorou-a.

- Uma mulher não exigiria que o assunto fosse resolvido hoje, ainda mais quando todos sabem que a decisão não seria final. Ela não arriscaria um não pela chance de um talvez.

Wulfric pensou por um momento.

- O que ela faria?

- Pediria apenas para ter permissão de continuar a trabalhar a terra, por enquanto. Deixaria a decisão obrigatória em aberto até que o novo senhor seja designado. Nesse período, todos se acostuariam com sua posse da terra. Assim, quando o novo senhor fosse designado, sua aprovação pareceria apenas uma formalidade. Ela alcançaria seu objetivo sem dar muita chance às pessoas de questionarem.

Wulfric não tinha tanta certeza.

- Bem...

- Não é o que você quer, mas é o máximo que pode conseguir hoje. E como Nate poderia recusar, quando não tem ninguém mais para fazer sua colheita?

Wulfric balançou a cabeça. Estava avaliando as possibilidades.

- Me veriam fazendo a colheita e se acostuariam com a idéia. Depois disso, pareceria injusto me negar a herança. E eu poderia pagar o heriot ou pelo menos uma parte.

- Estaria mais próximo de seu objetivo do que agora.

- Obrigado. Você é muito esperta.

Wulfric tocou em seu braço, e depois tornou a se virar para Annet. Ela disse alguma coisa em voz baixa. Seu pai parecia irritado.

Gwenda afastou-se. Não me diga que sou esperta, pensou ela. Diga que sou... o quê? Linda? Nunca. O amor de sua vida? É Annet. Uma amiga de verdade? Ao inferno com isso. Então o que eu quero? Por que estou tão desesperada para ajudá-lo?

Ela não tinha resposta.

Notou que David Johns falava enfático com um dos jurados, Aaron Appletree.

Nate levantou um pergaminho.

- O pai de Wulfric, Samuel, pagou trinta shillings para herdar de seu pai e uma libra para herdar de seu tio.

Um shilling correspondia a doze pennies. Não havia moeda de shilling mas todos falavam em shillings mesmo assim. Vinte shillings davam uma libra. A quantia enunciada por Nate agora era exatamente a metade do que ele dissera originalmente. David Johns falou nesse momento:

- As terras de um homem devem ir para seu filho. Não queremos dar a impressão ao nosso novo senhor, quem quer que possa ser, de que ele pode escolher e determinar quem vai herdar.

Houve murmúrios de concordância. Wulfric adiantou-se.

- Bailiff sei que não pode tomar uma decisão final hoje, e me contentarei em esperar até que o novo senhor seja designado. Só peço permissão para continuar a trabalhar a terra. Juro que farei a colheita. Mas nada se perderá se eu falhar. E nada me será prometido se eu conseguir. Quando o novo senhor chegar, eu me submeterei à sua mercê.

Nate parecia acuado. Gwenda teve certeza de que ele esperava arrancar algum dinheiro daquela situação. Talvez contasse com um suborno de Perkin, o sogro em perspectiva de Wulfric. Ela observou o rosto de Nate, enquanto ele tentava pensar numa maneira de recusar o pedido mais modesto de Wulfric. Enquanto ele hesitava, alguns aldeões começaram a resmungar. Nate compreendeu que não ficaria numa posição favorável se continuasse a demonstrar sua relutância.

- Muito bem - disse ele, com uma demonstração de boa vontade que não era muito convincente. - O que o júri tem a dizer?

Aaron Appletree conferenciou por um momento com os outros jurados e depois declarou:

- O pedido de Wulfric é modesto e razoável. Ele deve ocupar as terras de seu pai até que o novo senhor de Wigleigh seja designado.

Gwenda deixou escapar um suspiro de alívio.

- Obrigado, jurados - disse Nate.

A audiência foi encerrada e as pessoas começaram a voltar para suas casas. A maioria dos aldeões só tinha condições de comer carne uma vez por semana, e o domingo era o dia escolhido. Até mesmo Joby e Ethna podiam em geral comer um ensopado de esquilo ou porco-espinho, e naquela época do ano havia muitos coelhos novos que podiam ser apanhados com relativa facilidade. A viúva Huberts tinha um caldeirão

com um pescoço de carneiro no fogo. Os olhos de Gwenda e Wulfric se encontraram quando deixavam a igreja.

- Falou muito bem - comentou ela, enquanto caminhavam juntos. - Ele não podia recusar, embora desse a impressão de que queria.

- A idéia foi sua - murmurou Wulfric, com evidente admiração. - Sabia exatamente o que eu precisava dizer. Não sei como agradecer.

Gwenda resistiu à tentação de lhe dizer como. Atravessaram o cemitério. Ela perguntou:

- Como fará a colheita?

- Não sei.

- Por que não me deixa trabalhar com você?

- Não tenho dinheiro.

- Não me importo. Trabalharei por comida.

Wulfric parou no portão, virou-se e fitou-a com uma expressão de franqueza.

- Não, Gwenda. Acho que não seria uma boa idéia. Annet não gostaria, e devo reconhecer que ela teria toda razão.

Gwenda sentiu que ficava vermelha. Não podia haver a menor dúvida sobre o que ele estava querendo dizer. Se quisesse rejeitá-la por achar que ela era fraca, ou qualquer coisa parecida, não haveria necessidade do olhar franco, nem da menção do nome da noiva. Wulfric sabia, compreendeu Gwenda, mortificada, que ela era apaixonada por ele, e recusava sua oferta de ajuda porque não queria encorajar sua paixão sem esperança.

- Está bem - sussurrou ela, baixando os olhos. - Como quiser. Ele sorriu, afetuosamente.

- Mas obrigado pela oferta.

Gwenda não respondeu. Depois de um momento, Wulfric virou-se e afastou-se.

19

Gwenda acordou quando ainda estava escuro. Ela dormia na palha, no chão da casa da viúva Huberts. De alguma forma, sua mente adormecida sabia qual era a hora e a despertava pouco antes do amanhecer. A viúva, deitada ao seu lado, não se mexeu quando Gwenda empurrou a manta para o lado e levantou-se. Tateou o caminho no escuro, abriu a porta dos fundos e saiu para o quintal. Skip seguiu-a, e sacudiu-se todo.

Ela ficou imóvel por um momento. Soprava uma brisa fresca, como sempre acontecia em Wigleigh.

A noite era de uma escuridão total, e ela podia apenas divisar alguns contornos: a casa dos patos, a privada, a pereira. Não podia avistar a casa vizinha, que era de Wulfric, mas ouviu um rosnado baixo do cachorro dele, amarrado ao lado do pequeno aprisco, e murmurou uma frase qualquer, para que o animal reconhecesse sua voz e se acalmasse.

Era um momento de paz... mas agora parecia haver muitos momentos assim ao longo de seu dia. Durante toda a sua vida morara numa casa pequena, sempre com um bebê e várias crianças. Quase a todo instante havia alguma clamando por comida, chorando por causa de um pequeno machucado, fazendo um protesto, ou gritando com uma raiva infantil impotente. Nunca poderia imaginar que sentiria falta disso. Mas era o que acontecia agora, na companhia da viúva tranquila que gostava de conversar amavelmente, mas também se sentia à vontade com o silêncio. Às vezes Gwenda ansiava em ouvir o choro de uma criança, para que pudesse pegá-la no colo e confortá-la.

Ela encontrou o velho balde de madeira. Lavou o rosto e as mãos, e tornou a entrar na casa. Localizou a mesa no escuro, abriu a caixa de pão, e cortou uma fatia grossa do pão de uma semana. Tornou a sair, e foi comendo o pão enquanto andava.

A aldeia permanecia silenciosa: ela era a primeira a se levantar. Os camponeses trabalhavam do nascer ao pôr-do-sol, e naquela época do ano era um dia longo e cansativo. Prezavam cada momento de descanso. Só Gwenda também trabalhava na hora entre o amanhecer e o nascer do sol e na hora do crepúsculo, ao final do dia.

O amanhecer surgiu quando ela deixou as casas para trás e começou a atravessar os campos. Wigleigh tinha três grandes campos cultivados:

Hundredacre, Brookfield e Longfield. Diferentes colheitas eram plantadas em cada um, em ciclos de três anos. Trigo e centeio, os cereais mais valiosos, eram semeados no primeiro ano; depois, colheitas de menor importância, como aveia, cevada, ervilhas e vagens, no segundo ano; e no terceiro ano o campo ficava alqueivado. Naquele ano, Hundredacre tinha trigo e centeio; Brookfield tinha várias colheitas secundárias; e Longfield estava alqueivado. Cada campo era dividido em faixas com cerca de um acre; e a terra de cada camponês consistia de uma quantidade determinada de faixas, espalhadas pelos três campos.

Gwenda foi para Hundredacre e começou a arrancar as ervas daninhas de uma das faixas de Wulfric, as persistentes tagetes, tiriricas e camomilas, que afloravam entre as hastes de trigo. Sentia-se feliz em trabalhar na terra de Wulfric, ajudando-o, quer ele soubesse ou não. Cada vez que se abaixava, poupava as costas de Wulfric do mesmo esforço; cada vez que arrancava uma erva daninha, contribuía para que a colheita dele fosse maior. Era como lhe dar presentes. Enquanto trabalhava, ela pensava em Wulfric, imaginava seu rosto quando ria, ouvia sua voz, a voz profunda de um homem que ainda tinha a ansiedade de um menino. Tocava nos rebentos verdes do trigo e imaginava que acariciava seus cabelos.

Ela arrancou ervas daninhas ali até que o sol nasceu, quando foi para a demesne - as faixas de terra cultivadas pelo senhor ou por seus trabalhadores - e nassou a trabalhar por uma remuneração. Embora Sir Stephen estivesse morto, ainda era preciso cuidar de suas colheitas.

Seu sucessor exigiria um relatório meticuloso do que fora feito com os rendimentos. Ao pôr-do-sol, depois de ganhar o pão de cada dia, Gwenda passaria para outra parte da terra de Wulfric e trabalharia ali até o escurecer... por mais tempo até, quando a lua iluminava a terra.

Nada dissera a Wulfric. Mas numa aldeia de apenas duzentas pessoas, poucas coisas permaneciam em segredo por muito tempo. A viúva Huberts perguntara, com uma curiosidade gentil, o que ela esperava conseguir com isso.

- Ele vai casar com a menina de Perkin, e você sabe disso... não tem como evitar.

- Só quero que ele tenha sucesso - respondera Gwenda. - Ele merece. É um homem honesto, com um bom coração, e está disposto a trabalhar até cair

de cansaço. Quero que ele seja feliz, mesmo casando com aquela desgraçada.

Hoje, os trabalhadores da demesne estavam em Brookfield, colhendo as primeiras ervilhas e vagens. Wulfric trabalhava ali perto, cavando uma vala de drenagem: a terra estava encharcada depois das chuvas fortes do início de junho. Gwenda observou-o no trabalho, apenas com a calça e as botas, as costas largas se curvando sobre a pá. Ele se movimentava incansável, como uma roda de moinho. Apenas o suor faiscando em sua pele revelava o esforço que ele fazia. Ao meio-dia, Annet apareceu, muito atraente, com uma fita verde nos cabelos, trazendo um jarro com cerveja, pão e queijo embrulhados com um pano.

Nate Reeve tocou uma sineta e todos pararam de trabalhar. Recuaram para as árvores, ao norte do campo. Nate distribuiu sidra, pão e cebolas para seus trabalhadores: a refeição estava incluída na remuneração. Gwenda sentou no chão, encostada no tronco de um carpino. Ficou observando Wulfric e Annet com o fascínio de um condenado que vê o carpinteiro construir o patíbulo.

A princípio, Annet mostrou-se coquete como de hábito, inclinando a cabeça, pestanejando, repreendendo Wulfric de brincadeira, numa punição zombeteira por alguma coisa que ele dissera. Depois, ela se tornou séria, falando de uma forma insistente, enquanto ele parecia protestar inocência. Ambos olharam para Gwenda, que adivinhou que conversavam a seu respeito. Presumiu que Annet descobrira sobre seu trabalho nas faixas de terra de Wulfric, ao amanhecer e ao anoitecer. No final, Annet foi embora, com uma expressão petulante, enquanto ele terminava de comer, sozinho e pensativo.

Depois de comer, todos descansaram pelo restante da hora do almoço. Os mais velhos deitaram no chão e cochilaram, enquanto os mais jovens conversavam. Wulfric foi até o lugar em que Gwenda sentava. Agachou-se ao seu lado.

- Você tem tirado as ervas daninhas das minhas faixas de terra. Gwenda não tinha a menor intenção de se desculpar.
- Imagino que Annet censurou-o por isso.
- Ela não quer que você trabalhe para mim.
- O que ela gostaria que eu fizesse agora? Que pusesse as ervas daninhas de volta na terra?

Wulfric olhou ao redor e baixou a voz, pois não queria que os outros ouvissem... embora todos pudessem adivinhar o que ele e Gwenda diziam um para o outro.

- Sei que você teve as melhores intenções, e sou agradecido, mas está causando problemas.

Gwenda gostou de ficar tão perto dele. Wulfric recendia a terra e suor.

- Você precisa de ajuda - disse ela. - E Annet não serve para muita coisa.

- Por favor, não a critique. Melhor ainda, nem fale dela.

- Está bem. Mas você não pode cuidar da colheita sozinho. Ele suspirou.

- Se ao menos o sol aparecesse...

Num impulso automático, Wulfric olhou para o céu, um reflexo de camponês. Havia uma densa camada de nuvem de horizonte a horizonte. As colheitas de cereais tinham problemas com o tempo úmido e frio.

- Deixe-me trabalhar para você - suplicou Gwenda. - Diga a Annet que precisa de mim. Um homem deve ser o senhor de sua esposa, não o contrário.

- Pensarei a respeito.

Mas no dia seguinte ele contratou um trabalhador.

Era um viajante que apareceu no final da tarde. Os aldeões reuniram-se em torno dele, ao crepúsculo, para ouvir sua história. Seu nome era Gram e vinha de Salisbury. Disse que a mulher e os filhos haviam morrido quando a casa pegara fogo. Estava a caminho de Kingsbridge, onde esperava arrumar emprego, talvez no priorado. Seu irmão era monge ali.

- É bem provável que eu o conheça - disse Gwenda. - Meu irmão, Philemon, trabalha há anos no priorado. Qual é o nome de seu irmão?

- John.

Havia dois monges chamados John. Mas antes que ela pudesse perguntar qual dos dois, Gram acrescentou:

- Quando parti, tinha algum dinheiro para comprar comida pelo caminho. Mas fui assaltado e agora não tenho mais nada.

Houve muita simpatia pelo homem. Wulfric convidou-o para dormir em sua casa. No dia seguinte, sábado, ele começou a trabalhar para Wulfric, aceitando casa, comida e uma parte da colheita como remuneração.

Gram trabalhou com afinco durante todo o dia de sábado. Wulfric passava o arado bem raso por sua terra alqueivada, em Longfield, para destruir os cardos. Era um trabalho de dois homens: Gram levava o cavalo,

chicoteando-o quando refugava, enquanto Wulfric conduzia o arado. Descansaram no domingo.

Na igreja, no domingo, Gwenda desatou a chorar quando viu Cath, Joanie e Eric. Não compreendera como sentia saudade dos irmãos. Ficou com Eric no colo durante o serviço. Depois, a mãe lhe falou em termos ásperos:

- Está partindo seu coração por aquele Wulfric. Tirar as ervas daninhas de sua terra não fará com que ele a ame. Ele está enrabichado pela imprestável da Annet.

- Sei disso - respondeu Gwenda. - Mas quero ajudá-lo mesmo assim.

- Você deve deixar a aldeia. Não há nada para você aqui. Ela sabia que a mãe tinha razão.

- Irei embora. No dia seguinte ao casamento. A mãe baixou a voz:

- Se tem de ficar, tome cuidado com seu pai. Ele não perdeu a esperança de ganhar mais doze shillings.

- O que está querendo dizer?

A mãe limitou-se a sacudir a cabeça.

- Ele não pode me vender agora. Deixei sua casa. Ele não mais me alimenta e abriga. Trabalho para o senhor de Wigleigh. O pai não pode mais fazer o que quiser comigo.

- Mas tome cuidado mesmo assim.

A mãe não disse mais nada. Na frente da igreja, Gram, o itinerante, conversou com Gwenda. Fez perguntas sobre ela, e sugeriu que dessem uma volta depois do almoço. Ela adivinhou o que a "volta" acarretaria e recusou. Mais tarde, viu com Joanna de cabelos amarelos, a filha de David Johns, que tinha apenas quinze anos e era bastante estúpida para se deixar envolver pelas adulações de um desconhecido.

Na segunda-feira, Gwenda arrancava as ervas daninhas da plantação de trigo de Wulfric em Hundredacre, na semi-escuridão antes do nascer do sol, quando o viu atravessar o campo em sua direção. Ele tinha uma expressão carrancuda de fúria.

Ela continuara a desafiar a decisão de Wulfric, trabalhando em suas terras ao amanhecer e ao anoitecer. Parecia agora que fora longe demais. O que Wulfric faria... daria uma surra nela? Depois da maneira como Gwenda o provocara, ele bem que poderia ser violento com ela impunemente. As pessoas diriam que ela fizera por merecer; e agora, que deixara a casa dos pais, Gwenda não tinha ninguém para defendê-la. Sentiu-se apavorada. Vira como Wulfric quebrara o nariz de Ralph Fitzgerald.

Mas logo disse a si mesma para não bancar a tola. Embora Wulfric já tivesse se metido em muitas brigas, ela nunca ouvira dizer que ele agredira uma mulher ou uma criança. Mesmo assim, aquela raiva intensa deixou-a trêmula.

Mas não tinha nada a ver com ela. Assim que se aproximou o suficiente para que ela pudesse ouvi-lo, Wulfric gritou:

- Você viu Gram? -Não. Por quê?

Ele chegou perto e parou, a respiração pesada.

- Há quanto tempo está aqui?

- Levantei-me antes do amanhecer. Os ombros de Wulfric arriaram.

- Então, se ele veio por aqui, já está fora de alcance.

- O que aconteceu?

- Ele desapareceu... e meu cavalo também.

Isso explicava a raiva de Wulfric. Um cavalo era um patrimônio valioso... apenas os camponeses ricos como o pai dele podiam ter um cavalo. Gwenda recordou a rapidez com que Gram mudara de assunto quando comentara que talvez conhecesse seu irmão. Ele não tinha um irmão no priorado, é claro, nem perdera a mulher e os filhos num incêndio. Era um mentiroso e se insinuara na confiança dos aldeões com a intenção de roubar.

- Fomos tolos ao acreditar em sua história - murmurou ela.

- E eu fui o maior de todos os tolos ao aceitá-lo em minha casa - comentou Wulfric, amargurado. - Ele ficou apenas pelo tempo suficiente para que os animais o conhecessem. Assim, o cavalo não hesitou em acompanhá-lo e o cachorro não latiu quando ele foi embora.

Gwenda sentiu um aperto no coração por Wulfric, que perdia o cavalo logo no momento em que mais precisava.

- Não creio que ele tenha vindo por aqui - disse ela, pensativa. - Não pode ter saído antes de mim... a noite estava muito escura. E, se viesse mais tarde, eu o veria.

Havia uma única estrada para a aldeia, que terminava no solar. Mas havia vários caminhos através dos campos.

- É bem provável que ele tenha seguido o caminho entre Brookfield e Longfield... a maneira mais rápida de alcançar a floresta.

- O cavalo não pode avançar muito depressa pela floresta. Talvez eu ainda consiga alcançá-lo.

Wulfric virou-se e correu de volta pelo caminho por que viera.

- Boa sorte - gritou Gwenda.

Ele acenou com a mão em agradecimento, sem olhar para trás.

Mas Wulfric não teve sorte.

Ao final daquela tarde, quando Gwenda carregava um saco com ervilhas de Brookfield para o celeiro do senhor, passou por Longfield e tornou a ver Wulfric. Ele cavava em sua terra alqueivada com uma pá. Era evidente que não alcançara Gram, nem recuperara seu cavalo. Ela largou o saco e atravessou o campo para falar com ele.

- Você não pode fazer isso. Tem trinta acres aqui. Já arou... quanto? Dez acres? Nenhum homem pode cavar mais de vinte acres.

Wulfric não a fitou nos olhos. Continuou a cavar, o rosto contraído.

- Não posso usar o arado, pois não tenho um cavalo.

- Ponha os arreios em você mesmo. É forte e o arado é leve... e está apenas matando os cardos.

- Não tenho ninguém para guiar o arado.

- Tem, sim.

Ele fitou-a nos olhos agora.

- Eu farei isso - acrescentou Gwenda. Wulfric sacudiu a cabeça. Ela insistiu:

- Você perdeu sua família, e agora perdeu também o cavalo. Não pode fazer tudo sozinho. Não tem opção. Terá de me deixar ajudá-lo.

Ele olhou pelos campos na direção da aldeia. Gwenda sabia que ele pensava em Annet.

- Estarei à espera amanhã, ao amanhecer - acrescentou ela.

Wulfric tornou a fitá-la, o rosto carregado de emoção. Sentia-se dividido entre o amor pela terra e o desejo de agradar Annet.

- Baterei em sua porta - sugeriu Gwenda. - Podemos arar o resto juntos. Ele não disse sim.

Mas também não disse não.

Araram por dois dias, depois colheram o feno e os legumes da primavera.

Agora que não estava mais ganhando dinheiro para pagar à viúva Huberts por cama e comida, Gwenda precisava de outro lugar para dormir. Mudou-se para o estábulo de Wulfric. Explicou a razão, e ele não fez qualquer objeção.

Depois do primeiro dia, Annet deixou de levar a refeição de Wulfric ao meio-dia. Assim, Gwenda passou a preparar a comida para ambos, com as coisas que encontrava no armário de Wulfric: pão, cerveja num jarro, ovos

cozidos ou toucinho frio, cebolas ou beterrabas. Mais uma vez, ele aceitou a mudança sem comentários.

Ainda tinha a poção do amor. O pequeno frasco de barro estava guardado numa bolsa de couro, pendurada em seu pescoço por uma tira. Aninhado entre os seios, oculto da vista das pessoas. Gwenda poderia despejar a poção na cerveja de Wulfric na hora do almoço, mas não teria como tirar proveito dos efeitos nos campos, durante a outra metade do dia.

Todas as noites ele ia para a casa de Perkin e jantava com Annet e sua família. Gwenda se sentava sozinha em sua cozinha. Quando voltava, Wulfric tinha com frequência uma expressão sombria, mas nunca dizia nada. Gwenda presumia que ele ficava assim porque rejeitara as objeções de Annet. Como Wulfric ia para a cama sem comer ou beber mais nada, ela não tinha como usar a poção.

No sábado seguinte à partida de Gram com o cavalo, Gwenda preparou para si mesma um jantar de verduras e carne de porco salgada. A casa de Wulfric estava abastecida com alimentos para quatro adultos, e por isso havia o suficiente para comer. As noites eram frias, embora estivessem em julho. Depois de comer, ela pôs mais lenha na fogueira. Ficou sentada a observar as chamas, pensando como tinha uma vida simples e previsível até poucas semanas antes. Era impressionante como sua vida desmoronara tão completamente quanto a ponte de Kingsbridge.

No momento em que a porta foi aberta, ela pensou que era Wulfric, voltando para casa. Gwenda sempre se retirava para o estábulo quando ele voltava, mas gostava das poucas palavras cordiais que trocavam antes de se deitarem. Levantou os olhos, ansiosa, esperando contemplar seu rosto bonito; mas sofreu um choque desagradável.

Não era Wulfric, mas seu pai.

Acompanhado por um estranho de aparência rude.

Ela levantou-se de um pulo, cheia de medo.

- O que você quer?

Skip soltou um latido hostil, mas recuou, apavorado, diante de Joby.

- Ora, minha menina, não precisa ter medo. Sou seu pai.

Ela recordou, consternada, a advertência vaga da mãe na igreja.

- Quem é ele? - indagou Gwenda, apontando para o estranho.

- Este aqui é Jonah, de Abingdon, um negociante de peles.

Jonah podia outrora ter sido um mercador, pensou Gwenda, desesperada, talvez até fosse mesmo de Abingdon, mas calçava botas velhas, as roupas

eram imundas, os cabelos emaranhados e a barba era malcuidada, indicando que não visitava um barbeiro da cidade havia alguns anos.

Demonstrando mais coragem do que sentia, Gwenda declarou:

- Mande ele ficar longe de mim.

- Eu disse que ela era belicosa - comentou Joby com Jonah. - Mas é uma boa menina e muito forte.

Jonah falou pela primeira vez:

- Não se preocupe. - Ele passou a língua pelos lábios enquanto estudava Gwenda, que desejou estar vestindo mais do que seu vestido leve de lã. - Já domei algumas potrancas em minha vida.

Gwenda não tinha a menor dúvida de que o pai cumprira a ameaça e a vendera de novo. Pensara que ficaria mais segura ao deixar a casa do pai. Os aldeões não permitiriam o rapto de uma trabalhadora empregada, não é mesmo? Mas estava escuro agora, e talvez já a tivessem levado para longe antes que alguém descobrisse seu desaparecimento.

Não havia ninguém para ajudá-la.

Mesmo assim, ela não iria sem lutar.

Olhou ao redor, desesperada, à procura de uma arma. A acha que acabara de pôr no fogo ardia na extremidade. Tinha quase meio metro de comprimento, e a outra extremidade projetava-se em sua direção, convidativa. Ela abaixou-se rapidamente e pegou-a.

- Ora, não vai precisar disso - murmurou Joby. - Não vai querer machucar seu velho pai, não é?

Ele adiantou-se. Um ímpeto de raiva dominou Gwenda. Como ele ousava se referir a si mesmo como seu velho pai quando estava tentando vendê-la? Subitamente, teve vontade de machucá-lo. Saltou para ele, com um grito de raiva, estendendo a acha em chamas para seu rosto.

Joby pulou para trás, mas ela continuou a avançar, louca de fúria. Skip latia, frenético. Ele ergueu os braços para se proteger, e tentou derrubar o tição. Mas Gwenda também era forte. Os braços em movimento de Joby não conseguiram detê-la. Gwenda encostou o tição em seu rosto. Ele gritou de dor, com a pele queimada. A barba suja pegou fogo. Havia um cheiro nauseante de carne chamuscada.

Foi nesse instante que Gwenda foi agarrada por trás. Jonah abraçou-a, imobilizando seus braços nos lados do corpo. Ela largou o pedaço de lenha pegando fogo. As chamas se elevaram no mesmo instante da palha no chão. Skip, com pavor do fogo, saiu correndo da casa. Gwenda debateu-se,

tentando se livrar do aperto de Jonah. Balançava o corpo de um lado para outro, mas descobriu que ele era surpreendentemente forte. E levantou-a.

Um vulto alto apareceu na porta. Gwenda divisou apenas os contornos, pois o vulto desapareceu no instante seguinte. Foi jogada no chão. Por um momento, ficou atordoada. Quando se recuperou, Jonah estava ajoelhado em cima dela, amarrando suas mãos com uma corda.

O vulto alto reapareceu, e Gwenda reconheceu Wulfric. Desta vez ele carregava um enorme balde de carvalho. Rapidamente, esvaziou o balde na palha em chamas, apagando o fogo.

Depois, mudou a posição das mãos no balde, e usou-o para desferir um golpe violento no alto da cabeça de Jonah, ajoelhado.

Ele largou Gwenda, que levantou os pulsos e sentiu a corda afrouxar. Wulfric acertou com o balde em Jonah pela segunda vez, com mais força. Os olhos fecharam e Jonah desabou no chão.

Joby apagou as chamas da barba que ardia comprimindo a manga da túnica, depois arriou de joelhos, gemendo em agonia.

Wulfric levantou o inconsciente Jonah pela frente da túnica.

- Quem é este?

- Seu nome é Jonah. Meu pai queria me vender para ele.

Wulfric arrastou o homem pelo cinto, passou pela porta da frente, e foi jogado na estrada. Joby balbuciou:

- Ajude-me, por favor. Meu rosto está queimado.

- Ajudá-lo? - disse Wulfric. - Você ateou fogo à minha casa, atacou minha trabalhadora, e ainda quer minha ajuda? Saia daqui!

Joby levantou-se, gemendo desesperado. Saiu pela porta da frente, cambaleando. Gwenda procurou em seu coração, mas não encontrou qualquer compaixão. O pouco amor que ainda podia restar pelo pai fora destruído naquela noite. E, enquanto Joby se afastava, torceu para que ele nunca mais falasse com ela.

Um momento depois, Perkin apareceu, segurando uma vela feita de junco embebido em sebo.

- O que aconteceu? - indagou ele. - Pensei ter ouvido um grito. Gwenda avistou Annet pairando por trás. Foi Wulfric quem respondeu:

- Joby veio até aqui com outro malfeitor. Tentaram levar Gwenda. Perkin soltou um grunhido.

- Você parece ter resolvido o problema.

- Sem a menor dificuldade.

Wulfric percebeu que ainda segurava o balde, e largou-o no chão.

- Está machucado? - perguntou Annet.

- Nem um pouco.

- Precisa de alguma coisa?

- Só quero dormir.

Perkin e Annet perceberam a insinuação e foram embora. Ninguém mais parecia ter ouvido a comoção. Wulfric fechou as portas. Olhou para Gwenda, à luz do fogo.

- Como se sente?

- Trêmula.

Ela sentou no banco e apoiou os cotovelos na mesa da cozinha. Wulfric foi até o armário.

- Beba um pouco de vinho para se controlar.

Ele pegou um pequeno barril, pôs na mesa, trouxe dois copos da prateleira. Gwenda ficou subitamente alerta. Poderia ser sua oportunidade? Ela fez um esforço para se controlar. Teria de agir depressa.

Wulfric serviu o vinho nos copos, e tornou a guardar o barril no armário.

Gwenda tinha apenas um ou dois segundos. Enquanto ele estava de costas, levantou a mão e pegou a pequena bolsa, pendurada no pescoço por uma tira de couro. Tirou o frasco da bolsa.

Com a mão trêmula, abriu-o e despejou o conteúdo no copo de Wulfric

Ele virou-se no momento em que ela tornava a empurrar a bolsa para dentro do vestido. Gwenda apalpou-se, como se estivesse apenas ajeitando a roupa. Um homem típico, ele não percebeu nada. Sentou-se à mesa, na sua frente. Ela pegou seu copo e levantou-o para um brinde.

- Você me salvou, Wulfric. Obrigada.

- Sua mão está tremendo - disse ele. - Teve um choque terrível. Ambos beberam.

Gwenda especulou quanto tempo levaria para a poção fazer efeito. Wulfric disse:

- Você me salvou nos campos. Obrigado. Beberam de novo.

- Não sei o que é pior - comentou Gwenda. - Ter um pai como o meu, ou ser como você, e não ter pai nenhum.

- Lamento por você. Pelo menos eu tenho boas recordações de meus pais. Pensativo, Wulfric esvaziou seu copo. - Não costumo beber vinho... não gosto da sensação de ficar tonto... mas este vinho está delicioso.

Ela observava-o atentamente. Mattie Wise dissera que ele se tornaria amoroso. Gwenda procurou pelos sinais. E depois de algum tempo ele passou a fitá-la como se a visse pela primeira vez. E não demorou muito para que murmurasse:

- Você tem um rosto bonito. Tem muita bondade nele.

Agora ela deveria usar sua astúcia feminina para seduzi-lo. Mas compreendeu, com um sentimento de pânico, que não tinha nenhuma prática naquelas coisas. Mulheres como Annet faziam isso durante todo o tempo. Mas quando pensou nas coisas que Annet fazia - os sorrisos tímidos, passar a mão pelos cabelos, pestanejar - descobriu que não podia sequer tentar. Tinha certeza de que se sentiria estúpida.

- Você é gentil - murmurou ela, falando para ganhar tempo. - Mas seu rosto deixa transparecer mais alguma coisa.

- O quê?

- Força. Do tipo que vem não dos grandes músculos, mas da determinação.

- Eu me sinto forte esta noite. - Ele sorriu. - Você disse que nenhum homem seria capaz de cavar mais de vinte acres... mas sinto neste momento que eu poderia.

Gwenda pôs a mão sobre a dele na mesa.

- Aproveite seu descanso agora. Há bastante tempo para cavar. Wulfric contemplou a mão pequena de Gwenda sobre a sua.

- Nossas peles têm cores diferentes - disse ele, como se descobrisse um fato espantoso. - A sua é marrom, a minha é rosada.

- Peles diferentes, cabelos diferentes, olhos diferentes. Como seriam nossos bebês?

Wulfric sorriu ao pensamento. Depois, sua expressão mudou, ao compreender que havia alguma coisa errada com o que ela dissera. Abruptamente, o rosto tornou-se solene. A mudança poderia ser cômica, se Gwenda não estivesse tão preocupada com os sentimentos de Wulfric por ela.

- Não teremos bebês.

Wulfric retirou a mão. Ela murmurou, desesperada:

- Não vamos pensar nisso.

- Você às vezes não deseja... A voz definhou.

-O quê?

- Não deseja às vezes que o mundo pudesse ser diferente do que é? Gwenda levantou-se. Contornou a mesa e sentou-se perto dele.

- Não deseje. Estamos a sós e é noite. Você pode fazer qualquer coisa que quiser. - Ela fitou-o nos olhos. - Absolutamente qualquer coisa.

Wulfric sustentou seu olhar. Ela viu o anseio em seu rosto, e compreendeu, com um sentimento de triunfo, que ele a desejava. Fora necessária uma poção do amor para que o desejo aflorasse, mas era genuíno, com toda certeza. Naquele momento, ele não queria outra coisa no mundo que não fazer amor com ela.

Mesmo assim, ele não tomou a iniciativa.

Gwenda pegou sua mão. Ele não resistiu quando ela a levantou para seus lábios. Acariciou os dedos grandes e ásperos, comprimiu a palma contra sua boca. Beijou-os, para depois lambê-los com a ponta da língua. Comprimiu a mão de Wulfric contra um seio.

A mão fechou sobre o seio, fazendo com que parecesse muito pequeno. Wulfric entreabriu a boca, e ela percebeu que sua respiração era pesada. Inclinou a cabeça para trás, pronta para ser beijada, mas ele não fez nada.

Gwenda levantou-se, tirou o vestido pela cabeça, e jogou-o no chão. Parou nua na frente de Wulfric, à luz do fogo. Ele fitava-a, os olhos arregalados, a boca entreaberta, como se estivesse testemunhando um milagre.

Ela pegou sua mão de novo. Desta vez, levou-a para a parte macia entre suas coxas. Cobriu o triângulo de cabelos que havia ali. Ela estava tão molhada que o dedo de Wulfric penetrou-a sem qualquer dificuldade. Soltou um gemido de prazer involuntário.

Mas Wulfric não fazia nada por vontade própria. Gwenda compreendeu que ele estava paralisado pela indecisão. Desejava-a, mas não esquecera Annet. Gwenda poderia usá-lo como um fantoche a noite inteira, talvez até fazer sexo com seu corpo inerte, mas isso não mudaria nada. Precisava que ele tomasse a iniciativa. Ela inclinou-se para a frente, ainda com a mão de Wulfric entre suas pernas.

- Beije-me... - murmurou ela, aproximando o rosto. - Por favor.

A distância entre as bocas era de dois ou três centímetros. Ela não chegaria mais perto; Wulfric teria de fazer o resto.

Subitamente, ele se mexeu. Retirou a mão, virou o rosto para o lado, e levantou-se.

- Isso está errado.

E Gwenda compreendeu que perdera.

Lágrimas afloraram aos seus olhos. Ela pegou o vestido no chão e suspendeu-o na sua frente, escondendo a nudez.

- Desculpe - balbuciou Wulfric. - Eu não deveria ter feito essas coisas. Enganei-a. Fui cruel.

Não, não foi, pensou Gwenda. Eu é que fui cruel. Eu é que o enganei. Mas você foi forte demais. É um homem leal, um homem fiel. Bom demais para mim.

Mas ela não disse nada.

Wulfric ainda se recusava a fitá-la quando disse:

- Você deve ir para o estábulo agora. Trate de dormir. Vamos nos sentir diferentes pela manhã. Tudo pode estar certo amanhã.

Gwenda saiu correndo pela porta dos fundos, sem se dar o trabalho de se vestir. O luar iluminava tudo, mas não havia ninguém para vê-la, e de qualquer maneira ela não se importava. Alcançou o estábulo em segundos. Na extremidade do prédio de madeira havia um jirau, onde a palha era sempre limpa. Era ali que ela arrumava sua cama, todas as noites. Subiu a escada e jogou-se na palha, desesperada demais para se incomodar com as espetadelas em seu corpo nu. E desatou a chorar de desapontamento e vergonha.

Quando finalmente ficou mais calma, levantou-se e pôs o vestido, depois se envolveu com uma manta. Ao fazê-lo, teve a impressão de ouvir um passo lá fora. Olhou por uma fresta na parede de taipa.

A lua era quase cheia, e ela podia ver com clareza. Wulfric estava lá fora. Encaminhou-se para a porta do estábulo. O coração de Gwenda disparou. Talvez ainda não tivesse acabado. Mas ele hesitou na entrada, depois se afastou. Voltou até a porta da cozinha, parou, retornou ao estábulo, voltou de novo para a casa.

Gwenda observou-o andar de um lado para outro, o coração batendo forte, mas não fez nada. Já fizera tudo o que podia para encorajá-lo. Ele teria de dar o último passo por sua própria iniciativa.

Wulfric ficou parado na porta da cozinha. Seu corpo era delineado pelo luar, uma linha prateada, descendo dos cabelos às botas. Ela viu claramente quando ele enfiou a mão por dentro da calça. Sabia o que estava acontecendo: já vira seu irmão mais velho fazer a mesma coisa. Ouviu Wulfric gemer, enquanto iniciava o movimento que imitava o ato de amor. E continuou a admirá-lo, lindo ao luar, desperdiçando seu desejo... e sentiu que seu coração se partia.

20

Godwyn entrou em ação contra Blind Carlus no sábado anterior ao aniversário de nascimento de St. Adolphus.

Naquele domingo, como em todos os anos, era celebrada uma missa especial na catedral de Kingsbridge. Os ossos do santo eram levados através da catedral, enquanto todos os monges seguiam a procissão. Rezavam pelo bom tempo para a colheita.

Como sempre, era função de Godwyn preparar a catedral para o serviço pôr as velas em seus lugares, aprontar o incenso, mudar as posições dos móveis com a ajuda de noviços e empregados, como Philemon. A festa de St. Adolphus exigia um altar secundário, uma mesa de madeira toda lavrada, sobre uma plataforma, que podia ser transferida de um lado para outro, conforme o necessário.

Godwyn instalou esse altar no lado leste da interseção. Ajeitou em cima um par de castiçais de ouro e prata. Ao fazê-lo, refletiu sobre a situação, ansioso.

Agora que persuadira Thomas a ser candidato na eleição para prior, seu próximo passo era eliminar a oposição. Carlus devia ser um alvo fácil... mas, de certa forma, isso era uma desvantagem, pois Godwyn não queria parecer insensível.

Ele ajeitou no centro do altar uma cruz de relicário, um crucifixo incrustado de ouro e pedras preciosas, com um núcleo de madeira da Verdadeira Cruz. Era mesmo a madeira sobre a qual Cristo fora morto, milagrosamente encontrada havia mil anos por Helena, a mãe de Constantino, o Grande. Alguns fragmentos haviam encontrado o caminho de várias igrejas por toda a Europa.

Enquanto arrumava os ornamentos no altar, Godwyn avistou madre Cecilia ali perto, e interrompeu o trabalho para falar com ela.

- Ouvi dizer que o conde Roland já recuperou a razão - disse ele. - Louvado seja Deus.

- Amém. A febre persistiu por tanto tempo que receamos por sua vida. Algum humor nocivo deve ter entrado em seu cérebro depois da fratura do crânio. Nada do que ele dizia durante algum tempo fazia sentido. Até que esta manhã, quando acordou, ele passou a falar normalmente.

- Você o curou.

- Deus o curou.
- Ainda assim, ele deve ser grato a você. Madre Cecilia sorriu.
- Você é jovem, irmão Godwyn. Aprenderá que os homens de poder nunca demonstram gratidão. Qualquer coisa que lhes dermos, eles aceitam como se fosse seu direito.

A condescendência deixou Godwyn contrariado, mas ele escondeu sua irritação.

- Seja como for, podemos agora, finalmente, realizar a eleição para prior.
- Quem vai ganhar?
- Dez monges prometeram votar em Carlus, e apenas sete, em Thomas. Com os votos dos próprios candidatos, teríamos onze contra oito. Seis ainda não se comprometeram.
- Portanto, qualquer dos dois pode ganhar.
- Mas Carlus tem a vantagem. Thomas poderia ganhar com seu apoio, madre Cecilia.
- Não tenho direito a voto.
- Mas tem influência. Se dissesse que o mosteiro precisa de um controle mais rigoroso e de alguma reforma, e que achava que Thomas teria mais probabilidade de fazer isso, influenciaria alguns dos indecisos.
- Não devo tomar partido.
- Talvez não. Mas poderia dizer que não continuará a subsidiar os monges se não cuidarem melhor de seu dinheiro. O que poderia haver de errado nisso?

Os olhos de madre Cecilia faiscavam de divertimento; não se deixava persuadir com tanta facilidade.

- Seria uma mensagem cifrada de apoio a Thomas.
 - É verdade.
 - Sou absolutamente neutra. Terei o maior prazer em trabalhar com quem os monges escolherem. E essa é a minha última palavra, irmão.
- Ele baixou a cabeça, deferente.
- Respeito sua decisão, é claro.

Cecilia acenou com a cabeça e se afastou.

Godwyn estava satisfeito. Nunca esperara que madre Cecilia apoiasse Thomas. Ela era conservadora. Todos presumiam que era favorável a Carlus. Mas Godwyn poderia agora espalhar a notícia de que ela ficaria contente com qualquer dos dois candidatos. Para todos os efeitos, minara o apoio implícito a Carlus. Madre Cecília poderia até se irritar ao saber

como ele usava suas palavras, mas nunca retiraria sua declaração de neutralidade.

Sou muito esperto, pensou ele; mereço realmente ser o prior.

Neutralizar Cecilia era útil, mas não seria o suficiente para esmagar Carlus. Godwyn precisava dar aos monges uma demonstração inequívoca de como Carlus era incompetente para dirigi-los. E aguardava ansioso por uma oportunidade hoje.

Carlus e Simeon se encontravam na catedral agora, ensaiando o serviço. Carlus era o prior em exercício, e por isso tinha de liderar a procissão, carregando o relicário de marfim e ouro que continha os ossos dos santos. Simeon, o tesoureiro e companheiro de Carlus, mantinha-se ao seu lado. Godwyn observou que Carlus contava os passos, para poder fazer tudo sem qualquer ajuda. A congregação ficava impressionada quando Carlus circulava sozinho e confiante, apesar da cegueira: parecia um pequeno milagre.

A procissão sempre começava na extremidade leste da catedral, onde as relíquias eram guardadas, sob o altar-mor. O prior abria o armário e tiraria o relicário. Seguiria pela passagem ao norte do coro, viraria no transepto norte, desceria pela passagem norte da nave, atravessaria a extremidade oeste, e avançaria pelo centro da nave até a interseção. Ali, subiria dois degraus para pôr o relicário no segundo altar, que Godwyn já instalara em sua posição. As relíquias sagradas permaneceriam nesse altar para a congregação olhar, ao longo do serviço.

Ao correr os olhos pela igreja, Godwyn fixou-se nos reparos na passagem sul do coro. Adiantou-se para verificar o andamento das obras. Merthin não estava mais envolvido, pois fora despedido por Elfric, mas seu método de surpreendente simplicidade ainda era usado. Em vez das dispendiosas formas de madeira para sustentar as pedras, enquanto a argamassa se consolidava, cada pedra era mantida no lugar por uma simples corda, que passava pela beirada comprida da pedra assentada e era pressionada para baixo pelo peso de outra pedra, amarrada na extremidade. O sistema não podia ser usado para construir as armações da abóbada, que eram formadas por pedras longas e estreitas, fixadas nas extremidades, o que exigia o uso de formas; apesar disso, no entanto, Merthin poupou ao priorado uma pequena fortuna em carpintaria.

Godwyn reconhecia a genialidade de Merthin, mas ainda se sentia apreensivo com ele, e preferia trabalhar com Elfric.

Sempre poderia contar com Elfric como um instrumento dócil, que jamais criava qualquer problema; Merthin, por sua vez, preferia seguir o próprio caminho.

Carlus e Simeon se retiraram. A catedral estava pronta para o serviço. Godwyn despachou os homens que o haviam ajudado, à exceção de Philemon, que varria o chão da interseção.

Por um momento, eles eram as únicas pessoas na catedral.

Era a oportunidade que Godwyn aguardava. O plano, apenas meio formulado, agora aflorou completo em sua mente. Ele ainda hesitou, pois era um risco terrível. Mas decidiu entrar no jogo. Chamou Philemon e disse:

- Depressa... ponha a plataforma um metro à frente.

Durante a maior parte do tempo, a catedral era apenas um local de trabalho para Godwyn. Era um espaço a ser usado, um prédio a ser consertado, uma fonte de receita e ao mesmo tempo um fardo financeiro. Mas, numa ocasião como aquela, sua majestade era renovada. As chamas das velas dançavam, seus reflexos faiscando no ouro dos castiçais; os monges e freiras em seus hábitos pareciam flutuar entre os antigos pilares de pedras; e as vozes do coral se elevavam para a abóbada alta. Não era de admirar que a multidão de centenas de pessoas mantivesse um silêncio respeitoso.

Carlus liderava a procissão. Enquanto os monges e freiras cantavam, ele abriu o compartimento sob o altar-mor - trabalhando pelo tato - e tirou o relicário incrustado com marfim e ouro. Ergueu-o e começou a marchar pela catedral. Era a própria imagem de um santo inocente, com sua barba branca e os olhos que nada viam.

Será que cairia na armadilha de Godwyn? Era tão simples que parecia fácil demais. Godwyn, seguindo uns poucos passos atrás de Carlus, mordeu o lábio e tentou se manter calmo.

A congregação olhava tudo estarecida. Godwyn nunca deixava de se espantar com a facilidade com que as pessoas podiam ser manipuladas. Não podiam ver os ossos; e se vissem, não poderiam distingui-los de quaisquer outros ossos humanos. Por causa da extravagância dispendiosa da caixa, no entanto, da beleza excepcional do canto, do uniforme dos monges e das freiras, e da imponência da arquitetura, que a todos ofuscava, sentiam a presença de alguma coisa sagrada.

Godwyn observava Carlus com toda atenção. Ao alcançar o ponto médio exato da passagem norte, ele virou abruptamente para a esquerda. Simeon

estava pronto para corrigi-lo se ele desse um passo errado, mas não foi necessário. Melhor assim: quanto mais confiante Carlus se sentisse, mais probabilidade teria de errar no momento crucial.

Sempre contando os passos, Carlus marchou para o centro exato da nave. Tornou a se virar, seguindo direto para o altar. A deixa, o canto cessou, e a procissão continuou num silêncio reverente. Carlus fizera aquele percurso várias vezes por ano, durante a maior parte de sua vida. Fazia agora como o líder da procissão, o que deveria deixá-lo um pouco tenso; mas aparentava calma, e o movimento quase imperceptível dos lábios era o único sinal de que contava.

Mas Godwyn providenciara para que sua contagem saísse errada. Carlus bancaria o tolo? Ou encontraria alguma maneira de se recuperar?

A congregação recuava, apavorada, à passagem dos ossos sagrados. Tocar no relicário poderia produzir milagres, todos sabiam; mas também acreditavam que qualquer desrespeito demonstrado pelas relíquias acarretaria consequências desastrosas. Os espíritos dos mortos estavam sempre presentes, velando por seus restos mortais, enquanto esperavam pelo Dia do Juízo Final; e aqueles que haviam levado uma santa vida possuíam poderes quase ilimitados de recompensar ou punir os vivos.

O pensamento passou pela mente de Godwyn: St. Adolphus poderia ficar insatisfeito com ele pelo que estava prestes a acontecer na catedral de Kingsbridge. Ele estremeceu com um terror momentâneo. Mas logo se tranquilizou com o argumento de que agia pelo bem do priorado que abrigava os ossos sagrados, e que o sábio santo, que era capaz de ver nos corações dos homens, compreenderia que era melhor assim.

Carlus passou a andar mais devagar ao se aproximar do altar, mas os passos mantiveram a mesma distância. Godwyn prendeu a respiração. Carlus pareceu hesitar ao subir o degrau que deveria, pelos seus cálculos, levá-lo quase à plataforma em que estava o altar. Godwyn observou-o, impotente agora, temendo alguma mudança de último minuto na rotina.

Depois, confiante, Carlus estendeu a perna.

O pé esbarrou na beira da plataforma um metro antes do que ele esperava. No silêncio, o som da sandália na madeira oca ressoou alto. Ele deixou escapar um grito de choque e medo. O impulso projetou-o para a frente.

O coração de Godwyn exultou num ímpeto de triunfo... mas durou apenas um instante, antes que o desastre ocorresse.

Simeon adiantou-se para segurar o braço de Carlus, mas já era tarde demais. O relicário voou das mãos de Carlus. A multidão soltou uma exclamação coletiva de horror. O precioso relicário bateu no chão de pedra e abriu-se, os ossos do santo se espalhando. Carlus caiu em cima do altar de madeira lavrada, empurrando-o para trás da plataforma. Os castiçais e outros ornamentos caíram no chão.

Godwyn ficou horrorizado. Aquilo era muito pior do que tencionava.

O crânio do santo rolou pelo chão e foi parar aos pés de Godwyn.

Seu plano dera certo... mas de uma forma exagerada. Queria que Carlus caísse e parecesse impotente, mas não que os restos mortais do santo fossem profanados. Horrorizado, ele fitava o crânio à sua frente, com a sensação de que os olhos vazios observavam-no em acusação. Que terrível punição se abateria sobre ele?

Poderia algum dia se redimir por aquele crime?

Porque esperava por um incidente, ele ficou um pouco menos chocado do que todos os outros, e foi o primeiro a recuperar o controle. Parado diante dos ossos, ele ergueu os braços para o alto e gritou, acima da algazarra:

- Todos ajoelhados! Devemos rezar!

As pessoas na frente da multidão se ajoelharam, e os outros seguiram o exemplo. Godwyn iniciou uma oração familiar, e os monges e freiras acompanharam-no.

Enquanto o canto preenchia a catedral, ele endireitou o relicário, que parecia intacto. Depois, com uma lentidão teatral, pegou o crânio com as duas mãos. Tremia todo, num medo supersticioso, mas conseguiu segurá-lo com firmeza. E enunciando as palavras latinas da oração, ele levou o crânio até o relicário e depositou-o com todo o cuidado ali.

Ele viu que Carlus fazia um esforço para se levantar. Apontou para duas freiras.

- Ajudem o vice-prior a ir para o hospital. Irmão Simeon, madre Cecilia, podem acompanhá-lo?

Godwyn pegou outro osso. Sentia-se assustado, sabendo que era mais culpado do que Carlus pelo que acontecera; mas suas intenções haviam sido puras e ainda esperava abrandar o santo. Ao mesmo tempo, sabia que suas ações deviam parecer boas aos olhos de todos os presentes; assumira o comando num momento de crise, como um autêntico líder.

Mas não podia permitir que aquele momento de reverência e horror durasse tempo demais. Tinha de recolher os ossos mais depressa.

- Irmão Thomas, irmão Theodoric, venham me ajudar.

Philemon adiantou-se, mas Godwyn acenou para que ele recuasse: não era um monge, e só os homens de Deus podiam tocar nos ossos sagrados.

Carlus deixou a catedral, ajudado por Simeon e Cecilia. Assim, Godwyn tornou-se o líder incontestável da situação.

Chamou Philemon e outro servidor, Otho, e mandou que endireitassem o altar. Ajeitaram-no na plataforma. Otho pegou os castiçais e Philemon o crucifixo com pedras preciosas. Puseram tudo no altar, reverentes, depois pegaram as velas espalhadas pelo chão.

Com todos os ossos recolhidos, Godwyn tentou fechar a tampa do relicário. Mas ela entortara e não se ajustava direito. Mas ele fez o melhor que podia nas circunstâncias, e pôs o relicário assim mesmo no altar, cerimonioso.

Godwyn lembrou, bem a tempo, que sua intenção era destacar Thomas, não ele próprio, como o possível líder do priorado... por enquanto. Pegou o livro que Simeon carregava e entregou-o a Thomas. Não era preciso dizer a Thomas o que fazer. Ele abriu o livro, encontrou a página correta e leu o versículo. Os monges e freiras formaram filas nos lados do altar, e Thomas levou-os no canto do salmo.

E, de alguma forma, levaram o serviço até o final.

Godwyn começou a tremer de novo assim que deixou a catedral. Fora quase um desastre, mas ele parecia ter escapado impune.

Os monges desataram a conversar, muito excitados, assim que a procissão alcançou o claustro e se dispersou. Godwyn encostou-se num pilar, fazendo um esforço para recuperar o controle. Ficou escutando os comentários dos monges. Alguns achavam que a profanação das relíquias era um sinal de que Deus não queria que Carlus se tornasse o prior... a reação que Godwyn esperava. Para sua consternação, no entanto, a maioria expressava compaixão por Carlus. Não era o que Godwyn queria. Ele compreendeu que poderia ter proporcionado a Carlus o benefício de uma reação favorável.

Rumou apressado para o hospital. Precisava encontrar Carlus enquanto o homem ainda se sentia desmoralizado, antes que tomasse conhecimento da reação dos monges.

Encontrou o vice-prior sentado na cama, com um braço numa tipoia e uma bandagem em torno da cabeça. Estava pálido e parecia abalado, o rosto se

alterando em contrações nervosas a todo instante. Simeon sentava ao seu lado. E foi Simeon quem lançou um olhar indignado para Godwyn e comentou:

- Suponho que você esteja satisfeito. Godwyn ignorou-o.

- Irmão Carlus, ficará contente em saber que as relíquias do santo foram colocadas no lugar apropriado, com hinos e orações. O santo com certeza perdoará a todos nós por esse trágico acidente.

Carlus sacudiu a cabeça.

- Não há acidentes. Tudo é determinado por Deus.

As esperanças de Godwyn aumentaram. Aquela declaração era promissora. Os pensamentos de Simeon seguiram pela mesma linha, e ele tentou conter Carlus.

- Não diga nada precipitado, irmão.

- É um sinal - insistiu Carlus. - Deus está nos dizendo que não quer que eu seja o prior.

Era isso que Godwyn esperava. Simeon reagiu:

- Isso é um absurdo.

Ele pegou uma taça na mesa ao lado da cama. Godwyn adivinhou que continha vinho quente e mel, a receita de madre Cecilia para a maioria das doenças. Simeon pôs a taça na mão de Carlus.

- Beba.

Carlus bebeu, mas não se desviou de seu tema.

- Seria um pecado ignorar esse presságio.

- Os presságios não são facilmente interpretados - protestou Simeon.

- Talvez não. Mas mesmo que você esteja certo, os irmãos votarão em quem não é capaz de carregar as relíquias do santo sem deixá-las cair?

Godwyn interveio:

- Alguns podem ser levados a apoiá-lo por compaixão, em vez de se sentirem repelidos.

Simeon lançou-lhe um olhar perplexo, sem entender aonde ele queria chegar.

E tinha razão em se sentir desconfiado. Godwyn bancava o advogado do diabo porque queria de Carlus mais do que vagas expressões de dúvida. Conseguiria arrancar uma retirada definitiva de sua candidatura?

Como esperava, Carlus argumentou com ele:

- Um homem deve ser eleito prior porque os irmãos o respeitam e acreditam que ele pode liderá-los com sabedoria... não por compaixão.

Ele falou com a convicção amarga de uma vida inteira de deficiência física.

- Suponho que tem razão nesse ponto - disse Godwyn, com uma relutância simulada, como se a admissão lhe fosse arrancada contra a vontade. Ele decidiu assumir um risco e acrescentou: - Mas talvez Simeon esteja certo e você deva adiar qualquer decisão final até que tenha se recuperado.

- Sinto-me tão bem quanto sempre estarei. - Carlus recusava-se a admitir qualquer fraqueza na presença do jovem Godwyn. - Nada vai mudar. Eu me sentirei amanhã como me sinto hoje. Não serei candidato na eleição para prior.

Eram essas as palavras que Godwyn aguardava. Levantou-se abruptamente e inclinou a cabeça, como em reconhecimento. Virou o rosto, com medo de deixar transparecer seu sentimento de triunfo.

- Foi tão claro quanto sempre, irmão Carlus. Comunicarei seu desejo aos outros monges.

Simeon abriu a boca para protestar, mas foi impedido pelo súbito aparecimento de madre Cecilia, que veio da escada para entrar no quarto.

- O conde Roland exige a presença do vice-prior - anunciou ela. - Ameaça sair da cama para vir lhe falar, mas não deve se mexer pois seu crânio ainda não sarou por completo. Mas o irmão Carlus também não pode se mexer.

Godwyn olhou para Simeon e disse:

- Nós iremos.

Os dois subiram a escada juntos.

Godwyn sentia-se bem. Carlus nem mesmo desconfiava de que caíra numa armadilha. Por sua própria iniciativa, retirara-se da competição, deixando Thomas como o único candidato. E Godwyn poderia eliminar Thomas no momento em que quisesse.

O plano tivera um sucesso espantoso... até agora.

O conde Roland estava deitado de costas, a cabeça toda enfaixada, mas mesmo assim ainda conseguia parecer um homem de poder. O barbeiro devia tê-lo visitado, pois tinha o rosto raspado e os cabelos pretos - a parte que não se encontrava coberta pela bandagem - haviam sido aparados com todo cuidado. Usava uma túnica púrpura curta e o novo calção que entrara em moda, uma perna pintada de amarelo, a outra, de vermelho. Apesar de estendido na cama, usava um cinto com uma adaga e botas de couro de cano curto. O filho mais velho, William, e a esposa de William, Philippa,

estavam de pé ao lado da cama. Seu jovem secretário, padre Jerome, em traje sacerdotal, sentava-se em uma escrivaninha próxima, com penas, pergaminhos e cera de lacre à espera.

A mensagem era evidente: o conde retomara o comando.

- O vice-prior não veio? - perguntou ele, a voz clara e firme. Godwyn tinha a mente mais ágil que Simeon e apressou-se em responder:

- O vice-prior Carlus sofreu uma queda e está acamado aqui no hospital, milorde. Sou o sacristão, Godwyn, e este é o tesoureiro, Simeon. Agradecemos a Deus por sua milagrosa recuperação, pois Ele guiou as mãos dos monges médicos que o assistiram.

- Foi o barbeiro quem consertou minha cabeça quebrada - declarou Roland.

- Agradeçam a ele.

Porque o conde estava deitado de costas, olhando para o teto, Godwyn não podia ver seu rosto direito; mas teve a impressão de que a expressão do conde era curiosamente vazia, e especulou se o ferimento causara alguma lesão permanente.

- Tem tudo o que precisa aqui para se sentir confortável? - indagou ele.

- Se eu não tiver, você saberá em breve. Agora, preste atenção. Minha sobrinha, Margery, vai casar com o filho mais novo de Monmouth, Roger. Presumo que já sabe disso.

- Sei.

Godwyn teve uma súbita lembrança: Margery deitada de costas, naquele mesmo quarto, as pernas brancas no ar, fornicando com o primo Richard, o bispo de Kingsbridge.

- O casamento foi indevidamente adiado por causa dos meus ferimentos. Isso não era verdade, refletiu Godwyn. O desabamento da ponte ocorrera havia apenas um mês. A verdade provável era a de que o conde precisava provar que o ferimento não o afetara e que ainda era um poderoso digno de uma aliança com o conde de Monmouth. Roland continuou:

- O casamento será realizado na catedral de Kingsbridge, daqui a três semanas. Em termos estritos, o conde deveria fazer um pedido, não dar uma ordem. O prior eleito poderia se irritar com sua arrogância; mas não havia prior, é claro. De qualquer forma, Godwyn não podia pensar em qualquer razão para que Roland não tivesse seu desejo atendido.

- Está certo, milorde. Tomarei todas as providências necessárias.

- Quero que o novo prior assuma a tempo para o serviço. Simeon soltou um grunhido de surpresa.

Godwyn concluiu no mesmo instante que a precipitação convinha muito bem a seus planos.

- Não tem problema. Havia dois candidatos, mas hoje o vice-prior Carlus retirou seu nome da disputa. Com isso, restou apenas o irmão Thomas, o matriculário. Podemos realizar a eleição assim que milorde desejar.

Ele mal podia acreditar em sua sorte. Simeon compreendeu que a derrota era iminente.

- Espere um pouco - disse ele. Mas Roland não estava escutando.

- Não quero Thomas. Godwyn não esperava por isso.

Simeon sorriu, satisfeito pela comutação da pena no último minuto. Chocado, Godwyn murmurou:

- Mas, milorde...

Roland não permitiu que ele o interrompesse.

- Chase meu sobrinho, Saul Whitehead, de St.-John-in-the-Forest.

O coração de Godwyn foi dominado por um mau presságio. Saul era seu contemporâneo. Quando novinhos, haviam sido amigos. Foram juntos para Oxford... mas ali haviam se afastado. Saul se tornara mais devoto e Godwyn, mais secular. Saul era agora o competente prior da remota célula de St. John. Levava muito a sério a virtude monástica da humildade, e nunca apresentaria sua própria candidatura. Mas era inteligente, devoto e apreciado por todos.

- Mande ele vir para cá o mais depressa possível - acrescentou Roland. - Vou indicá-lo para próximo prior de Kingsbridge.

21

Merthin estava sentado no telhado da igreja de St. Mark, no lado norte de Kingsbridge. Dali, podia ver toda a cidade. A sudeste, uma curva do rio aninhava o priorado. Um quarto da cidade era ocupado pelos prédios do priorado e pelos terrenos ao redor, como o cemitério, o pátio do mercado, o pomar, a horta... com a catedral erguendo-se no meio de tudo, como um carvalho no meio de urtigas. Ele podia ver os empregados do priorado colhendo legumes na horta, cuidando dos animais no estábulo, descarregando barris de uma carroça.

O centro da cidade era o distrito dos ricos, em particular a rua principal, que subia pela encosta desde o rio, como os primeiros monges também deviam ter subido, havia centenas de anos. Vários mercadores ricos, identificáveis pelas cores vibrantes de seus casacos de lã, caminhavam determinados pela rua: os mercadores pareciam estar sempre muito ocupados. Outra via larga, a rua alta, corria de oeste para leste, através do centro da cidade, cruzando a rua principal em ângulo reto, perto do canto noroeste do priorado. Podia ver naquela esquina o telhado extenso da casa da guilda, o maior prédio da cidade fora do priorado.

Na rua principal, ao lado da Bell, Merthin podia ver os portões do priorado. A casa de Caris, mais alta do que a maioria, ficava no outro lado. Na frente da Bell havia uma multidão reunida em torno do frei Murdo. O frade, que não parecia ligado a qualquer ordem religiosa, permanecera em Kingsbridge depois do desabamento da ponte. As pessoas chocadas e desconsoladas eram bastante suscetíveis a seus sermões emocionais de beira de estrada, e ele ganhava muitas moedas de um quarto e de meio penny. Merthin achava que Murdo não passava de uma fraude, que sua ira santa era simulada e as lágrimas eram uma cobertura para o cinismo e a ganância... mas Merthin pertencia à minoria nesse ponto.

No fundo da rua principal, os tocos das colunas da ponte ainda se projetavam da água. Ao lado, a barcaça de Merthin atravessava a água, com uma carroça cheia de troncos de árvores. A sudoeste ficava o setor industrial, onde prédios grandes, em terrenos enormes, abrigavam abatedouros, curtumes, cervejarias, padarias, oficinas de todos os tipos... um lugar malcheiroso e sujo, na opinião dos cidadãos mais eminentes da cidade, mas mesmo assim um distrito em que circulava muito dinheiro. O

rio se alargava ali, dividido em dois canais, nos lados da ilha do Leproso. Merthin avistou Ian Boatman remando sua pequena embarcação para a ilha. Seu passageiro era um monge, provavelmente levando comida para o único leproso que ainda vivia na ilha. A margem sul do rio era ocupada por cais e armazéns, com balsas e barcas sendo carregadas e descarregadas em vários deles. Mais além ficava o subúrbio de Newtown, em que fileiras de casas pobres estendiam-se entre pomares, pastos e hortas, onde empregados do priorado produziam alimentos para monges e freiras.

O lado norte da cidade, onde ficava St. Mark, era o distrito dos pobres. A igreja era cercada por casas amontoadas de trabalhadores braçais, viúvas, os fracassados e os velhos. Era uma igreja pobre... o que era uma sorte para Merthin.

Quatro semanas antes, um desesperado padre Joffroi contratara Merthin para construir um guincho e consertar o telhado. Caris persuadira Edmund a emprestar o dinheiro para Merthin comprar as ferramentas. Merthin contratara um rapaz de quatorze anos, Jimmie, para trabalhar em troca de meio penny por dia. E hoje o guincho ficara pronto.

De alguma forma, espalhara-se a notícia de que Merthin ia experimentar um novo engenho. Todos haviam se impressionado com o sistema de sua barça, e agora sentiam-se fascinados em ver o que ele inventara desta vez. Uma pequena multidão se reunira no cemitério, a maioria de ociosos que não tinham mais nada para fazer; mas lá estavam também o padre Joffroi, Caris e Edmund, além de alguns construtores da cidade, inclusive Elfric. Se Merthin fracassasse hoje, seria na presença de amigos e inimigos.

E isso não era o pior. Aquele serviço evitara a necessidade de Merthin deixar a cidade em busca de trabalho. Mas esse destino ainda o ameaçava. Se o guincho não funcionasse direito, as pessoas concluiriam que contratar Merthin dava azar. Diriam que os espíritos não o queriam na cidade. Aumentaria a pressão para que ele fosse embora. Teria de se despedir de Kingsbridge... e de Caris.

Ao longo das últimas quatro semanas, enquanto preparava a madeira e juntava as peças do guincho, pensara a sério, pela primeira vez, na possibilidade de perdê-la; e isso o deixara consternado. Compreendera que Caris era toda a alegria em seu mundo. Se o tempo estava bom, Merthin gostava de passear ao sol com ela; se via alguma coisa bonita, queria lhe

mostrar; se ouvia alguma coisa engraçada, seu primeiro pensamento era contar, para vê-la sorrir. O trabalho lhe proporcionava prazer, ainda mais quando encontrava soluções criativas para problemas difíceis; mas era uma satisfação fria e cerebral, e ele sabia que sua vida seria um longo inverno sem Caris.

Ele levantou-se. Chegara o momento de testar sua habilidade.

Havia construído um guincho normal, com uma característica inovadora. Como todos os guinchos, tinha uma corda que passava por uma série de roldanas. Em cima da parede da igreja, na beira do telhado, Merthin erguera uma estrutura de madeira, como uma forca, com um braço que se projetava através do telhado. A corda estendia-se até a extremidade desse braço. Na outra ponta da corda, no cemitério, havia uma roda denteada que enrolava a corda, operada pelo garoto Jimmie. Tudo isso era o padrão. A inovação era o fato de a forca incluir um suporte giratório, para que o braço pudesse ser deslocado.

Para se salvar do destino de Howell Tyler, Merthin tinha uma cinta por baixo dos braços, presa a um resistente pináculo de pedra: se caísse, não cairia muito. Assim protegido, ele removera as telhas de ardósia de uma seção do telhado, depois amarrara a corda do guincho numa viga. Gritou agora para Jimmie:

- Vire a roda!

E prendeu a respiração. Tinha certeza de que daria certo - não podia ser de outra forma - mas mesmo assim aquele era um momento de intensa ansiedade.

Jimmie, dentro do engenho da roda no cemitério, começou a andar. A roda só podia virar numa direção. Havia um freio pressionando os dentes assimétricos: um lado de cada dente tinha uma inclinação suave, de tal forma que o freio subia gradativamente; mas o outro lado era vertical, e assim qualquer movimento de reversão era contido no mesmo instante.

Enquanto a roda virava, a viga foi levantando.

Quando a viga ficou a uma certa distância da estrutura do telhado, Merthin gritou:

- Pare!

Jimmie parou, o freio se encaixando de forma automática. A viga pairou no ar, balançando gentilmente. Até ali, tudo bem. Era na próxima parte que as coisas podiam sair erradas.

Merthin virou o guincho, para deslocar o braço. Observou o movimento, prendendo a respiração. Havia novas tensões na estrutura, à medida que o peso da carga mudava de posição. A madeira do guincho rangeu. O braço deslocou-se por meio círculo, de sua posição original sobre o telhado para um novo ponto, por cima do cemitério. Houve um murmúrio coletivo de admiração na multidão; ninguém jamais vira um guincho que fosse capaz de virar daquela maneira.

- Pode baixar! - gritou Merthin.

Jimmie operou o freio, permitindo que a carga descesse, aos solavancos, um ou dois palmos de cada vez, enquanto a roda virava e a corda desenrolava.

Todos observavam em silêncio. Quando a viga chegou ao chão, houve uma onda de aplausos.

Jimmie soltou a corda que segurava a viga.

Merthin permitiu-se um momento de triunfo. Dera certo.

Ele desceu a escada. Foi cumprimentado por muitos. Caris beijou-o. O padre Joffroi apertou sua mão.

- É uma maravilha - comentou o padre. - Nunca vi nada parecido.

- Ninguém jamais viu - declarou Merthin, orgulhoso. - Eu inventei. Vários outros homens se adiantaram para lhe dar os parabéns. Todos se mostravam satisfeitos por estarem entre os primeiros a testemunharem aquele fenômeno... com exceção de Elfric, que observava irritado do fundo da multidão. Merthin ignorou-o. Virou-se para o padre Joffroi.

- Nosso acordo foi de que me pagaria se desse certo.

- Com o maior prazer - disse Joffroi. - Devo oito shillings até agora. E quanto mais cedo eu tiver de pagar pela remoção das outras vigas e a reconstrução do telhado, mais feliz ficarei.

Ele abriu a bolsa presa em sua cintura e tirou algumas moedas, presas num saquinho de pano. Elfric interveio:

- Espere um momento! Todos olharam para ele.

- Não pode pagar a esse rapaz, padre Joffroi. Ele não é um carpinteiro qualificado.

Aquilo não podia acontecer, pensou Merthin. Fizera o trabalho... agora era tarde demais para negar o salário. Mas Elfric não se interessava por justiça.

- Não diga bobagem - respondeu Joffroi. - Ele fez o que nenhum outro carpinteiro da cidade podia fazer.

- Mesmo assim, ele não é da guilda.
- Eu queria entrar - disse Merthin. - Não quiseram me admitir.
- Era uma prerrogativa da guilda. Joffroi insistiu:
- Eu digo que é injusto... e tenho certeza de que muitas pessoas na cidade concordam comigo. Ele fez seis anos e meio de aprendizado, sem ganhar nada, a não ser comida e um lugar para dormir no chão da cozinha. Todos sabem que ele vem fazendo há anos o trabalho de um carpinteiro qualificado. Você não deveria tê-lo mandado embora sem as ferramentas a que ele tinha direito.

Houve um murmúrio de concordância dos homens ao redor de Elfric De um modo geral, achavam que Elfric fora longe demais.

- Com o devido respeito, essa é uma decisão que cabe à guilda - protestou Elfric.

- Está bem. -Joffroi cruzou os braços. - Diz que não devo pagar a Merthin... embora ele seja o único homem na cidade que é capaz de consertar o telhado de minha igreja sem fechá-la. Pois eu o desafio.

Ele entregou as moedas a Merthin e acrescentou:

- Agora pode levar o caso ao tribunal.
- O tribunal do priorado. - O rosto de Elfric contraiu-se em rancor. Quando um homem tem uma queixa contra um padre, é provável que tenha uma audiência justa num tribunal dirigido pelos monges?

Houve alguns comentários de aceitação na multidão. Todos conheciam casos em que o tribunal do priorado favorecera injustamente o clero. Mas Joffroi indagou:

- E um aprendiz poderia ter uma audiência justa numa guilda dirigida pelos mestres?

A multidão riu ao ouvir isso: as pessoas apreciavam os argumentos hábeis. Elfric parecia arrasado. Qualquer que fosse o tribunal, poderia ganhar uma disputa com Merthin, mas não poderia prevalecer com a mesma facilidade contra um padre. Ressentido, ele declarou:

- É um péssimo dia para a cidade quando os aprendizes podem desafiar seus mestres e contar com o apoio dos padres.

Mas ele compreendeu que perdera; por isso, virou as costas e foi embora. Merthin podia sentir o peso das moedas em sua mão: oito shillings, noventa e seis pennies de prata, dois quintos de uma libra. Sabia que deveria contá-las, mas estava feliz demais para se dar esse trabalho. Ganhara seu primeiro salário. Virou-se para Edmund.

- Este dinheiro é seu.

- Pague cinco shillings agora e o resto, mais tarde - respondeu Edmund, generoso. - Fique com algum dinheiro... você merece.

Merthin sorriu. Isso o deixaria com três shillings para gastar... mais dinheiro do que já tivera em toda a sua vida. Não sabia o que fazer com tanto dinheiro. Talvez comprasse uma galinha para a mãe.

Era meio-dia e a multidão começou a se dispersar, voltando para almoçar em casa. Merthin foi com Caris e Edmund. Sentia que seu futuro estava seguro. Provara que era um bom carpinteiro, e poucas pessoas hesitariam em contratá-lo agora, depois que o padre Joffroi abrira o precedente. Poderia ganhar a vida. Poderia ter sua própria casa.

Poderia casar.

Petranilla esperava-os. Enquanto Merthin contava os cinco shillings para Edmund, ela pôs na mesa um prato de aroma delicioso, peixe assado com erva. Em comemoração pelo triunfo de Merthin, Edmund serviu um vinho doce do Reno para todos. Mas Edmund não era um homem de perdurar por muito tempo no passado.

- Precisamos construir a nova ponte - disse ele, impaciente. - Cinco semana se passaram sem que nada fosse feito.

- Ouvi dizer que a saúde do conde está voltando rapidamente ao normal comentou Petranilla. - Assim, talvez os monges realizem a eleição em breve Devo perguntar a Godwyn... mas não o vejo desde ontem, quando Blind Carlus caiu durante o serviço.

- Eu gostaria de ter um projeto da ponte pronto - disse Edmund. - Neste caso, o trabalho poderia começar assim que o novo prior fosse eleito.

Merthin ficou alerta no mesmo instante.

- Em que está pensando?

- Sabemos que tem de ser uma ponte de pedra. Quero que seja bastante larga para duas carroças passarem ao mesmo tempo.

Merthin acenou com a cabeça.

- E deve ter rampas nos dois lados, para que as pessoas deixem a ponte em terreno seco, não numa praia lamacenta.

- Excelente idéia.

- Mas como se constroem paredes de pedra no meio de um rio? - perguntou Caris.

- Não tenho a menor idéia, mas deve ser possível - disse Edmund. Há muitas pontes de pedra.

- Já ouvi homens falarem sobre isso - comentou Merthin. - Você tem de construir uma estrutura especial chamada ensecadeira, a fim de manter a água fora da área em que está construindo. É muito simples, mas dizem que é preciso ter todo cuidado para garantir que seja mesmo à prova de água.

Godwyn entrou nesse instante, com uma expressão ansiosa. Não deveria fazer visitas sociais na cidade; em tese, só podia deixar o priorado numa missão específica. Merthin se perguntou o que teria acontecido.

- Carlus retirou sua candidatura da eleição para prior - anunciou ele.

- Boa notícia! - exclamou Edmund. - Tome um vinho conosco.

- Não comemore ainda - murmurou Godwyn.

- Por que não? Isso deixa Thomas como único candidato... e Thomas quer construir a nova ponte. Nosso problema está resolvido.

- Thomas não é mais o único candidato. O conde decidiu indicar Saul Whitehead.

- Hum... - Edmund ficou pensativo. - E isso é necessariamente ruim?

- É, sim. Muitos gostam de Saul, que tem sido um competente prior em St John-in-the-Forest. Se ele aceitar a indicação, é provável que receba os votos dos antigos partidários de Carlus... o que significa que pode vencer. Depois, como indicado do conde, além de primo, Saul pode seguir a orientação de seu patrocinador... e o conde pode se opor à construção da nova ponte, sob a alegação de que talvez desvie negócios do mercado de Shiring.

Edmund mostrou-se preocupado agora.

- Há alguma coisa que possamos fazer?

- Espero que sim. Alguém tem de ir a St. John para dar a notícia a Saul e trazê-lo para Kingsbridge. Eu me ofereci para esse serviço. E espero encontrar alguma maneira de persuadi-lo a recusar.

Petranilla interveio na conversa:

- Isso pode não resolver o problema.

Merthin passou a ouvi-la com toda a atenção; não gostava de Petranilla, mas sabia que era uma mulher esperta.

- O conde pode indicar outro candidato - acrescentou ela. - E qualquer indicado seu pode se opor à construção da ponte.

Godwyn acenou a cabeça em concordância.

- Por isso, presumindo que conseguirei evitar a candidatura de Saul, devemos providenciar para que a segunda opção do conde seja alguém que não tenha condições de ser eleito.

- Em quem está pensando? - perguntou a mãe.

- Frei Murdo.

- Excelente!

- Mas ele é horrível! - protestou Caris.

- Exatamente por isso - disse Godwyn. - Ele é ganancioso, bêbado, um agitador hipócrita metido a santo. Os monges nunca votariam nele. É por isso que devemos querer que seja o candidato do conde.

Godwyn era como a mãe, compreendeu Merthin, com um enorme talento para aquele tipo de conspiração.

- O que podemos fazer? - indagou Petranilla.

- Primeiro, temos de persuadir Murdo a apresentar sua candidatura.

- Não será difícil. Basta dizer a ele que tem uma chance. Ele adoraria ser o prior.

- Concordo. Mas eu não poderia fazer isso. Murdo desconfiaria no mesmo instante de meus motivos. Afinal, todo mundo sabe que estou apoiando Thomas.

- Falarei com ele - prometeu Petranilla. - Direi que você e eu temos opiniões diferentes, e que não quero Thomas como prior. Direi que o conde procura alguém para indicar e que Murdo pode ser o homem certo. Ele é popular na cidade, especialmente entre os pobres e ignorantes, que acalentam a ilusão de que Murdo é um deles. Tudo o que ele precisa, para conseguir a indicação, é deixar claro que está disposto a ser o peão do conde.

- Ótimo! - Godwyn levantou-se. - Tentarei estar presente quando Murdo conversar com o conde Roland.

Ele beijou o rosto da mãe e saiu. O peixe acabara. Merthin comeu o pão saboroso. Edmund ofereceu-lhe mais vinho, mas ele recusou: tinha medo de cair do telhado de St. Mark naquela tarde se bebesse demais. Petranilla foi para a cozinha e Edmund retirou-se para dormir um pouco. Merthin e Caris ficaram a sós.

Ele foi sentar ao lado de Caris e beijou-a.

- Estou muito orgulhosa de você - murmurou ela.

Ele ficou exultante. Também se orgulhava de si mesmo. Beijou-a de novo, desta vez um beijo longo e molhado, que o deixou com uma ereção.

Acariciou o seio por cima da roupa, espremendo o mamilo gentilmente, com as pontas dos dedos. Caris tocou em sua ereção e riu.

- Quer que eu o acaricie até o fim? - sussurrou ela.

Caris fazia isso às vezes, tarde da noite, depois que Edmund e Petranilla já estavam dormindo, e os dois ficavam a sós no andar térreo da casa. Mas agora estavam em plena luz do dia, e alguém poderia entrar a qualquer momento.

-Não!

- Posso fazer bem depressa. Ela apertou-o ainda mais.

- Eu me sinto embaraçado.

Merthin levantou-se e foi para o outro lado da mesa.

- Desculpe.

- Talvez não tenhamos de fazer isso por muito mais tempo.

- Fazer o quê?

- Ficar nos escondendo, preocupados com a possibilidade de alguém entrar de repente.

Ela assumiu uma expressão de magoada.

- Você não gosta?

- Claro que gosto! Mas seria muito melhor para nós se estivéssemos a sós. Posso ter uma casa, agora que estou ganhando dinheiro.

- Só recebeu pagamento uma vez.

- É verdade... mas você parece pessimista de repente. Eu disse alguma coisa errada?

- Não, mas... por que você quer mudar a maneira como as coisas são agora? Merthin ficou aturdido com a pergunta.

- Só quero ter mais da mesma coisa... em particular. Ela fitou-o com uma expressão de desafio.

- Estou feliz agora.

- Eu também... mas nada dura para sempre.

- Por que não?

Era como se ele estivesse explicando algo a uma criança.

- Porque nós não podemos passar o resto de nossas vidas vivendo com nossos pais e nos beijando furtivamente quando ninguém está olhando. Precisamos de um lar só nosso, viver como marido e mulher, dormir juntos todas as noites e ter sexo de verdade em vez de passar sufoco, precisamos formar uma família.

- Por quê?

- Não sei por quê - murmurou ele, exasperado. - É sempre assim, e não tentarei explicar mais nada, porque acho que você está determinada a não compreender... ou pelo menos a fingir que não compreende.
- Está bem.
- E, além do mais, tenho de voltar ao trabalho.
- Pode ir.

Era incompreensível. Merthin sentira-se frustrado, durante o último meio ano, por não poder casar com Caris. Presumira que ela sentia a mesma coisa. Agora, parecia que não era bem assim. Mais do que isso, Caris parecia ressentida com a suposição dele. Mas acreditava mesmo que poderiam continuar naquele relacionamento de adolescentes indefinidamente?

Ele fitou-a, tentando ler em seu rosto. Viu apenas uma sombria obstinação. Virou-se e passou pela porta.

Hesitou ao sair para a rua. Talvez devesse voltar e pedir a Caris para explicar o que estava pensando. Mas, ao recordar a expressão em seu rosto, concluiu que aquele não era o momento de tentar persuadi-la a fazer qualquer coisa. Por isso ele se afastou, seguindo para St. Mark, pensativo. Como um dia tão maravilhoso podia se tornar tão ruim?

22

Godwyn preparava a catedral de Kingsbridge para o grande casamento. Era preciso enfeitá-la o máximo possível. Além do conde de Monmouth e do conde de Shiring, também estariam presentes inúmeros barões e centenas de cavaleiros. Os blocos de pedra quebrados da pavimentação tinham de ser trocados, a alvenaria lascada devia ser reparada, as molduras deviam ser esculpidas de novo, as paredes caiadas, os pilares pintados, tudo limpo e impecável.

- E quero que os reparos no lado sul do coro sejam concluídos - disse Godwyn a Elfric, enquanto atravessavam a catedral.

- Não sei se é possível... '

- Tem de ser. Não podemos ter andaimes num lado do coro durante um casamento tão importante. - Ele viu Philemon acenar com urgência da porta do transepto sul. - Com licença.

- Não tenho os homens necessários! - gritou Elfric, enquanto ele se afastava.

- Neste caso, não deveria despedi-los com tanta pressa - comentou Godwyn, olhando para trás.

Philemon estava excitado.

- Frei Murdo pediu para falar com o conde!

- Isso é ótimo!

Petranilla falara com Murdo na noite passada, e naquela manhã Godwyn instruíra Philemon a ficar à espreita nas proximidades do hospital, pois esperava uma visita logo cedo.

Ele seguiu apressado para o hospital, com Philemon em sua esteira. Ficou aliviado ao descobrir que Murdo ainda esperava na sala grande do térreo. O gordo frade tentara melhorar sua aparência: lavara o rosto e as mãos, penteara os cabelos em torno da tonsura, e removera com uma esponja as manchas piores em seu hábito. Não parecia um padre, mas quase parecia com um monge.

Godwyn ignorou-o e subiu a escada. Encontrou o irmão de Merthin, Ralph, montando guarda no lado de fora do quarto do conde, com um de seus pajens.

Ralph era bonito, exceto pelo nariz quebrado, uma lesão recente. Os pajens estavam sempre fraturando ossos.

- Olá, Ralph - disse Godwyn, cordial. - O que aconteceu com seu nariz?
- Tive uma briga com um camponês desgraçado.
- Deveria ter consertado direito. Aquele frade já subiu?
- Já, sim. Pediram para ele esperar.
- Quem está com o conde?
- Lady Philippa e o secretário, padre Jerome.
- Pergunte se podem me receber.
- Lady Philippa disse que o conde não vai receber ninguém. Godwyn ofereceu um sorriso de homem para homem.
- Mas ela é apenas uma mulher.

Ralph também sorriu. Abriu a porta e estendeu a cabeça para dentro do quarto.

- Irmão Godwyn, o sacristão?

Houve uma pausa. Depois, lady Philippa saiu do quarto e fechou a porta.

- Eu disse que ele não receberia nenhum visitante! - declarou ela, irritada. O conde Roland não vem tendo todo o descanso de que precisa.

- Eu sei, milady, mas o irmão Godwyn não incomodaria o conde desnecessariamente - murmurou Ralph.

Alguma coisa no tom de voz de Ralph levou Godwyn a fitá-lo. Embora as palavras fossem corriqueiras, sua expressão era de adoração. Godwyn notou nesse momento como Philippa era sensual. Usava um vestido vermelho escuro, apertado na cintura. A lã fina adería aos seios e quadris. Parecia uma estátua representando a Tentação, pensou Godwyn; e desejou, mais uma vez, que pudesse haver algum meio de banir as mulheres do priorado. Já era bastante terrível que um pajem se apaixonasse por uma mulher casada, mas seria uma catástrofe se a mesma coisa acontecesse com um monge.

- Lamento a necessidade de incomodar o conde - disse Godwyn. - Mas há um frade lá embaixo esperando para vê-lo.

- Sei disso... Murdo. O assunto dele é urgente?

- Ao contrário. Mas preciso avisar o conde sobre o que esperar.

- Então já sabe o que o frade vai dizer?

- Creio que sim.

- Neste caso, acho que seria melhor se os dois falassem com o conde juntos.

- Mas...

Godwyn fingiu que reprimia um protesto. Philippa virou-se para Ralph.

- Diga ao frade para subir, por favor.

Ralph foi chamar Murdo. Philippa levou os dois religiosos para o quarto. O conde Roland estava estendido na cama, todo vestido, como antes, mas, desta vez, sentado. Tinha a cabeça enfaixada, apoiada em travesseiros de plumas.

- Mas o que é isso? - resmungou ele, com seu mau humor habitual. - Uma reunião do capítulo? O que vocês querem?

Ao fitá-lo diretamente pela primeira vez desde o desabamento da ponte, Godwyn ficou chocado ao constatar que todo o lado direito do rosto estava paralisado: a pálpebra pendente, a face que mal se mexia, a boca frouxa. O que tornava o fato ainda mais surpreendente era a animação do lado esquerdo.

Quando Roland falava, o lado da testa se franzia, o olho esquerdo se arregalava e parecia arder de autoridade, a voz saía veemente pelo canto da boca. O médico em Godwyn ficou fascinado. Sabia que lesões na cabeça podiam ter efeitos imprevisíveis, mas nunca ouvira falar daquela manifestação específica.

- Não fiquem me olhando com essa cara de espanto - disse o conde, impaciente. - Parecem um par de vacas olhando por cima de uma sebe. Expliquem logo o que querem.

Godwyn fez um esforço para se controlar. Tinha de ser muito cuidadoso nos próximos minutos. Sabia que Roland rejeitaria o pedido de Murdo de indicação para ser o novo prior. Mesmo assim, queria incutir na mente de Roland a idéia de Murdo como uma possível alternativa para Saul Whitehead. Portanto, o trabalho de Godwyn era fortalecer a candidatura de Murdo. Faria isso, paradoxalmente, ao levantar objeções a Murdo. Dessa maneira, demonstraria ao conde que Murdo não deveria lealdade aos monges... pois Roland queria um prior que servisse somente a ele. Mas, por outro lado, Godwyn não poderia protestar com muita veemência, pois não queria que o conde pensasse que Murdo seria um candidato sem qualquer possibilidade de ser eleito. Era sem dúvida um caminho difícil e tortuoso.

Murdo foi o primeiro a falar, em sua sonora voz de púlpito:

- Milorde, vim solicitar que me considere para o cargo de prior de Kingsbridge. Creio...

- Não tão alto, pelo amor de todos os santos! - protestou Roland. Murdo baixou a voz.

- Milorde, creio que... Roland interrompeu-o de novo:
- Por que você quer ser prior? Sempre pensei que um frade era um monge sem uma igreja... por definição.

Era um ponto de vista antiquado. Originalmente, os frades eram viajantes que não tinham qualquer propriedade. Mas agora algumas das ordens fraternais eram tão ricas quanto os monges tradicionais. Roland sabia disso, e apenas queria ser provocador. Murdo deu a resposta-padrão:

- Creio que Deus aceita ambas as formas de sacrifício.
- E agora está disposto a mudar de posição.
- Passei a pensar que os talentos que me foram concedidos poderiam ter uma utilidade melhor no priorado. Por isso, terei o maior prazer em adotar a regra de São Bento.
- Mas por que eu deveria considerá-lo?
- Também sou um padre ordenado.
- Não há escassez da espécie.
- E tenho adeptos em Kingsbridge e nos campos ao redor. Se permite que eu me gabe, devo ser o mais influente homem de Deus nesta área.

O padre Jerome falou pela primeira vez. Era um jovem confiante. Parecia inteligente, e Godwyn sentiu que devia ser ambicioso.

- É verdade. O frade é bastante popular.

Ele não era popular entre os monges, é claro... mas nem Roland nem Jerome sabiam disso, e Godwyn não tinha o menor interesse em esclarecê-los. Nem Murdo.

Ele inclinou a cabeça e disse, untuoso:

- Agradeço do fundo de meu coração, padre Jerome. Godwyn interveio:
- Ele é popular com a multidão ignorante.
- Como nosso Salvador - respondeu Murdo.
- Os monges devem levar uma vida de pobreza e abnegação - declarou Godwyn.
- As roupas do frade parecem bem pobres - comentou Roland. - Quanto à abnegação, tenho a impressão de que os monges de Kingsbridge comem melhor do que muitos camponeses.
- Frei Murdo tem sido visto bêbado nas tavernas! - protestou Godwyn.
- A regra de São Bento permite que os monges bebam vinho - ressaltou Murdo.
- Só se estão doentes ou trabalhando nos campos.
- Prego nos campos.

Murdo era um oponente formidável numa discussão, notou Godwyn. E ficou contente porque não tinha de ganhar aquela discussão. Virou-se para Roland.

- Tudo o que posso dizer aqui é que, como sacristão, o aconselho a não indicar Murdo para prior de Kingsbridge.

- Anotei sua posição - disse o conde, friamente.

Philippa lançou um olhar de ligeira surpresa para Godwyn. Ele compreendeu que cedera com muita facilidade. Só que Roland não percebera: não se preocupava com nuances. Mas Murdo ainda não acabara.

- O prior de Kingsbridge deve servir a Deus, é claro; mas em todas as coisas temporais deve ser orientado pelo rei e pelos condes e barões do rei. Era tão evidente e direto quanto era possível. Murdo poderia muito bem ter dito: "Serei seu homem." Era uma declaração afrontosa. Os monges ficariam horrorizados. Eliminaria qualquer apoio que pudesse surgir entre eles à candidatura de Murdo. Godwyn não fez qualquer comentário, mas Roland fitou-o com uma expressão inquisitiva.

- Tem alguma coisa a dizer sobre isso, sacristão?

- Tenho certeza de que o frade não quis dizer que o priorado de Kingsbridge deve se manter sujeito ao conde de Shiring em qualquer coisa, temporal ou não... não é mesmo, Murdo?

- Eu disse o que disse - respondeu Murdo, com sua voz de púlpito.

-Já chega - resmungou Roland, entediado agora com o jogo. - Estão desperdiçando seu tempo, vocês dois. Minha indicação é Saul Whitehead. Podem se retirar.

St.-John-in-the-Forest era uma versão em miniatura do priorado de Kingsbridge. A igreja era pequena, assim como o claustro e o dormitório construídos com pedras. Os outros prédios eram estruturas simples de madeira. Havia oito monges e nenhuma freira ali. Além das orações e meditações, eles cultivavam a maior parte de seus próprios alimentos; e fabricavam um queijo de leite de cabra que era famoso em todo o Sudoeste da Inglaterra.

Godwyn e Philemon viajavam há dois dias. Era o final da tarde quando a estrada surgiu da floresta e eles avistaram uma vasta área desmatada, com a igreja no meio. Godwyn compreendeu no mesmo instante que suas apreensões eram procedentes, que não eram exageradas as informações de que Saul Whitehead vinha fazendo um bom trabalho ali. Havia uma aparência de ordem e cuidado em tudo: as sebes aparadas, as valas

estreitas, as árvores plantadas a intervalos regulares no pomar, os cereais amadurecendo nos campos sem as ervas daninhas. Ele teve certeza de que os serviços eram realizados nas horas certas, com a reverência apropriada. Só lhe restava torcer para que a evidente aptidão de Saul para a liderança não o tivesse deixado ambicioso. Enquanto avançavam pelo caminho entre os campos, Philemon perguntou:

- Por que o conde está tão ansioso em fazer de seu sobrinho o novo prior de Kingsbridge?

- Pela mesma razão com que fez que seu filho mais jovem se tornasse bispo de Kingsbridge - respondeu Godwyn. - Bispos e priores são poderosos. O conde quer ter certeza de que todo e qualquer homem influente nesta região seja um aliado, não um inimigo.

- Sobre o que eles poderiam brigar?

Godwyn se interessou ao constatar que o jovem Philemon começava a ficar intrigado pelo jogo de xadrez que era a política do poder.

- Terras, tributos, direitos, privilégios... por exemplo, o prior pode querer construir uma nova ponte em Kingsbridge, a fim de atrair mais negócios para a Feira do Velocino; e o conde pode se opor a esse plano, porque desviaria negócios de sua feira em Shiring.

- Mas não entendo como o prior poderia lutar contra o conde. Um prior não tem soldados...

- Um sacerdote pode influenciar a massa do povo. Se fizer um sermão contra o conde, ou invocar todos os santos para trazer infortúnio ao conde, o povo começará a acreditar que o conde está amaldiçoado. Neste caso, as pessoas duvidarão de seu poder, desconfiarão de suas intenções, e pensarão que todos os seus projetos vão fracassar. Pode ser muito difícil para um nobre se opor a um clérigo realmente determinado. Lembre-se do que aconteceu com o rei Henry II depois do assassinato de Thomas Becket. Os dois entraram no pátio da fazenda e desmontaram. Os cavalos foram beber no cocho. A única pessoa por ali era um monge, com o hábito levantado, removendo a lama de um chiqueiro por trás do estábulo. Godwyn teve certeza de que era um jovem, porque só um jovem poderia fazer um trabalho como aquele. Chamou-o:

- Ei, rapaz, venha nos ajudar com os cavalos!

- Já vou!

O monge terminou de limpar o chiqueiro, com mais algumas passagens do ancinho. Largou a ferramenta, encostada na parede do estábulo, e se

encaminhou para os visitantes. Godwyn já da lhe dizer para se apressar quando reconheceu a franja loura de Saul.

Godwyn não podia deixar de desaprovar. Um prior não deveria limpar um chiqueiro. A humildade ostensiva era uma ostentação. Naquele caso, porém, a humildade de Saul poderia ser conveniente a seus propósitos. Ele ofereceu um sorriso cordial a Saul.

- Olá, irmão. Não tinha a intenção de dar ordens ao prior para desencilhar meu cavalo.

- Por que não? - indagou Saul. - Alguém tem de fazer isso, e você viajou durante o dia inteiro.

Saul levou os cavalos para o estábulo, avisando enquanto se afastava:

- Os irmãos estão nos campos, mas voltarão para a Véspera. - Ele saiu do estábulo pouco depois. - Vamos para a cozinha.

Os dois nunca haviam sido muito ligados. Godwyn não podia deixar de se sentir criticado pela devoção de Saul. Por sua vez, Saul nunca fora hostil, mas simplesmente fazia as coisas de maneira diferente, com uma suave determinação. Godwyn sempre tinha de tomar cuidado para não se irritar. Agora, já se sentia estressado.

Godwyn e Philemon seguiram Saul através do pátio e entraram num prédio de um só andar, com um teto alto. Embora fosse de madeira, tinha uma lareira de pedra e uma chaminé. Sentaram num banco tosco, a uma mesa lixada. Saul encheu duas canecas com a cerveja de um barril grande.

Sentou-se na frente dos dois. Philemon bebeu sôfrego, mas Godwyn apenas tomou um gole. Saul não ofereceu comida, e Godwyn calculou que não seria servida antes da Véspera. De qualquer forma, sentia-se tenso demais para comer.

Aquele era outro momento delicado, refletiu ele, ansioso. Tivera de protestar contra a indicação de Murdo de uma maneira que não dissuadissem o conde. Agora, precisava convidar Saul de um jeito que ele não pudesse aceitar. Sabia o que da dizer, mas tinha de dizer do modo certo. Se desse um passo em falso, Saul se tornaria desconfiado, e depois qualquer coisa poderia acontecer.

Saul não lhe deu tempo para mais preocupação.

- O que o trouxe até aqui, irmão?

- O conde Roland se recuperou.

- Agradeço a Deus.

- Isso significa que podemos realizar a eleição para prior.

- Melhor assim. Não devemos passar mais tempo sem um prior.
- Mas quem deveria ser o novo prior? Saul evitou uma resposta direta.
- Já foram apresentados nomes?
- Irmão Thomas, o matriculário.
- Ele seria um bom administrador. Mais ninguém? Godwyn disse uma meia verdade:
- Não formalmente.
- O que me diz de Carlus? Quando estive em Kingsbridge, para o funeral do prior Anthony, o vice-prior era o principal candidato.
- Ele acha que não é capaz de exercer o cargo.
- Por causa da cegueira?
- Talvez.

Saul não sabia da queda de Carlus durante o serviço na data de aniversário de nascimento de St. Adolphus.

- De qualquer forma, irmão Carlus pensou e orou muito antes de tomar sua decisão.

- O conde não fez uma indicação?
- Ele tem pensado a respeito. - Godwyn hesitou. - É por isso que estamos aqui. O conde está... considerando a possibilidade de indicá-lo.

Não era de fato uma mentira, pensou Godwyn, apenas uma ênfase... enganadora.

- Sinto-me honrado. Godwyn estudou-o.
- Mas não de todo surpreso... talvez? Saul corou.
- Perdoe-me. O grande Philip estava no comando aqui em St. John, antes de se tornar o prior em Kingsbridge. Outros seguiram o mesmo caminho. Isso não significa que eu seja tão digno quanto eles, é claro. Mas confesso que o pensamento me passou pela cabeça.

- Não é motivo para se envergonhar. Como se sentiria se fosse indicado?
- Como eu me sentiria? - Saul parecia aturdido. - Por que pergunta isso? Se assim desejar, o conde me indicará; e se meus irmãos me quiserem, votarão em mim. Considerarei que fui chamado por Deus. Não faz diferença como me sinto.

Não era essa a resposta que Godwyn queria. Precisava que Saul tomasse uma decisão pessoal. Falar na vontade de Deus era contraproducente.

- Não é tão simples assim. Você não precisa aceitar a indicação. Foi por isso que o conde me mandou até aqui.
- Não é típico de Roland perguntar quando pode ordenar.

Godwyn quase estremeceu. E disse a si mesmo que não podia esquecer como Saul era astuto. Ele se apressou em recuar.

- Tem toda razão. Mas se você acha que pode recusar, ele precisa saber o mais depressa possível, para poder indicar outro.

O que devia ser verdade, embora Roland não tivesse dito expressamente.

- Não sabia que era assim que se fazia.

E não era mesmo, pensou Godwyn. Mas disse:

- Na última vez, quando o prior Anthony foi eleito, nós dois éramos noviços. Não sabíamos o que acontecia.

- É verdade.

- Acha que tem a capacidade de cumprir as funções de prior de Kingsbridge?

- Claro que não. -Ahn...

Godwyn simulou desapontamento, embora estivesse contando com a humildade de Saul para dar aquela resposta. -Mas...

- O quê?

- Com a ajuda de Deus, quem sabe o que se pode fazer?

- É a pura verdade.

Godwyn disfarçou sua contrariedade. A resposta humilde fora apenas uma formalidade. A verdade era que Saul achava que estaria à altura do cargo.

- Claro que deve refletir e orar a respeito esta noite.

- Tenho certeza de que não pensarei em outra coisa. Eles ouviram vozes distantes. Saul acrescentou:

- Os irmãos estão voltando do trabalho.

- Podemos conversar de novo pela manhã - sugeriu Godwyn. - Se decidir ser candidato, deve voltar para Kingsbridge conosco.

- Está bem.

Havia um sério risco de Saul aceitar, receou Godwyn. Mas tinha mais uma flecha para disparar.

- Há mais uma coisa em que deve pensar nas suas orações. Um nobre nunca oferece um presente de graça.

Saul mostrou-se preocupado.

- Como assim?

- Os condes e barões distribuem títulos, terras, cargos, monopólios... mas essas coisas sempre têm um preço.

- E neste caso?

- Se você for eleito, Roland esperará recompensas. É um primo, de qualquer forma; e deverá sua posição a ele. Roland vai contar que será sua voz no capítulo, providenciando para que as ações do priorado não interfiram em seus interesses.
- Ele fará com que isso seja uma condição expressa para a indicação?
- Expressa? Não. Mas quando você voltar comigo para Kingsbridge, ele vai interrogá-lo, e as perguntas servirão para que revele suas intenções. Se insistir que será um prior independente, sem demonstrar qualquer favor especial com o primo e patrocinador, ele indicará outro.
- Eu não tinha pensado nisso.
- Claro que você sempre pode dar as respostas que ele quer ouvir e mudar de idéia depois da eleição.
- Mas isso seria desonesto.
- Alguém pensaria que sim.
- Deus pensaria que sim.
- É mais uma coisa sobre a qual você pode rezar esta noite.

Um bando de jovens monges entrou na cozinha, enlameados dos campos, falando em voz alta. Saul levantou-se para servir cerveja a todos, mas a expressão preocupada permaneceu em seu rosto. E ali continuava quando foram todos para a pequena igreja, com a cena do Juízo Final pintada na parede por trás do altar. E ainda persistia quando foi servida a última refeição do dia, e a fome de Godwyn foi aliviada pelo queijo delicioso que os monges faziam.

Godwyn permaneceu acordado até tarde naquela noite, embora sentisse o corpo todo dolorido de dois dias a cavalo. Confrontara Saul com um dilema ético. A maioria dos monges se mostraria disposta a encobrir sua posição durante a conversa com Roland, e diria palavras que prometeriam um grau de subserviência ao conde muito maior do que era tencionado. Mas não era o caso de Saul. Ele era impulsionado por imperativos morais. Encontraria uma saída para o dilema e aceitaria a indicação? Godwyn não imaginava que ele fosse capaz.

Saul ainda exibia a expressão preocupada quando os monges se levantaram, à primeira claridade do amanhecer, para o serviço de Laudes. Depois da primeira refeição do dia, ele disse a Godwyn que não poderia aceitar a indicação.

Godwyn não conseguia se acostumar ao rosto do conde Roland. Era a coisa mais estranha de se ver. O conde usava agora um chapéu para esconder as

bandagens na cabeça; mas o chapéu, ao mesmo tempo em que tornava sua aparência mais normal, também enfatizava a paralisia do lado direito do rosto. Ainda por cima, Roland parecia mais irritado do que o habitual, e Godwyn calculou que ele sofria de intensas dores de cabeça.

- Onde está meu primo Saul? - perguntou ele, assim que Godwyn entrou no quarto.

- Ainda em St. John, milorde. Transmiti sua mensagem...

- Mensagem? Era uma ordem!

Lady Philippa, de pé ao lado da cama, murmurou:

- Não fique nervoso, milorde... sabe como passa mal com isso.

- O irmão Saul disse apenas que não pode aceitar a indicação - explicou Godwyn.

- Por que não?

- Ele pensou e rezou...

- Claro que rezou! É isso que os monges fazem! Que razão ele deu para me desafiar?

- Ele não se sente capaz de assumir um cargo tão desafiador.

- Que besteira! Onde está o desafio? Ele não foi chamado para comandar mil cavaleiros em batalha... apenas para fazer com que alguns monges cantem seus hinos nas horas certas.

Porque isso era um absurdo, Godwyn limitou-se a baixar a cabeça sem dizer nada. O tom do conde mudou de repente.

- Acabo de me lembrar quem você é. O filho de Petranilla, não é mesmo?

- Isso mesmo, milorde.

Aquela Petranilla que você rejeitou, pensou Godwyn.

- Ela era astuta, e aposto que você também é. Como posso saber que não persuadiu Saul a recusar? Quer que Thomas Langley seja o prior, não é mesmo?

Meu plano é muito mais insidioso do que isso, seu idiota, pensou Godwyn.

- Saul me perguntou o que milorde poderia querer em troca de sua indicação.

- Ah, agora chegamos ao que interessa. O que você disse a ele?

- Que milorde esperaria que ele escutasse quem era seu primo, seu patrocinador e seu conde.

- E ele era teimoso demais para aceitar isso, eu suponho. Muito bem. Indicarei aquele frade gordo. Agora, suma da minha vista!

Godwyn fez um esforço para ocultar sua exultação ao sair do quarto. O penúltimo estágio de seu plano funcionara com perfeição. O conde Roland nem desconfiara de que fora envolvido para indicar o candidato de menor possibilidade que Godwyn podia imaginar.

Agora, a etapa final.

Ele deixou o hospital e foi para o claustro. Era a hora do estudo, antes do serviço de meio-dia, a Sexta. Quase todos os monges estavam lendo ou meditando. Godwyn avistou Theodoric, seu jovem aliado, e chamou-o com um movimento brusco da cabeça. Em voz baixa, ele informou:

- O conde Roland indicou frei Murdo como seu candidato a prior. Theodoric, aturdido, reagiu em voz alta:

- O quê?

- Fale baixo.

- E inadmissível!

- Claro que é.

- Ninguém votará nele.

- É por isso que estou satisfeito.

A compreensão aflorou no rosto de Theodoric.

- Ahn... já entendi. Isso é ótimo para nós.

Godwyn especulou por que tinha sempre de explicar aquelas coisas, até mesmo para homens inteligentes. Ninguém via abaixo da superfície, exceto ele e sua mãe.

- Conte a todo mundo... discretamente. Não há necessidade de demonstrar sua indignação. Todos ficarão furiosos, sem necessidade de qualquer estímulo.

- Devo dizer que isso é bom para Thomas?

- Claro que não.

- Está bem - murmurou Theodoric. - Eu compreendo.

Era evidente que ele não entendia, mas Godwyn sentiu que podia confiar no cumprimento de suas instruções. Saiu dali para procurar Philemon. Encontrou-o varrendo o refeitório.

- Sabe onde está Murdo?

- Provavelmente na cozinha.

- Peça a ele para se encontrar com você na casa do prior, quando todos os monges estiverem na catedral para a Sexta. Não quero que ninguém o veja com ele ali.

- Certo. O que digo a ele?

- Em primeiro lugar, diga o seguinte: "Irmão Murdo, ninguém deve saber que eu lhe disse isso." Entendido?

- Ninguém deve saber que eu lhe disse isso. Certo.

- Depois, mostre o cartulário que encontramos. Lembre onde está... no quarto, ao lado do prie-dieu, há uma arca com uma bolsa de couro castanho avermelhado dentro.

- Isso é tudo?

- Diga que a terra que Thomas trouxe para o priorado pertencia originalmente à rainha Isabella e que esse fato foi mantido em segredo por dez anos.

Philemon parecia perplexo.

- Mas não sabemos o que Thomas está tentando esconder.

- Não, não sabemos. Mas há sempre uma razão para manter alguma coisa em segredo.

- Acha que Murdo tentará usar essa informação contra Thomas?

- Claro.

- O que Murdo fará?

- Não sei. Mas tenho certeza de que será ruim para Thomas. Philemon franziu o rosto.

- Pensei que deveríamos ajudar Thomas. Godwyn sorriu.

- É o que todo mundo pensa.

O sino repicou nesse instante para a Sexta.

Philemon partiu à procura de Murdo, e Godwyn juntou-se ao resto dos monges na catedral. Em uníssono com os outros, ele entoou:

- O Deus, venha em meu socorro!

Nessa ocasião, ele rezou com um fervor excepcional. Apesar da confiança que demonstrara a Philemon, sabia que estava jogando. Apostara tudo no segredo de Thomas, mas não sabia qual seria a carta quando a virasse.

Contudo, era evidente que conseguira atizar os monges. Estavam inquietos e faladores. Carlus teve de pedir silêncio duas vezes, durante os salmos. Todos detestavam os frades em geral, por assumirem uma atitude de superioridade moral na questão dos bens terrenos, ao mesmo tempo em que viviam à custa daqueles que condenavam. E detestavam Murdo em particular por ser pomposo, ganancioso e bêbado. Prefeririam qualquer outro a ele.

Ao deixarem a catedral, depois do serviço, Simeon disse para Godwyn:

- Não podemos aceitar o frade.

- Concordo.

- Carlus e eu não apresentaremos outro nome. Se os monges estiverem divididos, o conde poderá apresentar seu candidato como um meio-termo. Devemos esquecer nossas divergências e nos concentrar em torno de Thomas. Se mostrarmos ao mundo uma frente unida, será difícil para o conde se opor a nós.

Godwyn parou e virou-se para fitá-lo.

- Obrigado, irmão - murmurou ele, com um esforço para parecer humilde e ocultar a exultação que sentia.

- Estamos fazendo isso pelo bem do priorado.

- Eu sei. Mas agradeço sua generosidade de espírito. Simeon acenou com a cabeça e afastou-se. Godwyn já podia farejar a vitória.

Os monges entraram no refeitório para o almoço. Murdo apareceu. Podia perder os serviços, mas não as refeições. Todos os mosteiros tinham uma regra geral, a de que qualquer monge ou frade era bem recebido à mesa... embora poucas pessoas explorassem a prática com tanta assiduidade quanto Murdo. Godwyn estudou o rosto dele. O frade parecia excitado, como se tivesse uma notícia que estava ansioso em partilhar. Mas ele se conteve enquanto a refeição era servida. Permaneceu em silêncio enquanto comia, escutando a leitura de um noviço.

O trecho escolhido era a história de Susana e os Anciãos. Godwyn desaprovava: a história era sensual demais para ser lida em voz alta numa comunidade celibatária. Mas hoje nem mesmo as tentativas dos dois velhos lascivos de chantagear uma mulher para fazer sexo com eles conseguiram atrair a atenção dos monges. Sussurravam sem parar, lançando rápidos olhares para Murdo.

Quando acabaram de comer, depois que o profeta Daniel salvara Susana da execução, ao interrogar os anciãos em separado e demonstrar que suas histórias eram contraditórias, os monges se prepararam para deixar o refeitório. Foi nesse momento que Murdo se dirigiu a Thomas:

- Quando veio para cá, irmão Thomas, tinha um ferimento de espada, se não me engano.

Ele falou bastante alto para que todos ouvissem. Os monges pararam e prestaram atenção. Thomas fitou-o, impassível.

- Isso mesmo.

- O ferimento acabou causando a perda de seu braço esquerdo. Sofreu esse ferimento a serviço da rainha Isabella?

Thomas empalideceu.

- Sou um monge em Kingsbridge há dez anos. Minha vida anterior está esquecida.

Murdo continuou, imperturbável:

- Perguntei por causa da propriedade que trouxe para o priorado quando ingressou. Uma pequena aldeia muito produtiva em Norfolk. Quinhentos acres. Perto de Lynn... onde a rainha vive.

Godwyn interveio, simulando indignação:

- O que um forasteiro sabe de nossas propriedades?

- Eu li o capitulário - respondeu Murdo. - Essas coisas não são secretas. Godwyn olhou para Carlus e Simeon, sentados lado a lado. Os dois pareciam surpresos. Como vice-prior e tesoureiro, eles já sabiam. Deviam estar especulando como Murdo tomara conhecimento do documento. Simeon abriu a boca para falar, mas Murdo acrescentou, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa:

- Ou pelo menos não deveriam ser secretas.

Simeon fechou a boca. Se quisesse saber como Murdo descobrira, ouviria perguntas sobre o motivo pelo qual mantivera a questão em segredo. Murdo continuou:

- E a fazenda em Lynn foi doada... - Ele fez uma pausa, para aumentar o efeito dramático. - ... pela rainha Isabella!

Godwyn olhou ao redor. Havia consternação entre os monges, com exceção de Carlus e Simeon, que se mantinham impassíveis. Frei Murdo inclinou-se por cima da mesa. Fragmentos verdes do ensopado ainda aderiam a seus dentes.

- Pergunto de novo - disse ele, agressivo. - Sofreu o ferimento a serviço da rainha Isabella?

- Todos sabem o que eu fazia antes de me tornar monge - respondeu Thomas.

- Era um cavaleiro. Participei de batalhas, matei homens. Confessei e recebi a absolvição.

- Um monge pode deixar seu passado para trás... mas o prior de Kingsbridge carrega um fardo mais pesado. Podem lhe perguntar quem ele matou e por que... e, ainda mais importante, que recompensa recebeu.

Thomas ficou olhando para Murdo, sem dizer nada. Godwyn tentou ler o rosto de Thomas. Estava contraído e fixo numa expressão de alguma forte emoção... mas qual? Não havia sinal de culpa, nem mesmo de embaraço:

qualquer que fosse o segredo, Thomas não achava que fizera uma coisa vergonhosa. A expressão também não era de raiva. O tom desdenhoso de Murdo poderia provocar muitos homens à violência, mas Thomas não dava a impressão de que reagiria com veemência. Parecia estar sentindo algo diferente, mais frio do que embaraço, mais controlado do que a raiva. Era medo, Godwyn finalmente compreendeu. Thomas tinha medo. De Murdo? Não era provável. Ele temia o que poderia acontecer por causa de Murdo, a consequência da descoberta do segredo. E Murdo continuou, como um cachorro que não quer largar o osso:

- Se não responder à pergunta aqui, nesta sala, outra pessoa tornará a fazê-la, em outro lugar.

Os cálculos de Godwyn previam que Thomas desistiria a essa altura. Mas não havia certeza. Thomas era duro. Durante dez anos demonstrara que era discreto, paciente e flexível. Quando abordado por Godwyn para ser candidato, ele devia ter chegado à conclusão de que o passado poderia ser enterrado. Mas compreendia agora que se enganara. Como reagiria a essa constatação? Perceberia o erro e recuaria? Ou rangeria os dentes e seguiria em frente? Godwyn mordeu o lábio e esperou. Depois de um longo momento, Thomas finalmente falou:

- Creio que você pode estar certo sobre o fato de outras pessoas fazerem a pergunta. Ou pelo menos creio que você fará tudo o que estiver ao seu alcance, por menos fraternal e mais perigoso que possa ser, para que sua previsão seja confirmada.

- Não sei se está insinuando...

- Não diga mais nada!

Thomas levantou-se abruptamente. Murdo encolheu-se. A altura e o porte militar de Thomas, combinados ao aumento na estridência de sua voz, alcançaram o resultado raro de silenciar o frade.

- Nunca respondi a perguntas sobre meu passado. - A voz de Thomas era baixa e contida de novo, e todos os monges ficaram imóveis e silenciosos, esforçando-se para ouvirem. - E jamais responderei.

Ele fez uma pausa. Apontou para Murdo.

- Mas esse... verme... me fez compreender que as perguntas nunca cessarão se eu me tornar o prior. Um monge pode guardar seu passado para si mesmo, mas um prior é diferente. Compreendo isso agora. Um prior pode ter inimigos, e qualquer mistério é uma fraqueza. E a instituição fica ameaçada pela vulnerabilidade do líder. Meu cérebro deveria ter me

levado ao ponto a que a maldade de frei Murdo o conduziu... à conclusão de que um homem que não quer responder a perguntas sobre seu passado não pode ser um prior. Portanto...

O jovem Theodoric protestou: -Não!

- Portanto, retiro agora minha candidatura na próxima eleição.

Godwyn deixou escapar um longo suspiro de satisfação. Alcançara seu objetivo.

Thomas sentou; Murdo assumiu uma expressão presunçosa; e todos os outros tentavam falar ao mesmo tempo.

Carlus bateu com a mão na mesa. Um a um, todos se calaram. Ele disse:

- Frei Murdo, como não tem direito a votar na eleição, devo pedir que se retire agora.

Murdo deixou o refeitório sem qualquer pressa, triunfante. Assim que ele saiu, Carlus declarou:

- Isso é uma catástrofe... Murdo como o único candidato!

- Não podemos permitir que Thomas retire sua candidatura - disse Theodoric

- Mas ele já retirou!

- Deve haver outro candidato - interveio Simeon.

- Isso mesmo - disse Carlus. - E proponho Simeon.

- Não! - exclamou Theodoric.

- Deixem-me falar - pediu Simeon. - Devemos escolher o único entre nós que unirá todos os irmãos, quase com certeza, contra Murdo. E não sou eu. Não tenho o apoio necessário entre os jovens. Creio que todos sabemos quem receberia mais apoio de todos os setores.

Ele virou-se e olhou para Godwyn.

- Isso mesmo! - gritou Theodoric. - Godwyn!

Os monges mais jovens aclamaram, enquanto os mais velhos se mostravam resignados. Godwyn balançou a cabeça, como se relutasse até mesmo em responder. Os monges começaram a bater nas mesas e entoar seu nome:

- God-wyn! God-wyn!

Finalmente ele se levantou. O coração transbordava de exultação, mas conseguiu manter o rosto impassível. Ergueu os braços, pedindo silêncio. E, quando todos se calaram, Godwyn disse, em voz baixa e modesta:

- Obedecerei à vontade de meus irmãos. A sala explodiu em aclamações.

23

Godwyn adiou a eleição. O conde Roland ficaria furioso com o resultado, e Godwyn queria lhe deixar tão pouco tempo quanto possível para combater a decisão antes do casamento.

A verdade é que Godwyn sentia-se assustado. Estava prestes a enfrentar um dos homens mais poderosos do reino. Havia apenas treze condes. Junto com cerca de quarenta barões, numa posição um pouco abaixo, vinte e um bispos, e alguns outros, controlavam a Inglaterra. Quando o rei convocava o Parlamento, eles eram os lordes, o grupo aristocrático, em contraste com a Câmara dos Comuns, que era formada por cavaleiros, os homens da gentry a classe logo abaixo da nobreza, e os mercadores. O conde de Shiring era um dos homens mais proeminentes e poderosos de sua classe. E, no entanto, o irmão Godwyn, filho da viúva Petranilla, que não se elevara além da posição de sacristão do priorado de Kingsbridge, estava em conflito com o conde... e, o que era ainda mais perigoso, vinha ganhando a disputa.

Por isso, ele hesitava... mas, seis dias antes do casamento, Roland bateu o pé e decidiu:

- Amanhã!

Os convidados para as núpcias já haviam começado a chegar. O conde de Monmouth instalara-se no hospital, usando o quarto particular ao lado do quarto de Roland. Lorde William e lady Philippa tiveram de se mudar para a Bell Inn. O bispo Richard partilhava a casa do prior com Carlus. Os barões e cavaleiros lotavam as tavernas, junto com suas esposas e filhos, pajens, servidores e cavalos. A cidade desfrutava de um enorme fluxo de gastos, o que era muito necessário depois dos lucros escassos da Feira do Velocino, prejudicada pelas chuvas.

Na manhã da eleição, Godwyn e Simeon foram ao tesouro, uma pequena sala sem janelas, com uma pesada porta de carvalho, junto da biblioteca. Os ornamentos preciosos usados para os serviços especiais estavam ali, trancados numa arca reforçada com ferro. Simeon, como tesoureiro, guardava as chaves.

O resultado da eleição era inevitável, ou pelo menos todos pensavam assim, com exceção do conde Roland. Ninguém desconfiava da atuação secreta de Godwyn. Ele sofrera um momento de tensão, quando Thomas

especulara em voz alta como frei Murdo tomara conhecimento do capitulário da rainha Isabella.

- Ele não pode ter descoberto por acaso... nunca foi visto lendo qualquer coisa na biblioteca, e de qualquer forma esse documento não estava guardado junto com os outros - comentara Thomas com Godwyn. - Alguém deve tê-lo avisado. Mas quem? Só Carlus e Simeon sabiam disso. E por que eles revelariam o segredo? Não queriam ajudar Murdo.

Godwyn não dissera nada e Thomas permanecera aturdido.

Agora, Godwyn e Simeon arrastaram a arca de tesouro para a claridade da biblioteca. As jóias da catedral estavam envoltas por um pano azul e por camadas protetoras de couro. Enquanto verificavam as peças, Simeon desembrulhou algumas, admirando-as e se certificando de que estavam intactas. Havia uma placa de marfim com alguns centímetros de largura, esculpida com uma delicadeza excepcional. Mostrava a crucificação de St. Adolphus, quando ele pedira a Deus que concedesse boa saúde e vida longa a todos aqueles que venerassem sua memória. Havia numerosos castiçais e crucifixos de ouro ou prata, muitos cravejados com pedras preciosas. A luz forte que entrava pelas janelas da biblioteca, as pedras preciosas e o ouro faiscavam. Aquelas coisas haviam sido doadas ao priorado, ao longo dos séculos, por fiéis devotos. O valor combinado era impressionante: havia mais riqueza ali do que a maioria das pessoas já vira no mesmo lugar.

Godwyn fora pegar um báculo cerimonial, ou cajado de pastor, feito de madeira revestida de ouro, com um cabo coberto de pedras preciosas. O ritual determinava que fosse entregue ao novo prior no final do processo de eleição. O cajado estava no fundo da arca, pois não era usado havia treze anos. No momento em que Godwyn o pegou, Simeon deixou escapar uma exclamação de espanto.

Godwyn levantou os olhos, abruptamente. Simeon segurava um enorme crucifixo, com um suporte, para ser posto no altar.

- Qual é o problema? - perguntou Godwyn.

Simeon virou o crucifixo, mostrando uma depressão logo abaixo do cruzamento. Godwyn percebeu no mesmo instante que faltava um rubi ali.

- Deve ter caído - sugeriu ele.

Ele correu os olhos pela biblioteca: os dois estavam a sós. Ficaram preocupados. Como tesoureiro e sacristão, partilhavam a responsabilidade. Seriam culpados por qualquer perda.

Juntos, examinaram todas as peças na arca. Desembrulharam uma a uma, sacudiram os panos azuis, verificaram nos invólucros de couro. Frenéticos, procuraram na arca vazia e no chão ao redor. Não encontraram o rubi.

- Quando o crucifixo foi usado pela última vez? - indagou Simeon.

- Na festa de St. Adolphus, quando Carlus caiu. Ele derrubou-o da mesa.

- Talvez o rubi tenha caído nesse momento. Mas como é possível que ninguém notasse?

- A pedra estava atrás da cruz. Mas alguém deve ter visto no chão, não é mesmo?

- Quem pegou o crucifixo?

- Não me lembro - respondeu Godwyn. - A situação era muito confusa. Na verdade, ele se lembrava muito bem.

Fora Philemon.

Godwyn podia imaginar a cena. Philemon e Otho, juntos, endireitavam o altar, ajeitando-o em cima da plataforma. Depois, Otho pegara os castiçais, enquanto Philemon apanhava o crucifixo.

Com um crescente sentimento de consternação, Godwyn recordou o desaparecimento da pulseira de lady Philippa. Philemon roubara de novo? Todos sabiam que Philemon era um acólito informal de Godwyn. Um pecado tão terrível - roubar uma pedra preciosa de um ornamento sagrado - traria vergonha para todas as pessoas associadas ao culpado. E poderia afetar a eleição.

Era evidente que Simeon não se lembrava direito da cena, e aceitava sem questionar a simulada incapacidade de Godwyn de recordar quem pegara o crucifixo. Mas outros monges, com toda certeza, lembrariam de ter visto o crucifixo nas mãos de Philemon. Godwyn precisava dar um jeito o mais depressa possível, antes que as suspeitas recaíssem em Philemon. Mas primeiro tinha de tirar Simeon do caminho.

- Devemos procurar o rubi na catedral - declarou Simeon.

- Mas o serviço foi há duas semanas - protestou Godwyn. - Um rubi não poderia ficar despercebido no chão durante todo esse tempo.

- É improvável, mas mesmo assim devemos verificar.

Godwyn compreendeu que teria de acompanhar Simeon, e aguardar uma oportunidade de se afastar para procurar Philemon.

- Está certo.

Eles tornaram a guardar os ornamentos na arca, que foi trancada na sala do tesouro. Ao deixarem a biblioteca, Godwyn murmurou:

- Sugiro que não contemos a ninguém o que aconteceu até termos certeza de que o rubi desapareceu mesmo. Não há sentido em atrair a culpa para nossas cabeças prematuramente.

- Concordo.

Os dois atravessaram o claustro apressados e entraram na catedral. Pararam no centro do transepto e esquadrinharam o chão ao redor. Um mês antes, a idéia de que um rubi poderia estar escondido em algum lugar do chão da catedral seria plausível; mas recentemente as lajes de pedra haviam sido consertadas e não havia mais frestas e rachaduras. Um rubi se sobressairia.

- Estou me lembrando agora... não foi Philemon quem pegou o crucifixo? indagou Simeon.

Godwyn estudou o rosto do tesoureiro. Havia uma acusação em sua expressão? Ele não tinha certeza.

- Pode ter sido Philemon. - Godwyn percebeu a chance de se esquivar naquele momento. - Vou chamá-lo. Talvez ele se lembre onde exatamente estava parado na ocasião.

- Boa idéia. Esperarei aqui.

Simeon ajoelhou-se e começou a roçar as mãos pelo chão, como se fosse mais fácil encontrar o rubi pelo tato do que pela visão.

Godwyn retirou-se apressado. Foi primeiro até o dormitório. O armário com as mantas continuava no mesmo lugar. Ele afastou-o da parede, encontrou a pedra solta, e removeu-a. Enfiou a mão pelo buraco em que Philemon escondera a pulseira de lady Philippa.

Nada encontrou ali.

Soltou uma imprecação. Não seria tão fácil quanto esperava.

Terei de afastar Philemon daqui, pensou ele, enquanto circulava pelos prédios do priorado à sua procura. Se Philemon roubara aquele rubi, não poderia mais encobri-lo. Ele teria de ir embora.

Mas depois ele compreendeu, com um choque de consternação, que não poderia dispensar Philemon... não agora, talvez nunca mais. Fora Philemon quem falara com frei Murdo sobre o capitulário da rainha Isabella. Se o dispensasse, Philemon poderia confessar o que fizera, e revelar que agira por instrução de Godwyn. E muitos acreditariam nele. Godwyn recordou a perplexidade de Thomas sobre quem contara o segredo a Murdo... e por quê. A revelação de Philemon teria credibilidade por responder a essa pergunta.

Haveria um clamor pela manobra escusa. Mesmo que a revelação só ocorresse depois da eleição, afetaria a autoridade de Godwyn e reduziria sua capacidade de liderar os monges. E ocorreu-lhe a verdade sinistra: agora teria de proteger Philemon para proteger a si mesmo.

Encontrou Philemon varrendo o hospital. Fez sinal para que ele saísse e levou-o para os fundos, onde era improvável que alguém pudesse vê-los. Fitou Philemon nos olhos e disse:

- Há um rubi desaparecido. i Philemon desviou os olhos.

- Que coisa terrível!

- É do crucifixo do altar que foi jogado no chão quando Carlus caiu. Philemon simulou inocência.

- Como pode ter desaparecido?

- O rubi pode ter se soltado quando o crucifixo bateu no chão. Mas não está no chão agora... acabei de procurar. Alguém o encontrou... e guardou.

- Não é possível.

Godwyn ficou irritado com a falsa aparência de inocência de Philemon.

- Seu idiota! Todos viram quando pegou o crucifixo! - A voz de Philemon elevou-se para um tom estridente.

- Não sei de nada a respeito!

- Não perca seu tempo mentindo para mim! Temos de dar um jeito na situação. Posso perder a eleição por sua causa. - Godwyn empurrou Philemon contra a parede da padaria. - Onde está?

Para seu espanto, Philemon começou a chorar.

- Pelo amor de todos os santos! - exclamou Godwyn, enojado. - Pare com esse absurdo... você é um adulto!

Philemon continuou a soluçar.

- Desculpe... desculpe...

- Se não parar com isso... - Godwyn se conteve. Nada ganharia se repreendesse Philemon. O homem era mesmo patético. Em tom mais gentil, ele acrescentou: - Tente se controlar. Onde está o rubi?

- Escondi.

- Sei disso...

- Na chaminé do refeitório.

Godwyn virou-se no mesmo instante e se encaminhou para o refeitório.

- Que a Santa Mãe nos salve! Pode ter caído no fogo! Philemon seguiu-o, as lágrimas começando a secar.

- Não há fogo em agosto. Eu o teria tirado de lá antes de o frio começar. Entraram no refeitório. Havia uma lareira na extremidade da sala comprida.

Philemon enfiou um braço pela chaminé, tateou por um momento e tirou um rubi do tamanho de um ovo de pardoca, coberto de fuligem. Limpou-o na manga. Godwyn pegou o rubi.

- Venha comigo - disse ele.

- O que vamos fazer?

- Simeon vai encontrar o rubi.

Foram para a catedral. Simeon ainda procurava, de quatro no chão, tateando ao redor.

- Agora, tente se lembrar da posição exata em que estava quando pegou o crucifixo - disse Godwyn para Philemon.

Simeon olhou para Philemon. Ao ver os sinais de profunda emoção em seu rosto, disse gentilmente:

- Não tenha medo, rapaz. Você não fez nada de errado.

Philemon foi se postar no lado leste do transepto, perto dos degraus que subiam para o coro.

- Acho que foi aqui.

Godwyn subiu os dois degraus e olhou por baixo dos compartimentos do coro, fingindo procurar. Furtivamente, pôs o rubi sob uma das fileiras de assentos, perto da extremidade, onde não seria visível a um olhar de passagem. Depois, como se mudasse de idéia sobre o lugar mais provável em que deveria procurar, deslocou-se para o lado sul do coro.

- Venha procurar aqui embaixo, Philemon - disse ele.

Como esperado, Simeon foi para o lado norte, ficou de joelhos e começou a olhar por baixo dos assentos, enquanto murmurava uma oração.

Godwyn torcia para que Simeon encontrasse o rubi imediatamente. Fingiu procurar na nave sul, enquanto esperava pela descoberta de Simeon. Já começava a pensar que devia haver alguma coisa errada com a vista de Simeon. Não queria ter de ir até lá para "descobrir" o rubi. Mas, finalmente, Simeon gritou:

- Está aqui!

Godwyn simulou o maior entusiasmo.

- Encontrou?

- Encontrei! Aleluia!

- Onde estava?

- Aqui mesmo... debaixo de um dos compartimentos do coro.

- Louvado seja Deus! - exclamou Godwyn.

Godwyn disse a si mesmo para não se assustar com o conde Roland. Enquanto subia a escada de pedra do hospital, a caminho dos quartos particulares, perguntou-se o que o conde poderia fazer com ele. Mesmo que Roland fosse capaz de se levantar e sacar uma espada, não seria bastante insensato para atacar um monge dentro de um prédio do mosteiro... até mesmo um rei dificilmente escaparia impune de um ato assim.

Ralph Fitzgerald anunciou-o, e ele entrou no quarto.

Os filhos do conde estavam de pé nos lados da cama: o alto William, num calção marrom militar e de botas enlameadas, os cabelos já recuando na testa; e Richard, no hábito púrpura de bispo, o corpo cada vez mais roliço, como evidência de uma natureza sibarítica e dos meios para satisfazê-la. William tinha trinta anos, um ano a menos do que Godwyn; possuía a força de vontade do pai, mas era às vezes abrandado pela influência da esposa, Philippa. Richard tinha vinte e oito anos, e presumivelmente saíra à falecida mãe, pois tinha pouco do porte imponente e da determinação do pai.

- E então, monge? - indagou o conde, falando pelo lado esquerdo da boca. Já realizou sua pequena eleição?

Godwyn teve um instante de ressentimento pela forma descortês do tratamento. Um dia, ele jurou silenciosamente, Roland o chamaria de padre prior. A indignação incutiu-lhe a coragem de que precisava para dar a notícia ao conde.

- Fizemos a eleição, milorde. E tenho a honra de informar-lhe que os monges de Kingsbridge me escolheram para seu prior.

Godwyn inclinou a cabeça, numa simulação de humildade.

- Ninguém pode ter ficado mais surpreso do que eu.

- Mas você não passa de um menino!

O insulto levou Godwyn a dar uma resposta um tanto brusca.

- Sou mais velho do que seu filho, o bispo de Kingsbridge.

- Quantos votos recebeu?

- Vinte e cinco.

- E quantos frei Murdo teve?

- Nenhum. Os monges foram unânimes...

- Nenhum? - gritou Roland. - Deve ter havido uma conspiração... isso é traição!

- A eleição foi realizada com o cumprimento estrito das normas.

- Estou pouco ligando para suas normas. Não serei ignorado por um bando de monges efeminados.

- Sou a escolha de meus irmãos, milorde. A cerimônia de posse no cargo será realizada no próximo domingo, antes do casamento.

- A escolha dos monges deve ser ratificada pelo bispo de Kingsbridge. E posso lhe garantir que ele não vai ratificá-la. Faça outra eleição, e desta vez providencie o resultado que eu quero.

- Está bem, conde Roland.

Godwyn foi até a porta. Tinha vários outros trunfos na mão, mas não pretendia jogar tudo ao mesmo tempo. Virou-se e disse para Richard:

- Milorde bispo, quando quiser conversar comigo a respeito, poderá me encontrar na casa do prior.

- Você não é o prior! - berrou Roland, enquanto ele saía e fechava a porta. Godwyn tremia todo. Roland era formidável, ainda mais quando furioso, o que acontecia com frequência. Mas Godwyn mantivera-se firme. Petranilla se orgulharia dele.

Ele desceu a escada, as pernas trêmulas, e seguiu para a casa do prior. Carlus já a desocupara. Pela primeira vez em quinze anos, Godwyn teria um quarto só para si. Seu prazer só era um pouco reduzido por ter de partilhar a casa com o bispo, que tradicionalmente se hospedava ali em suas visitas. Tecnicamente, o bispo era o abade de Kingsbridge ex officio; embora seu poder fosse limitado, sua posição era acima do prior. Richard quase nunca ficava na casa durante o dia, mas voltava todas as noites para dormir no melhor quarto.

Godwyn sentou-se na cadeira grande, na sala do primeiro andar, para esperar. Não demoraria muito para que o bispo Richard aparecesse, os ouvidos ardendo das instruções veementes do pai. Richard era um homem rico e poderoso, mas não tão assustador quanto o conde. Mesmo assim, era um monge ousado aquele que desafiava seu bispo. Godwyn, no entanto, tinha uma vantagem para aquela confrontação, pois sabia uma coisa vergonhosa sobre Richard, que era tão boa quanto uma faca afiada em sua manga.

Richard entrou apressado poucos minutos depois, demonstrando uma confiança que Godwyn sabia ser simulada.

- Tenho um acordo a fazer com você - anunciou ele, sem qualquer preâmbulo. - Pode ser vice-prior, abaixo de Murdo. Ficará no comando da administração do dia-a-dia do priorado. De qualquer forma, Murdo não está interessado em ser um administrador... deseja apenas o prestígio. Você terá todo o poder, mas meu pai ficará satisfeito.

- Deixe-me ver se entendi direito - disse Godwyn. - Murdo concorda em me fazer seu vice-prior. Depois, diremos ao resto dos monges que ele é o único que você está disposto a ratificar. E acha que aceitarão isso.

- Eles não têm opção!

- Tenho uma sugestão alternativa. Diga ao conde que os monges não aceitarão qualquer outro que não seja eu... e que devo ser ratificado antes do casamento, caso contrário os monges não participarão das núpcias. E as freiras também se recusariam.

Godwyn não sabia se os monges concordariam com essa posição - muito menos madre Cecilia e as freiras -, mas já fora longe demais.

- Eles não ousariam!

- Receio que seja bem possível. Richard parecia em pânico.

- Meu pai não será intimidado. Godwyn riu.

- Não há a menor possibilidade de que isso aconteça. Mas espero que pelo menos ele possa ser persuadido a ver a luz da razão.

- Ele dirá que o casamento deve ser realizado de qualquer maneira. Sou o bispo e posso celebrar o casamento. Não preciso de monges para me ajudarem.

- Tem toda razão. Mas não haverá canto, nem velas, nem salmos, nem incenso... apenas você e o arqui-diácono Lloyd.

- Mesmo assim eles se casarão.

- O que o conde de Monmouth pensará de um casamento tão humilde para seu filho?

- Ele ficará furioso, mas aceitará. A aliança é a coisa mais importante.

O que provavelmente era certo, pensou Godwyn, sentindo uma lufada do fracasso iminente.

Chegara o momento de sacar a faca escondida.

- Você me deve uma gentileza.

A princípio, Richard fingiu não saber a que ele se referia.

- Devo?

- Escondi um pecado que você cometeu. Não finja ter esquecido, pois aconteceu há apenas dois meses.

- Ah, sim... você foi mesmo generoso.
- Vi com estes olhos você e Margery na cama, no quarto de hóspedes.
- Fale baixo, por piedade!
- Agora é a sua oportunidade de retribuir essa gentileza. Interfira junto a seu pai. Peça a ele para ceder. Argumente que o casamento é mais importante. Insista em me ratificar.

O rosto de Richard exibiu desespero. Parecia sufocado por forças em oposição.

- Não posso! - Havia pânico em sua voz. - Meu pai não admite ser desafiado. Você sabe como ele é.

- Tente.

- Já tentei. E consegui fazer com que ele aceitasse que você fosse o vice-prior.

Godwyn duvidava de que Roland tivesse concedido qualquer coisa. Era quase certo que Richard inventara isso, sabendo que essa promessa poderia ser rompida com a maior facilidade. Mesmo assim, Godwyn murmurou:

- Agradeço por isso. - Uma pausa, e ele acrescentou: - Mas não é suficiente.

- Apenas pense a respeito - suplicou Richard. - Isso é tudo o que peço.

- Pensarei. E sugiro que você peça a seu pai para fazer a mesma coisa. ,

- Oh, Deus! - resmungou Richard. - Isso vai ser uma catástrofe.

O casamento estava marcado para o domingo. No sábado, no lugar do serviço da Sexta, Godwyn ordenou um ensaio, começando com a cerimônia de posse do novo prior e continuando com o casamento. Lá fora, era outro dia sem sol, o céu dominado por nuvens baixas e cinzentas, a chuva caindo. O interior da catedral estava escuro. Depois do ensaio, enquanto os monges e freiras iam almoçar e os noviços começavam a arrumar a catedral, Godwyn foi abordado por Carlus e Simeon, ambos com expressões solenes.

- Tudo correu bem, não é mesmo? - indagou Godwyn, jovial.

- Você vai mesmo tomar posse? - perguntou Simeon.

- Claro que sim.

- Soubemos que o conde ordenou que fosse realizada uma nova eleição.

- Acha que ele tem o direito de fazer isso?

- Não, não tem - respondeu Simeon. - Ele tem o poder de fazer uma indicação, e mais nada. Mas diz que o bispo Richard não vai ratificá-lo como prior.

- Richard disse isso?

- Não pessoalmente.

- Foi o que eu pensei. Confie em mim. O bispo vai me ratificar.

Godwyn ouviu a própria voz num tom sincero e confiante, e desejou que seus sentimentos fossem iguais. Carlus perguntou, ansioso:

- Você disse a Richard que os monges se recusariam a participar do casamento?

- Disse.

- Isso é muito perigoso. Não estamos aqui para nos opor à vontade dos nobres.

Godwyn poderia ter previsto que Carlus enfraqueceria ao primeiro sinal de oposição séria. Felizmente, ele não planejava testar a determinação dos monges.

- Não se preocupe, que não teremos de fazer isso. É apenas uma ameaça vazia. Mas não conte ao bispo que eu disse isso.

- Não planeja pedir aos monges para boicotarem o casamento?

- Não.

- Está fazendo um jogo perigoso - comentou Simeon.

- É possível... mas sou o único que corre algum perigo.

- Você nem mesmo queria ser prior. Não admitiu que seu nome fosse apresentado como candidato. Só aceitou quando todo o resto falhou.

- Não quero ser prior - mentiu Godwyn. - Mas o conde de Shiring não deve ter permissão para escolher por nós, e isso é mais importante do que meus sentimentos pessoais.

Simeon fitou-o com um novo respeito.

- Você está sendo honrado.

- Como você, irmão. Apenas tento cumprir a vontade de Deus.

- Que Ele abençoe seus esforços.

Os dois velhos monges se afastaram. Godwyn sentiu uma pontada de culpa por fazer com que acreditassem que suas ações eram altruístas. Viam-no agora como uma espécie de mártir. Mas era verdade, ele disse a si mesmo: só estava tentando fazer a vontade de Deus.

Ele olhou ao redor: a catedral voltara ao normal. Já da se encaminhar para o almoço, na casa do prior, quando sua prima Caris apareceu, seu vestido azul uma surpreendente mancha de cor no cinza da catedral.

- Você vai tomar posse amanhã? - perguntou ela. Godwyn sorriu.

- Todos estão fazendo a mesma pergunta. A resposta é sim.

- Soubemos que o conde se opõe.

- Ele vai perder.

Os olhos verdes perspicazes de Caris fitaram-no com uma expressão penetrante.

- Eu o conheço desde que era um menino e posso dizer quando está mentindo.

- Não estou mentindo.

- Finge ter mais certeza do que sente de fato.

- Isso não é um pecado.

- Meu pai está preocupado com a ponte. Frei Murdo tem mais probabilidade de obedecer à vontade do conde do que Saul Whitehead tinha.

- Murdo não será o prior de Kingsbridge.

- Lá vem você de novo.

Godwyn se irritou com a percepção da prima.

- Não sei o que lhe dizer. Fui eleito, e pretendo assumir o posto. O conde Roland gostaria de me impedir, mas não tem esse direito. Estou lutando contra ele com todos os meios à minha disposição. Quer saber se me sinto assustado? Claro que sim. Mas ainda assim pretendo derrotá-lo.

Caris sorriu.

- Era isso que eu queria ouvir. - Ela apertou o ombro de Godwyn. - Vá conversar com sua mãe. Ela está em sua casa, esperando. Foi isso que vim lhe dizer.

A prima afastou-se. Godwyn passou pelo transepto norte. Caris era inteligente, pensou ele, com uma mistura de admiração e irritação. Persuadiria-o a dar uma avaliação da situação mais franca do que já oferecera a qualquer outra pessoa.

Mas sentia-se contente pela oportunidade de conversar com a mãe. Todos os outros duvidavam de sua capacidade de vencer aquela luta. A mãe demonstraria sua confiança... e talvez desse algumas ideias estratégicas.

Ele encontrou Petranilla na sala, sentada à mesa, posta para duas pessoas, com pão, cerveja e uma travessa de peixe. Beijou-a na testa, murmurou a oração de agradecimento, e sentou-se para comer.

Permitiu-se um momento de prazer triunfante.

- Pelo menos sou o prior eleito, e aqui estamos nós, almoçando na casa do prior.

- Mas Roland ainda luta contra você.

- A situação é mais difícil do que eu esperava. Afinal, ele tem o direito de indicação, não de seleção. É inerente à posição o fato de que nem sempre seu escolhido será eleito.

- A maioria dos condes aceitaria isso, mas não ele. Roland sempre se sentiu superior a todas as pessoas que já conheceu.

Havia amargura na voz de Petranilla, refletiu Godwyn, talvez derivada das lembranças do noivado rompido, havia mais de trinta anos. Ela sorriu, vingativa.

- Muito em breve ele vai compreender que não deveria nos subestimar.

- Ele sabe que sou seu filho.

- Então isso será um fator. Provavelmente você faz com que ele se lembre da maneira desonrosa com que se comportou comigo. O que é suficiente para fazer com que ele o odeie.

- É uma pena. - Godwyn baixou a voz, pois sempre podia haver um criado escutando do outro lado da porta. - Até agora, seu plano funcionou com perfeição. Retirar-me da disputa, depois desacreditar os outros, foi uma idéia brilhante.

- É possível. Mas podemos estar prestes a perder tudo. Disse mais alguma coisa ao bispo?

- Não. Lembrei-lhe que sabemos sobre Margery. Ele ficou assustado, mas não o suficiente para desafiar o pai, ao que parece.

- Deveria ficar. Se a informação vazar, ele não será perdoado. Pode acabar como um cavaleiro de baixa posição, no nível de Sir Gerald, desperdiçando seus dias como um pensionista. Será que ele não compreende isso?

- Talvez pense que não terei a coragem de revelar o que sei.

- Neste caso, você terá de procurar o conde para dar a informação.

- Ele vai explodir!

- Não perca a coragem.

Petranilla sempre dizia coisas assim. Era por isso que ele sentia-se apreensivo quando da encontrar com a mãe. Ela sempre queria que o filho fosse mais ousado, que assumisse maiores riscos do que era sua inclinação. Mas Godwyn nunca podia recusar.

- Se souberem que Margery não é mais virgem, o casamento será cancelado

- acrescentou Petranilla. - Roland não vai querer que isso aconteça. Aceitará o mal menor... ter você como prior.

- Mas ele será meu inimigo pelo resto de sua vida.

- Ele será seu inimigo independentemente do que acontecer.

Não era um grande conforto, pensou Godwyn; mas não discutiu, pois compreendeu que a mãe tinha razão.

Houve uma batida na porta. Lady Philippa entrou. Godwyn e Petranilla levantaram-se.

- Preciso conversar com você - disse Philippa para Godwyn.

- Posso apresentar minha mãe, Petranilla? Petranilla fez uma reverência e disse em seguida:

- É melhor eu me retirar. É óbvio que está aqui para propor um acordo, milady. Philippa lançou-lhe um olhar divertido.

- Se sabe disso, deve saber de tudo o que é importante. Talvez seja melhor ficar.

Enquanto elas se fitavam, Godwyn notou que as duas eram parecidas: a mesma altura, o mesmo corpo escultural, e o mesmo ar autoritário. Philippa era mais jovem, é claro, cerca de vinte anos; e tinha uma autoridade descontraída e um toque de humor que contrastavam com a determinação tensa de Petranilla... talvez porque Philippa tivesse um marido, enquanto Petranilla perdera o seu. Mas Philippa era uma mulher de vontade forte que exercia seu poder através de um homem - lorde William - e Petranilla, Godwyn compreendeu agora, também exercia seu poder através de um homem... o próprio filho.

- Vamos sentar - sugeriu Philippa.

- O conde aprovou o que você está prestes a propor? - perguntou Petranilla.

- Não. - Philippa fez um gesto de impotência com as mãos. - Roland é orgulhoso demais para concordar com antecedência com alguma coisa que pode ser rejeitada pela outra parte. Se eu obtiver a concordância de Godwyn para o que vou sugerir, então terei uma possibilidade de persuadir Roland a fazer uma concessão.

- Foi o que pensei. Godwyn interveio:

- Gostaria de comer alguma coisa, milady? > Philippa descartou o oferecimento com um aceno impaciente.

- No impasse atual, todos acabarão perdendo. O casamento será realizado, mas sem a pompa e a cerimônia adequadas. Ou seja, a aliança de Roland com Monmouth estará prejudicada desde o início. O bispo se recusará a ratificá-lo como prior, Godwyn. O arcebispo será chamado para resolver a

disputa; e ele afastará os dois, você e Murdo. Indicaré alguém, provavelmente um membro de sua equipe de quem quer se livrar. Ninguém conseguirá o que quer. Estou certa?

Ela dirigiu a pergunta a Petranilla, que emitiu um murmúrio neutro.

- Então por que não antecipar a decisão do bispo? - continuou Philippa. Apresente o terceiro candidato agora. Só que esse candidato será escolhido por você... e terá de prometer que o indicará para vice-prior.

Godwyn considerou a proposta. Isso o aliviaria da necessidade de confrontar o conde olho no olho e de ameaçá-lo com a revelação do comportamento de seu filho. Mas o compromisso o condenaria a ser vice-prior por um período indefinido... e depois, quando o novo prior morresse, ele teria de travar aquela batalha outra vez. Sentiu-se propenso a recusar, apesar de sua apreensão.

Lançou um olhar para a mãe. Petranilla acenou com a cabeça em negativa, de uma forma quase imperceptível. Também não gostava da idéia.

- Sinto muito - disse Godwyn para Philippa. - Os monges realizaram uma eleição. O resultado deve ser mantido.

Philippa levantou-se.

- Neste caso, devo transmitir a mensagem que é minha razão por ter vindo até aqui. O conde vai se levantar de sua cama de doente amanhã de manhã. Deseja inspecionar a catedral e verificar se tudo estará pronto com antecedência para o casamento. Você deve encontrá-lo na catedral às oito horas. Todos os monges e freiras devem estar presentes, a catedral com os ornamentos habituais.

Godwyn inclinou a cabeça, em obediência. Lady Philippa saiu.

Na hora marcada, Godwyn esperava na catedral vazia e silenciosa.

Estava sozinho: não havia monges ou freiras em sua companhia. Não havia móveis e ornamentos, exceto os compartimentos fixos do coro. Não havia velas, nem crucifixos, nem cálices, nem flores. O sol, que só aparecera algumas vezes durante aquele verão de muita chuva, agora projetava uma claridade tênue e fria na nave. Godwyn apertava as mãos com força nas costas para impedir que tremessem.

O conde entrou na catedral pontualmente às oito horas.

Era acompanhado por lorde William, lady Philippa, o bispo Richard, o assistente de Richard, arquidiácono Lloyd, e o secretário do conde, padre Jerome. Godwyn gostaria de estar cercado por seu grupo, mas nenhum dos monges sabia como seu plano era arriscado; e, se soubessem, talvez não

tivessem coragem de apoiá-lo. Por isso, ele decidira enfrentar o conde sozinho.

As bandagens haviam sido removidas da cabeça de Roland. Ele andava devagar, mas com passos firmes. Devia se sentir trôpego, depois de tantas semanas de cama, pensou Godwyn, mas parecia determinado a não deixar transparecer. A aparência era normal, a não ser pela paralisia de metade do rosto. Sua mensagem para o mundo hoje seria a de que se recuperara por completo e reassumira o comando. E Godwyn ameaçava arruinar esse projeto.

Os outros olharam com incredulidade para a igreja vazia, mas o conde não demonstrou qualquer surpresa.

- Você é um monge arrogante - disse ele para Godwyn, falando pelo lado esquerdo da boca, como sempre.

Godwyn arriscava tudo e não tinha mais nada a perder por assumir uma atitude de desafio. Por isso, resolveu dizer:

- É um conde obstinado.

Roland pôs a mão no cabo da espada.

- Eu deveria golpeá-lo com a espada por isso.

- Vá em frente. - Godwyn estendeu os braços para os lados, pronto para ser crucificado. - Assassine o prior de Kingsbridge, aqui na catedral, assim como os cavaleiros do rei Henry assassinaram o arcebispo Thomas Becket em Canterbury. Mande-me para o céu e a si mesmo, para a danação eterna. Philippa soltou uma exclamação de choque pelo desrespeito de Godwyn. William adiantou-se como se fosse silenciar Godwyn. Roland conteve-o com um gesto e disse para Godwyn:

- Seu bispo ordena que apronte a igreja para o casamento. Os monges não fazem um voto de obediência?

- Lady Margery não pode se casar aqui.

- Por que não... porque você quer ser o prior?

- Porque ela não é virgem.

Philippa levou a mão à boca. Richard soltou um gemido. William desembainhou a espada. Roland exclamou:

- Isso é traição! Godwyn disse:

- Guarde a espada, lorde William... não pode restaurar a virgindade dela com isso.

- O que sabe sobre essas coisas, monge? - indagou Roland.

- Dois homens deste priorado testemunharam o ato, que ocorreu num quarto particular do hospital... o próprio quarto em que milorde está agora.
- Não acredito em você.
- O conde de Monmouth vai acreditar.
- Você não ousaria contar a ele.
- Devo explicar por que seu filho não pode se casar com Margery na catedral de Kingsbridge... pelo menos até ela confessar seu pecado e receber a absolvição.

- Você não tem provas dessa calúnia.

- Tenho duas testemunhas. Mas pergunte à jovem. Creio que ela confessará. Imagino que prefere o amante que tirou sua virgindade ao casamento político escolhido pelo tio.

Mais uma vez, Godwyn se punha numa situação crítica. Mas vira o rosto de Margery quando Richard a beijava, e naquele momento tivera certeza de que ela estava apaixonada. Ter de casar com o filho do conde de Monmouth devia partir seu coração. Seria muito difícil para alguém tão jovem mentir de uma maneira convincente se suas emoções eram tão turbulentas quanto Godwyn calculava.

A metade animada do rosto de Roland se contraía em fúria.

- E quem é o homem que você alega que cometeu esse crime? Pois se puder provar o que alega, juro que o vilão será enforcado. E se não puder provar, o enforcado será você. Diga quem foi, para que ele seja chamado. Veremos o que tem a nos dizer.

- Ele já está aqui.

Roland olhou incrédulo para os quatro homens que o acompanhavam... os dois filhos, William e Richard, mais os dois sacerdotes, Lloyd e Jerome.

Godwyn olhou para Richard.

Roland seguiu a direção do olhar de Godwyn. No instante seguinte, todos olhavam para Richard.

Godwyn prendeu a respiração. O que Richard diria? Tentaria se esquivar? Acusaria Godwyn de mentir? Entraria num acesso de raiva e atacaria seu acusador?

Mas o rosto de Richard era de derrota, não de raiva. Depois de um momento, ele baixou a cabeça e murmurou:

- Não adianta mentir. O maldito monge está certo... ela não resistirá a um interrogatório.

O conde Roland empalideceu.

- Você fez isso? - Naquele momento, ele não gritava, mas isso o tornava ainda mais assustador. - A garota que prometi ao filho do conde... você fez sexo com ela?

Richard não respondeu, apenas olhou para o chão.

- Seu idiota - disse o conde. - Seu traidor. Seu... Philippa interrompeu-o:

- Quem mais sabe?

Isso parou a tirada. Todos se viraram para ela.

- Talvez o casamento ainda possa ocorrer - acrescentou Philippa. - Graças a Deus, o conde de Monmouth não está aqui.

Ela olhou para Godwyn e repetiu a pergunta:

- Quem mais sabe sobre isso, além dos presentes e dos dois homens do priorado que testemunharam o ato?

Godwyn tentou acalmar seu coração disparado. Estava tão próximo do sucesso que já podia saboreá-lo.

- Mais ninguém sabe, milady.

- Todos nós, do lado do conde, poderemos manter o segredo. O que me diz de seus homens?

- Eles obedecerão a seu prior eleito - respondeu Godwyn, com uma ligeira ênfase na palavra "eleito".

Philippa olhou para Roland.

- Então o casamento pode ser realizado. Godwyn acrescentou:

- Desde que a cerimônia de posse do novo prior seja realizada primeiro.

Todos olharam para o conde.

Ele deu um passo à frente e, num movimento súbito, bateu no rosto de Richard. Foi um golpe poderoso, desferido por um soldado que sabia como projetar todo o seu peso na agressão. Embora ele batesse com a mão aberta, Richard cambaleou e caiu no chão.

Richard ficou imóvel, com uma expressão aterrorizada, o sangue escorrendo da boca.

O rosto do conde Roland estava branco e suado: o golpe consumira todas as suas reservas de energia e ele ficou trêmulo agora. Vários segundos de silêncio transcorreram. Finalmente, ele pareceu recuperar a força. Lançou um olhar desdenhoso para o homem de hábito purpura encolhido no chão, depois se virou e saiu da catedral, em passos lentos mas firmes.

24

Caris estava parada no pátio gramado na frente da catedral de Kingsbridge, junto com pelo menos metade da população da cidade, esperando que os noivos saíssem pela enorme porta oeste.

Caris não sabia por que estava ali. Vinha se sentindo negativa em relação ao casamento desde o dia em que Merthin terminara seu guincho, e eles tiveram uma conversa desagradável sobre o futuro. Ficara furiosa, muito embora fizesse um sentido perfeito tudo o que ele dissera. Era natural que Merthin quisesse ter sua própria casa e viver com ela ali; era natural que quisesse dormir com ela todas as noites e ter filhos. Era o que todos queriam... todos, ao que parecia, com exceção de Caris.

E, na verdade, ela também queria, de certa forma, todas essas coisas. Gostaria de deitar ao lado de Merthin todas as noites, enlaçar seu corpo esguio a qualquer momento em que quisesse, sentir aquelas mãos ágeis em sua pele quando acordasse pela manhã, dar à luz uma versão em miniatura do homem que amava, uma criança de quem cuidariam com todo carinho. Mas Caris não queria as coisas que acompanhavam o casamento. Queria um amante, não um amo; queria viver com ele, não dedicar sua vida a ele. E sentia-se irritada porque Merthin a obrigava a enfrentar o dilema. Por que não podiam continuar como estavam?

Havia três semanas quase não falava com ele. Fingia estar com um resfriado de verão, e até desenvolvera uma ferida dolorosa no lábio, que lhe proporcionava uma desculpa para não o beijar. Merthin ainda fazia as refeições em sua casa e mantinha conversas cordiais com seu pai; mas não se demorava depois que Edmund e Petranilla iam deitar.

Agora, a ferida já havia sarado e a raiva esfriara. Caris ainda não queria se tornar propriedade de Merthin, mas gostaria de que ele recomeçasse a beijá-la. Mas Merthin não estava com ela naquele momento. Também se encontrava no meio da multidão, mas a alguma distância, conversando com Bessie Bell, a filha do dono da Bell Inn. Era uma garota pequena, com um corpo cheio de curvas e o tipo de sorriso que os homens chamavam de sensual, e as mulheres achavam injurioso. Merthin fez com que ela risse. Caris desviou os olhos.

A grande porta de madeira da catedral foi aberta. Uma aclamação se elevou da multidão quando a noiva saiu. Margery era uma linda jovem de

dezesseis anos, vestida de branco, com flores nos cabelos. O noivo seguiu-a, um homem alto e sério, cerca de dez anos mais velho.

Os dois pareciam infelizes.

Mal se conheciam. Até aquela semana, só se haviam encontrado uma única vez, seis meses antes, quando os dois condes combinaram o casamento. Corria o rumor de que Margery amava outro, mas é claro que nem pensava em desobedecer ao conde Roland. E seu marido tinha um ar de estudioso, como se preferisse estar numa biblioteca, lendo um livro sobre geometria. Como seria a vida conjugal dos dois? Era difícil imaginar que desenvolvessem um pelo outro o tipo de paixão que Caris e Merthin desfrutavam.

Ela viu Merthin se aproximar através da multidão. E, de repente, ficou aturdida ao pensar como era ingrata. Como tinha sorte por não ser a sobrinha de um conde! Ninguém a obrigaria a aceitar um casamento por conveniência política. Era livre para casar com o homem que amava... e tudo com que se preocupava era encontrar razões para não fazer.

Caris recebeu-o com um abraço e um beijo nos lábios. Ele ficou surpreso, mas não fez qualquer comentário.

Alguns homens poderiam se sentir enervados por suas oscilações de humor, mas Merthin tinha uma serenidade fundamental que era difícil abalar.

Permaneceram juntos e observaram o conde Roland sair da catedral, seguido pelo conde e pela condessa de Monmouth, depois o bispo Richard e o prior Godwyn. Caris notou que o primo Godwyn parecia ao mesmo tempo satisfeito e apreensivo... quase como se fosse o noivo. O motivo para isso, sem dúvida, era o fato de ter tomado posse como prior.

Uma escolta de cavaleiros se formou, os homens de Shiring na libré vermelha e preta de Roland; os homens de Monmouth, em amarelo e verde. A procissão se encaminhou para a casa da guilda. O conde Roland ofereceria ali um banquete para os convidados. Edmund compareceria, mas Caris conseguira se esquivar, e por isso Petranilla o acompanharia.

Enquanto o cortejo nupcial deixava a catedral, uma chuva ligeira começou a cair. Caris e Merthin foram se abrigar no pórtico.

- Venha comigo até o coro - pediu Merthin. - Quero dar uma olhada nos reparos de Elfric

Os convidados do casamento ainda estavam deixando a catedral. Merthin e Caris entraram, passando pelo meio da multidão. Foram para o lado sul do

coro. Aquela parte era reservada para o clero, e a presença de Caris ali seria desaprovada. Mas os monges e freiras já haviam se retirado. Caris olhou ao redor, mas não havia ninguém para vê-la além de uma mulher desconhecida, uma ruiva bem vestida, em torno dos trinta anos, presumivelmente uma convidada do casamento, que parecia à espera de alguém.

Merthin inclinou a cabeça para examinar o teto abobadado. Os reparos ainda não haviam terminado: uma pequena parte da abóbada continuava aberta, uma lona pintada de branco esticada pela abertura. Assim, o teto parecia completo a um olhar casual.

- Ele está fazendo um bom trabalho - comentou Merthin. - Mas me pergunto por quanto tempo vai durar.

- Por que não duraria indefinidamente? - perguntou Caris.

- Porque não sabemos o motivo do desabamento. Essas coisas não acontecem sem qualquer razão... não são atos de Deus, independentemente do que possam dizer os monges. Qualquer que tenha sido a causa do desabamento, podemos presumir que ocorrerá de novo.

- É possível descobrir a causa?

- Não é fácil. Elfric com certeza não pode descobrir. Eu posso.

- Mas você foi despedido.

- Exatamente. - Ele ficou calado por um momento, a cabeça inclinada para trás. - Quero ver lá de cima. Vou subir até o sótão.

- Irei com você.

Os dois olharam ao redor. A única pessoa nas proximidades era a mulher de cabelos vermelhos, ainda esperando no transepto sul. Merthin levou Caris até uma pequena porta, que dava para uma estreita escada em espiral. Ela seguiu-o, especulando sobre o que os monges pensariam se soubessem que havia uma mulher explorando suas passagens secretas. Ficou fascinada ao ver o outro lado da abóbada.

- Você está olhando para o que chamam de extradorso - informou Merthin. Caris gostava da maneira casual como ele dava as informações sobre arquitetura, presumindo que ela ficaria interessada e compreenderia. Merthin nunca dizia gracejos estúpidos sobre a incapacidade das mulheres para compreenderem detalhes técnicos.

Ele avançou pelo passadiço estreito. Deitou para examinar o trabalho mais atentamente. Maliciosa, Caris deitou-se ao seu lado e estendeu o braço

para envolvê-lo, como se estivessem na cama. Merthin tocou na argamassa entre as pedras novas e depois levou o dedo à língua.

- Está secando muito depressa - murmurou ele.

- Tenho certeza de que é perigoso quando há umidade na fenda. Ele fitou-a.

- Eu a deixarei com umidade na fenda.

- Já deixou.

Merthin beijou-a. Ela fechou os olhos para desfrutar ao máximo. E, depois de um longo momento, murmurou:

- Vamos para a minha casa. Ficaremos a sós ali... meu pai e minha tia foram ao banquete do casamento.

Já iam se levantar quando ouviram vozes. Um homem e uma mulher haviam entrado na nave lateral sul, e se encontravam agora diretamente por baixo do trabalho de reparo. Suas palavras eram apenas um pouco abafadas pela lona que tapava a abertura no teto.

- Seu filho está com treze anos agora - disse a mulher. - Quer ser um cavaleiro.

- É o que todos os meninos querem. Merthin sussurrou:

- Não se mexa... eles nos ouvirão.

Caris presumiu que a voz de mulher era da convidada ruiva do casamento. A voz masculina era familiar, e ela teve a impressão de que era um monge... mas um monge não podia ter um filho.

- E sua filha tem doze anos. Será uma linda mulher.

- Como a mãe.

- Um pouco. - Houve uma pausa, e depois a mulher acrescentou: - Não posso ficar muito tempo... a condessa pode me procurar.

Portanto, ela era da comitiva da condessa de Monmouth. Talvez fosse uma dama de companhia, pensou Caris. Parecia estar dando notícias das crianças a um pai que não as via há anos. Quem poderia ser?

- Por que queria se encontrar comigo, Loreen?

- Só para olhar para você. Lamento que tenha perdido o braço.

Caris deixou escapar um murmúrio de espanto. Levou a mão à boca no mesmo instante, torcendo para não ter sido ouvida. Havia apenas um monge sem braço: Thomas. Agora que o nome aflorara à sua mente, tinha certeza de que a voz era dele. Ele tinha mesmo uma esposa? E dois filhos? Caris olhou para Merthin e viu que o rosto do namorado era uma máscara de incredulidade.

- O que diz às crianças a meu respeito? - perguntou Thomas.

- Digo que o pai morreu - respondeu Loreen, áspera, para depois começar a chorar. - Por que fez isso?
- Não tinha opção. Se não viesse para cá, teriam me matado. Mesmo agora, quase nunca deixo o priorado.
- Por que alguém iria querer matá-lo?
- Para proteger um segredo.
- Seria melhor se tivesse morrido. Como viúva, eu poderia encontrar outro marido, alguém para ser pai das crianças. Mas dessa maneira tenho os ônus de uma esposa e mãe, sem ninguém para me ajudar... ninguém para me abraçar à noite.
- Lamento ainda estar vivo.
- Não falei sério. Não gostaria que estivesse morto. Já o amei muito.
- E eu a amei tanto quanto um homem da minha espécie pode amar uma mulher.

Caris franziu o rosto. O que ele queria dizer com "um homem da minha espécie"? Era daqueles homens que amavam outros homens? Acontecia com frequência entre os monges.

Qualquer que fosse o significado, Loreen pareceu compreender, pois disse gentilmente:

- Sei disso.

Houve um longo momento de silêncio. Caris sabia que ela e Merthin não deveriam escutar uma conversa tão íntima... mas agora era tarde demais para revelarem sua presença.

- Você se sente feliz? - indagou Loreen.
- Claro. Não fui feito para ser um marido ou um cavaleiro. Rezo pelas crianças todos os dias... e por você. Peço a Deus para lavar de minhas mãos o sangue de todos os homens que matei. Esta é a vida que sempre desejei.
- Neste caso, desejo o melhor para você.
- É muito generosa.
- É bem provável que nunca mais me torne a ver.
- Sei disso.
- Então me beije e diga adeus.

Houve um longo silêncio, e depois passos leves se afastaram. Caris mal ousava respirar. Outra pausa, e ela ouviu Thomas chorando. Os soluços eram abafados, mas pareciam vir lá do fundo. Lágrimas afloraram aos olhos de Caris.

Depois de algum tempo, Thomas se controlou. Fungou, tossiu, e murmurou alguma coisa que podia ter sido uma oração; em seguida, ela ouviu seus passos se afastando.

Os dois podiam finalmente sair dali. Levantaram-se, atravessaram o sótão, desceram pela escada em espiral. Nenhum dos dois falou ao cruzarem a nave da vasta catedral. Caris tinha a sensação de que contemplara o quadro de uma terrível tragédia, as figuras paralisadas em suas atitudes dramáticas do momento, só sendo possível tentar adivinhar o passado e o futuro.

Como um quadro, a cena despertava reações diferentes em pessoas diferentes. A reação de Merthin não foi a mesma de Caris. Ao saírem para a tarde úmida de verão, ele murmurou:

- Que triste história...

- Deixou-me furiosa. A vida daquela mulher foi arruinada por Thomas.

- Não se pode culpá-lo. Ele tinha de salvar sua vida.

- E agora a vida dela acabou. Não tem marido, mas não pode casar de novo. É obrigada a criar dois filhos sozinha. Pelo menos Thomas tem o mosteiro.

- E ela tem a corte da condessa.

- Como pode comparar as duas coisas? - indagou Caris, irritada. - Ela é provavelmente uma parente distante, mantida como um ato de caridade, obrigada a fazer serviços subalternos, ajudar a condessa a arrumar os cabelos e se vestir. Não tem opção... está acuada.

- E ele também. Ouviu-o dizer que não pode deixar o priorado.

- Mas Thomas tem uma função, é o matriculário, toma decisões, faz alguma coisa.

- Loreen tem os filhos.

- Exatamente! O homem cuida dos prédios mais importantes por quilômetros ao redor, enquanto a mulher fica ocupada com as crianças.

- A rainha Isabella teve quatro filhos, e durante algum tempo foi uma das pessoas mais poderosas da Europa.

- Mas teve de se livrar do marido primeiro.

Os dois continuaram a caminhar em silêncio, passando do terreno do priorado para a rua principal. Pararam na frente da casa de Caris. Ela percebeu que a conversa se transformara em outra briga, pelo mesmo motivo que a anterior: o casamento.

- Vou almoçar na Bell.

Era a estalagem do pai de Bessie.

- Está bem - murmurou Caris, desolada.

Quando Merthin começou a se afastar, ela acrescentou:

- Loreen estaria melhor se nunca tivesse casado. Ele olhou para trás.

- O que mais ela poderia fazer?

Era esse o problema, pensou Caris, ressentida, enquanto entrava em casa.

O que mais uma mulher poderia fazer?

A casa estava vazia. Edmund e Petranilla haviam ido ao banquete, e os criados tiraram a tarde de folga. Só Scrap, a cachorra, estava ali, e recebeu-a com o rabo abanando. Caris afagou a cabeça preta, distraída. Foi sentar-se à mesa da sala, pensando.

Todas as outras moças da cristandade não queriam nada mais do que casar com o homem que amavam... por que Caris se sentia tão horrorizada com a perspectiva? De onde tirara sentimentos tão anticonvencionais? Não fora da mãe, com certeza. Rose queria apenas ser uma boa esposa para Edmund. Acreditava no que os homens diziam sobre a inferioridade das mulheres. Sua subordinação deixava Caris embaraçada. Embora Edmund nunca se queixasse, a filha desconfiava de que ele se sentia entediado com tal comportamento. Caris tinha mais respeito pela poderosa e desagradável tia Petranilla do que por sua dócil mãe.

Mas até mesmo Petranilla permitira que sua vida fosse moldada pelos homens. Durante anos, ela manobrava para que o pai subisse na escada social, até se tornar o regedor de Kingsbridge. Sua emoção mais forte era o ressentimento; contra o conde Roland, porque rompera o noivado, e contra o marido, porque morrera tão cedo. Como viúva, ela se dedicara à carreira de Godwyn.

A rainha Isabella tivera uma vida parecida. Depusera o marido, rei Edward II; mas o amante, Roger Mortimer, dominara a Inglaterra, até o filho de Isabella se tornar velho e confiante o bastante para derrubá-lo.

O que Caris deveria fazer... viver sua vida através dos homens? O pai queria que ela trabalhasse em seu negócio de lã. Ou podia administrar a carreira de Merthin, ajudando-o a obter contratos para construir igrejas e pontes, a expandir suas atividades até se tornar o construtor mais rico e importante da Inglaterra.

Ela foi despertada de seu devaneio por uma batida na porta. Madre Cecilia entrou, animada e borbulhante como sempre.

- Boa-tarde! - exclamou Caris, surpresa. - Eu me perguntava se todas as mulheres são obrigadas a viver suas vidas através dos homens... e você é um exemplo contrário, óbvio!

- Não é bem assim - protestou Cecília, com um sorriso cordial. - Vivo através de Jesus Cristo, que foi um homem, embora seja Deus também.

Caris não tinha certeza se isso contava. Abriu o armário e pegou um barril pequeno do melhor vinho.

- Gostaria de tomar o vinho do Reno de meu pai?

- Só um pouco, misturado com água.

Caris encheu duas taças pela metade, depois acrescentou água de um jarro.

- Já deve saber que meu pai e minha tia estão no banquete.

- Claro que sei. Mas vim falar com você.

Caris já adivinhara isso. A priora não vagueava pela cidade em visitas sociais sem um propósito. Cecília tomou um gole do vinho e acrescentou:

- Tenho pensado muito em você e na maneira como agiu no dia em que a ponte desabou.

- Fiz alguma coisa errada?

- Ao contrário. Fez tudo perfeitamente. Foi gentil, mas firme com os feridos. Obedeceu às minhas ordens, mas ao mesmo tempo demonstrou iniciativa. Fiquei impressionada.

- Obrigada.

- E você parecia... não exatamente gostar, mas pelo menos encontrar satisfação no trabalho.

- Havia pessoas sofrendo e tentamos lhes proporcionar alívio... o que poderia ser mais satisfatório?

- É assim que me sinto, e é por isso que sou freira. Caris compreendeu para onde a conversa levava.

- Eu não poderia passar a vida no priorado.

- A aptidão natural para cuidar dos doentes é apenas parte do que notei. Quando as pessoas começaram a entrar na catedral, carregando feridos e mortos, perguntei quem lhes dissera para fazer aquilo. A resposta foi Caris Wooler.

- Era óbvio o que deveria ser feito.

- Podia ser... para você. - Cecília inclinou-se para a frente, muito séria. - O talento para a organização é concedido a poucas pessoas. Sei disso... eu tenho e sou capaz de reconhecer em outras pessoas. Você tem vinte anos

agora. Deve estar pensando no que fazer com sua vida. Creio que Deus tem um trabalho para você.

- Como sabe o que Deus pensa? Cecilia se mostrou irritada.

- Se qualquer outra pessoa na cidade me fizesse essa pergunta, eu ordenaria que se ajoelhasse e pedisse perdão. Mas você é sincera, e por isso responderei. Sei o que Deus pensa porque aceito os ensinamentos de sua Igreja. E estou convencida de que Ele quer que você seja uma freira.

- Gosto demais dos homens.

- Isso sempre foi um problema para mim quando era jovem... mas posso lhe assegurar que o problema diminui a cada ano que passa.

- Não gosto que me digam como devo viver.

- Não seja uma Beguina.

- O que é isso?

- As Beguinas são freiras que não aceitam as regras e consideram que seus votos são temporários. Vivem juntas, cultivam suas terras, cuidam de seu gado, e se recusam a serem dirigidas por homens.

Caris sempre ficava fascinada ao ouvir falar de mulheres que desafiavam as regras.

- Onde elas podem ser encontradas?

- A maioria vive na Holanda. Tinham uma líder, Marguerite Porete, que escreveu um livro chamado O espelho de almas simples.

- Eu gostaria de ler.

- É impossível. As Beguinas foram condenadas pela Igreja por causa da heresia do Livre Espírito... a convicção de que podem alcançar a perfeição espiritual aqui na Terra.

- Perfeição espiritual? O que isso significa? É apenas uma expressão.

- Se está determinada a fechar sua mente a Deus, nunca será capaz de compreender.

- Desculpe, madre Cecilia, mas cada vez que um simples humano me diz alguma coisa sobre Deus, não posso deixar de pensar: Mas os humanos são falíveis, e por isso a verdade pode ser diferente.

- Como a Igreja pode estar errada?

- Os muçulmanos têm convicções diferentes.

- Eles são pagãos!

- E nos chamam de infiéis... é a mesma coisa. Buonaventura Caroli diz que há mais muçulmanos do que cristãos no mundo. Portanto, a Igreja de alguém está errada.

- Tome cuidado - disse madre Cecilia, severa. - Não permita que sua paixão pela discussão a leve à blasfêmia.

- Desculpe, madre.

Caris sabia que Cecilia gostava de discutir com ela. Mas havia sempre um momento em que a priora parava de argumentar e começava a pregar. Caris tinha então de recuar. Deixava-a com uma sensação de ter sido enganada. Cecilia levantou-se.

- Sei que não posso persuadi-la contra sua vontade, mas queria que soubesse da tendência dos meus pensamentos. Você não poderia fazer nada melhor do que entrar em nosso convento e dedicar sua vida ao sacramento da cura. Obrigada pelo vinho.

Quando Cecilia se preparava para sair, Caris perguntou:

- O que aconteceu com Marguerite Porete? Ela ainda está viva?

- Não - respondeu a priora. - Foi condenada à morte na fogueira. Ela saiu para a rua e fechou a porta.

Caris ficou olhando para a porta. A vida de uma mulher era uma casa de portas fechadas: não podia ser uma aprendiz, não podia estudar na universidade, não podia ser padre ou médica, não podia disparar uma flecha nem lutar com uma espada, e não podia casar sem se submeter à tirania do marido.

Ela especulou o que Merthin estaria fazendo naquele momento. Bessie ter se sentado à sua mesa na Bell Inn, observava-o beber a melhor cerveja de seu pai, oferecia aquele sorriso sedutor, puxara a frente do vestido para que ele pudesse perceber como seus seios eram atraentes? E Merthin estaria se mostrando encantador e divertido, fazendo-a rir? Bessie entreabria os lábios para que ele pudesse admirar os dentes regulares, inclinava a cabeça para trás e exibia a pele macia d garganta muito branca? Ou ele conversava com o pai de Bessie, Paul Bell, com perguntas respeitosas e interessadas sobre seu negócio, para que Paul pudesse mais tarde dizer à filha que Merthin era um ótimo rapaz? Ou Merthin teria se empolgado e passara o braço em torno da cintura de Bessie, a mão parando no quadril por um instante, para depois avançar pouco a pouco na direção do ponto entre as coxas que já ansiava pelo contato... assim como ele fizera uma vez com Caris?

Lágrimas afloraram aos seus olhos. Sentia-se uma insensata. Tinha o melhor homem da cidade, mas preferia entregá-lo à garota que trabalhava num bar. Por que fazia essas coisas consigo?

Foi nesse instante que Merthin entrou.

Ela fitou-o através da cortina de lágrimas. A visão estava tão prejudicada que não pôde decifrar sua expressão. Ele viera para restabelecer a harmonia entre os dois... ou para censurá-la, descarregar sua raiva com a coragem de várias caneca de cerveja?

Caris levantou-se. Por um momento, permaneceu em suspense, enquanto ele fechava a porta e se adiantava lentamente. Depois, Merthin murmurou:

- Não importa o que você faça ou diga, eu ainda a amo. Ela abraçou-o e desatou a chorar.

Merthin acariciou seus cabelos sem dizer nada, o que era a coisa certa.

Depois de algum tempo, começaram a se beijar. Caris sentia a ânsia familiar mais forte do que nunca: queria as mãos de Merthin acariciando todo o seu corpo, a língua em sua boca, os dedos dentro dela. Sentia-se diferente e queria que o amor entre os dois encontrasse uma nova expressão.

- Vamos tirar as roupas - murmurou ela.

Nunca haviam feito isso antes. Ele sorriu de prazer.

- Está bem... mas o que faremos se alguém entrar?

- Eles passarão horas no banquete. Além disso, podemos subir.

Foram para o quarto dela. Caris tirou os sapatos. Subitamente, sentiu-se inibida. O que Merthin pensaria ao vê-la nua? Sabia que ele amava cada parte de seu corpo: os seios, as pernas, o pescoço, a vulva... sempre dizia que ela era linda quando a acariciava e a beijava nesses lugares. Mas notaria agora que seus quadris eram muito largos, as pernas um pouco curtas, os seios pequenos?

Merthin parecia não ter essas inibições. Tirou a camisa, baixou o calção e postou-se desinibido na sua frente. O corpo era pequeno, mas forte, e ele parecia repleto de energia acumulada, como um cervo jovem. Caris notou pela primeira vez que os cabelos em sua virilha eram da cor das folhas do outono. O pênis estava erguido com ansiedade. O desejo superou a timidez, e ela se apressou em puxar o vestido pela cabeça.

Ele contemplou seu corpo nu, mas Caris não se sentia mais embaraçada... a expressão de Merthin incendiava-a como uma carícia íntima.

- Você é linda - murmurou ele.

- Você também.

Deitaram lado a lado no colchão de palha. Enquanto se beijavam e acariciavam, Caris compreendeu que hoje não ficaria satisfeita apenas

com os jogos habituais.

- Quero fazer direito.

- Ir até o fim?

O pensamento de gravidez aflorou na mente de Caris, mas ela tratou de reprimi-lo. Sentia desejo demais para pensar nas consequências.

- Isso mesmo.

- Também quero.

Merthin deitou por cima dela. Durante metade de sua vida, Caris especulava como seria aquele momento. Olhou o rosto dele. Exibia a expressão concentrada que ela tanto amava, a expressão que Merthin assumia quando trabalhava, as mãos pequenas moldando a madeira com ternura e habilidade. As pontas dos dedos abriram com extrema gentileza as pétalas de seu sexo. Caris estava molhada e escorregadia, esperando por ele.

- Tem certeza? - murmurou Merthin.

Mais uma vez, ela reprimiu o pensamento de gravidez.

- Tenho.

Caris sentiu um momento de medo quando ele a penetrou. Contraíu-se, numa reação involuntária. Merthin hesitou, ao sentir a resistência do corpo.

- Está tudo bem - murmurou ela. - Pode ir com mais força. Não vai me machucar.

Caris estava enganada nesse ponto, pois sentiu uma pontada de dor quando ele arremeteu. E não pôde evitar um grito.

- Desculpe...

- Só espere um instante.

Ficaram imóveis. Merthin beijou suas pálpebras, a testa, a ponta do nariz. Acariciou seu rosto e fitou os olhos castanho dourados. Logo a dor passou e o desejo voltou.

Caris começou a se mexer, exultante por ter o homem que amava dentro de seu corpo pela primeira vez. E se emocionou com a intensidade do prazer dele. Merthin fitou-a nos olhos, um tênue sorriso nos lábios, uma ânsia profunda nos olhos, enquanto se mexiam mais e mais depressa.

- Não posso parar... - balbuciou ele, ofegante.

- Não pare! Não pare!

Caris observava-o atentamente. Em poucos momentos ele foi dominado pelo prazer, os olhos fechados, a boca aberta, o corpo esticado como a corda de um arco. Caris sentiu os espasmos dentro dela, os jatos da ejaculação. Pensou que nada na vida a preparara para tanta felicidade. Um momento depois, todo o seu corpo se convulsionou em êxtase. Já experimentara aquela sensação antes, mas não com tanta intensidade. Fechou os olhos e se entregou, o corpo se comprimindo com toda força contra Merthin, enquanto tremia como uma árvore ao vento forte.

Quando acabou, os dois se mantiveram imóveis por um longo tempo. Merthin encostou o rosto no pescoço de Caris, que sentiu a respiração ofegante em sua pele. Acariciou as costas de Merthin, a pele úmida de suor. Pouco a pouco, as batidas de seu coração foram se tornando mais lentas. Um profundo contentamento envolveu-a, como o crepúsculo ao final de uma tarde de verão.

- Então é disso que tanto falam... - sussurrou ela, depois de algum tempo.

25

No dia seguinte à confirmação de Godwyn como prior de Kingsbridge, Edmund Wooler foi à casa dos pais de Merthin no início da manhã.

Merthin tendia a esquecer como Edmund era uma pessoa importante, pois ele o tratava como alguém da família; mas Gerald e Maud reagiram como se estivessem recebendo uma inesperada visita real. Sentiram-se embaraçados por Edmund constatar como sua casa era pobre. Só tinha um cômodo. Merthin e os pais dormiam em colchões de palha no chão. Havia uma lareira, uma mesa e um pequeno quintal nos fundos.

Felizmente, a família levantara ao amanhecer, todos se lavaram e se vestiram, arrumaram a casa. Mesmo assim, quando Edmund entrou, em seus passos irregulares, a mãe de Merthin limpou a poeira de um banco, passou as mãos pelos cabelos, fechou e abriu a porta dos fundos, pôs lenha no fogo. O pai fez várias medidas, pôs um manto, ofereceu uma caneca de cerveja.

- Não, obrigado, Sir Gerald - disse Edmund, sabendo que a família não tinha o suficiente. - Mas aceitarei uma tigela de sua potagem, lady Maud, se for possível.

Toda família mantinha sempre no fogo um caldeirão com água e aveia, a que acrescentava ossos, caroços de maçã, vagens, ervilhas e outros restos. Os ingredientes eram cozidos em fogo baixo por dias. Temperada com sal e ervas, a sopa nunca tinha o mesmo gosto duas vezes; e era o alimento mais barato.

Satisfeita, Maud despejou algumas conchas de potagem numa tigela e pôs na mesa, com uma colher e um prato com pão.

Merthin ainda sentia a euforia da tarde anterior. Era como estar ligeiramente embriagado. Fora dormir pensando no corpo nu de Caris e acordara sorrindo. Mas foi lembrado de repente de sua confrontação com Elfric por causa de Griselda. Um falso instinto advertiu-o de que Edmund gritaria "Você profanou minha filha!", e depois bateria em seu rosto com uma vara.

Foi apenas uma visão momentânea, e se desvaneceu no instante em que Edmund sentou-se à mesa. Ele pegou a colher, mas disse para Merthin, antes de começar a tomar a sopa:

- Agora que temos um prior, quero começar a trabalhar na ponte o mais depressa possível.

- Isso é ótimo. Edmund tomou uma colher da sopa e estalou os lábios.

- É a melhor potagem que já provei, lady Maud.

A mãe de Merthin ficou feliz. Ele sentiu-se agradecido por Edmund ser tão gentil com seus pais. Os dois sentiam a humilhação de sua situação de penúria, e era um bálsamo ter o regedor da cidade comendo à sua mesa e tratando-os como Sir Gerald e lady Maud. Agora, seu pai comentou:

- Quase não casei com ela, Edmund... sabia disso?

Merthin tinha certeza de que Edmund já ouvira a história antes, mas mesmo assim ele respondeu:

- Não, não sabia... como aconteceu?

- Eu a vi na missa no domingo de Páscoa e me apaixonei no mesmo instante. Devia haver mil pessoas na catedral de Kingsbridge, mas ela era a mulher mais bonita.

- Ora, Gerald, não precisa exagerar - interveio Maud, incisiva.

- Mas ela desapareceu na multidão e não consegui encontrá-la! Não sabia seu nome. Perguntei às pessoas quem era a moça bonita de cabelos louros, e responderam que todas as moças eram bonitas e louras.

- Saí apressada depois da missa - explicou Maud. - Estávamos na Holly Bush Inn, e mamãe não passava bem. Voltei para cuidar dela.

Gerald continuou:

- Procurei por toda a cidade, mas não consegui encontrá-la. Depois da Páscoa, todos voltavam para casa. Eu morava em Shiring, e ela, em Casterham, mas eu não sabia disso na ocasião. Pensava que nunca mais tornaria a vê-la. Imaginei que ela podia ser um anjo, que viera à Terra para verificar se todos compareciam à missa.

- Gerald, por favor...

- Mas meu coração estava perdido. Não sentia mais qualquer interesse por outras mulheres. Esperava passar o resto de minha vida ansiando pelo Anjo de Kingsbridge. Isso se prolongou por dois anos, até que tornei a vê-la num torneio em Winchester.

Maud acrescentou:

- Aquele completo estranho me abordou e disse: "É você... depois de tanto tempo! Deve casar comigo antes de desaparecer outra vez!" Pensei que ele era louco.

- Espantoso... - murmurou Edmund.

Merthin achou que a boa vontade de Edmund já fora longe demais e interveio:

- Já fiz alguns desenhos no chão do sótão dos pedreiros na catedral. Edmund acenou com a cabeça.

- Uma ponte de pedra bastante larga para a passagem de duas carroças ao mesmo tempo?

- Como especificou, e com rampas nos lados. Também encontrei uma maneira de reduzir o preço em cerca de um terço.

- Incrível! Como conseguiu?

- Eu lhe mostrarei assim que acabar de comer. Edmund tomou o resto da potagem e levantou-se.

- Já acabei. Podemos ir. - Ele virou-se para Gerald e inclinou a cabeça numa ligeira reverência. - Obrigado por sua hospitalidade.

- É um prazer recebê-lo em nossa casa, Edmund.

Merthin e Edmund saíram numa chuva fina. Em vez de seguirem para a catedral, Merthin levou Edmund na direção do rio. O andar torto de Edmund era facilmente reconhecível e quase todos na rua o cumprimentavam com uma palavra cordial ou uma reverência respeitosa.

Merthin sentiu-se subitamente nervoso. Havia meses pensava no projeto da ponte. Enquanto trabalhava em St. Mark, supervisionando os carpinteiros que construíam o novo telhado e removiam o antigo, ele pensava no desafio maior da construção da ponte. Agora, pela primeira vez, suas ideias seriam avaliadas por outra pessoa.

Até agora, Edmund não tinha a menor idéia de como o projeto de Merthin era radical.

A rua enlameada descia a encosta através de casas e oficinas. Os baluartes da cidade haviam se deteriorado em dois séculos de paz civil, e em alguns lugares restavam apenas pequenas elevações, que eram muros de pátios e hortas. A beira do rio ficavam as indústrias que consumiam grandes quantidades de água, especialmente as que tingiam lã e curtiam o couro.

Merthin e Edmund alcançaram a margem depois de passarem entre um matadouro que exalava um forte cheiro de sangue e uma ferraria em que ressoava o barulho de malhos batendo em ferro. Diretamente à frente deles, além de uma estreita faixa de água, ficava a ilha do Leproso. Edmund perguntou:

- Por que estamos aqui? A ponte fica a meio quilômetro de distância, rio acima.

- Ficava. - Merthin respirou fundo. - Acho que devemos construir a nova ponte aqui.

- Uma ponte até a ilha?

- E uma segunda ponte da ilha até a outra margem. Duas pontes pequenas, em vez de uma grande. Sai muito mais barato.

- Mas as pessoas terão de atravessar a ilha para ir de uma ponte a outra.

- Por que não?

- Porque é uma colônia de leprosos!

- Só resta um leproso ali. Pode ser transferido para outro lugar. A doença parece estar desaparecendo.

Edmund ficou pensativo.

- Todas as pessoas que viessem para Kingsbridge teriam de passar pelo ponto em que estamos neste momento.

- Será preciso abrir uma nova rua, derrubar alguns desses prédios... mas o custo será mínimo em comparação com o dinheiro poupado na ponte.

- E no outro lado...

- Há um pasto que pertence ao priorado. Avistei tudo quando trabalhava no telhado de St. Mark. Foi assim que tive a idéia.

Edmund estava impressionado.

- Um esquema excelente. Não entendo por que a primeira ponte não passou por aqui.

- A primeira ponte foi construída há centenas de anos. O rio devia ter uma forma diferente naquele tempo. As margens mudaram de posição ao longo dos séculos. O canal entre a ilha e o pasto talvez fosse mais largo. E no passado não havia nenhuma vantagem em construir aqui.

Edmund espiou através da água. Merthin acompanhou seu olhar. A colônia de leprosos era um amontoado de prédios de madeira em ruínas, espalhados por três ou quatro acres. A ilha era rochosa demais para a agricultura, mas havia algumas árvores e moitas baixas. Era infestada de coelhos, que os habitantes da cidade não comiam por causa da superstição de que eram as almas dos leprosos mortos. Os habitantes no ostracismo já haviam criado galinhas e porcos na ilha. Agora, porém, era muito mais fácil para o priorado fornecer alimentos para o último morador restante.

- Nunca vi um leproso - disse Merthin. - Quando menino, pensava que as pessoas se referiam a "leopardos". Imaginava que a ilha estava cheia de leões pintados.

Edmund riu. Virou as costas para o rio e olhou para os prédios ao redor.

- Teremos de realizar um trabalho político. Será preciso convencer as pessoas cujas casas serão demolidas de que são afortunadas, pois se mudarão para casas novas e melhores, enquanto seus vizinhos continuarão nas antigas. E teremos de purificar a ilha com água benta para convencer as pessoas de que é segura. Mas podemos resolver tudo isso.

- Desenhei as duas pontas com arcadas pontudas, como a catedral - disse Merthin. - Ficarão lindas.

- Mostre-me os desenhos.

Eles deixaram a beira do rio. Subiram a encosta e atravessaram a cidade até o priorado. A chuva escorria da catedral, sob uma camada de nuvens baixas, como fumaça numa fogueira úmida. Merthin sentia-se ansioso por ver de novo seus desenhos - não subia até o sótão havia cerca de uma semana - e explicá-los a Edmund. Pensara muito sobre a maneira como a correnteza abalara as fundações da antiga ponte e como podia proteger a nova do mesmo destino.

Levou Edmund para o pórtico norte. Subiram a escada em espiral. Seus sapatos escorregavam nos degraus de pedra gastos pelo tempo de uso. Edmund o seguia com um vigor extraordinário, arrastando a perna murcha em sua esteira.

Havia lampiões acesos no sótão dos pedreiros. A princípio, Merthin ficou satisfeito, pois isso significava que poderiam ver os desenhos com mais nitidez. E depois ele viu Elfric trabalhando ali.

Sentiu-se momentaneamente frustrado. A hostilidade entre os dois continuava tão intensa quanto antes. Elfric não conseguira evitar que os habitantes da cidade contratassem Merthin, mas continuava a bloquear seu pedido para ingressar na guilda dos carpinteiros. Com isso, Merthin se encontrava numa posição anômala, ilegítimo, mas aceito. A atitude de Elfric era inútil, mas rancorosa.

A presença de Elfric ali prejudicaria sua conversa com Edmund. Mas Merthin disse a si mesmo para não ser tão sensível. Por que não deveria ser Elfric a ficar constrangido?

Ele segurou a porta para Edmund. Juntos, atravessaram o sótão até a área em que estavam os desenhos. E foi nesse instante que Merthin sofreu um choque.

Elfric estava abaixado, desenhando com um compasso... sobre uma nova camada de argamassa. Ele cobrira todo o chão, apagando por completo os

desenhos de Merthin. Incrédulo, Merthin perguntou:

- O que você fez?

Elfric fitou-o com uma expressão desdenhosa e continuou a desenhar, sem dizer nada.

- Ele apagou meus desenhos - disse Merthin a Edmund.

- Qual é a sua explicação, homem? - perguntou Edmund. Elfric não podia ignorar o sogro.

- Não há necessidade de explicar - disse ele. - O chão em que fazemos os desenhos tem de ser renovado a intervalos.

- Mas você cobriu projetos importantes!

- É mesmo? O prior não encomendou nenhum projeto a esse garoto. E, de qualquer forma, ele não pediu permissão para usar o chão de desenhos.

Edmund nunca era lento em suas explosões de raiva, e a insolência fria de Elfric só servia para enfurecê-lo.

- Não banque o idiota. Pedi a Merthin para preparar desenhos para a nova ponte.

- Sinto muito, mas só o prior tem autoridade para fazer isso.

- E a guilda que está entrando com o dinheiro.

- Um empréstimo, que será pago.

- Mesmo assim temos o direito de nos manifestarmos sobre o projeto.

- E mesmo? Terá de conversar com o prior sobre isso. Mas não creio que ele ficará impressionado com sua decisão de escolher um aprendiz inexperiente para fazer o projeto.

Merthin examinava os desenhos que Elfric fizera na argamassa.

- Suponho que esse seja o seu projeto para a ponte.

- O prior Godwyn nos encarregou de construí-la - declarou Elfric. Edmund ficou chocado.

- Sem nos consultar? Elfric protestou, ressentido:

- Qual é o problema... não quer que o trabalho fique com o marido de sua filha?

- Arcadas redondas - murmurou Merthin, ainda estudando os desenhos de Elfric - E aberturas estreitas. Quantas pilastras terá?

Elfric hesitou em responder, mas Edmund fitava-o com evidente expectativa.

- Sete.

- A ponte de madeira só tinha cinco! - exclamou Merthin. - Por que são tão grossas e as aberturas, tão estreitas?

- Para suportar o peso de uma pavimentação de pedra.
- Não precisa de pilastras tão grossas para isso. Olhe para esta catedral... as colunas suportam todo o peso do telhado, mas são delgadas e bastante espaçadas.

Elfric soltou uma risada desdenhosa.

- Ninguém vai passar com uma carroça pelo telhado da catedral.
- Isso é verdade, mas... - Merthin parou de falar. A chuva acumulada no vasto telhado da catedral provavelmente pesava mais do que um carro de boi carregado de pedras, mas por que explicar isso a Elfric? Não era sua função instruir um construtor incompetente. O projeto de Elfric era ruim, mas Merthin não queria melhorá-lo. Em vez disso, queria substituí-lo pelo seu próprio projeto; o que o levou a se calar. Edmund também compreendeu que estava desperdiçando seu fôlego.
- Esta decisão não será tomada por vocês dois - declarou ele, saindo em seguida.

A filha recém-nascida de John Constable foi batizada na catedral pelo prior Godwyn. Essa honra foi concedida porque ele era um importante empregado do priorado. Todos os cidadãos eminentes compareceram. Embora John não fosse rico nem bem relacionado - seu pai trabalhara no estábulo do priorado Petranilla dizia que as pessoas respeitáveis deveriam ter o cuidado de apoiá-lo e demonstrar amizade. Caris achava que eram condescendentes com John porque precisavam dele para proteger suas propriedades.

Chovia de novo e as pessoas que se agruparam em torno da pia batismal estavam mais molhadas do que a criança em quem jogaram água benta. Estranhos sentimentos agitaram-se em Caris ao contemplar aquela criança tão pequena e desamparada. Desde que deitara com Merthin se recusava a pensar em gravidez, mas ao mesmo tempo sentiu um ímpeto de emoção ao ver a menina.

Ela se chamava Jesca, em homenagem à sobrinha de Abraham.

O primo de Caris, Godwyn, nunca se sentira à vontade com bebês. Assim que o breve ritual terminou, ele virou-se para ir embora. Mas Petranilla segurou-o pela manga do hábito beneditino.

- O que pode dizer sobre a ponte?

Ela falou em voz baixa, mas Caris ouviu, e decidiu escutar o resto. Godwyn respondeu:

- Pedi a Elfric para preparar os desenhos e estimativas.

- Ótimo. Devemos manter na família.
- Elfric é o construtor do priorado.
- Outras pessoas podem querer se intrometer.
- Eu decidirei quem constrói a ponte.

Caris ficou bastante irritada para interferir:

- Como ousa fazer isso? - perguntou ela a Petranilla. o
- Não estou falando com você - respondeu a tia. Caris ignorou o desdém.
- Por que o projeto de Merthin não pode ser considerado?
- Porque ele não é da família.
- Merthin praticamente vive conosco!
- Mas você não é casada com ele. Se fosse, poderia ser diferente.

Caris sabia que estava em desvantagem nesse ponto, e por isso tratou de mudar de assunto.

- Você sempre teve preconceito contra Merthin. Mas todos sabem que ele é melhor construtor do que Elfric.

A irmã, Alice, ouviu esse comentário e interveio na discussão:

- Elfric ensinou tudo a Merthin, e agora Merthin finge que sabe mais! Isso era desonesto, Caris sabia, e ficou furiosa.
- Quem construiu a barcaça? - indagou ela, elevando a voz. - Quem consertou o telhado de St. Mark?
- Merthin trabalhava com Elfric quando fez a barcaça. E ninguém pediu a Elfric para consertar o telhado de St. Mark.
- Porque sabiam que ele não seria capaz de resolver o problema! Godwyn interrompeu-as:

- Por favor! - Ele ergueu as mãos à sua frente, num gesto defensivo. - Sei que vocês são da minha família, mas sou o prior e estamos na catedral. Não posso discutir com mulheres em público.

Edmund juntou-se ao círculo.

- Era o que eu da dizer. Falem baixo.
- Você deveria estar apoiando seu genro - declarou Alice, em tom acusador. Ocorreu a Caris que Alice se parecia mais e mais com Petranilla. Embora tivesse apenas vinte e um anos e Petranilla, mais do que o dobro, Alice exibia a mesma expressão de desaprovação, com os lábios contraídos. Também estava se tornando mais corpulenta, o busto estufando a frente do vestido, como o vento fazia com a vela. Edmund lançou um olhar firme para Alice.

- Esta decisão não será tomada com base em relações de família - declarou ele. - O fato de Elfric ser casado com minha filha não ajudará sua ponte a se manter de pé.

Ele tinha opiniões firmes a respeito, Caris sabia. Achava que se deveria sempre fazer negócios com o fornecedor mais confiável, sempre contratar o melhor homem para o trabalho, independentemente de amizade ou laços de família.

- Qualquer homem que precisa se cercar de acólitos leais não acredita para valer em si mesmo - dizia ele. - E se o próprio não acredita em si mesmo, por que eu deveria acreditar?

Petranilla perguntou:

- Então como será tomada a decisão? - Ela lançou um olhar astuto para o irmão. - É evidente que você já tem um plano.

- O priorado e a guilda vão avaliar os projetos de Elfric e de Merthin... e todos os outros que forem apresentados - respondeu Edmund, decidido. - Todos os projetos devem estar desenhados e ter uma estimativa de custo. Esse custo deve ser confirmado num exame independente por outros construtores.

- Nunca ouvi falar de tantos detalhes - murmurou Alice. - Parece até um concurso de arco-e-flecha. Elfric é o construtor do priorado; ele deve fazer a ponte.

O pai ignorou-a.

- Finalmente, os construtores serão interrogados pelos principais cidadãos, numa reunião na guilda da paróquia. E depois... - Edmund olhou para Godwyn, que parecia não estar surpreso com a maneira pela qual o processo de decisão era tirado de suas mãos -... o prior Godwyn tomará sua decisão.

A reunião foi realizada na casa da guilda, na rua principal. Tinha um subsolo de pedra, uma estrutura de madeira por cima, telhado de ardósia, duas chaminés de pedra. No subsolo ficava a cozinha, onde se preparava a comida para os grandes banquetes, a cadeia e a sala de John Constable. O andar térreo era tão espaçoso quanto uma igreja, com trinta metros de comprimento e dez de largura. Porque era tão largo e porque as tábuas bastante compridas para cobrir a distância de dez metros eram raras e caras, a sala principal era dividida por uma fileira de colunas de madeira, sustentando as vigas.

Parecia um prédio despretensioso, feito com os mesmos materiais usados nas habitações mais humildes, sem glorificar ninguém. Mas, como dizia Edmund com frequência, o dinheiro ganho pelas pessoas que se reuniam ali pagava a imponência do calcário e dos vitrais da catedral. E o salão da guilda era confortável, à sua maneira despretensiosa. Havia tapeçarias nas paredes e vidros nas janelas, com duas enormes lareiras para mantê-lo aquecido no inverno. Quando os negócios prosperavam, a comida servida ali estava à altura da realeza.

A guilda da paróquia fora criada centenas de anos antes, quando Kingsbridge era uma pequena cidade. Uns poucos mercadores se juntaram para levantar o dinheiro necessário à aquisição de ornamentos para a catedral. Mas, quando homens ricos comiam e bebiam juntos, era inevitável que conversassem sobre os problemas comuns. A arrecadação de dinheiro logo se tornou secundária para as questões políticas. Desde o início, a guilda fora dominada pelos mercadores de lã. Era por isso que havia uma balança e um peso padrão para um saco de lã - 364 libras (165 quilos) - na extremidade do salão. A medida que Kingsbridge crescera, outras guildas se formaram, representando diversos ofícios - carpinteiros, pedreiros, cervejeiros, ourives -, mas seus principais membros também pertenciam à guilda da paróquia, que mantinha a primazia. Era uma versão menos poderosa da guilda dos mercadores que governava a maioria das cidades inglesas, mas era proibida ali pelo suserano da cidade, o priorado de Kingsbridge.

Merthin nunca comparecera a uma reunião ou banquete ali, mas já entrara várias vezes para tratar de problemas corriqueiros. Gostava de inclinar a cabeça para trás e estudar a geometria complexa das vigas do teto, uma lição sobre a maneira como o peso de um enorme telhado podia ser concentrado em umas poucas colunas de madeira delgadas. A maioria dos elementos fazia sentido, mas uma ou outra peça pareciam-lhe supérfluas, ou mesmo prejudiciais, transferindo o peso para áreas mais fracas. Isso acontecia porque ninguém sabia realmente o que fazia os prédios ficarem de pé. Os construtores seguiam o instinto e a experiência, mas às vezes alguma coisa saía errada.

Naquela noite, Merthin se encontrava num estado de alta ansiedade, nervoso demais para apreciar o trabalho ali. A guilda estava prestes a julgar seu projeto para a ponte. Era muito melhor do que o projeto de Elfric... mas será que as pessoas ali compreenderiam isso?

Elfric tivera o benefício do chão de traçados. Merthin poderia ter pedido a Godwyn permissão para usá-lo, mas ficara com receio de novas sabotagens de Elfric. Por isso, criara uma alternativa. Esticara um enorme pedaço de pergaminho numa armação de madeira, e desenhara seu projeto na pele, com pena e tinta. Isso poderia ajudá-lo naquela noite, pois trouxera o desenho de seu projeto para o salão da guilda. Assim, os membros poderiam vê-lo ali, enquanto os desenhos de Elfric estariam apenas em suas memórias.

Ele ajeitou o projeto na armação de madeira em cima de um suporte de três pernas, que criara para esse propósito específico. Todos foram olhar ao chegar, embora já tivessem visto os desenhos pelo menos uma vez, durante os últimos dias. Também haviam subido a escada em espiral para o sótão, a fim de examinar os desenhos de Elfric. Merthin tinha a impressão de que a maioria preferia seu projeto, mas alguns se mantinham cautelosos, hesitando em apoiar um jovem contra um homem experiente. Muitos ainda guardavam suas opiniões para si mesmos.

O nível de barulho foi aumentando, à medida que o salão ficava cheio de homens e umas poucas mulheres. Todos se vestiam para a reunião na guilda como faziam para ir à catedral, os homens em dispendiosos casacos de lã, apesar do calor ameno do verão, as mulheres de cabeça coberta. Embora todos admitissem da boca para fora a inconfiabilidade e a inferioridade geral das mulheres, na prática algumas mulheres figuravam entre os cidadãos mais ricos e mais importantes da cidade. Havia madre Cecilia, agora sentada na primeira fila, ao lado de sua assistente pessoal, uma idosa freira conhecida como Old Julie. Caris também estava presente... todos reconheciam que ela era o braço direito de Edmund. Merthin experimentou um sobressalto de desejo quando ela sentou no banco ao seu lado, a coxa quente encostando na sua. Qualquer pessoa que exercesse um ofício na cidade tinha de pertencer a uma guilda... os forasteiros só podiam fazer negócios em Kingsbridge nos dias de mercado. Até mesmo os monges e padres eram obrigados a ingressar numa guilda se queriam fazer negócios, o que acontecia com frequência. Quando um homem morria, era comum que a viúva assumisse seu empreendimento. Betty Baxter era a mais próspera padeira da cidade; Sarah Taverner cuidava do Holly Bush Inn. Seria difícil e cruel impedir que essas mulheres ganhassem a vida. Era muito mais fácil incluí-las na guilda.

Edmund costumava presidir aquelas reuniões, sentado num enorme trono de madeira, numa plataforma na frente. Hoje, no entanto, havia duas cadeiras na plataforma. Edmund sentava-se em uma; e quando o prior Godwyn chegou, foi convidado a sentar na outra. Godwyn estava acompanhado por todos os monges mais velhos, e Merthin ficou satisfeito ao ver Thomas. Philemon também viera no grupo, magro e desajeitado. Merthin especulou por um instante sobre o motivo pelo qual Godwyn o trouxera.

Godwyn parecia aflito. Ao abrir a sessão, Edmund teve o cuidado de reconhecer que o prior tinha o controle da nova ponte e que a escolha do projeto, em última análise, seria sua. Mas todos sabiam que, de fato, Edmund tirara a decisão de Godwyn ao convocar aquela reunião. Se houvesse um consenso claro naquela noite, Godwyn teria a maior dificuldade para ficar contra a vontade expressa dos mercadores, numa questão de comércio em vez de religião. Edmund pediu a Godwyn para começar com uma oração. Godwyn atendeu-o, mas sabia que fora envolvido por uma manobra hábil, e era por isso que exibia uma cara de quem sentia um cheiro desagradável. Depois, Edmund levantou-se e disse:

- Os dois projetos foram orçados por Elfric e Merthin, que usaram os mesmos métodos de cálculo.

Elfric interveio:

- Claro que usamos... ele aprendeu tudo comigo.

Houve uma onda de risos entre os homens mais velhos. Era verdade. Havia fórmulas para calcular custo por metro quadrado de muro, metro cúbico de aterro, metro de extensão de telhado, e para obras mais complexas, como arcadas e abóbadas. Todos os construtores usavam os mesmos métodos, embora com variações individuais. Os cálculos da ponte haviam sido complexos, mas também mais fáceis do que as contas que seriam necessárias para a construção de uma igreja.

- Cada homem verificou os cálculos do outro, e por isso não há margem para discussões nesse ponto - acrescentou Edmund.

Edward Butcher gritou:

- Sei disso... todos os construtores cobram a mesma quantia a mais!

O comentário provocou muitas risadas. Edward era popular entre os homens por sua ironia... e entre as mulheres por sua boa aparência e seus olhos castanhos sensuais. Não era tão popular com a esposa, que tinha

conhecimento de suas infidelidades e recentemente o atacara com um de seus facões; ele ainda usava uma bandagem no braço.

- A ponte de Elfric custará duzentas e oitenta e cinco libras - disse Edmund, assim que os risos cessaram. - A de Merthin custará trezentas e sete libras. A diferença é de vinte e duas libras, como a maioria de vocês já calculou, mais depressa do que eu.

Houve algum riso por esse comentário: zombavam muitas vezes de Edmund por deixar que a filha fizesse as contas por ele. Edmund ainda usava os antigos numerais romanos, porque não conseguira se acostumar com os novos algarismos arábicos, que tornavam os cálculos muito mais fáceis.

-Vinte e duas libras de diferença... é muito dinheiro.

O comentário foi de Bill Watkin, o construtor que se recusara a contratar Merthin, um homem com o alto da cabeça calvo, parecendo um monge. Dick Brewer acrescentou:

- Pode ser, mas a ponte de Merthin é duas vezes mais larga. Deveria custar o dobro... mas não custa, porque é um projeto melhor.

Dick era um grande apreciador da cerveja que produzia, e em consequência tinha uma barriga redonda protuberante, como uma mulher grávida.

- Quantos dias por ano precisamos de uma ponte bastante larga para a passagem de duas carroças ao mesmo tempo? - perguntou Bill.

- Nos dias de mercado e durante toda a semana da Feira do Velocino.

- Nem tanto - insistiu Bill. - Isso só acontece durante uma hora pela manhã e outra hora à tarde.

- Já esperei duas horas com uma carroça cheia de cevada na antiga ponte.

- Deveria ter o bom-senso de trazer a cevada nos dias de menor movimento.

- Trago cevada todos os dias.

Dick era o maior cervejeiro da cidade. Possuía um enorme caldeirão de cobre com capacidade para quinhentos galões; por isso, sua taverna era chamada de Copper. Edmund interrompeu essa discussão:

- Há outros problemas causados pelos atrasos na ponte. Alguns mercadores vão para Shiring, onde não há ponte e não há fila. Outros fazem seus negócios enquanto esperam na fila. Depois, voltam para casa, sem entrar na cidade. Com isso, poupam o pedágio da ponte e as taxas do mercado. É uma sonegação ilegal, mas nunca conseguiremos impedi-la. E há também

o que as outras pessoas pensam sobre Kingsbridge. Neste momento, somos a cidade cuja ponte desabou. Se queremos atrair de volta todos os negócios que estamos perdendo, precisamos reverter essa situação. Gostaria que Kingsbridge fosse conhecida como a cidade com a melhor ponte da Inglaterra.

Edmund era muito influente, e Merthin começou a farejar a vitória. Betty Baxter, uma mulher bastante gorda, na casa dos quarenta anos, levantou-se e apontou para alguma coisa no projeto de Merthin.

- O que é isto aqui, no meio do parapeito da ponte, por cima da pilastra? Há uma pequena área acima da água, como se fosse uma plataforma de observação. Para que serve... para pescar?

Os outros riram.

- É um refúgio de pedestre - explicou Merthin. - Se você está passando a pé pela ponte e o conde de Shiring aparece de repente, acompanhado por vinte cavaleiros montados, poderá sair da frente.

- Espero que seja bastante grande para comportar Betty - disse Edward Butcher.

Todos riram, mas Betty persistiu em seu interrogatório:

- Por que a pilastra por baixo é pontiaguda até a água? As pilastras de Elfric não são assim.

- Para desviar os detritos. Olhe para qualquer ponte em rio... poderá verificar que as pilastras são lascadas e rachadas. O que você acha que causa esses danos?

Só podem ser os enormes pedaços de madeira, como troncos de árvores, ou vigas de prédios demolidos, que flutuam na correnteza e esbarram nas pilastras.

- Ou Ian Boatman quando está embriagado - sugeriu Edward.

- Barcos ou detritos causarão menos danos em pilastras pontiagudas. As pilastras de Elfric sofrerão um impacto maior.

- Minhas paredes são muito fortes para serem derrubadas por pedaços de madeira - protestou Elfric.

- Ao contrário - declarou Merthin. - Suas arcadas são mais estreitas do que as minhas. Por isso, a água passará mais depressa, e os detritos baterão nas pilastras com mais força, causando danos maiores.

Pelo rosto de Elfric, ele percebeu que o rival nem sequer pensara nisso. Mas a audiência não era só de construtores... como as pessoas ali poderiam

julgar o que era certo?

Em torno da base de cada pilastra, Merthin desenhara uma pilha de pedras irregulares, que os construtores chamavam de riprap, ou enrocamento. Isso evitaria que a correnteza solapasse as pilastras, como acontecera com a antiga ponte de madeira. Mas ninguém perguntou sobre o enrocamento, e por isso ele não explicou. Betty tinha outras perguntas.

- Por que sua ponte é tão comprida? A de Elfric começa na beira da água. A sua começa vários metros além da marcha. Isso não é uma despesa desnecessária?

- Minha ponte tem rampas nos dois lados - explicou Merthin. - Assim, você sai da ponte em terra seca, não em terreno pantanoso. Não haverá mais carros de boi atolados na praia e bloqueando a ponte por uma hora.

- Seria mais barato fazer uma estrada pavimentada - disse Elfric.

Ele começava a parecer desesperado. Bill Watkin levantou-se nesse momento.

- Estou com dificuldade para decidir quem está certo e quem está errado. Quando esses dois argumentam, não é fácil chegar a uma conclusão. E sou um construtor... deve ser pior para quem não é.

Houve murmúrios de concordância. Bill acrescentou:

- Por isso, acho que devemos avaliar os homens, não os projetos. Merthin receara essa possibilidade. Ficou escutando com crescente ansiedade.

- Qual dos dois vocês conhecem melhor? - indagou Bill. - Em qual dos dois vocês podem confiar? Elfric é construtor nesta cidade há vinte anos. Podemos olhar para as casas que ele fez e constatar que ainda estão de pé. Podemos ver os reparos que ele fez na catedral. No outro lado, temos Merthin... um rapaz inteligente, reconhecemos todos, mas um pouco afoito... e nunca concluiu seu aprendizado. Não há muita coisa para indicar que ele é capaz de assumir o comando do maior projeto de construção de Kingsbridge desde que foi erguida a catedral. Sei em qual dos dois eu confio.

Bill se sentou. Vários homens manifestaram sua aprovação. Não julgariam os projetos... decidiriam pelas personalidades. O que era uma tremenda injustiça. Foi nesse momento que o irmão Thomas falou pela primeira vez:

- Alguém em Kingsbridge já participou alguma vez de um projeto que envolvesse a construção abaixo da superfície da água?

Merthin sabia que a resposta seria não. Sentiu um fluxo de esperança. Podia ser a sua salvação. 1 Tomas continuou:

-Eu gostaria de saber como os dois construtores cuidariam desse problema.

Merthin tinha uma resposta pronta... mas receava que Elfric pudesse simplesmente copiá-lo se falasse primeiro. Comprimiu os lábios, torcendo para que Thomas - que em geral o ajudava - entendesse a mensagem. Os olhos dos dois se encontraram, e Thomas acrescentou:

- Elfric, o que você faria?

- A resposta é mais simples do que imagina - declarou Elfric - Basta jogar pedras soltas no rio, no ponto em que ficará a pilastra. As pedras se juntarão no fundo do rio. Jogam-se mais e mais, até a pilha ficar visível acima da superfície. Depois, você constrói a pilastra sobre essa fundação.

Como Merthin imaginava, Elfric apresentara a solução mais tosca para o problema. Agora, Merthin disse:

- Há dois problemas com o método de Elfric O primeiro é que a pilha de pedras não será mais estável debaixo d'água do que em terra. Com o passar do tempo, as pedras vão se deslocar de posição, até caírem. E quando isso acontecer, a ponte desabarará. Se querem uma ponte que dure apenas alguns anos, tudo bem. Mas acho que devemos construir para um longo prazo.

Ele ouviu murmúrios baixos de concordância.

- O segundo problema é o formato da pilha. Haverá uma inclinação natural abaixo da superfície, o que dificultará a passagem de barcos, em particular quando o rio estiver baixo. E não podemos esquecer que as arcadas de Elfric já são estreitas.

Elfric perguntou, irritado:

- O que você faria, em vez disso?

Merthin reprimiu um sorriso. Era o que queria ouvir... Elfric admitir que não conhecia uma solução melhor.

- Vou explicar.

E mostrarei a todos que sei mais do que o idiota que destruiu minha porta com um machado, Merthin pensou. Merthin olhou ao redor. Todos prestavam atenção. A decisão dependeria do que ele dissesse em seguida. Respirou fundo:

- Primeiro, eu pegaria uma estaca profunda e cravaria no leito do rio. Depois, fincaria outra ao lado, encostada; e mais outra. Dessa maneira, faria um círculo de estacas em torno do ponto do rio em que quero pôr a pilastra.

- Um círculo de estacas? - escarneceu Elfnc - Isso nunca impedirá a passagem da água.

Irmão Thomas, que fizera a pergunta, interveio:

- Escute o que ele tem a dizer, por favor. Merthin ouviu sua explicação. Merthin continuou:

- Depois, eu faria um segundo círculo, dentro do primeiro, com o espaço entre os dois de meio palmo.

Ele podia sentir que tinha agora a atenção total da audiência.

- Ainda assim não será à prova d'água - resmungou Elfnc

- Em seguida, eu despejaria argila com argamassa no espaço entre os dois círculos - continuou Merthin. -

A mistura deslocaria a água, por ser mais pesada. E taparia as frestas entre as estacas, tornando o círculo à prova d'água. É o que se chama de ensecadeira.

Havia silêncio no salão.

- Finalmente, eu removeria a água do interior do círculo com baldes, deixando à mostra o leito do rio para construir uma fundação de pedra e argamassa.

Elfnc estava aturdido. Edmund e Godwyn olhavam impressionados para Merthin. Thomas disse:

- Agradeço aos dois. Falando por mim, creio que a decisão agora é fácil.

- Isso mesmo - declarou Edmund. - Concordo.

Caris estava surpresa por Godwyn preferir que Elfnc projetasse a ponte. Compreendia que Elfnc parecia uma opção mais segura... mas Godwyn era um reformador, não um conservador. Por isso, Caris esperava que ele demonstrasse entusiasmo pelo projeto inovador e radical de Merthin. Em vez disso, ele favorecera timidamente a opção cautelosa.

Por sorte, Edmund fora capaz de manobrar e envolver Godwyn. Agora, Kingsbridge teria uma ponte bem construída e bonita, que permitiria a passagem de duas carroças ao mesmo tempo. Mas a ansiedade de Godwyn em designar o sicofanta sem imaginação, em vez do homem de talento e ousado, era um mau presságio para o futuro.

E Godwyn nunca fora um bom perdedor. Quando ele era menino, Petranilla ensinara-o a jogar xadrez; e deixava-o ganhar, para estimulá-lo. Godwyn desafiara o tio Edmund; depois de perder duas vezes, ficara de mau humor e se recusara a jogar de novo. Ela podia perceber que o primo se encontrava na mesma disposição agora, depois da reunião na casa da

guilda. Não porque se sentisse atraído pelo projeto de Elfric, mas pelo fato de a decisão ter sido tirada de suas mãos. No dia seguinte, quando foi à casa do prior com o pai, Caris esperava problemas.

Godwyn recebeu-os com frieza e não ofereceu qualquer coisa. Como sempre, Edmund fingiu não notar a descortesia.

- Quero que Merthin comece a trabalhar na ponte imediatamente - disse ele, ao sentar-se à mesa na sala. - Já tenho promessas de dinheiro no valor total do orçamento de Merthin...

- De quem? - interrompeu Godwyn.

- Dos mercadores mais ricos da cidade.

Godwyn fitou Edmund em silêncio, inquisitivo Edmund deu de ombros e informou:

- Cinquenta libras de Betty Baxter, oitenta de Dick Brewer, setenta libras minhas, e dez de cada um dos outros onze.

- Não sabia que nossos cidadãos possuíam tanta riqueza. - Godwyn se mostrava ao mesmo tempo impressionado e invejoso. - Deus tem sido generoso.

- Generoso o suficiente para recompensar pessoas por uma vida inteira de trabalho duro.

- Sem dúvida.

- E é por isso que preciso lhes dar agora garantias sobre o retorno do dinheiro. Quando a ponte estiver pronta, os pedágios irão para a guilda da paróquia, que pagará os empréstimos... mas quem vai cobrar os pennies dos passageiros que passarem pela ponte? Acho que tem de ser um servidor da guilda.

- Nunca concordei com esse ponto.

- Sei disso. É o motivo pelo qual estou levantando a questão agora.

- Isto é, nunca concordei em entregar os pedágios à guilda da paróquia.

- O quê?

Caris olhava aturdida para o primo. Claro que ele concordara... Onde estava querendo chegar agora? Conversara com ela e com Edmund, e assegurara que o irmão Thomas...

- Ahn... - murmurou Caris. - Você prometeu que Thomas construiria a ponte se fosse eleito prior. Depois, quando Thomas desistiu e você se tornou candidato, presumimos...

- Vocês presumiram - declarou Godwyn, os lábios contraídos num sorriso de triunfo.

Edmund mal podia se controlar.

- Isso não é justo, Godwyn! - exclamou ele, a voz abafada. - Você sabia qual era o acordo!

- Eu não sabia de nada, e você deve me chamar de padre prior. A voz de Edmund se tornou ainda mais alta.

- Então estamos de volta ao ponto em que nos encontrávamos com o prior Anthony há três meses! Só que agora, em vez de uma ponte inadequada, não temos ponte nenhuma. Não pense que poderá ser construída sem qualquer custo para você. Os cidadãos podem emprestar as economias da vida inteira ao priorado, com a garantia de devolução com os pedágios da ponte, mas não darão seu dinheiro a troco de nada... padre prior.

- Neste caso, devem ficar sem uma ponte. Acabei de me tornar prior... como posso começar pela alienação de um direito que pertence ao meu priorado há centenas de anos?

- Mas é apenas temporário! - explodiu Edmund. - E se não fizer isso, ninguém ganhará qualquer dinheiro dos pedágios da ponte, porque não haverá nenhuma ponte!

Caris sentia-se furiosa, mas mordeu a língua para se conter, tentando imaginar qual seria a manobra de Godwyn. Era uma vingança pela noite passada... mas seria mesmo para valer?

- O que você quer? - perguntou ela.

Edmund parecia surpreso com a pergunta, mas não disse nada: a razão para levar Caris às reuniões era o fato de que ela percebia coisas que muitas vezes ele não notava, fazia perguntas que não haviam passado por sua mente.

- Não entendo o que está querendo dizer com isso - respondeu Godwyn.

- Você nos pegou de surpresa. Muito bem. Admitimos que fizemos uma suposição que pode ter sido injustificada. Mas qual é o seu propósito? Apenas fazer com que nos sintamos estúpidos?

- Foram vocês que pediram a reunião, não eu.

Que maneira é essa de falar com seu tio e sua prima? - protestou Edmund.

- Espere um pouco, papai.

Godwyn tinha um plano secreto, pensou Caris, mas não queria admiti-lo. Muito bem, decidiu ela, terei de adivinhar.

- Dê-me um minuto para pensar - pediu ela.

Godwyn ainda queria a ponte... tinha de querer, pois nada mais fazia sentido. A alegação sobre a alienação dos direitos antigos do priorado era

retórica, o tipo de argumento pomposo que os estudantes aprendiam em Oxford. Ele queria que Edmund cedesse e aceitasse o projeto de Elfric? Caris achava que não. Era evidente que Godwyn se ressentia da maneira como Edmund passara por cima de sua cabeça e apelara para os cidadãos, mas não podia deixar de perceber que Merthin oferecia o dobro de ponte quase pela metade do preço. O que mais poderia ser?

Talvez ele quisesse apenas um acordo melhor.

Godwyn devia ter examinado as finanças do priorado, pensou Caris. E depois de criticar por muitos anos a ineficiência de Anthony, ele se deparava agora com a obrigação de fazer um serviço melhor. O que talvez não fosse tão fácil quanto ele imaginara. Talvez Godwyn não fosse tão hábil em questões de dinheiro e administração quanto pensara. Em desespero, ele queria a ponte e também o dinheiro do pedágio. Mas como pensava que isso poderia acontecer?

- O que poderíamos oferecer que o faria mudar de idéia? - perguntou ela.

- Construam a ponte sem cobrar os pedágios - respondeu Godwyn sem hesitação.

Então era esse o seu plano. Você sempre foi um tanto furtivo, Godwyn, pensou ela. E teve uma súbita inspiração.

- De quanto dinheiro estamos falando? Godwyn ficou desconfiado.

- Por que quer saber?

- Podemos calcular - interveio Edmund. - Sem contar os cidadãos, que não pagam o pedágio, cerca de cem pessoas cruzam a ponte no dia do mercado, além das carroças, que pagam dois pennies. É muito menos agora, com a barcaça, é claro.

- Ou seja, cerca de cento e vinte pennies por semana ou dez shillings, o que dá vinte e seis libras por ano - disse Caris.

Edmund acrescentou:

- Durante a semana da Feira do Velocino, cerca de mil pessoas no primeiro dia, e mais duzentas em cada dia subsequente.

- O que dá duas mil e duzentas pessoas, mais as carroças, num total aproximado de dois mil e quatrocentos pennies, o que dá dez libras. Portanto, trinta e seis libras por ano. - Caris olhou para Godwyn. - Não é isso?

- É, sim - admitiu ele, relutante.

- Em última análise, o que você quer de nós é a quantia de trinta e seis libras por ano.

- Exatamente.

- Impossível! - exclamou Edmund.

- Não necessariamente - disse Caris. - Vamos supor que o priorado desse à guilda da paróquia um arrendamento sobre a ponte...

Uma pausa e ela acrescentou:

- Mais um acre de terreno em cada lado e a ilha no meio, pelo pagamento de trinta e seis libras por ano, em perpetuidade. - Caris sabia que as terras teriam um valor inestimável depois que a ponte ficasse pronta. - Isso lhe daria o que deseja, padre prior?

- Claro.

Era evidente que Godwyn pensava que receberia trinta e seis libras por ano em troca de alguma coisa sem valor. Não tinha a menor idéia do aluguel que poderia ser cobrado de um terreno na extremidade de uma ponte. O pior negociador do mundo é um homem que acredita que é esperto, pensou Caris.

- Mas como a guilda recuperaria o custo da construção? - indagou Edmund.

- Com o projeto de Merthin, deve aumentar o número de pessoas e carroças cruzando o rio. Teoricamente, pode dobrar. E tudo acima de trinta e seis libras é da guilda. Também podemos construir prédios nos dois lados para atender aos viajantes... tavernas, estábulos, casas de pasto. Devem ser lucrativos... poderíamos cobrar aluguéis altos.

- Não sei... - murmurou Edmund. - Parece-me muito arriscado.

Por um momento, Caris sentiu-se furiosa com o pai. Tivera uma idéia brilhante, e ele se empenhava em procurar falhas desnecessárias. Mas logo ela percebeu que era simulação. Podia ver o entusiasmo que Edmund não conseguia esconder em seus olhos. Ele adorara a idéia, mas não queria que Godwyn soubesse como estava satisfeito. Ocultava seus sentimentos com receio de que o prior tentasse negociar um acordo melhor.

Ao perceber o que o pai tentava fazer, Caris entrou no jogo, fingindo partilhar suas apreensões.

- Sei que é arriscado - disse ela, em tom sombrio. - Podemos perder tudo. Mas que alternativa nós temos? Estamos acuados. Se não construirmos a ponte, podemos fechar nossos negócios.

Edmund sacudiu a cabeça, com uma expressão de dúvida.

- Mesmo assim, não posso concordar com esse acordo em nome da guilda. Terei de conversar com as pessoas que estão adiantando o dinheiro. Não

posso dizer qual será a resposta. - Ele fitou Godwyn nos olhos. - Mas farei o melhor possível para persuadi-las, se essa é a sua melhor oferta.

Godwyn não chegara a fazer uma oferta, refletiu Caris; mas ele esquecera isso.

- É, sim - declarou o prior, decidido. Pegamos você, pensou Caris, triunfante.

- Você foi muito esperta - comentou Merthin.

Ele estava deitado entre as pernas de Caris, a cabeça em sua coxa, mexendo em seus pelos púbicos. Havia acabado de fazer amor pela segunda vez, e ele achara ainda mais inebriante do que na primeira.

Enquanto relaxavam, no agradável devaneio de amantes satisfeitos, ela relatara a negociação com Godwyn. Merthin ficou impressionado.

- O melhor de tudo é que ele pensa que fez um grande negócio - comentou Caris. - Na verdade, o arrendamento perpétuo da ponte e da terra tem um valor inestimável.

- Ao mesmo tempo, é desanimador, se serve como indicação de que ele não vai administrar o dinheiro do priorado melhor do que seu tio Anthony. Estavam na floresta, numa clareira oculta por amoreiras silvestres, à sombra de faias altas, onde um córrego passava sobre pedras para formar um laguinho. Provavelmente era usada por amantes havia centenas de anos. Havia se despido e mergulhado no laguinho, antes de fazerem amor na margem relvada. Qualquer pessoa que passasse clandestinamente por aquele trecho da floresta contornaria o matagal; portanto, não era provável que fossem descobertos, a não ser por crianças colhendo amoras... e fora assim que Caris descobrira a clareira quando era pequena, como contara a Merthin.

- Por que pediu aquela ilha? - perguntou Merthin agora.

- Não sei. É evidente que não é tão valiosa quanto a terra nos lados da ponte, e também não pode ser cultivada. Mas deve haver algum meio de aproveitá-la. A verdade é que adivinhei que ele faria objeções, e resolvi incluir a ilha no acordo.

- Vai assumir o negócio de lã de seu pai um dia?

- Não.

- Tão decidida? Por quê?

- É muito fácil para o rei taxar o comércio de lã. Ele acaba de impor um tributo extra de uma libra por saco de lã... além do tributo já existente de dois terços de libra. O preço da lã é agora tão alto que os italianos

começam a procurar lã de outros países, como a Espanha. O negócio fica à mercê do monarca.

- Ainda assim, é um meio de ganhar a vida. O que mais você poderia fazer? Merthin queria levar a conversa para o casamento, um assunto que ela nunca abordava.

- Não sei. - Caris sorriu. - Quando eu tinha dez anos queria ser médica. Achava que se soubesse medicina poderia salvar a vida de minha mãe. Todos riram de mim. Não compreendia que só os homens podem ser médicos.

- Você poderia ser como Mattie.

- Isso chocaria a família. Pense no que Petranilla diria. Madre Cecilia acha que meu destino é ser uma freira.

Merthin riu.

- Se ela pudesse vê-la agora!

Ele beijou a parte interna da coxa de Caris.

- Provavelmente ela gostaria de fazer o que você está fazendo agora - comentou Caris. - Você sabe o que as pessoas dizem sobre as freiras.

- Por que ela acha que você deveria ingressar no convento?

- Pelo que fizemos depois que a ponte desabou. Ajudei-a a cuidar dos feridos. Ela disse que eu tinha um dom natural para isso.

- E tem mesmo. Até eu pude perceber.

- Só fiz o que Cecilia mandava.

- Mas as pessoas pareciam se sentir melhor depois que você falava com elas. E você sempre escutava o que elas tinham a dizer, antes de dizer o que deviam fazer.

Ela acariciou o rosto de Merthin.

- Não posso ser uma freira. Gosto demais de você.

O triângulo de pelos pubianos era castanho avermelhado, com tons dourados.

- Você tem uma pequena verruga - murmurou ele. - Bem aqui, à esquerda, ao lado da fenda.

- Sei disso. Tenho desde que era menina. Achava horrível. Fiquei bastante satisfeita quando os cabelos cresceram, porque pensei que assim meu marido não veria. Nunca imaginei que alguém pudesse olhar com tanta atenção como você.

- Frei Murdo diria que você é uma feiticeira... é melhor nunca deixá-lo ver isso.

- Nem que ele fosse o último homem no mundo.
- Esse é o defeito que salva você da blasfêmia.
- Como assim?
- No mundo árabe, cada obra de arte tem um pequeno defeito, para não competir com a perfeição de Deus, o que seria um sacrilégio.
- Como sabe disso?
- Um dos florentinos me contou. Acha que a guilda da paróquia vai querer ficar com a ilha?
- Por que está perguntando?
- Porque eu gostaria de possuí-la.
- Quatro acres de rocha e coelhos. Por quê?
- Eu faria ali um cais e um pátio de construção. Pedra e madeira chegando pelo rio seriam descarregadas direto no cais. E depois que a ponte estivesse pronta, eu faria uma casa na ilha.
- Boa idéia. Mas não lhe dariam de graça.
- Não poderia ser como parte do pagamento pela construção da ponte? Eu poderia pagar, por exemplo, metade dos meus salários durante dois anos.
- Você cobra quatro pennies por dia... ou seja, o preço da ilha seria de pouco mais de cinco libras. Eu diria que a guilda ficaria satisfeita em receber tanto dinheiro por uma terra árida.
- Acha que é uma boa idéia?
- Poderia construir e alugar casas ali, assim que a ponte acabar e as pessoas puderem viajar com facilidade entre as margens e a ilha.
- Tem razão - murmurou Merthin, pensativo. - É melhor eu conversar sobre isso com seu pai.

26

De volta ao Earlscastle, ao final de um dia de caçada, quando todos os homens do círculo do conde Roland estavam de bom humor, Ralph Fitzgerald sentia-se feliz.

Passaram pela ponte levadiça como um exército invasor de cavaleiros, pajens e cachorros. Caía um chuvisco, bem recebido pelos homens e animais, que se sentiam quentes, cansados e contentes. Havia abatido várias cervas gordas do verão, que dariam uma comida saborosa, além de um macho velho, a carne dura demais só servindo para os cachorros, liquidado apenas pelos chifres magníficos.

Desmontaram junto da muralha externa do castelo, dentro do círculo inferior do fosso em figura de oito. Ralph desencilhou Griff, murmurou algumas palavras de agradecimento em seu ouvido, alimentou-o com uma cenoura, e entregou-o a um cavaliço para ser escovado. Os meninos da cozinha levaram as carcaças sangrentas dos animais abatidos. Os homens recordavam ruidosos os acontecimentos do dia, gabando-se, escarnecendo e rindo, enquanto recordavam os saltos admiráveis e as quedas perigosas, as escapatórias por um triz. As narinas de Ralph captaram um aroma que ele amava, uma mistura de cavalos suados, cachorros molhados, couro e sangue.

Ralph descobriu-se ao lado de lorde William de Caster, o filho mais velho do conde.

- Um grande dia de caçada - comentou ele.

- Espetacular - concordou William, que tirou o gorro e coçou a cabeça calva.

- Mas lamento ter perdido o velho Bruno.

Bruno, o líder da matilha de cães, partira para o ataque final cedo demais. Quando o velho macho ficara exausto demais para continuar a fugir, virara-se para enfrentar os cachorros, as espáduas arfantes cobertas de sangue. Bruno saltara para sua garganta, mas o veado, num derradeiro ímpeto de desafio, baixara a cabeça e depois erguera o pescoço musculoso, os chifres empalando a barriga macia do cachorro. O esforço acabou com o animal. No instante seguinte, os outros cachorros atacaram, dilacerando-o por completo. Mas enquanto ele se debatia, nos estertores da morte, as tripas de Bruno espalharam-se pelos chifres, como uma corda emaranhada.

William tivera de acabar com o sofrimento do cachorro, cortando sua garganta com uma adaga comprida.

- Ele era um bravo cachorro - murmurou Ralph, pondo a mão no ombro de William em comiseração.

- Como um leão - concordou William.

Num súbito impulso, Ralph decidiu falar sobre suas perspectivas. Nunca haveria um momento melhor. Era um homem de Roland havia sete anos; era bravo e forte; e salvara a vida de seu senhor quando a ponte desabara... mesmo assim, não recebera uma promoção e ainda era pajem. O que mais poderiam pedir-lhe?

Ontem ele se encontrara com o irmão, por acaso, numa taverna na estrada de Kingsbridge para Shiring. Merthin, a caminho da pedreira do priorado, tinha muitas novidades para contar.

Encarregar-se-ia de construir a mais bela ponte da Inglaterra. Seria rico e famoso. Os pais estavam emocionados. E isso fizera com que Ralph se sentisse ainda mais frustrado.

Agora, ao falar com lorde William, ele não pôde pensar numa maneira melhor de introduzir o problema que tanto o angustiava do que ir direto ao assunto.

- Já se passaram três meses desde que salvei a vida de seu pai em Kingsbridge.

- Várias pessoas reivindicam essa honra.

A expressão dura que se estampou no rosto de William fez Ralph se lembrar de Roland.

- Eu o tirei do rio.

- E Matthew Barber consertou sua cabeça, as freiras trocaram as bandagens, e os monges rezaram por ele. Mas foi Deus quem salvou sua vida.

- Amém - disse Ralph. - Mesmo assim, eu esperava por algum favor.

- Meu pai é um homem difícil de agradar.

O irmão de William, Richard, estava parado ali perto, o rosto vermelho e suado. Ouviu o comentário e disse:

- Isso é tão verdadeiro quanto a Bíblia.

- Não se queixe - declarou William. - A dureza de nosso pai nos tornou fortes.

- E também, pelo que me recordo, infelizes.

William virou-se, provavelmente porque não queria argumentar a respeito na presença de um subalterno.

Depois que os cavalos foram levados para os estábulos, os homens se afastaram. Passaram pela cozinha, alojamentos e capela, e atravessaram uma segunda ponte levadiça, para a área no círculo superior da figura de oito. Era ali que o conde vivia, numa torre de menagem tradicional, com depósitos no andar térreo, um vasto salão por cima e os aposentos pessoais no último andar. Um bando de gralhas habitava as árvores altas em torno da torre; desfilavam pelas ameias como sargentos gritando sua insatisfação. Roland estava no salão. Trocara as roupas de caçada sujas por uma túnica purpura. Ralph foi se postar nas proximidades do conde, determinado a levantar a questão de sua promoção na primeira oportunidade.

Roland discutia, jovial, com a esposa de William, lady Philippa, uma das poucas pessoas que podia contestá-lo e escapar impune. Conversavam sobre o castelo.

- Não creio que nada tenha mudado aqui nos últimos cem anos - comentou Philippa.

- Porque é um bom projeto - disse Roland, falando pelo lado esquerdo da boca. - O inimigo consome a maior parte de sua força para entrar na parte inferior da fortaleza, e depois tem de travar uma nova batalha para alcançar a torre.

- Exatamente! - exclamou lady Philippa. - O castelo foi construído para a defesa, não para o conforto. Mas quando foi a última vez em que um castelo nesta parte da Inglaterra foi atacado? Não durante toda a minha vida.

- Nem na minha. - O conde sorriu com a metade móvel do rosto. - Provavelmente porque nossas defesas são fortes.

- Houve um bispo que espalhava bolotas de carvalho pela estrada sempre que viajava, a fim de se proteger dos leões. Quando lhe disseram que não havia leões em toda a Inglaterra, ele comentou: "É mais eficaz do que eu pensava."

Roland riu. Philippa acrescentou:

- A maioria das famílias nobres vive hoje em dia em residências mais confortáveis.

Ralph não se importava com o luxo, mas se sentia atraído por Philippa. Contemplou seu corpo sensual enquanto ela falava, alheia à presença de

Ralph. Imaginou-a deitada por baixo dele, contorcendo o corpo nu, gritando de prazer, ou dor, se não as duas coisas. Se ele fosse um cavaleiro, poderia ter uma mulher assim.

- Você deveria derrubar esta velha torre e construir uma casa moderna declarou Philippa para o sogro. - Com janelas grandes e muitas lareiras. Poderia ter o salão no andar térreo, com os aposentos da família numa extremidade, para que todos pudéssemos ter um descanso em particular quando viéssemos visitá-lo. As cozinhas ficariam na outra extremidade, para que a comida ainda estivesse quente quando chegasse à mesa.

Ralph percebeu de repente que poderia fazer uma contribuição para aquela conversa.

- Sei quem poderia projetar uma casa assim.

Todos se viraram para ele, surpresos. O que um pajem poderia saber de projetos de casas?

- Quem? - indagou Philippa.

- Meu irmão, Merthin. Ela ficou pensativa.

- O garoto de rosto engraçado que me disse para comprar seda verde pois combinava com meus olhos?

- Ele não teve a intenção de ser desrespeitoso.

- Não posso saber qual era sua intenção. Ele é construtor?

- O melhor de todos - garantiu Ralph, orgulhoso. - Ele projetou o sistema da nova barcaça em Kingsbridge, e depois inventou a maneira de consertar o telhado da igreja de St. Mark, quando mais ninguém podia fazê-lo. Agora, foi incumbido de construir a mais bela ponte da Inglaterra.

- De certa forma, isso não me surpreende - murmurou Philippa.

- Que ponte? - perguntou Roland.

- A nova ponte em Kingsbridge. Terá arcadas pontiagudas, como uma igreja, e será bastante larga para a passagem de duas carroças ao mesmo tempo.

- Eu não soube de nada disso - resmungou Roland.

Ralph compreendeu que o conde estava insatisfeito. O que o teria irritado?

- A ponte deve ser reconstruída, não é?

- Não tenho certeza - respondeu Roland. - Hoje em dia não há negócios suficientes para dois mercados tão próximos quanto Kingsbridge e Shiring. Mas se temos de aceitar o mercado de Kingsbridge, isso não significa que temos de admitir uma tentativa clamorosa do priorado de roubar fregueses de Shiring.

O bispo Richard entrou neste momento. Roland virou-se para ele.

- Você não me falou sobre a nova ponte em Kingsbridge.

- Porque não sei de nada a respeito.

- Mas deveria saber, já que é o bispo.

Richard ficou vermelho com a censura.

- O bispo de Kingsbridge vive em Shiring ou nas proximidades desde a guerra civil entre o rei Stephen e a imperatriz Maud, há dois séculos. Os monges preferem assim, e a maioria dos bispos também.

- Isso não impede que você se mantenha atento aos acontecimentos. Deve ter uma noção do que ocorre ali.

- Como não é o caso, talvez queira fazer a gentileza de me relatar o que descobriu.

Esse tipo de insolência fria passou despercebida por Roland.

- A ponte será bastante larga para duas carroças. E vai tirar negócios do mercado em Shiring.

- Não há nada que eu possa fazer.

- Por que não? Você é o abade, ex officio. Os monges devem fazer o que você manda.

- Mas não fazem.

- Talvez façam se você tirar o construtor do priorado. Ralph, pode persuadir seu irmão a desistir do projeto?

- Posso tentar.

- Ofereça uma perspectiva melhor. Diga a ele que quero construir um novo palácio para mim, aqui em Earls castle.

Ralph sentia-se excitado demais por receber uma incumbência especial do conde, mas também um pouco preocupado. Nunca fora capaz de persuadir Merthin a fazer qualquer coisa... era sempre o contrário que acontecia.

- Está bem - disse ele.

- Poderiam construir a ponte mesmo sem a participação de seu irmão?

- Merthin foi encarregado do trabalho porque ninguém mais em Kingsbridge sabia como construir debaixo d'água

- É óbvio que ele não é o único homem na Inglaterra que pode projetar uma ponte - declarou Roland.

- Ainda assim, a saída de seu construtor adiaria a construção - ressaltou William. - É bem provável que não possam começar por mais um ano.

- Então vale a pena - disse Roland, decidido.

Uma expressão de ódio estampou-se na metade animada de seu rosto, enquanto ele acrescentava:

- Aquele prior arrogante tem de ser posto em seu lugar.

As coisas haviam mudado na vida de Gerald e Maud, descobriu Ralph. A mãe tinha um vestido verde novo para ir à missa, e o pai usava sapatos de couro. Havia um ganso recheado com maçãs assando no fogo, impregnando a pequena casa com um aroma de dar água na boca. Um pão de trigo, do tipo mais caro, esperava na mesa. Ralph logo descobriu que o dinheiro vinha de Merthin.

- Ele vem recebendo quatro pennies para cada dia de trabalho em St. Mark anunciou Maud, orgulhosa. - E está construindo uma nova casa para Dick Brewer.

É o melhor que poderia acontecer, enquanto ele se prepara para construir a nova ponte.

Merthin receberia um salário menor pelo trabalho na ponte, explicou a mãe, enquanto o pai trinchava o ganso, porque ganharia a ilha do Leproso como parte do pagamento. O último leproso restante ali, velho e acamado, fora transferido para uma pequena casa no pomar dos monges, no outro lado do rio.

Ralph descobriu que a evidente felicidade da mãe deixava um gosto amargo em sua boca. Sempre acreditara, desde que era menino, que o destino da família estava em suas mãos. Fora enviado para longe, aos quatorze anos de idade, para ingressar no serviço do conde de Shiring. Já sabia desde então que cabia a ele compensar a humilhação do pai, ao se tornar um cavaleiro, talvez um barão, até mesmo um conde. Merthin, em contraste, tornara-se aprendiz de um carpinteiro, enveredando por um caminho que só poderia levá-lo a descer na escada social. Os construtores nunca poderiam se tornar cavaleiros.

Era algum conforto que o pai não se mostrasse impressionado com o sucesso de Merthin. Deu sinais de impaciência quando Maud se pôs a falar sobre os projetos de construção.

- Meu filho mais velho parece ter herdado o sangue de Jack Builder, meu único ancestral de origem humilde. - O tom de Gerald era mais de espanto do que de orgulho. - Mas conte-nos, Ralph, como vem se saindo na corte do conde Roland.

Era lamentável que Ralph, misteriosamente, não tivesse conseguido até agora ingressar na nobreza, enquanto Merthin comprava roupas novas e

alimentos caros para os pais. Ralph sabia que deveria ser grato pelo fato de um dos dois ter alcançado o sucesso; mesmo que os pais continuassem humildes, poderiam pelo menos ter algum conforto. Mas embora a mente insistisse que ele deveria se regozijar, o coração fervilhava de ressentimento.

E agora tinha de persuadir o irmão a desistir da ponte. O problema de Merthin era nunca ver as coisas de uma maneira simples. Não era como os cavaleiros e pajens com os quais Ralph convivera durante os últimos sete anos. Eles eram guerreiros. Em seu mundo, as lealdades eram claras, a bravura era a virtude, e tudo era uma questão de vida ou morte. Nunca havia muita necessidade de qualquer pensamento profundo. Mas Merthin pensava em tudo. Não podia entrar numa partida de damas sem sugerir uma mudança nas regras.

Agora, explicava aos pais por que aceitara quatro acres de rocha árida como parte do pagamento por seu trabalho na ponte.

- Todos acham que a terra não vale nada porque é uma ilha. Não compreendem que a ilha será parte da cidade quando a ponte ficar pronta. Os habitantes da cidade atravessarão a ponte como passam pela rua principal. E quatro acres de terra na cidade valem muito. Se eu construir casas ali, os aluguéis darão uma fortuna.

- Terá de esperar alguns anos por isso - comentou Gerald.

- Já comecei a ter rendimentos com a ilha. Jake Chepstow alugou meio acre para usar como depósito de madeira. Está trazendo troncos de Gales.

- Por que de Gales? - indagou Gerald. - A New Forest é mais próxima... e sua madeira deveria ser mais barata.

- Deveria ser, mas o conde de Shaftesbury cobra um tributo em cada vau de rio e ponte de seu território.

Era uma queixa familiar. Muitos lordes encontravam maneiras de tributar as mercadorias que passavam por seus territórios. Ao começarem a comer, Ralph disse ao irmão:

- Eu lhe trago notícia de outra oportunidade. O conde quer construir um novo palácio em Earls castle.

Merthin ficou desconfiado.

- Ele o mandou para me pedir um projeto?

- Sugeri seu nome. Lady Philippa censurava-o, alegando que a torre era muito antiquada, e eu disse que conhecia a pessoa certa para chamarem.

Maud estava emocionada.

- Não é maravilhoso? Merthin permaneceu cético.
- E o conde disse que me queria?
- Isso mesmo.
- E espantoso. Há poucos meses eu não conseguia arrumar um emprego. Agora, tenho muito para fazer. E Earlscastle fica a dois dias de viagem. Não sei como eu poderia construir um palácio ali e uma ponte aqui ao mesmo tempo.
- Terá de desistir da ponte - disse Ralph.
- Como?
- Trabalhar para o conde deve ter precedência sobre todo o resto, é claro.
- Não sei se isso é certo.
- Claro que é.
- Ele disse isso?
- Para ser franco, disse, sim. O pai interveio na conversa:
- E uma oportunidade maravilhosa, Merthin. Construir um palácio para um conde!
- Tem toda razão. Mas construir uma ponte para esta cidade também é importante.
- Não seja estúpido!
- Faço o melhor que posso para não ser - respondeu Merthin, sarcástico.
- O conde de Shiring é um dos homens mais importantes da Inglaterra. O prior de Kingsbridge não é ninguém em comparação.
- Ralph cortou um pedaço da coxa do ganso e pôs na boca, mas mal conseguiu engolir. Tinha medo daquilo. Merthin seria difícil. E também não aceitaria ordens do pai. Nunca fora obediente, nem mesmo quando era criança. Ralph começou a se sentir desesperado.
- O conde não quer que a nova ponte seja construída. Acha que vai desviar negócios de Shiring.
- E você não vai querer ficar contra o conde, Merthin - acrescentou Gerald.
- É o que está por trás disso, Ralph? - indagou Merthin. - Roland me oferece o trabalho apenas para impedir que a ponte seja construída?
- Não apenas por essa razão.
- Mas é uma condição. Se eu quiser construir o palácio, devo abandonar a ponte.
- Gerald tornou a interferir, com evidente irritação:
- Você não tem opção, Merthin! O conde não pede, ordena!

Ralph poderia ter informado que um argumento baseado na autoridade não era a maneira de persuadir Merthin.

- Não creio que ele possa dar ordens ao prior de Kingsbridge, que me encomendou a ponte - protestou Merthin.

- Mas ele pode dar ordens a você.

- Pode mesmo? Ele não é meu senhor.

- Não diga bobagem, filho. Você não pode ganhar uma briga contra um conde.

- Não creio que a briga de Roland seja contra mim, pai. O problema é entre o conde e o prior. Roland quer me usar, como um caçador usa um cachorro. Mas acho melhor não me envolver nessa briga.

- Acho que deve fazer o que o conde diz. Não esqueça que ele também é seu parente.

Merthin tentou um argumento diferente.

- Já lhe ocorreu o que uma traição assim significaria para o prior Godwyn? Gerald deixou escapar um grunhido irritado.

- Que lealdade você deve ao priorado? Foram os monges que nos deixaram na penúria.

- E seus vizinhos, os habitantes de Kingsbridge entre os quais você vive há dez anos? Eles precisam da ponte... é sua corda salva-vidas.

- Somos da nobreza - declarou o pai. - Não somos obrigados a levar em consideração as necessidades de meros mercadores.

Merthin acenou com a cabeça.

- Você pode se sentir assim, mas como um mero carpinteiro não posso partilhar sua opinião.

- O problema não é apenas seu! - Ralph compreendeu que tinha de encontrar uma solução. - O conde me deu uma missão. Se eu tiver êxito, posso ser promovido a cavaleiro. Se falhar, posso continuar como um pajem.

- É muito importante que todos nós tentemos agradar ao conde - murmurou Maud.

Merthin parecia perturbado. Mostrava-se sempre disposto a ter uma confrontação com o pai, mas não gostava de discutir com a mãe.

- Concordei em construir a ponte. A cidade conta comigo. Não posso desistir agora.

- Claro que pode - disse Maud.

- Não quero ter a reputação de alguém que não merece confiança.

- Todos compreenderão se você der precedência ao conde.
- Podem compreender, mas não me respeitariam por isso.
- Deve pôr sua família em primeiro lugar.
- Lutei pela ponte, mãe - declarou Merthin, obstinado. - Fiz um bom projeto, e persuadi toda a cidade a ter fé em mim. Ninguém mais pode construir... não da maneira como deve ser construída.
- Se desafiar o conde, isso afetará toda a vida de Ralph! Não percebe isso?
- Toda a sua vida não deve depender de uma coisa assim.
- Mas depende. Está disposto a sacrificar seu irmão apenas por causa de uma ponte?
- Acho que é um pouco como pedir a Ralph para salvar a vida de homens não indo para a guerra.
- Ora, não se pode comparar um carpinteiro com um soldado - interveio Gerald.

Era uma falta de tato, pensou Ralph. Demonstrava a preferência de Gerald pelo filho mais moço. E Ralph compreendeu que Merthin sentiu o desdém. O rosto do irmão ficou vermelho e ele mordeu o lábio, como se fizesse um esforço para não dar uma resposta belicosa.

Depois de uma pausa, Merthin falou na voz contida que Ralph sabia ser a indicação de que ele tomara uma decisão irrevogável:

- Não pedi para ser carpinteiro. Como Ralph, eu queria ser um cavaleiro. Uma aspiração tola para mim, sei disso agora. Mesmo assim, foi sua a decisão de que eu seria o que sou agora. E acabei descobrindo que sou bom nisso. Terei sucesso no ofício que você me obrigou a seguir. Um dia eu gostaria de construir o prédio mais alto da Inglaterra. Foi isso que você me fez. Portanto, é melhor aprender a aceitar.

Antes de voltar a Earls castle, Ralph vasculhou o cérebro à procura de uma maneira de transformar a derrota em vitória. Se não podia persuadir o irmão a abandonar a ponte, haveria algum outro meio de fazer com que o projeto fosse cancelado ou adiado?

Tinha certeza que de nada adiantaria conversar com o prior Godwyn ou com Edmund Wooler. Deviam estar ainda mais empenhados na construção da ponte do que Merthin; e, de qualquer forma, não se deixariam persuadir por um simples pajem. O que o conde poderia fazer? Talvez enviar uma tropa de cavaleiros para matar os operários trabalhando na ponte, mas isso poderia causar mais problemas do que resolveria.

Foi Merthin quem lhe deu a idéia. Ele dissera que Jake Chepstow, o mercador de madeira que usava a ilha do Leproso como depósito, comprava as árvores em Gales, a fim de evitar as taxas cobradas pelo conde de Shaftesbury. E foi conversar com Roland assim que voltou.

- Meu irmão acha que deve aceitar a autoridade do prior de Kingsbridge. Antes que o conde pudesse ficar furioso, ele se apressou em acrescentar: - Mas pode haver uma maneira melhor de protelar a construção da ponte. A pedreira do priorado fica no coração de seu condado, entre Shiring e Earlscastle.

- Mas pertence aos monges - resmungou Roland. - O rei concedeu-a há alguns séculos. Não podemos impedir que tirem as pedras de lá.

- Mas pode cobrar um tributo. - Ralph sentiu-se culpado. Sabotava um projeto que tanto interessava ao irmão. Mas tinha de ser feito, e ele reprimiu a consciência. - As pedras serão transportadas por seu condado.

As pesadas carroças abrirão buracos nas estradas e agitarão os vaus nos rios. Eles devem pagar por isso.

- Eles vão berrar como porcos. Recorrerão ao rei.

- Deixe-os fazerem o que quiserem - declarou Ralph, parecendo mais confiante do que se sentia. - Levará tempo. E restam apenas dois meses na temporada de construção deste ano... terão de suspender o trabalho antes da primeira geada. Com sorte, podemos adiar o início da construção da ponte até o próximo ano.

Roland fitou-o atentamente.

- É possível que eu o tenha subestimado. Talvez você sirva para algo mais do que tirar condos afogados dos rios.

Ralph disfarçou um sorriso triunfante.

- Obrigado, milorde.

- Mas como cobraremos esse tributo? Em geral, há uma encruzilhada, um vau num rio, um ponto pelo qual todas as carroças devem passar.

- Como estamos interessados apenas em blocos de pedra, podemos acampar uma tropa nos arredores da pedreira.

- Boa idéia. E você será o comandante.

Dois dias depois, Ralph seguiu para a pedreira, com quatro homens de armas, a cavalo. Dois ajudantes conduziam uma fileira de cavalos de carga, levando barracas e alimentos para uma semana. Ralph sentia-se satisfeito consigo mesmo até agora. Recebera uma missão impossível e

consequira encontrar uma solução. O conde achava que ele servia para mais do que o trabalho de resgate no rio. A situação começava a melhorar. Sentia-se constrangido pelo que estava fazendo com Merthin. Passou boa parte da noite acordado, recordando a infância. Sempre reverenciara o irmão mais velho, tão esperto. Haviam brigado com frequência, e Ralph sentira-se pior ao ganhar do que ao perder. Sempre faziam as pazes depois, naquele tempo. Mas as brigas de adultos eram mais difíceis de esquecer.

Ralph não se sentia preocupado pela confrontação com os pedreiros dos monges. Não deveriam ser adversários à altura para um grupo de militares. Não havia cavaleiros no destacamento - era uma missão abaixo da dignidade deles mas contava com Joseph Woodstock, que era um soldado duro, e mais três homens experientes. Mesmo assim, ficaria contente quando tudo acabasse e seu objetivo fosse alcançado.

Passava um pouco do amanhecer. Haviam acampado na noite anterior na floresta, a poucos quilômetros da pedreira. Ralph planejava chegar lá a tempo de impedir a passagem da primeira carroça que tentasse partir naquela manhã.

Os cavalos avançaram cautelosos por uma estrada lamacenta dos cascos de bois e com sulcos profundos deixados pelas rodas das pesadas carroças. O sol ergueu-se para um céu de nuvens de chuva, com manchas azuis aparecendo aqui e ali. O grupo de Ralph estava de bom humor, ansioso em exercer seu poder sobre homens desarmados, sem se expor a qualquer risco.

Ralph sentiu o cheiro de lenha queimando e avistou a fumaça de várias fogueiras se elevando acima das árvores. Poucos momentos depois a estrada se alargou para uma clareira lamacenta, na frente do maior buraco que Ralph já vira.

Tinha cem metros de largura e estendia-se por quase meio quilômetro. Uma rampa lamacenta descia para as barracas e cabanas de madeira dos pedreiros, agrupados em torno de fogueiras, preparando a primeira refeição do dia. Uns poucos já haviam começado a trabalhar. Ralph podia ouvir o barulho de malhos batendo em cunhas cravadas em aberturas na rocha, separando enormes blocos da massa de pedra.

A pedreira ficava a um dia de viagem de Kingsbridge; por isso, a maioria dos carroceiros chegava à noite e partia na manhã seguinte. Ralph divisou várias carroças na pedreira, algumas já carregadas com pedras. Uma delas

seguia lentamente pela trilha no meio do buraco, a caminho da rampa de saída.

Os homens na pedreira levantaram os olhos, alertados pelos sons dos cavalos, mas nenhum se aproximou. Ralph esperou, paciente. Parecia haver apenas uma saída da pedreira, a rampa lamacenta que levava ao lugar em que ele se encontrava.

A primeira carroça subia lentamente a rampa. O carroceiro fustigava o boi com um chicote comprido. O animal estendia uma pata para a frente da outra, num ressentimento silencioso. Havia quatro pedras enormes na carroça, com a marca do homem que as cortara. A produção de cada homem era contada ao sair da pedreira, e outra vez no local da construção; eles recebiam por pedra.

Quando a carroça se aproximou, Ralph constatou que o carroceiro era um homem de Kingsbridge, Ben Wheeler. Parecia um pouco com seu boi, o pescoço grosso, ombros maciços. O rosto exibia uma expressão de hostilidade. Ele poderia tentar criar problemas, pensou Ralph, mas seriam capazes de subjugar-lo.

Ben conduziu seu boi para a linha de cavalos que bloqueava a estrada. Em vez de parar a alguma distância, deixou que o animal se aproximasse mais e mais. Os cavalos não eram treinados para o combate, mas sim para tarefas cotidianas. Relincharam e recuaram. O boi parou por sua própria iniciativa. A atitude de Ben irritou Ralph, que gritou:

- Você é um idiota arrogante!

- Por que estão no meu caminho? - perguntou Ben.

- Estamos aqui para cobrar o tributo.

- Não há tributo nenhum.

- O tributo para transportar pedra através do território do conde de Shiring. Deve pagar um penny por carroça cheia.

- Não tenho dinheiro.

- Então deve arrumar.

- Vai impedir minha passagem?

O idiota não se mostrava assustado como deveria, o que enfureceu Ralph.

- Não tenha a presunção de me fazer perguntas. A pedra fica aqui até que alguém pague o tributo.

Ben fitou-o em fúria por um longo momento. Ralph teve o pressentimento de que o homem especulava se deveria ou não derrubá-lo do cavalo.

- Mas não tenho dinheiro - repetiu Ben.

Ralph teve vontade de atingi-lo com a espada, mas conteve sua raiva.

- Não finja ser mais estúpido do que é de fato - disse ele, desdenhoso. Procure o mestre da pedreira e avise a ele que os homens do conde não o deixarão partir.

Ben fitou-o em silêncio por mais um momento, pensativo; depois, sem dizer mais nada, virou-se e desceu pela rampa, deixando a carroça onde estava.

Ralph esperou, na maior irritação, olhando para o boi.

Ben entrou numa cabana de madeira no meio da pedreira. Saiu poucos minutos depois, acompanhado por um homem franzino, de túnica marrom. A princípio, Ralph presumiu que o segundo homem era o mestre da pedreira. Quando ele se aproximou, descobriu que era seu irmão.

- Essa não! - exclamou ele.

Não estava preparado para aquilo. Sentiu-se torturado pela vergonha enquanto observava Merthin subir pela rampa comprida. Sabia que estava ali para trair o irmão, mas não esperava que Merthin fosse testemunha.

- Olá, Ralph - disse Merthin, ao chegar perto. - Ben avisa que você não quer deixá-lo passar.

Merthin sempre fora capaz de superá-lo numa discussão, recordou Ralph, desolado. Decidiu ser formal. Esconderia suas emoções. Não teria problemas se se limitasse a repetir as instruções.

- O conde decidiu exercer seu direito de cobrar tributos das cargas de pedras que usam suas estradas.

Merthin ignorou a declaração.

- Não vai descer do cavalo para conversar com seu irmão?

Ralph preferia continuar montado, mas não queria recusar o que parecia ser uma espécie de desafio; por isso, desmontou. E sentiu que o irmão já prevalecera.

- Não há tributo para a pedra que sai daqui - disse Merthin.

- Há agora.

- Os monges exploram esta pedreira há centenas de anos. A catedral de Kingsbridge foi construída com pedras tiradas daqui. Nunca houve nenhum tributo.

- Talvez o conde perdoasse o tributo para ajudar a catedral - declarou Ralph, improvisando. - Mas não fará a mesma coisa por uma ponte.

- Ele apenas não quer que a cidade tenha uma nova ponte. É o motivo para isso. Primeiro, ele manda você para me subornar. Quando isso falha,

inventa um novo tributo. - Merthin assumiu uma expressão pensativa. - A idéia foi sua, não é?

Ralph ficou mortificado. Como ele adivinhara?

- Não! - gritou ele, mas sentiu que ficava vermelho.

- Vejo pelo seu rosto que foi. E fui eu quem lhe deu a noção, tenho certeza, quando falei de Jake Chepstow importando troncos de Gales para evitar o tributo do conde de Shaftesbury.

Ralph sentia-se mais e mais tolo e furioso a cada momento que passava.

- Não há qualquer ligação - resmungou ele, obstinado.

- Você me censurou por considerar a ponte mais importante do que meu irmão, mas sente-se feliz em destruir minhas esperanças em favor de seu conde.

- Não importa de quem foi a idéia. O conde decidiu tributar a pedra.

- Mas ele não tem esse direito.

Ben Wheeler ouvia a conversa atentamente, parado atrás de Merthin, as pernas abertas, as mãos nos quadris. Agora, ele perguntou a Merthin:

- Está dizendo que esses homens não têm o direito de barrar minha passagem?

- É exatamente o que estou dizendo.

Ralph poderia ter dito a Merthin que era um erro tratar um homem assim como se fosse inteligente. Ben considerou as palavras de Merthin como uma permissão para seguir em frente. Deu uma chicotada no boi. O animal inclinou-se na canga de madeira e fez um esforço para avançar. Ralph berrou, furioso:

- Pare!

Ben tornou a bater com o chicote e gritou:

-Eia!

O boi puxou com mais força e a carroça avançou, com um solavanco. O cavado de Joseph Woodstock relinchou e empinou, revirando os olhos.

Joseph puxou as rédeas e controlou o cavalo. Depois, tirou do alforje um porrete comprido.

- Fique onde está quando receber a ordem - disse ele a Ben. Impulsionando o cavalo para a frente, ele desferiu um golpe com o porrete. Ben esquivou-se do golpe, segurou o porrete, e deu um puxão.

Joseph já estava inclinado na sela. O puxão brusco desequilibrou-o, e ele caiu no chão.

- Oh, não! - exclamou Merthin.

Ralph sabia por que Merthin ficara consternado. Um homem de armas não podia esquecer aquela humilhação. Não havia como evitar a violência agora. Mas o próprio Ralph não lamentava. Seu irmão deixara de tratar os homens do conde com a deferência que mereciam, e agora veria as consequências.

Ben segurava o porrete de Joseph com as duas mãos. Joseph levantou-se de um pulo. Ao ver Ben brandindo o porrete, ele estendeu a mão para a adaga. Mas Ben foi mais rápido... o carroceiro devia ter lutado em alguma batalha, concluiu Ralph. Ben virou o porrete e acertou com toda a força no alto da cabeça de Joseph, que tornou a cair no chão e ficou imóvel.

Ralph soltou um berro de fúria. Sacou a espada e correu para o carroceiro. Merthin gritou:

- Não!

Ralph atingiu Ben no peito, enfiando a espada entre as costelas, com toda a sua força. Ela atravessou o corpo volumoso de Ben e saiu pelo outro lado. Ben caiu para trás e Ralph puxou a espada. O sangue esguichou do carroceiro. Ralph sentiu um fluxo de satisfação triunfante. Não haveria mais insolência de Ben Wheeler.

Ele ajoelhou-se ao lado de Joseph. Seus olhos fitavam sem ver. O coração parara de bater. Ele estava morto.

De certa forma, isso era bom. Simplificava as explicações. Ben Wheeler assassinara um dos homens do conde e morrera por isso. Ninguém veria qualquer injustiça nisso... muito menos o conde Roland, que não tinha misericórdia com aqueles que desafiavam sua autoridade.

Merthin não pensava da mesma maneira. Seu rosto se contraía todo, como se sentisse muita dor.

- O que você fez? - indagou ele, incrédulo. - Ben Wheeler tem um filho de dois anos! Eles o chamam de Bennie!

- Neste caso, é melhor a viúva procurar outro marido - disse Ralph. - E desta vez ela deve escolher um homem que conheça seu lugar.

Foi uma péssima colheita. Houve tão pouco sol em agosto que os grãos mal haviam amadurecido em setembro. Na aldeia de Wigleigh, o desânimo era geral. Não havia a euforia habitual da época da colheita: as danças, a bebida, os romances repentinos. As colheitas úmidas eram propensas a apodrecer. Muitos aldeões passariam fome antes da primavera. Wulfric colheu a cevada debaixo de chuva, ceifando os talos úmidos, enquanto Gwenda da atrás, amarrando os feixes. No primeiro dia de sol de setembro, eles começaram a colher o trigo, o cereal mais valioso, na esperança de que o bom tempo duraria por tempo suficiente para secá-lo. Em algum momento, Gwenda percebeu que Wulfric era impulsionado pela fúria. A súbita perda de toda a família o enfurecia. Culparia alguém por seu sofrimento, se pudesse; mas o desabamento da ponte parecia um acontecimento fortuito, um ato dos maus espíritos, ou uma punição de Deus; assim, ele não tinha onde descarregar sua raiva, a não ser no trabalho. Ela própria era impulsionada pelo amor, um sentimento igualmente poderoso.

Iam para os campos antes do amanhecer, e não paravam até que ficava escuro demais para verem qualquer coisa. Gwenda deitava todas as noites com dor nas costas, e acordava quando ouvia Wulfric bater a porta da cozinha, antes do amanhecer. Ainda assim, estavam atrás de todos os outros.

Pouco a pouco, Gwenda sentiu uma mudança na atitude da aldeia em relação a Wulfric e ela. Durante toda a sua vida, fora menosprezada como a filha do infame Joby; e as mulheres desaprovaram-na ainda mais quando perceberam que ela queria tirar Wulfric de Annet. Era difícil não gostar de Wulfric, mas alguns achavam que seu desejo de herdar uma propriedade tão grande era ganancioso e inviável. As pessoas, no entanto, não podiam deixar de ficar impressionadas com os dois pelo esforço para fazer a colheita. Um garoto e uma garota tentavam realizar o trabalho de três homens, e vinham se saindo melhor do que todos esperavam. Os homens passaram a olhar Wulfric com admiração, enquanto as mulheres olhavam para Gwenda com simpatia.

No final, os aldeões reuniram-se para ajudá-los. O pároco da aldeia, padre Gaspard, fingiu não se importar com o fato de trabalharem aos domingos.

Quando a família de Annet concluiu sua colheita, o pai, Perkin, e o irmão, Rob, juntaram-se a Gwenda nas terras de Wulfric. Até mesmo a mãe de Gwenda, Ethna, foi ajudar.

Ao levarem os últimos feixes para o celeiro de Wulfric, houve uma insinuação do espírito tradicional da colheita, com todos entoando as antigas canções, enquanto caminhavam atrás da carroça.

Annet ali estava, em violação ao ditado antigo de que a pessoa deve primeiro seguir o arado se quer dançar a jiga da colheita. Ela foi caminhando ao lado de Wulfric, seu direito como a noiva reconhecida. Gwenda observava-a de trás, amargurada, notando como ela requebrava os quadris, balançava a cabeça, e ria alegremente de tudo o que Wulfric dizia. Como ele podia ser tão estúpido para se apaixonar por isso? Não percebera que Annet não trabalhara nem um pouco em sua terra?

Ainda não havia sido marcado o dia para o casamento. Perkin era astuto acima de tudo, e não deixaria a filha se comprometer até que a questão da herança estivesse resolvida.

Wulfric demonstrara sua capacidade em cultivar a terra. Ninguém questionaria isso agora. Sua idade se tornara irrelevante. O único obstáculo restante era o beriot. Ele conseguiria levantar o dinheiro para pagar o tributo de herança? Dependeria do dinheiro que conseguisse pela colheita. Mesmo sendo ruim, se o mau tempo prevalecesse por toda parte, o preço do trigo provavelmente subiria. Em circunstâncias normais, uma próspera família de camponeses teria guardado o dinheiro para o heriot mas as economias da família de Wulfric estavam no fundo do rio, em Kingsbridge. Portanto, nada estava resolvido. E Gwenda poderia continuar a sonhar que Wulfric herdaria a terra, e de alguma forma transferiria sua afeição para ela. Qualquer coisa era possível.

Nathan Reeve apareceu no momento em que descarregavam a carroça no celeiro. O bailiff corcunda exibia um intenso excitamento.

- Venham depressa para a igreja! - gritou ele. - Todo mundo! Parem o que estão fazendo!

- Não vou deixar minha colheita aqui fora, pois pode estragar - protestou Wulfric.

- Vamos pôr a carroça dentro do celeiro - propôs Gwenda. - Qual é a emergência, Nate?

O bailiff já se afastava apressado, a caminho da próxima casa.

- O novo senhor está chegando!

- Espere! - Wulfric correu atrás dele. - Vai recomendar que eu herde a propriedade?

Todos ficaram imóveis, observando, à espera da resposta. Nathan virou-se, relutante, e fitou Wulfric. Teve de inclinar a cabeça para trás, pois Wulfric era mais de um palmo mais alto.

- Não sei...

- Provei que posso cultivar a terra... e você sabe disso. Basta dar uma olhada no celeiro.

- Não resta a menor dúvida de que trabalhou bem. Mas é capaz de pagar o heriot

- Depende do preço do trigo. Annet interveio:

-Pai...

Gwenda se perguntou o que poderia acontecer.

Perkin parecia hesitante. Annet insistiu:

- Lembra o que me prometeu?

- Claro que lembro.

- Pois então diga a Nate. Perkin virou-se para o bailiff.

- Eu garanto o heriot, se o senhor deixar Wulfric herdar. Gwenda levou a mão à boca.

- Pagará por ele? - indagou Nathan. - São duas libras e dez shillings.

- Se ele estiver com pouco dinheiro, emprestarei o que precisar. Claro que eles terão de casar primeiro.

Nathan baixou a voz:

- E, além disso...?

Perkin disse alguma coisa, tão baixo que Gwenda não entendeu; mas podia adivinhar o que era. Perkin oferecia um suborno a Nathan, provavelmente um décimo do tributo, o que seria cinco shillings.

- Está bem - concordou Nathan. - Farei a recomendação. Agora, sigam depressa para a igreja!

Ele se afastou correndo. Wulfric deu um sorriso largo e beijou Annet. Todos apertaram sua mão.

Gwenda sentia-se angustiada. Sua esperança fora destruída. Annet fora muito esperta. Persuadira o pai a emprestar a Wulfric o dinheiro de que precisasse. Ele herdaria a terra... e casaria com Annet.

Gwenda forçou-se a ajudar a empurrar a carroça para o celeiro. Depois, seguiu o feliz casal, a caminho da igreja da aldeia. Tudo acabara. Um novo senhor, sem conhecer a aldeia ou seus habitantes, dificilmente ficaria

contra o conselho do bailiff numa questão como aquela. O fato de Nathan ter se dado o trabalho de negociar um suborno indicava sua confiança.

Era em parte culpa sua, é claro. Trabalhara demais para que Wulfric pudesse fazer sua colheita, na vã esperança de que ele percebesse que ela daria uma esposa muito melhor do que Annet. Durante todo o verão cavara a própria sepultura, pensou ela, enquanto atravessava o cemitério e se aproximava da porta da igreja. Mas faria a mesma coisa de novo. Não suportaria ver Wulfric se esforçando sozinho. O que quer que aconteça, refletiu Gwenda, ele sempre saberá que fui eu quem ficou ao seu lado. O que era um conforto mínimo.

A maioria dos aldeões já estava na igreja. Não precisavam das exortações de Nathan. Todos sentiam-se ansiosos por ser os primeiros a prestar suas homenagens ao novo senhor, e curiosos em ver como ele era: jovem ou velho, feio ou bonito, alegre ou carrancudo, inteligente ou estúpido, e o mais importante de tudo... cruel ou gentil. Tudo nele afetaria suas vidas enquanto fosse o senhor, o que poderia ser anos ou décadas. Se fosse razoável, poderia contribuir e muito para que Wigleigh fosse uma aldeia feliz e próspera. Se fosse um tolo, tomaria decisões insensatas e faria julgamentos injustos, aplicaria tributos opressivos e punições rigorosas. E uma de suas primeiras decisões seria a de permitir que Wulfric herdasse.

O rumor das conversas cessou quando escutaram o retinir de arreios de cavado. Gwenda ouviu a voz baixa e subserviente de Nathan, depois o tom autoritário de um senhor... um homem enorme, pensou ela, confiante, mas jovem. Todos olharam para a porta da igreja, que foi aberta um momento depois.

Gwenda não pôde conter uma exclamação chocada.

O homem que entrou na igreja não tinha mais de vinte anos. Vestia-se bem, com uma sobrecasaca de lã, estava armado com espada e adaga. Era alto e exibia uma expressão de orgulho. Parecia satisfeito em ser o senhor de Wigleigh, embora houvesse uma insinuação de insegurança na aparência altiva. Tinha cabelos escuros ondulados e um rosto bonito desfigurado pelo nariz quebrado.

Era Ralph Fitzgerald.

O primeiro tribunal senhorial de Ralph foi realizado no domingo seguinte. Até lá, Wulfric passava o tempo todo deprimido. Gwenda tinha vontade de chorar cada vez que olhava para ele. Wulfric andava de cabeça baixa, os ombros largos vergados. Durante todo o verão ele se mostrara incansável,

trabalhando nos campos sem se queixar, como um cavalo de arado; mas agora parecia muito cansado. Fizera tudo o que um homem podia fazer, mas seu destino fora parar nas mãos de alguém que o odiava.

Gwenda gostaria de dizer alguma coisa esperançosa, numa tentativa de animá-lo, mas a verdade era que partilhava seu pessimismo. Os senhores eram com frequência mesquinhos e vingativos, e nada em Ralph a encorajava a pensar que ele seria magnânimo. Quando menino, ele era estúpido e brutal. Gwenda jamais esqueceria o dia em que ele matara seu cachorro com o arco e a flecha de Merthin.

Não havia sinal de que melhorara desde então. Instalou-se na casa senhorial com seu ajudante, um jovem pajem corpulento chamado Alan Fernhill. Os dois bebiam o melhor vinho, comiam as galinhas, e apertavam os seios das servas, com a indiferença típica de sua classe.

A atitude de Nathan Reeve confirmava as apreensões de Gwenda. O bailiff não se dava o trabalho de negociar um aumento do suborno... um sinal seguro de que esperava o fracasso.

Annet também parecia ter a pior opinião sobre as perspectivas de Wulfric. Gwenda percebeu sua mudança inegável. Annet já não sacudia os cabelos com tanta alegria, nem andava com o balanço dos quadris, e não mais se ouvia com frequência o som de cascata de sua risada. Gwenda torcia para que Wulfric não notasse a diferença em Annet, pois ele já tinha o suficiente com que se angustiar. Mas tinha a impressão de que ele já não passava tanto tempo na casa de Perkin à noite, e voltava para casa taciturno.

Ela ficou surpresa ao descobrir, na manhã de domingo, que Wulfric ainda acalentava um fio de esperança. Quando a missa terminou, e o padre Gaspard deu lugar a lorde Ralph, ela viu que Wulfric mantinha os olhos fechados e mexia os lábios, no que devia ser uma oração para sua santa predileta, a Virgem Maria.

Todos os aldeões estavam na igreja, é claro, inclusive Joby e Ethna. Gwenda não ficou junto dos pais. Ainda conversava às vezes com a mãe, mas apenas quando o pai não se encontrava por perto. Joby tinha uma marca vermelha no rosto, no lugar em que ela o queimara com o tição. Nunca a fitava nos olhos. Gwenda ainda tinha medo do pai, mas percebia que agora ele também sentia medo dela.

Ralph sentou na grande cadeira de madeira, olhando para seus servos com a expressão avaliadora de um comprador num mercado de gado. Os

procedimentos do tribunal naquele dia consistiam de uma série de comunicados. Nathan anunciou as disposições para terminar a colheita nas terras do senhor, determinando os dias da semana seguinte em que diferentes aldeões teriam de cumprir seus deveres ali. Não houve qualquer convite para sugestões. Era evidente que Ralph não pretendia governar por consenso.

Foram enunciados outros detalhes, do tipo com que Nathan lidava todas as semanas: a respiga deveria ser concluída em Hundredacre até a noite de segunda-feira, para que o gado pudesse pastar o restolho a partir da manhã de terça; e a aradura de outono em Longfield começaria na quarta. Em circunstâncias normais, haveria pequenas discussões sobre esses planos, os aldeões encontrando razões para propor disposições diferentes. Hoje, no entanto, todos mantiveram-se calados, esperando por uma avaliação do novo senhor.

Quando a decisão foi anunciada, parecia estranhamente corriqueira e insignificante. Como se apenas enunciasse outra norma de trabalho, Nathan disse:

- Wulfric não terá permissão para herdar as terras de seu pai porque tem apenas dezesseis anos.

Gwenda olhou para Ralph. Ele tentava disfarçar um sorriso triunfante. Levou a mão ao rosto - um gesto inconsciente, pensou ela - e tocou no nariz quebrado.

- Lorde Ralph vai considerar o que fazer com as terras e anunciará sua decisão mais tarde - acrescentou Nathan.

Wulfric gemeu alto para todos ouvirem. Era a decisão que esperava, mas a confirmação era amarga. Gwenda observou-o virar as costas à multidão, esconder o rosto, e encostar na parede, como se precisasse desse apoio para não cair.

- Isso é tudo por hoje - arrematou Nathan.

Ralph levantou-se. Desceu pela nave, lentamente, os olhos se desviando a todo instante para o transtornado Wulfric. Que tipo de senhor ele seria, pensou Gwenda, se seu primeiro impulso era usar o poder para a vingança? Nathan seguiu Ralph, olhando para o chão: sabia que uma injustiça fora cometida. Assim que eles deixaram a igreja, elevou-se um burburinho de comentários. Gwenda não falou com ninguém, mas ficou observando Wulfric.

Ele afastou-se da parede, o rosto era uma imagem do sofrimento. Os olhos vasculharam a igreja e encontraram Annet. Ela parecia furiosa. Gwenda esperou que os olhos dela se encontrassem com os de Wulfric, mas Annet parecia determinada a não o fitar. E Gwenda especulou sobre o que Annet estaria pensando.

Annet encaminhou-se para a porta, acompanhada pelo pai e o resto da família. Ela nem sequer falaria com Wulfric?

O mesmo pensamento deve ter ocorrido a Wulfric, pois ele foi atrás dela e chamou:

- Annet, espere!

As pessoas ao redor se calaram. Annet virou-se. Wulfric parou na sua frente.

- Ainda vamos casar, não é?

Gwenda estremeceu ao ouvir o tom pouco digno de súplica na voz. Annet fitou-o, dando a impressão de que ia falar, mas não disse nada por um longo momento. Wulfric acrescentou:

- Os senhores precisam de bons servos para trabalhar a terra. Talvez Ralph me dê uma propriedade menor...

- Você quebrou o nariz dele - disse Annet, ríspida. - Ralph nunca lhe dará qualquer coisa.

- Neste caso, serei um simples trabalhador - declarou Wulfric. - Sou forte. Nunca me faltará trabalho.

- Mas será pobre pelo resto de sua vida. É isso o que está me oferecendo?

- Ficaremos juntos... como sonhamos naquele dia na floresta em que você disse que me amava. Lembra?

- E como seria a minha vida, casada com um camponês sem terra? - indagou Annet, furiosa. - Eu lhe direi.

Ela ergueu o braço e apontou para a mãe de Gwenda, Ethna, parada com Joby e as três crianças pequenas.

- Eu seria como ela... o rosto sombrio de preocupação e tão magra quanto um cabo de vassoura.

Joby ficou irritado ao ouvir isso. Acenou para Annet com o braço sem a mão.

- Tome cuidado com o que diz, garota atrevida.

Perkin postou-se na frente da filha, fazendo um gesto apaziguador com as mãos.

- Desculpe-a, Joby, porque ela está muito nervosa. Não quis ofendê-lo.

- Também sem qualquer desrespeito a Joby, devo dizer que não sou como ele, Annet.

- É, sim! Vocês não têm terras. É por isso que ele é pobre, e é por isso que você também será pobre. Seus filhos passarão fome e sua mulher será uma desgraçada.

Era verdade. Em tempos difíceis, os camponeses sem terras eram os primeiros a sofrer. Dispensar os empregados era o meio mais rápido de poupar dinheiro. Mesmo assim, Gwenda achava difícil acreditar que uma mulher rejeitasse a chance de passar a vida com Wulfric.

Mas tudo indicava que era isso o que Annet fazia naquele momento. Wulfric também pensou assim. Desesperado, ele perguntou:

- Você não me ama mais?

Ele perdera toda e qualquer dignidade, e parecia patético; mesmo assim, Gwenda sentiu-se ainda mais apaixonada por ele naquele momento do que antes.

- Não posso comer amor - disse Annet, para depois sair da igreja.

Duas semanas depois, ela casou com Billy Howard.

Gwenda foi ao casamento, como todos os outros na aldeia, à exceção de Wulfric. Apesar da colheita ruim, houve um grande banquete. Pelo casamento, duas grandes propriedades se juntavam, os cem acres de Perkin com os quarenta de Billy. Além disso, Perkin pedira a Ralph para lhe dar as terras da família de Wulfric. Se Ralph concordasse, os filhos de Annet poderiam ser herdeiros de quase metade da aldeia. Mas Ralph fora para Kingsbridge, prometendo que daria a decisão assim que voltasse.

Perkin abriu um barril da cerveja mais forte de sua esposa e abateu uma vaca. Gwenda comeu e bebeu à vontade. Seu futuro era incerto demais para recusar uma boa comida.

Brincou com as irmãs pequenas, Cathie e Joanie, jogando e pegando uma bola de madeira. Pôs o bebê Eric nos joelhos e cantou para ele. A mãe veio sentar ao seu lado e perguntou:

- O que vai fazer agora?

No fundo de seu coração, Gwenda ainda não se reconciliara por completo com Ethna. Conversavam e a mãe fazia perguntas preocupadas. Gwenda ainda se ressentia por ela ter perdoado Joby, mas respondia às perguntas.

- Ficarei no celeiro de Wulfric enquanto puder. Talvez possa continuar ali indefinidamente.

- E se Wulfric for embora... deixar a aldeia?

- Não sei o que farei nesse caso.

Por enquanto, Wulfric ainda trabalhava nos campos, arrancando o restolho e passando o arado nas terras alqueivadas que haviam pertencido à sua família. Gwenda ajudava-o. Nathan lhes pagava o salário de trabalhador diário, já que não teriam participação na próxima colheita. Nathan insistia que eles continuassem, caso contrário a terra se deterioraria muito depressa. Ficariam até que Ralph anunciasse quem seria o novo ocupante das terras. Quando isso acontecesse, teriam de se oferecer para serem contratados.

- Onde está Wulfric agora? - perguntou Ethna.

- Não sei. Presumo que ele não está disposto a comemorar este casamento.

- Como ele se sente em relação a você? Gwenda lançou um olhar franco para a mãe.

- Ele diz que sou a melhor amiga que já teve.

- O que isso significa?

- Não sei. Mas não significa "Eu amo você", não é?

- Não, não significa isso.

Gwenda ouviu música. Aaron Appletree estava tocando uma gaita-de-foles, passando pela escala de cima para baixo, em preparação para uma melodia. Ela viu Perkin sair de sua casa com dois pequenos tambores presos no cinto. A dança estava prestes a começar.

Ela não sentia a menor disposição para dançar. Poderia conversar com as mulheres mais velhas, mas elas fariam as mesmas perguntas que a mãe, e ela não queria passar o resto do dia explicando sua situação. Recordou o último casamento na aldeia, Wulfric um pouco embriagado, dançando em grandes saltos, abraçando todas as mulheres, embora ainda desse preferência a Annet.

Sem ele, não havia espírito de festa para Gwenda. Ela devolveu Eric à mãe e afastou-se. Seu cachorro, Skip, não a seguiu, pois sabia que festas assim proporcionavam um banquete de restos de comida.

Foi para a casa de Wulfric, meio esperando encontrá-lo ali. Mas a casa estava vazia. Era uma sólida construção de madeira, com postes e vigas, mas sem chaminé, um luxo que era exclusivo dos ricos. Ela procurou nos dois cômodos no primeiro andar e no quarto por cima. A casa continuava arrumada e limpa como no tempo em que sua mãe era viva, mas isso

acontecera porque ele só usava um cômodo. Comia e dormia na cozinha. O lugar era frio e inóspito. Era uma casa de família sem uma família.

Gwenda foi para o celeiro. Estava cheio de fardos de feno, a forragem para o verão, feixes de cevada e trigo esperando para serem debulhados. Subiu a escada para o palheiro, deitou no feno, e logo pegou no sono.

Já estava escuro quando acordou. Não tinha a menor idéia da hora. Saiu para ver o céu. Havia uma lua baixa por trás de nuvens delgadas, e ela calculou que se passara apenas uma ou duas horas depois do anoitecer. E parada ali, na porta do celeiro, Gwenda ouviu o som de choro.

Soube no mesmo instante que era Wulfric. Já o ouvira chorar antes, quando vira os corpos dos pais e do irmão estendidos no chão da catedral de Kingsbridge. Ele chorava com enormes soluços, que pareciam vir das profundezas de seu peito. Lágrimas afloraram aos olhos de Gwenda por tanta dor.

Depois de algum tempo, ela foi para a casa.

Podia vê-lo ao luar. Ele estava deitado na palha, o rosto virado para baixo, as costas subindo e descendo enquanto soluçava. Devia ter ouvido quando ela puxou o trinco, mas sentia-se transtornado demais para se importar, e não olhou.

Gwenda ajoelhou-se ao seu lado. Hesitante, tocou em seus cabelos. Ele não reagiu. Ela quase nunca o tocava, e afagar seus cabelos era um prazer desconhecido. Suas carícias pareceram acalmá-lo, pois o choro cessou.

Não demorou muito para que ela ousasse deitar ao seu lado. Esperava que Wulfric a afastasse, mas não foi o que aconteceu. Ele virou o rosto, os olhos fechados. Gwenda enxugou seus olhos com a manga, removendo as lágrimas. Sentia-se emocionada pela proximidade e pela permissão para aquelas pequenas intimidades. Ansiava em beijar os olhos fechados, mas teve medo de ser um passo longe demais, e se conteve.

Logo percebeu que Wulfric havia adormecido.

Ficou satisfeita. Era um sinal de que ele se sentia confortável em sua companhia, e isso significava que podia continuar ali, pelo menos até Wulfric acordar.

Era outono, a noite fria. A medida que a respiração de Wulfric foi se tornando mais lenta e mais firme, ela se levantou devagar e pegou a manta pendurada num gancho na parede. Estendeu-a por cima de Wulfric, que continuou a dormir.

Apesar do frio no ar, ela tirou o vestido pela cabeça, e deitou nua ao seu lado, ajustando a manta para cobrir os dois.

Ficou bem perto dele e encostou o rosto em seu peito. Podia ouvir as batidas do coração de Wulfric e sentir a respiração no alto de sua cabeça.

O calor daquele corpo enorme servia para aquecê-la. Mais tarde, a lua sumiu e a escuridão se tornou total. Gwenda sentiu que poderia ficar assim para sempre.

Não dormiu. Não tinha intenção de desperdiçar nem um pouco daquele tempo precioso. Saboreava cada momento, sabendo que poderia nunca mais acontecer. Tocou-o, cautelosa, tomando cuidado para não o acordar. Através da lã fina da roupa que ele vestia, seus dedos exploraram os músculos do peito e das costas, os ossos das costelas e quadris, os contornos do ombro e do cotovelo.

Ele se mexeu no sono, várias vezes. Virou-se e ficou deitado de costas. Gwenda encostou a cabeça em seu ombro e estendeu o braço pela barriga lisa. Mais tarde, Wulfric virou-se, e ela chegou ainda mais perto, ajustando-se ao formato em S de seu corpo, comprimindo os seios contra as costas largas, quadris contra quadris, joelhos em joelhos. Depois, ele se virou em sua direção, estendendo um braço por seus ombros, uma perna por cima de suas coxas. A perna era tão pesada que doía, mas Gwenda refletiu que a dor era prova de que não estava sonhando.

Mas ele sonhou. No meio da noite, beijou-a subitamente, enfiando a língua em sua boca, agarrando um seio com a mão enorme. Gwenda sentiu a ereção quando ele se esfregou, desajeitado. Por um momento, ela ficou aturdida. Wulfric podia tê-la da maneira que quisesse, mas não era capaz de ser outra coisa que não gentil. Ela estendeu a mão para a virilha e segurou o pênis, que se projetava pela abertura no calção. E de repente ele ficou de costas, a respiração ritmada. Gwenda compreendeu que ele não acordara em momento nenhum, que a tocara em sonho. E sonhava com Annet, sem qualquer dúvida, compreendeu ela, pesarosa.

Gwenda não dormiu, mas se lançou a devaneios. Imaginou Wulfric a apresentá-la a um estranho:

- Esta é minha esposa, Gwenda.

Viu-se grávida, mas ainda trabalhando nos campos, até que desmaiava no meio do dia; em sua fantasia, Wulfric a pegava e carregava para casa, lavava seu rosto com água fria. Viu-o como um velho, brincando com os netos, fazendo as vontades das crianças, dando maçãs e favos de mel.

Netos?, pensou ela, amargurada. Era um prédio grande demais para construir com base apenas na permissão para que ela o enlaçasse enquanto chorava até dormir.

Quando ela já pensava que o amanhecer era iminente, e sua presença no paraíso poderia terminar em breve, Wulfric começou a se mexer. Sua respiração mudou. Ele virou para ficar de costas. O braço de Gwenda caiu sobre o peito dele, e ela deixou-o ali. Depois de um momento, sentiu que Wulfric estava acordado, pensando. Ficou imóvel, com medo de romper o encantamento se falasse ou fizesse qualquer movimento.

Ao final, Wulfric tornou a se virar para ela. Estendeu o braço para envolvê-la, e ela sentiu a mão na pele nua de suas costas. Ele acariciou-a, mas Gwenda não sabia o que aquela carícia significava. Wulfric parecia explorar, surpreso ao descobri-la nua. A mão subiu até o pescoço, desceu para a curva do quadril.

Até que finalmente ele falou. Como se tivesse medo de que mais alguém pudesse ouvir, a voz saiu num sussurro:

- Ela casou com ele. Gwenda sussurrou em resposta:

- Casou.

- O amor dela é fraco.

- O verdadeiro amor nunca é fraco.

A mão de Wulfric permaneceu em seu quadril, próxima demais dos lugares em que ela queria ser tocada.

- Algum dia deixarei de amá-la?

Gwenda pegou sua mão e deslocou-a, sussurrando:

- Ela tem dois seios, como estes.

Ela não sabia por que fez isso: a intuição a orientava e resolveu segui-la, para o bem ou para o mal.

Wulfric gemeu. Ela sentiu que sua mão se fechava gentilmente sobre um seio, depois sobre o outro.

- E ela tem pelos aqui embaixo, como estes - disse ela, conduzindo a mão de Wulfric novamente. A respiração dele era cada vez mais acelerada. Gwenda deixou a mão ali. Passou a explorar o corpo de Wulfric. Descobriu que ele tinha uma ereção. Ela ofegou e murmurou: - As mãos dela causavam essa sensação.

Ele começou a movimentar os quadris, ritmado. Gwenda teve medo de que o ato terminasse antes de ser consumado. Não queria isso. Era tudo ou

nada agora. Ela empurrou-o para ficar de costas, gentilmente. Ergueu seu corpo e montou-o, murmurando:

- Lá dentro, ela está quente e molhada.

Baixou sobre ele. Embora já tivesse feito aquilo antes, não foi nem de longe parecido; sentiu que ficava repleta, mas mesmo assim queria mais. Desceu contra a arremetida para cima dos quadris de Wulfric, e subiu quando ele recuou. Inclinou o rosto para beijá-lo na boca.

Ele segurou a cabeça de Gwenda entre as mãos e beijou-a de volta.

- Ela o ama - sussurrou Gwenda. - Ela o ama demais.

Wulfric soltou um grito de paixão, e ela balançou para cima e para baixo, montando em seus quadris como se fosse um pônei selvagem, até que finalmente sentiu-o gozar. Ele soltou um último grito de prazer, para depois balbuciar:

- Eu também amo você! E amo muito, Annet!

28

Wulfric voltou a dormir, mas Gwenda permaneceu acordada. Sentia-se excitada demais para dormir. Conquistara o amor de Wulfric... sabia disso. Não importava que tivesse mais ou menos de fingir que era Annet. Ele fizera amor com paixão, e beijara-a depois com tanta ternura e gratidão que Gwenda sentia que ele seria seu para sempre.

Quando o coração deixou de disparar e a mente se acalmou, ela pensou na herança de Wulfric. Não estava disposta a desistir, ainda mais agora. Enquanto amanhecia, ela vasculhava o cérebro à procura de uma maneira de salvá-la. E quando Wulfric acordou, ela anunciou:

- Vou para Kingsbridge. Ele ficou surpreso.
- Por quê?
- Para descobrir se há alguma maneira pela qual você ainda possa herdar.
- Como?
- Não sei. Mas Ralph ainda não deu as terras a ninguém, e talvez haja uma possibilidade. Você merece... trabalhou muito e sofreu demais.
- O que pretende fazer?
- Conversarei com meu irmão Philemon. Ele compreende essas coisas melhor do que nós.

Wulfric fitou-a com uma expressão estranha.

- O que foi? - indagou Gwenda.
- Você realmente me ama, não é? Ela sorriu, na maior felicidade:
- Vamos fazer de novo?

Na manhã seguinte, Gwenda estava no priorado de Kingsbridge, sentada no banco de pedra junto da horta, esperando por Philemon. Durante a longa caminhada desde Wingleigh, repassara em sua mente cada segundo da noite de domingo, saboreando os prazeres físicos, perplexa com as palavras enunciadas. Wulfric ainda não admitira que a amava, mas dissera: "Você realmente me ama." E se mostrara satisfeito porque ela o amava, embora um pouco aturdido com a força de sua paixão.

Gwenda ansiava em lhe restaurar o direito de herança. Quase tanto quanto ansiara por ele. Queria isso para os dois. Mesmo que Wulfric fosse um trabalhador sem terra como seu pai, casaria com ele se tivesse a oportunidade; mas queria mais para ambos, e estava determinada a conseguir.

Quando Philemon saiu do priorado para a horta, ela percebeu no mesmo instante que ele usava o hábito de um noviço.

- Holger! - exclamou ela, usando o nome verdadeiro do irmão, em seu espanto. - Você é um noviço... o que sempre quis!

Philemon sorriu, orgulhoso. Generoso, ignorou o uso de seu antigo nome.

- Foi um dos primeiros atos de Godwyn como prior. Ele é um homem maravilhoso. É uma honra servi-lo.

Ele sentou no banco, ao lado da irmã. Era um dia ameno de outono, nublado mas seco.

- E como vai com as aulas?

- Devagar. É difícil aprender a ler e escrever quando já se é crescido.

Philemon fez uma careta. - Os meninos progridem mais depressa do que eu. Mas posso copiar a Oração do Senhor em latim.

Gwenda invejou-o. Não era capaz de sequer escrever o próprio nome.

- Isso é maravilhoso!

O irmão estava a caminho de realizar o sonho de sua vida, que era o de se tornar um monge. Talvez o fato de ser um noviço pudesse melhorar o sentimento de inferioridade, refletiu Gwenda, que explicava o fato de ele ser às vezes astucioso e mentiroso.

- Mas como você tem passado? - perguntou Philemon. - O que veio fazer em Kingsbridge?

- Já sabia que Ralph Fitzgerald se tornou o senhor de Wigleigh?

- Já, sim. Ele está na cidade, hospedado na Bell, se exibindo para todo mundo.

- Ralph recusou-se a permitir que Wulfric herdasse as terras de seu pai. - Ela relatou o que acontecera. - Quero saber se a decisão pode ser contestada.

Philemon sacudiu a cabeça.

- A resposta é não. Wulfric pode apelar para o conde de Shiring, é claro, pedindo para reverter a decisão de Ralph. Mas o conde não vai interferir se não tiver um interesse pessoal. Mesmo que ele ache que a decisão foi injusta... e é óbvio que foi mesmo... não deve abalar a autoridade de alguém que acabou de designar. Mas qual é o seu interesse? Pensei que Wulfric da se casar com Annet.

- Quando Ralph anunciou sua decisão, Annet rompeu com Wulfric e casou com Billy Howard.

- E agora você tem uma chance com Wulfric.

- Acho que sim. Gwenda sentiu que corava.

- Como pode saber? - perguntou o irmão, astuto.

- Eu me aproveitei dele - confessou Gwenda. - Quando Wulfric estava desesperado por causa do casamento, fui para sua cama.

- Não se preocupe. Nós que nascemos pobres temos de usar a astúcia para conseguir o que queremos. Os escrúpulos são para os privilegiados.

Ela não gostava de ouvi-lo falar assim. Às vezes parecia que Philemon pensava que qualquer comportamento podia ser desculpado pela infância difícil. Mas ela sentia-se desapontada demais para se preocupar com isso agora.

- Não há mesmo nada que eu possa fazer?

- Eu não disse isso. Falei apenas que a decisão não pode ser contestada. Mas Ralph pode ser convencido a mudar de idéia.

- Não por mim, tenho certeza.

- Não sei como. Mas por que não procura Caris, a prima de Godwyn? Vocês são amigas desde que eram pequenas. Ela a ajudará, se puder. E é muito ligada a Merthin, o irmão de Ralph. Talvez ele possa pensar em alguma solução.

Qualquer esperança era melhor do que nenhuma. Gwenda levantou-se para ir embora.

- Vou procurá-la agora mesmo.

Ela inclinou-se para dar um beijo de despedida no irmão, mas depois se lembrou que esse contato era agora proibido. Em vez disso, apertou a mão de Philemon, o que pareceu estranho.

- Rezarei por você - murmurou ele.

A casa de Caris ficava em frente aos portões do priorado. Quando Gwenda entrou, não havia ninguém na sala de jantar, mas ela ouviu vozes na sala de visita, onde Edmund costumava tratar de negócios. A cozinheira, Tutty, informou que Caris estava com o pai. Gwenda sentou para esperar, batendo com o pé, impaciente. Depois de alguns minutos, a porta da outra sala foi aberta.

Edmund saiu, acompanhado por um homem que ela não conhecia. Era alto e tinha as narinas dilatadas, o que lhe proporcionava uma aparência desdenhosa. Usava o hábito preto de um padre, mas não ostentava uma cruz nem qualquer outro símbolo sagrado. Edmund acenou com a cabeça para Gwenda, muito amável, e disse para o estranho:

- Vou levá-lo até o priorado.

Caris saiu também da sala. Foi abraçar Gwenda.

- Quem era aquele homem? - perguntou Gwenda.

. - Seu nome é Gregory Longfellow. É o advogado contratado pelo prior Godwyn.

- Contratado para quê?

- O conde Roland impediu o priorado de tirar pedra de sua pedreira. Quer cobrar um penny por carroça carregada. Godwyn vai apelar ao rei.

- Você está envolvida?

- Gregory acha que devemos argumentar que a cidade será incapaz de pagar seus tributos sem uma ponte. É a melhor maneira de persuadir o rei, diz ele. Por isso, meu pai irá com Godwyn prestar depoimento no tribunal real.

- Você também vai?

- Vou. Mas agora me conte por que está aqui.

- Deitei com Wulfric Caris sorriu.

- É mesmo? Finalmente! E como foi?

- Foi maravilhoso. Passei a noite deitada ao seu lado, enquanto ele dormia. De manhã, quando ele acordou... consegui persuadi-lo.

- Fale-me mais. Quero saber de todos os detalhes.

Gwenda relatou toda a história. Ao terminar, embora estivesse ansiosa em chegar ao verdadeiro propósito da visita, ela acrescentou:

- Mas alguma coisa me diz que você tem uma notícia da mesma espécie. Caris acenou com a cabeça em confirmação.

- Também deitei com Merthin. Eu disse a ele que não queria casar. Ele saiu e foi conversar com aquela porca gorda da Bessie Bell. Fiquei furiosa ao pensar em Bessie mostrando aquelas tetas enormes... e quando ele voltou, fiquei tão satisfeita que decidi fazer tudo.

- E gostou?

- Adorei. É a melhor coisa que já fiz. E melhora a cada vez. Fazemos sempre que temos uma oportunidade.

- E se engravidar?

- Não estou nem pensando nisso. Não me importo se morrer. Uma vez... Caris baixou a voz. - Tomamos banhos nus num laguinho na floresta, e depois ele me lambeu... lá embaixo.

- Que nojeira! Como foi?

- Uma delícia. Ele também gostou.

- Você não fez a mesma coisa com ele? - Fiz.

-Mas ele não...?

Caris tornou a acenar com a cabeça.

- Na minha boca. -Não foi nojento? Caris deu de ombros.

- O gosto é esquisito... mas é muito excitante sentir o que acontece. E Merthin adorou.

Gwenda estava chocada, mas também intrigada. Talvez devesse fazer aquilo com Wulfric Conhecia um lugar em que poderiam se banhar nus, um córrego na floresta, longe de qualquer estrada...

- Mas você não veio até aqui só para me falar sobre Wulfric - acrescentou Caris.

- Não. Vim falar sobre a herança dele. - Gwenda explicou a decisão de Ralph.

- Philemon achou que talvez Merthin pudesse persuadir Ralph a mudar de idéia.

Caris sacudiu a cabeça, com uma expressão pessimista.

- Duvido muito. Os dois brigaram.

- Oh, não!

- Foi Ralph quem barrou as carroças que saíam da pedreira. Infelizmente, Merthin estava ali na ocasião. Houve uma luta. Ben Wheeler matou um dos homens do conde, e Ralph matou Ben.

Gwenda deixou escapar uma exclamação consternada.

- Mas Lib Wheeler tem uma criança de dois anos!

- E agora o pequeno Bennie não tem pai.

Gwenda sentia-se tão desolada por Lib quanto por si mesma.

- Portanto, a interferência do irmão não vai ajudar.

- Mesmo assim, vamos conversar com Merthin. Ele está trabalhando hoje na ilha do Leproso.

As duas deixaram a casa. Desceram pela rua principal até a beira do rio. Gwenda estava desanimada. Todos achavam que suas chances eram mínimas. Era injusto demais.

Ian Boatman levou-as até a ilha. Caris explicou que a velha ponte seria substituída por duas novas, que usariam a ilha como uma passagem.

Encontraram Merthin com seu ajudante, Jimmie, de quatorze anos, definindo os suportes da nova ponte. Sua vara de medição era uma barra de ferro com mais do dobro da altura de um homem. Ele martelava estacas pontudas no terreno rochoso, para marcar onde as fundações deveriam ser escavadas.

Gwenda observou a maneira como Caris e Merthin se beijaram. Era diferente. Havia uma satisfação íntima nos corpos um do outro que parecia nova. Combinava com a maneira como Gwenda se sentia em relação a Wulfric. O corpo não era apenas desejável, mas também era seu para desfrutar. Parecia lhe pertencer, tanto quanto seu próprio corpo.

Ela e Caris ficaram observando, enquanto Merthin concluía o que estava fazendo, amarrando um pedaço de cordão entre duas estacas. Depois, ele disse a Jimmie para guardar as ferramentas.

- Imagino que não haja muita coisa que vocês possam fazer sem as pedras comentou Gwenda.

- Há alguns preparativos que devem ser feitos. Mas mandei todos os pedreiros para a pedreira. Eles estão moldando as pedras ali, em vez de realizarem esse trabalho no local da construção. Teremos uma boa reserva à espera de transporte.

- Portanto, se ganhar o caso no tribunal real, poderá iniciar a construção imediatamente.

- Espero que sim. Mas depende da duração do julgamento... e do tempo. Não podemos construir no meio do inverno, pois o frio congela a argamassa. Já estamos em outubro. Normalmente interrompemos o trabalho em meados de novembro. - Merthin levantou os olhos para o céu.

- Talvez tenhamos um prazo maior este ano... as nuvens de chuva mantêm a terra aquecida.

Gwenda contou o que acontecera.

- Eu gostaria de poder ajudá-la - disse Merthin. - Wulfric é um homem decente, e a culpa pela briga foi toda de Ralph. Mas briguei com meu irmão. Antes de pedir um favor, tenho de fazer as pazes. E não posso perdoar-lhe por matar Ben Wheeler.

Era a terceira resposta negativa seguida, pensou Gwenda, desesperada. Talvez fosse uma busca sem esperança.

- Você poderia tomar a iniciativa - sugeriu Caris.

- É o que pretendo fazer. - Gwenda estava mesmo decidida. Era tempo de parar de pedir a ajuda de outras pessoas e passar a depender apenas de si mesma... como fizera durante toda a sua vida. - Ralph está na cidade, não é?

- Está, sim - confirmou Merthin. - Ele veio comunicar a nossos pais a boa notícia de sua promoção. São as únicas pessoas no condado que estão comemorando.

- Mas ele não está na casa de seus pais.
- Ralph se acha importante demais agora para ficar lá. Hospedou-se na Bell.
- Qual seria a melhor maneira de persuadi-lo? Merthin pensou por um momento.
- Ralph guarda um ressentimento pela humilhação de nosso pai... um cavaleiro reduzido à situação de dependente do priorado. Fará qualquer coisa que pareça realçar sua posição social.

Gwenda pensou a respeito enquanto Ian Boatman os levava de volta à cidade em seu barco. Como podia apresentar seu pedido de maneira a elevar a posição de Ralph? Era meio-dia quando ela subiu pela rua principal com os outros. Merthin almoçaria na casa de Caris, que também convidou Gwenda. Mas ela estava impaciente em conversar logo com Ralph e seguiu direto para a Bell.

Um ajudante de cozinha informou que Ralph estava lá em cima, no melhor quarto. A maioria dos hóspedes ocupava um quarto comunitário, mas Ralph fazia questão de enfatizar sua nova posição ao reservar um quarto inteiro só para ele...pago, pensou Gwenda, amargurada, com as minguas das colheitas dos camponeses de Wigleigh.

Ela bateu na porta e entrou.

Ralph estava ali com seu pajem, Alan Fernhill, um garoto de dezoito anos, ombros largos e cabeça pequena. Na mesa entre os dois, havia um jarro de cerveja, um pão e um pedaço de carne quente, um filete de vapor ainda se elevando. Estavam acabando de almoçar e pareciam muito contentes com sua sorte na vida, pensou Gwenda. Torceu para que não estivessem embriagados: os homens nesse estado não conseguiam conversar com mulheres; só eram capazes de fazer comentários obscenos e rir sem parar dos ditos que achavam muito engraçados. Ralph fitou-a: o quarto não era muito bem iluminado.

- Você não é uma das minhas servas?
- Não, milorde, mas gostaria de ser. Sou Gwenda, e meu pai é Joby, um camponês sem terra.
- E o que está fazendo aqui, tão longe da aldeia? Hoje não é dia de mercado. Gwenda adiantou-se um pouco, para que ele pudesse ver seu rosto com mais nitidez.

- Senhor, vim suplicar por Wulfric, filho do falecido Samuel. Sei que ele se comportou de uma maneira desrespeitosa uma vez, mas desde então tem sofrido os tormentos de Jó. Seus pais e o irmão morreram quando a ponte desabou, todo o dinheiro da família se perdeu, e agora sua noiva casou com outro. Espero que possa sentir que Deus já o puniu com rigor pelo erro que cometeu, e chegar à conclusão de que é tempo de demonstrar misericórdia.

Ela recordou o conselho de Merthin e apressou-se em acrescentar:

- A misericórdia é uma característica do verdadeiro nobre. Ele soltou um arrote fedorento e suspirou.

- Que importância tem para você se Wulfric herda ou não?

- Eu o amo, milorde. Agora que ele foi rejeitado por Annet, espero que possa casar comigo... com sua generosa permissão, é claro.

- Chegue mais perto.

Gwenda foi para o meio do quarto e parou na frente dele.

- Você não é bonita - murmurou Ralph. - Mas tem alguma coisa em você. É virgem?

- Senhor... eu... eu...

- Obviamente não é mais. - Ele riu. - Já deitou com Wulfric?

- Não!

- Mentirosa. - Ralph sorriu, satisfeito com sua atuação. - O que aconteceria se eu deixasse Wulfric ficar com as terras de seu pai, no final das contas? Talvez eu devesse. O que aconteceria?

- Seria considerado um autêntico nobre por Wigleigh e o mundo inteiro.

- O mundo não se importa. Mas você ficaria agradecida?

Gwenda teve um horrível pressentimento sobre o rumo daquela conversa.

- Claro que ficaria agradecida.

- E como demonstraria? Ela recuou para a porta.

- De qualquer forma que pudesse sem perder a vergonha.

- Tiraria o vestido?

Gwenda sentiu um aperto no coração. -Não.

- Neste caso, não se mostraria agradecida.

Ela estendeu a mão para a porta e segurou a maçaneta, mas não saiu.

- O que... o que deseja, milorde?

- Quero ver você nua. Decidirei depois.

- Aqui? ,

- Isso mesmo. Gwenda olhou para Alan.

- Na frente dele?

- Claro.

Não parecia grande coisa, se mostrar para aqueles dois homens... não em comparação com a recompensa, a recuperação da herança de Wulfric

Ela abriu o cinto e tirou o vestido pela cabeça. Segurou o vestido com uma das mãos, a outra na maçaneta, enquanto fitava Ralph em desafio. Ele contemplou seu corpo, ansioso, depois olhou para seu companheiro com um sorriso de triunfo; e Gwenda compreendeu que o comportamento era mais de demonstração de seu poder do que qualquer outra coisa.

- Uma vaca feia, mas tem belos peitos... não concorda, Alan?

- Eu não a descartaria se fosse você. Ralph riu.

- Agora vai atender a meu pedido? - indagou Gwenda. Ralph pôs a mão na virilha e começou a se acariciar.

- Deite comigo. Naquela cama.

- Não.

- Vamos... já fez isso com Wulfric. Não é mais virgem.

- Não.

- Pense nas terras... noventa acres, tudo o que o pai dele tinha.

Gwenda pensou um pouco. Se concordasse, Wulfric teria satisfeito o desejo de seu coração... e os dois poderiam levar uma vida de abundância. Se continuasse a recusar, Wulfric seria um camponês sem terra, como Joby, lutando durante toda a sua vida para ganhar o suficiente para alimentar os filhos, e muitas vezes não conseguindo.

Ainda assim, a perspectiva repugnava-a. Ralph era um homem desagradável, mesquinho e vingativo, um algoz... muito diferente do irmão. O fato de ser alto e bonito não fazia diferença. Seria horrível deitar com alguém que ela tanto detestava.

E o fato de já ter deitado com Wulfric, na noite anterior, tornava a perspectiva de sexo com Ralph ainda mais repulsiva. Depois de sua noite de intimidade feliz com Wulfric seria uma terrível traição fazer a mesma coisa com outro homem.

Não seja tola, ela disse a si mesma. Por cinco minutos de repugnância, vai se condenar a uma vida de dificuldade? Pensou na mãe e nos bebês que haviam morrido.

Lembrou como ela e Philemon eram obrigados a roubar. Não era melhor se prostituir para Ralph uma vez, por apenas alguns momentos, do que

condenar seus filhos por nascer a uma vida de pobreza?

Ralph permaneceu em silêncio enquanto ela vacilava. Era esperto: qualquer palavra sua poderia aumentar a repulsa de Gwenda. Ficar calado era a melhor coisa que podia fazer.

- Por favor... - murmurou Gwenda, depois de um longo momento. - Não me obrigue a fazer isso.

- O que me diz que você está disposta.

- É um pecado - insistiu Gwenda, desesperada. Ela não falava com frequência sobre pecado, mas achava que assim poderia comovê-lo. - Um pecado para milorde pedir, e um pecado para eu concordar.

- Os pecados podem ser perdoados.

- O que seu irmão pensaria de você? Por um momento, Ralph hesitou.

- Por favor... - acrescentou Gwenda. - Apenas deixe Wulfric herdar. O rosto de Ralph tornou a se endurecer.

- Tomei minha decisão. Não vou mudá-la... a menos que você possa me persuadir. E só dizer por favor não vai adiantar.

Seus olhos faiscavam de desejo, a respiração era um pouco mais acelerada, a boca entreaberta, os lábios úmidos por trás da barba.

Gwenda largou o vestido no chão e se encaminhou para a cama.

- Fique de joelhos no colchão - ordenou Ralph. - Assim não... de costas para mim.

Ela obedeceu.

- A vista é melhor deste lado - murmurou ele.

Alan caiu na gargalhada. Gwenda especulou se Alan ficaria assistindo, mas Ralph logo acrescentou:

- Deixe-nos a sós.

A porta foi batida um momento depois. Ralph ajoelhou-se na cama, por trás de Gwenda. Ela fechou os olhos e rezou por perdão. Sentiu os dedos grossos a explorá-la. Ouviu-o cuspir, antes de esfregar nela a mão molhada. Um momento depois, Ralph penetrou-a. Ela gemeu de vergonha. Ralph interpretou da maneira errada.

- Está gostando, hein?

Gwenda se perguntou quanto tempo levaria. Ele começou a se mexer. Para atenuar o desconforto, ela acompanhou o movimento. Ralph riu, triunfante, pensando que a excitara. O maior medo de Gwenda era o de que aquilo afetasse toda a sua experiência do ato de amor. No futuro, quando deitasse com Wulfric, pensaria naquele momento?

E depois, para seu horror, um fluxo quente de prazer começou a se espalhar por seu corpo. Sentiu que ficava com o rosto vermelho de vergonha. Apesar de sua profunda repugnância, o corpo a traía e a deixava toda molhada, facilitando as arremetidas de Ralph. Ele sentiu a mudança e passou a se movimentar ainda mais depressa. Furiosa com ela própria, Gwenda deixou de acompanhar seu ritmo; mas ele agarrou-a pelos quadris, puxando e empurrando alternadamente. Gwenda estava impotente para resistir. Lembrou consternada que seu corpo a traía da mesma maneira com Alwyn na floresta. Naquela ocasião, como agora, desejara que seu corpo fosse uma estátua de madeira, insensível e impassível; nas duas vezes, a reação fora contra a sua vontade.

Matara Alwyn com a própria adaga dele.

Não podia fazer a mesma coisa com Ralph, mesmo que quisesse, porque ele se encontrava por trás. Não podia vê-lo e tinha pouco controle sobre seu corpo. Estava em suas mãos. Ficou contente quando sentiu que ele se aproximava do orgasmo. Acabaria em breve. Mas sentia uma pressão em resposta dentro dela. Tentou fazer com que o corpo ficasse inerte e a mente, vazia: seria humilhante demais se ela também alcançasse o orgasmo. Sentiu a ejaculação de Ralph e estremeceu toda, não de prazer, mas de aversão.

Ele suspirou de satisfação, saiu de dentro dela, e deitou na cama.

Gwenda levantou-se e pôs o vestido.

- Foi muito melhor do que eu esperava - murmurou Ralph, como se estivesse fazendo um elogio polido.

Ela saiu e bateu a porta.

No domingo seguinte, antes da igreja, Nathan Reeve foi à casa de Wulfric. Gwenda e Wulfric estavam sentados na cozinha. Havia acabado a primeira refeição e limpo tudo. Agora, Wulfric costurava um calção de couro. Gwenda fazia um cinto de fibras. Sentavam perto da janela, pela claridade melhor. Voltara a chover.

Gwenda fingia que ainda morava no celeiro, para que o padre Gaspard não ficasse ofendido, mas passava todas as noites com Wulfric. Ele não falara em casamento, o que a desapontava. Mas viviam mais ou menos como marido e mulher, da maneira como as pessoas faziam com frequência quando tencionavam casar assim que pudessem cuidar das formalidades. A nobreza não se permitia essa indulgência, mas era rotineira entre os camponeses.

Como ela receara, sentia-se estranha ao fazer amor com Wulfric. Quanto mais tentava tirar Ralph de sua mente, mais ele se intrometia. Felizmente, Wulfric nunca notava seu ânimo. Fazia amor com ela com tanto entusiasmo e alegria que quase abafava sua consciência culpada... mas não de todo.

E tinha o conforto de saber que ele herdaria as terras de sua família, no final das contas. Isso compensava tudo. Não podia lhe contar, é claro, pois neste caso teria de explicar o que fizera para Ralph mudar de idéia. Relatara suas conversas com Philemon, Caris e Merthin, dera uma versão parcial de seu encontro com Ralph, dizendo apenas que ele prometera reconsiderar. Por isso, Wulfric mantinha-se esperançoso, em vez de triunfante.

- Os dois devem ir imediatamente para a casa senhorial - comunicou Nathan, esticando a cabeça molhada pela porta.

- O que lorde Ralph quer? - perguntou Gwenda.

- Vai recusar se o assunto proposto para a conversa não for do seu interesse?

- indagou Nathan, sarcástico. - Não faça perguntas estúpidas. Venham logo.

Ela cobriu a cabeça com uma manta para caminhar sob a chuva até a casa grande. Ainda não tinha uma capa. Wulfric ganhara dinheiro com a venda das colheitas, mas não lhe comprara uma capa. Estava guardando para pagar o heriot.

Seguiram apressados para a casa senhorial. Era uma versão pequena de um castelo de nobre. Tinha um enorme salão, com uma mesa comprida, mais um pequeno andar superior, chamado solar, onde ficavam os aposentos pessoais do senhor. Agora, exibia todos os sinais de uma casa ocupada por homens sem esposas: não havia tapeçarias nas paredes, a palha no chão exalava um cheiro desagradável, os cachorros rosnavam para os visitantes, e um camundongo roía o resto de comida no aparador.

Ralph sentava à cabeceira da mesa. A sua direita estava Alan, que ofereceu um sorriso para Gwenda, que fez o melhor possível para ignorá-lo. Nathan entrou um momento depois, acompanhado pelo gordo e insidioso Perkin, esfregando as mãos e fazendo uma reverência subserviente. Os cabelos eram tão oleosos que pareciam um barrete de couro. Com Perkin vinha seu novo genro, Billy Howard. Billy lançou um olhar triunfante para Wulfric:

tirei sua noiva, ele estava pensando, e agora vou tirar suas terras. Ele teria um choque e tanto.

Nathan sentou à esquerda de Ralph. Os outros permaneceram de pé.

Gwenda vinha aguardando ansiosa por aquele momento. Era a recompensa para seu sacrifício. Antecipava na maior expectativa a expressão de Wulfric quando soubesse que acabara herdando tudo. Ele ficaria na maior alegria... e ela também. O futuro dos dois estaria garantido, ou pelo menos tão garantido quanto era possível num mundo de tempo imprevisível e preços de cereais sempre oscilando.

- Há três semanas, eu disse que Wulfric, filho de Samuel, não poderia herdar as terras de seu pai porque é jovem demais.

Ralph falava devagar e solene. Ele adora isso, pensou Gwenda: sentar à cabeceira de uma mesa, passando julgamento, todos atentos às suas palavras.

- Wulfric vem trabalhando nas terras desde então, enquanto eu tenho considerado quem deve suceder Samuel. - Ele fez uma pausa. - Mas comecei a ter dúvidas sobre a rejeição de Wulfric.

Perkin teve um sobressalto visível. Sentia-se confiante no sucesso, e aquela declaração deixou-o atordoado. Billy Howard interveio:

- Mas o que é isso? Pensei que Nate...

Perkin cutucou-o e ele se calou. Gwenda não pôde evitar um sorriso de triunfo.

- Apesar de sua juventude, Wulfric tem demonstrado que é bastante capaz acrescentou Ralph.

Perkin lançou um olhar furioso para Nathan. Gwenda calculou que Nathan prometera as terras a Perkin. Talvez o suborno já tivesse sido pago.

Nathan se mostrava tão chocado quanto Perkin. Fitou Ralph boquiaberto por um momento, virou-se para Perkin com uma expressão aturdida, e depois olhou desconfiado para Gwenda. Ralph continuou:

- Ele contou com o apoio de Gwenda, cuja força e lealdade me impressionaram. Nathan fitou-a, especulativo. Gwenda podia perceber o que ele pensava: ela interferira de alguma forma, e Nathan se perguntava como conseguira fazer Ralph mudar de idéia. Podia até adivinhar a verdade. Ela não se importaria se isso acontecesse, desde que Wulfric permanecesse na ignorância.

Subitamente, Nathan pareceu tomar uma decisão. Levantou-se e inclinou-se através da mesa. Falou com Ralph em voz baixa. Gwenda não conseguiu ouvir o que ele disse.

- É mesmo? - disse Ralph, em voz normal. - Quanto?

Nathan virou-se para Perkin e murmurou alguma coisa para ele. Gwenda resolveu se intrometer:

- Esperem um pouco! Por que tantos sussurros? Perkin parecia furioso, mas disse, embora relutante:

- Está bem.

- Está bem o quê? - indagou Gwenda, assustada.

- O dobro? - perguntou Nathan.

Perkin acenou com a cabeça em concordância. Gwenda sentiu o medo dominá-la.

- Perkin oferece pagar o dobro do heriot normal - anunciou Nathan, em voz alta. - Dá cinco libras.

- Isso faz uma diferença - disse Ralph.

- Não! - exclamou Gwenda. Wulfric falou pela primeira vez.

- O heriot é determinado pelo costume, registrado nos capitulários - disse ele, em sua voz lenta de rapaz-homem. - Não está aberto a negociações.

Nathan apressou-se em protestar:

- Mas os heriots podem mudar. Não constam do Livro de Domesday, o registro antigo de todas as terras da Inglaterra.

- Vocês dois são advogados? - indagou Ralph. - Se não são, fiquem calados. O heriot é de duas libras e dez shillings. Qualquer outro dinheiro que trocar de mãos não é da conta de vocês.

Gwenda compreendeu, horrorizada, que Ralph estava prestes a repudiar o acordo que haviam feito. Falou em voz baixa e acusadora, lenta mas clara:

- Milorde me fez uma promessa.

- Por que eu faria isso? - indagou Ralph.

Era uma pergunta que ela não podia responder.

- Porque eu supliquei - balbuciou ela.

- E eu disse que pensaria de novo. Mas não fiz nenhuma promessa. Gwenda estava impotente. Não podia obrigá-lo a cumprir a promessa. Tinha vontade de matá-lo.

- Prometeu, sim!

- Os senhores não negociam com camponeses.

Ela limitou-se a fitá-lo, sem saber o que dizer. Fora tudo por nada: a longa caminhada até Kingsbridge, a humilhação de ficar nua na frente de Ralph e Alan, o ato vergonhoso a que se submetera na cama de Ralph.

Traíra Wulfric, e mesmo assim ele não herdaria. Ela apontou um dedo para Ralph e disse, amargurada:

- Deus o mande para o inferno, Ralph Firzgerald!

Ele empalideceu. Todos sabiam que a maldição de uma mulher enganada era poderosa.

- Tome cuidado com o que diz - respondeu ele. - Temos uma punição para uma bruxa que lança encantamentos.

Gwenda recuou. Nenhuma mulher podia considerar aquela ameaça de uma maneira leviana. A acusação de bruxaria era fácil de fazer e difícil de refutar. Mesmo assim, ela não pôde resistir à tentação de acrescentar:

- Aqueles que escapam à justiça nesta vida a encontrarão na próxima. Ralph ignorou o comentário e virou-se para Perkin.

- Onde está o dinheiro?

Perkin não enriquecera revelando às pessoas onde guardava seu dinheiro.

- Vou buscá-lo imediatamente, milorde.

- Vamos embora, Gwenda - disse Wulfric. - Não há misericórdia para nós aqui.

Gwenda fez um esforço para reprimir as lágrimas. A raiva fora substituída pelo desespero. Havia perdido a batalha, depois de tanto esforço. Ela virou-se, de cabeça baixa, para esconder suas emoções.

- Espere um instante, Wulfric - disse Perkin. - Você precisa de emprego... e eu preciso de ajuda. Trabalhe para mim. Pagarei um penny por dia.

Wulfric ficou vermelho pela vergonha de receber uma oferta de emprego como um mero trabalhador nas terras que haviam pertencido à sua família.

Perkin acrescentou:

- Gwenda também. Os dois são jovens e trabalhadores.

Ele não tinha a intenção de ser maldoso, compreendeu Gwenda. Estava concentrado apenas em cuidar de seus interesses, ansioso em contratar dois jovens e fortes trabalhadores para ajudá-lo em sua agora vasta propriedade. Não se importava, ou talvez nem sequer soubesse, que para Wulfric aquilo era a humilhação final.

- Será um shilling entre os dois a cada semana - insistiu Perkin. - Terão bastante.

Wulfric fitou-o com uma expressão amargurada.

- Trabalhar por um salário nas terras que minha família possuiu por décadas? Nunca!

Ele virou-se e deixou a casa. Gwenda seguiu-o, pensando: O que vamos fazer agora?

29

O Westminster Hall era imenso, maior do que o interior de algumas catedrais. Era assustadoramente comprido e largo, o teto distante sustentado por uma fileira dupla de colunas altas. Era o salão mais importante no Palácio de Westminster.

O conde Roland sentia-se muito à vontade ali, pensou Godwyn, ressentido. O conde e seu filho William pavoneavam-se em suas roupas elegantes, com uma perna do calção vermelha, a outra, preta. Cada conde conhecia todos os outros e a maioria dos barões também. Davam tapinhas nos ombros dos outros, zombavam uns dos outros, caíam na gargalhada de seu próprio humor. Godwyn tinha vontade de lembrá-los de que os tribunais ali reunidos tinham o poder de condenar qualquer um deles à morte, mesmo que fosse da nobreza.

Ele e seus companheiros mantinham-se reservados, falando apenas entre si, e mesmo assim em vozes abafadas. Não era por reverência, ele tinha de admitir, mas por nervosismo. Godwyn, Edmund e Caris sentiam-se contrafeitos ali. Nenhum deles jamais estivera em Londres antes. A única pessoa que conheciam na cidade era Buonaventura Caroli, e ele havia viajado. Não sabiam como chegar aos lugares, suas roupas pareciam antiquadas, e o dinheiro que haviam trazido - pensavam que seria mais do que o necessário - estava acabando.

Edmund não se mostrava intimidado por qualquer coisa, e Caris parecia distraída... como se tivesse algo mais importante em sua mente, embora isso não fosse possível. Mas Godwyn sentia-se atormentado pela ansiedade. Era um prior recém-eleito, desafiando um dos maiores nobres da Inglaterra. O problema era o futuro da cidade. Sem a ponte, Kingsbridge morreria. O priorado, atualmente o coração de uma das grandes cidades da Inglaterra, minguardia para um solitário posto avançado numa pequena aldeia, onde uns poucos monges faziam suas devoções no vazio retumbante de uma catedral em ruínas. Godwyn não lutara tanto para se tornar o prior apenas para ver seu prêmio se desfazer em pó.

Com tanto em jogo, ele queria ter o controle dos acontecimentos, confiante de que era mais esperto do que quase todos os outros, como demonstrara em Kingsbridge. Mas ali sentia o oposto, e a insegurança o levava ao desespero.

Seu consolo era Gregory Longfellow. Um amigo de Godwyn dos dias de universidade, Gregory tinha uma mente insidiosa, bem apropriada ao direito. Já conhecia o tribunal real. Agressivo e presunçoso, orientara Godwyn através do labirinto legal. Apresentara a petição do priorado ao Parlamento, como já apresentara muitas outras antes. O problema não era debatido no Parlamento, é claro, mas transferido para o conselho do rei, que era presidido pelo chanceler. A equipe de advogados do chanceler - todos eles amigos ou conhecidos de Gregory podia encaminhar o processo ao King's Bench, o tribunal do rei, a corte de justiça que cuidava dos casos em que o rei tinha algum interesse. Mas, como Gregory também previra, ficara decidido que o caso era insignificante demais para importunar o rei; em vez disso, o processo fora encaminhado ao tribunal comum.

Tudo isso levava seis semanas. Já era o final de novembro, e o tempo se tornava cada vez mais frio. A temporada de construção estava quase terminando.

324

Hoje, finalmente, apresentavam-se a Sir Wilbert Wheatfield, um experiente juiz que diziam ser amigo do rei. Sir Wilbert era o filho mais novo de um barão do Norte. O irmão mais velho herdara o título e a propriedade. Wilbert fora preparado para ser padre, estudara direito, e mudara para Londres, onde caíra nas boas graças da corte real. Sua inclinação era ficar do lado de um conde contra um monge, advertira Gregory; mas ele poria os interesses do rei acima de todo o resto.

O juiz sentou numa plataforma, na parede leste do palácio, entre janelas que davam para o Green Yard e o rio Tâmisa. A sua frente, dois escrivães sentavam a uma mesa comprida. Não havia cadeiras disponíveis para os litigantes. Sir Wilbert olhou para Gregory, que disse no mesmo instante:

- Senhor, o conde de Shiring enviou homens armados para bloquear a pedreira que pertence ao priorado de Kingsbridge. - A voz tremia com uma indignação simulada. - A pedreira, que fica no condado, foi concedida ao priorado pelo rei Henry I, há cerca de duzentos anos. Uma cópia do cartulário foi apresentada ao tribunal.

Sir Wilbert tinha um rosto rosado e cabelos brancos. Parecia bonito até falar, quando exhibia dentes podres.

- Tenho essa cópia na minha frente - disse ele.

O conde Roland falou sem esperar por um convite, a voz arrastada, como se estivesse entediado:

- Os monges receberam a pedreira para que pudessem construir sua catedral. Gregory apressou-se em dizer:

- Mas a concessão não restringe o uso da pedreira a qualquer propósito determinado.

- Agora eles querem construir uma ponte - acrescentou Roland.

- Para substituir a ponte que desabou em Pentecostes... uma ponte construída há centenas de anos, um presente do rei!

Gregory falou como se estivesse indignado com cada palavra do conde.

- Eles não precisam de permissão para reconstruir uma ponte que já existia declarou Sir Wilbert, incisivo. - E o cartulário diz que o rei deseja estimular a construção da catedral, mas não diz que eles devem renunciar a seus direitos quando o prédio ficar pronto, nem que estão proibidos de usar a pedra para qualquer outro propósito.

Godwyn ficou mais animado. O juiz parecia compreender o argumento do priorado.

Gregory abriu os braços, as palmas viradas para cima, como se o juiz tivesse dito uma coisa que era mais do que óbvia.

- E na verdade, senhor, essa tem sido a compreensão dos priores de Kingsbridge e dos condes de Shiring há três séculos.

Não era bem assim, Godwyn sabia. Houvera disputas em relação ao cartulário no tempo do prior Philip. Mas Sir Wilbert não sabia disso, nem o conde Roland.

A atitude de Roland era altiva, como se estivesse abaixo de sua dignidade discutir com advogados. Mas isso era enganador: ele mantinha um firme controle da argumentação.

- O cartulário não diz que o priorado pode escapar ao tributo.

- Por que então o conde nunca exigiu esse tributo até agora? - perguntou Gregory.

Roland tinha a resposta preparada.

- Os condes anteriores perdoaram o tributo, como sua contribuição para a catedral. Era um ato de devoção. Mas a devoção não me obriga a subsidiar uma ponte. Os monges, no entanto, recusam-se a pagar.

Subitamente, a discussão mudara. E com uma rapidez surpreendente, pensou Godwyn; não era como as discussões nos capítulos dos monges, que podiam se prolongar por horas.

- E os homens do conde impedem a saída de pedras da pedreira e até mataram um pobre carroceiro - disse Gregory.

- Neste caso, é melhor resolver a disputa o mais depressa possível - declarou Sir Wilbert. - O que o priorado tem a dizer sobre o argumento de que o conde tem o direito de tributar cargas passando por suas terras, usando estradas, pontes e vaus que lhe pertencem, independentemente da imposição ou não desse direito no passado?

- Como as pedras não apenas passam por suas terras, mas são originárias de lá, o tributo é equivalente a cobrar dos monges pelas pedras, o que é contrário ao cartulário de Henry I.

Godwyn percebeu, consternado, que o juiz não parecia impressionado com esse argumento. Mas Gregory ainda não acabara.

- Os reis que deram a Kingsbridge uma ponte e uma pedreira tinham uma boa razão para isso: queriam que o priorado e a cidade prosperassem. E o regedor da cidade está aqui para testemunhar que Kingsbridge não pode prosperar sem uma ponte.

Edmund adiantou-se. Com os cabelos despenteados e as roupas provincianas, parecia um homem rústico, em contraste com os nobres muito bem vestidos ao redor. Ao contrário de Godwyn, porém, ele não parecia intimidado.

- Sou um mercador de lã, senhor. Sem a ponte, não há comércio. E sem comércio, Kingsbridge não pagará tributos para o rei.

Sir Wilbert inclinou-se para a frente.

- Quanto a cidade rendeu no último décimo?

Ele se referia ao tributo, cobrado periodicamente pelo Parlamento, de um décimo ou um quinze avos de cada rendimento individual. Ninguém jamais pagava um décimo, é claro - todos avaliavam seu rendimento por baixo -, e o tributo pago por cada cidade ou condado acabara se tornando fixo; o fardo era partilhado de uma maneira mais ou menos justa, e os camponeses mais pobres não pagavam nada. Edmund já esperava por essa pergunta, e respondeu sem hesitar:

- Mil e onze libras, senhor.

- E o efeito da perda da ponte?

- Hoje eu calculo que um décimo levantaria menos de trezentas libras. Mas nossos cidadãos continuam a trabalhar na esperança de que a ponte seja reconstruída. Se essa esperança fosse perdida hoje neste tribunal, a Feira do Velocino anual e o mercado semanal desapareceriam quase por completo. A arrecadação do décimo cairia abaixo de cinquenta libras.

- Quase nada, na escala das necessidades do rei - comentou o juiz.

Ele não disse o que todos sabiam: que o rei tinha a maior necessidade de dinheiro porque nas últimas semanas declarara guerra à França. Roland ficou contrariado.

- Essa audiência é sobre as finanças do rei? - perguntou ele, desdenhoso. Sir Wilbert não admitia que o intimidassem, nem mesmo sendo um conde.

- Este é o tribunal do rei - disse ele, suavemente. - O que você esperava?

- Justiça.

- E é o que terá. - O juiz insinuou, mas não disse expressamente, Quer você goste ou não. - Edmund Wooler, onde fica o mercado alternativo mais próximo?

- Shiring.

- Ahn... Portanto, os negócios que vocês perderem passarão para a cidade do conde.

- Não, senhor. Alguns serão transferidos, mas outros acabarão. Muitos mercadores de Kingsbridge não poderão se mudar para Shiring.

O juiz olhou para Roland.

- Quanto dá o décimo de Shiring?

Roland conferenciou por um instante com seu secretário, padre Jerome, antes de responder:

- Seiscentas e vinte libras.

- E com o aumento das transações no mercado de Shiring, poderia pagar mil seiscentas e vinte libras?

- Claro que não! - respondeu o conde, furioso. O juiz manteve o tom suave.

- Portanto, sua oposição a essa ponte custará caro ao rei.

- Tenho os meus direitos - insistiu Roland, irritado.

- E o rei também tem direitos. Há alguma maneira pela qual possa compelir o tesouro real pela perda de mil libras por ano?

- Lutando a seu lado na França... o que mercadores de lã e monges nunca farão!

- Tem razão - concordou Sir Wilbert. - Mas seus cavaleiros exigirão pagamento.

- Isso é uma afronta!

Roland estava perdendo a discussão e sabia disso. Godwyn fez um esforço para não parecer triunfante.

O juiz não gostava que uma audiência sua fosse considerada uma afronta. Ele fulminou Roland com um olhar indignado.

- Quando mandou seus homens de armas bloquearem a pedreira do priorado, tenho certeza de que não tencionava prejudicar os interesses do rei.

Sir Wilbert fez uma pausa, expectante. Roland sentiu uma armadilha, mas deu a única resposta possível:

- Claro que não.

- Agora que ficou claro para este tribunal, assim como para todos os presentes, que a construção da nova ponte serve aos propósitos do rei, além de atender os interesses do priorado e da cidade de Kingsbridge, imagino que concordará com a reabertura da pedreira.

Godwyn compreendeu que Sir Wilbert estava sendo hábil. Pressionava Roland a consentir em sua decisão, tornando difícil um apelo pessoal ao rei mais tarde.

Depois de uma longa pausa, Roland murmurou:

- Concordo.

- E com o transporte das pedras através de seu território sem o pagamento de um tributo.

Roland sabia que perdera. Havia fúria em sua voz quando repetiu:

- Concordo.

- Assim está decidido - declarou o juiz. - Vamos passar para o próximo caso.

Foi uma grande vitória, mas provavelmente viera tarde demais.

Novembro se transformara em dezembro. Em circunstâncias normais, os trabalhos de construção já estariam parados a esta altura. Mas por causa da estação chuvosa, as geadas só viriam mais tarde naquele ano. Mesmo assim, restavam apenas duas ou três semanas. Merthin tinha centenas de pedras estocadas na pedreira, cortadas e prontas para serem fixadas. Só que levaria meses para levar todas de carroça até Kingsbridge. Embora o conde Roland tivesse perdido o julgamento, quase com certeza conseguira protelar a construção da ponte por um ano.

Caris voltou para Kingsbridge, com Edmund e Godwyn, desolada. Ao parar o cavalo no lado suburbano do rio, constatou que Merthin já construía as enscadeiras. Em cada um dos canais que passavam pelos lados da ilha do Leproso, as pontas das estacas de madeira projetavam-se quase meio metro acima da superfície, formando um círculo. Ela recordou a explicação de Merthin, no salão da guilda, sobre como planejava fincar estacas no leito do rio, em círculos duplos, para depois encher o espaço

entre os dois com argamassa de barro, para formar uma vedação à prova d'água. A água dentro do círculo poderia depois ser tirada com baldes, para que os construtores pudessem fixar as fundações no fundo do rio.

Um dos trabalhadores de Merthin, Harold Mason, estava na barcaça quando cruzaram o rio. Caris perguntou-lhe se as ensecadeiras já haviam sido drenadas.

- Ainda não - respondeu o homem. - O mestre quer esperar até que estejamos prontos para começar a construir.

Caris notou com a maior satisfação que Merthin era agora tratado como mestre, apesar de sua juventude.

- Mas por quê? - indagou ela. - Pensei que queríamos tudo pronto para um rápido começo.

- Ele diz que a força do rio aplica mais pressão na barragem quando não há água dentro.

Caris especulou como Merthin sabia dessas coisas. Ele aprendera o básico com seu primeiro mestre, Joachim, o pai de Elfric Sempre conversava muito com estranhos que visitavam a cidade, em particular os que conheciam os prédios altos em Florença e Roma. E também lera sobre a construção da catedral no Livro de Timothy. Mas parecia ter também uma extraordinária intuição nesses assuntos.

Caris nunca poderia imaginar que uma barragem vazia seria mais fraca do que uma cheia.

Embora estivessem exaustos ao entrarem na cidade, queriam dar a boa notícia a Merthin imediatamente, e descobrir o que ele poderia fazer, se é que alguma coisa, antes do final da temporada de construção. Só pararam para entregar os cavalos aos cavaleiros, e depois foram à sua procura. Encontraram-no no sótão do pedreiro, na torre noroeste da catedral, trabalhando à luz de vários lampiões de óleo, desenhando no chão a planta para um parapeito. Merthin levantou os olhos do desenho, viu as expressões, e deu um sorriso largo.

- Ganhamos?

- Ganhamos - confirmou Edmund.

- Graças a Gregory Longfellow - acrescentou Godwyn. - Ele custou muito dinheiro, mas valeu tudo.

Merthin abraçou os dois; sua desavença com Godwyn estava esquecida, pelo menos por enquanto. Beijou Caris com ternura.

- Senti saudade - murmurou ele. - Foram oito semanas. Parecia que você nunca mais voltaria.

Caris não respondeu. Tinha uma coisa muito importante para lhe dizer, mas só poderia falar em particular. O pai não notou sua reticência.

- Já pode continuar o trabalho, Merthin.

- Isso é ótimo.

- Pode trazer as primeiras pedras amanhã... mas suponho que já seja tarde demais para começar a construir antes das geadas do inverno - comentou Godwyn.

- Estive pensando a respeito. - Merthin olhou pelas janelas. O dia de dezembro já escurecia no meio da tarde. - Pode haver um meio de fazer isso.

O entusiasmo de Edmund foi imediato.

- Grande, meu rapaz! Qual é sua idéia? Merthin virou-se para o prior.

- Concederia uma indulgência aos voluntários que trouxessem pedras da pedreira?

Uma indulgência era um ato especial de perdão de pecados. Como uma doação de dinheiro, podia pagar dívidas passadas ou ficar como um crédito para responsabilidades futuras.

- Claro que sim - respondeu Godwyn. - Em que está pensando? Merthin virou-se para Edmund.

- Quantas pessoas em Kingsbridge possuem uma carroça?

- Deixe-me pensar... - Edmund franziu o rosto. - Todo mercador de mais substância tem uma carroça... portanto, deve haver pelo menos duzentas.

- Poderíamos circular pela cidade esta noite, e pedir a todos para levarem suas carroças até a pedreira amanhã.

Edmund fitou Merthin em silêncio por um momento, enquanto um lento sorriso se espalhava por seu rosto.

- Grande idéia! - exclamou ele, exultante.

- Diremos a todos que os outros também vão - continuou Merthin. - Será como um dia de festa. As famílias podem ir também, levando comida e cerveja.

Se cada um trouxer uma carroça com pedras ou cascalho, em dois dias teremos o suficiente para construir as pilastras da ponte.

Era mesmo uma idéia brilhante, refletiu Caris, impressionada. Era típico de Merthin pensar uma coisa que ninguém mais seria capaz de imaginar. Mas daria certo?

- O tempo não vai nos prejudicar? - indagou Godwyn.
- A chuva tem sido uma desgraça para os camponeses, mas impediu a chegada do frio mais intenso. Creio que ainda temos uma ou duas semanas.

Edmund demonstrava a maior animação, andando de um lado para outro do sótão, com sua postura torta.

- Mas se puder construir as pilastras nos próximos dias...
- Conseguiremos terminar a maior parte da obra ao final do ano seguinte.
- E poderíamos usar a ponte no ano seguinte?
- Não... espere um pouco. Podemos instalar um leito de madeira provisório a tempo para a Feira do Velocino.
- Portanto, teríamos uma ponte completa no ano depois do seguinte... e perderíamos apenas uma Feira do Velocino!
- Precisariamos fazer o leito da estrada de pedra depois da Feira do Velocino. Ficaria pronto para ser usado normalmente no terceiro ano.
- Vamos conseguir! - exclamou Edmund, excitado. Godwyn interveio, cauteloso:

- Ainda tem de tirar a água das barragens. Merthin balançou a cabeça em concordância.

- É um trabalho difícil. Em meu plano original, previ duas semanas para isso. Mas também tenho uma idéia para resolver o problema. Primeiro, no entanto, vamos organizar as carroças para o transporte.

Todos se encaminharam para a porta, no maior entusiasmo. Quando Godwyn e Edmund começaram a descer pela escada em espiral, Caris pegou Merthin pela manga e reteve-o. Ele pensou que Caris queria beijá-lo e abraçou-a. Mas ela se desvencilhou e disse:

- Tenho uma notícia para você.
- Outra?
- Estou grávida.

Ela observou a reação de Merthin. Ele ficou aturdido a princípio, e elevou as sobrancelhas castanho avermelhadas. Piscou em seguida, inclinou a cabeça para um lado, e deu de ombros, como se dissesse: Não há nada de surpreendente. Ele sorriu, um pouco desolado, mas logo com uma felicidade inconfundível. Ao final, estava radiante.

- Isso é maravilhoso!

Caris odiou-o por um instante pela estupidez.

- Não é, não!

- Por que não?

- Porque não quero passar minha vida como uma escrava de alguém, mesmo que seja meu próprio filho.

- Uma escrava? Toda mãe é uma escrava?

- É, sim! Como você poderia ignorar que me sinto assim?

Merthin ficou atordoado e magoado. Uma parte de Caris quis recuar, mas ela vinha acalentando aquela raiva há tempo demais.

- Acho que eu sabia. Mas depois você deitou comigo e pensei... - Ele hesitou.

- Você devia saber que poderia acontecer... que acabaria acontecendo, mais cedo ou mais tarde.

- Claro que eu sabia... mas agi como se não soubesse.

- Posso compreender isso.

- Pare de ser tão compreensivo! Você é um fraco!

O rosto de Merthin ficou paralisado. Depois de uma longa pausa, ele disse:

- Muito bem, deixarei de ser tão compreensivo. Apenas me dê uma informação. Qual é o seu plano?

- Não tenho nenhum plano, seu tolo. Sei apenas que não quero ter um bebê.

- Portanto, você não tem nenhum plano, e eu sou um tolo e um fraco. Quer alguma coisa de mim?

-Não!

- Então o que está fazendo aqui?

- Não seja tão lógico! Merthin suspirou.

- Tentarei deixar de ser o que você me diz para ser, porque suas palavras não fazem sentido. - Ele deu uma volta pelo sótão, apagando os lampiões.

- Fico contente porque vamos ter um bebê. Gostaria que casássemos e cuidássemos juntos da criança... presumindo que essa sua disposição seja apenas temporária.

Ele pôs os utensílios de desenho numa bolsa, que pendurou no ombro.

- Mas por enquanto você está tão rabugenta que prefiro nem conversar. Além do mais, tenho muito trabalho a fazer. - Merthin foi até a porta e parou. Por outro lado, poderíamos nos beijar e fazer as pazes.

- Vá embora! - berrou ela.

Ele abaixou-se para passar pela porta e desapareceu na escada. Caris começou a chorar.

Merthin não sabia se os habitantes de Kingsbridge se uniriam pela causa. Todos tinham trabalhos e preocupações pessoais: perceberiam o esforço

comum para a construção da ponte como sendo mais importante? Ele não tinha certeza. Sabia, pela leitura do Livro de Timothy, que o prior Philip conseguira, em momentos de crise, persuadir as pessoas comuns a realizarem um esforço coletivo. Mas Merthin não era Philip. Não tinha o direito de conduzir as pessoas. Era apenas um carpinteiro.

Fizeram uma lista de proprietários de carroças e dividiram por ruas. Edmund convocou dez eminentes cidadãos e Godwyn escolheu dez monges seniores. Partiram em duplas. Merthin seguiu com o irmão Thomas.

A primeira porta em que bateram foi a de Lib Wheeler. Ela continuava a cuidar do trabalho de Ben, com trabalhadores contratados.

- Podem usar minhas duas carroças - declarou ela. - E os homens para conduzi-las. Qualquer coisa que for necessária para contrariar aquele conde desgraçado.

Mas tiveram uma recusa na segunda visita.

- Não estou passando bem - disse Peter Dyer, que tinha uma carroça para entregar os fardos de tecido de lã que tingia de amarelo, verde e rosa. - Não posso viajar.

Ele parecia estar muito bem, pensou Merthin; era bem provável que estivesse com medo de uma confrontação com os homens do conde. Não haveria nenhuma luta, Merthin tinha certeza, mas podia compreender a apreensão. E se todos os cidadãos pensassem assim?

A terceira visita foi para Harold Mason, que esperava havia vários anos pelo trabalho de construção da ponte. Ele concordou sem hesitar.

- Jake Chepstow também irá - disse ele. Os dois eram amigos. - Podem deixar que falei com ele.

Depois disso, quase todos aceitaram.

Não precisavam de qualquer explicação sobre a importância da ponte, pois todos os donos de carroças eram obviamente mercadores. Além disso, havia o incentivo adicional de perdão dos pecados. Mas o fator mais importante parecia ser a promessa de um dia de festa inesperado. A maioria das pessoas indagava:

- E verdade que fulano e beltrano vão?

E quando eram informados de que seus amigos e vizinhos já haviam se oferecido como voluntários, concordavam de imediato, pois não queriam ficar de fora.

Depois que fizeram todas as suas visitas, Merthin deixou Thomas e desceu até a barça. Tinham de levar as carroças para o outro lado durante a noite, a fim de que estivessem prontas para a partida ao nascer do sol. A barça só podia levar uma carroça de cada vez... e o transporte de duzentas carroças exigiria várias horas. Era por isso, é claro, que precisavam de uma ponte.

Um boi girava a enorme roda, e as carroças já começavam a cruzar o rio. No outro lado, os donos soltavam seus animais no pasto, voltavam para a carroça, e iam dormir. Edmund mobilizara John Constable e meia dúzia de ajudantes para passarem a noite em Newtown, guardando os animais e carroças.

A barça ainda operava quando Merthin foi deitar, cerca de uma hora da manhã. Ficou pensando em Caris durante algum tempo. Suas oscilações de ânimo e imprevisibilidade eram parte do que ele amava, mas às vezes ela era insuportável. Era a pessoa mais esperta em Kingsbridge, mas havia ocasiões em que demonstrava uma irracionalidade absurda.

Acima de tudo, porém, ele detestava ser chamado de fraco. Não sabia se algum dia perdoaria Caris por esse escárnio. O conde Roland humilhara-o, dez anos antes, ao dizer que ele não podia ser um pajem, pois nunca teria condições de se tornar um cavaleiro, e que servia apenas para aprendiz de carpinteiro. Mas não era um fraco. Desafiara a tirania de Elfric, vencera o prior Godwyn na disputa pelo projeto da ponte, e estava prestes a salvar toda a cidade. Posso ser pequeno, refletiu ele, mas sei que sou forte.

Ainda assim, ele não sabia o que fazer em relação a Caris, e adormeceu pensando a respeito.

Edmund acordou-o à primeira claridade do amanhecer. A essa altura, quase todas as carroças de Kingsbridge já se encontravam no outro lado do rio, numa linha irregular, que se estendia por todo o subúrbio de Newtown e avançava por quase um quilômetro pela estrada. A barça levou mais de duas horas para trazer as pessoas. O entusiasmo para organizar o que era como uma peregrinação desviou a mente de Merthin do problema de Caris e sua gravidez. Não demorou muito para que o pasto no outro lado do rio fosse um cenário de caos bem humorado, à medida que dezenas de pessoas pegavam seus cavalos e bois para atrelar nas carroças. Dick Brewer levou um enorme barril de cerveja para oferecer, a fim de "encorajar a

expedição”, em suas palavras. Os resultados foram variados: algumas pessoas ficaram tão ”encorajadas” que precisaram deitar e dormir.

Uma multidão de curiosos reuniu-se para observar à beira do rio, no lado da cidade. Quando a fileira de carroças começou finalmente a avançar, todos aplaudiram.

Mas as pedras eram apenas a metade do problema.

Merthin concentrou sua atenção no desafio seguinte. Se quisesse começar a assentar as pedras assim que chegassem, teria de esvaziar as ensecadeiras em dois dias, em vez de duas semanas. Assim que as aclamações cessaram, ele elevou a voz para se dirigir à multidão. Aquele era o momento para despertar o interesse de todos, quando o entusiasmo começava a diminuir e as pessoas especulavam o que fariam em seguida.

- Preciso dos homens mais fortes que ficaram na cidade! - Todos se calaram, intrigados, enquanto Merthin indagava: - Há algum homem forte em Kingsbridge?

Era em parte uma isca: o trabalho seria pesado, mas pedir apenas homens fortes também servia como um desafio a que os jovens dificilmente resistiriam.

- Antes das carroças voltarem da pedreira, amanhã de noite, temos de retirar a água das ensecadeiras. Será o trabalho mais duro que já fizeram... e por isso não quero fracos, por favor.

Enquanto falava, Merthin procurava Caris na multidão. Seus olhos se encontraram, e ele a viu estremecer, ao se lembrar que usara essa palavra e descobrir que o ofendera.

- Qualquer mulher que achar que é igual aos homens pode participar - continuou Merthin. - Preciso que peguem um balde e se encontrem comigo na praia em frente à ilha do Leproso, o mais depressa possível. E não se esqueçam... só os mais fortes!

Ele não sabia se conseguira persuadi-los ou não. Ao terminar, avistou a figura alta de Mark Webber. Abriu caminho pela multidão ao seu encontro.

- Mark, você pode convencê-los a ajudarem? - indagou Merthin, ansioso. Mark era um gigante gentil, muito apreciado na cidade. Embora fosse pobre, tinha muita influência, especialmente entre os adolescentes.

- Pode deixar que levarei os rapazes - prometeu ele.

- Obrigado.

Merthin foi conversar com Ian Boatman.

- Precisarei de você durante o dia inteiro. Para transportar pessoas até as ensecadeiras e trazê-las de volta. Pode trabalhar pelo pagamento ou por uma indulgência... a escolha é sua.

Ian gostava muito da irmã mais moça da esposa, e provavelmente preferiria a indulgência, por um pecado passado ou pelo que esperava cometer em futuro próximo.

Merthin desceu até o ponto da praia em que concentrara os preparativos para a construção da ponte. Poderia esvaziar as ensecadeiras em dois dias? Não tinha a menor idéia. Especulou quantos galões de água haveria em cada uma. Milhares? Centenas de milhares? Devia haver um meio de calcular. Era bem provável que os filósofos gregos tivessem desenvolvido um método para isso; mas se havia mesmo, não fora ensinado na escola do priorado. Para descobrir, teria de ir para Oxford, onde havia matemáticos famosos no mundo inteiro, segundo Godwyn.

Ele ficou esperando na beira do rio, especulando se alguém viria.

A primeira pessoa a chegar foi Megg Robbins, a robusta filha de um negociante de cereais, os músculos fortalecidos por anos de carregar sacos de grãos.

- Posso superar a maioria dos homens desta cidade - garantiu ela. Merthin não duvidava. Um grupo de jovens apareceu em seguida, logo acompanhado por três noviços.

Assim que tinha dez pessoas com baldes, Merthin mandou que Ian os levasse à represa mais próxima.

Dentro do círculo de estacas, ele construía uma plataforma logo acima da superfície da água, bastante forte para que homens pudessem ficar de pé. Dali, quatro escadas desciam até o leito do rio. No centro da represa, flutuando na água, havia uma balsa. Entre a balsa e a plataforma, o espaço era de menos de um metro. A balsa era mantida numa posição central por aros de madeira que se projetavam quase até a parede, impedindo o movimento por mais que uns poucos centímetros em qualquer direção.

- Vocês devem trabalhar em duplas - instruiu Merthin. - Um fica na balsa, o outro, na plataforma. O que está na balsa enche o balde e passa para o companheiro na plataforma, que joga a água no rio, por cima da beira. Quando o balde vazio for devolvido, já deve haver outro cheio pronto para ser esvaziado.

Megg Robbins perguntou:

- O que acontece quando o nível de água dentro baixar e não pudermos mais alcançar um ao outro?

- Bem lembrado, Megg. Você será minha capataz no comando aqui. Quando não puderem mais alcançar um ao outro, passarão a trabalhar em grupos de três, o terceiro na escada.

Ela compreendeu no mesmo instante.

- E depois em grupos de quatro, com dois numa escada.

- Isso mesmo. A essa altura, porém, vocês já devem ter se cansado, e traremos outros para substituí-los.

- Certo.

- Podem começar. Vou buscar mais dez... há bastante espaço aqui. Megg virou-se e gritou:

- Escolham seus parceiros!

Os voluntários começaram a encher e esvaziar os baldes. Merthin ouviu Megg acrescentar:

- Vamos criar um ritmo. Mergulhar, levantar, passar, esvaziar. Um, dois, três, quatro. Que tal uma canção para ajudar - Ela ergueu a voz para um contralto forte: - Oh, era uma vez um atraente cavaleiro...

Todos conheciam a canção e acompanharam no verso seguinte.

- Oh, sua espada era firme e verdadeira!

Merthin observou. Todos ficaram encharcados em poucos minutos. Não dava para ver qualquer redução aparente no nível da água. Seria um longo trabalho.

Ele foi para o barco de Ian.

Quando chegaram à margem, havia mais trinta voluntários com baldes à espera.

Merthin começou a esvaziar a segunda represa, com Mark Webber como capataz. Depois, dobrou os números de trabalhadores nos dois locais; e logo passou a substituir os voluntários cansados por outros. Ian Boatman ficou exausto e passou os remos para o filho. A água dentro da represa começou a baixar, lentamente, centímetro por centímetro. A medida que a água baixava, o trabalho se tornava mais lento, pois os baldes tinham de ser levantados por uma distância maior.

Megg foi a primeira a descobrir que uma pessoa não podia segurar um balde cheio com uma das mãos e um vazio com a outra, e ainda assim manter o equilíbrio na escada. Ela projetou uma corrente com baldes

cheios subindo pela escada e outra com baldes vazios descendo. Mark instituiu o mesmo sistema em sua barragem.

Os voluntários trabalhavam uma hora e descansavam uma hora, mas Merthin não parava. Organizava as equipes, supervisionava o transporte dos voluntários de um lado para outro, trocava os baldes que quebravam. A maioria dos homens tomava cerveja durante os intervalos, e em consequência houve vários acidentes durante a tarde, com pessoas largando baldes e caindo das escadas. Madre Cecília veio cuidar dos feridos, com a ajuda de Mattie Wise e Caris.

Não demorou para que a claridade do dia começasse a se desvanecer, e eles tiveram de parar de trabalhar. Merthin pediu a todos que voltassem pela manhã. Foi para casa. Depois de tomar algumas colheres da sopa da mãe, adormeceu à mesa. Acordou apenas pelo tempo suficiente para envolver o corpo com uma manta e deitar na palha. Quando despertou, na manhã seguinte, seu primeiro pensamento foi especular se algum dos voluntários apareceria para o segundo dia.

Desceu apressado para a beira do rio à primeira claridade, com o coração ansioso. Mark Webber e Megg Robbins já estavam ah. Mark comia um pão, e Megg calçava um par de botas de cano alto, na esperança de manter os pés secos. Ninguém mais apareceu pela meia hora seguinte. Merthin começou a se perguntar o que poderia fazer sem voluntários. Foi então que alguns jovens apareceram, trazendo sua primeira refeição para comer ali. Foram seguidos pelos noviços e depois, por uma multidão.

Ian Boatman veio em seguida. Merthin mandou que ele levasse Megg e alguns voluntários para a primeira barragem. O trabalho recomeçou.

Foi mais difícil naquele dia. Todos estavam doloridos dos esforços do dia anterior. Cada balde tinha de ser levantado por três metros ou mais. Mas o final já estava à vista.

Os níveis continuavam a baixar e os voluntários já podiam vislumbrar o leito do rio.

No meio da tarde, a primeira carroça voltou da pedreira. Merthin orientou o dono a descarregar as pedras no pasto e atravessar o rio com a carroça na barça, de volta à cidade. Pouco depois, na enseadeira em que Megg trabalhava, a balsa tocou no leito do rio.

Havia mais a ser feito. Depois que o resto de água foi esgotado, era preciso desmontar a balsa e retirá-la da represa, tábuas por tábuas. Dezenas de peixes apareceram, debatendo-se no fundo lamacento. Foram recolhidos

com redes e divididos entre os voluntários. Tudo concluído, Merthin parou na plataforma, exausto mas exultante, olhando por um buraco de seis ou sete metros para o lamacento leito do rio.

No dia seguinte, despejaria várias toneladas de cascalho em cada buraco e acrescentaria argamassa, para formar uma fundação maciça e inamovível.

E depois começaria a construir a ponte.

Wulfric caíra em depressão.

Não comia quase nada e esquecia de se lavar. Levantava-se automaticamente ao amanhecer e tornava a deitar quando escurecia, mas não trabalhava e não fazia amor com Gwenda à noite. Quando ela perguntava qual era o problema, Wulfric respondia:

- Não sei.

Ele sempre dava respostas vagas a todas as perguntas ou se limitava a grunhidos.

De qualquer forma, havia pouco trabalho a fazer nos campos. Era a época em que os aldeões sentavam ao lado do fogo em suas casas, costurando sapatos de couro e fazendo pás de carvalho, comendo porco salgado, maçãs macias e repolho conservado no vinagre. Gwenda não estava preocupada com a comida: Wulfric ainda tinha o dinheiro da venda das colheitas. Mas sentia a maior preocupação com ele.

Wulfric sempre vivera para o trabalho. Alguns aldeões queixavam-se a todo instante e ficavam felizes com os dias de descanso, mas ele não era desse tipo. Aos domingos, sempre ficava irrequieto, até encontrar alguma ocupação que não fosse proibida; e nos dias santos fazia tudo o que pudesse para contornar as regras.

Gwenda sabia que tinha de levá-lo de volta a seu estado de espírito normal. Caso contrário poderia contrair alguma doença física. E seu dinheiro não duraria para sempre. Mais cedo ou mais tarde, ambos teriam de trabalhar.

Mesmo assim, ela não deu a notícia até que passaram duas luas cheias e ela teve certeza. Numa manhã de dezembro, ela anunciou:

- Tenho uma coisa para lhe contar.

Ele soltou um grunhido. Estava sentado à mesa da cozinha, afiando uma vareta. Não levantou os olhos. Gwenda inclinou-se através da mesa e segurou suas mãos, para fazê-lo parar.

- Wulfric, quer fazer o favor de olhar para mim?

Ele olhou, com uma expressão mal-humorada, ressentido por receber uma ordem, mas apático demais para desafiá-la.

- É importante - acrescentou ela. Ele não disse nada.

- Vou ter um bebê.

A expressão não se alterou, mas ele largou a faca e a vareta. Ela fitou-o por um longo momento.

- Compreende o que estou dizendo? Ele acenou com a cabeça.

- Um bebê...

- Isso mesmo. Teremos um filho.

- Quando?

Gwenda sorriu. Era a primeira pergunta que ele fazia em dois meses.

- No próximo verão, antes da colheita.

- É preciso cuidar da criança. E de você também.

- É, sim.

- Devo trabalhar.

Wulfric parecia deprimido outra vez. Ela prendeu a respiração. O que aconteceria agora?

Ele suspirou e ergueu o queixo.

- Falarei com Perkin. Ele precisará de ajuda com a aradura de inverno.

- E com a adubação também - disse Gwenda, feliz. - Ele ofereceu trabalho para os dois.

- Está bem. - Wulfric ainda a fitava. Uma pausa e acrescentou, como se fosse uma coisa espantosa: - Uma criança... Gostaria de saber se será menino ou menina.

Ela levantou-se e contornou a mesa, para sentar no banco ao seu lado.

- O que você prefere?

- Uma menina. Só tinha homem na minha família.

- Quero um menino, uma versão sua em miniatura.

- Podemos ter gêmeos.

- Um menino e uma menina.

Wulfric estendeu o braço para enlaçá-la.

- Devemos procurar o padre Gaspard para casar direito. Gwenda suspirou, contente. Encostou a cabeça no ombro dele.

- Tem razão.

Merthin saiu da casa dos pais pouco antes do Natal. Construíra uma casa com um único cômodo na ilha do Leproso, que era agora sua terra. Alegou que precisava vigiar as crescentes e valiosas pilhas de material de

construção guardadas ali: madeira, pedras, cal, cordas e ferramentas de ferro.

Ao mesmo tempo, parou de fazer as refeições na casa de Caris.

No penúltimo dia de dezembro, ela foi procurar Mattie Wise.

- Não precisa me explicar por que está aqui - disse Mattie. - Já tem três meses?

Caris acenou com a cabeça em confirmação, evitando os olhos de Mattie. Correu os olhos pela pequena cozinha, com seus vidros e potes. Mattie esquentava alguma coisa num pequeno caldeirão de ferro. Exalava um cheiro acre, que deixou Caris com vontade de espirrar.

- Não quero ter um bebê - declarou ela.

- Eu gostaria de ganhar uma galinha para cada vez que ouvi essas palavras.

- Sou má?

Mattie deu de ombros.

- Faço poções, não julgamentos. As pessoas sabem a diferença entre certo e errado... e se não sabem, é para isso que os padres servem.

Caris ficou desapontada. Esperava compaixão de Mattie. Com a voz mais fria, ela perguntou:

- Tem uma poção para me livrar desta gravidez?

- Tenho...

Mattie parecia apreensiva.

- Há algum problema?

- A maneira de ficar livre da gravidez é se envenenar. Algumas mulheres tomam um galão de vinho forte. Eu preparo uma dose com várias ervas tóxicas. As vezes dá certo, às vezes não. Mas sempre deixa a mulher se sentindo horrível.

- É perigoso? Eu poderia morrer?

- Poderia... embora não seja tão perigoso quanto o parto.

- Eu tomarei.

Mattie tirou o caldeirão do fogo e o pôs sobre um bloco de pedra, para esfriar. Virou-se para sua velha bancada de trabalho, toda escalavrada. Pegou uma tigela de barro no armário, e despejou pequenas quantidades de pós diferentes. Caris indagou:

- Qual é o problema? Você diz que não faz julgamentos, mas parece desaprovar.

Mattie acenou com a cabeça.

- É verdade. Claro que faço julgamentos; todo mundo faz.

- E está me julgando.
 - Estou pensando que Merthin é um bom homem e você o ama, mas parece não ser capaz de encontrar a felicidade com ele. Isso me deixa triste.
 - Acha que devo ser como as outras mulheres, me jogando aos pés de um homem.
 - Isso parece deixá-las felizes. Mas eu escolhi uma vida diferente. E você também, eu suponho.
 - Você é feliz?
 - Não nasci para ser feliz. Mas ajudo as pessoas, ganho a vida, e sou livre. Ela despejou a mistura num copo, acrescentou um pouco de vinho e mexeu, dissolvendo os pós. - Comeu alguma coisa esta manhã?
 - Apenas tomei um pouco de leite. Mattie pingou mel no copo.
 - Beba isto. Não perca tempo em almoçar... vomitaria tudo.
- Caris pegou o copo, hesitou por um instante, e depois tomou a poção.
- Obrigada.

Tinha um gosto amargo e horrível, que só foi disfarçado em parte pelo mel.

- Tudo deve estar acabado amanhã de manhã... de um jeito ou de outro. Caris pagou e foi embora. Ao voltar para casa, sentia uma estranha mistura de exultação e tristeza. Seu espírito estava animado por ter tomado uma decisão, depois de todas as semanas de preocupação; mas também sentia uma angústia de perda, como se estivesse se despedindo de alguém... talvez de Merthin. Especulou se a separação entre os dois seria permanente. Podia pensar na perspectiva calmamente, porque ainda sentia raiva dele, mas sabia que a saudade seria terrível. Ele acabaria encontrando outra paixão - talvez Bessie Bell - mas Caris tinha certeza de que isso não aconteceria com ela. Nunca mais amaria nenhum homem como amara Merthin.

Ao chegar em casa, o cheiro de carne de porco assada deixou-a nauseada, e ela tornou a sair. Não queria conversar com outras mulheres na rua principal, nem falar de negócios com os homens na casa da guilda. Por isso, foi para o terreno do priorado, envolvendo-se com o manto de lã para se esquentar. Sentou numa lápide no cemitério, olhando para a parede norte da catedral, admirando a perfeição das molduras esculpidas e a graça dos arcobotantes.

Não demorou muito para que começasse a passar mal.

Vomitou sobre uma sepultura, mas tinha o estômago vazio e nada saiu, apenas uma gosma amarga. A cabeça começou a latejar. Queria deitar, mas relutava em ir para casa por causa do cheiro que saía da cozinha. Decidiu ir para o hospital do priorado. As freiras a deixariam deitar ali. Ela deixou o cemitério, atravessou o pátio gramado na frente da catedral, e entrou no hospital. E, de repente, começou a sentir uma sede terrível. Foi recebida pelo rosto gentil e rechonchudo de Old Julie.

- Poderia me arrumar um copo com água, irmã Juliana? - murmurou Caris, agradecida.

O priorado recebia água encanada de um ponto rio acima, fresca, clara e segura para beber.

- Sente-se mal, criança? - indagou Old Julie, ansiosa.

- Um pouco enjoada. Se puder, eu gostaria de deitar um pouco.

- Claro. Vou chamar madre Cecilia.

Caris deitou num dos colchões de palha, alinhados com precisão no chão. Por uns poucos momentos, sentiu-se melhor. Mas logo a dor de cabeça piorou. Julie voltou com um jarro cheio de água e um copo, acompanhada por madre Cecilia. Caris tomou um pouco de água, vomitou, tomou mais. Cecilia fez algumas perguntas e depois disse:

- Você comeu alguma coisa estragada. Precisa fazer uma purgação.

Caris sentia tanta dor que não podia responder. Cecilia se retirou.

Voltou momentos depois com um vidro e uma colher. Deu a Caris uma colherada do medicamento muito doce, com um gosto de cravo.

Caris ficou deitada de costas, os olhos fechados. Torceu para que a dor desaparecesse. Depois de algum tempo, começou a experimentar cólicas no estômago, acompanhadas por uma diarreia incontrolável. Presumiu vagamente que fora provocada pelo medicamento adocicado. Passou depois de uma hora. Julie despiu-a, lavou-a, deu um hábito de freira para ela vestir, em vez de seu vestido imundo, e levou-a para um colchão limpo. Caris deitou e fechou os olhos, exausta.

O prior Godwyn foi vê-la e disse que ela devia fazer uma sangria. Outro monge veio fazer o serviço. Fê-la sentar e estender o braço, com o cotovelo por cima de uma bacia. Depois, pegou uma faca afiada e cortou a veia na dobra do braço. Caris mal notou a dor do corte, nem a lenta pulsação da hemorragia. Passado algum tempo, o monge aplicou um curativo no braço e mandou que ela o segurasse com firmeza. Ele foi embora, levando a bacia com sangue.

Caris teve uma vaga noção de pessoas aparecendo para vê-la: seu pai, Petranilla, Merthin. Old Julie levava um copo a seus lábios de vez em quando; ela sempre bebia, pois a sede era persistente. Acabou mergulhando num sono perturbado, e teve pesadelos horríveis com sangue. Cada vez que despertava, Julie lhe dava água.

Finalmente ela acordou para o dia claro. A dor diminuía, deixando apenas a cabeça um pouco dolorida. Sentiu que alguém lavava suas coxas. Ergueu-se, apoiada num cotovelo.

Uma noviça, com o rosto de um anjo, estava ajoelhada ao lado do colchão. O vestido de Caris estava levantado até a cintura. A noviça a lavava com um pano embebido em água quente. Depois de um momento, ela se lembrou do nome da jovem.

- Mair...

- Isso mesmo - murmurou a noviça, sorrindo.

Enquanto ela torcia o pano numa tigela, Caris ficou assustada ao ver que estava vermelho.

- Sangue... - balbuciou ela, apavorada.

- Não se preocupe - disse Mair. - É apenas seu ciclo mensal. Intenso, mas normal.

Caris constatou que o vestido e o colchão estavam encharcados de sangue. Tornou a deitar, olhando para o teto. Lágrimas afloraram a seus olhos, mas não sabia se chorava de alívio ou de tristeza. Não estava mais grávida.

Parte IV



30

O mês de junho de 1338 foi seco e ensolarado, mas a Feira do Velocino foi uma catástrofe... para Kingsbridge em geral e para Edmund Wooler em particular. No meio da semana, Caris já sabia

Os habitantes da cidade já esperavam que seria um período difícil e haviam feito o que era possível para se preparar. Encarregaram Merthin de construir três balsas grandes, para serem impulsionadas com varas através do rio, a fim de complementar a barcaça movimentada pelo boi e o barco de Ian. Ele poderia ter construído mais, mas não haveria espaço suficiente nas margens. O terreno do priorado foi aberto um dia antes, e as embarcações trabalharam durante a noite inteira, à luz de tochas. Persuadiram Godwyn a permitir que os mercadores de Kingsbridge atravessassem o rio para vender seus produtos na fila, na esperança de que a cerveja de Dick Brewer e os pães de Betty Baxter apaziguassem as pessoas à espera.

Não foi suficiente.

Menos pessoas do que o habitual compareceram à feira, mas as filas foram piores do que nunca. As balsas extras foram insuficientes, mas mesmo assim as praias nos dois lados ficaram tão lamacentas que carroças atolavam a todo instante e tinham de ser rebocadas por pares de bois. Pior ainda, era difícil manobrar as balsas, e em duas ocasiões ocorreram colisões, com os passageiros caindo na água, embora felizmente sem que ninguém se afogasse.

Alguns mercadores previram esses problemas e se mantiveram a distância. Outros voltaram ao verem a extensão da fila. Dos que se dispuseram a esperar meio dia para entrar na cidade, alguns só conseguiram efetuar negócios tão insignificantes que partiram depois de um ou dois dias. Na quarta-feira, a barcaça levava mais pessoas embora do que trazia.

Naquela manhã, Caris e Edmund fizeram uma excursão pelas obras da ponte com Guillaume de Londres. Guillaume não era um cliente tão bom quanto Buonaventura Caroli, mas era o melhor que tinham naquele ano. Por isso, faziam questão de agradar-lhe. Era um homem alto e corpulento, usando um manto vermelho, do mais caro tecido italiano.

Tomaram emprestada a balsa de Merthin, que tinha um dique levantado e um guincho embutido, para o transporte de materiais de construção. O

jovem ajudante de Merthin, Jimmie, conduzia a balsa.

As pilastras no meio do rio, que Merthin construía com tanta rapidez em dezembro do ano anterior, ainda estavam cercadas pelas barragens. Ele explicara a Edmund e Caris que as manteria ali até que a ponte estivesse quase pronta, a fim de proteger as colunas de pedra de danos acidentais causados por seus próprios trabalhadores. Quando removesse as barragens, poria em seu lugar uma pilha de pedras soltas, o que se chamava de enrocamento, que segundo ele impediria que a correnteza minasse as pilastras.

As maciças colunas de pedra haviam agora crescido, como árvores, estendendo suas arcadas para os lados, na direção de pilastras menores, perto das margens. Essas também projetavam arcadas para os lados, na direção das pilastras centrais e de outros suportes nas margens. Uma dúzia ou mais de pedreiros trabalhavam em andaimes elaborados, que aderiam às colunas de pedras como ninhos de águia num penhasco.

Desembarcaram na ilha do Leproso e encontraram Merthin com irmão Thomas, supervisionando os pedreiros que construía o suporte do qual a ponte saltaria pelo canal norte da ilha. O priorado ainda possuía e controlava a ponte, muito embora a terra estivesse arrendada à guilda da paróquia e a construção fosse financiada por empréstimos de habitantes da cidade. Thomas da com frequência aos locais da obra. O prior Godwyn demonstrava um interesse de proprietário pela obra, em particular pela aparência da ponte, evidentemente sentindo que seria uma espécie de monumento a ele.

Merthin fitou os visitantes com seus olhos castanhos dourados, e o coração de Caris pareceu bater mais depressa. Quase não se viam agora, e quando conversavam era sempre sobre trabalho; mas ela ainda se sentia estranha em sua presença. Tinha de fazer um esforço para respirar normalmente, para fitá-lo nos olhos com uma indiferença simulada, e controlar a fala para um tom moderado.

Nunca haviam superado a briga. Ela nada lhe falara sobre o aborto, e por isso Merthin não sabia se fora espontâneo ou provocado. Nenhum dos dois se referia a isso. Em duas ocasiões desde então, ele a procurara, solene, e suplicara para reatarem. Nas duas vezes, Caris respondera que nunca amaria outro homem, mas não tinha a menor intenção de passar o resto de sua vida como esposa de alguém e mãe de seus filhos.

- Como então quer passar sua vida? - indagara Merthin.

Ela respondera simplesmente que não sabia. Merthin já não se mostrava tão irrequieto e ansioso como antes. Mantinha os cabelos e a barba sempre bem aparados, pois era agora um cliente regular de Matthew Barber. Vestia uma túnica castanho avermelhada, como os pedreiros, mas usava uma capa amarela com orla de pelo, um sinal de sua condição de mestre, e um gorro com uma pena, que o fazia parecer um pouco mais alto.

Elfric, cuja hostilidade persistia, protestara por Merthin se vestir como um mestre, sob a alegação de que ele não era membro de qualquer guilda. Merthin respondera que era de fato um mestre, e a solução para o problema seria sua admissão em alguma guilda. E a situação continuava sem ser resolvida.

Merthin ainda tinha apenas vinte e um anos. Guillaume fitou-o e comentou:

- Ele é muito jovem.

Caris disse, defensiva:

- É o melhor construtor da cidade desde que tinha dezessete anos. Merthin conversou mais um pouco com Thomas, antes de se aproximar.

- Os suportes de uma ponte em terra precisam ser pesados, com fundações profundas - informou ele, explicando a coluna maciça que estava construindo.

- Por que, meu jovem? - indagou Guillaume.

Merthin já estava acostumado a ser tratado com condescendência, e não se incomodou. Com um pequeno sorriso, ele respondeu:

- Deixe-me mostrar. Fique com os pés tão separados quanto puder... assim. Merthin demonstrou e Guillaume imitou-o, depois de um momento de hesitação.

- Seus pés dão a impressão de que podem escorregar e se afastarem ainda mais, não é?

- É, sim.

- E as extremidades de uma ponte tendem a se abrir, como seus pés. Isso exerce uma pressão na ponte, como a tensão na virilha que está sentindo neste momento.

Merthin reassumiu uma postura normal e encostou a bota que calçava no sapato de couro macio de Guillaume, com uma pressão firme.

- Agora seu pé não pode mais se deslocar e a pressão na virilha diminuiu, não é mesmo?

- É, sim.

- O suporte tem o mesmo efeito de meu pé para aliviar a tensão e manter o equilíbrio.

- Muito interessante... - murmurou Guillaume, pensativo, enquanto retomava a posição normal. Caris compreendeu que ele estava dizendo a si mesmo para não subestimar Merthin.

- Deixe-me mostrar tudo - sugeriu Merthin.

A ilha mudara completamente nos últimos seis meses. Todos os sinais da antiga colônia de leprosos haviam desaparecido. Boa parte da terra rochosa servia agora como depósito: pilhas de pedras, barris de cal, madeiras, rolos de corda. A ilha ainda era infestada de coelhos, que agora competiam pelo espaço com os construtores. Havia uma oficina em que um ferreiro consertava ferramentas velhas e forjava novas; vários telheiros de pedreiros; e a casa nova de Merthin, pequena mas construída com o maior cuidado, de proporções perfeitas. Carpinteiros, pedreiros e fabricantes de argamassa trabalhavam sem cessar para abastecer os homens nos andaimes.

- Parece haver mais homens trabalhando do que o habitual - murmurou Caris no ouvido de Merthin.

Ele sorriu.

- Pus tantos homens quanto era possível nas posições mais visíveis. Quero que todos os visitantes reparem como estamos trabalhando depressa para construir a nova ponte. Precisam acreditar que a feira voltará ao normal no próximo ano.

Na extremidade oeste da ilha, longe das pontes gêmeas, havia depósitos e armazéns em terrenos que Merthin alugara para os mercadores de Kingsbridge.

Embora os aluguéis fossem mais baratos do que os que os locatários teriam de pagar dentro das muralhas da cidade, Merthin já estava ganhando muito mais do que a quantia simbólica que devia pagar todos os anos pelo arrendamento.

Ele também se encontrava muito com Elizabeth Clerk. Caris achava que ela não prestava, mas era a única outra mulher na cidade com inteligência suficiente para desafiar Merthin. Ela tinha uma pequena caixa de livros que herdara do pai, o bispo, e Merthin passava as noites em sua casa, lendo. Se acontecia mais alguma coisa entre os dois, Caris não sabia.

Quando a excursão terminou, Edmund levou Guillaume através do rio. Caris ficou na ilha, para conversar com Merthin.

- Bom cliente? - indagou ele, enquanto observava a balsa se afastar.
- Acabamos de lhe vender dois sacos de lã barata por menos do que pagamos. Um saco equivalia a 364 libras (165 quilos) de lã, lavada e seca. Naquele ano, a lã barata estava sendo vendida a trinta e seis shillings por saco, enquanto a lã de qualidade valia o dobro.
- Por quê?
- Quando os preços estão caindo, é melhor ter dinheiro na mão do que lã.
- Mas deviam prever uma feira inferior.
- Não esperávamos que fosse tão ruim assim.
- Estou surpreso. No passado, seu pai sempre teve uma capacidade excepcional para prever as tendências.

Caris hesitou.

- O problema é a combinação de redução da demanda e a falta de uma ponte. Na verdade, ela também ficara surpresa. Observara o pai comprar lã na mesma quantidade de sempre, apesar das perspectivas desfavoráveis, e especulara por que ele não assumira uma posição cautelosa, fazendo menos aquisições.

- Imagino que tentarão vender o que sobrar na Feira de Shiring - disse Merthin.

- É o que o conde Roland quer que todos façam. Só que não somos os mercadores regulares ali. Os locais ficam com os melhores negócios. É o que acontece em Kingsbridge. Meu pai e dois ou três outros fecham os grandes negócios com os maiores compradores, deixando os menores e os forasteiros disputarem as sobras. Tenho certeza de que os mercadores de Shiring fazem a mesma coisa. Podemos vender alguns sacos ali, mas não há a menor possibilidade de nos livrarmos de tudo o que compramos.

- O que vão fazer?

- Foi por isso que fiquei para conversar com você. Talvez tenhamos de suspender o trabalho na ponte.

Merthin ficou aturdido e murmurou: -Não é possível...

- Lamento muito, mas meu pai não tem o dinheiro. Investiu tudo em lã que não consegue vender.

Merthin dava a impressão de que fora esbofeteado. Depois de um momento, ele murmurou:

- Temos de encontrar outro meio.

Caris sentiu um aperto no coração por ele, mas não podia encontrar nada de esperançoso para dizer.

- Meu pai se comprometeu a investir setenta libras na ponte. Já deu a metade. O resto, infelizmente, está em sacos de lã no nosso depósito.
- Ele não pode estar completamente sem dinheiro.
- Quase isso. E o mesmo acontece com vários outros cidadãos que prometeram dinheiro para a ponte.
- Posso diminuir o ritmo do trabalho - sugeriu Merthin, desesperado. - Dispensar alguns operários, e esgotar o estoque de materiais antes de comprar mais.
- Neste caso, a ponte não ficaria pronta para a feira do próximo ano, o que tornaria o problema ainda pior.
- É melhor do que interromper o trabalho completamente.
- Tem toda razão, Merthin. Mas não faça nada por enquanto. Pensaremos de novo quando a feira acabar. Eu só queria que você soubesse qual é a situação.

Merthin ainda estava pálido.

- Obrigado.

A balsa já voltara, e Jimmie esperava para levá-la de volta. Enquanto se encaminhava para a balsa, Caris perguntou, em tom de indiferença:

- E como vai Elizabeth Clerk?

Merthin fingiu que ficava um pouco surpreso com a pergunta.

- Muito bem, eu acho.
- Parece que a tem visitado com frequência.
- Nem tanto assim. E sempre fomos amigos.
- É verdade - concordou Caris.

Não era bem assim. Merthin ignorara Elizabeth durante quase todo o último ano, quando passava a maior parte do tempo em companhia de Caris. Mas seria indigno contestá-lo, e por isso ela não disse mais nada.

Entrou na balsa, e acenou em despedida. Jimmie partiu. Merthin tentava dar a impressão de que seu relacionamento com Elizabeth não era um romance. Talvez fosse verdade. Ou talvez ele se sentisse embaraçado em admitir para Caris que estava apaixonado por outra. De uma coisa ela tinha certeza: era um romance para Elizabeth. Dava para perceber apenas pela maneira como Elizabeth olhava para ele. Elizabeth podia ser uma donzela de gelo, mas se derretia para Merthin.

A balsa alcançou a margem oposta. Caris desembarcou e subiu a encosta para o centro da cidade.

Merthin ficara profundamente abalado com a notícia. Caris teve vontade de chorar ao recordar o choque e a consternação no rosto dele. Era assim que Merthin ficava quando ela se recusava a reatar o relacionamento dos dois.

Caris ainda não sabia como passaria o resto de sua vida. Sempre presumira que viveria numa casa confortável, paga pelo dinheiro de um negócio lucrativo, independentemente do que fizesse. Agora, até mesmo esse terreno parecia balançar sob seus pés. Ela vasculhou o cérebro à procura de uma saída para a situação crítica. O pai se mostrava estranhamente sereno, como se ainda não tivesse absorvido a escala dos prejuízos; mas ela sabia que era preciso fazer alguma coisa.

Ao subir pela rua principal, ela passou pela filha de Elfric, Griselda, levando no colo seu bebê de seis meses. Era um menino, e ela lhe dera o nome de Merthin, uma censura permanente ao Merthin original por rejeitar o casamento. Griselda ainda mantinha uma farsa de inocência injuriada. Todos os outros aceitavam agora que Merthin não era o pai, embora uns poucos ainda pensassem que ele deveria ter casado com Griselda mesmo assim, já que deitara com ela.

O pai saía quando Caris chegou em casa. Ela ficou atônita. Edmund usava apenas o calção de baixo e uma camiseta.

- Onde estão suas roupas, papai?

Ele olhou para baixo e soltou um grunhido contrariado.

- Estou ficando distraído - murmurou Edmund, tornando a entrar em casa. Ele devia ter tirado as roupas para ir à privada, pensou Caris, e depois esquecera de vesti-las.

Seria apenas a idade? O pai só tinha quarenta e oito anos; e, além do mais, aquilo parecia pior do que mero esquecimento. Ela ficou nervosa.

O pai voltou, vestido normalmente. Atravessaram a rua principal juntos, e entraram no terreno do priorado. Edmund perguntou:

- Falou com Merthin sobre o dinheiro?

- Falei. Ele ficou bastante chocado.

- E o que ele disse?

- Que poderíamos gastar menos se diminuíssemos o ritmo da construção.

- Mas neste caso não teríamos a ponte preparada a tempo para a feira do próximo ano.

- Mas, como Merthin disse, seria melhor do que abandonar a ponte pela metade.

Os dois chegaram ao estande de Perkin Wigleigh, que vendia galinhas poedeiras. Sua filha que gostava de flertar, Annet, carregava uma bandeja com ovos, presa numa tira em torno do pescoço. Por trás do balcão, Caris viu sua amiga Gwenda, que agora trabalhava para Perkin. Grávida de oito meses, com os seios estufados e a barriga imensa, Gwenda mantinha uma das mãos no quadril, na pose clássica da gestante que sente dor nas costas. Caris lembrou que também estaria agora com oito meses de gravidez, se não tivesse tomado a poção de Mattie. Depois do aborto, seus seios haviam vazado leite, e ela não podia deixar de sentir que era a censura do corpo pelo que fizera. Sofria pontadas de arrependimento, mas sempre que pensava a respeito de uma maneira lógica sabia que faria a mesma coisa se tivesse de voltar no tempo.

Gwenda fitou Caris e sorriu. Apesar de parecer quase impossível, Gwenda conseguira o que queria: Wulfric era seu marido. Ele estava ali agora, forte como um cavalo e duas vezes mais bonito do que antes, levantando uma pilha de engradados de madeira para uma carroça. Caris sentiu-se emocionada por Gwenda.

- Como se sente hoje? - perguntou ela.

- Passei a manhã inteira com dor nas costas.

- Não deve faltar muito para o parto.

- Acho que duas semanas.

- Quem é ela, minha querida? - perguntou Edmund.

- Não se lembra de Gwenda, papai? Ela foi hóspede em sua casa pelo menos uma vez por ano durante os últimos dez anos.

Edmund sorriu.

- Não a reconheci, Gwenda... deve ter sido por causa da gravidez. Mas você parece estar muito bem.

Os dois seguiram adiante. Wulfric não recebera sua herança, Caris sabia: Gwenda fracassara em seu empenho. Caris não sabia exatamente o que acontecera em setembro último, quando Gwenda fora suplicar a Ralph por "Wulfric. Ao que parecia, Ralph fizera uma promessa, que depois repudiara. O fato é que agora Gwenda odiava Ralph com uma intensidade que era quase assustadora.

Ali perto havia uma fileira de estandes em que mercadores de tecidos locais vendiam burel marrom, o tecido de trançado largo que todos compravam - com exceção dos ricos - para fazer as roupas que usavam em casa. Pareciam estar fazendo bons negócios, ao contrário dos mercadores

de lã. A lã bruta era um negócio de atacado, e a ausência de uns poucos grandes compradores podia arruinar o mercado. Mas o tecido era varejo. Todos precisavam, todos compravam. Talvez um pouco menos quando os tempos eram difíceis, mas ainda assim as pessoas precisavam de roupas.

Um pensamento vago começou a se delinear no fundo da mente de Caris. Quando os mercadores não conseguiam vender a lã, às vezes trançavam e tentavam vender como tecido. Mas exigia muito trabalho, e não havia grandes lucros no burel. Todos compravam o mais barato, e os vendedores tinham de manter o preço baixo. Ela passou a observar os estandes de tecidos com novos olhos.

- Fico me perguntando o que dá mais dinheiro - murmurou ela.

O burel custava doze pennies por metro. Era preciso pagar a metade dessa quantia para que o tecido fosse engrossado por batidas na água, e ainda mais por outras cores que não o marrom opaco natural. O estande de Peter Dyer oferecia tecido em verde, amarelo e rosa, a dois shillings - vinte e quatro pennies - por metro, embora as cores não fossem muito brilhantes.

Ela virou-se para o pai, a fim de relatar a idéia que começava a se formar em sua mente; mas, antes que pudesse falar, aconteceu uma coisa que desviou sua atenção.

A presença na Feira do Velocino lembrava Ralph, de uma forma desagradável, do mesmo evento no ano anterior. Ele tocou no nariz deformado. Como aquilo acontecera? Começara com seu flerte inofensivo com a jovem camponesa, Annet, para depois dar uma lição de respeito a seu rude namorado; mas, de alguma forma, terminara em humilhação para Ralph.

Ao se aproximar do estande de Perkin, ele consolou-se ao pensar no que ocorrera desde então. Salvara a vida do conde Roland depois do desabamento da ponte; agradara ao conde por seu comportamento decidido na pedreira; e finalmente fora promovido a cavaleiro, embora tivesse recebido apenas a pequena aldeia de Wigleigh. Matara um homem, Ben Wheeler... um carroceiro, o que significava que não havia honra nisso, mas mesmo assim provara para si mesmo que seria capaz de fazê-lo.

Até fizera as pazes com o irmão. A mãe forçara, convidando os dois para o almoço no dia de Natal, e insistindo para que trocassem um aperto de mão. Era um infortúnio, dissera o pai, que servissem a superiores que eram rivais, mas cada um tinha o dever de fazer o melhor que pudesse, como

soldados em lados opostos numa guerra civil. Ralph ficara satisfeito, e achava que Merthin sentira a mesma coisa.

Conseguira se vingar de uma maneira satisfatória de Wulfric, negando sua herança e ao mesmo tempo tirando sua namorada. A atraente Annet estava agora casada com Billy Howard, enquanto Wulfric tinha de se contentar com a feia embora ardente Gwenda.

Era uma pena que Wulfric não parecesse mais abalado. Circulava pela aldeia empertigado e orgulhoso, como se fosse ele e não Ralph quem possuía Wigleigh. Todos os vizinhos gostavam dele, e a esposa grávida o idolatrava. Apesar das derrotas que Ralph lhe infligira, Wulfric emergira de certa forma como o herói. Talvez fosse porque sua esposa era tão sensual.

Ralph bem que gostaria de contar a Wulfric sobre a visita que Gwenda lhe fizera na Bell. "Deitei com sua esposa", ele tinha vontade de dizer. "E ela gostou." Isso acabaria com a expressão orgulhosa de Wulfric. Mas, neste caso, Wulfric também saberia que Ralph fizera uma promessa e vergonhosamente deixara de cumpri-la... o que faria com que Wulfric se sentisse superior de novo. Ralph estremeceu ao pensar no desprezo que Wulfric e os outros sentiriam por ele se descobrissem sobre essa traição. Seu irmão Merthin, em particular, o desprezaria por isso. Sua aventura com Gwenda tinha de permanecer em segredo.

Estavam todos no estande. Perkin foi o primeiro a ver Ralph se aproximar. Cumprimentou seu senhor, subserviente como sempre.

- Bom-dia, lorde Ralph - disse ele, fazendo uma reverência.

A esposa, Peggy, atrás dele, também fez uma reverência. Gwenda estava ali, esfregando as costas, como se sentisse dor. E, depois, Ralph avistou Annet, com sua bandeja com ovos. Recordou a ocasião em que tocara em seu seio pequeno, redondo e firme como os ovos na bandeja. Ela percebeu que Ralph a observava e baixou os olhos, recatada. Ele tinha vontade de tocar naquele seio de novo. Por que não? Afinal, era o seu senhor... pensou ele. Avistou Wulfric no fundo do estande. O garoto estava levantando engradados para uma carroça, mas agora permanecia imóvel, olhando fixamente para Ralph. Mantinha o rosto inexpressivo, mas o olhar era firme e direto. Não podia ser chamado de insolente, mas para Ralph não havia qualquer equívoco na ameaça. Não poderia ser mais clara se Wulfric dissesse: Toque nela e eu o matarei.

Talvez eu devesse fazer isso, pensou Ralph. Deixá-lo me atacar. E liquidá-lo com a espada. Estaria no meu direito, um senhor se defendendo de um camponês enfurecido pelo ódio. Sem desviar os olhos de Wulfric, ele ergueu a mão para acariciar o seio de Annet... e foi nesse instante que Gwenda soltou um grito estridente de dor. Todos os olhos se viraram em sua direção.

31

Caris ouviu um grito de dor, e reconheceu a voz de Gwenda. Sentiu uma pontada de medo. Havia alguma coisa errada. Em poucos passos apressados, ela voltou ao estande de Perkin.

Gwenda estava sentada num banco, muito pálida, o rosto contorcido numa expressão de dor, a mão outra vez no quadril. E tinha o vestido molhado. A esposa de Perkin disse, incisiva:

- A bolsa de água arrebentou. O trabalho de parto está começando.
- Ainda é cedo - murmurou Caris, nervosa.
- O bebê virá mesmo assim.
- O que é perigoso. - Caris tomou uma decisão. - Vamos levá-la para o hospital.

As mulheres normalmente não davam à luz no hospital, mas aceitariam Gwenda se Caris insistisse. Um bebê antes do tempo podia ser vulnerável; todos sabiam disso.

Wulfric adiantou-se. Caris ficou mais uma vez impressionada com sua juventude. Ele tinha dezessete anos e estava prestes a se tornar pai.

- Estou me sentindo um pouco tonta - murmurou Gwenda. - Mas já vou melhorar.

- Eu a carregarei - declarou Wulfric, levantando-a sem qualquer esforço.
- Venha comigo. - Caris seguiu à frente entre os estandes, gritando para as pessoas: - Fiquem de lado... dêem passagem, por favor!

Logo chegaram ao hospital. A porta estava aberta. Os visitantes da noite haviam saído horas antes, e os colchões de palha estavam empilhados contra uma parede. Vários empregados e noviços lavavam o chão, com esfregões e baldes. Caris dirigiu-se à mulher mais próxima, de meia-idade, descalça.

- Depressa, chame Old Julie... diga a ela que Caris a mandou.

Caris pegou um colchão relativamente limpo e estendeu-o no chão, perto do altar. Não tinha certeza sobre a eficiência dos altares na ajuda aos pacientes, mas seguia as convenções. Wulfric pôs Gwenda no colchão, com todo cuidado, como se ela fosse de vidro. Ela ergueu os joelhos e abriu as pernas.

Old Julie chegou poucos momentos depois. Caris pensou que muitas vezes sua vida fora confortada por aquela freira, que provavelmente não tinha

muito mais que quarenta anos, mas parecia mais velha.

- Esta é Gwenda Wigleigh - disse Caris. - Ela pode estar bem, mas o bebê vai nascer com várias semanas de antecedência, e achei que trazê-la para cá era uma precaução sensata. De qualquer maneira, estávamos aqui perto, na feira.

- Era mesmo o melhor a fazer. - Gentilmente, Julie afastou Caris e ajoelhou-se ao lado da cama. - Como se sente, minha cara?

Enquanto Julie conversava com Gwenda, em voz baixa, Caris olhou para Wulfric. O rosto jovem e bonito se contraía em ansiedade. Caris sabia que ele nunca tencionara casar com Gwenda... que sempre quisera Annet.

Agora, porém, ele parecia tão preocupado com Gwenda como se a amasse havia anos. Gwenda soltou outro grito de dor.

- Calma, calma... - murmurou Julie.

Ela ajoelhou-se entre os pés de Gwenda e levantou o vestido, para acrescentar em seguida:

- O bebê nascerá em breve.

Outra freira apareceu. Caris reconheceu Mair, a noviça com cara de anjo, que perguntou:

- Devo chamar madre Cecilia?

- Não precisa incomodá-la - respondeu Julie. - Vá até o depósito e traga a caixa de madeira com a palavra "Nascimento" escrita na tampa.

Mair afastou-se apressada. Gwenda balbuciou:

- Oh, Deus, como dói...

- Continue a fazer força - recomendou Julie.

- Pelo amor de Deus, qual é o problema? - indagou Wulfric

- Não há nenhum problema - garantiu Julie. - Tudo isso é normal. É assim que as mulheres dão à luz. Você deve ser o mais jovem de sua família, caso contrário já teria visto sua mãe assim.

Caris também era a filha mais nova. Sabia que o parto era doloroso, mas nunca assistira a nenhum. Ficou chocada ao descobrir como era terrível.

Mair voltou e pôs uma caixa de madeira no chão, ao lado de Julie.

Gwenda parou de gemer. Fechou os olhos. Quase parecia estar dormindo. Mas tornou a gritar poucos minutos depois. Julie disse para Wulfric:

- Sente ao lado dela e segure sua mão.

Ele obedeceu no mesmo instante. Julie ainda olhava por baixo do vestido de Gwenda.

- Pare de fazer força agora - disse ela, depois de algum tempo. - Respire como se estivesse ofegante, uma porção de vezes.

Ela ofegou para mostrar o que queria. Gwenda obedeceu, e isso pareceu aliviar seu sofrimento por alguns minutos. Mas logo ela gritou outra vez.

Caris mal conseguia se manter de pé. Se aquilo era normal, como seria o parto quando havia dificuldades? Ela perdeu a noção do tempo: tudo estava acontecendo muito depressa, mas o tormento de Gwenda parecia interminável. Caris experimentou o sentimento de impotência que tanto detestava, o mesmo que a dominara quando a mãe morrera. Tinha vontade de gritar, mas não sabia o que fazer. Isso a deixou tão ansiosa que mordeu o lábio até sentir o gosto de sangue.

- Aí vem o bebê - anunciou Julie.

Ela se inclinou entre as pernas de Gwenda. O vestido desceu pelas coxas, e Caris pôde ver a cabeça do bebê, o rosto virado para baixo, coberto de cabelos úmidos, saindo por uma abertura que parecia dilatada a um ponto impossível.

- Deus nos ajude! exclamou ela, horrorizada. - Não é de admirar que doa tanto!

Julie sustentou a cabeça com a mão esquerda. O bebê virou de lado, lentamente, e os ombros saíram. A pele estava escorregadia, com sangue e outro fluido.

- Relaxe agora - murmurou Julie. - Já está quase acabando. O bebê é lindo. Lindo?, pensou Caris. Para ela, parecia horrível.

O tronco do bebê saiu, com um cordão grosso, azulado, pulsando, ligado ao umbigo. Depois, as pernas e os pés também saíram, num súbito ímpeto. Julie pegou o bebê com as duas mãos. Era pequeno, a cabeça não muito maior do que a palma de Julie.

Havia alguma coisa errada. Caris compreendeu que o bebê não estava respirando.

Julie aproximou o rosto do bebê do seu e soprou pelas narinas em miniatura.

O bebê abriu subitamente a boca, ofegou para respirar, e gritou.

- Louvado seja Deus! - murmurou Julie. ' Ela limpou o rosto do bebê com a manga de seu hábito. Com extrema ternura, limpou também em torno dos ouvidos, olhos, nariz, boca. Depois, aconchegou o recém-nascido contra o peito e fechou os olhos. Nesse instante, Caris percebeu uma vida

inteira de abnegação. O momento logo passou, e Julie ajeitou o bebê no peito de Gwenda.

- É menino ou menina? - perguntou Gwenda, baixando os olhos.

Caris compreendeu que nenhuma delas verificara. Julie inclinou-se e afagou os joelhos do bebê.

- Um menino.

O cordão azulado parou de pulsar, murchou e embranqueceu. Julie tirou da caixa dois pedaços curtos de barbante e amarrou no cordão umbilical. Pegou uma faca pequena e afiada e cortou o cordão entre os dois nós.

Mair pegou a faca e estendeu uma pequena manta. Julie pegou o bebê, envolveu-o com a manta, e devolveu-o à mãe. Gwenda empurrou para baixo a gola do vestido, pôs para fora o seio intumescido. Ofereceu o mamilo para o bebê, que começou a sugar. Depois de um minuto, ele parecia ter adormecido.

A outra metade do cordão umbilical ainda pendia do corpo de Gwenda. Mexeu-se alguns minutos mais tarde e uma massa informe e avermelhada saiu: eram as secundinas. O sangue encharcou o colchão. Julie levou a massa, entregou a Mair, e determinou:

- Queime isto.

Julie examinou a área pélvica de Gwenda e franziu o rosto. Caris seguiu seu olhar, e constatou que o sangue ainda saía. Julie limpou as manchas do corpo de Gwenda, mas as listras vermelhas reapareceram no instante seguinte. Quando Mair voltou, Julie disse:

- Chame madre Cecilia, por favor. Peça a ela para vir o mais depressa que puder.

- Algum problema? - indagou Wulfric

- A hemorragia já deveria ter cessado - explicou Julie.

Houve uma súbita tensão no ar. Wulfric ficou assustado. O bebê chorou, e Gwenda tornou a lhe dar o mamilo. Ele sugou por um instante e dormiu de novo. Julie olhava para a porta a todo instante. Madre Cecilia finalmente apareceu. Examinou Gwenda e perguntou:

- A placenta já saiu?

- Há poucos minutos.

- Pôs o bebê no seio?

- Assim que cortamos o cordão umbilical.

- Vou chamar um médico.

Cecilia afastou-se apressada. Voltou em poucos minutos. Trazia um pequeno frasco de vidro, contendo um líquido amarelo.

- O prior Godwyn receitou isto. Caris ficou indignada.

- Ele não quer examinar Gwenda?

- Claro que não - respondeu Cecilia, em tom brusco. - Ele é um padre, além de monge. Homens assim não examinam as partes íntimas de uma mulher.

- Podex... - murmurou Caris, desdenhosa.

Era a palavra latina para idiota. Cecilia fingiu não ouvir. Ajoelhou-se ao lado de Gwenda.

- Beba isto, minha querida.

Gwenda tomou a poção, mas continuou a sangrar. Estava pálida, e parecia ainda mais fraca do que logo depois do nascimento. O bebê dormia contente em seu seio, mas todas as outras pessoas estavam apavoradas. Wulfric levantava e sentava a todo instante. Julie limpava o sangue das coxas de Gwenda, e dava a impressão de que começaria a chorar a qualquer momento. Gwenda pediu alguma coisa para beber, e Mair trouxe um copo de cerveja. Caris levou Julie para o lado e disse, num sussurro:

- Ela vai sangrar até a morte!

- Já fizemos tudo o que podíamos.

- Já viu casos assim antes?

- Três casos.

- Como acabaram?

- As mulheres morreram. Caris soltou um grunhido baixo de desespero.

- Deve haver alguma coisa que possamos fazer!

- Ela está nas mãos de Deus agora. Você pode rezar.

- Não é o que pensei quando falei em fazer alguma coisa.

- Tome cuidado com o que diz.

Caris sentiu-se culpada no mesmo instante. Não queria brigar com uma pessoa tão gentil quanto Julie.

- Desculpe, irmã. Não tive a intenção de negar o poder da oração.

- Espero que não.

- Mas ainda não estou disposta a deixar Gwenda nas mãos de Deus.

- O que mais se pode fazer?

- Vamos descobrir.

Caris saiu correndo do hospital. Empurrou impaciente as pessoas à sua frente na feira. Parecia espantoso que ainda houvesse pessoas comprando e

vendendo quando um drama de vida e morte se desenrolava a poucos metros de distância. Mas podia se lembrar das muitas ocasiões em que soubera que uma mulher entrara em trabalho de parto, mas não interrompera o que fazia. Limitara-se a desejar que tudo corresse bem e continuara em sua atividade.

Ela deixou o terreno do priorado e correu pelas ruas da cidade até a casa de Mattie Wise. Bateu na porta e abriu-a. Para seu alívio, descobriu que Mattie se encontrava ali.

- O bebê de Gwenda acaba de nascer - disse Caris.

- E qual é o problema?

- O bebê está bem, mas Gwenda continua a sangrar.

- A placenta já saiu? ,,

-Já

- A hemorragia deveria ter cessado.

- Pode ajudá-la?

- Talvez. Tentarei.

- Depressa, por favor!

Mattie tirou um caldeirão do fogo e calçou os sapatos. As duas saíram. Mattie trancou a porta. Caris declarou, veemente:

- Juro que nunca terei um bebê!

Correram para o priorado e entraram no hospital. Caris notou o cheiro forte de sangue. Mattie teve o cuidado de cumprimentar Old Julie.

- Boa-tarde, irmã Juliana.

- Olá, Mattie. - A expressão de Julie era de desaprovação. - Acha mesmo que pode ajudar esta mulher, quando o remédio receitado pelo santo prior não foi abençoado com o sucesso?

- Se orar por mim e pela paciente, irmã, quem sabe o que pode acontecer? Era uma resposta diplomática, e Julie abrandou.

Mattie ajoelhou-se ao lado da mãe e da criança. Gwenda ficava cada vez mais pálida. Mantinha os olhos fechados. O bebê procurou sem ver pelo mamilo, mas Gwenda parecia exausta demais para ajudá-lo.

- Ela tem de continuar a beber - disse Mattie. - Mas não pode ser uma bebida forte. Por favor, traga um jarro de água morna, com um pequeno copo de vinho misturado. Depois, pergunte ao cozinheiro se tem uma sopa rala. Não pode ser muito quente.

Mair olhou inquisitiva para Julie, que hesitou por um instante, e depois acenou com a cabeça.

- Pode ir... mas não conte a ninguém que está atendendo a um pedido de Mattie.

A noviça saiu apressada. Mattie levantou o vestido de Gwenda ao máximo possível, expondo todo o abdômen. A pele toda esticada poucas horas antes estava agora flácida e cheia de dobras. Mattie examinou a área, comprimindo os dedos na barriga, gentil mas firme. Gwenda soltou um grunhido, mas era um som de desconforto, não de dor. Mattie disse:

- O útero está mole. Não foi capaz de se contrair. É por isso que ela continua a sangrar.

Wulfric, que parecia à beira das lágrimas, indagou:

- Pode fazer alguma coisa para ajudá-la?

- Não sei. - Mattie começou a fazer uma massagem, os dedos aparentemente pressionando o útero de Gwenda, através da pele e da carne da barriga. - Às vezes isso faz o útero encolher.

Todos ficaram observando, em silêncio. Caris tinha quase medo de respirar. Mair voltou com a mistura de água e vinho.

- Dê um pouco para ela, por favor - pediu Mattie, sem interromper a massagem.

Mair estendeu o copo para os lábios de Gwenda, que bebeu sofregamente.

- Não demais - advertiu Mattie.

Mair afastou o copo. Mattie continuou a massagear, olhando de vez em quando para a pélvis de Gwenda. Os lábios de Julie se moviam numa prece silenciosa. O sangue fluía sem parar.

Com uma expressão preocupada, Mattie alterou a posição. Pôs a mão esquerda na barriga de Gwenda logo abaixo do umbigo, depois a mão direita por cima da esquerda. Empurrou para baixo, aumentando a pressão pouco a pouco. Caris teve medo de que isso pudesse machucar a paciente, mas Gwenda parecia apenas semi-inconsciente. Mattie inclinou-se ainda mais sobre Gwenda, até que parecia estar aplicando todo o seu peso nas mãos.

- Ela parou de sangrar! - exclamou Julie. Mattie não alterou sua posição.

- Alguém pode contar até quinhentos?

- Eu conto - murmurou Caris.

- Devagar, por favor.

Caris começou a contar em voz alta. Julie tornou a limpar o sangue do corpo de Gwenda. Desta vez, as listras não reapareceram. Ela começou a rezar em voz alta:

- Santa Maria, Mãe do Senhor Jesus Cristo...

Todos mantinham-se imóveis, como um grupo de estátuas: a mãe e o bebê no colchão, a curandeira pressionando a barriga da mãe; o marido, a freira rezando, e Caris contando:

- Cento e onze, cento e doze...

Além de sua própria voz e da de Julie, Caris podia ouvir os sons da feira lá fora, a confusão de centenas de pessoas falando ao mesmo tempo. O esforço de pressionar começou a transparecer no rosto de Mattie, mas ela não mudou. Wulfric chorava silenciosamente, as lágrimas escorrendo no rosto queimado pelo sol.

Quando Caris chegou a quinhentos, Mattie começou a diminuir a pressão no abdômen de Gwenda. Todos olhavam para sua vagina, com medo de que o sangue voltasse a sair.

O que não aconteceu.

Mattie deixou escapar um longo suspiro de alívio. Wulfric sorriu. E Julie exclamou:

- Louvado seja Deus!

- Dê mais água com vinho para ela, por favor - pediu Mattie.

Mair tornou a encostar o copo nos lábios de Gwenda, que abriu os olhos e bebeu tudo.

- Obrigada - sussurrou Gwenda, e tornou a fechar os olhos. Mattie olhou para Mair.

- Talvez seja melhor você ir buscar aquela sopa. A mulher precisa recuperar as forças, senão o leite secará.

Mair acenou com a cabeça e se afastou.

O bebê chorou. Gwenda pareceu ressuscitar. Transferiu o filho para o outro seio e ajudou-o a encontrar o mamilo. Depois, olhou para Wulfric e sorriu.

- E um menino bonito - disse Julie.

Caris tornou a olhar para o bebê. Pela primeira vez, viu-o como um indivíduo. Como ele seria... forte e correto como Wulfric, ou fraco e desonesto como o avô Joby? Não parecia com nenhum dos dois, pensou ela.

- Com quem ele parece?

- Tem a aparência da mãe - comentou Julie.

Era verdade, pensou Caris. O bebê tinha cabelos escuros e pele bege, enquanto Wulfric tinha a pele clara e cabelos louros. O rosto do bebê lembrava-lhe alguém, e depois de um momento ela compreendeu que era Merthin. Um pensamento absurdo aflorou a sua mente, e ela descartou-o no mesmo instante. Mesmo assim, a semelhança era inegável.

- Sabem quem ele me lembra?

Subitamente, ela percebeu a reação de Gwenda. Seus olhos se arregalaram, uma expressão de pânico estampou-se no rosto, e ela balançou a cabeça, de uma forma quase imperceptível. Desapareceu no instante seguinte, mas a mensagem era inconfundível: Cale-se! Caris tratou de cerrar os dentes.

- Quem? - indagou Julie, inocente.

Caris hesitou, pensando desesperadamente em alguma coisa para dizer. E teve uma inspiração.

- Philemon, o irmão de Gwenda.

- É isso mesmo - concordou Julie. - Alguém deve avisá-lo, para que venha conhecer o sobrinho.

Caris sentia-se aturdida. Então o bebê não era de Wulfric? Neste caso, de quem seria? Não podia ser de Merthin. Ele poderia ter deitado com Gwenda não restava a menor dúvida de que era vulnerável à tentação - mas nunca seria capaz de esconder de Caris depois. Se não era de Merthin...

Um pensamento terrível ocorreu a Caris. O que acontecera naquele dia em que Gwenda fora suplicar a Ralph pela herança de Wulfric? O bebê poderia ser de Ralph? Era uma possibilidade sinistra demais para admitir. Ela olhou para Gwenda, depois para o bebê e Wulfric. E Wulfric sorria de alegria, o rosto molhado de lágrimas. Não desconfiava de nada.

-Já pensaram no nome do bebê? - perguntou Julie.

- Já, sim - respondeu Wulfric. - Quero que ele se chame Samuel. Gwenda acenou com a cabeça, olhando para o rosto do bebê.

- Samuel... - murmurou ela. - Sammy... Sam...

- Em homenagem a meu pai - arrematou Wulfric, feliz.

32

Um ano depois da morte de Anthony, o priorado de Kingsbridge era um lugar diferente, pensou Godwyn com satisfação, parado na catedral no domingo, depois da Feira do Velocino.

A principal diferença era a separação entre monges e freiras. Eles não se misturavam mais nos claustros, na biblioteca ou no scriptorium. Até mesmo na igreja, uma nova tela com um carvalho pendendo no centro do coro os impedia de olharem uns para os outros durante o culto. Apenas no hospital eles eram forçados a se encontrar algumas vezes.

Em seu sermão, o prior Godwyn disse que a queda da ponte no ano anterior fora a punição de Deus para a displicência dos monges e das freiras, e para o pecado entre os moradores da cidade. O novo espírito de rigor e pureza no priorado, e de piedade e submissão na cidade, levaria a uma vida melhor para todos, neste mundo e no que viria.

Depois ele jantou com o irmão Simeon, o tesoureiro, na casa do prior. Philemon serviu-lhes enguia cozida e sidra.

- Quero construir uma nova casa para o prior - disse Godwyn. O rosto longo e magro de Simeon pareceu ficar maior.

- Alguma razão em particular?

- Tenho certeza de que sou o único prior em Christendom que mora numa casa como a de um curtidor de couro. Pense nas pessoas que se hospedaram aqui nos últimos doze meses... o conde de Shiring, o bispo de Kingsbridge, o conde de Monmouth... Esta construção não é apropriada para gente como eles. Dá a impressão de que somos pobres, assim como nossa ordem. Precisamos de uma construção magnífica, que reflita o prestígio do priorado de Kingsbridge.

- Você quer um palácio - retrucou Simeon.

Godwyn percebeu um tom de desaprovação na voz de Simeon, como se no fundo Godwyn quisesse louvar a si mesmo, em detrimento do priorado.

- Chame de palácio, se assim o desejar - ele disse, rispidamente. - Bispos e priores vivem em palácios. Não para seu conforto, mas para o dos convidados, e pela reputação da instituição que representam.

- É claro - disse Simeon, desistindo daquela argumentação -, mas você não tem condições financeiras para isso.

Godwyn franziu a testa. Em tese, os monges seniores eram encorajados a debater com ele, mas a verdade é que detestava ser confrontado.

- Isto é ridículo - ele acrescentou. - Kingsbridge é um dos mosteiros mais ricos do mundo.

- É o que se diz até hoje. E realmente possuímos vastos recursos. Mas o preço da lã caiu este ano, pelo quinto ano seguido. Nossos rendimentos estão diminuindo.

De repente, Philemon interveio:

- Dizem que os mercadores italianos estão comprando velo na Espanha. Philemon estava mudando. Desde que realizara sua ambição de se tornar um noviço, perdera a aparência de garoto desajeitado e ganhara autoconfiança, a ponto de tomar parte numa conversa entre o prior e o tesoureiro... e dar uma contribuição interessante.

- Pode ser - disse Simeon. - Além do mais, a Feira do Velocino tornou-se menor, porque não há ponte, então recebemos muito menos em pedágios e tributos do que costumamos receber.

- Mas controlamos milhares de acres de terras produtivas - disse Godwyn.

- Nesta parte do país, onde a maioria de nossas terras está, a colheita foi fraca no ano passado, depois de tanta chuva. Muitos de nossos servos lutaram para sobreviver. É difícil forçá-los a pagar o arrendamento quando estão com fome.

- Eles devem pagar, do mesmo modo - rebateu Godwyn. - Monges também sentem fome.

- Se o bailiff de uma aldeia diz que um servo deixou de pagar o arrendamento ou que parte da terra não está alugada, portanto nenhum arrendamento é devido, você não tem como averiguar se a história é verdadeira. Bailiffs podem ser subornados por servos - falou Philemon.

Godwyn sentiu-se frustrado. Ele tivera no último ano inúmeras conversas como esta. Estava determinado a endurecer o controle sobre as finanças do priorado, mas toda vez que tentava mudar as coisas encontrava resistência.

- Você tem alguma sugestão? - perguntou, irritado, a Philemon.

- Mande um inspetor visitar as aldeias. Deixe-o falar com bailiffs, examinar a terra, entrar nas casas dos servos que afirmam passar fome.

- Se o bailiff pode ser subornado, o inspetor também pode.

- Não se for um monge. Que apego temos ao dinheiro?

Godwyn se lembrou da velha inclinação de Philemon para os roubos. Era verdade que os monges não se apegavam ao dinheiro, ao menos em teoria, mas isto não significava que eram incorruptíveis. Entretanto, uma visita do inspetor do prior certamente deixaria os bailiffs em estado de alerta.

- É uma boa idéia - afirmou Godwyn. - Você gostaria de ser o inspetor?

- Seria uma honra.

- Então está decidido - Godwyn virou-se para Simeon. - Apesar de tudo, ainda temos uma renda expressiva.

- E custos enormes - replicou Simeon. - Pagamos subvenção ao nosso bispo. Alimentamos, vestimos e abrigamos vinte e cinco monges, sete noviços e dezenove pensionistas do priorado. Empregamos trinta pessoas como faxineiros, cozinheiros, cavaleiros e assim por diante. Gastamos uma fortuna com velas. Mantos dos monges...

- Tudo bem, compreendi seu argumento - disse Godwyn, impaciente. - Mas ainda quero construir um palácio.

- Onde você vai arrumar o dinheiro, então? Godwyn suspirou.

- No lugar de sempre, afinal. Pedirei a madre Cecilia.

Ele a viu alguns minutos mais tarde. Normalmente teria pedido que viesse até ele, como sinal da superioridade do homem dentro da igreja; nessa ocasião, porém, achou melhor adúlá-la.

A casa da priora era a cópia exata da do prior, mas tinha um estilo diferente. Nela havia almofadas e tapetes, flores num vaso na mesa, quadros bordados na parede ilustrando passagens da Bíblia, e um gato adormecido em frente à lareira. Cecilia terminava de jantar carneiro assado e vinho tinto. Colocou um véu quando Godwyn chegou, seguindo a regra que ele introduzira para as ocasiões em que os monges tinham de falar com as freiras.

Ele achava difícil desvendar Cecilia, com ou sem véu. Ela tinha apoiado formalmente sua eleição como prior, e tinha concordado com suas regras severas em relação à separação de monges e freiras, fazendo apenas a esporádica observação prática quanto ao funcionamento eficiente do hospital. Nunca se opusera a ele; contudo, Godwyn sentia que ela não estava realmente a seu lado. Parecia que não era mais capaz de cativá-la. Quando mais jovem, tinha conseguido fazê-la rir como uma garota. Agora ela não era suscetível - ou talvez ele tivesse perdido o jeito.

Era difícil conversar com uma mulher de véu, portanto ele foi direto ao assunto:

- Acho que devíamos construir duas casas novas para entreter convidados nobres e de alta posição - disse ele. - Uma para homens, outra para mulheres. Poderiam chamar-se casa do prior e casa da priora, mas seu propósito principal seria o de acomodar visitantes no estilo a que estão acostumados.

- É uma idéia interessante - disse Cecilia. Como sempre, ela foi condescendente, sem se entusiasmar.

- Devemos ter construções de pedra impressionantes - prosseguiu Godwyn.

- Afinal, você é priora aqui há mais de uma década... você é uma das freiras mais antigas do reino.

- Queremos que os convidados se impressionem não com a nossa riqueza, mas com a santidade do priorado e a devoção dos monges e freiras, é claro - disse ela.

- De fato... mas as construções devem simbolizar a grandeza, assim como a catedral simboliza a majestade de Deus.

- Onde você acha que as novas construções devem se situar?

Isso era bom, pensou Godwyn. Ela já começava a entrar nos detalhes.

- Próximas ao local em que estão as velhas casas - respondeu ele.

- Então, a sua ficaria perto da saída leste da igreja, próxima à sede, e a minha, aqui abaixo, ao lado dos lagos de peixes.

Godwyn teve a impressão de que ela zombava dele. Não conseguia ver sua expressão. Impor véu às mulheres tinha suas desvantagens, refletiu.

- Talvez você prefira uma nova localização - disse.

- Sim, talvez.

Houve um breve silêncio. Godwyn encontrava dificuldade para abordar o problema do dinheiro. Ele teria de mudar a regra do véu - abrir uma exceção para a priora, talvez. Era realmente muito difícil negociar dessa forma.

Ele se viu forçado a mergulhar de novo no assunto:

- Infelizmente, eu não poderia dar nenhuma contribuição para os custos da construção. O mosteiro é muito pobre.

- Para o custo da casa da priora, você quer dizer? Não esperaria tal coisa ela retrucou.

- Não, na verdade eu me referia ao custo da casa do prior.

- Oh. Então você quer que as freiras paguem por sua nova casa, assim como pela minha.

- Lamento ter de pedir isso a você, mas sim. Espero que não se importe.

- Bem, se for para o prestígio do priorado de Kingsbridge...
- Eu sabia que você compreenderia.
- Deixe-me ver... Neste momento estou construindo novos claustros para as freiras, já que não nos misturamos mais com os monges.

Godwyn não fez nenhum comentário. Ele estava irritado por Cecilia ter contratado Merthin para construir os claustros, em detrimento de Elfric, cuja mão de obra era mais barata. Era uma extravagância, mas aquele não era o momento mais apropriado para dizer isso.

Cecília prosseguiu:

- E quando essa obra estiver concluída, precisarei construir uma biblioteca para as freiras e comprar alguns livros para abastecê-la, pois não podemos mais usar a biblioteca de vocês.

Godwyn bateu os pés, com impaciência. Aquilo parecia irrelevante.

- E então precisaremos de um corredor coberto para a igreja, já que agora seguimos por um caminho diferente do dos monges, e não temos proteção alguma em caso de mau tempo.

- Muito razoável - comentou Godwyn, embora quisesse na verdade dizer: "Pare de perturbar!"

- Então - disse ela com ar de decisão -, acho que podemos contemplar esta proposta dentro de três anos.

- Três anos? Eu quero começar agora!

- Oh, não acho que possamos deliberar sobre isso agora.

- Por que não?

- Temos um orçamento para as construções, você sabe.

- Mas isto não é mais importante?

- Temos de nos ater ao orçamento.

- Por quê?

- Para que permaneçamos financeiramente fortes e independentes - disse ela, para completar enfaticamente: - Não gostaria de ficar mendigando.

Godwyn não sabia o que dizer. Pior, ele tinha a horrível sensação de que ela estava rindo dele atrás do véu. Ele não podia suportar que rissem dele. Ele se levantou abruptamente e disse, com frieza:

- Obrigado, madre Cecilia. Conversaremos sobre isto de novo.

- Sim. Daqui a três anos. Aguardarei ansiosamente.

Agora Godwyn tinha certeza de que ela zombava dele. Ele se virou e saiu o mais rápido que pôde.

De volta a sua casa, ele se jogou numa cadeira, esbravejando.

- Eu odeio aquela mulher - disse a Philemon, que ainda estava lá.
 - Ela negou?
 - Ela disse que consideraria a proposta dentro de três anos.
 - É pior do que um não - emendou Philemon. - É um não a longo prazo, por três anos.
 - Nós sempre estaremos em seu poder, porque ela tem dinheiro.
 - Eu escuto as conversas dos homens mais velhos - acrescentou Philemon, de forma aparentemente irrelevante. - É surpreendente como você aprende.
 - Aonde você quer chegar?
 - Quando o priorado construiu pela primeira vez moinhos e lagos de peixes e cercou as coelheiras, os priores fizeram uma lei que permitia aos moradores da cidade usar sua infraestrutura pagando por ela. Eles não podiam moer seus grãos em casa ou engrossar o tecido no processo de fulling por conta própria, tampouco podiam ter seus próprios lagos e coelheiras. Eles tinham de comprar de nós. A lei garantia que o priorado recebesse o dinheiro investido de volta.
 - Mas a lei caiu em desuso?
 - Ela mudou. Em vez de proibição, as pessoas foram autorizadas a usar seus próprios mecanismos se pagassem um tributo. Então aquilo caiu em desuso, no tempo do prior Anthony.
 - E agora existe um moinho manual em cada casa.
 - E todos os peixeiros têm lagos, há meia dúzia de coelheiras e os tintureiros fazem o fulling com a ajuda de suas mulheres e filhos, em vez de trazerem o tecido para o moinho de fulling do priorado
- Godwyn vibrava.
- Se todas essas pessoas pagassem um tributo pelo privilégio de possuir seus próprios mecanismos...
 - Daria um bom dinheiro.
 - Eles guinchariam feito porcos - Godwyn franziu a testa. - Podemos provar o que dizemos?
 - Há muitas pessoas que se lembram dos tributos. Mas isto está prestes a ser escrito nos arquivos do priorado, em algum lugar... provavelmente no Livro de Timothy.
 - É melhor você descobrir qual era o exato valor dos tributos. Se tivermos um precedente, deveremos fazer a coisa direito.
 - Se me permite uma sugestão...
 - É claro.

- Você poderia anunciar o novo regime no domingo de manhã, do púlpito da catedral. Isto serviria para frisar que se trata da vontade de Deus.
- Boa idéia - concordou Godwyn. - Farei exatamente isto.

33

Encontrei a solução - anunciou Caris ao pai. Ele recostou-se na enorme cadeira de madeira, à cabeceira da mesa, com um sorriso descontraído. Caris conhecia aquela expressão. Era cética, embora ele se dispusesse a ouvir.

- Pode falar.

Ela sentia-se um pouco nervosa. Tinha certeza de que sua idéia daria certo salvaria a fortuna do pai e a ponte de Merthin -, mas conseguiria convencer Edmund?

- Pegamos a lã que nos sobra, fiamos para fazer tecido e tingimos. Caris prendeu a respiração, à espera da reação do pai.

- Os comerciantes de lã costumam tentar esse tipo de coisa quando estão em dificuldades - ele disse. - Mas me diga por que você acha que isso daria certo. Quanto custaria?

- Para limpar, fiar e tecer, quatro shillings por saca.

- E que quantidade de pano isso renderia?

- Uma saca com lã de baixa qualidade, pela qual se pagam trinta e seis shillings, e mais a tecelagem, por mais quatro shillings, renderiam quarenta e quatro metros de pano.

- Que venderíamos por...?

- Sem tingir, o burel marrom é vendido a um shilling por metro, o que dá um total de quarenta e oito shillings... oito a mais do que ganharíamos.

- Não é muita coisa, considerando o trabalho que teríamos.

- Mas isso não é o melhor de tudo.

- Continue.

- Os tecelões vendem o burel porque têm pressa em receber o dinheiro. Mas se você gastar outros vinte shillings para engrossar o tecido, no processo conhecido como fulling, tingi-lo e rematá-lo, pode obter o dobro do preço... dois shillings por metro, noventa e seis shillings pelo lote inteiro... trinta e seis shillings a mais do que pagou!

Edmund ainda parecia em dúvida.

- Se é tão fácil, por que não há mais pessoas fazendo isso?

- Porque não têm o dinheiro necessário para investir.

- Também não tenho.

- Você tem as três libras que recebeu de Guillaume de Londres.

- E fico sem nada para comprar lã no ano que vem?
- A esses preços, é melhor sair do negócio. Edmund riu.
- Por todos os santos, você tem razão. Muito bem, vamos experimentar com uma coisa barata. Tenho cinco sacos da lã de Devon que os italianos nunca querem comprar. Eu lhe darei um saco, e vamos descobrir se consegue fazer o que diz.

Duas semanas depois, Caris descobriu Mark Webber a quebrar seu moinho manual.

Ficou chocada ao se deparar com um homem pobre destruindo um equipamento valioso... a tal ponto que, por um momento, esqueceu seus próprios problemas.

O moinho manual consistia de dois discos de pedra, cada disco um pouco áspero num dos lados.

O disco menor assentava sobre o maior, numa depressão rasa, lado áspero em contato com lado áspero. Uma alça de madeira saliente permitia que a pedra de cima fosse girada, enquanto a inferior permanecia imóvel. Espigas de trigo colocadas entre as duas pedras seriam rapidamente moídas em farinha.

A maioria das pessoas de classe mais baixa de Kingsbridge possuía um moinho manual. Os muito pobres não tinham condições de ter e os mais prósperos não precisavam... podiam comprar a farinha de trigo já moída de um moleiro. Mas para famílias como a de Webber, que precisavam de cada penny que ganhavam para alimentar as crianças, o moinho manual era uma dádiva divina para poupar dinheiro.

Mark pôs seu moinho no chão, na frente da casa pequena. Tomara emprestado de alguém um malho de ferro, com o cabo de madeira comprido. Dois de seus filhos assistiam, uma menina magricela, com um vestido esfarrapado, e um garoto de dois ou três anos, nu. Ele levantou o malho acima da cabeça e desferiu o golpe num arco comprido. Era uma visão e tanto: Mark era o maior homem em Kingsbridge, com ombros da largura de um cavalo de carga. A pedra partiu-se como uma casca de ovo, os pedacinhos voando para todos os lados.

- O que está fazendo? - perguntou Caris.
- Devemos moer o trigo nos moinhos de água do prior, e entregar um saco em cada vinte e quatro como tributo.

Mark parecia fleumático, mas ela ficou horrorizada.

- Pensei que as novas regras só se aplicavam a moinhos de vento e moinhos de água não-licenciados.
- Amanhã tenho de sair com John Constable para revistar as casas das pessoas e quebrar os moinhos manuais ilícitos. Não posso deixar que digam que também tenho um. É por isso que estou destruindo o meu na rua, onde todos poderão ver.
- Não sabia que Godwyn tencionava tirar o pão da boca dos pobres - murmurou Caris, sombria.
- Sorte nossa que ainda temos a tecelagem... graças a você. Caris tratou de se concentrar em seu próprio negócio.
- Como está o trabalho?
- Já acabei.
- Foi bem rápido!
- Demora mais no inverno. Mas durante o verão, com dezesseis horas de claridade por dia, posso tecer seis metros num dia, com a ajuda de Madge.
- Maravilhoso!
- Entre que lhe mostrarei.

Sua esposa, Madge, estava parada ao lado da lareira, nos fundos da casa de um único cômodo, com um bebê num braço e um menino tímido a seu lado. Madge era mais baixa do que o marido, em mais de um palmo, mas seu corpo era largo. Tinha um busto grande e um traseiro saliente, e fazia Caris pensar num pombo gorducho. O queixo pontudo proporcionava-lhe uma aparência de agressividade, que não era de todo enganadora. Embora combativa, tinha um bom coração. Caris gostava dela. Madge ofereceu um copo de sidra, que Caris recusou, sabendo que a família não tinha condições de dispensar.

O tear de Mark era uma estrutura de madeira, com mais de um metro quadrado, numa plataforma. Ocupava boa parte do espaço. Por trás, perto da porta dos fundos, havia uma mesa e dois bancos. Era evidente que todos dormiam no chão, em torno do tear.

- Faço o dúzia estreito - explicou Mark. - É um tecido com um metro de largura e doze metros de comprimento. Não posso fazer o tecido largo porque não tenho espaço suficiente para um tear maior.

Havia quatro rolos do burel marrom encostados na parede.

- Um saco de lã dá quatro do dúzia estreito - acrescentou Mark.

Caris trouxera os velos num saco de lã comum. Madge cuidara para que a lã fosse limpada, cardada e fiada. A fiação era feita pelas mulheres pobres

da cidade, e a lavagem e cardagem, pelas crianças.

Caris apalpou o tecido. Sentia-se bastante animada. Completara o primeiro estágio de seu plano.

- Por que este tecido está tão frouxo? - perguntou ela. Mark ficou irritado.

- Frouxo? Meu burel é a trama mais apertada de Kingsbridge!

- Sei disso... e não tive a intenção de criticá-lo. Mas o tecido italiano parece muito diferente... e, no entanto, eles usam a nossa lã.

- Em parte depende da força do tecelão, como ele pode pressionar para compactar a lã.

- Não creio que todos os tecelões italianos sejam mais fortes do que você.

- Então é por causa das máquinas. Quanto melhor o tear, mais firme a techedura.

- Era o que eu receava.

A implicação era a de que Caris não podia competir com a lã italiana de alta qualidade se não comprasse teares italianos, o que parecia impossível.

Um problema de cada vez, ela disse a si mesma. Pagou a Mark os quatro shillings combinados, dos quais ele teria de dar a metade às mulheres que haviam feito a fiação. Teoricamente, Caris tinha um lucro de oito shillings. O que não pagaria muita coisa do trabalho na ponte. E naquele ritmo levaria anos para tecer todo o excesso de lã que o pai acumulara.

- Há alguma maneira de produzirmos o tecido mais depressa? - perguntou ela a Mark.

Foi Madge quem respondeu:

- Há outros tecelões em Kingsbridge, mas quase todos já estão comprometidos a trabalhar para os mercadores de tecidos atuais. Posso arrumar outros fora da cidade. As aldeias maiores costumam ter um tecelão com um tear. De um modo geral, ele faz o tecido para os aldeões, de seu próprio fio. Esses homens poderiam trocar de trabalho, se o dinheiro fosse vantajoso.

Caris fez um esforço para ocultar sua ansiedade.

- Pensarei a respeito e avisarei quando decidir. Enquanto isso, pode entregar esses rolos a Peter Dyer?

- Claro. Levarei agora mesmo.

Caris foi para casa almoçar, absorta em seus pensamentos. Para fazer uma diferença real, teria de gastar a maior parte do dinheiro que restava a seu pai.

Se alguma coisa saísse errada, ficariam numa situação ainda pior. Mas qual era a alternativa? Seu plano era arriscado, sem dúvida, mas ninguém mais tinha qualquer plano.

Ao chegar em casa, ela encontrou Petranilla servindo um ensopado de cordeiro. Edmund sentava à cabeceira da mesa. O revés financeiro da Feira do Velocino afetara-o mais profundamente do que Caris poderia esperar. A exuberância normal do pai desaparecera, e muitas vezes ele se mantinha pensativo, para não dizer distraído. Caris sentia-se cada vez mais preocupada com o pai.

- Vi Mark Webber quebrando seu moinho manual - comentou ela, ao sentar.

- Que sentido há nisso?

Petranilla assumiu uma expressão altiva.

- Godwyn está absolutamente dentro de seus direitos.

- Esses direitos estão ultrapassados... não vigoram há anos. Onde mais um priorado faz essas coisas?

- Em St. Albans - respondeu Petranilla, triunfante.

- Já ouvi falar da situação em St. Albans - disse Edmund. - Os habitantes se rebelam periodicamente contra o mosteiro.

- O priorado de Kingsbridge tem o direito de recuperar o dinheiro que gastou na construção dos moinhos - argumentou Petranilla. - Assim como você, Edmund, quer recuperar o dinheiro que investiu na ponte. Como reagiria se alguém construísse uma segunda ponte?

Edmund não respondeu. Foi Caris quem tomou a iniciativa:

- Dependeria do prazo em que isso acontecesse. Os moinhos do priorado foram construídos há centenas de anos, assim como as coelheiras e os lagos para os peixes. Ninguém tem o direito de reprimir o crescimento da cidade para sempre.

- O prior tem o direito de cobrar o que lhe é devido - insistiu Petranilla, obstinada.

- Pois, se ele continuar assim, daqui a pouco não terá mais de quem cobrar. As pessoas se mudarão para Shiring. Os moinhos manuais são permitidos ali.

- Será que você não compreende que as necessidades do priorado são sagradas? - indagou Petranilla, furiosa. - Os monges servem a Deus! Em comparação com isso, as vidas das pessoas são insignificantes.

- É nisso que seu filho Godwyn acredita?

- Claro.
- Era o que eu receava.
- Não acredita que o trabalho do prior é sagrado?

Caris não tinha resposta para isso, e limitou-se a dar de ombros. Petranilla se mostrou outra vez triunfante.

O almoço estava bom, mas Caris sentia-se tensa demais para comer muito. Assim que os outros acabaram, ela disse:

- Tenho de sair para falar com Peter Dyer. Petranilla protestou:
- Vai gastar ainda mais? Já deu a Mark Webber quatro shillings do dinheiro de seu pai.
- Isso mesmo... e o tecido vale doze shillings a mais do que a lã. Portanto, ganhei oito shillings.
- Não, não ganhou - alegou Petranilla. - Porque ainda não vendeu o tecido. A tia expressava dúvidas que Caris partilhava, em seus momentos mais pessimistas, mas mesmo assim foi espicaçada a negar.
- Mas venderei... ainda mais se estiver tingido de vermelho.
- E quanto Peter cobrará para tingir quatro rolos de dúzia estreito?
- Vinte shillings... mas o tecido vermelho valerá o dobro do burel marrom. Com isso, ganharemos mais vinte e oito shillings.
- Se vender. E se não conseguir vender?
- Tenho certeza de que venderei. O pai interveio:
- Deixe-a em paz, Petranilla. Eu disse a ela que podia tentar.

O castelo de Shiring ficava no alto de uma colina. Era a casa do xerife do condado. Na base da colina ficava a forca. Sempre que havia uma execução, o prisioneiro descia do castelo numa carroça, para ser enforcado na frente da igreja.

A praça em que ficava a forca era também o local do mercado. A Feira de Shiring era realizada ali, entre a casa da guilda e um prédio de madeira conhecido como Bolsa da Lã. O palácio do bispo e numerosas tavernas também se situavam em torno da praça.

Naquele ano, por causa dos problemas em Kingsbridge, havia mais estandes do que nunca. A feira transbordava para as ruas que partiam da praça. Edmund trouxera quarenta sacos de lã em dez carroças, e poderia mandar vir mais de Kingsbridge, antes do final da semana, se fosse necessário.

Para consternação de Caris, não foi necessário. Ele vendeu dez sacos no primeiro dia, e mais nada até o final da feira, quando vendeu mais dez,

baixando o preço além do que pagara. Caris não podia se lembrar de ter visto o pai tão deprimido.

Ela pôs as quatro peças de tecido vermelho opaco no estande do pai, e vendeu três das quatro, metro por metro, ao longo da semana.

- Pense da seguinte maneira - disse ela ao pai, no último dia da feira. - Antes, você tinha um saco de lã invendável e quatro shillings. Agora, você tem trinta e seis shillings e uma peça de tecido.

Mas sua animação era apenas em benefício do pai. Também sentia uma profunda depressão. Gabara-se bravamente de que poderia vender todo o tecido. O resultado não era um completo fracasso, mas também não era um triunfo. Se não era capaz de vender o tecido por mais do que o custo, então não tinha a solução para o problema. O que faria agora? Ela deixou o estande e foi pesquisar entre os outros vendedores de tecidos.

O melhor tecido vinha da Itália, como sempre. Caris parou no estande de Loro Fiorentino. Mercadores de tecido como Loro não eram compradores de lã, embora pudessem trabalhar em estreita ligação com os compradores. Caris sabia que Loro entregava seus lucros ingleses a Buonaventura, que usava o dinheiro para pagar os mercadores ingleses pela lã crua. Quando a lã chegava a Florença, a família de Buonaventura a vendia e entregava o dinheiro devido à família de Loro.

Dessa maneira, todos evitavam o risco de transportar moedas de ouro e prata através da Europa.

loro só tinha dois rolos de tecido em seu estande. As cores eram muito mais brilhantes do que qualquer coisa que os locais podiam produzir.

- Isso é tudo o que trouxe? - perguntou Caris.

- Claro que não. Já vendi o resto. Ela ficou surpresa.

- Todos dizem que a feira está péssima.

Loro deu de ombros.

- O melhor tecido sempre vende.

Uma idéia começou a se delinear na mente de Caris.

- Quanto custa o escarlate?

- Apenas sete shillings por metro.

Ou seja, sete vezes mais do que o preço do burel.

- Mas quem tem condições de comprar?

- O bispo levou muito tecido vermelho, lady Philippa comprou azul e verde. Também vendi para algumas filhas deERVEJEIROS e padeiros da cidade, alguns senhores das aldeias ao redor... Mesmo quando os tempos

são difíceis, há alguém prosperando. Este vermelhão ficará muito bem em você.

Com um movimento rápido, ele desenrolou uma parte do rolo e estendeu o tecido no ombro de Caris.

- Maravilhoso! Repare como todos já estão olhando para você. Ela sorriu.

- Posso entender agora por que vende tanto.

Caris passou a mão pelo tecido. A trama era apertada. Já tinha um manto escarlate italiano que herdara da mãe. Era o seu traje predileto.

- Que tintura eles usam para obter essa tonalidade de vermelho?

- Garancina, a mesma que todo mundo.

- Mas como conseguem fazer com que fique tão brilhante?

- Não é segredo. Usam alume. Realça a cor e também serve para fixá-la, a fim de que não desbote. Uma manta desta cor para seu uso ficaria maravilhosa, uma alegria para sempre.

- Alume... - repetiu Caris. - Por que os tintureiros ingleses não usam?

- Porque é bastante caro. Vem da Turquia. É um luxo exclusivo para mulheres especiais.

- E o azul?

- Como seus olhos.

Os olhos de Caris eram verdes, mas ela não o corrigiu.

- É uma cor profunda.

- Os tintureiros ingleses usam ísatis, mas nós temos o índigo de Bengala. Os mercadores mouros levam o índigo da Índia para o Egito, e os mercadores italianos compram em Alexandria. - Loro sorriu. - Pense em toda a distância que teve de viajar... só para complementar sua extraordinária beleza.

- Vou pensar... - murmurou Caris.

A oficina à beira do rio de Peter Dyer era uma casa tão grande quanto a de Edmund, mas era feita de pedras e não tinha piso nem paredes internas... era apenas a casca. Dois caldeirões de ferro estavam suspensos sobre enormes fogueiras. Ao lado de cada caldeirão havia um guincho, como os que Merthin fazia para os trabalhos de construção. Eram usados para levantar os enormes sacos de lã ou tecido e baixá-los para os caldeirões. O chão era permanentemente úmido e o ar, denso de tanto vapor. Os aprendizes trabalhavam descalços, em roupas de baixo, por causa do calor. O suor escorria pelos rostos, os cabelos brilhavam com a umidade. Havia

um cheiro acre que ardeu no fundo da garganta de Caris. Ela mostrou a Peter a peça de pano que não vendera.

- Quero o escarlate brilhante dos tecidos italianos - disse ela. - É o que vende melhor.

Peter era um homem lúgubre, que parecia sempre injuriado, não importava o que você dissesse a ele. Agora, balançou a cabeça, sombrio, como se reconhecesse uma crítica justificada.

- Tingiremos de novo com garancina.

- E com alume, para fixar a cor e torná-la mais brilhante.

- Não usamos alume. Nunca usamos. E não conheço ninguém que use. Caris censurou-se silenciosamente. Não pensara em verificar isso. Presumira que um tintureiro saberia tudo sobre tinturas.

- Não pode experimentar?

- Não tenho nenhum.

Caris suspirou. Peter parecia ser um daqueles artesãos para os quais tudo era impossível, a menos que já tivessem feito antes.

- E se eu trouxesse algum?

- De onde?

- Winchester, eu acho. Ou Londres. Talvez até de Melcombe.

Era o grande porto mais próximo. Navios vinham de toda a Europa para Melcombe.

- Se eu tivesse algum, não saberia como usar.

- Não pode descobrir?

- Com quem?

- Neste caso, eu mesma tentarei descobrir. Ele sacudiu a cabeça, pessimista.

- Não sei...

Caris não queria discutir com ele: era o único tintureiro em grande escala na cidade.

- Cruzaremos essa ponte quando a alcançarmos - disse ela, num tom conciliador. - Não tomarei seu tempo discutindo sobre este assunto agora. Primeiro, preciso saber se posso obter o alume.

Ela deixou-o. Quem na cidade poderia saber alguma coisa sobre alume? Caris desejou agora ter feito mais perguntas a Loro Fiorentino. Os monges deviam saber de coisas como essa, mas não podiam mais conversar com mulheres. Caris decidiu procurar Mattie Wise. Afinal, Mattie estava

sempre misturando ingredientes estranhos... talvez o alume fosse um deles.

Mais importante ainda, se ela não soubesse, admitiria sua ignorância, ao contrário de um monge ou boticário, que podia inventar alguma coisa por medo de parecer ignorante. As primeiras palavras de Mattie foram:

- Como vai seu pai?

- Ficou um pouco abalado pelo fracasso da Feira do Velocino. - Era típico de Mattie saber o que a preocupava, pensou Caris. - Está se tornando esquecido. E parece mais velho.

- Cuide bem dele, Caris. Seu pai é um bom homem.

- Sei disso. - Ela não tinha certeza sobre o que Mattie queria dizer.

- Petranilla é uma vaca egocêntrica.

- Também sei disso.

Mattie moía alguma coisa, com um pilão. Empurrou a tigela na direção de Caris.

- Se fizer isso por mim, eu lhe servirei um copo de vinho.

- Obrigada.

Caris começou a moer. Mattie despejou o vinho amarelo de um jarro de pedra em dois copos de madeira.

- Por que veio aqui? Você não está doente.

- Sabe o que é alume?

- Sei. Usamos em pequenas quantidades como adstringente, para fechar feridas. Também pode deter a diarreia Mas é venenoso em grandes quantidades. Como a maioria dos venenos, faz a pessoa vomitar. Havia alume na poção que lhe dei no ano passado.

- O que é? Uma erva?

- Não. É uma terra. Os mouros extraem na Turquia e África. Os curtidores utilizam às vezes na preparação do couro. Imagino que você queira usá-lo na tintura de tecido.

- Isso mesmo.

Como sempre, a capacidade de adivinhação de Mattie era fantástica.

- Age como um mordente, ligando o corante à fibra.

- E onde você consegue?

- Eu compro em Melcombe.

Caris fez a viagem de dois dias a Melcombe, onde já estivera várias vezes antes. Foi acompanhada por um dos empregados do pai, como guarda-costas. Encontrou no porto um mercador que negociava com especiarias,

aves, instrumentos musicais, e todos os tipos de produtos exóticos das mais remotas partes do mundo. Ele vendeu-lhe tanto a tintura vermelha feita com a raiz da planta chamada garança, cultivada na França, e um tipo de alume conhecido como Spiralum, que ele disse ser procedente da Etiópia. Cobrou sete shillings por um pequeno barril de garancina e uma libra por um saco de alume. Caris não tinha a menor idéia se pagava preços justos ou não.

O mercador vendeu todo o seu estoque, e prometeu que obteria mais no próximo navio italiano que chegasse ao porto. Ela perguntou que quantidade de tintura e alume deveria usar, mas o homem não sabia.

Quando chegou em casa, Caris começou a tingir pedaços do tecido que não vendera em um caldeirão da cozinha. Petranilla protestou contra o cheiro, e Caris decidiu acender uma fogueira no quintal dos fundos. Sabia que tinha de pôr o tecido numa solução de tintura e deixar ferver. Peter Dyer informara a proporção correta da solução de tintura. Mas ninguém sabia quanto de alume seria necessário, ou como se deveria usá-lo.

Ela iniciou um frustrante processo de tentativa e erro. Experimentou encharcar o tecido em alume antes de tingi-lo; pôs o alume ao mesmo tempo em que a tintura; e ferveu o tecido tingido numa solução de alume depois. Experimentou usar a mesma quantidade de alume e tintura, depois mais, depois menos. Por sugestão de Mattie, experimentou com outros ingredientes: cecídios de carvalho, giz, água de cal, vinagre, urina.

Havia uma escassez de tempo. Em todas as cidades, só os membros das guildas podiam vender tecidos... exceto durante uma feira, quando as regras normais eram suspensas. E todas as feiras eram realizadas no verão. A última era a Feira de St. Giles, realizada nas dunas a leste de Winchester, no Dia de St. Giles, 12 de setembro. Como era meados de julho, ela só dispunha de oito semanas.

Começava cedo pela manhã e trabalhava até muito depois do escurecer. Mexer o tecido no caldeirão sem parar, levantá-lo e tirá-lo do caldeirão deixavam suas costas doloridas. As mãos ficaram vermelhas e feridas de manipular as substâncias químicas. Os cabelos começaram a cheirar mal. Apesar da frustração, no entanto, sentia-se ocasionalmente feliz. Às vezes cantarolava enquanto trabalhava, melodias antigas, cujas letras mal podia se lembrar da infância. Os vizinhos, em seus próprios quintais dos fundos, observavam-na curiosos, por cima das cercas.

De vez em quando um pensamento aflorava à mente de Caris: "É esse o meu destino?" Mais de uma vez, dissera que não sabia o que fazer com sua vida. Mas podia não ter a liberdade para decidir. Não tinha permissão para ser médica; tornar-se uma mercadora de lã parecia uma péssima idéia; não queria se escravizar a um marido e filhos... mas nunca sonhara que pudesse acabar como uma tintureira. Quando pensava a respeito, sabia que não era aquilo que queria fazer. Já que começara, estava determinada a ir até o fim... mas não seria seu destino.

A princípio, só conseguiu fazer com que o tecido se tornasse de um vermelho acastanhado ou de um rosa claro. Quando começou a se aproximar da tonalidade certa de escarlata, descobriu angustiada que ela desbotava quando secava ao sol, ou saía quando lavava. Tentou a tintura dupla, mas o efeito foi apenas temporário. Peter lhe disse, de uma forma um tanto tardia, que o material absorveria melhor a tintura se trabalhasse com o fio antes de ser tecido, ou mesmo com a lã bruta. Isso melhorou a tonalidade, mas não a rapidez.

- Só há uma maneira de aprender a tingir, que é a de ter aulas com um mestre - dissera Peter, várias vezes.

Todos pensavam assim, compreendeu Caris. O prior Godwyn aprendera a medicina através da leitura de livros que tinham centenas de anos, e receitava medicamentos sem sequer examinar um paciente. Elfric punira Merthin por esculpir a parábola das virgens de uma nova maneira.

Peter nunca sequer tentara tingir tecidos de escarlata. Só Mattie baseava suas decisões no que podia ver pessoalmente, não em alguma autoridade venerada.

A irmã de Caris, Alice, observou-a num final de tarde, com os braços cruzados, os lábios comprimidos. Enquanto a escuridão estendia-se pelos cantos do quintal, a luz da fogueira de Caris avermelhava o rosto desaprovador de Alice.

- Quanto do dinheiro de nosso pai você já gastou nessa insensatez? - perguntou ela.

Caris fez os cálculos.

- Sete shillings para a garancina, uma libra para o alume, doze shillings para o tecido... trinta e nove shillings.

- Deus nos ajude!

Alice estava horrorizada. A própria Caris sentia-se preocupada. Era mais que os salários em um ano da maioria das pessoas em Kingsbridge.

- É bastante dinheiro, mas ganharei muito mais. Alice estava furiosa.

- Você não tem o direito de gastar o dinheiro de nosso pai dessa maneira!

- Não tenho o direito? Ora, ele me deu sua permissão... o que mais preciso?

- Ele apresenta sinais de velhice. Seu julgamento já não é mais como antes. Caris fingiu que não sabia disso.

- O julgamento dele é bom... e muito melhor do que o seu.

- Está gastando a nossa herança!

- É isso que a incomoda? Não se preocupe. Estou ganhando dinheiro para você.

- Não quero correr esse risco.

- Não é você quem corre risco, mas papai.

- Ele não deveria desperdiçar o dinheiro que ficará para nós.

- Diga isso a ele.

Alice foi embora, derrotada. Mas Caris não se sentia tão confiante quanto aparentava. Talvez nunca descobrisse a proporção correta. E, neste caso, o que ela e o pai fariam?

Quando finalmente encontrou a fórmula certa, descobriu que era de uma incrível simplicidade: uma onça (28 gramas) de garancina e duas onças de alume para cada três onças de lã. Fervia a lã no alume primeiro, depois acrescentava a garancina no caldeirão, sem tornar a ferver a mistura. O ingrediente extra era água de cal. Ela mal pôde acreditar no resultado. O sucesso era maior do que imaginara. O vermelho era brilhante, quase como o vermelho italiano. Tinha certeza de que desbotaria, e traria outro desapontamento; mas a cor persistiu através da secagem, segunda lavagem e fulling.

Ela forneceu a fórmula a Peter. Sob sua supervisão, ele usou todo o alume que restava para tingir doze metros de tecido de lã da melhor qualidade em um de seus enormes caldeirões. Quando ficou pronto, Caris pagou um acabador para prender os fios soltos com uma carda e reparar pequenos defeitos.

Foi para a Feira de St. Giles com um fardo de perfeito tecido vermelho brilhante.

Ao desenrolá-lo num estande, foi abordada por um homem com sotaque de Londres.

- Quanto custa?

Caris fitou-o. Suas roupas eram caras, sem serem ostentosas. Ela concluiu que o homem era rico, mas não um nobre. Com um esforço para controlar o tremor na voz, ela respondeu:

- Sete shillings o metro. É o melhor...

- Quero saber o custo de todo o tecido.

- São doze metros, o que daria oitenta e quatro shillings. Ele esfregou o tecido entre o indicador e o polegar.

- Não é tão bem trançado quanto o tecido italiano, mas não é nada mau. Eu lhe darei vinte e sete florins de ouro.

A moeda de ouro de Florença era de uso comum, porque a Inglaterra não tinha uma moeda de ouro. Valia cerca de três shillings, trinta e seis pennies de prata ingleses. O londrino propunha comprar todo o tecido por apenas três shillings a menos do que ela conseguiria se vendesse metro a metro. Mas Caris sentiu que o homem não era de barganhar, caso contrário teria começado por oferecer um preço menor.

- Não - respondeu ela, surpresa com a própria temeridade. - Quero o preço total.

- Está bem - concordou o homem, confirmando o instinto dela.

Caris observou, emocionada, enquanto ele pegava a bolsa. Um momento depois, ela tinha em sua mão vinte e oito florins de ouro.

Examinou uma das moedas com todo cuidado. Era um pouco maior que um penny de prata. Tinha num lado a efígie de São João Batista, o padroeiro de Florença, e no outro, a flor de Florença. Ela pôs numa balança para comparar o peso com o florim recém-cunhado que o pai guardava para esse propósito. A moeda era boa.

- Obrigada - disse ela, mal ousando acreditar em seu sucesso.

- Sou Harry Mercer, de Cheapside, Londres. Meu pai é o maior mercador de tecidos da Inglaterra. Quando tiver mais desse escarlata, pode nos procurar em Londres. Compraremos tudo o que puder nos levar.

- Vamos tecer tudo! - disse ela ao pai, quando voltou para casa. - Ainda lhe restam quarenta sacos de lã. Vamos transformar tudo em tecido vermelho.

- É um empreendimento e tanto - murmurou o pai, pensativo. Caris tinha certeza de que seu plano daria certo.

- Há muitos tecelões aqui, e todos são pobres. Peter não é o único tintureiro em Kingsbridge. Podemos ensinar outros a usarem o alume.

- Outros copiarão, depois que o segredo for revelado.

Caris sabia que o pai tinha o direito de pensar em empecilhos, mas mesmo assim sentia-se impaciente.

- Deixe que copiem. Os outros também podem ganhar dinheiro. Edmund não se deixaria pressionar a fazer qualquer coisa.

- Vai cair o preço se houver muito tecido assim à venda.

- Terá de cair muito antes que o negócio deixe de ser lucrativo. O pai acenou com a cabeça.

- É verdade. Mas seria possível vender tanto em Kingsbridge e Shiring? Não há tantas pessoas ricas por aqui.

- Neste caso, levarei para Londres.

- Está bem. - Edmund sorriu. - Sua determinação me impressiona. É um bom plano... mas mesmo que não fosse, você encontraria uma maneira de fazer com que desse certo.

Caris foi até a casa de Mark Webber e contratou-o para começar a trabalhar em outro saco de lã. Também contratou Madge para levar uma das carroças puxadas por boi de Edmund, transportando quatro sacos de lã, para procurar tecelões nas aldeias vizinhas.

Mas o resto da família de Caris não se sentia nem um pouco satisfeita. Alice foi almoçar na casa do pai no dia seguinte. Ao sentarem, Petranilla declarou a Edmund:

- Alice e eu achamos que você deve reconsiderar seu projeto de fazer tecido. Caris queria que o pai dissesse que a decisão já estava tomada e que era tarde demais para voltar atrás. Em vez disso, no entanto, ele respondeu, com a voz suave:

- É mesmo? Explique por quê.

- Arriscará todos os pennies que possui!

- A maior parte já está em risco agora - disse Edmund. - Tenho um armazém cheio de lã que não posso vender.

- Mas poderia piorar ainda mais uma situação que já é ruim.

- Decidi correr esse risco. Alice interveio:

- Não é justo comigo!

- Por que não?

- Caris está gastando minha herança!

O rosto de Edmund assumiu uma expressão sombria.

- Ainda não morri.

Petranilla tratou de se calar, percebendo o tom ameaçador na voz do irmão. Mas Alice não notou que o pai estava furioso, e decidiu continuar:

- Temos de pensar no futuro. Por que Caris pode ter permissão para gastar o que é meu por direito hereditário?

- Porque ainda não é seu, e talvez nunca será.

- Você não pode desperdiçar o dinheiro que vou herdar.

- Ninguém vai me dizer o que fazer com meu dinheiro... muito menos minhas filhas.

A voz era tão tensa de raiva que até Alice notou. Mais contida, ela murmurou:

- Não tive a intenção de deixá-lo nervoso.

Edmund soltou um grunhido. Não chegava a ser um pedido de desculpa, mas ele nunca podia permanecer irritado por muito tempo.

- Vamos almoçar, sem tratar mais deste assunto.

Caris compreendeu que seu projeto sobrevivera por mais um dia. Depois do almoço, ela procurou Peter Dyer, para avisá-lo sobre a grande quantidade de trabalho que estava prestes a receber.

- Não será possível - disse ele.

A resposta pegou Caris de surpresa. Ele sempre se mostrava sombrio, mas costumava fazer o que ela queria.

- Não se preocupe, que não terá de tingir tudo. Darei uma parte do trabalho a outros.

- O problema não é a tintura, mas o processo de fulling.

- Por quê?

- Não temos mais permissão para fazer isso diretamente. O prior Godwyn lançou um novo édito. Temos de usar o moinho de fulling do priorado.

- Pois então vamos usá-lo.

- É lento demais. As máquinas são velhas e quebram a todo instante. Já foram consertadas tantas vezes que a madeira é uma mistura de nova e antiga, o que nunca resulta num bom trabalho. Não é mais rápido do que um homem andando na água e pisando no tecido. E só há um sistema em funcionamento. Mal dá para absorver o trabalho normal dos tecelões e tintureiros de Kingsbridge.

Era uma situação irritante. Seu plano não podia fracassar por causa de uma decisão estúpida do primo Godwyn, não é mesmo? Caris declarou, indignada.

- Mas se o moinho de fulling do priorado não pode realizar todo o trabalho, o prior deve permitir que outros façam isso!

Peter deu de ombros.

- Diga isso a ele.

- É o que farei!

Ela seguiu para o priorado. Mas antes de chegar lá, pensou duas vezes. A sala da casa do prior era usada para suas reuniões com os habitantes da cidade, mas mesmo assim não seria apropriado uma mulher ir até lá sozinha, sem hora marcada, ainda mais porque Godwyn se mostrava cada vez mais suscetível nessas questões. Além disso, talvez uma confrontação direta não fosse a melhor maneira de fazê-lo mudar de idéia. Caris compreendeu que seria melhor pensar com todo cuidado. Ela voltou para casa e sentou na sala para conversar com o pai.

- O jovem Godwyn está pisando num terreno perigoso neste caso - comentou Edmund, sem hesitar. - Nunca houve uma cobrança pelo uso do moinho de fulling. Segundo a história que nos chegou, o moinho foi construído por um habitante da cidade, Jack Builder, para o grande prior Philip; e quando Jack morreu, Philip concedeu à cidade o direito de usar o moinho em perpetuidade

- Por que as pessoas pararam de usar?

- O sistema teve problemas, e acho que houve uma discussão sobre quem deveria pagar o custo da manutenção. Não se chegou a uma conclusão e as pessoas voltaram a preparar seus próprios tecidos em casa.

- Ora, neste caso, ele não tem o direito de cobrar uma taxa, nem de obrigar as pessoas a usar seu moinho.

- Não, não tem.

Edmund enviou uma mensagem ao priorado, indagando qual o momento mais conveniente para Godwyn recebê-lo. A resposta foi imediata: o prior estava livre naquele momento. Edmund e Caris atravessaram a rua e foram até a casa do prior.

Godwyn mudara muito em um ano, pensou Caris. Perdera a ansiedade infantil que demonstrava antes. Parecia cauteloso, como se esperasse que eles fossem agressivos.

Caris já começava a especular se ele tinha a força de caráter necessária para ser prior.

Philemon também estava presente, numa ansiedade patética, como sempre, a puxar cadeiras e servir bebidas, mas com um novo toque de segurança em seu comportamento, a aparência de alguém que sabia que pertencia àquele lugar.

- Então agora você é tio, Philemon - comentou Caris. - O que acha de seu sobrinho, Sam?

- Sou um noviço - declarou ele, afetado. - Temos de renunciar a todas as relações deste mundo.

Caris deu de ombros. Sabia que Philemon gostava da irmã Gwenda, mas não da discutir se ele preferia fingir que não se importava. Edmund expôs o problema de maneira objetiva.

- O trabalho na ponte terá de ser interrompido se os mercadores de lã de Kingsbridge não puderem melhorar sua situação. Felizmente, encontramos uma nova fonte de receita. Caris descobriu como produzir tecido escarlate de alta qualidade. Só uma coisa atrapalha o sucesso desse novo empreendimento: o moinho de fulling.

- Por quê? - indagou Godwyn. - Vocês podem usar o moinho de fulling do priorado.

- Parece que não. É velho e ineficiente. Mal consegue cuidar da produção de tecido existente. Não tem capacidade para extra. Ou você constrói um novo moinho...

- Não há a menor possibilidade - interrompeu Godwyn. - Não tenho dinheiro de sobra para esse tipo de coisa.

- Neste caso, terá de permitir que as pessoas preparem o tecido à maneira antiga, pondo na água e pisando com os pés descalços - declarou Edmund. Caris conhecia a expressão que se estampou no rosto de Godwyn. Era composta de ressentimento, orgulho injuriado, e obstinação irreduzível. Na infância, ele ficava assim sempre que alguém se opunha ao que queria fazer. Indicava que tentaria forçar as outras crianças à submissão; e se não conseguisse, bateria o pé e voltaria para casa. Querer impor sua vontade era apenas parte do jogo. Ele parecia se sentir humilhado com a divergência, pensou Caris, como se a idéia de que alguém pudesse considerá-lo errado fosse angustiante demais para suportar. Qualquer que fosse a explicação, ela compreendeu, ao ver essa expressão, que o primo não seria razoável.

- Eu sabia que você se oporia a mim - disse ele a Edmund, petulante. - Parece pensar que o priorado existe em benefício de Kingsbridge. Terá de compreender que é exatamente o contrário.

Edmund ficou exasperado.

- Não percebe que dependemos um do outro? Pensamos que compreendia esse inter-relacionamento... foi por isso que o ajudamos a ser eleito.

- Fui eleito pelos monges, não pelos mercadores. A cidade pode depender do priorado, mas já havia um priorado aqui antes que surgisse uma cidade. Podemos continuar a existir sem vocês.

- Talvez possam mesmo, mas como um lugar isolado, não como o coração pulsando de uma dinâmica cidade.

Caris interveio:

- Você deve querer que Kingsbridge prospere, Godwyn... por que outro motivo teria ido a Londres para se opor ao conde Roland?

- Fui ao tribunal real para defender os direitos antigos do priorado... como estou tentando fazer aqui e agora.

Edmund protestou, indignado:

- Isso é traição! Nós o apoiamos para prior porque nos levou a acreditar que construiria uma ponte!

- Não lhe devo nada. Minha mãe vendeu sua casa para me enviar à universidade. Onde estava meu tio rico na ocasião?

Caris ficou espantada ao constatar que Godwyn ainda se mostrava ressentido pelo que acontecera dez anos antes. A expressão de Edmund se tornou hostil e fria.

- Acho que você não tem o direito de obrigar as pessoas a usarem seu moinho de fulling.

Caris compreendeu, pelo olhar que Godwyn e Philemon trocaram, que eles sabiam disso. Godwyn disse:

- Pode ter havido ocasiões em que o prior generosamente permitiu que os habitantes da cidade usassem o moinho de fulling sem cobrar.

- Foi um presente do prior Philip à cidade.

- Nunca soube disso.

- Deve haver um documento no priorado. Godwyn ficou irritado.

- Os habitantes da cidade permitiram que o moinho caísse em péssimo estado. O priorado teve de pagar para endireitar tudo. Isso é suficiente para anular qualquer presente.

Edmund tinha razão, pensou Caris: Godwyn pisava em terreno instável. Sabia que o prior Philip dera o moinho de fulling de presente aos habitantes da cidade, mas tencionava ignorar o fato. Edmund tentou de novo:

- Não podemos chegar a um acordo?

- Não revogarei meu édito - declarou Godwyn. - Faria com que eu parecesse fraco.

Era isso o que realmente o incomodava, refletiu Caris. Ele receava que as pessoas de Kingsbridge o desrespeitassem se mudasse de idéia. Sua obstinação, paradoxalmente, derivava do medo.

- Nenhum de nós dois gostaria de incorrer de novo no trabalho e despesa de um recurso ao tribunal real - comentou Edmund.

Godwyn se enfureceu.

- Está me ameaçando com o tribunal real?

- Gostaria de evitar, mas...

Caris fechou os olhos, rezando para que os dois homens não levassem a discussão a um ponto sem volta. Sua prece não foi atendida.

- Mas o quê? - indagou Godwyn, em tom de desafio. Edmund suspirou.

- Mas farei isso se você obrigar as pessoas de Kingsbridge a fazerem o fulling em seu moinho e não em casa, ao estilo tradicional. Apelarei ao rei.

- Pode apelar.

34

Acerva era jovem, um ou dois anos apenas, esguia, musculosa sob a pele macia. Estava no outro lado da clareira, esticando o pescoço comprido através dos galhos de um arbusto para alcançar uma área de relva clara. Ralph Fitzgerald e Alan Fernhill estavam a cavalo, o barulho dos cascos de suas montarias abafado pelo tapete das folhas úmidas do outono, os cães treinados a se manterem em silêncio. Por causa disso - e talvez porque estivesse concentrada demais em alcançar a forragem - a cerva não ouviu a aproximação, até que já era tarde demais.

Ralph avistou primeiro, e apontou através da clareira. Alan levava seu arco na mão esquerda, a mesma que segurava as rédeas. Com a rapidez da longa prática, prendeu uma flecha na corda e atirou.

Os cachorros foram mais lentos. Só reagiram quando ouviram a vibração da corda e o zunido da flecha voando pelo ar. Barley, a cadela, ficou imóvel, a cabeça erguida, as orelhas levantadas; e Blade, seu filhote, agora crescido, maior do que a mãe, emitiu um rosnado baixo e surpreso.

A flecha tinha um metro de comprimento, com penas de cisne. A ponta era de cinco centímetros de ferro sólido, com uma depressão em que se encaixava a haste. Era uma flecha de caça, com a ponta afiada: uma flecha de batalha teria uma ponta quadrada, para poder penetrar numa armadura sem ser desviada.

O disparo de Alan foi bom, mas não perfeito. Atingiu a cerva na base do pescoço. Ela saltou, as quatro patas deixando o solo, presumivelmente chocada pela pontada de dor súbita e agonizante. A cabeça se elevou acima da moita. Por um instante, Ralph pensou que a cerva cairia morta. No momento seguinte, porém, ela começou a se afastar. A flecha ainda estava cravada em seu pescoço, mas o sangue escorria em vez de esguichar do ferimento. O que significava que devia ter acertado nos músculos, sem romper qualquer veia importante.

Os cachorros saltaram para a frente, como se também tivessem sido disparados de arcos. Ralph montava Griff, seu cavalo de caça predileto. Sentiu o fluxo de excitação pelo qual tanto ansiava. Era uma comichão nos nervos, uma pressão na garganta, um impulso irresistível de gritar o mais alto possível; uma sensação tão parecida com o excitação sexual que ele mal podia dizer qual era a diferença.

Homens como Ralph existiam para lutar. O rei e seus barões promoviam-nos a lordes e cavaleiros, davam-lhes aldeias e terras para controlarem, por uma única razão: para que fossem capazes de ter cavalos, pajens, armas e armaduras sempre que o rei precisasse de um exército. Mas não havia uma guerra todos os anos. Às vezes, dois ou três anos se passavam sem que houvesse sequer uma pequena ação policial nas fronteiras do rebelde País de Gales ou contra os bárbaros da Escócia. Os cavaleiros precisavam de alguma coisa para fazer nos intervalos. Tinham de se manter em boa forma física, os cavalos preparados, e a sede de sangue sempre atizada, o que talvez fosse o mais importante.

Os soldados precisavam matar, e seu desempenho era melhor quando ansiavam por isso.

A caçada era a solução. Todos os nobres, do rei aos pequenos senhores, como Ralph, caçavam sempre que tinham a oportunidade, até várias vezes por semana. Adoravam o exercício, que garantia que estivessem prontos para a batalha sempre que eram chamados. Ralph caçava com o conde Roland em suas frequentes visitas a Earls castle; e também participava das caçadas de lorde William em Casterham. Quando estava em sua própria aldeia, Wigleigh, saía com seu pajem, Alan, para caçar nas florestas ao redor. Em geral matavam javali: não havia muita carne nos javalis, mas as caçadas eram sempre emocionantes, porque o animal oferecia a maior resistência. Ralph também caçava raposas e de vez em quando era raro -, um lobo. Mas o cervo era o melhor alvo: ágil, veloz, e cinquenta quilos de boa carne para levar para casa.

Agora, Ralph ficou emocionado ao sentir Griff por baixo, o peso e a força do cavalo, a ação poderosa de seus músculos, as batidas firmes dos cascos no solo. A cervo desapareceu na vegetação, mas Barley sabia para onde ela fora. Os cavalos seguiram os cachorros. Ralph segurava uma lança na mão direita, uma haste comprida de freixo, a ponta endurecida no fogo. Enquanto Griff desviava-se e pulava os obstáculos, Ralph abaixava-se para evitar os galhos mais baixos. Balançava aos movimentos do cavalo, as botas firmes nos estribos, mantendo-se na sela sem esforço, pela pressão dos joelhos.

No mato baixo, os cavalos não eram tão ligeiros quanto a cervo, e logo ficaram para trás; os cachorros, no entanto, tinham alguma vantagem, e logo Ralph ouviu latidos frenéticos, quando os animais se aproximaram da presa. Até que houve um hiato. Um momento depois, Ralph descobriu o

motivo: a cerva saíra da vegetação densa e encontrara uma trilha, por onde seguia agora, deixando os cachorros para trás. Ali, no entanto, os cavalos levavam vantagem; e num instante passaram os cachorros e começaram a se aproximar da cerva.

Ralph percebeu que a cerva enfraquecia. Viu sangue em sua anca, e deduziu que fora mordida por um dos cachorros. Sua postura foi se tornando mais e mais irregular, à medida que se esforçava para escapar. Era um animal feito para disparadas súbitas e curtas, mas incapaz de manter um ritmo vertiginoso por muito tempo.

O sangue passou a correr mais depressa nas veias de Ralph à medida que se aproximava da presa. Apertou a lança ainda mais. Era preciso muita força para enfiar uma ponta de madeira no corpo duro de um animal grande: a pele era resistente, os músculos eram compactos, os ossos firmes. O pescoço era o alvo mais macio, se o caçador conseguisse evitar as vértebras e atingir a jugular. Era preciso escolher o momento certo, e arremessar a lança com toda a sua força.

Ao perceber os cavalos quase em cima, a cerva desviou-se entre as moitas, desesperada. Isso lhe proporcionou uma folga de alguns segundos. Os cavalos diminuíram a velocidade ao pisar nas moitas, sobre as quais a cerva saltava sem alterar o ritmo. Mas os cachorros tornaram a se aproximar, e Ralph compreendeu que a cerva não poderia aguentar por muito mais tempo.

Em geral, os cachorros infligiam mais e mais ferimentos, retardando a presa, até que os cavalos chegassem perto, e o caçador poderia desfechar o golpe fatal. Naquela ocasião, porém, houve um acidente.

Quando os cachorros e os cavalos estavam quase em cima, a cerva desviou-se para o lado. Blade, o cão mais novo, foi atrás, com mais entusiasmo do que bom senso, e passou pela frente de Griff. O cavalo galopava depressa demais para conseguir parar ou mesmo se desviar, e atingiu Blade com uma pata dianteira. O cachorro era um mastim, pesando quase quarenta quilos; o impacto fez o cavalo tropeçar.

Ralph foi projetado da sela. Largou a lança enquanto voava. Seu maior medo, naquele instante, foi o de cair por baixo do cavalo. Mas viu, um momento antes de bater no chão, que Griff conseguira recuperar o equilíbrio.

Ralph caiu numa moita de espinhos. Ficou com as mãos e o rosto bastante arranhados, mas a moita amorteceu a queda. Mesmo assim, sentiu-se

furioso.

Alan puxou as rédeas de seu cavalo. Barley continuou atrás da cerva, mas não demorou a voltar; era evidente que a presa escapara. Ralph fez um esforço para se levantar, praguejando. Alan alcançou Griff. Desmontou em seguida, segurando os dois cavalos pelas rédeas.

Blade estava imóvel sobre as folhas mortas, o sangue gotejando da boca. Fora atingido na cabeça pela ferradura de ferro de Griff. Barley foi até lá, farejou, cutucou-o com o focinho, lambeu o sangue, e depois virou-se, atordoado. Alan empurrou o cachorro com a ponta da bota. Não houve reação. Blade não respirava.

- Morreu - murmurou Alan.

- O desgraçado do cachorro merecia mesmo morrer - resmungou Ralph. Eles foram andando pela floresta, puxando os cavalos, à procura de um lugar

para descansar. Ralph ouviu um barulho de água correndo. Seguiu o som e encontrou um córrego de correnteza rápida. Reconheceu o lugar: estavam um pouco além dos campos cultivados de Wigleigh.

- Vamos descansar um pouco - disse ele.

Alan amarrou os cavalos. Tirou de seu alforje um jarro tampado, dois copos de madeira, e um saco de lona com comida.

Barley foi até o córrego e bebeu sedento a água fria. Ralph sentou na margem, encostado numa árvore. Alan sentou ao seu lado e entregou-lhe um copo com cerveja e uma fatia de queijo. Ralph aceitou a cerveja, mas recusou o queijo.

Alan sabia que seu senhor estava de mau humor. Por isso, não disse nada, enquanto Ralph bebia. Sempre que o copo de Ralph ficava vazio, ele tornava a enchê-lo, em silêncio. Logo ouviram uma voz de mulher. Alan fitou Ralph com as sobrancelhas elevadas. Barley rosnou. Ralph levantou-se, fazendo o cachorro se calar, e seguiu na direção do som. Alan foi atrás. Ralph parou alguns metros adiante, olhando através da vegetação. Algumas mulheres da aldeia lavavam roupa na margem próxima do córrego, onde a água corria mais depressa, sobre rochas. Era um dia úmido de outubro, fresco, mas não frio. Elas tinham as mangas enroladas e as saias levantadas até as coxas, para não molhar.

Ralph observou-as, uma a uma. Lá estava Gwenda, antebraços e pernas musculosos, com seu bebê - agora com quatro meses de idade - pendurado

nas costas. Ele identificou Peg, a mulher de Perkin, esfregando as ceroulas do marido com uma pedra.

Sua própria criada, Vira, também estava ali, uma mulher de rosto duro, em torno dos trinta anos, que o fitara com tanta indiferença quando acariciara sua bunda que ele nunca mais a tocara. A voz que ouvira antes pertencia à viúva Huberts, uma grande hiladeira, sem dúvida porque morava sozinha. A viúva estava parada no meio do córrego, gritando para as outras, numa conversa a distância.

E lá estava Annet.

Em cima de uma rocha, Annet lavava um traje pequeno. Inclina-se para molhar no córrego e se erguia para esfregar. Tinha pernas compridas e brancas, que desapareciam de uma maneira encantadora no vestido levantado. Cada vez que se inclinava, o decote se abria, para revelar os frutos claros dos seios pequenos, pendendo como tentações de uma árvore. Os cabelos louros estavam molhados nas pontas, e havia uma expressão petulante em seu rosto bonito, como se pensasse que não havia nascido para aquele tipo de trabalho.

Ralph calculou que as mulheres já se encontravam ali há algum tempo, e sua presença poderia passar despercebida se a viúva Huberts não tivesse elevado a voz. Ele abaixou-se por trás de um arbusto, e espiou através dos galhos sem folhas. Alan agachou-se ao seu lado.

Ralph gostava de espionar mulheres. Fazia isso com frequência quando era adolescente. As mulheres se coçavam, deitavam no chão com as pernas abertas, e falavam sobre coisas que nunca abordariam se soubessem que havia um homem escutando. Na verdade, comportavam-se como homens.

Ele regalou os olhos com a visão das mulheres de sua aldeia, que não desconfiavam de sua presença. Fez um esforço para ouvir o que diziam. Observou Gwenda, o corpo pequeno e forte, recordou-a nua, ajoelhada na cama, reviveu a sensação de segurá-la pelos quadris e puxá-la ao encontro de seu pênis. E recordou também como a atitude dela mudara. A princípio, Gwenda mantivera-se passiva e fria, fazendo um esforço para esconder o ressentimento e o desagrado pelo que estava fazendo; e, depois, ocorrera uma lenta alteração. A pele no pescoço ficara avermelhada, o peito traíra a respiração excitada, e ela baixara a cabeça, no que lhe parecera uma mistura de vergonha e prazer. A lembrança fez com que Ralph respirasse mais depressa, e provocou uma camada de suor na sua testa, apesar do ar

fresco do outono. Não pôde deixar de imaginar se teria outra chance de repetir o ato com Gwenda.

Pouco depois, as mulheres se prepararam para ir embora. Dobraram as roupas molhadas e as ajeitaram em cestos ou as envolveram em trouxas para equilibrar na cabeça. Começaram a se afastar pela trilha à beira do córrego. Houve uma discussão acalorada entre Annet e a mãe. Annet lavara apenas a metade das roupas que trouxera. Propunha levar de volta para casa a metade suja da roupa. Ao que tudo indicava, Peg insistia que a filha ficasse e lavasse o resto da roupa. No final, Peg partiu, furiosa, e Annet ficou, num evidente mau humor.

Ralph mal podia acreditar em sua sorte. Disse em voz baixa para Alan:

- Vamos nos divertir um pouco com ela. Dê a volta e corte o caminho de fuga.

Alan desapareceu.

Ralph observou Annet mergulhar o resto da roupa suja na água, sem qualquer cuidado. Em seguida, ela sentou na margem, olhando irritada para o córrego.

Quando calculou que as outras mulheres não poderiam ouvir mais nada e Alan já alcançara a posição combinada, Ralph levantou-se e adiantou-se.

Annet ouviu-o se aproximar entre as moitas e virou-se para olhar, surpresa. Ralph gostou de ver a expressão dela passar da surpresa e curiosidade para o medo, ao compreender que se encontrava sozinha com ele na floresta. Ela levantou-se de um pulo. A esta altura, porém, Ralph já se encontrava a seu lado. Segurou-a pelo braço, num aperto gentil, mas firme.

- Olá, Annet. O que está fazendo aqui... sozinha?

Ela olhou por cima de seu ombro... na esperança, Ralph adivinhou, de que pudesse haver outros homens ali, o que o levaria a se conter. Seu rosto registrou consternação quando só avistou Barley.

- Tenho de ir para casa - disse ela. - Minha mãe acaba de sair daqui.

- Não precisa correr. Você fica muito atraente assim, com os cabelos molhados e os joelhos à mostra.

Ela tentou baixar a saia. Com a mão livre, Ralph segurou seu queixo e levantou-o, para que o fitasse.

- Que tal um sorriso? Não precisa ficar tão preocupada. Eu não lhe faria mal... sou seu senhor.

Annet esboçou um sorriso.

- Estou apenas um pouco afobada. Levei um susto com sua chegada inesperada.

Ela recuperou um pouco do coquetismo habitual e acrescentou, com um sorriso afetado:

- Talvez devesse me acompanhar até em casa. Uma jovem precisa de proteção na floresta.

- E pode ter certeza de que a protegerei. Cuidarei de você muito melhor do que aquele idiota do Wulfric, ou do que seu marido.

Ralph tirou a mão do queixo de Annet e pegou o seio. Era como recordava, pequeno e firme. Solto o braço para poder usar as duas mãos, uma em cada seio.

Mas Annet fugiu assim que ele a largou. Ralph riu, enquanto ela corria pela trilha e se embrenhava entre as árvores. Um momento depois, ouviu-a soltar um grito de choque. Permaneceu onde estava, enquanto Alan trazia Annet de volta, o braço torcido para as costas, de tal forma que os seios projetavam-se para a frente, sedutores. Ralph pegou a adaga afiada, com uma lâmina de mais de um palmo.

- Tire o vestido.

Alan largou-a, mas ela não obedeceu de imediato.

- Por favor, milorde. Sempre demonstrei todo o respeito e...

- Tire o vestido, ou cortarei seu rosto e a deixarei com uma cicatriz para sempre. Era uma ameaça bem escolhida para uma mulher vaidosa, e Annet cedeu.

Começou a chorar enquanto tirava pela cabeça o vestido marrom de lã. A princípio, manteve o vestido amarrotado na sua frente, cobrindo a nudez, mas Alan arrancou-o e jogou-o para o lado.

Ralph ficou olhando para o corpo nu. Annet mantinha os olhos abaixados, as lágrimas escorrendo pelas faces. Ela tinha quadris estreitos e uma moita proeminente de cabelos louros.

- Wulfric nunca a viu assim, não é mesmo? - indagou Ralph.

Annet sacudiu a cabeça em negativa, sem levantar os olhos. Ralph enfiou a mão entre suas pernas.

- Alguma vez ele a tocou aqui?

- Por favor, milorde. Sou uma mulher casada...

- Melhor assim... não tem uma virgindade para perder, nada com que se preocupar. Deite-se.

Annet recuou, mas esbarrou em Alan, que a derrubou, fazendo-a cair de costas. Ralph segurou-a pelos tornozelos, para que ela não pudesse se levantar. Annet contorceu-se, desesperada.

- Segure-a - disse Ralph a Alan.

Alan forçou a cabeça de Annet para baixo, pôs os joelhos sobre seus braços, as mãos nos ombros.

Ralph puxou o pênis e esfregou-o, para que ficasse mais duro. Depois, ajoelhou-se entre as coxas de Annet.

Ela começou a gritar, mas ninguém ouviu.

35

Por sorte, Gwenda foi uma das primeiras pessoas a ver Annet depois do incidente.

Gwenda e Peg levaram a roupa lavada para casa e a penduraram para secar, em torno do fogo na cozinha. Gwenda ainda trabalhava para Perkin, mas agora, no outono, quando havia menos coisas a fazer nos campos, ela ajudava Peg nas tarefas domésticas. Toda a roupa pendurada, elas começaram a preparar a refeição do meio-dia para Perkin, Rob, Billy Howard e Wulfric. Depois de uma hora, Peg indagou:

- O que pode ter acontecido com Annet?

- Vou procurá-la.

Antes de sair, Gwenda verificou o bebê. Sammy estava deitado num berço de vime, envolto por uma velha manta marrom, os olhos escuros alertas observando a fumaça que se elevava do fogo e se enroscava sob o teto. Ela beijou-o na testa e foi procurar Annet.

Voltou pelos campos, em que o vento soprava. Lorde Ralph e Alan Fernhill passaram a galope, a caminho da aldeia, a caçada do dia aparentemente interrompida antes do tempo normal. Gwenda entrou na floresta e seguiu pela trilha até o ponto em que as mulheres da aldeia costumavam lavar roupa. Antes de chegar lá, deparou-se com Annet, voltando para a aldeia.

- Você está bem? - perguntou Gwenda. - Sua mãe ficou preocupada.

- Estou ótima.

Mas Gwenda percebeu que havia alguma coisa errada.

- O que aconteceu?

- Nada... - Mas Annet não era capaz de fitá-la nos olhos. - Não aconteceu nada. Deixe-me em paz.

Gwenda postou-se na frente de Annet, e estudou-a de alto a baixo. O rosto de Annet revelava de uma maneira inconfundível que ocorrera alguma calamidade. A primeira vista, ela não parecia estar fisicamente machucada - embora a maior parte do corpo estivesse coberta pelo vestido comprido - mas depois Gwenda percebeu manchas que pareciam ser de sangue no vestido. E se lembrou que Ralph e Alan haviam passado a galope.

- Lorde Ralph fez alguma coisa com você?

- Quero ir para casa.

Annet tentou passar por Gwenda, que a segurou pelo braço. Não apertou com força, mas mesmo assim Annet soltou um grito de dor, levando a mão à parte superior do braço.

- Você está machucada! - exclamou Gwenda.

Annet desatou a chorar. Gwenda passou o braço por seus ombros.

- Vamos para casa. Conte tudo à sua mãe. Annet sacudiu a cabeça.

- Não contarei a ninguém.

Tarde demais para isso, pensou Gwenda.

Enquanto levava Annet para a casa de Perkin, Gwenda projetou em sua mente todas as possibilidades. Era evidente que Annet sofrera alguma espécie de agressão. Podia ter sido atacada por um ou mais viajantes, embora não houvesse nenhuma estrada nas proximidades. Os fora-da-lei sempre eram uma possibilidade, embora nenhum deles fosse avistado há muito tempo nas proximidades de Wigleigh. Portanto, os suspeitos mais prováveis eram Ralph e Alan.

Peg assumiu um comportamento decidido. Sentou Annet num banco e baixou o vestido dela pelos ombros. Os braços exibiam equimoses vermelhas e inchadas.

- Alguém a segurou - disse Peg, furiosa. Annet manteve-se calada. Peg insistiu:

- Estou certa? Responda, criança, ou terá de enfrentar um problema ainda maior. Alguém a segurou?

Annet acenou com a cabeça.

- Quantos homens? Ande logo, diga o que aconteceu. Annet não falou, mas levantou dois dedos.

Peg ficou vermelha de raiva.

- Eles deitaram com você?

Annet acenou novamente com a cabeça.

- Quem eram eles? Annet balançou a cabeça.

Gwenda sabia por que ela não queria contar. Era perigoso para qualquer servo acusar o senhor de um crime. Ela informou a Peg:

- Vi Ralph e Alan se afastando a galope. Peg virou-se para Annet.

- Quer dizer que foram eles... Ralph e Alan?

Annet tornou a acenar com a cabeça. A voz de Peg baixou para quase um sussurro:

- Imagino que Alan a segurou enquanto Ralph fazia. Annet tornou a acenar com a cabeça.

Peg abrandou, agora que conhecia a verdade. Passou os braços em torno da filha e aconchegou-a.

- Pobre criança... minha pobre filha... Annet começou a chorar.

Gwenda se retirou.

Os homens voltariam em breve para a refeição do meio-dia, e descobririam que Ralph estuprara Annet. O pai de Annet, o irmão, o marido e o ex-namorado ficariam loucos de raiva. Perkin era velho demais para cometer qualquer insensatez, Rob faria o que Perkin mandasse, e Billy Howard provavelmente não teria coragem suficiente para criar problemas... mas Wulfric ficaria descontrolado. E mataria Ralph.

E depois seria enforcado.

Gwenda tinha de alterar o curso dos acontecimentos; se não fizesse isso, perderia o marido. Ela atravessou a aldeia apressada, sem falar com ninguém, seguindo direto para a casa senhorial. Esperava ser informada, ao chegar ali, de que Ralph e Alan haviam terminado de almoçar e saído de novo; mas era um pouco cedo e ela descobriu consternada que os dois ainda se encontravam em casa.

Encontrou-os no estábulo por trás da casa, examinando o casco infeccionado de um cavalo. Em circunstâncias normais, ela se sentiria embaraçada na presença de Ralph ou Alan, pois tinha certeza de que os dois recordavam, sempre que a viam, da cena em que se ajoelhara nua na cama, na Bell em Kingsbridge. Hoje, porém, esse pensamento mal passou por sua cabeça. Precisava encontrar alguma maneira de persuadi-los a sair da aldeia... agora, antes que Wulfric descobrisse o que haviam feito. O que poderia dizer?

Por um momento, ela ficou atordoada. Depois, em desespero, declarou:

- Senhor, um mensageiro do conde Roland esteve à sua procura. Ralph ficou surpreso.

- Quando foi isso?

- Há cerca de uma hora.

Ralph olhou para o cavaleiro que segurava a pata do cavalo para inspeção.

- Ninguém esteve aqui - informou o homem.

Era natural que um mensageiro fosse até a casa e falasse com os criados do senhor. Ralph perguntou a Gwenda:

- Por que ele transmitiu a mensagem a você? Ela improvisou, desesperada:

- Encontrei-o na estrada, nos arredores da aldeia. Ele perguntou por lorde Ralph e informei que milorde havia saído para caçar e só voltaria na hora do almoço. O mensageiro não queria esperar.

O que era um comportamento insólito para um mensageiro, que costumava parar, para comer, beber e descansar o cavalo.

- Por que ele estava com tanta pressa? - perguntou Ralph. Gwenda respondeu, inventando mais uma desculpa extemporânea:

- Tinha de chegar a Cowford antes do pôr-do-sol... não tive a ousadia de perguntar por quê.

Ralph soltou um grunhido. A última parte era plausível. Não era provável que um mensageiro do conde Roland se sujeitasse a ser interrogado por uma camponesa.

- Por que não me avisou antes?

- Atravessei os campos à sua procura, mas milorde não me viu e passou a galope.

- Acho que a vi... mas não importa. Qual era a mensagem?

- O conde Roland pede que vá a Earlscastle o mais depressa possível. Gwenda respirou fundo e acrescentou outra camada de implausibilidade: - O mensageiro disse que não deveria esperar para terminar de almoçar, mas sim pegar cavalos descansados e partir imediatamente.

Era pouco verossímil, mas ela precisava afastar Ralph antes que Wulfric aparecesse.

- É mesmo? Ele disse por que precisa de mim com tanta pressa?

- Não.

- Hum...

Ralph ficou pensativo, sem dizer nada por alguns momentos.

- Vai partir agora? - perguntou Gwenda, ansiosa.

- Isso não é da sua conta - respondeu ele, irritado.

- Não quero que digam depois que não deixei bem claro que era urgente.

- Você não quer? Ora, não me importa o que você possa querer ou deixar de querer. Saia agora.

Gwenda tinha de ir embora.

Voltou para a casa de Perkin. Chegou no momento em que os homens retornavam dos campos. Sam continuava quieto e feliz em seu berço. Annet sentava no mesmo lugar, o vestido abaixado para mostrar as equimoses nos braços. Peg indagou, em tom de acusação:

- Onde você estava?

Gwenda não respondeu. A atenção de Peg foi desviada pela chegada de Perkin, que perguntou assim que entrou em casa:

- Mas o que é isso? O que aconteceu com Annet?

- Ela teve o infortúnio de se encontrar com Ralph e Alan quando estava sozinha na floresta - respondeu Peg.

O rosto de Perkin se contraiu em fúria.

- Por que ela estava sozinha?

- A culpa é minha - murmurou Peg, começando a chorar. - Ela estava preguiçosa demais na lavagem da roupa, como sempre, e mandei que ficasse e terminasse o serviço quando as outras voltaram para casa. Foi quando aqueles animais apareceram.

- Vimos quando eles passaram a cavalo há pouco, através de Brookfied disse Perkin. - Deviam ter acabado de partir.

Ele fez uma pausa. Parecia assustado.

- Isso é muito perigoso... o tipo de coisa que pode arruinar uma família.

- Mas nós não fizemos nada de errado! - protestou Peg.

- A culpa de Ralph fará com que ele nos odeie por nossa inocência.

O que provavelmente era verdade, compreendeu Gwenda. Perkin era astuto, por trás de seu comportamento subserviente.

O marido de Annet, Billy Howard, entrou na casa, limpando as mãos enlameadas na camisa. O irmão, Rob, veio logo atrás. Billy olhou para as equimoses da esposa e perguntou:

- O que aconteceu com você?

Peg respondeu por ela:

- Foram Ralph e Alan.

Billy tornou a olhar para Annet, aturdido.

- O que eles fizeram com você? Annet baixou os olhos e não disse nada.

- Matarei os dois - disse Billy, furioso.

Mas era evidente que não passava de uma ameaça vã: Billy era um homem delicado, franzino, e nunca se envolvera em qualquer briga, nem mesmo quando estava embriagado.

Wulfric foi o último a entrar. Tarde demais, Gwenda compreendeu como Annet parecia atraente naquele momento. Tinha pescoço comprido e ombros lindos, com o alto dos seios à mostra. Wulfric contemplou-a com uma admiração indisfarçada... nunca fora capaz de esconder seus sentimentos. Depois de um momento, ele notou os machucados, e franziu o rosto.

- Eles a estupraram? - perguntou Billy.

Gwenda observava Wulfric. Ao absorver o significado da cena, sua expressão registrou choque e consternação, a pele clara ficou vermelha de emoção.

- Estupraram, mulher? - insistiu Billy.

Gwenda sentiu um ímpeto de compaixão pela desagradável Annet. Por que todos achavam que tinham o direito de fazer perguntas angustiantes?

Annet finalmente respondeu à pergunta de Billy com um aceno de cabeça silencioso. O rosto de Wulfric estava dominado por uma raiva sinistra.

- Quem? - resmungou ele.

- Isso não é da sua conta, Wulfric - declarou Billy. - Vá para sua casa. Perkin murmurou, trêmulo:

- Não quero problemas. Não devemos deixar que isso nos destrua. Billy olhou furioso para o sogro.

- O que está querendo dizer? Que não devemos fazer nada?

- Se fizermos de lorde Ralph um inimigo, poderemos sofrer pelo resto de nossas vidas.

- Mas ele estuprou Annet!

- Ralph fez isso? - indagou Wulfric, incrédulo.

- Deus o punirá - declarou Perkin.

- E eu também, por Cristo! - exclamou Wulfric.

- Por favor, Wulfric, não! - suplicou Gwenda.

Ele encaminhou-se para a porta.

Gwenda foi atrás, frenética de medo. Segurou-o pelo braço. Só uns poucos minutos haviam se passado desde que ela transmitira a falsa mensagem a Ralph. Mesmo que ele acreditasse, Gwenda não sabia até que ponto levaria a sério a recomendação de urgência. Havia uma boa possibilidade de que Ralph ainda não tivesse deixado a aldeia.

- Não vá até o solar - suplicou ela. - Por favor. Wulfric desvencilhou-se, bruscamente.

- Fique longe de mim!

- Olhe para seu filho! - gritou ela, apontando para Sammy no berço. - Vai deixá-lo sem um pai?

Wulfric saiu.

Gwenda seguiu-o, e os outros homens foram atrás. Wulfric atravessou a aldeia, como o anjo da morte, os punhos cerrados nos lados do corpo, o

olhar fixo à frente, o rosto contraído num ricto de fúria. Outros aldeões, a caminho de casa para o almoço, falaram com ele, mas não obtiveram resposta. Alguns decidiram acompanhá-lo. Nos poucos minutos necessários para chegar ao solar, Wulfric atraiu uma pequena multidão. Nathan Reeve saiu de sua casa e perguntou a Gwenda o que estava acontecendo, mas ela só foi capaz de dizer:

- Alguém precisa detê-lo, por favor!

Era inútil: ninguém ali seria capaz de deter Wulfric, mesmo que ousasse tentar. Ele abriu a porta do solar e entrou. Gwenda estava logo atrás, seguida pela multidão. A criada, Vira, protestou indignada:

- Você deveria bater!

- Onde está seu senhor? - perguntou Wulfric. Vira viu a expressão de Wulfric e ficou assustada.

- Ele foi ao estábulo. Está prestes a partir para Earlscastle.

Wulfric passou por ela e atravessou a cozinha. Quando ele e Gwenda passaram pela porta dos fundos, avistaram Ralph e Alan montando. Gwenda poderia ter gritado... os dois estavam bastante perto para ouvi-la!

Wulfric saltou para a frente. Com uma inspiração desesperada, Gwenda estendeu o pé e prendeu-o no tornozelo de Wulfric.

Ele caiu de cara na lama.

Ralph não os viu. Bateu com os calcanhares no cavalo, que saiu trotando do pátio. Alan viu, percebeu a situação no mesmo instante, decidiu evitar problemas, e seguiu Ralph. Ao deixarem o pátio, Alan pôs seu cavalo para galopar. O cavalo de Ralph, ansioso, resolveu acompanhar o galope.

Wulfric levantou-se de um pulo, praguejando, e saiu em perseguição. Gwenda também correu. Ele não poderia alcançar os cavalos, mas Gwenda ficou com medo de que Ralph olhasse para trás, e parasse o cavalo para descobrir o que estava acontecendo.

Mas os dois homens desfrutavam o vigor de cavalos descansados, e dispararam pela estrada que deixava a aldeia, sem olharem para trás. Desapareceram em poucos segundos.

Wulfric arriou de joelhos na lama.

Gwenda alcançou-o. Passou o braço em torno dele para ajudá-lo a se levantar. Wulfric empurrou-a para o lado, com tanta força que ela cambaleou e quase caiu. Ficou chocada: nunca ele fora tão rude com ela.

- Você me fez tropeçar - disse ele, enquanto se levantava sem qualquer ajuda.

- Salvei sua vida.

Wulfric fitou-a com ódio nos olhos.

- Nunca lhe perdoarei por isso.

Quando chegou a Earlscastle, Ralph foi informado de que Roland não mandara chamá-lo, muito menos com urgência. As gralhas nas ameias riram dele, desdenhosas. Alan aventou uma explicação:

- Tem a ver com Annet. No momento em que partíamos, vi Wulfric saindo pela porta dos fundos do solar. Não me importei com isso na ocasião, mas talvez ele quisesse confrontá-lo.

- Aposto que era isso mesmo. - Ralph levou a mão para a adaga no cinto. Você deveria ter me avisado... seria uma boa desculpa para enfiar a faca em sua barriga.

- E não resta a menor dúvida de que Gwenda sabia o que da acontecer. Por isso, inventou a desculpa para afastá-lo de seu marido assassino.

- É isso mesmo - concordou Ralph. - Explicaria por que ninguém mais viu o tal mensageiro... ele nunca existiu. Uma vaca astuciosa.

Ela deveria ser punida, mas isso poderia ser difícil. Gwenda provavelmente diria que fizera o que achava melhor, e Ralph não poderia alegar que ela errara ao impedir que o marido atacasse o senhor de Wigleigh. Pior ainda: se o seu protesto fosse aberto, chamaria a atenção para o fato de que ela o enganara. Portanto, não poderia haver nenhuma punição formal... mas ele poderia encontrar uma maneira extraoficial de castigá-la.

Já que estava em Earlscastle, ele resolveu aproveitar a oportunidade para caçar com o conde e os homens de sua corte. Esqueceu Annet... até o final do segundo dia, quando Roland chamou-o para um encontro em sua sala particular. Somente o secretário do conde, padre Jerome, estava em sua companhia. Roland não convidou Ralph a sentar.

- O padre de Wigleigh está aqui - anunciou ele. Ralph ficou surpreso.

- O padre Gaspard? Em Earlscastle?

Roland não se deu o trabalho de responder a essas perguntas retóricas.

- Ele se queixa de que você estuprou uma mulher chamada Annet, esposa de Billy Howard, um de seus servos.

O coração de Ralph quase parou. Não imaginara que os camponeses tivessem coragem de se queixar ao conde. Era muito difícil para um servo acusar um senhor num tribunal. Mas eles podiam ser astuciosos, e alguém

em Wigleigh fora bastante hábil para persuadir o padre a apresentar a queixa. Ralph assumiu uma expressão de indiferença.

- Isso é uma bobagem. Deitei com a mulher, é verdade, mas porque ela estava disposta. - Ele lançou para Roland o chamado olhar de homem para homem.

- Mais do que disposta.

Uma expressão de aversão estampou-se no rosto de Roland, que se virou para o padre Jerome, com um olhar inquisitivo.

Jerome era instruído e ambicioso, um tipo que Ralph detestava. Exibia uma expressão presunçosa quando disse:

- A garota está aqui. Mulher, eu deveria dizer, embora tenha apenas dezenove anos. Tem os braços bastante machucados e o vestido manchado de sangue. Diz que o encontrou na floresta e que seu pajem se ajoelhou sobre os braços dela, para imobilizá-la. E um homem chamado Wulfric também veio, para informar que você foi visto se afastando a galope do local.

Ralph calculou que fora Wulfric quem persuadira o padre Gaspard a vir a Earlscastle.

- Não é verdade - declarou ele, tentando imprimir um tom de indignação à sua voz.

Jerome mostrou-se cético.

- Por que ela mentiria?

- Talvez alguém nos tenha visto e contou ao marido. Imagino que foi ele quem a deixou machucada. A mulher gritou que fora estuprada para que ele não continuasse a espancá-la. E depois manchou o vestido com sangue de galinha.

Roland suspirou.

- É um tanto exagerado, não é, Ralph?

Ralph não tinha certeza do que isso significava. O conde esperava que seus homens se comportassem como monges?

- Fui advertido de que você poderia se comportar dessa maneira - acrescentou Roland. - Minha nora sempre disse que você me traria problemas.

- Philippa?

- Lady Philippa para você.

Ralph compreendeu tudo de repente e disse, incrédulo:

- Foi por isso que não me promoveu logo depois que salvei sua vida... porque uma mulher era contra mim? Que tipo de exército terá se deixar que as mulheres escolham seus homens?

- Você tem razão, é claro, e foi por isso que fui contra o julgamento dela no final. O que as mulheres jamais compreendem é que um homem sem um pouco de fúria só serve para arar a terra. Não podemos levar os fracos para a batalha. Mas ela tinha razão quando advertiu que você me causaria problemas. Não queremos ser incomodados, em tempos de paz, por padres se queixando de que esposas de servos foram estupradas. Não faça isso de novo. Não me importo se você deita com as camponesas. Por falar nisso, também não me importo se deitar com homens. Mas se quiser deitar com a esposa de um homem, disposta ou não, deve estar preparado para compensar o marido de alguma maneira. A maioria dos camponeses pode ser comprada. Apenas não deixe que isso vire um problema meu.

- Certo, milorde.

- O que devo fazer com Gaspard? - perguntou Jerome.

- Deixe-me ver... - Roland pensou por um momento. - Wigleigh fica na beira do meu território, não muito longe das terras do meu filho William, não é mesmo?

- É, sim - respondeu Ralph.

- A que distância você estava da fronteira quando encontrou a tal garota?

- Cerca de um quilômetro e meio. Foi nos arredores de Wigleigh.

- Não importa. - O conde virou-se para Jerome. - Todos saberão que é apenas uma desculpa, mas diga ao padre Gaspard que o incidente ocorreu no território de lorde William, e por isso não posso fazer um julgamento.

- Está bem, milorde.

- E se eles forem falar com William? - perguntou Ralph.

- Duvido muito que isso aconteça. Mas, se eles insistirem, você deve chegar a um acordo com William. Os camponeses acabarão se cansando de protestar.

Ralph acenou com a cabeça, aliviado. Por um momento, sentira o medo de ter cometido um terrível erro de julgamento, e que no final das contas poderia ter de pagar o preço por estuprar Annet. Mas acabara escapando impune, como esperava.

- Obrigado, milorde.

Ele se perguntou o que seu irmão diria. O pensamento encheu-o de vergonha. Mas talvez Merthin nunca descobrisse.

- Devemos nos queixar a lorde William - disse Wulfric, quando voltaram a Wigleigh.

Toda a aldeia estava reunida na igreja, para discutir o problema. O padre Gaspard e Nathan Reeve estavam ali, mas Wulfric parecia ser o líder, apesar de sua juventude. Fora para a frente da igreja, deixando Gwenda e o bebê Sammy no meio da multidão.

Gwenda rezava para que decidissem abandonar o caso. Não era porque quisesse que Ralph permanecesse impune... ao contrário, gostaria de vê-lo fervido vivo. Ela própria matara dois homens por apenas ameaçá-la de estupro, algo de que se lembrou algumas vezes durante a discussão, sempre com um sobressalto. Mas não queria que Wulfric assumisse um papel de destaque. Era em parte porque ele era impulsionado pela chama que não se extinguiu de seu sentimento por Annet, o que magoava e entristecia Gwenda. Ainda mais importante, porém, era o fato de que temia por ele. A hostilidade entre o marido e Ralph já custara a herança de Wulfric. Que outra vingança Ralph poderia desfechar?

- Sou o pai da vítima, e não quero mais criar problemas por isso - declarou Perkin. - É muito perigoso se queixar das ações de um senhor. Ele sempre encontra uma maneira de punir os queixosos, quer estejam certos ou errados. Vamos abandonar o caso.

- É tarde demais para isso - argumentou Wulfric. - Já nos queixamos, ou pelo menos nosso padre se queixou. Nada temos a ganhar se recuarmos agora.

- Fomos muito longe - insistiu Perkin. - Ralph ficou embaraçado na presença de seu conde. Sabe agora que não pode fazer o que bem quiser aqui.

- Ao contrário - disse Wulfric - Ele acha que escapou impune. Receio que fará de novo. Nenhuma mulher da aldeia estará segura.

A própria Gwenda já apresentara a Wulfric todos os argumentos que Perkin agora expunha. Wulfric não respondera. Mal falava com ela desde que o fizera tropeçar junto da porta dos fundos do solar. A princípio, Gwenda dissera a si mesma que ele apenas estava de mau humor porque se sentia um tolo. Esperava que ele tivesse esquecido o ressentimento ao voltar de Earlscastle. Mas se enganara. Wulfric não a tocava mais, na cama ou fora dela, havia uma semana; quase nunca a fitava nos olhos; e lhe falava apenas em monossílabos e grunhidos. O que começava a deixá-la deprimida.

- Você nunca vencerá Ralph - interveio Nathan Reeve. - Os servos sempre perdem para os senhores.

- Não tenho tanta certeza assim - respondeu Wulfric. - Todos têm inimigos. Talvez não sejamos as únicas pessoas que gostariam de ver Ralph contido. Talvez não seja possível obter sua condenação num tribunal... mas devemos lhe infligir o máximo de problemas e embaraço, se quisermos que ele hesite antes de fazer a mesma coisa de novo.

Alguns aldeões acenaram com a cabeça em concordância, mas nenhum se manifestou em apoio a Wulfric. Gwenda começou a acalentar a esperança de que ele perderia a discussão. Seu marido, no entanto, era acima de tudo determinado. Virou-se agora para o padre.

- O que acha, padre Gaspard?

Gaspard era jovem, pobre e muito sério. Não tinha medo da nobreza. Não era ambicioso - não queria se tornar um bispo e se juntar à classe dominante - e por isso não sentia necessidade de agradar a aristocracia.

- Annet foi violada com toda crueldade, a paz de nossa aldeia foi criminosamente destruída, e lorde Ralph cometeu um pecado infame, que deve confessar e do qual deve se arrepender. Pelo bem da vítima, mas também por nosso autorrespeito, e para salvar lorde Ralph das chamas do inferno, devemos procurar lorde William.

Soaram murmúrios de concordância.

Wulfric olhou para Billy Howard e Annet, sentados lado a lado. Em última análise, pensou Gwenda, as pessoas provavelmente fariam o que Annet e Billy quisessem.

- Não queremos problemas - disse Billy. - Mas devemos terminar o que começamos, pelo bem de todas as mulheres da aldeia.

Annet não levantou os olhos do chão, mas balançou a cabeça em assentimento. Gwenda compreendeu, consternada, que Wulfric prevalecera.

- Você conseguiu o que queria - comentou ela, ao deixarem a igreja. Wulfric limitou-se a responder com um grunhido. Gwenda insistiu:

- Suponho que agora continuará a arriscar sua vida pela esposa de Billy Howard, enquanto se recusa a falar com sua própria esposa.

Ele não disse nada. Sammy sentiu a hostilidade e começou a chorar.

Gwenda estava desesperada. Movera céus e terras para conquistar o homem que amava, casara com ele e tivera um filho, e agora era tratada como uma inimiga. O pai nunca se comportara daquela maneira com sua

mãe... não que o comportamento de Joby fosse um exemplo para qualquer um. Mas ela não tinha a menor idéia de como lidar com Wulfric Tentara usar Sammy, segurando-o em um dos braços enquanto tocava o marido com a outra mão, numa tentativa de recuperar sua afeição por se associar com o menino que ele tanto amava; mas Wulfric apenas se afastara, rejeitando ambos. Até tentara o sexo, pressionando os seios contra suas costas à noite, passando a mão por sua barriga, segurando o pênis, mas de nada adiantara... como ela poderia adivinhar, ao recordar a resistência dele no verão passado, antes do casamento de Annet com Billy. Agora, com frustração, Gwenda gritou:

- O que há de errado com você? Tentei salvar sua vida!
- Não deveria ter feito aquilo.
- Se eu deixasse que matasse Ralph, você seria enforcado!
- Não tinha o direito.
- Que importa se eu tinha o direito ou não?
- Essa é a filosofia de seu pai, não é mesmo? Gwenda ficou surpresa.
- Como assim?
- Seu pai acredita que não importa se ele tem ou não o direito de fazer alguma coisa. Se é para melhor, ele faz. Como vendê-la para alimentar a família.
- Eles me venderam para ser estuprada. Eu fiz com que tropeçasse para salvado da forca. É completamente diferente.
- Enquanto continuar a dizer isso para si mesma, nunca poderá compreendendo, nem a mim.

Gwenda concluiu que não conseguiria recuperar sua afeição ao tentar provar que ele estava errado.

- Eu... não compreendo.
- Você me tirou o poder de tomar minhas próprias decisões. Tratou-me como seu pai a tratava, como uma coisa a ser controlada, não como uma pessoa. Não importa se estou certo ou errado. O que importa é que cabe a mim decidir, não a você. Mas não pode perceber isso, assim como seu pai também não percebeu o que tirou de você quando a vendeu.

Gwenda ainda achava que as duas coisas eram completamente diferentes, mas não insistiu no argumento, porque começava a entender o que o deixara tão furioso. Wulfric era zeloso de sua independência... algo que ela podia entender, porque sentia a mesma coisa. E privara-o disso. Ela murmurou, hesitante:

- Eu... acho que entendo.
- Entende mesmo?
- De qualquer forma, tentarei nunca mais fazer isso.
- Ótimo.

Ela só meio acreditava que errara, mas sentia-se tão ansiosa em encerrar a guerra entre os dois que disse:

- Desculpe.
- Está bem.

Wulfric não estava falando muita coisa, mas ela sentiu que ele podia estar abrandando.

- Sabe que não quero que se queixe a lorde William sobre Ralph... mas se está mesmo determinado, não tentarei impedi-lo.
- Fico contente.
- Na verdade, posso até ajudá-lo.
- É mesmo? Como?

36

A residência de lorde William e lady Philippa, em Casterham, fora outrora um castelo. Ainda havia uma torre de pedra redonda, com ameias, embora estivesse em ruínas e fosse usada agora como um estábulo. A muralha em torno do pátio estava intacta, mas o poço secara, e o terreno na encosta remanescente era usado para o cultivo de legumes e árvores frutíferas. Onde antes havia uma ponte levadiça, uma simples rampa levava agora à casa da guarda.

Gwenda, com Sammy no colo, passou sob a arcada da casa da guarda, junto com o padre Gaspard, Billy Howard, Annet e Wulfric. Um jovem homem de armas sentava descontraído num banco, mas viu o hábito do padre e não os deteve. O clima relaxado encorajou Gwenda. Esperava ter uma audiência particular com lady Philippa.

Entraram na casa pela porta principal e se descobriram num grande salão tradicional, com janelas como as de uma igreja. Parecia ocupar a metade do espaço total da casa. O resto, podia-se presumir, seria de aposentos pessoais, à maneira moderna, que enfatizava a privacidade da família nobre, em detrimento das defesas militares.

Um homem de meia-idade, usando um gibão de couro, sentava a uma mesa, contando entalhes numa talha. Levantou os olhos para fitá-los, concluiu a contagem, e escreveu uma anotação numa lousa, antes de dizer:

- Bom-dia, estranhos.

- Bom-dia, mestre bailiff- disse Gaspard, deduzindo a ocupação do homem.

- Viemos falar com lorde William.

- Ele deve voltar até a hora do almoço - informou o bailiff polido. - Posso perguntar sobre o que desejam falar com ele?

Gaspard começou a explicar, e Gwenda se esgueirou para os fundos da casa.

Deu a volta para a entrada dos criados. Havia ali uma extensão de madeira, que ela calculou ser a cozinha. Uma criada sentava num banco ao lado da porta da cozinha, com um saco de repolhos, tirando a lama numa enorme bacia com água. Era jovem e olhou com uma expressão afetuosa para o bebê.

- Que idade ele tem?

- Quatro meses, quase cinco. Seu nome é Samuel. Nós o chamamos de Sammy ou Sam.

O bebê sorriu e a jovem murmurou:

- Que lindo... Gwenda disse:

- Sou uma mulher comum, como você, mas preciso falar com lady Philippa. A jovem franziu o rosto, aflita.

- Sou apenas a criada da cozinha.

- Mas deve vê-la de vez em quando. Poderia interceder por mim.

A criada olhou para trás, como se estivesse preocupada com a possibilidade de ser ouvida.

- Não gostaria de fazer isso. Gwenda compreendeu que poderia ser mais difícil do que previra.

- Não poderia apenas transmitir uma mensagem minha?

A criada sacudiu a cabeça em negativa. E foi nesse instante que uma voz indagou do interior da casa:

- Quem quer me enviar uma mensagem?

Gwenda ficou tensa, pensando que poderia ter se metido em alguma encrenca. Olhou para a porta da cozinha.

Um momento depois, lady Philippa apareceu.

Não chegava a ser uma linda mulher, mas era atraente. Tinha o nariz reto, queixo saliente, olhos verdes grandes e claros. Não estava sorrindo, até franzia um pouco as sobrancelhas, mas ainda assim havia alguma coisa cordial e compreensiva em seu rosto.

- Sou Gwenda de Wigleigh, milady.

- Wigleigh... - O rosto de Philippa ficou todo franzido. - E o que tem para me dizer?

- É sobre lorde Ralph.

- Era o que eu receava. Vamos entrar e aquecer o bebê junto do fogo da cozinha. Muitas damas da nobreza teriam se recusado a falar com alguém tão insignificante quanto Gwenda, mas ela calculara que Philippa tinha um enorme coração por trás do exterior um tanto intimidativo. Entrou na cozinha. Sammy começou a fazer caretas, e ela deu-lhe o seio.

- Pode sentar - disse Philippa.

E isso era ainda mais inesperado. Uma serva costumava ficar de pé ao falar com uma dama. Philippa estava sendo gentil por causa do bebê, concluiu Gwenda.

- Muito bem, pode começar a falar - disse Philippa. - O que Ralph fez?

- Talvez se lembre, milady, de uma briga na Feira do Velocino de Kingsbridge no ano passado.

- Claro que lembro. Ralph acariciou uma camponesa, e seu belo e jovem noivo quebrou o nariz dele. O garoto não deveria ter feito isso, é verdade, mas Ralph é um bruto grosseiro.

- E é mesmo. Na semana passada, ele encontrou na floresta a mesma garota, Annet. Seu pajem a imobilizou para Ralph estuprá-la.

- Deus nos guarde! - Philippa parecia consternada. - Ralph é um animal, um porco selvagem. Eu sabia que ele nunca deveria ser promovido a lorde. Bem que disse a meu sogro para não promover.

- Uma pena que o conde não tenha seguido seu conselho.

- E suponho que o noivo agora quer justiça.

Gwenda hesitou. Não tinha certeza do quanto deveria contar da complicada história. Mas sentiu que seria um erro omitir qualquer coisa.

- Annet casou, milady, mas com outro homem.

- E quem foi a moça afortunada que casou com um rapaz tão bonito?

- Wulfric acabou casando comigo.

- Meus parabéns.

- Embora Wulfric esteja aqui, junto com o marido de Annet, para ser testemunha.

Philippa fitou Gwenda atentamente. Parecia prestes a fazer um comentário, mas mudou de idéia.

- Por que vieram até aqui? Wigleigh não fica no território de meu marido.

- O incidente foi na floresta, e o conde diz que foi em terra de lorde William. Por isso, ele não pode julgar.

- É apenas uma desculpa. Roland julga qualquer coisa que quiser. Só não quer punir um homem que foi promovido há pouco tempo.

- Seja como for, o padre de nossa aldeia está aqui para relatar o que aconteceu a lorde William.

- E o que quer que eu faça?

- É uma mulher e pode compreender. Sabe como os homens inventam desculpas para o estupro. Dizem que a mulher devia estar flertando, ou fazendo alguma provocação.

- Tem razão.

- Se Ralph escapar impune, pode fazer de novo... talvez comigo.

- Ou comigo - disse Philippa. - Devia ver a maneira como olha para mim... como se fosse um cachorro olhando para um ganso no lago.

Isso era animador.

- Talvez possa fazer com que lorde William compreenda como é importante que Ralph não escape impune.

- Acho que posso.

Sammy parara de mamar e adormecera. Gwenda levantou-se.

- Obrigada, milady.

- Fico contente por você ter me procurado.

Lorde William chamou-os para uma reunião na manhã seguinte. O encontro foi no grande salão. Gwenda ficou satisfeita ao ver lady Philippa sentada ao lado do marido. Ela ofereceu um olhar cordial para Gwenda, que torceu para que isso significasse que já conversara com o marido.

William era alto e tinha cabelos pretos, como seu pai, o conde, mas estava começando a ficar careca. O domo por cima da barba e sobrancelhas escuras sugeria um tipo mais ponderado de autoridade, o que combinava com sua reputação. Examinou o vestido manchado de sangue e as equimoses de Annet, roxas agora, em vez do vermelho intenso original.

Mesmo assim, provocaram uma expressão de fúria no rosto de lady Philippa. Gwenda adivinhou que não era tanto pela severidade das lesões, mas pela imagem sinistra que projetavam, de um pajem musculoso ajoelhado sobre os braços de uma jovem, a fim de imobilizá-la, enquanto outro homem a estuprava.

- Você fez tudo corretamente até agora - declarou lorde William para Annet.

- Seguiu imediatamente para a aldeia mais próxima, mostrou os ferimentos aos homens de reputação aqui presentes, e deu o nome do atacante. Agora, tem de apresentar uma imputação a um juiz de paz no tribunal do condado de Shiring.

Ela se mostrou ansiosa.

- O que isso significa?

- É uma acusação, escrita em latim.

- Não sei escrever em inglês, milorde, muito menos em latim.

- O padre Gaspard pode fazer isso por você. O juiz encaminhará a imputação a um júri de indiciamento. Você terá de contar aos jurados o que aconteceu. Pode fazer isso? Eles talvez perguntem sobre alguns detalhes embaraçosos.

Annet acenou com a cabeça, determinada.

- Se acreditarem em você, os jurados mandarão o xerife convocar lorde Ralph ao tribunal, um mês depois, para ser julgado. Neste caso, você vai precisar de dois fiadores, pessoas que depositem uma quantia em dinheiro para garantir sua presença no tribunal.

- Mas quem seriam meus fiadores?

- Padre Gaspard pode ser um deles, e eu serei o outro. Entrarei com o dinheiro.

- Obrigada, milorde.

- Agradeça à minha esposa, que me persuadiu a não permitir que a paz do rei seja violada em meu território por um ato de estupro.

Annet lançou um olhar agradecido para Philippa.

Gwenda olhou para Wulfric. Relatara ao mando sua conversa com a esposa de lorde William. Agora, ele fitou-a nos olhos e fez um aceno de cabeça quase imperceptível, em agradecimento. Sabia que fora ela quem conseguira aquilo. Lorde William continuou:

- No julgamento, terá de contar a história de novo. Seus amigos terão de se apresentar como testemunhas. Gwenda dirá que a viu sair da floresta com o vestido ensanguentado. Padre Gaspard dirá que você lhe contou o que aconteceu. Wulfric dirá que viu Ralph e Alan se afastando a galope do local.

Todos acenaram com a cabeça, solenes.

- Só mais uma coisa. Depois que se começa uma coisa assim, não se pode mais parar. Retirar uma acusação é um crime e você seria punida com a maior severidade... para não falar da vingança de Ralph.

- Não mudarei de idéia - garantiu Annet. - Mas o que vai acontecer com Ralph? Como ele será punido?

- Só há uma penalidade para o estupro - respondeu lorde William. - Ele será enforcado.

Todos dormiram no grande salão do castelo, com os servos, pajens e cavalos de William, envoltos por seus mantos e estendidos em esteiras de juncos no chão. A medida que diminuía a claridade das brasas na imensa lareira, Gwenda procurou hesitante pelo marido. Pôs a mão em seu braço, esfregou a lâ de seu manto. Não faziam amor desde o estupro, e ela sentia-se insegura, sem saber se Wulfric a queria ou não. Enfurecera-o demais ao

estender o pé para fazê-lo tropeçar. Agora, ele achava que sua intervenção junto a lady Philippa compensara isso?

Wulfric reagiu de imediato à sua iniciativa, puxando-a e beijando-a nos lábios. Ela relaxou agradecida em seus braços. Acariciaram um ao outro durante algum tempo. Gwenda sentia-se tão feliz que teve vontade de chorar.

Esperou que Wulfric rolasse para cima dela, mas isso não aconteceu. Podia dizer que ele queria, pois estava sendo muito afetuoso, e tinha o pênis duro em sua mão; mas talvez ele hesitasse porque havia muitas pessoas ao redor. As pessoas faziam sexo em salões como aquele, é claro; era normal e ninguém se importava. Mas talvez Wulfric se sentisse inibido.

Gwenda, no entanto, estava determinada a sacramentar o restabelecimento do amor. Depois de algum tempo, subiu em cima dele, puxando o manto para cobri-los. Ao começarem a mexer juntos, ela percebeu que um adolescente os observava, de olhos arregalados, a poucos metros de distância. Os adultos olhavam polidamente para o outro lado, é claro, mas aquele garoto alcançara uma idade em que o sexo é um mistério cativante, e era óbvio que não conseguiria desviar os olhos. Gwenda sentia-se tão feliz que mal se importou. Olhou para o garoto e sorriu, sem parar de se mexer. Ele ficou boquiaberto, em choque, dominado por um embaraço angustiante. Mortificado, deitou de costas e cobriu os olhos com o braço.

Gwenda puxou o manto por cima de sua cabeça e da cabeça de Wulfric, comprimiu o rosto contra o pescoço dele, e se entregou ao prazer.

Caris sentia-se confiante na segunda vez em que compareceu ao tribunal real. O vasto interior de Westminster Hall não mais a intimidava, nem a massa de pessoas ricas e poderosas que se agrupavam em torno dos juízes. Já passara por aquilo antes, conhecia os trâmites; tudo o que parecera estranho um ano atrás era agora familiar. Até usava um vestido à moda de Londres, verde no lado direito e azul no esquerdo. Gostava de estudar as pessoas ao seu redor, de interpretá-las através de suas expressões: presunçosas ou desesperadas, atordoadas ou insidiosas. Podia reconhecer as pessoas que eram novas na capital por seus olhos arregalados e suas atitudes de incerteza, o que lhe proporcionava um sentimento agradável de percepção e superioridade.

Se ela sentia quaisquer apreensões, era por causa de seu advogado, Francis Bookman. Ele era jovem e bem informado, além de parecer muito seguro... o que acontecia com a maioria dos advogados, pensou Caris.

Um homem pequeno, com cabelos louro avermelhados, de movimentos rápidos e sempre preparado para uma discussão, ele a fazia pensar num passarinho insolente no peitoril de uma janela, bicando as migalhas e afugentando agressivamente os rivais. Garantira que o caso deles era incontestável.

Godwyn contratara Gregory Longfellow, como era de se esperar. Gregory vencera o processo contra o conde Roland, e Godwyn não podia deixar de lhe pedir que representasse o priorado de novo. Ele já demonstrara sua competência, enquanto Bookman era uma incógnita. Mas Caris contava com um trunfo especial, uma coisa que seria um choque para Godwyn quando fosse apresentada.

Godwyn não tinha a menor noção de que traíra Caris, seu pai e toda a cidade de Kingsbridge. Sempre se apresentara como um reformador, impaciente com as posições reacionárias do prior Anthony, interessado nas necessidades da cidade, ansioso pela prosperidade tanto dos monges quanto dos mercadores. Mas um ano depois de se tornar prior, ele mudara para o lado oposto, e se tornara um tradicionalista ainda maior do que Anthony. E parecia não ter a menor vergonha. Caris sentia uma raiva intensa cada vez que pensava a respeito.

Ele não tinha o direito de obrigar os habitantes da cidade a usarem o moinho de fulling. Suas outras imposições - a proibição de moinhos manuais para os grãos, as multas por viveiros de peixes e coelhos particulares - eram corretas em termos técnicos, embora de um rigor absurdo. Mas o moinho de fulling devia ser gratuito, e Godwyn sabia disso. Caris especulava se ele acreditava mesmo que qualquer fraude era perdoável, desde que fosse efetuada em nome da obra de Deus. Os homens de Deus não deveriam ser mais escrupulosos em questões de honestidade do que os leigos, não menos?

Ela apresentou o argumento, enquanto esperavam no tribunal pelo início do julgamento. Edmund disse:

- Nunca confio em ninguém que proclama sua moralidade do púlpito. O homem que apregoa seus elevados princípios sempre pode encontrar um pretexto para violar suas próprias regras. Prefiro fazer negócios com um pecador comum, que provavelmente acha que é uma vantagem sua, a longo prazo, dizer a verdade e cumprir suas promessas. Não é provável que ele mude de idéia a respeito.

Em momentos como aquele, quando o pai se mostrava como era antigamente, é que Caris mais compreendia o quanto ele mudara. Hoje em dia Edmund já não era mais tão sagaz, com a mente tão ágil. Era mais comum que estivesse distraído e esquecido. Caris desconfiava de que o declínio começara meses antes de ela ter sequer notado, e provavelmente explicava seu fracasso desastroso em prever o colapso do mercado de lã.

Depois de vários dias de espera, eles foram chamados para comparecer à presença de Sir Wilbert Wheatfield, o juiz de rosto rosado e dentes podres que decidira a favor do priorado, contra o conde Roland, um ano antes. A confiança de Caris começou a se desvanecer no momento em que o juiz sentou à sua bancada, junto da parede leste. Era assustador que um mero mortal tivesse tanto poder. Se ele tomasse a decisão errada, o novo empreendimento de fabricação de tecidos de Caris seria sufocado, o pai ficaria arruinado, e ninguém teria condições de pagar a nova ponte.

Mas depois, quando seu advogado começou a falar, ela passou a se sentir melhor. Francis iniciou por um relato sobre o moinho de fulling, dizendo como fora inventado pelo lendário Jack Builder, que construía o primeiro, e como o prior Philip dera-o aos habitantes da cidade, para que pudessem usá-lo sem pagar nada.

Em seguida, o advogado de Caris tratou dos argumentos contrários de Godwyn, refutando o prior antes mesmo de seu ataque.

- É verdade que o moinho está em péssimas condições, é lento e propenso a quebrar com frequência - disse ele. - Mas como o prior pode argumentar que as pessoas perderam o direito de usá-lo? O moinho é propriedade do priorado, e cabe ao priorado cuidar de sua manutenção. O fato de não ter cumprido seu dever não faz diferença. O povo não tem o direito de reparar o moinho, e também não tem a obrigação de fazê-lo. A doação do prior Philip não foi condicional.

A esta altura, Francis apresentou sua arma secreta.

- Caso o prior tente alegar que a doação foi condicional, convido o tribunal a ler esta cópia do testamento do prior Philip.

Godwyn ficou atônito. Tentara insistir que o testamento se perdera. Mas Thomas Langley concordara em procurá-lo, como um favor para Merthin, e o tirara às escondidas da biblioteca por um dia, o tempo suficiente para Edmund copiá-lo.

Caris não pôde deixar de exultar com a expressão de choque e indignação no rosto de Godwyn ao descobrir que sua fraude fora frustrada. Ele adiantou-se e indagou, furioso:

- Como isso foi obtido?

A questão era reveladora. Ele não perguntou "Onde foi encontrado?", o que seria a indagação lógica se o documento estivesse realmente perdido.

Gregory Longfellow parecia irritado e acenou para que ele se calasse. Godwyn fechou a boca e recuou, compreendendo que revelara sua manobra... mas já era tarde demais, pensou Caris. O juiz deve ter percebido que a única razão para Godwyn estar furioso era o fato de saber que o documento favorecia os habitantes da cidade, e por isso tentara suprimi-lo.

Francis concluiu rapidamente depois disso... uma boa decisão, pensou Caris, pois assim a duplicidade de Godwyn estaria recente na mente do juiz, enquanto seu advogado apresentasse a argumentação da defesa.

Mas a alegação de Gregory pegou a todos de surpresa. Ele adiantou-se e disse:

- Senhor, Kingsbridge não é um burgo com carta regia.

Ele parou por aí, como se isso fosse tudo o que precisava dizer. Era verdade, de um ponto de vista técnico. A maioria das cidades tinha uma carta regia que concedia o direito de comerciar e realizar mercados sem

obrigações com o conde ou barão local. Seus cidadãos eram homens livres, só devendo fidelidade ao rei. Mas umas poucas cidades, como Kingsbridge, permaneciam como propriedade de um suserano, em geral um bispo ou um prior: St. Albans e Bury St. Edmunds eram exemplos. A posição dessas cidades era menos clara.

- Isso faz uma diferença - declarou o juiz. - Somente homens livres podem apelar para o tribunal real. O que tem a dizer sobre isso, Francis Bookman? Seus clientes são servos?

Francis virou-se para Edmund. Em voz baixa e urgente, ele perguntou:

- Os habitantes da cidade já apelaram ao tribunal real antes?

- Não. O prior apelou...

- Mas não a guilda da paróquia? Mesmo antes de seu tempo?

- Não há registro...

- Portanto, não podemos alegar um precedente. Droga!

Francis tornou a se virar para o juiz, a expressão passando de preocupada a confiante num relance, e ele falou como se fosse condescendente com alguma coisa trivial:

- Senhor, os habitantes da cidade são livres. Desfrutam as condições de um burgo.

Gregory apressou-se em dizer:

- Não há um padrão universal das condições de burgo. Significa coisas diferentes em lugares diferentes.

- Há uma declaração de costumes escrita? - perguntou o juiz. Francis olhou para Edmund, que sacudiu a cabeça em negativa.

- Nenhum prior jamais concordaria que essas coisas fossem escritas - murmurou ele.

Francis tornou a se virar para o juiz.

- Não há declaração escrita, senhor, mas é evidente...

- Então este tribunal deve decidir se vocês são ou não homens livres - declarou o juiz.

Edmund dirigiu-se diretamente ao juiz:

- Senhor, os cidadãos têm o direito de comprar e vender suas casas.

Era um direito importante, não concedido aos servos, que precisavam da permissão de seus senhores.

- Mas continuam a ter obrigações feudais - insistiu Gregory. - Devem usar os moinhos e viveiros de peixes do prior.

Sir Wilbert interveio:

- Esqueça os viveiros de peixes. O fator básico é o relacionamento dos cidadãos com a justiça real. A cidade admite livremente o xerife do rei?

Foi Gregory quem respondeu:

- Não. Ele deve pedir permissão para entrar na cidade.

- É uma decisão do prior, não nossa! - protestou Edmund, indignado.

- Vamos continuar - disse Sir Wilbert. - Os cidadãos servem em júris reais, ou alegam isenção?

Edmund hesitou. Godwyn exultou. Servir em júris reais era uma tarefa que exigia muito tempo e que todos evitavam, se pudessem. Depois de uma pausa, Edmund respondeu:

- Alegamos isenção.

- Neste caso, o problema está resolvido - declarou o juiz. - Se vocês recusam esse dever sob a alegação de que são servos, não podem apelar acima de seu senhor para a justiça real.

Gregory pediu, triunfante:

- A luz do que foi dito aqui, solicito que seja indeferida a ação dos habitantes da cidade.

- Assim está decidido - declarou o juiz. Francis ficou revoltado.

- Senhor, posso falar?

- Claro que não.

- Mas, senhor...

- Outra palavra e mandarei prendê-lo por desacato. Francis fechou a boca e franziu a testa.

- Próximo caso - disse Sir Wilbert. Outro advogado começou a falar. Caris estava atordoada.

- Deveriam ter me informado de que eram servos! - disse Francis a Edmund, em tom de protesto.

- Não somos.

- O juiz decidiu que são. Não posso ganhar um processo se as informações são apenas parciais.

Caris decidiu não discutir com ele. Era o tipo de jovem que não podia admitir um erro.

Godwyn sentia-se tão satisfeito consigo mesmo que dava a impressão de que poderia estourar de tanto orgulho. Ao se retirar, não pôde resistir a uma farpa. Acenou um dedo para Edmund e Caris, e declarou, solene:

- Espero que, no futuro, compreendam a sabedoria de se submeter à vontade de Deus.

- Não me amole! - exclamou Caris, virando-lhe as costas. Uma pausa e ela comentou com o pai:

- Isso nos deixa completamente impotentes. Provamos que tínhamos o direito de usar o moinho de fulling de graça, mas ainda assim Godwyn pode nos negar esse direito.

- É o que parece - murmurou Edmund. Caris virou-se para Francis, ainda furiosa.

- Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

- Podem converter Kingsbridge num burgo, com uma carta regia fixando seus direitos e liberdades. Neste caso, teriam acesso ao tribunal real.

Caris percebeu um vislumbre de esperança.

- O que temos de fazer para conseguir isso?

- Devem solicitar ao rei.

- E ele aceitaria?

- Se argumentarem que precisam disso para pagar seus impostos, tenho certeza de que o rei escutaria.

- Então devemos tentar.

- Godwyn ficará furioso - advertiu Edmund.

- Pois que fique - murmurou Caris, sombria.

- Não subestime o desafio - insistiu o pai. - Sabe como ele é implacável, até mesmo nas pequenas disputas. Uma coisa assim pode levar a uma guerra total.

- Pois que assim seja. Teremos uma guerra total.

- Oh, Ralph, como você foi capaz de fazer isso? - indagou a mãe.

Merthin estudava o rosto do irmão, à luz fraca na casa dos pais. Ralph parecia dividido entre a negativa pura e simples e a tentativa de se justificar. Ao final, ele murmurou:

- Ela me levou a isso.

Maud estava mais angustiada do que zangada.

- Mas ela é a esposa de outro homem, Ralph!

- A esposa de um camponês.

- Mesmo assim.

- Não se preocupe, mãe, que nunca condenarão um senhor pela palavra de uma serva.

Merthin não tinha tanta certeza. Ralph era um lorde de menor importância, e parecia ter atraído a hostilidade de William de Caster. Não havia como prever qual seria o resultado do julgamento. O pai interveio, rigoroso:

- Mesmo que não o condenem... e rezo por isso... pense um pouco na vergonha. Você é filho de um cavaleiro... como pôde esquecer isso?

Merthin estava horrorizado e perturbado, mas não surpreso. Aquela veia de violência sempre fora parte da natureza de Ralph. Na infância, ele sempre se mostrava ansioso por uma briga, e Merthin muitas vezes tivera de interferir para evitar uma confrontação física, com uma palavra conciliadora ou uma piada. Se qualquer outro que não seu irmão tivesse cometido aquele horrível estupro, Merthin torceria para que fosse enforcado.

Ralph olhava a todo instante para Merthin. Estava preocupado com a desaprovação do irmão... talvez mais do que com a reação da mãe. Ralph sempre se importara com a opinião do irmão mais velho a seu respeito. Merthin gostaria de que houvesse alguma maneira de manter Ralph acorrentado para impedi-lo de atacar as pessoas, agora que não estava mais por perto para livrá-lo dos problemas.

A discussão com seus pais transtornados continuaria por mais algum tempo, se não houvesse uma batida na porta da casa modesta. Caris entrou. Sorriu para Gerald e Maud. Seu rosto mudou quando viu Ralph. Merthin calculou que ela viera à sua procura. Levantou-se.

- Não sabia que já havia voltado de Londres.

- Acabei de chegar. Podemos conversar?

Merthin pôs um manto e saiu com ela para a claridade cinzenta de um dia frio de dezembro. Um ano se havia passado desde que terminara o caso de amor entre os dois. Merthin sabia que a gravidez acabara no hospital, e adivinhara que ela provocara o aborto deliberadamente. Duas vezes, nas semanas subsequentes, pedira-lhe que voltasse para ele, mas Caris recusara. Era desconcertante: Merthin sabia que Caris ainda o amava, mas mesmo assim ela se mantinha intransigente.

Perdera toda e qualquer esperança, e presumira que sua dor passaria com o tempo. Até agora, isso não acontecera. Seu coração ainda batia mais depressa quando a via, e sentia-se mais feliz ao conversar com ela do que a fazer qualquer outra coisa no mundo.

Seguiram para a rua principal e entraram na Bell. Ao final da tarde, a taverna estava sossegada. Pediram vinho quente temperado.

- Perdemos o caso - informou Caris. Merthin ficou chocado.
- Como é possível? Vocês tinham o testamento do prior Philip...
- Não fez a menor diferença.

O desapontamento de Caris era profundo e amargo, Merthin percebeu. Ela explicou:

- O esperto advogado de Godwyn argumentou que os habitantes de Kingsbridge são servos do prior, e os servos não têm o direito de apelar ao tribunal real. O juiz encerrou o processo.

Merthin ficou furioso.

- Mas isso é uma estupidez! Significa que o prior pode fazer qualquer coisa que quiser, independentemente de leis e cartulários...

- Sei disso.

Merthin compreendeu que Caris estava impaciente porque ele dizia coisas que ela já repetira muitas vezes para si mesma. Por isso, conteve sua indignação e tentou ser pragmático.

- O que pretende fazer?

- Solicitar uma carta regia de burgo. Isso livraria a cidade do controle do prior. Nosso advogado acha que temos boas possibilidades. Mas também não vamos esquecer que ele estava convencido de que venceríamos no caso do moinho de fuiling. Seja como for, o rei está desesperado por dinheiro, por causa da guerra com a França. Precisa de cidades prósperas para pagar seus impostos.

- Quanto tempo seria preciso para obter a carta regia? ;
- Essa é a má notícia... pelo menos um ano, talvez mais.
- E durante esse tempo você não pode fabricar os tecidos escarlates.
- Não com o velho moinho de fulling.
- Portanto, tempos de parar o trabalho na ponte.
- Não vejo outra saída.
- Droga!

Parecia um absurdo. Tinham ao seu alcance os meios para restaurar a prosperidade da cidade, mas a teimosia de um homem os impedia.

- Como todos nós julgamos Godwyn da maneira errada... - comentou Merthin.

- Não me lembre.
- Temos de escapar de seu controle.
- Sei disso.
- Mas tem de ser mais cedo do que um ano.

- Eu bem que gostaria que houvesse um meio.

Merthin vasculhou o pensamento. Ao mesmo tempo, estudava Caris. Ela usava um vestido novo de Londres, em cores diferentes, o que lhe proporcionava uma aparência alegre, embora estivesse solene e ansiosa. As cores, verde profundo e azul intermediário, pareciam fazer seus olhos cintilarem e tornar a pele mais brilhante. Isso acontecia com frequência. Absorto em conversa com ela sobre algum problema relacionado à ponte - quase nunca falavam de qualquer outra coisa Merthin refletia de repente como ela era adorável.

Mesmo enquanto pensava sobre isso, a parte de sua mente que solucionava problemas aventou uma proposta.

- Devemos construir nosso próprio moinho de fulling. Caris sacudiu a cabeça.

- Seria ilegal. Godwyn ordenaria que John Constable o destruísse.

- E se construíssemos fora da cidade?

- Na floresta? Também seria ilegal. Os couteiros do rei não permitiriam. Os couteiros tomavam conta das florestas reais.

- Neste caso, não na floresta. Em algum outro lugar.

- Em qualquer lugar, precisaríamos da permissão de algum lorde.

- Meu irmão é um lorde.

Uma expressão de aversão estampou-se no rosto de Caris à menção de Ralph, mas logo mudou quando ela pensou na sugestão.

- Construir um moinho de fulling em Wigleigh?

- Por que não?

- Há ali algum rio de correnteza rápida para girar a roda do moinho?

- Acho que sim... mas se não houver, poderemos usar um boi, como fizemos com a balsa no rio.

- Ralph concordaria?

- Claro. Ele é meu irmão. Se eu pedir, Ralph dirá sim.

- Godwyn ficará furioso.

- Ralph não se importa com Godwyn.

Merthin podia perceber que Caris estava satisfeita e excitada; mas quais eram os sentimentos dela em relação a ele? Caris estava contente por ter uma solução para o problema que enfrentavam e ansiosa em ser mais esperta do que Godwyn; além disso, porém, ele não podia sequer imaginar o que ela pensava.

- Vamos pensar em tudo antes de nos regozijarmos - disse ela. - Godwyn criará uma norma proibindo que o tecido saia de Kingsbridge para o processo de fulling. Há muitas cidades que possuem leis similares.

- Seria muito difícil para ele impor o cumprimento dessa lei sem a cooperação de uma guilda. E mesmo que ele consiga isso, você pode dar um jeito de se esquivar. A maior parte do tecido está sendo produzida nas aldeias, não é?

- É, sim.

- Basta não trazer para a cidade. Mande os tecelões direto para Wigleigh. Tinja ali, faça o fulling no novo moinho, e mande para Londres. Godwyn não terá qualquer jurisdição.

- Quanto tempo levaria para construir um moinho? Merthin pensou um pouco.

- O prédio de madeira pode ser erguido em dois dias. As engrenagens também serão de madeira, mas exigirão mais tempo, já que devem ser medidas com absoluta precisão. Eu poderia ter tudo pronto uma semana depois do Natal.

- Isso é maravilhoso. Vamos começar a providenciar.

Elizabeth rolou os dados e deslocou o último disco para a posição final no tabuleiro.

- Ganhei! - exclamou ela. - São três em três. Você tem de pagar. Merthin entregou um penny de prata. Só duas pessoas conseguiam vencê-lo no jogo de gamão: Elizabeth e Caris. Ele não se importava de perder. Sentia-se grato por uma adversária valiosa.

Ele recostou-se e tomou um gole do vinho de pera. Era uma tarde fria de sábado, em janeiro, e já estava escuro. A mãe de Elizabeth dormia numa cadeira perto do fogo, roncando baixinho, a boca entreaberta. Ela trabalhava na Bell, mas sempre ficava em casa quando Merthin visitava a filha. Ele preferia assim. Significava que nunca tinha de decidir se devia ou não beijar Elizabeth. Era uma questão que não queria confrontar. Teria gostado de beijá-la, é claro. Podia lembrar o contato de seus lábios frescos e a firmeza dos seios. Mas beijá-la seria admitir que seu romance com Caris acabara para sempre, e ele ainda não estava preparado para isso.

- Como está o novo moinho em Wigleigh? - perguntou Elizabeth.

- Pronto e funcionando - respondeu Merthin, orgulhoso. - Caris vem fazendo o fulling de seu tecido ali há uma semana.

Elizabeth elevou as sobrancelhas.

- Pessoalmente?
 - Não. Foi apenas uma maneira de falar. Mark Webber está operando o moinho, mas prepara alguns homens da aldeia para assumirem o comando.
 - Será bom para Mark se ele se tornar o segundo no comando de Caris. Ele tem sido pobre durante toda a sua vida... essa é uma grande oportunidade.
 - O novo empreendimento de Caris será bom para todos nós. Vai me permitir terminar a ponte.
 - Ela é muito inteligente - comentou Elizabeth, a voz calma. - Mas o que Godwyn disse?
 - Nada. Não tenho certeza se ele já sabe.
 - Mas ele vai descobrir.
 - Não creio que ele possa fazer qualquer coisa.
 - Godwyn é um homem orgulhoso. Nunca o perdoará por ter sido mais esperto do que ele.
 - Posso conviver com isso.
 - E como está a ponte?
 - Apesar de todos os problemas, o atraso no cronograma é de apenas duas semanas. Tive de gastar mais dinheiro para acelerar o trabalho, mas poderemos usar a ponte, com um leito de madeira provisório, na próxima Feira do Velocino.
 - Você e Caris salvaram a cidade.
 - Ainda não... mas vamos salvar.
- Houve uma batida na porta. A mãe de Elizabeth despertou, com um sobressalto.
- Quem poderia ser? - indagou ela. - Está escuro lá fora. Era um dos aprendizes de Edmund.
 - Mestre Merthin está sendo chamado para a reunião da guilda da paróquia.
 - Para quê? - indagou Merthin.
 - Mestre Edmund pediu para dizer que está sendo chamado para a reunião da guilda da paróquia.
- Era evidente que ele decorara a mensagem e não sabia de mais nada.
- Alguma coisa sobre a ponte, espero - comentou Merthin com Elizabeth. Estão preocupados com o custo.
- Ele pegou o manto, enquanto acrescentava:
- Obrigado pelo vinho... e pelo jogo.
 - Jogarei com você sempre que quiser.

Merthin foi andando ao lado do aprendiz para a casa da guilda, na rua principal. Era uma reunião de trabalho, não um banquete. Cerca de vinte das pessoas mais importantes de Kingsbridge sentavam a uma mesa de cavalete comprida, algumas tomando cerveja ou vinho, falando em voz baixa. Merthin sentiu tensão e raiva, e ficou apreensivo.

Edmund sentava à cabeceira da mesa. O prior Godwyn sentava ao seu lado. O prior não era um membro da guilda: sua presença sugeria que a suposição de Merthin era certa, e a reunião seria sobre a ponte. Mas Thomas, o matriculário, não estava presente, embora Philemon ali estivesse. O que era estranho.

Merthin tivera há pouco tempo uma pequena disputa com Godwyn. Seu contrato fora de um ano a dois pennies por dia, mais o arrendamento da ilha do Leproso. A renovação teria de ser feita agora, e Godwyn propusera continuar a pagar dois pennies por dia. Merthin insistira em quatro pennies. Ao final, Godwyn cedera. Teria se queixado disso à guilda? Edmund falou num tom brusco característico:

- Chamamos você aqui porque o prior Godwyn quer dispensá-lo da função de mestre construtor da ponte.

Merthin experimentou a sensação de que levava um soco na cara. Não esperava por isso.

- Mas como? - indagou ele. - Foi Godwyn quem me designou!

- E, portanto, também tenho o direito de dispensá-lo - declarou Godwyn. - Mas por quê?

- O trabalho está atrasado e acima do orçamento.

- Está atrasado porque o conde fechou a pedreira... e acima do orçamento porque tive de gastar mais dinheiro para recuperar o tempo perdido.

- Desculpas.

- Estou inventando a morte de um carroceiro?

- Morto por seu próprio irmão! - retrucou Godwyn.

- O que isso tem a ver com qualquer coisa?

Godwyn ignorou a indagação.

- Um homem que foi acusado de estupro!

- Não pode dispensar um mestre construtor por causa do comportamento de seu irmão.

- Quem é você para dizer o que posso fazer?

- Sou o construtor de sua ponte!

Foi nesse momento que ocorreu a Merthin que a maior parte de seu trabalho como mestre construtor já fora concluída. Projetara todas as partes mais complicadas e fizera moldes de madeira para orientar os pedreiros. Construíra as ensecadeiras, que ninguém mais sabia como fazer. E construíra os guindastes e guinchos flutuantes de que precisava para levar as pesadas pedras para o meio da correnteza. Qualquer outro construtor poderia agora concluir a ponte, compreendeu ele, consternado.

- Não há garantia de renovação de seu contrato - disse Godwyn.

Era verdade. Merthin correu os olhos pela sala, em busca de apoio. Ninguém fitou-o nos olhos. E ele concluiu que já haviam discutido o assunto com Godwyn. O desespero dominou-o. Por que aquilo estava acontecendo? Não era porque a construção da ponte atrasara e tinha o custo acima do orçamento... o atraso não era culpa de Merthin, e de qualquer forma ele vinha recuperando o tempo perdido. Qual era a verdadeira razão? Assim que formulou a pergunta, a resposta aflorou a sua mente.

- Tudo isso é por causa do moinho de fulling em Wigleigh! Godwyn disse, afetado:

- As duas coisas não estão necessariamente ligadas. Edmund disse, em voz baixa mas distinta:

- Monge mentiroso! Philemon falou pela primeira vez:

- Tome cuidado, regedor!

Edmund não lhe deu a menor atenção.

- Merthin e Caris foram mais espertos do que você, não é mesmo, Godwyn? O moinho em Wigleigh é absolutamente legítimo. Você atraiu a derrota por sua ganância e teimosia. E essa é a sua vingança.

Edmund tinha razão. Ninguém era um construtor tão competente quanto Merthin. Godwyn devia saber disso, mas era evidente que não se importava.

- Quem vai contratar para o meu lugar? - Uma pausa e Merthin respondeu à sua própria pergunta: - Elfric, é claro.

- Isso ainda será decidido.

- Outra mentira - resmungou Edmund. Philemon falou de novo, a voz ainda mais estridente:

- Você pode ser levado a um tribunal eclesiástico por falar assim! Merthin especulou se aquilo não poderia ser mais um movimento no jogo, uma manobra para Godwyn renegociar seu contrato. Ele perguntou a Edmund:

- A guilda da paróquia está de acordo com o prior nessa questão?
- Não cabe à guilda concordar ou discordar! - protestou Godwyn. Merthin ignorou-o, e continuou a fitar Edmund, em expectativa. Edmund se mostrou envergonhado.

- Não se pode negar que o prior tem o direito. Os homens da guilda estão financiando a ponte, por empréstimos. Mas o prior é o senhor da cidade. Isso foi reconhecido desde o início.

Merthin virou-se para Godwyn.

- Tem alguma coisa a me dizer, lorde prior?

Ele aguardou, com a esperança no fundo do coração de que Godwyn apresentasse suas verdadeiras exigências. Mas o prior disse apenas:

- Não.

- Então, boa-noite. Merthin esperou por mais um segundo. Ninguém disse nada. O silêncio indicava que tudo acabara.

E Merthin se retirou.

Fora da casa da guilda, ele respirou fundo o ar frio da noite. Mal podia acreditar no que acontecera. Não era mais o mestre da ponte.

Foi andando pelas ruas escuras. Era uma noite clara, e dava para divisar o caminho à luz das estrelas. Passou pela casa de Elizabeth; não queria conversar com ela. Hesitou diante da casa de Caris, mas também seguiu adiante. Desceu até a beira do rio. Seu pequeno barco estava amarrado bem na frente da ilha do Leproso. Ele embarcou e foi remando até lá.

Ao alcançar sua casa, parou e contemplou as estrelas, fazendo um esforço para reprimir as lágrimas. A verdade era que, no final, não fora mais esperto do que Godwyn... o inverso acontecera. Subestimara o que o prior era capaz de fazer para punir aqueles que se opunham a ele. Merthin julgara-se esperto, mas Godwyn fora mais esperto do que ele, ou pelo menos mais implacável. Estava disposto a prejudicar a cidade e o priorado, se fosse necessário, para se vingar de uma afronta a seu orgulho. E isso era sua vitória.

Merthin entrou em casa e deitou, sozinho e derrotado.

38

Ralph ficou acordado durante toda a noite anterior a seu julgamento. Já vira muitas pessoas morrerem na forca. Todos os anos, vinte ou trinta homens e umas poucas mulheres saíam na carroça do xerife da prisão no castelo de Shiring e desciam a colina até a praça do mercado, onde a forca esperava. Era uma ocorrência comum, mas os homens permaneceram na memória de Ralph, e naquela noite voltaram para atormentá-lo.

Alguns haviam morrido depressa, o pescoço estalando na queda, mas não muitos. A maioria era estrangulada lentamente. Esperneavam, se debatiam, escancaravam a boca em gritos silenciosos e ofegantes. Mijavam e cagavam. Ele recordou-se de uma velha condenada por bruxaria: quando caíra, mordera a língua e a cuspira; a multidão em torno da forca recuara apavorada, enquanto o pedaço de carne voava pelo ar e caía no chão poeirento.

Todos diziam que Ralph não seria enforcado, mas ele não conseguia se livrar do pensamento. Alegavam que o conde Roland não permitiria que um de seus cavaleiros fosse enforcado pela palavra de uma serva. Mas até agora o conde não fizera nada para interferir.

O júri preliminar apresentara um indiciamento contra Ralph ao juiz de paz de Shiring. Como todos os júris, era formado na maioria por cavaleiros do condado, que deviam fidelidade ao conde Roland. Apesar disso, no entanto, aceitaram os depoimentos dos camponeses de Wigleigh. Os homens - nunca havia mulheres no júri, é claro - não evitaram o indiciamento de um dos seus. Na verdade, os jurados haviam demonstrado, por suas perguntas, uma certa aversão pelo que Ralph fizera... e vários se recusaram a apertar sua mão depois.

Ralph planejava impedir que Annet testemunhasse, no julgamento propriamente dito, deixando-a prisioneira em Wigleigh antes de partir para Shiring. Mas, quando fora à sua casa para detê-la, descobrira que Annet já partira. Ela devia ter previsto sua manobra e viajara mais cedo, a fim de frustrá-lo.

Hoje, um novo júri decidiria o caso. Para consternação de Ralph, no entanto, quatro homens haviam participado também do júri preliminar. Como as evidências dos dois lados deviam ser exatamente as mesmas, ele não podia imaginar que esse grupo apresentaria um veredicto diferente, a

menos que houvesse alguma pressão sobre os jurados... e era cada vez mais tarde para isso.

Ele levantou-se à primeira claridade do amanhecer e desceu para o andar térreo da Courthouse Inn, na praça do mercado de Shiring. Encontrou um trêmulo menino quebrando o gelo no poço no quintal dos fundos, e mandou-o buscar pão e cerveja. Depois, foi para o dormitório coletivo e acordou o irmão, Merthin.

Sentaram juntos na sala fria, impregnada pelo ranço da cerveja e vinho servidos na noite anterior. Ralph disse:

- Estou com medo de que me enforcuem.

- Eu também - murmurou Merthin.

- Não sei o que fazer.

O menino trouxe duas canecas e metade de um pão. Ralph pegou sua caneca com a mão trêmula e tomou um gole que parecia interminável.

Merthin comeu um pouco de pão, automaticamente, o rosto franzido, olhando para cima pelo canto dos olhos, como sempre fazia quando vasculhava o cérebro à procura de uma idéia.

- A única idéia que me ocorre é tentar persuadir Annet a retirar a acusação e fazer um acordo. Você terá de oferecer alguma compensação.

Ralph sacudiu a cabeça.

- Ela não pode mais recuar... não é permitido. Será punida se desistir agora.

- Sei disso. Mas ela pode deliberadamente prestar um testemunho fraco, deixando margem para dúvidas. Creio que é assim que costumam fazer.

A esperança fez o coração de Ralph palpitar.

- Eu me pergunto se ela consentiria.

O menino trouxe um punhado de lenha, e ajoelhou-se diante da lareira para acender o fogo. Merthin indagou, pensativo:

- Quanto dinheiro você pode oferecer a Annet?

- Tenho vinte florins.

Isso equivalia a três libras de pennies de prata ingleses. Merthin passou a mão pelos cabelos ruivos desgrehados.

- Não é muita coisa.

- É muito para uma camponesa. Por outro lado, sua família é rica, para camponeses.

- Wigleigh não proporciona muito dinheiro?

- Tive de comprar uma armadura. Quando você é um cavaleiro, precisa estar preparado para a guerra.
- Eu poderia lhe emprestar dinheiro.
- Quanto você tem?
- Treze libras.

Ralph se sentiu tão espantado que por um momento esqueceu seus problemas.

- Onde conseguiu tanto dinheiro? Merthin ficou um pouco ressentido.
- Trabalho muito e sou bem pago.
- Mas foi despedido da função de mestre construtor da ponte.
- Tenho muitos outros trabalhos. E alugo terrenos na ilha do Leproso. Ralph estava indignado.

- Então um carpinteiro é mais rico do que um lorde!
 - Sorte sua, no final das contas. Quanto você acha que Annet vai querer?
- Ralph pensou de novo em seu problema, e voltou a ficar desanimado.

- A decisão não será dela, mas de Wulfric. Ele é o cabeça de tudo isso.
- Eu sei. - Merthin passara bastante tempo em Wigleigh, enquanto construía o moinho de fulling, e sabia que Wulfric só casara com Gwenda depois que fora rejeitado por Annet. - Vamos conversar com ele.

Ralph achava que seria em vão, mas também nada tinha a perder.

Saíram para um dia cinza e desolado, encolhendo-se dentro dos mantos contra o vento gelado de fevereiro. Atravessaram o mercado e entraram na Bell, onde as pessoas de Wigleigh estavam hospedadas... as despesas pagas, Ralph presumia, por lorde William, sem cuja ajuda o processo não seria iniciado. Mas Ralph não tinha a menor dúvida de que Philippa, a esposa sensual e insidiosa de William, era sua verdadeira inimiga. Ela parecia odiá-lo, muito embora - ou talvez por causa disso - Ralph a achasse atraente, fascinante.

Wulfric já acordara, e encontraram-no comendo mingau com bacon. Quando viu Ralph, ele se levantou, com uma expressão sombria.

Ralph estendeu a mão para o cabo da espada, pronto para lutar. Mas Merthin adiantou-se, estendendo as mãos abertas à sua frente, num gesto conciliador.

- Vim como amigo, Wulfric. Não perca o controle, ou acabará em julgamento no lugar de meu irmão.

Wulfric permaneceu de pé, as mãos nos lados do corpo. Ralph ficou desapontado; a agonia do suspense seria atenuada por uma luta. Wulfric

cuspiu no chão um pedaço de casca de bacon, engoliu o resto, e perguntou:

- O que vocês querem, se não vieram provocar uma encrenca?

- Queremos fazer um acordo. Ralph está disposto a pagar a Annet dez libras como compensação pelo que fez.

Ralph se surpreendeu com a quantia. Merthin teria de pagar a maior parte... mas não demonstrara a menor hesitação.

- Annet não pode retirar a acusação... não é permitido - disse Wulfric

- Mas ela pode alterar seu depoimento. Se dissesse que a princípio consentiu, depois mudou de idéia, quando já era tarde demais, o júri não condenaria Ralph.

Ralph observava o rosto de Wulfric na maior ansiedade, à procura de um sinal de boa vontade. Mas a expressão permaneceu impassível e ele disse:

- Quer dizer que estão oferecendo um suborno para Annet cometer perjúrio? Ralph começou a se desesperar. Podia perceber que Wulfric não queria que Annet recebesse dinheiro. A vingança era seu objetivo, não a compensação. Ele queria um enforcamento. Merthin insistiu:

- Estou lhe oferecendo um tipo diferente de justiça.

- Está tentando livrar seu irmão de uma situação crítica.

- Você não faria a mesma coisa? Já teve um irmão.

Ralph recordou que o irmão de Wulfric morrera junto com os pais, quando a ponte desabara. Merthin acrescentou:

- Não tentaria salvar sua vida... mesmo que ele tivesse feito alguma coisa errada?

Wulfric se mostrou surpreso por esse apelo ao sentimento de família. Era evidente que nunca lhe ocorrera pensar em Ralph como alguém que tinha uma família que o amava. Mas ele se recuperou depois de um momento e argumentou:

- Meu irmão David nunca teria feito o que Ralph fez.

- Claro - concordou Merthin, apaziguador. - Mesmo assim, você não pode me culpar por querer encontrar uma maneira de salvar Ralph, ainda mais se puder fazer isso sem cometer uma injustiça com Annet.

Ralph admirava a maneira suave com que o irmão falava. Merthin era capaz de persuadir um passarinho a sair de uma árvore, pensou ele. Só que Wulfric não se deixava persuadir com facilidade.

- Os aldeões querem ver Ralph pelas costas. Têm medo de que ele possa fazer a mesma coisa de novo.

Merthin tratou de se esquivar desse aspecto.

- Talvez você deva transmitir a oferta a Annet. A decisão deve ser dela, é claro.

Wulfric pensou por um momento.

- Como poderíamos ter certeza de que você pagaria?

O coração de Ralph bateu mais depressa. Wulfric começava a ceder. Merthin respondeu:

- Entregaremos o dinheiro a Caris Wooler antes do julgamento. Ela pagará a Annet depois que Ralph for declarado inocente. Você confia em Caris, e nós também.

Wulfric acenou com a cabeça.

- Como você disse, a decisão não é minha. Falarei com Annet.

Ele subiu para o segundo andar. Merthin deixou escapar um longo suspiro.

- Pelos céus, aí está um homem furioso.

- Mas você conseguiu convencê-lo - disse Ralph, com evidente admiração.

- Ele só concordou em transmitir uma mensagem.

Os dois sentaram à mesa que Wulfric desocupara. Um ajudante de cozinha perguntou se queriam comer alguma coisa, mas ambos recusaram. Havia muitos hóspedes ali, pedindo presunto, queijo e cerveja. As estalagens estavam apinhadas de pessoas que vinham para as audiências do tribunal. A menos que tivessem uma boa desculpa, todos os cavaleiros do condado eram obrigados a comparecer, assim como a maioria dos outros homens proeminentes: os clérigos mais importantes, mercadores ricos, e qualquer um com uma renda superior a quarenta libras por ano. Lorde William, o prior Godwyn e Edmund Wooler sempre vinham. O pai de Ralph e Merthin, Sir Gerald, era um frequentador regular antes de cair em desgraça. Tinham de se oferecer como jurados e tratar de outros assuntos, como o pagamento de tributos e a eleição dos Membros do Parlamento. Além disso, havia vários acusados, vítimas, testemunhas e fiadores. As audiências de um tribunal sempre traziam muitos negócios às estalagens de uma cidade.

A espera foi se prolongando. Ralph perguntou:

- O que você acha que estão discutindo lá em cima?

- Annet pode estar propensa a aceitar o dinheiro. O pai a apoiaria nesse ponto, talvez o marido também, Billy Howard. Mas Wulfric é do tipo que acha que dizer a verdade é mais importante do que o dinheiro. Sua esposa, Gwenda, o apoiará por lealdade; e o padre Gaspard fará a mesma coisa por princípio. Mais importante ainda, eles terão de consultar lorde William,

que fará o que lady Philippa quiser. E odeia você, por alguma razão. Por outro lado, é mais provável que uma mulher opte pela conciliação em vez da confrontação.

- Então o resultado pode ser qualquer um.

- Isso mesmo.

Os fregueses da estalagem terminaram de comer e começaram a sair, atravessando a praça a caminho da Courthouse Inn, onde a sessão seria realizada. Muito em breve seria tarde demais. Wulfric finalmente voltou.

- Ela disse não - anunciou ele, sem qualquer preâmbulo, virando-se em seguida.

- Ei, espere um pouco!

Wulfric não deu atenção ao apelo de Merthin; tornou a subir a escada, desapareceu num instante. Ralph praguejou. Por um momento, acalentara a esperança de uma salvação. Agora, estava outra vez nas mãos do júri.

Ele ouviu o som de uma sineta sendo vigorosamente sacudida lá fora. Um assistente do xerife convocava todos os envolvidos a comparecerem ao tribunal. Merthin levantou-se. Relutante, Ralph seguiu o exemplo.

Voltaram ao prédio que servia como tribunal e foram para a sala grande nos fundos. No outro lado ficava a "bancada" do juiz, em cima de uma plataforma. Embora sempre chamada de bancada, era na verdade uma cadeira de madeira, feita como um trono. O juiz ainda não sentara, mas seu escrivão já se instalara em uma mesa na frente da plataforma, e lia um manuscrito.

Havia dois bancos compridos para os jurados num lado. Não havia nenhum outro lugar para sentar na sala: todos os outros ficariam de pé, onde quisessem. A ordem era mantida pelo poder da justiça de condenação imediata de qualquer um que se comportasse de maneira indevida: não havia necessidade de julgamento para um crime que o próprio juiz testemunhara. Ralph avistou Alan Fernhill, com uma expressão apavorada, e foi se postar ao seu lado, sem dizer nada.

Ralph começou a pensar que nunca deveria ter vindo. Poderia ter inventado uma desculpa: doença, um mal-entendido sobre datas, um cavalo estropiado na estrada. Mas isso só acarretaria um adiamento. Mais cedo ou mais tarde, o xerife partiria à sua procura, com assistentes armados, e o prenderia; e se tentasse escapar, seria declarado um fora-da-lei.

Mas mesmo isso era melhor do que ser enforcado. Ele especulou se deveria fugir agora. Era bem provável que pudesse lutar e sair da taverna. Mas não chegaria muito longe a pé. Seria perseguido por metade da cidade; e se não o alcançassem, os assistentes do xerife o seguiriam a cavalo. Sua fuga seria considerada como uma admissão de culpa. Na situação atual, ele ainda tinha uma possibilidade de absolvição. Annet podia se sentir intimidada demais para prestar um depoimento objetivo. Talvez as testemunhas principais não comparecessem. E poderia haver uma intervenção no último minuto do conde Roland.

O tribunal foi se enchendo: Annet, os aldeões, lorde William e lady Philippa, Edmund Wooler e Caris, o prior Godwyn e seu infame assistente Philemon. O escrivão bateu na mesa para impor silêncio, e o juiz entrou por uma porta lateral. Era Sir Guy de Bois, um grande proprietário de terras. Era calvo e tinha uma enorme barriga. Era um antigo companheiro de armas do conde, o que poderia ser um fator favorável a Ralph; mas, no outro lado da balança, era tio de lady Philippa, que poderia muito bem ter soprado palavras maldosas em seu ouvido. Ele exibia o rosto corado de um homem que acabara de fazer uma refeição de carne salgada e cerveja forte. Sentou, soltou um peido sonoro, suspirou de satisfação, e declarou:

- Muito bem, vamos começar.

O conde Roland não estava presente.

O caso de Ralph foi o primeiro: era o que mais interessava aos presentes, inclusive ao juiz. O indiciamento foi lido e Annet, chamada para prestar depoimento.

Ralph descobriu que era estranhamente difícil se concentrar. Já ouvira tudo antes, é claro, mas deveria prestar atenção para encontrar qualquer discrepância na história que Annet contaria hoje, perceber qualquer sinal de incerteza, qualquer hesitação ou vacilo. Mas sentia-se fatalista. Seus inimigos atacavam com toda força. Seu único amigo poderoso, o conde Roland, não comparecera. Só o irmão mantinha-se a seu lado, e Merthin já tentara o melhor que podia para ajudar, mas fracassara. Ralph estava condenado.

As testemunhas falaram em seguida: Wulfric, Peg, Gaspard. Ralph pensara que tinha poder absoluto sobre aquelas pessoas, mas de certa forma haviam-no vencido. O primeiro jurado, Sir Herbert Montain, fora um dos que haviam se recusado a apertar a mão de Ralph.

Ele fez perguntas que pareciam ter a intenção de enfatizar o horror do crime: A dor foi intensa? Houve muito sangue? Ela gritara?

Quando chegou sua vez de falar, Ralph contou a história que fora rejeitada pelo júri de indiciamento. Falou em voz baixa, tropeçando nas palavras. Alan Fernhill saiu-se melhor, dizendo com firmeza que Annet se mostrava ansiosa em deitar com Ralph, e que os dois amantes haviam lhe pedido para sumir, enquanto desfrutavam os favores um do outro, ao lado do córrego. Mas o júri não acreditou nele: Ralph pôde perceber por suas expressões. Começou a se sentir quase entediado com o julgamento, desejando que acabassem logo com aquilo, e que seu destino fosse sacramentado.

Enquanto Alan recuava, Ralph percebeu que um novo vulto surgia junto de seu ombro. Uma voz baixa lhe disse:

- Preste atenção.

Ralph olhou para trás e deparou-se com o padre Jerome, o secretário do conde; e passou-lhe pela cabeça que um tribunal como aquele não tinha poder sobre os padres, mesmo que eles cometessem crimes.

O juiz virou-se para o júri e pediu o veredicto.

Padre Jerome murmurou:

- Seus cavalos estão lá fora, selados e prontos para partir. Ralph ficou paralisado. Teria ouvido direito? Virou-se e indagou:

- Como?

- Corram para pegá-los.

Ralph olhou para trás. Uma centena de homens barravam o caminho para a porta, muitos armados.

- Não é possível.

- Use a porta lateral.

Com uma ligeira inclinação da cabeça, Jerome indicou a porta pela qual o juiz entrara na sala. Ralph constatou que apenas as pessoas de Wigleigh se interpunham entre ele e aquela porta.

O primeiro jurado, Sir Herbert, levantou-se, pomposo. Ralph olhou para Alan Fernhill, parado ao seu lado. Alan ouvira tudo e se mantinha em expectativa.

- Vá agora! - sussurrou Jerome. Ralph pôs a mão na espada.

- Consideramos lorde Ralph de Wigleigh culpado de estupro - declarou o primeiro jurado.

Ralph desembainhou a espada. Brandiu-a no ar e correu para a porta.

Houve um segundo de silêncio atordoado, e depois todos gritaram ao mesmo tempo. Mas Ralph era o único homem na sala com uma arma na mão, e sabia que os outros levariam algum tempo para desembainhar suas espadas.

Só Wulfric tentou detê-lo, avançando para seu caminho, temerário, sem sequer parecer assustado, apenas determinado. Ralph ergueu a espada e baixou-a com toda força, querendo acertar no meio do crânio de Wulfric, com a intenção de parti-lo em dois. Mas Wulfric esquivou-se, com extrema agilidade, para trás e para o lado. Mesmo assim, a ponta da espada cortou sua face esquerda, abrindo-a da têmpora ao queixo.

Wulfric gritou em súbita agonia, levando as mãos ao rosto; e, no instante seguinte, Ralph passou por ele.

Ralph abriu a porta, saiu, e virou-se. Alan Fernhill passou por ele. O primeiro jurado vinha logo atrás de Alan, a espada erguida. Ralph experimentou um momento de pura exultação. Era assim que os problemas deveriam ser resolvidos... através de uma luta, não de uma discussão. Para ganhar ou perder, ele preferia assim.

Com um grito inebriado, ele atacou Sir Herbert. A ponta da espada tocou no peito do primeiro jurado, passando pela túnica de couro; mas o homem estava distante demais para que o golpe penetrasse entre as costelas, e apenas cortou a pele, antes de resvalar no osso. Mesmo assim, Herbert gritou - mais de medo do que de dor - e cambaleou para trás, colidindo com as pessoas que o seguiam. Ralph bateu a porta.

Descobriu-se num corredor que se estendia ao longo de todo o prédio, com uma porta que dava para a praça do mercado numa extremidade, e a porta no outro lado levando ao estábulo. Onde estavam os cavalos? Jerome dissera apenas que esperavam lá fora. Alan já corria para a porta dos fundos, e Ralph seguiu-o. Ao saírem para o pátio, o alarido lá atrás indicou que a porta da sala fora aberta e a multidão vinha em seu encalço.

Não havia sinal de seus cavalos no pátio.

Ralph parou sob a arcada que levava à frente do prédio.

E deparou-se com a cena mais acolhedora do mundo: seu cavalo de caça, Griff, selado e escarvando o solo, impaciente, ao lado de Fletch, o cavalo de dois anos de Alan. Ambos eram seguros por um cavalição descalço, com a boca cheia de pão.

Ralph pegou as rédeas e montou. Alan fez a mesma coisa. Bateram nos flancos dos animais para partir, no momento em que a multidão do

tribunal passava pela arcada. O cavalariaço saiu correndo, apavorado. Os cavalos dispararam.

Alguém na multidão arremessou uma faca. Ela entrou no flanco de Griff por um centímetro e caiu, servindo apenas para estimulá-lo a correr ainda mais.

Galoparam pelas ruas, afugentando as pessoas à frente, indiferentes aos homens, mulheres, crianças e animais. Cruzaram um portão na velha muralha e passaram pelas casas suburbanas, entre hortas e pomares. Ralph olhou para trás. Não havia nenhum perseguidor à vista.

Os homens do xerife viriam atrás, é claro, mas primeiro tinham de pegar e selar seus cavalos. Ralph e Alan já se encontravam a um quilômetro e meio da praça do mercado, e seus cavalos não demonstravam o menor sinal de cansaço. Ralph foi dominado por uma profunda exultação. Cinco minutos antes aceitara a perspectiva de ser enforcado. Agora, era outra vez um homem livre!

A estrada bifurcava. Escolhendo ao acaso, Ralph seguiu para a esquerda. Mais um quilômetro e meio através dos campos e ele pôde avistar a floresta. Assim que a alcançasse, poderia deixar a trilha e desaparecer.

Mas o que faria depois?

39

O conde Roland foi esperto - comentou Merthin com Elizabeth Clerk. Permitiu que a justiça seguisse seu curso quase até o fim. Não subornou o juiz, nem influenciou o júri, nem intimidou as testemunhas. Também evitou uma briga com o filho, lorde William. Mas escapou da humilhação de ter um de seus homens enforcado.

- Onde está seu irmão agora?

- Não tenho a menor idéia. Não falo com ele, nem mesmo o vejo, desde aquele dia.

Os dois sentavam na cozinha de Elizabeth, na tarde de domingo. Ela fizera o jantar para Merthin: presunto cozido, com maçãs assadas e ervilhas, e uma pequena jarra de vinho que sua mãe comprara - ou talvez roubara - na estalagem em que trabalhava.

- O que vai acontecer agora? - perguntou Elizabeth.

- A sentença de morte ainda paira sobre ele. Não pode voltar a Wigleigh, nem aparecer em Kingsbridge, sem ser preso. Para todos os efeitos, ele se declarou um fora-da-lei.

- E não há nada que ele possa fazer?

- Pode obter um perdão do rei... mas isso custa uma fortuna, muito mais dinheiro do que ele ou eu podemos levantar.

- E como você se sente em relação a ele? Merthin estremeceu.

- Ralph merece punição pelo que fez, é claro. Mesmo assim, não posso querer que ele seja enforcado. E torço para que esteja bem, onde quer que se encontre.

Ele relatara a história do julgamento de Ralph muitas vezes nos últimos dias, mas Elizabeth fizera as perguntas mais perceptivas. Era inteligente e compreensiva. E passou pela cabeça de Merthin que não seria muito difícil passar todas as tardes de domingo daquela maneira.

A mãe dela, Sairy, cochilava junto ao fogo, como sempre. Mas abriu os olhos de repente e exclamou:

- Por minha alma! Esqueci o pastelão! - Ela levantou-se, alisando os cabelos grisalhos desgrenhados. - Prometi que pediria a Betty Baxter para fazer um pastelão de presunto e ovos para a guilda dos curtidores de couro. Vão realizar seu jantar antes da Quaresma na Bell amanhã.

Ela ajeitou um manto em torno dos ombros e saiu. Os dois quase nunca ficavam a sós, e Merthin sentiu-se um pouco embaraçado. Mas Elizabeth parecia bastante relaxada.

- O que você pretende fazer agora que não trabalha mais na ponte? - indagou ela.

- Estou construindo uma casa para Dick Brewer, entre outras coisas. Dick está prestes a se aposentar e entregar o negócio ao filho. Mas diz que nunca vai conseguir parar de trabalhar se continuar a morar na Copper. Por isso, quer uma casa com um jardim fora dos muros da cidade velha.

- É aquele prédio em construção depois de Lovers' Field?

- Isso mesmo. Será a maior casa de Kingsbridge.

- Nunca falta dinheiro a um cervejeiro.

- Gostaria de ver?

- O local?

- A casa. Ainda não está pronta, mas já tem quatro paredes e um teto.

- Agora?

- Ainda resta uma hora de claridade do dia.

Elizabeth hesitou, como se pudesse ter outros planos, mas acabou aceitando:

- Eu adoraria.

Os dois vestiram mantos grossos, com capuz, e saíram. Era o primeiro dia de março. Flocos de neve perseguiram-nos ao longo da rua principal. Pegaram a barcaça para o outro lado do rio.

Apesar dos altos e baixos do negócio de lã, a cidade parecia crescer um pouco a cada ano. O priorado convertia mais e mais de seus pastos e pomares em terrenos para locação. Merthin calculava que devia haver pelo menos cinquenta habitações que não existiam quando ele chegara em Kingsbridge, aos doze anos de idade.

A nova casa de Dick Brewer era uma estrutura de dois andares, afastada da estrada. Como ainda não tinha janelas e portas, as aberturas nas paredes eram cobertas temporariamente por armações de madeira com juncos trançados. A entrada da frente estava bloqueada dessa maneira, mas Merthin levou Elizabeth para os fundos, onde havia uma porta de madeira provisória, com uma tranca.

Jimmie, o assistente de Merthin de dezesseis anos, estava na cozinha, protegendo a casa em construção contra os ladrões. Era um garoto supersticioso, sempre fazendo o sinal-da-cruz e jogando sal para trás, por

cima do ombro. Sentava num banco, na frente de um fogo alto, com uma expressão ansiosa.

- Olá, mestre. Agora que está aqui, posso sair para buscar meu almoço? Lorde Turner deveria trazer, mas ainda não apareceu.

- Só quero que volte antes do escurecer.

- Obrigado.

Jimmie saiu apressado. Merthin entrou na casa.

- Há quatro cômodos aqui embaixo. Elizabeth ficou incrédula.

- Para que eles precisam de tudo isso?

- Cozinha, sala de visita, sala de jantar e vestíbulo.

Ainda não havia uma escada, mas Merthin subiu para o segundo andar por uma escada de mão. Elizabeth seguiu-o.

- Quatro quartos - informou Merthin, lá em cima.

- Quem vai morar aqui?

- Dick e a esposa, o filho Danny e sua esposa, com a filha deles, que provavelmente não vai permanecer solteira para sempre.

A maioria das famílias de Kingsbridge vivia em um único quarto, todos dormindo no chão, lado a lado: pais, crianças, avós, parentes afins. Elizabeth comentou:

- Esta casa tem mais quartos do que um palácio!

Era verdade. Um nobre com um grande entourage ainda vivia em dois cômodos: um quarto para ele e a esposa, um salão enorme para todos os outros. Mas Merthin já projetara várias casas para ricos mercadores de Kingsbridge, e o luxo pelo qual todos ansiavam era a privacidade. Uma nova tendência, pensou ele.

- Imagino que terá vidro nas janelas - disse Elizabeth.

- Claro.

Era outra tendência. Merthin podia se lembrar do tempo em que não havia vidraceiro em Kingsbridge, apenas um itinerante, que aparecia uma ou duas vezes por ano. Agora a cidade tinha um vidraceiro residente.

Desceram para o primeiro andar. Elizabeth sentou no banco que Jimmie ocupava, na frente do fogo, e esquentou as mãos. Merthin sentou ao seu lado.

- Um dia ainda construirei uma casa assim para mim - comentou ele. - Com um jardim grande e árvores frutíferas.

Para sua surpresa, Elizabeth encostou a cabeça em seu ombro e murmurou:

- Um lindo sonho...

Os dois ficaram olhando para o fogo. Os cabelos de Elizabeth faziam cócegas no rosto de Merthin. Depois de um momento, ela pôs a mão em seu joelho. No silêncio, ele podia ouvir a respiração de Elizabeth e a sua, o crepitar do fogo.

- Em seu sonho, quem está na casa? - indagou ela.

- Não sei.

- Típico de um homem. Não posso ver minha casa, mas sei quem está lá dentro: um marido, algumas crianças, minha mãe, um parente idoso de meu marido, e três empregadas.

- Homens e mulheres têm sonhos diferentes. Elizabeth levantou a cabeça, fitou-o, e tocou em seu rosto.

- E quando se juntam os dois, você tem uma vida.

Ela beijou-o na boca. Merthin fechou os olhos. Lembrava o suave contato daqueles lábios, de anos passados. A boca de Elizabeth prolongou o beijo por um momento, antes de se retirar.

Merthin sentia-se estranhamente desligado, como se estivesse observando a si mesmo de um canto da cozinha. Não sabia como se sentia. Fitou-a e constatou mais uma vez como ela era adorável. Perguntou-se o que havia de tão admirável em Elizabeth, e compreendeu no mesmo instante que era a harmonia de tudo, como as partes de uma bela igreja. A boca, o queixo, as faces e a testa eram exatamente como ele desenharia se fosse Deus criando uma mulher.

Ela também fitou-o, com seus serenos olhos azuis. Abriu o manto e murmurou:

- Quero que me acaricie.

Merthin passou a mão pelos seios, gentilmente. Lembrava de ter feito isso também. Os seios eram firmes e cheios contra sua palma. O mamilo endureceu ao contato, contradizendo o comportamento sereno.

- Quero estar na casa dos seus sonhos - sussurrou ela, tornando a beijá-lo. Ela não agira por um súbito impulso; Elizabeth nunca fazia isso. Vinha pensando sobre aquilo havia bastante tempo. Enquanto Merthin visitava-a pelo prazer de sua companhia, sem pensar mais adiante, ela já imaginava a vida conjugal.

Talvez tivesse até planejado aquela cena. Isso explicaria por que a mãe se retirara de repente, com a desculpa de um pastelão. Merthin quase estragara o plano ao propor a visita à casa de Dick Brewer, mas ela improvisara.

Não havia nada de errado com aquele apelo emocional. Ela era uma pessoa racional, uma das coisas que Merthin apreciava. Sabia que, apesar disso, as paixões ardiam por baixo da superfície.

O que parecia errado era a falta de sentimento dele. Não costumava ser frio e racional em relação às mulheres... muito pelo contrário. Quando se apaixonara, o amor o dominara, fazendo-o sentir raiva e ressentimento, além de desejo e ternura. Agora, sentia-se interessado, lisonjeado e excitado, mas não fora de controle.

Elizabeth sentiu que o beijo dele era morno e recuou. Ele viu o fantasma de uma emoção naquele rosto, reprimida com vigor; e compreendeu que havia medo por trás da máscara. Ela era tão contida, por natureza, que devia ter lhe custado muito ser ousada àquele ponto, e agora temia a rejeição.

Ela levantou-se e ergueu a saia. Tinha pernas compridas e bem torneadas, cobertas por cabelos louros quase invisíveis. Embora fosse alta e esguia, o corpo se alargava nos quadris, em fascinantes contornos femininos. O olhar de Merthin perdurou desamparado no delta de seu sexo. Os cabelos ali eram tão claros que dava para ver a suave saliência dos lábios e a delicada linha a separá-los.

Merthin levantou o rosto para fitá-la nos olhos, e percebeu o desespero ali. Ela tentara tudo, e descobria agora que não funcionara.

- Sinto muito - balbuciou Merthin. Ela baixou a saia.

- Eu acho... Elizabeth interrompeu-o:

- Não fale. - O desejo dela começava a se transformar em raiva. - Qualquer coisa que você disser agora será uma mentira.

Ela tinha razão. Merthin pensara em dizer alguma meia verdade tranquilizadora: não estava se sentindo bem ou Jimmie poderia voltar a qualquer momento. Mas Elizabeth não queria ser apaziguada. Fora rejeitada, e desculpas ineficazes só fariam com que sentisse que era tratada com condescendência.

Fitou-o atentamente, a dor lutando contra a raiva no campo de batalha de seu lindo rosto. Lágrimas de frustração surgiram em seus olhos.

- Por que não?

Mas quando Merthin abriu a boca para responder, ela acrescentou:

- Não responda! Não seria a verdade!

E outra vez ela tinha razão. Foi até a porta, mas virou-se antes de sair.

- É Caris. - O rosto exibia toda a emoção. - Aquela bruxa lançou um encantamento em você. Não quer casar com você, mas também não permite que outra case. Ela é má!

Elizabeth abriu a porta e saiu. Ele ouviu um soluço. Olhou para o fogo e murmurou:

- Oh, que inferno...

- Há uma coisa que preciso lhe explicar - disse Merthin a Edmund, uma semana depois, quando deixavam a catedral.

O rosto de Edmund assumiu uma expressão um pouco divertida. Merthin já a conhecia, e sabia que dizia: Sou trinta anos mais velho. Você é que deveria me escutar, não me dar lições; mas gosto de seu entusiasmo juvenil. Além disso, não estou tão velho que não possa aprender alguma coisa.

- Está bem - disse ele. - Mas explique tudo na Bell. Quero tomar um vinho. Entraram na taverna e foram sentar perto do fogo. A mãe de Elizabeth trouxe o vinho, mas empinou o nariz e não disse nada.

- Sairy está zangada com você ou comigo? - perguntou Edmund.

- Isso não importa. Já estive alguma vez na beira do oceano, os pés descalços na areia, e senti as ondas passarem por cima dos dedos?

- Claro. Todas as crianças brincam na água. Até eu já fui menino um dia.

- Lembra como a ação das ondas, indo e vindo, parece remover a areia de baixo das beiras dos pés, formando um pequeno canal?

- Lembro, sim. Já se passou muito tempo, mas creio que compreendo o que está dizendo.

- Foi o que aconteceu com a velha ponte de madeira. A correnteza do rio levou a terra por baixo da pilastra central.

- Como sabe?

- Pelo padrão das rachaduras na madeira pouco antes do desabamento.

- Aonde está querendo chegar?

- O rio não mudou. Vai solapar a nova ponte como fez com a antiga... a menos que possamos prevenir.

- Como?

- Em meu projeto, indiquei uma pilha de pedras grandes e soltas em torno de cada pilastra da nova ponte. Vai bloquear a correnteza e reduzir seu efeito. É a diferença entre sentir cócegas de um fio solto e ser açoitado por uma corda trançada.

- Como sabe?

- Conversei com Buonaventura a respeito logo depois que a ponte desabou, antes de sua volta para Londres. Ele disse que já havia visto essas pilhas de pedras em torno de pilastras de pontes na Itália, e muitas vezes especulava para que serviam.

- Fascinante. Está me dizendo isso como um esclarecimento geral ou com um propósito mais específico?

- Pessoas como Godwyn e Elfric não compreendem isso, e não me dariam atenção se eu lhes dissesse. É apenas uma precaução para o caso de Elfric não querer seguir meu projeto exatamente. Quero ter certeza de que pelo menos uma pessoa na cidade saberá para que serve a pilha de pedras.

- Mas uma pessoa já sabe... você.

- Estou deixando Kingsbridge.

A revelação foi um choque para Edmund.

- Você vai embora?

Caris apareceu nesse momento.

- Não demore muito, papai. Tia Petranilla está aprontando o almoço. Quer almoçar conosco, Merthin?

Edmund anunciou:

- Merthin está deixando Kingsbridge. Caris empalideceu.

Ao ver sua reação, Merthin sentiu um ímpeto de satisfação. Ela rejeitara-o, mas ficava consternada ao saber que ele ia embora. No instante seguinte, Merthin envergonhou-se da emoção indigna. Gostava demais de Caris para querer que ela sofresse. De qualquer forma, sabia que se sentiria pior se ela recebesse a notícia com a maior serenidade.

- Por quê?

- Não há nada para mim aqui. O que vou construir? Não posso trabalhar na ponte. E a cidade já tem uma catedral. Não quero fazer apenas casas de mercadores pelo resto de minha vida.

- Para onde vai? - perguntou Caris, a voz contida.

- Florença. Sempre desejei conhecer os prédios da Itália. Pedirei cartas de apresentação a Buonaventura Caroli. Posso até viajar com uma de suas cargas.

- Mas você tem uma propriedade aqui em Kingsbridge.

- Eu queria mesmo conversar com você sobre isso. Poderia administrá-la para mim? Cobraria os aluguéis, tiraria sua comissão, e entregaria o saldo a Buonaventura. Ele pode transferir o dinheiro para Florença por carta.

- Não quero comissão nenhuma - murmurou Caris, a voz rouca. Merthin deu de ombros.

- É trabalho, e você deve receber um pagamento por isso.

- Como pode ser tão frio? - A voz de Caris era agora estridente. Várias pessoas na Bell olharam. Ela não deu atenção. - Vai deixar todos os seus amigos!

- Não estou sendo frio. Os amigos são maravilhosos. Mas eu gostaria de casar.

Edmund interveio:

- Muitas garotas em Kingsbridge casariam com você. Não é bonito, mas é próspero, e isso vale mais do que a boa aparência.

Merthin sorriu, irônico. Edmund podia ser franco de uma maneira desconcertante. Caris herdara essa característica.

- Por algum tempo, pensei que poderia casar com Elizabeth Clerk - disse ele.

- Também pensei que esse casamento sairia - acrescentou Edmund.

- Ela é fria e antipática - protestou Caris.

- Não é, não. Mas quando ela me pediu, recuei.

- Ahn... então é por isso que ela anda tão mal-humorada ultimamente comentou Caris.

- E por isso sua mãe não olha para Merthin - lembrou Edmund.

- Por que você a recusou? - perguntou Caris.

- Só há uma mulher em Kingsbridge com quem eu poderia casar... e ela não quer ser a esposa de ninguém.

- Mas ela não quer perdê-lo. Merthin ficou furioso.

- O que devo fazer? - Sua voz era alta e as pessoas ao redor interromperam suas conversas para ouvir. - Godwyn me dispensou, você me rejeitou, e meu irmão é um fora-da-lei. Em nome de Deus, por que eu deveria continuar aqui?

- Não quero que você vá embora.

- Isso não é suficiente!

Havia silêncio na sala agora. Todos ali os conheciam: o dono da taverna, Paul Bell, e sua filha cheia de curvas, Bessie; a empregada Sairy, de cabelos grisalhos, mãe de Elizabeth; Bill Watkin, que se recusara a empregar Merthin; Edward Butcher, o notório adúltero; Jake Chepstow, o locatário de Merthin; frei Murdo; Matthew Barber; e Mark Webber. Todos

conheciam a história de Merthin e Caris, e todos estavam fascinados pela discussão.

Merthin não se importava. Que todos escutassem. Ele disse, cada vez mais furioso:

- Não passarei a vida atrás de você, como seu cachorro Scrap, suplicando por atenção. Serei seu marido, mas não seu cachorrinho de estimação.

- Está bem - murmurou ela, num fio de voz.

A súbita mudança de tom surpreendeu-o; e ele não tinha certeza do que a resposta significava.

-Está bem o quê?

- Casarei com você.

Por um momento, Merthin sentiu-se atordoado demais para responder. Depois indagou, desconfiado:

- Fala sério?

Caris fitou-o nos olhos nesse instante, com um sorriso tímido.

- Claro que falo. Basta me pedir.

- Está bem. - Merthin respirou fundo. - Quer casar comigo?

- Quero. Edmund gritou:

- Hurra!

Todos na taverna aplaudiram. Merthin e Caris começaram a rir.

- Quer mesmo? - insistiu ele.

- Quero.

Eles se beijaram. Merthin abraçou-a e apertou-a com toda a força de que era capaz. Quando a largou, viu que ela chorava.

- Um vinho para a minha noiva! - gritou ele. - Mais do que isso... um barril, para que todos possam beber à nossa saúde.

- É para já! - disse Paul Bell. E todos aplaudiram de novo.

Uma semana depois, Elizabeth Clerk tornou-se uma noiva.

40

Ralph e Alan estavam desesperados. Viviam de carne de veado e água fresca, e Ralph descobriu-se a sonhar com alimentos que normalmente desprezaria: cebolas, maçãs, ovos, leite. Dormiam em lugares diferentes todas as noites, sempre acendendo uma fogueira. Tinham bons mantos para aquecê-los, mas isso não era suficiente ao ar livre, e todas as manhãs acordavam tremendo de frio. Roubavam qualquer pessoa vulnerável que encontravam na estrada, mas a maior parte do roubo era insignificante ou inútil: roupas esfarrapadas, forragem para animais e dinheiro, que não serviria para comprar nada na floresta.

Houve uma ocasião em que roubaram um enorme barril de vinho. Rolaram-no pela floresta por cem metros, beberam tanto quanto podiam, e pegaram no sono. Quando acordaram, de ressaca e mal-humorados, compreenderam que não poderiam levar o barril, ainda com três quartos do vinho, e por isso deixaram-no ali.

Ralph pensava nostálgico em sua vida anterior: o solar, o fogo aceso na lareira, os servos, as refeições. Em seus momentos realistas, no entanto, sabia que também não queria essa vida. Era monótona demais. Provavelmente fora por isso que estuprara a jovem. Precisava de excitação.

Depois de um mês na floresta, Ralph decidiu que tinham de se organizar. Precisavam de uma base em que pudessem construir alguma forma de abrigo e guardar comida. E tinham de planejar os assaltos para que os itens roubados fossem realmente valiosos para eles, como roupas quentes e alimentos frescos.

Mais ou menos na ocasião em que chegava a essas conclusões, suas andanças levaram-nos a uma série de colinas a alguns quilômetros de Kingsbridge. Ralph recordou que as encostas das colinas, desoladas e vazias no inverno, eram usadas como pastagem de verão pelos pastores, que haviam construído abrigos de pedras na área. Quando adolescentes, ele e Merthin haviam descoberto essas toscas construções enquanto caçavam. Acendiam fogueiras ali, para cozinhar os coelhos e perdizes que abatiam com suas flechas. Já naquele tempo, recordou Ralph, ele ansiava pela emoção da caçada: perseguir e abater uma criatura aterrorizada, liquidá-la

com uma faca ou um porrete... o sentimento extasiado de poder que experimentava ao tirar uma vida.

Ninguém apareceria na região até que a relva da nova estação estivesse crescida e densa. O dia tradicional era o domingo de Pentecostes, quando também ocorria a abertura da Feira do Velocino. Ainda faltavam dois meses para isso. Ralph escolheu um abrigo que parecia mais resistente, e se instalaram ali. Não havia portas ou janelas, apenas uma entrada baixa, com um buraco no teto para a saída da fumaça. Acenderam uma fogueira e dormiram aquecidos, pela primeira vez em um mês.

A proximidade com Kingsbridge proporcionou a Ralph outra idéia brilhante. O melhor momento para assaltar as pessoas, ele refletiu, era quando estivessem a caminho do mercado. Levavam queijos, garrafas com sidra, mel, bolos de aveia: todas as coisas que eram produzidas pelos aldeões e necessárias para os habitantes da cidade... e para os homens que viviam à margem da lei.

O mercado de Kingsbridge era num domingo. Ralph perdera a noção dos dias da semana, mas descobriu ao perguntar a um frade itinerante, antes de lhe roubar três shillings e um ganso. No sábado seguinte, ele e Alan armaram acampamento não muito longe da estrada de Kingsbridge. Passaram a noite acordados, ao lado da fogueira. Ao amanhecer, foram até a beira da estrada e ficaram esperando.

O primeiro grupo a aparecer trazia uma carga de forragem. Kingsbridge tinha centenas de cavalos e bem pouco capim; por isso, a cidade precisava constantemente de cargas de feno. Só que isso não tinha qualquer utilidade para Ralph: Griff e Fletch tinham pastagem de sobra na floresta.

Ralph não se sentia entediado na espera. Preparar uma emboscada era como espiar uma mulher se despir. Quanto maior a expectativa, mais intensa a emoção

Pouco depois eles ouviram o canto. Os cabelos na nuca de Ralph se arrepiaram: parecia um coro de anjos. A manhã era enevoadá; e quando ele os avistou, os cantores pareciam ter halos. Alan, obviamente pensando da mesma maneira que Ralph, até deixou escapar um soluço de medo. Mas era apenas o sol fraco do inverno iluminando a neblina, por trás dos viajantes. Eram camponesas, cada uma carregando um cesto com ovos... não valia a pena roubar. Ralph deixou-as passar, sem revelar sua presença. O sol começou a subir pelo céu. Ralph ficou preocupado, pensando que dali a pouco a estrada estaria tão movimentada que seria difícil roubar

alguém. Apareceu uma família: um homem e uma mulher na casa dos trinta anos, com dois filhos adolescentes, um rapaz e uma moça. Eram vagamente familiares: sem dúvida ele os vira no mercado de Kingsbridge durante os anos em que vivera ali. O marido carregava nas costas um enorme cesto com legumes; a esposa equilibrava no ombro uma vara comprida, com várias galinhas vivas penduradas, todas amarradas; o rapaz levava no ombro um presunto imenso; e a moça carregava um pote que devia conter manteiga salgada. Ralph ficou com água na boca ao pensar em comer o presunto.

Seu excitamento aumentou, e ele acenou com a cabeça para Alan.

Quando a família chegou perto, Ralph e Alan saíram correndo de trás das moitas.

A mulher soltou um berro estridente e o rapaz gritou de medo.

O homem tentou se desvencilhar do cesto. Mas antes que caísse de seus ombros, Ralph atacou-o, a espada penetrando no abdômen do homem, por baixo das costelas, e subindo em seguida. O grito de agonia foi interrompido abruptamente quando a ponta da espada alcançou o coração.

Alan foi até a mulher e cortou quase todo o pescoço dela, e então o sangue jorrou de sua garganta num abrupto jato vermelho.

Exultante, Ralph virou-se para o filho. O rapaz reagiu depressa: já largara o presunto e empunhava uma faca. Enquanto a espada de Ralph ainda subia, o rapaz avançou e golpeou-o. Foi um golpe de amator, desferido ao acaso, sem possibilidade de causar maiores danos. A faca errou por completo o peito de Ralph, mas a ponta atingiu a parte superior do braço direito. A dor súbita e intensa obrigou-o a largar a espada. O rapaz virou-se e correu, na direção de Kingsbridge.

Ralph olhou para Alan. Antes de se virar para a moça, Alan liquidou a mãe. O atraso quase lhe custou a vida. Ralph viu a moça jogar o pote de manteiga em Alan. Por precisão ou sorte, o pote acertou-o em cheio atrás da cabeça. Alan caiu, como se tivesse sido atingido por uma maça.

No instante seguinte, ela saiu correndo atrás do irmão.

Ralph inclinou-se, pegou sua espada com a mão esquerda, e partiu em perseguição.

Eles eram jovens e velozes, mas ele tinha pernas compridas. Não demorou a alcançá-los. O rapaz olhou para trás e viu Ralph se aproximando. Para espanto de Ralph, o rapaz parou, virou-se, e veio correndo em sua direção, gritando, a faca erguida.

Ralph parou de correr e levantou a espada. O rapaz avançou... até que parou também, fora do alcance da espada. Ralph adiantou-se e desferiu um golpe, mas era uma finta. O rapaz esquivou-se; e depois, pensando que Ralph estava desequilibrado, adiantou-se para apunhalá-lo de perto. Mas era exatamente isso o que Ralph esperava. Recuou com a maior agilidade, ergueu-se na ponta dos pés, e enfiou a espada na garganta do rapaz, empurrando-a, até que ela saiu pelo outro lado.

O rapaz caiu morto. Ralph retirou a espada, satisfeito com a precisão e eficiência do golpe fatal.

Levantou os olhos para ver a moça desaparecendo na distância. Compreendeu no mesmo instante que não teria a menor possibilidade de alcançá-la a pé; e, quando voltasse para pegar seu cavalo, ela já teria chegado em Kingsbridge.

Ele virou-se e olhou para trás. Surpreso, descobriu que Alan se levantava, com alguma dificuldade.

- Pensei que ela o tinha matado - disse Ralph.

Ele limpou a espada na túnica do rapaz morto, meteu-a na bainha e comprimiu com a mão esquerda o ferimento no braço direito, na tentativa de estancar a hemorragia.

- Minha cabeça dói como Satã - resmungou Alan. - Matou todo mundo?

- A garota escapou.

- Acha que ela nos conhecia?

- Pode me conhecer. Eu já tinha visto sua família antes.

- Neste caso, estamos marcados agora como assassinos. Ralph deu de ombros.

- E melhor ser enforcado do que morrer de fome. - Ele olhou para os três corpos. - Mesmo assim, vamos tirar esses camponeses da estrada antes que mais alguém apareça.

Com a mão esquerda, ele arrastou o homem para a beira da estrada. Alan levantou o corpo e jogou-o para trás das moitas. Fizeram a mesma coisa com a mulher e o rapaz. Ralph não tinha certeza se os cadáveres estariam ou não visíveis para quem passasse. O sangue na estrada já começara a escurecer, para a cor da lama que encharcara.

Ralph cortou um pedaço do vestido da mulher e amarrou-o em torno do ferimento no braço. Ainda doía, mas o fluxo de sangue era menor. Ele sentia a ligeira depressão que sempre se segue a uma luta, como a tristeza depois do sexo. Alan começou a recolher os despojos.

- Uma boa carga. Presunto, galinha, manteiga... - Ele deu uma olhada no cesto que o homem carregava. - ... e cebolas! Do ano passado, é claro, mas ainda boas.

- Cebolas velhas têm um gosto melhor do que nenhuma cebola. Minha mãe sempre diz isso.

Ao se abaixar para pegar o pote de manteiga que derrubara Alan, Ralph sentiu uma ponta de ferro afiada ser comprimida contra seu traseiro. Alan estava na» sua frente, lidando com as galinhas amarradas. Ralph murmurou:

-Mas quem...?

- Não se mexa - disse uma voz áspera. : Ralph nunca obedecia a instruções desse tipo. Saltou para a frente, longe da voz, e virou-se. Seis ou sete homens haviam surgido do nada. Ele ficou aturdido, mas conseguiu desembainhar a espada, com a mão esquerda. O homem mais próximo - provavelmente aquele que o cutucara - ergueu sua espada para lutar, mas os outros preferiram disputar o butim, agarrando as galinhas e brigando pelo presunto. A espada de Alan subiu em defesa de suas galinhas, enquanto Ralph se preparava para o combate com seu antagonista. Compreendeu que outro bando fora-da-lei tentava roubá-lo. Foi dominado pela indignação: matara pessoas por aquelas coisas, e agora queriam lhe tirar tudo! Não sentia medo, apenas raiva. Atacou o oponente com a energia do protesto, apesar de ser obrigado a lutar com a mão esquerda. Foi nesse instante que uma voz autoritária interveio:

- Baixem as espadas, seus idiotas!

Todos os desconhecidos ficaram imóveis. Ralph manteve a espada de prontidão, desconfiado de um truque, e olhou na direção da voz. Viu um homem bonito, na casa dos vinte anos, com alguma coisa da nobreza. Usava roupas que pareciam dispendiosas, mas que estavam muito sujas: um manto de escarlata italiano coberto de folhas e gravetos, um rico colete de brocado com manchas que deviam ser de comida, um calção de couro marrom, todo arranhado e enlameado.

- Sempre me diverte roubar de ladrões, porque não é um crime - comentou ele.

Ralph sabia que se encontrava numa situação crítica, mas mesmo assim sentiu-se intrigado.

- Você é o homem que chamam de Tam Hiding?

- Já havia histórias sobre Tam Hiding quando eu era pequeno - respondeu o homem. - Mas de vez em quando alguém aparece para assumir o papel, como um monge personificando Lúcifer numa peça de mistério.

- Você não é o tipo comum de fora-da-lei.

- Nem você. Imagino que seja Ralph Fitzgerald. Ralph confirmou com um aceno de cabeça.

- Já tinha ouvido falar de sua fuga, e me perguntava quando o encontraria. Tam olhou para um lado e outro da estrada. - Por acaso testemunhamos sua ação. O que o fez escolher este lugar?

- Em primeiro lugar, escolhi o dia e a hora. É domingo, e à esta hora os camponeses estão levando seus produtos para o mercado em Kingsbridge, que fica no fim desta estrada.

- Boa idéia. Há dez anos que vivo à margem da lei, e nunca pensei em fazer isso. Talvez devêssemos nos aliar. Vai ou não guardar sua arma?

Ralph hesitou, mas Tam estava desarmado. Por isso, ele não podia ver nenhuma desvantagem. De qualquer forma, ele e Alan estavam em inferioridade, a tal ponto que era melhor evitar uma luta. Lentamente, ele guardou a espada.

- Assim é melhor.

Tam passou o braço pelos ombros de Ralph, que percebeu que os dois eram da mesma altura. Não eram muitos os homens tão altos quanto Ralph. Tam levou-o pela floresta, dizendo:

- Os outros trarão os despojos. Venha comigo. Temos muito o que conversar, você e eu.

Edmund bateu na mesa.

- Convoquei esta reunião de emergência da guilda da paróquia para discutir o problema dos bandidos. Mas como estou ficando velho e preguiçoso, pedi à minha filha para resumir a situação.

Caris pertencia à guilda agora, em virtude de seu sucesso como fabricante de tecido escarlate. O novo negócio salvara a fortuna de seu pai. Numerosas outras pessoas de Kingsbridge também prosperavam por causa disso, em particular a família Webber. O pai fora capaz de cumprir o compromisso de emprestar dinheiro para a construção da ponte; e na melhoria geral das circunstâncias, outros mercadores haviam feito a mesma coisa. A construção da ponte continuava num ritmo firme... agora sob a supervisão de Elfric, não de Merthin, infelizmente.

O pai tinha pouca iniciativa agora. Os momentos em que manifestava sua personalidade antiga, de perspicácia e agilidade mental, se tornavam cada vez mais raros. Caris preocupava-se com ele, mas não havia nada que pudesse fazer. Ela sentia a mesma raiva que a dominara durante a doença da mãe. Por que não havia como ajudá-lo? Ninguém compreendia o que estava errado; ninguém era capaz de sequer atribuir um nome à doença. Diziam que era velhice, mas ele ainda não tinha cinquenta anos!

Caris rezava para que o pai vivesse para testemunhar seu casamento. Casaria com Merthin na catedral de Kingsbridge, no domingo depois da Feira do Velocino, dentro de um mês apenas. O casamento da filha do regedor da cidade seria um grande acontecimento. Haveria um banquete na casa da guilda para os cidadãos mais eminentes, e um piquenique em Lovers' Field para centenas de outros convidados. Havia dias em que o pai passava horas planejando os cardápios e a diversão, só para esquecer tudo o que dissera e recomeçar do zero no dia seguinte.

Ela tratou de tirar isso da mente, para se concentrar no problema que esperava ser mais fácil de resolver.

- Durante o último mês houve um aumento nos ataques dos bandidos. Ocorreram quase sempre aos domingos, e as vítimas são invariavelmente as pessoas que trazem seus produtos para Kingsbridge.

Ela foi interrompida por Elfric:

- É o irmão de seu noivo quem está fazendo isso. Fale com Merthin, não conosco.

Caris reprimiu um ímpeto de exasperação. O marido de sua irmã nunca perdia uma oportunidade de criticá-la. Ela tinha uma noção angustiada do provável envolvimento de Ralph. Era uma causa de agonia para Merthin. E que Elfric adorava.

- Acho que é Tam Hiding - sugeriu Dick Brewer.

- Talvez sejam os dois - disse Caris. - Creio que Ralph Fitzgerald, que tem algum treinamento militar, pode ter se aliado a um bando que já existia, e deu um jeito para que eles se tornassem mais organizados e efetivos.

A gorda Betty Baxter, a padeira mais bem-sucedida da cidade, interveio:

- Quem quer que sejam, acabarão arruinando a cidade. Ninguém mais vem para o mercado.

Era um exagero, embora o comparecimento ao mercado semanal estivesse mesmo caindo de forma drástica. Os efeitos já eram sentidos por quase todos os estabelecimentos comerciais da cidade, de padarias a bordéis.

Mas essa não é a pior parte - continuou Caris. - Dentro de quatro semanas teremos a Feira do Velocino. Várias pessoas aqui investiram enormes quantias na nova ponte, que deve estar pronta para ser usada, com um leito de madeira provisório, para a abertura. A maioria depende dessa feira anual para a prosperidade. Pessoalmente, tenho um depósito cheio de caríssimo tecido escarlate para vender. Se por acaso se espalhar a notícia de que as pessoas que vierem para Kingsbridge podem ser assaltadas pelos bandidos, não teremos mais compradores.

Caris sentia-se ainda mais preocupada do que deixava transparecer. Nem ela nem o pai tinham qualquer dinheiro de sobra. Tudo fora investido na ponte ou em lã crua e tecido escarlate. A Feira do Velocino era a oportunidade de recuperar o dinheiro. Se o comparecimento fosse mínimo, enfrentariam as maiores dificuldades. Entre outras coisas, quem pagaria o casamento?

Ela não era a única pessoa preocupada. Rick Silvers, o chefe da guilda dos joalheiros, disse:

- Seria o terceiro ano ruim consecutivo. - Era um homem afetado e meticuloso, sempre vestido de forma impecável. - E acarretaria o fim para alguns dos nossos. Realizamos a metade dos negócios na Feira do Velocino.

- Acabaria com esta cidade - declarou Edmund. - Não podemos permitir que isso aconteça.

Vários outros se manifestaram. Caris, que presidia a reunião extraoficialmente, deixou que formulassem seus protestos. Um sentimento acentuado de urgência deixaria todos predispostos a aceitarem a solução radical que ela lá propor.

- O xerife de Shiring deve tomar alguma providência - disse Elfric. - Afinal, ele não é pago para manter a paz?

- Ele não pode vasculhar toda a floresta - explicou Caris. - Não tem homens suficientes para isso.

- O conde Roland tem.

Era uma pretensão inviável, mas Caris deixou a discussão prosseguir. Assim, quando propusesse sua solução, todos estariam conscientes de que não havia alternativas. Edmund respondeu a Elfric:

- O conde não vai nos ajudar... já pedi a ele.

Caris, que escrevera uma carta de Edmund para Roland, acrescentou:

- Ralph era um homem do conde... e ainda é. Já devem ter notado que os bandidos não atacam as pessoas que vão para o mercado de Shiring.

Elfric declarou, indignado:

- Aqueles camponeses de Wigleigh nunca deveriam ter apresentado uma queixa contra um homem do conde... quem eles pensam que são?

Caris já da responder, numa indignação ainda maior, quando Betty Baxter se antecipou:

- Você acha então que os lordes devem ter permissão para estuprarem quem eles quiserem?

Edmund interveio, incisivo, demonstrando um pouco de sua antiga autoridade:

- Essa é uma questão diferente. Já aconteceu, e Ralph está agora se vingando em nós. O que vamos fazer? O xerife não pode nos ajudar... e o conde não quer ajudar.

- E lorde William? - indagou Rick Silvers. - Ele tomou partido das pessoas de Wigleigh... é por sua causa que Ralph se tornou um fora-da-lei.

- Também pedi sua ajuda - informou Edmund. - Ele respondeu que não estamos em seu território.

- É esse o problema de ter o priorado como seu suserano... de que adianta um prior quando você precisa de proteção? - indagou Rick.

- É outra razão para estarmos solicitando uma carta regia de burgo - respondeu Caris. - Passaríamos a contar com a proteção real.

- Temos o nosso chefe da guarda - disse Elfric. - O que ele está fazendo? Mark Webber, que era um dos ajudantes de John Constable, declarou:

- Estamos prontos para fazer qualquer coisa que for necessária. Basta pedirem.

- Ninguém duvida de sua coragem - disse Caris. - Mas seu papel é lidar com as pessoas que causam problemas na cidade. John Constable não tem a menor experiência em caçar bandidos.

Mark, muito ligado a Caris porque dirigia seu moinho de fulling em Wigleigh, protestou com alguma irritação:

- Quem tem então?

Caris vinha esperando que a discussão chegasse a essa pergunta.

- Já que estamos falando nisso, há um soldado experiente que está disposto a nos ajudar. Tomei a liberdade de convidá-lo para vir aqui esta noite. Ele espera na capela. - Ela alteou a voz: - Thomas, pode se juntar a nós?

Thomas Langley saiu da pequena capela no final do salão. Rick Silvers murmurou, cético:

- Um monge?

- Antes de ser monge, ele era um soldado - explicou Caris. - Foi assim que perdeu o braço.

Elfric resmungou, irritado:

- Os membros da guilda deveriam ter sido consultados antes que ele fosse convidado.

Ninguém deu a menor atenção a seu protesto, Caris ficou satisfeita ao constatar: estavam interessados demais para saber o que Thomas tinha a dizer.

- Vocês precisam formar uma milícia - começou Thomas. - Pelas informações que temos, há vinte ou trinta bandidos no bando. Não são tantos assim. A maioria dos homens da cidade é capaz de usar um arco com eficiência, graças aos treinamentos nas manhãs de domingo. Cem homens, bem preparados e com um comando competente, poderiam derrotar os bandidos com a maior facilidade.

- Isso parece ótimo - disse Rick Silvers. - Mas teríamos de descobrir onde eles estão.

- Tem toda razão - respondeu Thomas. - Mas tenho certeza de que há alguém na cidade que sabe onde os bandidos podem ser encontrados.

Merthin pediu ao mercador de madeira, Jake Chepstow, que lhe trouxesse um bloco de ardósia de Gales... o maior que pudesse encontrar. Jake voltara de sua expedição a Gales para buscar madeira com um bloco fino de ardósia cinzenta, com cerca de três metros quadrados. Merthin encaixara-o numa armação de madeira e usava-o para desenhar projetos.

Naquela noite, enquanto Caris participava da reunião da guilda, Merthin estava em sua casa, na ilha do Leproso, trabalhando num mapa da ilha. Alugar terrenos na ilha para cais e depósitos era a menor de suas ambições. Previa uma rua inteira de estalagens e lojas cruzando a ilha de uma ponte a outra. Ele próprio construiria os prédios e os alugaria para mercadores empreendedores de Kingsbridge. Sentia-se animado ao pensar no futuro da cidade e imaginar os prédios e ruas de que precisaria. Era o tipo de coisa que o priorado deveria fazer se tivesse uma liderança mais competente.

O planejamento incluía uma casa nova para ele e Caris. Aquela pequena seria aconchegante quando casassem, mas logo precisariam de mais

espaço, especialmente se tivessem filhos. Já reservara um terreno na praia do sul, onde teriam o ar fresco do rio. A maior parte da ilha era rochosa, mas o lugar escolhido tinha uma pequena área de solo cultivável, onde ele poderia plantar algumas árvores frutíferas. Enquanto planejava a casa, ele exultou com a imagem dos dois morando ali, dia após dia, para sempre. Seu sonho foi interrompido por uma batida na porta. Ficou surpreso. Ninguém costumava visitar a ilha à noite... com exceção de Caris, que não bateria.

- Quem é? - perguntou ele, nervoso. Thomas Langley entrou.
- Os monges deveriam estar dormindo à esta hora - comentou Merthin.
- Godwyn não sabe que estou aqui. - Thomas olhou para a placa de ardósia.
- Você desenha com a mão esquerda?
- Esquerda ou direita, não faz diferença. Gostaria de tomar um vinho?
- Não, obrigado. Terei de me levantar para a matina dentro de poucas horas, e não quero ficar sonolento.

Merthin gostava de Thomas. Havia um vínculo entre os dois desde aquele dia, doze anos antes, em que prometera que, se Thomas morresse, levaria um padre ao lugar em que a carta fora enterrada. Mais tarde, quando haviam trabalhado juntos em reparos na catedral, Thomas sempre fora claro e objetivo em suas instruções, gentil com os aprendizes. Consequia ser sincero em sua vocação religiosa sem ser orgulhoso: todos os homens de Deus deveriam ser assim, pensava Merthin.

Ele indicou a Thomas uma cadeira ao lado do fogo.

- O que posso fazer por você?
- Vim falar sobre seu irmão. Ele deve ser detido.

Merthin estremeceu, como se sentisse uma súbita pontada de dor.

- Se eu pudesse fazer qualquer coisa, pode ter certeza de que não hesitaria. Mas não o tenho visto; e se encontrá-lo, não sei se ele me ouvirá. Houve um tempo em que ele me procurava em busca de orientação, mas esses dias já passaram.

- Acabo de sair de uma reunião da guilda da paróquia. Pediram-me para organizar uma milícia.
- Não espere que eu participe.
- Não vim com esse propósito. - Thomas deu um sorriso irônico. - Para ser franco, seus muitos talentos espantosos não incluem as habilidades militares.

Merthin acenou com a cabeça, pesaroso.

- Obrigado.

- Mas há uma coisa em que poderia me ajudar, se quisesse. Merthin sentiu-se apreensivo.

- O que é?

- Os bandidos devem ter um esconderijo em algum lugar não muito distante de Kingsbridge. Quero que você pense sobre o lugar em que seu irmão possa estar. Provavelmente é um lugar que ambos conhecem... uma caverna, talvez, ou uma cabana de guarda abandonada na floresta.

Merthin hesitou. Thomas insistiu:

- Sei que você detestaria traí-lo. Mas pense na primeira família que ele atacou: um camponês decente e trabalhador, sua linda esposa, um rapaz de quatorze anos e uma menina. Agora, três estão mortos e a menina não tem pais. Mesmo que você ame seu irmão, tem de nos ajudar a pegá-lo.

- Sei disso.

- Pode imaginar onde ele está escondido? Merthin ainda não se sentia disposto a responder.

- Vão capturá-lo vivo?

- Se puder.

Merthin sacudiu a cabeça.

- Não é suficiente. Preciso de uma garantia. Thomas permaneceu calado por um longo momento.

- Está bem. Eu o capturarei vivo. Não sei como, mas encontrarei um jeito. Prometo.

- Obrigado.

Merthin ainda hesitava. Sabia que tinha de fazer aquilo, mas seu coração se rebelava. Depois de um momento, ele forçou-se a falar:

- Quando eu tinha treze anos, costumávamos sair para caçar, em geral com garotos mais velhos. Passávamos o dia inteiro caçando e cozinhávamos o que abatíamos. Às vezes subíamos até as Chalk Hills e encontrávamos as famílias que passavam o verão ali, as ovelhas pastando. As pastoras tendiam a ser alegres e fáceis... algumas deixavam você beijá-las.

Ele fez uma pausa, sorrindo à recordação.

- No inverno, quando os pastores não estavam lá em cima, usávamos suas cabanas como abrigo. Talvez seja o lugar em que Ralph está escondido.

- Obrigado - disse Thomas, levantando-se.

- Lembre-se de sua promessa.

- Não esquecerei.

- Confiou-me um segredo há doze anos.
- Sei disso.
- Nunca o traí.
- É verdade.
- Agora, estou confiando em você.

Merthin sabia que suas palavras podiam ser interpretadas de duas maneiras: ou como uma súplica de reciprocidade ou como uma ameaça velada. Não tinha problema. Que Thomas interpretasse como quisesse. Thomas estendeu a mão e Merthin apertou-a.

- Cumprirei minha palavra - murmurou o monge, antes de se retirar.

Ralph e Tam cavalgavam lado a lado, subindo a colina, seguidos por Alan Fernhill em seu cavalo, depois o resto do bando a pé. Ralph sentia-se bem: fora outro trabalho proveitoso na manhã de domingo. A primavera chegara, e os camponeses começavam a levar os produtos da nova estação para o mercado. Os membros do bando carregavam meia dúzia de ovelhas, um pote com mel, outro com creme, e vários odres de vinho. Como sempre, os bandidos haviam sofrido apenas pequenos ferimentos, uns poucos talhos e equimoses, infligidos por suas vítimas mais temerárias.

A parceria de Ralph com Tam fora um sucesso extraordinário. Duas ou três horas de luta fácil proporcionavam tudo o que precisavam para uma semana de vida no luxo. Passavam o resto do tempo caçando durante o dia e bebendo à noite. Não havia servos rústicos para importuná-los com disputas sobre limites de terras, ou para roubá-los no arrendamento. Só faltavam mulheres, e hoje haviam resolvido esse problema ao sequestrarem duas irmãs gorduchas, de treze e quatorze anos.

Seu único pesar era o de nunca ter lutado pelo rei. Fora sua ambição desde menino, e ainda sonhava com isso. Ser um fora-da-lei era muito fácil. Ele não podia se orgulhar de matar servos desarmados. O menino nele ainda ansiava pela glória. Nunca provara, para si mesmo e para os outros, que tinha a alma de um verdadeiro cavaleiro.

Mas não permitiria que esse pensamento o deixasse deprimido. Enquanto subia pela encosta que escondia o pasto no alto das colinas, onde ficava o esconderijo, ele aguardava ansioso por um banquete naquela noite. Assariam uma ovelha no espeto e comeriam creme com mel. E as garotas... Ralph decidira que ficariam deitadas lado a lado, para que cada uma visse a irmã sendo violada por um homem depois de outro. O pensamento fez seu coração bater mais depressa.

Já podiam avistar os abrigos de pedra. Não seriam capazes de usá-los por muito mais tempo, pensou Ralph. A relva estava crescendo e os pastores subiriam em breve. A Páscoa caíra cedo naquele ano, e por isso o Domingo de Pentecostes viria logo depois do Primeiro de Maio. Os bandidos teriam de procurar outra base.

Quando se encontrava a cinquenta metros da cabana mais próxima, Ralph ficou aturdido ao ver alguém sair de lá.

Ele e Tam pararam os cavalos, e os outros bandidos se agruparam ao redor, as mãos em suas armas.

O homem aproximou-se, e Ralph constatou que era um monge. Tam, ao seu lado, disse:

- Mas o que, em nome dos céus...?

Uma das mangas do monge balançava vazia. Ralph reconheceu-o como o irmão Thomas, de Kingsbridge. Thomas alcançou-os, como se fosse um encontro casual na rua principal da cidade.

- Olá, Ralph - disse ele. - Lembra de mim?

Thomas adiantou-se, pelo lado direito do cavalo de Ralph. Estendeu o braço direito bom para um aperto de mão. O que ele estava fazendo ali? Por outro lado, que mal podia causar um monge com um braço só? Aturdido, Ralph apertou a mão estendida. Thomas subiu a mão pelo braço de Ralph e pegou seu cotovelo.

Pelo canto dos olhos, Ralph percebeu um movimento nas proximidades das cabanas de pedra. Ao virar o rosto para ver melhor, avistou um homem passar pela porta da cabana mais próxima, logo seguido por outro, por mais três; e reparou também que havia homens saindo de todas as cabanas... e que ajustavam flechas nos arcos que carregavam. Compreendeu que ele e seu bando haviam sido emboscados... mas nesse momento a mão em seu cotovelo aumentou a pressão, e ele foi arrancado do cavalo com um puxão vigoroso.

Um grito estrondoso se elevou dos bandidos. Ralph caiu no chão, batendo de costas. Seu cavalo, Griff, pulou para o lado, assustado. Quando Ralph fez menção de se levantar, Thomas jogou-se em cima dele, pesado como uma árvore, espremendo-o contra a terra; e permaneceu por cima, como um amante.

- Fique quieto e não morrerá - disse ele no ouvido de Ralph.

No instante seguinte, Ralph ouviu o som de dezenas de flechas sendo disparadas ao mesmo tempo, com zunidos inconfundíveis, como o vento

repentino de uma tempestade de raios.

O barulho era tremendo... devia haver pelo menos cem arqueiros, pensou ele. Era evidente que haviam aguardado nos abrigos. O ato de Thomas ao segurar seu braço podia ter sido o sinal para que saíssem e atirassem.

Ralph ainda pensou em empurrar Thomas para o lado, mas depois mudou de idéia. Podia ouvir os gritos dos outros bandidos ao serem atingidos pelas flechas. Do chão, não dava para ver muita coisa, mas ele percebeu que alguns de seus homens desembainhavam as espadas. Só que estavam longe demais dos arqueiros: se corressem ao encontro do inimigo, seriam abatidos pelas flechas antes de conseguirem alcançá-los. Era um massacre, não uma batalha. Cascos ressoaram na terra, e Ralph especulou se Tam atacava os arqueiros, ou fugia.

A confusão foi terrível, mas não durou muito tempo. Em poucos momentos, ele compreendeu que os bandidos tentavam fugir.

Thomas saiu de cima dele, tirou uma adaga comprida de baixo do hábito de beneditino, e disse:

- Nem sequer pense em pegar sua espada.

Ralph levantou-se. Olhou para os arqueiros e reconheceu muitos: o gordo Dick Brewer, o rude Edward Butcher, o jovial Paul Bell, o mal-humorado Bill Watkin... todos cidadãos tímidos e respeitadores da lei de Kingsbridge. Fora capturado por mercadores. Mas isso não era o mais surpreendente. Olhou para Thomas, curioso.

- Você salvou minha vida, monge.

- Só porque seu irmão me pediu - respondeu Thomas, irritado. - Se dependesse de mim, você estaria morto antes mesmo de bater no chão.

A cadeia de Kingsbridge ficava no porão da casa da guilda. Tinha as paredes de pedra, o chão sujo e nenhuma janela. Não havia fogo, e os prisioneiros de vez em quando morriam de frio no inverno; mas era o mês de maio, e Ralph contava com um manto de lã para mantê-lo aquecido durante a noite. Também tinha uns poucos móveis - uma cadeira, um banco, e uma pequena mesa - alugados de John Constable e pagos por Merthin. No outro lado da porta de carvalho ficava a sala de John Constable. Nos dias de mercado e durante a feira, ele e seus ajudantes sentavam ali, esperando o chamado para acabarem com brigas.

Alan Fernhill estava na cela com Ralph. Um arqueiro de Kingsbridge atingira-o com uma flecha na coxa. Embora o ferimento não fosse grave, ele não pudera correr. Mas Tam Hiding conseguira escapar.

Aquele era o último dia que passariam ali. O xerife deveria chegar ao meio dia para levá-los para Shiring. Já haviam sido condenados à morte, em ausência, pelo estupro de Annet e pelos crimes cometidos no tribunal, testemunhados pelo juiz: ferir o primeiro jurado, ferir Wulfric, e fugir. Seriam enforcados quando chegassem em Shiring.

Uma hora antes do meio-dia, os pais de Ralph trouxeram o almoço: presunto quente, pão fresco e um jarro de cerveja forte. Merthin os acompanhava, e Ralph presumiu que era o momento da despedida. O pai confirmou ao anunciar:

- Não vamos acompanhá-lo até Shiring.

A mãe acrescentou:

- Não queremos vê-lo...

A frase foi interrompida, mas Ralph sabia o que ela queria dizer. Não iriam à Shiring para testemunhar seu enforcamento.

Ralph tomou a cerveja, mas teve dificuldade para comer. Para a forca, e a comida parecia ser uma inutilidade. De qualquer forma, não sentia o menor apetite. Alan aproveitou: parecia não ter a menor noção da tragédia que o aguardava.

A família sentou num silêncio constrangedor. Embora fossem os últimos minutos que passariam juntos, ninguém sabia o que dizer. Maud chorava baixinho, Gerald exibia uma expressão furiosa e Merthin mantinha a cabeça nas mãos. Alan Fernhill parecia apenas entediado.

Ralph tinha uma pergunta para o irmão. Parte dele não queria fazê-la, mas ele compreendeu que aquela seria sua última oportunidade.

- Quando o irmão Thomas me arrancou do cavalo, protegendo-me das flechas, agradei a ele por salvar minha vida. - Ele fitou o irmão e acrescentou: Thomas disse que fez isso por você, Merthin.

Merthin limitou-se a acenar com a cabeça.

- Você pediu a ele?

- Pedi.

- Então sabia o que da acontecer.

- Sabia.

- Mas... como Thomas sabia onde me encontrar?

Merthin não respondeu.

- Você contou a ele, não é? - indagou Ralph. O pai ficou chocado.

- Merthin! - exclamou ele. - Como pôde fazer isso?

- Seu porco traiçoeiro! - gritou Alan Fernhill. Merthin disse a Ralph:

- Você estava assassinando pessoas! Camponeses inocentes, suas esposas e crianças! Tinha de ser detido!

Ralph não ficou com raiva, o que o deixou um tanto surpreso. Tinha a sensação de que sufocava. Engoliu em seco.

- Mas por que pediu a Thomas para poupar minha vida? Foi porque preferia me ver enforcado?

- Ralph, não... - balbuciou Maud, para depois começar a chorar.

- Não sei - respondeu Merthin. - Talvez eu apenas quisesse que você vivesse mais um pouco.

- Mas você me traiu. - Ralph descobriu que estava à beira de sofrer um colapso. As lágrimas pareciam se acumular por trás dos olhos, e a pressão na cabeça era cada vez maior. - Você me traiu.

Merthin levantou-se e disse, furioso:

- Por Deus, você merecia!

- Não briguem... - suplicou Maud. Ralph balançou a cabeça.

- Não vamos brigar. Esses dias passaram.

A porta foi aberta. John Constable entrou para anunciar:

- O xerife está lá fora.

Maud abraçou Ralph e apertou-o, chorando. Depois de alguns momentos, Gerald desvencilhou-a, gentilmente.

John deixou a cela e Ralph foi atrás. Estava surpreso por não ter sido amarrado ou acorrentado. Já fugira uma vez antes... não tinham medo de que fizesse a mesma coisa de novo? Ele atravessou a sala de John e saiu do prédio. A família veio atrás.

Devia ter chovido pouco antes, pois agora o sol forte refletia-se na rua molhada. Ralph teve de contrair os olhos contra a claridade. Enquanto ajustava a vista, reconheceu seu cavalo, Griff, selado e pronto para partir. A presença alegrou seu coração. Ele pegou as rédeas e murmurou no ouvido do cavalo:

- Você nunca me traiu, não é mesmo, menino?

O cavalo soltou um bufido e bateu com os cascos, satisfeito por ter seu dono de volta.

O xerife e vários assistentes esperavam, montados e armados até os dentes: deixariam Ralph seguir a cavalo até Shiring, mas não queriam correr qualquer risco. Não haveria fuga desta vez, compreendeu ele.

Ralph correu os olhos ao redor. O xerife estava ali, mas os outros cavaleiros armados não eram seus ajudantes. Eram homens do conde

Roland. E lá estava o próprio conde, cabelos pretos, barba preta, montando um cavalo de batalha tordilho. O que ele fazia ali?

Sem desmontar, o conde inclinou-se e entregou um pergaminho enrolado a John Constable.

- Leia isso, se puder - disse Roland, falando pelo canto da boca, como sempre. - É um mandado do rei. Todos os presos do condado estão perdoados e devem ser libertados... sob a condição de me acompanharem para se juntarem ao exército do rei.

- Hurra! - gritou Gerald.

Maud desatou a chorar. Merthin olhou por cima do ombro de John e leu o documento. Ralph olhou para Alan, que lhe perguntou:

- O que isso significa?

- Significa que estamos livres! John Constable disse:

- É verdade, se li direito. - Ele olhou para o xerife. - Você confirma isso?

- Confirmo - respondeu o xerife.

- Então não há mais nada a dizer. Estes homens estão livres e podem acompanhar o conde.

John enrolou o pergaminho. Ralph olhou para o irmão. Merthin estava chorando. Seriam lágrimas de alegria ou de frustração? Só que ele não teve mais tempo para especular.

- Vamos embora - disse Roland, impaciente. - Agora que concluímos as formalidades, temos de partir. O rei está na França... uma longa viagem!

Ele esporeou o cavalo e partiu a galope pela rua principal. Ralph bateu nos flancos de Griff, que seguiu o conde.

41

Você não pode vencer - disse Gregory Longfellow ao prior Godwyn, sentado na cadeira grande, na sala da casa do prior. - O rei vai conceder a carta regia de burgo a Kingsbridge.

Godwyn ficou aturdido. Aquele era o advogado que ganhara dois casos para ele no tribunal real, um contra o conde e outro contra o regedor. Se alguém tão competente declarava-se vencido, então a derrota devia ser mesmo inevitável.

O que era inadmissível. Se Kingsbridge se tornasse um burgo real, o priorado ficaria em segundo plano. Há centenas de anos o prior decidia tudo em Kingsbridge. Aos olhos de Godwyn, a cidade existia apenas para servir ao priorado, que servia a Deus. Agora, o priorado seria apenas uma parte da cidade controlada por mercadores, servindo ao deus Dinheiro. E o Livro da Vida mostraria que fora Godwyn o prior que deixara isso acontecer. Consternado, ele perguntou:

- Tem certeza?

- Sempre tenho certeza.

Godwyn sentiu a maior irritação. A atitude presunçosa de Gregory era ótima quando ele escarnecia de seus oponentes, mas quando se virava contra você era angustiante. Furioso, Godwyn indagou:

- Veio até Kingsbridge só para me dizer que não pode fazer o que pedi?

- E para cobrar meus honorários - declarou Gregory, com um sorriso de satisfação.

Godwyn desejou poder jogá-lo no viveiro de peixes com suas roupas de Londres.

Era o sábado da semana de Pentecostes, o dia anterior à abertura da Feira do Velocino. Lá fora, no pátio gramado no lado oeste da catedral, centenas de mercadores armavam seus estandes. As conversas e gritos de uns para os outros combinavam-se num estrondo que podia ser ouvido na sala da casa do prior, onde Godwyn e Gregory sentavam às extremidades da mesa de refeições. Philemon, sentado no banco do lado, pediu a Gregory:

- Poderia explicar ao lorde prior como chegou a essa conclusão pessimista? Ele vinha desenvolvendo um tom de voz que era meio subserviente, meio desdenhoso. Godwyn não tinha certeza se gostava. Gregory não reagiu ao tom.

- Claro. O rei está na França.

- Já está na França há quase um ano e não aconteceu muita coisa - comentou Godwyn.

- Tomará conhecimento da ação neste inverno. -Por quê?

- Deve ter ouvido falar dos ataques franceses a nossos portos no Sul.

- Já me contaram - disse Philemon. - E também soube que os marujos franceses estupraram freiras em Canterbury.

- Sempre alegamos que o inimigo estuprou freiras - declarou Gregory, condescendente. - Encoraja as pessoas comuns a apoiarem a guerra. Mas eles incendiaram Portsmouth. E houve sérios prejuízos para a navegação. Talvez tenham notado uma queda no preço da lã inglesa.

- Claro que notamos.

- Isso se deve em parte à dificuldade de embarcá-la para Flandres. E o preço pago pelo vinho de Bordeaux subiu pelo mesmo motivo. Não podíamos comprar vinho nem pelos preços antigos, pensou Godwyn; mas ele não disse isso. Gregory continuou:

- Esses ataques parecem ser apenas preliminares. Os franceses estão reunindo uma frota de invasão. Nossos espiões dizem que já há mais de duzentos navios ancorados na foz do rio Zwyn.

Godwyn notou que Gregory falava de "nossos espiões" como se fosse parte do governo. Na realidade, ele estava apenas repetindo rumores que ouvira. Só que parecia convincente.

- Mas o que a guerra francesa tem a ver com o fato de Kingsbridge se tornar ou não um burgo?

- Impostos. O rei precisa de dinheiro. A guilda da paróquia argumentou que a cidade será mais próspera e pagará mais impostos se a cidade se livrar do controle do priorado.

- E o rei acredita nisso?

- Já foi provado antes que é verdade. É por isso que o rei cria burgos. Os burgos geram comércio, e o comércio produz receita de impostos. Dinheiro de novo, pensou Godwyn, repugnado.

- Não há nada que possamos fazer?

- Não em Londres. Aconselho-o a se concentrar no lado de Kingsbridge. Pode persuadir a guilda da paróquia a retirar o pedido? Como é o velho regedor? Ele pode ser subornado?

- Meu tio Edmund? Ele tem uma saúde precária, que se deteriora mais e mais. Mas sua filha, minha prima Caris, é a verdadeira força propulsora

por trás dele.

- Lembro dela do julgamento. Achei-a um tanto arrogante. O roto falando do esfarrapado, pensou Godwyn, irônico.

- Ela é uma bruxa - murmurou ele.

- É mesmo? Isso pode ajudar.

- Não falei literalmente. Philemon interveio:

- Por falar nisso, lorde prior, tem havido rumores. Gregory alteou as sobrancelhas.

- Interessante...

- Ela é muito amiga de uma mulher chamada Mattie, que prepara poções para as pessoas crédulas da cidade.

Godwyn já da manifestar seu desdém por essa idéia de bruxaria, mas decidiu se calar. Qualquer arma que pudesse liquidar a idéia de converter Kingsbridge num burgo com carta regia só poderia ter sido enviada por Deus. E talvez Caris usasse mesmo a bruxaria, pensou ele; quem sabe?

- Vejo que hesita - comentou Gregory. - Claro, se gosta de sua prima...

- Gostava quando éramos mais jovens. - Godwyn sentiu uma pontada de pesar pela simplicidade antiga perdida. - Mas lamento dizer que ela não cresceu para se tornar uma mulher temente a Deus.

- Neste caso...

- Devo investigar os rumores - murmurou Godwyn.

- Permite que eu faça uma sugestão? - indagou Gregory. Godwyn já se cansara das sugestões de Gregory, mas não tinha coragem de dizer isso.

- Claro - concordou ele, com uma polidez um tanto exagerada.

- As investigações de heresia podem ser... sórdidas. Não deve sujar suas próprias mãos. E as pessoas podem ficar nervosas ao falar com um prior. Delegue a tarefa a alguém que seja menos intimidativo. Este jovem noviço, por exemplo. Ele indicou Philemon, que exultou de prazer. - A atitude dele me parece... sensata.

Godwyn recordou que fora Philemon quem descobrira a fraqueza do bispo Richard... sua ligação com Margery. Era sem dúvida o homem certo para qualquer trabalho sujo.

- Está bem - disse ele. - Veja o que consegue descobrir, Philemon.

- Obrigado, lorde prior. Nada me daria mais prazer.

Na manhã de domingo, as pessoas ainda chegavam a Kingsbridge. Caris observou-as passarem pelas duas pontes largas de Merthin, a pé, a cavalo, em carroças de duas ou quatro rodas puxadas por cavalos, em carros de

boi, trazendo mercadorias para a feira. A cena animava seu coração. Não houvera uma grande cerimônia de inauguração - a ponte ainda não estava realmente pronta, mas já dava para ser usada, graças a um leito de madeira temporário -, mas mesmo assim espalhara-se a notícia de que estava aberta e as estradas estavam a salvo dos salteadores. Até mesmo Buonaventura Caroli viera.

Merthin sugerira uma maneira diferente de recolher o pedágio, e a guilda da paróquia adotara a proposta no mesmo instante. Em vez de uma única cabine na extremidade da ponte, criando um gargalo, havia dez postos de cobrança provisórios na ilha do Leproso. A maioria das pessoas podia entregar seu penny sem nem mesmo parar.

- Não há sequer uma fila - murmurou Caris para si mesma.

E o tempo era ensolarado e ameno, sem o menor sinal de chuva. A feira seria um sucesso.

E dali a uma semana ela casaria com Merthin.

Ainda sentia apreensões. A idéia de perder a independência e se tornar a propriedade de alguém não cessara de apavorá-la, mesmo sabendo que Merthin não era o tipo de homem capaz de explorar e controlar a esposa. Nas raras ocasiões em que confessara seus sentimentos - para Gwenda, por exemplo, ou para Mattie Wise

- fora informada de que pensava como um homem. Mas era assim que se sentia.

Só que a perspectiva parecia ainda mais desoladora. O que lhe restaria, exceto um negócio de fabricar tecidos que não lhe proporcionava nenhuma inspiração? quando Merthin finalmente anunciara sua intenção de deixar a cidade, o futuro parecera vazio. E ela compreendera que a única coisa pior do que casar com ele podia ser não casar com ele.

Pelo menos era o que ela dizia a si mesma em seus momentos mais positivos. Mas às vezes, quando se descobria acordada de madrugada, via-se a recuar no último minuto, talvez no meio do casamento, recusando-se a prestar os votos e saindo em disparada da igreja, para consternação da congregação.

O que era um absurdo, ela sentiu agora, à luz do dia, com tudo correndo tão bem. Casaria com Merthin e seria feliz.

Caris deixou a margem do rio e atravessou a cidade até a catedral, já apinhada de fiéis à espera do serviço da manhã. Recordou como Merthin a acariciara por trás de um pilar. Sentiu saudade da paixão insensata do

início do relacionamento; as conversas longas e profundas, os beijos roubados.

Encontrou-o perto da frente da congregação, estudando a nave sul do coro, a parte da catedral que desabara diante de seus olhos, há dois anos. Recordou que subira com Merthin para o espaço abobadado, e ouvira a terrível conversa entre irmão Thomas e sua esposa separada. Fora essa conversa que cristalizara seus medos e a levara a rejeitar Merthin. Caris tratou de afastar o pensamento de sua mente.

- Os reparos parecem estar resistindo - comentou ela, adivinhando o que Merthin pensava.

Ele parecia em dúvida.

- Dois anos é muito pouco tempo na vida de uma catedral.

- Não há sinal de deterioração.

- É o que torna o problema tão difícil. Uma fraqueza invisível pode efetuar seu trabalho de desgaste por anos, sem que ninguém desconfie, até que ocorra um desabamento.

- Talvez não haja nenhuma fraqueza.

- Tem de haver - insistiu Merthin, com alguma impaciência. - Houve uma razão para que o desabamento ocorresse há dois anos. Nunca descobrimos qual era. Por isso, não fizemos o reparo direito. E se não foi direito, a fraqueza ainda persiste.

- Pode ter ocorrido uma correção espontânea.

Caris estava apenas sendo argumentativa, mas ele levou a sério.

- Os prédios não costumam se reparar por si mesmos... mas você tem razão, é possível. Pode ter havido um vazamento de água, por exemplo, de alguma gárgula obstruída. E a água encontrou um caminho menos pernicioso para se desviar.

Os monges começaram a entrar, em procissão e cantando. A congregação ficou silenciosa. As freiras vieram de sua entrada separada. Uma das noviças levantou os olhos, um rosto pálido e bonito na fileira de cabeças encapuzadas. Ela viu Merthin e Caris juntos. O súbito brilho de rancor fez Caris estremecer. No instante seguinte, Elizabeth baixou a cabeça e tornou a desaparecer em seu uniforme anônimo.

- Ela odeia você - murmurou Merthin.

- Pensa que o impedi de casar com ela.

- Ela está certa.

- Não, não está... você poderia casar com quem quisesse!

- Mas só queria você.
- Brincou com os sentimentos de Elizabeth.
- Deve ter parecido assim para ela - comentou Merthin. - Mas eu apenas gostava de conversar com Elizabeth, ainda mais depois que você se transformou em gelo.

Caris sentia-se contrafeita.

- Sei disso. Mas Elizabeth acha que foi enganada. E a maneira como olha para mim me deixa nervosa.

- Não tenha medo. Ela é uma freira agora. Não pode lhe fazer qualquer mal. Os dois ficaram em silêncio por algum tempo, de pé, lado a lado, os ombros

se tocando em intimidade, enquanto assistiam ao ritual. O bispo Richard sentava no trono no lado leste, presidindo o serviço. Merthin gostava daquele tipo de coisa, Caris sabia. Sempre se sentia melhor depois, e dizia que era isso que frequentar a igreja deveria fazer pelas pessoas. Caris comparecia à igreja porque as pessoas notariam se ela não fosse, mas tinha dúvidas sobre tudo aquilo. Acreditava em Deus, mas não tinha certeza se Ele revelava seus desejos exclusivamente para homens como seu primo Godwyn. Por que um deus haveria de querer louvores, por exemplo? Reis e condes queriam ser venerados; e quanto mais insignificantes fossem, mais deferência exigiam. Parecia-lhe que um Deus Todo Poderoso não se importaria se as pessoas de Kingsbridge lhe entoassem louvores, assim como ela não se importava se o veado na floresta a temia ou não. Expressava essas ideias de vez em quando, mas ninguém a levava a sério. Seus pensamentos desviaram-se para o futuro. Eram boas as perspectivas de que o rei concedesse uma carta regia de burgo a Kingsbridge. Seu pai provavelmente seria o primeiro prefeito, se recuperasse a saúde. Seu negócio de tecido continuaria a crescer. Mark Webber ficaria rico. Com a crescente prosperidade, a guilda da paróquia poderia construir uma Bolsa de Lã, para que todos pudessem fazer seus negócios com conforto, mesmo no mau tempo. Merthin projetaria o prédio. Até mesmo o priorado ficaria numa situação melhor, embora Godwyn nunca fosse lhe agradecer por isso.

O serviço terminou, e os monges e freiras começaram a se retirar. Um noviço desligou-se dos outros, e entrou na área destinada à congregação. Era Philemon. Para surpresa de Caris, ele abordou-a e perguntou:

- Posso conversar com você?

Ela reprimiu um sobressalto. Havia alguma coisa repulsiva no irmão de Gwenda.

- Sobre o quê? - murmurou ela, quase impolida.

- Quero lhe pedir um conselho. - Philemon fez uma tentativa de sorriso encantador. - Conhece Mattie Wise.

- Conheço.

- O que acha de seus métodos?

Caris fitou-o com expressão dura. Aonde ele estava querendo chegar? Ela decidiu que era melhor, de qualquer forma, defender Mattie.

- Ela nunca estudou os textos dos antigos, é claro. Apesar disso, seus remédios funcionam... às vezes melhores que os remédios dos monges. Creio que isso acontece porque ela baseia seus tratamentos no que deu certo antes, em vez de se ater à teoria dos humores.

As pessoas paradas nas proximidades escutavam com a maior curiosidade. Algumas resolveram participar da conversa mesmo sem serem convidadas.

- Ela deu à nossa Nora uma poção que baixou sua febre - comentou Madge Webber.

John Constable acrescentou:

- Quando quebrei o braço, seu medicamento tirou a dor enquanto Matthew Barber consertava o osso.

- E que tipo de encantamentos ela pronuncia quando está fazendo suas misturas? - perguntou Philemon.

- Não há nenhum encantamento! - protestou Caris, indignada. Ela diz às pessoas para rezarem ao tomarem seus medicamentos, porque só Deus pode curar... é o que ela sempre diz.

- Mattie poderia ser uma bruxa?

- Claro que não! Isso é uma idéia absurda!

- Mas uma queixa foi apresentada ao tribunal eclesiástico. Caris sentiu um calafrio.

- Por quem?

- Não posso dizer. Mas fui incumbido de investigar.

Caris ficou atordoada. Quem poderia ser o inimigo de Mattie? Ela disse a Philemon:

- Logo você, entre todas as pessoas, deveria conhecer o valor de Mattie... ela salvou a vida de sua irmã quando Sam nasceu. Gwenda teria sangrado até a morte se não fosse por Mattie.

- É o que parece.
 - Parece? Gwenda está viva, não é?
 - Claro. Então você tem certeza de que Mattie não invoca o demônio? Caris notou que ele elevava um pouco a voz ao fazer a pergunta, como se quisesse ter certeza de que as pessoas ao redor ouviriam. Ela ficou perplexa, mas não tinha qualquer dúvida sobre sua resposta.
 - Claro que tenho! Posso prestar um juramento, se você quiser.
 - Não é necessário. Obrigado por sua orientação.
- Philemon inclinou a cabeça, numa espécie de reverência, e afastou-se. Caris e Merthin encaminharam-se para a saída.
- Mas que absurdo! - exclamou Caris. - Mattie uma bruxa! Merthin parecia perturbado.
 - Era de se esperar que Philemon quisesse provas contra ela, não é?
 - Claro.
 - Então por que ele a procurou? Poderia ter imaginado que você, entre todas as pessoas, negaria a acusação. Por que ele se mostraria tão ansioso em inocentá-la?
 - Não sei.

Os dois passaram pelo enorme portão de oeste, e saíram para o pátio gramado. O sol brilhava sobre centenas de estandes, com mercadorias coloridas.

- Não faz sentido - disse Merthin. - E isso me perturba.
- Por quê?
- É como a causa da fraqueza na nave sul. Se você não pode ver, talvez esteja provocando um desgaste invisível... e você não sabe até que tudo desaba.

O tecido escarlata no estande de Caris no mercado não era tão bom quanto o que era vendido por Loro Fiorentino, embora só quem tivesse olho atento para lã poderia perceber a diferença. A trama não era tão justa porque os teares italianos eram de alguma forma superiores. A cor tinha o mesmo brilho, mas não era tão uniforme por toda a peça porque os tintureiros italianos eram mais experientes. Em consequência, ela cobrava um décimo a menos que Loro.

Mesmo assim, era de longe o melhor escarlata inglês que já fora visto em Kingsbridge, e os negócios se multiplicaram. Mark e Madge vendiam no varejo, por metro, medindo e cortando para os clientes individuais. Caris lidava com os compradores por atacado, negociando reduções para uma

peça ou seis com negociantes de tecidos de Winchester, Gloucester, até mesmo de Londres. Por volta de meio-dia da segunda-feira ela já sabia que venderia tudo antes do final da semana.

Quando o movimento diminuiu, na hora do almoço, ela deu uma volta pela feira. Experimentava um profundo senso de satisfação. Triunfara sobre a adversidade, e Merthin também fizera a mesma coisa. Ela parou no estande de Perkin para conversar com as pessoas de Wigleigh. Até mesmo Gwenda triunfara. Ali estava ela, casada com Wulfric - algo que parecia impossível no passado - e cuidando do filho. Sammy, um menino de um ano, sentava no chão, gordo e feliz. Annet vendia ovos em uma bandeja, como sempre. E Ralph fora para a França, a fim de lutar pelo rei; talvez nunca mais voltasse.

Mais adiante, ela avistou Joby, o pai de Gwenda, vendendo suas peles de esquilo. Era um homem infame, sem escrúpulos. Mas parecia ter perdido o poder de fazer mal a Gwenda.

Caris parou no estande do pai. Persuadira-o a comprar lã em quantidades menores naquele ano. O mercado internacional de lã não podia prosperar quando franceses e ingleses atacavam portos uns dos outros, queimavam navios.

- Como estão os negócios, papai?

- Mais ou menos. Acho que calculei certo.

O pai esquecera que a avaliação fora de Caris, não dele, que aconselhara cautela. Mas isso não tinha importância.

A cozinheira, Tutty, apareceu com o almoço de Edmund: ensopado de cordeiro numa panela, pão e um jarro de cerveja. Era importante parecer próspero, mas não demais. Edmund explicara a Caris, muitos anos antes, que os clientes precisavam acreditar que estavam comprando de um negócio bem-sucedido, mas ficariam ressentidos em contribuir para a riqueza de alguém que aparentava nadar em dinheiro.

- Está com fome? - perguntou ele a Caris.

- Muita.

Edmund levantou-se para pegar a panela do ensopado. Foi nesse instante que cambaleou, deixou escapar um som estranho, entre um grunhido e um grito, e caiu no chão.

A cozinheira berrou.

- Pai! - chamou Caris.

Mas ela sabia que Edmund não responderia. Dava para perceber que estava inconsciente, pela maneira como batera no chão, inerte, como se fosse um saco de cebolas. Caris resistiu ao impulso de gritar. Ajoelhou-se ao lado do pai. Ele continuava vivo, a respiração rouca. Caris sentiu seu pulso: as batidas eram fortes, mas lentas. O rosto parecia corado. Era sempre avermelhado, mas agora parecia mais do que o normal.

- O que aconteceu? - perguntou Tutty. Caris forçou-se a falar calmamente:

- Ele teve um desmaio. Chame Mark Webber. Ele pode carregar papai para o hospital.

A cozinheira saiu correndo. Pessoas dos estandes vizinhos se agruparam ao redor. Dick Brewer aproximou-se e disse:

- Pobre Edmund... o que posso fazer?

Dick era muito velho e gordo para levantar Edmund.

- Mark está vindo para carregá-lo até o hospital. - Caris começou a chorar.

- Espero que ele fique bom.

Mark chegou. Levantou Edmund com facilidade, ajeitando-o gentilmente em seus braços fortes. Seguiu para o hospital, abrindo caminho através da multidão:

- Saiam da frente, por favor! Estou levando um homem ferido para o hospital! Caris seguiu-o, transtornada. Mal podia ver através das lágrimas, e por isso permaneceu próxima das costas largas de Mark. Chegaram ao prédio do hospital e entraram. Caris sentiu-se agradecida ao deparar com o rosto rude de Old Julie.

- Chame madre Cecilia, o mais depressa que puder! - pediu ela.

A idosa freira afastou-se apressada. Mark ajeitou Edmund num colchão perto do altar.

Edmund ainda permanecia inconsciente, os olhos fechados, a respiração ofegante. Caris sentiu sua testa: não estava quente nem fria. O que causara aquilo? Fora muito repentino. Num momento ele falava normalmente, no seguinte, caía no chão inconsciente. Como uma coisa assim podia acontecer?

Madre Cecilia veio. Sua eficiência alvoroçada era tranquilizadora. Ajoelhou-se ao lado da enxerga e sentiu o coração de Edmund, depois o pulso. Prestou atenção à respiração e tocou em seu rosto.

- Vá buscar um travesseiro e um cobertor - disse ela para Julie. - Depois, chame um dos monges médicos.

Ela levantou-se e olhou para Caris.

- Seu pai teve um ataque. Pode se recuperar. Tudo o que podemos fazer agora é deixá-lo confortável. O médico pode recomendar uma sangria, mas afora isso o único tratamento é a oração.

Isso não era bastante bom para Caris.

- Vou chamar Mattie - disse ela.

Ela saiu correndo do hospital. Esgueirou-se pela feira, lembrando que fizera a mesma coisa um ano antes, correndo para chamar Mattie quando Gwenda sangrava para a morte. Desta vez era seu pai, e ela sentia um tipo diferente de pânico. Ficara desesperadamente preocupada com Gwenda, mas agora era como se o mundo estivesse desmoronando. O medo de que o pai pudesse morrer lhe proporcionava o sentimento horrível que às vezes se insinuava em seus sonhos, quando se descobria no telhado da catedral de Kingsbridge sem ter como descer, a não ser pulando.

O esforço físico de correr pelas ruas acalmou-a um pouco. Já mantinha o controle de suas emoções quando chegou à casa de Mattie. Tinha certeza de que Mattie saberia o que fazer. Ela diria: "Já vi isso antes. Sei o que acontecerá em seguida, e este é o tratamento que ajuda."

Caris bateu na porta. Como não ouviu uma resposta imediata, experimentou a porta, e descobriu que não estava trancada. Entrou correndo.

- Mattie, você tem de ir ao hospital agora mesmo! É meu pai!

A sala da frente estava vazia. Caris puxou a cortina que protegia a cozinha. Mattie também não se encontrava ali. Caris disse, em voz alta:

- Por que você tinha de sair de casa neste exato momento?

Ela olhou ao redor, em busca de alguma indicação sobre o paradeiro de Mattie. Foi então que notou que a pequena cozinha estava diferente. Todos os pequenos potes e vidros haviam desaparecido, deixando as prateleiras vazias. Não havia nenhum dos pilões que Mattie costumava usar para moer ingredientes, nenhuma das pequenas panelas para derreter e ferver, nenhuma das facas para cortar ervas. Caris voltou à metade da frente da casa de Mattie e constatou que os pertences pessoais também haviam desaparecido: a caixa de costura, os copos de madeira envernizados para o vinho, o xale bordado pendurado na parede como decoração, o pente de osso todo lavrado que era tão apreciado.

Mattie recolhera suas coisas e fora embora.

E Caris podia adivinhar o motivo. Mattie devia ter ouvido falar das perguntas de Philemon na catedral no dia anterior. Tradicionalmente, o

tribunal eclesiástico realizava uma sessão no sábado da semana da Feira do Velocino. Apenas dois anos antes os monges haviam aproveitado a ocasião para o julgamento de Crazy Nell, sob a acusação absurda de heresia.

Mattie não era herege, é claro, mas era difícil provar isso, como muitas mulheres mais velhas já haviam descoberto. Devia ter calculado suas chances de sobreviver a um julgamento, e chegara à conclusão de que a resposta era assustadora. Sem dizer nada a ninguém, pegara seus pertences e deixara a cidade. Provavelmente encontrara um camponês voltando para casa, depois de vender seus produtos na feira, e o persuadira a levá-la em seu carro de boi. Caris imaginou sua partida ao amanhecer, a caixa ao seu lado na carroça, o capuz do manto puxado para a frente, a fim de esconder o rosto. Ninguém poderia sequer adivinhar para onde ela fora.

- O que vou fazer? - indagou Caris para a casa vazia.

Mattie sabia melhor do que qualquer outra pessoa em Kingsbridge como ajudar um doente. Era o pior momento possível para seu desaparecimento, quando Edmund se encontrava inconsciente no hospital. Caris sentia-se desesperada.

Ela sentou na cadeira de Mattie, ainda ofegante do esforço de correr. Queria voltar ao hospital, mas não havia sentido. Não poderia ajudar o pai. Ninguém podia.

A cidade precisava de uma curandeira, pensou ela; alguém que não dependa apenas de orações e água benta, nem de sangrias, mas use tratamentos simples, de sucesso comprovado. E sentada ali, na casa vazia, ela compreendeu que havia alguém que podia preencher o papel, alguém que conhecia os métodos de Mattie e acreditava em sua filosofia prática. Essa pessoa era a própria Caris.

O pensamento aflorou com a luz ofuscante de uma revelação. Ela ficou imóvel, aturdida com as implicações. Conhecia as receitas das principais poções de Mattie: uma para atenuar a dor, uma para causar vômito, uma para lavar ferimentos, uma para baixar a febre. Conhecia os usos de todas as ervas comuns: o endro para indigestão, funcho para febre, arruda para flatulência, agrião para infertilidade. Conhecia os tratamentos que Mattie nunca prescrevia: cataplasmas feitos com estrume, medicamentos contendo ouro e prata, versos escritos em pergaminho, que era amarrado na parte doente do corpo.

E possuía um instinto para isso. Fora o que madre Cecilia dissera, quase suplicando para que Caris se tornasse uma freira. Não da ingressar no priorado, mas talvez pudesse tomar o lugar de Mattie. Por que não? O negócio de tecido poderia ser dirigido por Mark Webber... que já estava mesmo cuidando da maior parte do trabalho.

Procuraria outras curandeiras - em Shiring, em Winchester, talvez em Londres - e conversaria sobre seus métodos, em que tinham sucesso e em que fracassavam. Os homens eram reservados sobre suas habilidades no ofício - seus "mistérios", assim chamavam, como se houvesse alguma coisa sobrenatural em curtir couro ou fazer ferraduras -, mas as mulheres em geral se mostravam dispostas a partilhar seus conhecimentos com outras mulheres.

Poderia até ler alguns dos textos antigos dos monges. Talvez encontrasse alguma verdade neles. Era possível que o instinto que Cecilia lhe atribuíra há algum tempo pudesse ajudá-la a peneirar as sementes do tratamento prático no refugio confuso dos textos clericais.

Caris levantou-se e deixou a casa. Foi andando devagar, com receio do que poderia encontrar no hospital. Sentia-se fatalista agora. Ou o pai estaria bem ou não estaria. Tudo o que podia fazer naquele momento era levar sua resolução para o futuro, a fim de ter certeza, quando as pessoas que amava ficassem doentes, de que estava fazendo tudo o que podia para ajudá-las.

Ela fez um esforço para reprimir as lágrimas ao atravessar a feira e entrar no hospital. Mal teve coragem de olhar para o pai. Aproximou-se da enxerga, cercada por várias pessoas: madre Cecilia, Old Julie, irmão Joseph, Mark Webber, Petranilla, Alice, Elfric

O que tem de ser, será, pensou Caris. Tocou no ombro da irmã, Alice, que se afastou para lhe dar espaço. Caris finalmente olhou para o pai.

Ele estava vivo e consciente, embora parecesse pálido e cansado. Tinha os olhos abertos. Fitou-a, com um sorriso triste.

- Acho que lhe dei um susto. Desculpe, minha querida.

- Graças a Deus!

E Caris desatou a chorar.

Na manhã de quarta-feira, Merthin foi ao estande de Caris, na maior consternação.

- Betty Baxter acaba de me fazer uma estranha pergunta - disse ele. - Queria saber quem será o adversário de Elfric na eleição para regedor.

- Que eleição? Meu pai é o regedor... essa não!

Ela compreendeu o que devia estar acontecendo. Era evidente que Elfric vinha dizendo às pessoas que Edmund estava muito velho e doente para continuar no cargo, e que a cidade precisava de alguém novo. E ele se apresentava como candidato.

- Devemos informar a papai imediatamente.

Caris e Merthin deixaram o terreno da feira e atravessaram a rua principal, até a casa. Edmund deixara o hospital no dia anterior, dizendo - corretamente - que não havia nada que os monges pudessem fazer para ajudá-lo além de aplicar sangrias, o que fazia com que se sentisse ainda pior. Fora carregado para casa, onde haviam aprontado uma cama na sala no primeiro andar.

Naquela manhã ele estava recostado ali, numa pilha de travesseiros. Parecia tão fraco que Caris hesitou em perturbá-lo com a notícia. Mas Merthin sentou ao lado da cama e contou tudo.

- Elfric tem razão - disse Edmund, quando Merthin terminou. - Olhem para mim. Mal consigo sentar direito. A guilda da paróquia precisa de uma liderança forte. não é um trabalho para um homem doente.

- Mas você vai melhorar em breve! - protestou Caris.

- Talvez. Mas estou envelhecendo. Já devem ter notado como me tornei distraído. Esqueço as coisas. E tive uma lentidão fatal para reagir à queda no mercado de lã crua... perdi muito dinheiro no ano passado. Graças a Deus, conseguimos recuperar nossa fortuna com o tecido escarlate... mas foi você quem fez isso, Caris, não eu.

Ela sabia de tudo isso, é claro, mas ainda assim sentia-se indignada.

- Vai simplesmente deixar que Elfric assuma o controle?

- Claro que não. Ele seria um desastre. É dominado por Godwyn. Mesmo depois de nos tornarmos um burgo, ainda precisaremos de um regedor que possa enfrentar o priorado.

- Quem mais poderia assumir o cargo?

- Conversem com Dick Brewer. É um dos homens mais ricos da cidade, e o regedor tem de ser rico, para merecer o respeito dos outros mercadores. Dick não tem medo de Godwyn ou de qualquer dos monges. Seria um bom líder.

Caris descobriu-se relutante em fazer o que o pai sugeria. Parecia a aceitação de que ele ia morrer. Ela não podia se lembrar de uma ocasião em que o pai não fora o regedor.

Não queria que seu mundo mudasse. Merthin podia compreender sua relutância, mas exortou a:

- Temos de aceitar isso. Se ignorarmos o que está acontecendo, podemos acabar com Elfric no comando. Ele seria um desastre... pode até retirar o pedido de carta regia de burgo.

Foi o fator decisivo para Caris.

- Tem razão. Vamos conversar com Dick.

Dick Brewer tinha várias carroças em diferentes pontos da feira, cada uma com um imenso barril de cerveja. Seus filhos, netos e parentes afins vendiam cerveja tão depressa quanto podiam servir. Caris e Merthin encontraram-no dando o exemplo, tomando uma caneca de sua própria cerveja, enquanto observava a família ganhando dinheiro para ele. Levaram-no para um canto e explicaram a situação. Dick perguntou a Caris:

- Quando seu pai morrer, a fortuna dele será dividida igualmente entre você e sua irmã?

- Isso mesmo.

Edmund já informara a Caris que era isso que seu testamento determinava.

- Quando a herança de Alice for acrescentada à riqueza que Elfric já possui, ele será um homem muito rico.

Caris compreendeu que metade do dinheiro que vinha ganhando com o tecido escarlate poderia ir para a irmã. Não pensara nisso antes, porque não pensara na possibilidade de o pai morrer. Foi um choque. O dinheiro por si mesmo não era importante para ela, mas não queria ajudar Elfric a se tornar o regedor.

- Não é apenas uma questão de quem é o homem mais rico - declarou ela. Precisamos de alguém que possa defender os mercadores.

- Neste caso, devem apresentar um candidato rival - disse Dick.

- Você não quer ser esse candidato? - perguntou Caris. Ele sacudiu a cabeça.

- Não perca tempo em tentar me persuadir. Ao final desta semana, passarei o comando ao meu filho mais velho. Planejo passar o resto de meus dias consumindo cerveja, em vez de fabricar.

Ele tomou um longo gole da caneca, e soltou um arrote satisfeito. Caris compreendeu que teria de aceitar sua posição; ele parecia irredutível.

- Quem você acha que deveríamos procurar?

- Só há uma pessoa com possibilidades reais. Você. Caris ficou espantada.

- Eu? Por quê?

- Você é a força propulsora por trás da campanha para a carta regia de burgo. A ponte de seu noivo salvou a Feira do Velocino, e seu negócio de tecido recuperou a prosperidade da cidade, depois do declínio no mercado de lã. É a filha do atual regedor; embora o cargo não seja hereditário, as pessoas acham que líderes geram líderes. E estão certas. Você vem atuando como a regedora de fato há quase um ano, desde que a capacidade de seu pai começou a se deteriorar.

- A cidade já teve uma mulher como regedora?

- Não, pelo que eu saiba. Nem alguém tão jovem quanto você. Esses dois fatores são negativos. Não estou lhe dizendo que vai vencer, mas apenas que ninguém tem mais chance de derrotar Elfric

Caris teve um momento de vertigem. Seria possível? Poderia exercer o cargo a contento? E sua decisão de se tornar uma curandeira? Não haveria muitos homens na cidade que poderiam se tornar um competente regedor?

- O que me diz de Mark Webber? - indagou ela.

- Ele é bom, ainda mais com aquela esposa esperta ao seu lado. Mas as pessoas na cidade continuarão a pensar em Mark como um tecelão pobre.

- Ele é próspero agora.

- Graças a seu tecido escarlata. Mas as pessoas desconfiam de dinheiro novo. Diriam que Mark não passa de um tecelão presunçoso. Querem alguém de uma família próspera... alguém cujo pai foi rico, e de preferência o avô também.

Caris queria derrotar Elfric, mas não tinha certeza de sua capacidade. Pensou na paciência e astúcia do pai, sua cordialidade exuberante, energia inesgotável. Teria essas qualidades? Ela olhou para Merthin, que disse:

- Você seria melhor do que qualquer outro regedor.

Essa confiança sem hesitação de Merthin levou-a a tomar a decisão.

- Está bem. Serei candidata.

Godwyn convidou Elfric para almoçar com ele na sexta-feira da semana da feira. Encomendou uma refeição cara: ganso com gengibre e mel. Philemon serviu-os, e depois sentou à mesa, para comer junto.

Os cidadãos haviam decidido eleger um novo regedor, e num prazo muito curto dois candidatos se destacaram como os principais concorrentes: Elfric e Caris.

Godwyn não gostava de Elfric, mas ele era útil. Não era um construtor dos melhores, mas conseguira se insinuar nas boas graças do prior Anthony, e

com isso obtivera o contrato para os reparos na catedral. Quando se tornara prior, Godwyn vira em Elfric um sicofanta subserviente e o mantivera. Elfric não era muito apreciado na cidade, mas empregava ou subcontratava a maioria dos profissionais e fornecedores, e por isso era cortejado por quem queria trabalho. Depois de conquistarem sua confiança, todos queriam que ele continuasse numa posição em que poderia dispensar favores, o que lhe proporcionava uma certa base de poder.

- Não gosto de incerteza - declarou Godwyn.

Elfric provou o ganso e soltou um grunhido de satisfação.

- Em que contexto?

- A eleição de um novo regedor.

- Por sua natureza, uma eleição é incerta... a menos que só tenha um candidato.

- O que seria minha preferência.

- A minha também, desde que eu fosse esse candidato.

- É o que estou sugerindo. Elfric levantou os olhos do prato.

- É mesmo?

- Diga-me uma coisa, Elfric... até onde vai seu desejo de ser o regedor?

- Quero muito. - A voz saiu um pouco rouca e ele tomou um gole de vinho.

Um tom de indignação insinuou-se em sua voz quando acrescentou: - Eu mereço. Sou tão bom quanto qualquer um deles, não é mesmo? Por que não deveria ser o regedor?

- Manteria o pedido de carta regia de burgo?

Elfric fitou-o atentamente, antes de indagar, pensativo:

- Está me pedindo para retirá-lo? „

- Estou, se for eleito regedor.

- Isso significa que me ajudaria a ser eleito?

- Exatamente.

- Mas como?

- Eliminando a candidata rival. Elfric mostrou-se cético.

- Não sei como poderia conseguir isso.

Godwyn acenou com a cabeça para Philemon, que disse:

- Creio que Caris é uma herege. Elfric largou a faca.

- Vai julgar Caris como uma bruxa?

- Não deve contar isso a ninguém - declarou Philemon. - Se ela souber antes, pode fugir.

- Como fez Mattie Wise.

- Deixei algumas pessoas na cidade acreditarem que Mattie foi presa, e que será ela que vamos julgar no sábado, no tribunal eclesiástico. Mas outra pessoa será acusada no último momento.

Elfric acenou com a cabeça.

- E como se trata de um tribunal eclesiástico, não há necessidade de indiciamento ou júris, o que é muito conveniente. - Ele olhou para Godwyn. - E você será o juiz.

- Infelizmente, não - respondeu Godwyn. - O bispo Richard presidirá o julgamento. Por isso, teremos de provar nossas alegações.

- Tem alguma prova? - perguntou Elfric, cético.

- Algumas, mas gostaríamos de ter mais. O que temos neste momento seria suficiente se a acusada fosse alguma velha sem família e sem amigos, como Crazy Nell. Mas Caris é muito conhecida e pertence a uma família rica e influente, como não preciso lhe dizer.

Philemon interveio:

- É bastante afortunado que o pai esteja tão doente que não pode deixar a cama... Deus assim decidiu, para que ele não possa defendê-la.

Godwyn balançou a cabeça.

- Mesmo assim, ela tem muitos amigos. Por isso, nossas provas devem ser fortes.

- Em que está pensando? - perguntou Elfric. Foi Philemon quem respondeu:

- Seria útil se uma pessoa da família se apresentasse para dizer que ela invocou o demônio, virou um crucifixo de ponta-cabeça, ou falou com alguma entidade numa sala vazia.

Por um momento, Elfric deu a impressão de que não entendera; depois, a luz raiou.

- Ahn... está se referindo a mim?

- Pense com todo cuidado antes de responder.

- Está me pedindo para ajudar a mandar minha cunhada para a forca.

- Sua cunhada, minha prima. Isso mesmo.

- Muito bem. Estou pensando.

Godwyn viu a ambição, ganância e vaidade no rosto de Elfric, e mais uma vez ficou impressionado com a maneira pela qual Deus usava até as fraquezas dos homens para realizar seus sagrados desígnios. Podia adivinhar o que Elfric pensava. A posição de regedor era um encargo

oneroso para um homem altruísta como Edmund, que exercia seu poder em benefício dos mercadores da cidade; mas para alguém que só queria se aproveitar, oferecia possibilidades intermináveis de lucro e poder.

Philemon acrescentou, numa voz suave e firme:

- Se você nunca testemunhou nada de suspeito, então é claro que o assunto termina aqui. Mas peço que procure em sua memória com todo cuidado.

Godwyn registrou de novo o quanto Philemon aprendera nos últimos dois anos. O desajeitado servo do priorado desaparecera. Ele falava como um arquidiácono.

- Podem ter ocorrido incidentes que pareceram na ocasião perfeitamente inofensivos, mas que assumem um aspecto sinistro à luz do que lhe foi dito hoje. Numa reflexão madura, daria para perceber que esses eventos não foram tão inocentes quanto pareciam.

- Já entendi o que está querendo dizer, irmão - declarou Elfric.

Houve um longo silêncio. Nenhum dos três estava comendo. Godwyn esperou, paciente, pela decisão de Elfric. Philemon acrescentou:

- E é claro que se Caris estivesse morta, toda a fortuna de Edmund iria para a outra filha, Alice... sua esposa.

- Também pensei nisso - murmurou Elfric.

- E então? - insistiu Philemon. - Pode pensar em alguma coisa que nos ajude?

- Claro. Posso pensar numa porção de coisas.

42

Caris não conseguiu descobrir a verdade sobre Mattie Wise. Algumas pessoas diziam que ela fora presa e estava trancada numa cela no priorado. Outras achavam que ela havia sido julgada em ausência. Uma terceira corrente de opinião alegava que outra pessoa seria julgada por heresia. Godwyn recusou-se a responder às perguntas de Caris, e os outros monges não sabiam de nada.

Caris foi para a catedral na manhã de sábado determinada a defender Mattie, quer ela estivesse ou não presente, ou qualquer outra pobre mulher que fosse o alvo daquela acusação absurda. Por que os monges e padres odiavam tanto as mulheres? Idolatravam sua Virgem Abençoada, mas tratavam todas as outras mulheres como uma encarnação do demônio. O que havia com eles?

Num julgamento secular, haveria um júri de indiciamento e uma audiência preliminar. Caris poderia assim saber com antecedência quais eram as provas contra Mattie. Mas a Igreja tinha suas próprias normas.

Independentemente do que alegassem, Caris diria alto e bom som que Mattie era uma curandeira genuína, uma mulher que usava ervas e drogas, que sempre dizia às pessoas que deveriam rezar a Deus para recuperarem a saúde. Algumas das muitas pessoas da cidade ajudadas por Mattie com certeza fariam em sua defesa.

Caris ficou ao lado de Merthin no transepto norte. Recordou o sábado, dois anos antes, em que Crazy Nell fora julgada. Caris declarara ao tribunal que Nell era louca, mas inofensiva. Não adiantara.

Hoje, como naquela ocasião, havia uma enorme multidão de habitantes da cidade e visitantes na catedral, esperando pelo drama: acusações, contra-acusações, discussões, ataques histéricos, imprecações, e o espetáculo de uma mulher sendo açoitada através das ruas, e depois enforcada em Gallows Cross. Frei Murdo estava presente. Sempre aparecia nos julgamentos sensacionais. Era uma oportunidade para fazer o que melhor sabia: incitar a histeria numa congregação.

Enquanto esperavam pelos monges, a mente de Caris vagueou. Amanhã, naquela catedral, casaria com Merthin. Betty Baxter e as quatro filhas já estavam ocupadas a preparar os pães e doces para a festa. Na noite de

amanhã, Caris e Merthin dormiriam juntos na casa dele, na ilha do Leproso.

Parara de se preocupar com o casamento. Tomara sua decisão, e teria de assumir as consequências. Na verdade, sentia-se muito feliz. Às vezes se perguntava por que ficara com tanto medo. Merthin não era capaz de transformar qualquer pessoa em escrava... não estava em sua natureza. Era gentil até mesmo com seu jovem ajudante, Jimmie.

Acima de tudo, ela adorava a intimidade sexual dos dois. Era a melhor coisa que já lhe acontecera. Agora, ansiava por morarem na mesma casa, dormirem na mesma cama. Poderiam fazer amor sempre que quisessem, antes de dormir ou logo depois de acordar, no meio da noite, ou até mesmo no meio do dia.

Os monges e freiras finalmente entraram, à frente o bispo Richard e seu assistente, arqui-diácono Lloyd. Depois que todos se acomodaram, o prior Godwyn levantou-se e disse:

- Estamos reunidos aqui hoje para julgar a acusação de heresia contra Caris, filha de Edmund Wooler.

A multidão deixou escapar um murmúrio de espanto. Merthin gritou:

-Não!

Todos se viraram para Caris. Ela sentiu-se nauseada de tanto medo. Era como se tivesse levado um golpe inesperado no escuro. Não desconfiara de que aquilo poderia acontecer. Atordoada, ela indagou:

- Por quê? Ninguém respondeu.

Ela recordou a advertência do pai, de que Godwyn teria uma reação extremada à ameaça de uma carta regia de burgo. "Sabe como ele é implacável, até mesmo nas pequenas disputas. Uma coisa assim pode levar a uma guerra total." Caris estremeceu agora ao recordar sua resposta: "Pois que assim seja. Teremos uma guerra total."

Mesmo assim, a chance de sucesso de Godwyn seria mínima se o pai estivesse com uma boa saúde. Edmund lutaria contra Godwyn até o fim, e provavelmente o destruiria. Mas Caris sozinha ficava numa situação diferente. Não tinha o poder, autoridade, ou apoio popular do pai... ainda não. Sem Edmund, ela se tornara vulnerável.

Notou a tia Petranilla na multidão. Ela era uma das poucas pessoas que não olhavam para Caris. Como ela podia permanecer em silêncio? Claro que apoiava o filho Godwyn, de um modo geral... mas tentaria impedi-lo de condenar Caris à morte, não é mesmo? Dissera uma ocasião que queria

ser como uma mãe para Caris. Ainda se lembraria disso? Caris teve certeza de que não. A devoção de Petranilla ao filho era grande demais. Era por isso que não podia fitar Caris nos olhos. Já tomara a decisão de não se opor a Godwyn. Philemon levantou-se:

- Milorde bispo... - disse ele, formal, dirigindo-se ao juiz, mas logo depois se virando para a multidão. - Como todos sabem, a mulher chamada Mattie Wise fugiu, assustada demais e culpada, não querendo ser julgada. Caris foi uma visitante frequente da casa de Mattie durante alguns anos. E há poucos dias defendeu a mulher aqui na catedral, na presença de testemunhas.

Então fora por isso que Philemon lhe fizera perguntas sobre Mattie, compreendeu Caris. Ela olhou para Merthin. Ele ficara preocupado por não descobrir qual era a intenção de Philemon. Acertara ao se preocupar. Agora sabiam.

Ao mesmo tempo, parte da mente de Caris espantou-se com a transformação de Philemon. O garoto desajeitado e infeliz era agora um homem confiante e arrogante, de pé na frente do bispo, do prior e dos habitantes da cidade, tão cheio de rancor quanto uma cobra prestes a dar o bote. Philemon continuou:

- Ela se ofereceu para declarar sob juramento que Mattie não é bruxa. Por que faria isso... a não ser para encobrir sua própria culpa?

Merthin gritou:

- Porque ela é inocente, seu hipócrita mentiroso, e Mattie também!

Ele poderia ser posto no tronco por causa disso, mas outros gritavam ao mesmo tempo, e seu insulto passou sem comentários. Philemon acrescentou:

- Há pouco tempo Caris conseguiu milagrosamente tingir a lã na tonalidade exata do escarlate italiano, uma coisa que os tintureiros de Kingsbridge nunca conseguiram. Como ela conseguiu isso? Por um encantamento mágico!

Caris ouviu o rumor da voz de baixo de Mark Webber:

- Isso é uma mentira!

- Não podia fazer isso à luz do dia, é claro. Acendeu uma fogueira à noite no quintal dos fundos de sua casa, como foi testemunhado por pessoas que vivem nas proximidades.

Philemon fora meticuloso, refletiu Caris, com um mau presságio. Entrevistara seus vizinhos.

- E entoava estranhas cantigas. Por quê?

Caris cantava para si mesma, por tédio, enquanto fervia as misturas e mergulhava o tecido. Mas Philemon tinha a capacidade de converter atos triviais inocentes em evidências diabólicas. Ele baixou a voz para um sussurro teatral para dizer:

- Porque ela invocava a ajuda secreta do Príncipe das Trevas... - A voz se elevou para um grito: - ... Lúcifer!

A multidão soltou um grunhido de medo.

- Aquele tecido é o escarlate de Satã!

Caris olhou para Merthin, que estava consternado e comentou:

- Os idiotas começam a acreditar nele! A coragem de Caris começou a voltar.

- Não se desespere. Ainda não falei. Merthin pegou sua mão.

- Esse não é o único encantamento que ela usou - continuou Philemon, em tom mais normal. - Mattie Wise também fazia poções do amor.

Ele correu os olhos pela multidão, com uma expressão acusadora.

- Pode até haver mulheres depravadas nesta catedral que já usaram os poderes de Mattie para enfeitiçar um homem.

Inclusive sua própria irmã, pensou Caris. Philemon sabia disso?

- Aquela noviça poderá testemunhar - acrescentou Philemon.

Elizabeth Clerk levantou-se. Falou com voz contida, os olhos baixos, a própria imagem do recato sacerdotal.

- Eu digo isso sob juramento, pois espero ser salva. Eu era noiva de Merthin Builder.

- Mentirosa! - protestou Merthin.

- Estávamos apaixonados e éramos muito felizes - continuou Elizabeth. Mas de repente ele mudou. Parecia um estranho para mim. Tornou-se frio.

- Notou mais alguma coisa fora do comum, irmã? - perguntou Philemon.

- Notei, sim, irmão. Eu o vi segurar sua faca com a mão esquerda.

Um murmúrio de espanto percorreu a multidão. Era um sinal reconhecido de enfeitiçamento... embora, como Caris sabia, Merthin fosse ambidestro.

- E depois ele anunciou que da casar com Caris - arrematou Elizabeth.

Era espantoso, pensou Caris, como a verdade podia ser apenas um pouco distorcida para parecer sinistra. Ela sabia o que havia realmente acontecido. Merthin e Elizabeth eram apenas amigos, até que Elizabeth deixara bem claro que queria mais do que amizade. A essa altura, Merthin

lhe dissera que não partilhava seus sentimentos, e haviam se separado. Mas um encantamento satânico dava uma história muito melhor.

Elizabeth podia ter se convencido de que dizia a verdade, mas Philemon sabia que era mentira. E Philemon era um instrumento de Godwyn.

Como Goilwyn era capaz de conciliar sua consciência com aquele nível de iniquidade? Estaria dizendo a si mesmo que qualquer coisa era justificada a serviço do priorado?

- Eu nunca poderia amar outro homem - concluiu Elizabeth. - Foi por isso que decidi entregar minha vida a Deus.

Ela sentou. Era um depoimento poderoso, refletiu Caris, sua consternação cada vez mais sombria, como um céu de inverno. O fato de Elizabeth ter se tornado uma freira proporcionava credibilidade às suas palavras. Ela fazia uma espécie de chantagem sentimental: Como podem não acreditar em mim depois que fiz tamanho sacrifício?

Os habitantes da cidade estavam mais quietos agora. Aquele não era o espetáculo de uma velha louca sendo condenada. Assistiam à batalha pela vida de uma companheira de todos. Philemon disse:

- O mais condenador de tudo, milorde bispo, é o depoimento final, de uma pessoa da própria família da acusada: seu cunhado, Elfric Builder!

Caris soltou um grito de espanto. Fora acusada por seu primo, Godwyn; pelo irmão de sua melhor amiga, Philemon; e por Elizabeth... mas aquilo era ainda pior. O marido de sua irmã falar contra ela era uma traição inominável. Ninguém mais respeitaria Elfric. Ele levantou-se. A expressão de desafio em seu rosto dizia a Caris que ele se envergonhava de si mesmo.

- Digo isso sob juramento, pois espero ser salvo.

Caris olhou ao redor, à procura da irmã Alice, mas não a viu em parte alguma. Se estivesse presente, teria detido Elfric. Com toda certeza, Elfric ordenara que ela ficasse em casa, sob algum pretexto. Era bem provável que Alice não tivesse conhecimento do que estava acontecendo.

- Caris fala com presenças invisíveis em cômodos vazios - declarou Elfric.

- Espíritos? - incitou Philemon.

- Receio que sim.

Um murmúrio de horror espalhou-se pela multidão.

Caris sabia que muitas vezes falava sozinha. Sempre pensara que era um hábito inofensivo, embora um pouco embaraçoso. O pai lhe dissera que todas as pessoas imaginativas faziam isso. Agora, o fato era usado para

condená-la. Ela reprimiu um protesto. Era melhor deixar a acusação seguir até o fim, para depois refutar as alegações, uma a uma.

- Quando ela faz isso? - perguntou Philemon.

- Quando pensa que está sozinha.

- E o que ela diz?

- É difícil entender as palavras. Pode estar falando uma língua estrangeira. A multidão reagiu a isso também; diziam que bruxas e suas entidades usavam uma linguagem própria, que ninguém mais podia entender.

- O que ela parece dizer?

- A julgar por seu tom de voz, está pedindo ajuda, suplicando por boa sorte, praguejando contra as pessoas que lhe causam infortúnio, esse tipo de coisas.

Merthin protestou:

- Isso não é prova! - Todos olharam para ele. - Elfric admitiu que não entendia as palavras... está apenas inventando!

Os cidadãos mais sensatos murmuraram algumas palavras de apoio, mas não suficientemente altas ou inteligentes quanto Caris gostaria que fossem. O bispo Richard falou pela primeira vez:

- Fique quieto. Os homens que interromperem o julgamento serão expulsos pela guarda. Continue, por favor, irmão Philemon, mas não peça a testemunhas para inventarem evidências depois que elas admitiram que não conhecem a verdade.

Isso era pelo menos imparcial, pensou Caris. Richard e sua família não morriam de amor por Godwyn depois da confusão pelo casamento de Margery. Por outro lado, era possível que Richard, como clérigo, não quisesse que a cidade saísse do controle do priorado. Talvez pelo menos ele se mantivesse neutro. A esperança de Caris aumentou um pouco.

- Acha que as entidades com quem ela fala a ajudaram de alguma maneira? perguntou Philemon a Elfric

- Claro que sim - respondeu Elfric. - Os amigos de Caris, aqueles que ela favorece, são afortunados. Merthin tornou-se um construtor bem-sucedido, embora nunca tivesse concluído seu aprendizado como carpinteiro. Mark Webber era um homem pobre, mas agora ficou rico. A amiga de Caris, Gwenda, casou com Wulfric, embora Wulfric estivesse noivo de outra. Como essas coisas puderam acontecer, senão através de ajuda antinatural?

- Obrigado. Elfric recuou.

Enquanto Philemon resumia as evidências, Caris lutou contra um crescente sentimento de terror. Tentou apagar de sua mente a imagem de Crazy Nell sendo açoitada atrás de uma carroça. Fez um esforço para se concentrar no que deveria dizer em sua defesa. Podia ridicularizar todos os depoimentos contra ela, mas talvez isso não fosse suficiente. Precisava explicar por que as pessoas haviam mentido a seu respeito e quais eram seus motivos.

Quando Philemon acabou, Godwyn perguntou se ela tinha alguma coisa a dizer. Numa voz que soava mais confiante do que se sentia, Caris declarou:

- Claro que tenho!

Ela foi para a frente da multidão. Não deixaria que seus acusadores monopolizassem a posição de autoridade. Não se apressou, deixando todos à espera. Aproximou-se do trono e fitou Richard nos olhos.

- Milorde bispo, digo isso sob juramento, pois espero ser salva... - ela virou-se para a multidão e acrescentou: -... e notei que Philemon não disse isso.

Godwyn interrompeu-a:

- Como monge, ele não precisa fazer o juramento. Caris alteou a voz:

- E é uma boa coisa para ele, caso contrário arderia no inferno pelas mentiras que disse hoje!

Um ponto para mim, pensou Caris, sua esperança aumentando mais um pouco.

Ela se dirigia à multidão. A decisão seria tomada pelo bispo, mas ele se deixaria influenciar pela reação dos habitantes da cidade. Não era um homem de elevados princípios.

- Mattie Wise curou muitas pessoas nesta cidade - começou ela. - Neste mesmo dia de sábado, há dois anos, quando a ponte desabou, ela foi incansável no tratamento dos feridos, trabalhando junto com madre Cecilia e as outras freiras. Hoje, correndo os olhos ao redor, vejo muitas pessoas que se beneficiaram de seus cuidados naquele momento terrível. Alguém ouviu-a invocar o demônio naquele dia? Se ouviu, que fale agora! Ela fez uma pausa, para deixar que o silêncio impressionasse a multidão. Depois, apontou para Madge Webber.

- Mattie lhe deu uma poção que baixou a febre de seu filho. O que ela lhe disse? Madge parecia assustada. Ninguém se sentia à vontade ao ser chamado para

testemunha de defesa num julgamento de bruxaria. Mas Madge devia muito a Caris. Ergueu os ombros, assumiu uma expressão de desafio e respondeu:

- Mattie me disse: "Reze a Deus, pois só Ele pode curar." Caris apontou para o chefe da guarda.

- John, ela atenuou sua dor enquanto Matthew Barber consertava os ossos quebrados. O que ela lhe disse?

John estava acostumado a ser testemunha de acusação, e também se mostrou apreensivo, mas declarou em voz firme:

- Ela disse: "Reze a Deus, pois só Ele pode curar." Caris virou-se para a multidão.

- Todos sabem que Mattie não era uma bruxa. Neste caso, indaga o irmão Philemon, por que ela fugiu? Uma pergunta fácil. Ela tinha medo de que dissessem mentiras a seu respeito... como disseram a meu respeito. Qual de vocês mulheres, se falsamente acusada de heresia, se sentiria confiante em provar sua inocência num tribunal de padres e monges?

Ela tornou a correr os olhos ao redor, fixando-se nas mulheres mais proeminentes da cidade: Lib Wheeler, Sarah Taverner, Susanna Chepstow.

- Por que eu misturava as tinturas à noite? - continuou ela. - Porque os dias eram curtos! Como aconteceu também com muitos de vocês, meu pai não conseguiu vender toda a lã que comprou no ano passado. Eu queria transformar a lã crua em alguma coisa que pudesse oferecer no mercado. Era muito difícil descobrir a fórmula, mas eu consegui, pelo trabalho árduo, ao longo de muitas horas, dia e noite... mas sem a ajuda de Satã.

Ela fez uma pausa para respirar. Quando recomeçou, usava um tom de voz diferente, mais jovial:

- Sou acusada de enfeitiçar Merthin. Tenho de admitir que o argumento contra mim é forte. Olhem para a irmã Elizabeth. Levante-se, por favor, irmã.

Relutante, Elizabeth levantou-se.

- Ela não é linda? - disse Caris. - É também inteligente. É filha de um bispo. Oh, perdoe, milorde bispo. Não tive a intenção de ser desrespeitosa. A multidão riu da farpa impudente. Godwyn parecia indignado, mas o bispo Richard reprimiu um sorriso.

- Irmã Elizabeth não pode entender por que qualquer homem poderia me preferir em vez dela. Também não posso. Inexplicavelmente, Merthin me ama, feia como sou. Não posso explicar.

Houve mais risos.

- Lamento que Elizabeth esteja tão zangada. Se vivêssemos nos tempos do Antigo Testamento, Merthin poderia ter duas esposas, e todos seriam felizes.

As pessoas riram alto ao ouvir isso. Caris esperou que o som se desvanecesse antes de acrescentar:

- Mas o que mais lamento é que o ciúme comum de uma mulher desapontada tenha se tornado o pretexto, na boca de um monge noviço indigno de confiança, para uma acusação tão grave quanto a de heresia.

Philemon levantou-se para protestar contra a acusação de indigno de confiança, mas o bispo Richard acenou com a mão e disse:

- Deixe-a falar.

Caris decidiu que já argumentara o suficiente em relação a Elizabeth e seguiu adiante.

- Confesso que às vezes uso palavras vulgares quando estou sozinha... especialmente se dou uma topada. Mas podem perguntar por que meu próprio cunhado testemunha contra mim, dizendo que meus murmúrios são invocações dos espíritos do mal. - Ela fez uma pausa, antes de acrescentar, solene: - Meu pai está doente. Se ele morrer, sua fortuna será dividida entre mim e minha irmã. Mas se eu morrer primeiro, minha irmã ficará com tudo. E minha irmã é a esposa de Elfric

Ela fez outra pausa, correndo os olhos pela multidão com uma expressão irônica.

- Estão chocados? Eu também estou. Mas homens matam por menos dinheiro do que isso.

Ela recuou, como se tivesse acabado. Philemon levantou-se do banco. Caris virou-se e lhe disse, em latim:

- Caput tuum in ano est.

Os monges riram alto. Philemon ficou vermelho. Caris olhou para Elfric.

- Você não compreendeu, não é mesmo, Elfric?

- Não - respondeu ele, irritado.

- Talvez seja por isso que pensou que eu usava alguma sinistra língua de bruxaria. - Caris olhou para Philemon. - Irmão, sabe que língua usei, não é mesmo?

- Latim - respondeu Philemon.

- Talvez possa nos explicar o que acabei de dizer.

Philemon fitou o bispo, num apelo silencioso. Mas Richard estava achando muito engraçado e disse:

- Responda à pergunta. Furioso, Philemon obedeceu.

- Ela disse: "Você tem a cabeça no ânus."

Os espectadores caíram na gargalhada, enquanto Caris voltava ao seu lugar. Quando o barulho cessou, Philemon começou a falar, mas Richard interrompeu-o.

- Não preciso ouvir mais nada de você. Fez uma forte acusação, e ela apresentou uma vigorosa defesa. Alguém mais tem alguma coisa a dizer sobre essa acusação?

- Eu tenho, milorde bispo.

Frei Murdo adiantou-se. Algumas pessoas aplaudiram, outras protestaram: Murdo despertava reações contrárias.

- A heresia é um mal - disse ele, modulando a voz para um tom de pregação.

- Corrompe as almas das mulheres e dos homens...

- Obrigado, irmão, mas sei o que é heresia - disse Richard. - Tem mais alguma coisa a dizer? Se não...

-Apenas isso. Concordo e reitero...

- Se já foi dito antes...

- ... seu comentário de que a acusação é forte e a defesa também. -Neste caso...

- Tenho uma solução a propor.

- E que solução é essa, irmão Murdo? Com um mínimo de palavras.

- Ela deve ser examinada para se descobrir se tem a Marca do Demônio. O coração de Caris quase parou.

- Claro - concordou o bispo. - Pelo que me lembro, fez a mesma sugestão num julgamento anterior.

- É verdade, milorde, porque o demônio suga o sangue quente de seus acólitos através de um mamilo especial, assim como um bebê recém-nascido suga os seios intumescidos...

- Obrigado, irmão. Não preciso de detalhes adicionais. Madre Cecilia, pode levar a acusada, junto com outras duas freiras, para um lugar reservado e examiná-la?

Caris olhou para Merthin. Ele estava pálido de horror. Ambos pensavam a mesma coisa.

Caris tinha uma verruga.

Era pequena, mas as freiras a encontrariam... no lugar em que pensavam que o demônio estava mais interessado: no lado esquerdo da vulva, próxima da fenda. Era marrom escura e os cabelos dourado vermelhos não a escondiam. Merthin gracejara na primeira vez em que a vira:

- Frei Murdo a chamaria de bruxa... é melhor não deixar que ele veja isso. E Caris rira e respondera:

- Nem que ele fosse o último homem no mundo.

Como poderiam ter falado a respeito de uma maneira tão despreocupada? Agora, ela seria condenada à morte por isso.

Caris olhou ao redor, desesperada. Teve vontade de fugir, mas estava cercada por centenas de pessoas, algumas das quais não hesitariam em detê-la. Viu a mão de Merthin na fenda em seu cinto; mas mesmo que a fenda fosse uma espada e ele fosse um grande espadachim - o que não era - não conseguiria abrir caminho através de uma multidão tão grande.

Madre Cecilia adiantou-se e pegou sua mão.

Caris decidiu que fugiria assim que deixasse a catedral. Poderia se desvencilhar com facilidade ao atravessar o claustro. Mas Godwyn interveio:

- John Constable, leve um de seus homens e escolte a mulher até o lugar de exame. Fique de guarda na porta.

Cecilia não poderia conter Caris, mas dois homens a subjugariam sem qualquer dificuldade.

John olhou para Mark Webber, normalmente sua primeira escolha entre os ajudantes. Caris sentiu uma tênue esperança: Mark era um amigo leal.

Mas John aparentemente teve o mesmo pensamento, pois desviou os olhos de Mark e apontou para Christopher Blacksmith.

Cecilia deu um puxão gentil na mão de Caris.

Como se fosse uma sonâmbula, Caris permitiu que madre Cecilia a tirasse da catedral. Saíram pelo portão norte, acompanhadas por irmã Mair e Old Julie, com John Constable e Christopher Blacksmith logo atrás. Atravessaram o claustro, entraram nos alojamentos das freiras e foram para o dormitório. Os dois homens permaneceram do lado de fora.

Cecilia fechou a porta.

- Não precisam me examinar - murmurou Caris, atordoada. Tenho uma marca.

- Sabemos disso - declarou Cecilia. Caris franziu o rosto.

- Como descobriram?

- Nós a lavamos. - Ela indicou Mair e Julie. - Todas as três. Quando estive no hospital, há dois Natais. Tinha comido alguma coisa estragada.

Cecilia não sabia, ou fingia não ter adivinhado, que Caris tomara uma poção para acabar com a gravidez. Ela continuou:

- Estava vomitando e defecando, com uma hemorragia lá embaixo. Teve de ser lavada várias vezes. E todas nós vimos a verruga.

O desespero irremediável envolveu Caris como uma onda irresistível. Ela fechou os olhos.

- E agora serei condenada à morte - balbuciou ela, a voz tão baixa que era quase inaudível.

- Não necessariamente - disse Cecilia. - Pode haver outra solução.

Merthin estava transtornado. Caris estava acuada. Seria condenada à morte, e não havia nada que ele pudesse fazer. Não seria capaz de salvá-la, mesmo que fosse Ralph, com seus ombros largos, habilidade na espada, e prazer pela violência. Ficou olhando, horrorizado, para a porta pela qual Caris saía. Sabia onde ficava a verruga de Caris, e tinha certeza de que as freiras a encontrariam... era o tipo de lugar em que procurariam com mais atenção.

Ao seu redor, os sons de conversas excitadas elevavam-se da multidão. As pessoas argumentavam a favor ou contra Caris, discutindo detalhes do julgamento. Mas ele parecia estar dentro de uma bolha, e mal ouvia o que os outros diziam. Em seus ouvidos, as conversas soavam como batidas irregulares de uma centena de tambores.

Descobriu-se a olhar para Godwyn, especulando o que ele estaria pensando. Merthin podia compreender os outros - Elizabeth era corroída pelo ciúme; Elfric, dominado pela ganância; e Philemon era pura malevolência -, mas o prior deixava-o aturdido. Godwyn fora criado com a prima Caris e sabia que ela não era uma bruxa. Mesmo assim, mostrava-se disposto a determinar sua morte. Como podia cometer tamanha iniquidade? Que desculpa ele apresentava para si mesmo?

Achava que era tudo pela glória de Deus? Houvera uma época em que Godwyn parecera ser um homem esclarecido e decente, o antídoto para o conservadorismo estreito do prior Anthony. Mas agora se revelava pior do que Anthony: mais implacável na busca dos mesmos objetivos obsoletos.

Se Caris morrer, pensou Merthin, terei de matar Godwyn.

Seus pais se aproximaram. Estavam na catedral desde o início do julgamento. O pai disse alguma coisa, mas Merthin não entendeu.

- Como? - indagou ele.

Foi nesse instante que o portão norte foi aberto. A multidão se calou. Madre Cecilia entrou sozinha na catedral e fechou o portão. Houve um murmúrio de curiosidade. O que aconteceria agora?

Cecilia foi até o trono do bispo.

- E então, madre priora? - indagou Richard. - O que tem a dizer ao tribunal? Cecilia falou devagar:

- Caris confessou...

Houve um rumor chocado da multidão. Cecilia elevou a voz:

- ... confessou seus pecados.

Todos se calaram de novo. O que isso significava?

- Recebeu a absolvição...

- De quem? - interrompeu Godwyn. - Uma freira não pode conceder absolvição!

- Do padre Joffroi.

Merthin conhecia Joffroi. Era o padre de St. Mark, a igreja cujo telhado ele consertara. Joffroi não gostava de Godwyn.

Mas o que estava acontecendo? Todos ficaram esperando que Cecilia explicasse. E ela acrescentou:

- Caris solicitou seu ingresso como noviça aqui no priorado...

Ela foi interrompida de novo por gritos da multidão, mas arrematou ainda mais alto:

- ... e eu aceitei!

O tumulto foi enorme. Merthin pôde ver que Godwyn berrava a plenos pulmões, mas suas palavras se perdiam na confusão. Elizabeth estava furiosa; Philemon olhava para Cecilia com um ódio venenoso; Elfric se mostrava atordoado; Richard parecia se divertir. A mente de Merthin era um turbilhão com as implicações. O bispo aceitaria aquilo? O julgamento terminara? Caris fora salva da execução?

O tumulto não demorou a cessar. Assim que pôde ser ouvido, Godwyn perguntou, o rosto branco de fúria:

- Ela confessou ou não a heresia?

- O confessionário é sagrado - respondeu Cecilia, imperturbável. - Não sei o que ela disse ao padre... e se soubesse, não poderia contar a você nem a qualquer outra pessoa.

- Ela tem a marca de Satã?

- Não a examinamos. - A resposta era evasiva, Merthin compreendeu, mas Cecilia apressou-se em acrescentar: - Não era necessário depois que ela recebeu a absolvição.

- Isso é inaceitável! - berrou Godwyn, abandonando a farsa de que Philemon era o acusador. - A priora não pode frustrar os procedimentos do tribunal dessa maneira!

O bispo Richard interveio:

- Obrigado, padre prior...

- A ordem do tribunal deve ser cumprida! Richard alteou a voz:

-Já chega!

Godwyn abriu a boca para continuar a protestar, mas mudou de idéia. Richard continuou:

- Não preciso ouvir mais nenhum argumento. Tomei uma decisão, e agora anunciarei o resultado do julgamento.

Todos ficaram em silêncio.

- A proposta de que Caris tenha permissão para ingressar no convento é muito interessante. Se ela for uma bruxa, não poderá causar qualquer mal na santidade do priorado. O demônio não pode entrar aqui. Por outro lado, se ela não for uma bruxa, nós seremos salvos do erro de condenar uma mulher inocente. Talvez o convento não fosse a escolha de Caris como uma maneira de viver, mas seu consolo será uma existência dedicada a servir a Deus. Em suma, acho que é uma solução satisfatória.

- O que acontece se ela deixar o convento? - perguntou Godwyn.

- Bem lembrado - disse o bispo. - É por isso que vou condená-la à morte formalmente, mas suspender a sentença por todo o tempo em que ela permanecer uma freira. Se ela algum dia renunciar a seus votos, a sentença será cumprida.

Então é isso, pensou Merthin, desesperado, uma sentença perpétua; e ele sentiu lágrimas de raiva e frustração aflorarem a seus olhos. Richard levantou-se. Godwyn declarou:

- O julgamento está encerrado!

O bispo se retirou, acompanhado pelos monges e freiras em procissão. Merthin foi andando, atordoado. A mãe lhe falou, em tom de conforto, mas ele ignorou-a. Deixou que a multidão o levasse para o portão oeste da catedral. Saiu para o pátio gramado. Os mercadores guardavam as mercadorias que haviam sobrado e desmontavam os estandes: a Feira do Velocino terminava por mais um ano. Godwyn conseguira o que queria,

refletiu ele. Com Edmund agonizante e Caris fora do caminho, Elfric se tornaria o novo regedor e o pedido de carta regia de burgo seria retirado.

Merthin olhou para as paredes cinzentas de pedras dos prédios do priorado: Caris se encontrava em algum lugar por ali. Ele virou-se, contra a onda da multidão, e seguiu para o hospital.

Estava vazio. Fora varrido, e os colchões de palha para os visitantes noturnos haviam sido empilhados contra as paredes. Uma vela ardia no altar, no lado leste. Merthin percorreu devagar toda a extensão da vasta sala, sem saber o que faria em seguida.

Recordou, do Livro de Timothy, que seu ancestral, Jack Builder, se tornara um noviço, por um breve período. O autor insinuara que Jack fora um recruta relutante, e não aceitara facilmente a disciplina monástica; de qualquer forma, o noviciado terminara de forma abrupta, em circunstâncias sobre as quais Timothy estendera um véu de tato.

Mas o bispo Richard declarara que a sentença de morte seria aplicada se Caris algum dia deixasse o convento. Uma jovem freira entrou no hospital. Ficou assustada ao reconhecer Merthin.

- O que você quer aqui? „

- Preciso falar com Caris.

- Perguntarei se é possível.

A freira retirou-se, apressada. Merthin olhou para o altar, o crucifixo, o tríptico na parede mostrando Elizabeth da Hungria, a padroeira dos hospitais. Um painel mostrava a santa, que fora uma princesa, usando uma coroa e alimentando os pobres; o segundo mostrava-a construindo seu hospital; e o terceiro ilustrava o milagre em que a comida que ela carregava por baixo do manto se transformara em rosas. O que Caris faria naquele lugar? Ela era uma cética, duvidava de quase tudo que a Igreja ensinava. Não acreditava que uma princesa fosse capaz de transformar pão em rosas.

- Como eles sabem disso?

Era o que ela sempre dizia sobre as histórias que todos os outros aceitavam sem qualquer questionamento, como Adão e Eva, a Arca de Noé, Davi e Golias, até mesmo a Natividade. Caris se sentiria como uma gata selvagem enjaulada.

Ele precisava conversar com Caris, para descobrir o que ela estava pensando. Caris devia ter algum plano, que ele não era capaz de adivinhar.

Esperou, impaciente, pela volta da freira. Mas isso não aconteceu. Em vez disso, foi Old Julie quem apareceu.

- Graças aos céus! - exclamou Merthin. - Preciso falar com Caris, Julie, o mais depressa possível.

- Lamento muito, jovem Merthin, mas Caris não quer falar com você.

- Não diga bobagem. Estamos noivos... devemos casar amanhã. Ela tem de falar comigo!

- Ela é agora uma noviça. Não vai mais casar. Merthin elevou a voz:

- Se isso é verdade, não acha que ela deve me dizer pessoalmente?

- Não posso falar por ela. Mas Caris sabe que você está aqui e não quer vê-lo.

- Não acredito em você!

Merthin adiantou-se e passou pela porta através da qual a velha freira entrara no hospital. Descobriu-se numa pequena sala. Nunca estivera ali antes: poucos homens jamais ingressavam nas áreas do priorado reservadas às freiras. Ele passou por outra porta e entrou no claustro das freiras. Havia várias ali, algumas lendo, outras caminhando de um lado para outro, em meditação, algumas conversando em voz baixa.

Ele correu ao longo da arcada. Uma freira avistou-o e gritou. Merthin ignorou-a. Viu uma escada, subiu correndo, e entrou no primeiro cômodo. Era um dormitório. Havia duas fileiras de colchões, com cobertores em cima, dobrados com todo cuidado. Não havia ninguém ali. Ele deu mais alguns passos pelo corredor, e tentou abrir outra porta. Estava trancada.

- Caris! - gritou ele. - Você está aí dentro? Fale comigo!

Merthin bateu com o punho na porta. Arranhou a pele das articulações e começou a sangrar, mas não sentiu qualquer dor.

- Deixe-me entrar! - berrou ele. - Deixe-me entrar! Uma voz por trás disse:

- Eu o deixarei entrar.

Ele virou-se para se deparar com madre Cecilia.

Ela tirou uma chave do cinto e calmamente destrancou a porta. Merthin empurrou-a. Era um cômodo pequeno, com uma única janela. Havia prateleiras ao longo das paredes, cheias de roupas dobradas.

- É aqui que guardamos nossas roupas de inverno - explicou Cecilia. - É um depósito.

- Onde ela está?

- Num quarto com a porta trancada, a seu próprio pedido. Não encontrará o quarto... e se encontrar, não poderá entrar. Ela não quer falar com você.

- Como posso saber que ela não está morta?

Merthin percebeu que sua voz tremia de emoção, mas não se importava.

- Você me conhece. Ela não está morta. - Cecilia olhou condoída para a mão dele. - Você se machucou. Venha comigo e passarei um unguento nos cortes.

Ele olhou para sua mão e depois para Cecilia.

- Você é um demônio!

Merthin saiu correndo, de volta pelo caminho por que viera. Atravessou o hospital, passando pela assustada Julie, e saiu para o ar livre. Percorreu o caos de fim de feira na frente da catedral, e foi para a rua principal. Pensou em conversar com Edmund, mas decidiu contra: era melhor deixar que outra pessoa revelasse a terrível verdade para o pai doente de Caris. Em quem podia confiar? Pensou em Mark Webber.

Mark e a família haviam se mudado para uma casa grande na rua principal, com um enorme depósito de pedra para os tecidos no térreo. Não havia tear na cozinha agora: toda a tecelagem era feita por outros, que eles organizavam. Mark e Madge estavam sentados num banco, com expressões solenes. Quando Merthin entrou, Mark levantou-se de um pulo.

- Falou com ela? - perguntou Mark.

- Não me deixaram.

- Isso é um absurdo! - exclamou Mark. - Não têm o direito de impedi-la de falar com o homem com quem ela deveria casar!

- As freiras dizem que ela não quer falar comigo.

- Não acredito nelas.

- Nem eu. Entrei e procurei Caris, mas não consegui encontrá-la. Há muitas portas trancadas.

- Ela deve estar em algum lugar por lá.

- Sei disso. Pode me acompanhar e levar um malho, para arrombar todas as portas, até encontrá-la?

Mark ficou embaraçado. Por mais forte que fosse, detestava a violência. Merthin acrescentou:

- Tenho de encontrá-la... ela pode estar morta! Antes que Mark pudesse responder, Madge interveio:

- Tenho uma idéia melhor. Os dois a fitaram.

- Irei até o convento. As freiras não ficarão tão nervosas com a presença de uma mulher. Talvez possam persuadir Caris a conversar comigo.

Mark acenou com a cabeça em concordância.

- Pelo menos saberemos assim se ela continua viva.
- Mas... preciso saber mais do que isso - murmurou Merthin. - O que ela está pensando? Vai esperar até que a confusão seja esquecida para depois fugir? Devo tentar tirá-la à força de lá? Ou devo apenas aguardar... e neste caso, por quanto tempo? Um mês? Um ano? Sete anos?
- Perguntarei a ela, se me deixarem entrar. - Madge levantou-se. - Espere aqui.

- Não - disse Merthin. - Irei com você. E esperarei lá fora.
- Neste caso, Mark, por que não vem também, para fazer companhia a Merthin?

Para impedir que Merthin se meta em alguma encrenca, ela queria dizer. Mas ele não fez qualquer objeção. Pedira ajuda. E sentia-se grato por ter ao seu lado duas pessoas em quem confiava.

Seguiram apressados para o priorado. Mark e Merthin esperaram do lado de fora do hospital, enquanto Madge entrava. Merthin viu que o velho cachorro de Caris, Scrap, estava sentado na porta, esperando a volta de sua dona. Meia hora depois da entrada de Madge, Merthin comentou:

- Acho que a deixaram entrar, caso contrário ela já teria voltado a esta altura

- Saberemos em breve.

Eles observaram os últimos mercadores empacotarem suas coisas e partirem, deixando o pátio da catedral como um mar de lama revolvida. Merthin andou de um lado para outro, enquanto Mark permanecia sentado, como uma estátua de Sansão. Uma hora se seguiu a outra. Apesar de sua impaciência, Merthin sentiu-se contente pela demora, pois significava que Madge conseguira se encontrar com Caris.

O sol já mergulhava no lado oeste da cidade quando Madge finalmente voltou. Tinha uma expressão solene, o rosto manchado de lágrimas.

- Caris está viva - anunciou Madge. - E não há nada de errado com ela, na parte física e mental. Mantém um juízo perfeito.

- O que ela disse? - perguntou Merthin, ansioso.

- Eu lhe direi cada palavra. Vamos para a horta.

Os três foram para a horta. Sentaram no banco de pedra que havia ali, de frente para o pôr-do-sol. A serenidade de Madge deixava Merthin com um mau presságio. Preferiria se ela estivesse fervendo de raiva. Sua atitude indicava que a notícia era ruim. Ele perdeu toda e qualquer esperança.

- É verdade que Caris não quer falar comigo? Madge suspirou.

- É, sim.

- Mas por quê?

- Perguntei isso. Ela disse que partiria seu coração.

Merthin começou a chorar. Madge continuou, a voz baixa e clara:

- Madre Cecilia deixou-nos a sós, para que pudéssemos conversar com franqueza, sem que mais ninguém ouvisse. Caris acha que Godwyn e Philemon estão determinados a se livrar dela, por causa do pedido da carta regia de burgo. Ela está segura no convento, mas será caçada e morta se algum dia sair.

- Ela poderia fugir e eu a levaria para Londres! - exclamou Merthin. Godwyn nunca nos encontraria lá!

Madge balançou a cabeça em concordância.

- Eu disse isso a ela. Conversamos a respeito por algum tempo. Caris acha que vocês dois seriam fugitivos pelo resto da vida. E não quer condená-lo a isso. Seu destino é ser o maior construtor de sua geração. Será famoso. Mas se ela estiver com você, sempre terá de mentir sobre sua identidade e se esconder da luz do dia.

- Não me importo!

- Caris previu que você diria isso. Mas acha que você se importaria... que deve se importar. Seja como for, ela se preocupa. Não quer privá-lo de seu destino, mesmo que você peça.

- Ela poderia me dizer isso pessoalmente!

- Tem medo de que você possa persuadi-la.

Merthin sabia que Madge dizia a verdade. Cecilia também dissera a verdade. Caris não queria falar com ele. Ele sentiu que sufocava de angústia. Engoliu em seco, limpou as lágrimas do rosto com a manga, e fez um esforço para falar:

- Mas o que ela vai fazer?

- Tirar o melhor proveito da situação. Tentará ser uma boa freira.

- Ela odeia a Igreja!

- Sei que ela nunca foi muito respeitosa com os clérigos. Nesta cidade, isso não chega a surpreender. Mas acha que pode encontrar algum conforto numa vida dedicada a curar as outras mulheres e os homens.

Merthin pensou a respeito. Mark e Madge observavam-no em silêncio. Ele podia imaginar Caris trabalhando no hospital, cuidando dos doentes. Como se sentiria por ter de passar a metade da noite cantando e rezando?

- Ela pode se matar - murmurou ele, depois de uma longa pausa.

- Não creio - disse Madge, com absoluta convicção. - Ela está muito triste, mas não a vejo optando por essa saída.

- Ela pode matar alguém.

- Isso é mais provável.

- E ela pode até encontrar uma certa felicidade - acrescentou Merthin, falando devagar e relutante.

Madge não disse nada. Merthin fitou-a nos olhos. Ela acenou com a cabeça. Era a terrível verdade, refletiu Merthin. Caris poderia ser feliz. Estava perdendo sua casa, a liberdade e o quase marido, mas no final ainda poderia ser feliz. Não havia mais nada a dizer. Merthin levantou-se.

- Obrigado por serem meus amigos. Ele começou a se afastar.

- Para onde você vai? - perguntou Mark.

Merthin parou e virou-se. Havia um pensamento se agitando em sua cabeça, e ele esperou que se tornasse nítido. Ficou espantado quando isso aconteceu. Mas compreendeu no mesmo instante que era a idéia certa. E não apenas certa... perfeita.

Ele limpou as lágrimas do rosto e fitou Mark e Madge à claridade avermelhada do sol poente.

- Vou para Florença. Adeus.

Parte V



43

A irmã Caris deixou o claustro das freiras e entrou no hospital, apressada. Havia três pacientes deitados ali. Old Julie estava agora muito enferma para comparecer aos serviços, ou subir a escada para o dormitório das freiras. Bella Brewer, a esposa de Danny, filho de Dick Brewer, recuperava-se de um parto complicado. E Rickie Silvers, de treze anos, tinha um braço quebrado, que Matthew Barber consertara. Duas outras pessoas sentavam num banco no lado, conversando: uma noviça chamada Nellie, e um servo do priorado, Bob.

O olhar experiente de Caris esquadrinhou a sala. Havia um prato sujo ao lado de cada cama ocupada. A hora do almoço há muito se passara.

- Bob! - Ele se levantou de um pulo e Caris ordenou: - Tire esses pratos. Aqui é um mosteiro, e a higiene é uma virtude. Depressa!

- Desculpe, irmã.

- Nellie, você já levou Old Julie à latrina?

- Ainda não, irmã.

- Ela sempre precisa ir depois do almoço. A mesma coisa acontecia com minha mãe. Leve-a depressa, antes que ocorra um acidente.

Nellie começou a levantar a velha freira.

Caris vinha tentando desenvolver a qualidade da paciência, mas depois de sete anos como freira ainda não conseguira. Sentia-se frustrada por ter de repetir as instruções muitas e muitas vezes. Bob sabia que deveria levar os pratos sujos assim que os pacientes acabavam de comer... Caris lhe dissera isso inúmeras vezes. Nellie conhecia as necessidades de Julie. Apesar disso, ficavam sentados num banco, conversando, até que Caris os surpreendia com uma inspeção inesperada.

Ela pegou a tigela com a água que fora usada para lavar mãos e percorreu toda a extensão da sala para jogar fora. Um desconhecido urinava na parede externa do prédio. Caris calculou que era um viajante na expectativa de um lugar para dormir.

- Na próxima vez, use a latrina atrás do estábulo - disse ela, ríspida.

Ele lançou-lhe um olhar desdenhoso, com o pênis na mão, e indagou, insolente:

- E quem é você?

- Sou a encarregada deste hospital, e você terá de melhorar suas maneiras se quiser passar a noite aqui.

- Do tipo mandona, hem?

Ele não se apressou, sacudindo as últimas gotas.

- Guarde o seu patético membro, ou não terá permissão para passar a noite nesta cidade, muito menos no priorado.

Caris jogou a água da tigela em cima dele. O homem pulou para trás, aturdido, o calção encharcado.

Ela tornou a entrar e encheu a tigela na fonte. Havia um cano subterrâneo que passava por baixo do priorado, trazendo água limpa do rio, captada de um ponto acima da cidade. Alimentava as fontes nos claustros, nas cozinhas e no hospital. Uma ramificação separada da corrente subterrânea lavava as latrinas. Caris queria construir um dia uma nova latrina, ao lado do hospital, para que os pacientes senis, como Julie, não precisassem ir tão longe. O estranho entrou no hospital.

- Lave as mãos - disse-lhe Caris, estendendo a tigela com água.

Ele hesitou, mas pegou a tigela. Caris examinou o estranho. Ele devia ter mais ou menos a sua idade, vinte e nove anos.

- Quem é você? - perguntou ela.

- Gilbert de Hereford, um peregrino. Vim reverenciar as relíquias de St. Adolphus.

- Neste caso, será bem-vindo para passar a noite aqui no hospital, desde que me fale com o devido respeito... e com qualquer outra pessoa aqui, diga-se de passagem.

- Está bem, irmã.

Caris voltou ao claustro. Era um dia ameno de primavera. O sol brilhava nas velhas pedras lisas do pátio. No lado oeste, irmã Mair ensinava um novo hino às meninas da escola. Caris parou para observar. As pessoas diziam que Mair parecia com um anjo: ela possuía uma pele alva, olhos brilhantes e uma boca que parecia um arco. A escola, pelas normas, era uma das responsabilidades de Caris, pois tinha o comando de todas as pessoas que vinham do mundo exterior para o convento. Ela própria cursara aquela escola, há quase vinte anos.

Havia dez alunas, dos nove aos quinze anos de idade. Algumas eram filhas de mercadores de Kingsbridge, outras, de nobres. O hino, com o tema de que Deus é bom, chegou ao final. Uma das meninas perguntou:

- Irmã Mair, se Deus é bom, por que ele deixou meus pais morrerem?

Era a versão pessoal da criança de uma indagação clássica, formulada por todas as crianças inteligentes, mais cedo ou mais tarde. Como as coisas ruins podiam acontecer? Caris também perguntara isso. Ela olhou com interesse para a menina que fizera a pergunta. Era Tilly Shiring, sobrinha de doze anos do conde Roland, uma menina com uma expressão travessa que Caris apreciava. A mãe de Tilly sangrara até a morte quando a filha nascera, e o pai quebrara o pescoço num acidente de caçada, não muito tempo depois. Por isso, ela fora criada na casa do conde.

Mair deu uma resposta insossa sobre os misteriosos caminhos de Deus. Tilly não ficou satisfeita, mas era incapaz de articular suas dúvidas, e resolveu se calar. A questão ressurgiria, Caris tinha certeza.

Mair mandou que as meninas recomeçassem a cantar o hino, antes de se afastar para falar com Caris.

- Uma menina inteligente - comentou Caris.

- A melhor da turma. Dentro de um ou dois anos ela estará argumentando comigo com o maior vigor.

- Ela me lembra alguém - murmurou Caris, franzindo o rosto. - Estou tentando recordar sua mãe...

Mair tocou de leve no braço de Caris. Os gestos de afeição eram proibidos entre as freiras, mas Caris não era rigorosa nessas coisas.

- Ela lhe lembra você mesma.

Caris riu.

- Nunca fui tão bonita.

Mas Mair tinha razão: mesmo quando criança, Caris já fazia perguntas cétricas. Mais tarde, quando se tornara uma noviça, iniciava uma discussão em cada aula de teologia. Dentro de uma semana, madre Cecilia fora obrigada a ordenar que ela se mantivesse calada durante as aulas. Depois, Caris começara a violar as regras do convento; e reagia à correção com o questionamento da razão por trás da disciplina do convento. Mais uma vez, o silêncio lhe fora imposto.

Não demorara muito para que madre Cecilia propusesse um acordo. Caris poderia passar a maior parte de seu tempo no hospital - uma parte do trabalho de freira em que ela acreditava - e se abster dos serviços sempre que necessário. Em troca, Caris tinha de parar de escarnecer da disciplina e guardar para si mesma suas ideias teológicas. Caris concordara, relutante e contrariada, mas Cecilia era esperta, e o arranjo dera certo. Ainda dava, pois Caris agora passava a maior parte de seu tempo supervisionando o

hospital. Faltava a mais da metade dos serviços, e quase nunca dizia ou fazia qualquer coisa que fosse abertamente subversiva.

Mair sorriu.

- Você é linda agora. Ainda mais quando ri.

Caris descobriu-se momentaneamente fascinada pelos olhos azuis de Mair. E foi nesse instante que ouviu um grito de criança.

Virou-se. O grito não partira do grupo no claustro, mas sim do hospital. Ela seguiu apressada até lá. Christopher Blacksmith entrava no hospital com uma garota de oito anos no colo. A criança, que Caris reconheceu como a filha dele, Minnie, gritava de dor.

- Deite-a num colchão - instruiu Caris. Christopher obedeceu.

- O que aconteceu?

Christopher era um homem forte em pânico. Falou numa voz estranhamente estridente:

- Ela tropeçou em minha oficina e caiu com o braço numa barra de ferro em brasa. Faça alguma coisa por ela depressa, irmã. Nunca vi tanta agonia!

Caris tocou no rosto da criança.

- Calma, Minnie, calma... Já vamos aliviar a dor.

Extrato de semente de papoula era muito forte, pensou ela: poderia matar uma criança tão pequena. Ela precisava de uma poção mais leve.

- Nellie, vá até minha farmácia e pegue o pote que tem a indicação de "Essência de cânhamo". Ande depressa, mas não corra... se tropeçasse e quebrasse o pote, levaria horas para preparar uma nova poção.

Nellie afastou-se apressada. Caris estudou o braço de Minnie. A queimadura era horrível, mas se limitava ao braço. Não era tão perigosa quanto as queimaduras no corpo todo que as pessoas sofriam nos incêndios de suas casas. Havia enormes bolhas avermelhadas sobre a maior parte do antebraço, e no meio a pele fora queimada para revelar a carne chamuscada por baixo. Caris procurou por ajuda e avistou Mair.

- Vá até a cozinha e me traga um quartilho de vinho e a mesma quantidade de azeite, em dois jarros separados. Ambos devem estar mornos, mas não quentes.

Mair se retirou. Caris disse para a criança:

- Minnie, você precisa parar de gritar. Sei que dói, mas tem de me escutar. Já vou lhe dar um remédio para aliviar a dor.

Os gritos diminuíram de intensidade, e começaram a se transformar em soluços. Nellie voltou com a essência de cânhamo. Caris despejou um pouco numa colher, enfiou na boca de Minnie, e tapou o nariz. A criança engoliu. Gritou de novo, mas depois de um minuto começou a se acalmar.

- Dê-me uma toalha limpa, Nellie.

Elas usavam muitas toalhas no hospital. O armário por trás do altar estava sempre cheio de toalhas, por determinação de Caris.

Mair chegou com o azeite e o vinho. Caris pôs a toalha no chão, ao lado do colchão de Minnie. Ajeitou o braço queimado em cima da toalha.

- Como se sente? - perguntou ela.

- Dói muito.

Caris acenou com a cabeça em satisfação. Eram as primeiras palavras coerentes que a paciente pronunciava. O pior já passara. Minnie começava a ficar sonolenta, à medida que o cânhamo fazia efeito. Caris disse:

- Vou pôr uma coisa em seu braço para fazê-lo melhorar. Tente mantê-lo imóvel, está bem?

Minnie acenou com a cabeça.

Caris despejou um pouco do vinho morno no pulso da menina, onde a queimadura não era tão grave. Minnie se encolheu toda, mas não tentou tirar o braço. Encorajada, Caris lentamente subiu o jarro pelo braço, despejando o vinho sobre o pior da queimadura, para limpar. Depois, fez a mesma coisa com o azeite, que também aliviaria a dor no local e protegeria a carne das influências ruins no ar. Finalmente, ela pegou outra toalha para envolver o braço, sem apertar, a fim de impedir o pouso de moscas.

Minnie estava gemendo, mas meio adormecida. Caris olhou ansiosa para sua pele. A menina tinha o rosto rosado, corado da tensão. O que era ótimo: se ela estivesse pálida, seria um sinal de que a dose fora muito forte.

Caris sempre ficava nervosa com as drogas. A força variava de uma poção para outra, e ela não tinha uma maneira precisa de medir. Quando fraco, o medicamento era ineficaz; quando forte, perigoso. Sentia-se especialmente preocupada em dar uma dose exagerada a crianças, embora os pais sempre a pressionassem a dar uma dose forte, porque ficavam transtornados com a dor dos filhos.

Irmão Joseph entrou no hospital. Estava velho agora - próximo dos sessenta anos - e todos os dentes haviam caído, mas ainda era o melhor

monge médico do priorado. Christopher Blacksmith levantou-se de um pulo.

- Oh, irmão Joseph, graças a Deus está aqui! Minha menina sofreu uma terrível queimadura!

- Vamos dar uma olhada - disse Joseph.

Caris recuou, escondendo sua irritação. Todos achavam que os monges eram médicos competentes, capazes de realizar quase milagres, enquanto as freiras apenas alimentavam e limpavam os pacientes. Caris há muito deixara de lutar contra essa atitude, mas ainda ficava irritada.

Joseph tirou a toalha e examinou o braço da paciente. Tocou na carne queimada com as pontas dos dedos. Minnie choramingou no sono drogado.

- Uma queimadura grave, mas não fatal. - O monge virou-se para Caris. Faça um cataplasma de três partes de gordura de galinha, três partes de esterco de cabra, e uma parte de chumbo branco. Cubra a queimadura com isso. Vai tirar o pus.

- Está bem, irmão.

Caris tinha dúvidas sobre o valor de cataplasmas. Já observara que muitos ferimentos curavam sem que o pus saísse, embora os monges considerassem que o pus era um sinal saudável. Em sua experiência, os ferimentos ficavam infeccionados por baixo desses cataplasmas. Mas os monges discordavam... exceto por irmão Thomas, que estava convencido de que perdera o braço por causa do cataplasma prescrito pelo prior Anthony, quase vinte anos antes. Mas essa era outra batalha que Caris desistira de travar. As técnicas dos monges tinham a autoridade de Hipócrates e Galeno, os autores antigos da medicina, e todos concordavam que eles deviam estar certos.

Joseph saiu. Caris providenciou para que Minnie estivesse confortável, e tranquilizou o pai.

- Ela terá muita sede ao acordar. Cuide para que tenha o bastante para beber... cerveja fraca ou vinho aguado.

Caris não tinha pressa para fazer o cataplasma. Daria a Deus umas poucas horas para trabalhar sem ajuda, antes de iniciar o tratamento de Joseph. A probabilidade de o monge médico voltar mais tarde para verificar a paciente era mínima. Ela mandou Nellie buscar esterco de cabra na horta a oeste da catedral, e depois foi para sua farmácia.

Ficava ao lado da biblioteca dos monges. Infelizmente, ela não tinha janelas grandes, como havia na biblioteca. A sala era pequena e escura.

Mas tinha uma bancada para trabalhar, prateleiras para os potes e frascos, e uma pequena lareira para esquentar os ingredientes.

Ela guardava um pequeno livro de anotações no armário. O pergaminho era caro e um bloco de folhas idênticas só era usado para as sagradas escrituras. Mas Caris recolhera sobras de tamanhos irregulares e as juntara por uma costura. Mantinha um registro de cada paciente com um problema sério. Registrava a data, o nome do paciente, os sintomas e o tratamento dispensado; mais tarde, acrescentava os resultados, sempre anotando com precisão quantas horas ou dias haviam se passado antes que o paciente melhorasse ou piorasse.

Verificava os casos passados com frequência, a fim de refrescar a memória sobre a eficiência de diferentes tratamentos.

Quando anotou a idade de Minnie, ocorreu-lhe que sua própria criança teria oito anos agora, se não fosse pela poção de Mattie Wise. Sem qualquer bom motivo, ela achava que seria uma menina. Especulou como reagiria se sua própria filha sofresse um acidente. Seria capaz de lidar com a emergência com tanta calma? Ou ficaria quase histérica de medo, como Christopher Blacksmith?

Acabara de registrar o caso quando soou o sino para a Véspera. Foi para o serviço. Depois, as freiras jantavam. E iam para a cama, pois tinham de se levantar às três horas da madrugada para a Matina.

Em vez de se deitar, porém, Caris foi para a farmácia, a fim de preparar o cataplasma. Não se importava com o esterco de cabra... qualquer pessoa que trabalhava num hospital via coisas piores. Mas não entendia como Joseph podia imaginar que era uma coisa para pôr em carne queimada.

Agora, não poderia fazer a aplicação até o dia seguinte. Minnie era uma criança saudável: sua recuperação já estaria bem adiantada até lá.

Enquanto ela trabalhava, Mair entrou na sala. Caris fitou-a, curiosa.

- O que está fazendo fora da cama?

Mair parou ao lado da bancada de trabalho.

- Vim ajudá-la.

- Não há necessidade de duas pessoas para preparar um cataplasma. O que irmã Natalie disse?

Natalie era a vice-prioressa, no comando da disciplina; ninguém podia deixar o dormitório à noite sem a sua permissão.

- Ela está num sono profundo. Você acha mesmo que não é bonita?

- Saiu da cama para me perguntar isso?

- Merthin devia achar que era. Caris sorriu.

- É verdade.

- Sente saudade dele?

Caris terminou de misturar o cataplasma e virou-se para lavar as mãos numa tigela.

- Penso em Merthin todos os dias. Ele é agora o arquiteto mais rico de Florença.

- Como sabe?

- Tenho notícias dele quase todos os anos, na Feira do Velocino, através de Buonaventura Caroli.

- Merthin recebe notícias suas?

- Que notícias? Não há nada para contar. Sou uma freira.

- Ainda o deseja?

Caris virou-se para fitar Mair nos olhos.

- As freiras são proibidas de desejar os homens.

- Mas não as mulheres - murmurou Mair, inclinando-se para beijá-la na boca. Caris ficou tão surpresa que se manteve paralisada por um instante. Mair

insistiu no beijo. O contato dos lábios de uma mulher era suave, diferente do beijo de Merthin.

Caris sentiu se chocada, mas não horrorizada. Há sete anos que ninguém a beijava, e compreendeu de repente o quanto sentia falta.

No silêncio, ouviram um ruído alto na biblioteca ao lado. Mair afastou-se num movimento brusco, tremendo de culpa.

- O que foi isso?

- Soou como uma caixa caindo no chão.

- Quem poderia ser?

- Não deve haver ninguém na biblioteca à esta hora da noite. Os monges e freiras já estão na cama.

Mair parecia assustada.

- O que devemos fazer?

- É melhor darmos uma olhada.

Deixaram a farmácia. Embora a biblioteca ficasse ao lado, elas tinham de atravessar o claustro das freiras e passar pelo claustro dos monges para alcançar sua porta. Era uma noite escura, mas as duas viviam ali há muitos anos, e podiam encontrar o caminho de olhos vendados. Quando chegaram

a seu destino, viram uma luz brilhando pelas janelas altas. A porta, normalmente trancada à noite, estava entreaberta.

Caris empurrou-a.

Por um momento, não pôde entender o que estava olhando. Vía uma porta de armário aberta, uma caixa em cima da mesa, uma vela acesa ao lado, e um vulto escuro. Depois de um momento, ela compreendeu que era o armário do tesouro, onde cartulários e outros documentos valiosos eram guardados. A caixa era a arca que continha os ornamentos de ouro e prata, com pedras preciosas, usados na catedral para os serviços especiais. O homem tirava objetos da caixa e os metia num saco.

Ele levantou os olhos, e Caris reconheceu o rosto. Era Gilbert de Hereford, o peregrino que chegara naquele dia. Só que ele não era um peregrino, e provavelmente nem era de Hereford. Era um ladrão.

Os dois se fitaram por um momento, sem qualquer movimento.

Até que Mair gritou.

Gilbert apagou a vela.

Caris fechou a porta, para retardá-lo por um momento a mais. Depois, correu pelo claustro e entrou num recesso, puxando Mair.

Estavam ao pé da escada que levava ao dormitório dos monges. O grito de Mair deveria tê-los acordado, mas talvez eles fossem lentos para reagir.

- Conte aos monges o que está acontecendo! - gritou Caris para Mair. Corra!

Mair subiu a escada. Caris ouviu um rangido, e adivinhou que a porta da biblioteca fora aberta. Ficou atenta ao som de passos nas pedras do claustro. Mas Gilbert devia ser um ladrão experiente, pois caminhava em silêncio. Ela prendeu a respiração, e tentou ouvir a respiração dele. E foi então que irrompeu um barulho lá em cima.

O ladrão deve ter compreendido que só tinha uns poucos segundos para escapar, pois desatou a correr. Caris podia agora ouvir os passos.

Não se importava muito com os preciosos ornamentos da catedral, achando que ouro e pedras preciosas provavelmente agradavam ao bispo e ao prior mais do que a Deus; mas ela sentira uma aversão a Gilbert, e detestava a perspectiva de o homem enriquecer com o roubo do priorado. Por isso, ela saiu de seu recesso.

Mal podia ver, mas não havia como se equivocar sobre os passos em disparada, vindo em sua direção. Ela estendeu os braços para se proteger, e

no instante seguinte houve a colisão. Caris ficou desequilibrada, mas agarrou as roupas do ladrão. Os dois caíram no chão. Ocorreu o maior estardalhaço quando o saco escapuliu da mão de Gilbert, crucifixos e cálices batendo nas pedras do calçamento.

A dor da queda enfureceu Caris, que largou as roupas do homem, e estendeu as mãos na direção em que julgava estar seu rosto. Encontrou pele e cravou as unhas, rasgando fundo. O ladrão berrou de dor, enquanto ela sentia o sangue escorrer por seus dedos.

Mas ele era mais forte. Agarrou-a e montou por cima. Uma luz apareceu no alto da escada dos monges. Subitamente, ela pôde ver Gilbert... e ele também a viu. Ajoelhado por cima, acertou um soco no rosto de Caris, primeiro com o punho direito, depois com o esquerdo, e outra vez com o direito. Ela gritou em agonia.

Havia mais luz agora. Os monges desciam a escada. Caris ouviu Mair gritar:

- Deixe-a em paz, seu demônio!

Gilbert levantou-se de um pulo e estendeu a mão para o saco. Mas já era tarde demais: subitamente, Mair voou para cima dele, com algum objeto rombudo na mão. Ele recebeu um golpe na cabeça, virou-se para revidar, e caiu sob uma avalanche de monges.

Caris levantou-se. Mair foi ao seu encontro e as duas se abraçaram. Mair perguntou:

- O que você fez?

- Fiquei na frente para fazê-lo tropeçar, e depois arranhei seu rosto. com que você bateu nele?

- Com a cruz de madeira do dormitório.

- Nem pensar em oferecer a outra face... - murmurou Caris.

44

Gilbert de Hereford foi julgado pelo tribunal eclesiástico, considerado culpado e condenado, pelo prior Godwyn, a uma punição apropriada para quem roubava igrejas: seria esfolado vivo. A pele seria removida enquanto ele estivesse consciente, e o deixariam sangrar até a morte.

No dia do esfolamento, Godwyn teve sua reunião semanal com madre Cecilia. Seus assistentes também estariam presentes: o vice-prior Philemon e a vice-prioressa Natalie. A espera na sala de sua casa pela chegada das freiras, Godwyn disse a Philemon:

- Temos de persuadi-las a construir um novo tesouro. Não podemos mais manter nossos objetos mais valiosos numa caixa na biblioteca.

Philemon pensou por um momento.

- Seria um prédio partilhado?

- Tem de ser. Não temos condições de pagar a construção de um prédio só nosso.

Godwyn pensou pesaroso nas ambições que outrora acalentara, quando jovem, de reformar as finanças do mosteiro e torná-lo rico de novo. Isso não acontecera, e ele ainda não entendia o motivo. Fora rigoroso, obrigando os moradores da cidade a usar e pagar os moinhos do priorado, os viveiros de peixes e coelhos. Mas parecia que eles sempre encontravam uma maneira de se esquivar de suas regras... como a construção de moinhos nas aldeias vizinhas. Impusera sentenças rigorosas aos homens e mulheres que eram apanhados a caçar ilegalmente ou derrubar árvores nas florestas do priorado. E resistira às adulações daqueles que queriam tentá-lo a gastar o dinheiro do priorado com a construção de moinhos, ou desperdiçar a madeira do priorado com a licença para funcionamento de carvoarias e fundições de ferro. Tinha certeza de que seus métodos eram certos, mas ainda não conseguira a receita que achava que merecia.

- Portanto, vai pedir o dinheiro a Cecilia - comentou Philemon, pensativo. Pode haver vantagens em manter nossas riquezas no mesmo lugar em que as freiras.

Godwyn percebeu onde a mente insidiosa de Philemon queria chegar.

- Mas não diríamos isso a Cecilia.

- Claro que não.

- Muito bem. Farei a proposta.

- Enquanto esperamos...

- O que é?

- Há um problema na aldeia de Long Ham de que você precisa tomar conhecimento.

Godwyn acenou com a cabeça. Long Ham era uma das dezenas de aldeias que prestavam homenagem - e pagavam taxas de feudalidade - ao priorado. Philemon explicou:

- Tem a ver com as terras de uma viúva, Mary-Lynn. Quando o marido morreu, ela concordou que um vizinho, John Nott, cultivasse a terra. Agora, a viúva casou outra vez, e quer a terra de volta para que seu novo marido possa cultivá-la.

Godwyn ficou perplexo. Era uma típica disputa de camponeses, trivial demais para exigir sua intervenção.

- O que o bailiff disse?

- Que a terra deveria reverter para a viúva, já que o acordo proposto sempre foi provisório.

- Então é isso o que deve acontecer.

- Há uma complicação. Irmã Elizabeth tem um meio-irmão e duas meias irmãs em Long Ham.

-Ahn...

Godwyn devia ter adivinhado que havia uma razão para o interesse de Philemon. Irmã Elizabeth, que antes era Elizabeth Clerk, era a matricularia das freiras, encarregada de seus prédios.

Era jovem e inteligente, e com certeza subiria na hierarquia. Podia ser uma aliada valiosa.

- São os seus únicos parentes, a família que ela tem, além da mãe, que trabalha na Bell - continuou Philemon. - Elizabeth gosta dos parentes camponeses, que por sua vez a reverenciam como a única santa na família. Quando vêm a Kingsbridge, eles trazem presentes para o convento... frutas, mel, ovos, essas coisas.

-E...?

- John Nott é o meio-irmão de Elizabeth.

- Elizabeth pediu a você para interferir?

- Pediu. E também pediu que eu não contasse nada a madre Cecilia. Godwyn sabia que isso era o tipo de coisa que Philemon apreciava. Adorava ser considerado como uma pessoa poderosa, que podia usar sua influência para favorecer um lado ou outro numa disputa. Essas coisas

alimentavam seu ego, que nunca se sentia satisfeito. E ele era atraído por qualquer coisa clandestina. O fato de que Elizabeth não queria que sua superiora soubesse do pedido deixava Philemon exultante. Significava que conhecia um segredo vergonhoso dela. Guardaria a informação como o ouro do avarento.

- O que você quer fazer? - perguntou Godwyn.

- A decisão é sua, mas sugiro que deixe John Nott ficar com a terra. Elizabeth seria nossa devedora, e é inevitável que isso nos será útil em algum momento no futuro.

- É duro para a viúva - murmurou Godwyn, ainda em dúvida.

- Concordo. Mas isso deve ser comparado com os interesses do priorado.

- E a obra de Deus é mais importante. Muito bem. Pode falar com o bailiff.

- A viúva receberá sua recompensa no outro mundo.

- É verdade.

Houvera um tempo em que Godwyn hesitava em autorizar os esquemas escusos de Philemon, mas isso acontecera há muito tempo. Philemon provara ser útil... como a mãe de Godwyn, Petranilla, previra há tantos anos.

Houve uma batida na porta. Petranilla entrou na sala.

Ela vivia agora numa casa pequena e confortável em Candle Court, perto da rua principal. Edmund deixara-lhe um legado generoso, o suficiente para durar pelo resto de sua vida. Tinha cinquenta e oito anos, o corpo alto agora encurvado e frágil, e andava com uma bengala. Mas ainda tinha a mente igual a uma armadilha de urso. Como sempre, Godwyn sentiu-se satisfeito ao vê-la, mas também apreensivo, com receio de ter feito alguma coisa que pudesse desagradá-la.

Petranilla era a chefe da família agora. Anthony morrera no desabamento da ponte, e Edmund morrera há sete anos. Assim, era a única sobrevivente de sua geração. Nunca hesitava em dizer o que Godwyn deveria fazer. E fazia a mesma coisa com a sobrinha, Alice. O marido de Alice, Elfric, era o regedor, mas ela também lhe dava ordens. Sua autoridade estendia-se até a neta indireta, Griselda. Aterrorizava o filho de Griselda, o pequeno Merthin, agora com oito anos. Seu julgamento continuava tão firme quanto antes, e as pessoas quase sempre lhe obedeciam. Se por alguma razão ela não assumia o comando, as pessoas mesmo assim pediam sua orientação. Godwyn não sabia como poderia passar sem a mãe.

E nas raras ocasiões em que não seguira seus conselhos, fizera tudo para esconder o fato. Caris era a única que a enfrentava.

- Não ouse me dizer o que fazer - declarou ela a Petranilla, mais de uma vez.

- Você teria deixado que me matassem.

Petranilla sentou e olhou ao redor.

- Isto não é bastante bom - comentou ela.

A mãe era brusca com frequência, mas mesmo assim Godwyn ficava nervoso quando ela falava dessa maneira.

- Como assim?

- Você deve ter uma casa melhor. -

- Sei disso.

Oito anos antes, Godwyn tentara persuadir madre Cecilia a pagar um palácio novo. Ela prometera que daria o dinheiro três anos depois, mas dissera que mudara de idéia quando o momento chegara. Godwyn tinha certeza de que a causa da recusa fora o que ele fizera com Caris. Depois do julgamento de heresia, seu charme deixara de funcionar com Cecilia. Tornara-se difícil lhe arrancar algum dinheiro. Petranilla acrescentou:

- Você precisa de um palácio para receber bispos e arcebispos, barões e condes.

- Quase não temos esses visitantes hoje em dia. O conde Roland e o bispo Richard permaneceram na França durante a maior parte dos últimos anos.

O rei Edward invadira o Nordeste da França em 1339 e passara todo o ano de 1340 ali; depois, em 1342, levara seu exército para o Noroeste da França, e lutara na Bretanha. Em 1345, tropas inglesas haviam travado uma batalha no distrito vinícola de Sudoeste, na Gasconha. Agora, Edward retornara à Inglaterra, mas já começara a recrutar outro exército de invasão.

- Roland e Richard não são os únicos nobres - insistiu Petranilla, impaciente.

- Os outros nunca vêm aqui. A voz da mãe endureceu:

- Talvez seja porque você não pode acomodá-los no estilo que eles esperam. Precisa de um salão de banquetes, uma capela particular, e quartos espaçosos.

Ela passara a noite inteira acordada a pensar isso, adivinhou Godwyn. Era a sua maneira: remoía as coisas e depois disparava suas ideias, como flechas. Ele especulou o que a levaria àquele protesto em particular.

- Parece muito extravagante - murmurou ele, tentando ganhar tempo.
- Não pode compreender? - indagou Petranilla, ríspida. - O priorado não é tão influente quanto poderia ser simplesmente porque você nunca recebe os homens poderosos da Inglaterra. Quando tiver um palácio, com lindos quartos, eles virão.

Provavelmente ela tinha razão. Os mosteiros ricos, como Durham e St. Albans, jamais se queixavam do número de visitantes nobres e reais que eram obrigados a receber.

- Ontem foi o aniversário da morte de meu pai.

Então era isso o que provocara aquela conversa, pensou Godwyn: a mãe estivera recordando a carreira gloriosa do avô.

- Você é prior há quase nove anos - continuou Petranilla. - Não quero que fique empacado aqui. Os arcebispos e o rei deviam estar considerando-o para um bispado, uma grande abadia como Durham, ou uma missão junto ao papa.

Godwyn sempre presumira que Kingsbridge seria seu trampolim para coisas mais altas, mas compreendia agora que deixara sua ambição definhar. Parecia-lhe que fora há pouco tempo que ganhara a eleição para prior. Sentira na ocasião que chegara ao topo. Mas a mãe tinha razão: já haviam se passado mais de oito anos, e ele continuava no mesmo lugar.

Por que não estão pensando em você para postos mais importantes? - indagou a mãe, retórica. - Porque não sabem que você existe! É o prior de um grande mosteiro, mas não contou a ninguém. Demonstre sua pompa! Construa um palácio. Convide o arcebispo de Canterbury para ser seu primeiro hóspede. Dedique a capela ao santo predileto dele. Avise ao rei que construiu aposentos reais, na esperança de que ele o visite.

- Espere um instante - protestou Godwyn. - Uma coisa de cada vez. Eu adoraria construir um palácio, mas não tenho dinheiro.

- Então trate de arrumar.

Ele queria perguntar como, mas nesse momento as duas líderes do convento entraram na sala. Petranilla e Cecilia se cumprimentaram com uma cortesia cautelosa, e depois Petranilla se retirou.

Madre Cecilia e irmã Natalie sentaram. Cecilia tinha cinquenta e um anos agora, cabelos grisalhos e vista deficiente. Ainda circulava apressada por toda parte, como um passarinho irrequieto, dando instruções para freiras, noviças e criadas; mas abrandara ao longo dos anos e agora procurava evitar os conflitos. Cecilia trazia um pergaminho.

- O convento recebeu um legado - anunciou ela, depois que sentou. - De uma devota de Thornbury.

- Quanto? - perguntou Godwyn.

- Cento e cinquenta libras em moedas de ouro.

Godwyn ficou espantado. Era uma quantia fabulosa, o suficiente para construir um palácio modesto.

- Foi o convento que recebeu... ou o priorado?

- O convento - disse Cecilia, firme. - Este pergaminho é nossa cópia de seu testamento.

- Por que ela deixou tanto dinheiro para o convento?

- Ao que parece, cuidamos dela quando caiu doente ao voltar para casa, depois de uma visita a Londres.

Natalie, uns poucos anos mais velha do que Cecilia, rosto redondo, sempre afável, interveio nesse instante:

- Nosso problema é o seguinte: Onde vamos guardar o dinheiro? Godwyn olhou para Philemon. Natalie lhes dera uma abertura para o assunto que tencionavam levantar.

- O que vocês fazem atualmente com o dinheiro?

- Fica no quarto da priora, que só pode ser alcançado através do dormitório. Como se pensasse nisso pela primeira vez, Godwyn sugeriu:

- Talvez devêssemos gastar um pouco desse legado na construção de um novo tesouro.

- Acho que é mesmo necessário - concordou Cecilia. - Um prédio de pedra simples, sem janelas, com uma resistente porta de carvalho.

- Não levaria muito tempo para construir - comentou Godwyn. - E não deve custar mais do que cinco ou dez libras.

- Por uma questão de segurança, achamos que deve ser parte da catedral. Então era por isso que as freiras queriam tratar do assunto com Godwyn.

Não precisariam consultá-lo sobre uma nova construção dentro de sua área do priorado, mas a igreja era comum para monges e freiras.

- Poderia ser junto da parede da catedral, no canto formado pelo transepto norte e o coro. O acesso seria apenas pelo interior da catedral.

- Isso mesmo... é o tipo de coisa em que pensei.

- Falarei com Elfric hoje, se você quiser. Pedirei a ele que nos dê uma estimativa do custo.

- Faça isso, por favor.

Godwyn ficou feliz por arrancar de Cecilia uma fração do legado, mas ainda não se sentia satisfeito. Depois da conversa com a mãe, ele ansiava em conseguir mais. Gostaria de ficar com tudo. Mas como seria possível?

O sino da catedral repicou. Os quatro se levantaram e saíram.

O condenado esperava lá fora, na extremidade oeste da igreja. Estava nu, amarrado pelos pés e mãos a um retângulo de madeira vertical, como uma estrutura de porta. Cerca de uma centena de pessoas se encontravam ali, para testemunhar a execução. Os monges e freiras comuns não haviam sido convidados: era considerado impróprio que eles vissem o derramamento de sangue.

O carrasco era Will Tanner, um homem em torno dos cinquenta anos, curtidor de couro, como seu nome indicava, a pele marrom de seu ofício. Usava um avental de lona limpo. Mantinha-se ao lado de uma pequena mesa, onde ajeitara suas facas. Afiava uma delas numa pedra, e o rangido do aço no granito fez Godwyn estremecer.

Godwyn disse várias orações, terminando com uma súplica extemporânea, em inglês, para que a morte do ladrão servisse a Deus, evitando que outros cometessem o mesmo pecado. Depois, ele acenou com a cabeça para Will Tanner.

Will postou-se atrás do ladrão amarrado. Pegou uma faca pequena, com ponta afiada, e inseriu-a no meio do pescoço de Gilbert, para depois descer numa linha reta e comprida até a base da espinha. Gilbert berrou de dor. O sangue começou a sair do talho. Will fez outro corte, através dos ombros do ladrão, formando a letra T.

Ele mudou de faca, selecionando uma de lâmina comprida e fina. Inseriu-a com todo cuidado no ponto em que os dois cortes se encontravam, e levantou um canto da pele. Gilbert gritou de novo. O canto da pele seguro pelos dedos da mão esquerda, Will começou a remover a pele com o maior cuidado.

Gilbert desatou a berrar sem parar.

Irmã Natalie soltou um grito estrangulado, virou-se, e correu de volta para o priorado. Cecilia fechou os olhos e começou a rezar. Godwyn sentiu-se nauseado.

Alguém na multidão caiu no chão, desmaiado, com um baque surdo. Somente Philemon permaneceu inabalado.

Will trabalhou depressa, a faca afiada cortando pela gordura subcutânea para revelar os músculos trançados por baixo. O sangue fluía abundante, e

ele parava a intervalos de poucos segundos para limpar as mãos no avental. Gilbert gritava numa agonia indescritível a cada corte. Não demorou muito para que a pele nas costas pendesse em duas abas largas.

Will ajoelhou-se, os joelhos numa poça de sangue, e começou a trabalhar nas pernas.

Os gritos cessaram de repente: Gilbert parecia ter desmaiado. Godwyn ficou aliviado. Queria que o homem sofresse uma agonia por tentar roubar a catedral

- e queria que outros testemunhassem o tormento de um ladrão - mas mesmo assim descobrira que era difícil escutar aqueles gritos.

Will continuou a trabalhar, impassível, aparentemente sem se preocupar se a vítima estava consciente ou não, até que toda a pele de trás - costas, braços e pernas - foi arrancada. Depois, ele foi para a frente do homem. Cortou em torno dos pulsos e tornozelos, separou a pele, para que pendesse dos ombros e quadris. Trabalhou de baixo para cima, através da pélvis, e Godwyn compreendeu que ele tentaria arrancar a pele inteira, num único pedaço. E logo não havia mais pele presa no corpo, exceto na cabeça.

Gilbert ainda respirava.

Will fez uma série de cortes cuidadosos em torno do crânio. Largou as facas e tornou a limpar as mãos no avental. Pegou a pele de Gilbert nos ombros e deu um puxão para cima. A pele do rosto e do couro cabeludo se soltou da cabeça, mas continuou ligada ao resto.

Will levantou a pele ensanguentada de Gilbert, como se fosse um troféu de caça, e a multidão aplaudiu.

Caris sentia-se apreensiva com a perspectiva de guardar o novo tesouro junto com os monges. Tanto importunou Beth com perguntas sobre a segurança do dinheiro que ela a levou para inspecionar o lugar.

Godwyn e Philemon estavam na catedral na ocasião, como que por acaso; viram as freiras e seguiram-nas.

Elas passaram por uma nova arcada na parede sul do coro, entraram num pequeno saguão, e pararam diante de uma formidável porta tachonada. Irmã Beth tirou do bolso uma enorme chave de ferro. Era uma mulher humilde e despretensiosa, como a maioria das freiras.

- Esta chave é nossa - disse ela a Caris. - Podemos entrar no tesouro a qualquer momento em que quisermos.

- Não poderia ser de outra forma, já que fomos nós que pagamos - comentou Caris, incisiva.

Entraram numa pequena sala quadrada. Continha uma mesa, com uma pilha de pergaminhos em cima, alguns bancos, e uma enorme arca reforçada com ferro.

- A arca é grande demais para ser levada pela porta - ressaltou Beth.

- Então como a puseram aqui dentro? - indagou Caris.

- Em pedaços - respondeu Godwyn. - O carpinteiro montou-a aqui dentro.

Caris lançou um olhar frio para Godwyn. Aquele homem tentara matá-la.

Desde o julgamento por bruxaria ela só o fitava com evidente aversão e evitava falar com ele, sempre que possível. Agora, Caris disse, decidida:

- As freiras vão precisar de uma chave da arca.

- Não há necessidade - declarou Godwyn. - Ela contém os ornamentos com pedras preciosas da catedral, aos cuidados do sacristão, que é sempre um monge.

- Mostre-me - pediu Caris.

Ela percebeu que Godwyn sentiu-se ofendido com seu tom e pensou em recusar, mas queria parecer acessível e inocente, e por isso concordou. Ele tirou uma chave da bolsa no cinto e abriu a arca. Além dos ornamentos da catedral, continha dezenas de pergaminhos, que eram os cartulânos do priorado.

- Portanto, a arca não contém apenas os ornamentos - disse Caris, suas suspeitas confirmadas.

- Os registros também estão aqui.

- Inclusive os cartulânos das freiras.

- Isso mesmo.

- Neste caso, devemos ter uma chave.

- Minha idéia é copiar todos os cartulânos, e manter as cópias na biblioteca. Sempre que precisarmos examinar um cartulano, poderemos ler a cópia na biblioteca, para que os preciosos originais possam permanecer trancados.

Beth detestava conflito e interveio, nervosa:

- Parece-me uma idéia bastante sensata, irmã Caris. Caris admitiu, relutante:

- Desde que as freiras sempre tenham acesso a seus documentos de alguma forma.

Os cartulános eram uma questão secundária. Ela se dirigiu a Beth, mais do que a Godwyn, ao acrescentar:

- Mais importante ainda, onde guardamos o dinheiro?

- Em cofres escondidos no chão - respondeu Beth. - São quatro, dois para os monges, dois para as freiras. Se olhar com atenção, poderá perceber as pedras soltas.

Caris estudou o chão, antes de comentar:

- Eu não teria percebido se não tivesse me dito. Mas posso perceber agora. É possível trancar esses cofres?

- Creio que sim - respondeu Godwyn. - Mas neste caso seria óbvio onde estão, o que anularia nosso propósito ao escondê-los por baixo das lajes.

- Mas neste caso os monges e freiras têm acesso ao dinheiro uns dos outros. Philemon interveio, fitando Caris com olhar acusador:

- Por que você está aqui? É a responsável pelos visitantes... não tem nada a ver com o tesouro.

A atitude de Caris em relação a Philemon era de total aversão. Achava que ele não era plenamente humano. Parecia não ter noção do certo ou errado, não ter princípios nem escrúpulos. Enquanto desprezava Godwyn como um homem iníquo, que sabia quando se entregava ao mal, sentia que Philemon era mais como um animal desvairado, com cão raivoso ou um porco selvagem.

- Tenho um olho para os detalhes - declarou ela.

- Você é muito desconfiada - resmungou ele, ressentido. Caris soltou uma risada sem humor.

- Partindo de você, Philemon, isso é irônico. Ele fingiu que ficou magoado.

- Não sei o que está querendo insinuar com isso.

Beth tornou a interferir, num esforço para manter a paz:

- Eu só queria que Caris viesse dar uma olhada porque ela fez perguntas que eu não sabia responder.

- Por exemplo, como podemos ter certeza de que os monges não tiram o dinheiro das freiras? - indagou Caris.

- Vou mostrar - respondeu Beth.

Ela pegou uma vara de carvalho resistente, pendurada num gancho na parede. Usou-a como uma alavanca para levantar uma laje. Por baixo havia um espaço vazio, contendo uma arca reforçada com ferro.

- Mandamos fazer arcas do tamanho certo para caber nos espaços.

Beth abaixou-se e removeu a arca. A tampa era presa por dobradiças, com um cadeado de ferro.

- Onde compramos esses cadeados? - perguntou Caris.

- Foram feitos por Christopher Blacksmith.

Ainda bem, pensou Caris. Christopher Blacksmith era um cidadão respeitável de Kingsbridge, e não arriscaria sua reputação com a venda de cópias das chaves para ladrões.

Caris não conseguiu encontrar nenhum defeito nas disposições. Talvez sua preocupação fosse desnecessária. Ela virou-se para ir embora. Foi nesse instante que Elfric apareceu, acompanhado por um ajudante com um saco na mão.

- Posso pendurar o aviso agora? - perguntou Elfric.

- Pode, sim, por favor - respondeu Philemon.

O ajudante de Elfric tirou do saco o que parecia ser um couro enorme.

- O que é isso? - indagou Beth.

- Espere um instante que já vai descobrir - disse Philemon. O aprendiz levantou o couro contra a porta.

- Eu só estava esperando secar - explicou Philemon. - E a pele de Gilbert de Hereford.

Beth soltou um grito de horror.

- É repulsivo - murmurou Caris.

A pele estava se tornando amarelada e os cabelos caíam, mas dava para distinguir o rosto: as orelhas, dois buracos para os olhos, a abertura da boca, dando a impressão de que estava contraída num sorriso.

- Isso deve afugentar os ladrões - comentou Philemon, com evidente satisfação.

Elfric pegou um martelo e começou a pregar a pele na porta do tesouro.

As duas freiras se retiraram. Godwyn e Philemon esperaram que Elfric concluísse a tarefa macabra, depois tornaram a entrar no tesouro.

- Creio que estamos seguros agora - comentou Godwyn. Philemon acenou com a cabeça.

- Caris é uma mulher desconfiada, mas todas as suas perguntas foram respondidas de maneira satisfatória.

-Neste caso...

Philemon fechou e trancou a porta. Depois, levantou o bloco de pedra de um dos dois cofres da freira e tirou a arca.

- Irmã Beth guarda uma pequena quantidade de dinheiro para as necessidades do dia-a-dia em algum lugar dos aposentos das freiras - explicou ele. - Ela só entra aqui para retirar ou depositar quantias maiores. E sempre abre o outro cofre, que contém principalmente as moedas de prata. Ela quase nunca abre esta arca, que guarda o legado.

Ele virou a arca e verificou as dobradiças. Estavam presas na madeira por quatro pregos. Philemon tirou do bolso uma talhadeira fina de aço e um alicate. Godwyn especulou onde ele arrumara aquelas ferramentas, mas não perguntou. Às vezes era melhor não saber de muitos detalhes.

Philemon empurrou a beira da talhadeira sob a dobradiça de ferro e empurrou. Foi forçando, com o maior cuidado e paciência, para que as marcas na madeira não ficassem visíveis a um olhar descuidado. Pouco a pouco, a placa da dobradiça foi se afastando da madeira, os pregos saindo. Quando havia espaço suficiente, ele usou o alicate para puxar os pregos. Levantou a tampa.

- Aqui está o dinheiro da devota de Thornbury - murmurou ele. Godwyn olhou para a arca. O dinheiro era em ducados venezianos. As moedas de ouro mostravam o doge de Veneza ajoelhado diante de São Marcos; no outro lado, a Virgem Maria estava cercada por estrelas, para indicar que se encontrava no céu. Os ducados eram equivalentes aos florins de Florença, e tinham o mesmo tamanho, peso e pureza do metal. Valiam três shillings, ou trinta e seis pennies de prata ingleses. A Inglaterra tinha agora suas próprias moedas de ouro, uma inovação do rei Edward - nobre, meio nobre e quarto de nobre mas elas circulavam há apenas dois anos, e ainda não haviam suplantado as moedas de ouro estrangeiras.

Godwyn tirou cinquenta ducados, que valiam sete libras e dez shillings. Philemon tornou a fechar a arca. Envolveu cada prego com um pedaço fino de couro, para que ficassem bem justos, e prendeu a dobradiça. Pôs a arca de volta no cofre, e baixou o bloco de pedra.

- Claro que eles vão notar a falta, mais cedo ou mais tarde - comentou ele.

- Talvez não percebam nada durante anos - disse Godwyn. - E vamos deixar para cruzar essa ponte quando a alcançarmos.

Os dois saíram. Godwyn trancou a porta e disse:

- Procure Elfric e encontrem-se comigo no cemitério.

Philemon se afastou. Godwyn foi para a extremidade leste do cemitério, logo depois da atual casa do prior. Era um dia de maio com muito vento, que fazia o hábito esvoaçar em torno de suas pernas.

Uma cabra solta pastava entre os túmulos. Godwyn observou-a, pensativo. Sabia que estava se arriscando a uma briga terrível com as freiras. Calculava que elas nada descobririam por um ano pelo menos, mas não podia ter certeza. Quando descobrissem, haveria o maior clamor. Mas o que exatamente elas poderiam fazer? Ele não era como Gilbert de Hereford, roubando dinheiro para si mesmo. Apropriara-se do legado de uma devota para propósitos sagrados.

Ele pôs as preocupações de lado. Sua mãe tinha razão: precisava glorificar seu papel como prior de Kingsbridge se quisesse realizar um progresso adicional. Quando Philemon apareceu com Elfric, Godwyn disse:

- Quero construir o palácio do prior aqui, a leste da residência atual. Elfric acenou com a cabeça, em concordância.

- Uma excelente localização, lorde prior, se me permite dizer... perto do capítulo e na extremidade leste da catedral, mas separada do mercado pelo cemitério. Terá assim privacidade e sossego.

- Quero um salão grande para banquetes - continuou Godwyn. - Com cerca de trinta metros de comprimento. Deve ser um salão imponente, apropriado para receber a nobreza, talvez mesmo a realeza.

- Excelente.

- E uma capela no lado leste do andar térreo.

- Mas estará a poucos passos da catedral.

- Os hóspedes nobres nem sempre querem se expor ao povo. Devem ter a possibilidade de fazer o culto em particular, se assim desejarem.

- E no segundo andar?

- Os aposentos do prior, com uma sala para um altar e uma escrivaninha. E três quartos grandes para hóspedes.

- Esplêndido!

- Quanto custará?

- Mais de cem libras... talvez duzentas. Farei um projeto e apresentarei uma estimativa mais precisa.

- Não deixe passar de cento e cinquenta. Isso é tudo o que posso gastar. Elfric pode ter especulado onde Godwyn conseguira de repente obter cento e cinquenta libras, mas não perguntou.

- É melhor começar a estocar as pedras o mais depressa possível. Pode me dar algum dinheiro para as primeiras aquisições?

- Quanto precisaria... cinco libras?

- Dez seria melhor.

- Eu lhe darei sete libras e dez shillings em ducados.

Godwyn entregou as cinquenta moedas de ouro que tirara das reservas das freiras.

Três dias depois, quando monges e freiras saíam da catedral, depois do serviço da Nona, irmã Elizabeth falou com Godwyn.

Freiras e monges não deviam conversar uns com os outros, e por isso ela teve de arrumar um pretexto. Um cachorro aparecera na nave e latira durante o serviço.

Havia sempre cachorros entrando na catedral para perturbar os serviços, mas em geral eram ignorados. Elizabeth, no entanto, decidiu se desligar da procissão para afugentar o cachorro. Era obrigada a atravessar pela fileira de monges, e calculou o momento para passar na frente de Godwyn. Ofereceu um sorriso contrafeito.

- Peço perdão, padre prior. - Ela baixou a voz para acrescentar: - Encontre-se comigo na biblioteca, como se fosse por acaso.

Intrigado, Godwyn foi para a biblioteca. Sentou para ler a regra de São Bento. Elizabeth apareceu pouco depois e pegou o Evangelho de São Mateus. As freiras haviam construído sua própria biblioteca, depois que Godwyn assumira o papel de prior, a fim de aumentar a separação entre homens e mulheres. Mas depois que retiraram todos os seus livros da biblioteca dos monges, o lugar ficara tão vazio que Godwyn revogara sua decisão. O prédio da biblioteca das freiras era agora usado como sala de aula quando fazia frio.

Elizabeth sentou de costas para Godwyn, a fim de que ninguém desconfiasse, ao entrar ali, de que estavam conspirando. Mas ficou bastante perto para que ele pudesse ouvir com clareza.

- Há uma coisa que devo contar - sussurrou Elizabeth. - Irmã Caris não gosta da idéia de guardar o dinheiro das freiras no novo tesouro.

- Eu já sabia disso.

- Ela persuadiu irmã Beth a contar o dinheiro, para ter certeza de que tudo continua ali. Achei que deveria saber... para o caso de ter tomado algum dinheiro emprestado.

O coração de Godwyn quase parou. Uma verificação revelaria que faltavam cinquenta ducados. E ele ainda precisaria do resto para construir seu palácio. Não esperava que a descoberta pudesse ocorrer tão cedo. Amaldiçoou Caris. Como ela fora capaz de adivinhar o que ele fizera com tanto sigilo?

- Quando? - indagou ele, com a voz um pouco trêmula.

- Hoje. Não sei a que hora... pode ser a qualquer momento. Mas Caris foi bastante enfática ao dizer que você não deveria ser avisado com antecedência.

Godwyn teria de pôr os ducados de volta na arca, o mais depressa possível.

- Muito obrigado pela informação - murmurou ele.

- Fiz isso porque você favoreceu minha família em Long Ham.

Elizabeth levantou-se e saiu. Godwyn também saiu, depois de um momento. Que sorte Elizabeth se sentir em dívida com ele! O instinto de Philemon para a intriga era mesmo valioso. Enquanto pensava nisso, avistou Philemon no claustro.

- Pegue aquelas ferramentas e se encontre comigo no tesouro! - sussurrou ele.

Godwyn saiu do priorado. Atravessou apressado o pátio gramado e seguiu pela rua principal. A esposa de Elfric, Alice, herdara a casa de Edmund Wooler, uma das maiores da cidade, junto com todo o dinheiro que Caris ganhara com seus tecidos tingidos. Elfric vivia agora no maior luxo.

Godwyn bateu na porta e entrou. Alice sentava à mesa, em meio ao resto do almoço. Com ela estava a enteada, Griselda, e o filho de Griselda, o Pequeno Merthin. Ninguém acreditava agora que Merthin Fitzgerald fosse o pai do menino; ele era a cara do antigo namorado fugido de Griselda, Thurstan. Griselda casara com um dos empregados de seu pai, Harold Mason. As pessoas polidas chamavam o menino de oito anos de Merthin Haroldson, enquanto as outras referiam-se a ele como Merthin Bastardo.

Alice levantou-se de um pulo quando viu Godwyn.

- É um prazer tê-lo em nossa casa, primo prior. Aceita um copo de vinho? Godwyn ignorou a hospitalidade polida.

- Onde está Elfric?

- Lá em cima, tirando um cochilo, antes de voltar ao trabalho. Sente na sala de visitas enquanto vou chamá-lo.

- O mais depressa possível, por favor.

Godwyn foi para a outra sala. Havia cadeiras confortáveis ali, mas ele ficou andando de um lado para outro. Elfric apareceu pouco depois, esfregando os olhos.

- Desculpe a demora, mas eu estava...

- Os cinquenta ducados que lhe dei há três dias - interrompeu-o Godwyn. Preciso que me devolva.

Elfric ficou surpreso.

- Mas o dinheiro era para as pedras!
- Sei para que era. Mas preciso ter o dinheiro de volta imediatamente.
- Já gastei uma parte, com o compromisso de pagar carroceiros para trazerem as pedras da pedreira.
- Quanto?
- Cerca da metade.
- Pode cobrir essa parte com seus próprios recursos, não é?
- Não quer mais um palácio?
- Claro que quero. Mas preciso desse dinheiro. Não me pergunte por quê, apenas devolva o dinheiro.
- O que farei com as pedras que encomendei?
- Pode guardá-las. Terá o dinheiro de volta. Só preciso dele por alguns dias. Depressa!
- Está bem. Espere aqui, por favor.
- Não irei a lugar nenhum enquanto não me entregar o dinheiro.

Elfric saiu. Godwyn especulou onde ele guardaria o dinheiro. Sob as pedras da lareira era o lugar mais comum. Mas Elfric, por ser um construtor, podia ter um esconderijo mais astucioso. Onde quer que fosse, ele não demorou a voltar.

Contou cinquenta moedas de ouro. Godwyn disse:

- Eu lhe dei ducados... e algumas destas moedas são florins.

O florim era do mesmo tamanho, mas tinha imagens diferentes: João Batista de um lado, uma flor no outro.

- Não tenho mais as mesmas moedas. Já expliquei que gastei algumas. Mas valem a mesma coisa, não é?

Era verdade. As freiras notariam a diferença?

Godwyn guardou as moedas na bolsa e saiu sem dizer mais nada.

Retornou apressado a catedral. Encontrou Philemon no tesouro, e explicou, ofegante:

- As freiras vão fazer uma verificação. Preciso devolver o dinheiro que dei a Elfric. Abra aquela arca.

Philemon levantou o bloco de pedra, tirou a arca, removeu os pregos. Ergueu a tampa.

Godwyn vasculhou as moedas. Todas eram ducados.

Mas não havia mais nada que ele pudesse fazer agora. Largou as moedas na arca, empurrando os florins para o fundo.

- Pode fechar e guardar de volta no lugar. Philemon assim o fez.

Godwyn experimentou um momento de alívio. Seu crime fora em parte encoberto. Pelo menos agora não seria tão clamorosamente evidente.

- Quero estar presente quando for feita a contagem - disse ele a Philemon. Estou preocupado com a possibilidade de notarem que há agora alguns florins no lugar de ducados.

- Sabe quando elas tencionam vir? -Não.

- Porei um noviço para varrer o coro. Ele nos avisará assim que Beth aparecer. Philemon contava com um pequeno círculo de noviços admiradores que fariam qualquer coisa para agradá-lo.

Mas não houve necessidade de usar o serviço de um noviço. Irmã Beth e irmã Caris apareceram quando eles deixavam o tesouro. Godwyn fingiu estar no meio de uma conversa sobre contas.

- Teremos de procurar num rolo de conta anterior, irmão - disse ele a Philemon. - Oh, bom-dia, irmãs.

Caris abriu os cofres das freiras e tirou as duas arcas.

- Posso ajudá-las em alguma coisa? - perguntou Godwyn. Caris ignorou-o. Beth respondeu:

- Estamos apenas querendo verificar uma coisa, mas obrigada, padre prior. Não vamos demorar.

- Podem continuar, podem continuar... - murmurou ele, benevolente, embora o coração batesse forte dentro do peito.

- Não há necessidade de se desculpar por nossa presença aqui, irmã Beth disse Caris, irritada. - É nosso tesouro e nosso dinheiro.

Godwyn abriu um rolo de conta ao acaso. Fingiu estudá-lo, junto com Philemon. Beth e Caris contaram as moedas de prata na primeira arca: farthings (moedas de um quarto de penny), meios pennies, pennies, e uns poucos Luxembourgs, pennies falsificados, feitos com prata adulterada, e umas poucas moedas de ouro, florins, ducados, além de genovinos de Gênova e reales de Nápoles, assim como moutons franceses e os novos nobres ingleses. Beth confrontou os totais com seus registros. Ao terminarem, ela disse:

- Absolutamente certo.

Elas guardaram todas as moedas na arca, trancaram, e guardaram-na de volta no cofre no chão.

Começaram a contar as moedas de ouro na outra arca, fazendo pilhas de dez. Quando se aproximavam do fundo da arca, Beth franziu o rosto e soltou um murmúrio de perplexidade.

- O que foi? - perguntou Caris.

Godwyn sentiu uma pontada de medo culpado. Beth explicou:

- Esta arca contém apenas o legado da devota de Thornbury. Eu o deixo separado.

- E daí?

- O marido dela tinha negócios em Veneza. Eu tinha certeza de que toda quantia era em Ducados. Mas também há alguns florins aqui.

Godwyn e Philemon ficaram imóveis, escutando.

- Isso é estranho - comentou Caris.

- Talvez eu tenha me enganado.

- Mas é um pouco suspeito.

- Nem tanto - declarou Beth. - Os ladrões não põem dinheiro em seu tesouro, não é?

- Tem razão - admitiu Caris, relutante.

Elas terminaram de contar. Tinham cem pilhas de dez moedas, no valor de cento e cinquenta libras.

- É a quantia exata em meus registros - anunciou Beth.

- Então todos os pennies e libras estão corretos - disse Caris.

- Como eu disse.

Caris passou muitas horas pensando em irmã Mair. Ficara surpresa com o beijo, mas ainda mais com sua própria reação. Fora excitante. Até agora, não se sentira atraída por Mair ou qualquer outra mulher. Na verdade, havia apenas uma pessoa que já a fizera ansiar em ser acariciada, beijada e penetrada, e essa pessoa era Merthin. No convento, aprendera a viver sem contato físico. A única mão que a tocava sexualmente era a sua, na escuridão do dormitório, quando se lembrava dos dias de namoro; e comprimia seu rosto contra o travesseiro, para que as outras freiras não ouvissem sua respiração ofegante.

Não sentia por Mair o mesmo desejo feliz que Merthin lhe inspirava. Mas Merthin se encontrava a mil e quinhentos quilômetros de distância e a sete anos no passado. E ela gostava de Mair. Era alguma coisa relacionada com seu rosto angelical, com os olhos azuis, uma reação a seu comportamento gentil no hospital e na escola.

Mair sempre falava doce com Caris; e quando ninguém olhava, tocava em seu braço, em seu ombro, até em seu rosto. Caris não a repelia, mas evitava uma reação. Não era porque pensasse que seria um pecado.

Tinha certeza de que Deus era sensato demais para fazer uma regra contra as mulheres proporcionarem um prazer inofensivo umas às outras. Mas é que sentia medo de desapontar Mair. O instinto lhe dizia que os sentimentos de Mair eram fortes e definidos, enquanto os seus eram incertos. Ela é apaixonada por mim, pensava Caris, mas eu não sou por ela. Se beijá-la de novo, ela pode acalentar a esperança de que nós duas seremos almas irmãs pelo resto da vida, e não posso prometer isso.

Por isso ela não fez nada, até a semana da Feira do Velocino.

A feira de Kingsbridge recuperara-se do desastre de 1338. O comércio de lã crua ainda sofria a interferência do rei, e os italianos só apareciam de dois em dois anos, mas isso era compensado pelo novo negócio de tecido tingido. A cidade ainda não era tão próspera quanto poderia ser, pois a proibição do prior Godwyn ao funcionamento de moinhos particulares afastara a indústria da cidade e a levara para as aldeias ao redor; mas a maior parte do tecido ainda era vendida no mercado, e se tornara conhecido como Escarlata de Kingsbridge. A ponte de Merthin fora

concluída por Elfric, e as pessoas atravessavam sua larga extensão com cavalos de carga e carroças.

Por isso, na noite de sábado, antes da abertura oficial da feira, o hospital se encontrava lotado de visitantes.

E um deles estava doente.

Seu nome era Maldwyn Cook, e seu negócio era fazer pequenas iguarias salgadas, com farinha de trigo e pedaços de carne ou peixe. Eram fritadas na manteiga numa fogueira, vendidas a seis por um farthing. Pouco depois de chegar, ele sentiu uma súbita e violenta dor de barriga, seguida por vômito e diarreia. Não havia nada que Caris pudesse fazer para ajudá-lo, a não ser providenciar uma cama perto da porta.

Há muito ela desejava dotar o hospital com sua própria latrina, a fim de poder supervisionar sua higiene. Mas essa era apenas uma das melhorias que esperava. Precisava de uma nova farmácia, ao lado do hospital, uma sala espaçosa e bem iluminada, onde poderia preparar os medicamentos e escrever suas anotações. E também queria encontrar uma maneira de proporcionar mais privacidade aos pacientes. No momento, todos ali podiam ver uma mulher dando à luz, um homem tendo um ataque, uma criança vomitando. As pessoas doentes deveriam ter espaços reservados, em sua opinião, como as capelas laterais numa igreja grande. Mas não sabia como poderia conseguir isso: o hospital não era bastante grande. Tivera várias conversas com Jeremiah Builder - que há muitos anos fora o aprendiz de Merthin tratado por Jimmie - mas não haviam encontrado uma solução satisfatória.

Na manhã seguinte, mais três pessoas tinham os mesmos sintomas de Maldwyn Cook.

Caris serviu a primeira refeição aos visitantes e mandou que fossem para o mercado. Só os doentes podiam permanecer no hospital. O chão do hospital estava mais sujo do que o habitual, e ela ordenou que fosse varrido e limpado com esfregão. Depois, foi para o serviço na catedral.

O bispo Richard não estava presente. Fazia companhia ao rei, que preparava uma nova invasão à França.

Richard sempre considerara que o bispado era apenas um meio de sustentar seu estilo de vida aristocrático. Em sua ausência, a diocese era comandada pelo arquidiácono Lloyd, que coletava os dízimos e arrendamentos do bispo, batizava crianças e conduzia serviços com uma eficiência determinada, mas nem um pouco imaginativa... uma

característica que ele demonstrou naquela manhã com um tedioso sermão sobre o motivo pelo qual Deus era mais importante do que o dinheiro, um estranho tema na inauguração de uma das grandes feiras comerciais da Inglaterra.

Apesar disso, todos se mostravam animados, como sempre, no primeiro dia. A Feira do Velocino era o ponto alto do ano para os habitantes da cidade e os camponeses das aldeias ao redor. As pessoas ganhavam dinheiro na feira e perdiam jogando nas estalagens. Jovens robustas das aldeias deixavam-se seduzir por insinuantes rapazes da cidade. Prósperos camponeses pagavam às prostitutas por serviços que não ousavam pedir às esposas. Com bastante frequência, ocorria um assassinato.

Caris distinguiu o vulto corpulento e bem vestido de Buonaventura Caroli na congregação, e seu coração disparou. Ele podia ter notícias de Merthin. Ela passou pelo serviço distraída, murmurando os salmos. Na saída, ela conseguiu atrair a atenção de Buonaventura, que lhe sorriu. Ela tentou indicar, com um aceno de cabeça, que queria conversar com ele mais tarde. Não teve certeza se a mensagem foi entendida.

Foi para o hospital - o único lugar do priorado em que uma freira podia se encontrar com um homem do mundo exterior - e Buonaventura entrou ali pouco depois. Usava um casaco azul luxuoso e sapatos pontudos.

- Na última vez em que a vi - comentou ele -, você acabava de ser ordenada freira pelo bispo Richard.

- Sou agora a responsável pelos visitantes.

- Meus parabéns! Nunca pensei que pudesse se sair tão bem com a vida no convento.

Buonaventura a conhecia desde que ela era uma criança.

- Nem eu - respondeu Caris, rindo.

- O priorado parece estar prosperando.

- Por que diz isso?

- Soube que Godwyn está construindo um novo palácio.

- É verdade.

- Ele deve estar prosperando.

- Creio que sim. Mas como você está? Os negócios vão bem?

- Temos alguns problemas. A guerra entre Inglaterra e França afetou o transporte, e os impostos de seu rei Edward fazem com que a lã inglesa seja mais cara do que a espanhola. Mas é também de melhor qualidade.

Os mercadores sempre se queixavam dos tributos. Caris foi direto ao assunto que realmente a interessava:

- Alguma notícia de Merthin?

- Tenho, sim. - Embora o comportamento de Buonaventura permanecesse afável, Caris notou uma certa hesitação, enquanto ele acrescentava: - Merthin se casou.

Caris teve a sensação de que fora atingida por um golpe violento. Nunca esperara por isso, nem sequer pensara na possibilidade. Como Merthin podia fazer aquilo? Ele era... Eles eram...

Não havia qualquer motivo para que ele não se casasse, é claro. Caris rejeitara-o mais de uma vez; e na última vez tornara a rejeição definitiva ao ingressar no convento. Apenas era extraordinário que ele esperasse tanto tempo. Ela não tinha o direito de se sentir magoada. Forçou um sorriso.

- Mas isso é maravilhoso! Por favor, transmita a ele minhas congratulações., Quem é a moça?

Buonaventura fingiu não notar a consternação de Caris.

- Seu nome é Silvia - disse ele, como se estivesse contando uma fofoca inofensiva. - E a filha mais jovem de um dos cidadãos mais proeminentes da cidade, Alessandro Christi, um mercador de especiarias orientais que possui vários navios.

- Que idade? Ele sorriu.

- Alessandro? Deve ter mais ou menos a minha idade...

- Não zombe de mim! - Ela sentiu-se grata a Buonaventura por ter abrandado o tom. - Qual é a idade de Silvia?

- Vinte e três anos.

- Seis anos mais moça do que eu.

- Uma linda jovem...

Caris sentiu a restrição tácita.

-Mas...?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

- Ela tem uma reputação de língua afiada. As pessoas dizem todos os tipos de coisas, é claro... mas talvez seja por isso que ela permaneceu solteira durante tanto tempo... as moças em Florença costumam se casar antes dos dezoito anos de idade.

- Tenho certeza de que os comentários sobre a língua afiada são verdadeiros. As duas únicas jovens que Merthin apreciava aqui em

Kingsbridge eram Elizabeth Clark e eu... e ambas sempre fomos de falar muito, verdadeiras megeras.

Buonaventura riu.

- Nem tanto, nem tanto...

- Quando foi o casamento?

- Há dois anos. Logo depois que a vi pela última vez.

Caris compreendeu que Merthin permanecera solteiro até que ela fosse ordenada como freira. Devia ter tomado conhecimento, através de Buonaventura, que ela dera o passo final. Ela pensou em Merthin a esperar e acalantar uma esperança, por mais de quatro anos, em outra terra... e sua fachada de animação começou a se desfazer.

- E eles têm uma criança, uma menina chamada Lona - acrescentou Buonaventura.

Era demais. Toda a dor que Caris experimentara sete anos antes - a angústia que pensara ter desaparecido para sempre - voltou de repente. Não o perdera então refletiu ela. Merthin permanecera fiel à memória dela por anos. Mas perdera-o agora, finalmente, para sempre.

Ela foi sacudida por um acesso, e compreendeu que não poderia se controlar por muito mais tempo. Trêmula, ela murmurou:

- Foi um prazer tornar a vê-lo e saber das novidades, mas tenho de voltar ao meu trabalho.

O rosto de Buonaventura demonstrou preocupação.

- Espero não tê-la deixado muito transtornada. Pensei que você gostaria de saber.

- Não seja gentil comigo... não posso suportar.

Caris afastou-se. Baixou a cabeça para esconder o rosto, enquanto deixava o hospital e entrava no claustro. A procura de um lugar para ficar sozinha, ela subiu correndo a escada para o dormitório. Não havia ninguém ali durante o dia. Ela começou a soluçar enquanto percorria o dormitório vazio. O quarto de madre Cecilia ficava na outra extremidade. Ninguém tinha permissão para entrar ali sem convite, mas Caris entrou assim mesmo e bateu a porta. Jogou-se na cama, sem se importar quando a touca de freira caiu. Comprimiu o rosto contra o colchão de palha e chorou.

Depois de algum tempo, sentiu uma mão em sua cabeça, afagando os cabelos curtos. Não ouvira a pessoa entrar no quarto. E não se importava com quem era. Mesmo assim, pouco a pouco, foi se acalmando. Os soluços já não eram tão desesperados, as lágrimas secaram, a tempestade

de emoções começou a amainar. Ela rolou na cama e olhou para a pessoa que a confortava. Era Mair.

- Merthin se casou... e tem uma filha - murmurou Caris, recomeçando a chorar. Mair deitou ao lado e aninhou a cabeça de Caris em seus braços. Caris comprimiu o rosto contra os seios macios de Mair, deixando que o hábito de lã absorvesse as lágrimas.

- Calma, calma... - sussurrou Mair.

Caris se acalmou. Estava esgotada demais para sentir mais pesar. Pensou em Merthin segurando no colo uma criança italiana de cabelos escuros, e percebeu como ele seria feliz. Ficou contente por isso, e mergulhou num sono de exaustão.

A doença que começara com Maldwyn Cook espalhou-se como fogo de verão pela multidão na Feira do Velocino. Na segunda-feira, passou do hospital para as tavernas, e na terça-feira, dos visitantes para os habitantes da cidade. Caris anotou as características em seu livro: começava com dores no estômago, logo levava a vômito e diarreia, e durava entre vinte e quatro e quarenta e oito horas. Os adultos se recuperavam, mas a doença matava os velhos e bebês.

Na quarta-feira, atingiu as freiras e as crianças na escola. Mair e Tilly foram afetadas. Caris saiu para falar com Buonaventura, na Bell, e perguntou-lhe, preocupada, se os médicos italianos tinham tratamento para aquela doença.

- Não há cura - disse ele. - Ou pelo menos nenhuma que funcione, embora os médicos quase sempre receitem alguma coisa, só para arrancar mais dinheiro das pessoas.

Mas alguns médicos árabes acham que é possível retardar a disseminação da doença.

- É mesmo? - Caris estava interessada. Os mercadores diziam que os médicos muçulmanos eram superiores aos cristãos, embora os médicos monges negassem isso com veemência. - Como?

- Eles acham que a doença é adquirida quando uma pessoa doente olha para você. A vista funciona como raios que saem dos olhos e tocam nas coisas que você vê... como estender um dedo para sentir se alguma coisa é quente, dura, ou seca. Mas os raios podem também projetar doenças. Assim, você pode evitar a doença se nunca ficar na mesma sala que um doente.

Caris não achava que a doença pudesse ser transmitida pelo olhar. Se isso fosse verdade, depois de um serviço importante, todos na congregação contrairiam qualquer doença que o bispo tivesse. Sempre que o rei tivesse alguma doença, contagiaria as centenas de pessoas que o viam. E com certeza alguém já teria notado isso.

Mas a noção de que não se devia partilhar um cômodo com alguém que estava doente parecia convincente. Ali, no hospital, a doença de Maldwyn parecia se espalhar de um sofredor para as pessoas nas camas próximas.

Ela também já observara que certos tipos de doenças - problemas de estômago, tosse e resfriados, pústulas de todos os tipos - pareciam aumentar durante as feiras e mercados; portanto, parecia óbvio que eram passadas de uma pessoa para outra da mesma maneira.

Na noite de quarta-feira, durante o jantar, metade das pessoas no hospital já contraíra a doença; na manhã de quinta-feira, todas estavam infectadas. Vários empregados do priorado também caíram doentes, e Caris não contava com pessoal suficiente para a limpeza.

Ao observar o caos na hora da primeira refeição, madre Cecilia sugeriu o fechamento do hospital.

Caris estava disposta a considerar qualquer coisa. Sentia-se consternada por sua impotência para combater a doença, e arrasada pela imundície do hospital.

- Mas onde as pessoas dormiriam? - indagou ela.

- Mande-as para as tavernas.

- As tavernas estão com o mesmo problema. Podemos deixá-las na catedral. Cecilia sacudiu a cabeça.

- Godwyn não admitiria camponeses na nave durante os serviços.

- Onde quer que as pessoas durmam, devemos separar as que estão doentes. É a maneira de retardar a disseminação da doença, segundo Buonaventura.

- Faz sentido.

Uma idéia nova aflorou de repente à mente de Caris. Parecia uma providência óbvia, embora nunca tivesse pensado a respeito antes.

- Talvez não devêssemos apenas melhorar o hospital. Seria melhor construir um novo hospital apenas para os doentes, e manter o prédio antigo para os peregrinos e outros visitantes saudáveis.

Cecilia assumiu uma expressão pensativa.

- Pode ser muito caro.

- Temos cento e cinquenta libras. - A imaginação de Caris começou a funcionar. - Podemos ter uma nova farmácia. E quartos particulares para as pessoas que têm doenças crônicas.

- Descubra quanto custaria. Pode perguntar a Elfric

Caris odiava Elfric. Já o detestava antes mesmo de Elfric prestar depoimento contra ela. Não queria que ele construísse seu novo hospital.

- Elfric anda muito ocupado com a construção do novo palácio de Godwyn. Prefiro consultar Jeremiah.

- Está bem.

Caris sentiu um ímpeto de simpatia por Cecilia. Embora fosse rigorosa na disciplina, ela dava espaço para as ajudantes tomarem suas próprias decisões. Sempre compreendera as paixões conflitantes que impulsionavam Caris. Em vez de tentar reprimir essas paixões, Cecilia encontrara meios de aproveitá-las. Dera um trabalho que interessava a Caris e providenciara caminhos para que extravasasse sua energia rebelde. Aqui estou eu, pensou Caris, incapaz de lidar com a crise atual, mas minha superiora me diz calmamente para começar a cuidar de um projeto a longo prazo.

- Obrigada, madre Cecilia.

Mais tarde, ainda naquele dia, ela circulou pelo terreno do priorado com Jeremiah e explicou suas aspirações. Ele continuava supersticioso como antes, vendo a ação de anjos e demônios nos mais triviais incidentes cotidianos. Apesar disso, era um construtor imaginativo, aberto a ideias novas: aprendera com Merthin. Não demoraram a determinar o melhor local para o novo hospital, ao sul do atual bloco de cozinha. Seria afastado dos outros prédios, para que as pessoas doentes tivessem menos contato com as saudáveis, mas a comida não teria de ser levada por uma longa distância. Além disso, teria a conveniência de fácil acesso através do claustro das freiras. Com a farmácia, as novas latrinas, e um andar superior com aposentos particulares, Jeremiah calculou que a obra custaria cem libras... a maior parte do legado.

Caris conversou sobre a localização com madre Cecilia. Era um terreno que não pertencia aos monges nem às freiras, e por isso elas foram falar com Godwyn.

Encontraram-no no local de seu próprio projeto de construção, o novo palácio. A parte externa estava pronta e o telhado, instalado. Caris não visitava o local há algumas semanas, e ficou surpresa com o tamanho, pois

seria tão grande quanto seu novo hospital. Compreendeu por que Buonaventura o considerara impressionante: o salão de jantar seria maior do que o refeitório das freiras. O local enxameava de trabalhadores, como se Godwyn tivesse pressa de acabar. Os pedreiros ajustavam um chão de ladrilhos coloridos num padrão geométrico, vários carpinteiros faziam portas, e um vidraceiro usava uma fornalha para produzir os vidros. Godwyn estava gastando muito dinheiro.

Ele e Philemon mostravam o prédio ao arqui-diácono Lloyd, o assistente do bispo. Godwyn se afastou quando viu as freiras. Cecilia disse:

- Não precisa interromper sua conversa. Mas quando acabar, poderá se encontrar conosco junto do hospital? Temos uma coisa para lhe mostrar.

- Claro - respondeu Godwyn.

Caris e Cecilia voltaram, passando pela área do mercado, na frente da catedral. Sexta-feira era o dia de barganha na Feira do Velocino, quando os mercadores vendiam os estoques restantes a preços reduzidos, para não terem de levar o que não fora vendido. Caris avistou Mark Webber, de rosto redondo e agora barrigudo, usando um casaco escarlate. Os quatro filhos ajudavam-no no estande. Caris gostava muito de Doris, agora com quinze anos, uma jovem que tinha a confiança esfuziante da mãe, num corpo mais esguio.

- Você está parecendo próspero - comentou Caris com Mark, sorrindo.

- A riqueza deveria ser sua. Foi você quem inventou a tintura. Eu apenas fiz o que mandou. Quase sinto que a enganei.

- Você foi recompensado por seu trabalho árduo.

Caris não se importava que Mark e Madge tivessem se saído tão bem com a sua invenção. Embora sempre apreciasse o desafio de fazer negócios, nunca dera muita importância ao dinheiro... talvez porque nunca tivera de se preocupar com isso, criada na casa de um pai rico. Qualquer que fosse o motivo, não sentia o menor pesar pelo fato de os Webbers estarem ganhando uma fortuna que poderia ser sua. Não se importava com a vida sem dinheiro no priorado. E se sentia emocionada por ver as crianças Webber saudáveis e bem vestidas. Ainda lembrava a época em que todos disputavam espaço para dormir no chão de um único cômodo, a maior parte do qual era ocupada por um tear.

Ela e Cecilia foram para a extremidade sul do terreno do priorado. A terra em torno dos estábulos parecia um pátio de fazenda. Havia uns poucos prédios: um pombal, um galinheiro e um barracão para guardar

ferramentas. Galinhas siscavam na terra, e porcos fossavam o lixo da cozinha. Caris ansiava em cuidar logo de tudo.

Godwyn e Philemon apareceram pouco depois, acompanhados por Lloyd. Cecilia indicou o terreno ao lado das cozinhas e disse:

- Vou construir um novo hospital, e deve ser aqui. O que vocês acham?

- Um novo hospital? - repetiu Godwyn. - Por quê?

Caris achou que ele parecia nervoso, o que a deixou surpresa.

- Queremos um hospital para os doentes e uma casa de hóspedes separada para as pessoas saudáveis - explicou Cecilia.

- Uma idéia extraordinária.

- Foi por causa da doença de estômago que começou com Maldwyn Cook. É um exemplo bastante virulento, mas as doenças muitas vezes surgem nos mercados e se espalham depressa em parte porque as pessoas doentes e saudáveis comem juntas, dormem juntas, e vão às latrinas juntas.

Godwyn parecia ofendido.

- Então as freiras se tornaram médicas agora?

Caris franziu o rosto. Esse tipo de atitude desdenhosa não era o estilo de Godwyn. Ele usava o charme para conseguir o que queria, ainda mais com pessoas poderosas como Cecilia. Aquela demonstração de ressentimento visava a esconder alguma coisa.

- Claro que não - respondeu Cecilia. - Mas todo mundo sabe que algumas doenças espalham-se de uma pessoa afetada para outra... isso é óbvio.

Caris interveio:

- Os médicos muçulmanos acham que a doença é transmitida ao se olhar para uma pessoa doente.

- E mesmo? Muito interessante! - O sarcasmo de Godwyn era agora profundo. - Aqueles que passaram sete anos estudando medicina na universidade ficam contentes em ouvirem preleções sobre doença de jovens freiras que mal saíram do noviciado.

Caris não ficou intimidada. Não tinha a menor disposição para demonstrar respeito por um mentiroso hipócrita que tentara assassiná-la.

- Se não acredita na transmissão da doença, por que não prova sua sinceridade ao passar a noite no hospital, dormindo entre uma centena de pessoas que sofrem de náusea e diarreia?

- Irmã Caris! - exclamou Cecilia. - Já chega! Ela virou-se para Godwyn.

- Perdoe-a, padre prior. Não era minha intenção levá-lo a uma discussão com uma simples freira. Só quero ter certeza de que não faz nenhuma

objeção à escolha do lugar.

- De qualquer forma, não podem construir agora - declarou Godwyn. Elfric está muito ocupado com o palácio.

- Não queremos Elfric - interveio Caris de novo. - Vamos usar Jeremiah. Cecilia fitou-a, severa.

- Fique calada, Caris. Lembre-se de seu lugar. Não interrompa outra vez minha conversa com lorde prior.

Caris compreendeu que não estava ajudando Cecilia. Contra sua inclinação, baixou a cabeça e murmurou:

- Desculpe, madre priora. Cecilia acrescentou para Godwyn:

- A questão não é quando vamos construir, mas onde.

- Lamento, mas não posso aprovar.

- Onde prefere que o novo hospital seja construído?

- Acho que vocês não precisam de um novo hospital.

- Perdoe-me, mas estou no comando do convento - declarou Cecilia, ríspida.

- Não pode me dizer como devo gastar nosso dinheiro. Mas como costumamos consultar um ao outro antes de erguer novos prédios... embora tenha esquecido de cumprir essa pequena cortesia quando planejou seu palácio. Mesmo assim, decidi consultá-lo, mas apenas sobre a questão do local.

Ela olhou para Lloyd e acrescentou:

- Tenho certeza de que o arqui-diácono concorda comigo neste ponto.

- Deve haver um acordo - sugeriu Lloyd, sem se comprometer.

Caris franziu o rosto, aturdida. Por que Godwyn se importava? Ele estava construindo seu palácio no lado norte da catedral. Não faria diferença para ele se as freiras erguessem um novo prédio ali no lado sul, onde os monges quase não iam. Por que ele se mostrava tão preocupado?

- Estou dizendo que não aprovo a localização nem o prédio - declarou Godwyn. - A conversa está encerrada.

500

Caris compreendeu subitamente, num lampejo de inspiração, a razão para o comportamento de Godwyn. Ficou tão chocada que não pôde se conter:

- Você roubou nosso dinheiro!

- Caris! - protestou Cecilia. - Já lhe disse...

- Ele roubou o legado da devota de Thornbury! - gritou Caris, prevalecendo sobre a indignação de Cecilia. - Foi de lá que ele tirou o

dinheiro para o palácio. E agora tenta nos impedir de construir porque sabe que encontraremos nosso tesouro vazio.

Ela se sentia tão indignada que tinha a sensação de que poderia explodir a qualquer instante.

- Não seja ridícula! - gritou Godwyn.

Como resposta, aquilo era tão irrelevante que Caris teve certeza de que acertara em cheio. A confirmação deixou-a ainda mais furiosa.

- Pois então prove! - Ela forçou-se a falar mais calmamente. - Vamos até o tesouro agora para verificar os cofres. Não tem objeções, não é, padre prior?

Philemon interveio:

- Seria uma atitude de absoluta indignidade, e o prior não vai se submeter a isso.

Caris ignorou-o.

- É claro que as freiras vão verificar de qualquer maneira, agora que a acusação foi feita. - Ela olhou para Cecilia, que acenou com a cabeça, em concordância. - Portanto, se o prior prefere não estar presente, tenho certeza de que o arqui-diácono ficará feliz em comparecer como testemunha.

Lloyd dava a impressão de que preferia não se envolver naquela disputa, mas era difícil recusar o papel de árbitro.

- Se puder ajudar os dois lados, é claro... A mente de Caris estava em disparada.

- Como abriu a arca? Christopher Blacksmith fez o cadeado, e ele é honesto demais para dar uma duplicata da chave e ajudar a roubar o dinheiro. Vocês devem ter arrombado a arca de alguma maneira, e depois consertado para que ninguém percebesse. O que vocês fizeram? Tiraram uma dobradiça?

Ela viu Godwyn lançar um olhar rápido para o vice-prior, e acrescentou, triunfante:

- Então foi Philemon quem tirou a dobradiça. Mas o prior pegou o dinheiro e entregou a Elfric

- Não foi roubo - declarou Godwyn.

Todos olharam para ele. Houve um silêncio chocado.

- Você está admitindo! - exclamou Cecilia.

- Não foi roubo - repetiu ele. - O dinheiro está sendo usado em benefício do priorado e pela glória de Deus.

- Não faz diferença - protestou Caris. O dinheiro não era seu.

- É dinheiro de Deus - insistiu Godwyn, obstinado.

- Foi deixado para o convento - disse Cecilia. - Você sabia. Viu o testamento.

- Não sei de nenhum testamento.

- Claro que sabe. Eu lhe dei para fazer uma cópia e... Cecilia parou de falar de repente. Godwyn reiterou:

- Não sei de nenhum testamento.

- Ele destruiu o testamento - declarou Caris. - Disse que faria uma cópia e guardou o documento numa arca no tesouro... e depois o destruiu.

Cecilia olhava boquiaberta para Godwyn.

- Eu deveria saber. Depois do que tentou fazer com Caris... eu nunca mais deveria ter confiado em você. Mas pensei que sua alma ainda poderia ser salva. Estava enganada.

- Ainda bem que fizemos uma cópia do testamento antes de entregá-lo murmurou Caris, uma invenção desesperada.

- Uma falsificação, é claro - disse Godwyn.

- Se o dinheiro era mesmo seu, não precisaria arrombar a arca para pegá-lo - comentou Caris. - Vamos examiná-la. Isso resolverá o problema, de um jeito ou de outro.

- O fato de alguém ter mexido na dobradiça não prova nada - interveio Philemon.

- Portanto, eu estava certa! - gritou Caris. - Como sabe da dobradiça? Irmã Beth não abriu o cofre desde a última verificação, e a arca estava intacta na ocasião. Você mesmo deve tê-la tirado do cofre, se sabe o que foi mexido.

Philemon parecia atordoado. Não disse mais nada. Cecilia olhou para Lloyd:

- Arquidiácono, é o representante do bispo. Acho que é seu dever ordenar que o prior devolva o dinheiro às freiras.

Lloyd estava preocupado. Perguntou a Godwyn:

- Sobrou alguma coisa do dinheiro? Caris declarou, furiosa:

- Quando se pega um ladrão, não se pergunta a ele se pode abrir mão de uma parte dos ganhos desonestos!

- Mais da metade já foi gasta no palácio - respondeu Godwyn.

- A construção deve ser interrompida imediatamente - disse Caris. - Os homens devem ser dispensados hoje mesmo, o prédio deve ser demolido e

os materiais de construção devem ser vendidos. Tem de devolver até o último penny. O que não puder pagar em dinheiro, depois que o palácio for demolido, deve compensar em terras ou outros bens.

- Eu me recuso a fazer isso - declarou Godwyn. Cecilia tornou a se dirigir a Lloyd:

- Arquidiácono, cumpra o seu dever, por favor. Não pode permitir que um subordinado do bispo roube de outro, não importa se ambos realizam a obra de Deus.

- Não posso julgar essa disputa pessoalmente - disse Lloyd. - É grave demais.

Caris não conseguia falar de tanta fúria e consternação pela fraqueza de Lloyd. Cecilia protestou:

- Mas deve!

Ele parecia acuado, mas ainda assim sacudiu a cabeça em negativa, obstinado.

- Acusações de roubo, destruição de um testamento, acusação de falsificação... Cabe ao bispo decidir pessoalmente.

- Mas o bispo Richard está a caminho da França... e ninguém sabe quando ele voltará! - alegou Cecilia. - Enquanto isso, Godwyn continuará a gastar o dinheiro roubado!

- Lamento muito, mas não posso fazer nada - murmurou Lloyd. - Devem apelar para Richard.

- Está bem. - Caris falou com tanta determinação que todos olharam para ela.

- Neste caso, só nos resta uma coisa a fazer. Vamos procurar nosso bispo.

46

Em julho de 1346, o rei Edward III reuniu em Portsmouth a maior frota de invasão que a Inglaterra já vira, formada por quase mil navios. Ventos desfavoráveis atrasaram a armada, mas finalmente veio a partida, a 11 de julho, o destino mantido em segredo.

Caris e Mair chegaram a Portsmouth dois dias depois, perdendo por pouco o bispo Richard, que zarpara junto com o rei.

Elas decidiram seguir o exército até a França.

Não fora fácil obter aprovação até mesmo para a viagem até Portsmouth. Madre Cecilia convidara as freiras em capítulo para discutirem a proposta. Algumas acharam que Caris correria perigo físico e moral. Mas as freiras deixavam seus conventos, não apenas em peregrinações, mas também para tratar de negócios, em Londres, Canterbury e Roma. E as irmãs de Kingsbridge queriam de volta seu dinheiro roubado.

Caris, no entanto, não tinha certeza se receberia aprovação para cruzar o Canal da Mancha. Por sorte, não tinha como perguntar.

Ela e Mair não podiam seguir o exército imediatamente, mesmo que soubessem qual era o destino do rei, porque todas as embarcações em condições de navegar, na costa sul da Inglaterra, haviam sido requisitadas para a invasão. Por isso, elas esperaram por notícias, impacientes, num convento nos arredores de Portsmouth.

Caris soube mais tarde que o rei Edward e seu exército desembarcaram numa praia larga em St.-Vaast-la-Hogue, na costa norte da França, perto de Barfleur. Mas a frota não voltara em seguida. Em vez disso, os navios seguiram para leste, ao longo da costa, por duas semanas, acompanhando o exército invasor até Caen. Ali, carregaram os porões com despojos: jóias, tecidos caros, ouro e prata, tudo o que fora saqueado pelos soldados de Edward dos prósperos burgueses da Normandia. Só depois os navios retornaram à Inglaterra.

Um dos primeiros foi o Grace, um navio de carga, com a proa e a popa arredondadas. Seu comandante, um marujo de rosto curtido chamado Rollo, tinha os maiores elogios para o rei.

Recebera um preço ínfimo pelo uso do navio e da tripulação, mas fora premiado com uma boa parcela dos despojos.

- O maior exército que já vi - garantiu ele, exultante.

Seu palpite era o de que havia pelo menos quinze mil homens, cerca da metade de arqueiros, e provavelmente cinco mil cavalos.

- Vocês terão muito trabalho para alcançá-los - advertiu ele. - Eu as levarei até Caen, o último lugar em que sei que eles estiveram. Dali por diante, terão de seguir a trilha. Qualquer que seja o rumo que tenham seguido, estarão uma semana à frente de vocês.

Caris e Mair negociaram o preço da passagem com Rollo, e depois embarcaram no Grace, levando dois pôneis resistentes, Blackie e Stamp. Não seriam capazes de correr mais do que os cavalos militares, mas o exército precisava parar e lutar a intervalos, o que lhes permitiria alcançá-lo.

Quando chegaram à costa francesa e entraram pelo estuário do Orne, no início de uma manhã ensolarada de agosto, Caris farejou a brisa e sentiu o cheiro desagradável de cinzas antigas. Ao estudar a paisagem, nos dois lados do rio, constatou que os campos cultiváveis estavam pretos. Parecia que as colheitas haviam sido incendiadas ainda no solo.

- É a prática normal - explicou Rollo. - O que o exército não pode levar deve ser destruído, para não beneficiar o inimigo.

Ao se aproximarem do porto de Caen, passaram pelos cascos de vários navios incendiados, presumivelmente pelo mesmo motivo.

- Ninguém conhece o plano do rei - informou Rollo. - Ele pode seguir para o sul e avançar contra Paris, ou virar para nordeste, até Calais, na esperança de se encontrar com os aliados flamengos. Mas vocês poderão seguir a trilha da marcha. Basta se manterem atentas aos campos queimados nos dois lados.

Antes de desembarcarem, Rollo ofereceu-lhes um presunto.

- Obrigada, mas levamos peixe defumado e queijo duro em nossos alforjes respondeu Caris. - E temos dinheiro... podemos comprar qualquer coisa que precisarmos.

- O dinheiro pode não ser de muito proveito aqui. Talvez não haja nada para comprar. Um exército é como uma praga de gafanhotos, devasta toda a terra. Levem o presunto.

- É muito gentil. Adeus.

- Reze por mim, se puder, irmã. Cometi alguns pecados terríveis ao longo de minha vida.

Caen era uma cidade com vários milhares de casas. Como Kingsbridge, suas duas partes, Cidade Velha e Cidade Nova, eram divididas por um rio,

o Odon, atravessado pela Ponte de São Pedro. Na margem do rio, perto da ponte, alguns pescadores vendiam seus peixes. Caris perguntou o preço de uma enguia. Teve dificuldade para entender a resposta: o pescador falava um dialeto do francês que ela nunca ouvira. Quando finalmente entendeu o que ele queria dizer, o preço deixou-a atordoada. A comida se tornara tão escassa que era agora mais cara do que pedras preciosas. E sentiu-se grata pela generosidade de Rollo.

As duas haviam decidido que diriam que eram freiras irlandesas a caminho de Roma se fossem detidas e interrogadas. Agora, porém, ao se afastarem do rio, Caris especulou muito nervosa se os locais perceberiam pelo sotaque que ela era inglesa.

Mas não havia muitos locais para serem encontrados. Portas arrombadas e janelas quebradas revelavam casas vazias. Reinava um silêncio espectral... sem vendedores apregoando suas mercadorias, sem crianças brincando, sem sinos de igreja repicando. A batalha ocorrera há mais de uma semana, mas pequenos grupos de homens sombrios ainda tiravam cadáveres de prédios e os empilhavam em carroças. Parecia que o exército inglês massacrara homens, mulheres e crianças. Elas passaram por uma igreja. Um enorme buraco fora escavado no cemitério, e corpos eram jogados numa sepultura coletiva, sem caixões e até mesmo sem mortalhas, enquanto um padre entoava um rito fúnebre incessante. O mau cheiro era insuportável.

Um homem bem vestido fez uma reverência para as duas e perguntou se elas precisavam de ajuda. Seu comportamento decidido sugeria que era um eminente cidadão, sem a menor intenção de fazer mal a duas visitantes religiosas. Caris recusou a oferta de ajuda, notando que o francês normando do homem não era muito diferente do usado por um nobre na Inglaterra. Talvez, pensou ela, todas as classes inferiores tivessem diferentes dialetos locais, enquanto a classe dominante falava com um sotaque internacional.

As duas freiras saíram da cidade e seguiram pela estrada para leste, contentes por deixarem para trás as ruas mal-assombradas. Os campos também estavam desertos. Caris sentia na ponta da língua, o tempo todo, o gosto amargo de cinza. Muitas plantações e pomares nos dois lados da estrada haviam sido incendiados. A intervalos de poucos quilômetros, elas passavam por ruínas calcinadas do que fora outrora uma aldeia. Os

camponeses haviam fugido à aproximação do exército, ou morrido nos incêndios, pois havia pouca vida ao redor: apenas passarinhos, uns poucos porcos e galinhas esquecidos pelos saqueadores do exército. Às vezes avistavam também um cachorro, farejando atordoados pelos escombros, tentando encontrar o cheiro de seu dono numa pilha de brasas frias.

O destino imediato das duas era um convento a meio dia de viagem de Caen. Sempre que possível, passavam a noite numa casa religiosa - convento, mosteiro, ou hospital - como haviam feito no percurso de Kingsbridge para Portsmouth. Conheciam os nomes e locais de cinquenta e uma instituições desse tipo, entre Caen e Paris. Se pudessem encontrá-las, enquanto seguiam a trilha de devastação do rei Edward, teriam acomodações e comida de graça. Além disso, ficariam a salvo de ladrões... e, madre Cecilia acrescentaria, das tentações da carne, como uma bebida forte e a companhia masculina.

Os instintos de Cecilia eram aguçados, mas ela não percebera que havia um tipo diferente de tentação entre Caris e Mair. Por causa disso, Caris recusara a princípio o pedido de Mair para acompanhá-la. Estava empenhada em avançar o mais depressa possível, e não queria complicar sua missão com o início de um envolvimento apaixonado... ou pela recusa em fazê-lo. Por outro lado, precisava de uma pessoa corajosa e engenhosa como sua companheira de viagem.

Agora, sentia-se contente pela escolha: entre todas as freiras, Mair era a única com coragem para seguir o exército inglês através da França.

Caris planejava ter uma conversa franca antes da partida, dizendo que não deveria haver afeição física entre as duas durante a viagem. Além de todo o resto, poderiam se meter numa terrível encrenca se fossem vistas. Mas, por algum motivo, ela nunca chegara a ter a conversa franca. Por isso, estavam na França com a questão ainda em suspenso, sem ser mencionada, como um terceiro viajante a se interpor entre as duas, num cavalo silencioso.

Pararam ao meio-dia num córrego à beira de um bosque, onde havia uma campina não-queimada para os pôneis pastarem. Caris cortou fatias do presunto dado por Rollo, enquanto Mair tirava do alforje um pão velho de Portsmouth. Beberam a água do córrego, embora tivesse o gosto de cinzas. Caris reprimiu sua ansiedade em continuar, e forçou-se a deixar que os animais descansassem durante a hora mais quente do dia. Depois, quando se preparavam para partir, ela ficou surpresa ao descobrir que alguém a

observava. Permaneceu imóvel, com o presunto numa das mãos e a faca na outra.

- O que foi? - perguntou Mair.

Ela acompanhou o olhar de Caris e também viu. Havia dois homens a poucos metros de distância, à sombra das árvores. Pareciam jovens, mas era difícil ter certeza, pois tinham os rostos cobertos de fuligem e as roupas imundas. Depois de um momento, Caris decidiu lhes falar, em francês normando:

- Deus os abençoe, minhas crianças.

Eles não responderam. Caris calculou que não sabiam o que fazer. Mas que possibilidades estariam considerando? Roubo? Estupro? A aparência era de predadores.

Ela sentia-se apavorada, mas se obrigou a pensar com calma. Independentemente do que queriam, refletiu, os dois deviam estar famintos. Ela disse para Mair:

- Dê-me depressa duas fatias desse pão.

Mair cortou duas fatias grossas. Caris cortou pedaços do presunto. Pôs o presunto no pão, e disse para Mair:

- Entregue um pão a cada um.

Mesmo apavorada, Mair atravessou a área relvada em passos firmes e ofereceu a comida aos homens.

Ambos agarraram com movimentos bruscos, e começaram a devorar. Caris agradeceu à sua estrela da sorte por ter adivinhado corretamente.

Guardou o presunto no alforje e a faca no cinto, para depois montar em Blackie. Mair seguiu seu exemplo, guardando o pão e montando em Stamp. Caris sentiu-se mais segura em cima do cavalo.

O mais alto dos dois homens adiantou-se, em passos rápidos. Caris sentiu-se tentada a bater no pônei e partir, mas não houve tempo, pois no instante seguinte o homem segurava as rédeas. Falou com a boca cheia de comida, com o forte sotaque local:

- Obrigado.

- Agradeça a Deus, não a mim - disse Caris. - Ele me mandou para ajudá-lo. E observa você neste momento. Ele vê tudo.

- Tem mais carne em sua bolsa.

- Deus me dirá a quem devo dar.

Houve uma pausa, enquanto o homem pensava a respeito, até que murmurou:

- Dê-me sua bênção.

Caris relutava em estender a mão direita no gesto tradicional de bênção... pois assim afastaria a mão da faca no cinto. Era apenas uma faca de comida, de lâmina curta, do tipo que todos os homens e mulheres levavam, mas era suficiente para cortar o dorso da mão que segurava as rédeas e obrigar o homem a larga-las. Mas, de repente, ela teve uma inspiração.

- Está bem. Ajoelhe-se. O homem hesitou.

- Deve se ajoelhar para receber minha bênção - insistiu ela, elevando um pouco a voz.

Lentamente, o homem ajoelhou-se, ainda com o pão e o presunto na mão.

Caris olhou para o outro homem. Depois de um instante, ele fez a mesma coisa.

Caris abençoou-os, depois bateu com os calcanhares em Blackie e partiu a trote. Olhou para trás. Mair acompanhava-a de perto. Os dois homens famintos olhavam aturdidos para elas.

Caris refletiu sobre o incidente, na maior ansiedade, enquanto cavalgavam ao longo da tarde. O sol brilhava alegremente, como num belo dia no inferno. Em alguns lugares, a fumaça se elevava de um trecho do bosque, ou de algum celeiro incendiado. Mas os campos não estavam totalmente desertos, como ela foi percebendo pouco a pouco. Avistou uma mulher grávida colhendo vagens de uma plantação que escapara das tochas inglesas; os rostos assustados de duas crianças espiando das pedras enegrecidas de um solar; e vários grupos pequenos de homens, em geral à beira dos bosques, movendo-se com a determinação alerta de animais de caça. Os homens preocupavam-na. Pareciam famintos, e homens famintos eram sempre perigosos. Ela especulou se não deveria parar de se afligir com a rapidez, e em vez disso passar a se preocupar com a segurança.

Encontrar o caminho para as casas religiosas em que planejavam parar também seria mais difícil do que Caris imaginara. Não previra que o exército inglês deixaria tamanha devastação em sua esteira. Presumira que por toda parte encontraria camponeses para orientá-la. Já podia ser bastante difícil em tempos normais extrair informações de pessoas que nunca viajavam além da cidade mercado mais próxima. Agora, seus interlocutores seriam também esquivos, apavorados e predadores.

Caris sabia pelo sol que seguia para leste. Calculou, pelos sulcos profundos das rodas de carroças na lama ressequida, que se encontrava na

estrada principal. O destino daquela noite era uma aldeia chamada Hôpital-des-Soeurs, pelo convento que ficava no meio. A medida que a sombra à sua frente se alongava, ela olhava ao redor com crescente urgência, à procura de alguém que pudesse orientá-la.

As crianças fugiam à sua aproximação, com medo. Caris ainda não se sentia bastante desesperada para correr o risco de chegar perto dos homens que pareciam famintos.

Não havia mulheres jovens em parte alguma, e Caris teve uma terrível suspeita do destino que podiam ter encontrado nas mãos dos invasores ingleses. De vez em quando avistava a distância uns poucos vultos solitários, cuidando de alguma colheita que não fora queimada; mas relutava em se afastar demais da estrada.

Até que finalmente encontraram uma velha encarquilhada, sentada sob uma macieira, ao lado de uma casa de pedra de tamanho considerável. Comia pequenas maçãs, arrancadas da árvore antes de ficarem maduras. Parecia aterrorizada. Caris desmontou, para não se mostrar tão intimidativa. A velha tentou esconder a miserável refeição nas dobras do vestido, sem forças para fugir. Caris disse, polida:

- Boa-tarde, mãe. Posso perguntar se esta estrada leva para Hôpital-des-Soeurs?

A mulher conseguiu se controlar. Apontou na direção para onde elas seguiam e disse, de forma inteligível:

- Através do bosque e no outro lado do morro.

Caris viu que ela não tinha dentes. Devia ser quase impossível comer aquelas maçãs ainda por amadurecer com as gengivas, pensou ela, compadecida.

- A que distância?

- Muito longe.

Todas as distâncias eram longas na idade da mulher.

- Podemos chegar lá antes do anoitecer?

- A cavalo, podem. .

- Obrigada, mãe.

- Eu tinha uma filha - murmurou a velha. - E dois netos. Quatorze e dezesseis anos. Bons rapazes.

- Lamento saber disso.

- Os ingleses... que todos eles possam arder no inferno.

Era evidente que não lhe ocorria que Caris e Mair pudessem ser inglesas. Isso esclarecia a dúvida de Caris: os locais não podiam determinar a nacionalidade de estrangeiros.

- Quais eram os nomes dos rapazes, mãe?

- Giles e Jean.

- Rezarei pelas almas de Giles e Jean. - Tem pão?

Caris olhou ao redor, para ter certeza de que não havia ninguém espreitando nas proximidades, prestes a atacar. Mas estavam sozinhas. Ela acenou com a cabeça para Mair, que tirou o resto de pão do alforje e ofereceu à velha.

A mulher agarrou o pão ansiosamente e começou a roê-lo com as gengivas.

Caris e Mair se afastaram.

- Se continuarmos a dar nossa comida, vamos passar fome - comentou Mair.

- Sei disso - respondeu Caris. - Mas como podemos recusar?

- Não poderemos cumprir nossa missão se morrermos.

- Mas somos freiras declarou Caris, com alguma rispidez. - Devemos ajudar os necessitados, e deixar que Deus decida o momento de nossa morte.

Mair ficou surpresa.

- Nunca ouvi você falar assim antes..

- Meu pai detestava as pessoas que pregavam sobre moralidade. Somos todos bons quando nos convém, ele dizia: isso não conta. É quando você quer demais fazer alguma coisa errada... quando está prestes a ganhar uma fortuna de um negócio desonesto, ou beijar os lábios adoráveis da mulher de seu vizinho, ou dizer uma mentira para se livrar de uma terrível encrenca... é nesse momento que você precisa das regras. Sua integridade é como uma espada, ele dizia você não deve brandi-la até se submeter ao teste. Não que ele soubesse qualquer coisa sobre espadas...

Mair ficou calada por algum tempo. Podia estar remoendo o que Caris dissera, ou apenas desistira da discussão: Caris não sabia.

Os comentários sobre Edmund sempre faziam Caris compreender o quanto sentia saudade do pai. Depois da morte da mãe, Edmund se tornara a pedra fundamental de sua vida. Sempre estivera presente, ao seu lado, à disposição quando ela precisava de solidariedade ou compreensão, de um conselho esperto ou apenas de informação: ele conhecia muita coisa do

mundo. Agora, quando ela se virava nessa direção, deparava-se apenas com um espaço vazio.

Elas passaram por um trecho de bosque e depois subiram um morro, como a velha previra. Lá de cima, viram um vale raso, com outra aldeia queimada, exceto por um agrupamento de prédios de pedra, que parecia um pequeno convento.

- Deve ser o Hôpital-des-Soeurs - comentou Caris. - Graças a Deus.

Ela refletiu, ao se aproximarem, como se tornara acostumada à vida no convento. Ao descerem a encosta, descobriu-se a aguardar ansiosa pelo ritual de lavar as mãos, uma refeição feita em silêncio, a hora de deitar ao anoitecer, até mesmo o sossego sonolento da Matina, às três horas da madrugada. Depois do que vira naquele dia, a segurança daquelas paredes cinzentas de pedra era atraente. Ela incitou Blackie para um trote.

Não havia qualquer movimento ali, mas isso não chegava a surpreender: era um convento pequeno numa aldeia, e não se podia contar com a atividade incessante de um priorado como Kingsbridge. Ainda assim, deveria haver, àquela hora do dia, uma coluna de fumaça se elevando do fogo na cozinha, enquanto a refeição da noite era preparada. Ao se aproximar, ela divisou outros sinais sinistros, e foi dominada por um sentimento de consternação. O prédio mais próximo, que parecia uma igreja, não tinha telhado. As janelas eram buracos vazios, carecendo de venezianas e vidros. Algumas paredes de pedras estavam enegrecidas, talvez por fumaça.

O lugar era silencioso: não havia sinos tocando, gritos de cavalanços ou empregadas da cozinha. Um convento deserto, compreendeu Caris, desolada, ao parar o cavalo. E fora incendiado, como todos os outros prédios da aldeia. A maioria das paredes de pedra continuava de pé, mas os telhados de madeira haviam desabado, portas e janelas estavam destruídas pelo fogo, os vidros, estilhaçados com o calor. Mair murmurou, incrédula:

- Eles incendiaram um convento?

Caris também se sentia chocada. Acreditava que os exércitos invasores eventualmente deixavam intactos os prédios eclesiásticos. Era uma regra inviolável, diziam as pessoas.

Um comandante não hesitaria em condenar à morte um soldado que violasse um lugar sagrado. Ela sempre aceitara isso sem questionar.

- O cavalheirismo não existe mais.

Elas desmontaram e foram andando, cautelosas onde pisavam, através das vigas queimadas e escombros calcinados. Ao se aproximarem da porta da cozinha, Mair soltou um grito estridente.

- Oh, Deus, o que é aquilo? Caris sabia a resposta.

- É uma freira morta.

O cadáver estava nu, mas tinha os cabelos rentes de uma freira. O corpo sobrevivera de alguma forma ao incêndio. A mulher devia estar morta há uma semana. Aves de carniça já haviam devorado os olhos, e partes do rosto tinham sido roídas por outros animais.

E os seios tinham sido cortados com uma faca.

- Os ingleses fizeram isso? - indagou Mair, aturdida.

- Não foram os franceses.

- Nossos soldados têm estrangeiros lutando juntos, não é? Galezes, alemães, e assim por diante. Talvez tenham sido eles.

- Estão todos sob as ordens de nosso rei - comentou Caris, com uma sombria desaprovação. - Foi ele quem os trouxe para cá. E tudo que seus homens fazem é responsabilidade dele.

Ficaram olhando em silêncio para a cena macabra. Um camundongo saiu da boca do cadáver. Mair soltou um grito e virou-se. Caris abraçou-a.

- Fique calma - disse ela, firme, afagando as costas de Mair para confortá-la. Depois de um momento, Caris murmurou: - Vamos sair daqui.

Voltaram aos cavalos. Caris resistiu ao impulso de sepultar a freira morta: se demorassem, ainda estariam ali quando a noite caísse. Mas para onde iriam? Haviam planejado passar a noite naquele convento.

- Vamos voltar até a velha na macieira - decidiu Caris. - Sua casa é o único prédio intacto que encontramos desde que deixamos Caen.

Ela olhou ansiosa para o sol poente, antes de acrescentar:

- Se pressionarmos os cavalos, podemos chegar lá antes do escurecer. Voltaram pela estrada. Bem à frente, o sol mergulhava depressa demais para a linha do horizonte. A última claridade do dia se desvanecia quando alcançaram a casa ao lado da macieira.

A velha mostrou-se feliz ao vê-las, na esperança de que partilhassem sua comida, o que foi feito. Comeram no escuro. Seu nome era Jeanne. Não acenderam uma fogueira, mas o tempo era ameno, e as três deitaram lado a lado, enroladas em seus cobertores. Sem confiarem plenamente na anfitriã, Caris e Mair deitaram com os alforjes em que guardavam a comida.

Caris permaneceu acordada por algum tempo. Sentia-se satisfeita por estar em movimento, depois da longa espera em Portsmouth. Havia feito um bom progresso nos últimos dois dias. Se conseguisse encontrar o bispo Richard, tinha certeza de que ele obrigaria Godwyn a devolver o dinheiro das freiras. O bispo não era um paradigma de integridade, mas tinha a mentalidade aberta e, à sua maneira indiferente, dispensava justiça com imparcialidade.

Godwyn não conseguira todas as coisas que queria, nem mesmo no julgamento de bruxaria. Caris tinha certeza de que poderia persuadir Richard a lhe dar uma carta ordenando que Godwyn vendesse bens do priorado para devolver o dinheiro roubado.

Mas também se preocupava com sua segurança e a de Mair. A suposição de que os soldados não fariam nada contra freiras fora errada: o que haviam visto em Hôpital-des-Soeurs deixava isso bem claro. Ela e Mair precisavam de um disfarce.

Quando acordou, à primeira claridade do amanhecer, Caris perguntou a Jeanne:

- Seus netos... ainda guarda as roupas deles? A velha abriu uma arca de madeira.

- Pode levar o que quiser. Não tenho ninguém para dar essas roupas.

Ela pegou um balde e saiu para buscar água. Caris começou a examinar as roupas. Jeanne não pedira um pagamento. Roupas tinham pouco valor monetário depois da morte de tantas pessoas, refletiu Caris.

- O que está querendo fazer? - perguntou Mair.

- As freiras não estão seguras. Vamos nos tornar pajens a serviço de um pequeno senhor... Pierre, sieur de Longchamp, na Bretanha. Pierre é um nome bastante comum e deve haver muitos lugares chamados Longchamp. Nosso senhor foi capturado pelos ingleses e nossa senhora nos mandou procurá-lo, para negociar o resgate.

- Está bem - concordou Mair, ansiosa.

- Giles e Jean tinham quatorze e dezesseis anos. Com um pouco de sorte, suas roupas caberão em nós.

Caris pegou uma túnica, calção e capa com capuz, tudo na lã marrom sem ser tingida. Mair encontrou um traje similar em verde, com mangas curtas e uma camisa de baixo. As mulheres não usavam roupas de baixo, ao contrário dos homens. Por sorte, Jeanne lavara todas as roupas de sua falecida família. Caris e Mair poderiam continuar com seus sapatos, pois

os calçados práticos das freiras não eram muito diferentes do que os homens usavam.

- Vamos trocar de roupa agora mesmo? - propôs Mair.

Elas tiraram os hábitos de freiras. Caris nunca vira Mair despida, e não pôde resistir a uma espiada. O corpo nu da companheira deixou-a sem fôlego. A pele de Mair parecia luzir como uma pérola rosada. Os seios eram generosos, com mamilos claros de menina, os pelos púbicos exuberantes. Caris teve uma súbita noção de que seu corpo não era tão bonito. Desviou os olhos, e se apressou em vestir as roupas que havia escolhido.

Ela meteu a túnica pela cabeça. Era como um vestido de mulher, só que terminava nos joelhos, em vez de descer até os tornozelos. Vestiu as roupas de baixo, e os calções compridos. Calçou os sapatos e ajeitou o cinto.

- Como estou? - perguntou Mair.

Caris estudou-a. Mair tinha um gorro de menino por cima dos cabelos louros curtos, um pouco inclinado. Exibia um sorriso de satisfação.

- Você parece tão feliz! - exclamou Caris, surpresa.

- Sempre gostei de roupas de meninos. - Mair desfilou de um lado para outro. - É assim que eles andam. Sempre ocupando mais espaço do que precisam.

Era uma imitação tão precisa que Caris desatou a rir. Um pensamento lhe ocorreu.

- Teremos de urinar de pé?

- Posso fazer isso, mas não com a roupa de baixo... ficaria toda molhada. Caris riu.

- Não podemos tirar a roupa de baixo, porque uma súbita rajada de vento poderia expor... nossa farsa.

Mair também riu. Depois, passou a olhar para Caris de uma maneira estranha, que não chegava a ser totalmente desconhecida, de alto a baixo, fitando-a nos olhos.

- O que está fazendo? - perguntou Caris.

- É assim que os homens olham para as mulheres, como se nos possuíssem. Mas tome cuidado... se fizer isso com um homem, ele se torna agressivo.

- Pode ser mais difícil do que eu imaginava.

- Você é bonita demais, Caris. Precisa de um rosto sujo.

Mair foi até a lareira, e enegreceu a mão com fuligem. Passou no rosto de Caris. O contato foi como uma carícia. Meu rosto não é bonito, pensou Caris; ninguém jamais o julgou assim... exceto Merthin, é claro...

- Tem demais - disse Mair, um momento depois, limpando um pouco com a outra mão. - Assim está melhor.

Ela passou fuligem na mão de Caris e acrescentou:

- Agora é a minha vez.

Caris espalhou um pouco de fuligem nas faces e garganta de Mair, como se fosse uma barba incipiente. Era uma sensação de intimidade, olhar atentamente para aquele rosto, tocar de leve na pele. Ela também sujou a testa de Mair. Agora, Mair parecia um menino bonito... mas não uma mulher.

Estudaram uma à outra. Um sorriso se insinuou no arco vermelho que eram os lábios de Mair. Caris experimentava um senso de expectativa, como se alguma coisa da maior importância estivesse prestes a acontecer. E foi nesse instante que uma voz indagou:

- Onde estão as freiras?

As duas se viraram, culpadas. Jeanne estava parada na porta, segurando um pesado balde com água, uma expressão assustada.

- O que vocês fizeram com elas?

Caris e Mair desataram a rir. Jeanne reconheceu-as.

- Como vocês mudaram! - exclamou ela.

Elas beberam a água fresca. Caris partilhou o resto do peixe defumado na primeira refeição. Era um bom sinal, pensou ela, enquanto comiam, que Jeanne não as tivesse reconhecido. Se tomassem cuidado, talvez tudo desse certo.

As duas se despediram de Jeanne e partiram. Ao subirem o morro antes de Hôpital-des-Soeurs, o sol brilhava bem à frente, projetando uma claridade avermelhada sobre o convento. A impressão era a de que as ruínas ainda ardiam.

Caris e Mair passaram a trote pela aldeia, tentando não pensar no cadáver mutilado da freira no meio dos escombros, e seguiram para o sol nascente.

Na terça-feira, 22 de agosto, o exército inglês batia em retirada. Ralph Fitzgerald não sabia como isso acontecera. Haviam avançado pela Normandia de oeste para leste, saqueando e incendiando, sem que ninguém fosse capaz de resistir. Ralph estava em seu elemento. Na guerra, um soldado podia se apropriar de qualquer coisa que quisesse - comida, jóias, mulheres - e matar qualquer homem que tentasse se opor. Era assim que a vida deveria ser vivida.

O rei era um homem que fazia gosto ao coração de Ralph. Edward III adorava lutar. Quando não estava em guerra, passava a maior parte do tempo organizando justas elaboradas, dispendiosas encenações de batalhas, com exércitos de cavaleiros em uniformes especialmente desenhados. Em campanha, sempre se mostrava disposto a comandar uma incursão ou uma expedição de ataque, arriscando a própria vida, sem se dar o trabalho de comparar os riscos com os benefícios, como fazia um mercador de Kingsbridge. Os cavaleiros mais velhos e os condes comentavam sua brutalidade. Haviam protestado contra os incidentes e o estupro sistemático das mulheres de Caen. Mas Edward não se importara. Ao saber que alguns cidadãos de Caen haviam atirado pedras em soldados que saqueavam suas casas, ele ordenou que todos os habitantes da cidade fossem mortos. Só suspendeu a ordem depois de vigorosos protestos de Sir Godfrey de Harcourt e outros.

As coisas haviam começado a sair erradas quando alcançaram o rio Sena. Em Rouen, encontraram a ponte destruída, e a cidade no outro lado da água - muito fortificada. O rei Philippe VI da França estava ali em pessoa, com um poderoso exército.

Os ingleses marcharam rio acima, à procura de um lugar para efetuar a travessia. Mas descobriram que Philippe se antecipara, e uma ponte depois de outra estava fortemente defendida ou em ruínas. Chegaram até Poissy, a pouco mais de trinta quilômetros de Paris. Ralph pensou que atacariam a capital... mas os homens mais velhos sacudiram a cabeça, sensatos, alegando que isso era impossível. Paris era uma cidade de cinquenta mil homens, e a esta altura eles já deviam ter recebido as notícias de Caen. Por isso, se mostrariam dispostos a lutar até a morte, sabendo que não poderiam contar com qualquer misericórdia.

Se o rei não tencionava atacar Paris, especulou Ralph, qual seria seu plano? Ninguém sabia, e Ralph desconfiou que Edward não tinha qualquer plano, exceto a destruição de tudo que encontrasse pela frente.

A cidade de Poissy fora evacuada. Os engenheiros ingleses conseguiram reconstruir sua ponte - ao mesmo tempo em que repeliam um ataque francês - e o exército finalmente cruzou o rio.

A esta altura, era evidente que Philippe reunira um exército muito maior do que o inglês. Edward decidiu desviar-se para o norte, com o objetivo de se encontrar com uma força anglo flamenga que desfechava uma invasão por nordeste.

Hoje, os ingleses estavam acampados ao sul de outro grande rio, o Somme. Os franceses efetuavam as mesmas manobras que haviam usado no Sena. Patrulhas de reconhecimento informavam que todas as pontes haviam sido destruídas e as cidades à margem do rio, fortificadas. Ainda mais sinistro, um destacamento inglês avistou, na outra margem, a bandeira do mais famoso e assustador aliado de Philippe, John, o rei cego da Boêmia.

Edward começara com quinze mil homens no total. Em seis semanas de campanha, milhares haviam tombado e outros desertaram, voltando para casa com alforjes cheios de ouro. Restavam cerca de dez mil homens agora, pelos cálculos de Ralph. Informações de espiões sugeriam que em Amiens, poucos quilômetros rio acima, Philippe tinha agora sessenta mil soldados de infantaria e doze mil cavaleiros montados, uma vantagem esmagadora em números. Ralph ficou mais preocupado do que em qualquer outra ocasião desde que chegara à Normandia. Os ingleses estavam numa situação crítica.

No dia seguinte, desceram pelo rio até Abbeville, o local da última ponte antes de o Somme se alargar num estuário; mas os burgueses da cidade haviam gastado muito dinheiro, ao longo dos anos, fortalecendo as muralhas. Os ingleses compreenderam que a cidade era inexpugnável. Os cidadãos sentiam-se tão seguros e arrogantes que enviaram uma grande força de cavaleiros para atacar a vanguarda do exército inglês. Houve um violento combate, até que os locais se retiraram de volta para sua cidade murada.

Quando o exército de Philippe deixou Amiens e começou a avançar do sul, Edward descobriu-se acuado na ponta de um triângulo: o estuário à direita, o mar à esquerda, e por trás o exército francês, clamando pelo sangue dos invasores bárbaros.

Naquela tarde, o conde Roland foi falar com Ralph.

Há sete anos Ralph lutava com Roland. O conde não mais o considerava um garoto inexperiente. Roland ainda dava a impressão de que não gostava muito de Ralph, mas sem dúvida o respeitava. Sempre o usava para reforçar um ponto fraco em sua linha, ou comandar uma incursão. Ralph perdera três dedos da mão esquerda e claudicava quando cansado, desde que o Chuço de um francês entrara em sua canela nos arredores de Nantes, em 1342. Mesmo assim, o rei ainda não armara Ralph como cavaleiro, uma omissão que lhe causava um amargo ressentimento. Apesar de todo o saque que acumulara - a maior parte aos cuidados de um ourives de Londres - Ralph ainda não se sentia realizado. Sabia que o pai também se mostraria insatisfeito. Como Gerald, Ralph lutava pela honra, não por dinheiro; mas durante todo esse tempo não escalara nem um único degrau na escada da nobreza.

Quando Roland apareceu, Ralph estava sentado numa plantação de trigo amadurecendo, pisoteada pelo exército. Tinha a companhia de Alan Fernhill e meia dúzia de outros, comendo uma refeição desoladora, de sopa de ervilha e cebola: a comida era escassa e não restava qualquer carne.

Ralph sentia a mesma coisa que os outros homens, cansaço das marchas constantes, desânimo pelas pontes destruídas e cidades bem defendidas. E medo pelo que aconteceria quando o exército francês os alcançasse.

Roland era agora um velho, os cabelos e a barba grisalhos, mas ainda andava empertigado e falava com autoridade. Aprendera a manter uma expressão impassível, de tal maneira que as pessoas mal notavam que o lado direito do rosto era paralisado. Ele disse:

- O estuário do Somme é invadido pelo mar. Na maré baixa, a água fica rasa em vários pontos. Mas o fundo é tão lamacento que se torna intransponível.

- Então não podemos cruzá-lo.

Mas Ralph sabia que o conde não viera apenas para lhe dar a má notícia, e sentiu-se otimista.

- Pode haver um vau... um ponto em que o fundo é mais firme - continuou Roland. - Se há mesmo, os franceses devem saber.

- E quer que eu descubra.

- Tão depressa quanto puder. Há alguns prisioneiros no campo ao lado. Ralph sacudiu a cabeça.

- Os soldados podem ter vindo de qualquer lugar da França, ou mesmo de outros países. Só os locais terão a informação.

- Não quero saber quem você vai interrogar. Só quero que leve a resposta à tenda do rei até o anoitecer.

Roland afastou-se. Ralph esvaziou sua tigela de sopa e levantou-se de um pulo, contente por ter alguma coisa agressiva para fazer.

- Selem os cavalos, pessoal.

Ele ainda montava Griff. Milagrosamente, seu cavalo predileto sobrevivera a sete anos de combates. Griff era um pouco menor que um cavalo de guerra, mas tinha mais vigor que os animais enormes que a maioria dos cavaleiros preferia. Era agora experiente em batalha, e suas ferraduras de ferro proporcionavam uma vantagem extra a Ralph nos combates. Ralph gostava mais de seu cavalo do que da maioria de seus companheiros humanos. Na verdade, a única criatura viva a que ele se sentia mais ligado era o irmão, Merthin, a quem não via há sete anos... e poderia nunca mais ver, pois Merthin fora para Florença.

Seguiram para nordeste, na direção do estuário. Todos os camponeses que moravam a meio dia de caminhada deviam saber onde ficava o vau, se é que havia algum, calculou Ralph. Deviam usá-lo com frequência, atravessando o rio para comprar e vender animais, comparecer a casamentos e funerais de parentes, ir a mercados, feiras e festas religiosas. Relutariam em fornecer a informação aos invasores ingleses, é claro, mas ele sabia como resolver esse problema.

Afastaram-se do exército, embrenhando-se por um território que ainda não sofrera com a passagem de milhares de homens, onde havia ovelhas nos pastos e colheitas amadurecendo nos campos. Chegaram a uma aldeia de onde se podia avistar o estuário à distância. Avançaram a galope pela trilha relvada que levava à aldeia. As choupanas de um ou dois cômodos dos servos fizeram Ralph se lembrar de Wigleigh. Como esperava, os camponeses fugiram em todas as direções, as mulheres carregando bebês e crianças, a maioria dos homens segurando um machado ou uma foice.

Ralph e seus companheiros já haviam passado por aquela tirania vinte ou trinta vezes nas últimas semanas. Eram especialistas em coletar informações. Em geral, os líderes do exército queriam saber onde os locais guardavam seus estoques de alimentos. Quando descobriam que os ingleses se aproximavam, os astuciosos camponeses levavam vacas e

ovelhas para as florestas, enterravam sacos de farinha de trigo, e escondiam fardos de feno no campanário da igreja. Sabiam que provavelmente passariam fome depois se revelassem tudo, mas sempre acabavam contando, mais cedo ou mais tarde. Em outras ocasiões, o exército precisava de uma orientação, talvez para uma cidade importante, uma ponte estratégica, ou uma abadia fortificada. Os camponeses em geral respondiam a indagações desse tipo sem qualquer hesitação. Mas era preciso ter certeza de que não mentiam. Os mais astutos podiam tentar enganar o exército invasor, sabendo que os soldados não poderiam voltar para puni-los.

Ralph e seus homens, enquanto perseguiam os camponeses em fuga pelos campos, ignoraram os homens e se concentraram em mulheres e crianças. Ralph sabia que os maridos e pais fariam qualquer coisa para recuperar as que fossem capturadas.

Ele alcançou uma garota em torno dos treze anos. Galopou a seu lado por alguns segundos, observando sua expressão aterrorizada. Tinha os cabelos escuros, a pele também escura, rosto feio, jovem mas com o corpo arredondado de uma mulher... o tipo que ele apreciava. Lembrava-o de Gwenda. Em circunstâncias um pouco diferentes, teria se aproveitado dela sexualmente, como fizera com várias outras, ao longo das últimas semanas.

Mas hoje tinha outras prioridades. Virou Griff para bloqueá-la. Ela tentou desviar, tropeçou nos próprios pés, e caiu num canteiro de hortaliças. Ralph saltou do cavalo e agarrou-a, antes que ela tivesse tempo de se levantar. A garota gritou e arranhou seu rosto, o que obrigou Ralph a dar um soco em sua barriga para quietá-la. Segurou-a pelos cabelos compridos. Voltou para o cavalo e começou a levá-la para a aldeia. A garota cambaleou e caiu, mas Ralph continuou a andar, arrastando-a pelos cabelos; ela fez um esforço para se levantar, chorando de dor. Depois disso, não caiu de novo.

Eles se reuniram na pequena igreja de madeira. Os oito soldados ingleses haviam capturado quatro mulheres, quatro crianças e dois bebês de colo. Obrigaram todas a sentar no chão, na frente do altar. Poucos momentos depois, um homem entrou correndo na igreja, balbuciando no francês local, suplicante. Quatro outros apareceram em seguida.

Ralph ficou satisfeito.

Foi se postar junto do altar, que era apenas uma mesa de madeira pintada de branco.

- Quietos! - Todos silenciaram quando ele brandiu a espada. Apontou para um jovem. - O que você é?

- Um homem que trabalha com couro, senhor. Por favor, não faça mal à minha esposa e filho, que nada fizeram de errado.

Ralph apontou para outro homem.

- E você?

A garota capturada reprimiu um grito, levando Ralph a concluir que eram parentes, talvez pai e filha.

- Sou apenas um pobre vaqueiro.

- Um vaqueiro? - Isso era ótimo. - E com que frequência leva o gado através do rio?

- Uma ou duas vezes por ano, senhor, quando vou ao mercado.

- E onde fica o vau? i •' O homem hesitou.

- Vau? Não há nenhum vau. Temos de atravessar a ponte em Abbeville.

- Tem certeza?

- Tenho, senhor. Ralph olhou ao redor.

- Pergunto a todos vocês... isso é verdade? Todos acenaram com a cabeça em confirmação.

Ralph pensou um pouco. Estavam assustados - apavorados - mas ainda assim talvez estivessem mentindo.

- Se eu trazer o padre com uma Bíblia, todos poderão jurar por suas almas imortais que não há vau através do estuário?

- Sim, senhor.

Mas isso levaria muito tempo. Ralph olhou para a garota que capturara.

- Venha até aqui.

Ela deu um passo para trás. O vaqueiro caiu de joelhos.

- Por favor, senhor, não faça mal a uma criança inocente. Ela tem apenas treze anos...

Alan Fernhill pegou a garota como se fosse um saco de cebolas e a levou até Ralph, que a segurou.

- Estão mentindo para mim, todos vocês. Há um vau, tenho certeza. Só preciso saber onde fica exatamente.

- Está bem - concordou o vaqueiro. - Eu lhe direi. Mas deixe a criança em paz.

- Onde fica o vau?

- A um quilômetro e meio de Abbeville, rio abaixo.

- Qual é o nome da aldeia?

O vaqueiro ficou confuso por um instante, mas logo respondeu:

- Não há nenhuma aldeia, mas pode-se ver uma estalagem no outro lado.

O homem mentia. Nunca viajara, e por isso não sabia que havia sempre uma aldeia ao lado de um vau.

Ralph levantou a mão da garota e colocou-a no altar. Tirou a faca da bainha. Com um movimento rápido, decepou um dedo da garota. A pesada lâmina cortou com facilidade os ossos pequenos. Ela gritou em agonia, e o sangue esguichou vermelho sobre a mesa pintada de branco. Todos os camponeses gritaram em horror. O vaqueiro deu um passo à frente, furioso, mas foi detido pela ponta da espada de Alan Fernhill.

Ralph continuou a segurar a garota com uma das mãos. Ergueu o dedo decepado na ponta da faca.

- Você é o demônio em pessoa - balbuciou o vaqueiro, tremendo de choque.

- Não sou, não. - Ralph já ouvira essa acusação antes, mas ela ainda o incomodava. - Estou salvando as vidas de milhares de homens. E se for necessário, cortarei os outros dedos, um a um.

- Não! Não!

- Então me diga onde fica o vau.

Ralph tornou a erguer a faca. O vaqueiro gritou:

- Blanchetaque! É chamado de Blanchetaque! Por favor, deixe-a em paz!

- Blanchetaque?

Ralph simulava ceticismo, mas a perspectiva parecia promissora. Era uma palavra desconhecida, mas dava a impressão de que podia significar uma plataforma branca. Não era o tipo de coisa que um homem apavorado poderia inventar num súbito impulso.

- Sim, senhor. Chamam-no assim por causa das pedras brancas no fundo do rio que permitem a passagem por cima do lodo.

Ele estava em pânico, as lágrimas escorrendo pelas faces; portanto, era quase certo que dizia a verdade, pensou Ralph, satisfeito. O vaqueiro acrescentou:

-As pessoas dizem que as pedras foram postas ali pelos romanos, nos tempos antigos. Por favor, deixe minha filha ir embora.

- Onde fica?

- A quinze quilômetros de Abbeville, rio abaixo.

- Não a um quilômetro e meio?
 - Estou dizendo a verdade desta vez, senhor, pois espero ser salvo.
 - E o nome da aldeia?
 - Saigneville.
 - O vau é sempre transponível, ou apenas na maré baixa?
 - Só na maré baixa, senhor, ainda mais com gado ou uma carroça.
 - Mas você conhece as marés.
 - Conheço.
 - Agora, só tenho mais uma pergunta, mas é muito importante. Se eu sequer desconfiar que está mentindo, cortarei toda a mão de sua filha. - A garota gritou, enquanto Ralph acrescentava: - Sabe que falo sério, não é mesmo?
 - Sei, sim, senhor. Eu lhe direi qualquer coisa.
 - Quando é a maré baixa, amanhã?
- Uma expressão de pânico estampou-se no rosto do vaqueiro.
- Ahn... ahn... deixe-me calcular!
- O vaqueiro estava tão apavorado que não conseguia pensar direito. O homem que trabalhava com couro interveio:
- Posso dizer. Meu irmão passou pelo vau ontem, e por isso eu sei. A maré baixa amanhã será na metade da manhã, duas horas antes do meio-dia.
 - Isso mesmo! - exclamou o vaqueiro. - Eu só tentava calcular. Na metade da manhã, ou pouco depois. E outra vez ao final da tarde.
- Ralph continuava a segurar a mão sangrando da garota.
- Até que ponto tem certeza?
 - Oh, senhor, tanta certeza quanto tenho do meu próprio nome, eu juro!

Era bem provável que o vaqueiro não fosse capaz de dizer seu nome direito naquele momento, de tão transtornado pelo terror. Ralph olhou para o homem que trabalhava com couro. Não havia sinal de impostura em seu rosto, nada de desafio ou ansiedade em agradar na sua expressão. Apenas parecia envergonhado, como se tivesse sido forçado, contra sua vontade, a fazer uma coisa errada. É a verdade, pensou Ralph, exultante. Eu consegui.

- Blanchetaque. A quinze quilômetros de Abbeville, rio abaixo, na aldeia de Saigneville. Pedras brancas no fundo do rio. Maré baixa no meio da manhã.
- Isso mesmo, senhor.

Ralph largou o pulso da garota. Ela correu chorando para o pai, que a abraçou. Ralph olhou para a poça de sangue na mesa branca do altar. Havia muito sangue para uma garota tão franzina.

- Muito bem, homens - disse ele. - Já acabamos aqui.

As trombetas acordaram Ralph à primeira claridade do amanhecer. Não havia tempo para acender uma fogueira, ou comer alguma coisa. O exército precisava levantar acampamento imediatamente. Dez mil homens, a maior parte a pé, tinham de percorrer dez quilômetros até a metade da manhã.

A divisão do príncipe de Gales seguiu na frente, acompanhada pela divisão do rei, depois a caravana de bagagem e a retaguarda. Batedores foram enviados para verificar a que distância se encontrava o exército francês. Ralph da na vanguarda, com o príncipe de dezesseis anos, que tinha o mesmo nome do pai, Edward.

Esperavam surpreender os franceses com a travessia do Somme no vau. O rei dissera na noite passada:

- Bom trabalho, Ralph Fitzgerald.

Ralph há muito aprendera que essas palavras nada significavam. Cumprira numerosas missões úteis e de extrema bravura para o rei, o conde Roland e outros nobres, mas até agora não fora armado cavaleiro. Hoje, no entanto, não acalentava qualquer ressentimento. Sua vida corria perigo, e sentia-se tão contente por ter encontrado um caminho de fuga para si mesmo que mal se importava se alguém lhe dava crédito ou não por salvar todo o exército.

Enquanto marchavam, dezenas de oficiais reais patrulhavam toda a área, orientando o exército na direção certa, mantendo a formação correta, providenciando para que as divisões continuassem separadas, e trazendo de volta os extraviados. Eram todos nobres, pois precisavam de autoridade para dar ordens. O rei Edward era obcecado pela ordem durante as marchas.

Seguiram para o norte. O terreno se elevava numa encosta suave até uma crista, de onde podia-se avistar o brilho distante do estuário. Desceram através dos trigais. Ao passarem por aldeias, os oficiais reais impediram os saques, porque não queriam bagagem extra na travessia do rio. Também se abstiveram de incendiar as plantações, com receio de que a fumaça pudesse denunciar sua posição exata para o inimigo.

O sol já estava prestes a nascer quando os líderes chegaram a Saigneville. A aldeia ficava num penhasco, a cerca de dez metros acima do rio.

Da margem, Ralph contemplou um formidável obstáculo: mais de dois quilômetros de água e terreno pantanoso. Podia ver as pedras esbranquiçadas no fundo, indicando o vau. No outro lado do estuário havia uma colina verde. Enquanto o sol surgia, à sua direita, ele avistou na encosta distante um brilho de metal e um relance de cor. Seu coração se encheu de consternação.

O aumento da claridade confirmou sua suspeita: o inimigo esperava por eles. Os franceses sabiam onde ficava o vau, é claro, e um comandante sensato previra a possibilidade de os ingleses descobrirem a localização. Portanto, a manobra não seria uma surpresa.

Ralph olhou para a água. Corria para oeste, demonstrando que a maré estava baixando; mas ainda era fundo demais para um homem vadear. Teriam de esperar.

O exército inglês continuava a se concentrar na margem, mais centenas de homens chegando a cada minuto. Se o rei tentasse agora fazer o exército voltar, a confusão seria um pesadelo.

Um batedor retornou, e Ralph ouviu a notícia quando era relatada ao príncipe de Gales. O exército do rei Philippe deixara Abbeville e se aproximava daquela margem do rio.

O batedor foi despachado para determinar a rapidez com que o exército francês se deslocava.

Não havia como voltar atrás, compreendeu Ralph, com medo no coração; os ingleses tinham de cruzar o estuário de qualquer maneira.

Ele estudou o outro lado, tentando calcular quantos franceses havia na margem norte. Mais de mil, pensou. Mas o perigo maior era o exército de dezenas de milhares de homens que vinha de Abbeville. Ralph aprendera, em muitos combates com os franceses, que eles tinham uma bravura extraordinária - às vezes eram até temerários -, mas também eram indisciplinados. Marchavam em desordem, desobedeciam ordens, e podiam até atacar, para provar seu valor, quando seria mais sensato esperarem. Mas se fossem capazes de superar seus hábitos desordenados e chegassem ali nas próximas horas, pegariam o exército do rei Edward no meio do estuário. Com o inimigo nas duas margens, os ingleses podiam ser exterminados.

E depois da devastação que haviam promovido nas últimas seis semanas, não poderiam esperar misericórdia.

Ralph pensou numa armadura. Tinha uma armadura que tirara de um cadáver francês em Cambrai sete anos antes, mas estava numa carroça na caravana de bagagem. Além disso, não sabia se conseguiria vadear por dois quilômetros e meio de água e lama sob o peso de uma armadura. Usava um capacete de aço e uma cota de malha curta, que era tudo o que podia levar numa marcha. Teria de se contentar com isso. Os outros tinham uma proteção leve similar. A maioria dos soldados de infantaria carregava o capacete pendurado no cinto, só o pondo na cabeça quando se aproximava do inimigo. Mas ninguém marchava com uma armadura completa.

O sol foi subindo a leste. O nível da água baixou, até ficar na altura dos joelhos. Os nobres do círculo do rei deram as ordens para o início da travessia. O filho do conde Roland, William de Caster, trouxe instruções para o grupo de Roland.

- Os arqueiros seguem na frente, e começam a atirar assim que chegarem perto do outro lado.

Ralph fitava-o impassível. Não esquecera que William tentara enforcá-lo pelo que metade do exército inglês fizera durante as últimas seis semanas.

- Depois, quando chegarem à praia, os arqueiros se dispersam para a esquerda e direita, a fim de permitir a passagem de cavaleiros e homens de armas acrescentou William.

Parecia bastante simples, pensou Ralph; era o que sempre acontecia com as ordens. Mas seria uma batalha sangrenta. O inimigo estava bem posicionado, na encosta acima do rio, para liquidar os soldados ingleses que atravessassem o estuário desprotegidos.

Os homens de Hugh Dispenser seguiram na frente, com seu estandarte distintivo, em preto-e-branco. Os arqueiros entraram no vau com seus arcos acima da água, acompanhados pelos cavaleiros e homens de armas. Os homens de Roland foram atrás. Não demorou muito para que Ralph e Alan estivessem cavalgando através da água.

Dois quilômetros e meio não eram uma distância muito grande para percorrer a pé, mas eram uma longa distância para vadear, até mesmo para um cavalo, como Ralph compreendia agora. A profundidade variava: em alguns trechos, eles caminhavam sobre terreno pantanoso por cima das pedras, enquanto em outros a água alcançava a cintura da infantaria.

Homens e animais cansavam-se depressa. O sol de agosto batia inclemente em suas cabeças, enquanto os pés molhados tornavam-se dormentes de frio. E durante todo o tempo, olhando para a frente, podiam ver mais e mais claramente o inimigo à espera na margem norte.

Ralph estudou as forças opostas com crescente apreensão. A linha da frente, ao longo da praia, era formada por arqueiros. Ele sabia que não eram franceses, mas sim mercenários italianos, sempre chamados de genoveses, mas na verdade procedentes de várias partes da Itália. Usavam bestas, que eram um pouco mais lentas do que os arcos ingleses, mas os genoveses teriam bastante tempo para recarregar, enquanto os alvos avançavam com dificuldade pela água rasa. Por trás dos arqueiros, na encosta verde, havia soldados de infantaria e cavaleiros montados prontos para atacar.

Ao olhar para trás, Ralph avistou milhares de ingleses atravessando o rio. Mais uma vez, voltar não era uma opção; na verdade, os que vinham por trás pressionavam a vanguarda, e não deixavam alternativas para os líderes.

Agora ele podia ver com nitidez as fileiras inimigas. Ao longo da praia, havia pesados escudos de madeira, chamados de pavises, usados pelos arqueiros. Assim que os ingleses estivessem ao alcance, os genoveses começariam a atirar.

A uma distância de trezentos metros, a mira era não acurada, e as flechas caíram com uma força reduzida. Mesmo assim, alguns cavalos e homens foram atingidos. Os feridos caíram e foram arrastados pela correnteza para se afogarem. Os cavalos atingidos debateram-se na água, tornando-a ensanguentada. O coração de Ralph começou a bater mais depressa.

A medida que os ingleses se aproximavam da margem, a precisão dos genoveses melhorou e as flechas tiveram mais impacto. A besta era lenta, mas disparava uma flecha de ponta de aço com uma força terrível. Ao redor de Ralph, homens e cavalos caíam. Alguns tinham morte instantânea.

Não havia nada que ele pudesse fazer para se proteger, compreendeu Ralph, min a apreensão de um condenado: ou teria sorte, ou morreria. O ar ressoava com os terríveis ruídos da batalha: o zunido das flechas fatais, as imprecações dos feridos, os relinchos dos cavalos em agonia.

Os arqueiros à frente da coluna inglesa também atiraram. Os arcos compridos, com dois metros, afundavam na água, e por isso eles

precisavam erguê-los em ângulos insólitos, além de o fundo do rio ser escorregadio. Mas eles fizeram o melhor que podiam.

As flechas disparadas por bestas podiam penetrar em armaduras quando disparadas de perto, mas nenhum inglês usava uma armadura completa naquele dia. Com exceção do capacete, eles tinham pouca proteção contra a salva mortífera.

Ralph teria se virado e fugido, se pudesse. Mas por trás dele havia dez mil homens e pelo menos cinco mil cavalos pressionando para avançar: ele seria pisoteado e morreria afogado se tentasse voltar. Não tinha alternativa senão baixar a cabeça para junto do pescoço de Griff e exortá-lo a continuar.

Os sobreviventes entre os arqueiros ingleses na vanguarda finalmente alcançaram águas rasas, e começaram a usar seus arcos com mais eficácia. Atiravam em trajetória, por cima dos pavises. Depois que começaram, os arqueiros ingleses podiam disparar doze flechas por minuto. As hastes eram de madeira - geralmente de freixo -, mas tinham pontas de aço; quando caíam como uma chuva, eram aterradoras. Subitamente, o inimigo já não disparava tantas flechas. Alguns escudos caíram. Os genoveses recuaram, e os ingleses começaram a chegar à praia.

Assim que deixaram o vau, os arqueiros dispersaram-se para a esquerda e direita, deixando o caminho livre para os cavaleiros, que investiram das águas rasas para as linhas inimigas. Ralph, ainda vadeando o rio, já vira batalhas suficientes para saber qual deveria ser a tática francesa naquele momento: precisavam manter sua linha e deixar que os arqueiros continuassem a massacrar os ingleses, na praia e na água. Mas o código de cavalaria não permitia que a nobreza francesa se escondesse por trás de arqueiros de origem humilde. Por isso, eles romperam sua linha para atacar os cavaleiros ingleses... perdendo assim grande parte dos benefícios de sua posição. Ralph sentiu um vislumbre de esperança.

Os genoveses recuaram. A confusão na praia era total. O coração de Ralph vibrava de medo e excitação. Os franceses ainda dispunham da vantagem do ataque encosta abaixo e do uso de armaduras completas; e massacraram os homens de Hugh Dispenser. A vanguarda da investida alcançou as águas rasas, abatendo os homens que ainda não haviam concluído a travessia.

Os arqueiros do conde Roland alcançaram a beira do rio um pouco à frente de Ralph e Alan. Os sobreviventes se dividiram. Ralph achava que os

ingleses estavam condenados, e tinha certeza de que morreria. Mas não havia para onde ir, exceto para a frente, e de repente ele se descobriu atacando, a cabeça inclinada pelo pescoço de Griff, a espada erguida, direto para a linha francesa. Esquivou-se de um golpe de espada e alcançou terra seca. Golpeou inutilmente um capacete de aço. Griff esbarrou em outro cavalo. O animal francês era maior, embora mais jovem: tropeçou e jogou seu cavaleiro na lama. Ralph virou Griff, voltou, preparou-se para atacar de novo.

Sua espada tinha um uso restrito contra armadura, mas ele era um homem enorme num cavalo lodoso; sua melhor esperança era derrubar da sela os cavaleiros inimigos. Atacou de novo. Já não sentia mais medo àquela altura de uma batalha. Em vez disso, era dominado por uma fúria inebriante, que o levava a matar tantos inimigos quanto podia. Em batalha, o tempo parecia parar, e ele vivia de um momento para outro. Mais tarde, quando a ação terminasse, se ainda estivesse vivo, ficaria espantado ao constatar que o sol se punha no horizonte e descobrir que um dia inteiro se passara. Agora, ele atacou os franceses, muitas e muitas vezes, esquivando-se das espadas, golpeando sempre que tinha uma oportunidade; nunca diminuía o ritmo, pois isso seria fatal.

Em algum momento - pode ter sido depois de alguns minutos, ou de algumas horas - ele percebeu, com a maior incredulidade, que os ingleses não estavam mais sendo massacrados. Na verdade, pareciam estar conquistando terreno e ganhando esperança. Ralph afastou-se da confusão. Parou por um instante, ofegante, para avaliar a situação.

A praia estava coberta de cadáveres, mas havia tantos franceses quanto ingleses. Ralph percebeu a loucura da carga francesa. Assim que os cavaleiros dos dois lados se encontraram em combate, os arqueiros genoveses pararam de atirar, com medo de atingir seus próprios homens. Por isso, o inimigo não tinha mais condições de acertar os ingleses na água, como patos num lago. Desde então, os ingleses vinham saindo do estuário em hordas, todos seguindo as mesmas ordens: os arqueiros dispersavam-se para a esquerda e direita, os cavaleiros e infantes avançavam, de tal forma que os franceses foram sufocados pelo peso dos números. Ao olhar para a água, Ralph verificou que a maré começava a subir. Os ingleses ainda no rio estavam desesperados para sair, qualquer que fosse o destino que pudesse aguardá-los na praia.

Enquanto Ralph recuperava o fôlego, os franceses perderam a disposição. Rechaçados da praia, perseguidos pela encosta acima, pressionados pelo exército que saía da água, eles começaram a bater em retirada. Os ingleses continuaram a avançar, mal podendo acreditar em sua sorte; e, como acontecia com frequência, não demorou muito para que a retirada francesa se transformasse numa debandada geral, cada um por si.

Ralph olhou para o estuário. A caravana de bagagem estava no meio, cavalos e bois puxando as pesadas carroças através do vau, chicoteados por condutores frenéticos em alcançar a margem. Havia algum combate na outra margem agora. A vanguarda do exército do rei Philippe devia ter chegado e atacava alguns extraviados. Ralph pensou ter reconhecido, à luz do sol, as cores da cavalaria ligeira da Boêmia. Mas chegara tarde demais. Ele arriou na sela, com uma súbita fraqueza de alívio. A batalha terminara. Por mais incrível que pudesse parecer, contra todas as expectativas, os ingleses haviam escapado da armadilha francesa. Por hoje, estavam seguros.

48

Caris e Mair chegaram aos arredores de Abbeville no dia 25 de agosto. Ficaram consternadas ao descobrirem que o exército francês já se encontrava ali. Dezenas de milhares de infantes e arqueiros haviam acampado nos campos ao redor da cidade. Na estrada, ouviram não apenas sotaques franceses regionais, mas também as línguas de lugares mais distantes, como Flandres, Boêmia, Itália, Savóia, Majorca.

Os franceses e seus aliados perseguiram o rei Edward da Inglaterra e seu exército... assim como Caris e Mair. Caris se perguntou como poderia se antecipar na corrida.

Ao passarem pelos portões e entrarem na cidade, ao final da tarde, encontraram as ruas apinhadas de nobres franceses. Caris nunca vira tamanha exibição de roupas de luxo, boas armas, cavalos magníficos e sapatos novos, nem mesmo em Londres. A impressão era a de que toda a aristocracia francesa se concentrara ali. Os estalajadeiros, padeiros, artistas de rua e prostitutas da cidade trabalhavam sem parar, a fim de atender às necessidades dos ilustres visitantes. Cada taverna estava repleta de condes, e cada casa tinha cavaleiros dormindo no chão.

A abadia de São Pedro figurava na lista de instituições religiosas em que Caris e Mair planejavam se abrigar. Mas mesmo que ainda estivessem vestidas como freiras teriam dificuldade para encontrar um lugar nos aposentos para hóspedes: o rei da França estava ali, e sua comitiva ocupava todo o espaço disponível. As duas freiras de Kingsbridge, disfarçadas agora como Christophe de Longchamp e Michel de Longchamp, foram orientadas para a enorme igreja da abadia, onde centenas de pajens, cavaleiros e outros servidores do rei dormiam à noite, no frio chão de pedra da nave. Mas o oficial no comando ali disse às duas que não havia mais espaço disponível, e que elas teriam de dormir nos campos, como todas as outras pessoas de baixa extração.

O transepto norte era um hospital para os feridos. Na saída, Caris parou para observar um cirurgião costurar um talho profundo no rosto de um soldado que não parava de gemer. O cirurgião foi rápido e eficiente; quando acabou, Caris não pôde deixar de comentar, em tom de admiração:

- Fez um bom trabalho.

- Obrigado. - O médico fitou-a. - Mas como sabe disso, rapaz?

Caris sabia porque observara Matthew Barber em ação muitas vezes. Mas também sabia que tinha de inventar uma história.

- Em Longchamp, meu pai é cirurgião para o sieur.

- E você está com o sieur agora?

- Ele foi capturado pelos ingleses e minha ama me mandou, junto com meu irmão, para negociar o resgate.

- Talvez seja melhor seguir direto para Londres. Se ele já não está lá agora, chegará em breve. Mas já que está aqui, poderia ganhar uma cama para passar a noite se me ajudasse.

-Terei o maior prazer.

-Já viu seu pai lavar ferimentos com vinho morno?

Caris era capaz de lavar ferimentos mesmo dormindo. Poucos momentos depois, ela e Mair estavam fazendo o que melhor sabiam: cuidar de doentes. A maioria dos homens fora ferida no dia anterior, numa batalha no vau do rio Somme. Os nobres feridos haviam sido atendidos primeiro, e agora o cirurgião cuidava dos soldados comuns. As duas trabalharam sem parar pelas horas seguintes. A longa tarde de verão tornou-se crepúsculo, e velas foram acesas. Finalmente, todos os ossos quebrados haviam sido encanados, as extremidades esmagadas foram amputadas, e os ferimentos, costurados. Martin Chirurgien, o medico, levou-as para o jantar no refeitório.

Elas foram tratadas como parte da comitiva real, e comeram ensopado de cordeiro com cebolas. Há uma semana que não comiam carne. Serviram até um bom vinho tinto. Mair bebeu com evidente satisfação. Caris sentia-se contente pela oportunidade de recuperarem as energias, mas ainda continuava ansiosa em alcançar os ingleses. Um cavaleiro à mesa comentou:

- Sabiam que na sala de jantar do abade, aqui ao lado, há quatro reis e dois arcebispos comendo? - Ele contou nas pontas dos dedos. - Os reis da França, Boêmia, Roma e Majorca, os arcebispos de Rouen e Sens.

Caris decidiu que tinha de ver isso. Saiu do refeitório pela porta que levava à cozinha. Viu servos carregando travessas para a sala de jantar. Olhou pela porta.

Os homens ao redor da mesa eram sem dúvida ocupantes de altos cargos. A mesa estava repleta de aves assadas, imensos pedaços de vaca e ovelha, pastelões apetitosos, frutas doces. O homem à cabeceira devia ser o rei Philippe, de cinquenta e três anos, um punhado de fios brancos na barba

loura. Ao lado, um homem mais jovem, parecido com ele, estava falando, o rosto vermelho de fúria:

- Os ingleses não são nobres. São como ladrões, que roubam à noite e depois fogem.

Martin apareceu ao lado de Caris, e murmurou em seu ouvido:

- Esse é meu senhor... Charles, conde de Alençon, irmão do rei. Uma voz diferente disse:

- Discordo. - Caris percebeu no mesmo instante que o homem era cego, e concluiu que devia ser o rei Jean da Boêmia. - Os ingleses não podem fugir por muito mais tempo. Estão com pouca comida e cansados.

- Edward quer juntar forças com o exército anglo flamengo que invadiu o nordeste da França, a partir de Flandres - comentou Charles.

Jean balançou a cabeça.

- Descobrimos hoje que o exército bateu em retirada. Creio que Edward terá de parar em algum momento e lutar. E do ponto de vista dele, quanto mais cedo, melhor, pois seus homens ficarão mais e mais desanimados à medida que os dias passarem.

Charles disse, muito excitado:

- Neste caso, devemos enfrentá-los amanhã. Depois do que fizeram na Normandia, todos devem morrer... cavaleiros, nobres, até mesmo o próprio Edward!

O rei Philippe pôs a mão no braço de Charles, silenciando-o.

- A ira de nosso irmão é compreensível. Os crimes dos ingleses são repulsivos. Mas não se esqueçam: quando enfrentarmos o inimigo, o mais importante é pôr de lado as divergências que podem existir entre nós... esquecer as brigas e ressentimentos... e confiar uns nos outros, pelo menos durante a batalha. Temos uma enorme superioridade numérica e devemos vencer com facilidade... mas precisamos lutar juntos, como um único exército. Vamos beber à nossa união.

Era um brinde interessante, decidiu Caris, enquanto se retirava, discretamente. Era evidente que o rei não podia ter certeza de que seus aliados agiriam como uma equipe unida. Mas o que a preocupava na conversa era a probabilidade de ocorrer uma batalha em breve, talvez no dia seguinte. Ela e Mair teriam de tomar cuidado para não se envolverem.

Ao voltarem ao refeitório, Martin comentou:

- Como o rei, você tem um irmão turbulento.

Caris viu que Mair estava se embriagando. Exagerava em seu papel masculino, sentada com as pernas abertas e os cotovelos em cima da mesa. - Por todos os santos, o ensopado estava muito gostoso, mas me faz peidar como um demônio - disse a freira de rosto doce em roupas de homem. - Lamento pelo fedor, pessoal.

Ela tornou a encher o copo com vinho e bebeu. Os homens riram, indulgentes, divertidos com a cena de um garoto se embriagando pela primeira vez, sem dúvida recordando incidentes embaraçosos de seu passado. Caris pegou Mair pelo braço.

- Já está na hora de você ir para a cama, irmão caçula. Vamos embora. Mair foi sem reclamar.

- Meu irmão se comporta como uma velha - declarou ela antes de se retirar.

- Mas ele me ama... não é mesmo, Christophe?

- Claro, Michel. Eu amo você.

Os homens riram de novo. Mair apoiou-se nela, enquanto a levava de volta à igreja, até o lugar em que haviam deixado os cobertores. Fez Mair deitar e cobriu-a.

- Dê-me um beijo de boa-noite, Christophe - pediu Mair. Caris beijou-a nos lábios.

- Você está de porre. Trate de dormir. Temos de levantar cedo amanhã de manhã.

Caris passou mais algum tempo acordada, na maior preocupação. Sentia que estava com muito azar. Quase haviam alcançado o exército inglês e o bispo Richard... mas fora nesse momento exato que os franceses também apareceram. Deveria se manter à distância do campo de batalha. Por outro lado, se ela e Mair ficassem retidas na retaguarda do exército francês, talvez nunca conseguissem alcançar os ingleses.

Em suma, refletiu ela, o melhor era partir bem cedo, e tentar se antecipar ao exército francês. Afinal, um exército daquele tamanho não poderia se deslocar muito depressa: levaria horas só para as tropas entrarem em formação de marcha. Se ela e Mair fossem rápidas, poderiam se manter à frente. Era arriscado... mas não haviam feito outra coisa que não assumir riscos desde a partida de Portsmouth.

Ela caiu no sono. Despertou quando o sino tocou para a Matina, pouco depois de três horas da madrugada. Acordou Mair, e não se mostrou nem um pouco compadecida quando ela se queixou de dor de cabeça. Enquanto

os monges cantavam salmos na igreja, Caris e Mair foram para os estábulos e encontraram seus cavalos. O céu era claro, e elas podiam se orientar pela luz das estrelas.

Os padeiros da cidade haviam trabalhado durante a noite inteira, e por isso puderam comprar pão para a viagem. Mas os portões da cidade ainda estavam fechados: tiveram de esperar, impacientes, até o amanhecer, tremendo no ar frio, comendo o pão.

Finalmente deixaram Abbeville, por volta de quatro e meia. Seguiram para noroeste, ao longo da margem direita do Somme, a direção seguida pelo exército inglês.

Haviam se afastado menos de meio quilômetro quando as trombetas soaram no toque de despertar, dentro das muralhas da cidade. Como Caris, o rei Philippe decidira começar cedo. Nos campos, os soldados e homens de armas começaram a se levantar. Os oficiais reais deviam ter recebido ordens na noite anterior, pois pareciam saber o que fazer. Não demorou muito para que uma parte do exército se juntasse a Caris e Mair na estrada. Caris ainda esperava alcançar os ingleses antes daquelas tropas. Era evidente que os franceses teriam de parar e se reagrupar antes do início da batalha. Isso deveria proporcionar a Caris e Mair tempo suficiente para alcançar seus contrterrâneos e encontrar um lugar seguro além do campo de batalha. Ela não queria ser apanhada entre os dois lados. Já começava a pensar que fora temerária ao partir naquela missão. Sem saber nada de guerra, não fora capaz de imaginar as dificuldades e os perigos. Mas era tarde demais agora para qualquer arrependimento. E haviam chegado até ali sem sofrerem qualquer mal.

Os soldados na estrada não eram franceses, mas italianos. Levavam bestas de aço e feixes de flechas de ferro. Eram cordiais, e Caris conversou numa mistura de francês normando, latim e o italiano que aprendera com Buonaventura Caroli. Disseram que em batalha sempre formavam a linha de frente, e disparavam de trás de pesados pavises de madeira, que no momento vinham nas carroças que os acompanhavam. Protestaram contra a refeição apressada ao acordarem, menosprezaram os cavaleiros franceses como impulsivos e belicosos, e falaram com admiração de seu líder, Outtone Doria, que podia ser visto uns poucos metros à frente.

O sol foi subindo pelo céu e todos ficaram com calor. Como sabiam que podiam entrar em batalha naquele dia, os arqueiros usavam grossos casacos, capacetes de ferro e proteção para os joelhos, além das bestas e

flechas. Perto de meio-dia, Mair declarou que desmaiaria se não parasse para descansar um pouco. Caris também sentia-se exausta cavalgavam desde o amanhecer - e sabia que os cavalos precisavam de um repouso. Por isso, contra toda a sua inclinação, ela foi obrigada a parar, enquanto milhares de arqueiros as ultrapassavam.

Caris e Mair deixaram os animais beber no Somme e comeram um pouco mais do pão. Quando tornaram a partir, descobriram-se no meio de cavaleiros e homens de armas franceses. Caris reconheceu o colérico Charles, irmão de Philippe, à frente do grupo.

Estava no meio do exército francês, mas não havia nada que pudesse fazer a não ser seguir em frente e torcer por uma oportunidade para se distanciar.

Uma ordem percorreu a linha pouco depois de meio-dia. Os ingleses não se encontravam a oeste, como antes se acreditava, mas sim ao norte; e o rei francês ordenara que seu exército se desviasse nessa direção, não em uma coluna, mas todos ao mesmo tempo. Os homens em torno de Caris e Mair, liderados pelo Conde Charles, deixaram a estrada à beira do rio e seguiram por um caminho estreito através dos campos. Caris foi atrás, com um aperto no coração.

Uma voz familiar chamou-a. Um momento depois, Martin Chirurgien estava ao seu lado.

- Isto é o caos - comentou ele, sombrio. - A ordem na marcha foi completamente rompida.

Alguns homens em cavalos rápidos apareceram no outro lado dos campos e saudaram o conde Charles.

- São os batedores - informou Martin.

Ele se adiantou para ouvir as informações. Os pôneis de Caris e Mair foram atrás, com o instinto natural dos cavalos para se manterem agrupados.

- Os ingleses pararam - informou um homem. - Assumiram uma posição defensiva num penhasco perto da cidade de Crécy.

Martin disse:

- Aquele é Henri le Moine, um velho companheiro do rei da Boêmia. Charles ficou satisfeito com a notícia.

- Então teremos uma batalha hoje!

Os cavaleiros ao seu redor gritaram em aclamação. Henri ergueu a mão, num gesto de cautela:

- Estamos sugerindo que todas as unidades parem e se reagrupem.
- Parar agora? - berrou Charles. - Quando os ingleses finalmente se mostram dispostos a lutar? Vamos atacá-los agora!
- Nossos homens e cavalos precisam de descanso. O rei está bem atrás, na retaguarda. Devemos lhe dar a chance de nos alcançar e avaliar o campo de batalha. Ele poderá tomar as disposições hoje para um ataque amanhã, quando os homens estarão descansados.
- Ao inferno com as disposições. Só há uns poucos milhares de ingleses. Vamos passar por cima deles.

Henri fez um gesto impotente.

- Não cabe a mim comandá-lo, milorde. Mas pedirei a seu irmão, o rei, que me dê as ordens.
 - Isso mesmo, peça a ele! - gritou Charles, seguindo em frente. Martin comentou com Caris:
 - Não sei por que meu senhor é tão intempestivo.
 - Acho que ele tem de provar que é bastante bravo para reinar, embora por um acaso de nascimento não seja o rei - comentou Caris, pensativa.
- Martin fitou-a atentamente.
- Você sabe demais para um rapaz tão simples.

Caris evitou os olhos dele, e jurou que não mais esqueceria sua falsa identidade. Não havia hostilidade na voz de Martin, mas ele estava desconfiado. Como cirurgião, conhecia as sutis diferenças nas estruturas ósseas de homens e mulheres. Poderia ter notado que Christophe e Michel de Longchamp eram anormais. Mas, felizmente, ele não insistiu no assunto.

O céu começou a ficar nublado, mas o ar ainda era quente e úmido. Havia muitas árvores à esquerda, e Martin informou a Caris que ali era a Floresta de Crécy. Não podiam estar longe dos ingleses... mas agora Caris especulava como poderia se desligar dos franceses e se juntar aos ingleses, sem ser morta por nenhum dos dois lados.

O efeito da floresta era comprimir o flanco esquerdo do exército em marcha de tal forma que o caminho estava atulhado de homens, as divisões se misturando de uma maneira irremediável.

Mensageiros percorreram a linha com novas ordens do rei: o exército deveria parar e montar acampamento. Caris sentiu sua esperança renovada: teria agora uma oportunidade de seguir à frente do exército francês. Houve uma discussão entre Charles e um mensageiro. Martin foi para o lado de Charles, a fim de descobrir o que estava acontecendo. Voltou com uma expressão de incredulidade.

- O conde Charles se recusa a obedecer às ordens!

- Por quê? - indagou Caris, consternada.

- Ele acha que o irmão é cauteloso demais. Diz que ele, Charles, não será covarde para se deter diante de um inimigo tão fraco.

- Pensei que todos obedecessem ao rei em batalha.

- E deveriam. Mas nada é mais importante para os nobres franceses do que seu código de cavalaria. Eles preferem morrer a assumir uma atitude que possa parecer covardia.

O exército continuou a marcha, desafiando as ordens.

- Fico contente que vocês dois estejam aqui - comentou Martin. - Precisarei de ajuda de novo. ganhando ou perdendo, haverá muitos feridos ao pôr-do-sol.

Caris compreendeu que não poderia escapar. Mas, por algum motivo, não queria mais se afastar. Na verdade, sentia uma estranha ansiedade. Se aqueles homens eram bastante loucos para mutilarem uns aos outros com espadas e flechas, ela podia pelo menos ajudar os feridos.

Não demorou muito para que o líder dos arqueiros, Ottone Doria, se aproximasse a cavalo - com alguma dificuldade, de tão compacta que era a multidão

- para falar com Charles de Alençon.

- Pare seus homens! - gritou ele para o conde. Charles mostrou-se ofendido.

- Como ousa me dar ordens?

- As ordens vieram do rei... mas meus homens não podem parar porque os seus estão pressionando por trás!

- Pois então que eles marchem em frente.

- Estamos à vista do inimigo. Se continuarmos, teremos de entrar em batalha.

- Pois que assim seja.

- Mas meus homens marcharam durante o dia inteiro. Estão exaustos, com fome e sede. E meus arqueiros estão sem os pavises.

- São covardes demais para lutarem sem escudos?
- Está chamando meus homens de covardes?
- Se eles não lutarem, estou.

Ottone ficou calado por um momento. Depois, falou numa voz tão baixa que Caris mal conseguiu ouvir:

- Você é um tolo, Alençon. E estará no inferno ao cair da noite.

O italiano virou seu cavalo e afastou-se. Caris sentiu água pingando no rosto, e levantou os olhos. Começava a chover.

49

O aguaceiro foi forte, mas de curta duração. Quando clareou, Ralph olhou para o vale e viu, com um ímpeto de medo, que o inimigo chegara.

Os ingleses ocupavam uma crista que se estendia de sudoeste para nordeste. Por trás, para noroeste, havia uma floresta. A frente e nos lados, a encosta descia íngreme. O flanco direito dava para a cidade de Crécy-en-Ponthieu, aninhada no vale do rio Maye.

Os franceses aproximavam-se pelo sul.

Ralph estava no flanco direito, com os homens do conde Roland, comandados pelo jovem príncipe de Gales. Mantinham a formação compacta de forçado, que provara ser tão eficaz diante dos escoceses. A esquerda e direita, destacavam-se formações triangulares de arqueiros, como os dois dentes de um forçado. Entre os dentes, bem recuados, havia homens de armas e cavaleiros desmontados. Era uma inovação radical, a que muitos cavaleiros ainda resistiam: gostavam de seus cavalos e sentiam-se vulneráveis a pé. Mas o rei fora implacável: todos a pé. No terreno à frente dos cavaleiros, os homens haviam cavado buracos com trinta centímetros de profundidade, para que os cavalos franceses tropeçassem e caíssem.

A direita de Ralph, na extremidade da crista, havia uma novidade: três máquinas novas, chamadas de bombardas, ou canhões, que usavam pólvora explosiva para disparar enormes pelouros de pedra. Havia sido arrastadas através da Normandia, mas nunca usadas antes. Ninguém tinha certeza se funcionariam. Hoje, o rei Edward precisava usar todos os recursos à sua disposição, pois a superioridade do inimigo situava-se em algum ponto entre quatro contra um e sete contra um.

No flanco esquerdo dos ingleses, os homens do conde de Northampton usavam a mesma formação de forçado. Por trás das linhas de frente havia um terceiro batalhão de reserva, comandado pelo rei. Por trás do rei, havia duas posições de recuo. As carroças de bagagem constituíam a primeira, dispostas num círculo, com os não-combatentes - cozinheiros, sapadores, cavalaria - ali dentro, com os cavalos.

A segunda posição era a própria floresta, para onde os remanescentes do exército inglês poderiam fugir, no caso de uma derrota fragorosa. Os

cavaleiros franceses teriam dificuldades para segui-los.

Postavam-se ali desde o início da manhã, sem nada para comer além de sopa de ervilha com cebola. Ralph usava sua armadura, e suava com o calor; por isso, a chuva fora bem-vinda. Também deixara enlameada a encosta pela qual os franceses teriam de atacar, o que tornaria a aproximação escorregadia e traiçoeira.

Ralph podia adivinhar qual seria a tática francesa. Os arqueiros genoveses atirariam de trás de seus escudos, a fim de reduzir a resistência da linha inglesa. Depois, quando já tivessem causado bastantes estragos, tratariam de se deslocar para o lado, para que os cavaleiros franceses avançassem, em seus cavalos de batalha.

Não havia nada tão apavorante quanto essa carga. Chamada de furor franciseus, era a suprema arma da nobreza francesa. O código de honra fazia com que ignorassem a própria segurança. Aqueles enormes cavalos, com cavaleiros tão blindados que pareciam homens de ferro, passavam por cima de arqueiros, escudos, espadas e homens de armas.

Claro que nem sempre dava certo. A carga podia ser rechaçada, em particular quando o terreno favorecia os defensores, como acontecia ali. Mas os franceses não desanimavam com facilidade: atacariam de novo. E tinham tanta superioridade em números que Ralph não podia imaginar como os ingleses seriam capazes de detê-los indefinidamente.

Sentia medo, mas mesmo assim não se arrependia de estar com o exército. Há sete anos que levava a vida de ação que sempre desejara, em que os homens fortes eram reis e os fracos não contavam para nada. Tinha vinte e nove anos, e os homens de ação raramente sobreviviam para chegar à velhice. Ele cometera terríveis pecados, mas fora absolvido de todos, o mais recente naquela manhã, pelo bispo de Shiring, que agora se postava ao lado do pai, o conde, armado com uma maça de aparência assustadora... os sacerdotes não deveriam derramar sangue, uma regra a que davam um reconhecimento superficial pelo uso de armas rombudas no campo de batalha.

Os arqueiros em seus casacos brancos estendiam-se até a base da encosta. Estavam sentados, os arcos fíncados na terra, à sua frente. Começaram a se levantar agora, ajustando as cordas. Ralph calculou que a maioria sentia a mesma coisa que ele, uma mistura de alívio, porque a longa espera terminara, e de medo, ao pensamento de tudo o que poderia lhes acontecer.

Ralph pensou que ainda havia bastante tempo. Podia ver que os genoveses não traziam os pesados escudos de madeira, que eram um elemento essencial de sua tática. E tinha certeza de que a batalha não começaria até que os escudos chegassem.

Por trás dos arqueiros, milhares de cavaleiros despejavam-se pelo vale, procedentes do sul. Espalhavam-se para a esquerda e direita, próximos dos arqueiros. O sol apareceu de novo, iluminando as cores vibrantes de seus estandartes e as proteções de malha dos cavalos. Ralph reconheceu o brasão de Charles, conde de Alençon, irmão do rei Philippe.

Os arqueiros pararam na base da encosta. Havia milhares. Como se a um sinal, todos soltaram um grito terrível. Alguns pularam. Trombetas soaram.

Era seu grito de guerra, visando a apavorar o inimigo, e podia dar certo com alguns. Mas o exército inglês era formado por guerreiros experientes, ao final de uma campanha de seis semanas, e seria preciso mais do que gritos para assustá-los. Todos se mantiveram impassíveis.

E no instante seguinte, para espanto total de Ralph, os genoveses levantaram suas bestas e começaram a atirar.

O que estavam fazendo? Não tinham escudos!

O som foi súbito e aterrador, cinco mil flechas de ferro voando pelo ar. Mas os arqueiros ingleses estavam fora de alcance. Talvez não levassem em consideração o fato de que atiravam encosta acima; e o sol da tarde, por trás das linhas inglesas, devia ofuscar seus olhos. Qualquer que fosse a razão, as flechas caíram muito antes do alvo.

Houve um clarão de chama e um estrondo que parecia uma trovoadas, no meio da linha de frente inglesa. Aturdido, Ralph viu a fumaça se elevar do lugar em que estavam as bombardas. O som era impressionante; mas quando tornou a olhar para o inimigo, Ralph constatou que os danos eram mínimos. Muitos arqueiros genoveses, no entanto, ficaram bastante chocados para interromper a recarga.

Nesse momento, o príncipe de Gales gritou a ordem para que seus arqueiros comesçassem a atirar.

Dois mil arcos compridos foram erguidos. Como sabiam que se encontravam muito distantes para dispararem em linha reta, paralela ao solo, os arqueiros ingleses apontaram para o céu, intuitivamente procurando uma trajetória em curva para suas flechas. Todos os arcos foram puxados ao mesmo tempo, como hastes de trigo numa plantação se

inclinando a uma repentina brisa de verão; depois, as flechas foram lançadas, com um som coletivo, que parecia um sino de igreja repicando. Num vôo mais rápido que a mais veloz das aves, as flechas subiram pelo ar, viraram para baixo, e caíram como uma tempestade de granizo sobre os genoveses.

As fileiras inimigas eram compactas, e as cotas dos genoveses não proporcionavam muita proteção. Sem os escudos, eles se tornavam horivelmente vulneráveis. Centenas caíram mortos ou feridos.

Mas isso era apenas o começo.

Enquanto os genoveses sobreviventes rearmavam suas bestas, os arqueiros ingleses dispararam outras vezes. Eram necessários apenas quatro ou cinco segundos para pegar uma flecha no chão, ajustá-la, puxar o arco, mirar, atirar, e pegar outra flecha. Arqueiros experientes podiam ser ainda mais rápidos. No prazo de um minuto, vinte mil flechas caíram em cima dos genoveses desprotegidos.

Era um massacre, e a consequência foi inevitável: eles se viraram e fugiram.

Em poucos momentos, os genoveses estavam fora do alcance. Os ingleses suspenderam os disparos, rindo de seu triunfo inesperado e escarnecendo do inimigo. Mas depois os arqueiros ingleses se defrontaram com outro perigo. Os cavaleiros franceses começaram a avançar. Uma densa multidão de genoveses em fuga esbarrou nos cavaleiros concentrados, ansiosos por uma carga. Por um momento, houve o caos.

Ralph ficou espantado ao perceber que os inimigos começavam a lutar entre si. Os cavaleiros desembainharam suas espadas e passaram a golpear os genoveses, que descarregaram suas flechas neles e passaram a lutar com suas facas. Os nobres franceses deveriam tentar conter a carnificina, mas aqueles que usavam as armaduras mais caras e montavam os cavalos maiores eram, até onde Ralph podia ver, os que se destacavam na luta, atacando os próprios aliados com uma fúria cada vez maior.

Os cavaleiros empurraram os genoveses de volta à encosta, até que ficaram de novo ao alcance dos arqueiros ingleses. Mais uma vez, o príncipe de Gales deu a ordem para que seus homens atirassem. Agora, a saraivada de flechas caiu em cima de genoveses e cavaleiros. Em sete anos de guerra, Ralph nunca vira nada parecido. Centenas de inimigos estavam

estendidos no chão, mortos e feridos, sem que um único soldado inglês estivesse sequer arranhado.

Os cavaleiros franceses finalmente bateram em retirada e os genoveses sobreviventes se dispersaram. Deixaram a encosta por baixo da posição inglesa coberta de cadáveres. Soldados galeses e cónicos, armados com facas, começaram a liquidar os franceses ainda vivos. Também recolhiam as flechas intactas para serem reaproveitadas, e com certeza aproveitavam para roubar os cadáveres. Ao mesmo tempo, ajudantes correram para buscar novos estoques de flechas nas carroças, levando-as para a linha de frente.

Houve uma pausa, mas não durou muito tempo.

Os cavaleiros franceses reagruparam-se, reforçados por recém-chegados, que apareciam às centenas e aos milhares. Ao correr os olhos pelas fileiras, Ralph constatou que as cores de Alençon eram agora acompanhadas pelas cores de Flandres e Normandia. O estandarte do conde de Alençon deslocou-se para a frente, as trombetas soaram, e os cavaleiros começaram a avançar.

Ralph baixou a viseira e desembainhou a espada. Pensou na mãe. Sabia que a mãe rezava por ele cada vez que da à igreja, e sentiu um momento de terna gratidão. Depois, observou o inimigo.

Os imensos cavalos eram lentos para começar, estorvados pelos cavaleiros com armaduras. O sol poente cintilava nas viseiras francesas, as bandeiras estalavam à brisa vespertina. Pouco a pouco, as batidas dos cascos foram se tornando mais altas e o ritmo da carga aumentou. Os cavaleiros gritavam palavras de exortação para suas montarias e uns para os outros, acenando com suas espadas e lanças. Eram como uma onda numa praia, parecendo cada vez maior à medida que se aproximava. A boca de Ralph ficou seca e o coração batia como um tambor alto.

Chegaram ao alcance dos arqueiros, e mais uma vez o príncipe deu a ordem para atirar. Outra vez as flechas subiram pelo ar e caíram como uma chuva mortífera.

Os cavaleiros atacantes estavam blindados, e só por sorte as flechas atingiam os pontos fracos entre as placas. Mas os cavalos tinham apenas viseiras e capas de malha. Por isso, eram vulneráveis. Quando as flechas penetraram em suas espáduas e ancas, alguns pararam, alguns caíram, alguns viraram e tentaram fugir. Os relinchos dos animais em dor

povoaram o ar. Colisões entre cavalos fizeram com que mais cavaleiros caíssem, juntando-se aos corpos dos arqueiros genoveses.

Os cavaleiros por trás vinham com muita pressa para tentar uma ação evasiva, e passaram por cima dos caídos.

Mas havia milhares de cavaleiros, e continuaram a investir.

A distância para os arqueiros diminuiu, e a trajetória das flechas mudou. Quando a carga se encontrava a cem metros de distância, eles passaram a usar um tipo diferente de flecha, com a ponta de aço rombuda para provocar um impacto na armadura, em vez de pontiaguda. Agora, podiam matar os cavaleiros, embora derrubar os cavalos fosse também eficiente.

O terreno já estava encharcado da chuva, e agora a carga alcançou os buracos escavados antes pelos ingleses. O impulso dos cavalos era tão grande que poucos podiam pisar numa depressão de trinta centímetros sem tropeçar. Muitos caíram, derrubando seus cavaleiros no caminho dos cavalos.

Os cavaleiros atacantes tentaram se desviar dos arqueiros. Como os ingleses haviam planejado, a carga entrou num funil estreito, um verdadeiro matadouro, as flechas disparadas da esquerda e direita.

Essa foi a chave para a tática inglesa. A esta altura, a sabedoria de obrigar os cavaleiros ingleses a desmontarem tornou-se evidente. Se estivessem a cavalo, não poderiam resistir ao impulso de atacar... e neste caso os arqueiros teriam de parar de atirar, por receio de matar os próprios companheiros. Mas como os cavaleiros e homens de armas continuavam em suas fileiras, os arqueiros podiam disparar à vontade contra o inimigo, sem baixas no lado inglês.

Mas não era suficiente. Os franceses eram muito numerosos e bravos. Continuaram a atacar, e finalmente alcançaram a linha dos homens de armas e cavaleiros ingleses desmontados, entre as duas massas de arqueiros. O combate de fato começou.

Os cavalos pisotearam os primeiros ingleses, mas o ímpeto da carga fora reduzido pela encosta enlameada. Os franceses foram detidos pela compacta linha inglesa. Ralph se descobriu no meio da batalha, esquivando-se dos golpes desferidos de cima para baixo, golpeando com a espada as pernas dos cavalos, querendo inutilizar os animais pelo método mais fácil e mais confiável, que era o de cortar os tendões do jarrete. A luta era encarniçada os ingleses não tinham para onde ir, e os franceses

sabiam que teriam de passar de novo pela chuva letal de flechas se recuassem.

Homens caíam ao redor de Ralph, retalhados por espadas e machados, pisoteados pelos poderosos cascos com ferraduras de ferro dos cavalos de batalha. Ele viu o conde Roland cair, atingido por uma espada francesa. O filho de Roland, bispo Richard, golpeou com a maça para proteger o pai, mas um cavalo empurrou-o para o lado e pisoteou o conde.

Os ingleses foram forçados a recuar, e Ralph compreendeu que os franceses tinham um alvo: o príncipe de Gales.

Ralph não sentia qualquer afeição pelo privilegiado herdeiro de dezesseis anos do trono, mas sabia que seria um golpe devastador para a moral inglesa se o príncipe fosse capturado ou morto. Ralph recuou e deslocou-se para a esquerda, juntando-se a vários outros que engrossavam o escudo de guerreiros em torno do príncipe. Mas os franceses intensificaram seus esforços, com a vantagem de estarem a cavalo.

Logo Ralph lutava ombro a ombro com o príncipe, que podia reconhecer pelo manto com flores-de-lis sobre um fundo azul e os leões heráldicos em vermelho. Um momento depois, um cavaleiro francês acertou o príncipe com um machado, derrubando-o.

Foi um momento terrível.

Ralph pulou para a frente e golpeou o atacante, a espada comprida acertando a junção entre placas, na axila. Ele teve a satisfação de sentir a ponta penetrar na carne, e viu o sangue esguichar do ferimento.

Alguém se postou por cima do príncipe caído e girou uma espada enorme, que segurava com as duas mãos, contra homens e cavalos. Ralph viu que era o porta-bandeira do príncipe, Richard FitzSimon. Ele largara a bandeira em cima de seu senhor, caído de costas. Por alguns momentos, Richard e Ralph lutaram desesperados para proteger o filho do rei, sem saber se ele estava vivo ou morto.

Os reforços chegaram. O conde de Arundel apareceu com um enorme contingente de homens de armas, todos descansados. Os recém-chegados entraram na batalha com o maior vigor, e inverteram a situação. Os franceses começaram

a recuar.

O príncipe de Gales ficou de joelhos. Ralph levantou a viseira e ajudou-o a ficar de pé. O garoto parecia ferido, mas sem gravidade. Ralph virou-se e

continuou a lutar.

Um momento depois os franceses desistiram. Apesar da loucura de sua tática, a coragem quase lhes permitira romper a linha inglesa... mas não conseguiram. Fugiram agora, muitos mais caindo enquanto corriam entre os arqueiros, descendo pela encosta ensanguentada de volta às suas linhas; e gritos de alegria ressoaram entre os ingleses, exaustos, mas exultantes.

Mais uma vez, os galeses circularam pelo campo de batalha, cortando a garganta dos feridos e recolhendo milhares de flechas. Os arqueiros também pegaram novas flechas, para reabastecer seus estoques. Da retaguarda vieram cozinheiros, com jarros de cerveja e vinho. Os cirurgiões começaram a tratar dos nobres feridos.

Ralph viu William de Caster inclinar-se sobre o conde Roland. O conde ainda respirava, mas mantinha os olhos fechados, e parecia à beira da morte.

Ralph limpou a espada ensanguentada na terra e levantou a viseira para poder tomar uma caneca de cerveja. O príncipe de Gales aproximou-se e perguntou:

- Qual é o seu nome?

- Ralph Fitzgerald de Wigleigh, milorde.

- Lutou com extrema bravura. Vai se tornar Sir Ralph amanhã, se o rei me escutar.

Ralph ficou radiante de prazer.

- Obrigado, milorde.

O príncipe acenou com a cabeça, cordial, e afastou-se.

50

Caris observou os primeiros estágios da batalha do outro lado do vale. Viu os arqueiros genoveses tentarem fugir, apenas para serem retalhados por cavaleiros de seu próprio lado. Depois, assistiu à primeira grande carga, com as cores de Charles de Alençon levando milhares de cavaleiros e homens de armas.

Nunca testemunhara uma batalha, e ficou angustiada. Centenas de cavaleiros foram derrubados por flechas inglesas, e pisoteados pelos cascos dos enormes cavalos de guerra. Ela estava muito longe para poder acompanhar os combates corpo a corpo, mas viu espadas faiscarem e homens caírem. Teve vontade de chorar. Como freira, já vira ferimentos graves - homens que caíam do alto de um andaime, que se machucavam com ferramentas afiadas, sofriam acidentes em caçadas - e sempre sentia a dor e o desperdício de uma mão perdida, uma perna esmagada, um cérebro lesionado. E ficava revoltada ao constatar que homens infligiam esses ferimentos uns aos outros intencionalmente.

Por um longo tempo, parecia que o combate podia pender para qualquer dos lados. Se estivesse em sua terra, ao ouvir notícias da guerra distante, poderia torcer por uma vitória inglesa; mas depois do que vira nas duas últimas semanas, sentia uma espécie de neutralidade repugnada. Não podia se identificar com ingleses que assassinavam camponeses e queimavam colheitas. Não fazia diferença para ela que tivessem cometido essas atrocidades na Normandia. Claro que diriam que os franceses mereciam o que recebiam por terem incendiado Portsmouth, mas essa era uma maneira estúpida de pensar... tão estúpida que levava a cenas de horror como aquela.

Os franceses recuaram. Ela presumiu que se reagrupariam e se reorganizariam, esperando pela chegada do rei para desenvolver um novo plano de batalha. Ainda tinham uma superioridade esmagadora em números, Caris podia perceber: havia dezenas de milhares de soldados franceses no vale e mais continuavam a chegar.

Mas os franceses não se reagruparam. Em vez disso, cada novo batalhão chegado no vale seguia direto para o ataque, lançando-se em carga suicida contra a posição inglesa no alto da encosta. A segunda carga e as subsequentes sofreram consequências ainda piores do que a primeira.

Algumas foram dizimadas pelos arqueiros antes mesmo de alcançarem as linhas inglesas; as outras foram repelidas pelos ingleses a pé. A encosta cintilava com sangue derramado de centenas de homens e cavalos.

Depois da primeira carga, Caris só olhava de vez em quando para a batalha. Estava ocupada demais a cuidar dos franceses feridos que tiveram bastante sorte para escapar do campo de batalha. Martin Chirurgien descobrira que Caris era uma cirurgiã tão competente quanto ele. Concedera-lhe livre acesso a seus instrumentos, e deixara-a trabalhar independente, junto com Mair. As duas lavaram ferimentos, costuraram e puseram bandagens, hora após hora.

Notícias de baixas proeminentes vieram da linha de frente. Charles de Alençon foi a primeira fatalidade importante. Caris não pôde deixar de sentir que ele merecera seu destino.

Testemunhara seu entusiasmo insensato e a indisciplina irresponsável. Horas depois, veio a notícia de que o rei Jean da Boêmia também morrera. Ela não pôde deixar de especular sobre a loucura que levava um cego a se lançar numa batalha.

- Em nome de Deus, por que eles não param? - indagou ela, quando Martin levou-lhe uma caneca de cerveja para restaurar as energias.

- Por medo - respondeu ele. - Estão apavorados com a possibilidade de caírem em desgraça. Deixar o campo de batalha sem ter sofrido qualquer golpe seria vergonhoso. Eles preferem morrer.

- Muitos deles já tiveram esse desejo atendido - comentou Caris, sombria. Ela esvaziou a caneca de cerveja e voltou ao trabalho. Seu conhecimento e compreensão do corpo humano aumentavam aos saltos, refletiu ela. Via cada parte interna de um homem vivo: o cérebro por baixo de crânios fraturados, o tubo da garganta, os músculos dos braços cortados, o coração e os pulmões dentro de caixas torácicas esmagadas, o emaranhado de intestinos, a articulação dos ossos nos quadris, joelhos e tornozelos. Descobria mais em uma hora no campo de batalha do que em um ano inteiro no hospital do priorado. Fora assim que Matthew Barber aprendera tanto, compreendeu ela. Não era de admirar que ele se sentisse tão confiante.

A carnificina continuou até que a noite caiu. Os ingleses acenderam tochas, com medo de um ataque furtivo durante a escuridão. Mas Caris poderia tê-los avisado que se encontravam sãos e salvos. Os franceses

estavam irremediavelmente derrotados. Dava para ouvir os gritos de soldados franceses à procura de parentes e companheiros no campo de batalha. O rei, que chegara a tempo de participar de uma das últimas cargas desesperadas, deixara o local. Depois disso, a debandada fora geral. Um nevoeiro se elevou do rio, espalhou-se pelo vale e ocultou as fogueiras distantes. Mais uma vez, Caris e Mair trabalharam à luz do fogo, pela noite afora, cuidando dos feridos. Todos os que podiam andar, mesmo mancando, trataram de partir, ansiosos em ficarem o mais distante possível dos ingleses, a fim de escaparem da inevitável e sangrenta operação de limpeza que ocorreria no dia seguinte. Quando terminaram de fazer tudo o que podiam pelos feridos, Caris e Mair escapuliram.

Aquela era sua chance.

Encontraram seus pôneis e levaram-nos para a frente à luz de uma tocha. Alcançaram o fundo do vale e se descobriram na terra de ninguém. Ocultas pelo nevoeiro e a escuridão, tiraram as roupas de homem. Por um momento, sentiram-se extremamente vulneráveis, duas mulheres nuas no meio de um campo de batalha. Mas ninguém podia vê-las, e no segundo seguinte meteram o hábito de freira pela cabeça. Guardaram os trajes de homem, para o caso de precisarem deles de novo; afinal, seria longa a viagem de volta para casa.

Caris decidiu abandonar a tocha, com receio de que um arqueiro inglês resolvesse atirar para a luz primeiro e só depois fazer perguntas. De mãos dadas, para não se separarem, elas seguiram em frente, ainda puxando os cavalos. Não podiam ver nada; o nevoeiro obscurecia qualquer claridade que pudesse vir da lua ou das estrelas.

Subiram a encosta, na direção das linhas inglesas. O lugar cheirava como um matadouro. Havia tantos corpos de homens e cavalos espalhados pelo chão que não dava para contorná-los. Elas rangiam os dentes e pisavam em cima. Não demorou muito para que os sapatos ficassem cobertos de uma mistura de sangue e lama.

A quantidade de cadáveres foi diminuindo, e logo não havia mais nenhum à frente. Caris começou a experimentar um sentimento de alívio ao se aproximar do exército inglês. Ela e Mair haviam percorrido centenas de quilômetros, enfrentado as maiores dificuldades, e arriscado a vida por aquele momento. Quase esquecera o roubo ultrajante do prior Godwyn, que tirara cento e cinquenta libras do tesouro das freiras... a razão para a viagem. De certa forma, parecia menos importante, depois de todo aquele

derramamento de sangue. Mesmo assim, apelaria para o bispo Richard e obteria justiça para o convento.

A caminhada parecia mais longa do que Caris calculara ao olhar através do vale à luz do dia. Especulou, nervosa, se teria ficado desorientada. Poderia ter se desviado por uma direção errada e passado além dos ingleses. Talvez o exército estivesse agora por trás dela. Esforçou-se para ouvir alguma coisa - dez mil homens não podiam se manter em silêncio absoluto, mesmo que a maioria mergulhasse num sono de exaustão -, mas o nevoeiro abafava os sons.

Apegou-se à convicção de que deveria se aproximar se continuasse a subir, já que o rei Edward posicionara suas forças no ponto mais alto. Mas a cegueira era enervante. Se houvesse um precipício por ali, poderia cair de repente.

A claridade do amanhecer transformava o nevoeiro em cor de pérola quando ela ouviu uma voz. Parou no mesmo instante. Era um homem falando num murmúrio baixo. Mair apertou sua mão, nervosa. Outro homem falou. Caris não entendeu a língua. Sentiu medo de ter dado uma volta completa e retornado para o lado dos franceses.

Virou-se na direção da voz, ainda segurando a mão de Mair. O clarão vermelho de chamas tornou-se visível através do nevoeiro cinzento. Seguiu nessa direção, agradecida. Ao se aproximar, pôde ouvir melhor, e compreendeu com imenso alívio que os homens falavam em inglês. Um momento depois, divisou um grupo de homens em torno de uma fogueira. Vários dormiam, envoltos por cobertores, mas três estavam sentados no chão, de pernas cruzadas, olhando para as chamas enquanto conversavam. Caris logo avistou um homem de pé, esquadrinhando o nevoeiro, presumivelmente no serviço de sentinela. O fato de não ter notado a aproximação dela provava que a missão era impossível.

Para atrair a atenção do grupo, Caris disse, em voz baixa:

- Deus os abençoe, homens da Inglaterra.

Eles ficaram assustados. Um deles soltou um grito de medo. O sentinela indagou, atrasado:

- Quem vem lá?

- Duas freiras do Priorado de Kingsbridge - respondeu Caris.

Os homens fitaram-na com um medo supersticioso, e ela compreendeu que poderiam pensar que era uma aparição.

- Não se preocupem. Somos de carne e osso, assim como nossos pôneis.

- Você disse Kingsbridge? • indagou um deles, em surpresa. O homem levantou-se. - Sei quem você é. Já a vi mies.

Caris reconheceu-o.

- Lord William de Caster.

- Sou o conde de Shiring agora. Meu pai morreu dos ferimentos sofridos há uma hora.

- Que sua alma descanse em paz. Viemos até aqui para falar com seu irmão, o bispo Richard, que é nosso abade.

- Chegou atrasada. Meu irmão também morreu.

Mais tarde, ainda naquela manhã, quando o nevoeiro se dissipou e o campo de batalha parecia um matadouro iluminado pelo sol, o conde William levou Caris e Mair para falar com o rei Edward.

Todos se espantaram com a história das duas freiras que haviam seguido o exército inglês por toda a Normandia. Soldados que haviam enfrentado a morte no dia anterior se mostraram fascinados por suas aventuras. William disse a Caris que o rei queria ouvir seu relato pessoal.

Edward III era rei há dezenove anos, mas ainda tinha apenas trinta e três anos de idade. Alto e de ombros largos, era imponente em vez de bonito, com um rosto que poderia ter sido moldado para o poder: nariz grande, malares salientes, cabelos compridos que começavam a recuar no alto da testa. Caris compreendeu por que as pessoas o chamavam de leão.

Sentava num banco na frente de sua tenda, vestido com elegância, em calção de duas cores e uma capa com a borda recortada em concha. Não usava armadura nem estava com armas: os franceses haviam desaparecido, e uma força de ingleses vingativos fora enviada para caçar e matar os extraviados. Havia alguns barões de pé ao seu redor.

Enquanto relatava como ela e Mair haviam procurado comida e abrigo na paisagem devastada da Normandia, Caris especulou se o rei se sentiria criticado pela descrição das dificuldades. Mas o rei não parecia pensar que os sofrimentos das pessoas pudessem se refletir sobre ele. Ficou maravilhado com as façanhas das freiras, como se ouvisse alguém falar de sua bravura durante um naufrágio.

Ela terminou com um comentário sobre seu desapontamento ao descobrir, depois de tantas dificuldades, que o bispo Richard, de quem esperava justiça, havia morrido.

- Suplico à Sua Majestade que ordene que o prior de Kingsbridge devolva o dinheiro que roubou das freiras.

Edward sorriu, pesaroso.

- É uma brava mulher, mas não sabe nada sobre política - disse ele, condescendente. - O rei não pode se envolver numa disputa eclesiástica como essa. Teríamos todos os bispos batendo em nossa porta em protesto. Era bem possível, refletiu Caris, mas isso não impedia que o rei interferisse na Igreja quando era conveniente a seus propósitos. Mas ela não disse nada.

Edward acrescentou:

- E seria prejudicial à sua causa. A Igreja ficaria tão indignada que todos os clérigos do país se oporiam à nossa decisão, independentemente de seus méritos.

Pode haver alguma procedência nisso, concluiu Caris. Mas ele não era tão impotente quanto pretendia se mostrar.

- Sei que vai se lembrar das freiras enganadas de Kingsbridge - disse ela. Quando designar o novo bispo de Kingsbridge, conte por favor nossa história.

- Claro - concordou o rei.

Mas Caris teve o pressentimento de que ele esqueceria. A entrevista parecia encerrada, mas William disse:

- Sua Majestade, agora que confirmou tão generosamente minha elevação ao condado de meu pai, resta decidir quem será o novo lorde de Caster.

- Ah, sim. Nosso filho, o príncipe de Gales, sugere Sir Ralph Fitzgerald, que foi armado cavaleiro ontem, por salvar sua vida.

- Oh, não! - murmurou Caris.

O rei não a ouviu, mas William ouviu, e obviamente pensava a mesma coisa. Não foi capaz de esconder sua indignação quando disse:

- Ralph era um fora-da-lei, culpado de numerosos assaltos, assassinatos e estupros, até que obteve um perdão real para se juntar ao exército de Sua Majestade.

O rei não ficou tão impressionado quanto Caris esperava.

- Mesmo assim, Ralph luta conosco há sete anos - disse ele. - Merece uma segunda oportunidade.

- Tem razão - admitiu William, diplomático. - Mas por causa dos problemas que tivemos com ele no passado, eu gostaria de vê-lo assentar pacificamente, por um ou dois anos, antes de ser elevado à nobreza.

- Como será o suserano de Ralph, terá de lidar com ele - concedeu Edward.

- Não devemos impô-lo contra a sua vontade. Mas o príncipe está ansioso para que ele tenha alguma recompensa.

O rei pensou por um longo momento, para depois acrescentar:

- Você não tem uma prima em condições de casar?

- Tenho. Seu nome é Matilda. Nós a chamamos de Tilly. Caris conhecia Tilly. Ela estudava na escola do convento.

- Essa mesma - confirmou Edward. - Ela era pupila de Roland, seu pai. Pelo que me lembro, o pai da jovem tinha três aldeias perto de Shiring.

- Sua Majestade tem boa memória para os detalhes.

- Case lady Matilda com Ralph e dê a ele as aldeias que pertenciam ao pai dela.

Caris ficou consternada. Não pôde se conter:

- Mas ela só tem doze anos!

- Cale-se! - ordenou William.

O rei Edward fitou-a com uma expressão fria.

- As crianças da nobreza devem crescer depressa, irmã. A rainha Philippa tinha quatorze anos quando casei com ela.

Caris sabia que devia se manter calada, mas não podia.

Tilly era apenas quatro anos mais velha do que a filha que ela poderia ter, se tivesse dado à luz a criança de Merthin.

- Há uma enorme diferença entre doze e quatorze anos - declarou ela, desesperada.

O jovem rei tornou-se ainda mais frio.

- Na presença real, as pessoas só dão sua opinião quando são convidadas. E o rei quase nunca pede a opinião de mulheres.

Caris compreendeu que seguira pelo rumo errado. Sua objeção ao casamento não se baseava na idade de Tilly, mas sim no caráter de Ralph.

- Conheço Tilly - murmurou ela. - Não pode casá-la com aquele bruto do Ralph.

Mair interveio, com um sussurro assustado:

- Caris! Lembre-se com quem está falando! Edward olhou para William.

- Tire-a daqui, Shiring, antes que ela diga alguma coisa que não poderá ser ignorada.

William pegou o braço de Caris e afastou-a com firmeza da presença real.

Mair foi atrás. Caris ainda ouviu o rei comentar:

- Posso entender agora como ela sobreviveu na Normandia... deve ter deixado os locais apavorados.

Os nobres ao seu redor caíram na gargalhada.

- Você deve estar louca! - exclamou William.

- É mesmo? - Estavam agora longe dos ouvidos do rei e Caris elevou a voz.

- Nas últimas seis semanas, o rei causou a morte de milhares de homens, mulheres e crianças, incendiou suas colheitas, queimou suas casas. E eu tentei salvar uma menina de doze anos do casamento com um assassino. Qual de nós é louco, lorde William?

51

Os camponeses de Wigleigh tiveram uma péssima colheita no ano de 1347. Os aldeões fizeram o que sempre faziam nessas ocasiões: comeram menos, adiaram a compra de chapéus e cintos, e passaram a dormir juntos pelo calor. A velha Viúva Huberts morreu mais cedo do que se esperava; Janey Jones sucumbiu a uma tosse a que poderia ter sobrevivido num ano bom; e o bebê de Joanna David, que poderia de outra forma ter uma chance, não chegou a seu primeiro aniversário.

Gwenda vigiava ansiosa os dois filhos. Sam, de oito anos, era grande para sua idade, bastante forte: tinha o físico de Wulfric, as pessoas diziam, embora Gwenda soubesse que ele era parecido com o verdadeiro pai, Ralph Fitzgerald. Mesmo assim, Sam estava visivelmente mais magro em dezembro. David, que ganhara o nome do irmão de Wulfric, morto no desabamento da ponte, tinha seis anos.

Parecia com Gwenda, pequeno e moreno. A Jieta deficiente enfraquecera-o, e durante todo o outono ele sofrera com pequenos problemas: um resfriado, depois erupções na pele, uma tosse persistente.

Mesmo assim, ela levava os meninos quando da com Wulfric terminar de semear o trigo de inverno na terra de Perkin. Um vento muito frio soprava pelos campos abertos. Ela largava as sementes nos sulcos. Sam e David corriam atrás, afugentando as aves que queriam pegar o trigo antes que Wulfric as cobrisse com terra. Enquanto corriam, pulavam e gritavam, Gwenda se admirava por aqueles dois seres humanos em miniatura, em perfeito funcionamento, terem saído de seu corpo. Os meninos transformavam o esforço em afugentar as aves em alguma espécie de jogo competitivo, deixando Gwenda maravilhada com o milagre de suas imaginações. Antes uma parte dela, podiam agora acalentar pensamentos que ela ignorava por completo.

A lama adería a seus pés enquanto andavam de um lado para outro. Um córrego de águas rápidas margeava o campo. Na outra margem ficava o moinho de fuiling que Merthin construía oito anos antes. O rumor distante das batidas de madeira acompanhava o trabalho da família. O moinho era operado por dois irmãos excêntricos, Jack e Eli - ambos solteiros e sem terras - e um sobrinho que era o aprendiz. Eram os únicos

aldeões que não haviam sofrido por causa da péssima colheita: Mark Webber lhes pagara os mesmos salários durante todo o inverno.

Foi um curto dia de inverno. Gwenda e sua família terminaram de semear no momento em que o céu cinzento começava a escurecer. O crepúsculo trouxe uma neblina dos bosques distantes. Todos sentiam-se exaustos.

Restava meio saco de sementes, e eles decidiram levá-lo de volta à casa de Perkin. Ao se aproximarem, avistaram Perkin vindo da direção oposta. Ele andava ao lado de uma carroça em que viajava a filha Annet. Haviam ido a Kingsbridge para vender as últimas maçãs e peras do ano das árvores de Perkin.

Annet ainda conservava o corpo de menina, embora estivesse agora com vinte e oito anos e uma criança. Chamava a atenção para sua juventude por um vestido muito curto e os cabelos desarrumados de uma forma encantadora. Parecia ridícula, pensava Gwenda, uma opinião partilhada por todas as mulheres da cidade, mas por nenhum dos homens.

Gwenda ficou chocada ao descobrir que a carroça de Perkin continuava cheia de frutas.

- O que aconteceu? - perguntou ela. A expressão de Perkin era sombria.

- As pessoas de Kingsbridge enfrentam um inverno tão difícil quanto o nosso. Não têm dinheiro para comprar maçãs. Teremos de fazer sidra com todo esse carregamento.

O que era lamentável. Gwenda nunca soubera de Perkin voltar do mercado com tanto produto sem vender.

Annet parecia despreocupada. Estendeu a mão para Wulfric, que a ajudou a descer da carroça. Ao pisar no chão, ela tropeçou e caiu em cima de Wulfric, estendendo a mão para seu peito.

- Epa! - exclamou Annet.

Ela sorriu ao recuperar o equilíbrio. Wulfric corou de satisfação.

Seu idiota cego, pensou Gwenda.

Todos entraram. Perkin sentou à mesa. Sua mulher, Peggy, serviu-lhe uma tigela de potagem. Ele cortou uma grossa fatia de pão. Peggy serviu sua própria família em seguida. Annet, o marido Billy Howard, o irmão de Annet, Rob, e a mulher de Rob. Deu um pouco para a filha de quatro anos de Annet, Amabel, e para os dois filhos pequenos de Rob. Depois, convidou Wulfric e sua família a sentarem.

Gwenda tomou a potagem com a maior voracidade. Era mais espessa do que a potagem que ela fazia; e Peggy serviu pão dormido, enquanto na casa de Gwenda o pão nunca durava o suficiente para ficar dormido. A família de Perkin tomou cerveja, mas nenhuma foi oferecida a Gwenda e Wulfric: a hospitalidade não da muito longe em tempos difíceis.

Perkin era jovial com os fregueses, mas afora isso era um homem azedo; por esse motivo, o ambiente em sua casa era sempre mais ou menos melancólico. Ele falou em tom desanimado sobre o mercado em Kingsbridge. A maioria dos comerciantes tivera um péssimo dia. Os únicos que ainda faziam negócios eram os que vendiam produtos essenciais, como trigo, carne e sal. Ninguém estava comprando o Escarlata de Kingsbridge, o tecido agora famoso.

Peggy acendeu um lampião. Gwenda queria ir para casa, mas ela e Wulfric esperavam pelos salários. Os meninos começaram a se comportar mal, correndo de um lado para outro, esbarrando nos adultos.

- Está na hora de levá-los para a cama - disse Gwenda, embora não fosse o caso.

Wulfric finalmente disse:

- Se pagar nossos salários, Perkin, poderemos ir embora.

- Não tenho dinheiro - anunciou Perkin.

Gwenda ficou espantada. Perkin nunca dissera isso nos nove anos em que ela e Wulfric trabalhavam em suas terras.

- Temos de receber nossos salários - insistiu Wulfric. - Precisamos comer.

- Vocês têm alguma potagem, não é? - murmurou Perkin. Gwenda ficou indignada.

- Trabalhamos por dinheiro, não por potagem!

- Mas acontece que não tenho dinheiro - reiterou Perkin. - Fui ao mercado para vender minhas maçãs, mas ninguém comprou. Agora, temos mais maçãs do que podemos comer, mas nenhum dinheiro.

Gwenda estava tão chocada que não sabia o que dizer. Nunca lhe ocorrera que Perkin pudesse deixar de pagar seus salários. E sentiu uma pontada de medo ao compreender que não havia nada que ela pudesse fazer. Wulfric disse, bem devagar:

- O que podemos fazer? Voltar a Long Field para tirar as sementes da terra?

- Ficarei devendo os salários desta semana - declarou Perkin. - Pagarei assim que as coisas melhorarem.

- E na próxima semana?

- Também não terei dinheiro na próxima semana... de onde você pensa que o dinheiro poderia vir?

- Vamos falar com Mark Webber - interveio Gwenda. - Talvez ele possa nos contratar no moinho de fulling.

Perkin sacudiu a cabeça.

- Falei com ele ontem, em Kingsbridge, e perguntei se podia contratá-los. Ele disse que não. Não está vendendo bastante tecido. Continuará a empregar Jack, Eli e o garoto, a estocar o tecido, até o comércio se recuperar. Mas não pode contratar nenhum empregado extra.

Wulfric estava atordado.

- Como vamos viver? Como você poderá ter a aradura da primavera?

- Podem trabalhar por comida - sugeriu Perkin.

Wulfric olhou para Gwenda. Ela reprimiu uma resposta sarcástica. Sua família se encontrava numa situação crítica, e aquele não era o momento de hostilizar ninguém. Ela pensou depressa. Não tinham muita opção: comer ou passar fome.

- Trabalharemos por comida, e você ficará nos devendo o dinheiro - declarou Gwenda.

Perkin sacudiu a cabeça.

- O que está sugerindo pode ser justo...

- É justo.

- Está bem, é justo, mas mesmo assim não posso concordar. Não sei quando terei dinheiro. Poderia estar devendo uma libra na Semana de Pentecostes. Podem trabalhar por comida, ou não trabalhar.

- Terá de alimentar nós quatro.

- Está certo.

- Mas apenas Wulfric vai trabalhar.

- Não sei...

- Uma família quer mais do que comida. Crianças precisam de roupas. Um homem deve ter botas. Se não pode me pagar, terei de encontrar alguma outra maneira de conseguir essas coisas.

- Como?

- Não sei. - Gwenda fez uma pausa. A verdade era que não tinha a menor idéia. Fez um esforço para reprimir o pânico. - Posso perguntar a meu pai como ele consegue.

Peggy interveio:

- Eu não faria isso, se fosse você... Joby lhe dirá para roubar.

Gwenda ficou irritada. Que direito Peggy tinha de assumir aquela atitude arrogante? Joby nunca empregara pessoas para depois dizer no fim da semana que não tinha dinheiro para pagar. Mas ela mordeu a língua e comentou apenas:

- Ele me alimentou ao longo de dezoito invernos, embora no final tenha me vendido para os bandidos.

Peggy sacudiu a cabeça e começou abruptamente a recolher as tigelas da mesa. Wulfric disse:

- Vamos embora.

Gwenda não se mexeu. Qualquer vantagem que pudesse obter tinha de ser conquistada agora. Depois que saíssem daquela casa, Perkin consideraria que fora feito um acordo que não poderia ser renegociado. Ela pensou por um momento. Recordou como Peggy servira cerveja apenas para sua própria família e declarou:

- Não vão nos enganar com peixe do dia anterior e cerveja aguada. Devemos comer exatamente a mesma coisa que você e sua família... carne, pão, cerveja, qualquer outra coisa que seja servida.

Peggy deixou escapar um grunhido de desaprovação. Ao que parecia, planejava fazer o que Gwenda temia.

- Isto é, se quiser que Wulfric faça o mesmo trabalho que você e Rob. Todos sabiam muito bem que Wulfric fazia mais trabalho do que Rob e duas vezes mais do que Perkin.

- Está bem - concordou Perkin.

- E isso é estritamente um acordo de emergência. Assim que você tiver dinheiro, terá de nos pagar de novo, ao preço antigo... um penny por dia para cada um.

- Certo.

Houve um breve momento de silêncio.

- Isso é tudo? - perguntou Wulfric.

- Acho que sim - respondeu Gwenda. - Você e Perkin devem trocar um aperto de mão para fechar o acordo.

Foi o que eles fizeram.

Gwenda e Wulfric se retiraram, levando os meninos. A escuridão era total agora. Nuvens escondiam as estrelas, e eles tinham de se orientar apenas pelas réstias de luz que passavam pelas portas e janelas fechadas das

casas. Por sorte, já haviam percorrido mil vezes o caminho entre a casa de Perkin e a deles.

Wulfric acendeu o lampião e armou o fogo na lareira, enquanto Gwenda punha os meninos para dormir. Embora houvesse quartos lá em cima - ainda viviam na casa grande que fora ocupada pelos pais de Wulfric - todos dormiam na cozinha por causa do calor.

Gwenda sentia-se deprimida ao envolver os filhos com cobertores e acomodá-los perto do fogo. Crescera com a determinação de não viver como a mãe, em constante preocupação e necessidade. Sonhara com a independência: uma terra para cultivar, um marido trabalhador, um senhor razoável. Wulfric ansiava em voltar à terra que seu pai cultivara. Mas os dois haviam fracassado em todas essas aspirações. Ela era pobre e o marido, um trabalhador sem terra, cujo empregador não podia sequer pagar um penny por dia. Acabara exatamente como a mãe, pensou Gwenda, amargurada demais para lágrimas.

Wulfric pegou uma botija de barro numa prateleira e despejou cerveja num copo de madeira.

- Trate de aproveitar - murmurou Gwenda, amarga. - Não poderá comprar sua própria cerveja durante algum tempo.

- É espantoso que Perkin não tenha dinheiro - comentou Wulfric. - Ele é o homem mais rico da aldeia, depois de Nathan Reeve.

- Perkin tem dinheiro - garantiu Gwenda. - Há um pote cheio de pennies de prata por baixo da lareira. Eu já vi.

- Então por que ele não quer nos pagar?

- Não quer tirar dinheiro de suas economias. Wulfric se mostrou confuso.

- Mas ele poderia nos pagar, se quisesse?

- Claro.

- Então por que tenho de trabalhar por comida?

Gwenda deixou escapar um grunhido impaciente. Wulfric era lento para compreender as coisas.

- Porque a alternativa era não ter qualquer trabalho. Wulfric sentia que haviam sido enganados.

- Devíamos ter insistido no pagamento.

- Por que você não fez isso?

- Não sabia do pote com pennies debaixo da lareira.

- Pelo amor de Deus! Acha que um homem tão rico quanto Perkin poderia ficar pobre porque não conseguiu vender as maçãs de uma carroça? Ele

cultiva mais terras do que qualquer outro em Wigleigh desde que ficou com as terras que eram de seu pai, há dez anos. É claro que ele tem economias!

- Compreendo isso agora.

Gwenda ficou olhando para o fogo enquanto o marido terminava de tomar a cerveja. Wulfric abraçou-a, e ela encostou a cabeça em seu peito. Mas não queria fazer amor. Sentia-se furiosa demais. Disse a si mesma que não deveria descarregar no marido; fora Perkin quem os deixara numa situação difícil, não Wulfric. Mas ela também estava com raiva de Wulfric. Enquanto o sentia mergulhar no sono, compreendeu que a irritação não era pelos salários. Era o tipo de infortúnio que afligia a todos de vez em quando, como o mau tempo e o mofo da cevada.

O que era então?

E ela lembrou a maneira como Annet caíra em cima de Wulfric ao descer da carroça. Pensou no sorriso coquete de Annet e no rubor de satisfação de Wulfric, e teve vontade de esbofeteá-lo. Estou zangada com você, pensou ela, porque aquela idiota imprestável e de cabeça vazia ainda pode fazer com que banque o idiota.

No domingo antes do Natal foi realizada uma sessão do tribunal da aldeia, na igreja, depois da missa. Fazia frio e os aldeões se agasalhavam com mantas e cobertores. Nathan Reeve estava no comando. O senhor do solar, Ralph Fitzgerald, não aparecia em Wigleigh há anos. Melhor assim, pensou Gwenda. Além do mais, ele era Sir Ralph agora, com três outras aldeias em seu feudo. Por isso, não tinha muito interesse por parreiras de bois e pastos para as vacas.

Alfred Shorthouse morrera durante a semana. Era um viúvo sem filhos, com dez acres.

- Ele não tem herdeiros naturais - declarou Nate Reeve. - Perkin deseja assumir sua terra.

Gwenda ficou surpresa. Como Perkin podia pensar em assumir mais terra? O espanto foi tão grande que ela demorou a reagir. Aaron Appletree, o tocador de gaita-de-foles, foi o primeiro a falar:

- Alfred tinha problemas de saúde desde o verão. Não arrou o solo no outono e não semeou o trigo do inverno. Todo esse trabalho terá de ser feito agora. Perkin ficará com as mãos cheias.

Nate perguntou, agressivo:

- Está pedindo a terra para você? Aaron sacudiu a cabeça.

- Dentro de mais alguns anos, quando meus filhos estiverem bastante crescidos para ajudar, eu não perderia esta oportunidade. Mas agora não teria condições de cuidar da terra sozinho.

- Eu posso cuidar - garantiu Perkin.

Gwenda franziu o rosto. Era evidente que Nate queria que Perkin ficasse com a terra. Sem dúvida fora prometido um suborno. Ela sabia o tempo todo que Perkin tinha dinheiro. Mas tinha pouco interesse em denunciar a duplicidade de Perkin. Queria apenas encontrar uma maneira de aproveitar aquela situação e tirar sua família da pobreza.

- Você pode contratar outro trabalhador, Perkin - sugeriu Nate.

- Espere um instante - interveio Gwenda. - Perkin não pode pagar os trabalhadores que ele tem agora. Como poderia cuidar de mais terra?

Perkin ficou consternado, mas não podia negar o que Gwenda dizia. Por isso, preferiu se calar.

- Quem mais poderia cuidar da terra? - indagou Nate. Gwenda apressou-se em declarar:

- Nós poderíamos.

Nate ficou surpreso. Ela acrescentou:

- Wulfric está trabalhando por comida. Eu não tenho trabalho. Precisamos de terra.

Gwenda notou que várias cabeças acenavam em concordância. Ninguém na aldeia gostara do que Perkin fizera. Todos temiam que um dia pudessem acabar na mesma situação. Nate percebeu o perigo de seu plano ser frustrado.

- Vocês não têm condições de pagar a taxa.

- Pagaremos um pouco de cada vez. Nate sacudiu a cabeça.

- Quero alguém que possa pagar imediatamente.

Ele correu os olhos pelos aldeões reunidos. Ninguém se apresentou como voluntário.

- David Johns?

David era um homem de meia-idade cujos filhos tinham suas próprias terras.

- Eu diria sim no ano passado. Mas a chuva na época da colheita me derrubou. A oferta de dez acres extras teria provocado, em circunstâncias normais, uma acirrada disputa entre os aldeões mais ambiciosos. Mas fora um péssimo ano. A situação de Gwenda e Wulfric era diferente. Por um lado, Wulfric nunca deixara de ansiar por sua própria terra. Os acres de

Alfred não eram um direito de herança de Wulfric, mas eram melhores do que nada. De qualquer forma, Gwenda e Wulfric estavam desesperados. Aaron Appletree disse:

- Dê a terra para Wulfric, Nate. Ele é um bom trabalhador, e vai arar tudo num instante. E ele e a esposa merecem um pouco de sorte... já tiveram mais do que sua quota justa de azar.

Nate parecia contrariado, mas havia murmúrios baixos de concordância entre os camponeses. Wulfric e Gwenda eram bem respeitados, apesar de sua pobreza.

Aquela era uma excepcional combinação de circunstâncias que poderiam levar Gwenda e sua família a enveredarem pela estrada para uma vida melhor. Ela sentia um crescente entusiasmo, pois isso começava a parecer possível. Nate, no entanto, ainda tinha restrições.

- Sir Ralph odeia Wulfric.

Wulfric levou a mão ao rosto, tocando na cicatriz deixada pela espada de Ralph.

- Sei disso - respondeu Gwenda. - Mas Ralph não está aqui.

Quando o conde Roland morreu, um dia depois da batalha de Crécy, várias pessoas subiram um degrau na escada. Seu filho mais velho, William, tornou-se o conde, suserano do condado de Shiring, responsável perante o rei. Um primo de William, Sir Edward Courthose, tornou-se lorde de Caster, e assumiu o controle de quarenta aldeias daquele feudo, como vassalo do conde, mudando-se para a antiga casa de William e Philippa, em Casterham. E Sir Ralph Fitzgerald tornou-se lorde de Tench.

Durante os dezoito meses seguintes, nenhum deles foi para casa. Todos estiveram ocupados, a viajar com o rei e matar franceses. Até que em 1347 a guerra chegou a um impasse. Os ingleses capturaram e mantiveram a preciosa cidade portuária de Calais, mas afora isso havia pouco a mostrar por dez anos de guerra... exceto, é claro, uma grande quantidade de despojos.

Em janeiro de 1349, Ralph tomou posse de sua nova propriedade. Tench era uma aldeia grande, com uma centena de famílias de camponeses. Ele tinha também duas aldeias menores nas proximidades, além de conservar Wigleigh, que ficava a uma distância de meio dia de viagem.

Ralph experimentou uma intensa emoção de orgulho ao cavalgar através de Tench. Aguardara ansioso por aquele momento. Os servos se curvaram em reverência e as crianças ficaram olhando impressionadas. Ele era o senhor de todas as pessoas ali, o proprietário de todas as coisas.

A casa ficava num compound, um conjunto de construções cercado por uma muralha. Ralph seguiu na frente, acompanhado por uma carroça repleta de despojos franceses. Ele percebeu logo que as muralhas há muito não eram reparadas. Perguntou-se se não deveria restaurá-las. Os burgueses da Normandia haviam negligenciado suas defesas, de um modo geral, e isso permitira que Edward III os derrotasse com relativa facilidade. Por outro lado, a probabilidade de uma invasão do Sul da Inglaterra era agora muito pequena. No início da guerra, a maior parte da frota francesa fora destruída no porto de Sluys.

Depois disso, os ingleses passaram a controlar o Canal da Mancha, que separava os dois países. A não ser por pequenos ataques de piratas mercenários, todas as batalhas desde Sluys haviam sido travadas em solo

francês. Em suma, parecia que não valia a pena reconstruir aquelas muralhas.

Vários cavaleiros se adiantaram para cuidar dos cavalos. Ralph deixou Alan Fernhill a supervisionar a descarga e se encaminhou para sua nova casa. Claudicava ao andar: a perna ferida sempre doía depois de longas horas a cavalo. Tench Hall era um solar de pedra. Era impressionante, notou Ralph com satisfação, embora precisasse de reparos... o que não era de surpreender, pois permanecera desocupado desde a morte do pai de lady Matilda. Mas tinha um projeto moderno. Nas casas antiquadas, os aposentos privados do senhor eram insignificantes, quase um acréscimo ao vasto salão que era a coisa mais importante. Mas Ralph percebeu, pelo lado de fora, que ali os aposentos domésticos ocupavam a metade do prédio.

Ele entrou no grande salão e ficou irritado ao se deparar com o conde William.

Na outra extremidade do salão havia uma cadeira grande, feita de madeira escura, toda esculpida, com símbolos de poder: anjos e leões no encosto e nos braços, cobras e monstros nas pernas. Era obviamente a cadeira do senhor do solar. Mas William estava sentado nela.

Grande parte do prazer de Ralph evaporou. Não podia desfrutar o domínio de seu novo solar sob o olhar atento de seu suserano. Seria como ir para a cama com uma mulher enquanto o marido escutava do outro lado da porta. Mas ele disfarçou sua insatisfação e cumprimentou formalmente o conde William. O conde apresentou o homem de pé ao seu lado.

- Este é Daniel, que é o bailiff aqui há vinte anos e tem feito um bom trabalho, por conta de meu pai, durante a minoridade de Tilly.

Ralph cumprimentou o bailiff, com alguma frieza. A mensagem de William era clara: queria que Ralph deixasse Daniel continuar no cargo. Mas Daniel fora um homem do conde Roland e agora seria um homem do conde William. Ralph não tinha a menor intenção de permitir que seu domínio fosse administrado por um homem do conde. Seu bailiff tinha de ser leal apenas a ele.

William esperou que Ralph dissesse alguma coisa sobre Daniel. Ralph, no entanto, não tinha a menor intenção de entrar nessa discussão. Dez anos antes teria reagido com veemência, mas aprendera muita coisa no tempo que passara com o rei. Não era obrigado a ter a aprovação do rei para sua escolha do bailiff, e por isso não a pediria. Não diria nada até que William

fosse embora, e depois comunicaria a Daniel que ele seria transferido para outras funções.

Tanto William quanto Ralph permaneceram num silêncio obstinado por algum tempo, até que o impasse foi rompido. A porta no lado doméstico do salão foi aberta e lady Philippa entrou, alta e elegante. Fazia muitos anos que Ralph não a via, mas sua paixão juvenil voltou no mesmo instante, com um choque que parecia um golpe violento, deixando-o sem fôlego. Ela estava mais velha - beirando os quarenta anos, calculou Ralph -, mas continuava exuberante. Talvez um pouco mais corpulenta do que ele lembrava, os quadris mais arredondados, os seios mais cheios mas tudo isso contribuía para aumentar ainda mais sua fascinação. Ainda andava como uma rainha. Como sempre, sua presença fez com que Ralph se perguntasse, ressentido, por que não podia ter uma esposa assim.

No passado, Philippa mal se dignava a reconhecer sua presença, mas hoje ela sorriu, apertou sua mão e disse:

Já conversou com Daniel?

Ela também queria que Ralph mantivesse o homem de confiança do conde... e era por isso que se mostrava tão cortês. Mais razão ainda para se livrar do homem, pensou Ralph, com uma satisfação secreta.

- Acabei de chegar - informou ele, não querendo se comprometer. Philippa explicou o motivo da presença deles:

- Queríamos estar presentes quando você conhecesse a jovem Tilly... ela é parte de nossa família.

Ralph ordenara que as freiras do Priorado de Kingsbridge levassem sua noiva para Tench, para encontrá-lo ali hoje. Intronetidas, elas deviam ter comunicado tudo ao conde William.

- Lady Matilda era pupila do conde Roland, que sua alma descanse em paz ressaltou Ralph, enfatizando que a tutela acabara com a morte de Roland.

- É verdade... e eu esperava que o rei transferisse a tutela para meu marido, como herdeiro de Roland.

Era evidente que Philippa teria preferido isso.

- Mas ele não o fez - lembrou Ralph. - E entregou-a a mim em casamento. Embora a cerimônia ainda não tivesse ocorrido, a jovem passara a ser responsabilidade de Ralph. Em termos estritos, William e Philippa não tinham por que estar ali hoje, como se desempenhassem o papel de pais de Tilly. Mas William era suserano de Ralph, e, assim, podia visitá-lo sempre que quisesse.

Ralph não queria discutir com William. Era muito fácil para William tornar difícil a vida de Ralph. Por outro lado, o conde exorbitava de sua autoridade ali... provavelmente pressionado por Philippa. Mas Ralph não se deixaria intimidar. Os últimos sete anos haviam lhe proporcionado a confiança necessária para defender a independência a que tinha direito.

De qualquer forma, ele gostava de um duelo verbal com Philippa, pois lhe oferecia a oportunidade de contemplá-la. Ele concentrou sua atenção na linha determinada do queixo e nos lábios cheios. Apesar de sua altivez, Philippa era obrigada a fitá-lo. E aquela seria a conversa mais longa que já tivera com Ralph.

- Tilly é muito jovem - comentou ela.

- Terá quatorze anos este ano - respondeu Ralph. - Era a idade que nossa rainha tinha quando casou com nosso rei... como o próprio rei fez questão de lembrar, a mim e ao conde William, depois da batalha de Crécy.

- A esteira de uma batalha não é necessariamente o melhor momento para decidir o destino de uma jovem - murmurou lady Philippa.

Ralph não podia deixar isso passar sem uma resposta.

- Falando por mim, sinto-me na obrigação de cumprir as decisões de Sua Majestade.

- Como todos nós - garantiu ela.

Ralph sentiu que a vencera. Foi uma sensação sexual, quase como se a tivesse levado para a cama. Satisfeito, ele virou-se para Daniel.

- Minha futura esposa deve chegar a tempo para o jantar. Providencie um banquete.

- Já cuidei disso - anunciou Philippa.

Ralph virou lentamente a cabeça até que seus olhos se encontraram com os dela. Philippa ultrapassara os limites da cortesia ao entrar em sua cozinha e dar ordens. Ela compreendia isso, e ficou vermelha.

- Não sabia a que horas você chegaria.

Ralph não disse nada. Philippa não pediria desculpa, mas ele sentia-se contente por tê-la forçado a se explicar... um constrangimento para uma mulher tão orgulhosa.

Houve um breve momento de silêncio, com o barulho de cavalos lá fora. Os pais de Ralph entraram no salão. Ele não os via há alguns anos, e se adiantou para abraçá-los.

Os dois estavam na casa dos cinquenta anos, mas a mãe parecia ter envelhecido mais depressa. Os cabelos eram brancos e o rosto ficara

enrugado. Estava um pouco encurvada, como as mulheres idosas. O pai parecia mais vigoroso. Era em parte pelo excitamento do momento: tinha o rosto vermelho de orgulho e apertou a mão de Ralph como se estivesse bombeando água de um poço. Mas não havia fios brancos em sua barba ruiva, e o corpo esguio ainda era empertigado. Os dois usavam roupas novas, adquiridas com o dinheiro que Ralph mandara. Sir Gerald exibia um pesado casaco de lã, enquanto lady Maud ostentava um manto de pele. Ralph estalou os dedos para Daniel.

- Traga vinho.

Por um instante, o bailiff deu a impressão de que poderia protestar por ser tratado como um criado; mas depois engoliu o orgulho e seguiu apressado para a cozinha. Ralph disse:

- Conde William, lady Philippa, quero apresentar meu pai, Sir Gerald, e minha mãe, lady Maud.

Ele receava que William e Philippa menosprezassem seus pais, mas os dois os cumprimentaram com a devida cortesia. Gerald comentou com o conde:

- Fui companheiro de armas de seu pai; que sua alma descanse em paz. Para ser franco, conde William, eu o conheci quando era menino, embora não deva se lembrar de mim.

Ralph desejou que o pai não chamasse a atenção para seu passado glorioso. Só servia para enfatizar o quanto ele caíra. Mas William pareceu não notar.

- Acho que me lembro. - Era provável que ele estivesse apenas sendo gentil, mas Gerald ficou satisfeito. - Pelo que me recordo, parecia um gigante com mais de dois metros de altura.

Gerald, que era baixo, riu deliciado. Maud correu os olhos ao redor e comentou:

- É uma boa casa, Ralph.

- Quero decorá-la com todos os tesouros que trouxe da França. Mas ainda não tive tempo, pois acabei de chegar.

Uma garota da cozinha trouxe vinho e taças numa bandeja. Todos beberam. O vinho era um excelente Bordeaux, Ralph notou, claro e doce. Tinha de dar um crédito a Daniel por manter a casa bem abastecida, pensou ele a princípio; mas depois refletiu que durante muitos anos não houvera ninguém ali para tomar vinho... exceto Daniel, é claro. Ele perguntou à mãe:

- Alguma notícia de meu irmão, Merthin?

- Ele está ótimo - respondeu Maud, orgulhosa. - Casado, com uma filha, e rico. Está construindo um palácio para a família de Buonaventura Caroli.

- Mas ainda não o fizeram conte, não é mesmo?

Ralph fingiu estar gracejando, mas queria ressaltar que Merthin, apesar de todo o seu sucesso, não obtivera um título de nobreza; e que era ele, Ralph, quem realizava as esperanças do pai, ao levar a família de volta à nobreza.

- Ainda não - disse o pai, jovial.

Era como se ele pensasse que havia uma possibilidade concreta de Merthin se tornar um conde italiano, o que deixou Ralph irritado, mas apenas por um momento. Sua mãe perguntou:

- Podemos ver nossos aposentos?

Ralph hesitou. O que ela estava querendo dizer com "nossos aposentos"? Aflorou à sua mente o pensamento terrível de que os pais podiam estar pensando que morariam ali. Era uma coisa que Ralph não podia admitir: eles seriam um lembrete constante dos anos de vergonha da família. Além do mais, a presença dos pais seria um estorvo para seu estilo de vida. Por outro lado, ele compreendeu agora, também seria vergonhoso para um nobre deixar que os pais continuassem a morar numa casa de um único cômodo, como pensionistas de um priorado. Teria de pensar mais a respeito. Por enquanto, disse apenas:

- Ainda não tive a oportunidade de ver nem mesmo meus aposentos pessoais. Espero que possam ficar confortáveis por algumas noites.

- Algumas noites? - repetiu a mãe. - Vai nos mandar de volta para a choupana em Kingsbridge?

Ralph ficou mortificado pelo fato de a mãe tratar desse assunto na presença de William e Philippa.

- Acho que não há espaço para vocês morarem aqui.

- Como sabe se ainda não viu os aposentos? Daniel interveio:

- Um aldeão de Wigleigh está aqui, Sir Ralph... o nome é Perkin. Quer apresentar seus respeitos e discutir um problema urgente.

Em circunstâncias normais, Ralph teria repreendido o homem por se intrometer na conversa, mas naquele momento sentiu-se grato pela diversão.

- Dê uma olhada nos aposentos, enquanto eu converso com esse camponês. William e Philippa saíram com os pais dele para inspecionarem os

aposentos domésticos. Daniel levou Perkin até a mesa. Perkin mostrou-se tão subserviente quanto sempre.

- É um prazer vê-lo inteiro, são e salvo, depois das guerras francesas, milorde. Ralph olhou para sua mão esquerda, onde faltavam três dedos.

- Quase inteiro.

- Todos os habitantes de Wigleigh lamentam por seus ferimentos, milorde, mas estão felizes com as recompensas! Um título de cavaleiro, mais três aldeias, e lady Matilda em casamento!

- Obrigado pelas felicitações, mas qual é o assunto urgente que o trouxe até aqui?

- Não levarei muito tempo para explicar, milorde. Alfred Shorthouse morreu sem deixar um herdeiro natural para seus dez acres. Ofereci-me para ficar com a terra, embora os tempos sejam difíceis, depois das tempestades em agosto...

- O tempo não importa.

- Tem toda razão. Para resumir, Nathan Reeve tomou uma decisão que acho que milorde não aprovaria.

Ralph estava impaciente. Não queria saber que camponês cultivaria os dez acres de Alfred.

- O que Nathan decidiu...

- Ele entregou a terra a Wulfnc -Ahn...

- Alguns aldeões disseram que Wulfnc merecia, já que ele não tinha terra. Mas Wulfnc não pode pagar toda a taxa e de qualquer maneira...

- Não precisa me convencer - interrompeu-o Ralph. - Não permitirei que aquele desordeiro ocupe qualquer terra em meu território.

- Obrigado, milorde. Devo dizer a Nathan Reeve que deseja que eu fique com os dez acres?

- Claro. - Ralph viu o conde e a condessa voltarem dos aposentos particulares, com seus pais a reboque. - Irei até lá para confirmar pessoalmente nas próximas duas semanas.

Ele dispensou Perkin com um aceno de mão. E foi nesse momento que lady Matilda chegou.

Ela entrou no salão com uma freira de cada lado. Uma delas era a antiga namorada de Merthin, Caris, que tentara dizer ao rei que Tilly era jovem demais para casar. No outro lado estava a freira que viajara com Caris até Crécy, uma mulher com rosto de anjo cujo nome Ralph não conhecia. Por trás delas, presumivelmente servindo como guarda, vinha o monge de um

braço só, que capturara Ralph com tanta astúcia nove anos antes, irmão Thomas.

E no meio Tilly. Ralph percebeu no mesmo instante por que as freiras queriam protegê-la do casamento. Seu rosto exibia uma expressão de inocência infantil. Tinha sardas no nariz e uma abertura entre os dois dentes da frente. Olhou ao redor, assustada. Caris aumentara a aparência infantil ao vesti-la com um hábito branco de freira e uma touca simples. Mas o tecido não era suficiente para ocultar as curvas de mulher por baixo. Era evidente que Caris queria realçar que Tilly era jovem demais para a vida conjugal. O efeito sobre Ralph foi o oposto do pretendido.

Uma das coisas que Ralph aprendera no serviço do rei era que, em muitas situações, um homem podia assumir o comando se falasse primeiro. Ele disse, alto:

- Venha até aqui, Tilly.

A garota adiantou-se. Sua escolta hesitou, mas permaneceu onde estava.

- Sou seu marido, Tilly. Meu nome é Sir Ralph Fitzgerald, lorde de Tench. Ela parecia apavorada.

- Prazer em conhecê-lo, senhor.

- Esta é a sua casa agora, como foi no tempo em que era pequena e seu pai era o senhor aqui. É agora a lady de Tench, como sua mãe também foi. Está feliz em voltar para a casa de sua família?

- Estou, milorde.

A garota parecia qualquer coisa, menos feliz.

- Tenho certeza de que as freiras lhe disseram que deve ser uma esposa obediente e fazer tudo o que puder para agradar seu marido, que é seu amo e senhor.

- Claro, milorde.

- E aqui estão meu pai e minha mãe, que agora são seus pais também. Ela fez uma pequena reverência para Gerald e Maud. Ralph acrescentou:

- Chegue mais perto.

Ralph estendeu as mãos. Num impulso automático, Tilly também estendeu as mãos, mas depois viu a mão esquerda mutilada. Soltou um grunhido de repulsa e recuou.

Uma imprecisão furiosa aflorou aos lábios de Ralph, mas ele reprimiu-a. Com alguma dificuldade, forçou-se a falar num tom descontraído:

- Não precisa ter medo de minha mão ferida. Deveria se orgulhar. Perdi os dedos a serviço do rei.

Ele manteve os braços estendidos, em expectativa. Com um esforço, ela pegou suas mãos.

- Agora pode me beijar, Tilly.

Ralph estava sentado, a garota de pé na sua frente. Ela inclinou-se, oferecendo o rosto. Ele pôs a mão atrás de sua cabeça e virou o rosto, para beijá-la nos lábios. Sentiu a incerteza, e adivinhou que Tilly nunca fora beijada por um homem antes. Deixou que o beijo se prolongasse, em parte porque era muito doce, em parte para enfiar as pessoas que observavam. Depois, com uma lenta deliberação, acariciou os seios da garota com a mão boa. Eram cheios e redondos. Não era mais uma criança. Ralph soltou-a e deixou escapar um suspiro de satisfação.

- Devemos casar logo. - Ele olhou para Caris, que reprimia a raiva com evidente dificuldade. - Na Catedral de Kingsbridge, daqui a quatro semanas, a contar do domingo.

Ele virou-se para Philippa, mas dirigiu-se a William:

- Como estamos casando pelo desejo expresso de Sua Majestade, o rei Edward, eu me sentiria honrado se comparecesse, conde William.

William acenou com a cabeça, num movimento brusco. Caris falou pela primeira vez:

- Sir Ralph, o prior de Kingsbridge envia saudações, e diz que se sentirá honrado em celebrar a cerimônia, a menos, é claro, que o novo bispo deseje fazê-lo.

Ralph concordou, generoso, com um aceno de cabeça. Uma pausa, e Caris acrescentou:

- Mas todas as pessoas que tomaram conta desta criança acham que ela ainda é jovem demais para manter relações conjugais com o marido.

- Eu concordo - declarou Philippa. O pai de Ralph sugeriu:

- Sabe, filho, esperei anos para casar com sua mãe. Ralph não queria ouvir essa história de novo.

- Ao contrário de você, pai, recebi uma ordem do rei para casar com lady Matilda.

- Talvez devesse esperar, filho - disse a mãe.

- Já esperei mais de um ano! Ela tinha doze anos quando o rei determinou o casamento.

Caris interveio:

- Case com a criança, com a devida cerimônia... mas depois deixe-a voltar ao convento por mais um ano. Espere que ela desenvolva toda a sua

feminilidade antes de levá-la para casa.

Ralph soltou uma risada desdenhosa.

- Posso estar morto daqui a um ano, ainda mais se o rei decidir voltar à França. Antes disso, os Fitzgeralds precisam de um herdeiro.

- Ela é uma criança...

Ralph interrompeu Caris, elevando a voz:

- Não, não é uma criança... olhem só para ela! Esse estúpido hábito de freira não pode disfarçar seus seios.

- Uma criança gorda...

- Ela já tem pelos de mulher? - perguntou Ralph.

Tilly soltou um grito de espanto à franqueza grosseira, as faces vermelhas de vergonha.

Caris hesitou.

- Talvez minha mãe devesse examiná-la por mim e depois me informar acrescentou Ralph.

Caris sacudiu a cabeça.

- Isto não será necessário. Tilly tem pelos onde uma mulher tem e uma criança não tem.

- Eu sabia disso. Já vi... - Ralph parou de falar, pois não queria que todos ali soubessem em que circunstâncias ele vira os corpos nus de garotas da idade de Tilly. Apressou-se em corrigir, evitando os olhos da mãe: - Adivinhei, por seu corpo.

Um tom suplicante, quase nunca ouvido, insinuou-se na voz de Caris:

- Mas ela ainda é uma criança em sua mente, Ralph.

Não me importo com sua mente, pensou Ralph. Mas ele não disse isso.

- Ela tem quatro semanas para aprender o que não sabe. - Ele lançou um olhar sugestivo para Caris. - Tenho certeza de que você pode lhe ensinar tudo.

Caris corou. As freiras nada deviam saber sobre intimidade conjugal, mas ela fora namorada do irmão de Ralph. A mãe murmurou:

- Talvez um acordo...

- Você não compreende, não é, mãe? - indagou Ralph, interrompendo-a bruscamente. - Ninguém está preocupado com a idade dela.

Se eu fosse casar com a filha de um açougueiro de Kingsbridge ninguém se importaria se ela tivesse nove anos. Não percebe que as objeções são

apenas porque Tilly teve um nascimento nobre? Eles acham que são superiores a nós!

Ele sabia que estava gritando, e podia ver as expressões espantadas de todos os presentes, mas não se importava.

- Não querem que uma prima do conde de Shiring case com o filho de um cavaleiro empobrecido. E tentam adiar, na esperança de que ele morra em batalha antes que o casamento seja consumado.

Ralph limpou a boca e continuou:

- Mas esse filho de um cavaleiro empobrecido lutou na batalha de Crécy e salvou a vida do príncipe de Gales. E é isso o que importa para o rei.

Ele fez uma pausa, fitando cada um: o altivo William, a desdenhosa Philippa, a furiosa Caris, e seus pais atônitos.

- Portanto, é melhor aceitarem os fatos. Ralph Fitzgerald é um cavaleiro e um lorde, um companheiro de armas do rei. E vai casar com lady Matilda, a prima do conde... quer vocês gostem ou não!

Ralph virou-se para Daniel.

- Pode servir o jantar agora.

Na primavera de 1348, Merthin despertou de um pesadelo de que não conseguia se lembrar direito. Sentia-se assustado e fraco. Abriu os olhos para um quarto de barras de um sol brilhante, passando pelas venezianas meio abertas. Avistou um teto alto, paredes brancas, ladrilhos vermelhos. O ar era ameno. A realidade voltou lentamente. Era seu quarto, sua casa, em Florença. Estivera doente.

A doença foi a primeira coisa de que recordou. Começara com erupções na pele, manchas púrpura pretas no peito, depois nos braços, por toda parte. Surgira um caroço doloroso na axila, um bubo. Tivera febre, suando na cama, emaranhando os lençóis ao se contorcer. Vomitara e tossira sangue. Pensara que iria morrer. O pior de tudo era a sede, terrível, insaciável, que o fazia ter vontade de se jogar no rio Arno com a boca escancarada.

Não era o único sofredor. Milhares de italianos haviam caído doentes com aquela peste, dezenas de milhares. Metade dos trabalhadores de suas obras havia desaparecido, assim como a metade dos empregados de sua casa. Quase todas as pessoas que contraíam a doença morriam em cinco dias. Chamavam de da moria grande, a grande morte.

Mas ele estava vivo.

Teve a sensação persistente de que tomara uma decisão da maior importância enquanto estava doente, mas não conseguia se lembrar qual era. Concentrou-se por um momento. Quanto mais pensava a respeito, no entanto, mais esquivava a memória se tornava, até que desapareceu por completo.

Merthin sentou na cama. Os braços e pernas estavam fracos, a cabeça girou por um momento. Usava um camisolão de linho limpo, e se perguntou quem o teria vestido nele. Depois de um momento, levantou-se. Tinha uma casa com quatro andares e um pátio. Ele mesmo a projetara e construía, com uma fachada lisa, em vez dos tradicionais andares salientes. Havia detalhes arquitetônicos interessantes, como as arcadas de janelas redondas e as colunas clássicas. Os vizinhos chamavam-na de palagetto, um pequeno palácio. Isso acontecera há sete anos. Vários prósperos mercadores florentinos haviam lhe pedido que construísse palagetti, e fora assim que sua carreira deslanchara.

Florença era uma república, sem um príncipe ou duque reinante, dominada por uma elite de famílias de mercadores em permanente conflito. A cidade era povoada por milhares de tecelões, mas eram os mercadores que ganhavam fortunas. Gastavam seu dinheiro com a construção de casas grandiosas, o que fazia da cidade um lugar perfeito para um jovem e talentoso arquiteto prosperar. Merthin foi até a porta do quarto e chamou a esposa:

- Silvia! Onde você está?

Era com a maior naturalidade que ele falava agora o dialeto toscano, depois de nove anos na cidade.

Lembrou-se no instante seguinte. Silvia também ficara doente. E o mesmo acontecera com a filha, que tinha apenas três anos. Seu nome era Laura, mas haviam adotado a maneira infantil como ela se referia a si mesma, Lolla. O coração de Merthin foi dominado por um medo terrível. Silvia estaria viva? E Lolla?

A casa estava quieta. E a cidade também, ele percebeu subitamente. O ângulo dos raios do sol entrando pelas janelas indicava que era o meio da manhã. Deveria estar ouvindo naquele momento os gritos dos vendedores ambulantes das ruas, o ressoar dos cascos dos cavalos, o ranger das rodas de madeira das carroças, o murmúrio ao fundo de mil conversas... mas não havia nada.

Ele subiu a escada. Em sua fraqueza, o esforço deixou-o ofegante. Abriu a porta do quarto da filha. Parecia vazio. Um suor de medo espalhou-se por seu corpo. Lá estava a cama de Lolla, um pequeno baú para suas roupas, uma caixa com brinquedos, uma mesa em miniatura, com duas cadeiras pequenas. E depois ele ouviu um barulho. Ali, no canto, avistou Lolla, sentada no chão, usando um vestido limpo, a brincar com um cavalo de madeira que tinha pernas articuladas. Merthin soltou um grito estrangulado de alívio. A menina ouviu-o e levantou os olhos.

- Papai... - murmurou ela, num tom de voz distraído. Merthin adiantou-se para pegá-la no colo e apertá-la.

- Você está viva! - exclamou ele, em inglês.

Houve um som no quarto ao lado. Um momento depois, Maria apareceu. Era uma mulher de cabelos grisalhos, na casa dos cinquenta anos, a babá de Lolla.

-Amo! Levantou-se finalmente... está melhor?

- Onde está sua ama?

O rosto de Maria murchou.

- Sinto muito, amo. A ama morreu.

- Mamãe foi embora - disse Lolla.

Mertlín sentiu o choque como se fosse um golpe poderoso. Entregou Lolla a Maria. Em movimentos lentos e cuidadosos, virou-se e deixou o quarto. Desceu a escada para o piano nobile, o andar principal. Olhou para a mesa comprida, as cadeiras vazias, os tapetes no chão, os retratos nas paredes. Parecia a casa de outra pessoa.

Parou na frente de um quadro da Virgem Maria com sua mãe. Os pintores italianos eram superiores aos ingleses ou quaisquer outros, e aquele dera a Santa Ana o rosto de Silvia. Era uma beleza orgulhosa, com a pele azeitonada impecável e as feições nobres, mas o pintor percebera a paixão sexual fumegando naqueles olhos castanhos distantes.

Era difícil compreender que Silvia não mais existia. Ele pensou no corpo esguio, recordou como admirara, muitas e muitas vezes, os seios perfeitos. Aquele corpo, com o qual tivera uma intimidade total, estava agora no fundo da terra, em algum lugar. Quando imaginou isso, as lágrimas finalmente afloraram a seus olhos, e ele soluçou em desespero.

Onde seria a sepultura? Merthin lembrou que os funerais haviam cessado em Florença: as pessoas tinham pavor de sair de suas casas. Limitavam-se a levar os cadáveres para fora, deixando-os nas ruas. Os ladrões, mendigos e bêbados da cidade haviam adquirido uma nova profissão: eram chamados de carregadores de cadáveres, os becchini, e cobravam preços exorbitantes para levar os corpos e sepultá-los em covas coletivas. Talvez Merthin nunca descobrisse onde Silvia fora enterrada.

Haviam casado quatro anos antes. Olhando para seu retrato, com o vestido vermelho tradicional de Santa Ana, Merthin sofreu um acesso de honestidade angustiada. Perguntou-se se realmente a amara. Gostava muito de Silvia, mas não era uma paixão devastadora. Ela tinha um espírito independente e uma língua afiada, e ele era o único homem em Florença com coragem para cortejá-la, apesar da riqueza de seu pai. Em troca, ela lhe dera uma devoção absoluta. Mas Silvia avaliara com precisão a qualidade do amor do marido.

- Em que você está pensando? - indagava ela de vez em quando. Merthin tinha um sobressalto de culpa, porque estivera se lembrando de Kingsbridge. Não demorava muito para que Silvia mudasse a pergunta:

- Em quem você está pensando?

Ele nunca enunciara o nome de Caris, mas Silvia dizia:

- Deve ser em uma mulher. Dá para perceber pela expressão em seu rosto. Pouco depois ela passara a falar sobre "sua jovem inglesa". Silvia dizia:

- Está se lembrando de sua jovem inglesa.

E ela sempre tinha razão. Mas parecia aceitar. Merthin lhe era fiel. E adorava Lolla.

Depois de algum tempo, Maria serviu-lhe sopa e pão.

- Que dia é hoje - perguntou Merthin.

- Terça-feira.

- Há quanto tempo estou na cama?

- Duas semanas. Ficou muito doente.

Ele se perguntou por que sobrevivera. Algumas pessoas nunca sucumbiam à doença, como se tivessem uma proteção natural; aqueles que pegavam a peste, quase sempre morriam. Mas a pequena minoria que se recuperava da peste era duplamente afortunada, pois ninguém jamais contraía a doença pela segunda vez.

Quando acabou de comer, ele sentiu-se mais forte. Tinha de reconstruir sua vida, pensou. Desconfiava que já tomara essa decisão antes, durante a doença, mas outra vez foi atormentado pelo fio de memória que escapava do seu alcance.

A primeira tarefa agora era descobrir o quanto de sua família restara.

Ele levou os pratos para a cozinha, onde Maria alimentava Lolla com pão embebido em leite de cabra.

- O que pode me dizer dos pais de Silvia? - perguntou ele. - Ainda estão vivos?

- Não sei. Só tenho saído de casa para comprar comida.

- É melhor eu descobrir.

Merthin vestiu-se e desceu. O andar térreo da casa era uma oficina, com o pátio nos fundos usado para estocar madeira e pedra. Não havia ninguém trabalhando, dentro ou fora da casa.

Ele saiu. Os prédios ao redor eram quase todos de pedra, alguns espetaculares. Kingsbridge não tinha residências que pudessem se comparar. O homem mais rico de Kingsbridge, Edmund Wooler, residia numa casa de madeira. Ali, em Florença, só os pobres viviam em casas desse tipo.

A rua estava deserta. Merthin nunca a vira assim, nem mesmo durante a noite. O efeito era sinistro. Ele se perguntou quantas pessoas teriam

morrido: um terço da população? A metade? Seus fantasmas ainda estariam à espreita nas vielas e cantos escuros, observando invejosos os sobreviventes afortunados?

A casa de Christi ficava na rua seguinte. O sogro de Merthin, Alessandro Christi, fora o seu primeiro e melhor amigo em Florença. Um colega de escola de Buonaventura Caroli, Alessandro oferecera a Merthin seu primeiro trabalho na cidade, a construção de um armazém simples. Ele era o avô de Lolla.

A porta do palagetto de Alessandro estava trancada. O que era muito estranho. Merthin bateu na madeira e esperou. Depois de algum tempo, a porta foi aberta por Elizabetta, uma mulher pequena e gorducha que era a lavadeira de Alessandro. Ela fitou-o em choque.

- Você está vivo!

- Olá, Betta. Fico contente em ver que você também está viva. Ela virou-se e gritou para o interior da casa:

- É o lorde inglês!

Merthin dissera que não era um lorde, mas os criados não haviam acreditado. Ele entrou: -Alessandro? Elizabetta balançou a cabeça e começou a chorar.

- E sua ama?

- Os dois morreram.

A escada levava do vestíbulo ao andar principal. Merthin subiu devagar, surpreso ao descobrir como ainda se sentia fraco. Sentou na sala principal para recuperar o fôlego.

Alessandro fora um homem rico, e aquela sala era um mostruário de tapetes e tapeçarias, quadros, ornamentos com pedras preciosas, livros.

- Quem mais está aqui? - perguntou ele a Elizabetta.

- Apenas Lena e suas crianças.

Lena era uma escrava asiática, um caso excepcional mas não exclusivo nas prósperas famílias florentinas. Tinha duas crianças pequenas de Alessandro, um menino e uma menina. O pai sempre os tratara como sua prole legítima. Silvia até comentara que ele os mimava mais do que jamais fizera com ela e o irmão. O arranjo era considerado excêntrico em vez de escandaloso pelos sofisticados florentinos. Merthin perguntou:

- O que pode me dizer sobre o Signor Gianni? Gianni era o irmão de Silvia.

- Ele morreu. E a esposa também. A criança está aqui comigo.

- Santo Deus!

Betta indagou, hesitante:

- E sua família, milorde?

- Minha esposa morreu.

- Sinto muito.

- Mas Lolla está viva.

- Graças a Deus!

- Maria tem cuidado dela.

- Maria é uma boa mulher. Gostaria de beber alguma coisa? Merthin acenou com a cabeça, e Betta se retirou.

As crianças de Lena entraram na sala para vê-lo: um menino de olhos escuros de sete anos que parecia com Alessandro, e uma linda menina de quatro anos, com os olhos asiáticos da mãe. Um momento depois, a própria Lena apareceu, uma linda mulher na casa dos vinte anos, com a pele dourada e os malares salientes. Trazia uma taça de prata com um vinho tinto toscano escuro e uma bandeja com amêndoas e azeitonas.

- Vai morar aqui, milorde?

Merthin ficou surpreso com a indagação.

- Acho que não. Por que pergunta?

- A casa é sua agora. - Ela acenou com a mão para indicar a riqueza da família Christi. - Tudo é seu.

Merthin refletiu que ela tinha razão. Era o único parente adulto sobrevivente de Alessandro Christi. Isso o tornava o herdeiro... e o guardião de três crianças, além de Lolla.

- Tudo - repetiu Lena, fitando-o nos olhos.

Merthin sustentou seu olhar expressivo, e compreendeu que ela estava se oferecendo.

Considerou a perspectiva. A casa era linda. Era o lar para as crianças de Lena, um lugar familiar para Lolla e até mesmo para o bebê de Gianni: todas as crianças seriam felizes ali. Ele herdara dinheiro suficiente para viver sem trabalhar pelo resto da vida. Lena era uma mulher de inteligência e experiência, e ele podia imaginar com facilidade os prazeres de desfrutar de sua intimidade.

Ela leu seus pensamentos. Pegou sua mão e apertou-a contra os seios. Eram macios e quentes, como ele pôde sentir através do vestido leve de lã.

Mas não era isso o que ele queria. Merthin puxou a mão de Lena e beijou-a.

- Providenciarei para que você e suas crianças tenham tudo o que precisarem

- disse ele. - Não se preocupe.

- Obrigada, milorde.

Mas Lena parecia desapontada. Alguma coisa em seus olhos dizia a Merthin que a oferta não fora apenas pelo arranjo prático. Ela esperava sinceramente que Merthin pudesse se tornar mais do que apenas seu novo dono. Mas isso era parte do problema. Ele não podia imaginar fazer sexo com uma mulher que possuía. A idéia era desagradável ao ponto da repulsa.

Ele tomou um gole do vinho e sentiu-se mais forte. Se não se sentia atraído por uma vida fácil de luxo e pela satisfação sensual, o que ele queria? Sua família quase desaparecera: só restava Lolla. Mas ainda tinha o trabalho. Em diferentes lugares da cidade havia três projetos seus em construção. Não tinha a menor intenção de renunciar ao trabalho que amava. Não sobrevivera à grande morte para se tornar um ocioso. Recordou sua ambição juvenil de construir o prédio mais alto da Inglaterra. Recomeçaria de onde parara. Haveria de se recuperar da perda de Silvia ao se empenhar em seus projetos de construção. Merthin levantou-se para ir embora. Lena abraçou-o.

- Obrigada - murmurou ela. - Obrigada por dizer que vai cuidar das minhas crianças.

Ele afagou as costas de Lena.

- São filhos de Alessandro. - Em Florença, os filhos de escravas não eram escravos. - Quando crescerem, eles serão ricos.

Merthin afastou os braços de Lena, gentilmente, e desceu a escada. Todas as casas estavam trancadas, as janelas fechadas. Ele viu em algumas portas mortaldas envolvendo o que presumiu serem cadáveres. Havia umas poucas pessoas nas ruas, mas quase todas eram pobres. A desolação era angustiante. Florença era a maior cidade do mundo cristão, uma ruidosa metrópole comercial, que produzia milhares de metros do melhor tecido de lã todos os dias, um mercado em que vastas somas de dinheiro eram pagas por não mais que a garantia de uma carta de Antuérpia ou a promessa verbal de um príncipe. Caminhar por aquelas ruas silenciosas e vazias era como ver um cavalo ferido que caíra e não podia se levantar:

uma imensa força subitamente virava o nada. Ele não encontrou ninguém de seu círculo de conhecidos. Presumiu que os amigos preferiam ficar dentro de casa... os que ainda continuavam vivos.

Ele seguiu primeiro para uma praça próxima, na antiga cidade romana, em que estava construindo um chafariz para a municipalidade. Projetara um sistema elaborado para reciclar quase toda a água durante os secos e prolongados verões de Florença.

Quando chegou à praça, porém, ele constatou no mesmo instante que não havia ninguém trabalhando ali. Os canos subterrâneos haviam sido instalados e cobertos antes que ele caísse doente. Além disso, já havia sido assentada a primeira fileira de pedras para o plinto em degraus ao redor do poço.

Mas a aparência empoeirada e negligenciada das pedras indicava que nenhum trabalho era feito ali há dias. Pior ainda, uma pequena pirâmide de argamassa, numa tábuia, endurecera para uma massa sólida, de onde se soltou alguma poeira quando ele deu um chute. Havia até algumas ferramentas espalhadas pelo chão. Era um milagre que não tivessem sido roubadas.

O chafariz seria espetacular. Na oficina de Merthin vinha trabalhando o melhor escultor de pedra da cidade, preparando a peça central... ou estivera. Merthin ficou desapontado ao descobrir que o trabalho fora interrompido. Não era possível que todos os construtores da cidade tivessem morrido, não é mesmo? Talvez estivessem apenas esperando para saber se Merthin se recuperaria.

Aquele era o menor de seus três projetos, embora fosse de grande prestígio. ele deixou a praça e seguiu para o norte, a fim de inspecionar outro. Mas começou a ficar mais e mais preocupado enquanto andava. Ainda não encontrara ninguém com conhecimentos suficientes para lhe dar uma perspectiva mais ampla. O que restara do governo da cidade? A peste estava diminuindo ou piorando? E o que acontecera no resto da Itália?

Uma coisa de cada vez, ele disse a si mesmo.

Também estava construindo uma casa para Guelielmo Caroli, o irmão mais velho de Buonaventura. Seria um verdadeiro palazzo, uma casa com fachada dupla, projetada em torno de uma escada espetacular, mais larga do que algumas ruas da cidade. O andar térreo já estava todo de pé. A fachada inclinava-se para trás e para cima, a partir do solo, a ligeira

projeção dando uma impressão de fortificação; mas, por cima, havia duas janelas elegantes, em arcadas pontudas, com um infólio. O projeto dizia que as pessoas lá dentro eram ao mesmo tempo poderosas e refinadas, e era isso que a família Caroli queria.

O andaime para o segundo andar fora erguido, mas não havia ninguém trabalhando. Deveria haver pelo menos cinco pedreiros assentando as pedras. Mas a única pessoa no local era um velho que servia como zelador e morava numa cabana de madeira nos fundos do terreno. Merthin encontrou-o cozinhando uma galinha sobre uma fogueira. O idiota usara caríssimos blocos de mármore para servir como lareira.

- Onde estão todos? - perguntou Merthin, abruptamente. O zelador levantou-se de um pulo.

- O Signor Caroli morreu, e seu filho Agostino não quis pagar os homens. Por isso, todos foram embora... isto é, aqueles que não tinham morrido.

Era um tremendo golpe. A família Caroli era uma das mais ricas de Florença. Se eles achavam que não podiam mais arcar com os custos da construção, então a crise era mesmo grave.

- Quer dizer que Agostino está vivo?

- Está, sim, amo. Eu o vi esta manhã.

Merthin conhecia o jovem Agostino. Não era tão esperto quanto o pai ou o tio Buonaventura, por isso procurava agir com uma cautela extrema e uma atitude comedida. Não recomençaria a construção enquanto não tivesse certeza de que as finanças da família haviam se recuperado dos efeitos da peste.

Mas Merthin tinha certeza de que seu terceiro e maior projeto continuaria a ser executado. Estava construindo uma igreja para uma ordem de frades muito favorecida pelos mercadores da cidade. O local ficava ao sul do rio, e por isso ele atravessou a ponte nova.

A ponte fora concluída apenas dois anos antes. Merthin até realizara algum trabalho ali, sob a orientação do principal projetista, o pintor Taddeo Gaddi. A ponte tinha de resistir à correnteza rápida do rio, como sempre acontecia quando as neves do inverno derretiam. Merthin ajudara a projetar as pilastras. Agora, ao passar pela ponte, ele ficou consternado ao constatar que todas as pequenas lojas de ourives na ponte estavam fechadas... o que era outro mau sinal.

A Igreja de Santa Anna dei Frari era o seu projeto mais ambicioso até agora. Era uma igreja enorme, mais como uma catedral - os frades eram

ricos -, embora nem um pouco parecida com a catedral de Kingsbridge. A Itália tinha catedrais góticas, a de Milão sendo uma das maiores, mas os italianos de mentalidade moderna não gostavam da arquitetura da França e Inglaterra: consideravam as janelas imensas e as arcadas que se projetavam pelo teto como um fetiche estrangeiro. A obsessão pela claridade, que fazia sentido no sombrio noroeste da Europa, parecia uma distorção na ensolarada Itália, onde as pessoas procuravam sombra e frescura. Os italianos identificavam-se com a arquitetura clássica da Roma Antiga, cujas ruínas podiam ser vistas por toda parte ali. Gostavam de empenas e arcadas redondas, e rejeitavam as paredes externas muito esculpidas e ornamentadas, em favor de padrões decorativos de pedras e mármore de cores diferentes.

Mas Merthin surpreenderia até mesmo os florentinos com aquela igreja. O projeto era de uma série de quadrados, cada um encimado por um domo, cinco seguidos e dois em cada lado da interseção. Ele já ouvira falar de domos quando ainda vivia na Inglaterra, mas nunca vira nenhum até visitar a Catedral de Siena. Não havia nenhum domo em Florença. O clerestório seria formado por uma fileira de janelas redondas, ou óculos. Em vez de colunas estreitas que se projetavam em ansiedade para o céu, aquela igreja teria círculos, completos em si mesmos, com a aparência de autossuficiência ligada à terra, que caracterizava o povo comercial de Florença.

Ele ficou desapontado, mas não surpreso, ao descobrir que não havia pedreiros nos andaimes, nenhum trabalhador deslocando as enormes pedras, nem as mulheres que preparavam a argamassa com suas imensas pás. O local da obra estava tão quieto e silencioso quanto os outros dois. Naquele caso, porém, ele sentia-se confiante de que logo poderia reiniciar a execução do projeto. Uma ordem religiosa tinha uma vida própria, independente dos indivíduos. Ele deu a volta pela obra e entrou no mosteiro dos frades.

O lugar também estava silencioso. Os mosteiros deveriam ser sempre assim, é claro, mas havia uma qualidade naquele silêncio que o deixou nervoso. Merthin passou do vestíbulo para a sala de espera. Havia em geral um irmão de serviço ali, estudando as escrituras nos intervalos do atendimento aos visitantes. Hoje, no entanto, aquela sala estava vazia. Com uma sombria apreensão, Merthin passou por outra porta e descobriu-se no claustro. Não havia ninguém no pátio.

- Olá! - gritou ele. - Tem alguém aqui?

Sua voz ressoou pelas arcadas de pedra. Ele revistou o mosteiro. Todos os frades haviam desaparecido. Na cozinha, encontrou três homens sentados à mesa, comendo presunto e bebendo vinho. Usavam as roupas caras dos mercadores, mas tinham os cabelos emaranhados, as barbas não aparadas, as mãos sujas: eram pobres que usavam as roupas de mortos. Quando ele entrou na cozinha, os homens exibiram expressões de culpa, mas também de desafio.

- Onde estão os santos irmãos? - perguntou Merthin.

- Todos morreram - respondeu um dos homens.

- Todos?

- Todos, sem exceção. Eles cuidavam dos doentes, e por isso pegaram a doença. O homem estava bêbado, Merthin percebeu. Mas parecia dizer a verdade.

Aqueles três pareciam muito à vontade, sentados no mosteiro, comendo a comida dos frades, bebendo seu vinho. Era evidente que sabiam que não restara ninguém para protestar.

Merthin retornou à obra da nova igreja. As paredes do coro e dos transeptos já haviam sido levantadas, os óculos no clerestório eram visíveis. Ele sentou no meio da interseção, entre pilhas de pedras, olhando para sua obra. Por quanto tempo o projeto seria retardado? Se os frades estavam mortos, quem providenciaria o dinheiro? Até onde ele sabia, aqueles frades não faziam parte de uma ordem maior. O bispo podia reivindicar a herança, talvez até o próprio papa. Havia um emaranhado legal ali que poderia levar anos para ser resolvido.

Naquela manhã, ele decidira se empenhar no trabalho, como uma maneira de curar a ferida da morte de Silvia. Agora, era evidente que não teria trabalho, pelo menos por algum tempo. Desde que começara a reparar o telhado da igreja de St. Mark, em Kingsbridge, dez anos antes, tivera sempre pelo menos um projeto de construção em andamento. Sem isso, ficaria perdido. E o pensamento deixou-o em pânico.

Acordara para descobrir toda a sua vida em ruínas. O fato de que se tornara muito rico de repente só servia para aumentar ainda mais a sensação de pesadelo. Lolla era a única coisa de sua vida que lhe restava.

Nem sequer sabia para onde ir naquele momento. Voltaria para casa, mais cedo ou mais tarde. Mas não podia passar o dia inteiro brincando com a filha de três anos e conversando com Maria. Por isso, permaneceu onde

estava, sentado num disco de pedra esculpido que seria usado numa coluna, olhando para o lugar que seria a nave.

Enquanto o sol descia pela curva da tarde, Merthin começou a recordar sua doença. Tivera certeza de que morreria. Tão poucos sobreviviam que ele não tinha qualquer esperança de se descobrir entre os afortunados. Em seus momentos mais lúcidos, revisara sua vida, como se estivesse se aproximando do fim. Chegara a alguma conclusão da maior importância, ele sabia, mas desde que se recuperara não conseguia se lembrar qual era. Agora, na tranquilidade da igreja inacabada, ele recordou que cometera um único grande erro em sua vida. Qual teria sido? Brigara com Elfric, fizera sexo com Griselda, rejeitara Elizabeth Clerk... Todas essas decisões haviam causado problemas, mas nenhuma podia ser considerada como o erro de uma vida inteira.

Estendido na cama, suando, tossindo, atormentado pela sede, ele quase desejara morrer; mas não de todo. Alguma coisa o mantivera vivo... e agora lhe ocorreu o que fora.

Queria voltar a ver Caris.

Era essa a sua razão para viver. Em seu delírio, vira o rosto de Caris. Chorara de desespero ao pensar que poderia morrer ali, a milhares de quilômetros de Caris. O grande erro de sua vida fora deixá-la.

Ao recuperar finalmente a memória esquiva, ao compreender a verdade ofuscante da revelação, ele foi dominado por uma estranha espécie de felicidade.

Não fazia sentido, refletiu Merthin. Ela ingressara no convento. Recusara-se a vê-lo, a dar qualquer explicação. Mas a alma dele não era racional, e lhe dizia que deveria ficar no mesmo lugar em que Caris se encontrava.

Merthin se perguntou o que Caris estaria fazendo naquele instante, enquanto ele sentava numa igreja inacabada, numa cidade quase destruída pela peste. A última notícia que recebera de Kingsbridge era a de que ela fora ordenada pelo bispo. A decisão era irrevogável... ou pelo menos era o que as pessoas diziam. Mas Caris nunca aceitava o que os outros lhe diziam que eram as regras. Por outro lado, depois que tomava uma decisão, era quase impossível fazê-la mudar de idéia. Não podia haver a menor dúvida de que ela se empenhava em sua nova vida com uma dedicação total.

Não fazia diferença. Ele queria vê-la de novo. Não fazer isso seria o segundo maior erro de sua vida.

E agora ele estava livre. Todos os seus vínculos com Florença haviam sido interrompidos. Sua esposa morreria, assim como todos os parentes pelo casamento, exceto por três crianças. A única família que ele tinha ali era sua filha, Lolla, e poderia levá-la. Ela era tão pequena que nem perceberia que viajara.

Seria uma mudança radical, ele disse a si mesmo. Primeiro, teria de aprovar o testamento de Alessandro e tomar as providências necessárias para as crianças... Agostino Caroli o ajudaria nisso. Depois, teria de converter sua fortuna em ouro, e cuidar para que fosse transferido para a Inglaterra. A família Caroli também poderia cuidar disso, se sua rede internacional ainda estivesse intacta. E o mais assustador, teria de realizar a viagem de quase dois mil quilômetros desde Florença, atravessar a Europa, até chegar a Kingsbridge. E tudo isso sem ter a menor idéia de como Caris o receberia.

Era uma decisão que exigia, é claro, muito pensamento, ponderações cuidadosas.

Mas ele decidiu em poucos momentos.

Voltaria para sua terra.

Merthin deixou a Itália em companhia de uma dúzia de mercadores de Florença e Lucca. Pegaram um navio de Gênova para o antigo porto francês de Marselha. De lá, viajaram por terra para Avignon, a sede do papado durante os últimos quarenta anos ou mais, a corte mais suntuosa da Europa... e a cidade mais malcheirosa que Merthin já conhecera. Ali, receberam a companhia de um grupo grande de clérigos e peregrinos de volta ao norte.

Todos viajavam em grupo; quanto maior, melhor. Os mercadores levavam dinheiro e produtos caros, e contratavam homens de armas para defendê-los dos bandidos. Ficavam felizes em ter companhia: hábitos sacerdotais e emblemas de peregrinos podiam dissuadir os assaltantes. Até mesmo os viajantes comuns, como Merthin, podiam ajudar, pelo simples aumento dos números.

Merthin confiara a maior parte de sua fortuna à família Caroli, em Florença. Seus parentes na Inglaterra lhe dariam o dinheiro. Os Carolis sempre realizavam esse tipo de transação internacional. Merthin usara seus serviços nove anos antes, ao transferir uma fortuna menor de Kingsbridge para Florença. Mesmo assim, ele sabia que o sistema não era completamente infalível: as famílias podiam ir à falência, ainda mais quando se envolviam em empréstimos para homens que não mereciam qualquer confiança, como reis e príncipes. Era por isso que ele levava uma grande quantia em florins de ouro costurados na camisa de baixo.

Lolla gostou da viagem. Como única criança na caravana, era mimada por todos. Durante as longas cavalgadas, ela sentava na sela na frente de Merthin, que a envolvia com seus braços, enquanto as mãos seguravam as rédeas. Ele entoava cantigas infantis, contava histórias, e falava sobre as coisas que viam, como árvores, moinhos, pontes, igrejas. Era provável que ela não entendesse a metade do que o pai dizia, mas o som de sua voz deixava-a feliz.

Nunca antes Merthin passara tanto tempo com a filha. Ficavam juntos durante o dia inteiro, todos os dias, semana após semana. Ele torcia para que essa intimidade compensasse em parte a perda da mãe. O inverso também acontecia, com toda certeza: sem a filha, ele sentiria uma terrível solidão. Não falava mais com Lolla sobre a mãe, mas de vez em quando

ela o enlaçava pelo pescoço e apertava com força, em desespero, como se tivesse medo de que ele também partisse.

Ele só sentiu pesar quando parou na frente da grande catedral de Chartres, a cem quilômetros de Paris. Havia duas torres no lado oeste. A torre norte estava inacabada, mas a torre sul erguia-se por cento e sete metros de altura. Lembrou-lhe que outrora sonhara em projetar prédios assim. Era improvável que realizasse essa ambição em Kingsbridge.

Merthin passou duas semanas em Paris. A peste não chegara até ali, e foi um imenso alívio observar a vida normal de uma vasta cidade, pessoas comprando e vendendo, andando de um lado para outro, em vez de ruas vazias e cadáveres na frente das casas. Ele se sentiu animado, e só então percebeu como ficara abalado com o horror que deixara para trás, em Florença. Estudou as catedrais e os palácios de Paris, fazendo desenhos dos detalhes que o interessavam.

Tinha um pequeno livro de anotações, feito de papel, um novo material para se escrever, bastante popular na Itália.

Ao deixar Paris, ele acompanhou uma família nobre que voltava para Cherbourg. Ao ouvirem Lolla falar, as pessoas presumiam que Merthin era italiano. Ele não contestava, pois os ingleses eram muito odiados no norte da França. Com a família e seu séquito, Merthin atravessou a Normandia sem pressa, com Lolla na sela à sua frente e seu cavalo de carga puxado pela rédea. Estudou as igrejas e abadias que haviam sobrevivido à devastação da invasão do rei Edward, quase dois anos antes.

Poderia viajar mais depressa, mas disse a si mesmo que estava aproveitando ao máximo uma oportunidade que poderia não se repetir, a chance de conhecer uma ampla variedade de arquitetura. Mas nos momentos em que era franco consigo mesmo, tinha de admitir que sentia medo do que poderia descobrir ao chegar a Kingsbridge.

Estava voltando para Caris, mas não seria a mesma Caris que deixara há nove anos. Ela podia ter mudado, em termos físicos e mentais. Algumas freiras se tornavam muito gordas, a comida sendo seu único prazer na vida. Era mais provável, no entanto, que Caris tivesse assumido uma magreza etérea, passando fome no êxtase da abnegação. A esta altura, ela podia estar obcecada pela religião, rezando durante o dia inteiro, empenhada em se infligir flagelações por pecados imaginários. Ou podia ter morrido.

Esses eram seus pesadelos mais delirantes. No fundo do coração, porém, sabia que ela não se tornara gorda demais nem uma fanática religiosa. E se tivesse morrido, ele seria informado, da mesma forma como tomara conhecimento da morte de seu pai, Edmund. Encontraria a mesma Caris, pequena e impecável, a mente ágil, organizada, determinada. E como Caris se sentiria em relação a ele depois de nove anos? Pensava nele com indiferença, como uma parte de seu passado remota demais para se importar, da maneira como ele pensava, por exemplo, em Griselda? Ou ainda ansiava por ele, em algum lugar no fundo de sua alma? Merthin não tinha a menor idéia, e essa era a verdadeira causa de sua ansiedade.

Ele e Lolla navegaram para Portsmouth e viajaram com um grupo de mercadores. Deixaram o grupo em Mudeford Crossing, os mercadores seguindo para Shiring, enquanto Merthin e Lolla vadeavam o rio raso a cavalo e pegavam a estrada para Kingsbridge. Era uma pena, pensou Merthin, que não houvesse uma placa visível para indicar o caminho para Kingsbridge. Ele especulou quantos mercadores continuavam a viagem para Shiring apenas porque não sabiam que Kingsbridge ficava mais perto. Era um dia quente de verão. O sol brilhava quando se aproximaram de seu destino. A primeira coisa que ele avistou em Kingsbridge foi o topo da torre da catedral, visível acima das árvores. Pelo menos não desabara, pensou Merthin: os reparos de Elfric resistiam há onze anos. Era uma pena que a torre não pudesse ser vista de Mudeford Crossing... faria uma enorme diferença no número de pessoas que visitariam a cidade.

Ao chegarem mais perto, ele começou a sentir uma estranha mistura de excitação e medo que o deixou nauseado.

Por uns poucos momentos, teve receio de ser obrigado a desmontar para vomitar. Tentou se manter calmo. O que poderia acontecer? Mesmo que Caris se mostrasse indiferente, ele não morreria.

Viu diversos prédios novos no subúrbio de Newtown. A esplêndida casa que construíra para Dick Brewer não ficava mais na beira de Kingsbridge, pois a cidade a ultrapassara.

Ele esqueceu por um momento a apreensão ao ver sua ponte. Erguia-se numa curva graciosa da margem do rio e da pousar com toda a elegância na ilha no meio da correnteza. No outro lado da ilha, a ponte tornava a subir sobre o segundo canal. As pedras faiscavam ao sol. Pessoas e carroças atravessavam a ponte nas duas direções. A cena fez seu coração

inflar de orgulho. Era tudo o que ele esperava que seria: linda, útil e forte. Eu fiz essa ponte, pensou ele, e é uma coisa boa.

Mas ele sofreu um choque quando chegou mais perto. O trabalho de alvenaria no arco mais próximo estava avariado em torno da pilastra central. Dava para ver as rachaduras, tudo reparado com cintas de ferro de uma maneira inepta, a marca típica de Elfric. Ele ficou consternado. Manchas marrons de ferrugem escorriam dos pregos que fixavam as horrendas cintas na alvenaria. A cena levou-o de volta ao passado, onze anos atrás, aos reparos de Elfric na velha ponte de madeira. Todos podem cometer erros, pensou Merthin, mas as pessoas que não aprendem com seus erros tornam a cometê-los.

- Idiotas desgraçados! - exclamou ele, em voz alta.

- Idiotas desgraçados - repetiu Lolla, que começava a falar inglês.

Ele entrou na ponte. Ficou feliz ao verificar que o leito da estrada fora feito direito. Também se sentiu satisfeito com o parapeito, uma barreira vigorosa, com as lajes de cabecinha que lembravam as molduras na catedral.

A ilha do Leproso continuava infestada de coelhos. Merthin ainda mantinha o arrendamento da ilha. Em sua ausência, Mark Webber recebia os aluguéis dos ocupantes, e todos os anos pagava o arrendamento para o priorado. Tirava a comissão por seus serviços e mandava o saldo para Merthin em Veneza, através da família Caroli. Depois de todas as deduções, era uma quantia mínima, mas aumentava a cada ano.

A casa de Merthin na ilha tinha uma aparência de ocupada, as janelas abertas, o pátio varrido. Ele combinara que Jimmie moraria ali. O garoto devia ser um homem agora, pensou.

Na extremidade mais próxima do segundo vão da ponte havia um velho que Merthin não reconheceu, sentado ao sol, recebendo o pedágio. Merthin pagou-lhe um penny. O velho fitou-o atentamente, como se tentasse recordar onde já o vira antes, mas não disse nada.

A cidade era ao mesmo tempo familiar e estranha. Porque era quase a mesma, as mudanças impressionavam Merthin e pareciam milagrosas, como se tivessem ocorrido da noite para o dia: uma fileira de choupanas fora derrubada e substituída por boas casas; uma movimentada estalagem onde antes havia uma casa grande e sombria ocupada por uma viúva rica; um poço que secara e fora tapado; uma casa cinzenta pintada de branco.

Ele foi para a Bell Inn, na rua principal, ao lado dos portões do priorado. Permanecia inalterada: uma taverna em localização tão boa provavelmente duraria centenas de anos.

Deixou os cavalos e a bagagem com um cavaleiro e entrou, segurando a mão de Lolla.

A Bell era como as tavernas em toda parte: uma sala grande na frente, com toscas mesas e bancos, e uma área nos fundos, onde eram guardados os barris de cerveja e vinho e se preparava a comida. Porque era popular e lucrativa, a palha no chão era mudada com frequência, as paredes pintadas de branco. No inverno, um fogo imenso ardia na lareira. Agora, no calor do verão, todas as janelas estavam abertas, e uma suave brisa soprava pela sala da frente.

Depois de um momento, Bessie Bell veio da sala dos fundos. Nove anos antes, era uma jovem cheia de curvas; agora, era uma mulher voluptuosa. Fitou-o sem reconhecê-lo, mas Merthin percebeu que ela avaliou suas roupas e considerou-o um freguês próspero.

- Bom-dia, viajante. O que posso fazer para que você e sua criança fiquem confortáveis?

Merthin sorriu.

- Eu gostaria de ir para seu quarto particular, por favor, Bessie. Ela o reconheceu ao ouvi-lo.

- Por minha alma! - exclamou Bessie. - É Merthin Bridger!

Ele estendeu a mão para um aperto, mas Bessie se adiantou para envolvê-lo num abraço. Sempre sentira uma atração por Merthin. Ela soltou-o e estudou seu rosto.

- Deixou crescer a barba. Eu o teria reconhecido antes se não fosse por isso. É sua filha?

- O nome dela é Lolla.

- Mas que linda criança! A mãe deve ser muito bonita.

- Minha esposa morreu.

- O que é muito triste. Mas Lolla é bastante pequena para esquecer. Meu marido também morreu.

- Não sabia que tinha casado.

- Conheci-o depois que você foi embora. Richard Brown, de Gloucester. Perdi-o há um ano.

- Lamento muito.

- Meu pai foi para Canterbury numa peregrinação, e por isso estou cuidando sozinha da taverna.

- Sempre gostei de seu pai.

- E ele também gostava de você. Ele sempre se afeiçoou a homens com um pouco de espírito. Nunca teve muita simpatia pelo meu Richard.

- Ahn... - Merthin sentiu que a conversa se tornara muito íntima, depressa demais. - Tem notícias de meus pais?

- Eles não estão mais em Kingsbridge. Foram para a nova casa de seu irmão, em Tench.

Merthin soubera, através de Buonaventura, que Ralph se tornara lorde de Tench.

- Meu pai deve estar muito satisfeito.

- Orgulhoso como um pavão. - Ela sorriu, para depois assumir uma expressão preocupada. - Você deve estar faminto. Mandarei os garotos levarem sua bagagem para o quarto, e depois servirei potagem e uma caneca de cerveja.

Bessie virou-se para voltar à sala dos fundos.

- É muita gentileza sua, mas... Bessie parou na porta.

- Se quiser dar um pouco de sopa a Lolla, ficarei agradecido. Há uma coisa que tenho de fazer agora.

Bessie acenou com a cabeça.

- Claro. - Ela abaixou-se para falar com Lolla. - Quer vir com tia Bessie? Espero que possa comer um pedaço de pão. Gosta de pão fresco?

Merthin traduziu a pergunta para o italiano. Lolla balançou a cabeça, feliz. Bessie olhou para Merthin.

- Vai procurar a irmã Caris, não é?

Ele sentiu-se culpado, o que era um absurdo.

- Isso mesmo. Quer dizer que ela ainda está aqui?

- Claro. É agora a mestra dos hóspedes no convento. Não ficarei surpresa se ela se tornar a priora um dia.

Bessie pegou a mão de Lolla e levou-a para a sala dos fundos. Olhou para trás antes de desaparecer e disse:

- Boa sorte.

Merthin saiu. Bessie podia ser um pouco sufocante, mas sua afeição era sincera. O coração de Merthin se animou por ser recebido com tanto entusiasmo. Ele entrou no terreno do priorado. Parou para olhar a fachada

oeste da catedral. Tinha quase duzentos anos agora, e ainda continuava impressionante como sempre.

Ele notou um novo prédio de pedra ao norte da catedral, além do cemitério. Era um palácio de tamanho médio, com uma entrada imponente e um andar superior. Fora construído perto do lugar em que ficava a antiga casa de madeira do prior. Portanto, podia-se presumir que substituísse o prédio modesto como residência de Godwyn. Ele se perguntou de onde Godwyn teria tirado o dinheiro.

Merthin chegou mais perto. O palácio era imponente, mas ele não gostou do projeto. Nenhum dos níveis se relacionava de qualquer forma com a catedral que assomava por cima. Os detalhes eram descuidados. O alto da porta ostentosa bloqueava uma parte da janela superior. Pior ainda, o palácio fora construído num eixo diferente da catedral, e por isso se destacava num ângulo desfavorável.

Era uma obra de Elfric, com toda certeza.

Um gato gordo sentava na porta, ao sol. Era preto, com uma ponta branca no rabo. Lançou um olhar malévolo para Merthin.

Ele virou-se e foi andando devagar para o hospital. O pátio gramado da catedral estava deserto e silencioso: não havia mercado hoje. O excitação e a apreensão tornaram a deixar seu estômago embrulhado. Podia se encontrar com Caris a qualquer momento. Ele entrou no hospital. A sala comprida parecia mais clara e com um cheiro melhor do que recordava: tudo dava a impressão de ter sido lavado e esfregado. Havia umas poucas pessoas deitadas em colchões no chão, quase todas idosas. Diante do altar, uma jovem noviça dizia orações em voz alta.

Merthin esperou que ela acabasse. Sua ansiedade era tão grande que tinha certeza de que se sentia mais doente do que os pacientes nos colchões. Percorrer quase dois mil quilômetros para aquele momento. Teria sido uma viagem desperdiçada?

A noviça finalmente disse "Amém" pela última vez e virou-se. Merthin não a conhecia. Ela se aproximou e murmurou, polida:

- Que Deus o abençoe, estranho. Merthin respirou fundo.

- Eu gostaria de falar com irmã Caris.

As reuniões do capítulo das freiras ocorriam agora no refeitório. No passado, ela partilhavam com os monges a elegante casa octogonal do capítulo, no canto nordeste da catedral. Lamentavelmente, a desconfiança

entre monges e freiras era agora tão grande que as freiras não queriam correr o risco de que os monges ficassem atentos no outro lado da porta para tomarem conhecimento de suas deliberações. Por isso, elas se reuniam na sala grande e despojada em que faziam suas refeições.

As autoridades do convento sentavam por trás de uma mesa, com madre Cecilia no meio. Não havia vice-prioressa: Natalie morrera poucas semanas antes aos cinquenta e sete anos de idade, e Cecilia ainda não a substituíra. À direita de Cecilia sentava a tesoureira, Beth, e sua matricularia, Elizabeth. À esquerda de Cecilia, sentavam Margaret, a despenseira, responsável por todos os suprimentos, e sua subordinada Caris, a mestra dos hóspedes. Trinta freiras sentavam nas fileiras de bancos à frente.

Depois da oração e das leituras, madre Cecilia apresentou os comunicados.

- Recebemos uma carta do milorde bispo em resposta à queixa de que o prior Godwyn roubou nosso dinheiro.

Houve um murmúrio de expectativa das freiras. A resposta demorara a chegar. O rei Edward levava quase um ano para substituir o bispo Richard. O conde William pressionara por Jerome, o competente administrador de seu pai. No final, porém, Edward escolhera Henri de Mons, um parente de sua esposa di Hainault, no Norte da França. O bispo Henri viera à Inglaterra para a cerimônia depois viajara para Roma, a fim de ser confirmado pelo papa, voltara e se instalara em seu palácio em Shiring, antes de responder à carta formal de queixa de Cecilia. Ela acrescentou:

- O bispo recusa-se a tomar qualquer providência em relação ao roubo, alegando que os fatos ocorreram no tempo do bispo Richard, e que o passado é passado.

As freiras soltaram gritos de espanto. Haviam aceitado a demora com a maior paciência, confiantes de que no final teriam justiça. Aquela rejeição era chocante

Caris vira a carta antes. Não estava tão espantada quanto as outras freiras. Não era tão extraordinário assim que o novo bispo não quisesse iniciar o exercício de suas funções com uma briga com o prior de Kingsbridge.

A carta indicava que Henri seria um bispo pragmático, não um homem de princípios. Não era diferente, sob esse aspecto, da maioria dos homens que eram bem-sucedidos na política da Igreja.

Mas ela não se sentia menos desapontada por não ter se surpreendido. A decisão significava que tinha de abandonar, pelo menos no futuro

previsível, seu sonho de construir um novo hospital, onde as pessoas doentes poderiam ficar isoladas dos hóspedes saudáveis. Disse a si mesma que não devia lamentar: o priorado existia há centenas de anos sem esse luxo; portanto, podia esperar uma década ou mais. Por outro lado, irritava-a ver a rápida disseminação de problemas como a doença do vômito, que Maldwyn Cook trouxera para a Feira do Velocino, no ano antes do último. Ninguém compreendia direito como essas coisas eram transmitidas - ao se olhar para uma pessoa doente, pelo contato físico, ou apenas pela presença no mesmo lugar -, mas não podia haver a menor dúvida de que muitas doenças pulavam de uma vítima para a seguinte e que a proximidade era um fator. Mas ela teria de esquecer tudo isso por enquanto.

Um rumor de murmúrios ressentidos elevou-se das freiras nos bancos. A voz de Mair soou mais alta do que as outras.

- Os monges vão cantar de galo, exultantes.

Ela tinha razão, pensou Caris. Godwyn e Philemon haviam escapado impunes de um roubo escancarado. Sempre alegavam que não era roubo os monges usarem o dinheiro das freiras, pois era tudo pela glória de Deus, no final das contas, e agora considerariam que o bispo os justificara. Era uma derrota amarga, especialmente para Caris e Mair. Mas madre Cecília não tinha a menor disposição para perder tempo com lamentações.

- Não é culpa de nenhuma de nós, exceto talvez minha. Fomos confiantes demais.

Você confiou em Godwyn, mas eu não, pensou Caris, optando por permanecer calada. Ela esperou para ouvir o que Cecília diria em seguida. Sabia que a priora tencionava promover mudanças na direção do convento, mas ninguém sabia o que ela decidira.

- Contudo, devemos ser mais cuidadosas no futuro. Construiremos um tesouro nosso, a que os monges não terão acesso. Na verdade, espero que eles nem sequer saibam onde fica. Irmã Beth vai deixar o cargo de tesoureira, com nossos agradecimentos pelos longos e fiéis serviços. Irmã Elizabeth assumirá seu lugar. Tenho fé absoluta em Elizabeth.

Caris tentou controlar a expressão para que sua repulsa não ficasse evidente. Elizabeth testemunhara que Caris era uma bruxa. Acontecera há nove anos, e Cecília perdoara Elizabeth; mas Caris nunca a perdoaria. Mas essa não era a única razão para a antipatia de Caris. Elizabeth era amarga e com a mente distorcida, os ressentimentos pessoais interferindo em seu julgamento. Pessoas assim nunca podiam merecer confiança, na opinião de

Caris: eram sempre propensas a tomar decisões baseadas em seus preconceitos. Cecília continuou:

- Irmã Margaret pediu permissão para deixar suas funções, e irmã Caris assumira seu lugar, como a nova despenseira.

Caris ficou desapontada. Esperava se tornar vice-prioressa, a segunda depois de Cecília. Tentou sorrir, como se estivesse satisfeita, mas teve alguma dificuldade.

Era evidente que Cecilia não pretendia designar uma vice-prioressa. Teria duas subordinadas rivais, Caris e Elizabeth, e deixaria que as duas brigassem. Caris virou-se para Elizabeth, e percebeu um ódio mal reprimido em seus olhos. Cecilia acrescentou:

- Sob a supervisão de Caris, irmã Mair será a nova mestra dos hóspedes. Mair ficou radiante de prazer. Sentia-se contente por ter sido promovida e ainda mais feliz porque trabalharia sob a supervisão de Caris, que também gostou da decisão. Mair partilhava sua obsessão por higiene e a desconfiança pelos remédios que os monges receitavam, em particular a sangria.

Caris não conseguira o que queria, mas tentou parecer feliz, enquanto Cecilia anunciava diversas designações menores. Quando a reunião terminou, ela foi agradecer a Cecilia.

- Não imagine que foi uma decisão fácil - declarou a prioressa. - Elizabeth tem inteligência e determinação, e se mostra firme quando você é instável. Mas você é imaginativa, e consegue tirar o melhor das pessoas. Preciso das duas.

Caris não podia contestar a análise sua que Cecilia fizera. Ela realmente me conhece, pensou Caris, pesarosa; melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, agora que meu pai morreu e Merthin foi embora. Ela sentiu um ímpeto de afeição. Cecilia era como uma ave mãe, sempre em movimento, sempre ocupada, tomando conta de suas crias.

- Farei tudo o que puder para corresponder às suas expectativas - prometeu Caris.

Ela deixou o refeitório. Precisava dar uma olhada em Old Julie. Não importava o que dissesse às freiras mais jovens, o fato é que ninguém cuidava de Julie como ela. Era como se acreditassem que uma velha desamparada não precisasse ser mantida em conforto. Somente Caris cuidava para que Julie tivesse um cobertor quando fazia frio, recebesse alguma coisa para beber quando tinha sede, e fosse levada às latrinas

quando tinha necessidade. Caris decidiu levar uma bebida quente, uma infusão de ervas que parecia animar a velha freira. Ela foi para a farmácia e pôs no fogo uma pequena panela com água para ferver. Mair entrou e fechou a porta.

- Não é maravilhoso? Continuaremos a trabalhar juntas!

Ela enlaçou Caris e beijou-a nos lábios. Caris retribuiu o abraço, mas depois se desvencilhou.

- Não me beije assim.

- É porque eu amo você.

- Também amo você, mas não da mesma maneira.

Era verdade. Caris gostava muito de Mair. Haviam se tornado muito íntimas na França, quando arriscaram a vida juntas. Caris até se descobrira atraída pela beleza de Mair. Uma noite, numa taverna em Calais, quando as duas partilhavam um quarto com uma porta que podia ser trancada, Caris finalmente sucumbira aos avanços de Mair. Mair acariciara e beijara Caris nos lugares mais íntimos, e Caris fizera a mesma coisa com Mair. Depois, Mair dissera que fora o dia mais feliz de sua vida. Infelizmente, Caris não sentira a mesma coisa. A experiência fora agradável para ela, mas não emocionante, e ela não queria repeti-la.

- Está bem - disse Mair. - Desde que você me ame, mesmo que apenas um pouco, já me sinto feliz. Você nunca para, não é?

Caris despejou a água fervendo nas ervas.

- Quando você for tão velha quanto Julie, prometo que servirei uma infusão para mantê-la saudável.

Lágrimas afloraram aos olhos de Mair.

- É a coisa mais linda que alguém já me disse.

Caris não quisera que fosse uma jura de amor eterno.

- Não seja sentimental - murmurou ela, gentilmente. Ela coou a infusão num copo de madeira. - Vamos ver como Julie está.

Elas atravessaram o claustro e entraram no hospital. Um homem de barba ruiva estava parado perto do altar.

- Deus o abençoe, estranho - disse Caris.

Ele parecia familiar. Não respondeu à saudação, mas fitou-a com olhos castanhos dourados intensos. E, de repente, Caris reconheceu-o. Largou o copo.

- Oh, Deus! - gritou ela. - Você!

Os poucos momentos antes que ela o visse ali foram excepcionais, e Merthin compreendeu que os recordaria com carinho pelo resto de sua vida, independentemente de tudo o mais que pudesse acontecer. Contemplou ansioso o rosto que não via há nove anos. Recordou, com um choque que era como mergulhar no rio gelado num dia quente, como aquele rosto lhe fora querido. Caris quase não mudara: todos os seus receios haviam sido infundados. Nem mesmo parecia mais velha. Estaria com trinta anos agora, calculou ele, mas parecia tão esguia e empertigada quanto era aos vinte anos. Avançou em passos rápidos pelo hospital, com um ar de autoridade firme, carregando um copo de madeira com algum medicamento; até que o fitou, parou, e largou o copo. Ele sorriu, sentindo-se feliz.

- Você está aqui! - exclamou Caris. - Pensei que estivesse em Florença!

- Estou muito satisfeito por ter voltado.

Ela baixou os olhos para o líquido derramado no chão. A freira a seu lado disse:

- Não se preocupe com isso. Limparei tudo. Vá conversar com ele.

A segunda freira era bonita e tinha lágrimas nos olhos, notou Merthin; mas sentia-se excitado demais para dispensar muita atenção. Caris perguntou:

- Quando voltou?

- Cheguei há uma hora. Você parece bem.

- E você parece... um homem. Merthin riu.

- O que o levou a tomar a decisão de voltar?

- É uma longa história... mas eu adoraria lhe contar tudo.

- Vamos sair.

Caris tocou de leve em seu braço e os dois deixaram o hospital. As freiras não deveriam tocar nas pessoas, nem ter conversas particulares com homens, mas para Caris essas regras sempre haviam sido opcionais.

Merthin sentiu-se contente por ela não ter adquirido um respeito pela autoridade nos últimos nove anos. Ele apontou para o banco junto da horta.

- Sentei aqui com Madge e Mark Webber no dia em que você ingressou no convento. Madge me disse que você se recusava a falar comigo.

Ela acenou com a cabeça em confirmação.

- Foi o dia mais infeliz de minha vida... mas eu sabia que um encontro com você o tornaria ainda pior.

- Senti a mesma coisa, só que eu queria vê-la de qualquer maneira, por mais que isso me deixasse desesperado depois.

Ela fitou-o, os olhos verdes com manchas douradas tão francos quanto sempre.

- Isso parece um pouco com uma repreensão.

- Talvez seja mesmo. Fiquei furioso com você. Não importava o que decidira fazer, achei que me devia uma explicação.

Merthin não desejava levar a conversa por esse rumo, mas descobriu que não podia evitar. Ela não se desculpou.

- É muito simples. Eu mal suportava deixá-lo. Se fosse obrigada a conversar com você, acho que teria me matado.

Ele ficou atordoado. Durante nove anos pensara que Caris fora egoísta naquele dia da separação. Agora, parecia que o egoísta fora ele, ao fazer a reivindicação. Caris sempre tivera essa capacidade de fazê-lo revisar suas atitudes, recordou ele. Era um processo aflitivo, mas muitas vezes ela tinha razão.

Não sentaram no banco. Em vez disso, foram andando pelo pátio gramado da catedral. O céu ficara nublado, e o sol desaparecera.

- Há uma peste terrível na Itália - disse Merthin. - É chamada de la noria grande.

- Já ouvi falar. Não alcançou também o Sul da França? Parece uma coisa horrorosa.

- Peguei a doença, mas me recuperei, o que quase nunca acontece. Mas Silvia, minha mulher, morreu.

Caris ficou chocada.

- Sinto muito. Você deve estar desesperado.

- Toda a família também morreu. O mesmo aconteceu com todos os meus clientes. Achei que era um bom momento de voltar para casa. E você?

- Acabo de ser promovida a despenseira - informou Caris, com um orgulho evidente.

Para Merthin, isso parecia trivial, ainda mais depois da mortandade que testemunhara. Mas essas coisas eram importantes na vida no convento. Ele olhou para a catedral.

- Florença tem uma catedral magnífica, com muitos padrões de pedras coloridas. Mas prefiro esta, com as formas esculpidas, tudo na mesma tonalidade.

Enquanto ele estudava a torre, pedra cinzenta contra céu cinzento, começou a chover.

Entraram na catedral em busca de abrigo. Havia uma dúzia ou mais de pessoas espalhadas pela nave: visitantes admirando a arquitetura, devotos locais rezando, dois noviços varrendo o chão.

- Lembro de acariciá-la atrás daquela coluna - murmurou Merthin, sorrindo.

- Também me lembro - disse Caris, mas sem fitá-lo.

- Ainda sinto por você a mesma coisa que sentia naquele dia. E é esse o verdadeiro motivo da minha volta.

Caris virou-se e fitou-o, com raiva nos olhos.

- Mas você casou.

- E você se tornou uma freira.

- Mas como pôde casar com ela... Silvia... se me amava?

- Pensei que poderia me esquecer de você. Mas jamais consegui. E depois, quando pensei que ia morrer, compreendi que nunca poderia esquecê-la.

A raiva de Caris desapareceu tão depressa quanto surgiu. Lágrimas afloraram a seus olhos.

- Sei disso - murmurou ela, desviando os olhos.

- Você sente a mesma coisa.

- Nunca mudei.

- Mas tentou? Caris fitou-o nos olhos.

- Há uma freira...

- Aquela bonita que estava com você no hospital?

- Como adivinhou?

- Ela chorou quando me viu. Especulei por quê.

Caris parecia culpada. Merthin concluiu que ela se sentia como ele quando Silvia dizia "Você está pensando em sua jovem inglesa".

- Gosto muito de Mair. E ela me ama. Mas...

- Mas você não me esqueceu.

- Não, não esqueci. Merthin sentiu-se triunfante, mas fez um esforço para não deixar transparecer.

- Neste caso, você deve renunciar a seus votos, deixar o convento, e casar comigo.

- Deixar o convento?

- Precisaré primeiro obter o perdéio pela condenação por bruxaria, sei disso. Mas tenho certeza de que é possível... vamos subornar o bispo e o arcebispo, até mesmo o papa, se for necessário. Tenho condições...

Caris não tinha certeza se seria tão fácil quanto ele imaginava. Mas não era o seu problema principal.

- Não posso dizer que não me sinto tentada. Mas prometi a Cecilia que justificaria sua fé em mim... tenho de ajudar Mair a assumir as funções de mestra dos hóspedes... precisamos construir um novo tesouro... e sou a única que cuida direito de Old Julie...

Merthin estava aturdido.

- Tudo isso é tão importante?

- Claro que é! - respondeu ela, irritada.

- Pensei que o convento era apenas um lugar para velhas fazerem orações.

- E curar os doentes, alimentar os pobres, administrar milhares de acres de terras. É pelo menos tão importante quanto construir pontes e igrejas.

Merthin não previra isso. Sempre fora céptico em relação à observância religiosa. Caris fora para o convento sob pressão, quando era a única maneira de salvar a própria vida. Mas agora parecia que ela passara a amar sua punição.

- Você é como uma prisioneira que reluta em deixar a masmorra mesmo quando a porta está escancarada - comentou ele.

- A porta não está escancarada. Eu teria de renunciar a meus votos. Madre Cecilia...

- Teremos de resolver todos esses problemas. E podemos começar agora mesmo.

Caris estava angustiada.

- Não tenho certeza...

Ela parecia dividida. O que o deixou espantado.

- É mesmo você? - indagou Merthin, incrédulo. - Odiava a hipocrisia e a falsidade que via no priorado. Preguiçosos, gananciosos, desonestos, tirânicos... i

- Isso ainda é verdade quanto a Godwyn e Philemon.

- Então saia.

- Para fazer o quê?

- Casar comigo, é claro.

- Isso é tudo?

Mais uma vez, ele ficou aturdido.

- É tudo o que eu quero.

- Não é, não. Você também quer projetar palácios e castelos. Quer construir o prédio mais alto da Inglaterra...

- Se você precisa de alguém para cuidar...

- Como?

- Tenho uma filha pequena. Seu nome é Lolla. Ela tem três anos. Caris se controlou. Solto um suspiro.

- Sou uma das autoridades num convento de trinta e cinco freiras, dez noviças e vinte e cinco empregados, com uma escola, um hospital e uma farmácia... e você me pede para largar tudo isso e cuidar de uma criança que não conheço.

Merthin desistiu de argumentar.

- Tudo o que sei é que a amo e quero ficar junto de você. Ela riu, sem qualquer humor.

- Se você dissesse isso e nada mais, poderia ter me convencido.

- Estou confuso, Caris. Está me recusando ou não? -Não sei...

Merthin permaneceu acordado durante grande parte da noite. Acostumara-se a dormir em tavernas e os sons de Lolla no sono serviam para embalá-lo; naquela noite, porém, não conseguia parar de pensar em Caris.

Sentia-se chocado com a reação dela à sua volta. Compreendia agora que nunca pensara de uma forma lógica sobre o que Caris sentiria quando o visse de novo. entregara-se a pesadelos irrealistas sobre como ela poderia ter mudado, e no fundo de seu coração acalentara a esperança de uma alegre reconciliação. Claro que ela não o esquecera; mas podia ter imaginado que Caris não passaria nove anos lamentando por sua ausência, pois não era desse tipo.

Mesmo assim, nunca pensara que ela poderia se sentir tão empenhada em seu trabalho como freira. Caris sempre fora mais ou menos hostil à Igreja. Considerando como era perigoso criticar a religião de qualquer forma, ela bem que poderia ter escondido a verdadeira profundidade de seu ceticismo até mesmo dele. Por isso, era um terrível choque descobri-la relutante em deixar o convento. Merthin previra o medo dela da sentença de morte decretada pelo bispo Richard, ou a ansiedade sobre a permissão para renunciar a seus votos, mas não desconfiara que ela poderia ter encontrado uma vida tão satisfatória no convento a ponto de agora hesitar em sair para se tornar sua esposa.

Sentia-se irritado com Caris. Gostaria de ter dito: "Viajei quase dois mil quilômetros para pedir que se case comigo... como pode dizer que não tem certeza?" Pensou em uma porção de comentários mordazes que poderia ter feito. Talvez tivesse sido melhor que não lhe ocorressem na ocasião. A conversa terminara com Caris lhe pedindo tempo para superar o choque de seu súbito retorno e pensar no que queria fazer. Ele consentira - não tinha alternativa -, mas isso deixara-o suspenso em agonia, como um homem crucificado.

Ao final, ele caiu num sono irrequieto.

Lolla acordou-o cedo, como sempre. Desceram para comer um mingau. Merthin reprimiu o impulso de seguir direto para o hospital e falar de novo com Caris. Ela pedira tempo, e não o ajudaria se começasse a assediá-la. Ocorreu-lhe que poderia haver mais choques à sua espera, e que

era melhor tentar descobrir tudo o que acontecera em Kingsbridge. Por isso, depois da primeira refeição, ele saiu à procura de Mark Webber.

A família Webber vivia na rua principal, numa casa grande comprada logo depois que Caris a pusera para trabalhar na fabricação de tecido. Merthin ainda podia se lembrar do tempo em que o casal e os quatro filhos viviam num único cômodo, que não era muito maior do que o tear em que Mark trabalhava. A nova casa tinha um andar térreo de pedra, usado como depósito e oficina. Os aposentos eram no andar superior, de madeira. Ele encontrou Madge na oficina, verificando o tecido escarlata que acabara de chegar numa carroça de um de seus teares fora da cidade. Ela tinha quase quarenta anos agora, com fios brancos nos cabelos escuros. Era baixa e engordara bastante, com um busto proeminente e um vasto traseiro. Fazia Merthin pensar num pombo, mas agressivo, por causa do queixo saliente e comportamento assertivo.

Com ela estavam dois jovens, uma linda moça em torno dos dezessete anos e um rapaz robusto, dois ou três anos mais velho. Merthin se lembrava das duas crianças mais velhas - Dora, uma garota magricela, num vestido esfarrapado, e John, um menino tímido - e compreendeu que eram os mesmos, só que crescidos.

Agora, John levantava os rolos de tecido sem o menor esforço, enquanto Dora os contava, fazendo entalhes numa pequena vara. Aquilo fez com que Merthin se sentisse velho. Estou apenas com trinta e dois anos, pensou ele; mas parecia um velho quando olhava para John.

Madge soltou um grito de surpresa e prazer quando o viu. Abraçou-o e beijou as faces barbudas, e fez a maior festa para Lolla.

- Pensei em trazê-la para brincar com suas crianças - disse Merthin, pesaroso. - Mas é claro que as crianças estão agora velhas demais para isso.

- Dennis e Noah estão na escola do priorado - disse Madge. - Eles têm treze e onze anos. Mas Dora pode ficar com Lolla... ela adora crianças.

A jovem pegou Lolla no colo.

- A gata na casa ao lado teve filhotes. Quer vê-los?

Lolla respondeu com um fluxo de italiano, que Dora tomou como assentimento. As duas saíram. Madge deixou John cuidando da descarga da carroça e subiu com Merthin.

- Mark foi a Melcombe. Devemos exportar uma parte do nosso tecido para a Bretanha e Gasconha. Ele deve voltar ainda hoje, ou o mais tardar amanhã.

Merthin sentou na sala e aceitou um copo de cerveja.

- Kingsbridge parece estar prosperando - comentou ele.

- O comércio de lã crua declinou, por causa dos impostos para a guerra. Tudo tem de ser vendido através de um punhado de grandes mercadores, para que o rei possa cobrar sua parte. Ainda há uns poucos grandes vendedores aqui em Kingsbridge... Petranilla cuida dos negócios que Edmund deixou... mas já não é mais como antigamente. Por sorte, o comércio de tecido cresceu para substituir o de lã crua, pelo menos nesta cidade.

- Godwyn ainda é o prior?

- Ainda, infelizmente.

- E ainda cria dificuldades?

- Ele é muito conservador. Protesta contra qualquer mudança e veta todo progresso. Por exemplo, Mark propôs abrir o mercado também no sábado, além do domingo, como uma experiência.

- Que possível objeção Godwyn pode ter a isso?

- Ele alegou que permitiria que as pessoas viessem ao mercado sem irem à igreja, o que seria uma coisa ruim.

- Algumas pessoas poderiam ir à igreja no sábado também.

- O copo de Godwyn está sempre meio vazio, nunca meio cheio.

- Mas a guilda da paróquia não se opõe a ele?

- Não com frequência. Elfric é o regedor agora. Ele e Alice ficaram com quase tudo que Edmund deixou.

- O regedor não precisa ser o homem mais rico da cidade.

- Mas geralmente é. Lembre-se que Elfric emprega muitos artesãos... carpinteiros, pedreiros, os que preparam argamassa, constroem andaimes... e compra de todo mundo que negocia com materiais de construção. A cidade tem muitas pessoas que se sentem mais ou menos na obrigação de apoiá-lo.

- E Elfric sempre foi ligado a Godwyn.

- Exatamente. Ele cuida de todo o trabalho de construção do priorado... o que significa todo projeto público.

- E ele é um construtor tão medíocre!

- Estranho, não é mesmo? - murmurou Madge, pensativa. - Era de se pensar que Godwyn quisesse o melhor homem para o trabalho. Mas não é o que acontece. Para ele, é tudo uma questão de quem será dócil, quem obedecerá a seus desejos sem questionar.

Merthin sentiu-se um pouco deprimido. Nada mudara: seus inimigos ainda se mantinham no poder. Talvez fosse difícil para ele retomar sua antiga vida.

- Essas não são boas notícias para mim. - Ele levantou-se. - É melhor eu dar uma olhada em minha ilha.

- Tenho certeza de que Mark vai procurá-lo assim que voltar de Melcombe. Merthin foi buscar Lolla na casa ao lado, mas ela se divertia tanto que ele decidiu deixá-la com Dora. Atravessou a cidade até a beira do rio. Deu outra olhada nas rachaduras em sua ponte, mas não precisou estudá-las por muito tempo: a causa era óbvia. Depois, deu uma volta pela ilha do Leproso. Pouco mudara: havia alguns cais e armazéns de pedra, no lado oeste, e apenas uma casa, a que emprestara para Jimmie, no lado leste, ao lado da estrada que levava de um vão a outro da ponte.

Ele tinha planos ambiciosos para desenvolver a ilha quando tomara posse. Nada fora feito, é claro, durante seu exílio. Agora, pensou Merthin, poderia fazer alguma coisa. Ele andou de um lado para outro, calculando medidas aproximadas, visualizando prédios e até mesmo ruas, até chegar a hora da refeição do meio-dia.

Foi buscar Lolla e voltou à Bell. Bessie serviu um ensopado de porco saboroso, engrossado com cevada. A taverna estava com pouco movimento, e Bessie sentou à mesa para comer com eles, trazendo um jarro do seu melhor vinho tinto. Depois de comerem, Bessie serviu-lhe outro copo de vinho. Merthin falou de seus planos.

- A estrada através da ilha, de uma ponte a outra, é um lugar ideal para construir lojas - comentou ele.

- E tavernas - acrescentou Bessie. - A Bell e a Holly Bush são as estalagens de maior movimento na cidade apenas porque estão mais perto da cidade. Qualquer lugar por onde as pessoas sempre passam é muito bom para uma taverna.

- Se eu construísse uma taverna na ilha do Leproso, você poderia administrá-la. Ela fitou-o nos olhos.

- Poderíamos administrar juntos.

Merthin sorriu. Sentia-se satisfeito com sua boa comida e vinho, e tinha certeza de que qualquer homem ficaria feliz em ir para sua cama e desfrutar aquele corpo macio e cheio de curvas; mas não podia acontecer com ele.

- Eu gostava muito de Silvia, minha esposa. Mas continuei a pensar em Caris durante todo o casamento. E Silvia sabia disso.

Bessie desviou os olhos.

- É muito triste.

- Tem toda razão. E nunca mais farei a mesma coisa com outra mulher. Não pretendo me casar de novo, a menos que seja com Caris. Não sou um bom homem, mas também não sou tão mau assim.

- Caris talvez case com você.

- Sei disso.

Bessie levantou-se e pegou as tigelas.

- Você é um bom homem... bom demais.

Merthin pôs Lolla na cama para tirar um cochilo. Sentou num banco na frente da taverna. Olhava para a ilha do Leproso e desenhava numa lousa, ao sol de setembro. Não conseguiu fazer muita coisa, pois várias pessoas pararam e lhe deram as boas-vindas de volta; perguntaram o que fizera durante os últimos nove anos.

Ao final da tarde, ele avistou a figura maciça de Mark Webber subir pela encosta, dirigindo uma carroça com um barril. Mark sempre fora um gigante, mas agora, Merthin notou, tornara-se um gigante gordo.

Merthin apertou sua mão enorme.

- Estive em Melcombe - informou Mark. - Vou até lá a intervalos de poucas semanas.

- O que tem no barril?

- Vinho de Bordeaux, direto do navio... que também trouxe notícias. Sabia que a princesa Joan estava a caminho da Espanha?

- Sabia.

Todas as pessoas bem informadas da Europa sabiam que a filha de quinze anos do rei Edward casaria com o príncipe Pedro, herdeiro do trono de Castela. O casamento forjaria uma aliança entre a Inglaterra e o maior dos reinos ibéricos. Assim, Edward poderia se concentrar em sua interminável guerra contra a França, sem se preocupar com qualquer interferência do sul.

- Mas Joan morreu da peste em Bordeaux.

Merthin ficou duplamente chocado: em parte porque a posição de Edward na França se tornara subitamente precária, mas também por saber que a peste já se espalhara tão longe.

- Eles estão com a peste em Bordeaux?

- Há corpos empilhados nas ruas, pelo que disseram os marujos franceses. Merthin sentiu-se nervoso. Pensara que deixara da moria grande para trás. Mas não poderia chegar na Inglaterra, não é mesmo? Não tinha medo por si mesmo: ninguém jamais pegava a doença duas vezes, e por isso ele estava seguro. Lolla, por sua vez, era uma das pessoas que por alguma razão não eram afetadas pela peste. Mas ele tinha medo por todos os outros... especialmente por Caris. Mas Mark estava preocupado com outras coisas.

- Você voltou no momento certo. Alguns dos mercadores mais jovens estão cansados de aturar Elfric, o regedor. Na maioria das vezes ele é apenas um lacaios de Godwyn. Planejo desafiá-lo. E você pode ser influente. Há uma reunião da guilda da paróquia esta noite... compareça e será admitido imediatamente.

- Não faz diferença que eu nunca tenha concluído o período de aprendizado?

- Depois de tudo o que construiu, aqui e no exterior? Claro que não.

- Está bem.

Merthin precisava ser um membro da guilda se queria desenvolver a ilha. As pessoas sempre encontravam razões para protestar contra novas construções, e ele podia ter de apoiar a si mesmo.

Mas não se sentia tão confiante de sua aceitação quanto Mark.

Mark levou o barril para casa e Merthin entrou para dar o jantar a Lolla. Ao pôr-do-sol, Mark voltou à Bell, e Merthin seguiu com ele pela rua principal, enquanto a tarde quente se transformava numa noite fria.

A casa da guilda parecia um prédio espetacular para Merthin anos antes, quando entrara ali para apresentar seu projeto da ponte à guilda da paróquia. Agora, no entanto, parecia um prédio feio e acanhado, depois que conhecera os imponentes prédios públicos da Itália. Perguntou-se o que homens como Buonaventura Caroli e Loro Fiorentino deviam pensar de sua tosca cripta de pedra, onde ficavam a cozinha e a prisão, e do salão principal, com uma fileira de colunas irregulares sustentando o telhado.

Mark apresentou-o a alguns homens que haviam chegado a Kingsbridge ou adquirido proeminência durante a ausência de Merthin. Mas a maioria dos rostos era familiar, embora mais velhos. Merthin cumprimentou os poucos que ainda não havia encontrado durante os dois últimos dias. Um deles era Elfric, usando um casaco de brocado ostentoso, com fios de prata. Não demonstrou surpresa - era evidente que alguém já lhe dissera que Merthin voltara -, mas fitou-o com uma expressão irritada, uma indisfarçável hostilidade.

Também estavam presentes o prior Godwyn e o vice-prior, irmão Philemon. Godwyn, aos quarenta e dois anos, parecia cada vez mais com o tio Anthony, observou Merthin, com os sulcos de descontentamento e ressentimento descendo pelos lados da boca. Assumira uma farsa de afabilidade, que poderia enganar alguém que não o conhecesse. Philemon também mudara. Não era mais magro e desajeitado. Tornara-se corpulento, como um próspero mercador, e exibia um ar arrogante de segurança... embora Merthin imaginasse que ainda podia perceber, por trás da fachada, a ansiedade e o ódio de si mesmo do canalha bajulador. Philemon apertou a mão dele como se estivesse segurando uma cobra. Era deprimente compreender que os ódios antigos persistiam por tanto tempo.

Um rapaz bonito e de cabelos escuros fez o sinal-da-cruz quando viu Merthin, para depois revelar que era seu antigo protegido, Jimmie, agora conhecido como Jeremiah Builder. Merthin ficou satisfeito ao descobrir que Jimmie se saía tão bem que agora pertencia à guilda da paróquia. Mas parecia que ele ainda era tão supersticioso quanto antes.

Mark deu a notícia sobre a princesa Joan para todas as pessoas com quem falou. Merthin respondeu a umas poucas perguntas ansiosas sobre a peste, mas os mercadores de Kingsbridge estavam mais preocupados com a possibilidade de que o colapso da aliança com Castela pudesse prolongar a guerra francesa, o que seria péssimo para os negócios.

Elfric sentou na cadeira grande na frente da enorme balança para pesar sacos de lã e abriu a reunião. Mark propôs no mesmo instante que Merthin fosse admitido como membro. Elfric protestou, o que não chegava a ser uma surpresa.

- Ele nunca foi um membro da guilda porque nunca concluiu seu aprendizado.
- Não concluiu porque não quis casar com sua filha - disse um dos homens.

Todos riram. Merthin levou um momento para identificar quem falara: Bill Watkin, o construtor de casas, os cabelos pretos em torno do domo careca agora se tornando grisalhos.

- Porque ele não é um artesão com o padrão exigido - insistiu Elfric, obstinado.

- Como pode dizer isso? - protestou Mark. - Ele tem construído casas, igrejas, palácios...

- E a nossa ponte, que está rachando depois de apenas oito anos.

- Foi você quem a construiu, Elfric.

- Segui exatamente o projeto de Merthin. É evidente que as arcadas não são bastante fortes para suportarem o peso do leito da estrada e do tráfego em cima. As cintas de ferro que eu instalei não foram suficientes para evitar que as rachaduras se alargassem. Por isso, proponho reforçar as arcadas, nos dois lados da pilastra central, com uma segunda fileira de alvenaria, dobrando sua espessura. Pensei que o assunto poderia ser discutido esta noite, e por isso preparei estimativas de custo.

Elfric devia ter planejado aquele ataque no momento em que descobrira que Merthin estava na cidade. Sempre vira Merthin como um inimigo: nada mudara nesse ponto. Mas ele não fora capaz de compreender o problema com a ponte, o que oferecia uma oportunidade a Merthin. Ele falou para Jeremiah em voz baixa:

- Poderia me fazer um favor?

- Depois de tudo o que fez por mim? Qualquer coisa!

- Corra até o priorado e peça para falar com irmã Caris com urgência. Diga a ela para procurar o desenho original que fiz para a ponte. Deve estar na biblioteca do priorado. Traga para cá o mais depressa possível.

Jeremiah saiu, enquanto Elfric continuava a falar:

- Devo lhes dizer, homens da guilda, que já conversei a respeito com o prior Godwyn, que me disse que o priorado não tem condições de pagar esse reparo. Teremos de financiá-lo, como financiamos o custo original da construção da ponte, nosso pagamento efetuado através dos pennies do pedágio.

Todos resmungaram. Seguiu-se uma longa e irritada discussão sobre quanto dinheiro caberia a cada membro da guilda. Merthin podia sentir que aumentava a hostilidade contra ele. Fora essa, sem qualquer dúvida, a

intenção de Elfric. Merthin olhava para a porta a todo instante, torcendo para que Jeremiah voltasse logo. Bill Watkin disse:

- Talvez Merthin deva pagar os reparos, se a culpa é de seu projeto. Merthin não podia protelar a discussão por mais tempo. Resolveu abandonar a cautela.

- Eu concordo.

Houve um silêncio surpreso.

- Se meu projeto causou as rachaduras, farei os reparos na ponte à minha própria custa.

Era uma proposta temerária. As pontes eram custosas: se ele estivesse enganado sobre o problema, poderia lhe custar a metade de sua fortuna.

- Uma honesta decisão - disse Bill.

- Mas tenho uma coisa a dizer primeiro, se os homens da guilda me permitirem.

Merthin olhou para Elfric, que hesitou, obviamente pensando numa maneira de recusar. Mas Bill declarou

- Deixe-o falar.

Houve um coro em concordância. Elfric acenou com a cabeça, ainda relutante.

- Obrigado - disse Merthin. - Quando uma arcada é fraca, racha num padrão característico. As pedras por cima da arcada são pressionadas para baixo, de tal maneira que as beiras inferiores se separam, e aparece uma rachadura no intradorso . a parte de baixo da arcada.

- Isso é verdade - comentou Bill Watkin. - Já vi esse tipo de rachadura muitas vezes. Geralmente não é fatal.

Merthin continuou

- Esse não é o tipo de rachadura que estamos vendo na ponte. Ao contrário do que Elfric disse, as arcadas são bastante fortes: a espessura da arcada é de um vigésimo de seu diâmetro na base, que é a proporção padrão, em todos os países.

Os construtores na sala acenaram com a cabeça; todos conheciam essa proporção.

A coroa está intacta. Mas há rachaduras horizontais no ponto de nascença de cada arcada, nos dois lados da pilastra central.

- Às vezes se vê isso nas abóbadas quadripartidas - comentou Bill Watkin.

- O que não é o caso da ponte - ressaltou Merthin. - As abóbadas são simples.

- Então o que está causando as rachaduras?
- Elfric não seguiu meu projeto original.
- Segui, sim!
- Especifiquei uma pilha grande de pedras soltas nas extremidades das pilastras.
- Uma pilha de pedras? - repetiu Elfric, sarcástico. - E você diz que era isso que mantinha sua ponte de pé?
- Exatamente.

Merthin percebeu que até os outros construtores partilhavam o ceticismo de Elfric. Mas nada sabiam sobre pontes, que eram diferentes de qualquer outro tipo de construção, porque ficavam na água.

- As pilhas de pedras eram uma parte essencial do projeto - acrescentou ele.
- Não apareciam nos desenhos.
- Gostaria de nos mostrar meus desenhos, Elfric, para provar seu argumento?

- Os desenhos no chão há muito desapareceram.
- Fiz um desenho em pergaminho. Deve estar na biblioteca do priorado. Elfric olhou para Godwyn. Naquele momento, a cumplicidade entre os dois foi clamorosa. Merthin torceu para que o resto da guilda também percebesse. Godwyn disse.

- Os pergaminhos são caros. O desenho foi raspado e o pergaminho, usado em outra coisa há muito tempo.

Merthin acenou com a cabeça, como se acreditasse em Godwyn. Ainda não havia sinal de Jeremiah. Merthin podia ter de ganhar a discussão sem a ajuda do desenho original.

- As pedras teriam evitado o problema que está agora causando as rachaduras - disse ele.

Philemon interveio:

- Insiste em dizer isso, não é? Mas por que devemos acreditar em você? E apenas a sua palavra contra a de Elfric.

Merthin compreendeu que teria de se expor. Era tudo ou nada, pensou.

- Explicarei qual é o problema, e provarei para todos, à luz do dia, se quiserem se encontrar comigo amanhã à beira do rio, ao amanhecer.

A expressão de Elfric indicava que ele queria recusar o desafio, mas Bill Watkin declarou:

- Nada mais justo. Estaremos lá.

- Bill, pode providenciar dois rapazes sensatos, que sejam bons nadadores e mergulhadores?

- Claro.

Elfric perdera o controle da reunião. Godwyn decidiu interferir, mostrando que era o homem que controlava o fantoche.

- Que tipo de escárnio está planejando? - indagou ele, furioso. Mas era tarde demais. Todos estavam curiosos agora.

- Vamos deixá-lo fazer o que propõe - disse Bill. Se é mesmo um escárnio, saberemos amanhã.

Foi nesse instante que Jeremiah voltou. Merthin ficou satisfeito ao observar que ele trazia uma armação de madeira com um pergaminho esticado. Elfric olhou para Jeremiah, aturdido. Godwyn empalideceu e perguntou:

- Quem lhe deu isso?

- Uma pergunta reveladora - comentou Merthin. - O lorde prior não pergunta o que o desenho mostra, nem de onde vem... parece já saber disso. Apenas indaga quem o entregou.

- Isso não importa - declarou Bill. - Mostre-nos o desenho, Jeremiah. Jeremiah foi se postar na frente da balança. Virou a armação, para que todos pudessem ver o desenho. E ali, nas extremidades das pilastras, estavam as pilhas de pedras a que Merthin se referira.

- Amanhã de manhã explicarei para que servem essas pedras - disse Merthin, levantando-se.

O verão se transformava em outono, e fazia frio na margem do rio ao amanhecer. Espalhara-se a notícia de que alguma coisa muito importante aconteceria ali. Além dos membros da guilda da paróquia, havia duzentas ou trezentas pessoas esperando para ver o desenlace do confronto entre Merthin e Elfric. Até mesmo Caris comparecera. Não era mais uma simples discussão sobre um problema de engenharia, compreendeu Merthin. Ele era o novilho desafiando a autoridade do velho touro, e o rebanho percebia isso.

Bill Watkin apresentou dois garotos de doze ou treze anos, só com o calção de baixo, ambos tremendo de frio. Eram Dennis e Noah, os filhos mais novos de Mark Webber.

Dennis, de treze anos, era baixo e atarracado, como a mãe. Tinha cabelos ruivos castanhos, da cor das folhas no outono. Noah, dois anos a menos,

era mais alto, e provavelmente cresceria para ser tão grande quanto Mark. Merthin identificou-se com o ruivo mais baixo. Especulou se Dennis sentia-se embaraçado, como acontecia com ele naquela idade, por ter um irmão mais jovem que era maior e mais forte.

Merthin pensou que Elfric trataria de protestar pelo fato de os mergulhadores serem filhos de Mark, sob a alegação de que poderiam ter sido instruídos antes pelo pai sobre o que dizer. Mas Elfric não disse nada. Mark era de uma honestidade tão evidente que ninguém poderia desconfiar que ele fosse capaz de cometer essa farsa. Talvez Elfric compreendesse isso... ou, o mais provável, Godwyn compreendesse. Merthin explicou aos garotos o que deveriam fazer:

- Nadem até a pilastra central e mergulhem quando chegarem ali. Descobrirão que a pilastra é lisa por uma longa extensão. Depois, verão a fundação, uma grande massa de pedras mantidas juntas com argamassa. Quando alcançarem o leito do rio, tateiem por baixo da fundação. Provavelmente não poderão ver qualquer coisa... a água estará lamacenta demais. Mas prendam a respiração por tanto tempo quanto puderem e verifiquem com todo cuidado em torno da base. Depois, voltem à superfície e nos contem tudo que encontrarem.

Os dois entraram na água e começaram a nadar. Merthin dirigiu-se às pessoas ao redor:

- O leito deste rio não é rochoso, mas lamacento. A correnteza turbilhona em torno das colunas de uma ponte e remove o lodo por baixo, deixando uma depressão que fica cheia apenas de água. Foi o que aconteceu com a velha ponte de madeira. As pilastras de carvalho não estavam mais fincadas no leito do rio, mas suspensas da superestrutura. Foi por isso que a ponte desabou. Para evitar que a mesma coisa acontecesse com a ponte nova, especifiquei pilhas de pedras grandes em torno da base das pilastras. Essas pedras seriam um obstáculo para a correnteza, tornando sua ação fraca e accidental. Mas as pilhas de pedras não foram instaladas, e por isso as pilastras foram solapadas. Não estão mais sustentando a ponte, mas penduradas... e é por isso que as rachaduras aparecem nos pontos em que as pilastras se juntam às arcadas.

Elfric soltou uma risada cética, mas os outros construtores se mostravam curiosos. Os dois garotos alcançaram o meio do rio, tocaram na pilastra, respiraram fundo, e desapareceram. Merthin acrescentou-.

- Quando voltarem, eles nos dirão que a pilastra não está fincada no leito do rio, mas suspensa sobre uma depressão, cheia de água, grande o suficiente para um homem entrar ali.

Ele torcia para estar certo.

Os garotos permaneceram debaixo da água por um prazo surpreendentemente longo. Merthin descobriu que começava a ficar sem fôlego, em empatia por eles. Até que finalmente uma cabeça de cabelos ruivos aflorou à superfície, logo acompanhada por outra de cabelos castanhos. Os dois conversaram por um instante, como se confirmassem que ambos haviam encontrado a mesma coisa. Depois, nadaram para a margem.

Merthin não tinha certeza absoluta de seu diagnóstico, mas não podia pensar em qualquer outra explicação para as rachaduras. E sentira a necessidade de demonstrar uma confiança total. Se agora fosse comprovado que se enganara, pareceria ainda mais tolo.

Os meninos aproximaram-se da praia. Vadearam pelos últimos passos, ofegantes. Madge entregou-lhes cobertores, que eles ajeitaram em torno dos ombros trêmulos. Merthin esperou por um momento que eles recuperassem o fôlego, antes de perguntar:

- E então... o que encontraram?

- Nada - respondeu Dennis, o mais velho.

- Nada? Como assim?

- Não há nada ali, na base da pilastra. Elfric assumiu uma expressão triunfante.

- Apenas o leito do rio, é claro.

- Não! - exclamou Dennis. - Nada de lama... apenas água.

- Há um buraco em que se pode entrar... com a maior facilidade! - acrescentou Noah. - Aquela enorme pilastra está suspensa na água, sem nada por baixo.

Merthin fez um esforço para não parecer aliviado. Elfric gritou:

- Não há nenhuma autoridade para garantir que uma pilha de pedras soltas teria resolvido o problema!

Mas não havia mais ninguém para lhe prestar qualquer atenção. Aos olhos da multidão, Merthin provara seu argumento. Todos se reuniram ao seu redor, comentando, fazendo perguntas. Depois de um momento, Elfric afastou-se, sozinho.

Merthin sentiu uma momentânea pontada de compaixão. Mas depois recordou como Elfric agredira-o, batendo com uma vara em seu rosto, quando ele era aprendiz; e a compaixão se evaporou no ar frio da manhã.

56

Um monge foi procurar Merthin na Bell na manhã seguinte. Quando tirou o capuz, Merthin não o reconheceu de imediato. Mas depois reparou que o braço esquerdo do monge terminava no cotovelo, e compreendeu que era o irmão Thomas, agora na casa dos quarenta anos, com a barba grisalha, rugas profundas em torno da boca e dos olhos. O segredo dele ainda seria perigoso depois de tantos anos?, especulou Merthin. A vida de Thomas ainda correria perigo, mesmo agora, se a verdade viesse à tona? Mas Thomas não viera falar sobre isso.

- Você tinha razão sobre a ponte - comentou ele.

Merthin acenou com a cabeça. Havia uma amarga satisfação na questão, mas o prior Godwyn despedira-o, e em consequência sua ponte nunca seria perfeita.

- Eu quis explicar a importância das pedras soltas na ocasião da construção, mas sabia que Elfric e Godwyn nunca me dariam crédito. Por isso, falei com Edmund Wooler. Mas ele morreu logo depois.

- Deveria ter me falado.

- Eu bem que gostaria de ter feito isso.

- Venha comigo até a catedral. Já que pode descobrir tantas coisas de umas poucas rachaduras, eu gostaria de lhe mostrar um problema, se puder.

Ele levou Merthin para o transepto sul. Ali e na nave sul do coro, onde Elfric reconstruía as arcadas, depois do desabamento parcial, onze anos antes, Merthin percebeu no mesmo instante o que preocupava Thomas: as rachaduras haviam reaparecido.

- Você disse que voltariam - comentou Thomas.

- A menos que se descobrisse antes a verdadeira causa do problema.

- Mas você tinha razão. Elfric errou duas vezes.

Merthin sentiu um lampejo de excitação. Se houvesse necessidade de reconstruir a torre...

- Você compreende isso... mas será que Godwyn também compreende? Thomas não respondeu à pergunta.

- O que você acha que é a causa básica?

Merthin concentrou-se no problema imediato. Pensara a respeito, volta e meia, ao longo dos anos.

- Esta não é a torre original, não é mesmo? Segundo o Livro de Timothy, foi reconstruída e se tornou mais alta.

- Isso mesmo, há cerca de cem anos... quando o negócio de lã crua era mais próspero. Acha que fizeram uma torre alta demais?

- Depende das fundações.

O terreno da catedral tinha uma inclinação suave para o sul, na direção do rio, o que podia ser um fator. Ele passou pela interseção, por baixo da torre, até o transepto norte. Parou junto do pilar maciço no canto nordeste da interseção. Olhou para a arcada que se estendia por cima de sua cabeça, através da nave norte do coro, até a parede.

- É com a nave sul que estou preocupado - disse Thomas, um pouco impaciente. - Não há problemas aqui.

Merthin apontou.

- Há uma rachadura no lado inferior da arcada... o intradorso... na coroa. Isso acontece numa ponte, quando as pilastras não têm os fundamentos apropriados e começam a se deslocar.

- O que está querendo dizer... que a torre está se afastando do transepto norte?

Merthin voltou à interseção e olhou para a arcada que se estendia para o lado sul.

- Aqui também tem rachadura, mas no lado superior, o extradorso... pode ver? A parede por cima também está rachada.

- Não são rachaduras muito grandes.

- Mas nos indicam o que está acontecendo. No lado norte, a arcada é esticada, enquanto no lado sul é apertada. Isso significa que a torre se inclina para o sul.

Thomas levantou os olhos, cauteloso.

- Parece reta.

- Não dá para ver a olho nu. Mas se subir na torre e largar um fio de prumo do alto de uma das colunas da interseção, logo abaixo do ponto de nascença da arcada, vai descobrir que ao chegar ao chão estará vários centímetros afastado, para o sul. E à medida que a torre se inclina, vai se afastando da parede do coro, o lugar em que os danos são mais patentes.

- O que se pode fazer?

Merthin teve vontade de dizer: Você tem de me contratar para construir uma torre nova. Mas isso seria prematuro.

- E preciso investigar mais, antes de iniciar qualquer construção - disse ele, reprimindo o entusiasmo. - Já determinamos que as rachaduras apareceram porque a torre está se inclinando... mas qual o motivo para isso?

- Como podemos descobrir?

- Cavando um buraco.

No final, Jeremiah cavou o buraco. Thomas não queria empregar Merthin diretamente. Já foi bastante difícil, explicou ele, arrancar o dinheiro de Godwyn para a investigação, pois o prior parecia nunca dispor de qualquer quantia de sobra. Mas ele também não podia entregar o trabalho a Elfric, que diria que não havia nada para investigar. Por isso, o meio-termo foi contratar o antigo aprendiz de Merthin.

Jeremiah aprendera com seu mestre e gostava de trabalhar depressa. No primeiro dia, levantou as pedras do chão do transepto sul. No dia seguinte, seus homens começaram a escavar a terra em torno do imenso pilar no sudeste da interseção.

A medida que o buraco se tornava mais fundo, Jeremiah instalou um guincho de madeira para retirar as cargas de terra. Na segunda semana, ele teve de construir escadas nos lados do buraco, para que seus trabalhadores pudessem descer até o fundo.

Enquanto isso, a guilda da paróquia deu a Merthin o contrato para o reparo da ponte. Elfric foi contra a decisão, como não podia deixar de ser, mas não estava em condições de alegar que era o melhor homem para o trabalho, e não se deu o trabalho de argumentar.

Merthin começou a trabalhar com rapidez e energia. Construiu ensecadeiras em torno das duas pilastras problemáticas, esvaziou as represas, e começou a encher os buracos por baixo das pilastras com pedras e argamassa. Em seguida, cercaria as pilastras com as pilhas de pedras soltas que projetara desde o início. Ao final, removeria as feias cintas de ferro de Elfric, e encheria as rachaduras com argamassa. Se as fundações recuperadas permanecessem firmes, as rachaduras não reabririam.

Mas o trabalho que queria mesmo era a reconstrução da torre.

Não seria fácil. Teria de dar um jeito para que o projeto fosse aprovado pelo priorado e a guilda da paróquia, sob o comando de seus dois piores inimigos, Godwyn e Elfric. E Godwyn ainda teria de arrumar o dinheiro.

Como primeiro passo, Merthin encorajou Mark a se apresentar como candidato a regedor, para substituir Elfric. O regedor era eleito todos os anos, no Dia de Todos os Santos, 1º. de novembro. Na prática, a maioria dos regedores era eleita sem oposição, até se aposentar ou morrer.

O próprio Elfric apresentara sua candidatura enquanto Edmund Wooler ainda era vivo.

Mark não precisou de muito estímulo. Estava ansioso em acabar com o regime de Elfric. Afinal, Elfric era tão ligado a Godwyn que não havia muito sentido em ter uma guilda da paróquia. A cidade era na verdade dirigida pelo priorado... tacanho, conservador, desconfiado de ideias novas, indiferente aos interesses dos habitantes da cidade.

Os dois candidatos começaram a procurar apoio. Elfric tinha seus seguidores, quase todos homens que empregava ou de quem comprava materiais de construção. Mas ele perdera muito prestígio na discussão sobre a ponte. Seus seguidores estavam desanimados. Os partidários de Mark, em contraste, estavam na maior animação.

Merthin visitava a catedral todos os dias e examinava as fundações das poderosas colunas, à medida que eram expostas pela escavação de Jeremiah. As fundações eram feitas da mesma pedra que o resto da catedral. As pedras eram dispostas em fileiras com argamassa, mas aparadas com menos cuidado, já que não seriam visíveis. Cada fileira era um pouco maior que a de cima, num formato de pirâmide. À medida que a escavação aprofundava, ele examinava cada camada à procura de fraquezas, sem encontrar nenhuma. Mas sentia-se confiante de que acabaria encontrando.

Merthin não dizia a ninguém o que tinha em mente. Se suas suspeitas fossem corretas, e a torre do século XIII fosse pesada demais para as fundações do século XII, a solução seria drástica: a torre teria de ser demolida... e uma nova, construída. E a nova torre poderia ser a mais alta da Inglaterra..Um dia, em meados de outubro, Caris apareceu na escavação. Era o início da manhã, e um sol de inverno brilhava através da grande janela de leste. Ela parou na beira do buraco, o capuz em torno da cabeça, como um halo. O coração de Merthin bateu mais depressa. Talvez Caris tivesse uma resposta para ele. E subiu a escada, na maior ansiedade. Ela estava linda, como sempre, embora ao sol forte Merthin pudesse perceber as pequenas diferenças que nove anos haviam criado em seu

rosto. A pele já não era tão lisa, e havia agora pequenas rugas nos cantos dos lábios. Mas os olhos verdes ainda faiscavam com a inteligência alerta que ele tanto amava.

Foram andando juntos pela nave sul. Pararam perto do pilar que sempre o lembrava da maneira como outrora a acariciara ali.

- Fico contente em vê-la - murmurou ele. - Esteve se escondendo.

- Sou uma freira. Não devo me exhibir por toda parte.

- Mas está pensando em renunciar a seus votos.

- Ainda não tomei uma decisão. Merthin ficou desolado.

- De quanto tempo ainda precisa?

- Não sei.

Ele desviou os olhos. Não queria mostrar como se sentia magoado pela hesitação. Não disse nada. Poderia argumentar que ela estava sendo irracional, mas de que adiantaria?

- Imagino que vai visitar seus pais em Tench, mais cedo ou mais tarde - disse Caris.

Merthin acenou com a cabeça em confirmação.

- Muito em breve... eles gostarão de conhecer Lolla.

Ele também sentia-se ansioso em rever os pais. Só protelara a visita por estar absorvido demais no trabalho na ponte e na torre.

- Neste caso, eu gostaria que conversasse com seu irmão sobre Wulfric em Wigleigh.

Merthin queria falar sobre ele próprio e Caris, não sobre Wulfric e Gwenda. Sua reação foi fria.

- O que você quer que eu diga a Ralph?

- Wulfric está trabalhando sem ganhar qualquer dinheiro... apenas por comida... porque Ralph não lhe concede sequer um acre para cultivar.

Merthin deu de ombros.

- Wulfric quebrou o nariz de Ralph.

Ele pressentiu que a conversa começava a descambar para uma briga, e se perguntou por que estava tão irritado. Caris não falava com ele há semanas, mas rompera o silêncio em defesa de Gwenda. No fundo, ele compreendeu, ressentia-se pelo lugar de Gwenda no coração de Caris. O que era uma emoção indigna, disse a si mesmo, embora não fosse capaz de evitá-la. Caris ficou vermelha de fúria.

- Isso aconteceu há doze anos! Não é tempo de Ralph parar de puni-lo? Merthin esquecera as discussões furiosas que costumava ter com Caris.

Agora, reconheceu aquele atrito como familiar. E falou como se quisesse encerrar o assunto:

- Claro que ele deveria parar... na minha opinião. Mas é a opinião de Ralph que conta.

- Pois então tente fazê-lo mudar de idéia. Merthin também se ressentiu da atitude imperiosa.

- Estou às suas ordens - murmurou ele, jovial.

- Por que a ironia?

- Porque não estou às suas ordens, mas você parece pensar o contrário. E me sinto um idiota por concordar sempre.

- Ora, pelo amor de Deus! Sente-se ofendido porque eu lhe fiz um pedido? Por alguma razão, Merthin teve certeza de que ela já tomara a decisão de rejeita-lo e continuar no convento. Fez um esforço para controlar suas emoções.

- Se fôssemos um casal, você poderia me pedir qualquer coisa. Mas enquanto mantém em aberto a opção de me rejeitar, parece um pouco de presunção de sua parte.

Ele sabia que parecia pomposo, mas não podia se conter. Desataria a chorar se revelasse seus verdadeiros sentimentos. Mas Caris estava envolvida demais em sua indignação para notar a aflição de Merthin.

- Mas não é por mim que estou pedindo!

- Sei que é sua generosidade de espírito que a leva a fazer isso, mas ainda sinto que está me usando.

- Então não faça nada!

- Claro que farei.

Subitamente, Merthin não podia mais se conter. Virou-se e afastou-se. Tremia com alguma paixão que não podia identificar. Enquanto caminhava pela nave da vasta catedral, fez um novo esforço para se controlar. Aquilo era uma estupidez. Ele parou e olhou para trás. Caris havia desaparecido. Foi até a beira do buraco e ficou olhando para o fundo, à espera de que a tempestade interior se dissipasse.

Depois de algum tempo, compreendeu que a escavação alcançara um ponto crucial. Dez metros abaixo, os homens haviam passado pela fundação de alvenaria e começavam a revelar o que havia por baixo. Não havia mais nada que ele pudesse fazer em relação a Caris naquele

momento. Seria melhor se concentrar no trabalho. Ele respirou fundo, engoliu em seco, e desceu a escada.

Aquele era o momento da verdade. Sua angústia por Caris começou a se desvanecer enquanto observava os homens escavarem ainda mais. A pesada lama era removida, pazada após pazada. Merthin estudou a camada de terra revelada abaixo da fundação. Parecia uma mistura de areia e cascalho. Enquanto os homens removiam a lama, essa mistura caía no buraco.

Merthin ordenou que parassem de escavar.

Ajoelhou-se e pegou um punhado do material arenoso. Não era nem um pouco parecido com o solo ao redor. Não era natural dali; portanto, devia ter sido posto pelos construtores. O excitação pela descoberta dominou-o, prevalecendo sobre a angústia por Caris.

-Jeremiah! - chamou ele. - Procure o irmão Thomas... e traga-o até aqui, o mais depressa que puder!

Ele mandou que os homens continuassem a cavar, mas fizessem um buraco mais estreito: àquela altura, a escavação poderia se tornar perigosa para a estrutura. Depois de algum tempo, Jeremiah voltou com Thomas. Os três ficaram observando enquanto os homens aprofundavam o buraco. A camada de areia logo terminou. A camada seguinte era da terra lamacenta local.

- Não sei o que é essa areia - comentou Thomas.

- Acho que eu sei.

Merthin fez um esforço para não parecer triunfante. Previra anos antes que os reparos de Elfric de nada adiantariam, a menos que a causa do problema fosse descoberta. Acertara em cheio, mas nunca era sensato alegar "Eu não disse?".

Thomas e Jeremiah fitaram-no em expectativa.

- Quando se escava um buraco de fundação, cobre-se o fundo com uma mistura de cascalho e argamassa. Depois, assenta-se o trabalho de alvenaria por cima. É um sistema perfeito, desde que as fundações sejam proporcionais à construção por cima.

Thomas interveio, impaciente:

- Sabemos disso.

- O que aconteceu aqui foi que ergueram uma torre muito mais alta sobre fundações que não foram projetadas para isso. O peso extra, pressionando

por uma centena de anos, esmagou essa camada de cascalho e argamassa, transformando-a em areia.

A areia não tem coesão, e sob a pressão espalhou-se para os lados, pelo solo ao redor, permitindo que a alvenaria por cima afundasse. O efeito é pior no lado sul apenas porque o terreno tem uma inclinação natural nesse sentido.

Merthin sentia uma profunda satisfação por ter chegado a essa conclusão. Os outros ficaram pensativos. Depois de algum tempo, Thomas murmurou:

- Neste caso, teremos de reforçar as fundações. Jeremiah sacudiu a cabeça.
- Antes de acrescentarmos qualquer reforço por baixo do pilar, teríamos de retirar o material arenoso, o que deixaria as fundações sem apoio. A torre cairia.

Thomas estava perplexo.

- Então o que podemos fazer?

Ambos olharam para Merthin, que respondeu:

- Construir um telhado provisório sobre a interseção, erguer andaimes, e desmontar a torre, pedra por pedra, para depois reforçar as fundações.
- Neste caso, teríamos de construir uma torre nova.

Era o que Merthin queria, mas ele não o disse. Thomas poderia desconfiar que seu julgamento fora influenciado pela aspiração.

- Receio que sim - confirmou ele, com uma expressão simulada de pesar.
- O prior Godwyn não vai gostar.
- Sei disso - declarou Merthin. - Mas acho que ele não tem opção.

No dia seguinte, Merthin deixou Kingsbridge, com Lolla na sela à sua frente. Enquanto atravessavam a floresta, ele repassou obsessivo seu atrito com Caris. Sabia que fora hostil. Uma atitude insensata, quando tentava reconquistar seu amor. O que dera nele? O pedido de Caris fora absolutamente razoável. Por que não podia prestar um pequeno serviço à mulher com quem queria casar?

Mas Caris não concordara em casar com ele. Ainda se reservava o direito de rejeitá-lo. Era essa a fonte de sua raiva. Caris exercia o direito de uma noiva sem assumir o compromisso.

Ele podia compreender agora que fora mesquinharia de sua parte protestar sob essa alegação. Uma estupidez, convertendo em briga o que poderia ser um momento de maravilhosa intimidade.

Por outro lado, a causa latente de sua aflição era bastante real. Por quanto tempo Caris contava que ele esperaria por uma resposta? E por quanto tempo ele estava disposto a esperar? Não gostava de pensar a respeito.

De qualquer forma, ele se sentiria bem se conseguisse persuadir Ralph a deixar de perseguir o pobre Wulfric

Tench ficava no outro lado do condado. No caminho, Merthin passou a noite em Wigleigh, onde ventava muito. Encontrou Wulfric e Gwenda muito magros, depois de um verão chuvoso e da segunda colheita ruim consecutiva. A cicatriz de Wulfric parecia sobressair ainda mais num rosto encovado. Os dois filhos pequenos estavam magros, nariz escorrendo, feridas nos lábios.

Merthin deu-lhes um pernil de cordeiro, um barril pequeno de vinho, e um florim de ouro, alegando que eram presentes de Caris. Gwenda cozinhou o pernil. Kstava dominada pela raiva, e discorreu sobre a injustiça de que eram vítimas.

- Perkin explora quase a metade das terras da aldeia! Só consegue cuidar de tudo porque conta com Wulfric, que faz o trabalho de três homens. Mas ele sempre exige mais e nos mantém na pobreza.

- Lamento que Ralph ainda guarde um ressentimento - comentou Merthin.

- O próprio Ralph provocou aquela briga! - exclamou Gwenda. - Até mesmo lady Philippa disse isso.

- Brigas antigas... - murmurou Wulfric, filosófico.

- Tentarei fazer com que ele veja a luz da razão - prometeu Merthin. - Na hipótese improvável de que ele me escute, o que vocês querem dele?

- Ahn... - Wulfric exibia uma expressão sonhadora, o que era excepcional. Rezo todos os domingos para recuperar as terras que meu pai cultivava.

- Isso nunca vai acontecer - garantiu Gwenda. - Perkin tem uma posição firme. E se por acaso morrer, tem um filho e uma filha casada esperando para herdar, além de dois netos que se tornam maiores a cada dia. Mas gostaríamos de ter nossa própria terra. Durante os últimos onze anos, Wulfric tem trabalhado para alimentar os filhos de outros homens. É tempo de usufruir um benefício de seu próprio trabalho.

- Direi a meu irmão que já o puniu por tempo demais.

No dia seguinte, Merthin e Lolla seguiram de Wigleigh para Tench. Ele sentia-se mais determinado do que nunca a fazer alguma coisa por Wulfric. Não era apenas porque queria agradar Caris, e tomar uma

iniciativa para expiar seu comportamento rabugento. Também sentia-se triste e indignado porque duas pessoas honestas e trabalhadoras como Gwenda e Wulfric eram pobres e magras, seus filhos doentes, só por causa da sede de vingança de Ralph.

Seus pais moravam numa casa na aldeia, não em Tench Hall. Merthin ficou chocado ao descobrir o quanto a mãe envelhecera, embora ela se mostrasse animada ao ver Lolla. O pai parecia melhor.

- Ralph é muito bom para nós - declarou Gerald, num tom defensivo que fez Merthin pensar que acontecia o oposto.

A casa era bastante aconchegante, mas era evidente que eles prefeririam viver no solar com Ralph. Merthin calculou que o irmão não queria que a mãe testemunhasse tudo o que ele fazia. Depois que lhe mostraram a casa, Gerald perguntou como estavam as coisas em Kingsbridge.

- A cidade continua a prosperar, apesar dos efeitos da guerra francesa do rei

- respondeu Merthin.

- Mas Edward deve lutar por seus direitos. Afinal, ele é o herdeiro legítimo do trono da França.

- Isso não passa de um sonho, pai. Não importa quantas vezes o rei invada a França, a nobreza francesa nunca aceitará um inglês como seu rei. E um rei não pode governar sem o apoio de seus condes.

- Mas temos de acabar com os ataques franceses aos portos da costa sul.

- Isso não tem sido um problema desde a batalha de Sluys, quando destruímos a frota francesa... o que aconteceu há oito anos.

Seja como for, queimar as colheitas dos camponeses não vai deter os piratas... e pode até aumentar seus números.

- Os franceses apoiam os escoceses, que continuam a invadir nossos condados do norte.

- Não acha que o rei poderia lidar melhor com as incursões escocesas se estivesse no Norte da Inglaterra, em vez de ir para o Norte da França?

Gerald parecia aturdido. Provavelmente nunca lhe ocorrera questionar a sabedoria da guerra.

- Ralph foi armado cavaleiro - disse ele. - E trouxe para sua mãe um castiçal de prata de Calais.

Isso dizia tudo, pensou Merthin. A verdadeira razão para a guerra era a conquista da glória e de despojos.

Seguiram a pé para o solar. Ralph havia saído para uma caçada, em companhia de Alan Fernhill. Havia no salão uma enorme cadeira toda esculpida, obviamente usada pelo lorde. Merthin viu uma jovem grávida que presumiu ser uma camponesa. Ficou consternada quando ela foi apresentada como a esposa de Ralph, Tilly. Ela foi até a cozinha para buscar vinho.

- Que idade ela tem? - perguntou Merthin à mãe, durante sua ausência.

- Quatorze anos.

Não era incomum que jovens engravidassem aos quatorze anos, mas mesmo assim Merthin achava que pessoas decentes se comportavam de uma maneira diferente. Esse tipo de gravidez precoce costumava ocorrer nas famílias reais, em que havia uma pressão intensa para produzir herdeiros, e entre as classes mais baixas e os camponeses ignorantes, que não tinham normas de comportamento. As classes médias mantinham padrões superiores.

- Não acha que ela é um pouco jovem? - indagou ele, em voz baixa.

- Todos pedimos a Ralph para esperar, mas ele não quis - respondeu Maud, deixando evidente que também desaprovava.

Tilly voltou com uma serva, trazendo um jarro de vinho e uma tigela com maçãs. Ela poderia ser bonita, pensou Merthin, se não parecesse tão esgotada. O pai dirigiu-se a ela com uma jovialidade forçada:

- Ânimo, Tilly! Seu marido deve chegar em casa a qualquer momento... e não vai querer recebê-lo com essa cara triste.

- Estou cansada de ficar grávida. Gostaria que o bebê nascesse o mais depressa possível.

- Não deve demorar muito agora - disse Maud. - Três ou quatro semanas, no máximo.

- Parece uma eternidade. Ouviram o barulho de cavalos lá fora.

- Deve ser Ralph - murmurou Maud.

A espera do irmão que não via há nove anos, Merthin tinha sentimentos contraditórios, como sempre. Sua afeição pelo irmão era sempre contaminada pelo conhecimento de todo o mal que Ralph fizera. O estupro de Annet fora apenas o começo. Durante os seus dias como fora-da-lei, Ralph assassinara homens, mulheres e crianças inocentes.

Merthin ouvira relatos, enquanto viajava pela Normandia, das atrocidades cometidas pelo exército do rei Edward. Embora não soubesse

expressamente o que Ralph fizera, seria insensatez imaginar que ele se mantivera alheio à orgia de estupros, incêndios criminosos, saques e matanças. Por outro lado, Ralph era seu irmão.

Ralph também tinha sentimentos contraditórios, pensou Merthin. Poderia não ter perdoado Merthin por revelar seu esconderijo quando era um forada-lei. E embora Merthin tivesse exigido de Thomas a promessa de não matar Ralph, era de se esperar que o irmão fosse enforcado ao ser capturado. E ele não podia esquecer as últimas palavras que Ralph lhe dissera, na cadeia no porão da casa da guilda, em Kingsbridge: "Você me traiu."

Ralph entrou, acompanhado por Alan, todo enlameado da caçada. Merthin ficou chocado ao descobrir que ele claudicava. Ralph demorou um pouco para reconhecer Merthin, mas depois deu um sorriso jovial e exclamou, efusivo!

- Meu irmão grande!

Era uma piada antiga: Merthin era o mais velho, mas há muito que era o menor.

Os dois se abraçaram. Merthin sentiu um ímpeto de afeto, apesar de tudo. Pelo menos os dois continuavam vivos, pensou ele, apesar da guerra e da peste. Quando haviam se separado, ele tinha dúvidas se algum dia tornariam a se encontrar. Ralph foi sentar em sua enorme cadeira.

- Traga cerveja - disse ele a Tilly. - Estamos morrendo de sede. Não haveria recriminações, concluiu Merthin.

Ele estudou o irmão. Ralph mudara desde aquele dia em 1339 em que partira para a guerra. Perdera alguns dedos da mão esquerda, presumivelmente em batalha. Tinha uma aparência dissoluta: o rosto com veias saltadas de beber, a pele seca e flácida.

- Teve uma boa caçada? - perguntou Merthin.

- Trouxemos uma cerva tão gorda quanto uma vaca - respondeu Ralph, na maior satisfação. - Comerá seu fígado hoje.

Merthin perguntou sobre a luta no exército do rei, e Ralph relatou alguns dos pontos altos da guerra. O pai se mostrou entusiasmado e declarou: :

- Um cavaleiro inglês vale dez franceses! A batalha de Crécy provou isso! A resposta de Ralph, surpreendentemente, foi comedida.

- Um cavaleiro inglês não é muito diferente de um cavaleiro francês, em minha opinião. Mas os franceses ainda não compreenderam nossa formação de combate, com arqueiros nos dois lados de homens de armas e

cavaleiros desmontados. Ainda desfecham ataques suicidas, e isso pode continuar por mais algum tempo. Mas um dia vão tirar conclusões sobre o combate nessas circunstâncias e mudar a tática. Enquanto isso, somos quase invencíveis na defesa. Infelizmente, porém, a formação em forçado é irrelevante para o ataque, e por isso acabamos sem ganhar quase nada. Merthin ficou impressionado ao constatar como o irmão amadurecera. A guerra lhe proporcionara uma profundidade e uma sutileza que não possuía antes.

Por sua vez, Merthin falou sobre Florença: o incrível tamanho da cidade, a riqueza dos mercadores, as igrejas e palácios. Ralph demonstrou um fascínio especial pela existência de escravas.

A escuridão caiu. Os servos trouxeram lampiões e velas, depois o jantar. Ralph bebeu muito. Merthin notou que ele mal falava com Tilly. O que talvez não fosse surpreendente. Ralph era um soldado de trinta e um anos que passara a metade de sua vida adulta no exército, enquanto Tilly era uma garota de quatorze anos criada num convento. Sobre o que os dois poderiam conversar?

Mais tarde, depois que Gerald e Maud foram para sua casa e Tilly foi deitar, Merthin decidiu abordar o assunto que Caris lhe pedira. Sentia-se mais otimista do que antes, porque Ralph apresentava sinais de maturidade. Perdoara Merthin pelo que acontecera em 1339, e sua análise objetiva das táticas dos ingleses e franceses não tinha o ranço do chauvinismo tribal.

- Passei a noite em Wicleigh na vinda para cá.
- Aquele moinho de fulling continua em atividade.
- O tecido escarlate tornou-se um bom negócio para Kingsbridge.

Ralph deu de ombros.

- Mark Webber paga o arrendamento dentro do prazo.

Estava abaixo da dignidade dos nobres conversar sobre negócios.

- Estive com Gwenda e Wulfric. Você sabe que Gwenda é amiga de Caris desde a infância.
- Ainda me lembro daquele dia em que nos encontramos com Sir Thomas Langley na floresta.

Merthin lançou um olhar rápido para Alan Fernhill. Todos haviam mantido os juramentos infantis, e não haviam falado a ninguém sobre o incidente. Merthin queria que o sigilo persistisse, pois sentia que era importante para Thomas, embora não tivesse a menor idéia do motivo. Mas Alan não teve

a menor reação: bebera muito vinho, e não tinha ouvidos para insinuações. Mesmo assim, Merthin apressou-se em acrescentar:

- Caris me pediu para falar com você sobre Wulfric. Ela acha que você já puniu-o bastante por aquela briga. E eu concordo.

- Ele quebrou meu nariz!

- Já esqueceu que eu estava presente? Não se pode dizer que você foi inocente na briga. - Merthin tentou tratar do assunto de uma maneira jovial. - Acariciou sua noiva... como era mesmo o nome dela?

- Annet.

- Se os peitos dela não valiam um nariz quebrado, você é o único culpado. Alan riu, mas Ralph não achava a menor graça.

- Wulfric quase conseguiu fazer com que lorde William me enforcasse, depois que Annet alegou que eu a estuprei.

- Mas você não foi enforcado. E cortou o rosto de Wulfric com a espada quando fugiu do tribunal. Foi um ferimento terrível... dava para ver os dentes dele. Ele nunca perderá a cicatriz.

- Ainda bem.

- Há onze anos você pune Wulfric. Sua esposa emagreceu muito e as crianças estão doentes. Não acha que já foi o suficiente, Ralph?

- Não.

- Como assim?

- Não é suficiente.

- Por quê? - indagou Merthin, na maior frustração. - Não consigo compreendê-lo.

- Continuarei a punir Wulfric e impedir que ele melhore na vida. Faço questão de humilhar Wulfric e suas mulheres.

Merthin ficou surpreso com a franqueza de Ralph.

- Pelo amor de Deus, com que finalidade?

- Normalmente eu não responderia a essa pergunta. Aprendi que quase nunca adianta dar explicações. Mas você é meu irmão grande, e desde a infância sempre precisei de sua aprovação.

No fundo, compreendeu Merthin, Ralph realmente não mudara, mas apenas parecia conhecer e compreender a si mesmo de uma maneira que jamais ocorrera quando era mais jovem.

- A razão é simples - continuou Ralph. - Wulfric não tem medo de mim. Não se assustou naquele dia na Feira do Velocino, e ainda não me teme,

apesar de tudo o que fiz com ele. É por isso que ele deve continuar a sofrer.

Merthin estava horrorizado.

- Isso é uma sentença perpétua!

- No dia em que eu perceber o medo em seus olhos quando me fixar, Wulfnc terá qualquer coisa que quiser.

- É tão importante assim para você? - indagou Merthin, incrédulo. - Que as pessoas tenham medo de você?

- É a coisa mais importante do mundo.

A volta de Merthin afetou toda a cidade. Caris observou as mudanças com espanto e admiração. Começou com sua vitória sobre Elfnc na guilda da paróquia. As pessoas compreenderam que a cidade poderia ter perdido sua ponte por causa da incompetência de Elfnc, e isso provocou um sobressalto que as tirou da apatia. Mas todos sabiam que Elfnc era um instrumento de Godwyn, e por isso o priorado se tornou o foco supremo do ressentimento.

E a atitude das pessoas em relação ao priorado começava a mudar. Havia um clima de desafio. Caris sentia-se otimista. Mark Webber tinha boas possibilidades de vencer a eleição, marcada para o primeiro dia de novembro, e tornar-se o regedor. Se isso acontecesse, o prior Godwyn não poderia mais fazer tudo à sua maneira. Talvez assim a cidade pudesse começar a crescer: mercados nos sábados, novos moinhos, tribunais independentes em que os mercadores poderiam acreditar.

Mas ela passava a maior parte do tempo pensando em sua própria situação. A volta de Merthin era um terremoto que sacudira as fundações de sua vida.

Sua reação inicial fora a de horror pela perspectiva de abandonar tudo aquilo por que trabalhara durante os últimos nove anos; sua posição na hierarquia do convento; a maternal Cecilia, a afetuosa Mair, e a enferma Old Julie; e acima de tudo seu hospital, muito mais limpo, eficiente e acolhedor do que era antes.

Mas à medida que os dias se tornaram mais frios e mais curtos, enquanto Merthin fazia os reparos na ponte e abria a rua em que pretendia construir novos prédios, na ilha do Leproso, começou a enfraquecer a determinação de Caris de permanecer freira. As restrições da vida monástica, que deixara de notar depois de algum tempo, passaram a afligi-la de novo. A devoção de Mair, que fora uma diversão romântica agradável, agora se tornava irritante. E ela começou a pensar no tipo de vida que poderia levar como esposa de Merthin.

Pensava muito em Lolla e na criança de Merthin que poderia ter tido. Lolla tinha olhos escuros e cabelos pretos, presumivelmente como a mãe italiana. A filha de Caris poderia ter os olhos verdes da família Wooler. A idéia de renunciar a tudo para cuidar da filha de outra mulher deixara

Caris consternada em teoria; mas ela mudara de mentalidade assim que conheceu a menina.

Não podia conversar com ninguém no priorado a respeito, é claro. Madre Cecilia lhe diria que devia cumprir seus votos; Mair suplicaria para que ela ficasse. Por isso, ela se angustiava sozinha, à noite.

Sua discussão com Merthin por causa de Wulfric levava-a ao desespero. Depois que ele se afastou, Caris foi para a farmácia e chorou. Por que as coisas eram tão difíceis? Ela queria apenas fazer a coisa certa.

Enquanto Merthin estava em Tench, ela confidenciou tudo a Madge Webber.

Dois dias depois da partida de Merthin, Madge entrou no hospital logo depois do amanhecer, quando Caris e Mair faziam a ronda.

- Estou preocupada com meu Mark - disse ela. Mair informou a Caris:

- Fui vê-lo ontem. Ele foi a Melcombe e voltou com febre e dor na barriga. Não falei nada porque achei que não era grave.

- Agora ele está tossindo muito e cuspiendo sangue - explicou Madge.

- Vou vê-lo - decidiu Caris.

Os Webbers eram amigos antigos; ela preferia cuidar de Mark pessoalmente. Pegou uma sacola com alguns medicamentos básicos e acompanhou Madge até a casa, na rua principal.

A área residencial era no segundo andar, por cima da loja. Os três filhos de Mark esperavam ansiosos na sala de refeições. Madge levou Caris para um quarto que tinha um cheiro horrível. Caris já se acostumara ao odor de um quarto de doente, uma mistura de suor, vômito e dejetos humanos. Mark estava deitado num colchão de palha, suando. A imensa barriga estufada, cheia de ar, dava a impressão de gravidez. A filha, Dora, mantinha-se de pé ao lado.

Caris ajoelhou-se junto de Mark e perguntou:

- Como se sente?

- Muito mal - murmurou Mark, a voz rouca. - Pode me dar alguma coisa para beber?

Dora entregou um copo de vinho a Caris, que o levou aos lábios de Mark. Achou estranho ver um homem tão grande em tamanho desamparo. Mark sempre parecera invulnerável.

Era angustiante, como encontrar um carvalho que estivera ali durante toda a sua vida, mas fora subitamente derrubado por um raio.

Ela tocou na testa de Mark. Ele ardia em febre: não era de admirar que sentisse tanta sede.

- Deixem ele beber tanto quanto quiser - recomendou Caris. - Uma cerveja fraca é melhor do que vinho.

Ela não disse a Madge que se sentia perplexa e preocupada com a doença de Mark. A febre e a dor na barriga eram sintomas rotineiros, mas a tosse com sangue era um sinal perigoso.

Caris tirou um frasco com água-de-rosas da bolsa, encharcou um pedaço de tecido de lã, e lavou o rosto e o pescoço de Mark. Serviu para acalmá-lo no mesmo instante. A água esfriava o rosto quente e o perfume de rosa disfarçava os cheiros ruins do quarto.

- Eu lhe darei um pouco de água-de-rosas de minha farmácia - disse ela a Madge. - Os médicos receitam para cérebro inflamado. A febre é quente e úmida, enquanto as rosas são frias e secas, alegam os monges. Qualquer que seja a razão, servirá para aliviá-lo um pouco.

- Obrigada.

Mas Caris não conhecia nenhum tratamento eficaz para o catarro com sangue. Os monges médicos diagnosticariam um excesso de sangue, e recomendariam uma sangria... mas era o que receitavam para quase tudo, e Caris não acreditava na eficiência.

Ao lavar o pescoço de Mark, ela notou um sintoma que Madge não mencionara. Havia erupções purpuras escuras no pescoço e peito de Mark. Era uma doença que ela nunca observara antes, o que a deixou aturdida. Mas decidiu não dizer isso a Madge.

- Venha comigo para pegar a água-de-rosas.

O sol começava a subir pelo céu quando elas seguiram da casa para o hospital.

- Você tem sido muito boa com a minha família - comentou Madge. - Éramos as pessoas mais pobres da cidade, até que você começou a fabricar o escarlata.

- O sucesso foi uma consequência da energia e dedicação de vocês. Madge balançou a cabeça. Sabia o que fizera.

- Mesmo assim, não teria ocorrido sem você.

Num súbito impulso, Caris decidiu levar Madge pelo claustro das freiras até a farmácia, a fim de poderem conversar em particular. Pessoas laicas não tinham normalmente permissão para entrar ali, mas havia exceções; e

Caris tinha agora a autoridade necessária para saber quando podia ignorar as regras.

Ficaram sozinhas na sala apertada. Caris encheu um jarro com água-de-rosas e cobrou seis pennies de Madge, para depois comentar:

- Estou pensando em renunciar a meus votos.

Madge acenou com a cabeça, sem demonstrar qualquer surpresa.

- Todo mundo quer saber o que você vai fazer.

Caris ficou chocada ao descobrir que as pessoas especulavam a seu respeito.

- Como sabem de meu dilema?

- Não é preciso ser clarividente. Você só entrou no convento para escapar de uma sentença de morte por bruxaria. E depois do trabalho que realizou aqui, deve merecer um perdão. Você e Merthin eram apaixonados, e sempre pareceram certos um para o outro. Agora, ele voltou. É natural supor que você pense pelo menos em casar com Merthin.

- Mas não sei como seria a minha vida como esposa de alguém. Madge deu de ombros.

- Talvez um pouco parecida com a minha. Mark e eu cuidamos juntos de negócio de tecido. Tenho também de cuidar da casa... todos os maridos contam com isso... mas não é tão difícil assim, ainda mais quando se tem dinheiro para pagar empregados. E as crianças sempre serão uma responsabilidade da mãe, não do pai. Mas dou um jeito em tudo, e tenho certeza de que você faria a mesma coisa.

- Da maneira como você fala, não parece muito excitante. Madge sorriu.

- Presumo que você já sabe das partes boas: sentir que é amada e adorada; saber que há uma pessoa no mundo que estará sempre ao seu lado; ir para a cama todas as noites com alguém forte e terno, que quer fazer sexo com você... isso é felicidade para mim.

As palavras simples de Madge descreviam uma imagem muito nítida, e Caris foi dominada de repente por um anseio que era quase insuportável. Sentiu que mal podia esperar pelo momento de deixar a vida fria, dura e sem amor do priorado, em que o maior pecado era ter um contato físico com outro ser humano. Se Merthin entrasse na farmácia naquele instante, ela arrancaria suas roupas e o possuiria ali mesmo, no chão.

Percebeu que Madge a observava com um pequeno sorriso, lendo seus pensamentos. E não pôde deixar de corar.

- Não se preocupe. Eu compreendo. - Madge pôs seis pennies de prata na bancada e pegou o jarro. - É melhor eu voltar logo para casa e cuidar de meu homem.

Caris recuperou o controle.

- Tente mantê-lo confortável, e venha me chamar imediatamente se houver alguma mudança em seu estado.

- Obrigada, irmã - murmurou Madge - Não sei o que faria sem a sua ajuda. Merthin manteve-se pensativo durante a viagem de volta para Kingsbridge. Nem mesmo a conversa animada e sem nexos de Lolla conseguiu tirá-lo de seu ânimo. Ralph aprendera muita coisa, mas no fundo não mudara. Ainda era um homem cruel. Negligenciava a esposa-criança, mal tolerava os pais, e era vingativo ao ponto da obsessão. Gostava de ser um lorde, mas sentia pouca ou nenhuma obrigação de cuidar dos camponeses sob seu poder. Via tudo ao seu redor, inclusive as pessoas, como existindo apenas para sua gratificação.

Merthin, no entanto, sentia-se otimista em relação a Kingsbridge. Tudo indicava que Mark seria eleito regedor no Dia de Todos os Santos, e isso poderia ser o início de um surto de prosperidade.

Merthin voltava para a cidade no último dia de outubro, a véspera do Dia de Todos os Santos. Era uma sexta-feira naquele ano, e por isso não havia o fluxo de multidões que iam para Kingsbridge quando a noite dos espíritos do mal caía num sábado, como acontecera no ano em que Merthin tinha onze anos e conhecera Caris, com dez anos. Mesmo assim, as pessoas estavam nervosas. Todo mundo planejava ir se deitar antes do escurecer. Na rua principal, ele encontrou o filho mais velho de Mark Webber, John.

- Meu pai foi para o hospital - informou o rapaz. - Está com febre.

- É uma péssima ocasião para cair doente - comentou Merthin.

- Um dia fatídico.

- Não falei por causa da data. Mark deve estar presente na reunião da guilda da paróquia amanhã. Um regedor não pode ser eleito se estiver ausente.

- Acho que ele não terá condições de ir a qualquer reunião amanhã.

O que era preocupante. Merthin levou os cavalos para a Bell e deixou Lolla aos cuidados de Bessie.

Ao entrar no terreno do priorado, ele se deparou com Godwyn e sua mãe. Calculou que haviam jantado juntos, e agora Godwyn a acompanhava até o

portão. Estavam absorvidos numa conversa ansiosa, e Merthin refletiu que deviam estar preocupados com a possibilidade de seu laçao Elfric perder a eleição para regedor. Pararam abruptamente quando o viram. Petranilla disse, untuosa:

- Lamento saber que Mark não está passando bem.

Com um esforço para se mostrar cortês, Merthin comentou:

- É apenas uma febre.

- Vamos orar para que ele se recupere depressa.

- Obrigado. Merthin entrou no hospital. Encontrou Madge transtornada.

- Ele não para de tossir sangue. E não consigo saciar sua sede.

Ela levou um copo de cerveja aos lábios do marido. Mark tinha erupções roxas no rosto e nos braços. Suava muito, e o nariz sangrava.

- Não se sente muito bem hoje, Mark? - perguntou Merthin. Mark deu a impressão de que não o ouvia. Apenas balbuciou:

- Tenho muita sede.

Madge tornou a levar o copo a seus lábios, enquanto murmurava:

- Por mais que ele beba, está sempre com sede.

Ela falou num tom de pânico que Merthin nunca ouvira antes em sua voz.

Merthin sentiu um medo súbito e intenso. Mark fazia viagens frequentes a Melcombe, onde tinha contato com marujos procedentes de Bordeaux, uma cidade infestada pela peste.

A reunião da guilda da paróquia no dia seguinte era agora a menor das preocupações de Mark. E a menor das de Merthin também.

O primeiro impulso de Merthin foi o de anunciar para todo mundo que um perigo mortal ameaçava a cidade. Mas tratou de se manter de boca fechada.

Ninguém daria atenção a um homem em pânico, e além do mais ainda não tinha certeza. Assim que estivesse convencido, conversaria a sós com Caris, de uma forma calma e lógica. Mas teria de ser o mais depressa possível.

Caris banhava o rosto de Mark com um líquido de cheiro agradável. Exibia uma expressão impassível, que Merthin reconheceu: ela ocultava seus sentimentos. Era evidente que tinha noção da gravidade da doença de Mark.

Mark agarrava uma coisa que parecia um pedaço de pergaminho. Merthin calculou que tinha uma oração escrita, ou um versículo da Bíblia, talvez

mesmo um encantamento mágico. Devia ser idéia de Madge, pois Caris não tinha a menor fé em textos escritos para ajudar na cura.

O prior Godwyn entrou no hospital nesse momento, acompanhado como sempre por Philemon.

- Fiquem longe da cama! - exclamou Philemon no mesmo instante. - Como o homem vai melhorar se não puder ver o altar?

Merthin e as duas mulheres recuaram. Godwyn inclinou-se sobre o paciente. Tocou na testa e no pescoço de Mark, depois sentiu sua pulsação.

- Mostrem-me a urina - pediu ele.

Os monges médicos davam a maior importância ao exame da urina do paciente. O hospital tinha recipientes de vidro apropriados para isso, chamados de urinóis. Caris entregou um urinol a Godwyn. Não era preciso ser um experto para constatar que havia sangue na urina de Mark. Godwyn devolveu o urinol.

- Este homem está sofrendo de sangue superaquecido. Deve receber uma sangria, e depois ser alimentado com maçãs azedas e tripas.

Merthin sabia, por sua experiência da peste em Florença, que Godwyn dizia uma besteira, mas não fez qualquer comentário. Em sua mente, não havia mais muito espaço para dúvidas sobre a doença de Mark. As erupções na pele, o sangue, a sede: era a doença que ele próprio tivera em Florença, a que matara Silvia e toda a sua família. Era mesmo da moria grande.

A peste chegara a Kingsbridge.

Enquanto a escuridão aumentava, na véspera do Dia de Todos os Santos, a respiração de Mark Webber foi se tornando mais e mais difícil. Caris observava-o enfraquecer. Sentia a impotência furiosa que a dominava sempre que se descobria incapaz de ajudar um paciente. Mark passou para um estado de inconsciência perturbada. Suava e ofegava muito, os olhos fechados, sem qualquer sinal de percepção. A uma sugestão discreta de Merthin, Caris tateou as axilas de Mark e encontrou enormes caroços, parecidos com furúnculos. Não perguntou a Merthin o significado daquilo: deixaria para interrogá-lo mais tarde. As freiras rezavam e entoavam hinos, enquanto Madge e os quatro filhos permaneciam ao redor, desesperados e desamparados.

Ao final, Mark teve convulsões, e o sangue esguichou de sua boca, num súbito fluxo. Depois, ele caiu para trás, ficou imóvel e parou de respirar.

Dora soltou um gemido alto. Os três filhos estavam atordoados, fazendo um esforço para conter as lágrimas, porque chorar não era coisa de homem. Madge chorava amargamente.

- Ele era o melhor homem do mundo - balbuciou ela para Caris. - Por que Deus tinha de levá-lo?

Caris precisava reprimir sua dor. A perda que experimentava não era nada em comparação com a deles. Não entendia por que Deus, com tanta frequência, levava as melhores pessoas, e deixava as iníquas para continuarem a fazer maldades. Toda a idéia de uma divindade benevolente, velando sobre todos, parecia inacreditável em momentos como aquele. Os padres diziam que a doença era uma punição pelo pecado. Mark e Madge amavam um ao outro, dedicavam-se aos filhos, e trabalhavam com afinco: por que deveriam ser punidos?

Não havia respostas para as questões religiosas, mas Caris tinha algumas indagações práticas urgentes para fazer. Sentia uma profunda preocupação com a doença de Mark, e não tinha a menor dúvida de que Merthin sabia alguma coisa a respeito. Ela reprimiu as lágrimas.

Primeiro, mandou Madge e os filhos para descansar em casa, e determinou que as freiras preparassem o corpo para o sepultamento. Depois, disse para Merthin:

- Quero conversar com você.

- E eu com você.

Ela notou que Merthin parecia assustado. O que era raro. Seu medo se aprofundou.

- Vamos para a catedral. Poderemos conversar em particular ali.

Um vento de inverno soprava pelo pátio gramado. Era uma noite clara, e eles podiam ver o caminho à luz das estrelas. No coro, os monges preparavam-se para o serviço da madrugada do Dia de Todos os Santos. Caris e Merthin foram para o canto noroeste, longe dos monges, para que ninguém pudesse ouvi-los. Caris estremeceu e aconchegou-se no hábito, enquanto perguntava:

- Você sabe o que matou Mark? Merthin respirou fundo, trêmulo.

- Foi a peste. da moria grande.

Caris acenou com a cabeça. Era o que receava. Mesmo assim, tratou de contestá-lo:

- Como sabe?

- Mark dá a Melcombe e conversava com marujos de Bordeaux, onde os corpos são empilhados nas ruas.

- Ele acaba de voltar. - Mas ela não queria acreditar em Merthin. - Como pode ter certeza de que é a peste?

- Os sintomas são os mesmos: febre, manchas purpuras, hemorragia, bubos nas axilas, e a sede acima de tudo. Lembro muito bem, por Cristo, porque fui um dos poucos que se recuperaram. Quase todos morrem num prazo de cinco dias, às vezes até menos.

Caris tinha o sentimento de que o Dia do Juízo Final chegara. Ouvira as histórias terríveis sobre os acontecimentos na Itália e no Sul da França: famílias inteiras exterminadas, corpos apodrecendo sem enterro em palácios vazios, crianças pequenas órfãs vagueando em lágrimas pelas ruas, gado morrendo por falta de cuidados em aldeias fantasmas. Isso aconteceria também em Kingsbridge?

- O que os médicos italianos faziam?

- Rezavam, cantavam hinos, tiravam sangue, prescreviam suas panaceias prediletas, e cobravam uma fortuna. Tudo o que tentavam era inútil.

Os dois estavam bem juntos, falando em voz baixa. Caris podia ver o rosto dele à tênue claridade das velas distantes dos monges. Merthin fitava-a com uma estranha intensidade. Dava para perceber que ele estava profundamente comovido, mas não parecia ser de dor pela perda de Mark.

- Como são os médicos italianos em comparação com os ingleses?

- Depois dos muçulmanos, os médicos italianos são considerados os mais competentes do mundo. Até retalham os cadáveres para saberem mais sobre as doenças. Mas nunca conseguiram curar um único paciente com a peste.

Caris recusava-se a aceitar o desamparo total.

- Não podemos ficar absolutamente impotentes.

- Tem razão. Não podemos curar ninguém com peste, mas algumas pessoas acham que podem escapar.

- Como? - indagou Caris, ansiosa.

- Parece que a peste é transmitida de uma pessoa para outra. Caris acenou com a cabeça em concordância.

- É o que acontece com muitas doenças.

- Em geral, quando uma pessoa pega a peste, toda a sua família também pega. A proximidade é o fator fundamental.

- Faz sentido. Algumas pessoas dizem que você cai doente de olhar para pessoas doentes.

- Em Florença, as freiras nos aconselhavam a permanecer em casa tanto quanto possível, evitar as reuniões sociais, os mercados, as assembleias de guildas e conselhos.

- E as missas?

- Elas não diziam nada a respeito, mas muitas pessoas deixaram de frequentar as igrejas.

Isso combinava com o que Caris vinha pensando há anos. Talvez seus métodos pudessem prevenir a peste.

- O que me diz das freiras e dos médicos, as pessoas que tinham de se encontrar e tocar nos doentes?

- Os padres recusavam-se a ouvir as confissões em sussurros, para não terem de chegar muito perto. As freiras usavam máscaras de linho sobre a boca e o nariz, a fim de não respirarem o mesmo ar. Algumas lavavam as mãos com vinagre cada vez que tocavam num paciente. Os sacerdotes médicos diziam que nada disso adiantava, mas a maioria preferiu deixar a cidade.

- E essas precauções ajudaram?

- É difícil dizer. Nada disso foi feito até que a peste se espalhasse por toda a cidade. E não era sistemático... todos tentavam coisas diferentes.

- Mesmo assim, devemos fazer o esforço. Depois de uma pausa, Merthin disse:

- Mas há uma precaução que é segura.

- Qual?

- Fugir da cidade.

Era isso o que ele esperava para dizer, compreendeu Caris. Merthin acrescentou:

- O ditado é o seguinte: "Saia cedo, para bem longe, e se mantenha distante por muito tempo." As pessoas que fizeram isso escaparam da peste.

- Não podemos fazer isso.

- Por que não?

- Pense um pouco. Há seis ou sete mil pessoas em Kingsbridge... não é possível que todos deixem a cidade. Para onde iriam?

- Não estou falando sobre os outros... apenas sobre você. Pode ou não ter pegado a peste de Mark. Madge e os filhos certamente devem ter pegado,

mas você passou menos tempo com ele. Se ainda está bem, podemos escapar. Partiríamos hoje mesmo, você, eu e Lolla.

Caris sentia-se atordoada pela maneira como ele presumia que a peste já se espalhara àquela altura. Ela já estaria condenada?

- Mas... para onde iríamos?

- Gales ou Irlanda. Precisamos encontrar uma aldeia remota onde não aparecem estranhos por mais de um ano.

- Você teve a doença. E me disse que as pessoas não pegam duas vezes.

- Nunca. E algumas pessoas não pegam nem a primeira vez. Lolla deve ser assim. Se ela não pegou da mãe, não é provável que pegue de qualquer outra pessoa.

- Então por que você quer ir para Gales?

Merthin fitou-a com a mesma intensidade que exibira antes, e Caris compreendeu que o medo que ele sentia era por ela. Merthin tinha pavor de que ela pudesse morrer. Caris recordou as palavras de Madge: "Saber que há uma pessoa no mundo que estará sempre ao seu lado." Merthin tentava cuidar dela, não importava o que ela fizesse. Caris pensou na pobre Madge, atormentada pela dor de ter perdido o homem que sempre estivera do seu lado. Como ela, Caris, podia pensar em rejeitar Merthin? Mas foi o que ela fez.

- Não posso deixar Kingsbridge. Em qualquer outro momento seria possível, menos agora. As pessoas contam comigo se caírem doentes. Quando a peste se espalhar, todos vão me procurar em busca de ajuda. Se eu fugisse... ora, não sei explicar.

- Creio que compreendo. Seria como um soldado que foge quando a primeira flecha é disparada. E se sentiria uma covarde.

- Isso mesmo... e também seria uma fraude, depois de tantos anos como freira, dizendo que vivo para servir os outros.

- Eu sabia que se sentiria assim, Caris. Mas tinha de tentar. - A tristeza na voz de Merthin quase partiu o coração de Caris, enquanto ele acrescentava: - E suponho que isso significa que não renunciará a seus votos em um futuro previsível.

- Não posso fazê-lo. O hospital é o lugar para onde as pessoas vêm em busca de ajuda. Tenho de estar aqui, no priorado, para desempenhar meu papel. Tenho de ser uma freira.

- Está bem.

- Não fique tão desolado.

Com um pesar irônico, ele perguntou:

- E por que eu não deveria ficar?
- Não disse que a peste matou a metade da população de Florença?
- Mais ou menos isso.
- Portanto, a metade das pessoas não pegou a doença.
- Como Lolla. Ninguém sabe por quê. Talvez tenham alguma força especial Ou talvez a peste ataque ao acaso, como as flechas disparadas contra as fileiras inimigas, matando alguns, poupando outros.
- De qualquer forma, há uma boa possibilidade de que eu escape da doença
- Uma chance em duas.
- Como jogar uma moeda para o alto.
- Cara ou coroa - murmurou Merthin. - Vida ou morte.

58

Centenas de pessoas compareceram ao funeral de Mark Webber. Ele fora um dos cidadãos mais eminentes da cidade, mas era mais do que isso. Diversos pobres vieram das aldeias ao redor, alguns tendo de caminhar por horas. Ele era um homem muito amado, refletiu Merthin. A combinação do corpo de gigante e do temperamento gentil projetava um encantamento especial.

Era um dia de chuva e as cabeças descobertas de ricos e pobres estavam encharcadas, enquanto se postavam em torno da sepultura. A chuva fria misturava-se com as lágrimas quentes nos rostos de todos. Madge mantinha braços estendidos pelos ombros dos filhos mais novos, Dennis e Noah. Eram flanqueados pelo filho mais velho, John, e pela filha, Dora, ambos muito mais ali do que a mãe. Até pareciam os pais das três pessoas mais baixas no meio.

Merthin especulou, sombrio, se Madge seria a próxima a morrer... ou uma das crianças.

Seis homens fortes grunhiram com o esforço de baixar o caixão muito pesado para a sepultura. Madge chorava desesperada, enquanto os monges entoavam o último hino. Depois, os coveiros começaram a jogar a terra encharcada na sepultura. A multidão se dispersou.

Irmão Thomas aproximou-se de Merthin, o capuz levantado para evitar q a chuva molhasse seu rosto.

- O priorado não tem dinheiro para reconstruir a torre - informou ele Godwyn incumbiu Elfric de demolir a torre antiga e apenas fazer um telhado na interseção.

Merthin afastou a mente dos pensamentos apocalípticos da peste.

- Como Godwyn pagará a Elfric por isso?

- As freiras darão o dinheiro.

- Pensei que elas odiavam Godwyn.

- Irmã Elizabeth é a tesoureira. Godwyn tem o cuidado de ser gentil com a família dela, que trabalha em terras do priorado. Quase todas as outras freiras odeiam, é verdade... mas precisam da catedral.

Merthin não podia desistir de sua esperança de reconstruir a torre mais alta do que antes.

- Se eu conseguisse levantar o dinheiro, o priorado construiria uma nova torre?

Thomas deu de ombros.

- É difícil dizer.

Naquela tarde, Elfric foi reeleito regedor da guilda da paróquia. Encerrada a sessão, Merthin procurou Bill Watkin, o maior construtor da cidade, depois de Elfric.

- Depois que as fundações da torre forem reparadas, seria possível reconstruí-la ainda mais alta do que antes - declarou ele.

- Não vejo motivo por que não - concordou Bill. - Mas qual seria o sentido?

- Para que pudesse ser vista de Mudeford Crossing. Muitos viajantes... peregrinos, mercadores, e assim por diante... perdem a estrada para Kingsbridge e seguem direto para Shiring. A cidade perde muitos negócios dessa maneira.

- Godwyn dirá que não tem condições de pagar.

- Pense no seguinte: a nova torre não poderia ser construída da mesma maneira que a ponte? Os mercadores da cidade adiantariam o dinheiro, e seriam pagos com o pedágio da ponte.

Bill coçou a franja de cabelos grisalhos, igual a um monge. Era um conceito insólito.

- Mas a torre não tem nada a ver com a ponte.

- Isso importa?

- Acho que não.

- Os pedágios da ponte seriam apenas uma maneira de garantir o pagamento do empréstimo. ;

Bill considerou seus interesses pessoais.

- Eu seria encarregado de uma parte do trabalho?

- É um projeto grande... todos os construtores da cidade teriam de participar.

- Seria ótimo.

- Se eu projetasse uma torre grande, você me apoiaria na próxima reunião da guilda da paróquia?

Bill parecia em dúvida.

- Não é provável que os membros da guilda apoiem uma extravagância como essa.

- A torre não precisa ser extravagante, apenas alta. Se fizermos um domo sobre a interseção, posso construir sem gastos absurdos.
- Um domo? É uma idéia nova.
- Vi vários domos na Itália.
- Tem razão, isso reduziria o gasto.
- E a torre pode ser encimada por uma agulha fina de madeira, o que também pouparia dinheiro, além de ficar maravilhoso.
- Já tinha pensado em tudo, não é?
- Nem tanto. Mas a idéia se mantém no fundo de minha mente desde que voltei de Florença.
- Parece muito bom... bom para os negócios, bom para a cidade.
- E bom para nossas almas eternas.
- Farei o melhor que puder para ajudá-lo.
- Obrigado.

Merthin refletia muito sobre o projeto da torre enquanto cuidava de outros trabalhos, como o conserto da ponte e a construção das novas casas na ilha do Leproso. Ajudava-o a desviar sua mente das visões angustiantes e obsessivas de Caris doente com a peste. Pensava com frequência na torre sul de Chartres. Era uma obra-prima, embora um pouco antiquada, construída há cerca de duzentos anos.

O que Merthin mais apreciara nessa torre, ele podia recordar com nitidez, era a transição da torre quadrada para a octogonal por cima. No topo da torre, em cada um dos quatro cantos, havia pináculos virados em diagonal para fora. No mesmo nível, em pontos intermediários de cada lado do quadrado, havia águas-furtadas similares na forma aos pináculos. Essas oito estruturas se harmonizavam com os oito lados inclinados da torre se erguendo por trás, de tal forma que o olho mal notava a mudança de forma do quadrado para o octogonal.

Chartres, no entanto, era desnecessariamente atarracada para os padrões do século XIV. A torre de Merthin teria colunas mais esguias e enormes aberturas de janelas, para atenuar o peso sobre os pilares por baixo, e também para reduzir o estresse, ao permitir a passagem do vento.

Ele fez um chão de traçado de projetos em sua oficina na ilha. Gostava de planejar os detalhes, dobrando e quadruplicando as arcadas pontiagudas da velha catedral, modernizando os conjuntos de colunas e capiteis.

Hesitava sobre a altura. Não tinha como calcular quão alta precisaria ser para se tornar visível de Mudeford Crossing. Isso só poderia ser

determinado pela prática. Quando acabasse a torre de pedra, teria de erguer uma agulha provisória, depois ir até Mudeford num dia claro, para verificar se poderia avistá-la. A catedral fora construída numa elevação, e em Mudeford a estrada subia por uma encosta, pouco antes de descer para a travessia do rio. O instinto lhe dizia que se fizesse a torre um pouco mais alta que a de Chartres - acima de cento e vinte metros - isso seria suficiente.

A torre da Catedral de Salisbury tinha cento e vinte e três metros.

Merthin planejava erguer a sua por uma altura de cento e vinte e quatro metros.

Enquanto ele se inclinava sobre o chão de traçado, desenhando os pináculos da torre, Bill Watkin apareceu.

- O que você acha? - perguntou Merthin. - A torre precisa de uma cruz por cima, apontada para o céu? Ou de um anjo, velando por nós?

- Nenhuma das duas coisas - disse Bill. - A torre não será construída. Merthin empertigou-se, com uma régua na mão esquerda e uma agulha de ferro para desenhar na direita.

- O que o faz dizer isso?

- Recebi uma visita do irmão Philemon. Ele queria me dar um conselho, para meu próprio bem. Disse que não seria sensato da minha parte apoiar qualquer plano para uma torre projetada por você.

- Por que não?

- Porque isso irritaria o prior Godwyn, que não vai aprovar seus planos, independentemente de qualquer coisa.

Merthin não podia ficar surpreso. Se Mark Webber tivesse sido eleito regedor, o equilíbrio de poder na cidade teria mudado, e Merthin poderia obter a incumbência de construir a nova torre. Mas a morte de Mark invertera a situação, contra ele. Mesmo assim, apegara-se à esperança. Agora, sentia um profundo desapontamento.

- Devo supor que ele vai contratar Elfric?

- Foi essa a insinuação.

- Será que Godwyn nunca vai aprender?

- Quando um homem é orgulhoso, isso conta mais do que o bom senso.

- A guilda da paróquia pagará por uma torre baixa e atarracada construída por Elfric?

- Provavelmente. Os mercadores podem não ficar muito satisfeitos, mas arrumarão o dinheiro. Orgulham-se de sua catedral, apesar de tudo.

- A incompetência de Elfric quase lhes custou a ponte! - exclamou Merthin, indignado.

- Eles sabem disso.

Merthin permitiu que sua mágoa aflorasse.

- Se eu não tivesse diagnosticado o problema, a torre teria desabado... e talvez derrubasse toda a catedral.

- Eles também sabem disso. Mas não querem brigar com o prior só porque ele é injusto com você.

- Nem deveriam.

Merthin falou como se pensasse que isso era perfeitamente razoável, mas estava escondendo sua amargura. Fizera mais por Kingsbridge do que Godwyn, e sentia-se magoado porque os moradores da cidade não lutavam por ele. Mas também sabia que a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, agia de acordo com seus interesses pessoais imediatos.

- As pessoas são ingratas - comentou Bill. - Sinto muito.

- Não se preocupe.

Merthin fitou Bill, depois desviou os olhos, largou seus implementos de desenho, e deixou a oficina.

Durante o serviço de Laudes, antes do amanhecer, Caris ficou surpresa ao olhar pela nave e avistar uma mulher no lado norte, na frente de um quadro na parede de Cristo Ressuscitado. Havia uma vela ao seu lado; à luz da chama, Caris reconheceu o corpo roliço e o queixo projetado de Madge Webber.

Madge permaneceu ali ao longo de todo o serviço, sem prestar qualquer atenção aos salmos, aparentemente absorvida em oração.

Talvez estivesse pedindo a Deus para perdoar os pecados de Mark e que o deixasse descansar em paz... não que Mark tivesse cometido muitos pecados, até onde Caris sabia. Era mais provável que Madge estivesse pedindo a Mark para lhe enviar boa sorte do mundo dos espíritos. Madge continuaria a cuidar do negócio de tecido escarlate, com a ajuda dos dois filhos mais velhos. Era o que costumava acontecer quando um mercador morria, deixando viúva e um empreendimento próspero. Mesmo assim, não podia haver a menor dúvida de que ela sentia a necessidade da bênção do marido morto para seus esforços.

Mas essa explicação não chegava a ser satisfatória para Caris. Havia uma certa intensidade na postura de Madge, alguma coisa em sua imobilidade

que sugeria um profundo fervor, como se estivesse suplicando aos céus que lhe concedesse uma dádiva da maior importância.

Quando o serviço terminou e os monges e freiras começaram a sair da catedral, Caris desligou-se da procissão e se encaminhou pela escuridão da nave para o brilho distante da vela.

Madge levantou-se ao ouvir o som de passos. Quando reconheceu Caris, ela disse, em tom de acusação:

- Mark morreu da peste, não é? Então era isso.

- Acho que sim.

- Você não me disse.

- Não tinha certeza, e não queria assustá-la... para não mencionar toda a cidade... com base num palpite.

- Ouvi dizer que a peste chegou a Bristol.

Então as pessoas da cidade já começavam a falar a respeito.

- E a Londres - acrescentou Caris, que recebera essa informação de um peregrino.

- O que acontecerá com todos nós? A tristeza apertou o coração de Caris.

- Não sei.

- Ouvi dizer que a peste se espalha de uma pessoa para outra.

- É o que acontece com muitas doenças.

A agressividade desapareceu do rosto de Madge, substituída por uma expressão suplicante, que partiu o coração de Caris. Num quase sussurro, ela perguntou:

- Meus filhos morrerão?

- A esposa de Merthin pegou a peste. Ela morreu, assim como toda a sua família. Mas Merthin recuperou-se, e Lolla nem pegou.

- Quer dizer que meus filhos ficarão bem? Não fora isso que Caris quisera dizer.

- Podem ficar. Ou alguns podem pegar e outros podem escapar.

Isso não satisfez Madge. Como a maioria dos pacientes, ela queria certezas, não possibilidades.

- O que posso fazer para protegê-los? Caris olhou para a imagem de Cristo.

- Você está fazendo tudo o que pode.

Ela começou a perder o controle. E quando um soluço subiu por sua garganta, virou-se para esconder seus sentimentos, e deixou a catedral em passos apressados.

Sentou no claustro das freiras por alguns minutos, recuperando o controle. Depois, foi para o hospital, como sempre fazia àquela hora.

Mair não estava ali. Devia ter saído para cuidar de uma pessoa doente na cidade. Caris assumiu o comando, supervisionando a distribuição da primeira refeição para hóspedes e pacientes, providenciando a limpeza, examinando os doentes. O trabalho atenuou sua aflição por Madge. Leu um salmo para Old Julie. Depois de cumpridas todas as tarefas, como Mair ainda não tivesse aparecido, Caris deixou o hospital para procurá-la.

Encontrou-a no dormitório, estendida na cama, de barriga para baixo. O coração de Caris disparou.

- Mair! Você está bem?

Mair rolou na cama. Estava pálida e suando. Tossiu, mas não disse nada. Caris ajoelhou-se ao lado e pôs a mão em sua testa.

- Você está com febre - disse ela, reprimindo o medo que aflorou em sua barriga, como uma náusea. - Quando começou?

- Eu estava tossindo ontem. Mas dormi bem, e levantei esta manhã sem sentir nada. Depois, quando desci para comer, senti de repente que da vomitar. Fui até a latrina, voltei para o dormitório, e deitei. Acho que dormi... Que horas são?

- O sino para a Terça está prestes a tocar. Mas você está dispensada.

Podia ser apenas uma doença comum, disse Caris a si mesma. Ela tocou no pescoço de Mair, e depois baixou seu hábito. Mair ofereceu um sorriso desanimado.

- Está tentando ver meu peito?

- Isso mesmo.

- Vocês, freiras, são todas iguais.

Não havia erupções, até onde Caris pôde determinar. Talvez fosse apenas um resfriado.

- Alguma dor?

- Há um ponto extremamente sensível em minha axila.

Isso não dizia muita coisa a Caris. As inchações dolorosas nas axilas e virilha eram características também de outras doenças, não apenas da peste.

- Vamos descer para o hospital.

Quando Mair levantou a cabeça, Caris viu manchas de sangue no travesseiro.

Sentiu o choque como se fosse um golpe físico. Mark Webber tossira sangue. E Mair fora a primeira pessoa a cuidar de Mark, no início de sua doença... fora até a casa um dia antes de Caris.

Caris ocultou seu medo e ajudou Mair a levantar. Lágrimas afloraram a seus olhos, mas ela se controlou. Mair passou o braço pela cintura de Caris e encostou a cabeça em seu ombro, como se precisasse de amparo para andar. Caris passou o braço pelos ombros de Mair. Juntas, desceram a escada, e atravessaram o claustro das freiras, até o hospital.

Caris levou Mair para um tolcião perto do altar. Foi buscar um copo de água fresca da fonte no claustro. Mair bebeu, sôfrega. Caris lavou seu rosto e pescoço com água-de-rosas. Depois de algum tempo, Mair pareceu adormecer.

O sino para a Terça tocou. Normalmente, Caris era dispensada desse serviço; mas agora ela sentia necessidade do isolamento. Ingressou na procissão de freiras e entrou na catedral. As velhas pedras cinzentas pareciam frias e inóspitas hoje. Ela entoou os hinos de uma forma automática, enquanto uma tempestade agitava seu coração.

Mair estava com a peste. Não havia erupções, mas ela tinha a febre, sentia muita sede, e tossira sangue. Provavelmente morreria.

Caris foi dominada por um terrível sentimento de culpa. Mair a amara com devoção. Caris nunca fora capaz de retribuir o amor de Mair, não da maneira por que Mair ansiava. Agora, Mair estava morrendo. Caris desejou que pudesse ter sido diferente. Devia ter sido capaz de fazer Mair feliz. Deveria ser capaz de salvar sua vida. Ela chorou, enquanto entoava o salmo, esperando que se alguém reparasse nas lágrimas, pensasse que era êxtase religioso.

Ao final do serviço, uma noviça esperava-a ansiosa fora da porta do transepto sul.

- Há alguém no hospital pedindo para falar com você com urgência. Caris encontrou Madge Webber ali, o rosto branco de medo.

Caris não precisava perguntar o que Madge queria. Pegou a bolsa de medicina e as duas saíram apressadas. Atravessaram o pátio gramado da catedral num instante, sob o vento gelado de novembro. Foram para a casa dos Webbers, na rua principal. Lá em cima, os filhos de Madge esperavam na sala. Os dois mais velhos sentavam à mesa, parecendo assustados; os meninos estavam deitados no chão.

Caris examinou-os rapidamente. Todos os quatro estavam febris. A moça sangrava pelo nariz. Os três meninos tossiam.

Todos tinham manchas purpuras espalhadas pelos ombros e pescoço. Madge disse:

- É a mesma coisa, não é? Foi disso que Mark morreu. Eles estão com a peste.

Caris acenou com a cabeça em confirmação.

- Sinto muito.

- Espero morrer também - murmurou Madge. - Assim poderemos ficar juntos no céu.

No hospital, Caris adotou as precauções de que Merthin lhe falara. Cortou tiras de linho para as freiras cobrirem a boca e o nariz enquanto cuidavam de pessoas que tinham a peste. E obrigava a lavarem as mãos com vinagre e água sempre que tocavam em um paciente. Todas as freiras ficaram com as mãos esfoladas.

Magge levou os quatro filhos para o hospital, e depois também ficou doente. Old Julie, que estivera deitada perto de Mark Webber enquanto ele morria, também sucumbiu. Havia bem pouco que Caris podia fazer por qualquer paciente.

Lavava seus rostos para baixar a febre, dava água fresca para beber da fonte no tlaustro, limpava o vômito ensanguentado, e esperava que morressem.

Estava ocupada demais para pensar em sua própria morte. Observava uma certa admiração assustada nos olhos dos habitantes da cidade quando a viam afagar os rostos das vítimas infecciosas da peste, mas não se sentia uma mártir altruísta. Considerava-se apenas como o tipo de pessoa que detestava ficar remoendo e preferia agir. Como todos os outros, era obcecada pela indagação: Quem será o próximo? Mas, com toda firmeza, tirava o pensamento de sua mente.

O prior Godwyn foi examinar os pacientes. Recusou-se a usar a máscara no rosto, alegando que isso não passava de bobagem de mulher. Fez o mesmo diagnóstico de antes, sangue superaquecido, e prescreveu sangria e uma dieta com maçãs azedas e tripas de carneiro.

Não importava muito o que os pacientes comiam, já que eles vomitavam tudo no final; mas Caris tinha certeza de que tirar o sangue fazia com que a doença piorasse. Já sangravam demais: tossiam e cuspiam sangue, vomitavam sangue, urinavam sangue. Mas os monges eram os médicos treinados, e por isso tinha de seguir suas instruções. Não tinha tempo para ficar furiosa sempre que via um monge ou freira ajoelhado ao lado de um paciente, mantendo um braço esticado, cortando a veia com uma pequena faca afiada, e mantendo o braço erguido, enquanto meio litro de sangue precioso escorria para uma bacia.

Caris sentou com Mair ao final, segurando sua mão, sem se importar com que alguém pudesse desaprovar. Para atenuar seu tormento, deu-lhe uma

pequena quantidade da droga eufórica que Mattie a ensinara a fazer, com papoulas. Mair ainda tossiu, mas já não doía tanto. Depois de um acesso de tosse, sua respiração se tornava mais fácil por algum tempo, e ela conseguia falar.

- Obrigada por aquela noite em Calais - sussurrou ela. - Sei que você não gostou muito, mas foi o paraíso para mim.

Caris teve de fazer um esforço para não chorar.

- Lamento muito não poder ser o que você queria.

- Mas você me amava, à sua maneira. Sei disso.

Ela tossiu de novo. Quando o acesso acabou, Caris limpou o sangue dos lábios de Mair.

- Eu amo você - balbuciou Mair, antes de fechar os olhos.

Caris deixou que as lágrimas escorressem, sem se importar com quem visse, nem com o que as pessoas pudessem pensar. Ficou olhando para Mair, através das lágrimas, e viu-a se tornar mais e mais pálida, a respiração cada vez mais superficial, até que cessou por completo.

Caris permaneceu onde estava, no chão, ao lado do colchão, segurando a mão do cadáver. Mair ainda era linda, mesmo assim, branca, imóvel para sempre. Ocorreu a Caris que apenas uma outra pessoa a amava tanto quanto Mair, e essa pessoa era Merthin. Como era estranho que ela tivesse também rejeitado o amor dele.

Havia alguma coisa errada com ela, pensou; alguma deformação da alma que a impedia de ser como as outras mulheres e de aceitar o amor com a maior alegria.

Mais tarde, naquela noite, os quatro filhos de Mark Webber morreram; e Old Julie também.

Caris estava perturbada. Não havia nada que ela pudesse fazer? A peste espalhava-se depressa e matava todo mundo. Era como viver numa prisão e especular qual dos presos seria o próximo a ir para a forca. Kingsbridge estava condenada a ser como Florença e Bordeaux, com corpos empilhados nas ruas? No domingo seguinte haveria mercado no pátio gramado junto da catedral. Centenas de pessoas das aldeias ao redor viriam comprar e vender, confraternizar com os moradores da cidade nas igrejas e tavernas. Quantas voltariam para casa com a doença fatal? Quando se sentia assim, numa angustiante impotência contra forças terríveis, Caris compreendia por que as pessoas erguiam as mãos e diziam

que tudo era controlado pelo mundo dos espíritos. Mas ela nunca fora assim.

Quando uma pessoa do priorado morria, sempre havia um serviço fúnebre especial, com a participação de todos os monges e freiras e orações extras pela partida da falecida. Tanto Mair quanto Old Julie eram muito amadas: Julie, por seu coração gentil; Mair, por sua beleza. Muitas freiras choraram. Os filhos de Madge foram incluídos no funeral, e por isso várias centenas de moradores da cidade compareceram. Madge estava doente demais para deixar o hospital.

Todos se reuniram no cemitério, sob um céu cor de chumbo. Caris teve a impressão de sentir o cheiro de neve no vento frio que soprava do norte. O irmão Joseph disse as orações à beira dos túmulos, e seis caixões foram baixados para as sepulturas. Uma voz na multidão fez a pergunta que prevalecia na mente dos presentes:

- Vamos todos morrer, irmão Joseph?

Joseph era o mais popular dos monges médicos. Agora perto dos sessenta anos, era um intelectual, mas tinha o comportamento afetuoso de alguém à cabeceira de um doente.

- Vamos todos morrer, meu amigo, mas nenhum de nós sabe quando - respondeu ele. - É por isso que devemos estar sempre preparados para o encontro com Deus.

Betty Baxter interveio, sempre inquisitiva, querendo chegar à verdade:

- O que podemos fazer contra a peste... porque é a peste, não é mesmo?

- A melhor proteção é a oração - declarou Joseph. - E caso Deus tenha decidido levá-la, deve ir logo à igreja para confessar seus pecados.

Betty não deixava para trás uma questão com tanta facilidade.

- Merthin disse que em Florença as pessoas permaneciam em casa para evitar o contato com os doentes. Isso é uma boa idéia?

- Não creio. Os florentinos escaparam da peste?

Todos olharam para Merthin, que estava com Lolla no colo.

- Não, não escaparam - respondeu ele. - Mas talvez muitos mais teriam morrido se não fosse por isso.

Joseph sacudiu a cabeça.

- Se você ficar em casa, não pode ir à igreja. E a santidade é o melhor remédio.

Caris não podia mais se manter calada.

- A peste passa de uma pessoa para outra - disse ela, furiosa. - Se você ficar longe das outras pessoas, tem mais chance de escapar da infecção.

O prior Godwyn interveio:

- Então as mulheres são médicas agora? Caris ignorou-o.

- Devemos cancelar o mercado. Pouparia muitas vidas.

- Cancelar o mercado! - exclamou ele, desdenhoso. - E como faríamos isso? Mandaríamos mensageiros para todas as aldeias?

- Basta fechar os portões da cidade - argumentou Caris. - Bloquear a ponte. Manter todos os estranhos fora da cidade.

- Mas já há pessoas doentes na cidade.

- Fechar todas as tavernas. Cancelar as reuniões de todas as guildas. Proibir convidados nos casamentos.

- Em Florença, eles suspenderam até as reuniões do conselho da cidade informou Merthin.

- Então como as pessoas podem fazer negócios? - indagou Elfric

- Se faz negócios, você morre - respondeu Caris. - E matará também sua esposa e filhos. A decisão é sua.

- Não quero fechar minha loja... perderia muito dinheiro - declarou Betty Baxter. - Mas farei isso para salvar minha vida.

Caris sentiu-se mais esperançosa, mas no instante seguinte Betty acrescentou:

- O que dizem os médicos? Eles sabem mais do que todo mundo. Caris soltou um grunhido de protesto. O prior Godwyn disse:

- A peste foi enviada por Deus para nos punir por nossos pecados. O mundo se tornou iníquo. Heresia, lascívia e desrespeito vicejam por toda parte. Os homens questionam a autoridade, as mulheres exibem seus corpos, as crianças desobedecem aos pais. Deus está furioso e sua ira é terrível. Não tentem fugir de sua justiça. Haverá de encontrá-los, não importa onde se escondam.

- O que devemos fazer?

- Se querem viver, devem ir à igreja, confessar seus pecados, orar, e levar uma vida melhor.

Caris sabia que era inútil argumentar, mas mesmo assim ainda tentou:

- Um homem faminto deve ir à igreja, mas deve também comer. Madre Cecilia interveio:

- Irmã Caris, não precisa dizer mais nada.

- Mas podemos salvar tantas... -Já chega.

- É uma questão de vida e morte! Cecilia baixou a voz:

- Mas ninguém dá atenção ao que você diz. É melhor se calar.

Caris sabia que Cecilia tinha razão. Por mais que argumentasse, as pessoas acreditariam nos monges, não nela. Caris mordeu o lábio e não disse nada.

Blind Carlus começou a entoar um hino, e os monges voltaram em procissão para a catedral. As freiras foram atrás. A multidão se dispersou.

Quando passavam da catedral para o claustro, madre Cecilia espirrou.

Todas as noites, Merthin punha Lolla na cama, em seu quarto na Bell. Cantava para ela, recitava poemas, ou contava histórias. Era o momento em que a filha conversava com ele, fazendo perguntas estranhamente inesperadas para uma criança de três anos, algumas profundas, algumas hilariantes.

Naquela noite, enquanto ele cantava um acalanto, Lolla desatou a chorar.

Merthin perguntou qual era o problema.

- Por que Dora morreu?

Então era isso. A filha de Madge, Dora, adorava Lolla. Passavam bastante tempo juntas, brincando e trançando os cabelos uma da outra.

- Ela pegou a peste - respondeu Merthin.

- Mamãe teve a peste. - Lolla passou para o italiano, que não esquecera por completo. - da moria grande.

- Eu também tive, mas fiquei bom.

- Libia teve a peste.

Libia era a boneca de madeira que ela trouxera de Florença.

- Libia também?

- Também. Ela espirrou, ficou quente, e teve manchas, mas uma freira fez Libia ficar boa.

- Fico satisfeito. Isso significa que ela está segura. Ninguém pega a peste duas vezes.

- Você está seguro, não é?

- Estou. - Parecia um momento propício para encerrar a conversa. - Trate de dormir agora.

- Boa-noite.

Merthin encaminhou-se para a porta.

- Bessie está segura? - perguntou a filha.

- Durma agora.

- Eu amo Bessie.

- Isso é ótimo. Boa-noite.

Merthin fechou a porta. Lá embaixo, a taverna estava vazia. As pessoas sentiam-se apreensivas com aglomerações. Apesar do que Godwyn dissera, a mensagem de Caris surtira efeito.

Ele sentiu o cheiro apetitoso de uma sopa. Foi até a cozinha. Bessie mexia uma panela no fogo.

- Sopa de vagem com ervilha - informou ela.

Merthin sentou à mesa com o pai dela, Paul, um homem enorme, na casa dos cinquenta anos. Cortou uma fatia de pão, enquanto enchia sua caneca com cerveja. Bessie serviu a sopa.

Bessie e Lolla gostavam cada vez mais uma da outra, pensou Merthin. Ele contratara uma babá para tomar conta de Lolla durante o dia, mas Bessie muitas vezes ficava com a menina à noite. Lolla a adorava.

Merthin tinha uma casa na ilha do Leproso, mas era pequena, ainda mais em comparação com o palagetto em Florença a que se acostumara.

Estava feliz por deixar que Jimmie continuasse a morar ali. Sentia-se confortável na Bell. O lugar era aconchegante e limpo, havia sempre muita comida e boa bebida. Ele pagava a conta todos os sábados, mas sob outros aspectos era tratado como uma pessoa da família. Não tinha pressa em se mudar para uma casa sua.

Por outro lado, também não podia viver ali para sempre. E quando saísse, Lolla podia ficar perturbada por se afastar de Bessie. Muitas pessoas em sua vida já haviam desaparecido. Ela precisava de estabilidade. Talvez fosse melhor se mudar agora, antes que ela ficasse afeiçoada demais a Bessie.

Depois que comeram, Paul foi deitar. Bessie serviu mais cerveja para Merthin. Sentaram ao lado do fogo.

- Quantas pessoas morreram em Florença? - perguntou ela.

- Milhares. Provavelmente dezenas de milhares. Ninguém conseguiu contar.

- Eu pergunto quem será o próximo em Kingsbridge.

- Penso nisso o tempo todo.

- Talvez seja eu.

- Infelizmente, é possível.

- Eu gostaria de deitar com um homem mais uma vez, antes de morrer.

Merthin sorriu, mas não disse nada.

- Não tenho um homem desde que meu Richard morreu. Já tem mais de um ano.

- Sente saudade dele.

- E você? Há quanto tempo não tem uma mulher?

Merthin não fazia sexo desde que Silvia caíra doente. Ao lembrá-la, ele sentiu uma pontada de pesar. Não fora grato como deveria pelo amor de Silvia.

- Mais ou menos o mesmo tempo.

- Foi com sua esposa?

- Foi... que sua alma descanse em paz.

- É muito tempo para passar sem amar.

- Também acho.

- Mas você não é do tipo que vai para a cama com qualquer mulher. Quer alguém para amar.

- Acho que tem razão.

- Também sou assim. É maravilhoso deitar com um homem, a melhor coisa do mundo, mas apenas se amarem um ao outro de verdade. Só tive um homem, meu marido. Nunca fui para a cama com nenhum outro.

Merthin especulou se isso seria mesmo verdade. Não podia ter certeza. Bessie parecia sincera. Mas era o tipo de coisa que uma mulher diria de qualquer maneira.

- E você? Quantas mulheres teve?

- Três.

- Sua esposa, Caris antes, e... quem mais? Ah, lembrei agora... Griselda.

- Não falei quem foram.

- Não precisa se preocupar. Todo mundo sabe.

Merthin sorriu, pesaroso. Claro que todos sabiam. Talvez não tivessem certeza, mas adivinhavam, e em geral as pessoas adivinhavam certo.

- Que idade teria o filho de Griselda agora... sete anos? Oito?

- Dez anos.

- Tenho joelhos gordos. - Bessie levantou a saia para mostrar. - Sempre detestei meus joelhos, mas Richard gostava.

Merthin olhou. Os joelhos eram roliços e tinham covinhas. Ele podia ver as coxas brancas.

- Richard sempre beijava meus joelhos. Era um homem doce.

Bessie ajustou o vestido, como se o esticasse, mas levantou-o, e por um momento Merthin pôde ver a mancha escura convidativa entre as coxas.

- Às vezes ele me beijava toda, especialmente depois do banho. Eu gostava disso. Gostava de tudo. Um homem pode fazer o que quiser com uma mulher que vive com ele. Não concorda?

Aquilo já fora longe demais. Merthin levantou-se.

- Acho que provavelmente você tem razão. Mas esse tipo de conversa só leva para um caminho, e prefiro ir para a cama antes de cometer um pecado.

Bessie deu um sorriso triste.

- Durma bem. E se por acaso se sentir solitário, estarei aqui, ao lado do fogo.

- Não me esquecerei.

Puseram madre Cecilia numa cama, não num simples colchão, junto do altar, o lugar mais sagrado do hospital. As freiras entoavam hinos e rezavam em torno da cama durante todo o dia e toda a noite, em turnos. Havia sempre alguém para lavar seu rosto com água-de-rosas fresca, sempre um copo com água fresca da fonte ao seu lado. Nada disso fez qualquer diferença. Ela declinou tão depressa quanto as outras pessoas, sangrando pelo nariz e vagina, a respiração mais e mais entrecortada, a sede insaciável.

Na quarta noite, depois de espirrar, ela mandou chamar Caris.

Caris estava num sono pesado. Seus dias eram extenuantes, com o hospital superlotado. Sonhava que todas as crianças em Kingsbridge tinham a peste. Enquanto corria pelo hospital, tentando cuidar de todas, descobriu subitamente que também pegara a doença. Uma das crianças puxava sua manga, mas ela ignorava, enquanto tentava imaginar, desesperada, como poderia lidar com todos os pacientes se estivesse doente... e foi nesse instante que compreendeu que alguém sacudia seu ombro, com crescente urgência, dizendo:

- Acorde, irmã, por favor! A madre priora precisa de sua ajuda!

Caris despertou. Olhou para a noviça ajoelhada ao lado da cama, com uma vela na mão.

- Como ela está?

- Piorando mais e mais, mas ainda consegue falar, e pediu para chamá-la. Caris levantou-se. Calçou as sandálias. Era uma noite de frio intenso. Ela

vestia o hábito de freira, e pegou o cobertor para se agasalhar. Desceu correndo a escada de pedra.

O hospital estava repleto de pessoas morrendo. Os colchões no chão haviam sido dispostos como espinhas de peixe, para que os pacientes capazes de sentar pudessem ver o altar.

Famílias agrupavam-se em torno dos colchões. Havia um cheiro forte de sangue. Caris pegou uma tira limpa de linho, de um cesto ao lado da porta, e prendeu-a para cobrir a boca e o nariz.

Quatro freiras ajoelhavam-se ao redor da cama de Cecilia, cantando. Cecilia mantinha os olhos fechados, e Caris receou a princípio ter chegado tarde demais. Mas depois a velha priora pareceu sentir sua presença. Virou a cabeça e abriu os olhos.

Caris sentou na beira da cama. Mergulhou um pano numa tigela de água-de-rosas e limpou uma mancha de sangue do lábio superior de Cecilia.

A respiração de Cecilia era torturada. Nos intervalos entre os ofegos, ela balbuciou: .

- Alguém sobreviveu a essa terrível doença?

- Só Madge Webber.

- A que não queria viver.

- Todos os seus filhos morreram.

- Também morrerei em breve.

- Não diga isso.

- Você esqueceu que as freiras não têm medo da morte. Durante toda a nossa vida ansiamos pela união com Jesus no paraíso. E quando a morte chega, devemos acolhê-la com satisfação.

O longo discurso deixou-a extenuada. Ela teve uma tosse convulsiva. Caris limpou o sangue de seu queixo.

- É verdade, madre priora. Mas as pessoas que ficam aqui podem chorar. As lágrimas afloraram aos olhos de Caris. Perdera Mair e Old Julie, e agora estava prestes a perder Cecilia também. ,

Não chore. Isso é para as outras. Você tem de ser forte.

- Não sei por quê.

- Acho que Deus tem você em mente para assumir meu lugar, como a nova priora.

Neste caso, ele fez uma estranha opção, pensou Caris. Deus em geral escolhe pessoas cujas opiniões a seu respeito são mais ortodoxas. Mas ela aprendera há muito que não havia sentido em dizer essas coisas.

- Se as irmãs me escolherem, farei o melhor que puder.
- Acho que elas vão escolher você.
- Tenho certeza de que a irmã Elizabeth vai querer ser considerada.
- Elizabeth é inteligente, mas você é afetuosa.

Caris baixou a cabeça. Cecilia provavelmente tinha razão. Elizabeth seria rigorosa demais. Caris era a mais indicada para dirigir o convento, muito embora fosse cética sobre a utilidade de passar a vida em orações e canto de hinos. Mas acreditava na escola e no hospital. Seria terrível se Elizabeth controlasse o hospital.

- Há mais uma coisa. - Cecilia baixou a voz, e Caris teve de se inclinar ainda mais. - Algo que o prior Anthony me contou quando estava morrendo. Ele guardou o segredo até o final, e agora tenho de revelá-lo também.

Caris não tinha certeza se queria arcar com o fardo de um segredo. Mas os últimos momentos de uma pessoa pareciam prevalecer sobre seus escrúpulos.

- O velho rei não morreu de uma queda - murmurou Cecilia.

Caris ficou chocada. Acontecera há mais de vinte anos, mas ela ainda se lembrava dos rumores. Matar um rei era o pior crime que se podia imaginar, uma dupla atrocidade, combinando assassinato com traição, dois crimes capitais. Até mesmo saber de algo assim era um perigo. Não era de admirar que Anthony tivesse mantido isso em segredo.

- A rainha e seu amante, Mortimer, queriam tirar Edward II do caminho continuou Cecilia. - O herdeiro do trono era um menino. Mortimer se tornaria rei para todos os efeitos, menos no nome. Ao final, não demorou tanto tempo quanto ele devia esperar... o jovem Edward III cresceu muito depressa.

Ela tossiu de novo, ainda mais fraca.

- Mortimer foi executado quando eu era adolescente.

- Mas o próprio Edward não queria que ninguém soubesse o que acontecera com seu pai. Por isso, o segredo foi guardado.

Caris sentia-se apavorada. A rainha Isabella ainda vivia, em condições suntuosas, em Norfolk, a mãe reverenciada do rei. Se as pessoas descobrissem que tinha o sangue do marido nas mãos, haveria um terremoto político. Caris sentia-se culpada só por saber.

- Quer dizer que ele foi assassinado? - perguntou ela.

Cecilia não respondeu. Caris fitou-a atentamente. A priora mantinha-se imóvel, os olhos abertos fixados no teto. Estava morta.

Um dia depois da morte de Cecilia, Godwyn convidou irmã Elizabeth para almoçar com ele.

Aquele era um momento perigoso. A morte de Cecilia desequilibrava a estrutura de poder. Godwyn precisava do convento, porque o mosteiro sozinho não era viável: ele nunca tivera êxito em suas tentativas de melhorar as finanças. Mas a maioria das freiras estava agora furiosa por causa do dinheiro que ele tirara de seu tesouro, exibindo uma hostilidade amarga. Se caíssem sob o controle de uma priora empenhada em vingança - Caris, por exemplo -, isso poderia acarretar o fim do mosteiro. Ele também se sentia apavorado com a peste. E se a pegasse? E se Philemon morresse? Esses lampejos de pesadelo deixavam-no angustiado, mas sempre dava um jeito de relegá-los para o fundo de sua mente. Estava determinado a não permitir que a peste o desviasse de seu propósito a longo prazo.

A eleição da priora era um perigo imediato. Godwyn teve visões do mosteiro fechado, ele próprio deixando Kingsbridge em desgraça, obrigado a se tornar um monge comum em outro lugar, subordinado a um prior que o disciplinaria e humilharia. Se isso acontecesse, ele pensou, poderia até se matar.

Por outro lado, havia ali uma oportunidade, não apenas uma ameaça. Se manipulasse a situação com todo cuidado, poderia ter uma priora simpática a ele,

alguém que ficaria contente em deixá-lo assumir o comando. E Elizabeth era sua melhor aposta.

Ela daria uma líder autoritária, alguém que saberia resguardar sua dignidade. Mas Godwyn poderia trabalhar com ela. Elizabeth era pragmática: demonstrara isso, na ocasião em que o alertara de que Caris pretendia efetuar uma auditoria no tesouro. E seria sua aliada.

Elizabeth entrou na sala de cabeça erguida. Sabia que se tornara subitamente importante, e gostava dessa circunstância, compreendeu Godwyn. Ele se perguntou, ansioso, se Elizabeth concordaria com o plano que da propor. Talvez precisasse manipulá-la com todo cuidado. Ela correu os olhos pelo salão de jantar e comentou:

- Construiu um esplêndido palácio.

Era um lembrete de que o ajudara a conseguir o dinheiro. Elizabeth nunca estivera ali antes, embora o palácio já estivesse pronto há mais de um ano. Ele preferia evitar a presença de mulheres na parte do priorado reservada aos monges. Só Petranilla e Cecilia haviam sido admitidas ali até agora.

- Obrigado. Creio que nos faz merecer o respeito dos nobres e poderosos. Já recebemos aqui o arcebispo de Monmouth.

Godwyn usara os últimos florins das freiras para comprar tapeçarias, com cenas das vidas dos profetas. Ela estudou uma imagem de Daniel na cova dos leões.

- É muito boa.

- Veio de Arras.

Elizabeth elevou uma sobrancelha.

- É seu gato que está debaixo do aparador? Godwyn soltou um grunhido de desaprovação. Mentiu:

- Não consigo me livrar dele.

Ele afugentou o gato para fora da sala. Os monges não deveriam ter animais de estimação, mas ele achava que a presença do gato era tranquilizante.

Sentaram à extremidade de uma longa mesa de jantar. Godwyn detestava ter uma mulher ali, sentando para comer, como se fosse tão boa quanto um homem; mas disfarçou seu desconforto.

Encomendara um prato requintado, porco cozido com gengibre e maçãs. Philemon serviu um vinho da Gasconha. Elizabeth provou o porco e comentou:

- Uma delícia.

Godwyn não se interessava por comida, exceto como um meio de impressionar as pessoas, mas Philemon pôs-se a comer com voracidade. Godwyn decidiu tratar logo dos negócios:

- Como planeja ganhar a eleição?

- Creio que sou melhor candidata do que a irmã Caris.

Godwyn percebeu a emoção reprimida com que ela pronunciou o nome. Era evidente que ainda se sentia furiosa por Merthin tê-la rejeitado em favor de Caris. Agora, ela estava prestes a entrar em outra competição com sua antiga rival. Seria capaz de matar para ganhar desta vez, pensou ele.

O que era ótimo.

- Por que acha que é melhor? - perguntou Philemon.

- Sou mais velha do que Caris. Sou freira há mais tempo, e ocupo um cargo superior no priorado. Além disso, nasci e fui criada numa família profundamente religiosa.

Philemon sacudiu a cabeça, desdenhoso.

- Nada disso fará qualquer diferença. - Elizabeth alteou as sobrancelhas, surpresa com a franqueza brusca. Godwyn

torceu para que Philemon não se mostrasse brutal demais. Precisamos que ela se mantenha dócil, ele teve vontade de sussurrar. Não a faça resistir. Mas Philemon continuou, implacável:

- Você só tem um ano de experiência a mais do que Caris. E seu pai, o bispo... que sua alma descanse em paz... contará contra você. Afinal, os bispos não deveriam ter filhos.

Ela corou.

- Os priores não deveriam ter gatos.

- Não estamos discutindo o prior - disse Philemon, impaciente.

Seu comportamento era insolente, e Godwyn estremeceu. Godwyn era eficiente ao disfarçar sua hostilidade e exibir uma fachada de charme cordial, mas Philemon nunca aprendera essa arte. Elizabeth, no entanto, reagiu com frieza.

- Portanto, convidaram-me para almoçar só para me dizer que não posso vencer? - Ela olhou para Godwyn. - Sei que não é de cozinhar com o dispendioso gengibre apenas pelo prazer.

- Tem toda razão - declarou Godwyn. - Queremos que se torne priora, e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudá-la.

Philemon interveio:

- E vamos começar por uma avaliação realista de suas perspectivas. Caris é apreciada por todos... freiras, monges, mercadores e nobreza. Seu trabalho é uma grande vantagem para ela. A maioria dos monges e freiras, além de centenas de habitantes da cidade, estiveram no hospital, com diversas enfermidades, e receberam sua ajuda. Em contraste, quase ninguém vê você. É a tesoureira, considerada fria e calculista.

- Agradeço sua franqueza - disse Elizabeth. - Talvez eu devesse desistir agora.

Godwyn não pôde determinar se ela estava sendo irônica.

- Você não pode vencer - declarou Philemon. - Mas ela pode perder.

- Não seja enigmático, pois acaba se tornando cansativo - protestou ela, ríspida. - Basta me dizer em palavras simples o que estão planejando.

Dá para entender por que ela não é popular, pensou Godwyn. Philemon fingiu não notar o tom de irritação.

- Sua tarefa nas próximas semanas é destruir Caris. Tem de transformá-la, na mente das freiras, de uma irmã simpática, trabalhadora e compadecida, num autêntico monstro.

Um brilho de ansiedade surgiu nos olhos de Elizabeth.

- Isso é possível?

- Com a nossa ajuda, é, sim.

- Continue.

- Ela ainda está ordenando que as freiras usem máscaras de linho no hospital?

- Está.

- E que lavem as mãos?

- Também.

- Não há base para essas práticas em Galeno ou qualquer outra autoridade médica, muito menos na Bíblia. Parece uma mera superstição.

Elizabeth deu de ombros.

- Aparentemente os médicos italianos acreditam que a peste se espalha através do ar. Pega-se ao olhar para pessoas doentes, tocar nelas, ou respirar sua respiração. Não sei como...

- E de onde os italianos tiraram essa idéia?

- Talvez apenas pela observação dos pacientes.

- Soube que Merthin comentou que os médicos italianos são os melhores... depois dos árabes.

Elizabeth acenou com a cabeça.

- Também ouvi.

- Portanto, todo esse negócio de usar máscaras provavelmente vem dos muçulmanos.

- É possível.

- Em outras palavras, é uma prática pagã.

- Creio que sim.

Philemon recostou-se, como se tivesse comprovado um argumento. Elizabeth ainda não havia entendido.

- Portanto, podemos vencer Caris ao dizer que ela introduziu uma superstição pagã no convento?

- Não exatamente - disse Philemon, com um sorriso astuto. - Vamos dizer que ela está praticando bruxaria.

Elizabeth compreendeu tudo.

- Mas é claro! Eu quase tinha esquecido.

- Você testemunhou contra ela no julgamento!

- Aconteceu há muito tempo.

- Era de se esperar que você jamais esquecesse que sua inimiga foi outrora acusada desse crime - comentou Philemon.

O próprio Philemon certamente nunca esquecia essas coisas, refletiu Godwyn. Sua especialidade era conhecer as fraquezas das pessoas e explorá-las sem o menor escrúpulo. Godwyn às vezes sentia-se culpado pela profundidade da maldade de Philemon. Mas essa maldade era tão útil para Godwyn que ele sempre reprimia as apreensões. Quem mais poderia ter imaginado aquela maneira de envenenar as mentes das freiras contra a amada Caris?

Um noviço trouxe maçãs e queijo. Philemon serviu mais vinho. Elizabeth disse:

- Tudo isso faz sentido. Já pensaram, em detalhes, como devemos abordar a questão?

- É importante preparar o terreno - disse Philemon. - Você nunca deve fazer uma acusação como essa formalmente, até que haja muitas pessoas que acreditem.

Philemon era muito competente nessas coisas, pensou Godwyn, com admiração. Elizabeth perguntou:

- E como sugere que consigamos isso?

- Ações são melhores do que palavras. Recuse-se pessoalmente a usar a máscara. Quando perguntarem, diga calmamente que ouviu falar que é uma prática muçulmana e que prefere os meios cristãos de proteção. Estimule suas amigas a também recusarem a máscara, como um sinal de apoio a você. E também não lave as mãos com frequência. Quando notar pessoas seguindo as recomendações de Caris, pode franzir o rosto em desaprovação... mas não diga nada.

Godwyn acenou com a cabeça em concordância. A astúcia de Philemon beirava o nível da genialidade.

- Não devemos sequer mencionar heresia?

- Fale tanto quanto quiser, mas não ligue diretamente a Caris. Diga que ouviu falar de uma herege que foi executada em outra cidade, ou uma adoradora do diabo que depravou um convento inteiro, talvez na França.

- Eu não gostaria de dizer qualquer coisa que não fosse verdade - ressaltou Elizabeth, tensa.

Philemon às vezes esquecia que nem todos eram tão inescrupulosos quanto ele. Godwyn apressou-se em interferir:

- Claro que não... Philemon apenas quis dizer que você deve repetir essas histórias se e quando ouvi-las, para lembrar as freiras do perigo permanente.

- Está bem. - O sino para a Nona tocou, e Elizabeth levantou-se. - Não devo perder o serviço. Não quero que alguém note a minha ausência, e adivinhe que estive aqui.

- Tem toda razão - concordou Godwyn. - De qualquer forma, já combinamos nosso plano.

Elizabeth acenou com a cabeça.

- Nada de máscaras.

Godwyn percebeu que ela ainda acalentava uma dúvida.

- Não imagina que sejam eficazes, não é?

- Claro que não. Como poderiam ser?

- É isso mesmo.

- Obrigada pelo almoço.

Ela saiu. Aquele encontro correria bem, refletiu Godwyn, mas ele ainda estava preocupado. Ansioso, comentou com Philemon:

- Elizabeth sozinha pode não conseguir convencer as pessoas de que Caris ainda é uma bruxa.

- Concordo. Mas podemos ajudar no processo.

- Talvez com um sermão?

- Exatamente.

- Falarei sobre a peste do púlpito da catedral. Philemon ficou pensativo.

- Talvez seja perigoso atacar Caris diretamente. Pode ter um efeito contrário ao desejado.

Godwyn concordava. Se houvesse uma luta aberta entre Caris e ele, era provável que os moradores de Kingsbridge a apoiassem.

- Não mencionarei seu nome.

- Apenas lance as sementes da dúvida, e deixe as pessoas tirarem suas próprias conclusões.

- Farei acusações de heresia, adoração do diabo e práticas pagãs.

A mãe de Godwyn, Petranilla, entrou nesse instante. Estava bastante encurvada, e só andava com a ajuda de duas bengalas, mas a cabeça grande

ainda se projetava para a frente, numa postura agressiva, sobre os ombros ossudos.

- Como foi o encontro? - perguntou ela.

Petranilla recomendara que Godwyn atacasse Caris, e aprovara o plano de Philemon.

- Elizabeth fará exatamente o que desejamos.

Godwyn sentiu-se satisfeito, pois gostava de dar boas notícias à mãe.

- Isso é ótimo. Agora, quero conversar sobre outra coisa. - Ela olhou para Philemon. - Não precisamos de você.

Por um momento, Philemon mostrou-se magoado, como uma criança que leva uma palmada inesperada. Podia ser de uma agressividade brutal, mas se magoava com facilidade. Mas sempre se recuperava depressa, e fingiu não ficar perturbado, mas um pouco divertido com a arrogância de Petranilla.

- Claro, madame - disse ele, com uma deferência exagerada.

- Pode dirigir a Nona por mim? - pediu Godwyn.

- Claro.

Depois que ele se retirou, Petranilla sentou à mesa grande e comentou:

- Sei que fui eu quem recomendou que estimulasse os talentos desse rapaz, mas tenho de admitir que hoje em dia ele me deixa toda arrepiada.

- Ele é mais útil do que nunca.

- Nunca se pode confiar por completo num homem implacável. Se ele trai os outros, por que não trairia você também?

- Eu me lembrarei disso. - Godwyn achava que estava tão ligado a Philemon agora que seria difícil operar sem ele. Mas não queria dizer isso à mãe. E decidiu mudar de assunto. - Gostaria de tomar um copo de vinho? Ela sacudiu a cabeça, em negativa.

- Já tenho propensão para cair mesmo sem tomar vinho. Sente e me escute.

- Está bem, mãe. Godwyn sentou ao lado dela.

- Quero que você deixe Kingsbridge antes que a peste se torne ainda pior.

- Não posso partir agora. Mas você deveria...

- Não se preocupe comigo. Morrerei em breve de qualquer maneira. O pensamento deixou Godwyn em pânico.

- Não diga isso!

- Não seja estúpido. Tenho sessenta anos. Olhe para mim... não consigo nem me manter empertigada. Chegou o meu tempo. Mas você só tem

quarenta e dois anos... e tem muita coisa pela frente! Pode se tornar bispo, arcebispo, até mesmo cardeal.

Como sempre, a ambição ilimitada da mãe para ele deixava Godwyn atordoado. Ele seria mesmo capaz de se tornar um cardeal? Ou era apenas uma cegueira de mãe? Ele não sabia.

- Não quero que você morra da peste antes de alcançar seu destino.

- Mãe, você não vai morrer.

- Esqueça o que pode acontecer comigo! - exclamou ela, furiosa.

- Não posso deixar a cidade. Preciso ter certeza de que as freiras não escolherão Caris para priora.

- Pois então dê um jeito para que eles façam a eleição o mais depressa possível. Se não conseguir, saia da cidade de qualquer maneira, e deixe a eleição nas mãos de Deus.

Godwyn tinha pavor da peste, mas também temia o fracasso.

- Eu poderia perder tudo se elas elegerem Caris. A voz de Petranilla abrandou:

- Preste atenção, Godwyn. Só tenho um filho, que é você. Não suportaria perdê-lo.

A súbita mudança de tom chocou-o para o silêncio. A mãe acrescentou:

- Por favor, eu suplico, saia desta cidade e vá para algum lugar onde a peste não poderá alcançá-lo.

Ele nunca a ouvira suplicar. Era angustiante. Deixou-o apavorado. Só para detê-la, Godwyn murmurou:

- Deixe-me pensar a respeito.

- Essa peste é como um lobo na floresta. Quando você o vê, não pensa duas vezes... trata de fugir.

Godwyn fez o sermão no domingo antes do Natal.

Era um dia seco, com nuvens altas e claras cobrindo a abóbada do céu. A torre central da catedral parecia um ninho de ave, com os andaimes e cordas que Elfric usava para demoli-la, de cima para baixo. No mercado, no pátio gramado, os mercadores trêmulos faziam poucos negócios, com uns poucos fregueses preocupados. Além do mercado, a relva congelada do cemitério era marcada por retângulos marrons, de mais de uma centena de sepulturas recentes.

Mas a catedral estava lotada. A geada que Godwyn notara nas paredes internas durante a Prima já havia sido dissolvida pelo calor de milhares de corpos quando ele entrou na catedral para o serviço de Natal. Todos se

mantinham juntos, em seus casacos e mantos cor de terra, parecendo gado num curral. Ali estavam por causa da peste, ele sabia. A congregação de milhares de habitantes da cidade fora aumentada por outras centenas de moradores dos campos ao redor, todos em busca da proteção de Deus contra uma doença que já atacara pelo menos uma família em cada rua da cidade e aldeia rural. Godwyn sentia-se compadecido. E até vinha rezando com mais fervor ultimamente.

Em circunstâncias normais, apenas as pessoas na frente acompanhavam o serviço. Os que ficavam mais atrás conversavam com os amigos e vizinhos, enquanto os jovens se divertiam nos fundos. Mas hoje havia pouco barulho na catedral.

Todas as cabeças estavam voltadas para os monges e freiras, com uma atenção excepcional, enquanto desempenhavam os rituais. A multidão murmurava os responsos com o maior cuidado, todos desesperados para adquirir o máximo possível de santidade defensiva. Godwyn estudou os rostos, lendo as expressões. E o que viu em todos foi o medo. Como ele, todos especulavam apavorados quem seria o próximo a espirrar, a pôr sangue pelo nariz, ou exibir manchas purpuras.

Bem na frente, ele viu o conde William com a esposa, Philippa, os dois filhos crescidos, Roland e Richard, e a filha muito mais jovem, Odila, que tinha quatorze anos. William comandava o condado no mesmo estilo do pai, Roland, com ordem e justiça, a mão firme que podia às vezes se tornar cruel. Parecia preocupado: uma erupção da peste em seu condado era uma coisa que não podia controlar, por mais rigoroso que fosse. Philippa passava o braço em torno da menina, como se a protegesse.

Ao lado deles estava Sir Ralph, lorde de Tench. Ralph nunca fora capaz de ocultar seus sentimentos, e agora se mostrava apavorado. A esposa-criança tinha o filho no colo, ainda bebê. Godwyn batizara o menino há pouco tempo, com o nome de Gerald, em homenagem ao avô, parado próximo, com a avó, Maud.

Os olhos de Godwyn deslocaram-se para o irmão de Ralph, Merthin. Quando Merthin voltara de Florença, Godwyn torcera para que Caris renunciasse a seus votos e deixasse o convento. Achava que ela poderia ser um estorvo menor como a mera esposa de um cidadão. Mas isso não acontecera. Merthin segurava a mão de sua pequena filha italiana. Ao lado, estava Bessie, da Bell Inn O pai de Bessie, Paul Bell, já sucumbira à peste.

Não muito longe estava a família que Merthin rejeitara: Elfric, com a filha, Griselda, o menino que recebera o nome de Merthin - agora com dez anos - e Harry Mason, o homem com quem Griselda casara depois de perder a esperança de ficar com o Merthin original. Ao lado de Elfric estava sua segunda esposa, Alice, prima de Godwyn. Elfric olhava para cima a todo instante. Construía um teto provisório sobre a interseção, enquanto demolia a torre, e admirava sua obra... ou se preocupava a respeito.

Uma ausência conspícua era o bispo de Shiring, Henri de Mons. O bispo normalmente fazia o sermão do Dia de Natal. Mas ele não viera. Tantos clérigos haviam morrido da peste que o bispo andava muito ocupado, em visitas frenéticas a paróquias, em busca de substitutos. Já se falava em reduzir as exigências para sacerdotes, em ordenar homens com menos de vinte e cinco anos, até mesmo em aceitar filhos ilegítimos.

Godwyn adiantou-se para falar. Tinha uma tarefa delicada. Precisava atizar o medo e o ódio contra a pessoa mais popular em Kingsbridge, e tinha de fazer isso sem mencionar seu nome; mais do que isso, sem sequer deixar as pessoas perceberem que era hostil a ela. Deviam voltar sua fúria contra ela; mas quando isso acontecesse, precisariam acreditar que a idéia era delas, não uma sugestão sua.

Nem todos os serviços tinham um sermão. Só nas grandes solenidades, com a presença de uma enorme multidão, é que ele se dirigia à congregação; e nem sempre era uma pregação. Com bastante frequência, havia apenas comunicados, mensagens do arcebispo ou do rei sobre eventos de importância nacional... vitórias militares, tributos, nascimentos e mortes na família real. Mas hoje era um dia especial.

- O que é a doença? - indagou ele.

Já havia silêncio na catedral, mas agora a congregação ficou imóvel. Ele fizera a indagação que se encontrava na mente de todos.

- Por que Deus manda doenças e pestes para nos atormentar e matar?

Seus olhos fixaram-se na mãe, parada atrás de Elfric e Alice; e ele lembrou-se subitamente da previsão de Petranilla de que morreria em breve. Por um momento, ficou paralisado pelo medo, incapaz de falar. Os fiéis mudaram de posição, irrequietos, em expectativa. Como sabia que perdia a atenção das pessoas, Godwyn entrou em pânico, o que tornou a paralisia ainda pior. Mas o momento logo passou.

- A doença é uma punição para o pecado - continuou ele.

Ao longo dos anos, Godwyn desenvolvera um estilo de pregação. Não era pomposo, como frei Murdo. Falava mais em tom de conversa, como um homem racional, em vez de um demagogo. Não sabia até que ponto isso seria apropriado para atizar o tipo de ódio que queria que as pessoas sentissem. Mas Philemon dizia que isso fazia com que parecesse mais convincente.

- A peste é uma doença especial, e por isso sabemos que Deus está nos infligindo uma punição especial.

Houve um som baixo coletivo da multidão, entre um murmúrio e um gemido. Era isso o que eles queriam ouvir. Godwyn sentiu-se estimulado.

- Devemos nos perguntar que pecados cometemos para merecer tal punição. Ao dizer isso, ele notou Madge Webber, sozinha. Na última vez em que viera à catedral, ela tinha um marido e quatro filhos. Godwyn pensou em dizer que ela enriquecera usando tinturas criadas por bruxaria, mas decidiu contra essa tática. Madge era muito apreciada e respeitada.

- Digo a vocês que Deus está nos punindo pela heresia. Há pessoas no mundo... nesta cidade... até mesmo nesta catedral hoje... que questionam a autoridade da santa Igreja de Deus e de seus ministros. Duvidam que o sacramento transforme pão no verdadeiro corpo de Cristo; negam a eficácia das missas para os mortos; alegam que é idolatria rezar diante das estátuas de santos.

Essas eram as heresias habituais, debatidas pelos estudantes de teologia em Oxford. Poucas pessoas em Kingsbridge se importavam com essas discussões, e Godwyn percebeu o desapontamento e tédio nos rostos da multidão. Sentiu que as perdia de novo, e seu pânico aumentou. Desesperado, ele acrescentou:

- Há pessoas nesta cidade que praticam bruxaria.

Isso atraiu outra vez as atenções. Houve um murmúrio coletivo de espanto.

- Devemos estar vigilantes contra a falsa religião. Lembrem-se de que só Deus pode curar a doença. Oração, confissão, comunhão, penitência... esses são os remédios sancionados pelo cristianismo. - Ele elevou um pouco a voz. - Todo o resto é blasfêmia!

Godwyn decidiu que isso não era bastante claro. Precisava ser mais específico.

- Pois se Deus nos manda uma punição e tentamos escapar, não estamos desafiando sua vontade? Devemos rezar para que ele nos perdoe.

E talvez em sua sabedoria ele cure nossa doença. Mas as curas heréticas só servirão para agravar a situação.

A audiência estava fascinada, e Godwyn se entusiasmou.

- Eu advirto! Os encantamentos mágicos, os apelos a duendes e fadas, as entalações não-cristãs, e especialmente as práticas pagãs... tudo isso é bruxaria, tudo proibido pela santa Igreja de Deus.

Sua verdadeira audiência naquele dia era formada pelas trinta e duas freiras por trás dele, no coro da catedral. Até agora, apenas umas poucas haviam manifestado sua oposição a Caris e o apoio a Elizabeth, recusando-se a usar a máscara contra a peste. Nas circunstâncias atuais, Caris ganharia facilmente a eleição na próxima semana. Ele precisava transmitir às freiras a mensagem clara de que as teorias médicas de Caris eram heréticas.

- Qualquer pessoa que seja culpada dessas práticas... - Ele fez uma pausa, para aumentar o efeito. Inclinou-se para a frente, correndo os olhos pela congregação. - ... qualquer pessoa na cidade...

Godwyn olhou para trás, na direção dos monges e freiras no coro. -... ou mesmo no priorado... - Ele tornou a se virar. -... qualquer pessoa culpada dessas práticas deve ser escoraçada. Outra pausa, pelo efeito.

- E que Deus tenha misericórdia de sua alma.

61

Paul Bell foi enterrado três dias antes do Natal. Todos os que se postaram à beira de sua sepultura, no frio de dezembro, foram convidados a tomar um drinque na Bell em sua memória. A filha, Bessie, era agora a dona da taverna. Não queria lamentar sozinha, e por isso serviu generosamente a sua melhor cerveja. Donie Fiddler tocou melodias tristes em seu instrumento de cinco cordas. Os convidados foram se tornando mais lacrimosos e sentimentais à medida que se embriagavam.

Merthin sentou no canto com Lolla. Comprara no mercado, no dia anterior, passas de Corinto... um luxo dispendioso. Partilhava-as com Lolla, ao mesmo tempo em que lhe ensinava os números. Contou nove passas para si mesmo; mas quando contou as passas para Lolla, começou a saltar os números:

- Um, três, cinco, sete, nove.
- Não! - exclamou a menina. - Isso não está certo! Lolla ria, sabendo que era apenas brincadeira do pai.
- Mas eu contei nove para cada um - alegou Merthin.
- Mas você ficou com mais!
- Como isso aconteceu?
- Não contou direito, seu bobo.
- Neste caso, você pode contar, para ver se consegue fazer melhor.

Bessie sentou com os dois. Usava o seu melhor vestido, que estava um pouco justo.

- Posso comer algumas passas? - perguntou ela.
- Pode, sim - respondeu Lolla. - Mas não deixe papai contar.
- Não se preocupe - declarou Bessie. - Conheço os truques dele.
- Tome aqui - disse Merthin a Bessie. - Uma, três, nove, treze... mas treze é demais! Preciso tirar algumas.

Ele tirou três passas.

- Doze, onze, dez. Pronto, agora você tem dez passas. Lolla estava achando a brincadeira histericamente engraçada.
- Mas ela só tem uma!
- Contei errado de novo?
- Contou! - A menina olhou para Bessie. - Conhecemos os truques dele.
- Então conte você.

A porta foi aberta, deixando passar uma lufada de ar gelado. Caris entrou, envolta por um grosso manto. Merthin sorriu; cada vez que a via, sentia-se contente por ela ainda estar viva. Bessie fitou-a com uma expressão cautelosa, mas deu-lhe as boas-vindas.

- Olá, irmã. É muito gentil de sua parte ter se lembrado de meu pai.
- Lamento muito que você o tenha perdido. Ele era um bom homem. Caris também mantinha uma polidez formal. Merthin compreendeu que aquelas duas mulheres se consideravam rivais em sua afeição. Não sabia o que fizera para merecer tanta devoção.
- Obrigada - disse Bessie a Caris. - Quer tomar um copo de cerveja?
- É muita gentileza sua, mas não vou beber. Preciso conversar com Merthin. Bessie olhou para Lolla.
- Vamos assar algumas castanhas no fogo?
- Claro!

Bessie afastou-se com Lolla.

- Elas se dão muito bem - comentou Caris. Merthin balançou a cabeça.
- Bessie tem um coração afetuoso, e não teve filhos. Caris fez uma cara de triste.
- Também não tenho filhos... mas talvez eu não tenha um coração afetuoso. Merthin tocou em sua mão.
- Sei que não é bem assim. Você tem um coração tão afetuoso que cuida não apenas de uma ou duas crianças, mas de dezenas de pessoas.
- É gentileza sua pensar assim.
- É a pura verdade, mais nada. Como estão as coisas no hospital?
- Insuportáveis. O hospital está cheio de pessoas doentes, e não posso fazer nada, a não ser enterrá-las.

Merthin sentiu um ímpeto de compaixão. Caris era sempre tão competente, tão confiável, mas a tensão cobrava seu tributo. Agora, ela estava disposta a se abrir para ele, embora para ninguém mais.

- Você parece cansada.
- Deus sabe o quanto me sinto exausta.
- Suponho que também se preocupa com a eleição.
- Vim pedir sua ajuda para isso.

Merthin hesitou. Era dividido por sentimentos contraditórios. Por um lado, queria que Caris realizasse sua ambição e se tornasse priora. Mas, neste caso, ela poderia algum dia se tornar sua esposa? Ele acalentava a esperança, vergonhosamente egoísta, de que Caris perdesse a eleição e

renunciasse a seus votos. Mesmo assim, queria proporcionar qualquer ajuda que ela pedisse, apenas porque a amava.

- Está bem.

- O sermão de Godwyn ontem me prejudicou bastante.

- Será que nunca vai se livrar da velha acusação de bruxaria? É tão absurda!

- As pessoas são estúpidas. O sermão teve um grande impacto sobre as freiras.

- Como era o objetivo, com toda certeza.

- Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Poucas acreditaram em Elizabeth quando ela disse que minhas máscaras de linho eram pagãs. Só suas maiores amigas descartaram as máscaras: Cressie, Elaine, Jeannie, Rosie e Simone. Mas a situação mudou quando as outras ouviram a mensagem do púlpito da catedral. Todas as irmãs mais impressionáveis também descartaram as máscaras. Umas poucas evitam tornar sua escolha óbvia, mas também nunca vão ao hospital. Só um punhado ainda usa máscara: eu e mais quatro a quem estou muito ligada.

- Eu já receava que isso acontecesse.

- Agora que madre Cecilia, Mair e Old Julie morreram, há apenas trinta e duas freiras com direito a voto. Dezesete votos eram tudo o que se precisava para vencer. Elizabeth tinha no início apenas cinco partidárias comprometidas. O sermão lhe deu mais onze votos. Com seu próprio voto, ela chega a dezesete. Só tenho cinco votos garantidos. E mesmo que todas as indecisas viessem para o meu lado, ainda assim eu perderia.

Merthin ficou furioso por ela. Devia ser angustiante ser rejeitada daquela maneira, depois de tudo o que Caris fizera pelo convento.

- O que posso fazer?

- O bispo é minha última esperança. Se ele se manifestar contra Elizabeth e anunciar que não ratificará sua eleição, algumas de suas partidárias podem mudar de idéia. Com isso, eu teria uma chance.

- Como você poderia influenciá-lo?

- Eu não posso, mas você poderia... ou pelo menos a guilda da paróquia.

- É possível.

- Há uma reunião esta noite. Imagino que você vai comparecer.

- Claro que vou.

- Pense a respeito. Godwyn já mantém a cidade num estrangulamento. É muito ligado a Elizabeth... a família dela é arrendatária de terras do

priorado. Godwyn sempre teve o cuidado de favorecer esses parentes. Se ela se tornar priora, será tão dócil quanto Elfric. Godwyn não terá mais qualquer oposição, dentro ou fora do priorado. Será a morte de Kingsbridge.

- Tem toda razão. Mas não sei se os homens da guilda concordarão em interferir junto ao bispo...

Caris parecia de repente muito desanimada.

- Apenas tente. Se eles rejeitarem, tudo bem.

O desespero de Caris deixou-o comovido. Desejou poder ser mais otimista.

- Claro que tentarei.

- Obrigada. - Ela levantou-se. - Você deve ter sentimentos conflitantes a respeito. Obrigada por ser um amigo de verdade.

Merthin sorriu, amargurado. Queria ser o marido, não um amigo. Mas aproveitaria o que pudesse obter.

Ela saiu para a noite fria.

Merthin juntou-se a Bessie e Lolla à beira do fogo. Provou as castanhas assadas. Estava preocupado. A influência de Godwyn era maligna, mas mesmo assim seu poder nunca parava de crescer. Por que isso acontecia? Talvez porque ele era um homem ambicioso e sem consciência... uma combinação poderosa.

Enquanto a escuridão se aprofundava, ele levou Lolla para a cama. Pagou à filha de um vizinho para tomar conta da menina. Bessie deixou Sairy, a empregada, tomando conta da taverna. Os dois, usando mantos pesados, subiram juntos pela rua principal até a casa da guilda. Era a noite da reunião do meio do inverno da guilda da paróquia.

No fundo da sala comprida havia um barril de cerveja para os membros. O clima de festa parecia ser compulsivo naquele Natal, pensou Merthin. Muitos haviam bebido bastante no velório de Paul Bell, e alguns dos que entraram junto com Merthin apressaram-se em encher suas canecas, como se não tomassem cerveja há uma semana. Talvez bebessem assim para não pensarem na peste.

Bessie estava entre os quatro novos membros da guilda. Os outros três eram filhos mais velhos de eminentes mercadores que haviam morrido. Godwyn, como suserano dos habitantes da cidade, devia estar satisfeito

com o aumento de seus rendimentos através da taxa de herança, refletiu Merthin.

Depois de tratados os assuntos de rotina, Merthin levantou a questão da eleição da nova priora.

- Isso não é da nossa conta - declarou Elfric no mesmo instante.

- Acontece justamente o contrário, porque o resultado afetará o comércio em nossa cidade por muitos anos, talvez por décadas - argumentou Merthin. - A priora é uma das pessoas mais ricas e poderosas de Kingsbridge, e devemos fazer tudo o que pudermos para eleger alguém que não fará nada para restringir os negócios.

- Mas não há nada que possamos fazer... não temos direito a voto.

- Temos influência. Podemos fazer uma petição ao bispo.

- Nunca foi feita antes.

- Isso não chega a ser um argumento. Bill Watkin interveio:

- Quem são as candidatas?

- Desculpem - disse Merthin. - Pensei que todos já soubessem. Irmã Caris e irmã Elizabeth. Acho que devemos apoiar Caris.

- Claro que você a apoia - declarou Elfric. - E todo mundo sabe por quê! Houve uma onda de risadas. Todos sabiam da antiga e intermitente paixão entre Merthin e Caris. Merthin sorriu.

- Continuem a rir... não me importo. Mas não se esqueçam de que Caris foi criada no negócio de lã e ajudava o pai. Por isso, ela compreende os problemas e desafios que os mercadores enfrentam... enquanto sua rival é filha de um bispo e provavelmente simpatiza com o prior.

Elfric tinha o rosto vermelho... em parte por causa da cerveja que tomara, pensou Merthin, mas acima de tudo pela raiva.

- Por que você me odeia, Merthin? - indagou ele. Merthin ficou surpreso.

- Pensei que era o contrário.

- Você seduziu minha filha, e depois se recusou a casar com ela. Tentou me impedir de construir a ponte. Pensei que havíamos nos livrado de você, mas voltou e me humilhou por causa das rachaduras na ponte. Só estava aqui há poucos dias quando tentou me derrubar do cargo de regedor e pôr seu amigo Mark no meu lugar. Até insinuou que as rachaduras na catedral eram culpa minha, embora ela tenha sido construída antes mesmo do meu nascimento. Repito, por que você me odeia?

Merthin não sabia o que dizer. Como Elfric podia deixar de saber o que fizera com Merthin? Mas Merthin não queria entrar nessa discussão na

presença da guilda da paróquia... parecia infantil.

- Não o odeio, Elfric. Foi um mestre cruel quando eu era seu aprendiz e é um construtor desleixado, além de ser um bajulador de Godwyn. Mas não o odeio.

Um dos novos membros, Joseph Blacksmith, perguntou:

- É isso o que fazemos na guilda da paróquia... temos discussões estúpidas? Merthin sentiu-se atingido. Não fora ele quem introduzira a questão pessoal.

Mas dizer isso seria considerado como uma continuação da discussão. Por isso, ele preferiu se manter calado, mas refletiu que Elfric era sempre astucioso.

- Joe tem razão - declarou Bill Watkin. - Não viemos até aqui para escutar uma discussão entre Elfric e Merthin.

Merthin sentiu-se perturbado pela disposição de Bill de situá-lo no mesmo nível de Elfric. De um modo geral, os homens da guilda gostavam dele e demonstravam alguma hostilidade a Elfric, desde a disputa sobre as rachaduras na ponte. Na verdade, teriam derrubado Elfric se Mark não tivesse morrido. Mas alguma coisa mudara. Merthin disse:

- Podemos voltar à questão em discussão, que é a petição ao bispo a favor de Caris como priora?

- Sou contra - declarou Elfric. - O prior Godwyn quer Elizabeth. Uma nova voz se manifestou:

- Estou com Elfric. Não podemos brigar com o prior.

Era Marcel Chandler, que tinha o contrato de fornecimento de velas de cera para o priorado. Godwyn era seu maior cliente. Merthin não se surpreendeu.

Mas a intervenção do orador seguinte deixou-o chocado. Era Jeremiah Builder, que disse:

- Acho que não devemos favorecer uma pessoa que foi acusada de heresia. Ele cuspiu no chão, duas vezes, à esquerda e à direita, para depois fazer o sinal-da-cruz. Merthin ficou surpreso demais para responder.

Jeremiah sempre fora supersticioso ,do eximiu», mas Merthin nunca imaginara que isso o levaria a trair seu mentor. Coube a Bessie defender Caris.

- Essa acusação sempre foi absurda - disse ela.

- Mas nunca foi desmentida - insistiu Jeremiah.

Merthin virou-se para ele, mas Jeremiah recusou-se a fitá-lo nos olhos.

- O que deu em você, Jimmie? - indagou Merthin.

- Não quero morrer da peste. Ouviu o sermão. Toda e qualquer prática de remédios pagãos deve ser proibida. Estamos falando em pedir ao bispo para torná-la priora... isso não é escorraçá-la!

Houve murmúrios de concordância, e Merthin compreendeu que a maré de opinião mudara. Os outros não eram tão crédulos quanto Jeremiah, mas partilhavam seu medo. A peste assustara a todos, afetando a racionalidade. O sermão de Godwyn fora mais eficaz do que Merthin imaginara.

Ele já estava prestes a desistir... até que pensou em Caris, como ela parecia cansada e desmoralizada, e resolveu fazer mais uma tentativa.

- Já passei por tudo isso em Florença. E devo adverti-los agora: padres e monges não salvarão ninguém da peste. Entregarão a cidade a Godwyn numa bandeja a troco de nada.

- Isso parece horivelmente próximo da blasfêmia - comentou Jeremiah. Merthin olhou ao redor. Os outros concordavam com Jeremiah. Estavam assustados demais para pensar direito. Não havia mais nada que ele pudesse fazer.

A guilda decidiu que não teria qualquer participação na eleição para priora. A reunião foi encerrada pouco depois, num clima de mau humor. Os membros pegaram tições em brasa para iluminar o caminho de volta para casa.

Merthin decidiu que era tarde demais para comunicar o resultado da reunião a Caris: as freiras, como os monges, deitavam ao anoitecer e se levantavam ainda de madrugada. Mas deparou-se com um vulto envolto por um enorme manto à sua espera nas proximidades da casa da guilda. Para sua surpresa, a tocha em sua mão iluminou o rosto perturbado de Caris.

- O que aconteceu? - perguntou ela, ansiosa.

- Fracassei. Sinto muito.

A luz da tocha, ela se mostrava magoada.

- E o que eles disseram?

- Não querem interferir. Acreditaram no sermão.

- Idiotas!

Juntos, eles foram andando pela rua principal. Quando alcançaram o portão do priorado, Merthin disse:

- Deixe o convento, Caris. Não por mim, mas por você. Não pode trabalhar sob o comando de Elizabeth. Ela a odeia, e bloqueará tudo o que quiser fazer.

- Ela ainda não venceu.

- Mas vai vencer... você mesma disse isso. Renuncie a seus votos e case comigo.

- O casamento é um voto. Se eu quebrar meu voto a Deus, por que confiaria em mim para manter minha promessa a você?

Merthin sorriu.

- Correrei o risco.

- Deixe-me pensar a respeito.

- Vem pensando a respeito há meses - disse Merthin, ressentido. - Se não sair agora, nunca mais sairá.

- Não posso sair agora. As pessoas precisam de mim mais do que nunca. Ele começou a se irritar.

- Não continuarei a pedir para sempre.

- Sei disso.

- Para ser franco, não pedirei de novo, depois desta noite. Caris começou a chorar.

- Sinto muito, mas não posso abandonar o hospital no meio de uma peste.

- O hospital...

- E as pessoas da cidade.

- Mas o que me diz de você?

A chama da tocha fazia as lágrimas de Caris faiscarem.

- As pessoas precisam desesperadamente de mim.

- São ingratas, todas elas... freiras, monges, os moradores da cidade. E, por Deus, falo com conhecimento!

- Não faz diferença.

Merthin acenou com a cabeça, aceitando a decisão de Caris e reprimindo sua raiva egoísta.

- Se é assim que você se sente, deve cumprir seu dever.

- Obrigada por compreender.

- Eu gostaria que o resultado fosse diferente.

- Eu também.

- É melhor você levar a tocha.

- Obrigada.

Ela pegou a tocha e afastou-se. Merthin observou-a, pensando: É assim que termina? Isso é tudo? Caris seguia à sua maneira característica, em passos determinados e confiantes, mas mantinha a cabeça baixa. Passou pelo portão e desapareceu.

As luzes da Bell brilhavam alegremente através das aberturas nas janelas e na porta. Ele entrou.

Os últimos clientes despediam-se, meio embriagados. Sairy recolhia as canecas e limpava as mesas. Merthin foi ver Lolla, que estava num sono profundo. Pagou a garota que ficara tomando conta dela. Pensou em se deitar, mas sabia que não conseguiria dormir. Estava transtornado demais. Por que perdera a paciência logo naquela noite, não em qualquer outra ocasião? Ficara furioso. Mas sua raiva vinha do medo, ele compreendeu agora, enquanto se acalmava. Por trás de tudo, havia o pavor de que Caris pegasse a peste e morresse.

Ele sentou num banco da taverna e tirou as botas. Permaneceu ali, olhando para o fogo, especulando por que não podia ter a coisa que mais queria na vida.

Bessie também voltou e pendurou seu manto. Sairy foi embora. Bessie trancou tudo. Foi sentar na frente de Merthin, ocupando a cadeira grande que seu pai sempre usava.

- Lamento muito pelo que aconteceu na guilda - disse ela. - Não tenho certeza de quem está certo, mas sei que você ficou desapontado.

- De qualquer forma, obrigado por me apoiar.

- Sempre o apoiarei.

- Talvez seja tempo de eu parar de lutar as batalhas de Caris.

- Concordo. Mas posso ver que isso o deixa triste.

- Triste e furioso. Tenho a sensação de que desperdicei a metade de minha vida esperando por Caris.

- O amor nunca é desperdiçado.

Ele levantou os olhos, surpreso. Depois de um momento, murmurou:

- Você é uma pessoa sensata.

- Não há mais ninguém aqui além de Lolla. Todos os hóspedes do Natal já foram embora. - Bessie levantou-se e foi se ajoelhar na frente dele. - Eu gostaria de confortá-lo... de qualquer maneira que puder.

Merthin contemplou seu rosto redondo e cordial. Sentiu que seu próprio corpo se agitava em resposta. Há muito tempo não tinha em seus braços o

corpo macio de uma mulher. Mas sacudiu a cabeça.

- Não quero usá-la. Ela sorriu.

- Não estou pedindo para casar comigo. Nem mesmo estou pedindo para me amar. Acabei de enterrar meu pai, enquanto você ficou desapontado com Caris. Ambos precisamos de alguém para nos consolar.

- Para atenuar a dor, como um jarro de vinho. Bessie pegou a mão de Merthin e beijou a palma.

- Melhor do que vinho...

Ela comprimiu a mão dele contra o seio, grande e macio. Merthin suspirou enquanto o acariciava. Bessie ergueu o rosto, ele inclinou-se e beijou-a nos lábios. Ela soltou um gemido de prazer. Foi um beijo delicioso, como uma bebida gelada num dia quente, e ele não queria mais parar.

Bessie acabou recuando, ofegante. Levantou-se e tirou o vestido de lã pela cabeça. O corpo nu parecia rosado à luz do fogo. Ela era toda feita de curvas: quadris redondos, barriga redonda, seios redondos. Ainda sentado, Merthin pôs as mãos em sua cintura e puxou-a. Beijou a pele quente da barriga, depois as pontas rosadas dos seios. Levantou os olhos para o rosto corado de Bessie.

- Não quer subir? - murmurou ele.

- Não - respondeu ela, ofegante. - Não posso esperar tanto tempo.

A eleição para priora foi realizada no dia seguinte ao Natal. Naquela manhã, Caris sentia-se tão deprimida que mal foi capaz de sair da cama. Quando soou o sino para a Matina, de madrugada, ela sentiu a forte tentação de enfiar a cabeça sob as cobertas e alegar que não se sentia bem. Mas não podia se omitir, quando tantas pessoas estavam morrendo. Ao final, fez um esforço para se levantar.

Arrastou-se pelas geladas lajes de pedra do claustro, ao lado de Elizabeth, as duas à frente da procissão para a igreja. Esse protocolo fora combinado porque nenhuma das duas sentia-se disposta a ceder precedência à outra, enquanto estivessem em disputa na eleição. Mas Caris não se importava. O resultado era inevitável. Ela bocejou e tremeu de frio no coro, durante os salmos e as leituras. Estava furiosa. Mais tarde, naquele dia, Elizabeth seria eleita priora. Caris acalentava um ressentimento contra as freiras por rejeitarem-na, odiava Godwyn por sua hostilidade, e desprezava os mercadores da cidade por se recusarem a interferir.

Experimentava a sensação de que sua vida fora um fracasso. Não construía o novo hospital com que sonhara, e agora nunca mais o faria.

Também ressentia-se de Merthin, por fazer um oferecimento que ela não podia aceitar. Ele não era capaz de compreender. Para Merthin, o casamento teria de substituir o trabalho a que ela se dedicara. Fora por isso que ela vacilara durante tantos anos. Não porque não o desejasse. Ansiava por ele com uma fome que mal conseguia suportar.

Ela murmurou os últimos responsos e depois deixou a catedral, em passos mecânicos, à frente das freiras. Ao contornarem de novo o claustro, alguém por trás dela espirrou. Sentia-se desanimada demais para sequer olhar e descobrir quem fora.

As freiras subiram a escada para o dormitório. Quando entrou ali, Caris ouviu uma respiração pesada, e compreendeu que alguém ficara no dormitório. Sua vela revelou que era a mestra das noviças, irmã Simone, uma mulher melancólica de meia-idade, normalmente meticulosa, que nunca se fingia de doente para se esquivar dos serviços. Caris prendeu uma máscara de linho no rosto e foi se ajoelhar ao lado de Simone, que suava bastante e exibía uma expressão assustada.

- Como se sente? - perguntou Caris.

- Horrível... - balbuciou Simone. - Tive sonhos estranhos.
Caris tocou em sua testa. Ela ardia em febre. Simone perguntou:

- Posso beber alguma coisa?

- Claro.

- Espero que seja apenas um resfriado.

- Está com febre.

- Mas não peguei a peste, não é? Não me sinto tão mal assim.

- Seja como for, vamos levá-la para o hospital. Pode andar?

Simone fez um esforço para se levantar. Caris pegou um cobertor na cama e ajeitou-o em torno dos ombros de Simone.

Enquanto se encaminhavam para a porta, Caris ouviu um espirro. Desta vez pôde constatar que era de irmã Rosie, a gorda matricularia. Caris olhou atentamente para Rosie, que parecia assustada. Caris escolheu outra freira ao acaso.

- Irmã Cressie, leve Simone para o hospital, enquanto examino Rosie. Cressie pegou Simone pelo braço e desceu com ela.

Caris aproximou sua vela do rosto de Rosie. Ela também suava. Caris puxou para baixo a gola do hábito. Havia uma erupção de pequenas manchas purpuras nos ombros e seios.

-Não... - Não pode ser, por favor!

- Pode não ser nada grave - mentiu Caris.

- Não quero morrer da peste! - exclamou Rosie, a voz trêmula.

- Fique calma e venha comigo.

Caris pegou firme o braço de Rosie, que resistiu.

- Não! Ficarei bem aqui!

- Tente fazer uma oração. Ave Maria...

Rosie começou a rezar. Um momento depois, Caris conseguiu levá-la sem resistência.

O hospital estava apinhado, com pessoas morrendo e suas famílias, a maioria acordada, apesar da hora. Havia um forte odor de corpos suados, vômito e sangue. A iluminação era difusa, de lampiões de sebo e velas no altar. Algumas freiras cuidavam dos pacientes, servindo água e limpando tudo. Algumas usavam a máscara, outras, não.

O irmão Joseph estava ali, o mais velho dos monges médicos e o mais respeitado. Estava dando a extrema-unção a Rick Silvers, o chefe da guilda dos joalheiros. Inclina a cabeça para ouvir a confissão sussurrada, os dois cercados pelos filhos e netos de Rick.

Caris arrumou um lugar para Rosie e persuadiu-a a deitar. Uma das freiras trouxe-lhe um copo de água limpa da fonte. Rosie ficou imóvel, mas os olhos deslocavam-se angustiados para um lado e outro. Conhecia seu destino agora e estava com medo.

- O irmão Joseph virá examiná-la daqui a pouco - prometeu Caris.

- Você estava certa, irmã Caris - murmurou Rosie.

- Como assim?

- Simone e eu estávamos entre as amigas originais de irmã Elizabeth que se recusaram a usar a máscara... e veja o que aconteceu conosco.

Caris não pensara nisso. A prova de que estava certa seria a morte terrível das pessoas que haviam discordado? Ela preferia estar errada.

Ela foi examinar Simone, que estava deitada, segurando a mão de Cressie. Simone era mais velha e mais calma do que Rosie, mas havia medo em seus olhos, e ela apertava a mão de Cressie com toda força.

Caris olhou para Cressie. Havia uma mancha escura por cima do lábio dela. Caris estendeu o braço e limpou-a com a manga.

Cressie também pertencia ao grupo original que abandonara a máscara. Ela olhou para a marca na manga.

- O que é isso?

- Sangue - respondeu Caris.

A eleição foi realizada no refeitório, uma hora antes do momento de servir o almoço. Caris e Elizabeth sentaram lado a lado por trás de uma mesa, numa extremidade da sala, com as freiras sentadas em fileiras de bancos à frente.

Tudo mudara. Simone, Rosie e Cressie continuavam no hospital, acometidas pela peste.

Ali, no refeitório, as outras duas que haviam recusado originalmente a máscara, Elaine e Jeannie, exibiam os primeiros sintomas. Elaine espirrava a todo momento e Jeannie suava muito. O irmão Joseph, que vinha cuidando das vítimas da peste sem máscara desde o início, finalmente sucumbira. Todas as outras freiras haviam retomado o uso das máscaras no hospital. Se a máscara ainda era um sinal de apoio a Caris, ela vencera.

Todas estavam tensas e agitadas. Irmã Beth, a antiga tesoureira e agora a freira mais velha, leu uma oração para abrir a reunião. Quase antes mesmo

que ela acabasse, várias freiras falaram ao mesmo tempo. A voz que prevaleceu, entre todas, foi a de irmã Margaret, a antiga despenseira:

- Caris estava certa e Elizabeth estava errada! As que se recusaram a usar máscaras estão agora morrendo!

Houve um murmúrio coletivo de concordância.

- Eu gostaria que fosse diferente - declarou Caris. - Preferia que Rosie, Simone e Cressie estivessem sentadas aqui neste momento, votando contra mim.

Ela falava sério. Cansara de ver pessoas morrendo. Fazia-a pensar como todas as outras coisas eram triviais. Elizabeth levantou-se.

- Proponho que adiemos a eleição. Três freiras já morreram e mais três se encontram no hospital. Devemos esperar até que a peste termine.

A proposta pegou Caris de surpresa. Pensara que não havia nada que Elizabeth pudesse fazer para evitar a derrota... mas se enganara. Ninguém votaria agora em Elizabeth, mas suas partidárias poderiam optar por não escolher ninguém.

A apatia de Caris desapareceu. Recordou subitamente todas as razões pelas quais queria ser priora: melhorar o hospital, ensinar mais meninas a ler e escrever, ajudar a cidade a prosperar. Seria uma catástrofe se Elizabeth fosse eleita em vez dela. Mas Elizabeth recebeu o apoio imediato da velha irmã Beth.

- Não devemos realizar a eleição numa situação de pânico, e fazer uma escolha de que poderemos nos arrepender mais tarde, quando as coisas se acalmarem.

Sua declaração parecia ensaiada: era evidente que Elizabeth planejava aquilo. Mas o argumento não era absurdo, pensou Caris, com alguma apreensão. Margaret protestou, indignada:

- Beth, você só diz isso porque sabe que Elizabeth vai perder.

Caris absteve-se de falar, com medo de acarretar o mesmo argumento contra ela. Irmã Naomi, que não tinha compromissos com qualquer dos lados, interveio nesse instante:

- O problema é que não temos uma líder. Madre Cecilia, que sua alma descanse em paz, nunca designou uma vice-piora depois que Natalie morreu.

- Isso é tão ruim assim? - indagou Elizabeth.

- É, sim! - exclamou Margaret. - Não conseguimos nem sequer tomar uma decisão sobre quem deve ser a primeira na procissão!

Caris decidiu correr o risco de abordar um problema prático.

- Há uma longa lista de decisões que precisam ser tomadas, especialmente sobre a herança de propriedades do convento cujos ocupantes morreram da peste. Seria difícil continuar por muito mais tempo sem uma priora.

Irmã Elaine, uma das cinco amigas originais de Elizabeth, agora argumentou contra o adiamento.

640

- Detesto eleições. - Ela espirrou, mas logo continuou: -Jogam irmã contra irmã e causam hostilidades. Quero acabar logo com isto, para que possamos nos unir diante desta terrível peste.

Isso acarretou um coro de aplausos.

Elizabeth olhou furiosa para Elaine, que a fitou e acrescentou:

- Como podem ver, não posso nem sequer fazer um comentário pacífico como esse sem que Elizabeth olhe para mim como se eu a tivesse traído.

Elizabeth baixou os olhos. Margaret disse:

- Vamos votar. Quem é a favor de Elizabeth, diga "Sim".

Por um momento, ninguém falou. Depois, Beth murmurou:

-Sim.

Caris esperou que mais alguém falasse, mas Beth foi a única.

O coração de Caris bateu mais depressa. Estaria prestes a realizar sua ambição?

- Quem é a favor de Caris? - indagou Margaret.

A resposta foi imediata. Houve um grito quase coletivo de "Sim!". Caris teve a impressão de que todas as freiras votavam a seu favor.

Consegui, pensou ela. Sou a priora. Agora podemos realmente começar.

- Neste caso...

Margaret não pôde continuar, porque uma voz de homem interrompeu-a:

- Esperem!

Várias freiras soltaram murmúrios de espanto, e uma delas gritou. Todas olharam para a porta. Philemon estava parado ali. Ele devia estar escutando do outro lado da porta, refletiu Caris.

- Antes de continuarem...

Caris não podia permitir aquilo. Levantou-se, furiosa.

- Como ousa entrar no convento? Você não tem permissão e não é bem vindo aqui! Fora!

- Fui enviado pelo lorde prior...

- Ele não tem o direito...

- É o religioso mais graduado em Kingsbridge, e tem autoridade sobre as freiras na ausência de uma priora ou vice-priora.

- Não estamos mais sem uma priora, irmão Philemon. - Caris avançou em sua direção. - Acabo de ser eleita.

As freiras odiavam Philemon, e todas aplaudiram.

- O padre Godwyn se recusa a permitir essa eleição - insistiu Philemon.

- Tarde demais. Diga a ele que madre Caris está agora no comando do convento... e que ela o expulsou.

Philemon recuou.

- Você não é a priora até que a eleição seja ratificada pelo bispo!

- Fora! - exclamou Caris. As freiras entoaram em coro:

- Fora! Fora! Fora!

Philemon sentia-se intimidado. Não estava acostumado a ser desafiado. Caris deu outro passo para a frente, e ele deu outro passo para trás. Parecia espantado pelo que estava acontecendo, mas também assustado. O coro se tornava mais e mais alto. Abruptamente, ele virou-se e saiu correndo.

As freiras riram e aplaudiram.

Mas Caris compreendeu que o comentário final de Philemon era procedente. Sua eleição teria de ser ratificada pelo bispo Henri.

E Godwyn faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir que isso ocorresse.

Uma equipe de voluntários da cidade abriu uma clareira de um acre na mata no outro lado do rio, e Godwyn iniciara o processo de consagrar a terra como o novo cemitério. Todos os cemitérios de igreja dentro das muralhas da cidade já estavam plenamente ocupados, e quase não restava espaço no cemitério da catedral.

Godwyn caminhava pelos limites do terreno, sob um vento gelado, salpicando água benta, que congelava ao bater no chão, enquanto monges e freiras marchavam em sua esteira, cantando um salmo. Embora o serviço ainda não tivesse terminado, os coveiros já haviam começado a trabalhar. Havia montes de terra ao lado de buracos com os lados retos, tão próximos dos outros quanto possível, para poupar espaço. Mas um acre não seria suficiente por muito tempo, e já havia homens trabalhando para abrir outro espaço na mata.

Em momentos assim Godwyn tinha de fazer o maior esforço para manter o controle. A peste era como uma vasta onda, submergindo a todos em sua passagem, incontrolável. Os monges haviam enterrado uma centena de

peças durante a semana antes do Natal, e os números continuavam a subir. O irmão Joseph morrera no dia anterior, e mais dois monges estavam agora doentes. Onde acabaria? Todas as pessoas no mundo morreriam? O próprio Godwyn morreria?

Ele sentia-se tão assustado que parou de repente, olhando aturdido para o aspersório de ouro com que salpicava a água benta, sem ter a menor idéia de como ele fora parar em sua mão. Por um momento, ficou tão dominado pelo pânico que não foi capaz de se mexer. Até que Philemon, à frente da procissão, empurrou-o gentilmente por trás. Godwyn cambaleou para a frente e reiniciou a marcha. Tinha de afastar da mente aqueles pensamentos assustadores.

Ele concentrou o cérebro no problema da eleição das freiras. A reação ao sermão fora tão favorável que ele pensara que a vitória de Elizabeth estava garantida. A maré virara com uma rapidez chocante, e a irritante recuperação da popularidade de Caris pegara-o de surpresa. A intervenção de Philemon no último minuto fora uma medida desesperada, mas tomada tarde demais. Quando pensava a respeito, Godwyn tinha vontade de gritar. Mas ainda não acabara. Caris escarnecera de Philemon, mas a verdade é que ela não podia considerar sua posição segura até a aprovação do bispo Henri.

Infelizmente, Godwyn ainda não tivera uma oportunidade de se insinuar nas boas graças de Henri. O novo bispo, que não falava inglês, visitara Kingsbridge apenas uma vez. Porque ele era novo no cargo, Philemon ainda não descobrira se tinha uma fraqueza fatal. Mas era um homem e um sacerdote, e por isso deveria ficar do lado de Godwyn contra Caris.

Godwyn escrevera para Henri, dizendo que Caris enfeitiçara as freiras, levando-as a pensar que poderia salvá-las da peste. Detalhara a história de Caris: acusação de heresia, o inquérito, e a condenação há oito anos, o resgate por Cecilia. Esperava que Henri chegasse a Kingsbridge com um firme preconceito contra Caris.

Mas quando Henri viria? Era extraordinário para o bispo perder o serviço de Natal na catedral. Uma carta do eficiente e pouco imaginativo arquidiácono Lloyd explicara que Henri estava ocupado a designar clérigos para substituir os que haviam morrido da peste. Lloyd podia ser contra Godwyn: era um homem do conde William, devendo seu cargo ao falecido irmão de William, Richard; e o pai de William e Richard, conde Roland, odiava Godwyn. Só que a decisão não seria de Lloyd, mas sim de

Henri. Era difícil prever o que poderia acontecer. Godwyn sentia que perdera o controle. Sua carreira era ameaçada por Caris e sua vida era ameaçada pela peste inexorável.

Uma pequena nevasca começou a cair quando a cerimônia de consagração se aproximava do fim. Um pouco além do terreno, sete procissões fúnebres esperavam que o cemitério ficasse disponível. A um sinal de Godwyn, todas se adiantaram. O primeiro corpo estava num caixão, mas os outros vinham em mortalhas ou em estrados de madeira. Mesmo nas melhores ocasiões, os caixões eram um luxo para os mais prósperos; mas agora que a madeira se tornara muito cara e os fabricantes tinham excesso de trabalho, só os muito ricos podiam ser enterrados num caixão.

A frente da primeira procissão vinha Merthin, com flocos de neve nos cabelos e barba avermelhados. Trazia a filha pequena no colo. A pessoa rica dentro do caixão devia ser Bessie Bell, deduziu Godwyn. Bessie morrera sem parentes e deixara a taverna para Merthin. O dinheiro gruda nesse homem como folhas úmidas, pensou Godwyn, amargurado. Merthin já tinha a ilha do Leproso e a fortuna que ganhara em Florença. Agora, possuía também a taverna mais movimentada de Kingsbridge.

Godwyn sabia do testamento de Bessie porque o priorado tinha direito a uma taxa de herança, e recebera uma considerável porcentagem sobre o valor da propriedade. Merthin pagara em florins de ouro, sem a menor hesitação.

A única boa consequência da peste era o fato de o tesouro do priorado estar agora cheio de dinheiro.

Godwyn conduziu o serviço fúnebre para todos os sete corpos. Essa era a norma agora: um funeral pela manhã e outro à tarde, independentemente do número de mortos. Não havia padres suficientes em Kingsbridge para enterrar cada pessoa em separado.

Esse pensamento renovou o sentimento de apreensão de Godwyn. Ele se atrapalhou nas últimas palavras do serviço, imaginando-se em uma das sepulturas; mas logo conseguiu se controlar e chegou ao final sem maiores tropeços.

O serviço concluído, ele levou a procissão de monges e freiras de volta à catedral. Entraram e suspenderam a formação. Os monges retornaram para seus deveres normais. Uma noviça aproximou-se de Godwyn, bastante nervosa, e disse:

- Padre prior, pode fazer o favor de ir até o hospital?

Godwyn não gostava de receber recados autoritários através de noviças.

- Para quê? - indagou ele, ríspido.

- Desculpe, padre, mas não sei... só me mandaram vir chamá-lo.

- Irei assim que puder - resmungou Godwyn, irritado.

Ele não tinha nada de urgente para fazer, mas se demorou na catedral, falando com irmão Eli sobre os hábitos dos monges, só para marcar sua posição.

Poucos minutos depois, atravessou o claustro e entrou no hospital.

Havia freiras agrupadas em torno de uma cama que fora instalada na frente do altar. Deve ser um paciente importante, pensou Godwyn. E se perguntou quem seria. Uma das freiras virou-se para ele. Usava uma máscara de linho sobre o nariz e a boca, mas ele reconheceu os olhos verdes com manchas douradas que toda a sua família partilhava: era Caris. Embora pudesse ver bem pouco de seu rosto, percebeu uma estranha expressão em seu olhar. Esperava aversão e desprezo, mas em vez disso viu compaixão.

Chegou mais perto da cama, com um sentimento de apreensão. Quando as outras freiras o viram, trataram de se afastar, deferentes. No instante seguinte, ele viu a pessoa deitada na cama.

Era sua mãe.

A cabeça grande de Petranilla repousava sobre um travesseiro branco. Ela suava bastante. Um filete de sangue escorria de seu nariz. Uma freira limpou o sangue, mas o fluxo logo voltou. Outra freira ofereceu à paciente um copo com água. Havia uma fileira de manchas roxas na pele enrugada do pescoço de Petranilla.

Godwyn soltou um grito, como se tivesse sido golpeado. Ficou olhando, dominado pelo horror. A mãe fitou-o com uma expressão de sofrimento. Não havia a menor margem de dúvida: ela se tornara uma vítima da peste.

- Não! - gritou ele. - Não! Não!

Sentiu uma dor insuportável no peito, como se tivesse sido apunhalado. Ouviu Philemon, ao seu lado, dizer em voz assustada:

- Tente permanecer calmo, padre prior.

Mas Godwyn não podia se conter. Abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu. Sentiu-se de repente desligado do próprio corpo, sem controle sobre seus movimentos. E, depois, uma névoa preta se elevou do chão e engolfou-o, subindo por seu corpo até cobrir o nariz e a boca, a tal ponto que não podia respirar. Alcançou os olhos, deixando-o cego. E, finalmente, ele perdeu os sentidos.

Godwyn passou cinco dias na cama. Não comia nada e só bebia quando Philemon levava um copo a seus lábios. Não conseguia pensar direito. Não podia se mexer, pois parecia que não era capaz de decidir o que fazer. Chorava e dormia, para depois acordar e chorar de novo. Teve uma vaga noção de um monge pondo a mão em sua testa, recolhendo uma amostra de urina, diagnosticando febre cerebral, e fazendo uma sangria.

E depois, no último dia de dezembro, o apavorado Philemon trouxe a notícia de que sua mãe havia morrido.

Godwyn levantou-se. Fez a barba, vestiu um hábito novo, e foi para o hospital.

As freiras haviam lavado e vestido o corpo. Os cabelos estavam escovados e Petranilla usava um caro vestido de lã italiana. Ao vê-la daquela maneira, com a palidez da morte no rosto e os olhos fechados para sempre, Godwyn sentiu um retorno do pânico que o dominara; mas desta vez ele conseguiu reprimi-lo.

- Levem o corpo para a catedral - ordenou ele.

Normalmente, a honra de um velório na catedral era reservada aos monges, freiras, clérigos mais importantes e aristocracia; mas Godwyn sabia que ninguém ousaria contestá-lo.

Depois que o corpo foi levado para a catedral e posto na frente do altar, Godwyn ajoelhou-se ao lado e rezou. A oração ajudou a acalmar seu terror. Pouco a pouco, ele decidiu o que fazer. Quando se levantou, ordenou que Philemon convocasse uma reunião imediata na casa do capítulo.

Sentia-se abalado, mas sabia que tinha de se controlar. Sempre fora abençoado com o poder da persuasão. Agora, teria de aproveitá-lo ao máximo possível.

Assim que os monges se reuniram, Godwyn leu para eles o Livro do Gênesis:

- Depois que essas coisas aconteceram, Deus tentou Abraão. Chamou-o: Abraão. E Abraão respondeu: Eis-me aqui, Senhor. E Deus disse pegue seu filho Isaque, seu único filho, a quem tanto amas, e leve-o para a terra de Mona. Ali, deve oferecê-lo em holocausto numa montanha que indicarei. Abraão levantou-se bem cedo, selou seu jumento, e partiu, levando seu filho Isaque e dois servos. Rachou lenha para o holocausto e subiu pela montanha indicada.

Godwyn levantou os olhos da Bíblia. Os monges observavam-no atentamente. Todos conheciam a história de Abraão e Isaque. Estavam mais interessados nele, Godwyn. E mantinham-se alertas, cautelosos, especulando sobre o que viria em seguida.

- O que a história de Abraão e Isaque nos ensina? - indagou ele, retórico. Deus diz a Abraão para matar seu filho... não apenas o filho mais velho, mas o único filho, nascido quando ele tinha cem anos. Abraão protestou? Suplicou por misericórdia? Argumentou com Deus? Ressaltou que matar Isaque seria assassinato, infanticídio, um terrível pecado?

Godwyn deixou a indagação pairar por um momento, antes de baixar os olhos para a Bíblia e ler:

-Abraão levantou-se bem cedo, selou seu jumento... Ele tornou a levantar os olhos.

- Deus também pode nos tentar. Ele pode nos ordenar que façamos uma coisa que pode parecer errada. Talvez nos diga para fazer uma coisa que pode parecer um pecado. Quando isso acontece, devemos nos lembrar de Abraão.

Godwyn falava no que sabia ser o seu estilo de pregação mais persuasivo, ritmado, mas coloquial. Dava para perceber que tinha a atenção extasiada de todos, no silêncio da casa octogonal do capítulo; ninguém se mexia, sussurrava, ou arrastava os pés.

- Não devemos questionar. Não devemos argumentar. Quando Deus nos leva, devemos segui-lo... por mais insensatos, pecaminosos ou cruéis que seus desejos possam parecer a nossas débeis mentes humanas. Somos fracos e humildes. Nossa compreensão é falível. Não nos é dado tomar decisões ou fazer opções. Nosso dever é simples. É obedecer.

Depois, ele disse aos monges o que tinham de fazer.

O bispo chegou depois do escurecer. Era quase meia-noite quando a comitiva entrou no priorado, depois de cavalgar à luz de velas. Quase todo o priorado já estava deitado há horas. Mas havia um grupo de freiras trabalhando no hospital, e uma delas foi acordar Caris.

- O bispo chegou - anunciou ela.

- Por que ele quer falar comigo? - perguntou Caris, sonolenta.

- Não sei, madre priora.

Claro que ela não sabia. Caris levantou-se e pôs um manto.

Parou por um instante no claustro. Bebeu água e respirou fundo o ar frio da noite, clareando a mente dos resquícios do sono. Queria causar uma boa

impressão ao bispo, para que não houvesse qualquer problema na ratificação de sua eleição para priora.

O arqui-diácono Lloyd estava no hospital, com um ar de cansado, a ponta do nariz comprido vermelha do frio.

- Venha cumprimentar seu bispo - disse ele, irritado, como se ela tivesse a obrigação de ficar acordada para esperar.

Caris seguiu-o. Um servo esperava do lado de fora da porta, com uma tocha acesa. Atravessaram o pátio até o lugar em que o bispo se encontrava, ainda em seu cavalo.

Era um homem pequeno, usava um chapéu enorme, e parecia irritado.

Caris disse, em francês normando:

- Seja bem-vindo ao Priorado de Kingsbridge, milorde bispo.

- Quem é você? - perguntou Henri, impaciente.

Caris já o vira antes, mas nunca falara com ele.

- Sou a irmã Caris, a priora eleita.

- A bruxa.

Caris sentiu um aperto no coração. Godwyn já devia ter tentado envenenar a mente de Henri contra ela. O que a deixou indignada.

- Não, milorde bispo. Não há bruxas aqui. - Ela falou com mais amargura do que prudência. - Apenas um grupo de freiras comuns fazendo o melhor que podem por uma cidade que foi atacada pela peste.

Ele ignorou o comentário.

- Onde está o prior Godwyn?

- Em seu palácio.

- Não está, não.

O arqui-diácono Lloyd explicou:

- Já estivemos lá. O prédio está vazio.

- É mesmo?

- É, sim - confirmou o arqui-diácono, irritado.

Nesse momento, Caris avistou o gato de Godwyn, com a ponta branca do rabo. Os noviços chamavam-no de Arcebispo.

Atravessou a fachada oeste da catedral e olhou para os espaços entre os pilares, como se procurasse por seu dono. Caris ficou consternada.

- Que coisa estranha... Talvez Godwyn tenha decidido dormir no dormitório com os outros monges.

- E por que ele faria isso? Espero que não esteja ocorrendo nenhuma impropriedade. Caris sacudiu a cabeça, descartando essa possibilidade. O

bispo desconfiava de falta de castidade, mas Godwyn não era propenso a esse tipo de pecado.

- Ele reagiu muito mal quando a mãe pegou a peste. Teve alguma espécie de colapso e desmaiou. Ela morreu hoje.

- Se ele se sentia indisposto, ainda mais razão para dormir em sua própria cama.

Qualquer coisa poderia ter acontecido. Godwyn ficara bastante perturbado com a doença de Petranilla.

- Milorde bispo não gostaria de conversar com um dos seus assistentes? Henri respondeu com uma crescente irritação:

- Se puder encontrar algum, claro que sim!

- Eu poderia levar o arquidiácono Lloyd até o dormitório... -Agora mesmo! Lloyd pegou a tocha que um servo segurava. Caris conduziu-o através da catedral até o claustro dos monges. O lugar estava silencioso, como costumava acontecer com os mosteiros àquela hora da noite. Chegaram ao pé da escada que levava ao dormitório. Caris parou.

- É melhor subir sozinho - disse ela a Lloyd. - Uma freira não deve ver monges na cama.

- Tem toda razão.

O arquidiácono subiu com a tocha, deixando-a na escuridão. Ela esperou, curiosa. Ouviu-o gritar:

-Olá?

O estranho silêncio persistiu. Depois de mais alguns momentos, Lloyd chamou-a, com uma voz diferente:

- Irmã?

- Pois não?

- Pode subir.

Aturdida, Caris subiu a escada e entrou no dormitório. Parou ao lado de Lloyd olhou ao redor, à luz trêmula da tocha. Os colchões de palha dos monges estavam em seus lugares, nos dois lados do dormitório... todos desocupados.

- Não há ninguém aqui - murmurou Caris.

- Nem uma única alma. O que pode ter acontecido?

- Não sei, mas posso adivinhar.

- Então me esclareça, por favor.

- Não é óbvio? Eles fugiram.

Parte VI



63

Quando Godwyn partiu, levou todos os bens valiosos do tesouro dos monges e todos os cartulários. Isso incluía os cartulários das freiras, que elas nunca haviam conseguido retirar de sua arca trancada. Ele levou também as relíquias sagradas, inclusive os ossos de St. Adolphus, em seu relicário de valor inestimável.

Caris descobriu isso na manhã seguinte, o primeiro dia de janeiro, a Festa da Circuncisão de Cristo. Foi com o bispo Henri e a irmã Elizabeth até o tesouro, junto do transepto sul. A atitude de Henri em relação à ela era de formalidade total, o que era preocupante, mas, como se tratava de um homem rabugento, era possível que ele fosse assim com todas as pessoas.

A pele esfolada de Gilbert de Hereford ainda continuava pregada na porta, pouco a pouco mais dura e amarelada, ainda exalando um cheiro inconfundível, embora fraco, de podridão.

Mas a porta não estava trancada.

Eles entraram. Caris não estivera ali desde que o prior Godwyn roubara as cento e cinquenta libras das freiras para construir seu palácio. Depois disso, as freiras haviam construído seu próprio tesouro.

Ficou evidente no mesmo instante o que havia acontecido. As pedras que cobriam os cofres no chão haviam sido removidas e deixadas fora do lugar. A tampa da arca reforçada com ferro continuava aberta. Os cofres e a arca estavam vazios.

Caris sentiu nesse instante que todo seu desprezo por Godwyn era justificado. Um médico preparado, sacerdote e líder dos monges, ele fugira no momento em que o povo mais precisava de sua ajuda. Agora, sem a menor sombra de dúvida, todos compreenderiam sua verdadeira natureza. O arqui-diácono Lloyd ficou indignado.

- Ele levou tudo!

Caris declarou para Henri:

- E esse é o homem que queria anular minha eleição.

O bispo Henri soltou um grunhido neutro. Desesperada, Elizabeth tentou encontrar uma desculpa para o comportamento de Godwyn.

- Tenho certeza de que o lorde prior levou as coisas de valor para guardar em lugar seguro.

O comentário irritou o bispo.

- Isso é bobagem - disse ele, incisivo. - Se um servo esvazia sua bolsa e desaparece sem avisar, não é para guardar o dinheiro num lugar seguro, mas sim para roubá-lo.

Elizabeth tentou um ângulo diferente.

- Creio que a idéia foi de Philemon.

- O vice-prior? - Henri assumiu uma expressão desdenhosa. - E Godwyn quem tem o comando, não Philemon. Godwyn é responsável.

Elizabeth não disse mais nada.

Godwyn devia ter se recuperado da morte da mãe, pelo menos temporariamente, pensou Caris. Era um feito e tanto persuadir todos os monges a acompanharem-no. Especulou para onde teriam ido. O bispo Henri pensava a mesma coisa, porque indagou:

- Para onde os covardes miseráveis foram?

Caris recordou que Merthin tentara persuadi-la a partir. Para Gales ou Irlanda, dissera ele. Uma aldeia remota em que um estranho não apareça de um ano para outro. Ela disse ao bispo:

- Eles foram se esconder em algum lugar isolado ao qual ninguém jamais vai.

- Descubra para onde exatamente ele foi.

Caris compreendeu que toda a oposição à sua eleição desaparecera com Godwyn. Sentia-se triunfante e teve de fazer um esforço para não parecer muito satisfeita.

- Farei algumas indagações na cidade. Alguém deve tê-los visto quando partiram.

- Faça isso - disse o bispo. - Seja como for, acho que eles não voltarão tão cedo. Portanto, você terá de cuidar de tudo sem a participação dos homens. Continue os serviços da maneira mais normal possível com as freiras. Chame um padre paroquial para celebrar as missas na catedral, se puder encontrar algum ainda vivo. As freiras não podem celebrar missas, mas podem ouvir confissões... Há uma autorização especial do arcebispo por causa da morte de tantos clérigos.

Caris não podia deixar passar a oportunidade de tratar de sua eleição.

- Está me confirmando como priora?

- Claro - respondeu Henri, irritado.

- Neste caso, antes que eu aceite a honra...

- Não tem que tomar decisão nenhuma, madre priora - declarou ele, indignado. - É seu dever me obedecer.

Ela queria o posto desesperadamente, mas resolveu simular o contrário. Tinha de fechar um acordo difícil.

- Vivemos em tempos estranhos, não é mesmo? As freiras recebem autorização para ouvir confissões. Abreviaram o período de preparação dos padres, mas já me disseram que isso não foi suficiente para compensar as perdas causadas pela peste.

- Sua intenção é explorar as dificuldades que a Igreja enfrenta para promover algum propósito pessoal?

- Não. Mas há uma coisa que precisa fazer para que eu possa cumprir suas instruções.

Henri suspirou. Era evidente que não gostava de ser pressionado dessa maneira. Mas, como Caris desconfiara, o bispo precisava dela mais do que o inverso.

- Está bem. O que é?

- Quero que convoque um tribunal eclesiástico especial e reabra meu julgamento por heresia.

- Por quê?

- Para me declarar inocente, é claro. Até que isso aconteça, pode ser difícil para mim exercer autoridade. Qualquer pessoa que discordar de minhas decisões pode muito bem alegar que eu continuo a ser uma mulher condenada.

A mente meticulosa do arqui-diácono Lloyd gostou dessa idéia.

- Seria ótimo se essa questão fosse resolvida de uma vez por todas, milorde bispo.

- Está bem.

- Obrigada. - Caris sentiu um fluxo de prazer e alívio. Baixou a cabeça, com medo de que o triunfo transparecesse em seu rosto. - Farei o melhor que puder para honrar minhas obrigações como priora de Kingsbridge.

- Não perca tempo para descobrir o paradeiro de Godwyn. Eu gostaria de ter uma resposta antes de deixar a cidade.

- O regedor da guilda da paróquia é amigo de Godwyn. Se alguém sabe para onde os monges foram, deve ser ele. Vou procurá-lo.

- Imediatamente, por favor.

Caris se retirou. O bispo Henri era sisudo, mas parecia competente. Caris concluiu que poderia trabalhar com ele. Talvez fosse o tipo de líder que tomava decisões baseado nos méritos de cada caso, em vez de ficar do

lado de quem percebesse como aliado. O que seria uma mudança agradável.

Ao passar pela Bell, ela sentiu-se tentada a entrar e dar a boa notícia a Merthin. Mas pensou que era melhor falar com Elfric primeiro.

Na rua, na frente da Holly Bush, ela avistou Duncan Dyer estendido no chão. Sua esposa, Winnie, sentava no banco na frente da taverna, chorando. Caris pensou que o homem estava ferido, mas Winnie explicou:

- Ele está bêbado. Caris ficou chocada.

- Ainda nem é a hora do almoço!

- O tio dele, Peter Dyer, pegou a peste e morreu. A esposa e os filhos também morreram. Duncan herdou o dinheiro, mas gasta tudo em vinho. Não sei o que fazer.

- Vamos levá-lo para casa - propôs Caris. - Eu a ajudarei.

Cada uma pegou um braço de Duncan, e elas conseguiram levantá-lo. Meio amparando-o, meio arrastando-o, desceram pela rua até sua casa. Deitaram-no no chão e estenderam um cobertor por cima. Winnie disse:

- Ele fica assim todos os dias. Diz que não vale a pena trabalhar, porque vamos todos morrer da peste. O que devo fazer?

Caris pensou por um momento.

- Enterre o dinheiro no jardim enquanto ele dorme. E quando Duncan acordar, diga que ele perdeu tudo no jogo para um mascate que já deixou a cidade.

- Farei isso.

Caris atravessou a rua para a casa de Elfric e entrou. Encontrou a irmã, Alice, sentada na cozinha, costurando meias. Não eram muito ligadas desde que Alice casara com Elfric. O pouco que restava do relacionamento fora destruído pelo testemunho de Elfric contra Caris no julgamento por heresia. Forçada a optar entre a irmã e o marido, Alice fora leal a Elfric. Caris podia compreender, mas a irmã acabara se tornando uma estranha para ela. Quando a viu, Alice largou a costura e levantou-se.

- O que veio fazer aqui?

- Todos os monges desapareceram - disse Caris. - Devem ter partido durante a noite.

- Então foi isso! - exclamou Alice.

- Você os viu?

- Não, mas ouvi um bando de homens e cavalos. Não faziam barulho... na verdade, agora que penso a respeito, pareciam se esforçar para manter

silêncio. Mas não se pode manter cavalos em silêncio, e homens fazem barulho só de andar pela rua. Acordaram-me, mas não levantei para ver... fazia muito frio. Foi por isso que você entrou em minha casa pela primeira vez em dez anos?

- Não sabe para onde eles fugiram? i

- Foi isso que eles fizeram... fugiram? Por causa da peste?

- Presumo que sim.

- Não pode ter sido. De que adianta ter médicos que fogem da doença? Alice mostrava-se perturbada pelo comportamento do patrono de seu marido. Não posso entender.

- Fico imaginando se Elfric sabe alguma coisa a respeito.

Se sabe, não me contou.

- Onde posso encontrá-lo?

- Em St. Peter. Rick Silvers deixou algum dinheiro para a igreja, e o padre decidiu pavimentar a nave.

- Vou perguntar a ele. - Caris perguntou-se se deveria fazer uma tentativa de ser cortês. Alice não tinha filhos seus, mas tinha uma enteada. - Como está Griselda?

- Muito bem e feliz.

Havia um tom de desafio na voz de Alice, como se ela pensasse que Caris pudesse preferir o contrário.

- E seu neto?

Caris não foi capaz de usar o nome do menino, que era Merthin.

- Adorável. E há outro neto a caminho.

- Fico satisfeita por ela.

- Ainda bem que ela não casou com seu Merthin, pelo que aconteceu depois. Caris recusou-se a ser atraída para uma discussão.

- Vou falar com Elfric.

A igreja de St. Peter ficava no lado oeste da cidade. Ao se encaminhar para lá, pelas ruas sinuosas, Caris encontrou dois homens brigando. Gritavam imprecções um contra o outro e se esmurravam com a maior violência.

Duas mulheres, que deviam ser as esposas, gritavam insultos, enquanto os vizinhos assistiam. A porta da casa mais próxima fora arrombada. No chão, ali perto, havia uma gaiola de juncos, com três galinhas vivas. Caris foi se interpor entre os dois homens.

- Parem com isso, agora mesmo. Eu ordeno, em nome de Deus.

Não foi necessária muita persuasão. Era bem provável que os homens já tivessem descarregado sua ira com os primeiros golpes, e poderiam até se sentir gratos por um pretexto para interromperem a briga. Recuaram e baixaram os braços.

- O que aconteceu? - perguntou Caris.

Os dois puseram-se a falar ao mesmo tempo, junto com as esposas.

- Um de cada vez! - exclamou Caris.

Ela apontou para o maior dos dois, um homem de cabelos escuros, cuja boa aparência era desfigurada pelo olho inchado.

- Você não é Joe Blacksmith? Explique.

- Peguei Toby Peterson roubando as galinhas de Jack Marrow. Ele arrombou a porta.

Toby era menor, mas com a arrogância de um galo de briga. Falou através dos lábios sangrando:

- Jack Marrow me devia cinco shillings... tenho direito a essas galinhas!

Joe protestou:

- Jack e toda a sua família morreram da peste há duas semanas. Venho alimentando suas galinhas desde então. Estariam mortas se não fosse por mim. Se alguém deve ficar com elas, esse alguém sou eu.

- Ambos têm direito às galinhas, não é? Toby por causa da dívida, e Joe porque as manteve vivas à sua própria custa.

Os dois pareciam atordoados diante da perspectiva de que ambos podiam estar certos.

- Joseph, tire uma galinha da gaiola - ordenou Caris. Toby interveio:

- Ei, espere um pouco...

- Confie em mim, Toby - disse Caris. - Sabe que eu não seria injusta com você, não é?

- Não posso negar isso...

Joe abriu a gaiola e pegou pelos pés uma galinha magricela, de penas marrons. A galinha olhava para um lado e outro, como se estivesse espantada por ver o mundo de cabeça para baixo.

- Agora, entregue a galinha à esposa de Toby.

- O quê?

- Acha que eu o enganaria, Joseph?

Relutante, Joe entregou a galinha à esposa de Toby, uma morena bonita e mal-humorada.

- Aí está, Jane.

Jane pegou a galinha com a maior satisfação. Caris lhe disse:

- Agora, agradeça a Joe.

Jane exibiu uma expressão petulante, mas disse:

- Obrigada, Joseph Blacksmith.

- Agora, Toby, entregue uma galinha a Ellie Blacksmith - ordenou Caris. Toby obedeceu, com um sorriso envergonhado. A esposa de Joe, Ellie, com uma enorme barriga de gravidez, também sorriu e disse:

- Obrigada, Toby Peterson.

Eles começavam a voltar ao normal, compreendendo a insensatez do que haviam feito.

- E a terceira galinha? - perguntou Jane.

- Já vou chegar nela. - Caris olhou para os espectadores e apontou para uma menina de onze ou doze anos, que parecia bastante sensata. - Qual é o seu nome?

- Sou Jesca, madre priora... a filha de John Constable.

- Leve a outra galinha para a igreja de St. Peter e entregue ao padre Michael. Diga que Toby e Joe vão procurá-lo para pedir perdão pelo pecado da cobiça.

- Está bem, irmã.

Jesca pegou a terceira galinha e afastou-se. A esposa de Joe, Ellie, disse:

- Pode estar lembrada, madre Caris, que ajudou a irmã caçula de meu marido, Minnie, quando ela queimou o braço na forja.

- Claro que lembro. - Fora uma queimadura terrível. - Ela está bem?

- Tão bem quanto a chuva, por sua causa e pela graça de Deus.

- Fico contente em saber disso.

- Não gostaria de entrar em minha casa para tomar uma cerveja, madre priora?

- Eu adoraria, mas tenho pressa. - Caris virou-se para os homens. - Deus os abençoe e não briguem mais.

- Obrigado - murmurou Joe. Caris afastou-se. Toby gritou:

- Obrigado, madre. » Ela acenou, sem olhar para trás.

Notou pelo caminho que havia várias outras casas com a porta arrombada. Presumiu que haviam sido saqueadas depois da morte dos ocupantes. Alguém devia tomar providências, pensou ela. Mas com Elfric como regedor e um prior desaparecido, não havia ninguém para tomar a iniciativa.

Ela chegou a St. Peter e encontrou Elfric na nave, com vários calceteiros e seus aprendizes. Havia blocos de pedra empilhados por toda parte. Os homens preparavam a área, espalhando areia e alisando-a com galhos. Elfric verificava se o terreno estava plano, usando um dispositivo complicado, uma estrutura de madeira com um cordão pendendo, um peso de chumbo pendurado na extremidade. Parecia uma força em miniatura, e lembrou a Caris que Elfric tentara promover seu enforcamento, dez anos antes. Ficou surpresa ao descobrir que não sentia qualquer ódio por ele. Era um homem muito mesquinho e tacanho para merecer seu ódio. Ao fitá-lo, ela não sentiu nada além de desprezo. Esperou que ele acabasse sua verificação, antes de perguntar, abruptamente:

- Sabia que Godwyn e todos os monges fugiram?

Ela tencionava surpreendê-lo, e teve certeza, por sua expressão de espanto, que ele não tinha conhecimento prévio.

- Por que eles...? Quando...? Ahn... na noite passada?

- Você não os viu.

- Ouvi alguma coisa.

- Mas eu vi - disse um calceteiro. Ele apoiou-se na pá. - Eu saía da Holly Bush. Estava escuro, mas eles tinham tochas. O prior da a cavalo, mas os outros seguiam a pé. Levavam muita bagagem: barris de vinho e rodas de queijo, não sei mais o quê.

Caris já sabia que Godwyn esvaziara as despensas dos monges. Não tentara levar os suprimentos das freiras, que eram guardados em separado.

- A que horas foi isso? .

- Não era muito tarde... nove ou dez horas.

- Falou com eles?

- Apenas para dizer boa-noite.

- Alguma idéia do lugar para onde eles podem ter ido? O calceteiro sacudiu a cabeça.

- Eles passaram pela ponte, mas não vi para que lado seguiram em Gallows Cross.

Caris virou-se para Elfric

- Tente se lembrar dos últimos dias. Godwyn lhe disse alguma coisa que possa ter alguma relação com isso, em retrospectiva? Mencionou lugares... Monmouth, York, Antuérpia, Bremen?

- Não sei de nada.

Elfric parecia furioso por não ter sido avisado com antecedência, o que levou Caris a pensar que ele dizia a verdade.

Se Elfric estava surpreso, era improvável que qualquer outra pessoa tivesse conhecimento do que o prior planejava. Godwyn fugia da peste e era evidente que não queria que ninguém o seguisse, levando a doença. Saia cedo, para bem longe, e se mantinha distante por muito tempo, dissera Merthin. Godwyn poderia estar em qualquer lugar.

- Se tiver notícias dele, ou de qualquer dos monges, avise-me, por favor pediu Caris.

Elfric não disse nada.

Caris elevou a voz, para que todos ouvissem, ao acrescentar:

- Godwyn roubou todos os ornamentos preciosos da catedral.

Houve murmúrios de indignação. Os homens sentiam-se como coproprietários dos ornamentos da catedral; afinal, os artesãos mais ricos haviam ajudado a pagar alguns.

- O bispo quer os ornamentos de volta - continuou ela. - Qualquer um que ajudar Godwyn, mesmo que seja apenas ocultando informações sobre seu paradeiro, é culpado de sacrilégio.

Elfric estava aturdido. Baseara sua vida em se insinuar nas boas graças de Godwyn. Agora, seu patrono desaparecera.

- Pode haver uma explicação absolutamente inocente...

- Se há, por que Godwyn não contou a ninguém? Nem sequer deixou uma carta?

Elfric não pôde pensar em nada para dizer.

Caris compreendeu que teria de falar com todos os principais mercadores da cidade; e quanto mais cedo, melhor. Ela olhou para Elfric

- Eu gostaria que você convocasse uma reunião. - Ela pensou numa maneira mais persuasiva de fazer o pedido, e acrescentou: - O bispo quer que a guilda da paróquia se reúna hoje, depois do almoço. Por favor, comunique aos membros.

- Está bem.

Todos compareceriam, pensou Caris, levados pela curiosidade.

Ela deixou St. Peter e voltou para o priorado. Ao passar pela taverna White Horse viu uma coisa que a fez parar. Uma garota conversava com um homem mais velho, e havia algo na interação entre eles que a deixou toda arrepiada. Caris sempre sentia com a maior intensidade a vulnerabilidade das meninas... talvez porque se lembrasse de si mesma quando

adolescente, talvez por causa da filha que nunca tivera. Ela recuou para um vão de porta e ficou observando.

O homem era malvestido, exceto por um dispendioso gorro de pele. Caris não o conhecia, mas calculou que era um trabalhador e que herdara o gorro. Tantas pessoas haviam morrido que havia uma sobra de trajes de luxo. Por isso, uma cena estranha como aquela se tornara bastante comum. A garota devia ter em torno de quatorze anos e era bastante bonita, com um corpo de adolescente. Ela tentava ser coquete, percebeu Caris, com desaprovação; embora não se mostrasse muito convincente. O homem tirou algum dinheiro da bolsa, e os dois pareciam estar discutindo. Depois de um momento, o homem acariciou o seio pequeno da garota.

Caris já vira o suficiente. Avançou para os dois. O homem lançou um olhar para o hábito de freira e afastou-se apressado. A garota parecia ao mesmo tempo culpada e ressentida.

- O que está fazendo... quer vender seu corpo? - indagou Caris.

- Não, madre.

- Diga a verdade! Por que deixou que ele acariciasse seu seio?

- Não sei mais o que fazer. Não tenho nada para comer, e agora você o afugentou.

Ela desatou a chorar. Caris podia acreditar que a garota estava faminta, de tão magra e pálida.

- Venha comigo - disse Caris. - Eu lhe darei alguma coisa para comer. Ela pegou a garota pelo braço e começou a levá-la para o priorado.

- Qual é o seu nome?

- Ismay.

- Qual é sua idade?

- Treze anos.

Chegaram ao priorado, e Caris levou Ismay para a cozinha. O almoço das freiras estava sendo preparado sob a supervisão de uma noviça chamada Oonagh. A cozinheira, Josephine, fora vitimada pela peste.

- Dê um pouco de pão com manteiga a esta criança - disse Caris a Oonagh. Ela sentou e observou a garota comer. Era evidente que Ismay não se alimentava há dias. Comeu quase um quilo de pão antes de parar com a voracidade. Caris serviu-lhe um copo de sidra.

- Por que estava passando fome?

- Toda a minha família morreu da peste.

- O que seu pai fazia?

- Era alfaiate. Sei costurar muito bem, mas ninguém está comprando roupas... as pessoas podem pegar o que quiserem nas casas dos mortos.

- Então é por isso que você tentava se prostituir.

A garota baixou os olhos.

- Sinto muito, madre priora. Eu sentia fome demais.

- Foi a primeira vez que você tentou? Ismay sacudiu a cabeça e não quis olhar para Caris.

Lágrimas de raiva afloraram aos olhos de Caris. Que tipo de homem seria capaz de ter uma união sexual com uma garota faminta de treze anos? Que tipo de Deus levaria uma garota a tamanho desespero?

- Você gostaria de ficar aqui, com as freiras, e trabalhar na cozinha? Teria o suficiente para comer.

A garota levantou os olhos, na maior ansiedade.

- Ah, madre, eu gostaria muito!

- Pois então pode ficar. E comece por ajudar a preparar o almoço das freiras. Oonagh, aqui tem uma nova ajudante para a cozinha.

- Obrigada, madre Caris. Preciso mesmo de toda ajuda que puder obter. Caris deixou a cozinha e seguiu pensativa para o serviço da Sexta na catedral.

A peste não era apenas uma doença física, ela começava a compreender. Ismay escapara da doença, mas sua alma estivera em perigo.

O bispo Henri conduziu o serviço, deixando Caris livre para pensar. E decidiu que na reunião da guilda da paróquia não se limitaria a falar sobre a fuga dos monges. Era tempo de organizar a cidade para lidar com os efeitos da peste. Mas como?

Ela refletiu sobre todos os problemas durante o almoço. Por todos os tipos de razões, aquele era um momento para tomar grandes decisões. Com o bispo ali para apoiar sua autoridade, poderia impor medidas que de outra forma teriam grande oposição.

Aquele era também um bom momento para conseguir o que quisesse do bispo. O que era um pensamento com muitas perspectivas...

Depois do almoço, ela foi conversar com o bispo na casa do prior, onde ele se instalara. Henri sentava à mesa junto com o arqui-diácono Lloyd. Haviam sido alimentados pela cozinha das freiras. Agora, tomavam vinho, enquanto um servo do priorado tirava a mesa.

- Espero que tenha gostado de seu almoço, milorde bispo - disse ela, formal. Ele estava um pouco menos rabugento do que o habitual.

- Estava ótimo, obrigado, madre Caris... um lúcio muito saboroso. Alguma notícia do prior fugitivo?

- Ele parece ter tomado o cuidado de não deixar qualquer pista sobre seu destino.

- O que é desapontador.

- Enquanto percorria a cidade, fazendo indagações, testemunhei vários incidentes que me perturbaram: uma menina de treze anos se prostituindo; dois cidadãos que costumam respeitar as leis brigando por causa da propriedade de um morto; um homem completamente embriagado ao meio-dia.

- São os efeitos da peste. Vêm acontecendo por toda parte.

- Creio que devemos agir para acabar com esses efeitos.

O bispo elevou uma sobrancelha. Parecia que não pensara em entrar em ação.

- Como?

- O prior é o suserano de Kingsbridge. Ele é quem deve tomar a iniciativa.

- Mas o prior desapareceu.

- Como bispo, é tecnicamente nosso abade. Acho que deve ficar em Kingsbridge e assumir o comando da cidade.

Na verdade, essa era a última coisa que Caris queria. Por sorte, havia bem pouca possibilidade de o bispo concordar: ele tinha muita coisa para fazer em outros lugares. Ela apenas tentava acuá-lo no canto.

Henri hesitou. Por um instante, Caris preocupou-se, achando que poderia ter feito um julgamento errado e que ele poderia aceitar sua sugestão. Mas, depois de um momento, o bispo disse:

- Isso é impossível. Todas as cidades na diocese enfrentam os mesmos problemas. A situação em Shiring é ainda pior. Tenho de tentar manter a estrutura do cristianismo por toda parte, enquanto meus padres estão morrendo. Não tenho tempo para me preocupar com bêbados e prostitutas.

- Mas alguém deve agir como o prior de Kingsbridge. A cidade precisa de um líder moral.

O arqui-diácono Lloyd interveio:

- Milorde bispo, há também a questão de quem vai receber os dinheiros devidos ao priorado, manter a catedral e outros prédios, administrar as terras e os servos...

- Terá de fazer tudo isso, madre Caris - declarou Henri.

Ela fingiu considerar a sugestão, como se já não tivesse pensado a respeito.

- Eu poderia cuidar de todas as tarefas menos importantes... administrar o dinheiro dos monges e suas terras... mas não seria capaz de fazer a mesma coisa que o senhor, milorde bispo. Não poderia desempenhar os sagrados sacramentos.

- Já conversamos sobre isso - declarou ele, impaciente. - Estou criando novos padres tão depressa quanto posso. Mas você pode fazer todo o resto.

- Quase parece que está me pedindo para agir como o prior em exercício de Kingsbridge.

- É exatamente o que eu quero.

Caris teve o cuidado de não demonstrar sua exultação. Parecia bom demais para ser verdade. Seria como o prior de Kingsbridge para todos os propósitos, exceto por aqueles pelos quais não se importava. Haveria empecilhos ocultos em que ela não pensara?

- É melhor me deixar escrever uma carta para esse efeito, caso ela precise impor sua autoridade - propôs o arquidiácono Lloyd.

- Se quer que a cidade acate seus desejos, talvez seja necessário demonstrar a todos que é a sua decisão pessoal - disse Caris. - Uma reunião da guilda da paróquia está prestes a começar. Se estiver disposto, milorde bispo, eu gostaria que comparecesse e fizesse o comunicado.

- Está bem. Vamos embora.

Eles deixaram o palácio de Godwyn e seguiram pela rua principal até a casa da guilda. Todos os membros esperavam para saber o que acontecera com os monges. Caris começou pelo relato do que sabia. Várias pessoas haviam visto ou ouvido o êxodo no dia anterior, depois do escurecer, embora ninguém percebesse ou nem sequer desconfiasse de que todos os monges estavam partindo.

Ela pediu que todos se mantivessem alertas a informações de viajantes sobre um grupo grande de monges na estrada, levando muita bagagem.

- Mas temos de aceitar a probabilidade de que os monges não voltarão tão cedo. E em relação a isso, milorde bispo tem um comunicado a fazer.

Ela queria que o aviso viesse direto do bispo. Henri limpou a garganta.

- Confirmei a eleição de Caris como priora e também a designei para prior em exercício. Peço que todos, por favor, a tratem como minha representante e suserana de vocês em todas as questões, exceto as que são reservadas a padres ordenados.

Caris observava os rostos. Elfric ficou furioso. Merthin sorriu, adivinhando que ela manobrava para alcançar aquela situação. Mostrou-se satisfeito, por ela e pela cidade, mas a contração pesarosa dos lábios indicava que também sabia que isso a manteria longe de seus braços. Todos os outros pareciam contentes. Conheciam-na e confiavam nela; e Caris conquistara ainda mais lealdade ao permanecer em Kingsbridge, enquanto Godwyn fugia. Caris decidiu que devia tirar o máximo de proveito da situação.

- Há três problemas que eu quero enfrentar logo no meu primeiro dia como prior em exercício - declarou ela. - Primeiro, a embriaguez. Hoje vi Duncan Dyer caído na rua, inconsciente, antes da hora do almoço. Creio que isso contribui para o clima de devassidão na cidade, que é a última coisa de que precisamos durante esta crise terrível.

Houve murmúrios altos de aprovação. A guilda da paróquia era dominada pelos mercadores mais velhos e mais conservadores da cidade. Se alguma vez eles bebiam pela manhã era em casa, onde ninguém podia vê-los. Caris continuou:

- Quero providenciar um ajudante extra para John Constable e instruí-lo a prender qualquer um que encontre bêbado à luz do dia. Ele poderá metê-los na cadeia até que voltem a ficar sóbrios.

Até mesmo Elfric acenou com a cabeça em concordância.

- O segundo problema é a questão das pessoas que morrem sem deixar herdeiros. Esta manhã encontrei Joseph Blacksmith e Toby Peterson brigando por causa de três galinhas que pertenciam a Jack Marrow.

Houve risos ao pensamento de homens adultos brigando por causa de coisas tão insignificantes. Caris já pensara numa solução para o problema.

- Em princípio, essas propriedades reverterem para o senhor do solar, que no caso dos moradores de Kingsbridge significa o priorado. Mas não quero que os prédios do mosteiro fiquem abarrotados de roupas velhas. Em vez disso, os dois vizinhos mais próximos devem trancar a casa, para se ter a garantia de que nada será tirado; em seguida, o padre da paróquia fará um inventário dos bens e também ouvirá as reivindicações de possíveis credores. Onde não há padre, poderão me procurar. Depois que as dívidas forem pagas, os bens pessoais do falecido... roupas, móveis, alimentos, bebidas... serão divididos entre os vizinhos. Qualquer dinheiro será entregue à igreja da paróquia.

Houve também uma aprovação geral para essa proposta, a maioria das pessoas acenando com a cabeça e murmurando em concordância.

- Finalmente, encontrei uma órfã de treze anos que tentava vender seu corpo na frente da White Horse. Seu nome é Ismay, e ela fez isso porque não tinha nada para comer. - Caris correu os olhos pela sala com uma expressão desafiadora. Alguém pode me dizer como é possível que isso aconteça numa cidade cristã? Toda a família da garota havia morrido... mas eles não tinham amigos ou vizinhos? Quem permite que uma criança passe fome?

Edward Butcher interveio, em voz baixa:

- Ismay Taylor é uma menina malcomportada. Caris não aceitaria qualquer desculpa.

- Ela tem treze anos!

- Só estou querendo dizer que podem ter oferecido ajuda e ela recusou.

- Desde quando permitimos que crianças tomem decisões por si mesmas? Se uma criança é órfã, todos temos o dever de cuidar dela. O que a religião de vocês significa que não isso?

Todos pareciam envergonhados.

- No futuro, sempre que uma criança ficar órfã, quero que os dois vizinhos mais próximos a levem para mim. As que não puderem ir para a casa de uma família amiga ficarão no priorado. As meninas podem viver com as freiras, e o dormitório dos monges será o lugar para os meninos. Eles terão aulas de manhã e um trabalho apropriado à tarde.

Houve aprovação geral para isso também. Elfric indagou: -Já acabou, madre Caris?

- Acho que sim, a menos que alguém queria discutir os detalhes do que acabei de sugerir.

Ninguém disse nada. Os membros da guilda começaram a se remexer em seus assentos, como se a reunião estivesse encerrada. Mas Elfric tornou a se manifestar:

- Alguns dos homens aqui podem se lembrar que me elegeram para regedor da guilda.

Sua voz transbordava de ressentimento. Todos se remexeram ainda mais, impacientes. Ele continuou:

- Temos agora o prior de Kingsbridge acusado de roubo e condenado sem julgamento.

O comentário pegou muito mal. Houve protestos de divergência. Ninguém achava que Godwyn era inocente. Mas Elfric ignorou o clima na sala.

- E sentamos aqui como escravos, deixando que uma mulher determine as leis da cidade. Pela autoridade de quem os bêbados devem ser presos? Dela. Quem será o supremo juiz das heranças aqui? Ela.

Quem decidirá o que fazer com os órfãos da cidade? Será ela. O que vocês se tornaram? Não são mais homens?

- Não - disse Betty Baxter. Os homens riram.

Caris decidiu não interferir. Era desnecessário. Ela lançou um olhar para o bispo, especulando se ele falaria contra Elfric. Mas percebeu que ele se recostava, de boca fechada: era evidente que o bispo também compreendera que Elfric travava uma batalha perdida. Elfric elevou a voz:

- Digo que devemos rejeitar uma mulher como prior, mesmo que seja apenas como prior em exercício. E também devemos negar à priora o direito de comparecer às reuniões da guilda da paróquia e nos dar ordens!

Vários resmungaram palavras de revolta. Dois ou três levantaram-se, como se estivessem prestes a sair, em repulsa. Alguém gritou: -Já chega, Elfric! Mas Elfric insistiu:

- E ainda por cima é uma mulher que foi julgada por bruxaria e condenada à morte!

Todos os homens ficaram de pé agora. Um deles se encaminhou para a porta e saiu.

- Volte! - berrou Elfric. - Ainda não encerrei a reunião! Ninguém lhe prestou mais qualquer atenção.

Caris juntou-se ao grupo na porta. Seguiu o bispo e o arqui-diácono. Foi a última a se retirar. Virou-se na saída e olhou para Elfric. Ele sentava sozinho na frente da sala.

Ela saiu.

Doze anos se haviam passado desde a visita de Godwyn e Philemon à célula de St.-John-in-the-Forest. Godwyn lembrava-se de ter ficado impressionado com os campos bem cuidados, as sebes aparadas, as valas limpas, as macieiras em linhas retas no pomar. Era a mesma coisa agora. Obviamente, Saul Whitehead também não mudara.

Godwyn e sua caravana cruzaram um tabuleiro de campos congelados, a caminho do agrupamento de prédios do mosteiro. Ao se aproximarem, Godwyn constatou que havia muitas coisas diferentes. Doze anos antes, a pequena igreja de pedra, com seu claustro e dormitório, era cercada por algumas pequenas estruturas de madeira: cozinha, estábulo, leiteria, padaria. Agora, os frágeis anexos de madeira haviam desaparecido, enquanto o complexo de construções de pedras ligadas à igreja havia crescido de uma maneira considerável.

- O mosteiro está mais seguro do que antes - comentou Godwyn.

- Creio que é por causa do aumento dos bandos de foras-da-lei, formados por soldados que voltaram das guerras francesas - sugeriu Philemon.

Godwyn franziu o rosto.

- Não me recordo de terem pedido minha permissão para o programa de construção.

- Porque ninguém pediu. -Ahn...

Infelizmente, ele não podia se queixar. Alguém poderia indagar como era possível que Saul tivesse realizado aquele programa sem o conhecimento de Godwyn... a não ser que Godwyn tivesse negligenciado seu dever de supervisão.

Além do mais, convinha a seus propósitos agora que o lugar pudesse ser fechado à presença de intrusos.

A viagem de dois dias acalmara-o um pouco. A morte da mãe lançara-o num frenesi de medo. Tinha certeza de que morreria a cada hora que permanecia em Kingsbridge. Fora por pouco que conseguira controlar suas emoções para falar na reunião na casa do capítulo e organizar o êxodo. Apesar de sua eloquência, uns poucos monges demonstraram apreensões pela fuga. Felizmente, todos haviam feito o juramento de obediência, e prevalecera o hábito de fazer o que era mandado. Mesmo assim, Godwyn

só começara a se sentir seguro depois que o grupo atravessara a ponte dupla, as tochas acesas, afastando-se pela noite.

Ainda se sentia com os nervos à flor da pele. De vez em quando remoía algum problema e decidia pedir a opinião de Petranilla, só para se lembrar em seguida que nunca mais ouviria seus conselhos. Nessas ocasiões, o pânico subia como bÍlis por sua garganta.

Estava fugindo da peste... mas deveria ter feito isso três meses antes, quando Mark Webber morrera. Seria tarde demais agora? Ele fez um esforço para reprimir o terror. Não se sentiria seguro enquanto não estivesse trancado e isolado do mundo.

Ele forçou os pensamentos a voltarem ao presente. Não havia ninguém nos campos naquela época do ano, mas num pátio de terra batida, na frente do mosteiro, avistou um punhado de monges trabalhando: um ferrava um cavalo, outro consertava um arado, e um pequeno grupo virava a alavanca de uma prensa de sidra.

Todos pararam o que faziam e ficaram olhando, atônitos, para a multidão de visitantes que se aproximava: vinte monges, meia dúzia de noviços, quatro carroças e dez cavalos de carga. Godwyn não deixara ninguém para trás, exceto os servos do priorado.

Um dos homens na prensa de sidra desligou-se do grupo e adiantou-se. Godwyn reconheceu-o como Saul Whitehead. Haviam se encontrado nas visitas anuais de Saul a Kingsbridge, mas Godwyn notou agora, pela primeira vez, os toques de cinza nos cabelos louros quase brancos.

Vinte anos antes haviam estudado juntos em Oxford. Saul era o astro entre os discípulos, rápido para aprender e ágil nos argumentos. Também era o que tinha mais devoção religiosa entre todos. Poderia ter se tornado prior de Kingsbridge se fosse menos espiritual e pensasse em sua carreira em termos estratégicos, em vez de deixar essas questões para Deus. Por esse motivo, quando o prior Anthony morreu e a eleição foi realizada, Godwyn conseguiu engambelar Saul com a maior facilidade.

Apesar disso, Saul não era um fraco. Tinha uma veia de integridade obstinada que Godwyn temia. Aceitaria agora, obediente, o plano de Godwyn. ou criaria problemas? Mais uma vez, Godwyn fez um esforço para reprimir o pânico e manter a calma.

Estudou com todo cuidado o rosto de Saul. O prior de St. John estava surpreso ao vê-lo... e visivelmente insatisfeito. Sua expressão controlada

era uma recepção polida, mas não havia qualquer sorriso.

Durante a campanha da eleição, Godwyn fizera todos acreditarem que e próprio não queria o cargo, mas eliminara um a um todos os outros candidatos razoáveis, inclusive Saul. Será que Saul desconfiava de que fora enganado?

- Bom-dia, padre prior - disse Saul, ao chegar perto. - Esta é uma bênção inesperada.

Portanto, sua hostilidade não seria ostensiva. Não podia haver a menor dúvida de que pensaria que esse comportamento conflitava com seu voto de obediência. Godwyn ficou aliviado.

- Deus o abençoe, meu filho. Já faz muito tempo desde que visitei minhas crianças em St. John.

Saul olhou para os monges, os cavalos, as carroças abarrotadas de suprimentos.

- Parece ser mais do que uma simples visita.

Ele não se ofereceu para ajudar Godwyn a descer do cavalo. Era como se quisesse uma explicação antes de convidá-los a entrar... o que era um absurdo: ele não tinha o direito de rejeitar seu superior. Mesmo assim, Godwyn descobriu-a explicar:

- Já ouviu falar sobre a peste?

- Apenas rumores. Há poucos visitantes para nos trazer notícias.

O que era ótimo. Fora a falta de visitantes que atraía Godwyn a St. John.

- A doença matou centenas de pessoas em Kingsbridge. Temi que pudesse exterminar todo o priorado. Foi por isso que trouxe os monges para cá. Pode ser a única maneira de garantir nossa sobrevivência.

- É bem-vindo aqui, qualquer que seja a razão para a visita.

- Nem precisava dizer.

Godwyn sentiu-se furioso por ter sido pressionado a oferecer uma justificativa. Saul estava pensativo.

- Não sei onde todos dormirão...

- Eu decidirei - declarou Godwyn, asseverando sua autoridade. - Pode nos mostrar tudo, enquanto a cozinheira prepara nosso jantar.

Ele desmontou sem ajuda e entrou no mosteiro. Saul viu-se na obrigação de segui-lo.

Tudo ali era limpo mas despojado, mostrando como Saul levava a sério o voto monacal de pobreza. Mas hoje Godwyn estava mais interessado em verificar como o lugar poderia ser fechado a forasteiros. Por sorte, a fé de

Saul na ordem e controle levava-o a projetar prédios com poucas entradas. Havia apenas três acessos ao priorado: através da cozinha, do estábulo, ou da igreja. Cada entrada tinha uma porta resistente, que podia ser trancada com barras.

O dormitório era pequeno, com espaço para abrigar apenas oito ou nove monges. Não havia quarto separado para o prior. A única maneira de acomodar mais vinte monges era deixar que dormissem na igreja.

Godwyn pensou em se apropriar do dormitório, mas não havia espaço ali para esconder os tesouros da catedral, e ele queria mantê-los perto. Por sorte, a igreja tinha uma pequena capela lateral, que podia ser isolada. Godwyn decidiu que ali seria seu quarto. Os outros monges de Kingsbridge espalhariam palha sobre o chão de terra batida e tratariam de se acomodar da melhor forma possível.

A comida e o vinho foram para a cozinha e a adega, mas Philemon levou os ornamentos para a capela-quarto de Godwyn. Philemon estivera conversando com os monges de St. John.

- Saul tem sua maneira típica de dirigir o mosteiro - informou ele. - Exige uma obediência rigorosa a Deus e à regra de São Bento. Mas dizem que ele não se põe num pedestal. Dorme no dormitório, come a mesma coisa que os outros. De um modo geral, não reivindica privilégios. É desnecessário dizer que gostam dele por isso. Mas há um monge que é punido com frequência.. irmão Jonquil.

- Lembro dele.

Jonquil sempre tivera problemas quando era noviço em Kingsbridge... por atraso, desleixo, preguiça e ganância. Não tinha o menor autocontrole, e provavelmente fora atraído para a vida monástica como uma maneira de arrumar alguém para exigir o cumprimento do comedimento que era incapaz de impor a si mesmo.

- Ele não hesitará em mudar de lado, se tiver meia oportunidade - garantiu Philemon. - Mas não tem qualquer autoridade, e ninguém o seguirá.

- E eles não têm queixas contra Saul? Ele não dorme tarde, não se esquiva das tarefas desagradáveis, nem fica com o melhor vinho?

- Aparentemente não.

- Hum...

Saul continuava tão íntegro quanto antes. Godwyn ficou desapontado, mas não muito surpreso.

Durante a Véspera, Godwyn notou como os homens de St. John eram solenes e disciplinados. Ao longo dos anos, ele sempre mandara para St. John os monges problemáticos: os rebeldes, os que tinham doenças mentais, os que eram propensos a questionar os ensinamentos da Igreja e se interessarem por ideias heréticas. Saul nunca se queixara, nunca mandara ninguém de volta. Parecia que era capaz de transformar esses homens em monges exemplares.

Depois do serviço, Godwyn mandou a maior parte dos homens de Kingsbridge para jantar no refeitório, ficando apenas com Philemon e dois monges jovens e fortes. Assim que ficaram a sós na igreja, ele disse a Philemon para ficar de guarda na porta de acesso ao claustro, e depois ordenou que os jovens deslocassem para o lado o altar de madeira todo esculpido e cavassem um buraco em sua posição normal.

Quando o buraco se tornou bastante profundo, Godwyn trouxe os ornamentos da catedral que guardara na capela, para serem enterrados por baixo do altar. Mas antes que o trabalho fosse concluído, Saul apareceu na porta da igreja. Godwyn ouviu Philemon dizer:

- O lorde prior deseja ficar sozinho. A voz de Saul soou em seguida:
- Então ele pode me dizer isso pessoalmente.
- O prior me pediu para dizer. . Saul elevou a voz: i>q
- Não serei excluído de minha própria igreja... muito menos por você!
- Vai usar de violência contra mim, o vice-prior de Kingsbridge?
- Eu o jogarei na fonte se continuar a barrar minha passagem.

Godwyn interveio. Teria preferido manter Saul na ignorância, mas isso não era mais possível.

- Deixe-o entrar, Philemon.

Philemon afastou-se para o lado, e Saul entrou na igreja. Viu a bagagem. Sem pedir permissão, abriu um saco e espiou o que havia dentro.

- Por minha alma! - exclamou ele, tirando uma galheta de altar feita de ouro e prata. - O que é tudo isso?

Godwyn sentiu-se tentado a lhe dizer para não interrogar seus superiores. Saul poderia até aceitar a repreensão: acreditava na humildade, pelo menos em princípio. Mas Godwyn não queria deixar o fermento da suspeita na mente de Saul.

- Eu trouxe comigo os tesouros da catedral. Saul fez uma careta de desgosto.

- Sei que essas coisas são consideradas apropriadas numa grande catedral, mas ficarão deslocadas numa humilde célula na floresta.

- Não terá de vê-las, pois tudo ficará escondido. Não há mal em você saber onde, embora eu pretendesse poupá-lo do fardo desse conhecimento.

Saul parecia desconfiado.

- Por que trouxe tudo?

- Para guardar em segurança.

Saul não se deixava persuadir com facilidade.

- Estou surpreso que o bispo estivesse disposto a permitir que você trouxesse tudo.

O bispo não fora consultado, é claro, mas Godwyn não disse isso.

- No momento, a situação é tão crítica em Kingsbridge que não temos certeza se os ornamentos estão seguros até mesmo no priorado.

- Mas não estariam mais seguros do que aqui? Afinal, estamos cercados por bandidos, como sabe. Graças a Deus não os encontrou na estrada.

- Deus vela por nós.

- E pelas jóias que você trouxe, eu espero.

A atitude de Saul equivalia quase a uma insubordinação, mas Godwyn não o censurou, temendo que uma reação exagerada sugerisse culpa. Mas observou que a humildade de Saul tinha limites. Talvez, no final das contas, Saul soubesse que fora enganado há doze anos. Agora, Godwyn disse:

- Por favor, peça a todos os monges para permanecerem no refeitório depois do jantar. Falarei com eles assim que terminar aqui.

Saul aceitou ser dispensado e saiu. Godwyn enterrou os ornamentos, os cartulários do priorado, as relíquias do santo, e quase todo o dinheiro.

Os monges taparam o buraco, calcaram a terra, e puseram o altar de volta no lugar. Restava um pouco de terra solta, que eles levaram para fora e espalharam.

Depois, foram para o refeitório. A pequena sala estava lotada agora, com o acréscimo dos homens de Kingsbridge. Havia um monge no pódio, lendo uma passagem do evangelho de Marcos, mas ele calou-se quando Godwyn entrou. Godwyn gesticulou para que o leitor sentasse e tomou seu lugar.

- Este é um refúgio sagrado. Deus nos mandou essa terrível peste para nos punir por nossos pecados. Viemos até aqui para expurgar esses pecados bem longe da influência corruptora da cidade.

Godwyn não tencionava provocar uma discussão, mas Saul indagou:

- Que pecados em particular, padre Godwyn? Godwyn tratou de improvisar:

- Os homens têm desafiado a autoridade da santa Igreja de Deus; as mulheres se tornaram lascivas; os monges não conseguiram se afastar por completo da sociedade feminina; as freiras estão recorrendo à heresia e bruxaria.

- E quanto tempo levará para que esses pecados sejam expurgados?

- Saberemos que triunfamos quando a peste desaparecer.

Outro monge de St. John se manifestou. Godwyn reconheceu Jonquil, um homem grande e sem coordenação muscular, com um brilho desvairado nos olhos.

- Como fará para se expurgar?

Godwyn ficou surpreso ao constatar que os monges ali sentiam-se em liberdade para interrogar seus superiores.

- Pela oração, meditação e jejum.

- O jejum é uma boa idéia - disse Jonquil. - Não temos muita comida de sobra.

Houve alguns risos ao comentário.

Godwyn ficou preocupado com a possibilidade de perder o controle da audiência. Bateu no pódio para pedir silêncio.

- Daqui por diante, qualquer pessoa do mundo exterior que vier até aqui será um perigo para nós. Quero que todas as portas permaneçam trancadas por dentro, dia e noite. Nenhum monge poderá sair sem a minha permissão pessoal, que só será concedida em emergências. Todos os visitantes serão repelidos. Vamos ficar isolados até que essa terrível peste acabe.

- Mas o que acontece se...

Godwyn não deixou Jonquil continuar:

- Não pedi comentários, irmão. - Ele correu os olhos pela sala, intimidando todos a se calarem. - Vocês são monges, e têm o dever de obedecer. E, agora, vamos rezar.

A crise chegou no dia seguinte.

Godwyn sentiu que suas ordens haviam sido aceitas por Saul e os outros monges em caráter provisório. Todos haviam sido apanhados de surpresa, e não foram capazes de pensar em grandes objeções no momento inesperado; e assim, na falta de uma razão forte para a rebelião, eles obedeceram instintivamente a seu superior.

Mas Godwyn sabia que chegaria o momento em que teriam de tomar uma decisão concreta. Só que não esperava que fosse tão cedo.

Cantavam o ofício da Prima. Fazia um frio enregelante na pequena igreja. Godwyn estava com o corpo todo dolorido de uma noite desconfortável. Sentia saudade de seu palácio, com suas lareiras e camas macias. A claridade cinzenta de um amanhecer de inverno começava a aparecer nas janelas quando soaram batidas fortes na porta oeste da igreja.

Godwyn ficou tenso. Gostaria de ter mais um dia ou dois para consolidar sua posição.

Sinalizou para que os monges ignorassem as batidas e continuassem com o serviço. As batidas passaram a ser acompanhadas por gritos. Saul levantou-se para ir até a porta, mas Godwyn fez sinais com as mãos para que ele sentasse. Depois de um momento de hesitação, Saul obedeceu. Godwyn estava determinado a fazer com que todos continuassem sentados. Se os monges nada fizessem, era provável que os intrusos fossem embora. Mas Godwyn começou a compreender que persuadir as pessoas a não fazerem nada era extremamente difícil.

Os monges logo ficaram perturbados demais para se concentrarem no salmo. Passaram a sussurrar uns para os outros, a olhar para a porta oeste. O canto foi se tornando irregular e descoordenado, até que definiu, restando apenas a voz de Godwyn.

Ele ficou irritado. Se acompanhassem sua orientação, poderiam ignorar o distúrbio. Enfurecido pela fraqueza dos outros, Godwyn finalmente saiu de seu lugar, e atravessou a curta nave até a porta.

- Quem está aí? - gritou ele.

- Deixe-nos entrar! - foi a resposta abafada.

- Vocês não podem entrar - gritou Godwyn em resposta. - Vão embora! Saul apareceu ao seu lado.

- Está mandando embora pessoas que procuram a igreja? - indagou ele, horrorizado.

- Já disse que não haverá visitantes - declarou Godwyn. As batidas recomeçaram.

- Deixem-nos entrar!

- Quem são vocês? - gritou Saul. Houve uma pausa antes da resposta:

- Somos homens da floresta. Philemon interveio:

- Bandidos.

Saul protestou, indignado:

- Pecadores como nós, e também filhos de Deus.
- Não há razão para deixar que eles nos matem.
- Talvez seja melhor descobrir se eles são mesmo o que alegam.

Saul foi até a janela à direita da porta. A igreja era um prédio baixo, com o peitoril da janela logo abaixo do nível do olho. Nenhuma tinha vidro. Eram fechadas contra o frio por telas translúcidas de linho. Saul levantou a tela e ficou na ponta dos pés para olhar.

- Por que vieram até aqui? Godwyn ouviu a resposta:
- Um dos nossos está doente. Godwyn disse a Saul:
- Eu falarei com eles. Saul fitou-o, irritado.
- Afaste-se da janela - acrescentou Godwyn. Relutante, Saul obedeceu. Godwyn gritou:
- Não podemos deixá-los entrar. Vão embora. A expressão de Saul era de total incredulidade.
- Vai mandar embora um homem doente? Somos monges e médicos!
- Se o homem estiver com a peste, não há nada que possamos fazer para ajudá-lo. E se o deixarmos entrar, estaremos nos matando.
- Isso está nas mãos de Deus.
- Deus não permite que cometamos suicídio.
- Não sabe o que há de errado com o homem. Ele pode ter quebrado um braço.

Godwyn abriu a janela correspondente no lado esquerdo da porta e olhou para fora. Avistou um grupo de seis homens rudes, parados em torno de uma padiola que haviam largado no chão, na frente da porta da igreja. As roupas eram caras, mas sujas, como se eles tivessem dormido com os melhores trajes dominicais. Isso era típico dos bandidos, que roubavam boas roupas dos viajantes e logo faziam com que parecessem velhas e enebadas. Os homens estavam bem armados, alguns com espadas de boa qualidade, adagas e arcos, o que sugeria que podiam ser soldados desmobilizados.

Havia um homem na padiola, suando muito embora fosse uma manhã gelada de janeiro - e sangrando pelo nariz. Subitamente, sem desejar, Godwyn viu em sua imaginação a cena no hospital, a mãe agonizante, o filete de sangue no lábio superior que sempre voltava, por mais que a freira o enxugasse. O pensamento de que poderia morrer daquele jeito deixou-o tão transtornado que teve vontade de se jogar do telhado da catedral de Kingsbridge. Seria muito melhor morrer num breve instante de

dor insuportável, em vez de sofrer ao longo de três, quatro ou cinco dias de delírio enlouquecido e sede alucinante.

- Esse homem tem a peste!

Godwyn percebeu um tom de histeria na própria voz. Um dos bandidos adiantou-se.

- Conheço você. É o prior de Kingsbridge.

Godwyn fez um esforço para se controlar. Olhou com medo e raiva para o homem que era obviamente o líder. Tinha um porte de segurança arrogante, como um nobre; devia ter sido outrora bonito, mas sua aparência fora desfigurada por anos de vida árdua. Godwyn perguntou:

- E quem é você, que bate na porta de uma igreja no momento em que os monges cantam os salmos para Deus?

- Alguns me chamam de Tam Hiding.

Houve murmúrios de espanto dos monges. Tam Hiding era uma lenda viva. Irmão Jonquil gritou:

- Eles vão matar todos nós! Saul virou-se para Jonquil.

- Fique calado. Todos nós morreremos quando Deus quiser, mas não antes.

- Está bem, padre.

Saul tornou a se virar para a janela e disse:

- Vocês roubaram nossas galinhas no ano passado. ,, ,

- Sinto muito, padre - respondeu Tam. - Mas estávamos famintos. ,

- E agora vem pedir minha ajuda.

- Porque sempre prega que Deus perdoa. Godwyn interveio, decidido:

- Deixe-me cuidar disso.

A luta interna de Saul era evidente em seu rosto, alternadamente envergonhado e rebelde. Mas ele acabou baixando a cabeça. Godwyn disse a Tam:

- Deus perdoa aqueles que se arrependem para valer.

- O nome desse homem é Win Forester e ele se arrepende sinceramente de todos os seus muitos pecados. Gostaria de entrar na igreja para rezar pela cura... ou, se isso não for possível, para morrer num lugar sagrado.

Um dos outros bandidos espirrou.

Saul veio de sua janela e parou na frente de Godwyn, com as mãos nos quadris.

- Não podemos impedi-lo de entrar! Godwyn fez um esforço para manter a calma.

- Ouviu aquele espirro... não compreende o que significa? - Ele virou-se para o resto dos monges, pois queria ter certeza de que ouviriam o que diria em seguida. - Todos eles estão com a peste!

Houve um murmúrio coletivo de medo. Godwyn queria mesmo assustá-los, pois assim o apoiariam, caso Saul decidisse desafiá-lo.

- Mas devemos ajudá-los, mesmo que eles tenham a peste - insistiu Saul. Nossas vidas não nos pertencem, para serem protegidas como ouro escondido debaixo da terra. Nós nos entregamos a Deus, para que nos usasse como quisesse, e ele encerrará nossas vidas quando for conveniente para seus sagrados propósitos.

- Deixar esses bandidos entrarem aqui seria suicídio. Eles matarão todos nós!

- Somos homens de Deus. Para nós, a morte é o feliz reencontro com Cristo. O que temos a temer, padre prior?

Godwyn compreendeu que parecia assustado, enquanto Saul falava de uma maneira racional. Ele forçou-se a parecer calmo e filosófico.

- É um pecado procurar a própria morte.

- Mas se a morte vem ao nosso encontro, no curso de nosso sagrado dever, nós a aceitamos com alegria.

Godwyn compreendeu que poderia debater durante o dia inteiro com Saul sem chegar a qualquer lugar. Não era a maneira de impor sua autoridade. Ele fechou a janela.

- Feche a sua janela, irmão Saul, e venha até aqui.

Depois de um momento de hesitação, Saul obedeceu. Godwyn perguntou:

- Quais são os seus três votos, irmão?

Houve uma pausa. Saul sabia o que estava acontecendo. Godwyn recusava-se a tratá-lo como um igual. A princípio, Saul deu a impressão de que poderia se recusar a responder, mas seu treinamento prevaleceu.

- Pobreza, castidade, obediência.

- E a quem deve obedecer?

- Deus, a regra de São Bento e meu prior.

- E seu prior se encontra agora na sua frente. Você me reconhece?

- Reconheço.

- Pode dizer "Reconheço, padre prior".

- Reconheço, padre prior.

- Agora, direi o que deve fazer e você obedecerá. - Godwyn olhou ao redor.

- Todos vocês... voltem a seus lugares.

Houve um momento de silêncio e imobilidade. Ninguém se mexia, ninguém falava. Podia seguir para qualquer lado, refletiu Godwyn: obediência ou motim, ordem ou anarquia, vitória ou derrota. Ele prendeu a respiração.

Finalmente, Saul se mexeu. Baixou a cabeça e virou-se. Percorreu a curta nave e retomou sua posição, de frente para o altar.

Todos os outros fizeram a mesma coisa.

Soaram mais alguns gritos lá fora, mas pareciam gritos de pessoas se afastando. Talvez os bandidos tivessem compreendido que não poderiam obrigar um médico a tratar de seu companheiro doente.

Godwyn também retornou ao altar e virou-se para os monges.

- Vamos terminar o salmo interrompido - disse ele, voltando a cantar.

Glória ao Pai

E ao Filho

E ao Espírito Santo.

O canto ainda era irregular. Os monges estavam excitados demais para adotarem a atitude apropriada. Mesmo assim, haviam retornado a seus lugares e seguiam a rotina. Godwyn prevalecera.

Como foi no princípio

E agora

E sempre será

Um mundo sem fim

Amém.

- Amém - repetiu Godwyn. Um dos monges espirrou.

Pouco depois da fuga de Godwyn, Elfric morreu da peste. Caris lamentou por Alice, sua viúva; mas, além disso, mal podia deixar de se regozijar. Elfric oprimira os fracos e bajulava os fortes; as mentiras que dissera em seu julgamento quase haviam-na levado à forca. O mundo era um lugar melhor sem ele. Até mesmo seu negócio de construção seria melhor dirigido pelo genro, Harold Mason.

A guilda da paróquia elegeu Merthin para regedor no lugar de Elfric. E Merthin comentou que era como assumir o comando de um navio afundando.

A medida que as mortes continuavam, as pessoas enterrando seus parentes, vizinhos, amigos, clientes e empregados, o constante horror começou a brutalizar muitas, até que nenhuma violência ou crueldade parecia chocante. Pessoas que pensavam estar prestes a morrer perdiam todo e qualquer comedimento, e passavam a seguir seus impulsos, independentemente das consequências.

Juntos, Merthin e Caris empenhavam-se em preservar alguma coisa parecida com a vida normal em Kingsbridge. O orfanato foi a parte mais bem-sucedida do programa de Caris. As crianças sentiam-se gratas pela segurança do convento, depois da provação de perderem os pais para a peste. Cuidar delas e ensinar a ler e a cantar os hinos despertaram os instintos maternos há muito reprimidos de algumas freiras. Havia comida de sobra, com menos pessoas disputando as reservas para o inverno. E o priorado de Kingsbridge foi povoado pelos sons das crianças.

Na cidade, as coisas eram mais difíceis. Persistiam as disputas violentas pelos bens dos mortos. As pessoas simplesmente entravam nas casas vazias e pegavam o que queriam. Crianças que herdavam dinheiro, ou depósitos abarrotados com tecidos ou milho, eram às vezes adotadas por vizinhos inescrupulosos, impulsionados pela ganância de se apoderarem dos legados. A perspectiva de obter alguma coisa por nada trazia à tona o pior das pessoas, pensava Caris, desesperada.

Caris e Merthin tiveram apenas um êxito parcial na luta contra o declínio do comportamento público. Caris ficou desapontada com os resultados da ação repressiva de John Constable contra a embriaguez. Havia muitos viúvos e viúvas recentes ansiosos em encontrar novos parceiros; por isso,

não era incomum ver pessoas de meia-idade absorvidas em abraços ou carícias, nas tavernas ou num vão de porta. Caris não tinha grandes objeções a esse tipo de coisa por si mesma, mas descobriu que a embriaguez e a licenciosidade pública levavam a brigas com frequência. Só que Merthin e a guilda da paróquia não conseguiam conter esse comportamento.

E no momento em que os habitantes da cidade precisavam fortalecer sua determinação, a fuga dos monges causara o efeito oposto. Desmoralizara todo mundo. Os representantes de Deus haviam partido; o Todo Poderoso abandonava a cidade. Alguns diziam que as relíquias do santo sempre haviam trazido sorte; e agora que os ossos não se encontravam mais ali, a sorte acabara. A falta de crucifixos e castiçais preciosos nos serviços dominicais era um lembrete de que os monges haviam considerado que Kingsbridge estava condenada. Então por que não se embriagar e fornicar na rua?

De uma população aproximada de sete mil pessoas, Kingsbridge perdera pelo menos mil até meados de janeiro. Outras cidades sofriam a mesma coisa. Apesar das máscaras propostas por Caris, o número de mortes era mais alto entre as freiras, sem dúvida porque elas mantinham um contato constante com as vítimas da peste. Havia antes trinta e cinco freiras, que agora estavam reduzidas a vinte. Mas ouviam falar de lugares em que quase todos os monges e freiras haviam morrido, deixando uns poucos ou apenas uma pessoa para continuar o trabalho; por isso, elas se consideravam afortunadas. Caris decidiu abreviar o noviciado e intensificar o treinamento, para contar com mais ajuda no hospital.

Merthin contratara o barman da Holly Bush e lhe entregara o comando da Bell. Também contratou uma jovem de boa índole, de dezessete anos, Martina, para cuidar de Lolla.

Até que a peste pareceu definhar. Depois de enterrar cem pessoas numa semana, na altura do Natal, Caris descobriu que o número caiu para cinquenta em janeiro, e depois vinte em fevereiro. E permitiu-se acalentar a esperança de que o pesadelo se aproximava do fim.

Uma das pessoas desafortunadas que caíram doentes durante esse período foi um homem de cabelos escuros, na casa dos trinta anos, que outrora devia ter sido bonito. Visitava Kingsbridge pela primeira vez.

- Pensei ontem que tinha um resfriado - disse ele, ao passar pela porta. - Mas agora o nariz começou a sangrar e não para mais.

Ele segurava um pano ensanguentado contra as narinas.

- Arrumarei um lugar para você deitar - disse Caris, através da máscara de linho.

- É a peste, não é? - Caris ficou surpresa ao ouvir a resignação calma em sua voz, em vez do pânico habitual, enquanto ele acrescentava: - Pode fazer alguma coisa para me curar?

- Podemos deixá-lo confortável e rezar por você.

- Isso não vai adiantar. Mesmo que não acredite, posso garantir. Ela ficou chocada pela facilidade com que ele lia seu coração.

- Não sabe o que está dizendo - protestou ela, sem muita disposição. - Sou uma freira. Devo acreditar.

- Pode me dizer a verdade. Em quanto tempo morrerei?

Caris fitou-o nos olhos. O homem sorria, um sorriso encantador, que ela imaginou que já devia ter derretido muitos corações femininos.

- Por que não está com medo? - perguntou ela. - Todo mundo fica apavorado.

- Não acredito no que me dizem os padres. - Ele sorriu, astuto. - E desconfio que você também não acredita.

Caris não tinha a menor intenção de entrar nesse tipo de discussão com um estranho, por mais encantador que ele fosse.

- Quase todo mundo que pega a peste morre no prazo de três a cinco dias disse ela, bruscamente. - Umas poucas pessoas sobrevivem, ninguém sabe por quê.

Ele aceitou sem revolta.

- Como eu pensei.

Pode deitar aqui.

O homem ofereceu de novo o sorriso de menino levado.

- Deitar-me vai adiantar alguma coisa?

- Se não deitar em breve, acabará caindo.

- Está bem. Ele deitou no colchão de palha indicado. Caris deu-lhe um cobertor.

- Qual é o seu nome?

- Tam.

Ela estudou o rosto. Apesar do charme, podia sentir uma veia de crueldade. Era um homem que podia seduzir as mulheres, pensou Caris,

mas também era capaz de estuprá-las se não conseguisse nada com a conversa. A pele era curtida pela vida ao ar livre, e tinha o nariz vermelho de um bebedor. As roupas eram caras, mas sujas.

- Sei quem você é - disse ela. - Não tem medo de ser punido por seus pecados?

- Se eu acreditasse nisso, não os teria cometido. E você... tem medo de arder no inferno?

Era uma questão de que ela normalmente se esquivava, mas sentiu que aquele bandido agonizante merecia uma resposta sincera.

- Acredito que tudo aquilo que eu faço se torna parte de mim. Quando sou brava e forte, cuido das crianças, doentes e pobres, eu me torno uma pessoa melhor. E quando sou cruel, covarde, digo mentiras, ou me embriago, viro uma pessoa menos digna, e não posso me respeitar. E essa a retribuição divina em que acredito.

Tam fitou-a com uma expressão pensativa.

- Eu gostaria de tê-la conhecido há vinte anos. Ela soltou um grunhido depreciativo.

- Eu teria doze anos.

O homem elevou uma sobrancelha, sugestivo.

Já era demais, decidiu Caris. Ele começava a flertar... e ela começava a gostar. Virou-se.

- É uma mulher corajosa para fazer esse trabalho. Provavelmente vai matá-la.

- Sei disso. - Caris virou-se para fitá-lo de novo. - Mas esse é o meu destino. Não posso fugir das pessoas que precisam de mim.

- Seu prior não parece pensar assim.

- Ele desapareceu.

- As pessoas não podem desaparecer.

- O que estou querendo dizer é que ninguém sabe para onde foram o prior Godwyn e os monges.

- Eu sei.

O tempo ao final de fevereiro era ensolarado e ameno. Caris deixou Kingsbridge num pônei alazão, a caminho de St.-John-in-the-Forest. Merthin a acompanhava, montando um cavalo preto. Em circunstâncias normais, as pessoas estranhariam o fato de uma freira partir em viagem em companhia apenas de um homem. Mas aqueles eram tempos estranhos.

O perigo dos bandidos quase havia cessado. Muitos haviam morrido da peste, informara Tam Hiding antes de morrer. Além disso, a súbita queda na população proporcionara um excesso de alimentos, vinho e roupas... todas as coisas que os bandidos costumavam roubar. Os bandidos que haviam sobrevivido à peste podiam entrar em cidades fantasmas e aldeias abandonadas para pegarem qualquer coisa que quisessem.

Caris a princípio sentira-se frustrada ao saber que Godwyn não se afastara de Kingsbridge por uma distância maior que dois dias de viagem. Imaginara-o num lugar tão distante que nunca mais voltaria. Mas também ficara contente pela oportunidade de recuperar o dinheiro e os objetos valiosos do priorado, em particular os cartulários do convento, vitais sempre que havia uma disputa sobre propriedade ou direitos.

Quando e se fosse capaz de confrontar Godwyn, exigiria a devolução do patrimônio do priorado, em nome do bispo. Tinha uma carta de Henri para apoiá-la. Se ainda assim Godwyn recusasse, isso provaria acima e além de qualquer dúvida que ele estava roubando, em vez de guardar tudo aquilo em lugar seguro. O bispo poderia então iniciar uma ação judicial para recuperar tudo... ou simplesmente seguir para St. John com uma força de homens de armas.

Embora desapontada porque Godwyn ainda não saíra para sempre de sua vida, Caris apreciava a perspectiva de confrontá-lo com sua covardia e desonestidade.

Ao deixar a cidade, ela recordou que sua última longa viagem fora para a França, com Mair... uma aventura de verdade, em todos os sentidos. Sentia-se desconsolada ao pensar em Mair. Entre todas as pessoas que haviam morrido da peste, era de Mair que ela sentia mais saudade: o rosto lindo, o coração gentil, seu amor.

Mas era uma alegria ter Merthin só para ela durante dois dias inteiros. Seguindo pela estrada através da floresta, lado a lado, em seus cavalos, conversavam sobre qualquer coisa que afluía a suas mentes, como acontecia no tempo em que eram adolescentes.

Merthin, como sempre, continuava a ter muitas ideias brilhantes. Apesar da peste, vinha construindo lojas e tavernas na ilha do Leproso. Contou que planejava demolir a taverna que herdara de Bessie Bell e reconstruí-la duas vezes maior.

Caris achava que ele e Bessie haviam sido amantes... por que outro motivo ela lhe deixaria sua propriedade? Mas Caris sabia que era a única culpada por isso. Era a única mulher que Merthin realmente queria, com Bessie em segundo lugar. As duas sabiam disso. Mesmo assim, Caris sentia ciúme e raiva quando pensava em Merthin na cama com aquela taverneira roliça.

Pararam ao meio-dia e descansaram à beira de um córrego. Comeram pão, queijo e maçãs, os alimentos que todos os viajantes levavam, exceto os mais ricos. Deram alguns cereais aos cavalos: pastar não era suficiente para uma montaria que tinha de transportar um homem ou uma mulher durante o dia inteiro. Depois de comerem, deitaram ao sol por alguns minutos. Mas o terreno estava muito frio e úmido para o sono, e eles logo se levantaram e seguiram viagem.

Retomaram num instante a intimidade afetuosa da juventude. Merthin sempre fora capaz de fazê-la rir, e ela bem que precisava se animar, com pessoas morrendo todos os dias no hospital. Logo ela esqueceu a raiva por causa de Bessie.

Aquele caminho era percorrido pelos monges de Kingsbridge há centenas de anos. Passaram a noite no ponto intermediário do percurso, a taverna Red Cow, na pequena cidade de Lordsborough. Jantaram rosbife, com uma cerveja forte.

A essa altura, Caris já ansiava por ele. Os últimos dez anos pareciam ter desaparecido da memória, e ela tinha vontade de abraçá-lo e fazer amor, como acontecia no passado. Mas isso não aconteceria. A Red Cow tinha dois quartos, um para os homens, outro para as mulheres... e sem dúvida era por isso que os monges sempre a escolhiam para passar a noite. Caris e Merthin separaram-se no patamar. Caris ficou acordada, escutando os roncos da esposa de um cavaleiro e a respiração chiada de uma vendedora de condimentos, acariciando-se e desejando que a mão entre suas coxas fosse a de Merthin.

Acordou cansada e desanimada. Comeu automaticamente o mingau que era servido pela manhã. Mas Merthin se mostrava tão feliz por sua companhia que ela logo se reanimou. Ao partirem de Lordsborough estavam outra vez conversando e rindo, tão alegres quanto no dia anterior.

A viagem no segundo foi através de uma floresta densa. Não encontraram outros viajantes durante toda a manhã. A conversa foi se tornando mais pessoal. Caris soube mais sobre a vida que ele levava em Florença, como

conhecera Silvia, o tipo de pessoa que ela era. Caris queria perguntar: Como era fazer amor com ela? Era diferente de mim? De que maneira? Mas se conteve, sentindo que essas perguntas violariam a privacidade de Silvia, embora ela já tivesse morrido. Mas podia adivinhar muita coisa pelo tom de voz de Merthin. Ele fora feliz na cama com Silvia, dava para perceber, mesmo que o relacionamento não tivesse a intensidade de sua ligação com Caris.

As horas a cavalo a que não estava acostumada deixavam-na dolorida, por isso ela ficou aliviada quando desmontou do pônei, ao pararem para almoçar. Depois de comerem, sentaram no chão, encostados no tronco largo de uma árvore, para descansar e deixar a comida assentar, antes do recomeço da viagem.

Caris pensou em Godwyn e no que encontraria em St.-John-in-the-Forest, quando compreendeu subitamente que ela e Merthin estavam prestes a fazer amor. Não podia explicar como sabia - nem sequer se tocavam -, mas não tinha a menor dúvida. Virou-se para fitá-lo e percebeu que ele também sentia a mesma coisa. Merthin sorriu, triste, e em seus olhos ela viu dez anos de esperanças, pesares, angústias e lágrimas.

Merthin pegou a mão de Caris e beijou a palma, depois levou aos lábios a parte interna e macia do pulso, fechando os olhos.

- Posso sentir sua pulsação - murmurou ele.

- Não dá para descobrir muita coisa através da pulsação - balbuciou Caris. Terá de fazer um exame mais metódico.

Ele beijou-a na testa, pálpebras, nariz.

- Espero que não se sinta embaraçada por eu ver seu corpo nu.

- Não fique zangado... mas não vou tirar as roupas com esse frio. Os dois riram.

- Talvez queira fazer a gentileza de levantar a saia para que eu possa continuar o exame.

Caris estendeu as mãos e pegou a bainha do hábito. Usava meias que subiam até os joelhos. Levantou o hábito devagar, deixando à mostra os tornozelos, os joelhos, a pele branca das coxas. Sentia-se alegre, mas no fundo de sua mente especulava se ele perceberia as mudanças que haviam ocorrido em seu corpo durante os últimos dez anos. Estava mais magra, mas sua bunda se expandira. A pele se tornara um pouco menos lisa e

flexível. Os seios já não eram mais tão firmes e empinados. O que Merthin pensaria? Ela reprimiu a preocupação e se absorveu no jogo.

- Isto é suficiente para os propósitos médicos?

- Ainda não.

- Mas não estou usando roupas de baixo... tais luxos são considerados impróprios para freiras.

- Nós, médicos, somos obrigados a ser meticulosos, não importa quantas coisas desagradáveis possamos encontrar.

- Ah, que pena! - Ela sorriu. - Neste caso...

Sem desviar os olhos do rosto de Merthin, ela levantou o hábito até a cintura. Ele contemplou seu corpo com a respiração pesada.

- Ora, ora... é um caso muito grave. Na verdade... - Ele levantou os olhos para fitá-la, engoliu em seco, e disse: - Não posso mais brincar.

Caris abraçou-o e puxou seu corpo, apertando com toda força, como se ele a estivesse salvando do afogamento.

- Faça amor comigo, Merthin... agora... depressa...

O priorado de St.-John-in-the-Forest parecia tranquilo à luz da tarde... um sinal seguro de que havia alguma coisa errada, pensou Caris. A pequena célula era tradicionalmente autossuficiente em alimentos, cercada por campos, úmidos da chuva, precisando ser arados. Mas não havia ninguém trabalhando ali.

Ao chegarem mais perto, viram que o pequeno cemitério ao lado da igreja tinha uma fileira de sepulturas recentes.

- Parece que a peste já chegou tão longe - comentou Merthin. Caris acenou com a cabeça em concordância.

- Portanto, o covarde plano de fuga de Godwyn fracassou.

- E me pergunto se ele próprio se tornou vítima.

Caris descobriu-se a torcer para que isso tivesse acontecido, mas sentiu-se envergonhada demais para admitir.

Ela e Merthin contornaram a cavalo o mosteiro silencioso, até o que era obviamente o pátio do estábulo. A porta estava aberta. Os cavalos haviam sido soltos e pastavam numa campina próxima, em torno de um pequeno lago. Mas ninguém apareceu para ajudar os visitantes a desencilharem os cavalos.

Passaram pelas baias vazias, num estranho silêncio. Caris especulou se todos os monges teriam morrido. Encontraram uma cozinha, que Caris achou que não estava tão limpa quanto deveria. O forno da padaria

permanecia frio. Seus passos ecoaram pelas arcadas cinzentas e frias do claustro. Ao se aproximarem da entrada da igreja, depararam-se com irmão Thomas.

- Vocês nos encontraram! - exclamou ele. - Graças a Deus!

Caris abraçou-o. Sabia que os corpos das mulheres não representavam uma tentação para Thomas.

- Fico contente que ainda esteja vivo.

- Caí doente, mas me recuperei.

- Não são muitos os que sobrevivem.

- Sei disso.

- Conte-nos o que aconteceu.

- Godwyn e Philemon planejaram tudo muito bem. Não houve qualquer aviso prévio. Godwyn falou no capítulo, e relatou a história de Abraão e Isaque, para demonstrar que Deus às vezes nos pede para fazer coisas que parecem erradas. E depois nos disse que partiríamos naquela noite. A maioria dos monges sentiu-se contente em escapar da peste, e os que tinham apreensões foram exortados a se lembrarem de seus votos de obediência.

Caris balançou a cabeça.

- Posso imaginar. Não é difícil obedecer a ordens que parecem nos beneficiar.

- Não me orgulho do que fiz.

Caris tocou no coto do braço esquerdo.

- Não falei como uma censura a você, Thomas. Merthin interveio:

- Seja como for, estou surpreso porque ninguém revelou o destino.

- Porque Godwyn não nos disse para onde íamos. A maioria não sabia mesmo depois que chegamos... tivemos de perguntar aos monges locais que lugar era este.

- Mas mesmo assim a peste alcançou-os.

- Viram o cemitério. Todos os monges de St. John estão ali, com exceção do prior Saul, que foi enterrado na igreja. Quase todos os homens de Kingsbridge também morreram. Uns poucos fugiram depois que a doença irrompeu aqui... só Deus sabe o que aconteceu com eles.

Caris recordou que Thomas sempre fora muito ligado a um monge em particular, um homem de natureza meiga, alguns anos mais jovem. Hesitante, ela perguntou:

- E irmão Matthias?

- Também morreu.

Thomas falou num tom brusco. As lágrimas afloraram a seus olhos, e ele virou o rosto, embaraçado. Caris pôs a mão em seu ombro.

- Sinto muito.

- Muitas pessoas sofreram perdas.

Caris decidiu que seria mais gentil não continuar a falar de Matthias.

- O que aconteceu com Godwyn e Philemon?

- Philemon fugiu. Godwyn está vivo e bem... não pegou a doença.

- Tenho uma mensagem do bispo para Godwyn.

- Posso imaginar.

- É melhor me levar até ele.

- Godwyn está na igreja. Instalou uma cama numa capela lateral. Ficou convencido de que foi por isso que não caiu doente. Venham comigo.

Atravessaram o claustro e entraram na pequena igreja. Cheirava mais como um dormitório. O quadro na parede leste, mostrando o Dia do Juízo Final, parecia sombriamente apropriado agora. Havia colchões de palha e cobertores na nave, como se uma multidão dormisse ali. Mas a única pessoa presente era Godwyn. Estava deitado de barriga para baixo no chão de terra, na frente do altar, os braços estendidos para os lados. Por um momento, Caris pensou que ele havia morrido, mas depois compreendeu que era apenas uma posição de extrema penitência.

- Tem visitantes, padre prior - anunciou Thomas.

Godwyn permaneceu na posição. Caris teria presumido que aquilo não passava de exibição, mas alguma coisa em sua imobilidade levou-a a pensar que ele procurava sinceramente pelo perdão.

Depois, Godwyn levantou-se, devagar, e virou-se.

Estava pálido e magro, parecia abatido e ansioso.

-Você...

- Foi descoberto, Godwyn.

Caris não tinha a menor intenção de chamá-lo de padre. Era um homem desonesto e ela o desmascarara. E sentia por isso uma profunda satisfação.

- Suponho que Tam Hiding me denunciou - disse Godwyn. Ele continuava tão perceptivo quanto antes, pensou Caris.

- Você tentou escapar da justiça, mas fracassou.

- Nada tenho a temer da justiça - declarou ele, em tom de desafio. - Vim para cá na esperança de salvar as vidas de meus monges. Meu erro foi partir tarde demais.

- Um homem inocente não foge às escondidas na calada da noite.
- Tinha de manter meu destino em segredo. Frustraria meu propósito se permitisse que alguém nos seguisse até aqui.
- Não precisava roubar os ornamentos da catedral.
- Não roubei. Trouxe-os para que ficassem guardados em segurança aqui. Vou devolvê-los ao lugar a que pertencem assim que for seguro.
- Então por que não avisou a ninguém que da levá-los?
- Mas avisei. Escrevi para o bispo Henrí. Ele não recebeu minha carta? Caris começou a experimentar um crescente senso de consternação. Godwyn não podia escapar impune, não é?
- Claro que não. Nenhuma carta foi recebida, e não acredito que tenha sido enviada.
- Talvez o mensageiro tenha morrido da peste antes de entregá-la.
- E qual era o nome desse mensageiro desaparecido?
- Eu nunca soube. Foi Philemon quem o contratou.
- E Philemon não está mais aqui... muito conveniente - comentou Caris, sarcástica. - Bom, pode dizer o que quiser, mas o bispo Henri acusa-o de roubar o tesouro. Mandou-me até aqui para exigir sua devolução. Tenho uma carta ordenando que me entregue tudo, imediatamente.
- Isto não será necessário. Eu mesmo levarei tudo para o bispo.
- Não é isto o que seu bispo ordena que faça.
- Serei o juiz do que é melhor.
- Sua recusa é prova do roubo.
- Tenho certeza de que posso persuadir o bispo Henri a ver as coisas de uma maneira diferente.

O problema, pensou Caris, desesperada, era que Godwyn podia muito bem fazer isso. Consequia ser bastante plausível; e Henri, como a maioria dos bispos, preferia em geral evitar uma confrontação, sempre que possível. Ela tinha a sensação de que o troféu da vitória escapulia de seus dedos.

Godwyn sentiu que invertera a posição contra ela, e permitiu-se um pequeno sorriso de satisfação. Isso enfureceu-a, mas não tinha mais o que dizer. Tudo o que podia fazer agora era voltar e relatar ao bispo o que acontecera.

Mal podia acreditar. Godwyn voltaria mesmo a Kingsbridge para retomar seu posto de prior? Como poderia manter a cabeça erguida na Catedral de Kingsbridge? Depois de todos os estragos que causara no priorado, na cidade e na igreja? Mesmo que o bispo o aceitasse, os habitantes da cidade

se revoltariam, não é mesmo? A perspectiva era horrível, mas coisas mais estranhas já haviam acontecido. Onde estava a justiça?

Ela fitou-o. A expressão de triunfo de Godwyn, pensou, devia encontrar uma equivalência em sua expressão de derrota.

E foi nesse instante que ela percebeu uma coisa que outra vez inverteu a situação.

No lábio superior de Godwyn, logo abaixo da narina esquerda, havia um filete de sangue.

Na manhã seguinte, Godwyn não saiu da cama.

Caris pôs a máscara de linho e foi cuidar dele. Lavou seu rosto com água-de-rosas e deu vinho diluído sempre que ele pedia para beber. E depois que o tocava, sempre lavava as mãos com vinagre.

Além de Godwyn e Thomas, só restavam dois monges, ambos noviços de Kingsbridge. Também estavam morrendo da peste; por isso, ela trouxe-os do dormitório para a igreja, e cuidou deles também. Circulava pela nave mal iluminada como uma sombra, enquanto da de um homem agonizante para outro.

Perguntou a Godwyn onde estavam os tesouros da catedral, mas ele se recusou a responder.

Merthin e Thomas revistaram o priorado. Procuraram debaixo do altar em primeiro lugar. Alguma coisa fora enterrada ali há pouco tempo, como se podia perceber pelo fato de a terra não estar compacta. Mas quando abriram um buraco Thomas cavava surpreendentemente bem com uma só mão - nada encontraram. Qualquer coisa que tivesse sido enterrada ali já havia sido removida.

Verificaram em todos os cômodos do mosteiro deserto, até mesmo no forno frio da padaria, nos tanques secos da cervejaria, mas não descobriram as jóias, relíquias e cartulários.

Depois da primeira noite, Thomas se retirou discretamente do dormitório sem que lhe fosse pedido -, deixando Merthin e Caris a dormirem sozinhos ali. Não fez qualquer comentário, não cutucou Merthin sugestivamente, nem sequer deu uma piscadela. Agradecidos por sua discreta conivência, eles se aconchegaram sob uma pilha de cobertores e fizeram amor. Depois, Caris permaneceu acordada. Uma coruja vivia em algum lugar do telhado, e ela ouviu seus pios noturnos; de vez em quando, ouvia também os gritos de um animal pequeno apanhado por suas garras. Caris especulou se ficaria grávida. Não queria renunciar à sua vocação... mas também não

podia resistir à tentação de deitar nos braços de Merthin. Por isso, apenas se recusou a pensar no futuro.

No terceiro dia, quando Caris, Merthin e Thomas almoçavam no refeitório, Thomas sugeriu:

- Quando Godwyn pedir para beber, recuse qualquer coisa até que ele conte onde escondeu o tesouro.

Caris pensou a respeito. Nada mais justo. Mas também seria o equivalente a uma tortura.

- Não posso fazer isso. Sei que ele merece, mas mesmo assim não posso fazer. Se um homem doente pede para beber, tenho de dar. Isso é mais importante do que todos os ornamentos cobertos de pedras preciosas da cristandade.

- Você não lhe deve compaixão... ele nunca demonstrou nenhuma com você.

- Transformei a igreja num hospital, mas não deixarei que se torne uma câmara de tortura.

Thomas deu a impressão de que poderia continuar a argumentar, mas Merthin dissuadiu-o com um balanço de cabeça.

- Pense um pouco, Thomas - disse ele. - Quando você viu as coisas pela última vez?

- Na noite em que chegamos. Estavam em bolsas de couro e caixas, em dois cavalos. O tesouro foi descarregado ao mesmo tempo em que as outras coisas, e acho que foi levado para a igreja.

- O que aconteceu depois?

- Nunca mais tornei a ver nada. Mas depois da Véspera, quando todos fomos jantar, notei que Godwyn e Philemon ficaram na igreja, com dois outros monges, Juley e John.

- Pelos meus cálculos, Juley e John eram jovens e fortes - sugeriu Caris.

- Isso mesmo.

- Portanto, essa deve ter sido a ocasião em que enterraram o tesouro, por baixo do altar. Mas quando eles tornaram a abrir o buraco?

- Tinha de ser quando não havia ninguém na igreja, e só podiam ter essa certeza na hora das refeições.

- Eles se ausentaram de outras refeições?

- De várias, provavelmente. Godwyn e Philemon sempre agiam como se as regras não se aplicassem a eles. As ausências em refeições e missas eram tão frequentes que não posso me lembrar de casos específicos.

- Lembra se Juley e John também se ausentaram em outra ocasião? - indagou Caris. - Godwyn e Philemon poderiam precisar de ajuda outra vez. - Não necessariamente - disse Merthin. - É muito mais fácil reescavar um terreno que já foi afogado. Godwyn tem quarenta e três anos, e Philemon está com apenas trinta e quatro. Poderiam ter feito tudo sem ajuda, se quisessem.

Naquela noite, Godwyn começou a delirar. Algumas vezes citava a Bíblia, às vezes fazia uma pregação, ou apresentava desculpas. Caris prestava atenção, à espera de pistas.

- A Grande Babilônia caiu e todas as nações beberam da ira de sua fornicação; e do trono saíram fogo e trovoadas; e todos os mercadores do mundo haverão de chorar. Arrependam-se, todos vocês, arrependam-se todos os que cometeram fornicação com a mãe das rameiras! Tudo será feito para um propósito superior, tudo será feito pela glória de Deus, porque o fim justifica os meios. Dê-me alguma coisa para beber, pelo amor de Deus.

O tom apocalíptico do delírio era provavelmente sugerido pelo quadro na parede, com sua descrição vigorosa das torturas no inferno. Caris levou um copo à sua boca.

- Onde estão os ornamentos da catedral, Godwyn?

- Vi sete castiçais de ouro, todos cobertos com pérolas e pedras preciosas, envoltos pelo melhor linho, purpura e escarlata, numa arca feita de cedro, sandado e prata. Vi uma mulher montada numa besta escarlata, com sete cabeças e dez chifres, com todos os nomes de blasfêmia.

A nave ressoava com o som de sua voz. Os dois noviços morreram no dia seguinte. Naquela tarde, Thomas e Merthin enterraram-nos no cemitério ao norte do priorado. Era um dia frio e úmido, mas os dois ficaram suados do esforço de escavar. Thomas celebrou os serviços fúnebres. Caris postou-se ao lado de Merthin. Quando todo o resto desmoronava, os rituais ajudavam a manter um arremedo de normalidade. As sepulturas de todos os outros monges espalhavam-se ao redor, exceto as de Godwyn e Saul. O corpo de Saul fora enterrado no pequeno coro da igreja, uma honra reservada apenas aos priores mais respeitados.

Depois, Caris voltou à igreja e ficou olhando para a sepultura de Saul no coro. Aquela parte da igreja estava coberta por lajes de pedra. Era evidente que as lajes haviam sido removidas para que a sepultura pudesse ser

escavada. Ao ser posta de volta, junto com as outras pedras, uma delas fora polida e recebera uma inscrição.

Era difícil se concentrar com Godwyn delirando no canto sobre bestas de sete cabeças.

Merthin notou a expressão pensativa e acompanhou seu olhar. Adivinhou no mesmo instante o que ela pensava, e disse, horrorizado:

- Não é possível que Godwyn tenha escondido o tesouro no caixão de Saul Whitehead, não é?

- É difícil imaginar monges profanando uma sepultura. Por outro lado, os ornamentos não teriam de deixar a igreja.

- Saul morreu uma semana antes da chegada de vocês - informou Thomas. Philemon desapareceu dois dias depois.

- Portanto, Philemon pode ter ajudado Godwyn a escavar a sepultura.

- É possível.

Os três trocaram olhares, tentando ignorar os murmúrios alucinados de Godwyn.

- Só há uma maneira de descobrir - declarou Merthin.

Merthin e Thomas pegaram suas pás de madeira. Levantaram a laje memorial e as outras pedras ao redor. Começaram a cavar.

Thomas desenvolvera uma técnica de usar a única mão. Empurrava a pá na terra com o braço bom, inclinava-a, depois descia a mão pelo cabo até quase a base e levantava. O braço direito tornara-se bastante musculoso em decorrência desse tipo de adaptação.

Mesmo assim, levou bastante tempo. Muitas sepulturas eram rasas hoje em dia, mas para o prior Saul haviam cavado por sete palmos completos. A noite caía lá fora, e Caris acendeu velas. Os demônios no quadro da parede pareciam se movimentar às chamas oscilantes.

Tanto Thomas quanto Merthin estavam dentro do buraco, com apenas as cabeças acima do chão da igreja.

- Espere um instante - disse Merthin. - Tem alguma coisa aqui.

Caris viu um material branco enlameado que parecia com o linho oleado às vezes usado para mortalhas.

- Vocês encontraram o corpo - disse ela.

- Mas onde está o caixão? - indagou Thomas.

- Ele foi enterrado num caixão?

Os caixões eram apenas para a elite: os pobres eram enterrados em mortalhas. Thomas respondeu:

- Saul foi enterrado num caixão... eu vi. Há muita madeira aqui, no meio da floresta. Todos os monges foram enterrados em caixões até que o irmão Silas caiu doente... ele era o carpinteiro.

- Esperem um pouco - disse Merthin.

Ele empurrou a pá através da terra além dos pés da mortalha e removeu a terra. Bateu com a ponta da pá na terra. Caris ouviu o baque surdo de madeira em madeira.

- Aqui está o caixão, por baixo da mortalha.

- Como o corpo saiu? - perguntou Thomas.

Caris sentiu um calafrio de medo. No canto, Godwyn elevou a voz:

- E ele será atormentado com fogo e enxofre, à vista dos santos anjos, e a fumaça de seu tormento se elevará para todo o sempre.

Thomas olhou para Caris.

- Não pode fazer com que ele fique calado?

- Não trouxe as drogas necessárias.

- Não há nada de sobrenatural aqui - garantiu Merthin. - Meu palpite é de que Godwyn e Philemon tiraram o corpo... e encheram o caixão com os tesouros roubados.

Thomas recuperou o controle.

- Neste caso, é melhor examinarmos o caixão.

Primeiro, tinham de remover o corpo amortalhado. Merthin e Thomas se abaixaram, agarraram-no pelos ombros e joelhos e levantaram.

Quando o ergueram até o nível dos ombros, só podiam ir mais longe jogando-o no chão. Caiu com um baque surdo. Os dois ficaram assustados. Até mesmo Caris, que não acreditava muito no que diziam sobre o mundo dos espíritos, sentiu-se apreensiva pelo que eles faziam. Descobriu-se a olhar para trás, muito nervosa, esquadrinhando os cantos escuros da igreja. Merthin removeu a terra de cima do caixão, enquanto Thomas da buscar uma barra de ferro. Levantaram a tampa do caixão.

Caris estendeu duas velas sobre a sepultura, para que eles pudessem ver melhor.

Havia outro corpo amortalhado dentro do caixão.

- Mas isto é muito estranho! - exclamou Thomas, a voz trêmula.

- Vamos pensar nisto de uma maneira objetiva. - Merthin parecia calmo e controlado, mas Caris, que o conhecia muito bem, podia perceber que a postura exigia um enorme esforço. - Quem está no caixão? Vamos descobrir.

Ele abaixou-se, pegou a mortalha com as duas mãos, e abriu-a ao longo da costura na cabeça. O cadáver estava morto há uma semana. Exalava um cheiro horrível, mas não se deteriorara muito na terra fria sob a igreja sem aquecimento. Mesmo à luz precária das velas que Caris segurava sobre a sepultura, não podia haver a menor dúvida sobre a identidade do morto: a cabeça era orlada pelos cabelos louro brancos característicos.

- É Saul Whitehead - disse Thomas.

- Em seu legítimo caixão - murmurou Merthin.

- Então de quem é o outro corpo? - indagou Caris.

Merthin fechou a mortalha em torno da cabeça de Saul e tornou a tapar o caixão.

Caris ajoelhou-se ao lado do outro corpo. Já lidara com muitos cadáveres, mas nunca tirara nenhum da sepultura. Suas mãos tremiam. Mesmo assim, abriu a mortalha e expôs o rosto. Para seu horror, os olhos estavam abertos e pareciam fitá-la. Forçou-se a fechar as pálpebras frias.

Era um monge jovem e grande que ela não reconheceu. Thomas ergueu-se na ponta dos pés, ainda dentro da sepultura, para dar uma olhada.

- É o irmão Jonquil. Ele morreu um dia depois do prior Saul.

- E foi enterrado...? - murmurou Caris.

- No cemitério... pelo menos foi o que pensamos.

- Num caixão?

- Isso mesmo.

- Só que ele está aqui.

- Seu caixão era bastante pesado. Ajudei a carregá-lo...

- Posso imaginar o que aconteceu - declarou Merthin. - Jonquil ficou aqui na igreja, em seu caixão, antes do enterro. Enquanto os outros monges almoçavam, Godwyn e Philemon abriram o caixão e tiraram o corpo. Cavaram o túmulo de Saul e jogaram o corpo de Jonquil em cima do caixão. Taparam a sepultura. Puseram os tesouros da catedral dentro do caixão e fecharam-no.

- Agora, temos de cavar na sepultura de Jonquil.

Caris levantou os olhos para as janelas da igreja. Estavam escuras. A noite caíra enquanto abriam o túmulo de Saul.

- Podemos deixar para amanhã.

Os dois homens ficaram em silêncio por um longo momento, até que Thomas disse:

- Vamos acabar logo com isso.

Caris foi até a cozinha e pegou duas achas na pilha de lenha. Acendeu-as no fogo, e voltou à igreja. Ao saírem, os três ouviram Godwyn dizer:

- E a prensa de lagar da ira de Deus foi pisoteada fora da cidade, e das uvas saiu sangue, e a terra foi inundada até a altura das rédeas dos cavalos.

Caris estremeceu. Era uma imagem assustadora da Revelação de São João, o Divino. Deixou-a angustiada. E ela tentou removê-la de sua mente.

Seguiram em passos rápidos para o cemitério, à claridade avermelhada das tochas. Caris sentiu-se aliviada por ficar longe do quadro na parede, sem ouvir os delírios alucinados de Godwyn. Encontraram a lápide de Jonquil e começaram a cavar.

Os dois homens já haviam aberto duas covas para os noviços e tornado a sepultar Saul. Era a quarta vez que escavavam a terra desde a hora do almoço. Merthin parecia cansado e Thomas suava muito. Mas trabalharam obstinados. Pouco a pouco, o buraco foi se tornando mais profundo e a pilha de terra ao lado, mais alta. Até que finalmente uma pá bateu em madeira.

Caris entregou a alavanca de ferro a Merthin e se ajoelhou à beira do buraco, segurando as duas tochas. Merthin removeu a tampa do caixão e jogou-a para fora da cova.

Não havia nenhum cadáver ali.

Em vez disso, havia caixas e sacos de couro. Merthin abriu um saco e tirou um crucifixo cravejado de pedras preciosas.

-Aleluia... - murmurou ele, cansado.

Thomas abriu uma caixa para revelar rolos de pergaminho, bem apertados, como peixes num caixote: os cartulários.

Caris sentiu que um pesado peso de preocupação era removido de seus ombros. Recuperara os cartulários do convento.

Thomas enfiou a mão em outro saco. E tirou um crânio. Soltou um grito de medo e largou-o.

- St. Adolphus - murmurou Merthin, muito calmo. - Peregrinos viajam centenas de quilômetros só para tocar no relicário que guarda seus ossos.

Ele pegou o crânio, tornou a guardá-lo no saco, e acrescentou:

- Sorte nossa.

- Posso fazer uma sugestão? - indagou Caris. - Temos de levar essas coisas para Kingsbridge numa carroça. Por que não deixamos no caixão? Já está tudo arrumado, e o caixão pode servir para assustar os assaltantes.

- Boa idéia - concordou Merthin. - Basta tirar o caixão da sepultura. Thomas foi ao priorado para buscar cordas. Tiraram o caixão da cova. Prenderam a tampa de volta e amarraram cordas em torno, a fim de arrastá-lo pelo chão até a igreja.

Já iam partir quando ouviram um berro.

Caris soltou um grito de medo.

Todos olharam na direção da igreja. Um vulto corria para eles, o olhar fixo, o sangue escondido pela boca. Caris sofreu um momento de absoluto terror, quando acreditou subitamente nas superstições insensatas que sempre ouvira sobre o mundo dos espíritos. Mas depois compreendeu que olhava para Godwyn. De alguma forma, ele encontrara forças para se levantar de seu leito de moribundo. Deixara a igreja cambaleando, vira as tochas, e agora corria nessa direção, em sua loucura.

Ficaram observando-o, paralisados.

Ele parou, olhou para o caixão, depois para a sepultura vazia. Caris percebeu um vislumbre de compreensão no rosto todo contraído. Pareceu perder as forças, e arriou. Caiu sobre o monte de terra ao lado da sepultura vazia de Jonquil, rolou para a cova aberta.

Os três se adiantaram para ver.

Godwyn estava estendido de costas, a fitá-los com olhos abertos, mas que nada viam.

Logo depois que voltou a Kingsbridge, Caris decidiu viajar de novo. A imagem de St.-John-in-the-Forest que permanecia em sua mente não era a do cemitério, nem dos cadáveres que Merthin e Thomas haviam desenterrado, mas sim dos campos sem ninguém para cuidá-los. Enquanto voltava a cavalo, com Merthin a seu lado e Thomas conduzindo a carroça, observara muitas outras terras na mesma situação e previra uma crise.

Os monges e as freiras recebiam a maior parte de seus rendimentos da ocupação das terras. Os servos mantinham plantações e criavam animais nas terras que pertenciam ao priorado; em vez de pagarem a um cavaleiro ou a um conde pelo privilégio, pagavam ao prior ou à priora. Tradicionalmente, levavam uma parte de sua colheita para a catedral - uma dúzia de sacos de farinha de trigo, três ovelhas, um bezerro, uma carroça cheia de cebolas -, mas agora a maioria pagava em dinheiro.

Se ninguém cultivava a terra, ninguém pagaria o arrendamento, é claro. E, neste caso, o que as freiras comeriam?

Os ornamentos da catedral, o dinheiro e os cartulários recuperados em St.-John-in-the-Forest foram guardados em segurança no tesouro novo e secreto que madre Cecilia incumbira Jeremiah de construir, num lugar que ninguém poderia encontrar com facilidade. Todos os ornamentos haviam sido encontrados, menos um, o castiçal de ouro doado pela guilda dos fabricantes de velas de Kingsbridge. Esse desaparecera.

Caris realizou uma missa dominical triunfante, apresentando os ossos resgatados do santo. Pôs Thomas no comando dos meninos no orfanato; alguns já eram bastante crescidos para exigirem uma forte presença masculina. Mudou-se para o palácio do prior, pensando com prazer que o falecido Godwyn ficaria transtornado se soubesse que ele seria ocupado por uma mulher.

Depois, assim que acertou todos esses detalhes, partiu para Outhenby.

O vale de Outhen era fértil, com um solo argiloso, a um dia de viagem de Kingsbridge. Fora dado às freiras há cem anos por um velho cavaleiro iníquo, que fizera uma última tentativa de conquistar o perdão para uma vida inteira de pecados. Havia cinco aldeias, a intervalos, ao longo das margens do rio Outhen. Nos dois lados, havia extensos campos cultivados, até as encostas das colinas.

Os campos eram divididos em faixas, aos cuidados de diferentes famílias. Como ela receara, muitos não estavam sendo cultivados. A peste mudara tudo, mas ninguém tivera a sagacidade - ou talvez a coragem - de reorganizar o cultivo à luz das novas circunstâncias. A própria Caris teria de fazer isso. Tinha uma idéia aproximada do que era necessário, e determinaria os detalhes ao longo do caminho.

Era acompanhada pela irmã Joan, uma freira ainda jovem que saíra há pouco do noviciado. Joan era inteligente e fazia Caris se lembrar de si mesma dez anos antes... não na aparência, pois ela tinha cabelos pretos e olhos azuis, mas na mente inquisitiva e no ceticismo permanente.

Seguiram direto para a maior das aldeias, Outhenby. O bailiff para todo o vale, Will, vivia ali, numa enorme casa de madeira, ao lado da igreja. Ele não estava em casa, mas encontraram-no no campo mais distante, semeando aveia; era um homem enorme, de movimentos lentos. A faixa seguinte estava alqueivada, com relva e ervas daninhas aflorando da terra, umas poucas ovelhas pastando.

Will Bailiff visitava o priorado várias vezes por ano, em geral para levar os rendimentos das aldeias, por isso, conhecia Caris. Mas ficou desconcertado ao ser procurado em seu território.

- Irmã Caris! - exclamou ele, ao reconhecê-la. - O que a trouxe até aqui?

- Sou madre Caris agora, Will, e vim verificar se as terras das freiras estão sendo devidamente cuidadas.

- Ahn... - Ele balançou a cabeça. - Fazemos o melhor possível, mas perdemos tantos homens que é muito difícil.

Os bailiffs sempre diziam que os momentos eram difíceis... mas naquele caso era verdade. Caris desmontou.

- Venha andando comigo e me fale a respeito.

A poucas centenas de metros de distância, na suave encosta de uma colina, ela avistou um camponês arando a terra, com a ajuda de oito bois. Ele parou para observá-la, curioso. Caris passou a seguir em sua direção. Will já começava a recuperar o controle. Sempre a acompanhá-la, ele disse:

- Não se pode esperar que uma mulher de Deus saiba muito sobre os cuidados com a terra, e farei tudo o que puder para esclarecer os pontos mais delicados.

- Agradeço a gentileza.

Caris já se acostumara a ser tratada com condescendência por homens do tipo de Will. Descobrira que era melhor não desafiá-los, mas sim atraí-los

para um falso senso de segurança. Dessa maneira, ela podia descobrir mais.

- Quantos homens perdeu para a peste?

- Muitos.

- Quantos?

- Deixe-me pensar... William Jones e seus dois filhos... Richard Carpenter e a esposa...

- Não preciso saber dos nomes - protestou Caris, contendo a irritação. Quantos, em termos aproximados?

- Eu teria de pensar a respeito.

Alcançaram o arado. Conduzir um grupo de oito bois exigia habilidade, e os homens que faziam isso costumavam se situar entre os aldeões mais inteligentes. Caris se dirigiu ao jovem homem e lhe perguntou:

- Quantas pessoas em Outhenby morreram da peste?

- Cerca de duzentas, eu diria.

Caris estudou-o. Ele era baixo mas musculoso, com uma barba loura. Tinha uma expressão arrogante, como os jovens exibem com frequência

- Quem é você?

- Meu nome é Harry, e meu pai era Richard, santa irmã.

- Sou madre Caris. Como chegou a esse total de duzentas mortes?

- Há quarenta e dois mortos aqui em Outhenby, pelos meus cálculos. A situação foi igualmente ruim em Ham e Shortacre, o que dá cerca de cento e vinte. Longwater escapou por completo, mas todos em Oldchurch morreram, com exceção do velho Roger Breton; cerca de oitenta pessoas, o que eleva o total para duzentas mortes.

Caris virou-se para Will.

- Entre quantas pessoas, em todo o vale?

- Deixe-me pensar...

- Quase mil, antes da peste - disse Harry Plowman.

- É por isso que me vê semeando em minha faixa de terra, o que deveria ser feito por trabalhadores... mas não tenho mais trabalhadores - disse Will. - Todos morreram.

- Ou foram trabalhar em outros lugares, por salários mais altos - acrescentou Harry.

Caris ficou atenta.

- É mesmo? E quem paga os salários mais altos?

- Alguns dos camponeses mais ricos do vale seguinte - informou Will, indignado. - A nobreza paga um penny por dia, que é quanto os trabalhadores sempre receberam e devem receber. Mas há algumas pessoas que pensam que podem fazer o que quiserem.

- Mas suponho que eles conseguem fazer com que suas colheitas sejam semeadas.

- Mas há o certo e o errado, madre Caris - insistiu Will.

Caris apontou para a faixa de terreno alqueivado em que as ovelhas pastavam.

- E o que me diz daquela terra? Por que não foi arada?

- Pertencia a William Jones - respondeu Will. - Ele e os filhos morreram. A esposa foi morar com a irmã em Shiring.

- Já procurou por um novo arrendatário?

- Não consigo encontrar nenhum, madre. Harry tornou a interferir:

- Pelo menos não nos antigos termos.

Will lançou-lhe um olhar furioso, mas Caris perguntou:

- Como assim?

- Os preços caíram, embora seja a primavera, quando costumam estar altos. Caris acenou com a cabeça. Era assim que os mercados funcionavam, todos sabiam: se havia menos compradores, os preços caíam.

- Mas as pessoas devem viver de alguma forma.

- Não querem mais cultivar trigo, cevada e aveia... mas devem cultivar o que mandam, pelo menos neste vale. Por isso, um homem à procura de terra prefere ir para outro lugar.

- E o que conseguiria em outro lugar?

Will interrompeu de novo, ainda mais furioso:

- Querem fazer o que lhes agrada. Harry respondeu à pergunta de Caris:

- Querem ser arrendatários livres, pagando o arrendamento em dinheiro, em vez de servos que trabalham um dia por semana na terra do senhor; e querem ter liberdade para cultivar colheitas diferentes.

- Que colheitas?

- Cânhamo, linho, maçãs, ou peras... coisas que sabem que podem vender no mercado. Talvez uma colheita diferente a cada ano. Mas isso nunca foi permitido em Outhenby. - Harry pareceu se lembrar de quem eram as pessoas com quem falava, e apressou-se em acrescentar: - Sem ofensa para

sua sagrada ordem, madre priora, nem para Will Bailiff, um homem honesto, como todo mundo sabe.

Caris compreendeu a situação. Os bailiffs eram sempre conservadores. Nos bons tempos, não tinha muita importância: os velhos costumes bastavam. Mas agora enfrentavam uma crise. Ela assumiu sua atitude de autoridade.

- Muito bem. Quero que me escute com toda atenção, Will, pois vou lhe dizer o que deve fazer.

Will ficou surpreso: pensava que seria consultado, não que receberia ordens. Caris continuou:

- Em primeiro lugar, deve parar de arar as encostas. Não faz sentido, quando temos uma boa terra plana sem ser cultivada.

- Mas...

- Fique calado e escute. Ofereça a cada arrendatário uma troca, acre por acre, de terra boa no fundo do vale, em vez de terrenos nas encostas.

- E o que faremos com as encostas?

- Converta em pastagens, bois pastando nas partes mais baixas e ovelhas nas mais altas. Não precisa de muitos homens para isso. Bastam alguns meninos para tomar conta dos rebanhos.

- Hum...

Era evidente que Will queria argumentar, mas não podia pensar de imediato numa objeção válida. Caris continuou:

- Depois, qualquer terra no fundo do vale que sobrar deve ser oferecida como um arrendamento livre, com pagamento só em dinheiro, para quem quiser ocupá-la.

Um arrendamento livre significava que o ocupante não era um servo e não tinha de trabalhar na terra do senhor, nem obter sua permissão para casar ou construir uma casa. E tudo o que tinha de fazer era pagar o arrendamento.

- Está se afastando de todos os costumes antigos.

Caris tornou a apontar para a faixa de terreno abandonada.

- Os antigos costumes estão deixando minhas terras desperdiçadas. Pode pensar em outra maneira de evitar que isso aconteça?

-Bom...

Houve uma longa pausa, até que Will sacudiu a cabeça, sem dizer mais nada.

- Em terceiro lugar, ofereça salários de dois pennies por dia para qualquer um que trabalhe na terra.

- Dois pennies por dia?

Caris sentiu que não podia confiar em Will para pôr em prática as mudanças com o devido vigor. Ele resistiria e inventaria desculpas. Ela virou-se para o arrogante jovem do arado. Faria com que ele se tornasse o defensor de suas reformas.

- Harry, quero que visite todos os mercados do condado durante as próximas semanas. Espalhe a notícia de que qualquer um disposto a mudar pode se dar bem em Outhenby. Se há trabalhadores à procura de bons salários, quero que venham para cá.

Harry sorriu e acenou com a cabeça. Will ainda parecia um pouco atordado.

- Quero que providencie para que toda esta boa terra esteja com colheitas neste verão - declarou Caris para ele. - Fui bem clara?

- Foi - respondeu Will. - Obrigado, madre priorosa.

Caris examinou todos os cartulários com irmã Joan, anotando a data e o assunto de cada um. Decidira mandar copiá-los, um a um... a idéia que Godwyn propusera, embora apenas fingisse fazer as cópias, usando isso como um pretexto para mantê-los longe das freiras. Mas era uma boa iniciativa. Quanto mais cópias existissem, mais difícil seria o desaparecimento de um documento valioso.

Ela ficou intrigada com um documento de 1327, que concedia aos monges uma grande propriedade perto de Lynn, em Norfolk, que tinha o nome de Lynn Grange. A doação fora feita com a condição de que o priorado aceitasse, como um monge noviço, um cavaleiro chamado Sir Thomas Langley.

Caris foi levada de volta à infância, ao dia em que se aventurara pela floresta com Merthin, Ralph e Gwenda, quando viram Thomas sofrer o ferimento que causara a perda de seu braço. Ela mostrou o cartulário a Joan, que deu de ombros

e comentou:

- É comum fazer essa doação quando alguém de uma família rica se torna um monge.

- Então, veja quem é a doadora. Joan deu outra olhada.

- A rainha Isabella! - Isabella era a viúva de Edward II e a mãe de Edward III.

- Qual o interesse dela em Kingsbridge?
- Ou em Thomas?

Poucos dias depois, Caris teve uma oportunidade de descobrir. O bailiff de Lynn Grange, Andrew, foi a Kingsbridge em uma das duas visitas anuais. Nascido em Norfolk, com mais de cinquenta anos, ele cuidava da propriedade desde que esta fora doada ao priorado. Estava agora gordo e de cabelos brancos, o que levou Caris a acreditar que a Grange continuava a prosperar, apesar da peste. Como Norfolk ficava a dias de viagem, a propriedade sempre pagava o que devia ao priorado em dinheiro, em vez de conduzir gado e carroças com produtos por um longo percurso. Andrew trouxe o dinheiro em nobres de ouro, a moeda nova, que valia um terço de libra, com a imagem do rei Edward no convés de um navio. Depois de contar o dinheiro e entregar a Joan para guardar no novo tesouro, Caris perguntou a Andrew:

- Sabe por que a rainha Isabella nos entregou essa propriedade, há vinte e dois anos?

Para sua surpresa, o rosto rosado de Andrew ficou branco. Ele fez várias tentativas de responder, até que conseguiu balbuciar:

- Não cabe a mim questionar as decisões de Sua Majestade.
- Tem toda razão - disse Caris, tranquilizadora - Só estou curiosa sobre o motivo.
- Ela é uma santa mulher que fez muitos atos de caridade. Como assassinar o marido, pensou Caris; mas ela disse:
- Mas deve haver uma razão para que ela fizesse isso em benefício de Thomas.
- Ele solicitou um favor à rainha, como centenas de outros, e ela generosamente o atendeu, como as grandes damas às vezes o fazem.
- Em geral quando têm uma ligação com o solicitante.
- Tenho certeza de que não há nenhuma ligação.

A ansiedade de Andrew deixou Caris com a certeza de que ele mentia e que jamais lhe contaria a verdade. Por isso, abandonou o assunto e mandou Andrew jantar no hospital.

Na manhã seguinte, foi abordada no claustro pelo irmão Thomas, o único monge que restava no mosteiro. Irritado, ele perguntou:

- Por que interrogou Andrew Lynn?
- Porque estava curiosa - respondeu ela, surpresa.
- O que está tentando fazer?

- Não estou tentando qualquer coisa.

Caris sentia-se ofendida com a atitude agressiva, mas não queria discutir. Para atenuar a tensão, sentou no muro baixo na beira da galeria. Um sol de primavera brilhava no pátio. Ela perguntou em tom coloquial:

- Afinal, qual é o problema?

- Por que está me investigando?

- Não estou. Apenas examinava os cartulários, para relacioná-los e copiá-los, e encontrou um que deixou perplexa.

- Está se envolvendo em problemas que não são da sua conta. Ela se empertigou.

- Sou a priora de Kingsbridge e o prior em exercício... nada aqui pode ser secreto para mim.

- Se começar a remexer em coisas antigas, posso garantir que vai se arrepender. Parecia uma ameaça, mas Caris decidiu não pressioná-lo. Tentou uma abordagem diferente.

- Sempre pensei que éramos amigos, Thomas. Você não tem o direito de me proibir de fazer qualquer coisa, e me sinto desapontada que tenha tentado. Não confia em mim?

- Não sabe em que está se envolvendo.

- Pois então me esclareça. O que a rainha Isabella tem a ver com você, comigo, ou com Kingsbridge?

- Nada. Ela é uma velha agora, vivendo em isolamento.

- Ela tem cinquenta e três anos. Depôs um rei e talvez possa depor outro, se assim o quiser. E tem uma antiga ligação secreta com meu priorado, que você está determinado a esconder de mim.

- Para o seu próprio bem. Caris ignorou o comentário.

- Alguém tentou matá-lo há vinte e dois anos. Foi a mesma pessoa que, depois de não conseguir eliminá-lo, pagou o seu ingresso no mosteiro?

- Andrew voltará para Lynn e contará a Isabella que você fez todas essas perguntas... compreende isso?

- Por que ela se importaria? Por que as pessoas têm tanto medo de você, Thomas?

- Tudo será esclarecido quando eu morrer. Nada mais vai importar depois. Ele virou-se e afastou-se. O sino para o almoço tocou. Caris foi para o palácio, absorta em pensamentos. O gato de Godwyn, Arcebispo, estava sentado na porta. Ela afugentou-o, apesar do olhar furioso do gato. Não admitia que ele entrasse no palácio.

Adquirira o hábito de almoçar todos os dias com Merthin. Tradicionalmente, o prior almoçava com o regedor, embora fosse excepcional fazê-lo todos os dias... mas aqueles eram tempos excepcionais. Isso, de qualquer forma, seria uma desculpa, se alguém a questionasse; mas ninguém o fazia. Os dois aguardavam ansiosos por uma desculpa para fazerem outra viagem, a fim de poderem ficar a sós de novo. Ele entrou enlameado das obras na ilha do Leproso. Parara de pedir a Caris para renunciar a seus votos e deixar o priorado. Parecia se contentar, pelo menos por enquanto, em vê-la todos os dias e torcer por oportunidades futuras de mais intimidade.

Um empregado do priorado serviu ensopado de presunto com vagens. Depois que o empregado se retirou, Caris contou sobre o cartulário e a reação de Thomas.

- Ele conhece um segredo que pode prejudicar a velha rainha se vazar.
 - Acho que deve ser isso mesmo - murmurou Merthin, pensativo.
 - No Dia de Todos os Santos, em 1327, depois que fugi, ele pegou você, não é?
 - É verdade. Ele me fez ajudá-lo a enterrar uma carta. Tive de jurar que guardaria segredo... até sua morte. Depois, deveria desenterrar a carta e entregá-la a um padre.
 - Thomas me disse que todas as minhas perguntas seriam respondidas quando ele morresse.
 - Creio que a carta é a ameaça que ele mantém contra seus inimigos. Devem saber que o conteúdo será revelado quando ele morrer. Por isso, temem matá-lo... mais do que isso, cuidaram para que ele permanecesse vivo e bem ao ajudarem-no a se tornar um monge em Kingsbridge.
 - Ainda é importante?
 - Dez anos depois que enterramos a carta, comentei que nunca revelara o segredo a ninguém, e ele disse: "Se tivesse contado, estaria morto." O que me deixou mais assustado do que o juramento.
 - Madre Cecilia me disse que Edward II não teve uma morte natural.
 - Como ela poderia saber?
 - Meu tio Anthony lhe contou. Presumo que o segredo é o fato de que a rainha Isabella mandou assassinar o marido.
 - Metade do país já acredita nisso. Mas se houvesse uma prova... Cecilia contou como ele foi morto?
- Caris fez um esforço para se lembrar.

- Não. E agora que penso a respeito, lembro que ela disse apenas: "O velho rei não morreu de uma queda." Perguntei se ele fora assassinado... mas ela morreu sem responder.

- Seja como for, por que inventar uma falsa história sobre a morte dele se não fosse para encobrir um crime?

- E a carta de Thomas deve mesmo provar que houve um crime e a rainha estava envolvida.

Eles terminaram o almoço num silêncio pensativo. No dia do mosteiro, a hora depois do almoço era para o descanso ou leitura. Caris e Merthin costumavam prolongar a conversa por mais algum tempo. Naquele dia, no entanto, Merthin estava preocupado com a instalação do telhado da nova taverna, The Bridge, que estava construindo na ilha do Leproso. Beijaram-se, famintos, mas ele se desvencilhou para voltar à obra. Desapontada, Caris abriu um livro intitulado *Ars Medica*, uma tradução para o latim de uma obra do antigo médico grego Galeno. Era a pedra fundamental da medicina ensinada nas universidades, e Caris decidira ler para descobrir o que os sacerdotes aprendiam em Oxford e Paris, embora tivesse encontrado muito pouco que pudesse ajudá-la. A empregada veio tirar a mesa.

- Peça ao irmão Thomas para vir falar comigo, por favor - disse Caris. Antes da chegada de Thomas, houve uma comoção lá fora. Ela ouviu vários

cavalos e gritos do tipo que indicavam que um nobre queria atenção. Poucos momentos depois a porta foi aberta, e Sir Ralph Fitzgerald, lorde de Tench, entrou no palácio. Ele parecia furioso, mas Caris fingiu não notar.

- Olá, Ralph - disse ela, tão jovial quanto podia. - É um prazer inesperado. Seja bem-vindo a Kingsbridur.

- Não perca tempo com isso - resmungou Ralph. Ele se aproximou do lugar em que Caris sentava. Permaneceu de pé, numa proximidade agressiva. - Já pensou que está estragando os camponeses de todo o condado?

Outro homem entrou no palácio, mas parou na porta. Era grande, com a cabeça pequena, e Caris reconheceu o antigo comparsa de Ralph, Alan Fernhill. Os dois estavam armados com espadas e adagas. Caris lembrou que estava sozinha no palácio. Tentou acalmar a situação.

- Não quer um pouco de presunto, Ralph? Acabei de almoçar. Ralph não se deixaria desviar.

- Está roubando meus camponeses!

- Camponeses ou faisões?

Alan Fernhill riu do trocadilho em inglês, peasants ou pheasants. Ralph ficou vermelho e pareceu ainda mais perigoso. Caris desejou não ter feito a brincadeira.

- Se quer se divertir à minha custa, juro que vai se arrepender - declarou Ralph.

Caris serviu cerveja num copo.

- Não estou rindo de você. Diga-me exatamente qual é o problema.

Ela ofereceu a cerveja. Sua mão trêmula traía o medo. Mas Ralph ignorou o copo e sacudiu um dedo para ela.

- Os trabalhadores estão desaparecendo das minhas aldeias... e quando pergunto, descubro que foram para aldeias que pertencem a você, onde recebem salários mais altos.

Caris acenou com a cabeça.

- Se você estivesse vendendo um cavalo e dois homens quisessem comprá-lo, não o venderia a quem oferecesse o melhor preço?

- Não é a mesma coisa.

- Acho que é. Tome a cerveja.

Com um movimento brusco, ele arrancou o copo da mão de Caris. Caiu no chão, a cerveja se derramando pela palha.

- Eles são meus trabalhadores.

Caris sentiu a mão machucada, mas tentou ignorar a dor. Abaixou-se, pegou o copo, e o pôs no aparador.

- Não é bem assim. Se eles são trabalhadores, isso significa que você nunca lhes deu qualquer terra. Portanto, os homens têm o direito de ir para outros lugares.

- Mas ainda sou o senhor deles! E tem mais! Ofereci um arrendamento para um homem livre outro dia e ele recusou, alegando que podia conseguir uma oferta muito melhor do Priorado de Kingsbridge!

- A mesma coisa, Ralph. Preciso de todas as pessoas que puder obter, e por isso estou dando o que querem.

- Você é mulher e não pensa direito. Não percebe que tudo isso acabará com todos pagando mais pelos mesmos camponeses.

- Não necessariamente. Salários maiores podem atrair alguns dos que não trabalham no momento... como os bandidos, por exemplo, ou os vagabundos que vagueiam de um lado para outro vivendo do que encontram nas aldeias esvaziadas pela peste.

Há alguns que são agora trabalhadores; podem se tornar arrendatários, e trabalhar mais porque cultivam sua própria terra.

Ele bateu na mesa com o punho, e Caris piscou ao súbito estrondo.

- Você não tem o direito de mudar os costumes antigos!

- Acho que tenho.

Ralph agarrou-a pela frente do hábito.

- Não vou admitir!

- Tire as mãos de mim, seu idiota!

Foi nesse momento que irmão Thomas entrou no palácio.

- Mandou me chamar... mas o que está acontecendo aqui?

Ele atravessou a sala em passos rápidos. Ralph largou o hábito de Caris como se ele tivesse pegado fogo de repente. Thomas não estava armado e só tinha um braço, mas já predominara sobre Ralph uma vez antes; e Ralph tinha medo dele.

Ralph deu um passo para trás, e depois compreendeu que revelara seu medo, o que o deixou envergonhado.

- Já acabamos aqui! - gritou ele, virando-se para a porta.

- O que estou fazendo em Outhenby e em outros lugares é absolutamente legítimo, Ralph - declarou Caris.

- É uma interferência na ordem natural!

- Não há lei contra isso.

Alan abriu a porta para seu amo.

- Espere e verá! - exclamou Ralph, antes de sair.

67

Em março daquele ano, 1349, Gwenda e Wulfric foram com Nathan Reeve ao mercado no meio da semana na pequena cidade de Northwood.

Trabalhavam para Sir Ralph agora. Gwenda e Wulfric haviam escapado da peste até agora, mas vários trabalhadores de Ralph haviam morrido. Por isso, ele precisava de ajuda. Nate, o bailiff de Wigleigh, propôs contratá-los. Podia pagar os salários normais, enquanto Perkin os punha para trabalhar apenas pela comida.

Assim que eles anunciaram que iam trabalhar para Ralph, Perkin descobriu que podia agora lhes pagar salários normais... mas já era tarde demais.

Naquele dia, eles levavam uma carroça de toras da floresta de Ralph para vender em Northwood, uma cidade que tinha um mercado de madeira desde tempos imemoriais. Os meninos, Sam e David, os acompanhavam: não havia mais ninguém para cuidar deles. Gwenda não confiava em seu pai, e a mãe morrera dois anos antes. Os pais de Wulfric há muito estavam mortos.

Havia várias outras pessoas de Wigleigh no mercado. O padre Gaspard fora comprar sementes para sua horta, enquanto Joby, o pai de Gwenda, queria vender os coelhos que matara pouco antes.

Nathan, bailiff, era um homem pequeno, com um problema nas costas, e não podia levar as toras. Negociava com os clientes, enquanto Wulfric e Gwenda se encarregavam de carregar tudo. Ao meio-dia, ele lhes deu um penny para pagar o almoço na Old Oak, uma das tavernas em torno da praça. Compraram bacon cozido com alho-poró e partilharam com os meninos. David, aos oito anos de idade, ainda tinha o apetite de uma criança, mas Sam, aos dez anos, em processo de crescimento, sentia uma fome perpétua.

Enquanto comiam, eles ouviram uma conversa que atraiu a atenção de Gwenda.

Havia um grupo de jovens de pé num canto, tomando cerveja em enormes canecas. Todos estavam malvestidos, exceto um, com uma barba loura cerrada, que usava as roupas superiores de um camponês próspero ou um

artesão de aldeia: calça de couro, botas de boa qualidade, chapéu novo. A frase que atraiu a atenção de Gwenda foi a seguinte:

- Pagamos dois pennies por dia para os trabalhadores em Outhenby.

Ela ficou ouvindo, na tentativa de descobrir mais, mas só conseguiu captar algumas palavras esparsas. Ouvira que alguns empregadores estavam oferecendo mais do que o tradicional penny por dia, por causa da escassez de trabalhadores causada pela peste. Hesitara em acreditar nessas histórias, que pareciam boas demais para serem verdadeiras.

Não disse nada no momento a Wulfric, que não ouvira as palavras mágicas, mas seu coração passou a bater mais depressa. Ela e a família haviam sofrido muitos anos de pobreza. Seria possível que a vida pudesse melhorar para eles?

Tinha de descobrir mais.

Depois que comeram, os dois sentaram num banco lá fora, observando os meninos e algumas outras crianças correrem em torno do tronco enorme do carvalho que dava o nome à taverna.

- Wulfric, o que aconteceria se pudéssemos ganhar dois pennies por dia... cada um?

- Como?

- Indo para Outhenby.

Gwenda relatou o que ouvira e arrematou:

- Pode ser o começo de uma vida nova para nós.

- Quer dizer que nunca vou recuperar as terras que pertenceram a meu pai? Ela teve vontade de agredi-lo com um pedaço de pau. Será que Wulfric ainda pensava mesmo que isso seria possível? Até que ponto ele podia ser insensato? Gwenda tentou tornar a voz tão gentil quanto podia:

- Já se passaram doze anos desde que você foi deserdado. Durante esse tempo, Ralph tornou-se mais e mais poderoso. E nunca houve o menor sinal de que ele poderia ter abrandado sua atitude em relação a você. O que você acha que são suas chances?

Wulfric não respondeu a essa pergunta.

- Onde viveríamos?

- Deve haver casas em Outhenby.

- Mas Ralph nos deixará partir?

- Ele não pode impedir. Somos trabalhadores, não servos. Você sabe disso.

- Mas será que Ralph sabe?

- Não vamos dar a ele a chance de levantar objeções.

- Como poderíamos fazer isso?

- Bom... - Gwenda não havia pensado nisso, mas refletiu agora que deveriam ser rápidos. - Podemos partir hoje, daqui.

Era uma perspectiva assustadora. Ambos haviam passado suas vidas inteiras em Wigleigh. Wulfric nunca sequer mudara de casa. E agora cogitavam viver numa aldeia que nunca tinham visto, sem sequer voltarem para se despedirem.

Mas Wulfric preocupava-se com outra coisa. Apontou para o bailiff corcunda, que atravessava a praça na direção da loja do fabricante de velas.

- O que Nathan diria?

- Não vamos contar a ele o que estamos planejando. Inventaremos alguma história... por exemplo, queremos passar a noite aqui, por alguma razão, e só voltar para casa amanhã. Assim ninguém saberá onde estamos. E nunca mais voltaremos a Wigleigh.

- Nunca mais voltaremos... - repetiu Wulfric, desolado.

Gwenda controlou sua impaciência. Conhecia o marido. Depois que Wulfric assumia um curso determinado, não havia mais como detê-lo; mas ele sempre demorava um pouco para se decidir. Mais cedo ou mais tarde, aceitaria a idéia. Não tinha a mente fechada, apenas era cauteloso e deliberado. Detestava tomar decisões às pressas... enquanto Gwenda achava que essa era a única maneira.

O jovem de barba loura saiu da Old Oak. Gwenda olhou ao redor. Não havia ninguém de Wigleigh à vista. Ela levantou-se e abordou o homem.

- Ouvi você dizer alguma coisa sobre dois pennies por dia para trabalhadores?

- É isso mesmo. No vale de Outhenby, a apenas meio dia de viagem para sudoeste. Precisamos de todos que quiserem trabalhar.

- Quem é você?

- Sou o arador de Outhenby. Meu nome é Harry.

Outhenby devia ser uma aldeia grande e próspera para ter seu próprio arador, raciocinou Gwenda. A maioria dos aradores trabalhava para um grupo de várias aldeias.

- E quem é o senhor do solar?

- A priora de Kingsbridge.

- Caris!

Era uma notícia maravilhosa. Caris merecia toda confiança. Gwenda ficou na maior animação.

- Isso mesmo. Ela é a atual priora. Uma mulher muito determinada.
- Sei disso.
- Ela quer que os campos sejam cultivados para poder alimentar as irmãs e não aceita desculpas.
- Vocês têm casas em Outhenby para trabalhadores morarem com suas famílias?
- Várias, infelizmente. Perdemos muitas pessoas para a peste.
- Você disse que ficava a sudoeste daqui.
- Pegue a estrada para o sul até Badford, depois siga o rio Outhen correnteza acima.

Gwenda recuperou a cautela.

- Eu não vou.
- Claro.

Era evidente que Harry não acreditava nela.

- Só perguntei para um amigo.
- Diga a seu amigo para ir o mais depressa que puder... ainda temos de terminar a aradura e sementeira da primavera.
- Está bem.

Ela sentia-se um pouco tonta, como se tivesse bebido um vinho forte. Dois pennies por dia - trabalhando para Caris - e a quilômetros de distância de Ralph, Perkin e da leviana Annet! Era um sonho. Foi sentar de novo ao lado de Wulfric

- Ouviu tudo o que ele disse?
- Ouvi. - Wulfric apontou para alguém parado na porta da taverna. - E ele também.

Gwenda olhou. Era seu pai.

- Pode atrelar o cavalo - disse Nathan para Wulfric, no meio da tarde. - É tempo de voltar para casa.
- Vamos precisar de nossos salários da semana até agora - declarou Wulfric.
- Receberão no sábado, como sempre - respondeu Nathan, desdenhoso. Atrele logo o cavalo.

Wulfric não se mexeu.

- Tem de pagar hoje. Sei que tem o dinheiro, porque vendeu toda aquela madeira.

Nate virou-se para fitá-lo e perguntou, irritado:

- Por que acha que deve receber antes do tempo?

- Porque não voltarei com você para Wigleigh esta noite. Nate ficou aturdido.

- Por que não? Gwenda interveio:

- Vamos para Melcombe.

- O quê? - Nate estava indignado. - Pessoas como vocês não têm o que fazer em Melcombe!

- Conhecemos um pescador que precisa de tripulantes a dois pennies por dia. Gwenda inventara essa história para despistar. Wulfric acrescentou:

- Transmita nossos respeitos a Sir Ralph, e que Deus possa estar com ele no futuro.

E Gwenda arrematou:

- Mas esperamos não vê-lo nunca mais.

Ela disse isso só para ouvir o doce som das palavras: nunca mais ver Ralph. Nathan protestou, indignado:

- Ele pode não querer que vocês partam!

- Não somos servos, não temos terra. Ralph não pode nos proibir.

- Você é o filho de um servo - insistiu Nate.

- Mas Ralph negou minha herança. Não pode agora exigir minha fidelidade de vassalo.

- É sempre perigoso para um pobre defender seus direitos.

- É verdade - admitiu Wulfric - Mas farei isso assim mesmo. Nate sentiu-se derrotado.

- A coisa não vai parar aqui.

- Gostaria que eu atrelasse o cavalo à carroça?

Nate amarrou a cara. Não poderia fazê-lo pessoalmente. Por causa das costas, tinha dificuldades com as tarefas físicas mais complicadas; além disso, o cavado era mais alto do que ele.

- Claro que quero.

- Terei o maior prazer. Mas pode fazer a gentileza de nos pagar primeiro? Furioso, Nate pegou a bolsa. Contou seis pennies de prata.

Gwenda pegou o dinheiro e Wulfric atrelou o cavalo. Nate foi embora sem dizer mais nada.

- Pronto, está feito!

Gwenda olhou para Wulfric. Ele exibia um sorriso largo. Ela perguntou:

- O que foi?

- Não sei... Mas tenho a sensação de que usava uma canga há anos, e agora foi subitamente tirada.

- Isso é ótimo. - Era assim que Gwenda queria que o marido se sentisse. - E agora vamos procurar um lugar para passar a noite.

A Old Oak ocupava uma posição privilegiada na praça do mercado e cobrava preços altos. Circularam pela cidade, à procura de um lugar mais barato. Foram parar na Gate House, onde Gwenda negociou acomodações para os quatro

- jantar, um colchão no chão e a primeira refeição - por um penny. Os meninos precisariam de uma boa noite de sono para poderem andar durante toda a manhã seguinte.

Gwenda mal conseguiu dormir de tanto excitamento. E também porque se sentia preocupada. O que estava fazendo com sua família? Tinha apenas a palavra de um homem, um estranho, sobre o que encontrariam quando chegassem a Outhenby. Devia ter procurado uma confirmação antes de se comprometer.

Mas ela e Wulfric eram prisioneiros num buraco há dez anos, e Harry Plowman de Outhenby fora a primeira pessoa a oferecer uma saída.

A primeira refeição da manhã foi mínima: um mingau ralo e sidra aguada. Gwenda comprou um pão grande para comerem na estrada, e Wulfric encheu o cantil de couro com água fresca de um poço. Passaram pelo portão da cidade uma hora depois que o sol nasceu, e seguiram para o sul.

Enquanto andavam, Gwenda pensou em Joby, seu pai. Assim que soubesse que ela não voltara para Wigleigh, ele se lembraria da conversa que ouvira, e adivinharia que a filha fora para Outhenby. Não se deixaria enganar pela história sobre Melcombe: era um mentiroso consumado, experiente demais para se iludir com uma artimanha tão simples.

Mas alguém pensaria em perguntar a ele para onde Gwenda fora? Todos sabiam que ela nunca falava com o pai. E se perguntassem, ele diria do que desconfiava? Ou algum vestígio de sentimento paternal o levaria a protegê-la?

Mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito, e por isso tratou de tirar Joby de seus pensamentos.

Fazia um bom tempo para viajar. O solo estava macio, com a chuva recente, e não havia poeira; mas hoje era um dia seco, com o sol aparecendo a intervalos, nem quente nem frio. Os meninos cansaram

depressa, especialmente David, o mais jovem, mas Wulfric era bom em distraí-los com cantigas, indagações sobre nomes de árvores e plantas, jogos de números, histórias.

Gwenda mal podia acreditar no que haviam feito. Aquela mesma hora, no dia anterior, parecia que a vida deles nunca mudaria: trabalho duro, pobreza e aspirações frustradas; aquilo seria seu destino para sempre. Agora, estavam a caminho de uma vida nova.

Ela pensou na casa em que vivera com Wulfric por dez anos. Não deixara muita coisa para trás: umas poucas panelas, uma pilha de lenha recém-cortada, meio pernil e quatro cobertores. Ela não tinha outras roupas além das que usava, e o mesmo acontecia com Wulfric e os meninos. Não tinha jóias, fitas, luvas ou pentes. Dez anos antes, Wulfric tinha galinhas e porcos em seu quintal, mas pouco a pouco haviam vendido tudo, ao longo dos anos de penúria. Seus bens escassos poderiam ser repostos com os salários de uma semana prometidos por Outhenby.

De acordo com as instruções de Harry, eles foram pela estrada para o sul até o vau lamacento do Outhen, depois viraram para oeste e seguiram rio acima. A medida que avançavam, o rio foi se estreitando, até que a terra se tornou um funil entre duas serras.

- Um solo fértil - comentou Wulfric. - Mas precisará ser bem arado.

Ao meio-dia, alcançaram uma aldeia grande, com uma igreja de pedra. Foram para o solar de madeira ao lado da igreja. Com a maior apreensão, Gwenda bateu na porta. Estava prestes a ser informada de que Harry Plowman não sabia o que dizia, e que não havia trabalho ali? Obrigara sua família a caminhar durante a metade do dia por nada? Seria humilhante ter de retornar a Wigleigh e suplicar que Nate Reeve os aceitasse de volta.

Uma mulher de cabelos grisalhos abriu a porta. Fitou Gwenda com o olhar furioso e desconfiado que os aldeões por toda parte dispensavam aos estranhos.

- O que vocês querem?

- Bom-dia - disse Gwenda. - Aqui é Outhenby?

- É, sim.

- Somos trabalhadores à procura de trabalho. Harry Plowman nos disse para vir até aqui.

- Ele disse isso?

Havia alguma coisa errada, especulou Gwenda, ou aquela mulher era apenas uma velha rabugenta? Ela quase fez a pergunta em voz alta, mas se conteve a tempo.

- Harry mora nesta casa?
- Claro que não. Ele é apenas um arador. Esta é a casa do bailiff. Havia algum conflito entre o bailiff e o arador, adivinhou Gwenda.
- Neste caso, seria melhor conversar com o bailiff.
- Ele não está em casa. Paciente, Gwenda pediu:
- Poderia fazer a gentileza de nos dizer onde podemos encontrá-lo?

A mulher apontou através do vale.

-North Field.

Gwenda virou-se para olhar na direção indicada. Quando se virou de volta, a mulher havia desaparecido dentro da casa. Wulfric comentou:

- Ela não pareceu muito satisfeita em nos ver.
- As mulheres mais velhas detestam mudanças - explicou Gwenda. - Vamos procurar esse bailiff.
- Os meninos estão cansados.
- Poderão descansar daqui a pouco.

Partiram através dos campos. Havia muita atividade nas faixas de terra. Crianças tiravam pedras dos campos arados, mulheres espalhavam sementes, e homens levavam estrume em carroças. Gwenda avistou os bois a distância, oito animais poderosos pacientemente arrastando o arado através do solo úmido.

Aproximaram-se de um grupo de homens e mulheres que tentavam mover uma grade puxada por cavalo que ficara entalada numa vala. Gwenda e Wulfric foram ajudar. As costas largas de Wulfric fizeram a diferença, e logo a grade ficou solta.

Todos os aldeões se viraram para Wulfric. Um homem alto, com uma antiga marca de queimadura desfigurando um lado do rosto, declarou, cordial:

- É um homem útil... quem é você?
- Sou Wulfric e esta é minha esposa, Gwenda. Somos trabalhadores à procura de trabalho.
- É justamente quem precisamos, Wulfric. Sou Carl Shaftesbury. - Ele estendeu a mão para um aperto. - Seja bem-vindo a Outhenby.

Ralph apareceu oito dias depois.

Wulfric e Gwenda haviam se instalado numa casa pequena mas bem construída, com uma chaminé de pedra e um quarto em cima, onde podiam dormir separados dos meninos. Tiveram uma recepção cautelosa por parte dos aldeões mais velhos e mais conservadores... em particular de Will Bailiff e sua esposa, Vi, que fora tão grosseira no dia em que chegaram. Mas Harry Plowman e os mais jovens mostravam-se animados com as mudanças e contentes por mais ajuda nos campos.

Receberiam dois pennies por dia, como prometido, e Gwenda aguardava ansiosa o final da primeira semana completa, quando cada um receberia doze pennies - um shilling -, o dobro da quantia mais alta que já haviam recebido. O que fariam com tanto dinheiro?

Nem Wulfric nem Gwenda jamais haviam trabalhado em qualquer outro lugar que não Wigleigh, e ficaram surpresos ao descobrirem que nem todas as aldeias eram iguais.

A suprema autoridade ali era a priora de Kingsbridge, e isso fazia uma diferença. As normas de Ralph eram pessoais e arbitrárias; apelar para ele era sempre um risco. em contraste, os moradores de Outhenby pareciam saber o que a priora haveria de querer, e podiam resolver as disputas ao calcularem o que ela diria se fosse instada a decidir.

Uma pequena disputa desse tipo estava acontecendo no momento em que Ralph apareceu.

Voltavam dos campos ao pôr-do-sol, os adultos cansados do trabalho, as crianças correndo na frente, e Harry Plowman na retaguarda com os bois desatrelados. Carl Shaftesbury, o homem do rosto queimado, um recém-chegado como Gwenda e Wulfric, pegara três enguias ao amanhecer para o jantar de sua família, já que era sexta-feira. A discussão era para determinar se os trabalhadores tinham os mesmos direitos dos arrendatários de pegar peixes no Outhen para o dia do jejum. Harry Plowman disse que o privilégio estendia-se a todos os residentes de Outhenby. Vi Bailiff argumentou que os arrendatários deveriam pagar taxas ao senhor, o que não acontecia com os trabalhadores; portanto, quem tinha deveres extras também deveria ter privilégios extras.

Will Bailiff foi chamado a dar uma decisão, e decidiu contra a esposa.

- Acho que a madre priora diria que se a Igreja deseja que as pessoas comam peixe, então se deve fornecer peixe para que possam comer.

Todos aceitaram sua decisão. Ao olhar para a aldeia, Gwenda avistou dois cavaleiros.

Houve uma súbita rajada de vento frio.

Os visitantes estavam a pouco menos de um quilômetro de distância, seguindo para a aldeia em ângulo com o curso dos aldeões. Dava para perceber que eram homens de armas. Montavam cavalos enormes e as roupas eram volumosas... homens acostumados à violência em geral usavam casacos reforçados. Ela cutucou Wulfnc

- Já os vi - murmurou ele, sombrio.

Homens assim não apareciam em aldeias por acaso. Desprezavam as pessoas que cultivavam as colheitas e cuidavam dos animais. Em circunstâncias normais, só visitavam as aldeias para tirarem dos camponeses as coisas que eram orgulhosos demais para proverem para si mesmos, como pão, carne e bebida. Sua opinião sobre as coisas a que tinham direito, ou quanto deveriam pagar, sempre diferia da dos camponeses; por isso, invariavelmente havia problemas.

Nos dois ou três minutos seguintes, todos os trabalhadores os viram, e pararam de falar. Gwenda notou que Harry mudou um pouco o rumo dos bois e levou-os na direção da outra extremidade da aldeia, embora não pudesse atinar de imediato qual era o motivo.

Gwenda teve certeza de que haviam vindo à procura de trabalhadores fugidos. Descobriu-se a rezar para que fossem os ex-empregadores de Carl Shaftesbury ou de um dos outros recém-chegados. Mas quando os aldeões chegaram mais perto dos cavaleiros, ela reconheceu Ralph Fitzgerald e Alan Fernhill. Sentiu um frio no coração.

Aquele era o momento que temera. Já sabia que havia uma chance de Ralph descobrir para onde eles haviam ido: o pai podia dar um bom palpite, e era impossível confiar que ele ficaria de boca fechada.

E embora não tivesse o direito de levá-los de volta, Ralph era um cavaleiro e um nobre, e os homens assim costumavam fazer o que bem queriam.

Era tarde demais para fugir. O grupo seguia por uma trilha entre os campos arados: se alguns se afastassem e fugissem, Ralph e Alan os veriam no mesmo instante e partiriam em perseguição; e depois Gwenda e sua família perderiam toda e qualquer proteção que pudessem obter da companhia dos outros aldeões. Estavam acuados em campo aberto. Ela chamou os meninos.

- Sam! David! Venham para cá!

Eles não ouviram, ou não quiseram ouvir, e saíram correndo. Gwenda correu atrás, mas eles pensaram que era uma brincadeira e se distanciaram ainda mais. Estavam quase na aldeia agora, e ela descobriu que sentia-se cansada demais para alcançá-los. Quase em lágrimas, ela gritou:

- Voltem!

Wulfric assumiu a perseguição. Passou correndo por ela e alcançou David com alguma facilidade, suspendendo-o nos braços. Mas era tarde demais para alcançar Sam, que corria rindo entre as casas esparsas.

Os cavaleiros haviam parado junto da igreja. Quando Sam se aproximou, Ralph levou seu cavalo para a frente, abaixou-se da sela, e pegou o menino pela camisa. Sam soltou um grito de medo.

Gwenda também gritou.

Ralph sentou o menino no cavalo, à sua frente.

Wulfric, carregando David, parou na frente de Ralph.

- Seu filho, eu presumo - disse Ralph.

Gwenda estava consternada. Tinha medo pelo filho. Seria abaixo da dignidade de Ralph agredir uma criança, mas podia haver um acidente. E havia outro perigo.

Ao ver Ralph e Sam juntos, Wulfric podia compreender que eram pai e filho.

Sam ainda era um menino, é claro, com o rosto e o corpo de uma criança, mas tinha os cabelos densos e os olhos escuros de Ralph, os ombros ossudos eram largos e quadrados.

Gwenda olhou para o marido. A expressão de Wulfric não oferecia nenhuma indicação do que era óbvio para ela. Ela observou os rostos dos outros aldeões. Pareciam alheios à verdade evidente... exceto por Vi Bailiff, que fitava Gwenda com um olhar fixo. A velha megera podia ter percebido, mas ninguém mais o fizera... ainda. Will adiantou-se e disse aos visitantes:

- Bom-dia, senhores. Sou Will, o bailiff de Outhenby. Posso perguntar...

- Cale a boca, bailiff. - Ralph apontou para Wulfric. - O que ele está fazendo aqui?

Gwenda sentiu que a tensão dos outros aldeões diminuía um pouco, ao compreenderem que não eram o alvo da ira do senhor. Will respondeu:

- Milorde, ele é um trabalhador, contratado pela autoridade da priora de Kingsbridge...

- Ele é um fugitivo e tem de voltar para casa - declarou Ralph. Will se calou, assustado. Carl Shaftesbury perguntou:

- E com que autoridade faz essa reivindicação?

Ralph fitou-o atentamente, como se quisesse memorizar seu rosto.

- Tome cuidado com a língua, ou vou desfigurar o outro lado de seu rosto.

Will interveio, nervoso:

- Não queremos ver sangue derramado.

- Muito sensato, bailiff- comentou Ralph. - Quem é esse camponês insolente?

- Não importa quem eu sou, cavaleiro - disse Carl, bruscamente. - Sei quem você é... Ralph Fitzgerald. Vi quando foi declarado culpado de estupro e condenado à morte no tribunal de Shiring.

- Mas não estou morto, não é?

- Deveria estar. E não tem direitos feudais sobre os trabalhadores. Se tentar usar a força, aprenderá uma dura lição.

Várias pessoas deixaram escapar exclamações de espanto. Era uma maneira temerária de falar com um cavaleiro armado.

- Fique quieto, Carl - disse Wulfric. - Não quero que seja morto por minha causa.

- Não é por sua causa - respondeu Carl. - Se permitirmos que esse celerado o leve, alguém virá à minha procura. Temos de permanecer unidos. Não estamos desamparados.

Carl era grande, mais alto que Wulfric, e quase tão largo. Gwenda compreendeu que ele falava sério. Ficou apavorada. Se comesçassem a lutar, haveria uma terrível violência... e seu Sam continuava sentado no cavalo com Ralph.

- Iremos com Ralph - disse ela, frenética. - Será melhor.

- Não será, não - protestou Carl. - Vou impedi-lo de levar vocês, quer queira ou não. Será melhor para mim.

Houve murmúrios de concordância. Gwenda olhou ao redor. A maioria dos homens carregava pás ou enxadas, e muitos pareciam dispostos a usá-las, embora também estivessem apavorados. Wulfric virou as costas para Ralph e disse, em voz baixa e urgente:

- Vocês, mulheres, levem as crianças para a igreja... depressa!

Várias mulheres pegaram as crianças pequenas no colo e seguraram as mais velhas pelo braço. Gwenda permaneceu onde estava, assim como

algumas das mulheres mais jovens. Os aldeões se agruparam num impulso instintivo, ombro a ombro.

Ralph e Alan pareciam desconcertados. Não esperavam enfrentar uma multidão de cinquenta ou mais camponeses beligerantes. Mas como estavam a cavado, poderiam escapar a qualquer momento em que quisessem.

- Talvez eu leve apenas este garoto para Wigleigh - sugeriu Ralph. Gwenda soltou um grito de horror. Ralph acrescentou:

- Assim, se os pais o quiserem de volta, poderão voltar ao lugar a que pertencem.

Gwenda estava fora de si. Ralph segurava Sam, e poderia se afastar a qualquer momento. Ela fez um esforço para reprimir um grito histérico. Se Ralph virasse o cavalo, decidiu Gwenda, trataria de se jogar em cima dele, para tentar derrubá-lo da sela. Ela deu um passo à frente.

E foi nesse instante que ela viu os bois aparecerem por trás de Ralph e Alan. Harry Plowman conduzia-os através da aldeia, vindo do outro lado. Os oito animais maciços pararam na frente da igreja, olhando ao redor, aturdidos, sem saberem para onde seguir. Harry parou por trás. Ralph e Alan se encontravam numa armadilha triangular, acuados entre os aldeões, os bois e a igreja de pedra.

Harry planejava aquela manobra para impedir que Ralph levasse Wulfric e ela, percebeu Gwenda. Mas a tática também servia para aquela situação.

- Ponha a criança no chão e vá embora em paz, Sir Ralph - disse Carl.

O problema era o fato de que agora se tornara difícil para Ralph recuar sem perder a autoridade, refletiu Gwenda. Ele teria de fazer alguma coisa para não parecer um tolo, o que era o supremo horror para os orgulhosos cavaleiros. Viviam falando sobre honra, mas isso nada significava... eram absolutamente desonrosos quando lhes convinha. O que prezavam de fato era sua dignidade. Preferiam morrer a serem humilhados.

A cena foi de absoluta imobilidade por longos momentos: o cavaleiro e o menino no cavalo, os aldeões amotinados, e os bois atordoados.

Depois, Ralph baixou Sam para o chão.

Lágrimas de alívio afloraram aos olhos de Gwenda.

Sam correu para ela, passou os braços em torno de sua cintura, e começou a chorar.

Os aldeões relaxaram, os homens baixando as pás e enxadas.

Ralph puxou as rédeas do cavalo e gritou:

- Eia! Eia!

O cavalo empinou. Em seguida, ele cravou as esporas e galopou direto para a multidão, que se dispersou. Alan seguiu em seu encalço. Os aldeões, desesperados, jogaram-se para os lados, acabando em pilhas emaranhadas no solo lamacento. Foram pisoteados uns pelos outros, mas não pelos cavalos, milagrosamente.

Ralph e Alan riam às gargalhadas ao deixarem a aldeia, como se tudo não tivesse passado de uma enorme brincadeira.

Mas, na verdade, Ralph fora envergonhado.

E isso, Gwenda tinha certeza, significava que ele voltaria.

Earlcastle não mudara. Doze anos antes, recordou Merthin, ele fora convidado a demolir a antiga fortaleza e construir um palácio novo e moderno para um conde num país pacífico. Mas recusara, preferindo projetar e construir a nova ponte em Kingsbridge. Desde então, ao que parecia, o projeto fora abandonado, pois ali estavam a mesma muralha em forma de oito, com duas pontes levadiças, e a torre antiquada em que a família vivia, na parte superior, como coelhos assustados no fundo de uma toca, sem saber que a raposa não oferecia mais nenhum perigo. O lugar devia ser quase igual ao que era no tempo de lady Aliena e Jack Builder.

Merthin acompanhava Caris, chamada até ali pela condessa, lady Philippa. O conde William caíra doente, e Philippa achava que o marido tinha a peste. Caris ficara consternada. Pensara que a peste havia acabado. Ninguém mais morria disso em Kingsbridge há seis semanas.

Caris e Merthin haviam partido imediatamente. Mas o mensageiro levava dois dias para viajar de Earlscastle a Kingsbridge, e eles levaram o mesmo tempo para chegar ali. Portanto, a probabilidade era a de que o conde estivesse agora morto, ou quase.

- Tudo o que poderei fazer é lhe dar alguma essência de papoula para atenuar a agonia final - comentara Caris, durante a viagem.

- Você faz mais do que isso - assegurara Merthin. - Sua presença conforta as pessoas. É calma e sabe das coisas. Fala de uma maneira que todos entendem, sobre inchação, confusão e dor... não tenta impressionar com jargão sobre humores, o que só contribui para que as pessoas se sintam ainda mais ignorantes, desamparadas e assustadas. Quando você está presente, elas sentem que tudo o que é possível está sendo feito, e é isso o que querem.

- Espero que você tenha razão.

Mesmo que não tivesse razão, Merthin atenuava a realidade. Mais de uma vez, testemunhara uma mulher ou um homem histérico mudar, depois de uns poucos momentos tranquilizadores com Caris, passando a ser uma pessoa sensata, capaz de aceitar qualquer coisa que tivesse de lhe acontecer.

O talento inato de Caris aumentara, desde o advento da peste, e ela contava com uma reputação quase sobrenatural. Todos por quilômetros ao redor

sabiam o que Caris e suas freiras haviam feito nos cuidados com os doentes, apesar dos riscos para si mesmas, até depois da fuga dos monges. Muitos pensavam que ela era uma santa.

O clima no castelo era de desolação. Os que tinham tarefas rotineiras não deixavam de cumpri-las: buscar lenha e água, alimentar os cavalos e cuidar das armas, fazer pão e preparar a carne. Muitos outros - secretários, homens de armas, mensageiros - sentavam sem fazer nada, à espera de notícias do quarto do doente.

As gralhas grasnaram uma recepção sarcástica quando Merthin e Caris atravessaram a ponte interna para a torre. O pai de Merthin, Sir Gerald, sempre alegara ser um descendente direto do filho de Jack e Aliena, conde Thomas. Enquanto contava os passos para o grande salão, pondo os pés com todo cuidado nas depressões lisas, gastas por milhares de botas, Merthin não pôde deixar de pensar que seus ancestrais deviam ter pisado também naquelas velhas pedras. Para ele, essas noções eram fascinantes, mas triviais. Em contraste, seu irmão, Ralph, era obcecado pela restauração da família em sua antiga glória.

Caris seguia à sua frente. A maneira como ela requebrava os quadris, enquanto subia a escada, fez seus lábios se contraírem num sorriso. Sentia-se frustrado por não poder dormir com ela todas as noites, mas isso fazia com que as raras ocasiões em que podiam ficar a sós se tornassem ainda mais emocionantes. No dia anterior, haviam passado uma amena tarde de primavera fazendo amor numa clareira na floresta, ao sol, enquanto os cavalos pastavam próximos, indiferentes à paixão dos dois.

Era um estranho relacionamento, mas também ela era uma mulher extraordinária: uma priora que duvidava de muito do que a Igreja ensinava; uma curandeira aclamada que rejeitava o tipo de medicina praticada pelos médicos; e uma freira que fazia um amor ardente com seu homem sempre que podia. Se eu quisesse um relacionamento normal, dizia Merthin a si mesmo, deveria ter escolhido uma mulher normal.

Havia muitas pessoas no salão. Algumas trabalhavam, espalhando palha limpa, acendendo o fogo, preparando a mesa para o jantar, enquanto outras apenas esperavam. Na extremidade do salão comprido, sentada perto da escada que subia para os aposentos pessoais do conde, Merthin avistou uma garota bem vestida, em torno dos quinze anos. Ela levantou-se e adiantou-se com um andar altivo. Merthin compreendeu que devia ser a

filha de lady Philippa. Como a mãe, ela era alta, com um corpo de ampulheta.

- Sou lady Odila - disse ela, num tom de altivez que era típico de Philippa. Apesar do controle, a pele em torno dos olhos jovens estava vermelha e vincada de chorar. - Deve ser madre Caris. Obrigada por ter vindo cuidar de meu pai.

Merthin disse:

- Sou o regedor de Kingsbridge, Merthin Bridger. Como está o conde William?

- Muito doente. Meus dois irmãos também estão de cama.

Merthin recordou que o conde e a condessa tinham dois filhos homens, em torno dos dezenove e vinte anos, enquanto a garota acrescentava:

- Minha mãe pede que a priora cuide deles imediatamente.

- Claro - respondeu Caris. Odila subiu a escada. Caris tirou da bolsa uma máscara de linho, prendeu sobre o nariz e a boca, e foi atrás.

Merthin sentou num banco para esperar. Embora aceitasse o sexo pouco frequente, isso não o impedia de procurar por oportunidades extras. Inspeccionou o prédio, com os olhos atentos, calculando quais seriam as disposições para a noite. Infelizmente, a casa era tradicional. O vasto salão era o lugar em que quase todos comiam e dormiam. A escada devia levar ao solar, onde haveria um quarto para o conde e a condessa. Os castelos modernos tinham todo um conjunto de aposentos para a família e os hóspedes, mas ali parecia não haver esse luxo. Merthin e Caris poderiam deitar lado a lado naquela noite, no chão do salão, mas não poderiam fazer mais do que dormir, não sem causar um escândalo.

Depois de algum tempo, lady Philippa saiu do solar e desceu a escada. Entrou no salão como uma rainha, consciente de que todos a observavam, como Merthin sempre pensara. A dignidade da postura só realçava os atraentes contornos dos quadris e o busto orgulhoso. Naquele dia, porém, o rosto normalmente sereno estava inchado, e os olhos estavam vermelhos. Os cabelos empilhados no alto da cabeça, ao estilo em voga, se encontravam um pouco tortos, algumas mechas escapando da touca, o que aumentava ainda mais a impressão de distração glamorosa.

Merthin levantou-se e fitou-a, em expectativa. Ela disse:

- Meu marido tem a peste, como eu receava; e meus dois filhos também. As pessoas ao redor murmuraram palavras de desalento.

Podia ser apenas o final da epidemia, é claro; mas também podia ser o início de uma nova erupção... que Deus nos livre, pensou Merthin.

- Como o conde se sente? - perguntou ele. Philippa sentou no banco, ao seu lado.

- Madre Caris atenuou sua dor, mas diz que ele está próximo do fim.

Os joelhos dos dois quase se encostavam. Merthin podia sentir o magnetismo de sua sensualidade, embora ela estivesse dominada pela dor e ele, cheio de amor por Caris.

- E seus filhos?

Philippa baixou os olhos para o colo, como se estudasse o padrão de fios de ouro e prata no vestido azul.

- Nas mesmas condições do pai.

- Sei que enfrenta uma situação muito difícil, milady. Philippa lançou-lhe um olhar cauteloso.

- Você não é como seu irmão, não é?

Merthin sabia que Ralph fora apaixonado por Philippa, à sua maneira obsessiva, por muitos anos. Será que ela compreendia isso? Merthin não sabia. Mas Ralph escolhera bem, pensou ele. Se você quer ter um amor sem esperança, pode muito bem escolher uma mulher excepcional.

- Ralph e eu somos muito diferentes - respondeu ele, em tom neutro.

- Lembro de vocês quando jovens. Era você quem tinha mais atrevimento... disse-me uma ocasião para comprar uma seda verde que combinaria com meus olhos. E depois seu irmão começou uma briga.

- Às vezes penso que o mais jovem de dois irmãos tenta deliberadamente ser o oposto do mais velho, apenas para ser diferente.

- Isso acontece com certeza com meus dois filhos. Rollo é determinado e assertivo, como o pai e o avô, enquanto Rick sempre teve uma natureza doce e cortês. - Ela começou a chorar. - Oh, Deus, acho que vou perder todos!

Merthin pegou a mão da condessa.

- Não pode ter certeza do que vai acontecer - murmurou ele, gentilmente.

Peguei a peste em Florença e sobrevivi. Minha filha não pegou.

Ela levantou os olhos para fitá-lo.

- E sua esposa?

Merthin baixou os olhos para as mãos entrelaçadas. A mão de Philippa era mais enrugada do que a sua, embora a diferença na idade fosse de apenas quatro anos.

- Silvia morreu.
- Peço a Deus para pegar a peste também. Se todos os meus homens morrerem, também quero partir.
- Não pode desejar isso.
- O destino das mulheres da nobreza é casar com homens que não amam... mas tive sorte com William. Ele foi escolhido para mim, mas amei-o desde o início.
- A voz começou a tremer.
- Não poderia ter outro homem...
- Sente-se assim agora, o que é natural.

Era estranho ela falar daquela maneira quando o marido ainda estava vivo, pensou Merthin. Mas ela sentia-se tão desesperada com a dor que não se preocupava com as sutilezas e dizia apenas o que havia em sua mente. Mas Philippa logo recuperou o controle.

- E você? - perguntou ela.
- Casou de novo?
- Não.
- Merthin não podia explicar que tinha um relacionamento amoroso com a priora de Kingsbridge.
- Mas acho que poderia se a mulher certa estivesse... disposta. Talvez mais tarde você venha também se sentir assim.
- Você não compreende. Como viúva de um conde, sem herdeiros, teria de casar com alguém que o rei Edward escolhesse para mim. E o rei não daria a menor importância a meus desejos. Sua preocupação seria apenas com quem deve ser o próximo conde de Shiring.
- Entendi...

Merthin não pensara nisso. Podia imaginar que um casamento arrumado talvez fosse detestável para uma viúva que fora sinceramente apaixonada pelo primeiro marido.

- É terrível de minha parte falar de outro marido enquanto o primeiro ainda está vivo. Não sei o que deu em mim.

Merthin afagou sua mão, compadecido.

- É compreensível.

A porta no alto da escada foi aberta e Caris saiu, enxugando as mãos num pano. Merthin sentiu um súbito constrangimento por estar segurando a mão de Philippa. Teve vontade de afastá-la, mas compreendeu que isso faria com que parecesse culpado e resistiu ao impulso. Sorriu para Caris e indagou:

- Como estão seus pacientes?

Os olhos de Caris fixaram-se nas mãos dadas, mas ela não disse nada. Desceu a escada, desatando a máscara de linho. Philippa retirou a mão, sem pressa. Caris tirou a máscara.

- Lamento ter de lhe dizer, milady, mas o conde William morreu.

- Preciso de um novo cavalo - disse Ralph Fitzgerald.

Sua montaria antiga, Griff, estava envelhecendo. Seu fogoso palafrém baio sofrera uma torção na perna traseira esquerda que levaria meses para curar, e agora estava manco de novo, da mesma perna. Ralph sentia-se triste. Griff era o cavalo que o conde Roland lhe dera quando era um jovem pajem, e o acompanhava desde então, até mesmo viajando para as guerras francesas. Poderia ainda servi-lo por mais alguns anos, para passeios sem pressa de aldeia em aldeia, dentro de seus domínios. Mas seus dias de caçada haviam terminado.

- Podemos ir ao mercado de Shiring amanhã para comprar outro - propôs Alan Fernhill.

Os dois estavam no estábulo, examinando o boleto de Griff. Ralph gostava de estábulos. Apreciava o cheiro de terra, a força e a beleza dos cavalos e a companhia de homens de mãos calejadas, empenhados em tarefas físicas. Aquilo levava-o de volta à juventude, quando o mundo parecia um lugar mais simples.

Ele não respondeu a princípio à sugestão de Alan. O que Alan não sabia era que Ralph não tinha dinheiro para comprar um cavalo.

A peste a princípio o enriquecera, através da taxa de herança: a terra que normalmente passava de pai para filho em uma geração trocara de mãos duas vezes ou mais em poucos meses. A cada vez, ele recebia um pagamento, tradicionalmente o melhor animal, mas com frequência uma quantia fixa, em dinheiro. Mas depois a terra começara a ficar em desuso, por falta de pessoas para cultivá-la. Ao mesmo tempo, os preços agrícolas haviam despencado. O resultado era que a renda de Ralph, em dinheiro e produtos, caíra de forma drástica.

A situação era lamentável, pensou ele, quando um cavaleiro não tinha condições de comprar um cavalo.

E depois ele se lembrou de que Nate Reeve deveria aparecer em Tench Hall naquele dia, trazendo o tributo trimestral de Wigleigh. Toda primavera, aquela aldeia era obrigada a fornecer ao senhor vinte e quatro ovelhas de um ano. Poderiam ser levadas para o mercado de Shiring e vendidas. O dinheiro resultante seria suficiente para comprar um palafrém, se não um cavalo de caça.

- Vamos ver se o bailiff de Wigleigh já chegou - disse Ralph a Alan. Entraram no salão. Aquela era uma zona feminina, e Ralph sentiu um

desânimo imediato. Tilly sentava ao lado do fogo, amamentando o filho de três meses, Gerry. Mãe e filho gozavam de boa saúde, apesar da juventude de Tilly. O corpo esguio de menina mudara por completo: ela agora tinha os seios intumescidos, com mamilos grandes e ásperos, em que o bebê mamava com voracidade. A barriga era murcha como a de uma velha. Ralph não deitava com ela há muitos meses, e provavelmente nunca mais o faria.

Ali perto sentava o avô, em cuja homenagem o bebê fora batizado, Sir Gerald, em companhia de lady Maud. Os pais de Ralph estavam agora velhos e frágeis, mas todas as manhãs caminhavam de sua casa na aldeia até o solar, para ver o neto. Maud dizia que o bebê parecia com Ralph, mas ele não percebia a menor semelhança.

Ralph ficou satisfeito ao constatar que Nate também se encontrava no salão. O bailiff corcunda levantou-se do banco de um pulo.

- Bom-dia, Sir Ralph.

Ele exibia uma expressão de derrotado, observou Ralph.

- Qual é o problema, Nate? Trouxe minhas ovelhas?

- Não, senhor.

- Por que não?

- Não temos nenhuma, senhor. Não restam mais ovelhas em Wigleigh, exceto por umas poucas mais velhas.

Ralph ficou chocado.

- Alguém as roubou?

- Não. Mas alguém já lhe deu algumas para pagamento do heriot quando seus donos morreram. Depois, não conseguimos arrumar ninguém para ficar com as terras de Jack Shepherd, e muitas ovelhas morreram durante o inverno. Como não havia ninguém para cuidar das crias na primavera, perdemos a maioria, assim como algumas das mães.

- Mas isso é inadmissível! - berrou Ralph, furioso. - Como os nobres podem viver se seus servos deixam os animais morrerem?

- Pensamos que a peste havia acabado, quando diminuiu em janeiro e fevereiro, mas agora ela parece estar voltando.

Ralph reprimiu um estremecimento de terror. Como todo mundo, vinha agradecendo a Deus por ter escapado da peste. Ela não podia voltar, não é?

- Perkin morreu esta semana - continuou Nate. - A esposa Peg, o filho Rob e o genro Billy Howard também morreram. Restou Annet, com todos aqueles acres para cuidar, o que ela não tem condições de fazer.

- Neste caso, deve haver um heriot sobre a propriedade.
- Haverá assim que eu encontrar alguém para assumir a terra.

O Parlamento estava em vias de aprovar uma nova legislação para impedir que os trabalhadores rurais vagueassem pelo país, à procura de melhores salários. Assim que isso se tornasse lei, Ralph imporia o cumprimento e traria seus trabalhadores de volta. Mesmo assim, no entanto, como ele compreendeu agora, teria a maior dificuldade para encontrar arrendatários.

- Imagino que já ouviu falar da morte do conde - comentou Nate.
- Não é possível!

Ralph ficou chocado de novo.

- O que aconteceu? - interveio Sir Gerald. - O conde William morreu?
- Da peste - explicou Nate.
- Pobre tio William... - murmurou Tilly

O bebê sentiu o ânimo da mãe e começou a chorar. Ralph indagou, acima do barulho:

- Quando isso aconteceu?
- Há apenas três dias - respondeu Nate.

Tilly tornou a dar o mamilo ao filho, que se calou no mesmo instante.

- Portanto, o filho mais velho de William é o novo conde - disse Ralph, pensativo. - Ele não deve ter mais do que vinte anos.

Nate sacudiu a cabeça.

- Rollo também morreu da peste.
- Então o filho mais novo...
- Também morreu.
- Os dois filhos!

O coração de Ralph disparou. Sempre acalentara o sonho de se tornar o conde de Shiring. Agora, a peste lhe oferecia a oportunidade. E a peste também melhorara as suas possibilidades, ao eliminar muitos candidatos ao título.

Ele fitou o pai nos olhos. O mesmo pensamento ocorrera a Sir Gerald.

- Rollo e Rick mortos... é horrível! - balbuciou Tilly, começando a chorar.
- Ralph ignorou-a. Tentou pensar nas possibilidades.

- Quantos parentes sobreviventes existem? Gerald perguntou a Nate:
- A condessa também morreu?
- Não, senhor. Lady Philippa ainda vive. Assim como a filha, Odila.
- Portanto, quem o rei escolher terá de casar com Philippa para se tornar o conde - ressaltou Gerald.

Ralph ficou atordoado. Desde rapaz sonhava em casar com lady Philippa. Agora, havia uma oportunidade de realizar suas duas ambições ao mesmo tempo. Mas ele já era casado.

- Isto é tudo - murmurou Gerald, o excitamento desaparecendo tão depressa quanto surgira.

Ralph olhou para Tilly, amamentando o filho e chorando ao mesmo tempo. Com quinze anos de idade e apenas um metro e meio de altura, ela erguia-se como a muralha de um castelo entre ele e o futuro pelo qual Ralph sempre ansiara.

Ele a odiava.

O funeral do conde William foi realizado na Catedral de Kingsbridge. Não havia monges, à exceção do irmão Thomas, mas o bispo Henri conduziu o serviço e as freiras cantaram os hinos. Lady Philippa e lady Odila, ambas veladas, seguiram o caixão. Apesar da dramática presença das duas, vestidas de preto, Ralph achou que a ocasião carecia do sentimento momentoso que costumava acompanhar o funeral de um magnata, a noção do tempo histórico passando como a correnteza de um grande rio. A morte estava por toda parte, todos os dias, e até mesmo a morte de nobres era agora corriqueira.

Ele especulou se alguém na congregação estaria infectado, e naquele momento mesmo espalhava a doença através da respiração, ou pelos raios invisíveis de seus olhos. O pensamento deixou Ralph trêmulo. Enfrentara a morte muitas vezes, e aprendera a controlar o medo na batalha; mas contra aquele inimigo não havia como lutar. A peste era uma assassina que cravava o punhal comprido nas pessoas pelas costas, para depois escapular, antes de ser percebida. Ralph estremeceu e tentou não pensar a respeito.

Ao lado de Ralph estava Sir Gregory Longfellow, um advogado alto que se envolvera em processos judiciais relacionados a Kingsbridge. Gregory era agora membro do conselho do rei, um grupo de elite de assessores técnicos que orientava o monarca... não sobre o que ele deveria fazer, pois para isso havia o Parlamento, mas sobre como poderia fazer.

Os comunicados reais eram feitos com frequência nas missas, em particular nas cerimônias importantes como aquela. O bispo Henri hoje aproveitaria a oportunidade para explicar a nova Ordenação dos Trabalhadores. Ralph calculou que Sir Gregory trouxera a notícia e ficara para verificar como seria recebida.

Ralph estava atento. Nunca fora convocado para o Parlamento, mas conversara sobre a crise do trabalho com o conde William, que sentava com os lordes, e com Sir Peter Jeffries, que representava Shiring na Câmara dos Comuns; por isso, sabia o que fora discutido.

- Cada homem deve trabalhar para o senhor da aldeia em que vive, e não pode se mudar para outra aldeia ou trabalhar para outro amo, a menos que seja liberado pelo senhor - disse o bispo.

Ralph regozijou-se. Sabia que a decisão já fora tomada, mas ficou exultante porque finalmente ela se tornava oficial.

Nunca houvera escassez de trabalhadores antes da peste. Ao contrário, muitas aldeias tinham mais do que precisavam. Quando homens sem terras não conseguiam arrumar trabalho remunerado, às vezes se entregavam à caridade do senhor... o que era sempre um embaraço para ele, quer os ajudasse ou não. Por isso, se queriam se mudar para outra aldeia, o senhor ficava aliviado; e é claro que não havia necessidade de legislação para mantê-los onde estavam. Agora, os trabalhadores tinham o controle... uma situação que obviamente não se podia permitir que continuasse.

Houve um murmúrio de aprovação da congregação ao comunicado do bispo. A população de Kingsbridge não era muito afetada, a não ser as pessoas ali que vinham dos campos ao redor. A predominância na congregação era de empregadores, em vez de empregados. As novas regras haviam sido idealizadas por eles e para eles. O bispo acrescentou:

- É agora crime exigir, oferecer ou aceitar salários mais altos do que aqueles que se pagavam para trabalho similar em 1347.

Ralph acenou com a cabeça em aprovação. Até mesmo os trabalhadores que permaneciam na mesma aldeia vinham exigindo mais dinheiro. Isso acabaria com a extravagância, esperava ele. Sir Gregory fitou-o e disse:

- Vejo que acena com a cabeça. Aprova a decisão?

- É o que queríamos. Começarei a impor a determinação nos próximos dias. Há dois fugitivos de meu território que quero muito trazer de volta.

- Irei com você, se não se incomoda. Gostaria de verificar o que pode acontecer.

O padre de Outhenby havia morrido da peste, e não havia serviços na igreja desde então. Por isso, Gwenda ficou surpresa quando o sino começou a tocar na manhã de domingo.

Wulfric foi verificar e voltou para informar a chegada de um sacerdote visitante, o padre Derek. Gwenda lavou os rostos dos meninos, e todos foram para a igreja.

Era uma bela manhã de primavera. O sol banhava as velhas pedras cinzentas da pequena igreja. Todos os aldeões compareceram, curiosos para ver o padre recém-chegado.

O padre Derek era um clérigo da cidade, bem-falante, muito bem vestido para uma igreja de aldeia. Gwenda especulou se sua visita tinha algum significado especial. Haveria alguma razão para que a hierarquia da Igreja lembrasse de repente da existência daquela paróquia? Ela disse a si mesma que era um péssimo hábito sempre imaginar o pior, mas ainda assim sentiu que havia alguma coisa errada.

Gwenda ficou de pé na nave, com Wulfric e os meninos, observando o padre efetuar o ritual. O senso de tragédia, porém, foi se tornando mais e mais forte.

De modo geral, um padre olhava para a congregação enquanto rezava ou cantava, a fim de enfatizar que tudo aquilo era para seu benefício, não uma comunicação pessoal entre ele próprio e Deus; mas o olhar do padre Derek projetava-se acima de suas cabeças.

Ela logo descobriu por quê. Ao final do serviço, ele anunciou uma nova lei, aprovada pelo rei e o Parlamento.

- Os trabalhadores sem terra devem trabalhar para o senhor em sua aldeia de origem, se assim for exigido.

Gwenda ficou indignada.

- Como isso é possível? - gritou ela. - O senhor não está obrigado a ajudar o trabalhador em momentos difíceis... sei disso. Meu pai era um trabalhador sem terra, e passávamos fome quando não havia trabalho. Então como um trabalhador pode dever lealdade a um senhor que não lhe dá nada?

Houve murmúrios de concordância, e o padre teve de elevar a voz:

- Foi isso o que o rei decidiu, e o rei foi escolhido por Deus para reinar sobre todos nós. Portanto, devemos fazer tudo o que ele deseja.
 - O rei pode mudar o costume de centenas de anos? - insistiu Gwenda.
 - Estes são momentos difíceis. Sei que muitos de vocês vieram para Outhenby nas últimas semanas...
 - A convite do arador - interrompeu Carl Shaftesbury, o rosto cheio de cicatrizes lívido de raiva.
 - Convidados por todos os aldeões - reconheceu o padre. - E eles foram gratos a vocês por terem vindo. Mas o rei, em sua sabedoria, decidiu que isso não pode continuar.
 - E os pobres devem permanecer pobres - resmungou Carl.
 - Deus assim ordenou. Cada homem em seu lugar. Harry Plowman interveio:
 - E Deus ordenou como vamos cuidar de nossos campos sem ajuda? Se todos os recém-chegados forem embora, nunca conseguiremos realizar todo o trabalho.
 - Talvez nem todos tenham de ir embora - ressaltou Derek. - A nova lei diz apenas que eles devem voltar se assim for exigido.
- Isso acalmou a congregação. Os imigrantes tentavam calcular se o antigo senhor conseguiria encontrá-los, enquanto os locais especulavam quantos trabalhadores restariam em Outhenby. Mas Gwenda sabia o que seu futuro reservava. Mais cedo ou mais tarde, Ralph viria buscá-la e à sua família. A essa altura, no entanto, decidiu ela, já teriam ido embora. O padre retirou-se e a congregação se encaminhou para a porta.
- Temos de sair daqui - disse Gwenda a Wulfric, em voz baixa. - Antes que Ralph volte para nos buscar.
 - Para onde iremos?
 - Não sei... mas talvez seja melhor assim. Se nós mesmos não soubermos onde estamos, ninguém mais saberá.
 - Mas como poderemos sobreviver?
 - Encontraremos outra aldeia onde precisem de trabalhadores.
 - Será que há muitas outras na mesma situação?
- Ele sempre tinha o pensamento mais lento do que Gwenda.
- Deve haver inúmeras - garantiu ela, paciente. - O rei não aprovou essa ordenação apenas para Outhenby.
 - Tem razão.

- Devemos partir hoje - declarou Gwenda, decidida. - É domingo, e assim não vamos perder qualquer dia de trabalho.

Ela olhou para as janelas da igreja, calculando a hora do dia.

- Ainda não é meio-dia... podemos cobrir uma boa distância antes do escurecer. Quem sabe não estaremos trabalhando em uma nova aldeia amanhã de manhã?

- Concordo - disse Wulfric - Não há como prever com que rapidez Ralph poderá entrar em ação.

- Não diga nada a ninguém. Vamos para casa agora, pegaremos o que quisermos levar, e partiremos em seguida.

- Está bem.

Eles chegaram à porta da igreja e saíram para o sol... e Gwenda descobriu que já era tarde demais.

Seis homens a cavalo esperavam na frente da igreja: Ralph, seu comparsa Alan, um homem alto com roupas de Londres e três homens sujos, cheios de cicatrizes, do tipo que podiam ser contratados por uns poucos pennies em qualquer taverna de quinta categoria.

Ralph olhou para Gwenda e deu um sorriso triunfante.

Gwenda olhou ao redor, desesperada. Poucos dias antes, os homens da aldeia haviam se unido contra Ralph e Alan... Mas aquilo era diferente. Enfrentariam seis homens, não dois. Os aldeões estavam desarmados ao saírem da igreja, enquanto antes voltavam dos campos com instrumentos nas mãos. E, ainda mais importante, naquela ocasião acreditavam que tinham o direito de seu lado, enquanto hoje já não havia mais tanta certeza.

Vários homens fitaram Gwenda, e se apressaram em desviar os olhos. Isso confirmou o que ela já suspeitava. Os aldeões não lutariam hoje.

Gwenda ficou tão desapontada que se sentiu fraca. Com medo de cair, encostou-se na coluna de pedra do pórtico da aldeia. O coração transformou-se numa massa pesada, fria e úmida, como um torrão de terra de uma sepultura escavada no inverno. Uma sombria desesperança dominou-a por completo.

Haviam sido livres por uns poucos dias. Mas fora apenas um sonho. E agora o sonho acabara.

Ralph atravessou Wigleigh a cavalo, lentamente, puxando Wulfric por uma corda no pescoço.

Chegaram ao final da tarde. Para não perder tempo, Ralph deixara que os dois meninos pequenos viessem a cavalo, partilhando os animais de dois dos homens contratados. Gwenda vinha atrás, andando. Ralph não se dera o trabalho de amarrá-la. Tinha certeza de que ela acompanharia os filhos.

Porque era domingo, a maioria dos habitantes de Wigleigh se encontrava fora de casa, desfrutando o sol, como Ralph previra. Todos ficaram olhando num silêncio horrorizado para a sinistra procissão.

Ralph esperava que a humilhação de Wulfric pudesse dissuadir outros de ir embora à procura de salários mais altos.

Chegaram ao pequeno solar que fora a residência de Ralph antes de sua mudança para Tench Hall. Ele soltou Wulfric e mandou-o ir com a família para sua antiga casa. Pagou os homens contratados, e foi com Alan e Sir Gregory para o solar.

O solar era mantido limpo e preparado para suas visitas. Ele mandou que Vira trouxesse vinho e preparasse o jantar. Era tarde demais agora para continuar até Tench: não conseguiriam chegar lá antes do anoitecer.

Gregory sentou e esticou as pernas compridas. Parecia um homem capaz de ficar à vontade em qualquer lugar. Os cabelos lisos escuros eram agora grisalhos, mas o nariz comprido, com as narinas dilatadas, ainda lhe proporcionava uma aparência arrogante.

- Como acha que vai acontecer daqui por diante? - perguntou ele.

Ralph estivera pensando sobre a nova ordenação durante toda a viagem, e não hesitou ao responder:

- Não dará certo.

Gregory elevou as sobrancelhas.

- É a sua opinião?

- Concordo com Sir Ralph - declarou Alan.

- Razões?

- Em primeiro lugar, é muito difícil descobrir para onde os fugitivos foram disse Ralph.

- Foi só por sorte que encontramos Wulfric - acrescentou Alan. - Alguém ouviu quando ele e Gwenda planejavam para onde ir.

- Em segundo lugar, recuperá-los cria muitos problemas. Gregory acenou com a cabeça.

- Isso nos ocupou o dia inteiro.

- E ainda tive de contratar desgraçados e providenciar cavalos. Não posso gastar meu tempo e dinheiro perseguindo esses trabalhadores fugitivos por

todo o país.

- Eu entendo.

- Em terceiro lugar, o que os impede de fugir de novo na semana seguinte?

- Se ficarem de boca fechada sobre o lugar para onde vão, talvez nunca os encontremos - acrescentou Alan.

- A medida só daria certo se alguém pudesse ir a uma aldeia, descobrisse quem são os migrantes, e os punisse - declarou Ralph.

- Ou seja, está falando sobre uma espécie de Comissão de Trabalhadores disse Gregory.

- Exatamente. Escolham um grupo em cada condado, de uma dúzia de homens, para ir de aldeia em aldeia e descobrir os fugitivos.

- Está querendo que outros façam o seu trabalho.

Era uma ironia, mas Ralph teve o cuidado de não se mostrar irritado.

- Não necessariamente... e serei um dos comissários, se o desejar. Acontece apenas que é a maneira certa de fazer o trabalho. Não se pode cortar um capinzal por uma haste de cada vez.

- Interessante... - murmurou Gregory.

Vira trouxe um jarro e copos. Serviu vinho para os três homens.

- É um homem perceptivo, Sir Ralph - comentou Gregory. - Não é um Membro do Parlamento?

- Não, não sou.

- Uma pena. Creio que o rei acharia suas opiniões bastante úteis. Ralph fez um esforço para não se mostrar radiante de prazer.

- É muito gentil. - Ele inclinou-se para a frente. - Agora que o conde William morreu, há uma vaga...

Ele viu a porta se abrir e parou de falar. Nate Reeve entrou.

- Bom trabalho, Sir Ralph, se me permite dizer! Wulfric e Gwenda voltaram ao rebanho, os dois melhores trabalhadores que nós temos.

Ralph ficou irritado com Nate por interrompê-lo num momento tão crucial.

- Espero que a aldeia possa pagar agora o que é devido.

- Claro, senhor... se eles ficarem.

Ralph franziu o rosto. Nate apontara a fraqueza da situação. Como ele poderia manter Wulfric em Wigleigh? Não podia acorrentar um homem ao arado durante todo o dia e toda a noite.

- Tem alguma sugestão a fazer ao seu senhor, bailiff? - perguntou Gregory.

- Tenho, sim, senhor.

- Foi o que pensei.

Nate considerou o comentário como um convite. Virou-se para Ralph e disse:

- Há uma coisa que pode fazer para garantir que Wulfric permaneça em Wigleigh até o dia de sua morte.

Ralph sentiu uma armadilha, mas não podia deixar de dizer:

- Continue.

- Devolva as terras que pertenciam ao pai dele.

Ralph teve vontade de gritar, mas não queria causar má impressão em Gregory. Controlou sua raiva e disse, firme:

- Não acho uma boa idéia.

- Não consigo arrumar ninguém para ficar com a terra - insistiu Nate. Annet não pode cuidar, e não tem mais parentes vivos do sexo masculino.

- Não me importo. Ele não pode ficar com a terra.

- Por que não? - indagou Gregory.

Ralph não queria admitir que ainda acalentava um ressentimento contra Wulfric por causa de uma briga que ocorrera doze anos antes. Gregory já formara uma boa opinião a seu respeito, e Ralph não queria estragá-la. O que o conselheiro do rei pensaria de um cavaleiro que agia contra seus próprios interesses por causa de uma desavença na adolescência? Ele procurou por uma desculpa plausível. Acabou dizendo, depois de um longo momento:

- Pareceria uma recompensa a Wulfric por ter fugido.

- Não concordo - disse Gregory. - Pelo que Nate diz, você estaria lhe dando uma coisa que ninguém mais quer.

- Mesmo assim, enviaria o sinal errado para os outros aldeões.

- Acho que está sendo escrupuloso demais. - Gregory não era o tipo de homem que tinha o hábito de guardar as opiniões para si mesmo. - Todos devem saber que você está desesperado para obter arrendatários. É o que acontece com a maioria dos proprietários. Os aldeões compreenderão que está agindo apenas de acordo com seu próprio interesse, e que Wulfric é o afortunado beneficiário.

- Wulfric e Gwenda trabalharão duas vezes mais se tiverem sua própria terra

- acrescentou Nate.

Ralph sentiu-se acuado. Estava desesperado para causar uma boa impressão em Gregory. Iniciara mas não terminara a conversa sobre o

condado. Não podia pôr isso em risco por causa de Wulfric.

Tinha de ceder.

- Talvez você tenha razão. - Ralph percebeu que estava quase rangendo os dentes, e fez um esforço para parecer despreocupado. - Afinal, ele foi trazido de volta e humilhado. Isso pode ser suficiente.

- Tenho certeza de que é.

- Está bem, Nate. - Por um momento, as palavras ficaram entaladas em sua garganta, de tanto que detestava satisfazer o sonho de Wulfric. Mas havia coisas mais importantes. - Diga a Wulfric que pode ficar com as terras que eram de seu pai.

- Farei isso antes do anoitecer. Nate se retirou. Gregory perguntou:

O que você vai dizer sobre o condado? Ralph escolheu as palavras com todo cuidado.

- Depois que o conde Roland morreu na batalha de Crécy, pensei que o rei poderia me considerar para ser o novo conde de Shiring, ainda mais porque salvei a vida do jovem príncipe de Gales.

- Mas Roland tinha um herdeiro legítimo... que também tinha dois filhos.

- Exatamente. E agora os três estão mortos.

- Hum... - Gregory pegou o copo e tomou um gole. - É um bom vinho.

- Veio da Gasconha.

- Imagino que foi importado através de Melcombe.

- Isso mesmo.

- Uma delícia.

Gregory bebeu mais um pouco. Parecia prestes a dizer alguma coisa, e por isso Ralph permaneceu calado. Gregory levou um longo tempo para escolher as palavras.

- Em algum lugar nas proximidades de Kingsbridge há uma carta que... não deveria existir.

Ralph ficou espantado. O que viria agora? Gregory continuou:

- Durante muitos anos esse documento esteve em poder de alguém em quem se podia confiar, por várias razões complicadas, que o manteria seguro. Ultimamente, no entanto, foram feitas algumas perguntas, sugerindo que o segredo pode correr o risco de ser revelado.

Tudo aquilo era enigmático. Ralph disse:

- Não estou entendendo. Quem andou fazendo perguntas embaraçosas?

- A priora de Kingsbridge.

- Ahn...

- E possível que ela tenha apenas ouvido alguma insinuação e que suas perguntas sejam inofensivas. Mas os amigos do rei receiam que a carta possa de alguma forma ter caído em suas mãos.

- O que diz a carta?

Mais uma vez, Gregory escolheu as palavras com a maior cautela, como se atravessasse um rio na ponta dos pés, tomando todo cuidado para só pisar nas pedras.

- Alguma coisa envolvendo a amada mãe do rei.

- A rainha Isabella.

A velha bruxa ainda estava viva, levando uma vida de esplendor em seu castelo em Lynn. As pessoas diziam que passava os dias lendo romances em francês, sua língua nativa.

- Em suma, preciso descobrir se esta carta está ou não em poder da priora

- acrescentou Gregory. - Mas ninguém deve saber do meu interesse.

- Ou você tem de ir ao priorado e revistar os documentos das freiras... ou os documentos devem vir para suas mãos - sugeriu Ralph.

- A segunda das duas opções.

Ralph acenou com a cabeça. Começava a compreender o que Gregory queria que ele fizesse.

- Fiz algumas perguntas discretas, e descobri que ninguém sabe onde fica exatamente o tesouro das freiras - acrescentou Gregory.

- As freiras devem saber, ou pelo menos algumas.

- Mas não vão dizer. Mas também ouvi dizer que você é um especialista em... persuadir as pessoas a revelarem segredos.

Portanto, Gregory sabia do trabalho que Ralph realizara na França. Não havia nada de espontâneo naquela conversa, compreendeu Ralph. Gregory devia ter planejado tudo. E era bem provável que tivesse sido esse o motivo de sua presença em Kingsbridge.

- Posso ajudar os amigos do rei a resolver esse problema...

- Ótimo.

- ... se me for prometido o condado de Shiring como recompensa. Gregory franziu o rosto.

- O novo conde terá de casar com a velha condessa.

Ralph decidiu ocultar sua ansiedade. O instinto lhe dizia que Gregory teria menos respeito por um homem impelido pelo desejo por uma mulher, mesmo que apenas em parte.

- Lady Philippa é cinco anos mais velha do que eu, mas não tenho nenhuma objeção a ela.

Gregory assumiu uma expressão inquisitiva.

- Ela é uma linda mulher. O escolhido pelo rei, quem quer que seja, deve se considerar um homem afortunado.

Ralph compreendeu que fora longe demais, e apressou-se em dizer:

- Não desejo parecer indiferente. Ela é de fato muito bonita.

- Mas pensei que já era casado - disse Gregory. - Cometi um erro?

Ralph olhou para Alan, e percebeu que ele estava curioso em ouvir sua resposta. Ralph suspirou.

- Minha esposa está muito doente. Não vai viver por muito mais tempo.

Gwenda acendeu o fogo na velha casa em que Wulfric vivera desde que nascera. Pegou uma panela, encheu com água do poço, e jogou algumas cebolas dentro, o primeiro passo para fazer um ensopado. Wulfric trouxe mais lenha. Os meninos saíram felizes para brincar com seus antigos amigos, alheios à profundidade da tragédia que se abatera sobre a família.

Gwenda ocupou-se das tarefas domésticas, enquanto a tarde escurecia. Fazia um esforço para não pensar. Tudo o que aflorava a sua mente só fazia com que se sentisse pior: o futuro, o passado, o marido, ela própria. Wulfric sentou, o olhar perdido nas chamas. Nenhum dos dois falava.

O vizinho, David Johns, apareceu com um jarro de cerveja. Sua esposa morrera da peste, mas a filha crescida, Joanna, o acompanhava. Gwenda não ficou feliz ao vê-los: queria se sentir miserável em particular. Mas eles tinham as intenções mais gentis, e era impossível menosprezá-los. Sombria, Gwenda tirou o pó de alguns copos de madeira. David serviu cerveja para todos.

- Lamentamos tudo o que aconteceu, mas estamos contentes por tê-los de volta - comentou David, enquanto bebiam.

Pouco depois, Aaron Appletree e a esposa Ulla também vieram visitá-los. Ela trazia uma cesta com pequenos pães.

- Eu sabia que não teriam pão para comer, e por isso resolvi trazer - explicou ela.

Ela ofereceu os pães. A casa ficou impregnada do aroma apetitoso. David Johns serviu-lhes cerveja, e eles sentaram.

- De onde vocês tiraram a coragem para fugir? - indagou Ulla. - Eu morreria de medo!

Gwenda começou a contar a história de suas aventuras. Jack e Eli Fuller vieram do moinho, trazendo um prato de peras cozidas no mel. Wulfric comeu bastante e bebeu muito. O clima começou a desanuviar. Gwenda ficou um pouco mais animada. Mais vizinhos vieram, trazendo mais presentes. Quando Gwenda contou como os aldeões de Outhenby enfrentaram Ralph e Alan, com suas pás e enxadas, todos caíram numa gargalhada exultante.

Depois, vieram os acontecimentos daquele dia, e Gwenda tornou a mergulhar no desespero.

- Tudo estava contra nós - murmurou ela, amargurada. - Não apenas Ralph e seus rufiões, mas também o rei e a Igreja. Não tínhamos a menor chance. Os vizinhos acenaram com a cabeça, sombrios.

- E depois, quando ele pôs uma corda em torno do pescoço de meu Wulfric... Gwenda foi dominada por um lúgubre desespero. A voz tremia, e ela não foi capaz de continuar. Tomou um gole de cerveja e tentou de novo.

- Quando ele pôs uma corda em torno do pescoço de Wulfric... o homem mais bravo e mais forte que já conheci... que todos nós já conhecemos... e o levou como um animal, aquele brutal cruel Ralph segurando a corda... eu queria que o céu caísse sobre nossas cabeças e matasse todo mundo.

Eram palavras fortes, mas os outros concordaram. Entre todas as coisas que os nobres podiam fazer com os camponeses - deixá-los passar fome, enganá-los, agredi-los, roubá-los -, a pior de todas era a humilhação. Jamais esqueceriam.

Subitamente, Gwenda queria que os vizinhos fossem embora. O sol já mergulhara no horizonte, e era o crepúsculo lá fora. Ela precisava deitar, fechar os olhos, ficar a sós com seus pensamentos. Não queria conversar nem mesmo com Wulfric. Já da pedir a todos para irem embora quando Nate Reeve entrou.

Houve um súbito silêncio.

- O que você quer? - perguntou Gwenda.

- Trago boas notícias - anunciou ele, jovial. Ela fez uma careta.

- Não pode haver boas notícias para nós hoje.

- Eu discordo. Ainda não ouviu o que eu tenho a dizer.

- Está bem. O que é?

- Sir Ralph disse que Wulfric pode ficar com as terras que eram de seu pai. Wulfric levantou-se de um pulo.

- Como um arrendatário? Não apenas para trabalhar nelas?

- Como um arrendatário, nas mesmas condições de seu pai.

Nate falava expansivo, como se ele próprio estivesse fazendo a concessão, em vez de apenas transmitir uma mensagem. Wulfric ficou radiante de alegria.

- Mas isso é maravilhoso!

- Você aceita? - indagou Nate, ainda mais jovial, como se isso fosse uma mera formalidade.

- Não aceite, Wulfric! - exclamou Gwenda.

Ele fitou-a, aturdido. Como sempre, era lento para perceber além do imediato.

- Discuta as condições! - exortou Gwenda, em voz baixa. - Não seja um servo como seu pai. Exija um arrendamento livre, sem obrigações feudais. Nunca mais terá melhores condições para barganhar. Negocie!

- Negociar? - Wulfric ainda hesitou por um momento, mas depois cedeu à felicidade da ocasião. - Este é o momento pelo qual venho esperando nos últimos doze anos. Não vou negociar.

Ele virou-se para Nate, ergueu o copo, e acrescentou:

- Eu aceito. Todos aplaudiram.

O hospital estava outra vez lotado. A peste, que parecera recuar durante os três primeiros meses de 1349, voltou em abril com uma virulência redobrada.

No dia seguinte ao Domingo de Páscoa, Caris olhou cansada para as fileiras de colchões, dispostos como espinhas de peixe, tão juntos que as freiras mascara das tinham de tomar o maior cuidado ao circularem. Andar ao redor, no entanto era um pouco mais fácil, porque havia muito menos parentes para acompanhar os doentes. Sentar com um parente agonizante era perigoso - a pessoa podia contrair a peste -, e por isso as famílias haviam se tornado impiedosas. Quando a epidemia começara, todos ficavam com as pessoas amadas apesar dos riscos: mães com filhos, maridos com esposas, pessoas de meia-idade com pais idosos; o amor superando o medo. Mas isso mudara. Os mais poderosos laços de família haviam sido corroídos de forma implacável pelo ácido da morte. Agora, o paciente típico era trazido por mãe ou pai, marido ou esposa, que depois da embora, ignorando os gritos patéticos que os acompanhavam. Só as freiras, de máscara no rosto e mãos lavadas com vinagre, desafiavam a doença.

Surpreendentemente, Caris não carecia de ajuda. O convento tivera um fluxo de noviças para substituir as freiras que haviam morrido. Isso acontecia em parte por causa da santa reputação de Caris. Mas o mosteiro também experimentava o mesmo tipo de recuperação, e Thomas tinha agora uma turma de noviços para treinar. Todos procuravam pela ordem num mundo que enlouquecera.

Desta vez a peste atacou alguns dos mais eminentes cidadãos que haviam escapado antes. Caris ficou consternada com a morte de John Constable. Jamais gostara muito da maneira rude com que ele fazia justiça - que era a de bater na cabeça dos arruaceiros com uma vara e fazer perguntas depois -, mas sabia que seria difícil manter a ordem sem a sua ajuda. A gorda Betty Baxter, padeira de bolos especiais para todas as festividades da cidade, inquisidora astuta nas reuniões da guilda da paróquia, também morreu, e seu negócio foi partilhado entre quatro filhas que viviam brigando. Dick Brewer fora outro que morrera, o último remanescente da

geração de Edmund, um grupo de homens que sabiam como ganhar dinheiro e como aproveitá-lo.

Caris e Merthin conseguiram diminuir a disseminação da doença ao cancelarem as grandes reuniões públicas. Não houve a grande procissão da Páscoa na catedral, e não seria realizada a Feira do Velocino na semana de Pentecostes. O mercado semanal passou a ser realizado fora das muralhas de Kingsbridge, no Lover's Field, os moradores comparecendo cada vez menos. Caris queria aplicar essas medidas quando a peste atacara pela primeira vez, mas Godwyn e Elfric haviam se oposto. Segundo Merthin, algumas cidades italianas haviam fechado seus portões por períodos de trinta a quarenta dias, chamados de trintena ou quarentena. Era agora tarde demais para impedir a entrada da doença, mas Caris ainda assim achava que as restrições salvariam vidas.

Um problema que ela não tinha era o de dinheiro. Mais e mais pessoas legavam suas riquezas às freiras, por não terem parentes sobreviventes. Além disso, muitas freiras noviças traziam terras, rebanhos, pomares e ouro. O convento nunca fora tão rico.

Era pouco conforto. Pela primeira vez em sua vida, ela sentia-se cansada, não apenas do trabalho árduo, mas também pelo esgotamento da energia e pela deficiência de força de vontade, enfraquecida pela adversidade. A peste era pior do que nunca, matando duzentas pessoas por semana, e ela não sabia como poderia continuar.

Os músculos doíam, o coração palpitava, a visão parecia turva. Onde acabaria?, especulava ela, desolada. Todos morreriam?

Dois homens passaram cambaleando pela porta, ambos sangrando. Caris adiantou-se apressada. Antes de chegar à distância de tocá-los, sentiu o cheiro desagradável de bebida. Estavam quase caindo de tão embriagados, embora ainda não fosse a hora do almoço. Ela gemeu de frustração; aquilo era comum demais.

Conhecia os homens vagamente: Barney e Lou, dois jovens fortes que trabalhavam no matadouro de Edward Slaughterhouse. Barney tinha um braço pendendo inerte, possivelmente quebrado. Lou tinha horríveis ferimentos no rosto, o nariz quebrado, um olho transformado em massa ensanguentada. Ambos pareciam bêbados demais para sentirem qualquer dor.

- Foi uma briga - balbuciou Barney, a voz engrolada, as palavras quase incompreensíveis. - Eu não tinha a intenção de machucá-lo. Ele é meu

melhor amigo. Eu o amo.

Caris e irmã Nellie puseram os dois bêbados em colchões adjacentes. Nellie examinou Barney, e disse que seu braço não estava quebrado, mas apenas deslocado. Mandou uma noviça chamar Matthew Barber, o cirurgião, que tentaria repô-lo no lugar. Caris lavou o rosto de Lou. Não havia nada que ela pudesse fazer para salvar seu olho; saltara para fora, como um ovo cozido.

Esse tipo de coisa a deixava furiosa. Os dois não sofriam de uma doença, nem de ferimentos acidentais: haviam machucado um ao outro pelo excesso de bebida. Depois da primeira onda da peste, ela conseguira mobilizar os habitantes da cidade para restaurar a lei e a ordem; mas a segunda onda fizera alguma coisa terrível com a alma das pessoas. Quando ela clamara de novo pelo retorno a um comportamento civilizado, a reação fora apática. Não sabia o que fazer agora, e por isso sentia-se cansada.

Enquanto contemplava os dois homens feridos, deitados no chão, lado a lado, ela ouviu um estranho ruído lá fora. Por um instante, retornou por três anos ao passado, até a batalha de Crécy, ao som estrondoso e assustador das novas máquinas de guerra do rei Edward, que disparavam balas de pedra contra as fileiras inimigas. Um momento depois, o barulho soou de novo. Ela compreendeu que era um tambor... vários tambores, na verdade, sendo batidos sem qualquer ritmo determinado. Depois, ouviu flautas e sinos, cujas notas não conseguiam formar uma melodia. Soaram relinchos de cavalos, gemidos e gritos, que poderiam indicar triunfo ou agonia, se não as duas coisas ao mesmo tempo. Não era muito diferente do barulho de uma batalha, mas sem o zunido das flechas mortíferas e sem os gritos de cavalos feridos. Com o rosto franzido, ela saiu para descobrir o que era.

Um bando de cerca de quarenta pessoas entrara no pátio gramado da catedral, dançando uma jiga antiga e frenética. Alguns tocavam instrumentos musicais, ou melhor, usavam-nos para fazer barulho, sem qualquer melodia ou harmonia. As roupas de cores claras estavam rasgadas e sujas. Havia algumas pessoas seminuas, expondo as partes íntimas do corpo com a maior indiferença. As pessoas sem instrumentos empunhavam chicotes. Uma multidão de moradores de Kingsbridge acompanhava o bando, com curiosidade e espanto.

Os dançarinos eram liderados por frei Murdo, mais gordo do que nunca, mas dançando com o maior vigor, o suor escorrendo pelo rosto imundo e

pingando da barba desgrenhara. Ele seguiu até a porta oeste da catedral, onde virou-se para o bando.

- Todos nós pecamos! - berrou ele.

Seus seguidores responderam, com gemidos e gritos estridentes e inarticulados.

- Somos imundos! - berrou ele, arrebatado. - Sempre nos espojamos na lascívia, como porcos no chiqueiro. E cedemos, tremendo de luxúria, aos desejos carnaís. Merecemos a peste!

- Isso mesmo!

- O que devemos fazer?

- Sofrer! - gritaram as pessoas. - Devemos sofrer!

Um dos seguidores se adiantou apressado, brandindo o chicote, com três tiras, pedras presas em nós nas extremidades. Jogou-se aos pés de Murdo e começou a açoitar as próprias costas. O chicote rasgou o tecido fino da túnica e arrancou sangue da pele. Ele gritou de dor, e os outros seguidores de Murdo gemeram de compaixão.

Uma mulher se adiantou. Baixou a túnica até a cintura e virou-se, expondo os seios para a multidão; depois, açoitou as costas nuas com um chicote similar. Os seguidores gemeram de novo.

A medida que se adiantavam, sozinhos ou aos pares, para se açoitarem, Caris notou que muitos tinham equimoses e talhos mal curados: já haviam feito aquilo antes, alguns várias vezes. Circulavam de cidade em cidade, apresentando o espetáculo? Por causa do envolvimento de Murdo, ela tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde alguém começaria a pedir dinheiro.

Uma mulher na multidão de espectadores saiu correndo para a frente de repente, gritando:

- Eu também devo sofrer!

Caris ficou surpresa ao ver que era Mared, a jovem e tímida esposa de Marcel Chandler. Caris não podia imaginar que ela tivesse cometido muitos pecados, mas talvez tivesse finalmente encontrado uma maneira de tornar sua vida dramática. Ela tirou o vestido e se postou nua diante do frade. Sua pele não tinha qualquer marca; em vez disso, era de grande beleza. Murdo fitou-a em silêncio por um longo momento, antes de ordenar:

- Beije meus pés.

Ela ajoelhou-se, expondo o traseiro obscenamente para a multidão, e baixou o rosto para os pés imundos do frade.

Ele tirou o chicote de outro penitente e estendeu-o para Mared. Ela se açoitou, gritou de dor. Marcas vermelhas apareceram no mesmo instante na pele branca.

Vários outros espectadores se adiantaram, quase todos homens. Murdo repetiu o ritual com cada um. Não demorou muito para que o frenesi fosse total. Quando não estavam se açoitando, as pessoas batiam nos tambores, tocavam os sinos, ou dançavam a jiga alucinada.

As ações tinham um abandono louco, mas o olhar profissional de Caris notou que os açoites, embora dramáticos e sem dúvida dolorosos, não pareciam infligir danos permanentes. Merthin apareceu ao seu lado e perguntou:

- O que você acha disso? Ela franziu o rosto.

- Por que faz com que eu me sinta indignada?

- Não sei.

- Se as pessoas querem se açoitar, por que eu deveria ter alguma objeção? Talvez isso faça com que se sintam melhor.

- Mas concordo com você. Há em geral algo fraudulento em qualquer coisa com que Murdo esteja envolvido.

- Não é só isso.

O clima ali não era de penitência, decidiu Caris. Os dançarinos não recordavam suas vidas contemplativos, sentindo pesar e arrependimento pelos pecados cometidos. As pessoas que se arrependiam sinceramente tendiam a ser quietas, pensativas e discretas. O que Caris sentia no ar ali era muito diferente. Era excitação.

- Isso é devassidão.

- Só que em vez de bebida estão se espojando na auto-aversão.

- E há uma espécie de êxtase.

- Mas sem sexo.

- E só dar mais algum tempo.

Murdo liderou a procissão; na saída do terreno do priorado Caris notou que alguns flagelantes tinham tigelas na mão e pediam moedas aos espectadores. E calculou que eles passariam daquela maneira pelas principais ruas da cidade. Provavelmente acabariam em uma das tavernas grandes, onde as pessoas lhes pagariam comida e bebida. Merthin tocou em seu braço.

- Está muito pálida. Como se sente?

- Apenas cansada - respondeu ela, em tom brusco.

Tinha de continuar a trabalhar de qualquer maneira, independentemente do que sentisse, e não ajudava ser lembrada de seu cansaço. Mas era gentil Merthin notar, e ela abrandou a voz para acrescentar:

- Venha comigo até a casa do prior. Está quase na hora do almoço.

Os dois atravessaram o pátio, enquanto a procissão desaparecia. Entraram no palácio. Assim que ficaram a sós, Caris abraçou-o e beijou-o. Sentia um súbito anseio físico, e enfiou a língua na boca de Merthin, como sabia que ele gostava. Em resposta, Merthin elevou as mãos para os seios e acariciou-os. Nunca se beijavam daquela maneira dentro do palácio, e Caris especulou vagamente se alguma coisa na bacanal de frei Murdo enfraquecera suas inibições normais.

- Sua pele é tão quente... - murmurou Merthin em seu ouvido.

Ela queria que Merthin tirasse seu hábito e chupasse os mamilos. Sentiu que começava a perder o controle, e que poderia se tornar temerária, fazendo amor ali mesmo, no chão, onde poderiam ser surpreendidos com facilidade. Foi nesse momento que uma voz de menina balbuciou: '

- Não tive a intenção de espionar.

Caris ficou chocada. Afastou-se de Merthin com um pulo, dominada pelos sentimento de culpa. Virou-se para ver quem falara. No outro lado da sala, sentada num banco, havia uma jovem com um bebê no colo. Era a esposa de Ralph Fitzgerald.

- Tilly! - gritou Caris.

Tilly levantou-se. Parecia exausta e assustada.

- Lamento muito ter dado um susto em você.

Caris sentiu-se aliviada. Tilly cursara a escola das freiras e permanecera no convento por muitos anos. Gostava de Caris. Merecia confiança, como alguém que não falaria sobre o beijo que testemunhara. Mas o que ela fazia ali?

- Você está bem? - perguntou Caris.

- Estou um pouco cansada.

Ela cambaleou e Caris segurou-a pelo braço. O bebê chorou. Merthin pegou-o no colo e embalou-o.

- Calma, calma, meu pequeno sobrinho...

O choro definiu para um murmúrio de descontentamento. Caris perguntou a Tilly:

- Como veio até aqui?

- Vim andando.

- Desde Tench Hall? Com Gerry no colo?

O bebê tinha agora seis meses, e não era nada leve.

- Levei três dias.

- Oh, Deus! Aconteceu alguma coisa?

- Fugi.

- Ralph não veio atrás de você?

- Veio, com Alan. Escondi-me na floresta quando eles passaram. Gerry foi muito bom e não chorou.

Ao imaginar a cena, Caris sentiu um aperto na garganta.

- Mas... - Ela engoliu em seco. Mas por que você fugiu?

- Porque meu marido quer me matar.

Tilly desatou a chorar. Caris fez com que ela sentasse, e Merthin trouxe um copo de vinho. Deixaram-na soluçar. Caris sentou no banco, ao seu lado, e passou o braço por seus ombros, enquanto Merthin cuidava do bebê. Quando Tilly finalmente parou de chorar, Caris perguntou:

- O que Ralph fez? Tilly sacudiu a cabeça.

- Nada. É apenas a maneira como ele olha para mim. Sei que ele quer me assassinar.

Merthin murmurou:

- Eu gostaria de poder dizer que meu irmão é incapaz de fazer isso, mas não posso.

- Mas por que ele haveria de querer fazer uma coisa tão terrível?

- Não sei - respondeu Tilly, angustiada. - Ralph esteve no funeral de tio William. E se encontrou ali com um advogado de Londres, Sir Gregory Longfellow.

- Eu o conheço - disse Caris. - É um homem inteligente, mas não gosto dele.

- Começou depois disso. Tenho o pressentimento de que é tudo por causa de Gregory.

- Você não teria andado tanto, com um bebê no colo, apenas por causa de uma coisa que imaginou.

- Sei que pode parecer fantasioso, mas ele senta e fica me olhando com raiva, cheio de ódio. Como um homem pode olhar sua esposa dessa maneira?

- Veio para o lugar certo. Estará segura aqui.

- Posso ficar? - suplicou Tilly. - Não vai me mandar de volta, não é?

- Claro que não.

Caris olhou para Merthin. Sabia o que ele estava pensando. Seria precipitado oferecer qualquer garantia a Tilly. Os fugitivos podiam encontrar refúgio em igrejas, como regra geral, mas era muito duvidoso se um convento tinha o direito de abrigar a esposa de um cavaleiro e mantê-la afastada do marido indefinidamente. Além disso, era certo que Ralph teria o direito de obrigá-la a renunciar ao bebê, seu filho e herdeiro. Mesmo assim, Caris imprimiu tanta confiança quanto possível à voz quando disse:

- Pode ficar aqui por tanto tempo quanto quiser.

- Muito obrigada.

Caris rezou silenciosamente para que fosse capaz de cumprir a promessa.

- Arrumarei um dos quartos especiais no segundo andar do hospital para você. Tilly continuava apavorada.

- E se Ralph quiser me levar à força?

- Ele não ousaria. Mas se isso a faz se sentir mais segura, pode ficar no antigo quarto de madre Cecília, no final do dormitório das freiras.

- Seria ótimo.

Uma empregada do priorado entrou para pôr a mesa do almoço. Caris disse a Tilly:

- Eu a levarei até o refeitório. Pode almoçar com as freiras, e depois deitar no dormitório e descansar.

Ela levantou-se. Sentiu uma súbita vertigem. Pôs a mão na mesa para se firmar. Merthin, com Gerry ainda no colo, perguntou, ansioso:

- O que você tem?

- Ficarei bem num instante. Estou apenas cansada. E, no instante seguinte, Caris caiu no chão.

Merthin sentiu um maremoto de pânico. Por um momento, ficou atordoado. Caris nunca estivera doente antes, nunca se mostrara desamparada... era ela quem cuidava dos doentes. Ele não podia imaginá-la como uma vítima.

O momento passou num piscar de olhos. Com um esforço para controlar o medo, ele entregou o bebê a Tilly, com todo cuidado.

A empregada parara de pôr a mesa e olhava em choque para o corpo inconsciente de Caris no chão. Merthin, com uma voz calma e deliberada, mas num tom de urgência, disse a ela:

- Corra até o hospital e avise que madre Caris está doente. Traga a irmã Oonagh. Vá logo, o mais depressa que puder!

A empregada saiu apressada. Merthin ajoelhou-se ao lado de Caris.

- Pode me ouvir, querida?

Ele pegou a mão de Caris e afagou-a. Tocou em seu rosto. Levantou uma pálpebra. Ela havia desmaiado.

- Ela tem a peste, não é? - murmurou Tilly.

- Oh, Deus!

Merthin envolveu-a com os braços. Era um homem pequeno, mas sempre fora capaz de erguer objetos pesados, pedras de construção e vigas de madeira. Levantou-a com facilidade e deitou-a na mesa, gentilmente.

- Não morra... - sussurrou ele. - Por favor, não morra.

Ele beijou-a na testa. A pele estava quente. Sentira isso quando haviam se abraçado, alguns minutos antes, mas na ocasião estava excitado demais para se importar. Talvez fosse por isso que ela se mostrara tão ardente: a febre podia ter esse efeito.

A irmã Oonagh entrou. Merthin sentiu-se tão grato por vê-la que as lágrimas afloraram a seus olhos. Era uma freira jovem, que saíra do noviciado há apenas um ou dois anos, mas Caris tinha em alta conta sua habilidade como enfermeira e preparava-a para um dia assumir a responsabilidade pelo hospital.

Oonagh prendeu uma máscara de linho sobre a boca e o nariz, dando o nó atrás do pescoço. Encostou a mão na testa e no rosto de Caris.

- Ela espirrou?

Merthin limpou seus olhos.

-Não.

Ele tinha certeza de que notaria, pois um espirro era sempre um péssimo sinal.

Oonagh baixou a frente do hábito. Para Merthin, Caris parecia vulnerável demais, com os seios pequenos à mostra. Mas sentiu-se contente ao constatar que não havia manchas purpuras em seu peito. Oonagh levantou o hábito. Examinou as narinas de Caris.

- Não há hemorragia.

Ela pegou o pulso de Caris, pensativa. Depois de alguns momentos, olhou para Merthin.

- Pode não ser a peste, mas parece uma doença grave. Ela está febril, a pulsação acelerada, a respiração superficial. Leve-a para cima, deite-a,

lave seu rosto com água-de-rosas. Quem cuidar dela deve usar uma máscara e lavar as mãos como se ela estivesse com a peste. Isso inclui você.

Ela entregou uma máscara de linho a Merthin. As lágrimas rolavam pelo rosto dele enquanto prendia a máscara. Levou Caris para o andar de cima, deitou-a em seu quarto, ajeitou suas roupas. As freiras trouxeram água-de-rosas e vinagre. Merthin transmitiu as instruções de Caris em relação a Tilly. Levaram a jovem mãe e o bebê para o refeitório. Merthin sentou ao lado de Caris, passando por sua testa e faces um pano molhado em água-de-rosas, rezando para que ela recuperasse os sentidos.

O que finalmente aconteceu. Ela abriu os olhos, franziu o rosto em perplexidade, depois assumiu uma expressão ansiosa e perguntou:

- O que aconteceu?

- Você desmaiou. Ela tentou sentar.

- Fique deitada. Você está doente. Provavelmente não é a peste, mas tem uma doença grave.

Ela devia estar se sentindo bastante fraca, pois recostou-se nos travesseiros sem protestar.

- Descansarei apenas por uma hora.

Caris permaneceu na cama por duas semanas.

Depois de três dias, os brancos de seus olhos adquiriram a cor de mostarda. A irmã Oonagh disse que ela estava com icterícia. Preparou uma infusão de ervas adocicada com mel, que Caris tomava quente, três vezes por dia. A febre diminuiu, mas Caris permaneceu fraca. Todos os dias perguntava por Tilly, ansiosa. Oonagh respondia às perguntas, mas recusava-se a discutir qualquer outro aspecto da vida no convento, para não cansar a priora. Caris sentia-se fraca demais para protestar.

Merthin não deixou o palácio do prior. Durante o dia, sentava lá embaixo, bastante perto para ouvi-la chamar. Seus empregados vinham lhe pedir instruções sobre os vários prédios que estavam construindo ou demolindo. À noite, ele deitava num colchão ao lado de Caris, o sono leve. Acordava cada vez que a respiração de Caris mudava, ou quando ela se virava na cama. Lolla dormia no quarto ao lado.

Ao final da primeira semana, Ralph apareceu.

- Minha esposa sumiu - disse ele, ao entrar no palácio do prior. Merthin levantou os olhos do desenho que fazia numa lousa grande.

- Olá, irmão.

Ralph parecia apreensivo, ele notou. Era evidente que tinha sentimentos contraditórios em relação ao desaparecimento de Tilly. Não gostava dela, mas por outro lado nenhum homem ficaria satisfeito se sua esposa fugisse. Talvez eu também tivesse sentimentos contraditórios, pensou Merthin, culpado. Afinal, ajudara a esposa a deixá-lo. Ralph sentou num banco.

- Tem vinho? Estou morrendo de sede.

Merthin foi até o aparador e serviu vinho de um jarro. Passou por sua mente dizer que não tinha a menor idéia do paradeiro de Tilly, mas o instinto rebelou se contra a idéia de mentir para o próprio irmão, ainda mais em um assunto tão importante. Além disso, a presença de Tilly no priorado não podia ser mantida em segredo: muitas freiras, noviças e empregadas já haviam-na visto ali. Era sempre melhor ser honesto, pensou Merthin, exceto numa emergência extrema. Ele entregou o copo a Ralph e disse:

- Tilly está aqui, no convento, com o bebê.

- Foi o que pensei.

Ralph levantou o copo com a mão esquerda, mostrando os três cotos dos dedos cortados. Tomou um longo gole do vinho.

- O que ela tem?

- Tilly fugiu de você, Ralph

- Deveria ter me avisado.

- Eu me sinto mal por isso, mas não poderia traí-la. Ela está com pavor de você.

- Por que tomar o lado de Tilly contra mim? Sou seu irmão!

- Porque eu conheço você. Se ela está apavorada, deve haver uma razão.

- Isso é um absurdo!

Ralph tentava parecer indignado, mas a encenação não era convincente. Merthin especulou o que ele sentia de fato.

- Não podemos expulsá-la - explicou Merthin. - Ela pediu santuário.

- Gerry é meu filho e herdeiro. Não pode mantê-lo longe de mim.

- Não, não indefinidamente. Se você iniciar uma ação judicial, tenho certeza de que vencerá. Mas não tentaria separá-lo da mãe, não é mesmo?

- Se Gerry voltar para casa, ela também voltará.

O que provavelmente era verdade. Merthin procurava outro argumento para persuadir Ralph quando o irmão Thomas entrou, trazendo Alan Fernhill. Com a única mão, Thomas segurava o braço de Alan, como se quisesse impedi-lo de fugir.

- Eu o encontrei bisbilhotando - disse ele.
- Eu queria apenas dar uma olhada no mosteiro - protestou Alan. - Pensei que estivesse vazio.
- Como pôde verificar, não está - declarou Merthin. - Temos um monge, seis noviços e duas dúzias de órfãos.
- Só que ele não estava no mosteiro, mas sim no claustro das freiras - informou Thomas.

Merthin franziu o rosto. Podia ouvir um salmo cantado à distância. Alan calculara bem a incursão: todas as freiras e noviças estavam na catedral para o serviço da Sexta. A maioria dos prédios do priorado se encontrava vazia àquela hora. Alan devia ter circulado sem ser interpelado durante algum tempo.

Não parecia mera curiosidade ociosa.

- Felizmente, um ajudante de cozinha o viu e foi me chamar na catedral acrescentou Thomas.

Merthin se perguntou o que Alan estaria procurando. Tilly? Ele não ousaria sequestrá-la do interior de um convento em plena luz do dia. Merthin virou-se para Ralph.

- O que vocês estão tramando? Ralph desviou a pergunta para Alan.
- O que você pensava que estava fazendo? - indagou ele, furioso, embora Merthin percebesse que a ira era simulada.

Alan deu de ombros.

- Apenas dava uma olhada ao redor enquanto esperava por você.

Não era plausível. Homens de armas ociosos esperavam por seus senhores em tavernas e estábulos, não em claustros.

- Bom... não faça mais isso - disse Ralph.

Merthin compreendeu que Ralph insistiria na história. Fui franco com ele, mas ele não é franco comigo, pensou Merthin, desolado. Ele voltou ao assunto mais importante.

- Por que não deixa Tilly aqui por algum tempo? Ela ficará muito bem. K depois de algum tempo, talvez ela compreenda que você não quer lhe causar nenhum mal, e volte para casa.

- É vergonhoso demais - alegou Ralph.

- Nem tanto. Uma mulher da nobreza às vezes passa umas poucas semanas num convento, se sente a necessidade de se afastar do mundo por algum tempo.

- Em geral se fica viúva, ou quando o marido vai para a guerra.

- Mas nem sempre.
- Quando não há razão óbvia, as pessoas sempre dizem que a mulher quer escapar do marido.
- Até que ponto isso é ruim? Você pode gostar de passar algum tempo longe de sua esposa.
- Talvez você tenha razão.

Merthin se surpreendeu com a resposta. Não esperava que Ralph se deixasse persuadir com tanta facilidade. Levou um momento para superar o espanto, antes de dizer:

- Então estamos combinados. Dê três meses a Tilly, depois volte e converse com ela.

Merthin tinha a impressão de que Tilly nunca mudaria de idéia, mas pelo menos a proposta adiaria a crise.

- Três meses - repetiu Ralph. - Combinado.

Ele levantou-se para ir embora. Merthin apertou sua mão.

- Como estão o pai e a mãe? Não os vejo há meses.
- Envelhecendo. O pai não sai mais de casa.
- Irei visitá-los assim que Caris melhorar. Ela está se recuperando de uma icterícia.
- Transmita os meus votos de rápida recuperação.

Merthin foi até a porta, e ficou observando Ralph e Alan se afastarem. Sentia-se profundamente perturbado. Ralph tramava alguma coisa, e não era apenas levar Tilly de volta.

Ele voltou ao seu desenho e ficou olhando para a lousa sem ver nada por um longo tempo.

Ao final da segunda semana, era evidente que Caris iria melhorar. Merthin estava esgotado, mas feliz. Aliviado, ele pôs Lolla na cama cedo, e saiu pela primeira vez. Era um final de tarde ameno na primavera. O sol e o ar fragrante deixaram no inebriado. Sua própria taverna, a Bell, estava fechada para reforma, mas o Holly Bush tinha um movimento grande, com clientes sentados em bancos no lado de fora com suas canecas.

Havia tantas pessoas aproveitando o tempo bom que Merthin parou e perguntou se era um feriado, pensando que poderia ter perdido a noção da data.

- Cada dia é um feriado agora - respondeu um dos homens. - De que adianta trabalhar quando vamos todos morrer da peste? Tome um copo de cerveja com a gente.

- Não, obrigado.

Merthin seguiu em frente. Notou que muitas pessoas usavam roupas de luxo, chapéus elaborados e túnicas bordadas, que em circunstâncias normais não teriam condições de comprar. Presumiu que haviam herdado esses trajes, ou simplesmente tiraram de cadáveres de ricos. O efeito era um pouco de pesadelo: gorros de veludo sobre cabelos imundos, fios de ouro e manchas de comida, calções rasgados e sapatos com pedras preciosas.

Ele encontrou dois homens em roupas de mulher, de vestidos que iam até o chão e toucas. Caminhavam pela rua principal de braços dados, como esposas de mercadores ostentando sua riqueza... mas eram inconfundivelmente homens, com mãos e pés enormes, cabelos no queixo. Merthin começou a se sentir desorientado, como se não fosse possível confiar em mais nada.

Enquanto o crepúsculo se tornava mais escuro, ele cruzou a ponte até a ilha do Leproso. Construíra uma rua de lojas e tavernas ali, entre as duas partes da ponte. O trabalho já acabara, mas os prédios estavam desocupados, com tábuas pregadas nas portas e janelas para impedir o acesso de vagabundos. Ninguém vivia ali além dos coelhos. As instalações continuariam vazias até que a peste acabasse e Kingsbridge voltasse ao normal, calculava Merthin. Se a peste nunca mais fosse embora, os prédios nunca seriam ocupados; mas, neste caso, a locação de propriedades seria a menor de suas preocupações.

Merthin voltou à cidade velha no momento em que o portão estava sendo fechado. Parecia haver uma imensa festa na taverna White Horse. Estava toda iluminada e a multidão derramava-se pela rua na frente do prédio.

- O que está acontecendo? - perguntou ele a um homem com uma caneca de cerveja na mão.

- O jovem Davey pegou a peste e não tem herdeiros para ficar com a taverna. Por isso, resolveu distribuir toda a cerveja. - O homem exibia um sorriso de satisfação. - Pode beber à vontade. É de graça.

Ele e dezenas de outros vinham aplicando esse princípio, e já havia muitos bêbados. Alguém batia um tambor e vários dançavam. Merthin viu um círculo de homens e espiou por cima de seus ombros para descobrir o que encobriam. Uma mulher completamente embriagada, em torno dos vinte anos, estava inclinada sobre uma mesa, enquanto um homem a penetrava por trás. Vários outros homens esperavam sua vez. Merthin virou-se, em

repulsa. Ao lado do prédio, meio escondido entre os barris vazios, avistou Ozzie Ostler, um rico negociante de cavalos, ajoelhado na frente de um homem mais jovem, chupando seu pênis. Isso era contra a lei e passível de pena de morte, mas era evidente que ninguém se importava. Ozzie, um homem casado e membro da guilda da paróquia, avistou Merthin, mas não parou; ao contrário, continuou com mais entusiasmo, como se ficasse excitado por ser observado.

Merthin balançou a cabeça, atordoado. Perto da porta da taverna havia uma mesa com alimentos parcialmente comidos: pedaços de carne assada, peixe defumado, pastelões e queijos. Havia um cachorro em cima da mesa comendo um pernil. Um homem vomitava o ensopado que comera. Ao lado da porta estava Davey Whitehorse, sentado numa enorme cadeira de madeira, segurando um enorme copo de vinho. Espirrava e suava, o filete de sangue característico escorria de seu nariz, mas ele olhava ao redor e exortava os bebedores. Parecia querer se matar de bebida antes que a peste o liquidasse.

Merthin sentiu-se nauseado. Deixou o local e voltou apressado ao priorado.

Para sua surpresa, encontrou Caris de pé e vestida.

- Estou melhor, e voltarei ao trabalho amanhã. - Ao ver a expressão cética de Merthin, ela acrescentou: - Irmã Oonagh disse que eu poderia voltar.

- Se está aceitando ordens de outra pessoa, isso significa que ainda não voltou ao normal.

Caris riu. A cena trouxe lágrimas aos olhos dele. Ela não ria há duas semanas, e houve momentos em que Merthin tivera dúvidas se algum dia voltaria a ouvir aquele som.

- Onde você estava? - perguntou Caris.

Ele relatou seu passeio pela cidade e as imagens chocantes que testemunhara.

- Não havia um sentimento de maldade no que as pessoas faziam. Mas não posso deixar de pensar no que acontecerá em seguida. Quando todas as inibições desaparecerem, as pessoas passarão a se matar?

Uma empregada da cozinha trouxe uma terrina com sopa. Caris tomou alguns goles com a maior cautela. Durante muito tempo, toda e qualquer comida deixava-a nauseada. Mas agora ela pareceu achar a sopa de alho-poró apetitosa e tomou uma tigela inteira. Depois que a criada tirou a mesa, Caris disse:

- Enquanto estava doente, pensei muito na morte.
- Não pediu um padre.
- Quer eu tenha sido boa ou má, não creio que Deus se deixe enganar por uma mudança de ânimo no último minuto.
- O que pensou então?
- Perguntei a mim mesma se havia alguma coisa de que realmente me arrependia.
- E havia?
- Muitas coisas. Não fui amiga de minha irmã. Não tive filhos. Perdi aquele casaco escarlate que papai deu a mamãe no dia em que ela morreu.
- Como o perdeu?
- Não tive permissão para trazê-lo quando entrei no convento. Não sei o que aconteceu com o casaco.
- Qual foi seu maior arrependimento?
- Na verdade, foram dois: não ter construído meu hospital e ter passado muito pouco tempo na cama com você.

Merthin alteou as sobrancelhas.

- O segundo pode ser retificado com a maior facilidade.
- Sei disso.
- O que me diz das freiras?
- Ninguém mais se importa. Você viu o que acontece na cidade. Aqui, no convento, estamos ocupadas demais a lidar com a morte para nos preocuparmos com as antigas normas. Joan e Oonagh dormem juntas todas as noites num dos quartos no segundo andar do hospital. Não importa mais.

Merthin franziu o rosto.

- É estranho que elas façam isso, mas mesmo assim continuem a comparecer aos serviços na catedral durante a noite. Como conciliam as duas coisas?
- O Evangelho de São Lucas diz: "Aquele que tem dois casacos que ajude quem não tem nenhum." Como acha que o bispo de Shiring concilia isso com suas incontáveis roupas? Todo mundo usa o que gosta dos ensinamentos da Igreja, e ignora as partes que não são convenientes.
- E você?
- A mesma coisa. Mas sou honesta a respeito. Por isso, vou viver com você, como sua esposa. E se alguém questionar, direi que estes são tempos

estranhos. Ela levantou-se, foi até a porta, e trancou-a. - Você vem dormindo aqui há duas semanas. Não precisa mais sair.

- Não há necessidade de me trancar - disse Merthin, rindo. - Ficarei voluntariamente.

Ele abraçou-a.

- Começamos uma coisa poucos minutos antes de eu desmaiar. Tilly nos interrompeu.

- Você estava febril.

- Sob esse aspecto, ainda estou.

- Talvez devêssemos recomeçar do ponto em que paramos.

- Podemos ir para a cama primeiro.

- Está bem.

De mãos dadas, eles subiram a escada.

Ralph e seus homens estavam escondidos na floresta ao norte de Kingsbridge, esperando. Era o mês de maio e o entardecer foi longo. Quando a noite caiu Ralph exortou os outros a tirarem um cochilo, enquanto ele permanecia sentado, vigilante.

Com ele estavam Alan Fernhill e quatro mercenários, soldados desmobilizados do exército do rei, guerreiros que não haviam conseguido encontrar seu lugar em tempos de paz. Alan os contratara no Red Lion, em Gloucester. Não sabiam quem era Ralph, e nunca o haviam visto à luz do dia. Fariam o que lhes fosse mandado, receberiam seu dinheiro, e jamais fariam perguntas.

Ralph ficou acordado, observando a passagem do tempo, automaticamente, como fazia quando lutava com o rei na França.

Descobriria que se tentasse com muito afínco descobrir quantas horas haviam-se passado, acabava em dúvida; mas se apenas adivinhasse, o que aflorava a sua cabeça era sempre certo. Os monges usavam uma vela acesa, marcada com círculos, para indicar as horas, ou uma ampulheta com areia ou água escorrendo por um funil estreito; mas Ralph tinha uma medida melhor em sua cabeça.

Sentava imóvel, encostado numa árvore, olhando para o fogo baixo que haviam acendido. Podia ouvir o sussurro dos pequenos animais entre as moitas, o pio ocasional de uma coruja predadora. Nunca se sentia tão calmo quanto nas horas de espera que antecediavam a ação. Havia sossego e escuridão, tempo para pensar. O conhecimento do perigo iminente, que deixava nervosa a maioria dos homens, na verdade o tranquilizava.

O maior perigo naquela noite, a bem da verdade, não vinha dos riscos do combate. Haveria alguma luta corpo a corpo, mas o inimigo consistiria de gordos habitantes da cidade ou monges flácidos. O verdadeiro perigo era a possibilidade de Ralph ser reconhecido. O que estava prestes a fazer era chocante. Seria comentado com indignação em todas as igrejas da Inglaterra, talvez da Europa. Gregory Longfellow, por quem Ralph faria aquilo, seria o mais clamoroso na condenação. Se algum dia vazasse a informação de que fora o culpado, Ralph seria enforcado.

Mas se tivesse êxito, ele se tornaria o conde de Shiring.

Quando calculou que passavam duas horas da meia-noite, ele acordou os outros.

Deixaram os cavalos amarrados, saíram da floresta, e seguiram para a cidade pela estrada. Alan carregava o equipamento, como sempre fazia quando lutavam na França. Levava uma escada, um rolo de corda e um croque, que usavam quando atacavam muralhas de cidades na Normandia. Tinha em seu cinturão uma talhadeira e um martelo. Podiam não precisar das ferramentas, mas haviam aprendido que era sempre melhor estar bem preparados.

Alan também levava vários sacos grandes, enrolados bem apertados, e amarrados com um cordão para formar uma trouxa.

Ao chegarem à vista da cidade, Ralph distribuiu sacos com fendas para os olhos e boca. Todos os puseram. Ralph também usava uma luva na mão esquerda, para esconder os cotos denunciadores dos três dedos que perdera em combate. Estava completamente irreconhecível... a menos, é claro, que fosse capturado.

Todos meteram os pés em sacos de feltro, amarrados nos joelhos, para abafar os sons dos passos.

Há centenas de anos Kingsbridge não era atacada por um exército. Por isso, a segurança era relaxada, ainda mais desde o advento da peste. Mesmo assim, a entrada sul da cidade fora fechada. No lado que dava para a cidade da grande ponte de Merthin havia uma casa da guarda de pedra, com espesso portão de madeira. Mas o rio defendia a cidade apenas pelos lados sul e leste. Ao norte e a oeste não havia ponte, e a cidade era protegida apenas por uma muralha, em lamentável estado de conservação. Era por isso que Ralph se aproximava da cidade pelo norte.

Residências humildes amontoavam-se fora das muralhas, como cães nos fundos de um açougue.

Alan efetuara o reconhecimento do percurso vários dias antes, quando os dois visitaram Kingsbridge para perguntar por Tilly. Agora, Ralph e os mercenários seguiam Alan, esgueirando-se entre as choupanas tão silenciosamente quanto possível. Até mesmo os pobres nos subúrbios poderiam dar o alarme se fossem acordados. Um cachorro latiu. Ralph ficou tenso, mas alguém gritou e o animal silenciou. Mais um momento e alcançaram um trecho em que a muralha desabara. Poderiam subir com facilidade pelas pedras caídas.

Desceram para uma viela estreita no outro lado, por trás de alguns armazéns. Vinha direto do portão norte da cidade. Ralph sabia que ali, junto do portão, havia um homem de sentinela, numa guarita. Os seis homens adiantaram-se silenciosamente. Embora estivessem agora dentro das muralhas, um homem de sentinela os interrogaria se os visse, e gritaria por socorro se não ficasse satisfeito com as respostas. Para alívio de Ralph, no entanto, o homem estava num sono profundo, sentado num banco, encostado no lado da guarita, um toco de vela pingando na prateleira ao seu lado.

Ainda assim, decidiu Ralph, era melhor não correr o risco de o homem acordar. Ele se adiantou na ponta dos pés, inclinou-se pela guarita e cortou a garganta do homem com uma faca comprida. O homem acordou e tentou gritar de dor, mas só sangue saiu por sua boca. Quando ele arriou, Ralph estendeu os braços e segurou-o por uns poucos momentos, o tempo necessário para que perdesse os sentidos. Depois, encostou o corpo na parede da guarita.

Limpou a lâmina ensanguentada na túnica do morto e tornou a guardar a faca na bainha.

O portão que barrava a passagem tinha uma porta menor, que dava para apenas um homem de cada vez. Ralph removeu a tranca dessa porta menor, deixando-a pronta para uma fuga rápida mais tarde.

Os seis foram caminhando sem fazer barulho pela rua que levava ao priorado.

Não havia lua - Ralph escolhera aquela noite justamente por esse motivo -, mas havia uma tênue iluminação da luz das estrelas. Ele observava, ansioso, as janelas do segundo andar nas casas dos dois lados. Se pessoas insones por acaso olhassem para fora, veriam a cena inegavelmente sinistra de seis homens mascarados. Por sorte, não fazia bastante calor para que as casas ficassem com as janelas abertas à noite. Mesmo assim, Ralph puxou o capuz ainda mais, e seguiu em frente tão depressa quanto era possível, na esperança de manter o rosto oculto e evitar que percebessem a máscara; e sinalizou para que os outros fizessem a mesma coisa.

Aquela era a cidade em que passara sua adolescência, e por isso as ruas eram familiares. Seu irmão Merthin ainda vivia ali, embora Ralph não soubesse onde exatamente.

Desceram pela rua principal, passaram pela Holly Bush, fechada e trancada para a noite horas antes. Aproximaram-se da catedral. A entrada tinha portões altos de madeira, reforçados com ferro, mas eles permaneciam sempre abertos. Há anos não eram fechados, as dobradiças enferrujadas e emperradas.

O priorado estava às escuras, exceto por uma claridade mínima nas janelas do hospital. Ralph calculava que aquela era a hora em que monges e freiras dormiam um sono mais profundo. Dentro de uma hora, mais ou menos, seriam acordados para o serviço da Matina, que começava e terminava antes do amanhecer.

Alan, que fizera também o reconhecimento do priorado, levou os homens para o lado norte da catedral. Passaram em silêncio pelo cemitério e pelo palácio do prior, para depois seguir pela estreita faixa de terra que separava a extremidade leste da catedral da margem do rio. Alan apoiou sua escada pequena numa parede sem janelas e sussurrou:

- O claustro das freiras. Sigam-me.

Ele subiu pela parede até o telhado. Seus pés quase não faziam barulho nas telhas de ardósia. Por sorte, não precisou usar o croque, o que poderia causar um estrépito alarmante.

Os outros subiram atrás, Ralph por último.

Lá dentro, pularam do telhado e caíram com um mínimo de barulho no gramado do claustro. Ali, Ralph olhou cauteloso para as colunas de pedra das galerias ao redor. As arcadas pareciam observá-lo, como vigias, mas não havia qualquer movimento. Ainda bem que monges e freiras não tinham permissão para ter cachorros de estimação.

Alan levou-os por um caminho nas sombras. Passou por uma pesada porta ao final.

- A cozinha - sussurrou ele. O lugar era um pouco iluminado pelas brasas numa lareira enorme. - Tomem cuidado e andem devagar, para não esbarrarem em panelas.

Ralph esperou um pouco, deixando que seus olhos se ajustassem. Não demorou muito para poder divisar os contornos de uma mesa grande, vários barris e uma pilha de utensílios de cozinha.

- Encontrem algum lugar para sentar ou deitar e tentem ficar confortáveis disse ele aos homens. - Ficaremos aqui até todas as freiras se levantarem e irem para a catedral.

Uma hora depois, espiando da cozinha, Ralph contou as freiras e noviças que deixavam o dormitório, arrastando os pés, atravessavam o claustro e seguiam para a catedral. Algumas carregavam lampiões, que projetavam sombras extravagantes no teto das arcadas.

- Vinte e cinco - sussurrou ele para Alan.

Como Ralph já esperava, Tilly não estava entre elas. As mulheres da nobreza em visita não precisavam comparecer aos serviços durante a madrugada.

Depois que todas desapareceram, ele se adiantou. Os outros ficaram para trás.

Só havia dois lugares em que Tilly poderia estar dormindo: o hospital e o dormitório das freiras. Ralph calculara que ela se sentiria mais segura no dormitório, e seguiu para lá primeiro.

Subiu em passos suaves pelos degraus de pedra, os pés ainda envoltos pelos sacos. Deu uma espiada no dormitório. Era iluminado por uma única vela. Torcia para que todas as freiras estivessem na catedral, pois não queria que outras pessoas atrapalhassem seus planos. Tinha medo de que uma ou duas pudessem ter ficado ali, por doença ou apenas por preguiça. Mas o dormitório estava vazio...

nem mesmo Tilly se encontrava ali. Ele já se retirou quando avistou uma porta na outra extremidade.

Atravessou todo o dormitório, pegou a vela e passou pela porta, sem fazer qualquer barulho. A chama mínima da vela iluminou a cabeça de sua jovem esposa num travesseiro, os cabelos desarrumados em torno do rosto. Parecia tão inocente e bela que Ralph experimentou uma pontada de remorso. Teve de lembrar a si mesmo o quanto a odiava por se interpor no caminho de seu sucesso.

O bebê, seu filho Gerry, estava num berço ao lado da mãe, os olhos fechados, a boca entreaberta, num sono sereno.

Ralph chegou mais perto. Com um movimento rápido, usou a mão direita para tapar a boca de Tilly; acordou-a, ao mesmo tempo em que a impedia de fazer qualquer ruído.

Tilly arregalou os olhos e fitou-o com pavor.

Ele largou a vela. Trazia no bolso uma variedade de coisas úteis, inclusive pedaços de pano e tiras de couro. Meteu um pedaço de pano na boca de Tilly, para mantê-la calada. Apesar da máscara e da luva, teve a impressão de que ela o reconheceria, embora não tivesse falado coisa alguma. Talvez

Tilly fosse capaz de sentir seu cheiro, como uma cachorra. Não tinha a menor importância. Ela não contaria a ninguém.

Ele amarrou suas mãos e os pés com as tiras de couro. Ela não se debatia agora, mas haveria de fazê-lo mais tarde. Ralph verificou se a mordaca estava segura. Depois, acomodou-se para esperar.

Podia ouvir o canto que vinha da catedral: um coro forte de vozes femininas, e umas poucas vozes masculinas tentando acompanhá-las. Tilly continuava a fitá-lo, com olhos enormes e suplicantes. Ele virou-a para não ter de olhar para seu rosto.

Tilly já adivinhara que ele a mataria. Lera seus pensamentos. Devia ser uma bruxa. Talvez todas as mulheres fossem bruxas. De qualquer forma, ela já percebera sua intenção antes, quase no instante mesmo em que ele tomara a decisão. Começara a vigiá-lo, especialmente à noite, os olhos amedrontados seguindo-o por toda parte, quando estavam juntos, não importava o que ele fizesse. Mantinha-se rígida e alerta ao seu lado à noite, enquanto ele dormia; e pela manhã, quando ele acordava, Tilly invariavelmente já estava de pé. Depois de uns poucos dias assim, ela desaparecera. Ralph e Alan haviam-na procurado sem sucesso, até ouvirem o rumor de que Tilly se refugiara no Priorado de Kingsbridge.

O que por acaso se ajustava a seus planos com perfeição.

O bebê fungou no sono, e ocorreu a Ralph que ele poderia chorar. E se as freiras voltassem nesse momento? Ralph pensou a respeito. Uma ou duas provavelmente viriam até o quarto para perguntar se Tilly precisava de ajuda. Ralph decidiu que as mataria. Não seria a primeira vez. Já matara freiras na França.

Finalmente ele ouviu as freiras voltando ao dormitório.

Alan estaria observando da cozinha, contando-as ao retornarem. Quando todas estivessem no dormitório, Alan e os outros quatro homens desembainhariam as espadas e entrariam em ação.

Ralph pôs Tilly de pé. Ela exibia o rosto molhado de lágrimas. Ele virou-a de costas. Passou o braço por sua cintura e levantou-a para seu quadril. Ela era leve como uma criança.

Ralph sacou sua adaga comprida. Ouviu um homem dizer no dormitório:

- Silêncio ou morrerão!

Era Alan, ele sabia, embora a máscara distorcesse a voz.

Aquele era um momento crucial. Havia outras pessoas no priorado - freiras e pacientes no hospital, os monges em seus aposentos -, e Ralph

não queria que aparecessem para complicar a situação.

Apesar da advertência de Alan, houve vários gritos abafados de choque e gritos estridentes de medo... mas, pensou Ralph, não muito altos. Até agora, tudo bem.

Ele abriu a porta e saiu para o dormitório, carregando Tilly no quadril.

Podia ver a cena à luz dos lampiões das freiras. Na outra extremidade do dormitório, Alan segurava uma mulher, a faca em sua garganta, na mesma pose de Ralph com Tilly. Mais dois homens se postavam por trás de Alan. Os outros dois mercenários estariam montando guarda ao pé da escada.

- Prestem atenção, todas vocês!

Quando Ralph falou, Tilly estremeceu convulsivamente. Reconheceu sua voz. Mas isso não importava, desde que ninguém mais reconhecesse. Houve um silêncio apavorado.

- Qual de vocês é a tesoureira? - perguntou Ralph. Ninguém respondeu.

Ralph encostou a beira da lâmina na pele da garganta de Tilly. Ela começou a se debater, mas era pequena demais, e ele podia dominá-la sem qualquer dificuldade. Agora, pensou Ralph, agora é o momento de matá-la; mas ele hesitou. Já matara muitas pessoas, inclusive mulheres, além de homens, mas subitamente parecia terrível enfiar uma faca no corpo quente de uma mulher que ele abraçara e beijara, uma mulher com quem dormira e que gerara seu filho.

Além disso, ele decidiu, o efeito sobre as freiras seria mais chocante se uma delas morresse.

E Ralph acenou com a cabeça para Alan.

Com um movimento firme, Alan cortou a garganta da freira que estava segurando. O sangue esguichou do pescoço para o chão.

Alguém gritou.

Não foi apenas um grito abafado ou estridente, mas um berro fortíssimo, de puro terror, capaz de despertar os mortos. O grito prolongou-se até que um dos mercenários acertou um poderoso golpe na cabeça da mulher com seu porrete. Ela caiu no chão, inconsciente, o sangue escorrendo pelo rosto. Ralph perguntou de novo:

- Qual de vocês é a tesoureira?

Merthin acordou por um breve instante quando o sino tocou para a Matina e Caris saiu da cama. Como sempre, ele virou para o outro lado e caiu num cochilo leve. Assim, quando ela voltou, parecia que estivera ausente

apenas por um ou dois minutos. Caris estava gelada ao deitar, e ele puxou-a e envolveu-a em seus braços.

Muitas vezes ficavam acordados por algum tempo, conversando, e em geral faziam amor antes de tornarem a dormir. Era o momento predileto de Merthin.

Caris comprimiu-se contra ele, os seios esmagados em conforto no seu peito. Merthin beijou-a na testa. Assim que ela esquentou, ele estendeu a mão para tocar nos cabelos macios entre suas pernas.

Mas ela estava com vontade de conversar.

- Ouviu o rumor que circulou pela cidade, de que havia bandidos na floresta, ao norte de Kingsbridge?

- Parece um pouco improvável.

- Não sei, não... As muralhas estão decrépitas naquele lado.

- Mas o que eles querem roubar? Podem pegar qualquer coisa que quiserem. Se precisam de carne, há milhares de ovelhas e vacas vagueando pelos campos, sem ninguém para reivindicar a posse.

- É isso que torna a situação muito estranha.

- Roubar hoje em dia é se inclinar por cima da cerca para respirar o ar do vizinho.

Caris suspirou.

- Há três meses eu pensava que essa peste terrível já havia terminado.

- Quantas pessoas mais já perdemos?

- Enterramos mil pessoas desde a Páscoa. Parecia mais ou menos certo para Merthin.

- Ouvi dizer que outras cidades estão em condições similares.

Ele sentiu os cabelos de Caris roçarem em seu ombro quando ela acenou com a cabeça no escuro.

- Creio que cerca de um quarto da população da Inglaterra já morreu.

- E mais da metade dos padres.

- Isto acontece porque eles fazem contato com muitas pessoas cada vez que celebram uma missa. É muito difícil escapar.

- E por isso metade das igrejas está fechada.

- O que é uma boa coisa, se perguntar minha opinião. Tenho certeza de que as multidões espalham a peste mais depressa do que qualquer outra coisa.

- Seja como for, a maioria das pessoas perdeu o respeito pela religião. Para Caris, isso não era uma grande tragédia.

- Talvez elas parem de acreditar na medicina de superstições, e comecem a pensar sobre que tratamentos fazem uma diferença.

- Você diz isso, mas é difícil para as pessoas comuns saberem o que é uma cura genuína e o que é um falso remédio.

- Eu lhe darei quatro regras.

Merthin sorriu no escuro. Ela sempre tinha uma lista.

- Está bem.

- Uma: Se há dezenas de remédios diferentes para uma doença, você pode ter certeza de que nenhum deles funciona.

- Por quê?

- Porque se um deles funcionasse, as pessoas esqueceriam o resto.

- Lógico.

- Duas: Só porque um remédio é desagradável não significa que é bom. Miosos crus de cotovia não servem de nada para uma garganta dolorida, embora façam você vomitar; por outro lado, uma boa xícara de água quente e mel serve para aliviar a garganta.

- É bom saber disto.

- Três: Esterco humano e de animal nunca fizeram bem a ninguém. Ao contrário, em geral fazem com que as pessoas piores.

- Fico aliviado em saber disso.

- Quatro: Se o remédio parece com a doença... por exemplo, as penas cheias de pintas de um tordo para a varíola, ou a urina de ovelha para icterícia... provavelmente não passa de uma besteira imaginativa.

- Você deveria escrever um livro sobre isso. Caris soltou um grunhido desdenhoso.

- As universidades preferem os textos gregos antigos.

- Não seria um livro para estudantes da universidade. Em vez disso, seria para mulheres como você... freiras e parteiras, para os barbeiros, as curandeiras.

- As curandeiras e parteiras não sabem ler.

- Algumas sabem, e outras têm pessoas que podem ler para elas.

- Suponho que as pessoas podem gostar de um livro pequeno que diga o que fazer em relação à peste.

Caris ficou pensativa por um momento. No silêncio, soou um grito.

- O que foi isso? - indagou Merthin.

- Parecia um musaranho apanhado por uma coruja.

- Não, não foi.

E Merthin levantou-se.

Uma das freiras adiantou-se para falar com Ralph. Era jovem - quase todas eram jovens -, de cabelos pretos e olhos azuis.

- Por favor, não faça mal a Tilly - suplicou ela. - Sou a irmã Joan, a tesoureira. Nós lhe daremos qualquer coisa que quiser. Mas, por favor, não cometa mais nenhuma violência.

- Sou Tam Hiding - disse Ralph. - Onde estão as chaves do tesouro das freiras?

- Estão aqui em meu cinto.

- Leve-me até lá.

Joan hesitou. Talvez sentisse que Ralph não sabia onde ficava o tesouro. Em sua expedição de reconhecimento, Alan examinara o convento com o maior cuidado, antes de ser descoberto. Determinara o caminho para entrar, identificara a cozinha como um bom esconderijo, e localizara o dormitório das freiras. Mas não conseguira descobrir o tesouro. Era evidente que Joan não queria revelar sua localização.

Ralph não tinha tempo a perder. Não sabia quem poderia ter ouvido o grito. Comprimiu a ponta da faca contra a garganta de Tilly, até tirar sangue.

- Quero ir até o tesouro.

- Está bem. Só peço que não machuque Tilly. Mostrarei o caminho.

- Era o que eu esperava.

Ralph deixou dois mercenários no dormitório, para manter as freiras quietas. Junto com Alan e levando Tilly, desceu a escada para o claustro, atrás de Joan.

Lá embaixo, os outros dois mercenários detinham mais três freiras, sob a ameaça de facas. Ralph calculou que eram freiras de serviço no hospital, que tinham vindo examinar o grito. Ficou satisfeito: outra ameaça fora neutralizada. Mas onde estavam os monges?

Ele mandou as três freiras para o dormitório. Deixou um mercenário ao pé da escada, e levou o outro em sua companhia.

Joan seguiu na frente, através do refeitório, que ficava no térreo, diretamente por baixo do dormitório. Seu lampião tremeluzente iluminou mesas de cavaletes, bancos, uma plataforma e uma parede pintada com a cena de Jesus num banquete de casamento.

Na outra extremidade do refeitório, Joan afastou uma mesa para revelar um alçapão no chão. Tinha uma fechadura, como uma porta vertical

comum. Ela virou a chave ali e levantou o alçapão. Dava para uma estreita escada de pedra em espiral. Ela desceu pela escada. Ralph deixou o mercenário de guarda e desceu atrás, carregando Tilly, meio sem jeito. Alan seguiu-o.

Ralph chegou ao pé da escada e olhou ao redor, com uma expressão satisfeita. Ali era o santuário dos santuários, o tesouro secreto das freiras. Era uma apertada sala subterrânea, como uma masmorra, mas melhor construída: as paredes eram de pedra de cantaria, lisas e quadradas, como as da catedral, o chão pavimentado com lajes de pedra bem ajustadas. O ar era frio e seco. Ralph largou Tilly no chão, toda amarrada, como uma galinha.

A maior parte da sala era ocupada por uma enorme caixa com tampa, parecendo um caixão de gigante, acorrentada a uma argola cravada na parede. Não havia muito mais ali: dois bancos, uma escrivaninha e uma prateleira com rolos de pergaminho, presumivelmente as contas do convento. Num gancho na parede havia dois casacos grossos de lã. Ralph calculou que eram para a tesoureira e sua assistente quando trabalhavam lá embaixo nos meses mais frios do inverno.

A caixa era muito grande para ter descido pela escada. Devia ter sido trazida em pedaços e montada no local. Ralph apontou para o fecho, e Joan abriu-o com outra das chaves em seu cinto.

Ralph deu uma olhada. Havia mais dezenas de rolos de pergaminho, obviamente todos os cartulários e títulos que provavam a propriedade e os direitos do convento sobre seu patrimônio; uma pilha de bolsas de couro e lã que continham com certeza ornamentos cravejados de pedras preciosas; e outra caixa, menor, em que devia haver dinheiro.

A esta altura, ele tinha de ser sutil. Seu objetivo era se apoderar dos cartulários, mas não queria que isso se tornasse evidente. Tinha de roubá-los, mas sem dar a impressão de que essa era sua intenção exclusiva.

Ele ordenou que Joan abrisse a caixa menor. Continha umas poucas moedas de ouro. Ralph ficou perplexo ao descobrir como havia pouco dinheiro. Talvez houvesse mais escondido em algum lugar daquela sala, possivelmente por trás de pedras nas paredes. Mas ele não se deteve a ponderar a respeito: só estava fingindo que se interessava por dinheiro. Despejou as moedas na bolsa em seu cinto. Enquanto isso, Alan abria um saco enorme e começava a meter ali os ornamentos da catedral.

Depois de deixar que Joan visse isso, Ralph mandou-a subir.

Tilly continuou lá embaixo, observando tudo, com olhos arregalados e aterrorizados. Mas não importava o que ela visse, pois nunca teria a oportunidade de contar a ninguém.

Ralph abriu os sacos e começou a jogar neles os rolos de pergaminho, tão depressa quanto podia.

Depois que encheram os sacos, Ralph disse a Alan para quebrar as caixas de madeira com a talhadeira e o martelo. Tirou os casacos de lã dos ganchos, fez uma trouxa e aproximou a chama da vela. A lã pegou fogo no mesmo instante. Ele empilhou os pedaços de madeira por cima dos casacos de lã em chamas. Não demorou muito para que a fogueira se tornasse intensa. A fumaça ardia na garganta de Ralph.

Ele olhou para Tilly, estendida no chão, desamparada. Sacou a faca. E, mais uma vez, hesitou.

Uma porta pequena levava direto do palácio do prior para a casa do capítulo, que por sua vez tinha também uma ligação direta com o transepto norte da catedral. Merthin e Caris seguiram por esse caminho, à procura da origem do grito. A casa do capítulo estava vazia, e eles passaram para a catedral. A única vela acesa não dava para iluminar o vasto interior, mas eles pararam na interseção, escutando com o máximo de atenção.

Ouviram o estalido de uma fechadura.

- Quem está aí? - indagou Merthin, envergonhado do medo que fazia sua voz tremer.

- Irmão Thomas.

A voz vinha do transepto sul. Um momento depois, Thomas apareceu. Um tênue círculo de luz projetado pela chama da vela.

- Tive a impressão de ouvir alguém gritar - disse ele.

- Também pensamos ter ouvido um grito. Mas não há ninguém aqui na catedral.

- Vamos verificar em outros lugares.

- Onde estão os noviços e os meninos?

- Mandeí que eles voltassem a dormir.

Eles atravessaram o transepto sul e entraram no claustro dos monges. Mais uma vez, não viram ninguém e não ouviram nada. De lá, seguiram por uma passagem através das despensas até o hospital. Os pacientes estavam deitados, como era normal, alguns dormindo, outros se agitando na cama e gemendo de dor... mas, Merthin percebeu depois de um momento, não havia freiras ali.

- Isso é estranho - murmurou Caris.

O grito poderia ter partido dali, mas não havia sinal de emergência, ou de qualquer outro tipo de perturbação.

Foram para a cozinha, que se encontrava deserta, como era de se esperar. Thomas fungou fundo, como se sentisse algum cheiro.

- O que foi? - perguntou Merthin, descobrindo-se a sussurrar.

- Os monges são limpos - murmurou Thomas em resposta. - Alguém sujo passou por aqui.

Merthin não foi capaz de sentir qualquer cheiro fora do normal.

Thomas pegou um cutelo, do tipo que os açougueiros costumam usar para cortar carne e osso.

Foram até a porta da cozinha. Thomas levantou o coto do braço esquerdo num gesto de advertência. Eles pararam. Havia uma claridade mínima no claustro das freiras. Parecia vir de um recesso na extremidade próxima. Era o brilho refletido de uma vela distante, adivinhou Merthin. Podia vir do refeitório das freiras, ou da escada de pedra que levava ao dormitório, se não mesmo dos dois lugares.

Thomas tirou as sandálias e adiantou-se, os pés descalços não fazendo qualquer barulho nas lajes de pedra. Ele desapareceu nas sombras do claustro. Merthin mal pôde divisá-lo quando ele se aproximou do recesso.

Um cheiro fraco mas penetrante alcançou o nariz de Merthin. Não era o cheiro de corpos sujos que Thomas captara na cozinha, mas sim algo diferente e novo. Um momento depois, Merthin identificou-o como fumaça.

Thomas devia ter percebido também, pois ficou imóvel de repente, encostado na parede.

Alguém invisível soltou um grunhido de surpresa. No instante seguinte, uma figura saiu do recesso para a galeria do claustro, claramente delineado, a luz fraca mostrando um homem, com alguma espécie de capuz que cobria a cabeça e o rosto. O homem virou-se para a porta do refeitório.

Thomas golpeou.

O cutelo faiscou por um instante no escuro, depois houve um baque assustador quando afundou no corpo do homem. Ele soltou um grito de terror e dor. Enquanto caía, Thomas golpeou de novo. O grito transformou-se num gorgolejo horrível, que parou de repente. Ele bateu nas pedras da pavimentação com um barulho sem vida.

Ao lado de Merthin, Caris soltou um grito abafado de horror.

Merthin correu para a frente.

- O que está acontecendo?

Thomas virou-se para ele, fazendo sinais com o cutelo para que recuasse.

- Quietos! - sussurrou ele.

A luz mudou numa fração de segundo. Subitamente, o claustro foi iluminado pelo brilho intenso de uma chama.

Alguém veio correndo do refeitório, em passos pesados. Era um homem grande, carregando um saco em uma das mãos e uma tocha acesa na outra. Parecia um fantasma, até que Merthin compreendeu que usava um capuz tosco, com buracos para os olhos e a boca.

Thomas postou-se na frente do homem correndo, e ergueu o cutelo. Mas assumiu a posição num momento tarde demais. Antes que pudesse golpear, o homem esbarrou nele, jogando-o para longe.

Thomas bateu numa coluna. Houve um estrondo, que parecia ser da cabeça se chocando com uma pedra. Ele arriou no chão, sem sentidos. O homem correndo perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos.

Caris passou apressada por Merthin e foi se ajoelhar ao lado de Thomas.

Vários outros homens apareceram, todos encapuzados, alguns segurando tochas. Merthin teve a impressão de que alguns vinham do refeitório, enquanto outros desciam da escada para o dormitório das freiras. Ao mesmo tempo, ele ouviu o som de mulheres gritando e gemendo. Por um instante, a cena era de caos.

Merthin correu para o lado de Caris e tentou protegê-la, com seu corpo, da debandada.

Os intrusos viram seu companheiro caído e pararam de repente, chocados. A luz das tochas, podiam ver que ele estava indubitavelmente morto, o pescoço cortado quase por completo, o sangue se derramando abundante pelo chão de pedra do claustro. Olharam ao redor, as cabeças se deslocando de um lado para outro, espiando através dos buracos nos capuzes, como peixes num rio.

Um deles avistou o cutelo de Thomas, vermelho de sangue, caído ao lado de Thomas e Caris. Apontou-o para os outros. Com um grunhido de raiva, desembainhou a espada.

Merthin ficou apavorado por Caris. Adiantou-se, atraindo a atenção do atacante. O homem avançou para Merthin e ergueu a espada. Merthin

recuou, afastando-o de Caris. A medida que o perigo para ela diminuía, ele se sentiu mais assustado por si mesmo. Foi andando para trás, trêmulo de medo, e escorregou no sangue do morto. Perdeu por completo o equilíbrio e caiu de costas no chão.

O atacante parou à sua frente, a espada erguida para matá-lo.

Foi nesse instante que um dos outros interferiu. Era o mais alto dos intrusos, e movimentou-se com uma surpreendente rapidez. Com a mão esquerda, agarrou o braço levantado do atacante de Merthin. Devia ter alguma autoridade, pois não precisou falar: limitou-se a sacudir a cabeça de um lado para outro, em negativa, para que o atacante baixasse a espada, obediente.

Merthin notou que seu salvador usava uma luva na mão esquerda, mas não na direita.

A interação durou apenas o tempo suficiente para que um homem contasse até dez, e terminou tão abruptamente quanto começara. Um dos homens encapuzados virou-se para a cozinha e desatou a correr, logo seguido pelos outros. Deviam ter planejado a fuga por aquele caminho. Merthin compreendeu o motivo: a cozinha tinha uma porta que dava para o pátio gramado da catedral, a saída mais rápida. Todos desapareceram; e sem o clarão de suas tochas, o claustro voltou a ficar na escuridão total.

Merthin permaneceu imóvel, sem saber o que deveria fazer. Era melhor correr atrás dos intrusos, subir até o dormitório para saber por que as freiras estavam gritando, ou procurar o incêndio? Ele ajoelhou-se ao lado de Caris e perguntou:

- Thomas está vivo?

- Acho que ele bateu com a cabeça e ficou inconsciente, mas continua a respirar e não há sangue.

Por trás dele, Merthin ouviu a voz familiar de irmã Joan:

- Socorro! Ajude-me, por favor!

Ele virou-se. Joan estava parada na porta do refeitório, o rosto grotescamente iluminado pela chama do lampião de vela em sua mão, a cabeça envolta por fumaça, como se fosse um elegante chapéu.

- Pelo amor de Deus, venha depressa!

Merthin levantou-se. Joan desapareceu de volta no refeitório, e Merthin correu atrás dela.

O lampião projetava sombras confusas, mas ele conseguiu evitar qualquer esbarro nos móveis, enquanto a seguia até a extremidade do refeitório. A

fumaça saía de um buraco no chão. Merthin constatou no mesmo instante que o buraco era obra de um construtor meticuloso: era perfeitamente quadrado, com as beiras bem acabadas, e uma impecável porta de alçapão. Adivinhou que era o tesouro secreto das freiras, construído em sigilo por Jeremiah. Mas os ladrões haviam-no descoberto naquela noite.

Ele respirou a fumaça e tossiu. Especulou sobre o que estaria ardendo lá embaixo e por quê, mas não tinha a menor intenção de descobrir... parecia perigoso demais. Foi nesse momento que Joan gritou para ele:

- Tilly está lá dentro!

- Santo Deus!

Desesperado, Merthin desceu a escada. Teve de prender a respiração. Espiou através da fumaça. Apesar do medo que sentia, o olho de construtor notou que a escada de pedra em espiral era bem-feita, cada degrau exatamente do mesmo tamanho e formato, cada um no mesmo ângulo para o seguinte; por isso, ele pôde descer com confiança, mesmo sem ver onde pisava.

Alcançou num instante a câmara subterrânea. Podia ver as chamas perto do meio. O calor era intenso, e ele compreendeu que não poderia ficar ali por mais que uns poucos instantes. A fumaça era densa. Ainda prendia a respiração, mas agora seus olhos começaram a ficar marejados de lágrimas, a visão se tornando mais e mais turva. Ele enxugou os olhos com a manga, e esquadrinhou a escuridão. Onde estava Tilly? Não dava para ver o chão.

Ele ficou de joelhos. A visibilidade melhorou um pouco: a fumaça era menos densa perto do chão. Merthin engatinhou ao redor, tateando com as mãos onde não podia ver.

- Tilly! - gritou ele. - Onde você está?

A fumaça ardeu em sua garganta, e ele sofreu um acesso de tosse que teria abafado qualquer resposta.

Não podia aguentar por mais tempo. Tossia convulsivamente, mas cada respiração parecia sufocá-lo com mais fumaça. Os olhos aguavam demais, a tal ponto que estava quase cego. Em desespero, ele se aproximou tanto do fogo que as chamas começaram a chamuscar sua manga. Se tivesse um colapso e perdesse os sentidos, morreria com certeza.

E foi então que sua mão tocou em carne.

Ele segurou-a. Era uma perna humana, uma perna pequena, uma perna de garota. Puxou-a em sua direção. As roupas estavam fumegando. Mal podia

ver o rosto, e não tinha como saber se ela estava consciente.

Mas as mãos e os pés haviam sido amarrados com tiras de couro, e por isso ela não podia sair dali por si mesma. Com um esforço para deixar de tossir, Merthin enfiou os braços por baixo do corpo e levantou-o.

Assim que ficou de pé, a fumaça se tornou mais densa e ofuscante. Subitamente, Merthin não pôde mais se lembrar da direção em que ficava a escada. Cambaleou para longe das chamas e esbarrou na parede, quase largando Tilly Para a direita ou esquerda? Ele foi para a esquerda e chegou a um canto da parede. Mudou de idéia e voltou.

Tinha a sensação de que se afogava. Quase sem forças, caiu de joelhos. Isso o salvou. Mais uma vez, descobriu que podia ver melhor perto do chão. Um degrau de pedra surgiu, bem à sua frente, como uma visão do paraíso.

Desesperado, com o corpo inerte de Tilly em seus braços, ele se adiantou de joelhos até a escada. Com um último esforço, levantou-se de novo. Pôs um pé no degrau mais baixo e subiu; depois, conseguiu escalar o degrau seguinte. Com uma tosse incontrollável, forçou-se a continuar a subir, até que não havia mais degraus. Cambaleou, caiu de joelhos, largou Tilly, e arriou na porta do refeitório.

Alguém debruçou-se sobre ele. Merthin balbuciou:

- Feche o alçapão... pare o fogo!

Um momento depois, ele ouviu uma batida forte, quando a pesada porta de madeira foi fechada.

Ele foi agarrado pelos braços. Abriu os olhos por um momento, e se deparou com o rosto de Caris, virado para baixo; sua visão se tornou turva. Ela arrastou-o pelo chão. A fumaça se tornou menos densa, e ele passou a aspirar grandes quantidades de ar para os pulmões. Sentiu a transição de um lugar fechado para o ar livre. Saboreou o gosto do ar noturno limpo. Caris largou-o. Merthin ouviu seus passos voltando ao refeitório, correndo.

Ofegou, tossiu, ofegou, tossiu de novo. Lentamente, a respiração foi se normalizando. Seus olhos pararam de aguar, e ele viu que o dia amanhecia. A tênue claridade mostrava um bando de freiras de pé ao seu redor.

Ele sentou. Caris e outra freira arrastaram Tilly para fora do refeitório. Puseram-na ao lado de Merthin. Caris inclinou-se sobre ela. Merthin tentou falar, mas tossiu. Tentou de novo, e conseguiu perguntar:

- Como ela está?

- Ela foi apunhalada no coração. - Caris começou a chorar. - Já estava morta antes de você alcançá-la.

Merthin abriu os olhos para o dia claro. Dormira até tarde; o ângulo dos raios do sol passando pela janela indicava que era a metade da manhã. Ele recordou os acontecimentos da noite anterior, como um pesadelo; e, por um momento, acalentou a esperança de que pudesse ter sido isso mesmo. Mas o peito doía quando respirava, e a pele do rosto estava dolorosamente chamuscada.

O horror do assassinato de Tilly aflorou à sua mente. E da irmã Nellie também... duas jovens inocentes. Como Deus podia permitir que coisas assim acontecessem?

Ele compreendeu o que o despertara quando seus olhos fixaram-se em Caris, pondo uma bandeja na mesinha perto da cama. Ela estava de costas para ele, mas Merthin percebeu, pela posição dos ombros e a inclinação da cabeça, que Caris sentia-se furiosa. O que não era surpreendente. Ela lamentava por Tilly, enfurecida porque a santidade e a segurança do convento haviam sido violadas.

Merthin levantou-se. Ela puxou dois bancos para a mesinha, e ambos sentaram. Ele estudou afetosamente o rosto de Caris. Havia linhas de tensão em torno dos olhos. Merthin especulou se ela havia dormido. Uma mancha cinza destacava-se em sua face esquerda, e ele lambeu o polegar para limpá-la, com extrema gentileza.

Ela trouxera pão fresco e manteiga, junto com um jarro de sidra. Merthin descobriu que estava com muita fome e sede, e começou a comer. Caris, reprimindo sua fúria, não comeu nada. Com a boca cheia de pão, Merthin perguntou:

- Como Thomas se sente esta manhã?
- Está deitado no hospital. A cabeça ainda dói, mas ele fala de uma maneira coerente e pode responder a perguntas. Portanto, é provável que não haja lesões permanentes no cérebro.
- Ainda bem. Terá de haver um inquérito sobre as mortes de Tilly e Nellie.
- Já mandei uma mensagem para o xerife de Shiring.
- Provavelmente vão atribuir a culpa a Tam Hiding.
- Tam Hiding morreu.

Merthin acenou com a cabeça. Sentira-se mais animado com a comida, mas agora tornava a cair em depressão. Sabia o que estava para vir. Ele

engoliu em seco e empurrou o prato para o lado. Caris continuou:

- Quem quer que esteve aqui ontem à noite queria esconder sua identidade, e por isso disse uma mentira... sem saber que Tam morreu em meu hospital há três meses.

- Quem você acha que pode ter sido?

- Alguém que conhecemos... por isso eles usaram as máscaras.

- É possível.

- Os salteadores não usam máscaras.

Era verdade. Como viviam de qualquer maneira à margem da lei, não se importavam com quem soubesse sobre eles e os crimes que haviam cometido. Os intrusos da noite passada eram diferentes. As máscaras sugeriam que eram cidadãos respeitáveis que tinham medo de ser reconhecidos. Caris continuou, com uma lógica implacável:

- Mataram Nellie para obrigar Joan a abrir o tesouro... mas não precisavam matar Tilly: já estavam dentro do tesouro a essa altura. Queriam Tilly morta por outro motivo. E não se contentaram em deixá-la ali, para ser sufocada pela fumaça e arder até a morte. Também fizeram questão de apunhalá-la no coração. Por alguma razão, queriam ter certeza de sua morte.

- O que isso lhe diz?

Caris não deu uma resposta direta.

- Tilly achava que Ralph queria matá-la.

- Sei disso.

- Um dos homens encapuzados estava prestes a matar você.

Caris sentiu que a voz ficava presa na garganta, e teve de parar de falar. Tomou um gole da sidra de Merthin, para recuperar o controle, antes de conseguir continuar:

- Mas o líder deteve-o. Por que ele faria isso? Já haviam assassinado uma freira e uma nobre... por que o escrúpulo para matar um simples construtor?

- Você acha que foi Ralph.

- Você não?

- Também acho que foi ele. - Merthin deixou escapar um suspiro profundo.

- Reparou na luva?

- Para esconder a falta dos três dedos.

- Não posso ter certeza, e não seríamos capazes de provar qualquer coisa, mas tenho uma terrível convicção a respeito.

Caris levantou-se.

- Vamos verificar os danos.

Foram para o claustro das freiras. As noviças e as órfãs estavam limpando o tesouro, subindo pela escada de pedra em espiral com sacos de madeira queimada e cinzas. Entregavam tudo o que não fora completamente destruído à irmã Joan, e levavam o resto para fora.

Numa mesa no refeitório, Merthin viu os ornamentos da catedral: castiçais de ouro e prata, crucifixos e vasos, tudo bem lavrado e cravejado de pedras preciosas. Ele ficou surpreso.

- Não levaram esses ornamentos?

- Levaram... mas parecem ter mudado de idéia e largaram-nos numa vala fora da cidade. Foram encontrados esta manhã por um camponês que vinha vender seus ovos na cidade. Por sorte, ele era honesto.

Merthin pegou uma aquamanile de ouro, um jarro usado para lavar as mãos, no formato de um galo, as penas do pescoço esculpidas com perfeição.

- É difícil vender uma coisa assim. Só umas poucas pessoas teriam dinheiro para comprar, e a maioria adivinharia que era roubada.

- Os ladrões poderiam derreter e vender o ouro.

- Obviamente, decidiram que daria muito trabalho.

- Talvez.

Caris não estava convencida. Nem Merthin: sua própria explicação não se ajustava. Era evidente que o assalto fora planejado com todo cuidado. Então por que os ladrões não haviam decidido antes o que fazer com os ornamentos? Ou levá-los, ou deixá-los no convento?

Caris e Merthin desceram a escada para a câmara subterrânea. Merthin sentiu um frio de medo no estômago ao recordar a terrível provação da noite anterior. Mais noviças limpavam as paredes e o chão com esfregões e baldes.

Caris mandou as noviças subirem e descansarem um pouco. Quando ficou a sós com Merthin, ela pegou um pedaço de madeira numa prateleira e usou para levantar uma das lajes no chão.

Merthin não notara antes que a pedra não estava tão justa quanto as outras, pois havia um espaço estreito ao redor. Ele viu agora que havia um buraco grande por baixo, contendo uma arca de madeira. Caris inclinou-se para o buraco e tirou a arca. Abriu-a com uma chave que levava no cinto. Estava cheia de moedas de ouro. Merthin ficou surpreso.

- Eles não encontraram isso!
- Há mais três cofres escondidos. Outro no chão e dois nas paredes. Eles não abriram nenhum.
- Não devem ter procurado direito. A maioria dos tesouros tem esconderijos. Todo mundo sabe disso.
- Especialmente os ladrões.
- Portanto, talvez o dinheiro não fosse a maior prioridade.
- Exatamente.

Caris trancou a arca e guardou-a de volta no cofre.

- Se eles não queriam os ornamentos, e não estavam tão interessados em dinheiro a ponto de procurar os esconderijos com mais empenho, por que vieram até aqui?

- Para matar Tilly. O assalto foi um disfarce. Merthin pensou por um momento.

- Não precisavam para isso de uma história de cobertura elaborada. Se tudo o que queriam mesmo era matar Tilly, poderiam liquidá-la no dormitório, e fugir antes de as freiras voltarem da Matina. Se fossem cuidadosos... por exemplo, sufocando-a com um travesseiro de penas... nem sequer teríamos certeza de seu assassinato. Teria parecido que ela morreu no sono.

- Então não há explicação para o ataque. Acabaram sem quase nada... apenas com umas poucas moedas de ouro.

Merthin correu os olhos pela câmara subterrânea.

- Onde estão os cartulários?
- Devem ter queimado. Não tem importância. Tenho cópias de tudo.
- Pergaminhos não queimam muito bem.
- Nunca tentei queimar nenhum.
- Um pergaminho arde um pouco, encolhe, fica distorcido, mas nunca se queima por completo.
- Talvez os cartulários tenham sido retirados dos detritos.
- Vamos verificar.

Eles subiram a escada em espiral. No claustro, Caris perguntou a Joan:

- Encontrou algum pergaminho entre as cinzas? Joan sacudiu a cabeça.
- Absolutamente nenhum.
- Podem ter escapado à sua atenção?
- Creio que não... a menos que estivessem reduzidos a cinzas.
- Merthin diz que os pergaminhos nunca queimam completamente.
- Caris virou-se para ele.
- Quem poderia querer nossos cartulários? Não têm

qualquer utilidade para outras pessoas.

Merthin seguiu a meada de sua própria lógica, só para verificar até onde poderia levar.

- Vamos supor que haja um documento em seu poder... ou que você poderia ter... ou que outras pessoas pensam que está em suas mãos... e queriam se apossar.

- O que poderia ser? Merthin franziu o rosto.

- Os documentos são feitos para serem públicos. Só faz sentido escrever alguma coisa para que as pessoas possam ver no futuro. Um documento secreto é uma coisa estranha...

E foi nesse momento que ele se lembrou de uma coisa. Afastou Caris de Joan. Foram andando pelo claustro até um ponto em que ninguém poderia ouvi-los, antes de ele murmurar:

- Conhecemos um documento secreto.

- A carta que Thomas enterrou na floresta.

- Isso mesmo.

- Mas por que alguém haveria de imaginar que estaria no tesouro do convento?

- Pense um pouco. Aconteceu alguma coisa ultimamente que poderia despertar suspeitas?

Uma expressão de consternação estampou-se no rosto de Caris.

- Oh, meu Deus! - exclamou ela.

- Houve alguma coisa.

- Já lhe contei que Lynn Grange nos foi doada pela rainha Isabella por aceitarmos Thomas, há muitos anos.

- E você falou a respeito com alguém?

- Falei... com o bailiff de Lynn. E Thomas ficou furioso por eu ter feito isso. Disse que haveria terríveis consequências

- Portanto, alguém tem medo de que a carta secreta de Thomas esteja em seu poder.

- Ralph?

- Não creio que Ralph tenha conhecimento da carta. Fui o único que viu Thomas enterrá-la. Tenho certeza de que ele nunca contou nada a ninguém. Ralph deve estar agindo por conta de outra pessoa.

Caris parecia assustada.

- A rainha Isabella?

- Ou o próprio rei.

- É possível que o rei tenha ordenado que Ralph invadisse um convento?
- Não pessoalmente. Ele teria usado um intermediário, alguém leal, ambicioso, e absolutamente sem escrúpulos. Encontrei muitos homens assim em Florença, quando frequentava o palácio do doge. São a ralé do mundo.
- Eu gostaria de saber quem foi.
- Acho que posso adivinhar - murmurou Merthin.

Gregory Longfellow encontrou-se com Ralph e Alan dois dias depois, em Wigleigh, no pequeno solar de madeira. Wigleigh era um lugar mais discreto do que Tench. Havia pessoas demais em Tench Hall acompanhando todos os movimentos de Ralph: os criados, inúmeros servidores, os pais.

Ali em Wigleigh os camponeses tinham muito trabalho extenuante para fazer, e ninguém questionaria Ralph sobre o conteúdo do saco que Alan carregava.

- Imagino que tudo correu conforme o planejado - comentou Gregory.
- A notícia sobre a invasão do convento espalhara-se num instante por todo o condado.
- Não tivemos nenhuma dificuldade - respondeu Ralph.
- Ele ficou um pouco decepcionado com a reação contida de Gregory. Depois de todos os problemas que enfrentara para se apossar dos cartulários, era de se esperar que Gregory demonstrasse alguma exultação.
- O xerife já anunciou que fará um inquérito, como não podia deixar de ser - disse Gregory, ainda sóbrio.
 - Atribuirão a culpa a salteadores.
 - Vocês não foram reconhecidos?
 - Usávamos capuzes.

Gregory fitou Ralph com uma expressão estranha.

- Eu não sabia que sua esposa estava no convento.
- Uma coincidência útil - murmurou Ralph. - Permitiu-me matar dois coelhos com uma só cajadada.

A expressão estranha tornou-se ainda mais intensa. O que o advogado estava pensando? Fingiria estar chocado por Ralph ter assassinado a própria esposa? Se assim fosse, Ralph estava pronto para ressaltar que Gregory era cúmplice de tudo o que acontecera no convento... ele fora o

instigador. Não tinha o direito de julgar. Ralph esperou que Gregory se manifestasse. Mas depois de algum tempo, o advogado limitou-se a dizer:

- Vamos examinar esses cartulários.

Mandaram a serva, Vira, sair para um longo serviço. Ralph pôs Alan de vigia na porta, para despachar qualquer visitante inesperado. Depois, Gregory derramou na mesa os cartulários que estavam no saco. Sentou da maneira mais confortável e começou a examiná-los. Alguns pergaminhos estavam enrolados e presos com cordoes; outros, alisados e amontoados, um por cima do outro, uns poucos costurados em brochuras. Ele pegou um, leu algumas linhas, à luz forte do sol que entrava pelas janelas abertas, depois jogou o cartulário de volta no saco, e pegou outro.

Ralph não tinha a menor idéia do que Gregory procurava. Ele só dissera que o documento poderia criar embaraços para o rei. E Ralph não imaginava que tipo de documento Caris poderia ter em seu poder e que fosse capaz de produzir esse efeito. Ele logo se cansou de observar Gregory ler, mas não queria se retirar. Entregara o que Gregory queria, e continuaria sentado ali até que o advogado confirmasse a outra metade do acordo.

Gregory continuou a examinar os documentos, com a maior paciência. Um deles atraiu sua atenção, e ele leu até o fim, mas depois jogou-o também no saco, junto com os outros.

Ralph e Alan haviam passado a maior parte da última semana em Bristol. Não era provável que alguém lhes pedisse explicações sobre seus movimentos, mas mesmo assim eles haviam tomado todas as precauções. Beberam em tavernas todas as noites, exceto na noite em que foram a Kingsbridge.

Seus companheiros se lembrariam da cerveja de graça, mas era provável que não se recordassem de que numa noite daquela semana Ralph e Alan haviam se ausentado... ou se lembrassem, com certeza não saberiam se fora na quarta-feira depois da Páscoa, ou na quinta-feira antes de Pentecostes.

Finalmente a mesa ficou vazia e o saco, cheio de novo. Ralph perguntou:

- Não encontrou o que procurava? Gregory não respondeu.

- Você trouxe tudo?

- Tudo o que estava lá.

- Ótimo.

- Quer dizer que não encontrou?

Gregory escolheu suas palavras com todo cuidado, como sempre fazia:

- O item específico não está aqui. Mas encontrei um documento que pode explicar por que... esta questão foi levantada em meses recentes.

- Portanto, está satisfeito - insistiu Ralph.

- Estou.

- E o rei não precisa mais ficar preocupado. Gregory mostrou-se impaciente.

- Não deve se interessar pelas preocupações do rei. Deixe que eu cuido disso.

- Neste caso, posso esperar minha recompensa imediatamente.

- Pode, sim. Será o conde de Shiring até a próxima colheita.

Ralph sentiu um ímpeto de satisfação. O conde de Shiring... finalmente. Conquistara o prêmio pelo qual sempre ansiara, e o pai ainda estava vivo para ouvir a notícia.

- Obrigado.

- Se eu fosse você, iria cortejar lady Philippa.

- Cortejá-la? - indagou Ralph, surpreso. Gregory deu de ombros.

- Ela não tem opção neste caso, é claro. Mas ainda assim as formalidades devem ser observadas. Diga a ela que o rei lhe concedeu permissão para pedi-la em casamento. Diga também que espera que ela venha a amá-lo tanto quanto a ama.

- Ahn... Está bem.

- E leve um presente - aconselhou Gregory.

Na manhã do enterro de Tilly, Caris e Merthin encontraram-se no telhado da catedral ao amanhecer. Era um mundo à parte. Calcular a área das telhas de ardósia era um permanente exercício de geometria na classe de matemática avançada da escola do priorado. Os trabalhadores precisavam de constante acesso para reparos e manutenção, e por isso havia uma rede de caminhos e escadas ligando as encostas e cristas, cantos e depressões, calhas e gárgulas.

A torre da interseção ainda não fora reconstruída, mas a vista do alto da fachada oeste era impressionante.

O priorado já estava bastante movimentado. Seria um funeral importante. Tilly não fora ninguém em vida, mas agora era a vítima de um assassinato notório, uma mulher da nobreza morta num convento. Seria lamentada por pessoas que nunca haviam lhe dirigido sequer três palavras. Caris preferia desencorajar o comparecimento das pessoas, por causa do risco de disseminar ainda mais a peste, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

O bispo já estava em Kingsbridge, hospedado no melhor quarto do palácio do prior... e era por isso que Caris e Merthin haviam passado a noite separados, ela no dormitório das freiras e ele com Lolla, na Holly Bush. O viúvo enlutado, Ralph, fora para um aposento particular no segundo andar do hospital. Seu filho, Gerry, continuava sob os cuidados das freiras. Lady Philippa e a filha, Odila, os únicos outros parentes sobreviventes da jovem morta, também estavam hospedadas no hospital.

Nem Caris nem Merthin haviam falado com Ralph quando ele chegara, no dia anterior. Não havia nada que pudessem fazer, nenhum meio de obter justiça pela morte de Tilly, pois nada podiam provar: mas mesmo assim eles sabiam a verdade. Até agora, não haviam contado a ninguém sobre o que acreditavam: não havia sentido. Durante o funeral hoje, teriam de fingir um comportamento normal com Ralph. O que seria bastante difícil. Enquanto as personalidades importantes dormiam, as freiras e os empregados do priorado trabalhavam no preparo do almoço para o funeral. A fumaça se elevava da padaria, onde dezenas de pães de trigo compridos, pesando um quilo, já eram assados no forno. Dois homens rolavam um enorme barril de vinho para o palácio do prior. Várias noviças arrumavam bancos e uma mesa de cavaletes no pátio gramado.

Enquanto o sol surgia além do rio, projetando uma claridade dourada enviesada sobre os telhados de Kingsbridge, Caris estudou as marcas deixadas na cidade por nove meses de peste. Lá de cima, podia ver as falhas nas fileiras de casas, como dentes arrancados. Os prédios de madeira estavam sempre desmoronando, por causa de incêndios, danos causados por chuvas, construções incompetentes, ou apenas a passagem do tempo. O que era diferente agora era o fato de que ninguém se dava o trabalho de reconstruí-los. Se sua casa desabava, bastava se mudar para uma das casas vazias na mesma rua. A única pessoa que decidira construir alguma coisa era Merthin, que era considerado como um otimista desvairado, com dinheiro demais.

No outro lado do rio, os coveiros já haviam começado a trabalhar em outro cemitério recém-consagrado. A peste não dava nenhum sinal de que poderia diminuir. Onde acabaria? As casas continuariam a desmoronar, uma de cada vez, até que não restasse mais nenhuma, e a cidade fosse um monte de escombros, com telhas quebradas e madeiras calcinadas por toda parte, com uma catedral deserta no meio de um cemitério de uma centena de acres?

- Não vou permitir que isso aconteça - declarou ela.

Merthin a princípio não entendeu.

- Está se referindo ao funeral? - indagou ele, o rosto franzido. Caris fez um gesto amplo, para abranger a cidade e o mundo além.

- Tudo. Bêbados mutilando uns aos outros. Pais abandonando as crianças doentes na porta de meu hospital. Homens entrando em fila para fornicar com uma mulher bêbada em cima de uma mesa na frente da White Horse. Animais morrendo nos pastos por falta de cuidados. Penitentes seminus se açoitando e depois cobrando pennies de espectadores. E, acima de tudo, uma jovem mãe assassinada aqui, em meu convento. Não me importo se todos vamos morrer da peste. Enquanto ainda estivermos vivos, não vou deixar que o mundo desmorone.

- O que vai fazer?

Ela sorriu, agradecida a Merthin. A maioria das pessoas lhe diria que ela era impotente para lutar contra a situação, mas ele estava sempre disposto a acreditar nela. Ela olhou para os anjos de pedra esculpidos num pináculo, os rostos indefinidos por duzentos anos de vento e chuva; e pensou no espírito que impulsionara os construtores da catedral.

- Vamos restabelecer a ordem e a rotina aqui. Vamos obrigar a população de Kingsbridge a voltar ao normal, quer goste ou não. Vamos reconstruir esta cidade e sua vida, apesar da peste.

- Está certo.

- Este é o momento de agir.

- Porque todos estão furiosos com a morte de Tilly?

- E porque se sentem apavorados ao pensamento de que homens armados podem entrar na cidade à noite e assassinar quem quiserem. Achem que ninguém mais está seguro.

- O que pretende fazer?

- Direi a todos que isto nunca mais deve acontecer.

- Isto nunca mais deve acontecer! - gritou Caris.

Sua voz ressoou pelo cemitério e ecoou nas velhas paredes cinzentas da catedral.

Uma mulher nunca podia falar como parte de um serviço na igreja, mas a cerimônia à beira do túmulo era uma área neutra, um momento solene que ocorria fora da igreja, uma ocasião em que leigos - como pessoas da família do falecido - às vezes faziam discursos ou diziam orações em voz alta.

Mesmo assim, Caris se expunha ao fazer isso. O bispo Henri oficiava a cerimônia, ajudado pelo arquidiácono Lloyd e o cônego Claude. Lloyd era membro da diocese há muitos anos, enquanto Claude fora colega de Henri na França. Em companhia clerical tão eminente, era uma audácia para uma freira fazer um discurso não previsto.

Só que essas considerações, é claro, nunca eram importantes para Caris.

Ela falou no momento em que o pequeno caixão era baixado para a sepultura. Várias pessoas da congregação começaram a chorar. Havia pelo menos quinhentas pessoas ali, mas todas se calaram ao som de sua voz.

- Homens armados entraram em nossa cidade à noite e mataram uma jovem no convento... e não vou mais admitir que isso aconteça!

Houve um rumor de concordância da multidão. Caris elevou a voz mais ainda:

- O priorado não vai admitir... o bispo não vai admitir... e os homens e mulheres de Kingsbridge nunca mais vão admitir que isso aconteça!

O apoio se tornou mais clamoroso, as pessoas começando a berrar:

-Nunca mais!

E ainda vários não e améns.

- Amém.

- As pessoas dizem que Deus mandou a peste. Eu digo que quando Deus nos manda a chuva, procuramos abrigo. Quando Deus nos manda o inverno, acendemos o fogo. Quando Deus nos manda as ervas daninhas, nós as arrancamos pelas raízes. Devemos nos defender!

Ela olhou para o bispo Henri, que parecia confuso. Ele não recebera qualquer aviso prévio sobre aquele sermão; e se fosse solicitado a conceder permissão, teria recusado. Mas podia perceber que Caris tinha o povo do seu lado, e não teve coragem para interferir.

- O que podemos fazer?

Caris olhou ao redor. Todos estavam voltados na sua direção, em expectativa. As pessoas não tinham idéia do que fazer, e queriam que ela oferecesse uma solução. Aplaudiriam qualquer coisa que ela lhes dissesse, se ao menos proporcionasse um pouco de esperança.

- Devemos reconstruir a muralha da cidade! - gritou ela. Todos rugiram em aprovação.

- Uma muralha nova, mais alta, mais forte, e mais comprida do que a antiga que desmoronou! - Ela olhou para Ralph. - Uma muralha que mantenha os assassinos fora da cidade!

A multidão bradou:

- Faremos isso! Ralph desviou os olhos.

- E devemos eleger um novo constable, o homem que vai comandar o policiamento da cidade, com uma força de ajudantes e sentinelas, para manter a lei e a ordem, para impor o bom comportamento!

- Apoiado!

- Haverá uma reunião da guilda da paróquia esta noite para determinar os detalhes práticos. As decisões da guilda serão anunciadas na catedral no próximo domingo. Obrigada e que Deus abençoe todos vocês!

No banquete do funeral, no grande salão de jantar do palácio do prior, o bispo Henri sentou à cabeceira da mesa. A sua direita ficou lady Philippa, a condessa viúva de Shiring. Do outro lado dela sentou o principal enlutado, o viúvo de Tilly, Sir Ralph Fitzgerald.

Ralph exultou por ficar junto de Philippa. Podia admirar seus seios enquanto ela se concentrava na comida. Cada vez que Philippa inclinava-se para a frente, ele podia dar uma espiada pelo decote quadrado do vestido leve de verão.

Ela ainda não sabia, mas não estava longe o dia em que Ralph lhe ordenaria que tirasse as roupas e ficasse nua na sua frente. Poderia então contemplar aqueles seios magníficos em sua totalidade.

O jantar providenciado por Caris foi abundante, mas não extravagante, ele notou. Não havia cisnes dourados ou torres de açúcar, mas havia bastante carne assada, peixe cozido, pão fresco e frutas da primavera. Ele serviu Philippa da sopa de carne de galinha moída e leite de amêndoa. Ela lhe disse:

- Esta é uma terrível tragédia. Você pode contar com a minha mais profunda compaixão.

As pessoas se mostravam tão compadecidas que às vezes, por uns poucos momentos, Ralph pensava em si mesmo como a vítima desesperada de uma terrível perda, e esquecia que fora ele quem cravara a faca no jovem coração de Tilly.

- Obrigado - respondeu ele, solene. - Tilly era muito jovem. Mas nós, soldados, estamos acostumados à morte súbita. Um dia um homem salva sua vida, e você jura eterna amizade e lealdade; e no dia seguinte ele é abatido por uma flecha do inimigo que atinge seu coração, e você logo o esquece.

Philippa lançou-lhe um olhar estranho, que o fez se lembrar da maneira como Sir Gregory fitara-o, com uma mistura de curiosidade e repulsa; e não pôde deixar de especular sobre o que havia em sua atitude em relação à morte de Tilly que pudesse provocar aquela reação.

- Você tem um filho - disse Philippa.

- Gerry. As freiras estão cuidando dele hoje, mas vou levá-lo para Trench Hall amanhã. Arrumei uma ama de leite. - Ralph achou que era a oportunidade para fazer uma insinuação. - Mas é claro que ele precisa dos cuidados de uma nova mãe.

- Tem razão.

Ele lembrou a perda recente de Philippa.

- Mas você sabe o que é perder o cônjuge.

- Fui afortunada em ter meu amado William durante vinte e um anos.

- Deve estar se sentindo solitária agora.

Aquele podia não ser o momento apropriado para o pedido de casamento, mas Ralph pensou em levar a conversa para esse assunto.

- É verdade. Perdi meus três homens... William e nossos dois filhos. O castelo parece bastante vazio.

- Mas talvez não por muito tempo.

Philippa fitou-o aturdida, como se não pudesse acreditar em seus próprios ouvidos. Ralph compreendeu que dissera uma coisa ofensiva. Philippa virou-se para falar com o bispo Henri, em seu outro lado. À direita de Ralph sentava a filha de Philippa, Odila.

- Gostaria de provar um pouco desse pastelão? - perguntou ele. - É de pavão e lebre.

A jovem acenou com a cabeça e Ralph cortou uma fatia.

- Que idade você tem?

- Este ano completarei quinze anos.

Ela era alta e já tinha o corpo da mãe, busto e quadris largos de mulher feita.

- Parece mais velha - comentou ele, olhando para os seios.

Sua intenção era fazer um elogio - os jovens em geral queriam parecer mais velhos -, mas Odila corou e desviou os olhos.

Ralph baixou os olhos para seu prato de madeira e espetou um pedaço de carne de porco cozida com gengibre. Pôs-se a comer de mau humor. Não era muito bom no que Gregory chamava de cortejar.

Caris sentava à esquerda do bispo Henri, com Merthin, como regedor, de seu outro lado. Ao lado de Merthin estava Sir Gregory Longfellow, que viera para o funeral do conde William três meses antes e ainda não deixara a região. Caris tinha de fazer um esforço para reprimir sua repulsa por sentar à mesma mesa que o assassino Ralph e o homem, quase com certeza, que o instigara. Mas tinha um trabalho a fazer naquele jantar. Elaborara um plano para a recuperação da cidade. A reconstrução da muralha era apenas a primeira parte. Para a segunda parte, precisava contar com o bispo Henri do seu lado.

Serviu-lhe uma taça do melhor vinho tinto gascão. O bispo tomou um gole longo, limpou a boca e comentou:

- Você fez um bom sermão.

- Obrigada. - Ela percebeu a censura irônica que havia por trás do elogio. A vida nesta cidade estava degenerando para a desordem e devassidão. Se queremos endireitar, precisamos inspirar as pessoas. Tenho certeza de que concorda.

- É um pouco tarde demais para perguntar se eu concordo com você. Mas eu concordo.

Henri era um pragmático que não se empenhava em batalhas perdidas. Caris contava com isso. Serviu-se de garça assada com pimentão e cravo, mas não começou a comer: ainda tinha muito a dizer.

- Há mais em meu plano do que apenas as muralhas e a nova guarda.

- Era o que eu pensava.

- Creio que deve ter, como cardeal de Kingsbridge, a catedral mais alta da Inglaterra.

Ele elevou as sobrancelhas.

- Eu não esperava por isso.

- Há duzentos anos, este era um dos priorados mais importantes da Inglaterra. Deve voltar a ser. Uma nova torre da catedral simbolizaria o renascimento... e sua eminência entre os bispos.

O bispo deu um sorriso irônico, mas sentia-se satisfeito. Sabia que estava sendo lisonjeado, e gostava.

- A torre também serviria à cidade - acrescentou Caris. - Seria visível à distância, e ajudaria os peregrinos e mercadores a encontrarem o caminho até aqui.

- Como pagaria por isso?

- O priorado é rico.

Henri ficou surpreso de novo.

- O prior Godwyn sempre se queixava de problemas de dinheiro.

- Ele não era um bom administrador.

- Parecia-me bastante competente.

- Dava essa impressão para muitas pessoas, mas sempre tomava as decisões erradas. Logo no início, ele se recusou a consertar o moinho de fulling, que lhe daria um bom rendimento; mas gastou dinheiro neste palácio, que nada rendeu.

- E como as coisas mudaram?

- Dispensei a maioria dos bailiffs, e pus em seu lugar homens mais jovens, dispostos a promover mudanças. Converti metade da terra em pasto, que é mais fácil de administrar nestes tempos de escassez de trabalhadores. E também nos beneficiamos da taxa de herança e dos legados de pessoas que morreram sem herdeiros por causa da peste. O mosteiro é agora tão rico quanto o convento.

- Todos os arrendatários são livres?

- A maioria. Em vez de trabalharem um dia por semana na terra do senhor, guardarem suas ovelhas nos redes do senhor, e vários outros serviços

complicados, eles simplesmente pagam o que devem em dinheiro. Todos preferem assim, o que torna a nossa vida mais simples.

- Muitos proprietários de terras, os abades em particular, condenam esse tipo de ocupação. Dizem que estraga os camponeses.

Caris deu de ombros.

- O que perdemos com isso? O poder de impor variações mesquinhas, favorecer alguns servos e perseguir outros, manter a todos subservientes. Monges e freiras não devem tyrannizar os camponeses. Eles sabem que colheitas semear e o que podem vender nos mercados. Trabalham melhor quando tomam as decisões.

O bispo ainda parecia desconfiado.

- Acha então que o priorado tem condições de pagar por uma nova torre? Henri esperava que ela lhe pedisse dinheiro, adivinhou Caris.

- Acho, sim... com alguma ajuda dos mercadores da cidade. E é nesse ponto que você pode nos ajudar.

- Pensei que devia haver alguma coisa.

- Não estou pedindo dinheiro. Desejo sua ajuda numa coisa que vale mais do que dinheiro.

- Estou intrigado.

- Quero solicitar ao rei uma carta de burgo.

Ao dizer as palavras, Caris sentiu que suas mãos começavam a tremer. Voltou à batalha que travara com Godwyn dez anos antes, que terminara quando ela fora acusada de bruxaria. Quase morrera na luta pela carta de burgo. As circunstâncias agora eram completamente diferentes, mas nem por isso a carta de burgo era menos importante. Ela largou os talheres e cruzou as mãos no colo, para mantê-las sob controle.

- Entendo... - murmurou Henri, neutro. Caris engoliu em seco e continuou:

- É essencial para a recuperação da vida comercial da cidade. Kingsbridge foi mantida em atraso por muitos anos pelo poder de mão-morta do priorado. Os priores são cautelosos e conservadores, e instintivamente dizem não a qualquer mudança ou inovação.

Os mercadores vivem pela mudança... estão sempre à procura de novos meios de ganhar dinheiro, ou pelo menos os melhores. Se quisermos que os homens de Kingsbridge ajudem a pagar nossa nova torre, devemos lhes conceder a liberdade de que precisam para prosperar.

- Ou seja, uma carta de burgo.

- A cidade teria seu próprio tribunal, faria seus próprios regulamentos, e seria dirigida por uma guilda apropriada, em vez da guilda da paróquia que temos agora, que não conta com um poder de fato.

- Mas o rei concordaria?

- Os reis gostam de burgos, que pagam muitos impostos. No passado,, o prior de Kingsbridge sempre se opôs a uma carta de burgo.

- Acha que os priores são conservadores demais.

- Tímidos. O bispo soltou uma risada.

- A timidez é uma coisa de que você nunca será acusada. Caris insistiu em sua argumentação:

- Acho que uma carta de burgo é essencial se queremos construir a nova torre.

- Eu entendo.

- Quer dizer que concorda?

- Com a torre, ou com a carta de burgo?

- As duas coisas estão juntas.

Henri parecia estar achando engraçado.

- Está me propondo um acordo, madre Caris?

- Se estiver disposto.

- Está bem. Construa a torre, e eu a ajudarei a obter a carta de burgo.

- Não. Deve ser o inverso. Precisamos da carta de burgo primeiro.

- Para isso, devo confiar em você.

- É tão difícil assim?

- Para ser franco, não.

- Ótimo. Então estamos de acordo.

- Estamos.

Caris inclinou-se para a frente e olhou além de Merthin.

- Sir Gregory?

- Pois não, madre Caris? Ela forçou-se a ser polida.

- Já experimentou este coelho com molho de açúcar? Eu recomendo.

Gregory aceitou a travessa e serviu-se.

- Obrigado.

- Deve recordar-se de que Kingsbridge não é um burgo.

- Claro que sim.

Gregory usara esse fato, há mais de dez anos, para prevalecer sobre Caris no tribunal, na disputa sobre o moinho de fulling.

- O bispo acha que é tempo de pedirmos uma carta de burgo ao rei. Gregory acenou com a cabeça.

- Creio que o rei pode ser favorável a esse pedido... ainda mais se for apresentado da maneira correta.

Na esperança de que a aversão que sentia não transparecesse em seu rosto, Caris sugeriu:

- Talvez queira fazer a gentileza de nos aconselhar.

- Podemos conversar sobre os detalhes mais tarde?

Gregory exigiria um suborno, com toda certeza, embora preferisse dizer que seriam honorários de advogado.

- Claro - respondeu ela, controlando um estremecimento.

Os criados começaram a tirar a comida. Caris baixou os olhos para seu prato de madeira. Não havia comido nada.

- Nossas famílias são aparentadas - disse Ralph a lady Philippa. Uma pausa e ele se apressou em acrescentar: - Não intimamente, é claro. Mas meu pai descende do conde de Shiring, que era o filho de lady Aliena e Jack Builder.

Ele olhou através da mesa para o irmão Merthin, o regedor de Kingsbridge.

- Creio que herdei o sangue dos condes, e meu irmão, o sangue dos construtores.

Ele fitou Philippa para verificar sua reação. Ela não parecia impressionada.

- Fui criado no círculo de seu falecido sogro, o conde Roland.

- Lembro de você como pajem.

- Servi sob o comando do conde no exército do rei na França. E na batalha de Crécy salvei a vida do príncipe de Gales.

- Uma atitude magnífica - comentou ela, polida.

Ralph tentava fazer com que Philippa o considerasse um igual, a fim de que parecesse mais natural quando anunciasse que ela deveria se tornar sua esposa. Mas parecia não estar surtindo qualquer efeito. Philippa apenas se mostrava entediada e um pouco perplexa com o rumo da conversa.

As sobremesas foram servidas: morangos açucarados, bolachas com mel, tâmaras com passas e vinho temperado. Ralph esvaziou um copo e serviu-se de mais vinho, na esperança de que isso o ajudasse a relaxar no contato com Philippa. Não sabia por que sentia tanta dificuldade para conversar

com ela. Porque aquele era o funeral de sua esposa? Porque Philippa era uma condessa? Ou porque fora perdidamente apaixonado por ela durante anos, e ainda não pudesse acreditar que agora ela se tornaria sua esposa?

- Quando sair daqui, voltará para Earlscastle? - perguntou Ralph.

- Isto mesmo. Partimos amanhã.

- Permanecerá ali por muito tempo?

- Para onde mais eu poderia ir? - Ela franziu o rosto. - Por que pergunta?

- Irei visitá-la, se me permitir.

A reação de Philippa foi de frieza.

- Com que finalidade?

- Quero tratar de um assunto que não seria apropriado discutir aqui e agora.

- Como assim?

- Irei visitá-la nos próximos dias.

Ela estava nervosa agora. Elevou a voz ao perguntar:

- O que pode ter para me dizer?

- Como eu disse antes, não seria apropriado falar a respeito hoje.

- Porque é o funeral de sua esposa?

Ele acenou com a cabeça, em confirmação. Philippa empalideceu.

- Oh, meu Deus! Não pode estar sugerindo...

- Já disse que não quero tratar do assunto agora.

- Mas eu preciso saber! - gritou ela. - Está planejando me pedir em casamento? Ralph hesitou, deu de ombros, e acenou com a cabeça.

- Mas por que essa pretensão? Afinal, precisaria da permissão do rei!

Ele fitou-a e alteou as sobrancelhas por um breve instante. Philippa levantou-se abruptamente.

- Não!

Todos à mesa se viraram para ela, que fitou Gregory.

- Isso é verdade? O rei quer me casar com ele?

Ela sacudiu o polegar para Ralph, num gesto desdenhoso. Ele sentiu-se apunhalado. Não esperava que Philippa demonstrasse tanta repulsa. Ele seria mesmo tão repelente? Gregory lançou um olhar de censura para Ralph.

- Este não era o momento para tratar do assunto.

- Então é verdade! - exclamou Philippa. - Que Deus me ajude!

Ralph olhou para Odila. Ela o fitava com total horror. O que ele fizera para merecer tamanha aversão?

- Não posso suportar - acrescentou Philippa.

- Por quê? - indagou Ralph. - O que há de errado? Que direito você tem de me desprezar e à minha família?

Ele correu os olhos pela companhia: seu irmão, seu aliado Gregory, o bispo, a priora, os nobres menores e os cidadãos eminentes. Todos mantinham-se em silêncio, chocados e aturdidos com a explosão de Philippa.

Ela ignorou-o. Dirigiu-se a Gregory:

- Não farei isso! Está me entendendo? Não farei isso!

Philippa estava pálida de raiva, as lágrimas escorrendo pelas faces. Ralph pensou no quanto ela era linda, até mesmo quando o rejeitava e humilhava de uma maneira tão angustiante.

- A decisão não é sua, lady Philippa, muito menos minha - disse Gregory, friamente. - O rei fará o que achar melhor.

- Você pode me obrigar a usar um vestido de noiva e a marchar pela nave até o altar. - Philippa apontou para o bispo Henri. - Mas quando o bispo perguntar se aceito Ralph Fitzgerald como meu marido, não direi sim! Nunca, mas nunca mesmo!

Ela saiu furiosa da sala, acompanhada por Odila.

Quando o banquete acabou, os moradores da cidade voltaram para suas casas, enquanto os hóspedes importantes iam para seus aposentos, a fim de dormirem um pouco. Caris supervisionou a limpeza. Sentia pena de Philippa, um pesar profundo, ainda mais por saber - ao contrário de Philippa - que Ralph matara a primeira esposa.

Mas estava mais preocupada com o destino de toda uma cidade, não apenas de uma única pessoa. Sua mente se concentrava nos planos para Kingsbridge. As coisas haviam corrido melhor do que ela imaginara. Os habitantes da cidade haviam-na aplaudido, e o bispo concordara com tudo o que ela propusera. Talvez a civilização voltasse a Kingsbridge, apesar da peste.

Além da porta dos fundos, havia uma pilha de ossos com fragmentos de carne e de cascas de pão. Ela avistou ali o gato de Godwyn, Arcebispo, banquetando-se na carcaça de um pato. Tratou de afugentá-lo. O gato afastou-se por uns poucos metros, parou em seguida, a cauda de ponta branca erguida numa pose arrogante.

Absorvida em seus pensamentos, Caris subiu a escada do palácio, pensando na maneira como começaria a pôr em prática as mudanças acertadas com Henri. Sem qualquer pausa, abriu a porta do quarto que partilhava com Merthin e entrou.

Por um momento, ficou desorientada. Havia dois homens no meio do quarto, e ela pensou: Devo estar na casa errada. E depois: Devo ter entrado no quarto errado. Só depois se lembrou que seu quarto, sendo o melhor do palácio, fora naturalmente cedido ao bispo Henri.

Os dois homens eram Henri e seu assistente, o cônego Claude. Caris levou um momento para compreender que os dois estavam nus, enlaçados, beijando-se.

- Oh! - balbuciou ela, chocada.

Eles não haviam ouvido a porta ser aberta. Até que ela falou, não sabiam que eram observados. Quando ouviram a exclamação de surpresa, ambos se viraram. Uma expressão de culpa e horror estampou-se no rosto de Henri.

- Desculpem! - murmurou Caris.

Os dois se separaram, de um pulo, como se esperassem que isso pudesse negar o que estava acontecendo; e depois se lembraram que estavam nus. Henri era o mais gordo, barrigudo, braços e pernas roliços, cabelos grisalhos no peito. Claude era mais jovem e mais esguio, com poucos pelos no corpo, exceto por um triângulo castanho na virilha. Caris nunca antes vira dois pênis eretos ao mesmo tempo.

- Perdão! - exclamou ela, mortificada pelo embaraço. - Engano meu. Eu esqueci.

Ela compreendeu que balbuciava e que os dois homens estavam atordoados. Não importava: nada que qualquer um dissesse poderia melhorar a situação. Caris recuperou o controle, recuou, saiu do quarto, e bateu a porta.

Merthin deixou o salão do banquete em companhia de Madge Webber. Gostava daquela mulher pequena e roliça, com seu queixo projetando-se para a frente e o traseiro, para trás. Admirava a maneira como ela se comportava depois que o marido e os filhos haviam morrido da peste. Mantivera o negócio, fazendo tecido e tingindo-o de acordo com a receita de Caris. Ela comentou agora:

- Caris está certa, como sempre. Não podemos continuar desse jeito.

- Você continuou normalmente, apesar de tudo.

- Meu único problema é encontrar as pessoas para fazer o trabalho.
- Todos estão na mesma situação. Também não consigo arrumar trabalhadores.
- A lã crua é barata, mas os ricos ainda pagam altos preços pelo tecido escarlate - comentou Madge. - Eu poderia vender mais se produzisse mais. Merthin pensou um pouco.
- Vi um tipo de tear mais rápido em Florença... um tear de pedal.
- É mesmo? Ela fitou-o com uma curiosidade alerta. - Nunca ouvi falar. Ele pensou na melhor maneira de explicar.
- Em qualquer tear, você estica vários fios sobre a armação, para formar o que se chama de urdidura, e depois se passa outro fio na transversal através da urdidura, por baixo de um fio e por cima de outro, por baixo e por cima, de um lado a outro e de volta, para formar a trama.
- É assim mesmo que os teares mais simples funcionam. Os nossos são melhores.
- Sei disso. Para tornar o processo mais rápido, vocês prendem cada segundo fio na urdidura a uma barra móvel, chamada liço. Ao se levantar o liço, esses fios são afastados do resto. Assim, em vez de passar por cima e por baixo, por cima e por baixo, você pode passar o fio da trama direto, através do espaço, num movimento fácil. Depois, você baixa o liço para o retorno da urdidura.
- Isso mesmo. E já que está falando a respeito, posso informar que o fio da urdidura se chama canilha.
- Cada vez que você passa a canilha através da urdidura, da esquerda para a direita, tem de baixá-la, usar as duas mãos para deslocar o liço, pegar a canilha e levá-la da direita para a esquerda.
- Exatamente.
- Num tear de pedal, você move o liço com os pés. Assim, nunca tem de largar a canilha.
- É mesmo? Incrível!
- Não acha que faria uma grande diferença?
- Uma enorme diferença! Seria possível tecer duas vezes mais depressa!
- Foi o que eu pensei. Quer que eu faça um tear de pedal para você experimentar?
- Quero, sim, por favor!
- Não me lembro direito como era. Acho que o pedal operava um sistema de roldanas e alavancas... - Merthin franziu o rosto, pensando. - Seja como

for, tenho certeza de que posso descobrir.

Ao final da tarde, quando passava pela biblioteca, Caris deparou-se com o cômico Claude saindo, com um pequeno livro na mão. Ele fitou-a e parou. Os dois pensaram no mesmo instante na cena com que Caris se deparara uma hora antes. A princípio, Claude mostrou-se embaraçado, mas logo um sorriso elevou os cantos de sua boca. Ele ergueu a mão para o rosto, na tentativa de ocultá-lo, obviamente pensando que era um erro achar engraçado. Caris lembrou-se de como os dois homens nus haviam ficado surpresos, e também sentiu um riso impróprio aflorar. Num súbito impulso, ela disse o que estava pensando:

- Vocês dois pareciam tão engraçados!

Claude riu, contra a vontade. Caris também não pôde mais se controlar. A situação se tornou ainda pior, até que os dois caíram nos braços um do outro, as lágrimas escorrendo pelas faces, às gargalhadas.

Ao anoitecer, Caris levou Merthin para o canto sudoeste do terreno do priorado, onde havia uma horta, à beira do rio. O ar era agradável, e a terra úmida exalava uma fragrância de vegetação em crescimento. Caris podia ver cebolas e rabanetes aflorando no solo.

- Então seu irmão será o conde de Shiring - murmurou ela.

- Não se lady Philippa puder interferir.

- Uma condessa tem de fazer o que o rei determina, não é mesmo?

- Todas as mulheres devem ser subservientes aos homens, em teoria - comentou Merthin, com um sorriso. - Mas algumas desafiam as convenções.

- Não entendi o que você está querendo dizer com isso. Ele mudou de assunto abruptamente.

- Que mundo! Um homem assassina a esposa, e depois o rei o eleva ao posto mais alto da nobreza.

- Sabemos que essas coisas acontecem. Mas é chocante quando ocorrem em nossa própria família. Pobre Tilly.

Merthin esfregou os olhos, como se quisesse apagar visões.

- Por que me trouxe até aqui?

- Para falar sobre o elemento final em meu plano: o novo hospital.

- Eu já me perguntava...

- Pode construí-lo aqui? Merthin olhou ao redor.

- Não vejo por que não. É um terreno inclinado, mas todo o priorado foi construído numa encosta. Além do mais, não estamos falando sobre outra

catedral. Um ou dois andares?

- Um só. Mas quero que o prédio seja dividido em cômodos de tamanho médio, cada um contendo apenas quatro ou seis camas. Dessa maneira as doenças não vão se espalhar tão depressa de um paciente para todos os outros no hospital. Deve ter sua própria farmácia, uma sala grande e bem iluminada, para o preparo de medicamentos, com uma horta de ervas do lado de fora. E uma latrina espaçosa e arejada, com água encanada, bastante fácil de manter limpa. O mais importante, porém, é que deve ficar a pelo menos cem metros do resto do priorado. Temos de separar os doentes dos sadios. Esta é a característica fundamental.

- Farei alguns desenhos pela manhã.

Caris olhou ao redor. Beijou-o ao constatar que não eram observados.

- Compreende que isso será a culminação do trabalho de minha vida?

- Você tem trinta e dois anos... não é um pouco cedo para falar sobre a culminação do trabalho de sua vida?

- Ainda não aconteceu.

- Não deverá levar muito tempo. Começarei a executar o projeto quando estiver fazendo as escavações para as fundações da nova torre. E assim que o hospital for concluído, posso mandar os pedreiros trabalhar na catedral. Eles começaram a voltar. Caris podia perceber que o maior entusiasmo de Merthin era pela torre.

- Que altura terá?

- Cento e vinte e quatro metros.

- Qual é a altura de Salisbury?

- Cento e vinte e três metros.

- Então será o prédio mais alto da Inglaterra.

- Pelo menos até que alguém construa outro ainda mais alto.

O que significava que Merthin também realizaria sua ambição, pensou ela. Caris passou o braço pelo dele, enquanto se encaminhavam para o palácio do prior. Sentia-se feliz. O que era estranho, não é mesmo? Milhares de pessoas de Kingsbridge haviam morrido da peste e Tilly fora assassinada, mas Caris estava esperançosa. Porque tinha um plano, é claro. Sempre sentia-se melhor quando tinha um plano. A nova muralha, a força da guarda, a torre, a carta de burgo, e acima de tudo o novo hospital: como encontraria tempo para organizar tudo isso?

De braço dado com Merthin, ela entrou no palácio do prior. O bispo Henri e Sir Gregory estavam ali, absorvidos em conversa com um terceiro

homem, de costas para Caris. Havia alguma coisa desagradavelmente familiar no recém-chegado, mesmo de costas. Caris teve um tremor de apreensão. Depois, o homem virou-se e ela viu seu rosto: sardônico, triunfante, desdenhoso, cheio de maldade.

Era Philemon.

O bispo Henri e os outros convidados deixaram Kingsbridge na manhã seguinte. Caris, que vinha dormindo no dormitório das freiras, voltou ao palácio do prior, depois do desjejum, e subiu para o seu quarto. Encontrou Philemon ali.

Era a segunda vez, em dois dias, que ela era surpreendida pela presença de homens em seu quarto. Mas Philemon estava sozinho e vestido, parado junto da janela, olhando para um livro. Ao vê-lo de perfil, ela percebeu que as provações dos últimos seis meses haviam-no deixado mais magro.

- O que está fazendo aqui? - perguntou Caris. Ele fingiu estar surpreso com a pergunta.

- Esta é a casa do prior. Por que eu não deveria estar aqui?

- Porque não é o seu quarto!

- Sou o vice-prior de Kingsbridge. Nunca fui afastado deste posto. O prior morreu. Quem mais deveria viver aqui?

- Eu, é claro.

- Você nem sequer é monge.

- O bispo Henri me fez prior em exercício... e ontem à noite, apesar de sua volta, não me dispensou do posto. Sou superior a você, e deve me obedecer.

- Mas você é uma freira e deve viver com as freiras, não com os monges.

- Há meses venho vivendo aqui.

- Sozinha?

Subitamente, Caris compreendeu que se encontrava num terreno difícil. Philemon sabia que ela e Merthin viviam mais ou menos como marido e mulher. Eram discretos, sem ostentar o relacionamento, mas as pessoas adivinhavam essas coisas, e Philemon tinha o instinto de um animal selvagem pelas fraquezas alheias.

Ela pensou por um momento. Podia exigir que Philemon deixasse o prédio imediatamente. Se necessário, poderia mandar expulsá-lo: Thomas e os noviços obedeceriam a ela, não a Philemon. Mas o que aconteceria em seguida? Philemon faria tudo o que estivesse ao seu alcance para atrair as atenções para o que ela e Merthin faziam no palácio. Criaria uma controvérsia e levaria as pessoas da cidade a tomarem partido. A maioria apoiaria Caris, independentemente do que ela fizesse, tamanha era a sua

reputação; mas haveria alguns que censurariam seu comportamento. O conflito enfraqueceria sua autoridade e afetaria tudo o que ela quisesse fazer. Seria melhor admitir a derrota.

- Pode ficar com o quarto, mas não deve usar a sala. Uso-a para reuniões com os cidadãos mais eminentes da cidade e com autoridades visitantes. Quando não estiver nos serviços na catedral, ficará no claustro, não aqui. Um vice-prior não tem um palácio.

Ela se retirou sem lhe dar a chance de argumentar. Salvara as aparências, mas ele vencera.

Caris fora lembrada na noite anterior de toda a astúcia de Philemon. Interrogado pelo bispo Henri, ele parecia ter uma explicação plausível para tudo o que fizera de desonroso. Como justificava o abandono de seu posto no priorado e a fuga para St.-John-in-the-Forest? O mosteiro corria perigo de extinção, e a única maneira de salvá-lo era seguir o ditado popular: "Parta cedo, vá longe, e permaneça a distância por muito tempo." Ainda era, pelo consenso geral, a única maneira segura de evitar a peste. O único erro que havia cometido fora o de permanecer por tempo demais em Kingsbridge. Por que então ninguém informara ao bispo sobre esse plano? Philemon lamentava muito, mas ele e os outros monges apenas obedeciam às ordens do prior Godwyn. Então por que ele fugira de St. John quando a peste os alcançara ali? Fora chamado por Deus para cuidar das pessoas de Monmouth, e Godwyn lhe concedera permissão para partir. Como o irmão Thomas não tinha conhecimento dessa permissão, e até negava firmemente que ela tivesse sido concedida? Os outros monges não haviam sido informados da decisão de Godwyn pelo receio de que isso pudesse acarretar ciúmes. Por que então Philemon deixara Monmouth? Encontrara frei Murdo, que lhe dissera que o Priorado de Kingsbridge precisava dele, o que considerara como mais uma mensagem de Deus.

Caris concluía que Philemon fugira da peste até compreender que devia ser uma daquelas pessoas afortunadas que não eram propensas a contraí-la. Soubera por Murdo que Caris dormia com Merthin no palácio do prior, e percebera no mesmo instante como podia aproveitar a situação para restaurar sua posição. Deus nada tinha a ver com tudo aquilo.

Mas o bispo Henri acreditara na história de Philemon. Afinal, Philemon tomava o cuidado de parecer humilde ao ponto da subserviência. Henri não conhecia o homem, e não era capaz de ver abaixo da superfície.

Ela deixou Philemon no palácio e foi para a catedral. Subiu pela longa e estreita escada em espiral na torre de noroeste. Encontrou Merthin no sótão do pedreiro, fazendo desenhos no chão de projetos, à luz das janelas altas viradas para o norte.

Caris estudou com interesse o que ele havia desenhado. Era sempre difícil decifrar plantas, ela já sabia. As linhas delgadas traçadas na argamassa tinham de ser transformadas, na visão do observador, em largas paredes de pedra, com janelas e portas.

Merthin fitou-a em expectativa, enquanto ela estudava seu trabalho. Era evidente que ele esperava uma reação entusiasmada.

A princípio, Caris ficou aturdida com o desenho. Não parecia nem um pouco com um hospital.

- Mas você desenhou... um claustro!

- Exatamente. Por que um hospital tem de ser uma sala comprida e estreita como a nave de uma igreja? Você quer que o lugar seja claro e arejado. Por isso, em vez de comprimir os quartos juntos, preferi dispô-los em torno de um quadrângulo.

Ela visualizou a construção: o jardim central, o prédio ao redor, as portas dando para quartos com quatro ou seis camas, as freiras circulando de um para outro ao abrigo da galeria coberta.

- É mesmo inspirado. Eu nunca teria pensado nisso, mas parece perfeito.

- Pode cultivar as ervas no jardim, onde as plantas terão sol, mas ficarão protegidas do vento. Haverá uma fonte no meio do jardim, para fornecer água fresca, que pode ser drenada através da latrina ao sul até o rio.

Caris beijou-o, exultante.

- Você é tão inteligente!

Mas depois ela se lembrou da notícia que tinha para lhe dar. Merthin devia ter percebido que seu rosto murchava, pois perguntou:

- Qual é o problema?

- Temos de sair do palácio. - Caris relatou a conversa com Philemon e por que tivera de ceder. - Prevejo grandes conflitos com Philemon... e não quero ser intransigente logo nessa questão.

- Faz sentido.

O tom de voz era razoável, mas ela sabia pela expressão de Merthin que ele estava furioso. Olhava para o desenho, mas sem pensar realmente a respeito.

- E há mais uma coisa - acrescentou Caris. - Estamos dizendo a todas as pessoas que elas devem viver tão normalmente quanto possível... ordem nas ruas, um retorno à vida familiar, não mais orgias embriagadas. Devemos dar exemplo.
Ele acenou com a cabeça.

- Uma priora vivendo com seu amante é uma coisa tão anormal quanto muitas outras.

Mais uma vez, o tom sereno de Merthin era contestado pela expressão furiosa.

- Sinto muito - murmurou ela.

- Eu também.

- Mas não queremos arriscar tudo o que ambos desejamos... sua torre, meu hospital, o futuro da cidade.

- Não, não queremos. Mas para isso estamos sacrificando nossa vida em comum.

- Não por completo. Teremos de dormir separados, o que é angustiante, mas ainda assim teremos muitas oportunidades de ficar junto.

-Onde?

Caris deu de ombros.

- Aqui, por exemplo.

Um ímpeto de malícia dominou-a. Ela afastou-se de Merthin, levantando o hábito devagar, e foi até a porta no alto da escada.

- Não vejo ninguém subindo - murmurou Caris, levantando o hábito até a cintura.

- Pode ouvir de qualquer maneira - disse Merthin. - A porta lá embaixo faz bastante barulho quando alguém a abre.

Ela inclinou-se, fingindo olhar para baixo, pela escada.

- Pode ver alguma coisa fora do comum do lugar em que você se encontra? Merthin? Quase sempre ela podia tirá-lo da fúria com seu comportamento jovial.

- Posso ver uma coisa piscando para mim - disse ele, rindo de novo.

Caris voltou para junto dele, ainda com o hábito levantado até a cintura, um sorriso triunfante.

- Não precisamos renunciar a tudo.

Ele sentou num banco e puxou-a. Caris passou as pernas pelos lados de suas coxas e sentou em seu colo.

- É melhor você trazer um colchão de palha aqui para cima - murmurou ela, a voz rouca de desejo.

Merthin acariciou os seios.

- Como eu explicaria a necessidade de uma cama no sótão do pedreiro?

- Basta dizer que os pedreiros precisam de um lugar macio para meter suas ferramentas.

Uma semana depois, Caris e Thomas Langley foram inspecionar a reconstrução da muralha da cidade. Era um trabalho grande, mas simples. Depois de tudo definido, o trabalho podia ser realizado por jovens pedreiros e aprendizes inexperientes. Caris sentia-se contente pelo fato de o projeto ser iniciado tão depressa. Era necessário que a cidade fosse capaz de se defender em momentos de crise... mas ela tinha um motivo mais importante. Convencer as pessoas a se precaverem contra ameaças do exterior levaria naturalmente, ela esperava, a uma nova consciência da necessidade de ordem e bom comportamento dentro das muralhas.

Ela achava profundamente irônico que o destino a levasse a assumir esse papel. Nunca fora alguém que obedecesse às normas. Sempre desprezara a ortodoxia e desafiara as convenções. Achava que tinha o direito de criar suas próprias regras. Agora, era obrigada a reprimir as pessoas que só queriam se divertir. Era um milagre que ninguém a tivesse chamado de hipócrita até agora.

A verdade era que algumas pessoas floresciam num clima de anarquia, o que já não acontecia com outras. Merthin era um daqueles que exibiam o melhor quando não havia restrições. Ela recordou a escultura em madeira que ele fizera das virgens sábias e das insensatas. Era diferente de qualquer outra coisa que qualquer pessoa já vira antes... e por isso Elfric inventara aquela desculpa para destruí-la. Os regulamentos só serviam para prejudicar Merthin. Mas homens como Barney e Lou, os trabalhadores do matadouro, precisavam de leis para impedir que mutilassem um ao outro em brigas embriagadas.

Mesmo assim, ela sabia que sua posição era precária. Quando se tentava impor a lei e a ordem, era difícil explicar que as regras não se aplicavam a você pessoalmente.

Ela pensava a respeito ao voltar para o priorado com Thomas. Fora da catedral, encontrou a irmã Joan andando de um lado para outro, na maior agitação.

- Estou furiosa com Philemon - explicou Joan. - Ele alega que você roubou o dinheiro dele, e que tenho de devolvê-lo.

- Procure se acalmar.

Caris levou Joan para o pórtico da catedral. Sentaram num banco de pedra.

- Respire fundo e me conte o que aconteceu.

- Philemon foi me procurar depois da Terça e disse que precisava de dez shillings para comprar velas para o santuário de St. Adolphus. Eu disse que teria de falar com você.

- E isso mesmo.

- Ele ficou irritado, e gritou que era dinheiro dos monges, que eu não tinha o direito de recusar. Exigiu que eu lhe entregasse minhas chaves e acho que tentaria arrancá-las de mim se eu não ressaltasse que elas seriam inúteis, pois ele não sabia onde ficava o tesouro.

- Foi uma boa idéia manter a localização em segredo - comentou Caris. Thomas estava parado ao lado delas, escutando.

- Ele escolheu um momento em que eu não estava aqui... o covarde.

- Joan, você tinha todo o direito de recusar, e lamento muito que ele a tenha pressionado - disse Caris. - Thomas, vá procurá-lo e leve-o para conversar comigo no palácio.

Ela deixou-os. Atravessou o cemitério, absorvida em seus pensamentos. Era evidente que Philemon queria criar problemas. Mas ele não era do tipo valentão arrogante, a quem ela podia subjugar com facilidade. Era um adversário astucioso, e ela teria de tomar o maior cuidado.

Quando abriu a porta do palácio do prior, Caris encontrou Philemon na sala, sentado à cabeceira da mesa comprida. Ela parou na porta.

- Você não deveria estar aqui. Eu lhe disse expressamente...

- Eu estava à sua procura.

Caris compreendeu que teria de trancar o prédio. De outra forma, Philemon sempre encontraria uma maneira de escarnecer de suas ordens. Ela fez um esforço para controlar sua raiva.

- Veio me procurar no lugar errado.

- Mas encontrei-a agora, não é mesmo?

Caris estudou-o. Ele fizera a barba e cortara os cabelos depois que chegara, e usava um hábito novo. Era um membro típico do priorado, calmo e autoritário. Ela disse:

- Conversei com irmã Joan. Ela ficou muito aborrecida.

- E eu também.

Caris compreendeu que Philemon sentava na cadeira grande, enquanto ela estava de pé. Era como se ele estivesse no comando, e ela não passasse de uma suplicante.

- Se precisa de dinheiro, deve me pedir.

- Sou o vice-prior!

- E eu sou prior em exercício, um posto superior. - Caris elevou a voz. Portanto, a primeira coisa que você deve fazer é se levantar quando falar comigo!

Ele estremeceu, chocado com o tom de Caris, mas logo se controlou. Com uma lentidão insultuosa, ele saiu da cadeira.

Caris sentou em seu lugar e deixou-o ficar de pé. Philemon parecia inabalável.

- Soube que está usando o dinheiro do mosteiro para pagar a nova torre.

- Isso mesmo, por ordem do bispo.

Um lampejo de irritação passou pelo rosto de Philemon. Era evidente que ele esperara se insinuar nas boas graças do bispo e convertê-lo em seu aliado contra Caris. Até mesmo quando menino ele já bajulava as pessoas com autoridade. Fora assim que obtivera o ingresso no mosteiro.

- Devo ter acesso ao dinheiro do mosteiro - declarou Philemon. - É meu direito. Os bens dos monges devem ficar sob meus cuidados.

- Você os roubou na última vez em que ficaram aos seus cuidados. Ele empalideceu: a flecha acertara direto no alvo.

- Um absurdo! - exclamou Philemon, tentando encobrir seu embaraço. - O prior Godwyn levou tudo para guardar em segurança.

- Ninguém vai levar nada para "guardar em segurança" enquanto eu estiver no cargo de prior em exercício.

- Deve pelo menos me entregar os ornamentos. São jóias sagradas, que devem ser cuidadas por padres, não por mulheres.

- Thomas tem cuidado dos ornamentos, levando-os para as missas e devolvendo-os ao tesouro depois.

- Não é satisfatório...

Caris lembrou-se de uma coisa e interrompeu-o:

- Além do mais, você não devolveu tudo o que levou.

- O dinheiro...

- Estou falando dos ornamentos. Há um castiçal de ouro desaparecido, presente da guilda dos fabricantes de velas. O que aconteceu com esse castiçal?

A reação de Philemon surpreendeu-a. Esperava por outra negativa veemente, mas ele se mostrou embaraçado e murmurou:

- Sempre foi guardado no quarto do prior. Ela franziu o rosto.
- E o que aconteceu?
- Eu o mantive separado dos outros ornamentos. Caris ficou atônita.
- Está me dizendo que você ficou com o castiçal durante todo esse tempo?
- Godwyn me pediu para cuidar do castiçal.
- E por isso você o levou em suas viagens para Monmouth e outros lugares?
- Era o desejo dele.

Era uma história absolutamente implausível, e Philemon sabia disso. O fato é que ele roubara o castiçal.

- Ainda está com você?

Ele acenou com a cabeça, contrafeito. Nesse momento, Thomas entrou na sala.

- Então é aqui que você está!
 - Thomas, suba e reviste o quarto de Philemon - pediu Caris.
 - O que devo procurar?
 - O castiçal de ouro perdido.
 - Não precisa procurar - interveio Philemon. - Vai encontrá-lo no priorado. Thomas subiu. Voltou pouco depois com o castiçal. Entregou-o a Caris. Era pesado. Ela examinou-o, curiosa. Os nomes dos doze membros da guilda dos fabricantes de velas estavam gravados na base, em letras pequenas. Por que Philemon levava o castiçal? Não fora para vender, ou derreter o ouro, sem dúvida: ele tivera bastante tempo para se desfazer do castiçal, mas não o fizera. Parecia que queria apenas ter seu próprio castiçal de ouro. Ficava olhando e acariciando o castiçal quando estava sozinho em seu quarto? Ela fitou-o e viu lágrimas em seus olhos.
 - Vai tirá-lo de mim? - perguntou Philemon. Era uma pergunta estúpida.
 - Claro. Pertence à catedral, não a seu quarto. Os fabricantes de velas deram o castiçal de presente para a glória de Deus e o embelezamento dos serviços da catedral, não para o prazer particular de um monge.
- Ele não argumentou. Parecia desconsolado, mas não penitente. Não compreendia que fizera uma coisa errada. Sua dor não era de remorso por um erro cometido, mas de pesar pelo que lhe fora tirado. Philemon não tinha o sentimento de vergonha, ela compreendeu.

- Creio que isto encerra nossa conversa sobre o seu acesso aos bens do priorado - disse Caris a Philemon. - Pode se retirar agora.

Ele saiu. Ela entregou o castiçal a Thomas.

- Leve-o para a irmã Joan e diga a ela para guardá-lo. Avisaremos aos fabricantes de velas que o castiçal foi encontrado, e será usado no próximo domingo.

Thomas também saiu.

Caris permaneceu onde estava, pensando. Philemon a odiava. Ela não perdeu tempo a especular por quê: ele fazia inimigos mais depressa do que um mascate podia fazer amigos. Mas era um inimigo implacável e completamente sem escrúpulos. Era evidente que estava determinado a criar problemas para ela em todas as oportunidades. Cada vez que o superasse nessas pequenas escaramuças, a maldade de Philemon arderia com mais intensidade. Mas se o deixasse vencer, ele seria encorajado em sua insubordinação.

Seria uma batalha sangrenta, e ela não podia nem imaginar como acabaria. Os flagelantes voltaram ao final de uma tarde de sábado, em junho.

Caris estava no escritório, escrevendo seu livro. Decidira começar pela peste e como enfrentá-la, e depois passar para as doenças menores. Descrevia as máscaras de linho para o rosto que introduzira no hospital em Kingsbridge. Era difícil explicar que as máscaras eram eficientes, mas não ofereciam uma imunidade total. A única salvaguarda segura era deixar a cidade antes de a peste chegar e permanecer longe até que ela fosse embora, mas isso nunca seria uma opção para a maioria das pessoas. A proteção parcial era um conceito difícil para pessoas que acreditavam em curas milagrosas. A verdade era que algumas freiras mascaradas ainda pegavam a peste, mas não tantas quanto se poderia esperar de outro modo. Ela decidiu comparar as máscaras com escudos. Um escudo não garantia que um guerreiro sobrevivesse ao ataque, mas com certeza lhe proporcionava uma valiosa proteção. Por isso mesmo, nenhum cavaleiro partia para a batalha sem levar seu escudo. Ela escrevia isso, numa folha de pergaminho nova, quando ouviu os flagelantes. Solto um grunhido de consternação.

Os tambores soavam como passos de bêbados, as gaitas-de-foles eram como uma criatura selvagem experimentando os tormentos da dor, e os pequenos sinos mais pareciam a paródia de um funeral. Ela saiu do escritório no momento mesmo em que a procissão entrava no priorado.

Havia mais pessoas desta vez, setenta ou oitenta, e pareciam ainda mais desvairadas do que antes: os cabelos compridos e desgrehados, as roupas em farrapos, os gritos estridentes mais lunáticos. Já haviam circulado pela cidade e atraído uma extensa esteira de espectadores, alguns olhando por diversão, outros participando, rasgando as roupas e se açoitando.

Caris não esperava vê-los de novo. O papa, Clemente VI, condenara os flagelantes. Mas ele estava muito longe, em Avignon, e cabia a outros impor o cumprimento de suas decisões.

Frei Murdo liderava os flagelantes, como antes. Quando ele se aproximou da fachada oeste da catedral, Caris descobriu espantada que as enormes portas estavam escancaradas. Não autorizara isso. Thomas não as abriria sem lhe perguntar. Portanto, Philemon devia ser o responsável. Ela recordou que Philemon encontrara-se com Murdo em suas viagens. Adivinhou que Murdo informara Philemon com antecedência de sua visita, e que os dois haviam conspirado para garantir o acesso dos flagelantes à catedral. Não restava a menor dúvida de que Philemon argumentaria que era o único sacerdote ordenado no priorado, e por isso tinha o direito de decidir que tipo de serviços religiosos seriam realizados na catedral.

Mas qual era o motivo de Philemon? Por que ele se importava com Murdo e os flagelantes?

Murdo levou a procissão para a nave da catedral. Os moradores da cidade entraram em seguida. Caris hesitou, não querendo se envolver numa manifestação daquele tipo. Mas sentia a necessidade de saber o que estava acontecendo, e por isso também entrou, relutante, atrás da multidão.

Philemon estava no altar. Frei Murdo juntou-se a ele. Philemon ergueu as mãos para pedir silêncio, antes de dizer:

- Viemos aqui hoje para confessar nossa iniquidade, para nos arrependermos de nossos pecados, e fazer penitência em propiciação.

Philemon não era um orador, e suas palavras não despertaram muita reação; mas o carismático Murdo assumiu o comando em seguida.

- Confessamos que nossos pensamentos são lascivos e nossos atos são sórdidos! - gritou ele.

As pessoas explodiram em aprovação. Os procedimentos foram os mesmos da ocasião anterior. Levadas ao frenesi pela pregação de Murdo, as pessoas se adiantavam, berravam que eram pecadoras, e se açoitavam. Os moradores da cidade assistiam, quase que hipnotizados pela nudez e

violência. Era uma encenação, sem dúvida, mas os golpes eram reais. Caris não podia deixar de estremecer com os cortes e vergões nas costas dos penitentes. Alguns já haviam feito aquilo muitas vezes antes e eram cobertos de cicatrizes. Outros tinham ferimentos recentes, que foram reabertos pelos novos açoites.

Alguns moradores da cidade logo se juntaram à flagelação. Ao se adiantarem, Philemon estendia uma tigela de coleta. Caris compreendeu que a motivação dele era o dinheiro. Ninguém podia confessar e beijar os pés de Murdo enquanto não pusesse uma moeda na tigela de Philemon. Murdo estava de olho na coleta, e Caris compreendeu que os dois dividiriam as moedas mais tarde.

Houve um crescendo dos tambores e gaitas, à medida que mais e mais moradores da cidade se adiantavam. A tigela de Philemon logo ficou cheia. As pessoas "perdoadas" dançavam frenéticas, ao som da música alucinada.

Depois de algum tempo, todos os penitentes estavam dançando, e mais ninguém se adiantou. A música chegou a um clímax e parou abruptamente. A esta altura, Caris notou que Murdo e Philemon haviam desaparecido. Presumiu que tinham saído pelo transepto sul, a fim de contar seus lucros no claustro dos monges.

O espetáculo terminara. Os dançarinos caíram no chão, exaustos. Os espectadores começaram a se dispersar, saindo pelas portas abertas para o ar puro do final da tarde de verão. Não demorou muito para que os seguidores de Murdo encontrassem forças para deixar a catedral. Caris também saiu. Ela percebeu que a maioria dos flagelantes seguia para a Holly Bush.

Foi com alívio que voltou ao sossego e frescura do convento. Enquanto o crepúsculo caía no claustro, as freiras compareceram à Véspera, e jantaram em seguida. Antes de deitar, Caris foi verificar a situação no hospital. O lugar estava lotado; a peste continuava, sem qualquer indicação de que poderia diminuir.

Encontrou pouca coisa passível de crítica. A irmã Oonagh adotava os mesmos princípios de Caris: máscaras no rosto, nada de sangrias, higiene meticulosa. Caris já da se retirar quando um dos flagelantes foi trazido para o hospital.

Era um homem que desmaiara na Holly Bush e batera com a cabeça num banco. Suas costas ainda sangravam, e Caris calculou que a perda de

sangue era tão responsável quanto o golpe na cabeça pela perda da consciência.

Oonagh lavou os ferimentos com água salgada enquanto ele estava inconsciente. Para fazê-lo recuperar os sentidos, ela ateou fogo ao chifre de um cervo e pôs a fumaça pungente debaixo de seu nariz. Depois, fez o homem beber dois copos de água misturada com cravo e açúcar, para substituir o líquido que o corpo perdera.

Mas ele foi apenas o primeiro. Vários outros homens e mulheres foram trazidos para o hospital, sofrendo de alguma combinação de perda de sangue, excesso de bebidas fortes e ferimentos sofridos em acidentes ou brigas. A orgia de flagelação multiplicou por dez o número normal de pacientes da noite de sábado. Havia também um homem que se flagelara tantas vezes que tinha as costas pútridas. Finalmente, depois de meia-noite, trouxeram uma mulher que havia sido amarrada, açoitada e estuprada.

A fúria foi aumentando em Caris enquanto ela trabalhava com as outras freiras para cuidar desses pacientes. Todos os seus ferimentos derivavam de noções pervertidas de religião apregoadas por homens como Murdo. Diziam que a peste era a punição de Deus pelo pecado, e que as pessoas poderiam evitar a peste se punissem umas às outras daquela maneira. Era como se Deus fosse um monstro vingativo empenhado num jogo com regras insanas. Caris acreditava que o senso de justiça de Deus devia ser mais sofisticado que o do líder de uma gangue de meninos com doze anos de idade.

Ela trabalhou até a Matina na manhã de domingo, depois foi dormir por duas ou três horas. Quando se levantou, saiu para conversar com Merthin. Ele vivia agora na mais imponente das casas que construía na ilha do Leproso. Ficava na praia ao sul, no meio de um extenso jardim, recém-plantado, com macieiras e pereiras. Contratara um casal de meia-idade para cuidar de Lolla e da casa. Seus nomes eram Arnaud e Emily, mas chamavam um ao outro de Arn e Em. Caris encontrou Em na cozinha, e foi orientada para o jardim.

Merthin mostrava a Lolla como seu nome era quando escrito, usando uma vareta de ponta fina para desenhar as letras na terra. Fez a filha rir quando desenhou um rosto no "o". Ela tinha quatro anos; era uma linda menina, de pele azeitonada e olhos castanhos.

Ao observá-los, Caris sentiu uma pontada de pesar. Dormia com Merthin há quase meio ano. Não queria ter um bebê, pois isso acarretaria o fim de todas as suas ambições; contudo, uma parte dela lamentava não ter engravidado. Sentia-se dividida, e era provavelmente por isso que assumia o risco. Mas tal não acontecera. Ela especulava se perdera a capacidade de conceber. Talvez a poção que Mattie Wise lhe dera para abortar a gravidez, dez anos antes, tivesse afetado o útero de alguma forma. Como sempre, ela gostaria de saber mais sobre o corpo e seus problemas.

Merthin beijou-a. Deram uma volta pelo jardim, com Lolla correndo à frente, brincando em sua imaginação, num jogo elaborado e impenetrável, que envolvia conversar com cada árvore. O jardim parecia inacabado, todas as plantas novas, a terra trazida de outros lugares para enriquecer o solo pedregoso da ilha.

- Vim conversar com você sobre os flagelantes. - Caris relatou o que acontecera no hospital na noite anterior. - Quero bani-los de Kingsbridge.

- Boa idéia. Todo o espetáculo é apenas um meio para Murdo ganhar mais dinheiro.

- E Philemon também. Era ele quem segurava a tigela da coleta. Pode conversar com a guilda da paróquia?

- Claro.

Como prior em exercício, Caris assumia o papel de senhor do solar. Teoricamente, podia tomar a iniciativa de banir os flagelantes, sem ter de consultar ninguém. Mas o pedido de carta de burgo já fora apresentado ao rei, e ela esperava entregar em breve a administração da cidade à guilda da paróquia; por isso, considerava a atual situação como uma transição. Além do mais, era sempre sensato obter apoio antes de tentar impor o cumprimento de uma norma.

- Eu gostaria que o constable levasse Murdo e seus seguidores para fora da cidade antes do serviço do meio-dia.

- Philemon ficará furioso.

- Ele não deveria abrir a catedral para aquela gente sem consultar ninguém. (Caris sabia que haveria problemas, mas não podia permitir que o medo da reação de Philemon a impedisse de fazer a coisa certa para a cidade.

- Temos o papa do nosso lado - acrescentou ela. Se cuidarmos do problema com discrição e rapidez, poderemos resolvê-lo antes mesmo que Philemon

levante para a primeira refeição.

- Está bem - concordou Merthin. - Tentarei reunir os homens da guilda na Holly Bush.

- Eu me encontrarei com você ali dentro de uma hora.

A guilda da paróquia estava bastante desfalcada, como todas as outras organizações na cidade, mas um punhado de eminentes mercadores sobrevivera à peste, inclusive Madge Webber, Jack Chepstow e Edward Slaughterhouse. O novo constable, Mungo, filho de John, também compareceu. Seus ajudantes ficaram lá fora, aguardando as instruções.

A discussão não foi prolongada. Nenhum dos cidadãos eminentes participara da orgia e todos desaprovavam aquelas exhibições públicas. A decisão do papa foi o fator fundamental. Formalmente, Caris, no posto de prior em exercício, promulgou uma norma que proibia os açoites nas ruas e a nudez pública. Os violadores seriam expulsos da cidade pelo constable, a pedido de qualquer membro da guilda. A guilda aprovou em seguida uma resolução de apoio ao novo regulamento.

Depois, Mungo subiu e tirou frei Murdo da cama.

Murdo não se deixou levar sem protestos. Ao descer a escada, debateu-se, gritou, chorou, orou e praguejou. Dois ajudantes de Mungo agarraram-no pelos braços e quase o carregaram para fora da taverna. Na rua, ele se tornou mais clamoroso. Mungo seguiu na frente, e os homens da guilda foram atrás. Alguns adeptos de Murdo apareceram para protestar, mas também foram levados sob escolta. Uns poucos moradores da cidade acompanharam o grupo, descendo a rua principal a caminho da ponte de Merthin. Nenhum dos cidadãos levantou qualquer objeção ao que estava sendo feito, e Philemon não apareceu.

Até mesmo alguns dos que haviam se açoitado no dia anterior não disseram nada agora, parecendo um pouco envergonhados.

A multidão ficou para trás quando o grupo começou a atravessar a ponte. Com uma audiência reduzida, Murdo se tornou mais quieto. Sua indignação virtuosa foi substituída por um rancor fumegante. Solto na outra extremidade da ponte dupla, ele se afastou cambaleando, sem olhar para trás. Alguns discípulos seguiram-no, indecisos.

Caris teve o pressentimento de que nunca mais tornaria a vê-lo.

Ela agradeceu a Mungo e seus homens, e voltou ao convento.

No hospital, Oonagh estava dando alta às vítimas de acidentes durante a noite, a fim de abrir espaço para os novos doentes com a peste. Caris

trabalhou no hospital até meio-dia, depois saiu, agradecida, liderando a procissão que seguiu até a catedral para a missa principal do domingo. Descobriu que aguardava ansiosa por uma ou duas horas de salmos e orações, com um sermão tedioso: seria repousante.

Philemon exibiu uma expressão irada quando entrou com Thomas e os monges noviços. Era evidente que já tomara conhecimento da expulsão de Murdo. Sem dúvida considerara os flagelantes como uma fonte de renda pessoal, independente de Caris. Essa esperança fora destruída, e ele estava furioso.

Por um momento, Caris especulou o que ele faria em sua raiva. Depois, pensou: Deixe-o fazer o que quiser. Se não fosse por isso, seria por outra coisa. Qualquer coisa que ela fizesse deixaria Philemon furioso, mais cedo ou mais tarde. Não havia sentido em ficar se preocupando com isso.

Ela cochilou durante as orações, mas despertou quando ele iniciou o sermão. O púlpito parecia acentuar sua falta de charme, e seus sermões eram em geral mal recebidos. Naquele dia, porém, ele atraiu a atenção da audiência desde o início, ao anunciar que seu assunto seria a fornicação.

Ele tomou como texto um versículo da primeira carta de São Paulo aos primeiros cristãos de Corinto. Leu o texto em latim e depois traduziu, com voz retumbante:

- Agora eu escrevo para que vocês não mantenham a companhia de alguém que é um fornicador!

Ele discorreu de uma maneira tediosa sobre o significado de manter companhia.

- Não comam com essas pessoas, não bebam com essas pessoas, não convivam com essas pessoas, não falem com essas pessoas.

Mas Caris especulava ansiosa sobre onde ele queria chegar com o sermão. Ele não ousaria atacá-la diretamente do púlpito, não é mesmo? Ela olhou através do coro para Thomas, no outro lado, com os monges noviços, e percebeu que ele estava preocupado.

Tornou a olhar para o rosto de Philemon, sombrio de ressentimento, e compreendeu que ele era capaz de qualquer coisa.

- A quem isso se refere? - indagou ele, retórico. - Não aos forasteiros, o santo escreve expressamente, pois cabe a Deus julgá-los. Mas ele diz também que vocês são os juízes daqueles em sua companhia.

Philemon apontou para a congregação.

- Vocês! - Ele tornou a baixar os olhos para o livro e leu: - Afastem de vocês essa pessoa iníqua!

A congregação manteve silêncio. Todos sentiam que aquilo não era uma exortação generalizada para um comportamento melhor. Philemon tinha uma mensagem.

- Devemos olhar ao nosso redor - continuou ele. - Em nossa cidade... em nossa igreja... em nosso priorado! Existem fornicadores aqui? Se existem, devem ser postos para fora!

Não havia mais qualquer dúvida na mente de Caris de que Philemon se referia a ela. E todos os habitantes da cidade mais espertos já deveriam ter chegado à mesma conclusão. Mas o que ela podia fazer? Não havia como se levantar e contestá-lo. Não podia sequer sair da catedral, pois acentuaria o argumento de Philemon e deixaria óbvio, até para os membros mais estúpidos da congregação, que ela era o alvo daquela diatribe.

Por isso, ela limitou-se a escutar, mortificada. Philemon falava bem, pela primeira vez em sua vida. Não hesitava nem tropeçava nas palavras, enunciava com clareza e projetava a voz, conseguia variar o tom monótono habitual. Para ele, o ódio era uma inspiração.

Ninguém da expulsá-la do priorado, é claro. Mesmo que fosse uma priora incompetente, o bispo a manteria no cargo, quanto menos não fosse por causa da escassez crônica de clérigos. Igrejas e mosteiros por todo o país estavam fechando porque não contavam com ninguém para officiar os serviços ou cantar os salmos. Os bispos sentiam-se desesperados para designar mais padres, monges e freiras, não para dispensá-los. De qualquer forma, os moradores da cidade se revoltariam contra qualquer bispo que tentasse se livrar de Caris.

Mesmo assim, o sermão de Philemon era pernicioso. Agora seria mais difícil para os líderes da cidade fecharem os olhos à ligação de Caris com Merthin. Esse tipo de coisa abalava o respeito das pessoas. Perdoavam um homem por um pecadilho sexual mais depressa do que a uma mulher. E, como ela tinha uma angustiante percepção, sua posição convidava à acusação de hipocrisia.

Ela continuou sentada, rangendo os dentes, durante toda a peroração, que foi a mesma mensagem, só que transmitida em voz ainda mais alta, e pelo restante do serviço. Assim que freiras e monges deixaram a catedral, em procissão, Caris foi para sua farmácia, e sentou para escrever uma carta ao bispo Henri, solicitando a transferência de Philemon para outro mosteiro.

Em vez disso, Henri promoveu-o.

Duas semanas haviam se passado desde a expulsão de frei Murdo. Estavam no transepto norte da catedral. O dia de verão era quente, mas no interior da catedral estava sempre fresco. O bispo sentava numa cadeira de madeira toda esculpida, enquanto os outros se acomodavam em bancos: Philemon, Caris, o arqui-diácono Lloyd e o cônego Claude.

- Estou designando-o para prior de Kingsbridge - disse Henri a Philemon.

Philemon sorriu de satisfação e lançou um olhar triunfante para Caris.

Ela ficou consternada. Duas semanas antes oferecera a Henri uma longa lista de sólidas razões para que Philemon não tivesse permissão para permanecer numa posição de responsabilidade ali... a começar pelo roubo de um castiçal de ouro. Mas parecia que sua carta surtira o efeito oposto.

Ela abriu a boca para protestar, mas Henri lançou-lhe um olhar furioso e ergueu a mão. Por isso, Caris decidiu se manter calada, para descobrir o que ele tinha a dizer. O bispo continuou a se dirigir a Philemon:

- Estou fazendo isso apesar... não por causa... de seu comportamento desde que voltou para cá. Tem sido maldoso e criado problemas, e se a Igreja não estivesse tão desesperada por pessoas, eu não o promoveria nem em uma centena de anos.

Então por que fazê-lo agora?, especulou Caris.

- Mas precisamos ter um prior e simplesmente não é satisfatório que a priora assuma esse papel, apesar de sua indubitável capacidade.

Caris teria preferido que ele designasse Thomas. Mas Thomas recusaria, ela sabia. Ficara com muitas cicatrizes da luta encarniçada pela sucessão do prior Anthony, doze anos antes, e jurara que nunca mais se envolveria numa eleição no priorado. Era bem possível que o bispo já tivesse conversado antes com Thomas, sem o conhecimento de Caris, e soubesse de tudo isso.

- Mas há várias condições para sua designação - continuou Henri, olhando para Philemon. - Primeiro, não será confirmado no posto até que Kingsbridge tenha obtido a carta de burgo. Você não é capaz de administrar a cidade, e não tenho a menor intenção de deixá-lo nessa posição. Durante a espera, portanto, madre Caris continuará como prior em exercício. Você viverá no dormitório dos monges. O palácio será trancado. Se você se comportar mal durante esse período de espera, sua nomeação será revogada.

Philemon parecia furioso e magoado por isso, mas se manteve de boca fechada. Sabia que vencera e não pretendia argumentar sobre as condições.

- Segundo, terá seu próprio tesouro, mas o irmão Thomas será o tesoureiro. Nenhum dinheiro será gasto nem qualquer objeto precioso será retirado do tesouro sem o seu conhecimento e consentimento. Além disso, ordenei a construção de uma nova torre e autorizei os pagamentos de acordo com a programação preparada por Merthin Bridger. O priorado fará esses pagamentos dos fundos dos monges, e nem Philemon nem qualquer outra pessoa terá o poder de alterar essa disposição. Não quero a metade de uma torre.

Merthin pelo menos teria seu sonho realizado, pensou Caris, agradecida. Henri virou-se para ela.

- Tenho mais uma ordem a dar, e envolve você, madre priora. O que será agora?, pensou Caris.

- Houve uma acusação de fornicação.

Caris olhou aturdida para o bispo, pensando no momento em que o surpreendera com Claude, os dois completamente nus. Como ele ousava levantar esse assunto?

- Não direi nada sobre o passado - continuou Henri. - Para o futuro, no entanto, não é possível que a priora de Kingsbridge tenha um relacionamento com um homem.

Ela teve vontade de dizer: Mas você vive com seu amante! Só que notou subitamente a expressão de Henri. Era um olhar suplicante. O bispo implorava para que ela não fizesse uma acusação que o denunciaria como hipócrita. Ele sabia que era injusto o que fazia, compreendeu Caris, mas não tinha opção. Philemon forçara-o a essa posição.

Mesmo assim, ela sentiu-se tentada a pressioná-lo com uma censura. Só que de nada adiantaria. Henri estava acuado contra a parede e fazia o melhor que podia nas circunstâncias. Caris decidiu não falar nada. Henri acrescentou:

- Posso ter sua garantia, madre priora, que deste momento em diante não haverá absolutamente a menor base para essa acusação?

Caris olhou para o chão. Já passara por isso antes. Mais uma vez, sua opção era renunciar a tudo por que trabalhara - o hospital, a carta de burgo, a torre ou se afastar de Merthin. E, mais uma vez, ela optou pelo trabalho. Ergueu a cabeça e fitou o bispo nos olhos.

- Pode, milorde bispo. Tem minha palavra.

Ela conversou com Merthin no hospital, os dois cercados por outras pessoas. Tremia toda e estava à beira das lágrimas, mas não podia vê-lo em particular. Sabia que sua determinação enfraqueceria se ficassem a sós, que o abraçaria e diria que o amava, prometeria deixar o convento e casar com ele. Por isso, mandou um recado, pedindo que ele viesse ao seu encontro. Recebeu-o na porta do hospital, falou em tom descontraído, os braços cruzados com toda força sobre o peito, a fim de não se deixar levar pela tentação e estender a mão, num gesto afetuoso, para tocar no corpo que tanto amava.

Quando acabou de relatar o ultimato do bispo e sua decisão, Merthin dava a impressão de que poderia matá-la.

- Esta é a última vez - declarou ele.

- Como assim?

- Se fizer isso, será permanente. Não vou mais esperar, na esperança de que um dia você se torne minha esposa.

Caris teve a sensação de que ele a agredira. Merthin continuou, desferindo outro golpe a cada frase:

- Se fala mesmo sério, vou tentar esquecê-la agora. Estou com trinta e três anos. Não tenho toda a eternidade... meu pai está morrendo aos cinquenta e oito anos de idade. Casarei com outra mulher, terei mais filhos, e serei feliz em meu jardim.

A imagem descrita por Merthin torturou-a. Caris mordeu o lábio, tentando controlar sua dor, mas lágrimas quentes escorriam por suas faces. Ele se mostrou implacável.

- Não vou desperdiçar minha vida amando você - disse Merthin, fazendo-a sentir que fora apunhalada. - Deixe o convento agora, ou fique para sempre.

Caris tentou fitá-lo com firmeza.

- Não o esquecerei. Sempre o amarei.

- Mas não o suficiente.

Ela permaneceu calada por um longo momento. Não era isso, ela sabia. Seu amor não era fraco ou inadequado. Apenas acarretava opções insuportáveis. Mas parecia que de nada adiantaria argumentar.

- É nisto que você realmente acredita? - indagou ela.

- Parece óbvio.

Caris acenou com a cabeça, embora não concordasse com a posição de Merthin.

- Lamento muito - murmurou ela. - Lamento mais do que em qualquer outra ocasião de minha vida.

- Eu também.

E Merthin virou-se e deixou o prédio.

Sir Gregory Longfellow voltou para Londres, mas retornou com uma rapidez surpreendente, como se fosse uma bola quicando na muralha da grande cidade. Apareceu em Tench Hall na hora do jantar, com uma aparência perturbada, a respiração forte através das narinas dilatadas, os cabelos grisalhos emaranhados e úmidos de suor. Entrou com algo menos do que o seu ar habitual de quem tinha o comando de todos os homens e animais que cruzavam seu caminho. Ralph e Alan estavam de pé junto da janela, examinando um novo tipo de adaga, de lâmina larga, conhecido como basilardo. Sem dizer nada, Gregory arriou o corpo alto na cadeira toda lavrada de Ralph: independentemente do que pudesse ter acontecido, ainda era importante demais para esperar por um convite para sentar.

Ralph e Alan fitaram-no em expectativa. A mãe de Ralph torceu o nariz, numa expressão de censura: não gostava de maus modos. Gregory finalmente declarou:

- O rei não gosta de ser desobedecido. Isso assustou Ralph.

Ele olhou ansioso para Gregory, enquanto se perguntava o que fizera que poderia ser interpretado como desobediência pelo rei. Não se lembrou de nada. Nervoso, ele murmurou:

- Lamento que Sua Majestade esteja insatisfeito... espero que não seja comigo.

- Você está envolvido - disse Gregory, com uma vaguidão irritante. - E eu também. O rei acha que há um mal precedente quando seus desejos são frustrados.

- Concordo plenamente.

- É por isso que você e eu sairemos daqui amanhã, iremos a Earls castle para conversar com lady Philippa e obrigá-la a casar com você.

Então era isso. Ralph sentiu-se aliviado. Não podia ser considerado responsável pela recalcitrância de Philippa, com toda justiça... não que a justiça fizesse alguma diferença para os reis. Mas lendo nas entrelinhas, ele compreendeu que a pessoa que arcara com a culpa era Gregory.

Por isso, Gregory estava agora determinado a salvar o plano do rei e redimir-se. Havia fúria e rancor na expressão de Gregory quando ele acrescentou:

- No momento em que eu acabar com ela, prometo que lady Philippa estará suplicando para casar com você.

Ralph não podia imaginar como isso seria possível. Como a própria Philippa ressaltara, podia-se levar uma mulher a desfilar pela nave, mas não havia como obrigá-la a dizer "Eu aceito". Ele disse a Gregory:

- Alguém me contou que o direito de uma viúva a recusar o casamento é garantido pela Magna Carta.

Gregory lançou-lhe um olhar irritado.

- Não me lembre. Cometi o erro de mencionar isso para Sua Majestade. Neste caso, especulou Ralph, que ameaças ou promessas Gregory planejava usar para dobrar Philippa à sua vontade? Ele próprio não podia pensar em qualquer outro meio para obrigá-la a casar que não fosse sequestrá-la pela força, e levá-la para alguma igreja isolada, onde um padre generosamente subornado se mostraria surdo aos seus gritos de "Não, nunca!".

Eles partiram na manhã seguinte, bem cedo, com uma pequena comitiva. Era a época da colheita. No North Field, os homens ceifavam os talos altos de centeio, enquanto as mulheres seguiam atrás, prendendo as hastes em feixes.

Ultimamente, Ralph passara mais tempo preocupado com a colheita do que com Philippa. Isso acontecia não por causa do tempo, que era favorável, mas por causa da peste. Ele também tinha poucos arrendatários e quase nenhum trabalhador. Muitos lhe haviam sido roubados por senhores inescrupulosos, como a priora Caris, que seduziam os homens de outros proprietários com a oferta de salários altos e arrendamentos vantajosos. Em desespero, Ralph concedera arrendamentos livres a alguns de seus servos, o que significava que não tinham qualquer obrigação de trabalhar em suas terras pessoais... uma disposição que o deixara com uma escassez de pessoal na época da colheita. Em consequência, era provável que uma parte de suas colheitas apodrecesse nos campos.

Mas ele achava que seus problemas poderiam acabar se conseguisse casar com lady Philippa. Teria dez vezes mais terra do que controlava agora, mais a receita de uma dúzia de outras fontes, inclusive tribunais, florestas, mercados e moinhos. E sua família recuperaria sua legítima posição na nobreza. Sir Gerald seria o pai de um conde antes de morrer.

Ele se perguntou de novo o que Gregory tinha em mente. Philippa assumira uma posição difícil, ao desafiar a formidável determinação e as

poderosas ligações de Gregory. Ralph não gostaria de estar em seus sapatos de seda cheios de contas.

Chegaram em Earls castle pouco antes de meio-dia. O som das gralhas escarnecendo das ameias sempre lembrava Ralph do tempo que ele passara ali como pajem, a serviço do conde Roland... os dias mais felizes de sua vida, ele pensava às vezes. Mas o castelo estava muito quieto agora, sem um conde. Não havia pajens empenhados em jogos violentos no primeiro círculo, nem cavalos de guerra relinchando e batendo com os cascos no solo, enquanto eram tratados e exercitados fora dos estábulos, nem homens de armas jogando dados nos degraus da torre.

Philippa estava no antiquado salão, em companhia de Odila e de um punhado de mulheres de sua corte. Mãe e filha trabalhavam juntas numa tapeçaria, sentadas lado a lado, num banco na frente do tear. Tudo indicava que seria uma cena de floresta quando ficasse pronta. Philippa cuidava dos fios marrons para os troncos das árvores, enquanto Odila usava os fios verdes brilhantes para as folhas.

- Muito bonito, mas precisa de mais vida - comentou Ralph, com uma voz que procurou tornar jovial e cordial. - Faltam umas poucas aves e coelhos, talvez alguns cachorros perseguindo um veado.

Philippa manteve-se imune a seu charme, como sempre. Levantou-se e recuou, afastando-se dele. A jovem fez a mesma coisa. Ralph notou que mãe e filha tinham a mesma altura.

- Por que veio até aqui? - indagou Philippa.

Seja como você quiser, pensou Ralph, ressentido. Ele virou de lado para Philippa.

- Sir Gregory tem uma coisa para lhe dizer.

Ralph foi até uma janela e olhou para fora, como se estivesse entediado.

Gregory cumprimentou formalmente as duas mulheres. Disse que esperava não estar incomodando-as. Era uma mentira, pois ele não estava nem um pouco preocupado com a privacidade delas, mas a cortesia pareceu abrandar Philippa, que o convidou a sentar.

- O rei está aborrecido com você, condessa - anunciou Gregory. Philippa baixou a cabeça.

- Lamento muito ter desagradado Sua Majestade.

- Ele deseja recompensar seu leal servidor, Sir Ralph, tornando-o conde de Shiring. Ao mesmo tempo, estará lhe proporcionando um jovem e

vigoroso marido, um bom padrasto para sua filha. - Uma pausa e Gregory acrescentou, ignorando o estremecimento de Philippa: - O rei está surpreso com seu obstinado desafio.

Philippa parecia assustada, como não podia deixar de ser. As coisas seriam diferentes se ela contasse com um irmão ou um tio para se levantar em sua defesa. Mas a peste exterminara sua família. Como uma mulher sem parentes do sexo masculino, ela não tinha ninguém para protegê-la da ira do rei.

- O que ele vai fazer? - indagou ela, apreensiva.

- O rei não mencionou a palavra "traição"... ainda.

Ralph não tinha certeza se Philippa poderia ser legalmente acusada de traição, mas mesmo assim a ameaça fê-la empalidecer. Gregory continuou:

- Ele me pediu, em primeira instância, para argumentar com você. Philippa disse:

- O rei, é claro, considera o casamento como uma questão política...

- E é mesmo uma questão política - interrompeu Gregory. - Se sua linda filha aqui tivesse a fantasia de se apaixonar pelo filho encantador de uma criada da cozinha, você diria a ela, como eu digo a você, que as mulheres da nobreza não podem casar apenas com quem desejam; e você a trancaria em seu quarto e mandaria açoitar o rapaz na frente da janela, até que ele renunciasse à sua filha para sempre.

Philippa parecia afrontada. Não gostava de ouvir preleções sobre os deveres de sua posição de um mero advogado.

- Compreendo as obrigações de uma viúva aristocrática - declarou ela, altiva. - Sou uma condessa, minha avó era condessa, e minha irmã também foi condessa até morrer da peste. Mas o casamento não é apenas política. Também é uma questão de coração. Nós, mulheres, ficamos à mercê dos homens que são nossos senhores e amos, e que têm o dever de decidir sabiamente nosso destino; e suplicamos que não seja ignorado por completo o que sentimos no coração. Essas súplicas são em geral ouvidas. Ela estava transtornada, Ralph podia perceber, mas ainda assim mantinha o controle, mostrava-se competente. O uso da palavra "sabiamente" tinha uma insinuação de sarcasmo.

- Em tempos normais, talvez você tivesse razão, mas estes são dias estranhos

- respondeu Gregory. - Em geral, quando o rei olha ao redor à procura de alguém que esteja à altura de um condado, sempre encontra uma dúzia de

homens sábios, fortes e vigorosos, leais a ele e ansiosos em servi-lo de todas as maneiras que puderem. O rei poderia designar qualquer um para o título com absoluta confiança. Mas agora que muitos dos melhores homens foram abatidos pela peste, o rei é como uma dona de casa que vai ao peixeiro no final da tarde... obrigada a aceitar qualquer coisa que ele ainda tenha disponível.

Ralph entendeu a força do argumento, mas também se sentiu insultado. Preferiu, no entanto, fingir que não notara.

Philippa mudou de rumo. Acenou para uma criada e pediu:

- Traga um jarro do melhor vinho gascão, por favor. E Sir Gregory almoçará aqui. Comeremos ovelha com alho e alecrim.

- Pois não, milady.

- E muito gentil, condessa - murmurou Gregory.

Philippa era incapaz de ser coquete. Fingir que era apenas hospitaleira, sem qualquer outro motivo, da além de sua índole. Voltou direto ao assunto.

- Sir Gregory, tenho de lhe dizer que meu coração, minha alma e todo o meu ser se revoltam contra a perspectiva de casar com Sir Ralph Fitzgerald.

- Mas por quê? - indagou Gregory. - Ele é um homem como qualquer outro.

- Não é, não.

Os dois falavam sobre Ralph como se ele não estivesse presente, de uma forma que ele achou profundamente ofensiva. Mas Philippa estava desesperada, e diria qualquer coisa que pensasse; e Ralph sentia-se curioso, querendo saber o que havia nele que ela tanto detestava. Philippa fez uma pausa, ordenando os pensamentos.

- Se eu dissesse esturpador, torturador, assassino... as palavras pareceriam abstratas demais.

Ralph ficou atordoado. Não pensava em si mesmo dessa maneira. Claro que torturara pessoas, a serviço do rei. Também esturpara Annet. Assassinará vários homens, mulheres e crianças em seus dias como salteador...

Pelo menos, consolou-se Ralph, Philippa não parecia ter adivinhado que fora ele o homem encapuzado que matara Tilly, sua própria esposa. Philippa continuou:

- Os seres humanos têm dentro deles algum elemento que os impede de fazer essas coisas. É a capacidade... não, a compulsão para sentir a dor de outra pessoa. Não podemos evitar. Você, Sir Gregory, não poderia estuprar uma mulher, porque sentiria sua dor e agonia, sofreria com ela, e isso o compelia a se conter. Não poderia torturar ou assassinar pelo mesmo motivo. Alguém que carece da capacidade de sentir a dor de outra pessoa não é um homem, muito embora possa andar sobre duas pernas e falar inglês.

Ela inclinou-se para a frente e baixou a voz, mas ainda assim Ralph pôde ouvi-la com toda clareza:

- E eu não irei para a cama com um animal. Ralph explodiu:

- Não sou um animal!

Ele esperava que Gregory o apoiasse. Em vez disso, Gregory pareceu ceder.

- Esta é sua palavra final, lady Philippa?

Ralph estava espantado. Gregory deixaria o comentário passar sem resposta, como se fosse no mínimo uma meia verdade?

- Preciso que volte ao rei e diga que sou sua súdita leal e obediente, que desejo conquistar seu favor, mas que não posso casar com Ralph mesmo que o arcanjo Gabriel me ordene.

- Entendo. - Gregory levantou-se. - Não ficaremos para o jantar.

O que significava tudo aquilo? Ralph esperava que Gregory apresentasse sua surpresa, uma arma secreta, algum suborno ou ameaça irresistível. Será que o esperto advogado não tinha nenhuma carta escondida debaixo da elegante manga de brocado?

Philippa também se mostrou surpresa pelo súbito encerramento da discussão.

Gregory encaminhou-se para a porta. Ralph não tinha opção que não seguido. Philippa e Odila ficaram olhando para os dois, sem saber o que deduzir daquela saída fria. As damas de companhia permaneceram em silêncio.

- Por favor, suplique ao rei para ser misericordioso - murmurou Philippa.

- Ele será, milady - garantiu Gregory. - Autorizou-me a informá-la que, diante de sua obstinação, não a obrigará a casar com um homem que detesta.

- Obrigada! - exclamou Philippa. Salvou minha vida!

Ralph abriu a boca para protestar. Havia uma promessa. Cometera sacrilégio e assassinato por aquela recompensa. Não podiam lhe tirar tudo agora, não é mesmo?

Mas Gregory falou primeiro:

- Em vez disso, a ordem do rei é para que Ralph case com sua filha. - Ele fez uma pausa. Apontou para a jovem alta de quinze anos parada ao lado da mãe e acrescentou, como se houvesse necessidade de enfatizar de quem estava falando:

- Odila.

Philippa soltou uma exclamação de espanto e Odila gritou. Gregory fez uma reverência.

- Bom-dia para as duas.

- Espere! - balbuciou Philippa. Gregory não lhe deu atenção e saiu. Atordoados, Ralph seguiu-o.

Gwenda estava exausta quando acordou. Era a época da colheita, e ela passava todas as horas dos longos dias de agosto nos campos. Wulfric deslocava a foice de um lado para outro, incansável, do amanhecer ao anoitecer, ceifando o trigo. O trabalho de Gwenda era formar os feixes. Durante o dia inteiro ela se abaixava e pegava os caules ceifados, abaixava e pegava, até que as costas pareciam arder em dor. Quando ficava escuro demais para ver qualquer coisa, ela cambaleava de volta para casa e caía na cama, deixando a família se alimentar com qualquer coisa que encontrasse no armário.

Wulfric despertou ao amanhecer, e seus movimentos penetraram no sono profundo de Gwenda. Ela fez um esforço para se levantar. Todos precisavam de uma primeira refeição substancial, e ela pôs na mesa carne de carneiro fria, pão, manteiga e cerveja forte. Sam, de dez anos, levantou-se logo, mas Davy, que tinha apenas oito anos, teve de ser sacudido e puxado para se levantar.

- Esta terra nunca foi cultivada apenas por um homem e sua esposa - resmungou Gwenda, enquanto comiam.

Wulfric respondeu de uma forma positiva irritante.

- Você e eu fizemos a colheita sozinhos no ano em que a ponte desabou comentou ele, jovial.

- Eu era doze anos mais jovem na ocasião.

- Mas é mais bonita agora.

Ela não estava com a menor disposição para galanteios.

- Mesmo quando seu pai e irmão eram vivos, vocês contratavam trabalhadores na época da colheita.

- Não tem importância. É nossa terra, semeamos tudo, e vamos nos beneficiar com a colheita, em vez de ganharmos apenas salários de um penny por dia. Quanto mais trabalhamos, mais ganhamos agora. Não é o que você sempre quis?

- Eu sempre quis ser independente e autossuficiente, se é disso que você está falando. - Gwenda foi até a porta. - Um vento oeste e umas poucas nuvens no céu.

Wulfric ficou preocupado.

- Precisamos torcer para que não chova por mais dois ou três dias.

- Acho que não choverá antes. Vamos, meninos, é hora de ir para o campo. Vocês podem comer enquanto andam.

Ela estava fazendo uma trouxa com pão e carne para o almoço quando Nate Reeve passou pela porta.

- Oh, não! - exclamou Gwenda. - Não hoje! Estamos quase terminando a nossa colheita!

- O senhor também tem uma colheita para ser feita - declarou o bailiff. Nate foi seguido por seu filho de dez anos, Jonathan, conhecido como Jonno, que no mesmo instante começou a fazer caretas para Sam.

- Dê-nos mais três dias para cuidarmos de nossa própria terra - pediu Gwenda.

- Nem se dê o trabalho de discutir comigo a respeito. Vocês devem ao senhor um dia de trabalho por semana, e dois na época da colheita. Hoje e amanhã vão colher a cevada dele em Brookfield.

- O segundo dia é normalmente perdoado. Essa é a prática há muito tempo.

- Era mesmo assim nos tempos de trabalho abundante. O senhor está desesperado agora. Tantas pessoas negociaram arrendamentos livres que quase não há mais ninguém para cuidar de suas colheitas.

- Então as pessoas que negociaram com você e exigiram ser liberadas de seus deveres costumeiros são recompensadas, enquanto pessoas como nós, que aceitaram as condições antigas, são punidas com o dobro de trabalho nas terras do senhor.

Ela lançou um olhar acusador para Wulfric, recordando como ele a ignorara quando lhe dissera para negociar as condições com Nate.

- É mais ou menos isso - confirmou Nate, indiferente.

- Que inferno! - exclamou Gwenda.

- Não pragueje - disse Nate. - Terão almoço de graça. Haverá pão de trigo e um novo barril de cerveja. Não é uma coisa ótima?

- Sir Ralph alimenta com aveia os cavalos que pretende montar durante o dia inteiro.

- Não demorem - recomendou Nate, saindo.

Seu filho, Jonno, mostrou a língua para Sam, que tentou agarrá-lo. Mas Jonno se esquivou e correu atrás do pai.

Gwenda e sua família arrastaram-se pelos campos até o lugar em que a cevada de Ralph esperava para ser colhida, balançando ao vento. Começaram a trabalhar. Wulfric ceifava e Gwenda formava os feixes. Sam seguia atrás, recolhendo os caules que ela esquecia, até ter quantidade suficiente para um feixe, quando os entregava à mãe para amarrar. As outras famílias que ainda trabalhavam nas condições antigas de arrendamento também estavam no campo, enquanto os servos mais espertos cuidavam de sua própria colheita.

Quando o sol alcançou o ponto mais alto no céu, Nate apareceu numa carroça, com um barril atrás. Cumprindo a palavra, forneceu o delicioso pão fresco de trigo a todas as famílias. Depois de comerem, os adultos deitaram à sombra para descansar, enquanto as crianças brincavam.

Gwenda cochilava quando ouviu uma erupção de gritos infantis. Percebeu no mesmo instante, pela voz, que não era nenhum dos seus filhos que gritava. Mesmo assim, levantou-se de um pulo. E viu seu filho Sam brigando com Jonno Reeve. Embora fossem mais ou menos da mesma idade e tamanho, Sam derrubara Jonno e o esmurrava e chutava sem piedade. Gwenda encaminhou-se para os meninos, mas Wulfric foi mais rápido, puxando Sam com uma das mãos.

Gwenda olhou consternada para Jonno. O menino sangrava pelo nariz e boca, tinha o rosto machucado em torno de um olho, já começando a inchar. Comprimia as mãos contra a barriga, gemendo e chorando. Gwenda já vira muitas brigas entre meninos, mas aquela era diferente. Jonno levava uma tremenda surra.

Ela ficou olhando para seu filho de dez anos. Não havia qualquer marca no rosto de Sam: ao que parecia, Jonno não conseguira acertar um único soco. Sam não exibia nenhum sinal de remorso pelo que fizera. Em vez disso, sua expressão era arrogante e triunfante. Era uma expressão vagamente familiar, e Gwenda vasculhou a memória à procura da recordação. Não

demorou muito para se lembrar de quem ela já vira com aquela expressão depois de surrar alguém.

Vira a mesma expressão no rosto de Ralph Fitzgerald, o verdadeiro pai de Sam.

Dois dias depois que Ralph e Gregory visitaram Earlscastle, lady Philippa foi a Tench Hall.

Ralph estivera considerando a perspectiva de casar com Odila. Era uma linda jovem, mas podiam-se comprar lindas jovens por uns poucos pennies em Londres. Ralph já tivera a experiência de ser casado com alguém que era pouco mais que uma criança. Depois que passara o excitamento inicial, ele se sentira entediado e irritado.

Especulara por algum tempo se poderia casar com Odila e ter Philippa também. A idéia de casar com a filha e ter a mãe como amante fascinara-o. Podia ter as duas juntas ao mesmo tempo. Fizera sexo uma ocasião com uma dupla de mãe e filha, ambas prostitutas, em Calais, e o elemento de incesto criara um senso excitante de depravação.

Mas, pensando bem, ele sabia que isso não aconteceria. Philippa jamais consentiria. Poderia procurar meios de coagi-la, mas ela não se deixava intimidar com facilidade.

- Não quero casar com Odila - declarara ele a Gregory, ao voltarem a cavado de Earlscastle.

- Nem precisará casar - assegurara Gregory, que se recusara a explicar. Philippa chegou com uma dama de companhia e um guarda, mas sem Odila.

Ao entrar em Tench Hall, pela primeira vez ela não parecia orgulhosa. Nem mesmo parecia bonita, pensou Ralph: era evidente que não dormia há duas noites.

Haviam acabado de sentar para jantar: Ralph, Alan, Gregory, um punhado de pajens, um bailiff. Philippa era a única mulher na sala.

Ela foi até Gregory.

A cortesia que ele demonstrara antes fora esquecida. Não se levantou, e fitou-a de uma maneira grosseira de alto a baixo, como se tivesse à sua frente uma serva com alguma queixa.

- E então? - indagou ele, depois de um longo momento de silêncio.

- Casarei com Ralph.

- É mesmo? - A expressão de surpresa era zombeteira. - Por que se decidiu agora?

- Eu mesma casarei com ele, para não ter de sacrificar minha filha.
- Milady, parece pensar que o rei a levou a uma mesa cheia de pratos e a convidou a escolher o que mais gosta - disse ele, sarcástico. - Está enganada.

O rei não pergunta qual é o seu prazer. Ele ordena. Você desobedeceu a uma ordem, e por isso ele deu outra. Não lhe deu uma opção. Philippa baixou os olhos.

- Lamento muito por meu comportamento. Por favor, poupe minha filha.
- Se dependesse de mim, eu recusaria seu pedido, como punição por sua intransigência. Mas talvez seja melhor suplicar para Sir Ralph.

Ela olhou para Ralph. Ele viu a raiva e o desespero nos olhos de Philippa. E sentiu-se excitado. Era a mulher mais ativa que já conhecera, e conseguira dobrar seu orgulho. Queria deitar com ela agora, imediatamente.

Mas ainda não acabara.

- Tem alguma coisa para me dizer? - indagou ele.
- Peço desculpas.
- Venha até aqui.

Ralph sentava à cabeceira da mesa. Ela aproximou-se e parou ao seu lado. Ele acariciou a cabeça de um leão esculpido no braço da cadeira.

- Continue.
- Sinto muito tê-lo rejeitado antes. Gostaria de retirar tudo o que eu disse. Aceito sua proposta. Casarei com você.
- Mas não renovei meu pedido. O rei ordena que eu case com Odila.
- Se pedir ao rei para voltar ao plano original, tenho certeza de que será atendido.

- E é isso o que você me pede para fazer.
- É, sim. - Ela fitou-o nos olhos e engoliu em seco, na humilhação final. Estou pedindo... suplicando. Por favor, Sir Ralph, faça-me sua esposa.

Ralph levantou-se, empurrando a cadeira para trás.

- Pois então me beije.

Philippa fechou os olhos. ,

Ele estendeu o braço esquerdo por seus ombros e puxou-a. Beijou-a nos lábios. Philippa submeteu-se, sem reagir. Com a mão direita, Ralph apertou seu seio. Era tão firme e cheio quanto ele sempre imaginara. Desceu a mão pelo corpo, estendeu-a entre as pernas. Ela se encolheu, mas não ofereceu qualquer resistência ao abraço. Ralph comprimiu a mão

contra a bifurcação das coxas. Envolveu toda a elevação triangular com a mão.

Depois, mantendo essa posição, rompeu o beijo e correu os olhos pelos companheiros.

Na mesma ocasião em que Ralph tornou-se o conde de Shiring, um jovem chamado David Caerleon foi elevado a conde de Monmouth. Tinha só dezessete anos, e seu parentesco com o falecido era apenas distante, mas todos os herdeiros do título mais próximos haviam sido eliminados pela peste.

Poucos dias antes do Natal daquele ano, o bispo Henri realizou uma missa na Catedral de Kingsbridge para abençoar os dois novos condes. Depois, David e Ralph foram os convidados de honra no banquete oferecido por Merthin na casa da guilda. Os mercadores também celebravam a concessão de uma carta de burgo a Kingsbridge.

Ralph considerou que David fora extraordinariamente afortunado. O jovem nunca estivera fora do reino nem lutara em qualquer batalha, mas mesmo assim era conde aos dezessete anos. Ralph marchara por toda a Normandia com o rei Edward, arriscara a vida em uma batalha depois de outra, perdera três dedos e cometera incontáveis pecados a serviço do rei, mas ainda assim tivera de esperar até os trinta e três anos de idade.

Mas finalmente conseguira, e sentou à mesa ao lado do bispo Henri, usando um custoso casaco de brocado, com fios de ouro e prata. Era apontado a estranhos pelas pessoas que o conheciam; mercadores ricos lhe davam passagem e inclinavam a cabeça respeitosos; a mão da criada tremia de nervosismo ao servir vinho em seu copo. Seu pai, Sir Gerald, confinado ao leito agora, mas se apegando à vida com a maior tenacidade, comentara:

- Sou o descendente de um conde e o pai de um conde. Estou satisfeito.

Era tudo profundamente gratificante. Ralph precisava conversar com David sobre o problema dos trabalhadores. Diminuíra temporariamente, agora que a colheita terminara e a aração do outono fora concluída: naquela época do ano, os dias eram curtos e o tempo era bastante frio, por isso não se podia fazer muito trabalho nos campos. Infelizmente, assim que a sementeira da primavera começasse, com o solo macio o suficiente para que os servos espalhassem as sementes, o problema voltaria: os trabalhadores tornariam a criar agitações para obterem salários mais altos; e se fossem recusados, fugiriam ilegalmente para empregadores mais perdulários.

O único meio de parar com isso era a nobreza assumir uma posição coletiva firme, resistir às exigências de pagamentos maiores e se recusar a contratar fugitivos. Era isso o que Ralph queria dizer a David.

O novo conde de Monmouth, no entanto, não demonstrou a menor disposição para conversar com Ralph. Estava mais interessado na enteada de Ralph, Odila, mais próxima de sua idade. Já haviam se encontrado antes, Ralph podia apostar: Philippa e o primeiro marido, William, haviam sido hóspedes frequentes no palácio no tempo em que David era um jovem pajem a serviço do velho conde. Qualquer que fosse a história anterior, os dois eram amigos agora: David falava animado e Odila absorvia cada palavra que ele dizia... concordava com suas opiniões, deliciava-se com suas aventuras, e ria de seus gracejos.

Ralph sempre invejara os homens que eram capazes de fascinar as mulheres. Seu irmão possuía essa capacidade, e em consequência podia atrair as mulheres mais lindas, apesar de ser baixo e feio, com cabelos ruivos.

Mesmo assim, Ralph sentia pena de Merthin. Desde o dia em que o conde Roland escolhera Ralph para seu pajem e condenara Merthin a ser um aprendiz de carpinteiro, o irmão era um condenado. Embora Merthin fosse o mais velho, era Ralph quem estava destinado a ser o conde.

Agora sentado do outro lado do conde David, Merthin tinha de se conformar em ser um mero regedor... e em ter charme.

Ralph não era capaz sequer de seduzir a própria esposa. Philippa mal falava com ele. Tinha mais a dizer para seu cachorro.

Como era possível, Ralph perguntava a si mesmo, um homem desejar tanto uma coisa, quanto ele desejara Philippa, e depois se sentir insatisfeito ao conseguir? Ansiara por ela desde que era um pajem, aos dezenove anos. Agora, depois de três meses de casamento, sonhava com toda força do coração em poder se livrar dela.

Mas era difícil para ele se queixar. Philippa fazia tudo o que uma esposa era obrigada a fazer. Cuidava do castelo com a devida eficiência, como vinha fazendo desde que o primeiro marido se tornara conde, depois da batalha de Crécy. Os suprimentos eram pedidos, as contas, pagas, as roupas, costuradas, a lenha nas lareiras era acesa, a comida e o vinho eram servidos à mesa sem qualquer falha. E ela se submetia às atenções sexuais de Ralph. Ele podia fazer qualquer coisa que quisesse: rasgar suas roupas,

enfiar os dedos nela sem a menor gentileza, possuí-la de pé ou por trás... ela nunca se queixava.

Mas não retribuía suas carícias. Seus lábios nunca se mexiam no contato com os dele, sua língua jamais entrava pela boca de Ralph, as mãos não o acariciavam. Philippa mantinha sempre à mão um frasco de óleo de amêndoa e lubrificava o corpo indiferente sempre que ele queria fazer sexo. Permanecia tão imóvel quanto um cadáver enquanto ele grunhia por cima. No momento em que Ralph rolava para o lado, ela se levantava e da se lavar.

A única coisa boa no casamento era o fato de Odila gostar do pequeno Gerry. O bebê despertava o nascente instinto maternal da jovem. Ela adorava conversar com Gerry, entoar cantigas infantis, e niná-lo para dormir. Proporcionava o tipo de cuidado maternal afetuoso que o menino nunca teria de uma ama.

Apesar de tudo, porém, Ralph sentia-se desapontado. O corpo voluptuoso de Philippa, que contemplara com tanto anseio por muitos anos, era-lhe agora repulsivo. Não a tocava há semanas, e provavelmente nunca mais o faria. Olhava para os seios cheios e os quadris arredondados, e desejava as pernas mais esguias e a pele mais jovem de Tilly. A mesma Tilly que ele apunhalara, com uma faca comprida e afiada, que subira por baixo das costelas e alcançara o coração ainda batendo. Era um pecado que não ousava confessar. Durante quanto tempo, ele especulava angustiado, sofreria por isso no Purgatório?

O bispo e seus colegas ficariam no palácio do prior enquanto a comitiva de Monmouth ocupasse os quartos de hóspedes no hospital. Por isso, Ralph, Philippa e seus servidores estavam alojados numa estalagem. Ralph escolhera a Bell, a taverna reformada que pertencia agora a seu irmão. Era a única casa de três andares em Kingsbridge, com uma sala enorme e aberta no térreo, dormitórios para homens e mulheres por cima, e o último andar com seis quartos de hóspedes individuais, que custavam bastante caro. Quando o banquete terminou, Ralph e seus homens foram para a taverna, onde se instalaram na frente do fogo, pediram mais vinho, e começaram a jogar dados. Philippa ficou para trás, para conversar com Caris e acompanhar Odila e o conde David.

Ralph e seus companheiros atraíram uma multidão de admiradores rapazes e moças, que sempre se reuniam em torno de nobres que gastavam

generosamente. Pouco a pouco, Ralph esqueceu seus problemas, na euforia da bebida e na emoção do jogo.

Notou uma jovem loura que o observava com uma expressão ansiosa, enquanto ele perdia alegremente pilhas de moedas de pennies no rolar dos dados. Chamou-a para sentar ao seu lado no banco, e ela informou que se chamava Ella. Em momentos de tensão, a jovem apertava a coxa de Ralph, como se dominada pelo suspense, embora devesse saber com precisão o que fazia... as mulheres quase sempre sabiam.

Pouco a pouco, ele perdeu o interesse pelo jogo e transferiu sua atenção para Ella. Seus homens continuaram a apostar, enquanto ele aprofundava o conhecimento da jovem. Ela era tudo o que Philippa não era: feliz, sensual e fascinada por Ralph. Tocava-o e a si mesma a todo instante: afastava os cabelos do rosto, acariciava o braço de Ralph, levava a mão à garganta, batia de leve no ombro dele. Parecia muito interessada nas experiências de Ralph na França.

Para irritação de Ralph, Merthin entrou na taverna e sentou-se com ele. Merthin não dirigia a Bell pessoalmente - alugara-a para a filha mais jovem de Betty Baxter -, mas se interessava em ajudar para que a arrendatária tivesse sucesso. Perguntou se Ralph estava satisfeito com tudo. Ralph apresentou sua companheira, e Merthin disse, num tom desdenhoso que não costumava usar com ninguém:

- Já conheço Ella.

Aquela era apenas a terceira ou quarta vez em que os irmãos se encontravam desde a morte de Tilly. Nas ocasiões anteriores, como o casamento de Ralph com Philippa, quase não haviam tido tempo para conversar. Mesmo assim, Ralph sabia, pela maneira como o irmão o fitava, que Merthin desconfiava de que fora ele o assassino de Tilly. O pensamento tácito era uma presença constante, nunca expresso, mas impossível de ignorar, como a vaca na choupana apertada de um só cômodo de um camponês pobre. Se fosse mencionado, Ralph calculava que seria a última conversa entre os dois.

Por isso, naquela noite, como se fosse por consentimento mútuo, eles se limitaram, mais uma vez, a trocar algumas trivialidades sem importância. Depois, Merthin se retirou, alegando que tinha trabalho a fazer. Ralph especulou por um instante que trabalho ele poderia ter num crepúsculo em dezembro. Não tinha a menor idéia de como Merthin passava seu tempo. Ele não caçava, não reunia uma corte, não acompanhava o rei. Seria

possível que passasse o dia inteiro, todos os dias, fazendo desenhos e supervisionando construtores? Uma vida assim levaria Ralph à loucura. E ele também sentia-se surpreso com todo o dinheiro que Merthin parecia ganhar de seus empreendimentos. O próprio Ralph tivera problemas de dinheiro mesmo depois que se tornara o senhor de Tench. Merthin, porém, parecia ter sempre dinheiro disponível.

Ralph tornou a concentrar sua atenção em Ella.

- Meu irmão é um pouco mal-humorado - disse ele, à guisa de desculpa.

- Isso acontece porque ele não tem mulher há meio ano. - Ella riu. - Ele costumava transar com a priora, mas ela teve de expulsá-lo depois que Philemon voltou.

Ralph fingiu estar chocado.

- As freiras não deveriam transar.

- Madre Caris é uma mulher maravilhosa... mas ela tem a coceira, dá para perceber pela maneira como anda.

Ralph ficou excitado pela conversa tão franca de uma mulher.

- É horrível para um homem passar tanto tempo sem ter uma mulher comentou ele, entrando no jogo.

- Também acho.

- Deixa o homem... duro.

Ella inclinou a cabeça para o lado e alteou as sobrancelhas. Ele olhou para seu próprio colo. A jovem acompanhou seu olhar.

- Parece muito desconfortável...

A jovem estendeu a mão para o pênis ereto. Nesse momento, Philippa entrou.

Ralph ficou imóvel. Sentia-se culpado e assustado, e ao mesmo tempo furioso consigo mesmo por se importar se Philippa via ou não o que ele fazia.

- Vou subir e... oh...

Ella não soltou Ralph. Ao contrário, apertou o pênis, gentilmente, ao mesmo tempo em que olhava para Philippa com um sorriso triunfante.

Philippa ficou vermelha, o rosto registrando vergonha e repulsa.

Ralph abriu a boca para falar, mas não sabia o que dizer. Não estava disposto a pedir desculpa para aquela megera que era sua esposa, achando que ela própria atraía aquela humilhação. Mas também sentia-se um tanto idiota, sentado ali, com aquela meretriz de taverna segurando seu pênis, enquanto sua esposa, a condessa, parava na frente dos dois, embaraçada.

A cena durou apenas um momento. Ralph deixou escapar um som estrangulado, Ella deu uma risadinha, e Philippa soltou de novo uma exclamação de espanto, impregnada de exasperação e nojo. Depois, Philippa virou-se e afastou-se, com a cabeça erguida, numa posição fora do normal. Encaminhou-se para a escada larga e subiu, tão graciosa quanto uma corça numa encosta, desaparecendo sem olhar para trás.

Ralph sentiu ao mesmo tempo raiva e vergonha, embora argumentasse para si mesmo que não precisava sentir qualquer das duas coisas. Mas seu interesse por Ella murchou por completo, e ele tratou de afastar a mão da mulher.

- Tome mais um pouco de vinho - disse ela, servindo do jarro na mesa. Mas Ralph começava a sentir uma dor de cabeça, e empurrou para o lado o copo de madeira. Ella pôs a mão em seu braço e disse, a voz rouca e sugestiva:

- Não me deixe na corda bamba agora que me pôs... toda excitada. Ralph empurrou a mão da jovem e levantou-se. Ela endureceu o rosto.

- É melhor me dar alguma coisa como compensação.

Ele meteu a mão na bolsa e tirou um punhado de pennies de prata. Sem olhar para Ella, largou o dinheiro na mesa. Não queria saber se era muito ou pouco. A mulher se apressou em recolher o dinheiro. Ralph deixou-a e subiu.

Philippa já estava na cama, sentada, encostada na cabeceira. Continuava vestida, apenas tirara os sapatos. Fitou Ralph com uma expressão acusadora quando ele entrou.

- Você não tem o direito de ficar zangada comigo! - berrou Ralph.

- Eu não estou zangada. Mas você está.

Ela sempre dava um jeito de torcer as palavras dele, para que parecesse certa e ele, errado. Mas antes que ele pudesse pensar numa resposta, Philippa perguntou:

- Não gostaria que eu o deixasse?

Ralph ficou atônito. Era a última coisa que esperava.

- Para onde você iria?

- Viria para cá. Não me tornaria uma freira, mas mesmo assim poderia viver no convento. Traria poucas pessoas: uma criada, uma secretária, meu confessor. Já conversei com madre Caris, e ela está disposta a me aceitar.

- Minha última esposa fez isso. O que as pessoas vão pensar?

- Muitas mulheres da nobreza retiram-se para conventos, em caráter temporário ou permanente, em algum momento de suas vidas. As pessoas pensarão que você me rejeitou porque passei da idade para conceber crianças... o que provavelmente é verdade. Seja como for, desde quando você se importa com o que as pessoas dizem?

Passou por um instante pela mente de Ralph o pensamento de que detestaria ver Gerry perder Odila. Mas a perspectiva de se livrar da presença orgulhosa e desaprovadora de Philippa era irresistível.

- Está bem. O que a impede? Tilly nunca pediu permissão.

- Quero ver Odila casada primeiro.

- Com quem? Ela fitou-o como se ele fosse um idiota.

- Ahn... - acrescentou Ralph. - Com o jovem David, eu suponho.

- Ele está apaixonado por Odila, e acho que vão combinar muito bem.

- Ele é menor de idade... terá de pedir permissão ao rei.

- É por isso que levantei o assunto com você. Pode procurar o rei e declarar seu apoio a esse casamento? Se fizer isso por mim, juro que nunca mais lhe pedirei qualquer coisa. Eu o deixarei em paz.

Philippa não estava lhe pedindo para fazer qualquer sacrifício. Uma aliança com Monmouth só poderia ser benéfica para Ralph.

- E deixará Earlscastle para viver no convento?

- Assim que Odila casar.

Era o fim de um sonho, refletiu Ralph, mas um sonho que se transformara numa realidade azeda e desolada. Era melhor reconhecer o fracasso e recomeçar mais uma vez.

- Está bem - disse ele, sentindo pesar misturado com libertação. - Negócio fechado.

A Páscoa veio cedo no ano de 1350. Havia um fogo enorme ardendo na lareira de Merthin na noite da Sexta-feira da Paixão. A mesa estava posta, com um jantar frio: peixe defumado, queijo macio, pão fresco, peras e um jarro de vinho da Renânia. Merthin vestia roupas de baixo limpas e uma túnica amarela nova. A casa fora varrida, e havia narcisos num pote no aparador.

Merthin estava sozinho. Lolla fora para a casa de seus criados, Arn e Em. Eles moravam num chalé no final do jardim, e Lolla, com cinco anos de idade, adorava passar a noite ali. Dizia que era uma peregrinação, e levava um saco de viagem com a escova de cabelos e a boneca predileta.

Merthin abriu uma janela e olhou para fora. Uma brisa fria soprava através do rio, passando pela campina no lado sul. A última claridade do final da tarde se desvanecia, a luz parecendo despencar do céu e cair na água, onde sumia na escuridão.

Ele visualizou um vulto encapuzado saindo do convento. Viu a pessoa atravessar em diagonal o pátio gramado da catedral, passar apressada pelas luzes da Bell, e descer pela rua principal lamacenta, o rosto nas sombras, sem falar com ninguém. Imaginou-a alcançando a praia. Olhava para o lado, contemplava o rio frio e negro, e se lembrava por um momento do desespero tão intenso que chegara a gerar pensamentos de autodestruição? Se assim era, a recordação era prontamente descartada, pois a pessoa logo avançava pelo leito com calçamento de pedras de sua ponte. Cruzava o vão e descia na ilha do Leproso. Ali, desviava-se da estrada e passava entre moitas baixas, por uma campina com a vegetação sempre mantida baixa pelos coelhos, e contornava as ruínas do antigo lazareto, até alcançar a praia de sudoeste. E, depois, batia na porta de Merthin.

Ele fechou a porta e esperou. Não houve nenhuma batida. Ainda era cedo. Merthin sentiu-se tentado a tomar um pouco de vinho, mas não o fez: um ritual se desenvolvera, e ele não queria alterar a ordem dos acontecimentos.

A batida só ocorreu alguns momentos mais tarde. Ele abriu a porta. A mulher entrou, jogou o capuz para trás, deixou o grosso manto cinza escorregar de seus ombros.

Era mais alta do que Merthin três ou quatro centímetros, e uns poucos anos mais velha. Seu rosto era orgulhoso e podia ser altivo, embora naquele momento o sorriso irradiasse um calor tão intenso quanto o sol. Usava uma túnica do escarlate de Kingsbridge. Ele abraçou-a, comprimindo aquele corpo voluptuoso contra o seu. Beijou-a na boca e murmurou:

- Minha querida... Philippa...

Fizeram amor imediatamente, ali mesmo, no chão, mal se despindo. Merthin estava faminto de amor, e ela, de qualquer coisa, ainda mais ansiosa. Ele estendeu o manto sobre a palha, Philippa levantou a túnica e deitou. Agarrou-se a Merthin como alguém que se afogava, as pernas a envolvê-lo, os braços esmagando-o contra seu corpo macio, o rosto comprimido em seu pescoço.

Ela lhe dissera que depois de deixar Ralph e se mudar para o priorado, pensara que ninguém jamais tornaria a tocá-la, até que as freiras preparassem seu corpo frio para o enterro. O pensamento quase fazia Merthin chorar.

Por sua vez, ele amava tanto Caris que sentia que nenhuma outra mulher jamais tornaria a despertar sua afeição. Para ambos, portanto, aquele amor fora uma dádiva inesperada, uma fonte de água fresca borbulhando ao sol escaldante do deserto... e os dois beberam como se estivessem morrendo de sede.

Depois do amor, ficaram deitados ao lado do fogo, enlaçados, ofegantes. Merthin recordou a primeira vez. Logo depois de se mudar para o priorado, ela demonstrara interesse pela nova torre. Uma mulher prática, tinha dificuldade para preencher as longas horas que deveria passar em oração e meditação. Gostava da biblioteca, mas não podia ler durante o dia inteiro. Foi procurá-lo no sótão dos pedreiros, e ele explicou seus desenhos. Philippa adquiriu o hábito de visitá-lo todos os dias, conversando enquanto ele trabalhava. Merthin sempre admirara sua inteligência e determinação. Na intimidade do sótão, passou a conhecer o espírito afetuoso e generoso que havia por trás da atitude imponente. Descobriu que Philippa tinha um senso de humor animado, e aprendeu como fazê-la rir. Ela respondia com uma risada sonora e gutural, que o levou a ter vontade de fazer amor com aquela mulher. Um dia, Philippa fez-lhe um elogio:

- Você é um homem gentil. Já não há muitos assim.

A sinceridade dela deixou-o comovido. Beijou sua mão. Era um gesto de afeição, mas que ela podia recusar, se assim quisesse, sem qualquer drama: bastava retirar a mão e dar um passo para trás. Merthin sabia então que fora longe demais. Mas ela não o rejeitara. Ao contrário, pegara a mão de Merthin e fitara-o com uma expressão nos olhos que parecia ser de amor. Ele abraçou-a e beijou-a nos lábios.

Fizeram amor no colchão que havia no sótão. Merthin só se lembrou mais tarde que havia sido Caris quem o encorajara a levar o colchão lá para cima, com um gracejo sobre os pedreiros precisarem de um lugar macio para guardar suas ferramentas.

Caris não sabia sobre ele e Philippa. Ninguém sabia, exceto a criada de Philippa, Arn e Em. Ela da para a cama no andar superior do hospital logo depois do anoitecer, na mesma ocasião em que as freiras se retiravam para seu dormitório. Escapulia enquanto elas dormiam, usando a escada externa que permitia que os hóspedes importantes entrassem e saíssem sem passar pelos alojamentos das pessoas comuns. Voltava pelo mesmo caminho antes do amanhecer, enquanto as freiras cantavam a Matina. Aparecia no refeitório para a primeira refeição como se tivesse passado a noite inteira em seu quarto.

Merthin ficara surpreso ao descobrir que podia amar outra mulher menos de um ano depois de Caris tê-lo deixado pela última vez. Claro que não esquecera Caris. Ao contrário, pensava nela todos os dias. Sentia o impulso de lhe falar sobre alguma coisa engraçada que acontecera, ou pedir sua opinião sobre algum problema difícil, ou relatar que se descobrira a realizar alguma tarefa da maneira como ela gostaria que fosse feita, como lavar com todo cuidado o joelho esfolado de Lolla com vinho quente. Além disso, encontrava-se com ela quase todos os dias. O novo hospital estava quase pronto, mas a torre da catedral mal começara, e Caris acompanhava atenta os dois projetos.

O priorado perdera o poder de controlar os mercadores da cidade, mas ainda assim Caris se interessava pelo trabalho que Merthin e a guilda realizavam para criar todas as instituições de um burgo, como novos tribunais, planejamento de uma bolsa de lã, e o estímulo às guildas de artesãos para codificar padrões e medidas. Mas seus pensamentos sobre Caris sempre tinham um ressaibo desagradável, como a amargura deixada no fundo da garganta por cerveja azeda. Ele a amara totalmente, mas no

final Caris o rejeitara. Era como recordar um dia feliz que terminara com uma briga.

- Acha que me sinto particularmente atraído por mulheres que não são livres? - perguntou ele a Philippa.

- Não. Por quê?

- Parece estranho que depois de doze anos amando uma freira e nove meses de celibato, eu acabasse me apaixonando pela esposa de meu irmão.

- Não me chame assim - protestou Philippa. - Não era um casamento. Fui obrigada a casar contra a minha vontade. Partilhei sua cama por não mais que uns poucos dias, e ficarei feliz se nunca mais encontrá-lo.

Ele apertou o ombro de Philippa, como se pedisse desculpa.

- Mas ainda assim temos de guardar segredo, como acontecia com Caris.

O que ele não disse foi que um homem tinha o direito de matar a esposa se a surpreendesse cometendo adultério. Ao que Merthin soubesse, isso nunca acontecera, não na nobreza, mas o orgulho de Ralph era uma coisa terrível. Merthin sabia - e contara a Philippa - que Ralph matara a primeira esposa, Tilly.

- Seu pai amou sua mãe sem qualquer esperança por um longo tempo, não é mesmo?

- É verdade.

Merthin quase esquecera essa história antiga.

- E você se apaixonou por uma freira.

- E meu irmão passou anos ansiando por você, a feliz esposa de um nobre. Como dizem os padres, os pecados dos pais passam para os filhos. Mas já chega dessa conversa. Quer jantar?

- Daqui a pouco.

- Há uma coisa que você quer fazer primeiro?

- Você sabe.

Merthin sabia. Ajoelhou-se entre as pernas de Philippa, beijou sua barriga e coxas. Era uma peculiaridade dela: sempre queria gozar duas vezes. Ele começou a excitá-la com a língua. Philippa gemeu, segurou a cabeça dele com as duas mãos, e puxou-o.

- Sabe como eu gosto disso, ainda mais quando estou cheia de seu sêmen murmurou ela.

Merthin levantou a cabeça.

- Eu sei.

E ele tornou a baixá-la para fazer o que tinha de fazer.

A primavera trouxe uma trégua na peste. As pessoas ainda morriam, mas havia menos gente contraindo a doença. No Domingo de Páscoa, o bispo Henri anunciou que a Feira do Velocino seria realizada como de hábito naquele ano.

No mesmo serviço, seis noviços fizeram seus votos e se tornaram monges. Todos haviam tido um noviciado extraordinariamente curto, mas Henri estava ansioso em aumentar o número de monges em Kingsbridge; e garantiu que a mesma coisa vinha acontecendo por todo o país. Além disso, cinco padres foram ordenados - também se beneficiando de um programa de treinamento acelerado e foram enviados para substituir vítimas da peste na região rural ao redor. E dois monges de Kingsbridge vieram da universidade, depois de receberem diplomas de médico em três anos, em vez dos cinco ou sete de praxe.

Os novos doutores eram Austin e Sime. Caris lembrava-se deles um tanto vagamente: era mestra de hóspedes quando eles haviam partido, três anos antes, para cursarem o Kingsbridge College, em Oxford. Na tarde da segunda-feira da Páscoa, ela mostrou-lhes o novo hospital, quase pronto. Não havia ninguém trabalhando na obra, já que era um dia santo.

Os dois tinham a autoconfiança arrogante que a universidade parecia inculcar em seus graduados, junto com as teorias médicas e uma atração pelo vinho gascão. Mas os anos lidando com pacientes também haviam proporcionado confiança a Caris, e ela descreveu com segurança as instalações do hospital e a maneira como planejava dirigi-lo.

Austin era um jovem magro e sério, os cabelos louros já ralos. Ficou impressionado com a disposição inovadora dos quartos, em forma de claustro. Sime, um pouco mais velho e de rosto redondo, não parecia interessado em aprender com a experiência de Caris, que notou que ele sempre desviava os olhos quando ela falava.

- Acho que um hospital deve ser sempre limpo - declarou ela.

- Com base em quê? - indagou Sime, condescendente, como se perguntasse a uma menina por que sua boneca tinha de levar algumas palmadas.

- A higiene é uma virtude.

- Ahn... por isso. Então não tem nada a ver com o equilíbrio dos humores no corpo.

- Não faço a menor idéia se tem a ver ou não. Não prestamos muita atenção aos humores. Esse sistema fracassou de maneira espetacular contra a peste.

- E varrer o chão deu certo?
- No mínimo, um quarto limpo melhora a disposição do paciente. Austin interveio:
- Você deve admitir, Sime, que alguns dos mestres em Oxford partilham as novas ideias da madre priora.
- Um pequeno grupo dos heterodoxos.
- O ponto principal aqui é separar os pacientes que sofrem do tipo de doença que é transmitida dos doentes para os saudáveis, isolando-os do resto.
- Com que finalidade? - perguntou Sime.
- Para restringir a disseminação das doenças.
- E como elas são transmitidas?
- Ninguém sabe.

Um pequeno sorriso de triunfo contraiu os lábios de Sime.

- Posso perguntar como você sabe então as maneiras de restringir a disseminação?

Ele pensava que a deixara acuada com seu argumento - era a coisa principal que aprendiam em Oxford -, mas Caris sabia como responder.

- Pela experiência. Um pastor não compreende o milagre pelo qual um cordeiro cresce no útero de uma ovelha, mas sabe que não acontecerá se mantiver o carneiro fora do pasto.

-Hum...

Caris detestou a maneira como ele murmurou "Hum". Era um homem astuto, pensou ela, mas sua astúcia nunca explicava o mundo. Sempre se impressionava pelo contraste entre aquele tipo de intelectual e o tipo de Merthin. Os conhecimentos de Merthin eram amplos, e o poder de sua mente de apreender as complexidades era excepcional... mas sua sabedoria nunca se desviava das realidades do mundo material, pois ele sabia que seus prédios desabariam se errasse. Seu pai, Edmund, fora assim, esperto mas prático. Sime, como Godwyn e Anthony, apegava-se à sua fé nos humores do corpo: não fazia a menor diferença se seus pacientes viviam ou morriam.

Austin exibiu um sorriso exultante.

- Ela pegou-o de jeito nesse ponto, Sime - disse ele, num divertimento evidente por seu presunçoso amigo não ter conseguido prevalecer sobre uma freira sem instrução formal. - Podemos não saber exatamente como

as doenças se espalham, mas não deve fazer mal algum separar os doentes dos saudáveis.

Irmã Joan, a tesoureira das freiras, interrompeu a conversa:

- O bailiff de Outhenby está pedindo para lhe falar, madre Caris.

- Ele trouxe os bezerros?

Outhenby tinha a obrigação de entregar às freiras, todos os anos, na Páscoa, uma dúzia de bezerros de um ano.

- Trouxe.

- Ponha os animais no cercado e peça ao bailiff cata vir até aqui, por favor. Sime e Austin se retiraram. Caris foi inspecionar o chão ladrilhado das latrinas. O bailiff encontrou-a ali. Era Harry Plowman. Ela dispensara o antigo bailiff, que era muito lento para reagir às mudanças, e promovera ao posto o jovem mais brilhante da aldeia.

Ele apertou a mão de Caris, o que era um excesso de familiaridade de sua parte. Mas Caris gostava dele e não se importou.

- Deve ser um estorvo ter de conduzir uma manada por todo o caminho até aqui, ainda mais quando a aração da primavera já começou - comentou ela.

- É mesmo.

Como a maioria dos aradores, Harry tinha ombros largos e braços musculosos. Havia necessidade de força, além de habilidade, para conduzir a equipe de oito bois da comunidade à frente do pesado arado, através do solo argiloso úmido. Ele exibia a aparência saudável da vida ao ar livre.

- Não prefere fazer um pagamento em dinheiro? - perguntou Caris. - A maior parte das dívidas com o solar é paga em dinheiro hoje em dia.

- Claro que seria mais conveniente. - Os olhos de Harry se contraíram, com a astúcia de camponês. - Mas quanto?

- Um bezerro de um ano costuma valer de dez a doze shillings, no mercado, embora os preços tenham caído este ano.

- É verdade... pela metade. Podem-se comprar doze bezerros por três libras.

- Ou seis libras, num bom ano. Ele sorriu, apreciando a negociação.

- Aí está o problema.

- Mas você prefere o pagamento em dinheiro.

- Se pudermos chegar a um acordo sobre a quantia.

- Vamos acertar em oito shillings.

- Mas neste caso, se o preço de um bezerro cair para cinco shillings, onde os aldeões vão conseguir o dinheiro extra?

- Já sei o que podemos fazer. No futuro, Outhenby pode pagar ao convento cinco libras ou doze bezerros... a escolha será de vocês.

Harry pensou a respeito por um momento, procurando desvantagens, mas não pôde encontrar nenhuma.

- Está bem. Vamos lacrar o acordo?

- Como podemos fazer isso?

Para surpresa de Caris, ele beijou-a.

Segurou os ombros esguios de Caris com as mãos rudes, inclinou a cabeça, e comprimiu os lábios contra os dela. Se o irmão Sime tivesse feito aquilo, ela teria recuado, horrorizada. Mas Harry era diferente, e talvez ela se sentisse excitada por seu ar de vigorosa masculinidade. Qualquer que fosse o motivo, submeteu-se ao beijo, deixando que ele puxasse seu corpo, sem resistir, e movendo os lábios contra sua boca barbuda. Ele comprimiu-se ainda mais, para que Caris pudesse sentir sua ereção. Ela compreendeu que Harry poderia possuí-la ali mesmo, com a maior satisfação, no chão de ladrilhos das latrinas. Esse pensamento levou-a a recuperar o controle. Rompeu o beijo e empurrou-o.

- Pare com isso! O que pensa que está fazendo? Harry não se alterou.

- Beijando-a, minha cara.

Caris compreendeu que tinha um problema. Não podia haver a menor dúvida de que os rumores sobre seu relacionamento com Merthin haviam se espalhado. Afinal, os dois deviam ser as pessoas mais conhecidas em todo o condado de Shiring. Harry com certeza não conhecia a verdade, mas os boatos haviam estimulado sua ousadia. Aquele tipo de coisa poderia prejudicar sua autoridade. Devia reprimir imediatamente.

- Nunca mais deve fazer nada assim - declarou ela, com toda a severidade de que era capaz.

- Você pareceu gostar!

- Então seu pecado é ainda maior, por ter tentado uma mulher fraca a perjurar seus votos sagrados.

- Mas eu amo você!

Era verdade, compreendeu Caris, e ela podia adivinhar por quê. Ela entrara como um vendaval em sua aldeia, reorganizara tudo, moldara os camponeses à sua vontade.

Reconhecera o potencial de Harry e o elevara acima de seus companheiros. Agora, ele devia considerá-la como uma deusa. Não era de surpreender que tivesse se apaixonado. Seria melhor que se desapaixonasse o mais depressa possível.

- Se algum dia voltar a me falar desse jeito, escolherei outro bailiff em Outhenby.

-Oh...

A ameaça conteve-o de uma maneira mais efetiva do que a acusação de pecado.

- Agora, volte para casa.

- Está bem, madre Caris.

- E encontre outra mulher... de preferência uma que não tenha feito o voto de castidade.

- Nunca!

Mas Caris não acreditou nele.

Harry foi embora, mas ela permaneceu onde estava. Sentia-se irrequieta e lasciva. Se pudesse ter certeza de que ficaria a sós por um momento, não hesitaria em se acariciar. Aquela era a primeira vez em nove meses que o desejo físico a perturbava. Depois de finalmente se separar de Merthin, ingressara numa espécie de estado neutro, em que não pensava sobre sexo. Suas relações com as outras freiras lhe proporcionavam amizade e afeição: gostava de Joan e Oonagh, embora nenhuma das duas a amasse no sentido físico, como acontecera com Mair. Seu coração vibrava com outras paixões: o novo hospital, a torre e o renascimento da cidade.

E foi pensando na torre que ela deixou o hospital e atravessou o pátio gramado da catedral. Merthin escavara quatro buracos enormes, os mais profundos que alguém já vira, fora da catedral, em torno das fundações da antiga torre. Construíra enormes guinchos para retirar a terra. Ao longo dos meses chuvosos do outono, os carros de boi arrastavam-se durante o dia inteiro pela rua principal, atravessavam o primeiro vão da ponte, e despejavam a lama no terreno rochoso da ilha do Leproso. Ali, pegavam pedras de construção no cais de Merthin e tornavam a subir a rua, para largar as pedras em torno do terreno da catedral, em pilhas cada vez maiores.

Assim que as geadas do inverno acabaram, os pedreiros haviam começado a instalar as fundações. Caris foi para o lado norte da catedral, e deu uma espiada no buraco que havia ali, no ângulo formado pela parede externa da

nave e a parede externa do transepto norte. A profundidade até causava vertigem. O fundo já estava coberto por uma camada de alvenaria, as pedras bem preparadas dispostas em linhas retas, unidas por finas camadas de argamassa. Porque as fundações antigas eram inadequadas, a torre estava sendo construída em fundações novas e independentes. Subiria fora das paredes existentes da catedral; portanto, nenhuma demolição seria necessária acima e além do que Elfric já fizera, ao derrubar os níveis superiores da velha torre. Só quando tivesse acabado é que Merthin removeria o teto provisório que Elfric construía sobre a interseção. Era um típico projeto de Merthin: simples mas radical, uma solução brilhante para os problemas específicos do local.

Como no hospital, não havia trabalhadores ali naquela segunda-feira da Páscoa, mas ela percebeu que havia um movimento no buraco e constatou que alguém examinava as fundações. Um momento depois, reconheceu Merthin lá embaixo. Foi até uma das surpreendentemente frágeis escadas de cordas e galhos que os pedreiros usavam, e desceu trêmula para o buraco.

Sentiu-se contente ao chegar no fundo. Merthin ajudou-a a sair da escada, sorrindo. . .

- Você parece um pouco pálida.
- É uma longa descida. Como vai o trabalho?
- Muito bem. Mas levará muitos anos.
- Por quê? O hospital parece muito mais complicado, e já está quase pronto.
- Por dois motivos. Quanto mais alto subirmos, menos pedreiros poderão trabalhar lá em cima. Neste momento, tenho doze homens preparando as fundações. Mas à medida que subir, a torre se tornará mais estreita, e não haverá espaço para todos. O outro motivo é que a argamassa leva mais tempo para assentar. Temos de deixá-la endurecer ao longo de um inverno antes de pormos muito peso em cima.

Caris mal prestava atenção. Ao observar seu rosto, recordava como faziam amor, no palácio do prior, entre a Matina e a Laudes, com a primeira claridade do amanhecer entrando pelas janelas abertas e iluminando seus corpos nus, como uma bênção.

Ela passou a mão pelo braço de Merthin.

- Pelo menos o hospital não vai demorar tanto.
- Creio que poderá se instalar ali até a festa de Pentecostes.

- Fico contente. Embora tenhamos uma ligeira trégua da peste: menos pessoas estão morrendo.

- Graças a Deus! - exclamou Merthin, fervoroso. - Talvez esteja chegando ao fim.

Caris sacudiu a cabeça, desolada.

- Já pensamos antes que havia acabado, lembra? Foi mais ou menos nesta época, no ano passado. E voltou ainda pior.

- Que Deus nos ajude!

Ela encostou a palma da mão no rosto de Merthin, sentindo a barba firme.

- Pelo menos você está seguro. Ele parecia um pouco insatisfeito.

- Assim que o hospital terminar, podemos começar a bolsa de negócios de lá.

- Espero que você esteja certo ao prever que os negócios vão aumentar muito em breve.

- Se isso não acontecer, não terá muita importância, porque estaremos todos mortos.

- Não diga isso. Ela beijou-o na face.

- Temos de agir na suposição de que vamos viver. - Ele falou num tom irritado, como se Caris o estivesse aborrecendo. - Mas a verdade é que não sabemos.

- Não vamos pensar no pior.

Ela enlaçou-o pela cintura, comprimiu os seios contra seu corpo esguio, sentindo os ossos duros de Merthin em contato com sua carne macia. Ele empurrou-a, num gesto brusco. Caris cambaleou para trás, e quase caiu.

- Não faça isso! - gritou Merthin.

Ela se sentiu tão chocada quanto ficaria se tivesse levado um tapa.

- Qual é o problema?

- Pare de me tocar!

- Eu apenas...

- Só peço que não me toque! Você terminou nosso relacionamento há nove meses. Eu disse que era a última vez, e falava sério.

Caris não podia compreender tanta raiva.

- Mas apenas o abracei.

- Pois não faça mais isso. Não sou seu amante. Você não tem esse direito.

- Não tenho o direito de tocá-lo?

- Não, não tem!

- Não sabia que precisava de permissão.
- Claro que sabia. Não deixa as pessoas tocarem em você.
- Você não é as pessoas. Não somos estranhos.

Mas no exato momento em que disse isso, Caris compreendeu que estava errada e ele tinha razão. Rejeitara-o, mas não aceitara as consequências. O encontro com Harry de Outhenby incendiara seu desejo, e procurara Merthin em busca de uma descarga. Dissera a si mesma que o tocava numa demonstração de amizade afetuosa, mas isso era mentira. Tratara-o como se ele ainda estivesse à sua disposição, como uma mulher rica e ociosa que pegava um livro por um momento, só para largá-lo de novo. Depois de lhe negar o direito de tocá-la durante todo aquele tempo, era errado tentar restabelecer seu privilégio só porque um arador jovem e musculoso a beijara.

Mesmo assim, ela teria esperado que Merthin ressaltasse isso de uma maneira gentil e afetuosa. Mas ele se mostrara hostil e ríspido. Retirara sua amizade, além do amor? As lágrimas afloraram aos olhos de Caris. Ela virou-se e voltou para a escada.

Teve dificuldade para subir. Era extenuante e parecia ter perdido sua energia. Parou para descansar. Olhou para baixo. Merthin se encontrava parado na base da escada, firmando-a com seu peso.

Quando já estava quase no topo, Caris tornou a olhar para baixo. Ele continuava ali. Ocorreu-lhe que sua infelicidade acabaria se caísse. Era uma longa queda até as pedras implacáveis. Seria uma morte instantânea.

Merthin pareceu sentir o que ela pensava, pois fez um aceno impaciente, indicando que ela deveria se apressar e deixar a escada. Caris pensou como ele ficaria devastado se ela se matasse. Por um momento, gostou de imaginar o sofrimento e a culpa de Merthin. Tinha certeza de que Deus não a puniria na vida posterior... se é que havia uma vida posterior.

Depois, ela subiu os últimos degraus e parou em terreno sólido. Fora uma idiota, apenas por um instante. Não queria acabar com sua vida. Tinha muita coisa a fazer.

E voltou ao convento. Era a hora da Véspera, e ela liderou a procissão para a catedral. Como uma jovem noviça, ressentia-se do tempo desperdiçado nos serviços. Madre Cecilia até tivera o cuidado de incumbi-la de trabalhos que permitiam que fosse dispensada na maioria das ocasiões. Agora, ela acolhia agradecida a oportunidade de descansar e refletir.

A tarde fora um momento de depressão, ela decidiu, mas haveria de se recuperar. Mesmo assim, descobriu-se a fazer um esforço para reprimir as lágrimas, enquanto cantava os salmos.

No jantar, as freiras comeram enguia defumada. Uma carne fibrosa e de gosto forte, que não era o prato predileto de Caris. De qualquer forma, não estava com fome naquela noite. Comeu apenas um pouco de pão.

Depois da refeição, ela retirou-se para sua farmácia. Duas noviças estavam ali, copiando o livro de Caris. Concluía o livro logo depois do Natal. Muitas pessoas haviam pedido cópias: boticários, priorosas, barbeiros, até mesmo um ou dois médicos. Copiar o livro tornara-se parte do treinamento das freiras que queriam trabalhar no hospital. As cópias eram baratas - o livro era curto, não tinha desenhos elaborados, não exigia tintas caras -, e a demanda parecia interminável.

Três pessoas faziam com que a sala se tornasse apinhada. Caris aguardava ansiosa pelo espaço e pela luz da farmácia no novo hospital.

Queria ficar sozinha, e por isso despachou as noviças. Mas seu desejo não seria atendido. Poucos momentos depois, lady Philippa entrou na sala.

Caris nunca sentira muita afeição pela reservada condessa, mas compadecia-se de sua situação difícil, e sempre se sentia contente em oferecer santuário a qualquer mulher fugindo de um marido como Ralph. Philippa era uma hóspede fácil, quase sem exigências, que passava a maior parte do tempo em seu quarto. Só tinha um interesse restrito em partilhar a vida de orações e abnegação das freiras... mas Caris, entre todas as pessoas, podia compreender isso.

Caris convidou-a a sentar num banco junto da bancada de trabalho.

Philippa era uma mulher extraordinariamente direta, apesar de suas maneiras corteses. Sem qualquer preâmbulo, ela declarou:

- Quero que você deixe Merthin em paz.

- Como?

Caris ficou atônita e ofendida.

- Claro que você tem de conversar com ele, mas não deve beijá-lo nem tocá-lo.

- Como ousa me falar assim?

O que Philippa sabia... e por que ela se importava?

- Ele não é mais seu amante. Pare de perturbá-lo.

Merthin devia ter falado com ela sobre a discussão naquela tarde.

- Mas por que ele lhe contaria...?

Antes mesmo de concluir a pergunta, Caris já sabia a resposta. Philippa apressou-se em confirmá-la.

- Ele não é mais seu agora... é meu.

- Oh, não! - Caris ficou atordoada. - Você e Merthin?

- Isso mesmo. - Vocês já...

- Já

- Eu não tinha a menor idéia! - Ela sentia-se traída, embora soubesse que não tinha esse direito. Quando isso acontecera? - Mas como... onde...?

- Você não precisa saber dos detalhes.

- Claro que não. - Na casa de Merthin na ilha do Leproso, ela calculou. A noite, provavelmente. - Há quanto tempo...?

- Não importa.

Caris podia deduzir. Philippa estava no convento há menos de um mês.

- Você agiu depressa.

Era um comentário indigno, e Philippa teve a gentileza de ignorá-lo.

- Merthin seria capaz de fazer qualquer coisa para continuar com você. Mas rejeitou-o. Agora, deve largá-lo. É difícil para ele amar outra mulher, depois de você... mas ele tem se esforçado. Não ouse interferir.

Caris teve vontade de censurá-la, em fúria, gritar que ela não tinha o direito de lhe dar ordens e de fazer exigências morais... só que Philippa estava certa. Caris devia largar Merthin, para sempre. Ela não queria deixar transparecer sua angústia para Philippa.

- Pode se retirar agora, por favor? - pediu ela, numa tentativa de dignidade ao estilo de Philippa. - Eu gostaria de ficar sozinha.

Philippa não se deixava intimidar, e insistiu:

- Vai fazer o que eu disse?

Caris não gostava de ser acuada, mas não lhe restava qualquer disposição.

- Claro que sim.

- Obrigada.

Philippa saiu. Quando teve certeza de que Philippa não podia mais ouvi-la, Caris começou a chorar.

Como prior, Philemon não era melhor do que Godwyn. Sentiu-se sufocado pelo desafio de administrar o patrimônio do priorado. Caris fizera uma lista, durante seu período como prior em exercício, das principais fontes de receita dos monges:

1. Arrendamentos
2. Uma parte dos lucros do comércio e indústria (dízimo)
3. Lucros agrícolas sobre terras que não foram arrendadas
4. Lucros de moinhos de grãos e outros, moinhos industriais
5. Pedágios de canais e uma parte de todos os peixes pescados
6. Estabulação em mercados
7. Lucros de justiça... honorários e multas de tribunais
8. Doações devocionistas de peregrinos e outras pessoas
9. Venda de livros, água benta, velas etc

Ela entregara a lista a Philemon, que a devolvera no mesmo instante, como se estivesse insultado. Godwyn, melhor do que Philemon apenas no fato de ter um certo charme superficial, teria agradecido e depois, discretamente, ignoraria a lista.

No convento, Caris introduzira um novo método de manter as contas, que aprendera com Buonaventura Caroli, quando trabalhava com seu pai. O método antigo era o de simplesmente anotar numa folha de pergaminho uma breve descrição de cada transação, para que sempre se pudesse voltar atrás quando se quisesse verificar. O sistema italiano era registrar a receita no lado esquerdo e as despesas no direito, fazendo as somas ao pé da página. A diferença entre os dois totais mostrava se a instituição estava ganhando ou perdendo dinheiro. Irmã Joan adotara esse método com o maior entusiasmo. Mas quando tentara explicá-lo a Philemon, ele se recusara bruscamente a ouvir. Considerava que as ofertas de ajuda eram insultos à sua competência.

Ele só tinha um talento, que era o mesmo de Godwyn: um instinto para manipular pessoas. Com a maior astúcia, fez uma filtragem na nova leva de monges, despachando o irmão Austin, o médico de mentalidade

moderna, e dois outros jovens brilhantes para St.-John-in-the-Forest, onde estariam muito longe para desafiar sua autoridade.

Mas Philemon era agora problema do bispo. Henri nomeara-o para o posto e teria de lidar com ele. A cidade era independente, e Caris tinha seu novo hospital.

O hospital seria consagrado pelo bispo no Domingo de Pentecostes, que era sempre sete semanas depois da Páscoa. Poucos dias antes, Caris transferiu seus equipamentos e suprimentos para a nova farmácia. Havia espaço suficiente para duas pessoas trabalharem na bancada, preparando medicamentos, e para uma terceira sentar na escrivaninha, escrevendo.

Caris preparava um emético, Oonagh moía ervas secas e uma noviça chamada Greta copiava o livro de Caris quando um monge noviço entrou, trazendo um pequeno baú de madeira. Era Josiah, um adolescente que todos chamavam de Joshie. Ele se mostrou embaraçado na presença das três mulheres.

- Onde devo pôr isto? - perguntou ele. Caris virou-se para fitá-lo.

- E o que é isso?

- Um baú.

- Dá para ver que é um baú. - Caris foi paciente. O fato de alguém aprender a ler e escrever não o tornava, infelizmente, inteligente. Quero saber o que contém.

- Livros.

- E por que me trouxe um baú com livros?

- Foi a ordem que recebi. - Depois de um momento, ao compreender que a resposta não era bastante informativa, Joshie acrescentou: - Do irmão Sime.

Caris alteou as sobrancelhas.

- Sime está me dando livros de presente?

Ela foi abrir o baú. Joshie tratou de escapar, sem responder à pergunta. Os livros eram textos médicos, todos em latim. Caris examinou-os. Eram os clássicos: Poema sobre a medicina, de Avicenna, Dieta e higiene, de Hipocrates,

Sobre as partes da mediana, de Galeno, e De Urinis, de Isaac Judaeus. Todos haviam sido escritos há mais de trezentos anos. Joshie voltou com outro baú.

- O que é agora? - perguntou Caris.

- Instrumentos médicos. O irmão Sime diz que não devem tocá-los. Ele virá mais tarde para guardá-los nos lugares apropriados.

Caris ficou consternada.

- Sime quer guardar seus livros e instrumentos aqui? Ele planeja trabalhar aqui?

Joshie não sabia de nada sobre as intenções de Sime, é claro.

Antes que Caris pudesse dizer mais alguma coisa, Sime apareceu, acompanhado por Philemon. Sime correu os olhos pela sala e depois, sem qualquer explicação, começou a tirar suas coisas dos baús. Afastou alguns recipientes de Caris de uma prateleira e pôs seus livros no lugar. Tirou facas afiadas para abrir veias e os frascos de vidro em forma de gota de lágrima usados para examinar amostras de urina. Caris indagou, em tom neutro:

- Planeja passar muito tempo aqui no hospital, irmão Sime? Philemon respondeu por ele, obviamente tendo previsto a pergunta:

- Onde mais? - O tom era indignado, como se Caris já o tivesse desafiado. Este é o hospital, não é? E Sime é o único médico no priorado. Como as pessoas serão tratadas, senão por ele?

Subitamente, a farmácia já não parecia mais espaçosa. Mas antes que Caris pudesse dizer qualquer coisa, um estranho apareceu.

- O irmão Thomas me disse para vir até aqui - anunciou ele. - Sou Jonas Powderer, de Londres.

O visitante devia ter em torno dos cinquenta anos, e vestia um casaco bordado e um chapéu de pele. Caris notou o sorriso fácil e a atitude afável, e imaginou que ele ganhava a vida vendendo coisas. Ele trocou apertos de mão, e correu os olhos pela sala, acenando com a cabeça em aprovação para as meticulosas fileiras de potes e frascos rotulados de Caris.

- Extraordinário! - exclamou ele. - Nunca vi uma farmácia tão sofisticada fora de Londres.

- É médico, senhor?

O tom de Philemon era cauteloso: não tinha certeza sobre a posição de Jonas.

- Boticário. Tenho uma loja em Smithfield, perto da igreja de St. Bartholomew. Não deveria me gabar, mas é a maior em seu ramo de toda a cidade.

Philemon relaxou. Um boticário era um mero mercador, muito abaixo de um prior na hierarquia. Com uma insinuação de desdém, ele perguntou:

- E o que trouxe o maior boticário de Londres até aqui?
- Eu esperava adquirir uma cópia de A panaceia de Kingsbridge.
- Como?

Jonas sorriu, sinuante.

- Cultiva a humildade, padre prior, mas vejo aquela noviça fazendo uma cópia bem aqui em sua farmácia.
- O livro? - interveio Caris. - Não é chamado de panaceia.
- Mas contém curas para todas as doenças. Havia uma certa lógica nisso, refletiu Caris.

- Mas como soube do livro?

- Viajo muito, à procura de ervas raras e outros ingredientes, enquanto meus filhos cuidam da loja. Conheci uma freira de Southampton que me mostrou uma cópia. Ela chamou de panaceia, e disse que o livro havia sido escrito em Kingsbridge.

- A freira era a irmã Claudia?

- Era, sim. Pedi a ela que me emprestasse o livro apenas pelo tempo suficiente para fazer uma cópia, mas ela não quis se separar dele.

- Eu me lembro dessa freira.

Claudia fizera uma peregrinação a Kingsbridge, ficara no convento, e ajudara a cuidar das vítimas da peste, sem qualquer preocupação com a própria segurança. Caris lhe dera o livro em agradecimento.

- Um trabalho extraordinário - declarou Jonas, entusiasmado. - E em inglês!

- É para curadores que não são padres, e por isso não sabem muito de latim.

- Não há outro livro de sua espécie em qualquer língua.

- É tão excepcional assim?

- A disposição dos assuntos é incrível! - comentou Jonas, com um entusiasmo crescente. - Em vez dos humores do corpo, ou as classes de doenças, os capítulos referem-se às dores do paciente. Assim, quer a queixa do cliente seja dor de barriga, hemorragia, febre, diarreia, ou espirro, sempre se pode encontrar a página relevante!

Philemon interrompeu, impaciente:

- Bastante apropriado para boticários e seus clientes, tenho certeza. Jonas pareceu não perceber o tom desdenhoso.

- Presumo, padre prior, que é o autor deste livro tão valioso.

- Claro que não!

- Então quem...?
 - Fui eu que escrevi - informou Caris.
 - Uma mulher! - Jonas estava impressionado. - Mas de onde tirou todas as informações? Praticamente nada aparece em outros textos.
 - Os textos antigos nunca provaram ser muito úteis para mim, Jonas. Comecei a aprender a fazer medicamentos com uma curandeira de Kingsbridge, que infelizmente deixou a cidade ao ser perseguida como uma bruxa. Aprendi mais com madre Cecilia, que foi priora aqui antes de mim. Mas reunir receitas e tratamentos não é difícil. Todo mundo conhece pelo menos uma centena. O difícil é identificar os poucos eficientes em todo o entulho. Mantive um diário ao longo dos anos, registrando os efeitos de cada cura que experimentei. Em meu livro, incluí apenas os tratamentos cujos resultados testemunhei, com meus próprios olhos, em sucessivas ocasiões.
 - Estou comovido por falar com você pessoalmente.
 - Claro que levará uma cópia do meu livro. Sinto-me lisonjeada por alguém ter vindo de tão longe à sua procura. - Caris abriu um armário. - Esta cópia seria para o nosso priorado em St.-John-in-the-Forest, mas eles podem esperar por outra.
- Jonas pegou o livro como se fosse um objeto sagrado.
- Fico muito agradecido. - Ele entregou a Caris uma bolsa de couro mole. E como símbolo de minha gratidão, aceite um modesto presente de minha família para as freiras de Kingsbridge.
- Caris abriu a bolsa e tirou um pequeno objeto, envolto por lã. Quando ela desembalhou, encontrou um crucifixo de ouro cravejado de pedras preciosas. Os olhos de Philemon faiscaram de ganância. Caris ficou espantada.
- Mas é um presente muito caro! - Ela compreendeu no mesmo instante que não era o comentário mais apropriado, e apressou-se em acrescentar: - É muita generosidade de sua família, Jonas.
- Ele fez um gesto como se aquilo não tivesse a menor importância.
- Somos prósperos, graças a Deus. Philemon interveio, invejoso:
 - Isto... por um livro de receitas de mezinhas de velhas!
 - Ah, padre prior, está acima dessas coisas, é claro - disse Jonas. - Não aspiramos às suas altitudes intelectuais. Não tentamos compreender os humores do corpo. E assim como uma criança que chupa um dedo cortado porque alivia a dor, ministramos as curas apenas porque funcionam.

Quanto a por que e como essas coisas acontecem, deixamos aos cuidados de mentes maiores do que as nossas. A criação de Deus é misteriosa demais para que pessoas como nós possamos compreendê-la.

Caris pensou que Jonas falava com uma ironia quase indisfarçável. Viu Oonagh reprimir um sorriso. Sime também percebeu o escárnio, e seus olhos faiscaram de raiva. Mas Philemon não notou, e parecia exultante com a lisonja. Uma expressão insidiosa aflorou ao seu rosto, e Caris adivinhou que ele especulava como poderia partilhar o crédito pelo livro... e também ganhar crucifixos cravejados de pedras preciosas.

A Feira do Velocino foi aberta no Domingo de Pentecostes, como sempre. Era tradicionalmente um dia movimentado para o hospital, e naquele ano não foi exceção. Pessoas idosas caíam doentes depois de realizarem uma longa viagem até a feira; bebês e crianças pequenas tinham diarreia por causa da comida estranha e da água diferente; homens e mulheres bebiam demais nas tavernas e machucavam a si mesmos, ou uns aos outros.

Pela primeira vez, Caris pôde separar os pacientes em duas categorias. As vítimas da peste - que diminuía rapidamente - e outros com doenças como distúrbios de estômago e erupções na pele, como a varíola, iam para o novo prédio, oficialmente inaugurado pelo bispo no início daquela manhã. Vítimas de acidentes e brigas eram tratadas no velho hospital, a salvo dos riscos de infecção. Ficavam para trás os dias em que alguém entrava no priorado com o polegar machucado e ali morria de pneumonia.

A crise ocorreu na segunda-feira de Pentecostes.

No início da tarde, Caris por acaso estava na feira, dando uma volta depois do almoço. Estava tranquila em comparação com os tempos antigos, quando centenas de visitantes e milhares de moradores da cidade lotavam não apenas o pátio gramado da catedral, mas também as ruas principais. Mesmo assim, a feira daquele ano era melhor do que o esperado, depois do cancelamento do ano anterior. Caris calculou que as pessoas já deviam ter notado que o domínio da peste parecia estar enfraquecendo. Os sobreviventes até agora pensavam que deviam ser invulneráveis... e alguns eram mesmo, embora outros não, pois a peste continuava a matar pessoas. O tecido de Madge Webber era a coisa mais comentada da feira. Os novos teares projetados por Merthin não apenas eram mais rápidos, mas também tornavam mais fácil produzir padrões complexos na trama. Ela já havia vendido metade de seu estoque.

Caris conversava com Madge quando a briga começou. Madge deixava-a embaraçada ao dizer, como já fizera muitas vezes antes, que sem Caris não passaria de uma tecelã pobre. Caris já se preparava para a negativa habitual quando elas ouviram gritos.

Caris reconheceu no mesmo instante o tom profundo de jovens agressivos. Os gritos vinham das proximidades de um barril de cerveja a cerca de trinta metros de distância. Foram aumentando depressa. Uma mulher gritou. Caris seguiu apressada para o local, esperando impedir a briga antes que escapasse ao controle.

Chegou tarde demais.

O tumulto já era generalizado. Quatro jovens valentões da cidade brigavam com um grupo de camponeses, identificáveis pelas roupas rudes, todos provavelmente da mesma aldeia. Uma moça bonita, sem dúvida a que gritara, tentava separar dois homens, que se esmurravam impiedosamente. Um dos rapazes da cidade sacara uma faca, enquanto os camponeses empunhavam pás de madeira. Quando Caris se aproximou, mais pessoas entravam na briga, nos dois lados. Ela virou-se para Madge, que a seguira.

- Mande alguém chamar Mungo Constable, o mais depressa possível. Ele deve estar no porão da casa da guilda.

Madge afastou-se apressada. A briga se tornava cada vez pior. Vários rapazes da cidade empunhavam facas. Um camponês estava estendido no chão, o sangue escorrendo abundante de um ferimento no braço. Outro continuava a brigar apesar de um talho no rosto. Enquanto Caris observava, dois rapazes da cidade começaram a chutar o camponês no chão.

Caris hesitou por mais um instante, para depois se adiantar. Pegou o rapaz mais próximo pela camisa.

- Willie Bakerson, pare com isso agora mesmo! - gritou ela, em seu tom de mais autoridade.

Quase deu certo.

Willie afastou-se do oponente, surpreso, e olhou para Caris, com uma expressão de culpa. Ela abriu a boca para falar de novo, mas nesse instante uma pá acertou-a, num golpe violento na cabeça, certamente destinado a Willie.

Doeu demais. A visão ficou turva, ela perdeu o equilíbrio, e se estatelou no chão. Ficou caída ali, atordoada, tentando recuperar o controle, enquanto o

mundo parecia girar vertiginoso ao seu redor. Até que alguém segurou-a por baixo dos braços e arrastou-a para longe.

- Está ferida, madre Caris?

A voz era familiar, mas ela não foi capaz de situá-la. A cabeça finalmente desanuviou, e ela fez um esforço para se levantar, com a ajuda de sua salvadora, que agora identificou como Megg Robbins, a musculosa mercadora de trigo.

- Só estou um pouco atordoada - murmurou Caris. - Temos de impedir que esses rapazes se matem uns aos outros.

- Lá estão os guardas. Vamos deixar que eles cuidem disso.

Mungo e seis ou sete ajudantes se aproximaram, todos brandindo porretes. Entraram para separar a briga, rachando cabeças indiscriminadamente. Causaram tantos ferimentos quanto os combatentes originais, mas sua presença confundiu o campo de batalha. Os rapazes ficaram aturdidos, e alguns fugiram. A briga terminou em poucos momentos.

- Megg, corra até o convento e chame irmã Oonagh - pediu Caris. - Diga a ela para trazer ataduras.

Megg afastou-se, apressada.

Os feridos em condições de andar logo desapareceram. Caris começou a examinar os que estavam no chão. Um camponês que fora esfaqueado na barriga tentava segurar as tripas: havia pouca esperança para ele. O que levava o corte no braço poderia sobreviver se Caris conseguisse estancar a hemorragia. Ela tirou seu cinto, passou-o pela parte superior do braço e apertou, até que o fluxo de sangue diminuiu para um filete mínimo.

- Agente firme - disse ela.

E afastou-se para examinar um garoto da cidade que parecia ter quebrado alguns ossos da mão. Sua cabeça ainda doía, mas ela tratou de ignorá-la.

Oonagh e várias outras freiras apareceram. Um momento depois, Matthew Barber também chegou, com sua bolsa. Entre eles, prestaram os primeiros socorros aos feridos. Por instrução de Caris, voluntários pegaram os piores feridos e os levaram para o convento.

- Levem todos para o velho hospital, não para o novo - recomendou ela. Caris levantou-se, da posição ajoelhada, e ficou tonta. Segurou-se em Oonagh para não cair.

- Qual é o problema? - perguntou Oonagh.

- Já vou me recuperar. É melhor irmos logo para o hospital.

Elas se esgueiraram entre os estandes do mercado até o velho hospital. Quando entraram, descobriram que nenhum dos feridos estava ali. Caris ficou furiosa.

- Levaram os feridos para o lugar errado!

Levaria algum tempo para as pessoas compreenderem a importância da diferença, pensou ela, enquanto seguia com Oonagh para o novo prédio. Ao se aproximarem, encontraram-se com os voluntários que saíam.

- Vocês trouxeram os feridos para o lugar errado! - censurou Caris, irritada. Um deles disse:

- Mas, madre Caris...

- Não discutam, porque não há tempo! - exclamou ela, impaciente. - Levem todos para o velho hospital!

Ao entrar no claustro, ela viu o garoto com o braço cortado sendo levado para um quarto em que sabia que havia cinco vítimas da peste. Correu através do jardim.

- Parem! - berrou ela, furiosa. - O que pensam que estão fazendo?

Uma voz de homem respondeu:

- Estão cumprindo minhas instruções. u Caris parou e olhou. Era o irmão Sime.

- Não seja tolo! - gritou ela. - O rapaz tem um ferimento de faca. Quer que ele morra da peste?

O rosto redondo de Sime ficou vermelho.

- Não tenho a menor intenção de submeter minhas decisões à sua aprovação, madre Caris.

Era uma estupidez tão grande que ela achou melhor ignorar.

- Todos esses rapazes feridos devem ficar longe das vítimas da peste, ou vão pegá-la também.

- Acho que está muito nervosa. Sugiro que vá se deitar um pouco.

- Deitar-me? - Caris estava indignada. - Acabei de prestar os primeiros socorros a todos esses homens, e agora preciso tratá-los direito... mas não aqui!

- Agradeço seu trabalho de emergência, madre. Pode me deixar agora examinar os pacientes.

- Seu idiota! Você vai matá-los!

- Por favor, deixe o hospital até se acalmar.

- Não pode me expulsar. Construí este hospital com o dinheiro das freiras. Estou no comando aqui.

- É mesmo? - indagou ele, friamente.

Caris compreendeu que podia não ter previsto aquele momento, mas era evidente que Sime o fizera. Ele estava vermelho, mas mantinha os sentimentos sob controle. Era um homem com um plano. Ela fez uma pausa, pensando depressa. Olhou ao redor, e constatou que voluntários e freiras observavam a cena, à espera do resultado.

- Temos de cuidar desses rapazes. Enquanto discutimos, eles estão sangrando até a morte. Vamos chegar a um acordo. - Caris elevou a voz para acrescentar: Ponham todos no chão onde estão, por favor. Vamos cuidar de suas necessidades primeiro, e depois decidir onde eles ficarão.

Como fazia calor, não havia necessidade por enquanto de levar os pacientes para um quarto.

Os voluntários e as freiras conheciam e respeitavam Caris, enquanto Sime era novo para eles; por isso, obedeceram à ordem de Caris sem hesitação. Sime compreendeu que fora vencido, e assumiu uma expressão de fúria intensa.

- Não posso trabalhar nessas circunstâncias - declarou ele, retirando-se em seguida.

Caris ficou chocada. Tentara resguardar o orgulho de Sime com sua proposta, sem imaginar que ele seria capaz de se afastar dos doentes num acesso de petulância.

Mas ela tratou de removê-lo de sua mente, enquanto voltava a cuidar dos feridos.

Durante as duas ou três horas seguintes ela se manteve ocupada, lavando ferimentos, costurando talhos, ministrando ervas tranquilizantes e poções revigorantes. Matthew Barber trabalhava ao seu lado, consertando ossos quebrados e articulações fora do lugar. Matthew já estava agora na casa dos cinquenta anos, mas seu filho Luke o ajudava com a mesma habilidade.

A tarde esfriou para o início da noite quando acabaram. Sentaram junto da parede do claustro para descansar. Irmã Joan trouxe canecas com sidra fresca. Caris ainda estava com dor de cabeça. Conseguira ignorá-la enquanto trabalhava, mas agora a dor a incomodava bastante. E decidiu que deitaria cedo. Enquanto tomavam a sidra, o jovem Joshie aproximou-se.

- Milorde bispo pede que o procure no palácio do prior à sua conveniência, madre priora.

Ela soltou um grunhido irritado. Tinha certeza de que Sime fora se queixar. Era a última coisa de que precisava.

- Avise a ele que irei imediatamente. - Em voz mais baixa, ela resmungou: É melhor acabar com isso logo de uma vez.

Caris esvaziou sua caneca e levantou-se. Cansada, atravessou o pátio gramado da catedral. Os mercadores fechavam os estandes para a noite, cobrindo as mercadorias e trancando seus baús. Ela passou pelo cemitério e entrou no palácio.

O bispo Henri sentava à cabeceira da mesa, em companhia do cônego Claude e do arquidiácono Lloyd. Philemon e Sime também estavam presentes. O gato de Godwyn, Arcebispo, sentava no colo de Henri, com uma pose presunçosa. O bispo disse:

- Sente-se, por favor.

Ela sentou ao lado de Claude, que murmurou, gentilmente:

- Parece cansada, madre Caris.

- Passei a tarde inteira cuidando de garotos estúpidos que se meteram numa briga. Até eu levei uma pancada na cabeça.

- Ouvimos falar da briga.

- E sobre a discussão no hospital novo - acrescentou Henri.

- Presumo que foi por isso que me chamou.

- Exatamente.

- Toda a idéia do novo hospital é separar pacientes com doenças infecciosas...

- Já sei sobre o que é a discussão. - Henri olhou para todos. - Caris ordenou que os feridos na briga fossem levados para o velho hospital. Sime deu uma contra ordem. E tiveram uma briga inadmissível na presença de todos.

- Peço desculpas por isso, milorde bispo - murmurou Sime. Henri ignorou a intervenção.

- Antes de continuarmos, quero que uma coisa fique bem clara. - Ele olhou de Sime para Caris. - Sou o seu bispo e, ex officio, o abade do Priorado de Kingsbridge. Tenho o direito e o poder de dar ordens a todos, e vocês têm o dever de me obedecer. Aceita isso, irmão Sime?

Sime inclinou a cabeça.

- Aceito.

Henri virou-se para Caris.

- Aceita, madre priora?

Não havia como contestar, é claro. Henri estava absolutamente certo.

- Aceito.

Ela sentia-se confiante de que Henri não era bastante estúpido para obrigar os brigões feridos a contraírem a peste. Henri continuou:

- Permitam-me enunciar os argumentos. O novo hospital foi construído com o dinheiro das freiras, de acordo com as especificações de madre Caris. Seu plano era ter um lugar para as vítimas da peste e outras pessoas com doenças que, segundo ela, podem se espalhar dos pacientes para pessoas saudáveis. Ela acredita que é essencial separar os dois tipos de pacientes. E acha que tem o direito, em todas as circunstâncias, de exigir que seu plano seja cumprido. É uma avaliação justa, madre Caris?

- É, sim.

- O irmão Sime não estava aqui quando Caris concebeu seu plano, e por isso não pôde ser consultado. Mas ele passou três anos estudando medicina na universidade e recebeu um diploma. Ele ressalta que Caris não tem treinamento. Além disso, tem pouca compreensão da natureza da doença, além do que adquiriu pela experiência prática. Ele é um médico qualificado, e mais do que isso, é o único no priorado... o único em Kingsbridge.

- Exatamente - murmurou Sime.

- Como pode dizer que não tenho treinamento? - protestou Caris. - Depois de todos os anos em que cuidei de pacientes...

- Fique quieta, por favor - pediu Henri, mal alteando a voz; e alguma coisa em seu tom fez Caris se calar. - Eu já ia mencionar sua história de serviços. Seu trabalho aqui tem sido valioso. É conhecida por sua dedicação durante a peste, que ainda não nos deixou. Sua experiência e conhecimento prático têm um valor inestimável.

- Obrigada, bispo.

- Por outro lado, Sime é um padre, formado na universidade... e um homem. Os conhecimentos que ele adquiriu ali são essenciais para a direção apropriada de um hospital de priorado. Não queremos perdê-lo.

- Alguns dos mestres na universidade concordam com meus métodos... pergunte ao irmão Austin - disse Caris.

Philemon interveio:

- O irmão Austin foi enviado para St.-John-in-the-Forest.

- E agora sabemos por quê - comentou Caris.

- Eu é que tenho de tomar a decisão, não Austin ou os mestres da universidade - declarou o bispo.

Caris compreendeu que não se preparara para aquela confrontação. Estava exausta, sentia uma tremenda dor de cabeça, mal conseguia pensar direito. Viera parar no meio de uma luta de poder, e não tinha estratégia. Se estivesse plenamente alerta, não teria vindo quando o bispo chamara. Iria se deitar, superar a dor de cabeça, acordar revigorada na manhã seguinte, para só se encontrar com Henri depois de formular um plano de batalha.

Já era tarde demais?

- Bispo, não me sinto em condições de ter uma conversa assim esta noite disse ela. - Talvez possamos adiar até amanhã, quando estarei me sentindo melhor.

- Não há necessidade - declarou Henri. - Ouvi a queixa de Sime, e conheço suas opiniões. Além do mais, partirei amanhã de manhã, ao nascer do sol. O bispo já tomara uma decisão, compreendeu Caris. Nada do que ela dissesse agora ou depois faria qualquer diferença. Mas o que ele decidira? Para que lado pularia? Ela não tinha a menor idéia. E sentia-se cansada demais para fazer outra coisa que não continuar sentada e ouvir a decisão sobre seu destino.

- A humanidade é fraca - disse Henri. - Como o apóstolo Paulo ressaltou, vemos como em um espelho, obscuramente. Erramos, nos desviamos do curso certo, raciocinamos de uma maneira precária. Precisamos de ajuda. Foi por isso que Deus nos deu sua Igreja, o papa e o sacerdócio... para nos orientar, porque nossos próprios recursos são falíveis e inadequados. Se seguirmos nossa própria maneira de pensar, haveremos de fracassar. Devemos consultar as autoridades.

Ao que tudo indicava, o bispo ficaria do lado de Sime, concluiu Caris. Como podia ser tão estúpido? Mas ele era.

- O irmão Sime estudou os textos antigos da literatura médica, sob a supervisão dos mestres na universidade. Seu curso de estudo é endossado pela Igreja. Devemos aceitar a autoridade da Igreja e, portanto, a dele. Seu julgamento não pode ficar subordinado ao de uma pessoa sem instrução, por mais extraordinária e admirável que ela possa ser. Suas decisões devem prevalecer.

Caris sentia-se tão exausta e doente que quase ficou contente pelo término da entrevista. Sime vencera; ela perdera; e tudo o que queria agora era dormir. Ela levantou-se. Henri disse:

- Lamento desapontá-la, madre Caris...

A voz dele definhou enquanto Caris se afastava. Ela ainda ouviu Philemon comentar:

- Um comportamento insolente.

- Deixe-a ir - murmurou Henri.

Ela chegou à porta e saiu sem se virar.

O pleno significado do que acabara de acontecer tornou-se claro em sua mente enquanto ela atravessava lentamente o cemitério. Sime ficaria no comando do hospital. Ela teria de seguir suas ordens. Não haveria separação entre as diferentes categorias de pacientes. Não haveria máscaras no rosto ou mãos lavadas com vinagre. As pessoas fracas se tornariam ainda mais fracas com as sangrias; os ferimentos seriam cobertos por cataplasmas feitos com esterco de animais, para estimular o corpo a produzir pus. Ninguém mais se preocuparia com higiene e ar fresco.

Ela não falou com ninguém enquanto atravessava o claustro, subia a escada e cruzava o dormitório, a caminho de seu quarto. Deitou na cama de barriga para baixo, a cabeça latejando.

Perdera Merthin, perdera seu hospital, perdera tudo o que importava.

As lesões na cabeça podiam ser fatais, pensou. Talvez pudesse dormir, e nunca mais acordar.

Talvez fosse melhor assim.

O pomar de Merthin fora plantado na primavera de 1349. Um ano mais tarde, a maioria das árvores já enraizara e exibia as primeiras folhas. Duas ou três ainda se debatiam para sobreviver, e apenas uma estava indiscutivelmente morta. Ele não esperava que qualquer das árvores desse frutos por enquanto, mas em julho, para sua surpresa, uma muda precoce tinha cerca de uma dúzia de pequenas peras, de um verde-escuro, ainda mínimas e tão duras como pedra, mas prometendo madureza no outono.

Numa tarde de domingo, ele as mostrou a Lolla, que se recusou a acreditar que cresceriam para virar as frutas sumarentas e de sabor agradável que ela tanto amava. Ela pensou - ou fingiu pensar - que o pai se empenhava em uma de suas brincadeiras para provocá-la. Quando Merthin perguntou de onde ela imaginava que vinham as peras maduras, Lolla fitou-o com uma expressão de censura e respondeu:

- Do mercado, seu bobo!

Ela também amadureceria um dia, pensou Merthin, embora fosse difícil conceber aquele corpo pequeno e ossudo adquirir os contornos macios e suaves de uma mulher. Ele especulou se algum dia Lolla lhe daria netos. Como ela tinha apenas cinco anos, faltava pelo menos uma década para que isso fosse possível.

Merthin pensava sobre a madureza quando avistou Philippa se aproximando pelo pomar. Mais uma vez, não pôde deixar de admirar os seios cheios e redondos. Como era inesperado que ela o visitasse à luz do dia, ele se perguntou o que a trouxera até ali. Como podia haver alguém a observá-los, recebeu-a apenas com um casto beijo no rosto, aceitável para um cunhado, sem despertar comentários.

Philippa parecia preocupada, e ele compreendeu que há vários dias agora ela se mostrava mais pensativa e reservada do que o habitual. Quando sentaram na relva, Merthin indagou:

- Algum problema?

- Nunca fui boa em dar notícias gentilmente. Estou grávida.

- Oh, Deus! - Ele estava chocado demais para disfarçar sua reação. - Estou surpreso porque você me disse...

- Sei disso. E tinha certeza de que era velha demais. Há dois ou três anos meu ciclo mensal era irregular, e depois parou por completo... pelo menos

foi o que eu pensei. Mas tenho vomitado pela manhã e sinto os mamilos doloridos.

- Notei logo seus seios quando entrou no pomar.

- Já estive grávida seis vezes antes... três filhos e três abortos... e conheço os sintomas. Não há a menor dúvida. Merthin sorriu.

- Vamos ter um filho.

Ela não retribuiu o sorriso.

- Não fique tão satisfeito. Ainda não pensou nas implicações. Sou a esposa do conde de Shiring. Não durmo com ele desde outubro, não vivo com ele desde fevereiro, mas em julho estou grávida de dois ou três meses. Ralph e o mundo inteiro saberão que o bebê não é dele e que a condessa de Shiring cometeu adultério.

- Mas ele não...

- Não me mataria? Ele matou Tilly, não é mesmo?

- Oh, Deus, é verdade! Mas...

- E se ele me matasse, poderia matar o bebê também.

Merthin teve vontade de dizer que não era possível, que Ralph não faria isso... mas sabia que o irmão era bem capaz.

- Tenho de decidir o que fazer - declarou Philippa.

- Acho que não deveria terminar a gravidez com poções... é muito perigoso.

- Não farei isso.

- Então terá o bebê.

- Terei. Mas o que posso fazer depois?

- Não poderia permanecer no convento e manter o bebê em segredo? O lugar está cheio de crianças que ficaram órfãs com a peste.

- Mas o que não se pode manter em segredo é o amor de uma mãe. Todos saberiam que a criança ficou sob meus cuidados pessoais. E Ralph descobriria.

- Tem razão.

- Eu poderia ir embora... desaparecer. Londres, York, Paris, Avignon. Sem contar a ninguém para onde, a fim de que Ralph nunca pudesse ir atrás de mim.,

- E eu poderia ir com você.

- Mas neste caso não acabaria sua torre.

- E você sentiria saudade de Odila.

A filha de Philippa estava casada há seis meses com o conde David. Merthin podia imaginar como seria difícil para Philippa deixá-la. E a verdade é que seria uma agonia para ele abandonar sua torre. Durante toda a sua vida adulta sempre sonhara em construir o prédio mais alto da Inglaterra. Agora que finalmente começara, o abandono do projeto partiria seu coração.

E ao pensar na torre, ele se lembrou de Caris. Sabia instintivamente que ela ficaria arrasada com a notícia. Há semanas que não a via, pois ela estivera de cama, doente, depois de levar uma pancada na cabeça na Feira do Velocino. Agora, embora estivesse recuperada, quase nunca saía do priorado. Merthin adivinhava que ela perdera alguma espécie de luta pelo poder, pois o hospital vinha sendo dirigido pelo irmão Sime. A gravidez de Philippa seria outro golpe devastador para Caris.

- E Odila também está grávida - informou Philippa.

- Tão cedo? Mas é uma boa notícia. E mais uma razão para que você não vá para o exílio, pois deixaria de vê-la e não conheceria a criança.

- Não posso fugir, e não posso me esconder. Mas se não fizer nada, Ralph me matará.

- Deve haver uma saída.

- Só consigo pensar numa solução.

Merthin fitou-a. Compreendeu que ela já havia pensado a respeito. Não lhe contara o problema até ter a solução. Mas tivera o cuidado de lhe mostrar que todas as respostas óbvias estavam erradas. Isso significava que ele não gostaria do plano que Philippa formulara.

- Conte qual é.

- Temos de fazer Ralph pensar que a criança é dele.

- Mas, neste caso, você precisa...

- Isso mesmo.

O pensamento de Philippa deitando com Ralph era repulsivo para Merthin. Não era tanto por ciúme, embora esse fosse um fator. O que mais pesava para ele era como seria terrível para Philippa. Ela sentia uma repugnância física e emocional a Ralph. Merthin compreendia essa repugnância, embora não a partilhasse. Convivera com a brutalidade de Ralph durante toda a sua vida. Mas o homem brutal era seu irmão, e continuaria a sê-lo independentemente do que fizesse. Mesmo assim, sentia-se angustiado ao pensar que Philippa se obrigaria a fazer sexo com o homem que mais odiava no mundo.

- Eu gostaria que pudesse haver uma maneira melhor - murmurou ele.
- Eu também.

Merthin fitou-a em silêncio por um momento.

- Você já decidiu.

-Já

- Lamento muito.

- Eu também.

- Mas dará certo? Você seria capaz... de seduzi-lo?

- Não sei. Mas tenho de tentar.

A catedral era simétrica. O sótão do pedreiro ficava na extremidade oeste da torre baixa do norte, dando para o pórtico norte. Na torre de sudoeste havia um compartimento de tamanho e formato similares, que dava para o claustro. Era usado para guardar itens de pequeno valor que só eram usados raramente. Todos os trajes e objetos simbólicos usados nas encenações de histórias bíblicas ficavam ali. Havia também uma ampla variedade de coisas que não chegavam a ser completamente inúteis: castiçais de madeira, correntes enferrujadas, vasos quebrados e um livro cujas páginas de velino haviam apodrecido com o tempo, a tal ponto que as palavras escritas de uma maneira meticulosa não eram mais legíveis.

Merthin foi até lá para verificar até que ponto a parede era reta, pendurando um peso de chumbo num cordão pela janela; e, ao chegar lá em cima, fez uma descoberta.

Havia rachaduras na parede. As rachaduras não eram necessariamente um sinal de fraqueza: o significado tinha de ser interpretado por olhos experientes. Todos os prédios se moviam, e as rachaduras podiam simplesmente indicar como uma estrutura se ajustava para acompanhar a mudança. Merthin calculou que a maioria das rachaduras naquele compartimento era benigna.

Mas havia uma rachadura que o deixou perplexo por seu formato. Não parecia normal. Um exame mais atento indicou que alguém aproveitara uma rachadura natural para afrouxar uma pequena pedra. Ele removeu essa pedra.

Compreendeu no mesmo instante que descobrira um esconderijo secreto de alguém. O espaço por trás da pedra era o esconderijo de um ladrão. Ele tirou os objetos que estavam ali, um a um. Havia um broche de mulher, com uma enorme pedra verde; um xale de seda; e um pergaminho com um

salmo escrito. E no fundo encontrou o objeto que lhe deu a pista sobre a identidade do ladrão. Era a única coisa ali que não tinha valor monetário. Um pedaço de madeira lixada, simples, com letras esculpidas na superfície: "M:AMAT."

M era apenas uma inicial. Amat era a palavra em latina para "ama". E Phmn era com certeza Philemon.

Alguém cujo nome começava com M, homem ou mulher, outrora amara Philemon e lhe dera aquilo; e ele escondera junto com seus tesouros roubados.

Desde a infância havia rumores de que Philemon tinha dedos leves. Coisas costumavam desaparecer em suas proximidades. Parecia que aquele era o lugar em que ele as escondia. Merthin imaginou-o a subir até ali, sozinho, talvez à noite, para tirar a pedra da parede e admirar, exultante, seus despojos. Não podia haver a menor dúvida de que era uma espécie de doença.

Por outro lado, nunca haviam circulado rumores de que Philemon tivesse amantes. Como seu mentor Godwyn, ele parecia ser daquela minoria de homens para os quais era muito fraca a necessidade de amor sexual. Mas alguém se apaixonara por ele, em algum momento, e Philemon guardava a lembrança.

Merthin tornou a pôr os objetos no esconderijo, exatamente como os encontrara: tinha uma boa memória para esse tipo de coisa. Ajeitou a pedra solta no lugar. Depois, pensativo, deixou o compartimento e desceu pela escada em espiral.

Ralph ficou surpreso quando Philippa voltou para casa.

Era um raro dia de sol num verão muito chuvoso, e ele gostaria de sair para caçar falcões; mas não podia fazê-lo, o que o deixava furioso. A colheita estava prestes a começar, e a maioria dos vinte ou trinta intendentess, bailiffs e administradores do condado precisavam vê-lo com urgência. Todos tinham o mesmo problema: as colheitas amadurecendo nos campos e insuficiência de homens e mulheres para trabalhar.

Ele não podia fazer nada para ajudar. Aproveitara todas as oportunidades para processar os trabalhadores que desafiavam a ordenação ao deixaram suas aldeias em buscas de salários mais altos; mas os poucos que conseguia encontrar pagavam as multas de seus ganhos extras e fugiam de novo. Por isso, os bailiffs tinham problemas. Todos queriam lhe explicar

suas dificuldades, e ele precisava escutar, dar sua aprovação aos planos improvisados.

O salão estava cheio de pessoas: bailiffs, cavaleiros e homens de armas, dois sacerdotes, e uma dúzia ou mais de criados fingindo que trabalhavam. Num momento em que todos se calaram, Ralph ouviu as gralhas lá fora, os gritos estridentes soando como uma advertência.

Ele levantou os olhos e se deparou com Philippa na entrada. Ela falou primeiro para os criados:

- Martha, esta mesa ainda está suja do almoço. Vá buscar água quente para lavá-la, agora. Dickie, acabo de ver o cavalo predileto do conde com o que parece ser lama de ontem, enquanto você fica aqui cortando um pedaço de madeira com sua faca. Volte para o estábulo, que é o seu lugar, e limpe o cavalo. E você, rapaz, leve esse cachorro para fora, pois ele acabou de fazer xixi no chão. O único cachorro que deve ter permissão para entrar aqui é o mastim do conde. Você sabe disso.

Todos os criados entraram em ação no mesmo instante; até mesmo aqueles a quem ela não havia se dirigido encontraram um trabalho para fazer.

Ralph não se importava que Philippa desse ordens aos criados. Eles se tornavam indolentes sem uma ama para pressioná-los.

Ela se aproximou e fez uma reverência profunda, como era apropriado depois de uma longa ausência. Mas não se ofereceu para beijá-lo. Ralph comentou, em tom neutro:

- Isto é... inesperado.

Philippa comentou, com alguma irritação:

- Eu não deveria ter a necessidade de fazer essa viagem. Ralph soltou um grunhido interior.

- O que a trouxe até aqui?

Qualquer que fosse o motivo, ele tinha certeza, haveria uma briga.

- Meu solar de Ingsby.

Philippa tinha um pequeno número de propriedades pessoais, umas poucas aldeias em Gloucestershire que pagavam tributo a ela, não ao conde. Desde que ela fora viver no convento, os bailiffs dessas aldeias a procuravam no Priorado de Kingsbridge, Ralph sabia, e prestavam contas diretamente. Mas Ingsby era uma exceção embaraçosa. O solar pagava tributo a ele, que transferia para Philippa... o que esquecera de fazer desde sua partida.

- Droga! Esqueci por completo.

- Não tem problema. Você tem muita coisa em que pensar. O que era surpreendentemente conciliador.

Ela subiu para os aposentos particulares, enquanto Ralph voltava a seu trabalho. Meio ano de separação a melhorara um pouco, pensou ele, enquanto outro bailiff discorria sobre os campos com trigo amadurecendo e lamentava a escassez de colhedores. De qualquer forma, Ralph torcia para que ela não planejasse ficar por muito tempo. Deitar a seu lado à noite era como dormir com uma vaca morta.

Philippa reapareceu na hora do jantar. Sentou ao lado de Ralph e conversou polidamente com vários cavaleiros visitantes durante a refeição. Mostrou-se fria e reservada como sempre - não havia afeição, nem sequer qualquer humor -, mas também ele não percebeu nenhum sinal do ódio gelado e implacável que ela exibira depois do casamento. Desaparecera por completo, ou se encontrava oculto lá no fundo. Ao final da refeição, ela tornou a se retirar, deixando-o a beber com os cavaleiros.

Ralph considerou a possibilidade de que ela planejasse voltar em caráter permanente, mas no final descartou a idéia. Philippa nunca o amaria, nem mesmo gostaria dele.

Acontecia apenas que a longa separação atenuara um pouco o ressentimento. Era bem provável que o sentimento por trás nunca a deixaria.

Ele presumiu que a encontraria dormindo quando subiu. Para sua surpresa, no entanto, encontrou-a sentada à escrivaninha, numa camisola de linho cor de marfim, uma única vela projetando uma claridade suave sobre as feições orgulhosas e os cabelos escuros e abundantes. A sua frente, havia uma carta longa, com uma letra infantil, que ele adivinhou ser de Odila, agora a condessa de Monmouth. Philippa escrevia uma resposta. Como a maioria dos aristocratas, ela ditava as cartas de negócios para um secretário, mas escrevia as pessoais.

Ralph foi até a privada. Ao sair, tirou as roupas externas. Era verão, e ele costumava dormir só com as roupas de baixo.

Philippa terminou de escrever a carta, levantou-se... e derrubou o pote de tinta que estava em cima da mesa. Pulou para trás, mas já era tarde demais. O pote caiu em sua direção, criando uma enorme mancha preta na camisola. Ela resmungou uma imprecação. Ralph quase riu; ela era tão meticulosa que se sujar de tinta era engraçado.

Ela ainda hesitou por um momento, depois tirou a camisola pela cabeça. Ralph ficou surpreso. Em circunstâncias normais, ela não costumava tirar as roupas na sua presença. Devia ter ficado surpresa com a tinta. Ele admirou seu corpo nu. Philippa engordara um pouco no convento. Os seios pareciam maiores e mais redondos do que antes, a barriga tinha uma saliência suave mas discernível, e os quadris exibiam uma curva ainda mais atraente. Para sua surpresa, Ralph sentiu-se excitado.

Ela abaixou-se para limpar a tinta do chão ladrilhado com a camisola entrouxada. Os seios balançaram, enquanto esfregava os ladrilhos. Philippa virou-se, oferecendo uma vista generosa do traseiro. Se não soubesse que isso era impossível, Ralph diria que ela tentava provocá-lo. Mas aquela mulher nunca tentara provocar ninguém, muito menos ele. Era apenas desajeitada e embaraçada. O que tornava ainda mais excitante contemplar sua nudez exposta enquanto ela limpava o chão.

Há várias semanas ele não deitava com uma mulher; e a última fora uma prostituta de Salisbury, bastante insatisfatória.

E quando Philippa se ergueu, ele já tinha uma ereção. Ela percebeu que era observada.

- Não olhe para mim. Vá se deitar.

Ela jogou a camisola no cesto de roupa suja. Foi levantar a tampa da arca de roupas. Deixara a maior parte de suas roupas ali quando fora para Kingsbridge, pois não era apropriado que uma mulher vestisse trajes mais ricos num convento, mesmo quando era da nobreza. Pegou outra camisola. Ralph não foi capaz de desviar os olhos enquanto ela se virava. Os seios empinados e a elevação do sexo, com seus cabelos escuros, deixaram-no com a boca ressequida. Philippa viu que ele a admirava.

- Não ouse me tocar. Se ela não dissesse isso, era provável que Ralph acabasse se virando para o outro lado e dormindo. Mas a rejeição deixou-o irritado e espicaçado.

- Sou o conde de Shiring e você é minha esposa. Eu a tocarei em qualquer momento que quiser.

- Não ousaria.

Philippa virou-se para vestir a camisola. O comentário enfureceu-o. No momento em que ela erguia a camisola para enfiá-la pela cabeça, Ralph deu um tapa em sua bunda. Foi uma pancada firme na pele nua, e ele pôde sentir que doera. Philippa deu um pulo e gritou.

- Eu ousar qualquer coisa.

Ela virou-se, com um protesto nos lábios. Num súbito impulso, Ralph deu um tapa em sua boca. Ela foi jogada para trás e caiu. Levou a mão à boca. O sangue escorria entre os dedos. Mas Philippa estava estendida de costas, nua, as pernas abertas, e ele podia ver o triângulo cabeludo no encontro das coxas, a fenda entreaberta, como se fosse um convite.

Ralph caiu em cima dela.

Philippa debateu-se em desespero, mas ele era maior e mais forte. Superou sua resistência sem muito esforço. E penetrou-a um momento depois. Ela estava seca, o que o deixou ainda mais excitado.

Tudo acabou num instante. Ralph rolou para o lado, ofegante. Olhou para ela depois de algum tempo. Havia sangue na boca de Philippa. Ela não o fitava: mantinha os olhos fechados. Mas ele teve a impressão de que havia uma estranha expressão em seu rosto. Pensou a respeito por um instante, até chegar a uma conclusão; e ficou ainda mais perplexo do que antes.

Ela parecia triunfante.

Merthin soube que Philippa havia voltado a Kingsbridge quando viu sua criada na Bell. Ficou esperando que a amante fosse até sua casa naquela noite, e sentiu-se desapontado quando isso não aconteceu. Não restava a menor dúvida de que ela se sentia constrangida, pensou ele. Nenhuma mulher se sentiria à vontade com o que ela fizera, embora as razões fossem prementes, embora o homem que ela amava tanto soubesse e compreendesse.

Outra noite se passou sem que ela aparecesse. Veio o domingo, e ele tinha certeza de que a encontraria na catedral. Mas ela não foi ao serviço. Era quase inédito que alguém da nobreza perdesse uma missa dominical. O que a mantivera ausente?

Depois do serviço, ele mandou Lolla para casa, com Arn e Em. Atravessou o pátio gramado até o velho hospital. Havia três quartos para hóspedes importantes no segundo andar. Merthin subiu pela escada externa.

No corredor, encontrou-se com Caris. Ela não se deu o trabalho de perguntar o que ele fazia ali.

- A condessa não quer que você a veja, mas provavelmente deve fazê-lo. Merthin notou que a frase era estranha. Não "A condessa não quer vê-lo", mas sim "A condessa não quer que você a veja". Ele olhou para a bacia que Caris carregava. Havia ali um pano manchado de sangue. O medo deixou seu coração gelado.

- O que aconteceu ?

- Nada muito grave. O bebê está ileso.

- Graças a Deus!

- Você é o pai, não é mesmo?

- Por favor, não deixe que ninguém a ouça dizer isso. Caris parecia desolada.

- Só concebi uma vez durante todos os anos em que estivemos juntos. Ele desviou os olhos.

- Em que quarto ela está?

- Peço desculpa por falar a respeito. Sou a última pessoa pela qual você se interessa. Encontrará lady Philippa no quarto do meio.

Merthin percebeu a angústia indisfarçada em sua voz e hesitou, apesar de sua ansiedade por Philippa. Tocou o braço de Caris.

- Por favor, não pense que não me interesso por você. Sempre me importo com o que acontece com você, se é feliz ou não.

Caris acenou com a cabeça, as lágrimas aflorando a seus olhos.

- Sei disso. Apenas estou sendo egoísta. Vá falar com Philippa.

Merthin deixou Caris. Entrou no quarto do meio. Philippa estava ajoelhada no prie-dieu, de costas para ele. Interrompeu suas orações.

- Você está bem?

Ela levantou-se e virou-se. Tinha o rosto arrebatado. Os lábios estavam inchados, três vezes maiores do que o normal, a casca da ferida mal se formando. Merthin calculou que Caris lavara o ferimento, o que explicava o pano sujo de sangue.

- O que aconteceu? - indagou ele. - Pode falar? Ela acenou com a cabeça.

- A voz sai estranha, mas posso falar. A voz era um balbúcio quase incompreensível.

- Ficou muito ferida?

- Meu rosto está horrível, mas não é grave. Afora isso, não tenho nada.

Merthin abraçou-a. Ela encostou a cabeça em seu ombro. Ele esperou. Depois de um momento, Philippa começou a chorar. Ele afagou seus cabelos e costas, enquanto ela tremia em soluços.

- Calma, calma...

Ele beijou-a na testa, mas não tentou silenciá-la. Pouco a pouco, os soluços foram diminuindo.

- Posso beijar seus lábios? Ela concordou com um aceno de cabeça.

- Gentilmente.

Merthin roçou os lábios com os seus. Sentiu um gosto de amêndoas: Caris passara óleo no ferimento.

- Conte-me o que aconteceu.

- Deu certo. Ele foi enganado. E terá certeza de que o bebê é seu. Merthin tocou nos lábios com as pontas dos dedos.

- E ele fez isso?

- Não fique zangado. Tentei provocá-lo, e tive êxito. Deve se sentir contente por Ralph ter me agredido.

- Contento? Por quê?

- Porque ele pensa que teve de me obrigar. Acha que eu não teria me submetido sem violência. Não tem a menor suspeita de que eu tencionava seduzi-lo. Nunca desconfiará da verdade. O que significa que estou segura... e nosso bebê também.

Merthin pôs a mão em sua barriga.

- Mas por que não foi me procurar assim que chegou?

- Com esta cara?

- Quero ficar ainda mais do seu lado quando está machucada. - Ele deslocou a mão para o seio. - Além do mais, tenho sentido muita saudade.

Philippa afastou sua mão. ,

- Não posso ir de um para outro como uma prostituta.

- Ahn...

Ele não pensara assim.

- Você compreende, não é?

- Acho que sim. - Merthin podia entender que uma mulher se sentiria ordinária... embora um homem pudesse se orgulhar de fazer exatamente a mesma coisa. - Mas por quanto tempo...?

Philippa suspirou e recuou.

- O importante não é o tempo.

- Como assim?

- Concordamos em anunciar ao mundo que o bebê é de Ralph, e eu providenciei para que ele pensasse assim. Agora, ele vai querer criá-lo.

Merthin ficou consternado.

- Eu não havia pensado nos detalhes, mas imaginei que você continuaria a viver no priorado.

- Ralph não permitirá que a criança seja criada num convento, ainda mais se for um menino.

- Então o que pretende fazer? Voltar para Earlscastle?

- Isso mesmo.

A criança ainda não era nada; não era uma pessoa, nem mesmo um bebê, mas apenas uma saliência na barriga de Philippa. Mesmo assim, Merthin sentiu uma pontada de pesar. Lolla tornara-se a grande alegria de sua vida, e ele aguardava ansioso por outra criança.

Mas pelo menos teria Philippa por mais algum tempo.

- Quando voltará para Earlscastle?

- Imediatamente. - Ela viu a expressão de Merthin, e as lágrimas afloraram a seus olhos. - Não posso lhe dizer o quanto lamento... mas seria errado fazer amor com você e planejar voltar para Ralph. Seria a mesma coisa que ter dois homens. O fato de vocês dois serem irmãos torna a situação ainda pior.

Os olhos de Merthin ficaram turvos de lágrimas.

- Portanto, está acabado o que havia entre nós? Agora? Ela acenou com a cabeça em confirmação.

- E há mais uma coisa que tenho de lhe dizer, mais uma razão para que nunca mais possamos ser amantes. Confessei meu adultério.

Merthin sabia que Philippa tinha seu confessor pessoal, como era apropriado para uma mulher da alta nobreza. Desde que ela viera para Kingsbridge, o confessor vivia com os monges, um acréscimo bem recebido em suas fileiras reduzidas. Merthin esperava que ele fosse capaz de guardar os segredos do confessional. Philippa acrescentou:

- Recebi a absolvição, mas não devo continuar a pecar.

Merthin também acenou com a cabeça. Ela tinha razão. Ambos haviam pecado. Philippa traíra o marido, e ele traíra o irmão. Ela tinha uma desculpa: fora forçada ao casamento. Ele não tinha nenhuma. Uma linda mulher apaixonara-se por ele e retribuía seu amor, embora não tivesse esse direito. A angústia e o pesar que sentia agora eram as consequências naturais desse comportamento.

Merthin contemplou-a - os olhos angustiados, cinza verdes, a boca machucada, o corpo maduro - e compreendeu que a perdera. Talvez ela nunca tivesse sido sua de fato. De qualquer forma, sempre fora errado, e agora acabara. Ele tentou falar, despedir-se, mas a garganta parecia obstruída, e nada saiu. Mal podia vê-la, por causa das lágrimas. Virou-se, bateu à procura da porta, e conseguiu sair, sem saber como.

Uma freira seguia pelo corredor, carregando um jarro. Ele não podia ver quem era, mas reconheceu a voz de Caris quando ela disse:

- Merthin? Você está bem?

Ele não respondeu. Seguiu na direção oposta, passou pela porta, e desceu a escada externa. Agora chorando abertamente, sem se importar com quem visse, Merthin atravessou o pátio gramado da catedral, desceu a rua principal e passou pela ponte, até sua ilha.

Setembro de 1350 foi um mês frio e chuvoso, mas mesmo assim havia um sentimento de euforia. Enquanto os feixes molhados de trigo eram reunidos nos campos ao redor, apenas uma pessoa morreu da peste em Kingsbridge: Marge Taylor, uma costureira de sessenta anos. Ninguém pegou a doença em outubro, novembro ou dezembro. Parecia ter desaparecido, pensou Merthin, agradecido... pelo menos por enquanto.

A migração antiga, de pessoas inquietas e empreendedoras indo dos campos para as cidades, fora revertida durante a peste, mas agora começara. Muitos vieram para Kingsbridge, instalaram-se nas casas vazias, e começaram a pagar o aluguel para o priorado. Alguns abriram negócios novos - padarias, cervejarias, manufaturas de velas - para substituir os antigos que haviam acabado quando os proprietários e todos os seus herdeiros morreram. Merthin, como regedor, tornara mais fácil abrir uma loja ou um estande no mercado, acabando com o processo prolongado que era imposto pelo priorado.

O mercado semanal foi ficando mais e mais movimentado.

Uma a uma, Merthin alugou as lojas, casas e tavernas que construía na ilha do Leproso. Os arrendatários eram recém-chegados empreendedores, ou mercadores que já residiam na cidade, à procura de melhores locais. A estrada através da ilha, entre as duas pontes, tornou-se uma extensão da rua principal, e portanto uma área privilegiada para propriedades comerciais... como Merthin previra, doze anos antes, quando as pessoas achavam que ele era louco em aceitar a ilha rochosa e árida como parte do pagamento por seu trabalho na ponte.

O inverno chegou, e mais uma vez a fumaça de milhares de fogueiras pairava sobre a cidade, numa nuvem baixa e marrom; mas as pessoas ainda trabalhavam e faziam compras, comiam e bebiam, jogavam dados nas tavernas, e iam à igreja aos domingos. A casa da guilda testemunhou o primeiro banquete da véspera de Natal desde que a guilda da paróquia passara a ser a guilda do burgo.

Merthin convidou o prior e a priora. Eles não tinham mais o poder de prevalecer sobre os mercadores, mas ainda se destacavam entre as pessoas mais importantes da cidade. Philemon compareceu, mas Caris recusou o convite: tornara-se retraída a um ponto preocupante.

Merthin sentou ao lado de Madge Webber. Ela era agora a mercadora mais rica e a maior empregadora em Kingsbridge, talvez em todo o condado. Era vice-regedora, e poderia vir a ser regedora, se não fosse sem precedentes a presença de uma mulher nesse cargo.

Entre os muitos empreendimentos de Merthin, havia uma oficina que fabricava os teares de pedal que haviam melhorado a qualidade do Escarlata de Kingsbridge. Madge comprava mais da metade de sua produção; outros mercadores empreendedores vinham de longe, até mesmo de Londres, para comprar o resto. Os teares eram engrenagens complexas, e tinham de ser fabricados de maneira impecável e montados com precisão. Por isso, Merthin tinha de empregar os melhores carpinteiros disponíveis. Ele cobrava pelo produto acabado mais do que o dobro do custo de fabricação, e ainda assim as pessoas mal podiam esperar para lhe dar o dinheiro.

Várias pessoas insinuaram que ele deveria casar com Madge, mas a idéia não tentava nenhum dos dois. Ela nunca fora capaz de encontrar um homem que pudesse se comparar a Mark, que tinha o físico de um gigante e a disposição de um santo. Madge sempre fora cheia de corpo, mas agora estava gorda de fato. Na casa dos quarenta anos, virara uma dessas mulheres que parecem um barril, com a mesma largura da extensão dos ombros ao traseiro. Comer e beber bem eram agora os seus principais prazeres, pensou Merthin, enquanto a observava se empanturrar de pernil com gengibre, um molho de maçãs e cravos. Isso e ganhar dinheiro.

Ao final da refeição, foi servido um vinho temperado chamado hipocraz. Madge tomou um longo gole, arrotou, e chegou mais perto de Merthin no banco.

- Temos de fazer alguma coisa com o hospital - declarou ela.

- É mesmo? - Merthin não tinha noção de que havia um problema. - Agora que a peste acabou, pensei que as pessoas já não precisavam tanto de um hospital.

- Claro que precisam. Ainda têm febre, dor de barriga e câncer. Mulheres querem engravidar e não conseguem, ou sofrem complicações quando dão à luz. Crianças se queimam e caem de árvores. Homens são derrubados de seus cavalos, esfaqueados por inimigos, ou têm a cabeça quebrada por esposas furiosas...

-Já entendi tudo. - Merthin estava achando graça da loquacidade de Madge.

- Qual é o problema?

- Ninguém vai mais para o hospital. As pessoas não gostam do irmão Sime, e além do mais, não confiam em seus conhecimentos. Enquanto estávamos todos aqui enfrentando a peste, ele permanecia em Oxford, estudando textos antigos. O irmão Sime ainda prescreve tratamentos como sangria, em que ninguém mais acredita. Querem Caris... mas ela nunca aparece.

- O que as pessoas fazem quando estão doentes, se não vão para o hospital?

- Procuram Matthew Barber, ou Silas Pothecary, ou uma recém-chegada, Maria Wisdom, que se especializou em problemas das mulheres.

- Então o que a preocupa?

- As pessoas começam a se manifestar contra o priorado. Se não recebem ajuda dos monges e freiras, dizem, por que deveriam pagar a construção da torre?

- Hum...

A torre era um vasto projeto. Nenhuma instituição individual isolada teria condições de financiá-la. Uma combinação de recursos do mosteiro, do convento e da cidade era a única maneira de pagá-la. Se a cidade suspendesse os pagamentos, o projeto poderia ser ameaçado.

- Isso é mesmo um problema - acrescentou Merthin, preocupado.

Fora um bom ano para a maioria das pessoas, pensou Caris, sentada no coro durante a missa do dia de Natal. As pessoas vinham se ajustando às devastações causadas pela peste com uma surpreendente rapidez. Além de provocar terríveis sofrimentos e um quase colapso da vida civilizada, a doença também proporcionara a oportunidade para mudanças drásticas. Quase metade da população morrera, pelos seus cálculos; mas um efeito era o de que os camponeses remanescentes só cultivavam agora os solos mais férteis, o que significava que cada homem produzia mais. Apesar da Ordenação dos Trabalhadores e dos esforços de nobres como o conde Ralph para impor seu cumprimento, ela sentia-se satisfeita por constatar que as pessoas continuavam a se mudar para onde os salários eram mais altos, o que era em geral onde a terra era mais produtiva. Os cereais eram abundantes e os rebanhos de vacas e ovelhas cresciam de novo. O convento era cada vez mais próspero; e porque Caris reorganizara também

os negócios dos monges depois da fuga de Godwyn, o mosteiro desfrutava de uma prosperidade que não conhecia há mais de cem anos. A riqueza criava riqueza, e os bons tempos nos campos traziam mais negócios para as cidades. Assim, os artesãos e lojistas de Kingsbridge começavam a recuperar sua antiga riqueza.

Quando as freiras deixavam a catedral, ao final do serviço, o prior Philemon procurou-a.

- Preciso lhe falar, madre priora. Pode ir até minha casa?

No passado ela aceitaria polidamente o convite, sem a menor hesitação. Mas esses dias haviam acabado.

- Não, não posso.

Ele ficou vermelho no mesmo instante.

- Não pode se recusar a conversar comigo!

- E não o fiz. Apenas me recusei a ir até seu palácio. Não admito ser convocada à sua presença como uma subordinada. Sobre o que deseja conversar comigo?

- Sobre o hospital. Tem havido queixas.

- Fale com o irmão Sime... ele está no comando do hospital, como sabe muito bem.

- Não é possível conversar com você? - indagou ele, exasperado. - Se Sime pudesse resolver o problema, eu conversaria com ele, não com você.

A esta altura, os dois estavam no claustro dos monges. Caris sentou no muro baixo de pedra em torno do jardim. A pedra estava fria.

- Podemos conversar aqui. O que tem a me dizer?

Philemon estava contrariado, mas cedeu. Ficou de pé na frente de Caris; e agora era ele quem parecia um subordinado.

- Os moradores da cidade estão insatisfeitos com o hospital.

- O que não me surpreende.

- Merthin queixou-se para mim no jantar de Natal da guilda. As pessoas não vêm mais para cá. Em vez disso, procuram charlatões, como Silas Pothecary.

- Ele não é mais charlatão do que Sime.

Philemon percebeu que havia vários noviços parados nas proximidades, escutando a conversa.

- Vão embora, todos vocês - ordenou ele. - Voltem para seus estudos.

Os noviços afastaram-se apressados. Philemon tornou a se virar para Caris.

- As pessoas da cidade acham que você deveria estar no hospital.
 - Também acho. Mas não sigo os métodos de Sime. Na melhor das hipóteses, seus tratamentos não têm qualquer efeito. Na maioria das vezes, agravam o estado do paciente. É por isso que as pessoas não vêm mais para cá quando ficam doentes.
 - Seu novo hospital tem tão poucos pacientes que passamos a usá-lo como casa de hóspedes. Isso não a incomoda?
- Era um escárnio que acertou no alvo. Caris engoliu em seco e desviou os olhos.
- Parte meu coração.
 - Então volte. Chegue a um acordo com Sime. Trabalhou sob as ordens dos monges médicos nos primeiros dias, quando veio para cá. O irmão Joseph era o médico mais antigo naquele tempo. Ele tinha o mesmo treinamento de Sime.
 - É verdade. Naquele tempo, achávamos que os monges às vezes causavam mais mal do que bem, mas podíamos trabalhar com eles. Na maior parte do tempo, nem os chamávamos, apenas fazíamos o que julgávamos melhor. E quando eles tratavam de um paciente, nem sempre seguíamos suas instruções ao pé da letra.
 - Você não pode acreditar que eles estavam sempre errados.
 - Claro que não. Às vezes os médicos curavam as pessoas. Lembro de Joseph abrindo o crânio de um homem e drenando o fluido acumulado que vinha causando dores de cabeça insuportáveis... foi impressionante.
 - Faça a mesma coisa agora.
 - Não dá mais. Sime acabou com essa possibilidade, não é mesmo? Ele levou seus livros e equipamentos para o hospital e assumiu o comando. E tenho certeza de que fez isso com seu encorajamento. Mais até, é bem provável que a idéia tenha sido sua. - Ela percebeu, pela expressão de Philemon, que acertara em cheio. - Você e ele conspiraram para me expulsar do hospital. Conseguiram... e agora estão sofrendo as consequências
 - Poderemos voltar ao antigo sistema. Mandarei Sime sair. Caris sacudiu a cabeça.
 - Tem de haver outras mudanças. Aprendi muita coisa com a peste. Estou mais convencida do que nunca de que os métodos dos médicos podem ser fatais. Não matarei as pessoas em prol de um acordo com você.
 - Você não compreende o quanto está em jogo.

Ele exibia uma ligeira expressão de presunção. Portanto, havia mais alguma coisa. Caris vinha especulando por que Philemon levantara aquele assunto. Não era de se preocupar com o hospital: nunca se importara com o trabalho de cura. Só se interessava pelo que melhoraria sua posição e defenderia seu frágil orgulho.

- Está bem. O que mais você sabe?

- O pessoal da cidade está falando em cortar os recursos para a nova torre. Por que deveriam pagar um extra para a catedral, eles indagam, quando não obtêm o que querem de nós? E agora que a cidade é um burgo, eu como prior não posso mais exigir o pagamento.

- E se eles não pagarem..?

- Seu amado Merthin terá de abandonar seu projeto de estimacão - arrematou Philemon, triunfante.

Caris compreendeu que esse era o trunfo de Philemon. E houvera mesmo um tempo em que essa revelação deixaria Caris sobressaltada. Mas isso não mais acontecia.

- Merthin não é mais meu amado. Você acabou com isso também. Uma expressão de pânico aflorou ao rosto do prior.

- Mas o bispo está empenhado na construção da torre... você não pode pôr o projeto em risco!

Caris levantou-se.

- Não posso? Por que não?

Ela virou-se e seguiu na direção do convento. Philemon ficou atordoado. Ainda gritou:

- Como pode ser tão irresponsável?

Caris ia ignorá-lo, mas depois mudou de idéia e decidiu explicar. Virou-se para fitá-lo.

- Tudo o que eu sempre prezei me foi tirado - disse ela, num tom apático. E quando você perdeu tudo...

A fachada sob controle começou a desmoronar e a voz tremeu, mas ela se forçou a acrescentar:

- Quando você perdeu tudo, não tem mais nada a perder.

A primeira neve caiu em janeiro. Formou um manto espesso no telhado da catedral, cobriu as delicadas esculturas das agulhas, mascarou os rostos dos anjos e santos esculpidos por cima da porta de oeste. A alvenaria nova

das fundações da torre fora coberta de palha, para isolar a argamassa da geada de inverno; agora, a neve cobria a palha.

Havia poucas lareiras num priorado. A cozinha tinha fogos acesos, como não podia deixar de ser; e era por isso que o trabalho na cozinha sempre fora popular entre os noviços. Mas não havia fogo na catedral, onde os monges e freiras passavam sete ou oito horas por dia. Quando as igrejas pegavam fogo, era em geral porque um monge desesperado levava um braseiro de carvão para o prédio, e uma fagulha voara do fogo para o teto de madeira. Quando não estavam na igreja nem trabalhando, deveriam andar e ler nos claustros, expostos ao frio. A única concessão ao conforto era a sala de aquecimento, um pequeno compartimento próximo dos claustros em que se acendia um fogo nos momentos de frio mais intenso. Monges e freiras tinham permissão para entrar na sala de aquecimento por curtos períodos.

Como sempre, Caris ignorava as regras e tradições, e permitia que as freiras usassem roupas de baixo de lã durante o inverno. Não acreditava que Deus queria que suas servidoras tivessem frieiras.

O bispo Henri estava tão preocupado com o hospital - ou melhor, com a ameaça à sua torre - que seguiu de Shiring para Kingsbridge através da neve. Viajou numa pesada carroça de madeira, com uma cobertura de lona e bancos almofadados, acompanhado pelo cônego Claude e o arquidiácono Lloyd. Fizeram uma pausa no palácio do prior apenas pelo tempo suficiente para secar as roupas e tomar um vinho quente, antes de convocarem uma reunião de crise, com Philemon, Sime, Caris, Oonagh, Merthin e Madge.

Caris já sabia que seria um desperdício de tempo, mas foi assim mesmo: era mais fácil do que recusar, o que exigiria que ficasse sentada no convento e lidasse com intermináveis mensagens suplicando, ordenando e ameaçando.

Ela olhava para os flocos de neve que caíam além das vidraças da janela, enquanto o bispo resumia, monótono, uma discussão pela qual não tinha o menor interesse.

- Esta crise foi provocada pela atitude desleal e desobediente de madre Caris

- declarou Henri.

Ela ficou tão irritada que não se conteve.

- Trabalhei no hospital aqui por dez anos. Meu trabalho... e o de madre Cecilia antes de mim... fizeram o hospital tão popular entre os moradores da cidade. - Caris apontou o dedo para o bispo, num gesto agressivo. - Você mudou isso. Não tente culpar outras pessoas. Sentou nessa cadeira e anunciou que dali por diante o irmão Sime estaria no comando. Agora, deve assumir a responsabilidade pelas consequências de sua decisão tão insensata.

- Você deve me obedecer! - Henri alteou a voz para um som estridente de frustração. - É uma freira... fez um voto!

A discussão perturbou o gato, Arcebispo, que se levantou e saiu da sala.

- Sei disso. E fico numa posição intolerável. - Caris falou sem ter pensado a respeito antes. Mas à medida que as palavras saíram, ela compreendeu que não eram inadequadas. Na verdade, eram o resultado de meses de reflexão. - Não posso mais servir a Deus dessa maneira.

A voz era calma, mas o coração batia descompassado quando ela arrematou:

- E por isso que decidi renunciar a meus votos e deixar o convento. Henri levantou-se.

- Não pode fazer isso! - gritou ele. - Não vou liberá-la de seus votos sagrados!

- Mas espero que Deus me libere - insistiu ela, mal disfarçando seu desdém. Isso o deixou ainda mais furioso.

- Essa noção de que as pessoas podem lidar direto com Deus é a pior heresia. Tem havido mais e mais dessa conversa absurda desde a peste.

- Não acha que isso pode ter acontecido porque as pessoas, quando procuraram a Igreja em busca de ajuda durante a peste, descobriram muitas vezes que seus padres e monges... - Neste ponto, ela olhou para Philemon. -... haviam fugido como covardes?

Henri levantou a mão para impedir a resposta indignada de Philemon.

- Podemos ser falíveis, mas mesmo assim é apenas através da Igreja e de seus sacerdotes que homens e mulheres podem se aproximar de Deus.

- Você pode pensar assim, é claro - disse Caris. - Mas isso não faz com que seja certo.

- Você é um demônio!

O cônego Claude interveio:

- Isto posto, milorde bispo, uma discussão pública entre você e Caris não ajudaria ninguém.

Ele ofereceu um sorriso cordial para Caris. Mostrava-se bem-disposto em relação à ela desde o dia em que Caris surpreendera ele e o bispo se beijando, nus, e não dissera nada a ninguém.

- Sua atual não-cooperação deve ser considerada à luz de muitos anos de serviços dedicados, às vezes heroicos - acrescentou Claude. - E as pessoas a amam.

- Mas o que acontece se a liberarmos de seus votos? - indagou Henri. Como isso resolveria o problema?

Foi nesse momento que Merthin falou pela primeira vez:

- Tenho uma sugestão. Todos olharam para ele.

- Deixem a cidade construir um novo hospital. Doarei um terreno grande na ilha do Leproso. Será cuidado por um novo convento, separado do priorado. As freiras estarão sob a autoridade espiritual do bispo de Shiring, é claro, mas não terão qualquer ligação com o prior de Kingsbridge ou qualquer dos médicos do mosteiro. O novo hospital teria um patrono leigo, que seria uma pessoa eminente da cidade, escolhida pela guilda. Essa pessoa indicaria a priora.

Todos permaneceram em silêncio por um longo momento, enquanto absorviam a proposta radical. Caris estava atordoada.

Um novo hospital... na ilha do Leproso... pago pelos moradores da cidade... aos cuidados de uma nova ordem de freiras... sem qualquer ligação com o priorado...

Ela correu os olhos pelo grupo. Philemon e Sime detestavam a idéia. Henri, Claude e Lloyd estavam perplexos. O bispo finalmente falou:

- O patrono será muito poderoso... representando os moradores, pagando as contas, designando a priora. Quem quer que assuma o papel vai controlar o hospital.

- Isso mesmo - confirmou Merthin.

- Se eu autorizar um novo hospital, os moradores da cidade continuarão a pagar pela construção da torre?

Madge Webber falou pela primeira vez:

- Se o patrono certo for escolhido, claro que sim.

- E quem deveria ser? - perguntou Henri.

Poucas horas depois, Caris e Merthin envolveram-se com mantos grossos, calçaram botas e caminharam pela neve até a ilha, onde ele mostrou o local que tinha em mente. Ficava no lado oeste, não muito longe de sua casa, à beira do rio.

Ela ainda sentia-se tonta com a súbita mudança em sua vida. Fora liberada de seus votos de freira. Voltaria a ser uma cidadã normal, depois de quase doze anos. Descobriu que podia considerar a perspectiva de deixar o priorado sem angústia. As pessoas que ela amara ali haviam morrido: madre Cecilia, Old Julie, Mair, Tilly. Gostava muito de irmã Joan e irmã Oonagh, mas não era a mesma coisa.

E ainda estaria no comando de um hospital. Como teria o direito de designar e dispensar a priora da nova instituição, poderia dirigi-la de acordo com o novo pensamento que se desenvolvera do combate à peste. O bispo concordara com tudo.

- Acho que devemos usar outra vez a disposição de claustro - disse Merthin. Pareceu funcionar muito bem pelo curto período em que você esteve no comando.

Caris contemplou o lençol imaculado de neve e se espantou mais uma vez com a capacidade de Merthin de ver paredes e quartos onde ela observava apenas uma brancura interminável.

- A arcada da entrada era usada quase como uma sala - comentou ela. - Era o lugar em que as pessoas esperavam, onde as freiras efetuavam o primeiro exame dos pacientes, antes de decidirem o que fazer com eles.

- Gostaria que fosse maior?

- Acho que deve ser uma verdadeira sala de recepção.

- Está bem.

Ela continuava perplexa.

- É difícil acreditar. Tudo aconteceu exatamente como eu queria. Merthin balançou a cabeça.

- Foi assim que planejei.

- É mesmo?

- Perguntei a mim mesmo o que você gostaria, e depois determinei como poderia conseguir.

Ela fitou-o, aturdida. Merthin falara em tom de indiferença, como se apenas explicasse o processo de raciocínio que o levara a suas conclusões. Parecia não ter a menor idéia de como era fundamental para Caris descobrir que ele pensava sobre seus desejos e a maneira certa de realizá-los.

- Philippa já teve o bebê? - perguntou ela.

- Já, sim. Há uma semana.

- Menino ou menina?

- Um menino.
 - Meus parabéns. Já o viu?
 - Não. Até onde o mundo sabe, sou apenas seu tio. Mas Ralph me mandou Uma carta.
 - Já escolheram o nome?
 - Roland, em homenagem ao velho conde. Caris mudou de assunto.
 - A água do rio não é muito pura neste ponto da correnteza. E um hospital precisa de água limpa.
 - Instalarei um cano para trazer água de um ponto mais acima do rio.
- A nevasca diminuiu, para depois cessar por completo. Tinham agora uma vista clara do rio. Caris sorriu.
- Você tem resposta para tudo. Ele sacudiu a cabeça.
 - Essas são as respostas fáceis: água limpa, quartos arejados, uma sala de recepção.
 - E quais são as difíceis?
- Merthin virou-se para fitá-la. Havia flocos de neve em sua barba ruiva.
- Perguntas como: Você ainda me ama? Ficaram se olhando por um longo momento. Caris estava feliz.

Parte VII



81

Aos quarenta anos, Wulfric ainda era o homem mais bonito que Gwenda já vira. Havia fios prateados agora em seus cabelos castanho-claros, mas faziam com que ele parecesse mais sábio, além de mais forte. Quando era jovem, os ombros largos se afilavam de uma maneira drástica para a cintura estreita, enquanto hoje em dia a mudança não era tão acentuada, nem a cintura tão estreita... mas ele ainda era capaz de fazer o trabalho de dois homens. E sempre seria dois anos mais jovem do que ela.

Gwenda pensava que mudara menos. Tinha cabelos escuros do tipo que só começavam a se tornar grisalhos tarde da vida. Não se tornara mais corpulenta do que era vinte anos antes, embora desde que tivera os filhos os seios e a barriga não fossem mais tão firmes quanto no passado.

Era apenas quando olhava para o filho Davey, com a pele lisa e uma agilidade irrequieta nos passos, que ela sentia o peso dos anos. Agora com vinte anos, ele parecia uma versão masculina do que a mãe fora nessa idade. Ela também tinha um rosto liso e andava em passos vigorosos. Uma vida inteira de trabalho nos campos, em todos os tempos, deixara as mãos calejadas e as faces avermelhadas, além de ensiná-la a andar devagar e poupar suas forças.

Davey era pequeno como ela, astuto e discreto: desde que era pequeno Gwenda nunca sabia direito o que ele pensava. Sam era o oposto: grande e forte, sem ter inteligência suficiente para ser enganador, mas com uma veia de maldade pela qual Gwenda culpava o verdadeiro pai, Ralph Fitzgerald.

Há vários anos agora os dois meninos trabalhavam lado a lado de Wulfric nos campos... até duas semanas antes, quando Sam desaparecera.

Sabiam por que ele havia partido. Durante todo o inverno, Sam falara em deixar Wigleigh e se mudar para uma aldeia em que pudesse ganhar um salário maior. E desaparecera no momento em que começava a aração da primavera.

Gwenda sabia que ele tinha razão sobre os salários. Era um crime deixar sua aldeia, ou aceitar um pagamento mais alto que os níveis de 1347. Por todo o país, no entanto, jovens irrequietos ignoravam a lei e fazendeiros desesperados os contratavam. Senhores de terras como o conde Ralph podiam fazer pouco mais do que ranger os dentes em fúria.

Sam não dissera para onde iria, e não dera nenhum aviso sobre a partida iminente. Se Davey fizesse a mesma coisa, Gwenda saberia que ele teria pensado em tudo com o maior cuidado e decidido que era a melhor coisa.

Mas tinha certeza de que Sam apenas seguira um impulso. Alguém mencionara o nome de uma aldeia, ele acordara cedo na manhã seguinte, e decidira partir imediatamente.

Ela disse a si mesma para não se preocupar. Sam tinha vinte e dois anos, era grande e forte. Ninguém haveria de explorá-lo ou maltratá-lo. Mas era sua mãe, e sentiu um aperto no coração.

Se não podia encontrá-lo, ninguém mais poderia, pelos seus cálculos, e era melhor assim. O que não a impedia de querer saber onde o filho estava, se trabalhava para um bom empregador, se as pessoas o tratavam bem.

Naquele inverno, Wulfric começara a arar os acres mais arenosos de sua terra. Na primavera, Gwenda e ele foram para Northwood, a fim de comprar uma relha de arado de ferro, uma das poucas coisas que não podiam fabricar. Como sempre acontecia, um pequeno grupo de moradores de Wigleigh viajou junto para o mercado. Jack e Eli, que operavam o moinho de fulling de Madge Webber, iam comprar suprimentos: não tinham terras, e por isso compravam todos os seus alimentos. Annet e sua filha Amabel, de dezoito anos, levavam uma dúzia de galinhas num engradado, para vender no mercado. O bailiff, Nathan, também foi, acompanhado pelo filho crescido Jonno, o inimigo de infância de Sam.

Annet ainda flertava com todos os homens de boa aparência que cruzavam seu caminho. A maioria exibia um sorriso tolo e flertava também. Na viagem para Northwood, ela conversou bastante com Davey. Embora ele tivesse menos da metade de sua idade, Annet sorria sedutora, balançava a cabeça, batia em seu braço de brincadeira, como se ela tivesse vinte e dois anos, em vez de quarenta e dois. Não era mais uma menina, mas parecia não saber disso, pensou Gwenda, irritada. A filha de Annet, Amabel, que era tão linda quanto Annet outrora fora, mantinha-se um pouco apartada, como se estivesse embaraçada pelo comportamento da mãe.

Chegaram a Northwood no meio da manhã. Depois de fazerem suas compras, Wulfric e Gwenda foram almoçar na taverna Old Oak.

Por tanto tempo quanto Gwenda podia se lembrar, havia um venerável carvalho na frente da taverna, uma árvore grossa, com galhos disformes, parecendo um velho encurvado no inverno, mas oferecendo uma sombra

profunda e acolhedora no verão. Quando meninos, seus filhos costumavam correr atrás um do outro em torno daquela árvore. Mas a árvore devia ter morrido ou se tornado instável, pois fora cortada. Agora, havia apenas um toco, tão largo quanto Wulfric era alto, usado pelos clientes como uma cadeira, uma mesa e até mesmo

- por um exausto carroceiro - como uma cama.

Sentado na beira do toco, tomando cerveja de uma enorme caneca, estava Harry Plowman, o bailiff de Outhenby.

Gwenda, no mesmo instante, voltou ao passado, doze anos antes. O que aflorou à sua mente, com tanto vigor que trouxe lágrimas a seus olhos, foi a esperança que animara seu coração quando ela e a família, naquela manhã em Northwood, partiram pela floresta na direção de Outhenby e de uma vida nova. A esperança fora destruída em menos de quinze dias, e Wulfric fora levado de volta a Wigleigh - a lembrança ainda a fazia ferver de raiva - com uma corda no pescoço.

Mas Ralph não fizera tudo à sua maneira desde então. As circunstâncias haviam-no forçado a devolver a Wulfric as terras do pai dele. É verdade que Wulfric não fora bastante esperto para obter um arrendamento livre, ao contrario de alguns de seus vizinhos. Mesmo assim, Gwenda sentia-se contente por serem agora arrendatários, em vez de meros trabalhadores sem terras. Além disso, Wulfric realizara a ambição de sua vida. Mas ela ainda ansiava por mais independência, como um arrendamento livre de obrigações feudais, um arrendamento pago em dinheiro, o acordo escrito nos registros do solar, para que o senhor não pudesse voltar atrás. Era o que a maioria dos servos queria, e muitos estavam conseguindo, desde a peste.

Harry cumprimentou-os efusivo e insistiu em pagar uma cerveja. Pouco depois da breve estada de Wulfric e Gwenda em Outhenby, Harry fora promovido a bailiff por madre Caris. Ainda mantinha essa posição, embora Caris há muito tivesse renunciado a seus votos. A priora agora era madre Joan. Outhenby continuava a prosperar, a julgar pela papada e a barriga de cerveja de Harry.

Quando se preparavam para partir, com o resto do pessoal de Wigleigh, Harry informou a Gwenda, em voz baixa:

- Tenho um jovem chamado Sam trabalhando para mim. Gwenda sentiu o coração disparar.

-Meu Sam?

- Não pode ser.

Ela ficou aturdida. Se não era, por que mencioná-lo? Mas Harry bateu de leve em seu nariz vermelho, e Gwenda compreendeu que ele estava sendo enigmático.

- Esse Sam me assegura que seu senhor é um cavaleiro de Hampshire de que nunca ouvi falar, mas que lhe deu permissão para deixar a aldeia e trabalhar em outro lugar. Já o senhor de seu Sam é o conde Ralph, que nunca deixa seus trabalhadores partirem. É claro que eu não poderia empregar seu Sam.

Gwenda compreendeu. Essa seria a história de Harry, se algum dia houvesse perguntas oficiais.

- Portanto, ele está em Outhenby.

- Em Oldchurch, uma das aldeias menores no vale.

- Ele está bem? - indagou ela, ansiosa.

- Prosperando.

- Graças a Deus!

- Um menino forte e um bom trabalhador, embora às vezes possa ser brigão. Gwenda sabia disso.

- Ele mora numa casa boa?

- Ficou alojado com um casal mais velho de bom coração, cujo filho foi para Kingsbridge, a fim de aprender o ofício de curtidor de couro.

Gwenda ainda tinha uma dúzia de perguntas, mas nesse instante notou o vulto encurvado de Nathan Reeve, encostado na entrada da taverna, a observá-la. Ela reprimiu uma imprecação. Havia muito que queria saber, mas sentia pavor de fornecer a Nathan qualquer indicação sobre o paradeiro de Sam. Precisava se contentar com o que soubera. E ficou emocionada por saber pelo menos onde o filho se encontrava.

Ela afastou-se de Harry, para dar a impressão de que encerrava uma conversa sem importância. Pelo canto da boca, ela ainda disse:

- Não o deixe se envolver em brigas.

- Farei o que puder.

Gwenda acenou em despedida e foi ao encontro de Wulfric

Na volta para casa, Wulfric carregou a pesada relha de arado no ombro, sem qualquer esforço aparente. Gwenda sentia-se ansiosa em lhe dar a notícia, mas tinha de esperar até que o grupo se separasse. Só quando se encontravam a alguns metros dos outros é que ela relatou a conversa com Harry, em voz baixa. Wulfric mostrou-se aliviado.

- Pelo menos sabemos onde o rapaz está - murmurou ele, respirando com facilidade, apesar da carga.
- Quero ir a Outhenby - anunciou Gwenda.
- Imaginei isso. - Ele quase nunca a contestava, mas agora manifestou uma apreensão. - Mas é perigoso. Você terá de dar um jeito para que ninguém descubra para onde foi.
- Tem toda razão. Nate não deve saber.
- Como seria possível?
- Ele notará com certeza que me ausentei da aldeia por dois ou três dias. Temos de pensar numa história.
- Podemos dizer que você está doente.
- Seria arriscado demais. É bem provável que ele vá até nossa casa para verificar.
- Podemos dizer que foi para a casa de seu pai.
- Nate não acreditaria. Sabe que nunca fico ali por mais tempo do que o necessário.

Gwenda roeu uma unha, vasculhando o cérebro em busca da solução. Nas histórias de fantasmas e contos de fadas que as pessoas contavam junto do fogo, nas longas noites de inverno, os personagens em geral acreditavam nas mentiras dos outros sem questionar; mas as pessoas reais não se deixavam enganar com tanta facilidade.

- Podemos dizer que fui para Kingsbridge - sugeriu ela.
- Para quê?
- Talvez para comprar galinhas poedeiras no mercado.
- Você poderia comprar as galinhas de Annet.
- Eu não compraria coisa alguma daquela sem-vergonha, e as pessoas sabem disso.
- É verdade.
- E Nate sabe que sempre fui amiga de Caris. Por isso, acreditará que fui encontrá-la.
- Tem razão.

Não era uma história das mais plausíveis, mas ela não pôde pensar em nada melhor. E sentia-se desesperada para ver o filho.

Partiu na manhã seguinte.

Saiu de casa antes do amanhecer, envolta num manto grosso contra o vento frio de março. Atravessou a aldeia sem fazer barulho, na mais completa escuridão, encontrando o caminho pelo instinto e pela memória.

Não queria ser vista e interrogada antes de sequer se afastar da aldeia. Mas ninguém acordara ainda. O cachorro de Nathan Reeve rosnou baixinho, depois reconheceu seus passos, e ela ouviu o baque do rabo batendo no lado do canil de madeira.

Gwenda deixou a aldeia e seguiu pela estrada através dos campos. Já se encontrava a quase dois quilômetros de distância quando o dia amanheceu. Olhou para a estrada por trás. Estava vazia. Ninguém a seguira.

Ela mastigou um pedaço de pão dormido como primeira refeição. Parou ao meio-dia numa taverna em que a estrada Wigleigh-Kingsbridge cruzava com a estrada Northwood-Outhenby. Não reconheceu ninguém ali. Ficou observando a porta, nervosa, enquanto comia uma tigela de ensopado de peixe salgado e bebia uma caneca de sidra. Cada vez que alguém entrava, ela se preparava para esconder o rosto. Mas era sempre um estranho, e ninguém dispensou uma atenção especial à sua presença. Partiu logo, e pegou a estrada para Outhenby.

Alcançou o vale mais ou menos no meio da tarde. Só estivera ali doze anos antes, mas o lugar quase não havia mudado. Recuperara-se da peste com uma extraordinária rapidez. Além de algumas crianças pequenas, brincando perto das casas, a maioria dos aldeões se encontrava no trabalho, arando e semeando, cuidando dos cordeiros que haviam acabado de nascer. Olharam para ela através dos campos, sabendo que era uma estranha, especulando sobre sua identidade. Algumas pessoas a reconheceriam se chegasse mais perto. Estivera ali por apenas dez dias, mas haviam sido momentos dramáticos, e as pessoas se lembrariam. Não era com frequência que os aldeões testemunhavam tanta agitação.

Ela seguiu o rio Outhen, que serpenteava pelo terreno plano entre as duas serras. Deixou para trás a aldeia principal e passou por povoados menores, que conhecia do tempo que passara ali, como Ham, Shortacre e Longwater, a caminho do menor e mais remoto, Oldchurch.

Seu entusiasmo aumentou à medida que se aproximava. Até esqueceu os pés doloridos. Oldchurch era um povoado mínimo, com trinta choupanas, nenhuma das quais bastante grande para ser um solar, nem mesmo a casa de um bailiff. Mas, de acordo com o nome, tinha uma velha igreja. Devia ter pelo menos várias centenas de anos, calculou Gwenda. Tinha uma torre quadrada e uma nave pequena, toda construída com pedras toscas. As janelas eram pequenas e quadradas, aparentemente distribuídas ao acaso pelas paredes grossas.

Ela se encaminhou para os campos além. Ignorou um grupo de pastores num pasto distante: o astuto Harry Plowman não desperdiçaria o enorme Sam em trabalho tão leve. Deveria estar gradando a terra, limpando uma vala, ou ajudando a controlar a equipe de oito bois da comunidade. Ela esquadrinhou os três campos, de uma forma metódica. Avistou um grupo, quase todo de homens, de gorro na cabeça, botas enlameadas, vozes bastante fortes para chamarem uns aos outros através dos acres. Esperava encontrar entre eles um jovem que era pelo menos uma cabeça mais alto do que os outros. Como não localizasse o filho, sofreu uma renovada apreensão. Ele já fora recapturado? Ou teria sido transferido para outra aldeia?

Encontrou finalmente o filho numa fileira de homens que espalhava estrume por uma faixa recém-arada. Sam estava sem casaco, apesar do frio, e manejava uma pá de carvalho, os músculos das costas e dos braços se contraindo e deslocando por baixo da velha camisa de linho.

O coração de Gwenda encheu-se de orgulho ao vê-lo... e pensar que aquele homem enorme saíra de seu corpo tão pequeno!

Todos olharam quando ela se aproximou. Os homens fitaram-na com curiosidade. Quem era ela e o que fazia ali? Gwenda seguiu direto para Sam e abraçou-o, apesar do fedor de estrume de cavalo.

- Olá, mãe - disse ele.

Todos os homens riram. Ela ficou perplexa com a hilaridade. Um homem magro e forte, com uma órbita de olho vazia, disse:

- Calma, Sam, calma... você vai ficar bem agora.

Todos riram de novo. Gwenda compreendeu que eles achavam engraçado que um homem tão grande tivesse uma mãe tão pequena, que ainda por cima vinha verificar se ele estava bem.

- Como me descobriu? - perguntou Sam.

- Encontrei Harry Plowman no mercado de Northwood.

- Espero que ninguém a tenha seguido até aqui.

- Parti antes do amanhecer. Seu pai ficou de dizer às pessoas que fui a Kingsbridge. Ninguém me seguiu.

Conversaram por uns poucos minutos. Depois, ele disse que precisava retornar ao trabalho, ou os outros homens ficariam ressentidos.

- Volte para a aldeia e procure a velha Liza - disse Sam. - Ela mora na frente da igreja. Diga quem você é, e ela lhe dará alguma coisa para comer

e beber. Estarei em casa ao crepúsculo.

Gwenda levantou os olhos para o céu. Era uma tarde escura, e os homens seriam obrigados a parar de trabalhar dentro de uma hora, mais ou menos. Ela beijou o rosto de Sam e se afastou.

Encontrou Liza numa casa um pouco maior do que as outras... com dois cômodos em vez de apenas um. A mulher apresentou-a ao marido, Rob, que era cego. Como Sam garantira, Liza era hospitaleira: pôs pão e potagem na mesa, serviu uma caneca de cerveja.

Gwenda perguntou sobre o filho deles, e foi como abrir uma torneira. Liza falou sem parar sobre ele, da infância ao aprendizado, até que o velho interrompeu-a, ríspido, com uma só palavra:

- Cavalo.

Todos ficaram em silêncio. Gwenda ouviu também as batidas ritmadas de um cavalo trotando.

- Uma montaria pequena - acrescentou o cego Rob. - Um palafrém ou um pônei. Pequeno demais para um nobre ou um cavaleiro, embora possa estar montado por uma dama.

Gwenda sentiu um calafrio de medo.

- Dois visitantes no espaço de uma hora - comentou Rob. - Devem estar ligados.

Era disso que Gwenda tinha medo.

Ela levantou-se e olhou pela porta. Um pônei preto robusto trotava pelo caminho entre as casas. Ela reconheceu o cavaleiro no mesmo instante, e sentiu um aperto no coração: era Jonno Reeve, o filho do bailiff de Wigleigh.

Como ele a descobrira?

Ela tentou recuar apressada para o interior da casa, mas Jonno já a avistara.

- Gwenda! - gritou ele, parando o cavalo.

- Seu demônio!

- Posso imaginar o que você está fazendo aqui - disse ele, zombeteiro.

- Como me descobriu aqui? Ninguém me seguiu.

- Meu pai me mandou a Kingsbridge para descobrir o que você estaria tramando ali. No caminho, parei na taverna de Cross Roads, e algumas pessoas ali se lembraram que você pegara a estrada para Outhenby.

Ela especulou se não poderia ser mais esperta do que aquele astuto jovem.

- E por que eu não deveria visitar meus velhos amigos aqui?

- Não há nenhuma razão. Onde está seu filho fugitivo?

- Não está aqui, embora eu esperasse encontrá-lo.

Jonno se mostrou indeciso por um momento, como se pensasse que ela poderia estar dizendo a verdade. Mas logo disse:

- Talvez ele tenha se escondido. Vou procurá-lo.

Jonno esporeou o cavalo. Gwenda observou-o se afastar. Não o enganara, mas talvez tivesse plantado uma dúvida em sua mente. Se conseguisse alcançar Sam primeiro, ele poderia se esconder.

Ela atravessou apressada a pequena casa, com uma palavra rápida para Liza e Rob, e saiu pela porta dos fundos. Atravessou o campo, permanecendo perto da sebe. Ao olhar para trás, na direção da aldeia, avistou um homem a cavalo. O dia começava a escurecer, e ela pensou que seu vulto mínimo seria indistinguível contra a sebe escura ao fundo.

Encontrou Sam e os outros voltando, cada um com sua pá no ombro, as botas enlameadas. A alguma distância, à primeira vista, Sam podia passar por Ralph: o corpo era o mesmo, as passadas confiantes, a cabeça bonita no pescoço forte. Ao mesmo tempo, porém, ela também podia ver Wulfric no filho: o jeito de virar a cabeça, o sorriso tímido, e um gesto desaprovador com a mão que imitava com precisão o pai adotivo.

Os homens avistaram-na. Haviam se encantado com sua chegada antes, e agora o homem de um olho só gritou:

- Olá, mãe!

Todos riram. Ela foi para o lado de Sam e murmurou:

- Jonno Reeve está aqui.

- Inferno!

- Sinto muito.

- Você disse que não foi seguida!

- Não o vi, mas ele descobriu minha trilha.

- O que farei agora? Não voltarei para Wigleigh de jeito nenhum!

- Ele está à sua procura, mas deixou a aldeia e seguiu para leste. - Gwenda esquadrinhou a paisagem cada vez mais escura, mas não podia ver muita coisa. Se voltarmos depressa para Oldchurch, poderemos escondê-lo... talvez na igreja.

- Está bem.

Os dois passaram a andar mais depressa. Gwenda olhou para trás e disse para os outros homens:

- Se encontrarem um bailiff chamado Jonno... nunca viram Sam de Wigleigh.

- Nunca ouvi falar dele, mãe - disse um dos homens.

Os outros murmuraram em concordância. Os camponeses sempre se mostravam dispostos a enganar qualquer bailiff.

Gwenda e Sam alcançaram o povoado sem encontrar Jonno. Foram para a igreja. Gwenda esperava entrar sem qualquer dificuldade: as igrejas rurais eram em geral vazias, com as portas sempre abertas. Mas se aquela fosse uma exceção, ela não saberia o que eles poderiam fazer.

Esgueiraram-se entre as casas e se aproximaram da igreja. Ao passarem pela porta da frente da casa de Liza, Gwenda avistou um pônei preto. Soltou um gemido de desespero. Jonno devia ter voltado sob a cobertura do crepúsculo. Apostara que Gwenda encontraria Sam e o traria de volta para a aldeia, e acertara em cheio. Possuía a astúcia insidiosa de Nate, seu pai.

Ela pegou o braço do filho para levá-lo através da estrada e entrar na igreja... e foi nesse instante que Jonno saiu da casa de Liza.

- Pensei mesmo que o encontraria aqui, Sam - disse ele.

Gwenda e Sam pararam e se viraram. Sam apoiou-se na pá de madeira.

- E o que pretende fazer? Jonno deu um sorriso triunfante.

- Levá-lo de volta para Wigleigh.

- Gostaria de ver você tentar.

Um grupo de camponeses, a maioria de mulheres, veio do lado oeste da aldeia e parou para assistir à confrontação.

Jonno enfiou a mão no alforje no pônei e tirou um aro de metal com uma corrente.

- Vou pôr um grilhão na sua perna. E se tiver um mínimo de bom senso, não vai resistir.

Gwenda ficou surpresa com a coragem de Jonno. Ele esperava mesmo capturar Sam sozinho? Era até corpulento, mas não tão grande quanto Sam. Contava com a ajuda dos aldeões? Tinha a lei do seu lado, mas poucos camponeses pensariam que sua causa era justa. Um jovem típico, ele não tinha a menor noção de suas próprias limitações.

- Eu enchia você de porrada quando éramos meninos, e tornarei a fazer a mesma coisa hoje - disse Sam.

Gwenda não queria que eles brigassem. Quem quer que ganhasse, Sam estaria errado aos olhos da lei. Era um fugitivo.

- É tarde demais para ir a qualquer lugar agora - declarou ela. - Por que não conversamos amanhã de manhã?

Jonno soltou uma risada desdenhosa.

- E deixar Sam escapular antes do amanhecer, como fez ao deixar Wigleigh? De jeito nenhum. Ele vai dormir esta noite com o grilhão de ferro.

Os homens que trabalhavam com Sam apareceram, e pararam para olhar. Jonno disse:

- Todos os homens que respeitam a lei têm o dever de me ajudar a prender este fugitivo, e quem tentar me impedir estará sujeito à punição da lei.

- Pode contar comigo - respondeu o homem de um olho só. - Ficarei segurando seu cavalo.

Os outros riram. Havia pouca simpatia por Jonno. Por outro lado, ninguém se manifestou em defesa de Sam.

Jonno entrou em ação subitamente. Avançou para Sam, segurando o grilhão com as duas mãos. Abaixou-se, para tentar prender o artefato na perna de Sam, num movimento de surpresa. Poderia ter dado certo num homem mais velho, de movimentos lentos, mas a reação de Sam foi rápida. Recuou e desferiu um chute, acertando a bota enlameada no braço esquerdo estendido de Jonno.

Jonno soltou um grito de dor e raiva. Ergueu-se e usou o braço direito para desferir um golpe com a corrente, querendo acertar a cabeça de Sam. Gwenda ouviu um grito apavorado e compreendeu que partia dela. Sam recuou outro passo, para ficar fora do alcance.

Jonno percebeu que erraria o golpe, e largou o ferro no último momento.

Saiu voando pelo ar. Sam encolheu-se, virou-se e abaixou-se, mas não conseguiu se esquivar por completo. O aro de ferro bateu em sua orelha e a corrente roçou pelo rosto. Gwenda gritou, como se ela própria tivesse sido golpeada. Sam cambaleou, enquanto o grilhão caía no chão. Houve um momento de suspense. O sangue esguichou do ouvido e nariz de Sam. Gwenda deu um passo em sua direção, os braços estendidos.

No instante seguinte, Sam recuperou-se do choque.

Adiantou-se e desferiu um golpe contra Jonno com a pesada pá de madeira, num movimento gracioso. Jonno ainda não recuperara todo o seu equilíbrio depois do esforço para arremessar a corrente. Não conseguiu se esquivar. A beira da pá acertou-o no lado da cabeça. Sam era forte, e o som de madeira batendo em osso ressoou pela rua da aldeia.

Jonno ainda cambaleava quando Sam atacou de novo. Agora o golpe com a pá foi de cima para baixo. A beira da pá acertou em cheio a cabeça de Jonno, com uma tremenda força. Desta vez o impacto não ressoou. Foi mais como um baque surdo, e Gwenda temeu que o crânio de Jonno tivesse rachado.

Enquanto Jonno caía de joelhos, Sam acertou-o pela terceira vez, outro golpe com toda força, com a beira da pá de carvalho. Atingiu a testa da vítima. Uma espada de ferro não poderia ser mais mortífera, pensou Gwenda, desesperada. Ela adiantou-se para conter Sam, mas os homens da aldeia tiveram a mesma idéia um momento antes, e chegaram na sua frente. Puxaram Sam, dois homens segurando cada braço.

Jonno estava caído no chão, a cabeça numa poça de sangue. Gwenda ficou angustiada com a cena. Não pôde deixar de pensar no pai do rapaz, Nate, em sua dor e desespero pelos ferimentos do filho. A mãe de Jonno havia morrido da peste, e pelo menos se encontrava agora num lugar em que a dor não a afligia.

Gwenda podia ver que Sam quase não se machucara. Sangrava, mas ainda se debatia com seus captores, tentando se desvencilhar para poder atacar de novo. Gwenda inclinou-se para Jonno. Ele tinha os olhos fechados e não se mexia.

Ela pôs a mão em seu coração e nada sentiu. Tentou encontrar uma pulsação, como Caris lhe ensinara, mas não havia nenhuma. Parecia que Jonno não estava respirando.

As implicações do que acabara de acontecer afloraram à sua mente, e ela começou a chorar.

Jonno estava morto, e Sam era um assassino.

No Domingo de Páscoa, naquele ano de 1361, Caris e Merthin estavam casados há dez anos.

De pé na catedral, assistindo à procissão da Páscoa, Caris recordou o casamento. Porque haviam sido amantes durante tanto tempo, de forma intermitente, consideravam a cerimônia como a confirmação de um fato antigo. Por isso, tolamente, previram um evento pequeno e discreto: um serviço simples na igreja de St. Mark, seguido por um almoço para poucas pessoas na Bell. Mas o padre Joffroi informara-os, no dia anterior, de que pelos seus cálculos no mínimo duas mil pessoas planejavam comparecer ao casamento. Por isso, foram obrigados a transferi-lo para a catedral. Só depois descobriram que Madge Webber organizara um banquete na casa da guilda para os cidadãos mais eminentes e um piquenique para todos os demais habitantes de Kingsbridge em Lovers' Field. Ao final, acabara sendo o casamento do ano.

Caris sorriu à recordação. Usara uma túnica nova de Escarlata de Kingsbridge, uma cor que o bispo provavelmente julgava apropriada para uma mulher assim. Merthin vestira um rico casaco italiano, castanho com fios dourados, radiante de felicidade. Ambos descobriram que seu prolongado romance, que imaginavam ser um drama particular, vinha divertindo os cidadãos de Kingsbridge há muitos anos. Por isso, todos queriam comemorar o final feliz.

As lembranças agradáveis de Caris dissiparam-se quando Philemon, seu antigo inimigo, subiu ao púlpito. Ele se tornara bastante gordo nos dez anos transcorridos desde o casamento. A tonsura monacal e o rosto raspado revelavam um anel de gordura em torno do pescoço, o hábito de monge estufado como uma tenda.

Ele fez um sermão contra a dissecação.

Os cadáveres pertenciam a Deus, proclamou Philemon. Os cristãos eram instruídos a sepultá-los num ritual específico: os salvos em terrenos consagrados, os não-perdoados em outros lugares. Fazer qualquer outra coisa com os cadáveres era contra a vontade de Deus. Retalhá-los era um sacrilégio, declarou ele, com uma veemência inesperada. Havia até um tremor em sua voz quando ele pediu à congregação para imaginar a cena horrível de um corpo sendo aberto, as partes separadas, cortadas e

estudadas por supostos pesquisadores médicos. Os verdadeiros cristãos sabiam que não havia desculpa para esses homens e mulheres monstruosos.

A expressão "homens e mulheres" não saía com frequência da boca de Philemon, pensou Caris; por isso, não podia deixar de ter um significado. Ela olhou para o marido, parado ao seu lado na nave, e elevou as sobrancelhas, numa expressão de preocupação.

A proibição do exame de cadáveres era um dogma antigo, proposto pela Igreja em tempos muito remotos para Caris se lembrar. Mas houvera um relaxamento durante a peste. Os clérigos mais jovens e progressistas tinham uma nítida consciência do quanto a Igreja falhara para o povo. Por isso, estavam ansiosos em mudar a maneira como a medicina era ensinada e praticada pelos sacerdotes. O clero mais velho e conservador, no entanto, apegava-se aos costumes antigos e bloqueava qualquer mudança na política. Em consequência, a dissecação era proibida em princípio e tolerada na prática.

Caris vinha realizando dissecações em seu novo hospital desde o início. Nunca falava a respeito fora do prédio: não havia sentido em perturbar os supersticiosos. Mas ela efetuava uma dissecação em todas as oportunidades.

Em anos recentes, era em geral acompanhada por um ou dois monges médicos mais jovens. Muitos doutores treinados nunca haviam visto o interior de um corpo, exceto quando tratavam de ferimentos muito graves. Tradicionalmente, as únicas carcaças que podiam ser abertas eram as de porcos, os animais considerados como os mais parecidos com os humanos na anatomia.

Caris ficou perplexa, além de preocupada, com o ataque de Philemon. Ele sempre a odiara, Caris sabia, embora nunca soubesse qual era o motivo. Mas desde o grande impasse na tempestade de 1351 ele a ignorava. Como se fosse uma compensação pela perda de poder sobre a cidade, Philemon enchera seu palácio com objetos preciosos: tapeçarias, tapetes, talheres de prata, vitrais, iluminuras. Tornara-se ainda mais altivo, exigindo deferências elaboradas de seus monges e noviços, usando trajes espetaculares para os serviços e viajando, quando tinha de ir a outras cidades, numa carroça mais luxuosa que o boudoir de uma duquesa, conhecida como cbarette.

Havia vários clérigos visitantes importantes no coro para o serviço - o bispo Henri de Shiring, o arcebispo Piers de Monmouth e o arqui-diácono Reginald de York -, e podia-se presumir que Philemon esperava impressioná-los com seu surto de conservantismo doutrinário. Mas com que finalidade? Procurava uma promoção? O arcebispo estava doente - tivera de ser carregado para a catedral -, mas Philemon, com toda certeza, não podia aspirar a esse posto, não é mesmo? Já era um milagre que o filho de Joby de Wingleigh se tornasse o prior de Kingsbridge. Além disso, a elevação de prior a arcebispo seria um salto excepcional, como ir de cavaleiro a duque sem virar um barão ou um conde no intervalo. Apenas um favorito muito especial podia esperar uma ascensão tão rápida.

Só que não havia limite para a ambição de Philemon. Não que ele se considerasse mais qualificado do que todos os outros, pensou Caris. Essa era a atitude de Godwyn, uma autoconfiança arrogante. Godwyn presumia que Deus o fizera prior porque ele era o homem mais inteligente da cidade. Philemon era o extremo oposto: no fundo de seu coração, acreditava que era um ninguém. Sua vida era uma campanha para convencer a si mesmo de que não era completamente sem valor. Era tão sensível à rejeição que não suportava se considerar imerecedor de qualquer posto, por mais elevado que fosse.

Ela pensou em conversar com o bispo Henri depois do serviço. Poderia lembrá-lo do encontro celebrado dez anos antes, pelo qual o prior de Kingsbridge não tinha jurisdição sobre o Hospital de St. Elizabeth, na ilha do Leproso, que se encontrava sob o controle direto do bispo; assim, qualquer ataque ao hospital era um ataque aos direitos e privilégios do próprio Henri. Mas, pensando bem, Caris concluiu que o protesto só serviria para confirmar ao bispo que ela realizava dissecações. Com isso, transformaria o que podia ser agora uma vaga suspeita, fácil de ignorar, num fato conhecido, que devia ser enfrentado. Por isso, decidiu se manter calada.

Ao seu lado estavam os dois sobrinhos de Merthin, os filhos do conde Ralph: Gerry, com treze anos, e Roley, com dez anos. Os dois estavam matriculados na escola dos monges. Viviam no priorado, mas passavam a maior parte de seu tempo livre com Merthin e Caris, em sua casa na ilha do Leproso. Merthin pousava a mão de leve no ombro de Roley. Apenas três pessoas no mundo sabiam que Roley não era seu sobrinho, mas seu filho. Eram o próprio Merthin, Caris e a mãe do menino, Philippa. Merthin

fazia um esforço para não demonstrar um favorecimento especial por Roley, mas descobrira que era difícil disfarçar seus verdadeiros sentimentos; e experimentava uma satisfação especial quando Roley aprendia alguma coisa nova ou se saía bem na escola.

Caris pensava com frequência na criança de Merthin que concebera e depois abortara. Sempre imaginara que seria uma menina. Seria uma mulher agora, refletiu Caris, com vinte e três anos, provavelmente casada, com suas próprias crianças. O pensamento era como o latejamento de um ferimento antigo, ainda doloroso, mas não angustiante.

Quando o serviço terminou, todos saíram juntos. Os meninos haviam sido convidados para o almoço de domingo, como sempre. Fora da catedral, Merthin virou-se para contemplar a torre, que agora se elevava acima do meio do prédio.

Enquanto Merthin estudava sua obra quase concluída, com o rosto franzido por causa de algum detalhe que só era visível para ele, Caris examinou-o, afetosamente. Conhecia-o desde que ele tinha onze anos e o amara por quase todo esse tempo. Merthin tinha agora quarenta e cinco anos. Os cabelos ruivos recuavam por cima da testa e cresciam em torno da cabeça como um halo encrespado. Tinha o braço esquerdo um tanto rígido desde que um modilhão de pedra caíra de um andaime, pelo descuido de um pedreiro, e acertara seu ombro. Mas ainda exibia a expressão de ansiedade infantil que atraíra a menina Caris de dez anos, no Dia de Todos os Santos, um terço de século antes.

Ela virou-se para partilhar a vista do marido. A torre se projetava de forma impecável nos quatro lados da interseção, o peso apoiado em arcobotantes maciços, nos cantos externos dos transeptos que por sua vez apoiavam-se em novas fundações, separadas das originais. A torre parecia leve e arejada, com colunas delgadas e múltiplas aberturas de janelas, através das quais podia-se ver o céu azul quando fazia bom tempo. Por cima do topo quadrado da torre havia uma teia de andaimes, erguendo-se para o estágio final, a agulha.

Quando baixou os olhos, Caris viu a irmã se aproximando. Alice era apenas um ano mais velha, com quarenta e cinco anos, mas Caris sentia que ela pertencia a outra geração.

Seu marido, Elfric, morrera da peste, mas ela não casara de novo. Tornara-se desleixada e desgraciosa, como se achasse que uma viúva deveria ser

assim. Caris brigara com Alice, há muitos e muitos anos, por causa do tratamento que Elfric dispensava a Merthin. A passagem do tempo atenuara a hostilidade mútua, mas ainda havia uma insinuação de ressentimento na inclinação da cabeça quando Alice a cumprimentou.

Ela estava acompanhada por Griselda, sua enteada, apenas um ano mais moça do que Alice. O filho de Griselda, conhecido como Merthin Bastardo, estava ao seu lado, um homem enorme com um charme superficial... parecido com o pai, Thurstan, que desaparecera há muito tempo. Era tão diferente de Merthin Bridger quanto era possível. E também era muito diferente da filha de Griselda, Petranilla, que tinha dezesseis anos.

O marido de Griselda, Harold Mason, assumira o negócio depois da morte de Elfric. Não era grande coisa como construtor, segundo Merthin, mas vinha se saindo bem, embora não tivesse o monopólio dos reparos e ampliações do priorado que haviam enriquecido Elfric. Ele parou ao lado de Merthin agora e disse:

- As pessoas acham que você vai construir a agulha sem cambota.

Caris compreendia. A cambota, ou cimbre, era a armação de madeira que mantinha a alvenaria no lugar até a argamassa secar.

- Não há muito espaço dentro da agulha estreita para uma cambota - explicou Merthin. - E como seria sustentada?

O tom era polido, mas Caris pôde perceber, pela forma incisiva, que ele não gostava de Harold.

- Eu poderia acreditar se a agulha fosse redonda.

Caris compreendia isso também. Uma agulha redonda poderia ser construída ao se colocar um círculo de pedras por cima de outro, cada círculo um pouco menor do que o anterior. Não haveria necessidade de cambota porque o círculo sustentava a si mesmo: as pedras não podiam cair para dentro porque pressionavam umas às outras. O que já não acontecia em qualquer disposição que tivesse cantos.

- Você viu os desenhos - disse Merthin. - A agulha será octogonal.

Os torreões de cantos no alto de torres quadradas ficavam virados em diagonal pra fora, atraindo o olho à medida que subia para a forma diferente da agulha. Merthin copiara esse detalhe de Chartres. Mas só fazia sentido se a torre fosse octogonal.

- Mas como pode construir uma torre octogonal sem cambota? - indagou Harold.

- Espere e verá.

Merthin afastou-se. Enquanto desciam pela rua principal, Caris perguntou:

- Por que não conta às pessoas como vai fazer?

- Para que não possam me despedir. Quando eu estava construindo a ponte, assim que terminei a parte mais difícil, eles me mandaram embora e contrataram alguém mais barato.

- Não esqueci.

- Não podem fazer isso agora, porque ninguém mais é capaz de construir a agulha.

- Você era mais jovem na ocasião. Agora é o regedor. Ninguém ousaria despedi-lo.

- Talvez não. Mas é ótimo saber que não podem fazer isso.

No fundo da rua principal, onde ficava a velha ponte, havia uma taverna mal-afamada, a White Horse. Caris viu Lolla, a filha de dezesseis anos de Merthin, encostada na parede externa, com um grupo de amigos mais velhos. Lolla era uma jovem atraente, de pele azeitonada e cabelos escuros lustrosos, boca generosa e olhos castanhos intensos. O grupo se reunia em torno de um jogo de dados, quase todos tomando cerveja em canecas. Caris lamentou - embora não ficasse surpresa - ver a enteada bebendo na rua ao meio-dia. Merthin ficou furioso. Foi até Lolla e pegou-a pelo braço.

- É melhor você ir conosco para almoçar em casa - disse ele, a voz tensa. Ela sacudiu a cabeça, balançando os cabelos para um lado e outro, num gesto que obviamente se destinava a outro que não o pai.

- Não quero ir para casa. Estou feliz aqui.

- Não perguntei o que você queria fazer.

Merthin deu um puxão na filha, afastando-a do grupo. Um rapaz bonito, em torno dos vinte anos, aproximou-se. Tinha cabelos crespos e um sorriso zombeteiro. Pautava os dentes com um graveto. Caris reconheceu Jake Riley, um rapaz sem profissão específica, mas que mesmo assim parecia ter sempre dinheiro para gastar.

- O que está acontecendo? - indagou ele.

Ele falou com o graveto balançando no canto da boca, como um insulto.

- Não é da sua conta - respondeu Merthin. Jake postou-se na sua frente.

- A garota não quer ir embora.

- É melhor sair da minha frente, filho, a menos que queira passar o resto do dia no tronco da cidade.

Caris ficou imóvel de ansiedade. Merthin estava certo: tinha o direito de disciplinar Lolla, que ainda se encontrava a cinco anos da vida adulta. Mas Jake era o tipo de rapaz que podia agredi-lo mesmo assim, e arcar com as consequências. Mas Caris não interferiu, sabendo que isso poderia deixar Merthin furioso com ela, não mais com Jake.

- Suponho que você é o pai dela.

- Sabe muito bem quem eu sou. E acho melhor me chamar de regedor e falar com o devido respeito, ou sofrerá as consequências.

Jake fitou-o com uma expressão insolente por mais um momento, depois virou-se de lado e disse, em tom de indiferença:

- Está bem.

Caris sentiu-se aliviada porque a confrontação não terminara numa briga. Merthin nunca se envolvia em brigas, mas Lolla podia deixá-lo transtornado.

Encaminharam-se para a ponte. Lolla desvencilhou-se do pai e seguiu na frente, os braços cruzados, cabeça baixa, o rosto franzido, resmungando para si mesma palavras de irritação.

Não era a primeira vez que Lolla era vista em más companhias. Merthin sentia-se horrorizado e enfurecido pelo fato de sua filha querida procurar pessoas assim.

- Por que ela faz isso? - perguntou ele a Caris, enquanto atravessavam a ponte para a ilha do Leproso.

- Só Deus sabe.

Caris já observara que esse tipo de comportamento era mais comum em jovens que haviam perdido o pai ou a mãe. Depois da morte de Silvia, Lolla fora cuidada por Bessie Bell, lady Philippa, a empregada de Merthin, Em, e a própria Caris. Talvez ela se sentisse confusa sobre a quem deveria obedecer. Mas Caris não expressou esse pensamento, já que poderia sugerir que Merthin fracassara de certa forma como pai.

- Tive brigas terríveis com tia Petranilla quando estava com essa idade.

- Sobre o quê?

- Coisas parecidas. Ela não gostava que eu me encontrasse com Mattie Wise.

- Isso é completamente diferente. Você não frequentava tavernas de segunda classe com vagabundos.

- Petranilla achava que Mattie era uma péssima companhia.

- Não é a mesma coisa.

- Acho que não.

- Você aprendeu muita coisa com Mattie.

Lolla sem dúvida também estava aprendendo muita coisa com o belo Jake Riley, mas Caris guardou esse pensamento inflamatório para si mesma, pois Merthin já se sentia bastante furioso.

A ilha se encontrava toda construída agora, e era parte integrante da cidade. Tinha até sua igreja paroquial. Onde outrora havia apenas um terreno árido, seguiram agora por uma trilha reta, entre prédios, com esquinas definidas. Os coelhos há muito que já não mais existiam ali. O hospital ocupava a maior parte do lado ocidental. Embora fosse até lá todos os dias, Caris ainda sentia um certo orgulho ao contemplar o prédio impecável, cinzento, as janelas grandes em fileiras regulares, as chaminés alinhadas como soldados.

Passaram por um portão para o terreno de Merthin. O pomar estava cheio de frutas, as flores brancas cobrindo as macieiras como neve.

Entraram pela porta da cozinha, como sempre. A casa tinha uma entrada imponente no lado do rio, que ninguém jamais usava. Até mesmo um arquiteto brilhante pode cometer um erro, pensou Caris, divertida; mas, outra vez, ela decidiu não dizer naquele momento o que pensava.

Lolla, ainda furiosa, subiu para seu quarto. Uma mulher chamou da sala da frente:

- Olá, todo mundo!

Os dois meninos correram para a sala com gritos de alegria. Era a mãe deles, Philippa. Merthin e Caris cumprimentaram-na efusivamente.

Caris e Philippa haviam se tornado cunhadas quando Caris casara com Merthin. A rivalidade no passado, porém, fizera com que Caris se sentisse contrafeita na presença de Philippa, por muitos anos. Até que os meninos as aproximaram. Quando Gerry e depois Roley foram matriculados na escola do priorado, era natural que Merthin tomasse conta dos sobrinhos; e, mais tarde, tornara-se normal que Philippa visitasse a casa de Merthin sempre que vinha a Kingsbridge.

A princípio, Caris sentira ciúme de Philippa por ter atraído Merthin sexualmente. Merthin nunca tentara fingir que seu amor por Philippa fora apenas superficial. Era evidente que ainda gostava dela. Mas Philippa hoje em dia era uma triste figura. Tinha quarenta e nove anos e parecia mais velha, os cabelos grisalhos e o rosto vincado em desapontamento. Vivia

agora para os filhos. Era uma hóspede frequente da filha, Odila, a condessa de Monmouth; e quando não estava lá, muitas vezes visitava o Priorado de Kingsbridge, a fim de ficar perto dos filhos. Dava um jeito de passar tão pouco tempo quanto possível com o marido Ralph, em Earls castle.

- Tenho de levar os meninos para Shiring - informou ela, explicando sua presença. - Ralph quer levá-los ao tribunal do condado. Diz que é uma parte necessária de sua educação.

- E ele está certo - concordou Caris.

Gerry seria o conde, se vivesse pelo tempo suficiente; e se isso não acontecesse, Roley herdaria o título. Por isso, ambos precisavam ter conhecimento do funcionamento de um tribunal. Philippa acrescentou:

- Eu tencionava assistir ao serviço da Páscoa na catedral, mas a roda de minha cbarette quebrou, e tive de esperar por uma noite pelo conserto.

- Mas agora que você está aqui, vamos comer - declarou Caris.

Foram para a sala de jantar. Caris abriu as janelas que davam para o rio, deixando o ar fresco entrar. Ela especulou sobre o que Merthin faria em relação a Lolla. Ele não a chamou, e Lolla ficou remoendo sua raiva lá em cima. O que foi um alívio para Caris: uma adolescente sorumbática à mesa poderia deixar todos desanimados.

Comeram cordeiro assado com alho-poró. Merthin serviu vinho tinto, e Philippa bebeu com satisfação. Passara a gostar de vinho. Talvez fosse o seu consolo. Durante o almoço, Em entrou na sala, com uma expressão ansiosa.

- Há uma pessoa na porta da cozinha querendo falar com a ama.

- Quem é? - perguntou Merthin, impaciente. 7

- Ele não deu o nome, mas disse que a ama o conhecia.

- Que tipo de pessoa?

- Um jovem. Pelas roupas, um camponês, não um morador da cidade.

Em tinha uma aversão esnobe a aldeões.

- Ele parece inofensivo. Deixe-o entrar. Um momento depois, entrou na sala um vulto alto, o capuz puxado para a frente, cobrindo a maior parte do rosto. Quando ele empurrou-o para trás, Caris reconheceu o filho mais velho de Gwenda, Sam.

Caris o conhecera durante toda a vida dele. Vira-o nascer, observara a cabeça viscosa sair do corpo miúdo de sua mãe. Acompanhara seu crescimento, enquanto mudava e se transformava num homem. Via Wulfric nele agora, na maneira como andava, parava e levantava um

pouco a mão, quando estava prestes a falar. Sempre desconfiara que Wulfric não era o pai verdadeiro... mas nunca mencionara essa dúvida, embora sempre fosse muito amiga de Gwenda. Era melhor deixar algumas indagações sem resposta. Apesar disso, a suspeita inevitavelmente voltara quando ela soubera que Sam era procurado pelo assassinato de Jonno Reeve. Pois Sam, ao nascer, parecia com Ralph.

Agora, ele se aproximou de Caris, ergueu a mão no gesto típico de Wulfric, hesitou por um instante, e se abaixou, apoiado num joelho.

- Salve-me, por favor. Caris ficou horrorizada.

- Como posso salvá-lo?

- Esconda-me. Estou fugindo há dois dias. Deixei Oldchurch no escuro, caminhei durante toda a noite, e mal descansei desde então. Quanto tentei comprar alguma coisa para comer numa taverna, alguém me reconheceu, e tive de fugir.

Ele parecia tão desesperado que Caris sentiu um ímpeto de compaixão. Mesmo assim, ela disse:

- Mas você não pode se esconder aqui, porque é procurado por assassinato!

- Não foi assassinato, mas sim uma briga. Jonno me agrediu. Acertou-me com um grilhão de ferro... veja!

Sam tocou no rosto em dois lugares, para indicar os ferimentos na orelha e no nariz, uma casca começando a se formar.

A médica em Caris não pôde deixar de notar que os ferimentos tinham cerca de cinco dias, que o nariz estava curando direito, embora a orelha precisasse de um ponto. Mas seu principal pensamento foi o de que Sam não deveria estar ali.

- Você tem de enfrentar a justiça - declarou ela.

- Eles ficarão do lado de Jonno, tenho certeza. Fugi de Wigleigh para ganhar mais em Outhenby. Jonno estava tentando me levar de volta. Dirão que ele tinha o direito de acorrentar um fugitivo.

- Você deveria ter pensado nisso antes de agredi-lo. Sam protestou, em tom de acusação:

- Você empregava fugitivos em Outhenby quando era priora. Caris se irritou.

- Fugitivos, sim... assassinos, não.

- Eles vão me enforcar.

Caris estava angustiada. Como poderia recusar? Mas Merthin interveio:

- Há duas razões pelas quais você não pode se esconder aqui, Sam. A primeira é que é um crime esconder um fugitivo, e não estou disposto a ficar no lado errado da lei por sua causa, por mais que eu goste de sua mãe. Mas a segunda razão é que todos sabem que sua mãe é uma antiga amiga de Caris. Portanto, se os guardas de Kingsbridge estiverem atrás de você, este será o primeiro lugar em que virão procurar.

- É mesmo? - murmurou Sam.

Ele não era muito inteligente, Caris sabia... o irmão, Davey, herdara todo o cérebro.

- Você não poderia pensar num lugar pior do que este para se esconder. Tome um copo de vinho, leve um pão inteiro, e saia da cidade. - A voz de Merthin era agora mais gentil. - Terei de procurar Mungo Constable para comunicar que você esteve aqui, mas posso andar devagar.

Merthin despejou vinho num copo de madeira.

- Obrigado.

- Sua única esperança é ir para longe, até um lugar em que não seja conhecido, e começar uma vida nova. É um rapaz forte e sempre encontrará trabalho. Vá para Londres e embarque num navio. E não se meta em brigas.

Philippa disse subitamente:

- Lembro de sua mãe... Gwenda?

Sam confirmou com um aceno de cabeça. Philippa virou-se para Caris.

- Conheci-a em Casterham, quando William estava vivo. Ela foi me procurar por causa daquela garota em Wigleigh que havia sido estuprada por Ralph.

- Annet.

- Isso mesmo. - Philippa tornou a fitar Sam. - Você deve ser o bebê que ela tinha no colo na ocasião. Sua mãe é uma boa mulher. Lamento por ela que você tenha se metido numa encrenca.

Houve um momento de silêncio. Sam esvaziou o copo. Caris estava pensando - e, sem dúvida, Philippa e Merthin também - sobre a passagem do tempo, em como ele pode transformar um bebê inocente e amado num homem que comete um assassinato.

No silêncio, ouviram vozes.

Ao que parecia, havia vários homens na porta da cozinha.

Sam olhou ao redor, como um urso acuado. Uma porta levava para a cozinha, a outra para a saída pela frente da casa. Ele foi até a porta da

frente, abriu-a, e saiu correndo. Sem qualquer hesitação, encaminhou-se para o rio.

Um momento depois, Em abriu a porta da cozinha. Mungo Constable entrou na sala de jantar, acompanhado por quatro ajudantes, todos empunhando porretes de madeira. Merthin apontou para a porta da frente.

- Ele acaba de sair.

- Atrás dele, pessoal.

Todos saíram correndo pela porta da frente. Caris levantou-se e seguiu-os, com os outros em sua esteira.

A casa ficava num penhasco rochoso baixo, com menos de dois metros de altura. O rio passava rápido por baixo do pequeno penhasco. A esquerda, a graciosa ponte de Merthin elevava-se sobre o rio; à direita, havia uma praia lamacenta. No outro lado do rio, as árvores começavam a exibir suas folhas, no cemitério antigo da peste. Pequenas choupanas haviam surgido, como ervas daninhas, nos lados do cemitério.

Sam poderia ter virado à direita ou esquerda. Caris viu, com um sentimento de desespero, que ele fizera a opção errada. Seguiu para a direita, um curso que não levava a lugar nenhum. Ele corria pela praia, as botas deixando marcas na lama. Os guardas o perseguiam, como cães atrás de uma lebre. Ela sentiu pena de Sam, como sempre sentia pena da lebre. Nada tinha a ver com justiça; era apenas por ele ser a presa.

Ao perceber que não tinha para onde ir, Sam entrou na água.

Mungo permanecera no caminho calçado com pedras na frente da casa. Agora, virou-se na direção oposta, para a esquerda, e correu para a ponte.

Dois guardas largaram os porretes, tiraram as botas e os casacos, e entraram na água. Os outros dois permaneceram na praia, presumivelmente por não saberem nadar, ou talvez relutantes em entrarem na água num dia tão frio. Os dois nadadores partiram atrás de Sam.

Sam era forte, mas o grosso casaco de inverno estava encharcado e agora puxava-o para o fundo. Caris ficou observando, num fascínio horrorizado, enquanto os guardas diminuía a distância que os separava.

Soou um grito do outro lado. Mungo corria pela ponte, e parara para chamar os outros dois guardas, ainda parados na praia lamacenta. Os homens responderam e partiram em sua direção. Mungo continuou a correr pela ponte.

Sam chegou à outra margem pouco antes de os guardas alcançarem-no. Cambaleou pela parte rasa, sacudindo a cabeça, a água escorrendo das

roupas. Virou-se e avistou um guarda quase em cima dele. O homem inclinou-se para a frente, inadvertidamente, e Sam acertou um chute em seu rosto, com a bota pesada de tanta água. O guarda gritou e caiu para trás.

O segundo guarda foi mais cauteloso. Aproximou-se de Sam, mas parou, ainda fora de alcance. Sam virou-se e correu para a frente, saindo da água para a grama baixa do cemitério da peste; mas o guarda partiu em seu encalço. Sam parou de novo, e o guarda também parou. Sam compreendeu que não teria como deixar o homem para trás. Solto um grito de raiva, e correu para seu perseguidor. O guarda recuou, mas tinha o rio por trás. Entrou na parte rasa, mas a água retardou-o, e Sam conseguiu alcançá-lo.

Sam agarrou o homem pelos ombros, virou-o, e deu uma cabeçada. No outro lado do rio, Caris ouviu um estalo, quando o nariz do pobre coitado quebrou. Sam empurrou-o para o lado e ele caiu, esguichando sangue na água do rio.

Sam tornou a se virar para a praia... mas Mungo o esperava. Agora, Sam estava numa posição mais baixa, por causa da encosta inclinada, e estorvado pela água. Mungo avançou em sua direção, parou, deixou que ele se adiantasse, depois ergueu o pesado porrete de madeira. Fez uma finta; Sam esquivou-se. Mungo desferiu então o golpe planejado, acertando Sam no alto da cabeça.

Parecia um golpe terrível, e Caris solto um grito, como se tivesse sido atingida. Sam berrou de dor. Num reflexo, estendeu as mãos por cima da cabeça. Mungo, experiente em combates com jovens fortes, atingiu-o de novo com o porrete, desta vez nas costelas desprotegidas. Sam caiu na água. Os dois guardas que haviam corrido pela ponte chegaram ao local. Saltaram em cima de Sam, e o seguraram na água rasa. Os dois guardas feridos se vingaram, chutando e esmurrando Sam brutalmente, enquanto os companheiros o seguravam. Quando ele arriou, os guardas levaram-no para a margem.

Mungo amarrou as mãos de Sam nas costas. Depois, os guardas levaram o fugitivo para a cidade.

- Uma coisa horrível... - murmurou Caris. - Pobre Gwenda.

A cidade de Shiring tinha um clima de parque de diversões durante as sessões do tribunal do condado. Todas as estalagens em torno da praça ficavam lotadas, homens e mulheres em suas melhores roupas ocupavam as tavernas, sempre pedindo aos berros comida e bebida. Como não podia deixar de ser, a cidade aproveitava a ocasião para realizar um mercado. A praça ficava tão atulhada de estandes que se levava meia hora para percorrer apenas cem metros. Além dos barraqueiros legítimos, havia dezenas de oportunistas circulando: padeiros com bandejas de bolinhos, um homem tocando rabeca, mendigos aleijados e cegos, prostitutas exibindo os seios, um urso dançando, um frade pregando.

O conde Ralph era uma das poucas pessoas que podiam atravessar a praça rapidamente. Ele seguia a cavalo com três cavaleiros à frente e um punhado de servidores por trás, a comitiva avançando pela confusão como uma relha de arado, afastando a multidão para os lados pela força do impulso e por sua indiferença pela segurança das pessoas.

Subiram pela colina até o castelo do xerife. Pararam no pátio, com um floreio, e desmontaram. Os servidores começaram a clamar por cavaliços e carregadores. Ralph gostava de que as pessoas soubessem que ele havia chegado.

Ele estava tenso. O filho de seu velho inimigo se encontrava na iminência de ser julgado por assassinato. Muito em breve poderia desferir a mais doce vingança possível, embora uma parte dele ainda temesse que isso pudesse não acontecer. Seu nervosismo era tão intenso que sentia-se um pouco envergonhado: não podia permitir que seus cavaleiros desconfiassem o quanto aquilo era importante para ele. Tomava o cuidado de ocultar, até mesmo de Alan Fernhill, como sentia-se ansioso pelo enforcamento de Sam. Tinha medo de que alguma coisa saísse errada no último instante. Ninguém sabia melhor do que Ralph como as engrenagens da justiça podiam falhar: afinal, ele próprio escapara da forca duas vezes.

Sentaria na plataforma do juiz durante o julgamento, como era seu direito, e faria o melhor possível para evitar que houvesse qualquer empecilho.

Ele entregou as rédeas a um cavaliço e olhou ao redor. O castelo não era uma fortificação. Era mais como uma taverna com um pátio, embora fosse bem protegido, a construção reforçada. O xerife de Shiring podia viver ali

a salvo dos parentes vingativos das pessoas que prendia. Havia masmorras onde os prisioneiros eram mantidos, assim como aposentos para hóspedes, onde os juízes visitantes não podiam ser incomodados.

O xerife Bernard levou Ralph a seus aposentos. O xerife era o representante do rei no condado, responsável pela cobrança dos tributos e pela aplicação da justiça. O posto era lucrativo, o salário muito bem complementado por presentes, subornos e porcentagens retiradas das multas e de fianças confiscadas pela fuga dos acusados. A relação entre o conde e o xerife podia ser hostil: o conde ocupava uma posição mais elevada, mas o poder judiciário do xerife era independente. Bernard, um rico mercador de lã mais ou menos da idade de Ralph, tratava-o com uma mistura constrangida de camaradagem e deferência.

Philippa esperava por Ralph nos aposentos reservados para a família. Os cabelos grisalhos compridos estavam presos por um chapéu refinado. Ela vestia um casaco luxuoso, em tonalidades de cinza e castanho. A atitude altiva fazia outrora com que ela parecesse uma beldade orgulhosa, mas agora era apenas uma indicação de uma velha rabugenta. Poderia passar pela mãe de Ralph.

Ele cumprimentou os filhos, Gerry e Roley. Não sabia como lidar com crianças, e nunca tivera muita convivência com os próprios filhos: quando pequenos, eram cuidados por mulheres, como não podia deixar de ser; e agora estudavam na escola dos monges. Ele tratava-os de certa forma como se fossem pajens a seu serviço, dando ordens num momento, mas no instante seguinte conversando e brincando na maior cordialidade. Seria mais fácil se relacionar com os filhos quando eles se tornassem mais velhos. Seja como for, não parecia ter importância: eles consideravam-no um herói, independentemente do que fizesse.

- Amanhã vocês sentarão na plataforma do juiz no tribunal - disse ele. Quero que vejam como se faz justiça.

Gerry, o mais velho, perguntou:

- Podemos dar uma olhada no mercado esta tarde?

- Claro... levem Dickie com vocês - respondeu Ralph, referindo-se a um dos servidores de Earlscastle. - E levem também algum dinheiro para gastar.

Ele entregou a cada filho um punhado de pennies de prata. Os meninos saíram. Ralph sentava no quarto, longe de Philippa. Nunca a tocava, e sempre tentava se manter à distância, para que não acontecesse um contato

por acidente. Tinha certeza de que ela se vestia e se comportava como uma velha para ter certeza de que o marido não se sentiria atraído. Além disso, Philippa ia à igreja todos os dias.

Era um estranho relacionamento para duas pessoas que haviam outrora concebido um filho juntos, mas mantinham aquele afastamento há anos, e isso nunca mudaria. Pelo menos ele se sentia livre para acariciar as criadas e ir para a cama com prostitutas de tavernas.

Mas precisavam conversar sobre os meninos. Philippa sempre tinha opiniões firmes. Ao longo dos anos, Ralph compreendera que era mais fácil discutir as coisas com ela antes, em vez de tomar decisões unilaterais e depois se envolver numa briga quando ela discordava. Agora, Ralph declarou:

- Gerry já tem idade suficiente para ser um pajem.

- Concordo - disse Philippa.

- Ótimo!

Ralph ficou surpreso, pois esperava uma discussão.

- Já falei com David Monmouth a seu respeito - acrescentou Philippa. Isso explicava a disposição dela. Philippa já se encontrava um passo à frente.

- Ahn... - murmurou Ralph, procurando ganhar tempo.

- David concorda e sugere que o mandemos para lá assim que ele completar quatorze anos.

Gerry só tinha treze anos. Philippa estava na verdade adiando a partida de Gerry por quase um ano. Mas isso não era a maior preocupação de Ralph. David, conde de Monmouth, era casado com a filha de Philippa, Odila.

- O objetivo de ser um pajem é transformar um menino num homem - disse Ralph. - Mas Gerry se dá muito bem com David. E a irmã gosta dele... provavelmente vai protegê-lo. Ele pode se tornar mole demais.

Depois de pensar por um momento, Ralph acrescentou:

- Imagino que é por isso que você quer que ele vá para lá. Philippa não negou, mas argumentou:

- Pensei que você ficaria contente em reforçar sua aliança com o conde de Monmouth.

Ela tinha razão nesse ponto. David era o mais importante aliado de Ralph na nobreza. Mandar Gerry para a corte de Monmouth criaria outro vínculo entre os dois condes. David podia ficar afeiçoado ao menino. E em anos posteriores, talvez os filhos de David se tornassem pajens em Earls castle. Essas ligações de família tinham um valor inestimável.

- Pode dar um jeito para que o menino não seja mais mimado do que é aqui?

- perguntou Ralph.

- Claro.

- Então está bem.

- Obrigada. Fico contente que esse assunto esteja resolvido. Philippa levantou-se. Mas Ralph ainda não acabara.

- O que faremos com Roley? Ele poderia ir também, para que os dois continuem juntos.

Philippa não gostou nem um pouco da idéia, percebeu Ralph, mas era esperta demais para contestá-lo expressamente.

- Roley é um pouco jovem - comentou ela, como se pensasse a respeito. - E ainda não aprendeu direito as letras.

- As letras não são tão importantes para um nobre quanto aprender a lutar. Afinal, ele é o segundo na linha de sucessão do condado. Se alguma coisa acontecesse com Gerry...

- Que Deus nos livre!

- Amém.

- Mesmo assim, acho que ele deve esperar até completar quatorze anos.

- Tenho minhas dúvidas. Roley sempre teve alguma coisa de mulher. Às vezes ele me lembra meu irmão Merthin.

Ralph viu um lampejo de medo nos olhos de Philippa. A mulher tinha receio de deixar seu bebê ir embora, adivinhou ele. Sentiu-se tentado a insistir, só para atormentá-la. Mas dez anos era mesmo muito cedo.

- Veremos - murmurou ele, evitando um compromisso. - Mas ele terá de ser fortalecido, mais cedo ou mais tarde.

- Tudo no momento apropriado - disse Philippa.

O juiz, Sir Lewis Abingdon, não era um local, mas sim um advogado de Londres, do tribunal do rei, enviado em excursão para julgar os casos mais graves nos tribunais dos condados. Era corpulento, com um rosto rosado e uma barba loura. Era também dez anos mais jovem do que Ralph.

Ralph disse a si mesmo que não deveria ficar surpreso. Tinha agora quarenta e quatro anos. Metade de sua geração fora exterminada pela peste. Não obstante, ele continuava a se espantar com os homens eminentes e poderosos que eram mais jovens do que ele.

Ficaram esperando, junto com Gerry e Roley, numa sala lateral na Court House Inn, a estalagem em que eram realizadas as sessões do tribunal,

onde o júri se reunia e para onde eram levados os prisioneiros do castelo. Sir Lewis estivera em Crécy, como um jovem pajem, embora Ralph não se lembrasse. Tratou Ralph com uma cortesia cautelosa.

Ralph tentou sutilmente sondar o juiz para descobrir até que ponto ele era rigoroso.

- Já descobrimos que é muito difícil impor o cumprimento do Estatuto dos Trabalhadores - comentou ele. - Quando os camponeses veem uma maneira de ganhar mais dinheiro, perdem todo o respeito pela lei.

- Para cada fugitivo que trabalha por um salário ilegal, há um empregador para pagá-lo - disse o juiz.

- É exatamente esse o problema. As freiras do Priorado de Kingsbridge nunca obedeceram ao estatuto.

- É difícil processar freiras.

- Não sei por quê.

Sir Lewis mudou de assunto.

- Você tem algum interesse especial pelos julgamentos desta manhã?

O juiz já devia ter sido informado de que era excepcional que Ralph exercesse seu direito de sentar ao lado do juiz.

- O assassino é um servo meu - admitiu Ralph. - Mas o principal motivo é mostrar a esses meninos como a justiça funciona. Um deles será o conde quando eu morrer. E eles podem também assistir ao enforcamento amanhã. Quanto mais cedo se acostumarem a ver homens morrerem, melhor.

Lewis acenou com a cabeça em concordância.

- Os filhos da nobreza não podem se dar ao luxo de ter coração mole.

Eles ouviram o escrevente do tribunal bater o martelo. O burburinho na sala ao lado cessou. A ansiedade de Ralph não se atenuara: a conversa com Sir Lewis não lhe revelara muita coisa. Talvez isso fosse revelador por si mesmo: podia significar que ele não se deixava influenciar com facilidade. O juiz abriu a porta e ficou de lado para que o conde passasse primeiro.

Na extremidade próxima da sala havia duas enormes cadeiras de madeira, em cima de uma plataforma, com um banco baixo ao lado. Um murmúrio de interesse elevou-se da multidão quando Gerry e Roley sentaram no banco. As pessoas sempre ficavam fascinadas ao verem as crianças que cresceriam para se tornar seus suseranos. Mais do que isso, porém, pensou Ralph, era a expressão de inocência nos dois pré-adolescentes, o que parecia deslocado num tribunal em que se tratava de violência, roubo e desonestidade. Pareciam como cordeiros num chiqueiro.

Ralph sentou em uma das duas cadeiras e pensou no dia, vinte e dois anos antes, em que entrara naquele mesmo tribunal como criminoso, acusado de estupro... uma acusação absurda a se lançar contra um lorde quando a suposta vítima era uma de suas servas.

Philippa se encontrava por trás daquele julgamento inadmissível. E ele a fizera sofrer por isso.

Naquela ocasião, Ralph lutara para escapar da sala assim que o júri o declarara culpado. Mais tarde fora perdoado, ao ingressar no exército do rei e ir lutar na França. Mas Sam não escaparia, pois não tinha arma e estava com os tornozelos acorrentados. E as guerras francesas pareciam ter cessado por completo, o que significava que não haveria mais um perdão real para os condenados.

Ralph estudou Sam enquanto a acusação era lida. Ele tinha o corpo de Wulfric, não o de Gwenda: era alto, de ombros largos. Poderia se tornar um homem de armas muito útil se tivesse tido um nascimento melhor. Não parecia com Wulfric, embora suas feições levassem Ralph a se lembrar de alguma coisa que ele não sabia determinar. Como tantos acusados, exibia uma expressão de desafio superficial, sobrepondo-se ao medo. Era assim que eu me sentia, pensou Ralph.

Nathan Reeve foi a primeira testemunha. Era o pai do morto; mas o que era ainda mais importante, declarou que Sam era um servo do conde Ralph e não recebera permissão para ir para Oldchurch. Disse que mandara o filho Jonno seguir Gwenda, na esperança de localizar o fugitivo. Nate não era um homem simpático, mas seu sofrimento era genuíno. Ralph ficou satisfeito: foi um depoimento condenador.

A mãe de Sam estava parada ao seu lado, o alto da cabeça no nível do ombro do filho. Gwenda não era bonita: os olhos escuros eram muito próximos, por cima do nariz adunco, a testa e o queixo recuados, o que lhe proporcionava a aparência de um roedor determinado. Mas tinha um intenso magnetismo sexual, até mesmo na meia-idade. Mais de vinte anos haviam se passado desde que Ralph copulara com ela, mas ele ainda se recordava como se tivesse sido no dia anterior. Acontecera num quarto na Bell, em Kingsbridge, e ele a fizera se ajoelhar na cama. Podia imaginá-la agora, e a lembrança de seu corpo compacto deixou-o excitado. Recordou que ela tinha cabelos escuros.

Subitamente, ela fitou-o nos olhos. Sustentou o olhar de Ralph e parecia sentir o que ele estava pensando. Naquela cama, Gwenda se mostrara

indiferente e imóvel, no começo, aceitando suas arremetidas passivamente, porque ele a coagira; mas no final alguma coisa estranha acontecera com ela, que passara a se movimentar no mesmo ritmo, quase contra a sua vontade. Gwenda devia ter lembrado a mesma coisa, pois uma expressão de vergonha aflorou ao seu rosto feio, e ela se apressou em desviar os olhos.

Ao seu lado havia outro jovem, presumivelmente o segundo filho. Era mais parecido com ela, pequeno e forte, com uma expressão astuta. Sustentou o olhar de Ralph com uma intensa concentração, como se estivesse curioso sobre o que se passava na mente de um conde, e achasse que poderia encontrar a resposta no rosto de Ralph.

Mas Ralph estava mais interessado no pai. Odiara Wulfric desde a briga na Feira do Velocino de 1337. Ele tocou no nariz quebrado, num reflexo. Vários outros homens haviam-no ferido em anos posteriores, mas nenhum desfechara um golpe tão grande em seu orgulho.

Mas a vingança de Ralph contra Wulfric fora terrível. Privei-o de seu direito hereditário durante uma década, pensou Ralph. Levei sua esposa para a cama. Deixei essa cicatriz em seu rosto quando ele tentou me impedir de deixar este mesmo tribunal. Arrastei-o de volta para casa com uma corda no pescoço quando ele tentou fugir. E agora enforcarei seu filho.

Wulfric se tornara mais corpulento, mas ainda tinha um porte impressionante. A barba grisalha não crescia em cima da longa cicatriz que Ralph fizera com a espada. O rosto era agora enrugado e curtido pelo tempo. Enquanto Gwenda parecia furiosa, Wulfric estava desesperado. A medida que os camponeses de Oldchurch testemunhavam que Sam matara Jonno com uma pá de carvalho, os olhos de Gwenda faiscavam em desafio, enquanto a testa larga de Wulfric se contraía em angústia.

O primeiro jurado perguntou se Sam sentira medo por sua vida.

Ralph ficou irritado, pois a pergunta insinuava uma desculpa para o assassino.

Um camponês magro, de um olho só, respondeu:

- Ele não estava com medo do bailiff. Mas ficou apavorado com a mãe.

A audiência riu um pouco. O primeiro jurado perguntou se Jonno provocara o ataque, outra pergunta que irritou Ralph, por indicar alguma simpatia por Sam.

- Se provocou? - disse o homem de um olho só. - Só bateu na cara dele com uma corrente de ferro, se chama isso de provocação.

Houve gargalhadas estrondosas. Wulfric parecia aturdido. Como as pessoas podem achar engraçado, dizia sua expressão, quando a vida de meu filho está em jogo?

Ralph sentia-se mais e mais preocupado. O primeiro jurado parecia indeciso.

Sam foi chamado para depor. Ralph notou que o jovem parecia mais com Wulfric quando falava. Havia uma inclinação da cabeça e um gesto com a mão que eram típicos de Wulfric. Sam relatou como propusera se encontrar com Jonno na manhã seguinte. A reação de Jonno fora tentar prender um grilhão em sua perna. Ralph falou para o juiz, em voz baixa, contendo sua indignação:

- Nada disso faz a menor diferença. Se ele estava com medo, se foi provocado, se propôs um encontro no dia seguinte.

Sir Lewis não disse nada. Ralph acrescentou:

- O fato puro e simples é que ele era um fugitivo e matou o homem que foi buscá-lo.

- Ele fez mesmo isso - murmurou Sir Lewis, cauteloso, proporcionando uma satisfação a Ralph.

Ralph olhou para os espectadores, enquanto o júri interrogava Sam. Merthin estava na audiência, junto com a esposa. Antes de se tornar uma freira, Caris gostava de se vestir com elegância; e depois de renunciar aos votos, revertera ao tipo. Usava hoje um vestido feito de dois tecidos contrastantes, um azul e o outro verde, com um casaco de Escarlata de Kingsbridge com remate de pêlo e um chapeuzinho redondo. Ralph recordou que Caris era amiga de infância de Gwenda, que também se encontrava presente no dia em que todos viram Thomas Langley matar dois homens de armas na floresta. Merthin e Caris estariam torcendo, pelo bem de Gwenda, para que Sam recebesse um tratamento misericordioso. Isto não vai acontecer se eu puder evitar, pensou Ralph.

A sucessora de Caris como priora, madre Joan, estava no tribunal, presumivelmente porque o convento possuía o vale de Outhenby, e portanto era o empregador ilegal de Sam. Joan deveria estar sendo julgada junto com o acusado, pensou Ralph; mas, quando fitou-a, ela lançou-lhe um olhar acusador, como se achasse que o assassinato era mais culpa dele do que sua.

O prior de Kingsbridge não viera. Sam era sobrinho do prior, mas Philemon não queria atrair atenção para o fato de que era tio de um assassino. Philemon tivera outrora uma afeição protetora pela irmã mais jovem, recordou Ralph; mas talvez o sentimento tivesse se desvanecido com o passar dos anos.

O avô de Sam, o infame Joby, estava presente, um velho de cabeça branca agora, encurvado e desdentado. Por que ele se encontrava ali? Há muitos anos que era brigado com Gwenda, e não era provável que sentisse muita afeição pelo neto. Devia ter vindo para roubar moedas das bolsas das pessoas, enquanto se mantinham absorvidas no julgamento.

Sam concluiu seu depoimento. Sir Lewis fez um resumo do caso que deixou Ralph satisfeito:

- Sam Wigleigh era um fugitivo? - indagou ele. - Jonno Reeve tinha o direito de prendê-lo? E Sam matou Jonno com sua pá? Se a resposta para todas as três perguntas for sim, então Sam é culpado de assassinato.

Ralph ficou surpreso e aliviado. Não havia qualquer referência à bobagem de Sam ter sido provocado. O juiz merecia toda confiança, no final das contas.

- Qual é o veredicto? - perguntou Sir Lewis.

Ralph olhou para Wulfric O homem estava arrasado. É isso o que acontece com aqueles que me desafiam, pensou Ralph, e desejou poder dizê-lo em voz alta.

Wulfric fitou-o nos olhos. Ralph sustentou o olhar, tentando ler o que havia na mente de Wulfric Qual seria a emoção? Ralph percebeu que havia medo. Wulfric nunca demonstrara medo de Ralph antes, mas agora ele desmoronava. O filho ia morrer, e isso o enfraquecia de uma maneira irremediável. Ralph experimentou uma profunda satisfação, enquanto contemplava os olhos apavorados de Wulfric. Finalmente consegui esmagá-lo, pensou ele, depois de vinte e quatro anos. Agora você se sente apavorado.

O júri conferenciou. O primeiro jurado parecia estar discutindo com os outros. Ralph observou-os, impaciente. Não podiam ter a menor dúvida depois do que dissera o juiz, não é mesmo? Mas nunca podia haver certeza com júris. Mas não é possível que tudo saia errado a esta altura, pensou Ralph, não é mesmo?

Os jurados pareciam ter chegado a uma conclusão, embora Ralph não pudesse adivinhar qual prevalecera. O primeiro jurado levantou-se e

declarou:

Consideramos Sam Wigleigh culpado de assassinato.

Ralph manteve os olhos fixados em seu antigo inimigo. Wulfric dava a impressão de que fora apunhalado. Empalideceu e fechou os olhos, como se sentisse uma dor intensa. Ralph tentou não sorrir em triunfo.

Sir Lewis virou-se para Ralph, que desviou seus olhos de Wulfric.

- Quais são seus pensamentos em relação à sentença? - perguntou o juiz.

- Para mim, só há uma opção.

Sir Lewis acenou com a cabeça.

- Os jurados não fizeram nenhuma recomendação de misericórdia.

- Não querem que um fugitivo fique impune depois de assassinar seu bailiff.

- A pena máxima?

- Claro!

O juiz olhou para a audiência. Ralph tornou a se concentrar em Wulfric. Todas as outras pessoas olhavam para Sir Lewis. O juiz disse:

- Sam Wigleigh, você assassinou o filho de seu bailiff, e por isso é condenado à morte. Será enforcado na praça do mercado de Shiring amanhã, ao amanhecer, e que Deus tenha misericórdia de sua alma.

Wulfric cambaleou. O filho mais jovem pegou o braço do pai e amparou-o; se não fosse por isso, ele teria caído no chão. Deixe-o cair, Ralph teve vontade de dizer; ele está acabado.

Ralph olhou para Gwenda. Ela segurava a mão de Sam, mas fitava-o. Sua expressão surpreendeu-o. Esperava dor, lágrimas, gritos, um ataque histérico. Mas ela fitava-o com firmeza. Havia ódio em seus olhos, mas também algo mais: desafio. Ao contrário do marido, ela não parecia arrasada. Não acreditava que o caso estivesse encerrado.

Gwenda dava a impressão, pensou Ralph, de que ainda tinha um trunfo escondido.

Caris estava em lágrimas quando Sam foi levado, mas Merthin não podia fingir que ficara abalado. Era uma tragédia para Gwenda, e ele sentia muita pena de Wulfric. Mas não era tão ruim assim, para o resto do mundo, que Sam fosse enforcado. Jonno Reeve estava cumprindo a lei. Podia ser uma lei péssima, uma lei injusta, uma lei opressiva... mas isso não dava a Sam o direito de matar Jonno. Afinal, Nate Reeve também perdera o filho e sentia-se desesperado. O fato de que ninguém gostava de Nate não fazia a menor diferença.

Um ladrão foi levado a julgamento, e Merthin e Caris deixaram o tribunal. Foram para a taverna. Merthin pediu vinho e encheu o copo de Caris. Um momento depois, Gwenda aproximou-se da mesa a que eles sentavam.

- É meio-dia agora - disse ela. - Temos dezoito horas para salvar Sam. Merthin ficou surpreso.

- O que pretende fazer?

- Devemos persuadir Ralph a pedir que o rei o perdoe. Isso parecia bastante improvável.

- Como poderia persuadi-lo a fazer isso?

- Eu não posso - respondeu Gwenda. - Mas você pode.

Merthin sentiu-se acuado. Não achava que Sam merecesse um perdão. Por outro lado, era difícil recusar qualquer coisa a uma mãe suplicante.

- Interferi uma vez antes junto a meu irmão por você... ainda se lembra?

- Claro. o fato de Wulfric não herdar a terra do pai.

- Ele não atendeu a meu pedido, categórico.

- Sei disso. Mas você tem de tentar.

- Não tenho certeza se sou a pessoa mais indicada.

- A quem mais ele poderia escutar?

Ela tinha razão. Merthin tinha pouca possibilidade, mas ninguém mais tinha qualquer uma. Caris percebeu que ele relutava, e decidiu se manifestar em apoio a Gwenda.

- Por favor, Merthin. Pense como você se sentiria se fosse Lolla.

Merthin já ia dizer que garotas não se envolviam em brigas, mas depois compreendeu que isso era possível no caso de Lolla. Ele suspirou.

- Ainda acho que é uma iniciativa fadada ao fracasso. - Ele olhou para Caris.

- Mas, por você, vou tentar.
- Por que não o procura agora? - indagou Gwenda.
- Porque Ralph ainda se encontra no tribunal.
- É quase a hora do almoço. A sessão acabará daqui a pouco. E você poderia esperá-lo na sala particular.

Merthin não podia deixar de admirar a determinação de Gwenda.

- Está bem.

Ele deu a volta e foi para os fundos do prédio. Havia um guarda na porta da sala particular do juiz.

- Sou o irmão do conde - disse Merthin. - O regedor Merthin, de Kingsbridge.

- Eu o conheço, regedor. Tenho certeza de que não haverá nenhum problema se esperar lá dentro.

Merthin entrou na pequena sala e sentou. Sentia-se constrangido por ter de pedir um favor ao irmão. Os dois não eram ligados há décadas. Ralph há muito se transformara em alguma coisa que Merthin não reconhecia. Merthin não compreendia o homem que era capaz de estuprar Annet e assassinar Tilly. Parecia impossível que esse homem pudesse ter crescido do menino que Merthin outrora chamava de irmão. Desde que os pais haviam morrido eles só se encontravam em ocasiões formais; e mesmo então pouco conversavam. Era presunçoso de sua parte usar o relacionamento como justificativa para pedir um privilégio. Ele não faria isso por Gwenda. Mas não podia deixar de fazer por Caris.

Não precisou esperar muito tempo. Depois de uns poucos minutos, o juiz e o conde entraram na sala. Merthin notou que a manqueira do irmão - resultado de um ferimento sofrido nas guerras francesas - agravava-se à medida que ele envelhecia.

Sir Lewis reconheceu Merthin e apertou sua mão. Ralph fez a mesma coisa e comentou, irônico:

- Uma visita de meu irmão é um prazer raro.

Não era uma crítica injusta, o que Merthin reconheceu com um aceno de cabeça.

- Por outro lado - disse ele -, suponho que se alguém tem o direito de suplicar misericórdia a você, sou eu.

- Que necessidade você tem de misericórdia? Matou alguém?

- Ainda não.

Sir Lewis riu. Ralph perguntou:

- O que é então?

- Você e eu conhecemos Gwenda desde que éramos crianças. Ralph acenou com a cabeça.

- Acertei uma flecha no cachorro dela com aquele arco que você fez. Merthin esquecera esse incidente. Fora um dos primeiros sinais do que Ralph se tornaria, pensou ele, com uma percepção posterior.

- Talvez você deva misericórdia a ela por isso.

- Não acha que o filho de Nate Reeve vale mais do que isso?

- Não tive a intenção de sugerir o contrário. Apenas acho que você pode agora equilibrar a crueldade com a bondade.

- Equilibrar?

A raiva aflorou à voz de Ralph, e Merthin compreendeu que sua causa era perdida.

- Equilibrar?

Ele bateu no nariz quebrado.

- O que devo equilibrar contra isso?

Ralph apontou um dedo para o irmão, agressivo.

- Eu lhe direi por que não vou conceder perdão a Sam Porque olhei para o rosto de Wulfric no tribunal hoje, enquanto seu filho era declarado culpado de assassinato, e sabe o que eu vi ali? Medo. Aquele camponês insolente está com medo de mim, finalmente. Foi domado.

- Isto significa tanto para você?

- Eu enforcaria seis homens para ver aquela expressão.

Merthin já ia desistir, mas pensou no sofrimento de Gwenda, e decidiu tentar mais uma vez.

- Se conseguiu domá-lo, seu trabalho está realizado, não é mesmo? Então deixe o garoto partir. Peça o perdão real.

- Não. Quero manter Wulfric como ele está.

Merthin desejou não ter vindo. Pressionar Ralph só servia para atizar o que havia de pior nele. Merthin sentia-se consternado pela insistência do irmão na vingança e na maldade. Nunca mais queria falar com Ralph. Já passara por aquilo antes. Mas era sempre um choque ser lembrado de como Ralph realmente era.

- Eu tinha de tentar. Adeus. Ralph tornou-se jovial.

- Venha almoçar no castelo. O xerife sempre serve uma boa mesa. Teremos uma conversa de verdade. Philippa veio comigo... você gosta dela, não é? Merthin não tinha a menor intenção de aceitar o convite.

- Tenho de falar com Caris primeiro.

Caris, ele sabia, teria preferido almoçar com Lúcifer.

- Se não for possível o almoço, talvez possamos nos encontrar mais tarde.
Merthin tratou de escapar.

Voltou à taverna. Caris e Gwenda fitaram-no em expectativa quando ele se aproximou. Merthin sacudiu a cabeça.

- Fiz o melhor que podia. Sinto muito.

Gwenda já esperava por isso. Estava desapontada, mas não surpresa. Achava que tinha de tentar através de Merthin. O outro recurso à sua disposição era muito mais drástico.

Agradeceu a Merthin, formal, e deixou a taverna. Seguiu para o castelo na colina. Wulfric e Davey haviam ido para uma taverna no subúrbio, onde poderiam ter um farto almoço por um quarto de penny. A força e honestidade do marido eram inúteis em negociações com Ralph e outros de sua laia.

Além do mais, Wulfric não podia descobrir como ela planejava persuadir Ralph.

Enquanto subia a encosta, ela ouviu cavalos por trás. Parou e virou-se. Era Ralph, acompanhado por sua comitiva e pelo juiz. Gwenda ficou imóvel, olhando para Ralph, cuidando para que ele a visse. Ralph compreenderia que ela queria lhe falar.

Entrou no pátio do castelo poucos minutos depois, mas o acesso à casa do xerife estava bloqueado. Ela foi para o pórtico do prédio principal e disse ao chefe da portaria:

- Meu nome é Gwenda de Wigleigh. Por favor, avise ao conde Ralph que preciso lhe falar em particular.

- Olhe ao redor. Todas essas pessoas precisam falar com o conde, o juiz, ou o xerife.

Havia vinte ou trinta pessoas ali, algumas segurando rolos de pergaminho. Gwenda estava disposta a correr um risco terrível para salvar o filho da força... mas não teria essa oportunidade se não conseguisse falar com Ralph antes do amanhecer.

- Quanto? - perguntou ela ao chefe da portaria. Ele fitou-a com um pouco menos de desrespeito.

- Não posso prometer que o conde a receberá.

- Pode dizer meu nome.

- Dois shillings. Vinte e quatro pennies de prata.

Era muito dinheiro, mas Gwenda trouxera todas as suas economias na bolsa. Mas achava que ainda não chegara o momento de entregar o dinheiro.

- Qual é o meu nome? - indagou ela.

- Não sei.

- Acabei de lhe dizer. Como pode dizer meu nome a Ralph se não é capaz de lembrá-lo?

Ele deu de ombros.

- Diga de novo.

- Gwenda de Wigleigh.

- Está bem. Direi ao conde.

Gwenda enfiou a mão na bolsa, tirou um punhado de pequenas moedas de prata e contou vinte e quatro. Era o equivalente a quatro semanas de salário para um trabalhador. Ela pensou no trabalho extenuante que tivera de fazer para ganhar aquele dinheiro.

Agora, aquele porteiro indolente e arrogante ficaria com o dinheiro sem fazer quase nada. O homem estendeu a mão.

- Qual é o meu nome? - indagou ela.

- Gwenda.

- Gwenda de onde?

- De Wigleigh. - Uma pausa. - Não foi de lá que veio o assassino condenado esta manhã?

Ela entregou o dinheiro e disse, com tanta veemência quanto era possível:

- O conde vai querer falar comigo.

O chefe da portaria embolsou as moedas.

Gwenda retirou-se para o pátio, sem saber se havia desperdiçado o dinheiro.

Um momento depois, ela avistou uma figura familiar, uma cabeça pequena sobre ombros largos: Alan Fernhill. Era um golpe de sorte. Ele vinha dos estábulos e seguia para a entrada. Os outros suplicantes não o reconheceram. Gwenda adiantou-se para interceptá-lo.

- Olá, Alan.

- É Sir Alan agora.

- Meus parabéns. Pode dizer a Ralph que quero vê-lo?

- Não preciso perguntar qual é o assunto.

- Diga que quero conversar em particular. Alan alteou uma sobrancelha.

- Sem ofensa. Era uma garota na última vez. Agora está vinte anos mais velha.

- Não acha que talvez seja melhor deixar que ele decida?

- Claro. - Alan sorriu, insultuoso. - Sei que ele se lembra daquela tarde na Bell.

Alan estava presente na ocasião. Observara Gwenda tirar a roupa e contemplara seu corpo nu. Vira-a se encaminhar para a cama e se ajoelhar ali, virada para o outro lado. Rira quando Ralph comentara que ela tinha uma aparência melhor quando vista por trás. Gwenda ocultou agora sua repulsa e vergonha.

- Eu esperava mesmo que Ralph lembrasse - murmurou ela, o tom tão neutro quanto possível.

Os outros compreenderam que Alan devia ser alguém importante. Começaram a cercá-lo, falando ao mesmo tempo, suplicando. Ele empurrou-os para os lados e entrou.

Gwenda acomodou-se para esperar.

Depois de uma hora, ficou evidente que Ralph não a receberia antes do almoço. Ela encontrou um lugar não muito enlameado. Sentou no chão, encostada num muro de pedra, sem desviar os olhos da entrada por um instante sequer.

Uma segunda hora se passou, depois uma terceira. Os almoços dos nobres muitas vezes se prolongavam pela tarde inteira. Gwenda não entendia como conseguiam comer e beber durante tanto tempo. Por que não estouravam?

Ela não comera nada durante o dia inteiro, mas estava tensa demais para sentir fome.

Era um dia cinzento de abril, e o céu começou a escurecer cedo. Gwenda estremecia no chão frio, mas continuou onde estava. Aquela era sua única chance.

Criados saíram e acenderam tochas em torno do pátio. Algumas janelas ficaram iluminadas. A noite caiu, e Gwenda compreendeu que faltavam apenas doze horas para o amanhecer. Pensou em Sam, sentado no chão de uma das celas subterrâneas do castelo, e especulou se ele sentia frio. Fez um esforço para conter as lágrimas.

Ainda não acabara, ela disse a si mesma; mas sua coragem começava a enfraquecer.

Um vulto alto bloqueou a claridade da tocha mais próxima. Ela levantou os olhos para se deparar com Alan. Seu coração disparou.

- Venha comigo - disse ele.

Gwenda levantou-se de um pulo e seguiu para a entrada principal.

- Não por aí.

Ela fitou-o, inquisitiva.

- Não disse que queria um encontro particular? Ele não vai recebê-la nos aposentos que partilha com a condessa. Pode me seguir.

Gwenda seguiu-o por uma porta pequena perto do estábulo. Passaram por vários cômodos e subiram uma escada. Alan abriu uma porta para um quarto estreito. Ela entrou. Alan ficou do lado de fora, mas fechou a porta. Era um quarto baixo, quase todo ocupado por uma cama de dossel. Ralph estava junto da janela, de roupas de baixo. As botas e roupas externas estavam no chão. Tinha o rosto corado de muita bebida, mas a voz continuava clara e firme.

- Tire o vestido - disse ele, com um sorriso de expectativa.

- Não.

Ele ficou surpreso.

- Não vou tirar a roupa - acrescentou Gwenda.

- Por que Alan me disse que você queria se encontrar comigo em particular?

- Para que pensasse que eu estava disposta a fazer sexo com você.

- Mas se não é isso... por que está aqui?

- Para suplicar que peça um perdão ao rei.

- Mas não está se oferecendo a mim?

- Por que eu faria isso? Já fiz uma vez antes e você quebrou sua palavra. Repudiou o acordo. Entreguei meu corpo, mas você não devolveu as terras de meu marido. - Gwenda permitiu que o desprezo fosse evidente em sua voz. Você faria a mesma coisa de novo. Sua honra não vale nada. Você me faz lembrar de meu pai.

Ralph ficou vermelho. Era um insulto dizer a um conde que ele não merecia confiança, e ainda mais ofensivo compará-lo a um trabalhador sem terras que capturava esquilos em armadilhas na floresta. Furioso, ele perguntou:

- Imagina que esta é a maneira de me persuadir?

- Não. Mas você vai obter o perdão.

- Por quê?

- Porque Sam é seu filho.

Ralph ficou aturdido por um momento.

- Essa não! - exclamou ele, desdenhoso. - Como se eu fosse acreditar!

- Ele é seu filho - reiterou Gwenda.

- Não pode provar isso.

- Não, não posso. Mas sabe que fui para a cama com você na Bell em Kingsbridge nove meses antes de Sam nascer. É verdade que também deitei com Wulfric. Então qual dos dois é o pai? Olhe para o garoto. Ele tem alguns jeitos de Wulfric, admito... adquiriu-os em vinte e dois anos de convivência. Mas repare em suas feições.

Ela percebeu que uma expressão pensativa se estampara no rosto de Ralph, e compreendeu que alguma coisa atingira o alvo.

- Acima de tudo, pense no caráter de Sam - continuou Gwenda, mais premente. - Ouviu os depoimentos no tribunal. Sam não se limitou a vencer Jonno na briga, como Wulfric teria feito. Não o derrubou e depois ajudou-o a se levantar, como seria o jeito de Wulfric. Meu marido é forte e rápido na raiva, mas tem o coração mole. Sam é diferente. Sam acertou Jonno com uma pá, um golpe que teria deixado qualquer homem sem sentidos. Depois, antes que Jonno caísse, Sam tornou a acertá-lo, com mais força ainda, embora ele já estivesse impotente; e antes que o corpo inerte de Jonno alcançasse o chão, Sam atingiu-o pela terceira vez. Se os camponeses de Oldchurch não o segurassem, Sam teria continuado a bater com aquela pá ensanguentada, até esmigalhar a cabeça de Jonno. Ele queria matar!

Gwenda compreendeu que estava chorando, e removeu as lágrimas com a manga. Ralph fitava-a com uma expressão horrorizada.

- De onde vem esse instinto assassino, Ralph? Olhe em seu negro coração. Sam é seu filho. E, que Deus me perdoe, meu também.

Depois que Gwenda foi embora, Ralph sentou na cama do pequeno quarto e ficou olhando para a chama da vela. Seria possível? Gwenda mentiria se fosse de sua conveniência, é claro; não havia por que confiar nela. Mas Sam podia ser filho de Ralph tanto quanto de Wulfric? Ambos haviam deitado com Gwenda na ocasião crucial. Talvez nunca se pudesse saber a verdade com certeza.

Mas até mesmo a possibilidade de Sam ser seu filho já era suficiente para encher de pavor o coração de Ralph. Estaria prestes a enforcar o próprio

filho? A terrível punição que imaginara para Wulfric poderia ser infligida a ele mesmo.

Já era noite. O enforcamento ocorreria ao amanhecer. Ralph não tinha muito tempo para decidir.

Ele pegou a vela e deixou o pequeno quarto. Tencionava satisfazer um desejo carnal ali. Em vez disso, recebera o maior choque de sua vida.

Ralph saiu e atravessou o pátio, até a entrada das celas subterrâneas. No andar térreo do prédio ficavam as salas dos ajudantes do xerife. Ele entrou e disse para o homem de serviço ali:

- Quero ver o assassino, Sam Wigleigh.

- Está bem, milorde. Mostrarei o caminho.

Ele levou Ralph para a sala ao lado, carregando um lampião. Havia uma grade no chão, de onde saía um mau cheiro. Ralph olhou pela grade. A cela tinha cerca de três metros de profundidade, com paredes de pedra e chão de terra. Não havia móveis: Sam sentava no chão, encostado na parede. Ao seu lado havia um jarro de madeira, que devia conter água. Um pequeno buraco no chão parecia ser a latrina. Sam levantou os olhos, mas logo tornou a baixá-los, indiferente.

- Abra - ordenou Ralph.

O carcereiro destrancou a grade com uma chave. Suspendia sobre uma dobradiça.

Quero descer.

O carcereiro ficou surpreso, mas não podia argumentar com um conde. Pegou uma escada encostada na parede e desceu-a pela cela.

- Tome cuidado, por favor, milorde - disse ele, nervoso. - Lembre-se que o vilão não tem nada a perder.

Ralph desceu, com a vela na mão. O cheiro era repulsivo, mas ele não se importava. Chegou ao fim da escada e virou-se. Sam fitou-o, ressentido.

- O que você quer?

Ralph estudou-o atentamente. Agachou-se e aproximou a vela do rosto de Sam. Examinou as feições, tentando compará-las com o rosto que via quando se postava na frente de um espelho.

- O que foi? - indagou Sam, surpreso com o olhar intenso do conde. Ralph não respondeu. Sam seria mesmo seu filho? Podia ser, pensou ele. Era bem possível. Sam era um garoto de boa aparência, e Ralph era considerado bonito na juventude, antes de ter o nariz quebrado. Antes, no tribunal,

Ralph pensara que o rosto de Sam lembrava-o de alguma coisa que não podia determinar. Agora, ele se concentrou, vasculhando a memória, tentando pensar em quem Sam lembrava. Aquele nariz reto, o olhar intenso, os cabelos abundantes que as moças deviam invejar...

E, de repente, ele se lembrou.

Sam parecia com a mãe de Ralph, a falecida lady Maud.

- Oh, Deus!

A voz saiu num sussurro.

- O que é? - indagou Sam, a voz traindo o medo. - O que aconteceu? Ralph tinha de dizer alguma coisa.

- Sua mãe... - A voz definhou. Sentia a garganta apertada de emoção, o que tornava difícil a passagem das palavras. Tentou de novo. - Sua mãe suplicou por você... com muita eloquência...

Sam fitou-o cauteloso, e não disse nada. Pensava que Ralph viera para escarnecer.

- Diga-me uma coisa. Por que você bateu em Jonno com aquela pá... pretendia matá-lo? Pode ser franco comigo, pois não tem mais nada a perder.

- Claro que eu queria matá-lo. Ele estava tentando me levar prisioneiro. Ralph acenou com a cabeça.

- Eu sentiria a mesma coisa. - Ele fez uma pausa, olhando para Sam, e repetiu: - Eu sentiria a mesma coisa.

Ele ergueu-se, virou-se para a escada, hesitou, voltou e pôs a vela no chão, ao lado de Sam. Depois, subiu a escada.

O carcereiro ajeitou a grade no lugar e trancou-a.

- Não haverá enforcamento - disse Ralph. - O prisioneiro será perdoado. Vou falar com o xerife agora mesmo.

Enquanto ele saía da sala, o carcereiro espirrou.

Quando Merthin e Caris chegaram a Kingsbridge, de volta de Shiring, descobriram que Lolla havia desaparecido. Os criados domésticos antigos, Arn e Em, esperavam no portão do jardim. Davam a impressão de que haviam passado o dia inteiro ali. Em começou a falar, mas desatou em soluços incoerentes. Arn teve de dar a notícia.

- Não conseguimos encontrar Lolla - disse ele, transtornado. - Não sabemos onde ela está.

A princípio, Merthin não entendeu.

- Ela estará em casa na hora do jantar, Em. Não se preocupe.

- Mas ela não veio para casa ontem à noite, nem na noite anterior - explicou Arn.

Merthin compreendeu agora o que eles estavam dizendo. Lolla fugira de casa. Uma rajada de medo, como vento gelado, deixou Merthin com a pele arrepiada e o coração apertado. Ela só tinha dezesseis anos. Por um momento, Merthin não foi capaz de pensar racionalmente. Apenas imaginou-a, no meio do caminho entre a infância e a vida adulta, com os intensos olhos castanho-escuros, a boca sensual da mãe, e uma expressão exultante de falsa confiança.

Quando a racionalidade voltou, ele se perguntou o que saíra errado. Vinha deixando Lolla aos cuidados de Arn e Em, sempre por uns poucos dias, desde que ela tinha cinco anos de idade. Nunca houvera qualquer problema. Alguma coisa mudara?

Merthin compreendeu que mal falara com ela desde o Domingo de Páscoa, duas semanas antes, quando a agarrara pelo braço e a afastara de seus amigos mal afamados da frente da taverna White Horse. Lolla ficara em seu quarto, contrariada, enquanto a família almoçava; não saíra nem mesmo quando Sam fora preso. Ainda continuava irritada poucos dias mais tarde, quando Merthin e Caris deram-lhe um beijo de despedida e partiram para Shiring.

Ele sentiu uma pontada de culpa. Tratara-a com muito rigor e a afastara. O fantasma de Silvia observava, e desprezava-o por seu fracasso em tomar conta da filha?

O pensamento dos amigos mal-afamados de Lolla aflorou.

- Tenho certeza de que Jake Riley está por trás disso. Tem falado com ele, Arn?

- Não, amo.

- É melhor eu procurá-lo imediatamente. Sabe onde ele mora?

- Ao lado do peixeiro, por trás da igreja de St. Paul. Caris disse a Merthin:

- Irei com você.

Os dois atravessaram a ponte de volta à cidade, e seguiram para oeste. A paróquia de St. Paul abrangia instalações industriais à beira do rio: matadouros, curtumes, serrarias, manufaturas diversas e os tintureiros que haviam brotado como cogumelos em setembro, desde a invenção do Escarlate de Kingsbridge. Merthin encaminhou-se para a torre de St. Paul, visível acima dos telhados das casas. Descobriu a peixaria pelo cheiro, e bateu na porta da casa grande e dilapidada ao lado.

Foi aberta por Sal Sawyers, a viúva pobre de um carpinteiro que morrera da peste.

- Jake vem e vai, regedor - disse ela. - Não o vejo há uma semana. Ele pode fazer o que bem quiser, desde que pague o aluguel.

- Quando ele partiu, Lolla foi com ele? - perguntou Caris. Sal lançou um olhar rápido e cauteloso para Merthin.

- Não gosto de criticar.

- Por favor, conte tudo o que sabe - pediu Merthin. - Não me sentirei ofendido.

- Lolla quase sempre está com ele. Faz qualquer coisa que Jake queira. Não direi mais do que isso. Se procurá-lo, vai encontrar sua filha.

- Sabe para onde ele pode ter ido?

- Jake nunca diz nada.

- Pode pensar em alguém que talvez saiba?

- Ele nunca trouxe os amigos para casa, com exceção de Lolla. Mas creio que seus amigos podem ser encontrados na White Horse.

Merthin acenou com a cabeça.

- Iremos até lá. Obrigado, Sal.

- Ela vai ficar bem - comentou Sal. - Só está passando por uma fase difícil.

- Espero que tenha razão.

Merthin e Caris foram até a White Horse, à margem do rio, perto da ponte. Merthin recordou a orgia que testemunhara ali, no auge da peste, quando o agonizante Davey Whitehorse servira de graça toda a sua cerveja. A taverna permanecera vazia por vários anos depois, mas agora tinha de

novo um grande movimento. Merthin não entendia por que era tão popular. Os quartos eram apertados e sujos, havia brigas frequentes. Pelo menos uma vez por ano alguém era assassinado ali.

Entraram na taverna. Era o meio da tarde, mas havia uma dúzia ou mais de fregueses embriagados sentados nos bancos. Havia um pequeno grupo em torno de um tabuleiro de gamão. Diversas pilhas de pennies de prata indicavam que se apostava no resultado. Uma prostituta de faces vermelhas chamada Joy levantou os olhos para os recém-chegados, esperançosa, mas depois viu quem eles eram, e recaiu em sua indolência entediada. Num canto, um homem mostrava a uma mulher um casaco que parecia de luxo, com a intenção evidente de vendê-lo; mas quando viu Merthin, apressou-se em dobrá-lo e escondê-lo. Merthin teve certeza de que era mercadoria roubada.

O dono da taverna, Evan, comia um almoço atrasado de toucinho frito. Levantou-se, limpando as mãos na túnica, e disse, nervoso:

- Bom-dia, regedor... é uma honra recebê-lo em minha casa. Posso servir uma caneca de cerveja?

- Estou à procura de minha filha, Lolla - disse Merthin, incisivo.

- Não a vejo há uma semana. Sal dissera exatamente a mesma coisa sobre Jake, recordou Merthin. Ele disse a Evan:

- Ela pode estar com Jake Riley.

- Já notei que os dois são amigos - murmurou Evan, com o devido tato. Mas também não o vejo há uma semana.

- Sabe para onde ele foi?

- Jake é um homem que costuma se manter de boca fechada. Se alguém pergunta a que distância fica Shiring, ele sacode a cabeça, franze o rosto, e diz que não é da sua conta saber dessas coisas.

A prostituta, Joy, prestara atenção à conversa, e agora intervinha:

- Mas ele é mão-aberta. Não se pode deixar de reconhecer o que é justo. Merthin lançou-lhe um olhar duro.

- E de onde ele tira seu dinheiro?

- Cavalos - respondeu Joy. - Ele circula pelas aldeias comprando potros de camponeses, para vender nas cidades.

E bem provável que ele também roube cavalos de viajantes incautos, pensou Merthin, irritado.

- É o que ele está fazendo agora... comprando cavalos?

- Tudo indica que sim - respondeu Evan. - A temporada das feiras está para começar. Ele foi adquirir sua mercadoria.

- E talvez Lolla tenha ido com ele.

- Sem querer ofender, regedor, acho que sim.

- Não é você quem está me ofendendo.

Merthin acenou com a cabeça numa despedida brusca e deixou a taverna, acompanhado por Caris.

- Então foi isso o que Lolla fez - disse ele, furioso. - Foi embora com Jake. Provavelmente pensa que é uma grande aventura.

- Receio que você esteja certo. Só espero que ela não engravide.

- Eu bem que gostaria que isso fosse o pior a temer.

Voltaram para casa, num impulso automático. Ao atravessarem a ponte, Merthin parou no ponto mais alto e olhou por cima dos telhados suburbanos para a floresta além. Sua filha se encontrava em algum lugar por lá, junto com um negociante de cavalos de reputação duvidosa. Lolla corria perigo, e não havia nada que ele pudesse fazer para protegê-la.

Quando Merthin foi à catedral, na manhã seguinte, a fim de verificar a nova torre, descobriu que todo trabalho havia cessado.

- Ordens do prior - explicou o irmão Thomas, quando Merthin perguntou. Thomas tinha quase sessenta anos e demonstrava sua idade. O corpo militar se tornara encurvado, e ele quase arrastava os pés, um tanto trôpego.

- Houve um desabamento na nave sul - acrescentou ele.

Merthin olhou para Bartelmy French, um velho pedreiro todo enrugado da Normandia, sentado no lado de fora da oficina, amolando uma talhadeira. Bartelmy sacudiu a cabeça numa negativa silenciosa.

- Esse desabamento ocorreu há vinte e quatro anos, irmão Thomas - comentou Merthin.

- Tem razão - admitiu Thomas. - Minha memória já não é tão boa como antes.

Merthin afagou seu ombro.

- Estamos todos envelhecendo.

- O prior está lá no alto da torre, se quer falar com ele - informou Bartelmy. Claro que Merthin queria. Foi para o transepto norte, passou por uma pequena arcada, e subiu por uma estreita escada em espiral dentro da parede. Ao passar da antiga interseção para a nova torre, a cor das pedras mudou, do cinza escuro de nuvens de tempestade para o pérola claro do

céu da manhã. Foi uma longa subida. A torre já se elevava por quase cem metros. Mas ele já estava acostumado. Quase todos os dias, há onze anos, subia uma escada que se tornava mais alta a cada vez. Ocorreu-lhe que Philemon, bastante gordo agora, devia ter um razão compulsiva para obrigar seu corpo volumoso a escalar todos aqueles degraus.

Perto do topo, Merthin passou por um compartimento que alojava a grande roda, um mecanismo de madeira duas vezes mais alto do que um homem, usado para içar pedras, argamassa e madeira para os lugares em que eram necessárias. Mesmo depois de a agulha ficar pronta, a roda seria deixada ali, em caráter permanente, para ser usada em trabalhos de reparações por futuras gerações de construtores, até que as trombetas anunciassem o Dia do Juízo Final.

Ele emergiu no alto da torre. Uma brisa firme e fria soprava, embora não fosse perceptível lá embaixo. Havia um passadiço por dentro do cume da torre. Os andaimes haviam sido instalados em torno de um buraco octogonal, pronto para os pedreiros que construiriam a agulha. Pedras aparadas estavam empilhadas próximas; um monte de argamassa secava em desperdício numa plataforma de madeira.

Não havia trabalhadores ali. O prior Philemon estava parado do outro lado, junto com Harold Mason. Os dois conversavam, mas pararam com expressões de culpa quando Merthin apareceu. Ele teve de gritar acima do barulho do vento para ser ouvido:

- Por que interrompeu a construção? Philemon já tinha a resposta pronta.
- Há um problema com seu projeto. Merthin olhou para Harold.
- Está querendo dizer que algumas pessoas não são capazes de compreendê-lo.
- Pessoas experientes garantem que não pode ser executado - declarou Philemon, em tom de desafio.
- Pessoas experientes? - repetiu Merthin, desdenhoso. - Quem em Kingsbridge é experiente? Quem construiu uma ponte? Quem trabalhou com os grandes arquitetos de Florença? Quem já esteve em Roma, Avignon, Paris, Rouen? Não foi Harold, com toda certeza. Sem ofensa, Harold, você nunca esteve nem sequer em Londres.
- Não sou o único que acha impossível construir uma torre octogonal sem cambota - protestou Harold.

Merthin já ia fazer um comentário sarcástico, mas conteve-se. Philemon devia ter mais do que apenas isso, pensou ele. O prior optara

deliberadamente por travar aquela batalha. Portanto, devia ter armas mais formidáveis do que a mera opinião de Harold Mason. Era de se presumir que obtivera o apoio de alguns membros da guilda... mas como? Outros construtores dispostos a alegar que a agulha de Merthin era impossível deviam ter recebido a oferta de algum incentivo. O que provavelmente significava um trabalho de construção.

- O que é? - perguntou ele a Philemon. - O que você está querendo construir?

- Não sei do que está falando - resmungou Philemon.

- Tem um projeto alternativo e ofereceu a Harold e seus amigos uma parte da construção. Qual é o prédio?

- Você não sabe do que está falando.

- Um palácio maior para você? Uma nova casa do capítulo? Não pode ser um hospital, porque já temos três. Vamos, diga logo. A menos que se sinta envergonhado.

Philemon foi espicaçado a responder:

- Os monges desejam construir uma capela para Nossa Senhora.

- Ahn...

Fazia sentido. O culto da Virgem era cada vez mais popular. A hierarquia da Igreja aprovava, porque a onda de devoção associada a Maria contrabalançava o ceticismo e a heresia que afligiam as congregações desde a peste. Numerosas catedrais e igrejas vinham acrescentando uma pequena capela especial no lado leste a parte mais sagrada do prédio - dedicada à Mãe de Deus. Merthin não gostava da arquitetura: na maioria das igrejas, a capela para Nossa Senhora parecia uma lembrança posterior, o que era de fato.

Qual era o motivo de Philemon? Ele estava sempre tentando se insinuar nas boas graças de alguém... era o seu *modus operandi*. Uma capela para Nossa Senhora em Kingsbridge sem dúvida agradaria ao clero mais velho e conservador.

Aquela era a segunda iniciativa de Philemon nessa direção. No Domingo de Páscoa, no púlpito da catedral, ele condenara a dissecação de cadáveres. Estava desfechando uma campanha, compreendeu Merthin. Mas qual era o objetivo?

Merthin decidiu não fazer mais nada até descobrir quais eram as intenções de Philemon. Sem fazer mais qualquer comentário, ele saiu do topo da torre e desceu por várias escadas até o solo.

Chegou em casa na hora do almoço. Caris veio do hospital poucos minutos depois.

- O irmão Thomas está ficando cada vez pior - comentou Merthin - Não há nada que se possa fazer por ele?

Caris sacudiu a cabeça em negativa. -, - Não há cura para a senilidade.

- Ele me disse que a nave sul desabou, como se tivesse acontecido ontem.

- Isto é típico. Ele se lembra do passado distante, mas não sabe o que está acontecendo hoje. Pobre Thomas. É provável que a deterioração seja bastante rápida. Mas pelo menos ele está num lugar familiar. Os mosteiros não mudam muito ao longo das décadas. Sua rotina diária deve ser a mesma que sempre foi. Isso ajudará.

Ao sentarem para o ensopado de cordeiro, com alho-poró e menta, Merthin relatou os acontecimentos da manhã. Os dois vinham batalhando com os priores de Kingsbridge há dezenas de anos: primeiro Anthony, depois Godwyn, e agora Philemon. Haviām pensado que a concessão da carta de burgo acabaria com as constantes disputas. Melhorara a situação, sem dúvida, mas parecia que Philemon ainda não desistira.

- Não estou realmente preocupado com a agulha - comentou Merthin. O bispo Henri vai revogar a ordem de Philemon e mandar que a construção seja reiniciada, assim que souber. Henri quer ser o bispo da catedral mais alta da Inglaterra.

- Philemon deve saber disso - ressaltou Caris, pensativa.

- Talvez ele queira apenas destacar sua tentativa de erguer uma capela para Nossa Senhora, recebendo o crédito por isso, ao mesmo tempo em que atribui o fracasso a outra pessoa.

- É possível - murmurou Caris, numa dúvida evidente.

Na mente de Merthin ainda havia uma questão mais importante.

- Mas o que ele de fato quer?

- Todos os atos de Philemon são motivados por sua necessidade de se sentir importante - declarou Caris, confiante. - Meu palpite é de que ele está atrás de uma promoção.

- Que cargo ele pode ter em mente? O arcebispo de Monmouth parece estar morrendo, mas Philemon não pode aspirar a essa posição, não é mesmo?

- Ele deve saber alguma coisa que ignoramos.

Antes que eles pudessem dizer mais alguma coisa, Lolla entrou na sala.

A primeira reação de Merthin foi um sentimento de alívio tão poderoso que trouxe lágrimas a seus olhos. A filha voltara, sã e salva. Ele fitou-a de alto a baixo. Lolla não exibia ferimentos aparentes, e andava com os passos firmes e ágeis de sempre. O rosto apresentava apenas a expressão habitual de descontentamento e mau humor. Caris falou primeiro:

- Você voltou! Estou tão contente!

- É mesmo?

Lolla muitas vezes fingia acreditar que Caris não gostava dela. Merthin não se deixava enganar, mas Caris ficava em dúvida, pois era sensível ao fato de não ser a mãe de Lolla.

- Estamos ambos contentes - interveio Merthin. - Você nos deu um susto.

- Por quê? - Lolla pendurou o manto num gancho e sentou à mesa. - Eu estava muito bem.

- Mas não sabíamos disso, e ficamos na maior preocupação.

- Não deveriam - declarou Lolla. - Posso cuidar de mim mesma. Merthin reprimiu uma resposta irritada.

- Não tenho tanta certeza se pode mesmo - murmurou ele, a voz tão suave quanto possível.

Caris interveio para tentar baixar a temperatura.

- Por onde andou? Esteve ausente durante duas semanas.

- Fui a vários lugares. Merthin pediu, tenso:

- Pode nos dar um ou dois exemplos?

- Mudeford Crossing. Casterham. Outhenby.

- E o que fez nesses lugares?

- E uma aula de catecismo? - indagou Lolla, petulante. - Tenho de dar todas as respostas?

Caris pôs a mão no braço de Merthin para contê-lo, e disse a Lolla:

- Só queremos ter certeza de que você não correu perigo.

- E eu também gostaria de saber com quem você viajou - acrescentou Merthin.

- Ninguém especial.

- Isso é uma referência a Jake Riley? Lolla deu de ombros. Parecia embaraçada.

- É, sim - respondeu ela, como se fosse um detalhe trivial.

Merthin estava disposto a perdoá-la e abraçá-la, mas Lolla tornava isso difícil. Com um esforço para manter a voz neutra, ele perguntou:

- Quais foram as disposições que você e Jake adotaram na hora de dormir?

- Isto é da minha conta apenas! - gritou Lolla.
 - Não é, não! - gritou Merthin em resposta. - É da minha também e de sua madrasta. Se você engravidar, quem cuidará do bebê? Tem certeza de que Jake está disposto a assentar, virar marido e pai? Já conversou com ele sobre isso?
 - Não fale mais comigo!
- Lolla desatou a chorar. Saiu da sala e subiu a escada, batendo os pés.
- Às vezes eu gostaria que nossa casa só tivesse um cômodo... pois assim ela não poderia fazer isso - murmurou Merthin.
 - Você não foi gentil com ela - comentou Caris, com ligeira desaprovação.
 - Como eu deveria agir? Ela fala como se não tivesse feito nada de errado.
 - Só que ela sabe a verdade. E foi por isso que chorou.
 - Oh, inferno!
- Houve uma batida na porta. Um monge noviço apareceu e disse:
- Desculpe incomodá-lo, regedor. Sir Gregory Longfellow está no priorado e agradeceria se fosse procurá-lo para uma conversa, assim que for conveniente.
 - Droga! - resmungou Merthin. - Pode avisá-lo que estarei lá dentro de poucos minutos.
 - Obrigado.

O noviço foi embora. Merthin virou-se para Caris.

Talvez seja melhor dar a ela algum tempo para esfriar.

- E a você também.
 - Não vai tomar o lado dela, não é? - indagou ele, com alguma irritação.
- Caris sorriu e tocou no braço do marido.
- Estou sempre do seu lado. Mas lembro como é ser uma garota de dezesseis anos. Lolla sente-se tão preocupada quanto você por seu relacionamento com Jake. Mas não vai admitir, nem para si mesma, pois isso abalaria seu orgulho. E fica ressentida com você por falar a verdade. Havia erguido uma defesa frágil em torno de sua autoestima, e você a destruiu.
 - O que eu deveria fazer?
 - Ajudá-la a erguer uma defesa melhor.
 - Não sei o que isso significa.
 - Tenho certeza de que vai descobrir.

- É melhor eu sair agora para a conversa com Sir Gregory. Merthin levantou-se. Caris abraçou-o e beijou-o nos lábios.

- Você é um bom homem, fazendo o melhor que pode, e eu o amo com toda a força do meu coração.

Isso atenuou a frustração de Merthin. Sentiu que se acalmava, enquanto atravessava a ponte e subia a rua principal para o priorado. Não gostava de Gregory. O homem era insidioso e inescrupuloso, disposto a fazer qualquer coisa por seu amo, o rei, assim como Philemon quando servia a Godwyn como prior. Merthin especulou, apreensivo, sobre a conversa. Gregory queria provavelmente falar sobre impostos... sempre uma preocupação do rei.

Merthin foi primeiro ao palácio do prior. Ali, Philemon, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, informou-o de que encontraria Sir Gregory no claustro dos monges, no lado sul da catedral. Merthin não pôde deixar de se perguntar o que Gregory teria feito para obter o privilégio de conceder uma audiência ali.

O advogado envelhecera. Tinha os cabelos brancos e o corpo alto se tornara encurvado. Sulcos profundos destacavam-se nos dois lados do nariz. Um dos olhos azuis era agora embaçado, mas o outro continuava vigilante. Reconheceu Merthin no mesmo instante, embora não o visse há dez anos.

- Boa-tarde, regedor. O arcebispo de Monmouth morreu.

- Que sua alma descanse em paz - murmurou Merthin, numa reação automática.

- Amém. O rei pediu-me, já que eu passaria pelo seu burgo de Kingsbridge, que lhe apresentasse suas saudações e desse esta notícia importante.

- Fico agradecido. A morte não é inesperada. O arcebispo estava doente.

O rei com certeza não pedira a Gregory que se encontrasse com Merthin apenas para lhe dar uma informação interessante, pensou ele, desconfiado.

- Você é um homem intrigante, se não se importa que eu diga - comentou Gregory, expansivo. - Conheci primeiro sua esposa, há mais de vinte anos. Desde então, tenho visto os dois assumirem o controle desta cidade, de uma forma lenta, mas firme. E conseguiram tudo em que se empenharam de coração: a ponte, o hospital, a carta de burgo, um ao outro. São determinados... e são pacientes.

Era condescendente, mas Merthin ficou surpreso ao perceber um tom de respeito na lisonja de Gregory. Disse a si mesmo para permanecer desconfiado: homens como Gregory só elogiavam com um propósito.

- Estou a caminho de um encontro com os monges de Abergavenny, que devem votar para escolher o novo arcebispo. - Gregory recostou-se na cadeira. Quando o cristianismo chegou à Inglaterra, há centenas de anos, os monges elegiam seus superiores.

Explicar era um hábito do velho, refletiu Merthin: o jovem Gregory não se preocuparia com isso.

- Hoje em dia, é claro, os bispos e arcebispos são importantes e poderosos demais para serem escolhidos por pequenos grupos de idealistas devotos, que vivem desligados do mundo. O rei faz uma escolha, e Sua Santidade, o papa, ratifica a decisão real.

Até eu sei que não é tão simples assim, pensou Merthin. Há em geral alguma espécie de luta pelo poder. Mas ele não disse nada.

- Mas o ritual da eleição pelos monges ainda persiste - continuou Gregory.

- É mais fácil controlá-lo do que aboli-lo. E é esse o motivo da minha viagem.

- Ou seja, vai dizer aos monges quem eles devem eleger - comentou Merthin.

- Em suma, é isso mesmo.

- E que nome pretende indicar?

- Eu não disse? É seu bispo, Henri de Mons. Um homem excelente: leal, digno de confiança, nunca cria problemas.

- Oh, não!

- Não está satisfeito?

A atitude descontrainda de Gregory desapareceu por completo. Ele se tornou atento ao extremo.

Merthin compreendeu que era por isso que Gregory se encontrava ali: para descobrir como as pessoas de Kingsbridge - representadas por Merthin - reagiriam ao que ele planejava, e se haveria oposição. Merthin organizou seus pensamentos. A perspectiva de um novo bispo ameaçava a agulha e o hospital.

- Henri é a chave para o equilíbrio de poder na cidade - disse ele. - Há dez anos foi acertada uma espécie de armistício entre os mercadores, os monges e o hospital. Em consequência, as três partes prosperaram muito.

Num apelo para os interesses de Gregory - e do rei -, Merthin acrescentou:

- E é essa prosperidade que nos permite pagar tributos tão altos. Gregory reconheceu o fato com uma inclinação da cabeça.

- A partida de Henri, é evidente, acarreta um risco para a estabilidade de nossos relacionamentos.

- Eu diria que isso vai depender de quem for escolhido para substituí-lo.

- Tem toda razão. - Agora chegamos ao xis do problema, pensou Merthin. Já tem alguém em mente?

- O candidato óbvio é o prior Philemon.

- Não! - Merthin estava consternado. - Philemon! Por quê?

- Ele é um conservador irredutível, o que é importante para a hierarquia da Igreja nestes momentos de ceticismo e heresia.

- Tudo se torna claro. Agora compreendo por que ele fez um sermão contra a dissecação. E por que quer construir uma capela para Nossa Senhora. Eu deveria ter previsto isso, pensou Merthin.

- Ele já avisou que não tem nenhuma restrição à tributação do clero... uma fonte constante de atrito entre o rei e alguns de seus bispos.

- Philemon vem planejando isso há algum tempo.

Merthin sentia-se furioso consigo mesmo por não ter percebido isso antes.

- Desde que o arcebispo caiu doente, eu diria.

- É uma catástrofe.

- Por que diz isso?

- Philemon é brigão e vingativo. Se ele se tornar bispo, vai criar disputas constantes em Kingsbridge. Temos de impedi-lo. - Merthin fitou Gregory nos olhos. - Por que veio até aqui para me avisar?

Assim que fez a pergunta, ele soube a resposta.

- Você também não quer Philemon. Não precisa que eu lhe diga que ele vai criar problemas, pois já sabe disso. Mas não pode simplesmente vetá-lo, porque ele conta com apoio entre o clero mais velho.

Gregory exibiu um sorriso enigmático, o que levou Merthin a concluir que estava certo.

- Mas o que quer que eu faça?

- Se eu fosse você, começaria a procurar por outro candidato para apresentar como alternativa a Philemon.

Então era isso. Merthin acenou com a cabeça, pensativo.

- Terei de pensar a respeito.

- Por favor, faça isso.

Gregory levantou-se. Merthin compreendeu que a reunião estava encerrada.

- E avise-me sobre o que decidir - acrescentou Gregory.

Merthin deixou o priorado e voltou para a ilha do Leproso, imerso em seus pensamentos. Quem poderia propor para ser o novo bispo de Kingsbridge? Os moradores da cidade sempre haviam se dado bem com o arquidiácono Lloyd, mas ele era muito velho... poderiam conseguir que ele fosse eleito, apenas para repetir todo o processo em menos de um ano.

Ele ainda não havia se definido por qualquer nome quando chegou em casa. Encontrou Caris na sala, à sua espera, ansiosa. Já ia pedir sua opinião quando ela falou primeiro. Levantou-se para dizer, o rosto pálido, uma expressão assustada:

- Lolla foi embora de novo.

Os padres diziam que o domingo era um dia de descanso, mas nunca fora assim para Gwenda. Hoje, depois da igreja pela manhã e do almoço, ela trabalhava com Wulfric no terreno atrás da casa. Era meio acre, com um galinheiro, uma pereira e um estábulo. Na horta, no outro lado, Wulfric abria os sulcos e ela semeava ervilhas.

Os meninos haviam saído para um jogo de rúgbi na aldeia vizinha, a recreação habitual dos domingos. O rúgbi era o equivalente dos camponeses às justas da nobreza: uma encenação de batalha em que os ferimentos eram às vezes reais. Gwenda rezava para que os filhos voltassem ilesos para casa.

Naquele dia, Sam voltou mais cedo.

- A bola arrebentou - resmungou ele.

- Onde está Davey? - perguntou Gwenda.

- Ele não foi ao jogo.

- Pensei que tinha ido com você. .

- Mas não foi. Muitas vezes ele sai sozinho.

- Eu não sabia disso. - Gwenda franziu o rosto. - Para onde ele vai? Sam deu de ombros.

- Ele nunca me diz.

Talvez ele esteja se encontrando com uma garota, pensou Gwenda. Davey era chegado a essas coisas. Se era uma garota, quem seria? Não havia muitas jovens aceitáveis em Wigleigh. As sobreviventes da peste haviam se apressado em casar de novo, como se estivessem ansiosas em povoar a terra; e as nascidas desde então ainda eram crianças. Talvez ele estivesse se encontrando com uma garota da outra aldeia, em algum lugar secreto na floresta. Esses encontros clandestinos eram muito comuns.

Quando Davey voltou para casa, duas horas mais tarde, Gwenda confrontou-o. Ele não fez qualquer tentativa de negar que estivera fazendo alguma coisa às escondidas.

- Posso mostrar o que tenho feito, se você quiser - disse ele. - Não posso manter em segredo para sempre. Venham comigo.

Foram todos, Gwenda, Wulfric e Sam. O domingo era respeitado até certo ponto: ninguém trabalhava nos campos. Toda a área de Hundredacre estava deserta quando os quatro a atravessaram, sob uma brisa amena de

primavera. Umas poucas faixas de terra pareciam negligenciadas: ainda havia aldeões que tinham mais terra do que podiam cultivar. Era o caso de Annet, que contava apenas com a filha de dezoito anos, Amabel, para ajudá-la, a menos que pudesse contratar trabalhadores, o que ainda era difícil. Sua faixa de plantação de aveia fora invadida pelo mato.

Davey levou-os por pouco menos de um quilômetro através da floresta, até uma clareira a alguma distância da trilha.

- É isto - anunciou ele.

Por um momento, Gwenda não entendeu a que o filho se referia. Estava parada à beira de um terreno indefinido, com muitas baixas crescendo entre as árvores. Ela examinou as moitas com mais atenção. Eram de uma espécie que nunca vira antes. Tinha uma haste meio quadrada, com folhas pontudas, crescendo em grupos de quatro. A maneira como cobria o solo fazia pensar que era uma planta rasteira. Uma pilha de vegetação desenraizada num lado da clareira indicava que Davey estivera arrancando ervas daninhas.

- O que é isto? - indagou ela.

- Esta planta é conhecida como garança. Comprei as sementes de um marujo naquela ocasião em que fomos a Melcombe.

- Melcombe? - repetiu Gwenda. - Mas isso foi há três anos!

- Foi o tempo que levou. - Davey sorriu. - A princípio, cheguei a pensar que nem cresceria. Ele me disse que a garança precisava de solo arenoso e tolerava alguma sombra. Preparei a clareira e plantei as sementes, mas no primeiro ano só obtive três ou quatro plantas fracas. Pensei que havia desperdiçado o dinheiro. Mas no segundo ano as raízes espalharam-se por baixo da terra e projetaram os rebentos. E agora estão por toda parte.

Gwenda sentia-se espantada por descobrir que o filho conseguira manter a plantação escondida dela por tanto tempo.

- Mas para que serve a garança? - perguntou ela. - Tem um gosto agradável? Davey riu.

- Não é comestível. Você arranca as raízes, seca e mói para fazer um pó que produz uma tintura vermelha. E vale muito. Madge Webber de Kingsbridge paga sete shillings por um galão.

O que era um preço espantoso, refletiu Gwenda. O trigo, o cereal mais caro, era vendido a cerca de sete shillings por quarto, e um quarto continha sessenta e quatro galões.

- Isto é sessenta e quatro vezes mais precioso do que o trigo! Davey sorriu.

- Foi por isso que eu plantei.

- Por que você plantou o quê? - indagou uma nova voz.

Todos se viraram para avistar Nathan Reeve, parado ao lado de um pilriteiro, tão encurvado e retorcido quanto ele. Exibia um sorriso triunfante: pegara-os desprevenidos. Mas Davey foi rápido na resposta:

- Esta é uma erva medicinal chamada... tiritá. Serve para o chiado no peito da mãe.

Gwenda sabia que ele estava inventando, mas Nate não podia ter certeza. Nate olhou para ela.

- Não sabia que você tinha um chiado no peito.

- No inverno - respondeu Gwenda.

- Uma erva? - O ceticismo de Nate era evidente. - Há o suficiente aqui para atender a todo mundo em Kingsbridge. E você ainda prepara o terreno para plantar mais.

- Gosto de fazer as coisas direito - declarou Davey. Era uma resposta insossa, e Nate ignorou-a.

- Esta é uma colheita não-autorizada. Em primeiro lugar, os servos precisam de permissão para o que plantam... não podem cultivar qualquer coisa assim. Isto levaria ao caos total. Em segundo lugar, não podem usar a floresta do senhor para nada, nem mesmo para plantar ervas.

Nenhum deles tinha qualquer resposta para isso. Eram as regras. E podiam ser frustrantes: muitas vezes os camponeses sabiam que podiam ganhar dinheiro com colheitas fora dos padrões, que estavam em grande demanda e ofereciam altos preços. Era o caso do cânhamo para corda, linho para roupas de baixo de luxo, ou cerejas para o prazer das mulheres ricas. Mas muitos lordes e seus bailiffs recusavam permissão, por conservantismo instintivo.

A expressão de Nate agora era venenosa.

- Um filho é fugitivo e assassino. O outro desafia seu senhor. Que família! Ele tinha direito a ficar furioso, refletiu Gwenda. Sam matara Jonno e escapara impune. Nate, sem a menor dúvida, odiaria sua família até o dia em que morresse. Agora, Nate abaixou-se, arrancou uma planta do solo, e disse, com evidente satisfação:

- Levarei o problema ao tribunal do solar.

Ele virou-se e afastou-se entre as árvores, claudicando. Gwenda e sua família foram atrás. Davey continuava determinado.

- Nate vai aplicar uma multa e terei de pagar. Mas ganharei dinheiro mesmo assim.

- E se ele der ordem para que a colheita seja destruída? - indagou Gwenda.

- Como?

- Pode ser queimada, ou pisoteada. Wulfric interveio:

- Nate não faria isso. A aldeia não admitiria. A multa é a maneira tradicional de resolver esses problemas.

- Só me preocupo com o que o conde Ralph dirá - murmurou Gwenda. Davey fez um gesto depreciativo com a mão.

- Não há razão para que o conde tome conhecimento de uma coisa tão insignificante.

- Ralph tem um interesse especial por nossa família.

- É verdade - concordou Davey, pensativo. - Ainda não compreendi por que ele perdoou Sam.

O garoto não tinha nada de estúpido. Gwenda apressou-se em dizer:

- Talvez lady Philippa o tenha persuadido.

- Ela se lembra de você, mãe - informou Sam. - Foi o que disse quando estive na casa de Merthin.

- Devo ter feito alguma coisa para conquistar suas boas graças - disse Gwenda, improvisando. - Ou pode ter sido apenas porque ela sentiu compaixão, de uma mãe para outra.

Não era uma grande história, mas Gwenda não tinha outra melhor. Nos dias desde que Sam fora solto, eles tiveram várias conversas sobre os motivos do perdão concedido por Ralph. Gwenda limitara-se a fingir que estava tão perplexa quanto todo mundo. Felizmente, Wulfric nunca fora do tipo desconfiado.

Chegaram em casa. Wulfric olhou para o céu, disse que ainda restava outra hora de claridade e foi para a horta, a fim de terminar de semear as ervilhas. Sam ofereceu-se para ajudá-lo. Gwenda sentou-se para consertar um rasgão numa roupa de Wulfric. Davey sentou na sua frente e disse:

- Tenho outro segredo para contar.

Gwenda sorriu. Não se importava que ele tivesse um segredo, desde que contasse à mãe.

- Pode falar.

- Estou apaixonado.

- Mas isso é maravilhoso! - Ela inclinou-se para a frente e beijou o rosto do filho. - Fico feliz por você. Como ela é?

- Ela é linda.

Gwenda vinha especulando, antes de saber sobre a garança, se Davey não estaria se encontrando com uma moça de outra aldeia. Sua intuição fora acertada.

- Tive um pressentimento a respeito.

- É mesmo?

Ele parecia ansioso.

- Não se preocupe. Não há nada de errado. Apenas me ocorreu que você podia estar se encontrando com alguém.

- Vamos para a clareira em que estou cultivando a garança. Foi mais ou menos assim que começou.

- E há quanto tempo vem acontecendo?

- Há mais de um ano.

- Então é sério.

- Quero casar com ela.

- Fico muito satisfeita. - Gwenda sorriu, afetuosa. - Você ainda tem apenas vinte anos, mas já é idade suficiente se encontrou a pessoa certa.

- Ainda bem que você pensa assim.

- De que aldeia ela é?

- Daqui mesmo, de Wigleigh.

- É mesmo? - Gwenda estava surpresa. Não pensara em nenhuma jovem de Wigleigh. - Quem é ela?

- Mãe, é Amabel.

- Não!

- Não grite.

- Não a filha de Annet!

- Não deve ficar zangada.

- Não devo ficar zangada? - Gwenda fez um esforço para se acalmar. O choque era tão grande que parecia até que ela havia levado um tapa. Respirou fundo várias vezes. - Preste atenção. Estivemos em conflito com aquela família por mais de vinte anos. Aquela vaca da Annet partiu o coração de seu pai e nunca mais o deixou em paz.

- Lamento muito, mas tudo isso pertence ao passado.

- Nada disso... Annet ainda flerta com seu pai em todas as oportunidades!

- Isto é problema de vocês, não nosso. Gwenda levantou-se. A costura caiu de seu colo.

- Como pode fazer isso comigo? Aquela vaca será parte de nossa família! Meus netos seriam também netos dela. Ela poderia entrar e sair desta casa a todo instante, fazendo seu pai de tolo com seu jeito coquete e rindo de mim, ainda por cima.

- Não vou casar com Annet.

- Amabel também será horrível. Olhe só para ela... é igualzinha à mãe!

- Não é, não. Amabel...

- Não pode fazer isso! Eu proíbo!

- Não pode proibir, mãe.

- Posso, sim... você ainda é muito jovem.

- O que não vai durar para sempre. A voz de Wulfric veio da porta:

- Por que toda esta gritaria?

- Davey diz que quer casar com a filha de Annet... mas eu não vou permitir!

- A voz de Gwenda era cada vez mais alta e estridente. - Nunca! Nunca! Nunca!

O conde Ralph surpreendeu Nathan Reeve quando disse que queria ver a estranha colheita de Davey. Nate mencionou o assunto de passagem, numa visita de rotina a Earlscastle. Um pequeno cultivo sem autorização na floresta era uma violação trivial das normas, que se costumava tratar com a aplicação de uma multa. Nate era um homem superficial, interessado em subornos e comissões. Não tinha a menor noção da profundidade da obsessão de Ralph pela família de Gwenda: seu ódio por Wulfric, o desejo sexual por Gwenda, e agora a possibilidade de ser o verdadeiro pai de Sam. Por isso, Nate se surpreendeu quando Ralph disse que inspecionaria a plantação na próxima vez em que fosse a Wigleigh.

Ralph seguiu a cavalo, em companhia de Alan Fernhill, de Earlscastle a Wigleigh, num belo dia entre a Páscoa e Pentecostes. No pequeno solar de madeira encontraram a antiga criada, Vira, encurvada e grisalha, mas ainda firme no posto. Mandaram que ela preparasse o almoço, e depois saíram com Nate para conhecer a plantação na floresta.

Ralph reconheceu a planta. Não era um camponês, mas conhecia a diferença entre um arbusto e outro. Em suas viagens com o exército, observara muitas colheitas que não cresciam naturalmente na Inglaterra. Inclinou-se da sela e arrancou um punhado de hastes.

- Esta planta é chamada de garança. Já a vi em Flandres. É cultivada pela tintura vermelha que tem o mesmo nome.

- Ele me disse que era uma erva chamada tiritá, usada para curar chiado no peito - explicou Nate.

- Creio que tem propriedades medicinais, mas não é por isso que as pessoas a cultivam. Qual será a multa?

- Um shilling seria a quantia habitual.

- Não é suficiente. Nate ficou nervoso.

- Há muitos problemas, milorde, quando os costumes são ignorados. Eu preferia não...

- Não me interessa o que você prefere.

Ralph esporeou o cavalo e trotou pelo meio da clareira, pisoteando os arbustos.

- Venha, Alan.

Alan imitou-o. Os dois circularam pela plantação, pisoteando as plantas. Todos os arbustos foram destruídos em poucos minutos.

Ralph notou que Nate estava chocado com aquilo, mesmo diante do fato da plantação ser ilegal. Camponeses nunca gostam de ver uma colheita desperdiçada.

Ralph aprendera na França que a melhor maneira de desmoralizar a população era queimar o plantio.

- Já é suficiente - disse Ralph, depois de um momento, entediado.

Ele sentia-se irritado pela insolência de Davey ao fazer aquela plantação, mas esse não era o principal motivo de sua vinda a Wigleigh. A verdade era que queria ver Sam de novo.

Enquanto voltavam para a aldeia, ele esquadrinhou os campos, à procura de um jovem alto, de cabelos escuros. Sam se destacaria, por causa de sua altura, entre aqueles servos nanicos, debruçados sobre suas pás. Avistou-o, à distância, em Brookfield. Parou o cavalo e ficou observando, através da paisagem varrida pelo vento, o filho de vinte e dois anos que nunca soubera que era seu.

Sam e o homem que ele pensava que era seu pai - Wulfric - trabalhavam com um arado pequeno, puxado por um cavalo. Havia alguma coisa errada, pois eles paravam e ajustavam os arreios a todo instante. Quando estavam juntos, era fácil perceber as diferenças entre eles. Os cabelos de Wulfric eram castanho-claros; os de Sam eram escuros; Wulfric tinha o peito estufado, como um boi, enquanto Sam tinha os ombros largos mas era

esguio, como um cavalo; os movimentos de Wulfric eram lentos e cuidadosos, enquanto os de Sam eram rápidos e graciosos.

Era o sentimento mais estranho olhar para um desconhecido e pensar: meu filho. Ralph considerava-se imune a emoções típicas de mulher. Se fosse sujeito a sentimentos de compaixão ou arrependimento, não poderia ter vivido como vivera. Mas a descoberta de Sam ameaçava privá-lo da insensibilidade masculina de que tanto se orgulhava.

Ele fez um esforço para se desvencilhar desse sentimento e seguiu para a aldeia; mas depois sucumbiu à curiosidade e ao sentimento, e mandou Nate procurar Sam e levá-lo para o solar.

Não sabia o que tencionava fazer com o garoto: conversar com ele, escarnecer, convidá-lo para almoçar, qualquer coisa. Deveria ter previsto que Gwenda não lhe daria liberdade para decidir. Ela apareceu com Nate e Sam, acompanhados por Wulfric e Davey.

- O que você quer com meu filho? - perguntou ela, falando com Ralph como se ele fosse um igual, não seu senhor.

Ralph disse, sem pensar:

- Sam não nasceu para ser um servo trabalhando nos campos.

Ele percebeu a expressão de surpresa de Alan Fernhill. Gwenda ficou perplexa.

- Só Deus sabe para que nascemos - protestou ela, tentando ganhar tempo.

- Quando eu quiser saber alguma coisa sobre Deus perguntarei a um padre, não a você - declarou Ralph. - Seu filho tem o temperamento de um guerreiro. Não preciso conhecê-lo a fundo para perceber isso... é evidente para mim, como seria para qualquer veterano das guerras.

- Mas ele não é um guerreiro. É um camponês, filho de um camponês, e seu destino é cultivar colheitas e criar animais, como o pai.

- O pai não interessa.

Ralph recordou o que Gwenda lhe dissera no castelo do xerife, em Shiring, quando o persuadira a perdoar Sam.

- Sam tem o instinto de um matador - acrescentou ele. - É perigoso num camponês, mas tem um valor inestimável num soldado.

Gwenda mostrou-se assustada, enquanto começava a adivinhar o propósito de Ralph.

- Onde está querendo chegar?

Ralph compreendeu para onde o levava aquela sucessão lógica.

- Deixe Sam ser útil, em vez de perigoso. Deixe-o aprender as artes da guerra.

- Isto é absurdo. Ele é velho demais.

- Tem vinte e dois anos. Já é um pouco tarde, mas ele é forte e capaz. Pode conseguir.

- Não sei como.

Gwenda fingia encontrar objeções práticas, mas Ralph podia perceber, através da dissimulação, que ela detestava a idéia com toda a força de seu coração. O que o deixou ainda mais determinado. Com um sorriso de triunfo, ele propôs:

- É muito fácil. Sam pode se tornar um pajem. E viver em Earlscastle. Gwenda dava a impressão de ter sido apunhalada. Fechou os olhos por um momento, o rosto azeitonado empalideceu. Ela movimentou os lábios para dizer "Não", mas nenhum som saiu.

- Ele está com você há vinte e dois anos - acrescentou Ralph. - É tempo suficiente.

Agora é a minha vez, pensou ele. Em vez disso, porém, apenas comentou:

- Agora ele é um homem.

Como Gwenda se manteve temporariamente em silêncio, Wulfric interveio:

- Não vamos permitir. Somos seus pais e não consentimos.

- Não pedi seu consentimento - declarou Ralph, desdenhoso. - Sou o conde e vocês são meus servos. Eu não peço, ordeno.

Nate Reeve entrou na conversa:

- Além do mais, Sam já passou de vinte e um anos. A decisão cabe a ele, não a seu pai.

Subitamente, todos se viraram para Sam.

Ralph não sabia o que esperar. Tornar-se um pajem era uma coisa com que muitos jovens de todas as classes sonhavam, mas ele não tinha certeza se Sam era um deles. A vida no castelo era suntuosa e excitante em comparação com o trabalho extenuante nos campos; mas, por outro lado, os homens de armas morriam jovens, ou - pior do que a morte - voltavam para casa mutilados, para passar o resto de seus dias miseráveis esmolando na frente de tavernas.

Mas assim que olhou para Sam, Ralph soube a verdade. Sam exibia um sorriso largo, os olhos faiscavam de ansiedade. Mal podia esperar para partir. Gwenda recuperou a voz.

- Não faça isso, Sam! Não caia na tentação. Não deixe que sua mãe o veja cegado por uma flecha, mutilado pelas espadas de cavaleiros franceses, ou entrevado pelos cascos de seus cavalos de guerra!

- Não vá, filho - suplicou Wulfric. - Permaneça em Wigleigh e tenha uma vida longa.

Sam ficou em dúvida. Ralph disse:

- Muito bem, rapaz. Ouviu sua mãe e o pai camponês que o criou. Mas a decisão é sua. O que pretende fazer? Continuar sua vida aqui, em Wigleigh, trabalhando nos campos, ao lado de seu irmão? Ou escapar?

Sam hesitou apenas por um momento. Lançou um olhar culpado para Gwenda e Wulfric, depois virou-se para Ralph.

- Eu irei. Serei um pajem. Obrigado, milorde.

- Bom rapaz - murmurou Ralph.

Gwenda começou a chorar. Wulfric passou o braço por seus ombros. Olhou para Ralph.

- Quando ele partirá?

- Hoje - respondeu Ralph. - Pode seguir para Earlscastle comigo e com Alan depois do almoço.

- Não tão depressa! - protestou Gwenda. Ninguém lhe deu qualquer atenção. Ralph disse a Sam:

- Vá para casa e pegue qualquer coisa que quiser levar. Almoce com sua mãe. Volte e espere por mim no estábulo. Enquanto isso, Nate pode requisitar um cavalo para sua viagem até Earlscastle. - Ele virou-se, encerrando a audiência com Sam e sua família. - Onde está meu almoço?

Wulfric e Gwenda saíram com Sam, mas Davey ficou. Já descobrira que sua plantação fora pisoteada? Ou era outra coisa?

- O que você quer? - perguntou Ralph.

- Milorde, tenho de lhe pedir um favor.

Isso era quase bom demais para ser verdade. O camponês insolente que plantara garança na floresta sem permissão era agora um suplicante. O dia estava se tornando bastante satisfatório.

- Você não pode ser um pajem, pois tem o corpo de sua mãe. Alan riu ao comentário.

- Quero casar com Amabel, a filha de Annet - explicou o jovem.

- Isto vai desagradar sua mãe.

- Serei maior de idade em menos de um ano.

Ralph sabia tudo sobre Annet, é claro. Quase fora enforcado por sua causa. A história dele se entrelaçava com a de Annet quase tanto quanto com Gwenda. E ele recordou que toda a família morrera da peste.

- Annet ainda tem algumas terras que eram de seu pai.

- Isso mesmo, milorde. Ela está disposta a transferi-las para mim quando eu casar com sua filha.

Um pedido assim normalmente não seria recusado, embora todos os lordes cobrassem uma taxa de transferência. Mas o lorde não era obrigado a consentir. O direito dos lordes de recusar esses pedidos por um capricho qualquer, frustrando a vida de um camponês, era um dos maiores ressentimentos dos homens do campo. Mas proporcionava ao senhor um meio de disciplinar os servos que podia ser extremamente eficaz.

- Não, não vou transferir as terras para você. - Ralph sorriu. - Você e sua noiva podem comer garança.

Caris tinha de impedir que Philemon se tornasse bispo. Aquela era a manobra mais ousada de Philemon até hoje, mas ele fizera os preparativos com todo o cuidado e tinha uma chance. Se conseguisse, voltaria a controlar o hospital e teria o poder de destruir a grande obra da vida de Caris. E podia fazer até pior. Restauraria a ortodoxia cega do passado. Designaria padres de coração duro como o seu para as aldeias, fecharia as escolas para moças, e pregaria sermões contra a dança.

Ela não tinha voz na escolha de um bispo, mas havia meios de exercer alguma pressão.

E começou pelo bispo Henri.

Viajou com Merthin para Shiring, a fim de se encontrar com o bispo em seu palácio. No caminho, Merthin olhava para todas as moças de cabelos escuros por que passavam; e quando não havia nenhuma, esquadrihava a floresta nos lados da estrada. Procurava por Lolla, mas eles chegaram a Shiring sem se deparar com qualquer sinal dela.

O palácio do bispo ficava na praça principal, em frente à igreja e ao lado da Bolsa de Lã. Não era um dia de mercado, e por isso a praça estava vazia, exceto pela força, que ali se encontrava em caráter permanente, uma sinistra advertência aos vilões do que as pessoas do condado faziam com os que violavam as leis.

O palácio era um prédio de pedra despretensioso, com um salão e uma capela no térreo, uma série de escritórios e aposentos particulares por cima. O bispo Henri impusera ao palácio um estilo que Caris achava que devia ser francês. Havia um quadro em cada cômodo. A decoração não era extravagante, como no palácio de Philemon em Kingsbridge, onde a profusão de tapetes e jóias sugeria a caverna de um ladrão. Mas havia uma elegância artística agradável em tudo na casa de Henri: um castiçal de prata que refletia a luz de uma janela; o brilho polido de uma velha mesa de carvalho; flores da primavera na lareira apagada; uma pequena tapeçaria de Davi e Jônatas na parede.

O bispo Henri não era um inimigo, mas também não podia ser considerado um aliado, pensou Caris, nervosa, enquanto eles esperavam no salão. Provavelmente diria que queria se elevar acima das disputas em Kingsbridge. Caris, mais cética, pensava que qualquer decisão de Henri

era sempre baseada em seus interesses pessoais. Ele não gostava de Philemon, mas não podia permitir que isso afetasse seu julgamento.

Henri apareceu, acompanhado pelo cônego Claude, como sempre. Os dois pareciam não envelhecer. Henri era um pouco mais velho do que Caris, Claude era talvez dez anos mais moço, mas ambos ainda pareciam meninos. Caris já observara que o clero em geral envelhecia bem, melhor do que os aristocratas. Desconfiava que era porque a maioria dos sacerdotes - com algumas exceções notórias - levava uma vida de moderação.

O regime de jejum obrigava-os a comer peixe e legumes na sexta-feira, nos dias santos e durante toda a Quaresma. Além disso, em teoria, nunca se embriagavam. Em contraste, os nobres e suas esposas entregavam-se a orgias de comer carne e tomar vinho. Poderia ser por isso que seus rostos ficavam enrugados, a pele ficava flácida, o corpo, encurvado, enquanto os clérigos permaneciam empertigados e esguios por muito tempo, em suas vidas sossegadas e austeras.

Merthin deu os parabéns a Henri por ter sido escolhido para arcebispo de Monmouth, depois foi direto ao ponto:

- O prior Philemon interrompeu o trabalho na torre. Henri indagou, com uma neutralidade estudada: -Alguma razão?
- Há um pretexto e uma razão. O pretexto é uma falha no projeto.
- E qual é esse suposto defeito?
- Ele alega que uma agulha octogonal não pode ser construída sem uma cambota, mas eu encontrei um jeito.
- E qual é?
- Bastante simples. Construirei uma agulha redonda, que não precisará de cambota. Depois, acrescentarei ao exterior uma camada de pedras finas e argamassa, no formato octogonal. Em termos visuais será uma agulha octogonal, mas a estrutura será a de cone.
- Já disse isso a Philemon?
- Não. Se eu disser, ele encontrará outro pretexto.
- E qual é a verdadeira razão?
- Ele quer construir, em vez disso, uma capela para Nossa Senhora.
- Ahn...
- É parte de sua campanha para se insinuar nas boas graças do clero mais antigo. Ele fez um sermão contra a dissecação quando o arquidiácono

Reginald estava presente. E disse aos conselheiros do rei que não fará campanha contra a tributação do clero.

- O que ele está querendo?

- Quer ser o bispo de Shiring. Henri alteou as sobrancelhas.

- Tenho de reconhecer que Philemon sempre teve muita ousadia. Caris falou pela primeira vez:

-Já sabia?

- Gregory Longfellow me contou. Claude olhou para Henri e comentou:

- E Gregory sabe disso melhor do que ninguém.

Caris compreendeu que Henri e Claude não haviam previsto que Philemon seria tão ambicioso. Para ter certeza de que eles não ignorariam o significado da revelação, ela acrescentou:

- Se Philemon realizar seu desejo, você terá um trabalho interminável, como arcebispo de Monmouth, para julgar as disputas entre o bispo Philemon e a cidade de Kingsbridge. Sabe quantos conflitos ocorreram no passado.

- Claro que sabemos - disse Claude.

- Fico contente por estarmos de acordo - declarou Merthin. Claude, pensando em voz alta, sugeriu:

- Devemos apresentar um candidato alternativo.

Era isso o que Caris esperava que ele dissesse. ,

- Temos uma indicação - disse ela.

- Quem? - perguntou Claude.

- Você.

Houve um momento de silêncio. Caris percebeu que Claude gostava da idéia. Adivinhou que ele podia sentir alguma inveja da promoção de Henri, e especulava se o seu destino seria o de permanecer para sempre uma espécie de assistente de Henri. Ele podia se desincumbir com a maior facilidade das funções de um bispo. Conhecia bem a diocese e já cuidava da maior parte da administração prática.

Mas os dois pensavam agora, com toda certeza, em suas vidas pessoais. Caris não tinha a menor dúvida de que eram em quase tudo como marido e mulher: vira-os se beijando. Mas décadas haviam se passado desde aquele momento de romance e sua intuição lhe dizia que eles podiam tolerar uma separação parcial.

- Ainda continuariam a trabalhar juntos durante a maior parte do tempo ressaltou ela.

- O arcebispo terá muitas razões para visitar Kingsbridge e Shiring.
 - E o bispo de Shiring precisará ir a Monmouth com frequência - acrescentou Henri.
 - Seria uma grande honra para o bispo. - Com um brilho nos olhos, Claude acrescentou: - Ainda mais sob a sua autoridade, arcebispo.
- Henri desviou os olhos, fingindo não perceber o duplo sentido.
- Acho que é uma idéia esplêndida.
 - A guilda de Kingsbridge apoiará Claude... posso garantir - declarou Merthin. - Mas você deverá apresentar a sugestão ao rei, arcebispo Henri.
 - Claro.
 - Posso fazer outra sugestão? - indagou Caris.
 - Por favor.
 - Arrume outro posto para Philemon. Pode propô-lo para... não sei... arquidiácono de Lincoln. Alguma coisa que ele gostaria, mas que o levaria para muitos quilômetros daqui.
 - É uma boa idéia - concordou Henri. - Se ele for candidato a dois postos, sua posição em ambos os casos será enfraquecida. Ficarei atento a todas as circunstâncias.
- Claude levantou-se.
- Tudo isso é emocionante. Não querem almoçar conosco? Um servidor se aproximou e dirigiu-se a Caris:
 - Alguém deseja lhe falar, senhora. É apenas um menino, mas parece transtornado.
 - Deixe-o entrar - disse Henri.
- Era um menino em torno dos treze anos. Estava sujo, mas as roupas eram de qualidade. Caris concluiu que pertencia a uma família em boas condições, mas passando por alguma espécie de crise.
- Pode ir à minha casa, madre Caris?
 - Não sou mais uma freira, menino. Mas qual é o problema? O menino falou depressa:
 - Meu pai e minha mãe estão doentes, e meu irmão também. Minha mãe ouviu alguém dizer que a senhora estava no palácio do bispo e me mandou chamá-la. Ela sabe que a senhora ajuda os pobres, mas tem condições de pagar. Pode ir comigo, por favor?
- Como esse tipo de pedido não era excepcional, Caris sempre levava, para onde quer que fosse, uma bolsa de couro com suprimentos médicos.
- Claro que irei, rapaz. Qual é o seu nome?

- Giles Spices, madre, e devo esperar para levá-la.
- Está bem. - Caris virou-se para o bispo. - Pode começar a almoçar, por favor. Virei assim que puder.

Ela pegou sua bolsa de couro e saiu com o menino. Shiring devia sua existência ao castelo do xerife na colina, assim como Kingsbridge era uma decorrência do priorado. Perto da praça do mercado ficavam as casas grandes dos cidadãos mais eminentes, os mercadores de lá, os ajudantes do xerife, e autoridades reais como o juiz de instrução. Um pouco mais adiante ficavam as casas dos que eram relativamente prósperos, mercadores e artesãos, ourives, alfaiates, boticários. O pai de Giles negociava com spices, especiarias, como seu nome indicava. Giles levou Caris para uma rua nessa área. Como a maioria das casas ali, tinha um andar térreo de pedra que servia como depósito e loja, com os aposentos de madeira por cima. Hoje, a loja estava fechada e trancada. Giles levou Caris pela escada externa.

Ela sentiu o cheiro familiar assim que entrou. Hesitou por um instante. Havia alguma coisa especial naquele cheiro, que despertava uma lembrança em sua memória... e que a fazia se sentir muito assustada.

Em vez de ponderar a respeito, ela atravessou a sala e entrou no quarto... para descobrir a terrível resposta.

Havia três pessoas deitadas em colchões ali: uma mulher mais ou menos da idade de Caris, um homem um pouco mais velho e um adolescente. O homem tinha a doença em grau mais avançado. Gemia e suava em febre. A camisa aberta deixava à mostra manchas púrpura pretas no peito e na garganta. Havia sangue em seus lábios e narinas.

Ele tinha a peste.

- Ela voltou - murmurou Caris. - Que Deus me ajude!

Por um momento, o medo a paralisou. Permaneceu imóvel, contemplando a cena, com um sentimento de impotência. Sempre soubera, em teoria, que a peste poderia voltar - essa fora a metade da razão para escrever seu livro -, mas mesmo assim não estava preparada para o choque de ver outra vez aquelas manchas, a febre, o nariz sangrando.

A mulher soergueu-se, apoiada num cotovelo. A doença não avançara muito nela: tinha as manchas e a febre, mas não havia sinais de hemorragia.

- Dê-me algo para beber, pelo amor de Deus... - suplicou ela.

Giles pegou um jarro de vinho. A mente de Caris finalmente voltou a funcionar, enquanto o corpo recuperava os movimentos.

- Não dê o vinho... só vai deixá-la com mais sede. Vi um barril de cerveja na sala. Encha um copo com cerveja.

A mulher concentrou-se em Caris. -, - Você é a priora, não é mesmo? Caris não a corrigiu, e a mulher acrescentou:

- As pessoas dizem que é uma santa. Pode curar minha família?

- Tentarei. Não sou uma santa, mas apenas uma mulher que tem observado pessoas na doença e na saúde.

Caris tirou da bolsa uma faixa de linho e prendeu sobre a boca e o nariz. Não via um caso de peste há dez anos, mas adquirira o hábito de adotar essa precaução sempre que lidava com pacientes cujas doenças podiam ser contagiosas. Molhou um pano limpo com água-de-rosas e lavou o rosto da mulher. Como sempre, a providência acalmou a paciente. Giles voltou com o copo de cerveja. A mulher bebeu. Caris disse ao menino:

- Eles podem beber quanto quiserem, mas dê sempre cerveja ou vinho aguado. Ela foi examinar o pai, que não tinha muito tempo de vida. Sua fala não era coerente e os olhos não conseguiam focalizar Caris. Ela lavou seu rosto, limpou o sangue ressequido em torno do nariz e da boca. Finalmente cuidou do irmão mais velho de Giles. Ele só sucumbira pouco antes e ainda espirrava, mas tinha idade suficiente para compreender a gravidade da doença. E estava aterrorizado. Quando acabou, Caris disse a Giles:

- Tente mantê-los confortáveis e deixe-os beber sempre que quiserem. Você tem parentes? Tios ou primos?

- Estão todos em Gales.

Ela fez uma anotação mental de avisar ao bispo Henri que talvez precisasse encontrar um lugar para um menino órfão.

- A mãe disse que eu tinha de pagar.

- Não fiz muito para ajudar. Pode me pagar seis pennies.

Havia uma bolsa de couro ao lado da cama da mãe. Giles tirou seis pennies de prata. A mulher tornou a se erguer e perguntou, mais calma agora:

- O que há de errado conosco?

- Sinto muito, mas é a peste.

A mulher acenou com a cabeça, fatalista.

- Era disso que eu tinha medo.

- Não reconheceu os sintomas da última vez?

- Vivíamos numa pequena cidade em Gales... e escapamos. Vamos todos morrer?

Caris achava que não se deviam enganar as pessoas nas coisas mais importantes.

- Umas poucas pessoas sobrevivem... mas não muitas.

- Neste caso, que Deus tenha piedade de nós. -Amém.

Durante toda a volta para Kingsbridge, Caris ficou pensando na peste. Haveria de se espalhar, é claro, como acontecera da última vez. Mataria milhares de pessoas. A perspectiva deixou-a enfurecida. Era como a carnificina sem sentido da guerra... só que a guerra era causada pelos homens, o que não era o caso da peste. O que ela faria? Não podia ficar sentada e observar a cruel repetição da tragédia que ocorrera treze anos antes.

Não havia cura para a peste, mas ela descobrira meios de retardar seu progresso assassino. Enquanto o cavalo trotava através da estrada pela floresta, ela pensou no que sabia sobre a doença e como combatê-la. Merthin manteve-se calado, reconhecendo a disposição da mulher, provavelmente adivinhando sobre o que ela pensava.

Assim que chegaram em casa, Caris explicou o que queria fazer. Merthin advertiu-a:

- Haverá muita oposição. Seu plano é drástico. As pessoas que não perderam parentes e amigos na última vez podem imaginar que são invulneráveis, e alegar que você exagera na reação.

- É nesse ponto que você pode me ajudar.

- Minha sugestão é dividir os opositores em potencial e lidar com eles em separado.

- Está bem.

- Você tem três grupos para conquistar: a guilda, os monges e as freiras. Vamos começar pela guilda. Convocarei uma reunião... e não chamarei Philemon.

A guilda reunia-se agora na Bolsa de Tecido, um prédio de pedra novo e grande, na rua principal. Permitia que os mercadores fizessem negócios mesmo com mau tempo. A construção fora paga com os lucros do Escarlate de Kingsbridge.

Mas antes de convocar a reunião, Caris e Merthin encontraram-se individualmente com os membros mais destacados, a fim de conquistar seu apoio antecipado, uma técnica que Merthin desenvolvera há muito

tempo. Seu lema era: "Nunca convoque uma reunião enquanto não tiver certeza do resultado."

Caris foi conversar com Madge Webber.

Madge casara de novo. Para divertimento de todos, ela encantara um aldeão tão bonito quanto o primeiro marido e quinze anos mais jovem. Seu nome era Anselm e ele parecia adorá-la, embora ela continuasse tão gorda quanto antes e cobrisse os cabelos grisalhos com uma coleção de toucas exóticas. Ainda mais surpreendente, já na casa dos quarenta anos ela concebera de novo e dera à luz uma menina saudável, Selma, agora com oito anos, cursando a escola das freiras. A maternidade nunca impedira Madge de cuidar dos negócios, e ela continuava a dominar o mercado do Escarlata de Kingsbridge, tendo Anselm como seu ajudante.

Ela ainda morava na casa grande na rua principal para onde se mudara com Mark quando começara a ganhar dinheiro com tecelagem e tintura. Caris encontrou-a junto de Anselm, recebendo uma carga de tecido vermelho e tentando encontrar espaço para guardá-lo no abarrotado depósito no primeiro andar.

- Estou fazendo estoque para a Feira do Velocino - explicou Madge.

Caris esperou enquanto ela conferia a mercadoria. Subiram em seguida, deixando Anselm a tomar conta da loja. Ao entrar na sala, Caris recordou com absoluta nitidez a cena que encontrara ali, treze anos antes, quando fora chamada para examinar Mark... a primeira vítima da peste em Kingsbridge. E sentiu uma súbita depressão. Madge notou sua expressão.

- O que aconteceu?

Não se podiam esconder coisas das mulheres da maneira como se fazia com homens.

- Entrei aqui há treze anos porque Mark estava doente. Madge acenou com a cabeça.

- Esse foi o início da pior época da minha vida. Naquele dia tinha um marido maravilhoso e quatro filhos saudáveis. Três meses depois era uma viúva sem filhos, que não tinha nada por que viver.

- Dias de pesar - murmurou Caris.

Madge foi até o aparador, onde havia copos e um jarro. Mas em vez de oferecer uma bebida a Caris, ficou parada ali, olhando para a parede.

- Quer ouvir uma coisa estranha? Depois que eles morreram, eu não podia dizer Amém ao Paternoster. - Ela engoliu em seco e a voz se tornou mais suave.

- Sei o que o latim significa. Meu pai me ensinou. Fiat voluntas tua: Seja feita a tua vontade. Eu não podia dizer isso. Deus levara minha família, e isso era tortura demais... eu não podia aceitar.

Lágrimas afloraram aos olhos de Madge, enquanto ela lembrava.

- Não queria que a vontade de Deus prevalecesse. Queria meus filhos de volta. Seja feita a tua vontade... Eu sabia que ia para o inferno, mas não podia dizer Amém.

- A peste voltou - anunciou Caris.

Madge cambaleou. Teve que se apoiar no aparador para não cair. O corpo sólido parecia de repente frágil; e à medida que a confiança se desvanecia de seu rosto, ela parecia muito velha.

-Não!

Caris puxou um banco, segurou Madge pelo braço e sentou-a.

- Lamento ter deixado você chocada.

- Não - repetiu Madge. - Não pode voltar. Não posso perder Anselm e Selma. Não suportaria... não suportaria...

Ela estava tão pálida e tensa que Caris começou a temer que Madge pudesse sofrer alguma espécie de ataque.

Caris despejou vinho do jarro num copo. Entregou-o a Madge, que bebeu num gesto automático. Um pouco de cor voltou a seu rosto.

- Compreendemos a peste melhor agora - disse Caris. - Talvez possamos combatê-la.

- Combater a peste? Como faríamos isso?

- É o que vim lhe dizer. Sente-se melhor agora? , Madge finalmente fitou Caris nos olhos.

- Combater a peste... Claro que é isso o que devemos fazer. Diga-me como.

- Temos de isolar a cidade. Fechar os portões, guarnecer as muralhas, impedir que qualquer pessoa entre.

- Mas as pessoas têm de comer.

- Os camponeses levarão os suprimentos para a ilha do Leproso. Merthin agirá como intermediário e pagará os fornecedores... contraiu a peste na última vez e sobreviveu. Ninguém jamais pegou a peste duas vezes. Os mercadores deixarão as mercadorias na ponte. Depois que forem embora, as pessoas sairão da cidade para buscar os alimentos.

- As pessoas poderiam deixar a cidade?

- Claro, mas não poderiam voltar.

- E a Feira do Velocino?

- Essa pode ser a parte mais difícil. Deve ser cancelada.
- Mas os mercadores de Kingsbridge perderão centenas de libras!
- É melhor do que morrer.
- Se fizermos como você diz, evitaremos a peste? Minha família vai sobreviver? Caris hesitou, mas resistiu à tentação de dizer uma mentira tranquilizadora
- Não posso prometer. Pode haver alguém neste momento morrendo sozinho numa choupana perto do rio, sem ninguém para ajudar. Por isso, temo que talvez não escapemos completamente. Mas creio que meu plano lhe oferece a melhor chance de ainda ter Anselm e Selma ao seu lado no Natal.
- Então vamos fazer isso - declarou Madge, decidida.
- Seu apoio é crucial. Para ser franca, você perderá mais dinheiro do que qualquer outra pessoa com o cancelamento da feira. Por isso, é provável que as pessoas acreditem em você. Preciso que diga a todos como a situação é grave.
- Não se preocupe, Caris. Direi isso a todo mundo.
- Uma ótima idéia - disse o prior Philemon.

Merthin ficou surpreso. Não podia se lembrar de qualquer outra ocasião em que Philemon tivesse concordado tão prontamente com uma proposta da guilda.

- Então vai nos apoiar - disse ele, para ter certeza de que ouvira direito.
- Vou, sim. - O prior comia passas de uma tigela, enviando-as à boca tão depressa quanto podia mastigar. Não ofereceu a Merthin. - Mas é claro que não se aplicaria aos monges.

Merthin suspirou. Deveria ter imaginado.

- Ao contrário. Aplica-se a todo mundo.
- Não, não - disse Philemon, no tom de quem instrui uma criança. - A guilda não tem o poder de restringir os movimentos dos monges.

Merthin notou um gato aos pés de Philemon. Era gordo como ele, com um rosto mesquinho. Parecia com o gato de Godwyn, Arcebispo, embora a criatura já devesse ter morrido há muito tempo. Talvez fosse um descendente. Merthin disse:

- A guilda tem o poder de fechar os portões da cidade.
- Mas nós temos o direito de ir e vir como quisermos. Não estamos sujeitos à autoridade da guilda... seria um absurdo.

- Seja como for, a guilda controla a cidade e decidimos que ninguém pode entrar enquanto a peste estiver grassando.
- Não pode fazer as regras para o priorado.
- Mas posso fazer para a cidade, e o priorado por acaso está dentro da cidade.
- Está me dizendo que se eu deixar Kingsbridge hoje vai me recusar a entrada amanhã?

Merthin não tinha certeza. Seria altamente embaraçoso, para dizer o mínimo, ter o prior de Kingsbridge parado na frente do portão exigindo admissão. Esperava persuadir Philemon a aceitar a restrição. Não queria que a decisão da guilda fosse testada de uma maneira tão dramática. Mesmo assim, ele tentou fazer com que sua resposta soasse confiante:

- Claro que sim.
- Vou me queixar ao bispo.
- E aproveite para avisar que ele também não poderá entrar em Kingsbridge.

O pessoal do convento quase não mudara em dez anos, compreendeu Caris. Os conventos eram assim mesmo, é claro: uma freira deveria permanecer para sempre. Irmã Joan ainda era a priora e irmã Oonagh dirigia o hospital, sob a supervisão do irmão Sime. Poucas pessoas vinham até ali agora em busca de cuidados médicos: a maioria preferia o hospital de Caris na ilha. Os pacientes de Sime, devotos ao extremo na maior parte, eram tratados no velho hospital, próximo da cozinha, enquanto o novo prédio era usado para hóspedes.

Caris sentou com Joan, Oonagh e Sime na velha farmácia, a sala agora usada como escritório particular da priora. Explicou seu plano.

- As pessoas fora das muralhas da cidade antiga que caírem vítimas da peste serão internadas em meu hospital na ilha. Enquanto a peste durar, as freiras e eu ficaremos dentro do prédio noite e dia. Ninguém sairá de lá, exceto os poucos afortunados que se recuperarem.
- E o que fazemos aqui na cidade antiga? - perguntou Joan.
- Se a peste entrar na cidade apesar de nossas precauções, pode haver vítimas demais para as acomodações de que vocês dispõem. A guilda decidiu que as vítimas da peste e suas famílias serão confinadas a suas casas. A regra se aplica a qualquer pessoa que vive numa casa atingida pela peste: pais, filhos, avós, criados, aprendizes. Qualquer um que for apanhado a sair de uma casa nessas condições será enforcado.

- É muito rigoroso - comentou Joan. - Mas vale a pena, se evitar a terrível mortandade da última peste.

- Eu sabia que você diria isso.

Sime permanecia calado. A notícia sobre a peste parecia ter esvaziado sua arrogância.

- Como as vítimas comerão, se estiverem aprisionadas em suas casas? - indagou Oonagh.

- Os vizinhos podem deixar comida na porta. Ninguém pode entrar... exceto monges médicos e freiras. Eles visitarão os doentes, mas não devem ter contato com os saudáveis. Irão do priorado para a casa, e da casa de volta ao priorado, sem entrar em qualquer outro prédio, sem sequer falar com as pessoas na rua. Devem usar máscara em todas as ocasiões, e lavar as mãos com vinagre cada vez que tocarem num paciente. Sime parecia apavorado.

- Isso vai nos proteger?

- Até certo ponto, mas não completamente - respondeu Caris.

- Mas neste caso será muito perigoso cuidar dos doentes! Oonagh respondeu:

- Não temos medo. Aguardamos ansiosas pela morte. Para nós, é o reencontro com Cristo há muito esperado.

- Claro, claro... - murmurou Sime.

No dia seguinte, todos os monges deixaram Kingsbridge.

Gwenda sentiu uma fúria rancorosa quando viu o que Ralph fizera com a plantação de garança de Davey. A destruição sem motivo de colheitas era um pecado. Deveria haver um lugar especial no inferno para nobres que arruinavam o que os camponeses suavam para cultivar. Mas Davey não ficou consternado.

- Acho que não tem a menor importância - disse ele. - O valor está nas raízes, que não foram afetadas.

- Destruir as raízes seria trabalho demais para ele - comentou Gwenda, amargurada.

Mas ela logo se reanimou. Os arbustos recuperaram-se com uma rapidez extraordinária. Ralph não devia saber que a garança se propagava por baixo da terra. Ao longo dos meses de maio e junho, enquanto começavam a chegar a Wigleigh as notícias de uma nova erupção da peste, as raízes projetaram novos rebentos. No começo de julho, Davey decidiu que era tempo de fazer a colheita. No domingo, Gwenda, Wulfric e Davey passaram a tarde desenterrando as raízes. Primeiro, afrouxavam o solo em torno da planta, depois arrancavam-na. Removiam a folhagem e deixavam a raiz presa a uma haste curta. Era um trabalho extenuante, do tipo que Gwenda fizera durante toda a sua vida.

Deixaram a plantação como estava, na esperança de que se regenerasse no ano seguinte.

Levaram as raízes de garança empilhadas em um carrinho de mão através da floresta até Wigleigh, descarregaram no paiol, e espalharam sobre o feno para secar.

Davey não sabia quando conseguiria vender sua colheita. Kingsbridge era uma cidade fechada. As pessoas ainda compravam suprimentos, é claro, mas apenas através de intermediários. Davey estava fazendo uma coisa nova e precisaria explicar a situação para o comprador. E seria difícil fazer isso através de um intermediário. Mas talvez ele tivesse de tentar. Precisava secar as raízes primeiro, depois moê-las até se tornarem um pó, o que de qualquer maneira levaria algum tempo.

Davey não dissera mais nada sobre Amabel, mas Gwenda tinha certeza de que os dois continuavam a se encontrar. Ele fingia se manter jovial e

resignado com seu destino. Se realmente tivesse desistido, estaria desanimado e ressentido.

Gwenda só podia torcer para que ele deixasse de amá-la antes de ter idade suficiente para casar sem permissão. Ainda não era capaz de suportar sequer pensar em ver sua família se unir com a de Annet. Afinal, Annet nunca deixara de humilhá-la flertando com Wulfric, que continuava a sorrir como um tolo a cada comentário coquete e estúpido que ela fazia. Agora que Annet estava na casa dos quarenta anos, com veias rompidas nas faces rosadas e fios brancos entre os cachos louros, seu comportamento não era apenas embaraçoso, mas também grotesco; Wulfric, no entanto, reagia como se ela ainda fosse uma garota.

E agora, pensou Gwenda, meu filho caiu na mesma armadilha. O que a deixava furiosa. Amabel parecia com Annet vinte e cinco anos antes, um rosto bonito com cachos que balançavam ao vento, um pescoço comprido, ombros brancos e estreitos, seios pequenos como os ovos que mãe e filha vendiam nos mercados. Amabel tinha a mesma maneira de sacudir os cabelos, o mesmo truque de contemplar um homem com uma expressão de falsa repreensão e bater em seu peito com o dorso da mão, num gesto que pretendia ser uma pancada, mas era na verdade uma carícia.

Davey, porém, pelo menos estava salvo e bem fisicamente. Gwenda sentia-se mais preocupada com Sam, vivendo agora com o conde Ralph no castelo, enquanto aprendia a ser um guerreiro. Na igreja, ela rezava para que Sam não fosse ferido em alguma caçada, nem aprendesse a usar uma espada, nem lutasse num torneio. Vira-o todos os dias durante vinte e dois anos, até que, subitamente, ele lhe fora tirado. É difícil ser uma mulher, pensava ela. Você ama seu filho com todo o coração e alma, até que um belo dia ele vai embora.

Por várias semanas ela procurou um motivo para ir a Earlscastle e verificar como Sam estava. E depois soube que a peste também chegara ali, e resolveu partir. Viajaria antes de a colheita começar. Wulfric não a acompanharia: tinha muita coisa para fazer na terra. De qualquer forma, ela não tinha medo de viajar sozinha.

- Sou pobre demais para ser roubada, velha demais para ser estuprada - gracejava ela.

A verdade era que ela era muito dura para deixar que qualquer das duas coisas acontecesse. E sempre viajava com uma adaga comprida.

Ela atravessou a ponte levadiça para Earlscastle num dia quente de julho. Havia uma gralha pousada nas ameias por cima do portão, como uma sentinela, o sol faiscando em suas penas pretas lustrosas. Gralhou em advertência para ela.

O som saiu como "Vá, vá!". Gwenda escapara da peste uma vez; mas isso poderia ter sido pura sorte; ela arriscava a vida ao vir até ali.

A cena na parte inferior do castelo era normal, embora um pouco quieta. Um lenhador descarregava uma carroça cheia de lenha junto da padaria, enquanto um cavaleiro desencilhava um cavalo empoeirado na frente do estábulo. Mas não havia muita atividade ali. Gwenda notou um pequeno grupo de homens e mulheres junto da entrada oeste da pequena igreja, e atravessou a área de terra batida para investigar.

- Há vítimas da peste lá dentro - informou uma criada, em resposta à sua indagação.

Ela passou pela porta, sentindo o medo como uma mão gelada que apertava seu coração.

Dez ou doze colchões de palha estavam alinhados no chão, de forma a que os ocupantes pudessem olhar para o altar, como num hospital. Cerca da metade dos pacientes pareciam ser crianças. Havia três homens crescidos. Gwenda examinou seus rostos, apavorada.

Nenhum deles era Sam.

Ela ajoelhou-se e fez uma prece de agradecimento.

Lá fora, ela aproximou-se da mulher com que falara antes.

- Estou à procura de Sam de Wigleigh. Ele é um novo pajem.

A mulher apontou para a ponte que levava à parte interna do conjunto.

- Procure na torre.

Gwenda seguiu pelo caminho indicado. O guarda de sentinela na ponte ignorou-a. Ela subiu os degraus para a fortaleza.

O grande salão era escuro e fresco. Um enorme cachorro dormia na pedra fria da lareira. Havia bancos ao longo das paredes e duas cadeiras de braços imensas na outra extremidade. Gwenda notou que não havia almofadas, nem assentos estofados, nem ornamentos nas paredes. Deduziu que lady Philippa passava bem pouco tempo ali e não tinha o menor interesse pela decoração.

Sam estava sentado perto de uma janela, junto com três homens mais jovens. As partes de uma armadura estavam arrumadas no chão à frente deles, do elmo às proteções dos joelhos e tornozelos. Cada homem

limpava uma peça. Sam esfregava o peitoral com um seixo liso, tentando remover a ferrugem.

Ela ficou parada por um momento, observando. Sam usava roupas novas, a libré vermelha e preta do conde de Shiring. As cores combinavam com sua beleza morena. Ele parecia à vontade, conversando descontraído com os outros, enquanto todos trabalhavam. Dava a impressão de estar saudável e bem alimentado. Era o que Gwenda esperava, mas mesmo assim sofreu uma descabida pontada de desapontamento por descobrir que o filho passava muito bem sem ela.

Sam levantou os olhos e avistou-a. Seu rosto registrou surpresa, depois prazer e divertimento.

- Amigos, sou o mais velho entre vocês, e podem pensar que sou capaz de cuidar de mim mesmo, mas não é o caso. Minha mãe me segue por toda parte para ter certeza de que estou bem.

Eles olharam para Gwenda e riram. Sam largou seu trabalho e adiantou-se. Mãe e filho sentaram num banco no canto, perto da escada que levava aos aposentos por cima.

- É uma vida maravilhosa - disse Sam. - Todos se divertem aqui, na maioria dos dias. Saímos para caçar e falcoar, temos disputas de luta livre, competições de equitação, e jogamos rúgbi. Aprendi tanta coisa! É um pouco embaraçoso passar o tempo todo com esses adolescentes, mas posso aturar. Só preciso adquirir a habilidade de usar uma espada e um escudo enquanto estou montado a cavalo.

Ele já falava de uma maneira diferente, notou Gwenda. Começara a perder o ritmo arrastado da fala na aldeia. E usou palavras francesas para "equitação" e "falcoar". Já estava sendo assimilado pela vida da nobreza.

- E o que me diz do trabalho? Não pode ser tudo diversão.

- Há mesmo muito trabalho. - Sam gesticulou para os outros, limpando a armadura. - Mas é fácil em comparação com arar e colher.

Ele perguntou pelo irmão, e Gwenda deu as notícias de casa: a garança de Davey se regenerara e eles haviam arrancado as raízes; Davey continuava envolvido com Amabel; e ninguém em Wigleigh contraíra a peste até agora. Enquanto conversavam, ela começou a sentir que era vigiada, e teve certeza de que a sensação não era uma fantasia. Depois de algum tempo, olhou para trás.

O conde Ralph estava parado no alto da escada, na frente de uma porta aberta, obviamente ao sair de seus aposentos. Gwenda se perguntou há

quanto tempo ele a observava. Sustentou seu olhar, que era intenso. Mas ela não foi capaz de decifrá-lo, não compreendeu o que significava. Começou a sentir que tinha uma intimidade embaraçosa, e se apressou em desviar os olhos.

Quando tornou a olhar, Ralph já havia desaparecido.

No dia seguinte, quando já estava na estrada a meio caminho de casa, um cavaleiro aproximou-se por trás, a galope, depois diminuiu e parou.

Gwenda estendeu a mão para a adaga comprida no cinto.

O cavaleiro era Sir Alan Fernhill.

- O conde quer falar com você.

- Então ele deveria ter vindo pessoalmente, em vez de mandar você.

- Sempre tem uma resposta esperta, não é mesmo? E acha que isso a faz cair nas boas graças de seus superiores?

Ele tinha razão nesse ponto. Gwenda ficou surpresa, talvez por nunca ter ouvido qualquer comentário inteligente durante todo o tempo em que Alan era comparsa de Ralph. Mas se ela fosse mesmo esperta, trataria de adular pessoas como Ralph, em vez de escarnecer.

- Está bem - disse ela, cansada. - O conde me chama. Devo andar por todo o caminho de volta ao castelo?

- Não precisa. Ele tem uma cabana não muito longe daqui, onde às vezes pára e descansa um pouco durante uma caçada. Ele está lá agora.

Alan apontou para um ponto da floresta ao lado da estrada.

Gwenda não gostava nem um pouco da situação, mas uma serva tinha de atender ao chamado de seu conde. De qualquer maneira, tinha certeza de que, se recusasse, Alan a derrubaria, amarraria e levaria até lá.

- Irei até essa cabana.

- Se quiser, pode subir na sela, na minha frente.

- Não, obrigada. Prefiro andar.

Naquela época do ano, o mato rasteiro era espesso. Gwenda seguiu o cavalo pela floresta, aproveitando a trilha que o animal abria pelas urtigas e samambaias. A estrada por trás logo desapareceu. Gwenda especulou, nervosa, sobre o motivo para Ralph realizar aquele encontro na floresta. E pressentiu que não podia ser uma boa notícia para ela e sua família.

Eles percorreram menos de um quilômetro e chegaram a uma cabana com teto de colmo. Gwenda teria presumido que era a casa de um guarda-caça. Alan prendeu as rédeas em torno de uma árvore nova e entrou na frente.

A cabana tinha a mesma aparência despojada e utilitária que Gwenda já notara em Earlscastle. O chão era de terra batida; as paredes, de taipa; o teto, apenas a parte de baixo do colmo. Os móveis eram mínimos: uma mesa, alguns bancos e uma cama simples de madeira, com um colchão de palha. Havia uma porta entreaberta nos fundos, onde os criados de Ralph deviam preparar comida para ele e seus companheiros de caçada.

Ralph sentava à mesa, com um copo de vinho à sua frente. Gwenda parou diante dele, esperando. Alan encostou-se na parede, por trás dela.

- Então Alan conseguiu encontrá-la - disse Ralph.

- Não há mais ninguém aqui? - indagou Gwenda, nervosa.

- Só você, eu e Alan. A ansiedade de Gwenda aumentou ainda mais.

- Por que queria se encontrar comigo?

- Para falar sobre Sam, é claro.

- Você tirou Sam de mim. O que mais há para dizer?

- Ele é um bom rapaz... nosso filho.

- Não o chame assim.

Ela olhou para Alan, que não demonstrou qualquer surpresa. Era evidente que ele já estava a par do segredo. Gwenda ficou consternada. Wulfric nunca deveria descobrir.

- Nunca o chame de nosso filho - reiterou ela. - Nunca foi um pai para Sam. Foi Wulfric quem o criou.

- Como eu poderia criá-lo? Nem sequer sabia que era meu filho. Mas venho compensando o tempo perdido. Ele lhe contou que tem se saído muito bem?

- Já se meteu em brigas?

- Claro. Os pajens devem brigar. É um bom treino quando vão para a guerra. Deveria ter perguntado se ele vence.

- Não é a vida que eu queria para Sam.

- É a vida para a qual ele foi feito.

- Mandou que eu viesse até aqui apenas para se gabar?

- Por que não senta?

Relutante, Gwenda sentou no outro lado da mesa. Ralph serviu vinho num copo, que empurrou em sua direção. Ela ignorou.

- Agora que sei que temos um filho, acho que devemos ser mais íntimos sugeriu Ralph.

- Não, obrigada.

- Você é uma desmancha-prazeres.

- Não me fale em prazer. Você tem sido uma praga em minha vida. Com toda a força do meu coração, gostaria de nunca tê-lo conhecido. Não quero ter nenhuma intimidade com você. Prefiro me manter o mais longe possível. Se você fosse para Jerusalém, ainda não seria bastante longe.

O rosto de Ralph contraiu-se em raiva, e ela se arrependeu da extravagância de suas palavras. Recordou a censura de Alan. Desejou poder dizer não com toda simplicidade e calma, sem comentários mordazes. Mas Ralph atijava sua ira como nenhuma outra pessoa.

- Não pode perceber? - indagou ela, tentando ser racional. - Odeia meu marido... há quanto tempo... um quarto de século? Ele quebrou seu nariz e você cortou o rosto dele. Estuprou a mulher que ele havia amado. Ele fugiu e você trouxe-o de volta com uma corda no pescoço. Depois de tudo isso, nem o fato de termos um filho juntos pode fazer com que nos tornemos amigos.

- Discordo. Acho que podemos ser não apenas amigos, mas também amantes.

- Não!

Era o que Gwenda temia, no fundo de sua mente, desde que Alan parara o cavalo à sua frente na estrada. Ralph sorriu.

- Por que não tira o vestido? Ela ficou tensa.

Alan inclinou-se por trás e tirou a adaga comprida do cinto de Gwenda, num movimento suave. Era evidente que ele premeditara o movimento, e aquilo aconteceu depressa demais para que ela pudesse reagir. Mas Ralph disse:

- Não, Alan... isso não será necessário. Ela fará de bom grado.

- Nunca!

- Pode devolver a adaga, Alan.

Relutante, Alan inverteu a posição da adaga, segurando-a pela lâmina ao estendê-la para Gwenda. Ela pegou a adaga e levantou-se de um pulo.

- Vocês podem me matar, mas juro que levarei um de vocês comigo! Gwenda recuou, a adaga estendida à sua frente, pronta para lutar. Alan foi para a porta, cortando sua retirada.

- Pode deixar, Alan - disse Ralph. - Ela não vai à parte alguma.

Gwenda não tinha a menor idéia do motivo pelo qual Ralph se mostrava tão confiante, mas ele estava completamente enganado. Ela sairia daquela

cabana, correria tão depressa quanto pudesse, e só pararia quando caísse de cansaço.

Alan permaneceu onde estava.

Gwenda alcançou a porta, estendeu a mão para trás, e levantou o trinco simples de madeira.

- Wulfric não sabe, não é mesmo? - murmurou Ralph. Gwenda ficou paralisada.

- Não sabe o quê?

- Não sabe que sou o pai de Sam.

A voz de Gwenda baixou para um sussurro:

- Não, não sabe.

- Fico imaginando como ele se sentiria se descobrisse.

- Isso o mataria.

- Foi o que pensei.

- Por favor, não conte a ele.

- Não contarei... desde que você faça o que eu disser.

O que ela podia fazer? Sabia que Ralph sentia uma intensa atração sexual por ela. Usara esse conhecimento, em desespero, para conseguir encontrá-lo no castelo do xerife. Aquele momento na Bell, tantos anos antes, uma recordação infame para ela, vivera na memória de Ralph como uma ocasião áurea, provavelmente reforçada pela passagem do tempo. E ele metera em sua cabeça a idéia de reviver aquele momento.

Portanto, a culpa era sua.

Como poderia desenganá-lo?

- Não somos mais as mesmas pessoas que éramos há tantos anos - argumentou ela. - Nunca serei outra vez uma jovem inocente. Você deve voltar para suas criadinhos.

- Não quero criadas. Quero você.

- Não, por favor...

Gwenda teve de fazer o maior esforço para conter as lágrimas. Mas Ralph manteve-se implacável.

- Tire o vestido.

Ela guardou a adaga na bainha e desafivelou o cinto.

No momento em que acordou, Merthin pensou em Lolla. Fazia três meses agora que ela havia desaparecido. Ele enviara cartas para as autoridades de cidades em Gloucester, Monmouth, Shaftesbury, Exeter, Winchester e Salisbury. Cartas suas, como regedor de uma das maiores cidades da Inglaterra, eram tratadas com a devida seriedade, e ele recebera respostas cuidadosas de todas. Só o prefeito de Londres não fora prestativo, alegando que metade das garotas da cidade havia fugido de seus pais e que não era da conta do prefeito mandá-las de volta para casa.

Merthin fizera indagações pessoais em Shiring, Bristol e Melcombe. Conversara com o proprietário de cada taverna, dando uma descrição de Lolla.

Todos haviam visto moças de cabelos escuros, quase sempre na companhia de patifes bonitos, como Jake, Jack, ou Jock; mas nenhum pôde afirmar com certeza que vira a filha de Merthin, ou ouvira o nome Lolla.

Alguns amigos de Jake também haviam desaparecido, junto com mais uma ou outra garota, essas alguns anos mais velhas do que Lolla.

Merthin sabia que Lolla podia estar morta, mas recusava-se a perder a esperança. Era improvável que ela contraísse a peste. A nova erupção vinha devastando cidades e aldeias, matando a maioria das crianças com menos de dez anos. Mas sobreviventes da primeira onda, como ele e Lolla, deviam ser pessoas que por alguma razão tinham a força para resistir à doença, ou haviam conseguido se recuperar, em casos raros, como o seu; e não estavam ficando doentes desta vez. A peste, porém, era apenas um dos riscos a que se expunha uma garota de dezesseis anos que fugia de casa. A imaginação fértil de Merthin torturava-o, durante a madrugada, com pensamentos do que poderia ter acontecido com a filha.

Uma cidade que não fora devastada pela peste era Kingsbridge. A doença afetara apenas uma casa em cada cem, na cidade velha, até onde Merthin podia saber pelas conversas que mantinha, gritadas através do portão da cidade, com Madge Webber, que atuava como regedora dentro das muralhas, enquanto Merthin cuidava de todos os assuntos externos. Os subúrbios de Kingsbridge e outras cidades vinham tendo a média de uma em cada cinco casas atingida pela peste. Mas os métodos de Caris haviam prevalecido sobre a peste... ou apenas retardaram-na? A doença persistiria,

e acabaria por superar as barreiras que ela erguera? No final, a devastação seria tão terrível quanto na última vez? Não saberiam até que a erupção esgotasse seu curso... o que poderia levar meses ou anos.

Merthin suspirou e levantou-se de sua cama solitária. Não via Caris desde que a cidade fora fechada. Ela vivia no hospital, a poucos metros da casa de Merthin, mas não podia deixar o prédio. As pessoas podiam entrar ali, mas não podiam sair. Caris decidira que não teria credibilidade se não trabalhasse lado a lado com as freiras; por isso, estava retida no hospital.

Merthin passara metade de sua vida separado dela, ao que parecia. Mas isso não tornava a situação mais fácil. Na verdade, ele ansiava mais por ela agora, na meia-idade, do que no tempo em que era jovem.

Sua empregada, Em, levantara antes dele. Merthin encontrou-a na cozinha, esfolando coelhos. Ele comeu um pedaço de pão e tomou um copo de cerveja fraca antes de sair.

A estrada principal através da ilha já estava abarrotada de camponeses e suas carroças, trazendo suprimentos. Merthin e um grupo de ajudantes conversaram com cada um. Os que traziam produtos padronizados, com preços combinados, eram os casos mais simples: Merthin enviava-os através da outra ponte para descarregar as mercadorias junto do portão trancado da cidade, depois lhes pagava quando voltavam sem nada. Com aqueles que traziam produtos sazonais, como frutas e legumes, ele negociava um preço antes de permitir a entrega. Para algumas cargas especiais, o acordo era fechado com alguns dias de antecedência, quando o pedido era feito: peles para o comércio de couro; pedras para os pedreiros, que haviam recommçado a construção da agulha, por ordem do bispo Henri; prata para os palheiros; aço, ferro, cânhamo, para os fabricantes da cidade, que tinham de continuar a trabalhar, embora estivessem temporariamente isolados de seus clientes. Havia ainda as cargas isoladas, para as quais Merthin precisava de instruções de alguém na cidade. Hoje, nessa situação, havia um vendedor de brocado italiano, que queria vendê-lo a um dos alfaiates da cidade; um boi de seis anos para o matadouro; e Davey de Wigleigh.

Merthin ouviu a história de Davey com espanto e satisfação. Admirou o rapaz por sua capacidade de empreendimento, ao comprar as sementes de garança, cultivá-las apesar das dificuldades, até produzir o pigmento tão caro. Não ficou surpreso ao saber que Ralph tentara sabotar o projeto: Ralph era como a maioria dos nobres em seu desprezo por qualquer coisa

relacionada a manufatura ou comércio. Mas Davey tinha coragem além de inteligência, e persistira. Até pagara a um moleiro para converter as raízes secas em pó.

- Quando o moleiro lavou a mó depois, seu cachorro bebeu um pouco da água que escorreu - disse Davey para Merthin. - O cachorro mijou vermelho durante uma semana. Por isso, sabemos que a tintura funciona.

Agora ele estava ali, com sacos antigos de farinha de trigo de quatro galões, empilhados num carrinho de mão, cheios do que acreditava ser as preciosas raízes moídas de garança.

Merthin disse-lhe para pegar um dos sacos e levar até o portão. Ali chegando, ele chamou o homem de sentinela no outro lado. O homem subiu para as ameias e olhou para baixo.

- Este saco é para Madge Webber - gritou Merthin. - Pode providenciar para que ela receba pessoalmente?

- Claro, regedor.

Como sempre, algumas vítimas da peste nas aldeias foram levadas para a ilha por seus parentes. A maioria das pessoas agora sabia que não havia cura para a peste, e elas simplesmente deixavam as pessoas amadas morrerem. Mas umas poucas eram ignorantes ou bastante otimistas para esperar que Caris pudesse fazer um milagre. Os doentes eram deixados na porta do hospital, como os suprimentos no portão da cidade. As freiras iam buscá-los à noite, depois que os parentes haviam partido. De vez em quando um sobrevivente afortunado saía do hospital com boa saúde, mas a maioria dos pacientes deixava o local pela porta dos fundos, para ser enterrada num cemitério novo, no outro lado do prédio.

Ao meio-dia, Merthin convidou Davey para almoçar. Enquanto comiam um pastelão de coelho com ervilhas, Davey confessou que era apaixonado pela filha da antiga inimiga de sua mãe.

- Não sei por que a mãe odeia Annet, mas é tudo de um passado distante, e não tem nada a ver comigo ou Amabel.

Ele falou com a indignação da juventude contra a irracionalidade dos pais. Quando Merthin acenou com a cabeça em simpatia, Davey perguntou: .

- Seus pais se opuseram a você desta maneira? Merthin pensou por um momento.

- Claro. Eu queria ser um pajem e passar a vida como um cavaleiro lutando pelo rei. Fiquei desolado quando me puseram para ser aprendiz de carpinteiro. No meu caso, porém, acabou dando certo.

Davey não ficou muito satisfeito com essa história.

A tarde, o acesso à parte interna da ponte foi fechado, no lado da ilha, e o portão da cidade foi aberto. Carregadores saíram e pegaram todas as mercadorias deixadas ali. Os suprimentos foram levados para seus diversos destinos na cidade.

Não havia nenhuma mensagem de Madge sobre o pó de garança.

Merthin recebeu um segundo visitante naquele dia. Quase no final da tarde, quando o fluxo de mercadores já era bastante reduzido, o cônego Claude apareceu.

O amigo e patrono de Claude, o bispo Henri, estava agora instalado em Monmouth como arcebispo. Seu substituto como bispo de Kingsbridge ainda não fora escolhido. Claude queria o cargo, e estivera em Londres para conversar com Sir Gregory Longfellow. Voltava agora para Monmouth, onde continuaria a trabalhar como braço direito de Henri, pelo menos por enquanto.

- O rei gosta da posição de Philemon sobre a tributação do clero - comentou ele, enquanto comiam pastelão de coelho e tomavam o melhor vinho gascão de Merthin. - E o clero mais antigo gostou do sermão contra a dissecação e do plano de construir uma capela para Nossa Senhora. Por outro lado, Gregory detesta Philemon... diz que ele não merece a menor confiança. O resultado é que o rei adiou a decisão, ao determinar que os monges de Kingsbridge não podem realizar uma eleição enquanto estiverem no exílio em St.-John-in-the-Forest.

- Presumo que o rei acha que não há muito sentido em escolher o novo bispo enquanto a peste continua a se espalhar e a cidade permanece fechada - comentou Merthin.

Claude acenou com a cabeça, em concordância.

- Mas consegui alguma coisa, embora pequena. Há uma vaga para embaixador inglês junto ao papa. O designado deve residir em Avignon. Sugerir Philemon. Gregory pareceu atraído pela idéia. Pelo menos não a rejeitou de imediato.

- Isto é ótimo!

A perspectiva de Philemon ser enviado para tão longe deixou Merthin mais animado. Ele desejaria poder fazer alguma coisa para fortalecer a posição de Claude; mas já escrevera para Gregory garantindo o apoio da guilda, e esse era o limite de sua influência.

- Tenho mais uma notícia... uma notícia triste, infelizmente - acrescentou Claude. - No caminho para Londres, passei por St.-John-in-the-Forest. Henri ainda é o abade, em caráter oficial, e me mandou repreender Philemon por deixar Kingsbridge sem permissão. Uma perda de tempo, é claro. Seja como for, Philemon adotou as mesmas precauções de Caris e não me deixou entrar. Mas conversamos através do portão. Até agora, os monges escaparam da peste. Mas seu velho amigo, irmão Thomas, morreu de velhice. Sinto muito.

- Deus permita que sua alma descanse em paz - murmurou Merthin, triste. Ele ficou muito frágil no final. Sua mente delirava.

- A mudança para St. John provavelmente não o ajudou.

- Foi Thomas quem me estimulou quando eu era um jovem construtor.

- É estranho como Deus às vezes leva os bons homens e deixa os maus. Claude partiu cedo na manhã seguinte.

Enquanto Merthin cumpria sua rotina diária, um dos carregadores voltou do portão da cidade com uma mensagem de Madge. Ela estava nas ameias e queria falar com Merthin e Davey.

- Acha que ela vai comprar minha garança? - perguntou Davey, enquanto se encaminhavam para a ponte interna.

Merthin não tinha a menor idéia.

- Espero que sim.

Os dois pararam lado a lado diante do portão fechado e olharam para Madge, inclinada sobre a muralha.

- De onde veio a mercadoria? - gritou ela.

- Eu cultivei - respondeu Davey.

- E quem é você?

- Davey de Wigleigh, filho de Wulfric

- Ahn... o menino de Gwenda?

- Isto mesmo. O mais novo.

- Testei sua tintura.

- Funciona, não é? - indagou Davey, ansioso.

- É muito fraca. Você moeu as raízes inteiras?

-Moí... o que mais eu deveria ter feito?

- Deveria remover as cascas antes de moer.

- Eu não sabia disso. - Davey estava desolado. - O pó não presta?

- Como eu disse, é fraco. Não posso pagar o preço da tintura pura. Davey estava tão angustiado que Merthin ficou com pena.

- Quanto você tem? - perguntou Madge.

- Mais nove sacos de quatro galões como o que entreguei - informou Davey, desanimado.

- Pagarei a metade do preço habitual... três shillings e seis pennies por galão. O que dá quatorze shillings por saco, sete libras exatamente por dez sacos.

O rosto de Davey era a própria imagem da exultação. Merthin desejou que Caris estivesse ali para partilhar aquele momento.

- Sete libras! - repetiu Davey.

Madge pensou que ele estava decepcionado e disse:

- Não posso fazer mais do que isso... a tintura não é bastante forte.

Mas sete libras eram uma fortuna para Davey. Representavam os salários de vários anos de um trabalhador, até mesmo aos preços de hoje. Ele olhou para Merthin e disse:

- Estou rico! Merthin riu.

- Não gaste tudo de uma vez.

O dia seguinte era domingo. Merthin foi à missa na pequena igreja da ilha, dedicada a St. Elizabeth da Hungria, a santa padroeira dos que curavam os doentes. Depois, foi para casa, e pegou uma pá de carvalho na cabana de ferramentas no pomar.

Com a pá no ombro, atravessou a ponte externa, passou pelos subúrbios, e entrou no passado.

Tentou se lembrar do caminho que percorrera pela floresta trinta e quatro anos antes, junto com Caris, Ralph e Gwenda. Parecia impossível. Não havia um percurso definido, exceto pelas trilhas imprecisas deixadas pelos veados. Árvores novas haviam crescido e se tornado imensas, poderosos carvalhos haviam sido derrubados pelos lenhadores do rei. Mesmo assim, para sua surpresa, ainda havia pontos de referência reconhecíveis: a água que brotava do solo, onde a menina Caris de dez anos se ajoelhara para beber; um imenso bloco de rocha que ela dissera que devia ter caído do céu; um pequeno vale de encostas íngremes, com um fundo lodoso, onde ela enlameara as botas.

Enquanto andava, as recordações daquele dia na infância foram se tornando mais nítidas. Lembrou como o cachorro, Hop, seguira-os pela floresta, e como Gwenda seguira seu cachorro. Sentiu outra vez o prazer por Caris ter compreendido sua piada. O rosto ficou vermelho ao recordar

como se mostrara incompetente, na frente de Caris, com o arco que fizera... e a facilidade com que o irmão mais jovem manejara a arma.

Acima de tudo, lembrou de Caris como uma menina. Eram pré-adolescentes, mas mesmo assim ele ficou fascinado por sua inteligência rápida, ousadia, a maneira como assumira sem esforço o comando do pequeno grupo. Ainda não era amor... mas era uma espécie de fascínio não muito diferente do amor.

As recordações distraíram-no e ele perdeu o rumo. Começou a sentir que se encontrava em terreno completamente desconhecido... e depois, subitamente, saiu para uma clareira, e compreendeu que chegara ao lugar certo. As moitas eram maiores; o tronco do carvalho era ainda mais largo; e a clareira era alegre, com muitas flores de verão, como não acontecera naquele dia de novembro de 1327. Mas ele não tinha a menor dúvida: era como um rosto que não via há anos, um rosto que mudara um pouco, mas continuava inconfundível.

Um Merthin mais baixo e magricela rastejara para baixo daquela moita, para se esconder do homem enorme, que avançava barulhento pelo mato. Ele recordou como um exausto e ofegante Thomas parara, encostado naquele carvalho, e desembainhara a espada e a adaga.

Viu em sua imaginação a repetição dos acontecimentos daquele dia. Os homens de libré amarela e verde alcançaram Thomas e perguntaram por uma carta. Thomas distraiu os homens, ao dizer que eram observados por alguém escondido numa moita. Merthin teve certeza de que ele e os outros seriam assassinados... e, nesse momento, Ralph, com apenas dez anos, matou um dos homens de armas, demonstrando os reflexos rápidos e implacáveis que tão bem o serviram, anos mais tarde, nas guerras francesas. Thomas liquidou o outro homem, não sem antes sofrer o ferimento que redundara na perda de seu braço esquerdo, apesar - ou talvez por causa - do tratamento que recebera no hospital do Priorado de Kingsbridge. Em seguida, Merthin ajudou Thomas a enterrar a carta.

Bem aqui, disse Thomas. Na frente do carvalho.

Havia um segredo na carta, Merthin sabia agora; um segredo tão poderoso que pessoas em altas posições tinham pavor de que ele fosse revelado.

O segredo proporcionava proteção a Thomas, mas mesmo assim ele procurara santuário num mosteiro, onde passara o resto de sua vida.

Se souber que eu morri, gostaria que abrisse o buraco e entregasse a carta a um padre, dissera Thomas ao menino Merthin.

Merthin, o homem, levantou a pá e começou a cavar.

Não tinha certeza se era mesmo essa a intenção de Thomas. A carta enterrada fora uma precaução para Thomas não morrer de forma violenta, em vez de causas naturais, aos cinquenta e oito anos de idade. Será que ele ainda gostaria que a carta fosse desenterrada? Merthin não sabia. Decidiria o que fazer quando lesse a carta. Sentia uma curiosidade irresistível pelo conteúdo.

Sua memória do local exato em que enterrara a bolsa com a carta não era perfeita, e ele errou na primeira tentativa. Escavou por quase meio metro antes de perceber o erro: tinha certeza de que o buraco não fora além dos trinta centímetros. Tentou de novo, um pouco para a esquerda.

E desta vez acertou.

Trinta centímetros abaixo da superfície, a pá bateu em alguma coisa que não era terra. Era mole, mas resistente. Ele largou a pá no lado e enfiou os dedos no buraco. Sentiu um pedaço de couro antigo, apodrecido. Com todo cuidado, deslocou a terra ao redor e levantou o objeto. Era a bolsa de couro que Thomas levava no cinto tantos anos antes.

Ele limpou as mãos sujas de terra na túnica e abriu-a.

Lá dentro havia um saco de lã oleada, ainda intacto. Ele afrouxou o cordão para abrir o saco. Tirou uma folha de pergaminho, enrolada e lacrada com cera.

Merthin a manuseava com o maior cuidado, mas mesmo assim a cera se esfarelou quando ele a tocou. Desenrolou o pergaminho. Estava intacto: sobrevivera muito bem a trinta e quatro anos debaixo da terra.

Ele verificou no mesmo instante que não era um documento oficial, mas sim uma carta pessoal. Pela letra, dava para perceber que fora escrita com todo cuidado por um nobre instruído, porque não era a escrita de um escrivão experiente.

Começou a ler:

De Edward, o segundo desse nome, rei da Inglaterra, no Castelo de Berkeley; pela mão de seu fiel servidor, Sir Thomas Langley; para seu amado filho mais velho, Edward; saudação real e amor paternal.

Merthin sentiu-se assustado. Era uma mensagem do velho rei para o novo. A mão que segurava o documento tremia agora. Ele levantou os olhos e esquadrinhou a paisagem verde ao redor, como se pudesse haver alguém espiando através das moitas.

Meu amado filho, você ouvirá em breve a notícia de que eu morri. Saiba que não é verdade.

Merthin franziu o rosto. Não era isso o que esperava.

Sua mãe, a rainha, a esposa de meu coração, corrompeu e subverteu Roland, o conde de Shiring, e seus filhos, que mandaram assassinos para cá; mas fui avisado por Thomas, e os assassinos foram mortos.

Portanto, Thomas não fora o assassino, no final das contas, mas o salvador do rei.

Sua mãe, depois de fracassar na tentativa de me matar, vai sem dúvida tentar de novo, pois ela e seu consorte adúltero não podem se sentir seguros enquanto eu estiver vivo. Por isso, troquei de roupa com um dos assassinos abatidos, um homem da minha altura e aparência geral, e subornei várias pessoas para jurarem que o corpo morto era o meu. Sua mãe saberá a verdade quando avistar o corpo, mas aceitará a farsa; pois se eu for considerado morto, não serei mais uma ameaça para ela, e nenhum rebelde ou rival na disputa do trono

poderá reivindicar meu apoio.

Merthin estava espantado. A nação pensara que Edward II havia morrido. Toda a Europa fora enganada.

Mas o que acontecera com ele depois?

Não direi para onde planejo ir, mas saiba que tenciono deixar o reino da Inglaterra e nunca mais voltar. Apesar disso, rezo para tornar a vê-lo, meu filho, antes de morrer.

Por que Thomas enterrara aquela carta em vez de entregá-la? Porque temera por sua vida, e concluíra que a carta era uma arma poderosa em sua defesa. E depois que a rainha Isabella se comprometera com a farsa da morte do marido, precisava lidar com as poucas pessoas que conheciam a verdade. Merthin recordou agora que o conde de Kent, no tempo em que ele ainda era adolescente, fora condenado por traição e decapitado, por alegar que Edward II ainda vivia.

A rainha Isabella enviara homens atrás de Thomas, e eles haviam-no alcançado nos arredores de Kingsbridge. Mas Thomas liquidara-os, com a ajuda de Ralph, um menino de dez anos. Depois, Thomas devia ter ameaçado denunciar toda a farsa... e tinha uma prova, a carta do velho rei. Naquela noite, deitado no hospital do Priorado de Kingsbridge, Thomas negociara com a rainha, ou mais provavelmente com o conde Roland e

seus filhos, como agentes dela. Prometera guardar o segredo, sob a condição de ser aceito como monge. Ele se sentiria mais seguro no mosteiro... e para o caso de a rainha se sentir tentada a romper o acordo, deveria ter avisado que a carta fora escondida em lugar seguro, mas que seria revelada no caso de sua morte. Era o motivo para que a rainha precisasse mantê-lo vivo.

O velho prior Anthony soubera de alguma coisa. Antes de morrer, contara para madre Cecilia, que por sua vez, em seu leito de morte, repetira parte da história para Caris. As pessoas podiam guardar segredos por décadas, refletiu Merthin, mas sentiam-se compelidas a dizer a verdade quando a morte era iminente. Caris também vira o documento incriminador que concedia Lynn Grange ao priorado, sob a condição de Thomas ser aceito como monge. Merthin agora compreendia por que as indagações dissimuladas de Caris sobre aquele documento haviam causado tantos problemas. Sir Gregory Longfellow persuadira Ralph a entrar no mosteiro e roubar todos os cartulários, na esperança de encontrar a carta ameaçadora.

O poder destrutivo daquela folha de velino fora atenuado com a passagem do tempo? Isabella levava uma longa vida, mas morrera três anos antes. O próprio Edward II estava quase que certamente morto... se vivo, estaria com setenta e sete anos agora. Edward III ainda temia a revelação de que o pai continuava vivo quando o mundo pensava que ele havia morrido? Era um rei muito forte agora para ser seriamente ameaçado, mas enfrentaria grande embaraço e humilhação.

Mas o que Merthin devia fazer?

Ele permaneceu onde estava, sentado na relva da clareira na floresta, entre flores silvestres, por um longo tempo. Finalmente enrolou o pergaminho, tornou a guardá-lo no saco, e pôs o saco na velha bolsa de couro.

Largou a bolsa no fundo do buraco e tapou-o. Também tapou o primeiro buraco, o errado. Alisou a terra por cima de ambos. Tirou algumas folhas dos galhos e espalhou-as na frente do velho carvalho. Ficou satisfeito com o resultado: as escavações não eram mais visíveis a um olhar casual.

Depois, ele deixou a clareira e voltou para casa.

No final de agosto, o conde Ralph fez uma excursão por suas propriedades em torno de Shiring, acompanhado por seu antigo comparsa, Sir Alan Fernhill, e pelo filho recém-descoberto, Sam. Ele gostava da companhia de Sam, que era um filho já crescido. Os outros filhos, Gerry e Roley, ainda eram muito jovens para aquele tipo de excursão. Sam não sabia sobre sua paternidade, mas Ralph acalentava o segredo com prazer.

Ficaram horrorizados pelo que viam ao redor. Centenas de servos de Ralph estavam mortos ou morrendo, o trigo apodrecia nos campos sem ser colhido. Enquanto viajavam de um lugar para outro, a raiva e a frustração de Ralph foram aumentando. Seus comentários sarcásticos intimidavam os companheiros, e sua irritação deixava o cavalo irrequieto.

Em cada aldeia, além das terras que eram ocupadas pelos servos, havia alguns acres que eram mantidos exclusivamente para uso pessoal do conde. Deveriam ser cultivados por seus empregados e pelos servos obrigados a trabalhar para ele um dia por semana. Eram justamente as terras que se encontravam em piores condições. Muitos de seus empregados haviam morrido; o que também acontecera com alguns dos servos que lhe deviam trabalho; outros servos haviam negociado condições mais favoráveis depois da última peste, e por isso não tinham mais de trabalhar para o senhor; e, finalmente, era impossível encontrar trabalhadores para contratar.

Quando chegou a Wigleigh, Ralph foi direto para os fundos do solar e deu uma olhada no enorme celeiro de madeira. Aquela altura, deveria estar abarrotado de cereais para a moagem... mas se encontrava vazio, com uma gata dando à luz uma ninhada no canto.

- O que teremos para fazer o pão? - berrou ele para Nathan Reeve. - Sem cevada para fazer a cerveja, o que vamos beber? Por Deus, é melhor você ter um plano!

Nate reagiu de uma maneira um tanto brusca.

- Tudo o que podemos fazer é redistribuir as faixas de terra.

Ralph se surpreendeu com a rispidez. Nate era em geral um bajulador. Nate lançou um olhar furioso para o jovem Sam, e Ralph compreendeu o motivo do comportamento do verme. Nate odiava Sam por ter matado seu

filho, Jonno. Em vez de punir Sam, Ralph primeiro o perdoara, e depois o fizera um pajem. Não era de admirar que Nate se mostrasse ressentido.

- Deve haver alguns jovens na aldeia capazes de cultivar alguns acres extras.

- Há, sim, só que não querem pagar a taxa de acesso.

. - Querem a terra de graça?

- Isso mesmo. Podem ver que você tem terra demais e não dispõe de trabalhadores em quantidade suficiente para cultivar tudo. Sabem que estão numa posição vantajosa para negociar.

No passado, Nate era sempre o primeiro a condenar a arrogância dos camponeses, mas agora ele parecia estar se divertindo com o dilema de Ralph.

- Agem como se a Inglaterra pertencesse a eles, não à nobreza - resmungou Ralph, furioso.

- É vergonhoso, milorde - disse Nate, mais polido, com uma expressão insidiosa surgindo em seu rosto. - Por exemplo, o filho de Wulfric, Davey, quer casar com Amabel e assumir as terras da mãe dela. Faz sentido. Afinal, Annet nunca foi capaz de cultivar direito suas terras.

Sam interveio:

- Meus pais não pagariam a taxa de acesso... são contra o casamento.

- Mas o próprio Davey poderia pagar - disse Nate. Ralph ficou surpreso.

- Como?

- Ele vendeu aquela colheita nova que plantou na floresta.

- Garançã. É evidente que não fizemos um trabalho metuculoso para pisotear tudo. Quanto ele ganhou?

- Ninguém sabe. Mas Gwenda comprou uma vaca leiteira de pouca idade e Wulfric tem uma faca nova... e Amabel usava um lenço amarelo para cobrir a cabeça na igreja no domingo.

E um polpudo suborno foi oferecido a Nate, adivinhou Ralph.

- Detesto recompensar a desobediência de Davey - disse ele. - Mas estou desesperado. Deixe-o ficar com as terras.

- Teria de lhe conceder uma permissão especial para se casar contra a vontade dos pais.

Davey pedira isso a Ralph, que recusara. Mas isso ocorrera antes de a peste dizimar os camponeses. Ele não gostava de revogar tais decisões, mas era um pequeno preço a pagar.

- Eu lhe darei permissão.

- Está certo.

- Mas vamos visitá-lo. Quero fazer a oferta pessoalmente. Nite ficou surpreso, mas é claro que não fez nenhuma objeção.

A verdade era que Ralph queria ver Gwenda de novo. Havia alguma coisa nela que o deixava com a garganta ressequida. O último encontro, na pequena cabana de caça, não o satisfizera por muito tempo. Pensara em Gwenda com bastante frequência nas semanas desde então. Encontrava pouca satisfação hoje em dia com o tipo de mulher que normalmente levava para a cama: prostitutas jovens, mulheres de taverna, criadas. Todas fingiam estar encantadas com seus avanços, embora ele soubesse que elas só queriam o presente do dinheiro que vinha depois. Gwenda, em contraste, não escondia o fato de que o detestava e sentia calafrios ao seu contato; e isso o agradava, de uma forma paradoxal, porque era honesto e, portanto, real. Depois do encontro na cabana de caça, Ralph lhe dera uma bolsa com pennies de prata. Gwenda a jogara em cima dele com tanta força que machucara seu peito.

- Eles estão em Brookfield hoje, recolhendo a cevada colhida - informou Nate. - Eu os levarei até lá.

Ralph e seus homens deixaram a aldeia atrás de Nate. Subiram pela margem do córrego à beira do campo. Sempre ventava em Wigleigh, mas hoje a brisa de verão era suave e quente, como os seios de Gwenda.

Algumas faixas de terra ali haviam sido colhidas, mas em outras Ralph se desesperou ao ver a aveia madura demais, a cevada envolvida pelas ervas daninhas, e uma faixa de centeio que fora ceifado, mas não enfeitado, de tal forma que a colheita espalhava-se pelo chão.

Um ano antes Ralph pensara que todos os seus problemas financeiros haviam acabado. Voltara da mais recente guerra francesa com um cativo, o Marquês de Neuchatel, e negociara um resgate de cinquenta mil libras. Mas a família do marquês não conseguira levantar o dinheiro. Algo parecido acontecera com o rei francês, Jean II, capturado pelo príncipe de Gales na batalha de Poitiers. O rei Jean permanecera em Londres por quatro anos, tecnicamente como um prisioneiro, embora vivendo em conforto no Savoy, o novo palácio construído pelo duque de Lancaster. Ralph mandara Alan Fernhill a Neuchatel para renegociar o resgate do prisioneiro. Alan reduzira o preço para vinte mil libras, mas outra vez a família não fora capaz de pagar. Pouco depois, o marquês morrera da

peste. Por isso, Ralph estava insolvente de novo e tinha de se preocupar com a colheita.

Era meio-dia. Os camponeses almoçavam, ao lado do campo. Gwenda, Wulfnc e Davey sentavam no chão, à sombra de uma árvore, comendo carne de porco com cebolas cruas. Levantaram-se de um pulo quando os cavalos se aproximaram. Ralph seguiu até a família de Gwenda e acenou para que os outros mantivessem a distância.

Gwenda usava um vestido verde solto que ocultava seu corpo. Os cabelos estavam presos atrás, o que deixava seu rosto ainda mais parecido com um rato. Mas quando Ralph fitou-a, em sua imaginação viu-a nua, pronta, à sua espera, com uma expressão de repulsa resignada pelo que ele estava prestes a fazer; e isso o deixou excitado.

Ralph olhou para o marido dela. Wulfric fitava-o com uma expressão serena, nem de desafio nem intimidada. Havia agora fios brancos na barba de um castanho-claro, mas ainda não crescera nenhum cabelo na cicatriz deixada pela espada de Ralph.

- Wulfric, seu filho quer casar com Amabel e assumir as terras de Annet. Gwenda, que nunca aprendera a falar apenas quando lhe dirigiam a palavra,

interveio com evidente amargura: ,

- Você me roubou um filho... quer levar o outro agora?

Ralph ignorou-a.

- Quem pagará o heriot? Nate deu o valor:

- São trinta shillings.

- Não tenho trinta shillings - declarou Wulfric.

- Posso pagar - disse Davey, calmamente.

Ele deve ter ganhado um bom dinheiro com sua colheita de garança, pensou Ralph, para se dispor a pagar essa quantia alta com tanta calma.

- Ótimo. Neste caso...

Mas antes que Ralph pudesse continuar, Davey interrompeu-o:

- Mas em que condições faz a oferta? Ralph sentiu que seu rosto ficava vermelho.

- Como assim?

Nate interveio de novo:

- Nas mesmas condições em que Annet detém as terras, é claro.

- Então agradeço ao conde, mas não aceitarei sua generosa oferta - declarou Davey.

- Mas do que está falando? - indagou Ralph.

- Eu gostaria de assumir a terra, milorde, mas apenas como um arrendatário livre, pagando o arrendamento em dinheiro, sem as outras obrigações.

Sir Alan perguntou, ameaçador:

- Como ousa regatear com o conde de Shiring, seu filhote de cão insolente? Davey estava assustado, mas manteve a atitude de desafio.

- Não desejo ofender, milorde. Mas quero ter liberdade para cultivar a colheita que puder vender. Não quero cultivar apenas o que Nate Reeve determina, independentemente dos preços de mercado.

Davey herdara a veia de determinação obstinada de Gwenda, pensou Ralph, que disse, furioso:

- Nate expressa meus desejos! Acha que sabe mais do que o conde?

- Perdoe-me, milorde, mas o senhor não ara a terra nem vai ao mercado. Alan estendeu a mão para o punho da espada. Ralph percebeu que Wulfric olhava para a foice, no chão, a lâmina afiada faiscando ao sol. Do outro lado de Ralph, o cavalo de Sam agitou-se, nervoso, refletindo a tensão do cavaleiro. Se houvesse uma luta, pensou Ralph, Sam lutaria por seu lorde, ou por sua família? Ralph não queria uma luta. Queria que a colheita fosse feita, e matar camponeses tornaria isso ainda mais difícil. Ele conteve Alan com um gesto.

- É assim que a peste destrói a moral - comentou ele, repugnado. - Eu lhe darei o que quer, Davey, porque devo.

Davey engoliu em seco e indagou:

- Por escrito, milorde?

- Está exigindo também um aforamento?

Davey acenou com a cabeça em confirmação, assustado demais para falar.

- Duvida da palavra de seu conde?

- Não, milorde.

- Então por que pede um arrendamento por escrito?

- Para evitar dúvidas em anos futuros.

Todos diziam isso quando pediam um aforamento, o registro nos livros do solar. O que eles queriam dizer era que o senhor não poderia facilmente alterar os termos se o arrendamento estivesse escrito. Era mais uma afronta às tradições consagradas pelo tempo. Ralph não queria fazer mais

uma concessão... mas outra vez não tinha opção, se queria que a colheita fosse feita.

E foi então que ele pensou numa maneira de aproveitar aquela situação para obter uma coisa que queria. Sentiu-se reanimado no mesmo instante.

- Está bem. Darei um arrendamento por escrito. Mas não quero que os homens deixem os campos durante a colheita. Sua mãe pode ir buscar o documento em Earlscastle na próxima semana.

Gwenda seguiu a pé para Earlscastle num dia quente, sufocante. Sabia o que Ralph queria, e a perspectiva deixava-a desesperada. Ao atravessar a ponte levadiça para o castelo, as gralhas pareciam rir desdenhosas de sua situação angustiante.

O sol esquentava implacável o castelo, com as muralhas bloqueando a passagem de qualquer brisa. Os pajens estavam empenhados em algum jogo na frente do estábulo. Sam se encontrava entre eles, absorvido demais para notar a presença de Gwenda.

Haviam amarrado um gato num poste, no nível dos olhos, de tal maneira que o animal podia mexer a cabeça e as pernas. Um pajem tinha de matar o gato com as mãos amarradas nas costas. Gwenda já vira esse jogo antes. A única maneira de o pajem alcançar seu objetivo era atingir o pobre animal com uma cabeçada, mas o gato naturalmente se defendia, arranhando e mordendo o rosto do atacante. O desafiante, um garoto em torno dos dezesseis anos, mantinha-se a alguma distância do poste, observado pelo gato apavorado. O garoto avançou com a cabeça num movimento repentino. A testa acertou em cheio no peito do gato, mas o animal reagiu com as garras estendidas. O pajem soltou um grito de dor e pulou para trás, o sangue escorrendo pelas faces. Todos os outros pajens caíram na gargalhada. Enfurecido, o desafiante adiantou-se e deu outra cabeçada no gato. Foi arranhado de forma ainda pior, tornou a gritar de dor, o que os outros acharam ainda mais engraçado. Chegando mais perto, ele simulou um ataque, o gato agitou as patas no ar, e o pajem acertou uma cabeçada em cheio na sua cabeça. O sangue esguichou da boca e das narinas do gato, que arriou, inconsciente, embora ainda respirando.

O garoto deu uma cabeçada final para matá-lo, e os outros gritaram e bateram palmas.

Gwenda sentiu-se nauseada. Não gostava muito de gatos - preferia cachorros -, mas era sempre desagradável ver uma criatura desamparada ser atormentada. Calculou que os rapazes tinham de fazer aquele tipo de

coisa como preparativo para mutilar e matar seres humanos na guerra. Mas precisava mesmo ser assim?

Ela seguiu adiante sem falar com o filho. Suada, atravessou a segunda ponte e subiu os degraus para a torre. Ainda bem que o vasto salão estava fresco.

Sentia-se contente por não ter sido vista por Sam. Esperava evitá-lo tanto quanto possível. Não queria que ele desconfiasse de que havia alguma coisa errada. Sam não era muito sensível a essas coisas, mas poderia perceber a aflição da mãe.

Ela comunicou ao chefe da recepção no salão por que estava ali, e ele prometeu avisar ao conde.

- Lady Philippa está no castelo?

Gwenda acalentava alguma esperança de que Ralph pudesse se sentir inibido pela presença da esposa. Mas o homem sacudiu a cabeça.

- Ela está em Monmouth, com a filha.

Gwenda assumiu uma expressão sombria e sentou para esperar. Não podia deixar de pensar em seu encontro com Ralph na cabana de caça. Ao olhar para a parede cinza do vasto salão, ela viu-o a observá-la enquanto se despia, a boca entreaberta em expectativa. Ao mesmo tempo em que a intimidade do sexo era uma alegria com o homem que ela amava, era repulsiva com um homem que ela odiava.

Na primeira vez em que Ralph a coagira, há mais de vinte anos, seu corpo a traía. Sentira um prazer físico, embora experimentasse ao mesmo tempo uma repulsa espiritual. O mesmo ocorrera com Alwyn, o salteador da floresta. Mas não se repetira desta vez, com Ralph, na cabana de caça. Ela atribuíra a mudança à idade. Quando era jovem, cheia de desejo, o ato físico desencadeava uma reação automática... uma coisa que não podia evitar, embora a deixasse ainda mais envergonhada. Agora, em sua maturidade, o corpo não era tão vulnerável, o reflexo não era tão imediato. Podia pelo menos se sentir agradecida por isso.

A escada no outro lado do salão levava aos aposentos do conde. Homens subiam e desciam a todo instante: cavaleiros, empregados, arrendatários, bailiffs. Depois de uma hora, o chefe da recepção avisou que ela podia subir.

Gwenda teve medo de que Ralph quisesse fazer sexo logo, mas ficou aliviada ao descobrir que ele tinha um dia movimentado. Com ele estavam

Sir Alan e dois padres escrivães, sentados a uma mesa, com materiais de escrita. Um dos escrivães entregou-lhe um pequeno pergaminho.

Ela não examinou. Não sabia ler.

- Pronto - disse Ralph. - Agora seu filho é um arrendatário livre. Não é isso o que você sempre quis?

Ela sonhara com a liberdade para si mesma, como Ralph sabia. Jamais conseguira... mas Ralph tinha razão, Davey conquistara agora essa liberdade. Isso significava que sua vida não fora completamente desprovida de propósito.

Seus netos seriam livres e independentes, cultivando as colheitas que escolhessem, pagando o arrendamento e ficando com todo o resto que ganhassem. Nunca conheceriam a existência miserável de pobreza e fome em que Gwenda nascera.

Isso valia tudo por que passara? Ela não sabia.

Gwenda encaminhou-se para a porta, levando o pergaminho. Alan foi atrás e disse, em voz baixa, no momento em que ela saía:

- Passe a noite aqui, no salão. - O grande salão era o lugar em que dormia a maioria dos residentes do castelo. - Amanhã, na cabana de caça, duas horas depois de meio-dia.

Ela tentou sair sem responder. Alan estendeu o braço para barrar sua passagem.

- Entendido?

- Está bem. Estarei lá à tarde. Ele deixou-a passar.

Ela não falou com Sam até o anoitecer. Os pajens passaram a tarde inteira empenhados em diversas atividades violentas. Gwenda sentiu-se contente por contar com aquele tempo só para si mesma. Sentou no salão fresco, sozinha com seus pensamentos. Tentou racionalizar que não era nada demais ter uma relação sexual com Ralph. Não era mais uma virgem, no final das contas. Era casada há vinte anos. Fizera sexo milhares de vezes. Tudo acabaria em poucos minutos, e não deixaria cicatrizes. Faria aquilo e esqueceria.

Até a próxima vez.

O que era o pior de tudo. Ele poderia continuar a coagi-la indefinidamente. Sua ameaça de revelar o segredo da paternidade de Sam a deixaria apavorada enquanto Wulfric fosse vivo.

Mas Ralph se cansaria dela em breve e voltaria a procurar prazer nos corpos firmes das jovens das tavernas, não é mesmo?

- O que há com você? - perguntou Sam, ao crepúsculo, quando os pajens entraram no salão para jantar.

- Não é nada demais. Davey comprou uma vaca leiteira para mim.

Sam parecia um pouco invejoso. Gostava da vida que levava, mas os pajens não eram remunerados. Não precisavam de dinheiro - recebiam comida, bebida, acomodações, roupas -, mas mesmo assim um jovem gostava de ter alguns pennies no bolso. Conversaram sobre o iminente casamento de Davey.

- Você e Annet serão avós dos mesmos netos - comentou Sam. - Terá de fazer as pazes com ela.

- Não seja estúpido - disse Gwenda, ríspida. - Você não sabe do que está falando.

Ralph e Alan desceram dos aposentos de cima quando o jantar foi servido. Todos os visitantes e residentes se reuniram no salão. O pessoal da cozinha trouxe três enormes lúcios, cozidos com ervas. Gwenda sentou perto da extremidade da mesa, bem longe de Ralph, que não lhe dispensou qualquer atenção.

Depois do jantar, ela deitou para dormir na palha espalhada no chão, ao lado de Sam. Era um conforto dormir em companhia do filho, como fazia quando ele era pequeno. Ela lembrou como ficava escutando a respiração de Sam, suave e contente, no silêncio da noite. Sonolenta, pensou na maneira como as crianças cresciam para desafiar as expectativas dos pais. Seu próprio pai queria tratá-la como uma mercadoria a ser negociada, mas ela se recusara, furiosa, a ser tratada dessa maneira. Agora, cada um de seus filhos seguia o próprio rumo na vida, e nos dois casos não era o que ela planejara. Sam seria um cavaleiro, e Davey casaria com a filha de Annet. Se soubéssemos como eles seriam, pensou ela, ficaríamos tão ansiosos em tê-los?

Ela sonhou que ia à cabana de caça e descobria que Ralph não estava ali. Mas havia um gato na cama. Sabia que precisava matar o gato, mas tinha as mãos amarradas nas costas, e por isso desferiu várias cabeçadas, até que o animal morreu.

Quando acordou, especulou se poderia matar Ralph na cabana de caça.

Majara Alwyn, tantos anos antes, enfiando a própria adaga dele pela garganta e empurrando para cima, até que a ponta saía por um olho. Também majara Sim Chapman, mantendo sua cabeça debaixo d'água, enquanto ele se debatia, até que a água do rio entrara em seus pulmões e ele morrera. Se Ralph fosse sozinho à cabana de caça, ela poderia matá-lo, se escolhesse o momento apropriado.

Mas ele não estaria sozinho. Os condes nunca iam sozinhos a qualquer lugar. Ralph seria acompanhado por Alan, como na ocasião anterior. Era excepcional que ele viajasse com apenas um companheiro. E improvável que não levasse ninguém.

Poderia matar os dois? Ninguém mais sabia que ela se encontraria com Ralph ali. Se os matasse e voltasse para casa, não seria sequer suspeita. Ninguém sabia de seu motivo... era um segredo, desde o início. Alguém poderia concluir que ela estivera nas proximidades da cabana de caça na ocasião, mas apenas perguntariam se ela vira homens de aparência suspeita... não ocorreria a ninguém que o enorme e forte Ralph pudesse ser assassinado por uma mulher pequena de meia-idade.

Mas ela seria capaz? Gwenda pensou a respeito, mas sabia no fundo de seu coração que não havia a menor possibilidade. Os dois eram homens de violência, experientes. Há vinte anos participavam de guerras, a mais recente a campanha no inverno retrasado. Tinham reflexos rápidos e suas reações eram mortíferas. Muitos cavaleiros franceses haviam tentado matá-los... e morreram na tentativa.

Ela até poderia matar um, usando a astúcia e surpresa, mas não os dois.

Teria de se submeter a Ralph.

Sombria, Gwenda deixou o salão, lavou o rosto e as mãos. Quando voltou ao salão, o pessoal da cozinha já estava servindo pão de centeio e cerveja fraca para a primeira refeição. Sam molhava o pão velho na cerveja para amolecê-lo.

- Você está de novo com aquela cara estranha, mãe. Qual é o problema?

- Não há nenhum. - Ela pegou a faca e cortou uma fatia de pão. - Tenho uma longa caminhada pela frente.

- É isso o que a preocupa? Não deveria ir sozinha. A maioria das mulheres não viaja sozinha.

- Sou mais dura do que a maioria das mulheres. - Gwenda sentia-se satisfeita pelo fato de o filho demonstrar preocupação com ela. Era uma coisa que o verdadeiro pai dele, Ralph, nunca faria.

Wulfric tivera alguma influência sobre o menino, no final das contas. Mas ela ficou embaraçada por Sam ter lido sua expressão e adivinhado seu estado de espírito. - Não precisa se preocupar comigo.

- Eu poderia ir com você - propôs Sam. - Tenho certeza de que o conde permitiria. Ele não precisa dos pajens hoje... vai para algum lugar com Alan Fernhill.

Era a última coisa que ela queria. Se não comparecesse ao encontro, Ralph revelaria o segredo. Podia imaginar o prazer que Ralph teria ao fazer isso. Não precisaria de muita provocação.

- Fique aqui. Nunca se sabe quando o conde vai chamá-lo.

- Ele não vai me chamar. É melhor eu ir com você.

- Proíbo terminantemente. - Gwenda pôs na boca mais um pedaço de pão e guardou o resto na bolsa. - Você mostra que é um bom rapaz ao se preocupar comigo, mas não é necessário.

Ela beijou-o no rosto e acrescentou:

- Cuide-se bem. Não corra riscos desnecessários. Se quer fazer alguma coisa por mim, permaneça vivo.

Ela afastou-se. Virou-se ao chegar na porta. Sam observava-a, pensativo. Gwenda forçou-se a lhe oferecer o que esperava ser um sorriso despreocupado, antes de sair.

Na estrada, Gwenda começou a se preocupar com a possibilidade de alguém descobrir sua ligação com Ralph. Essas coisas sempre davam um jeito de vazar. Encontrara-o uma vez, estava prestes a fazê-lo pela segunda vez, e temia que pudesse haver outras ocasiões. Quanto tempo levaria para que alguém a visse deixando a estrada e entrando na floresta em determinado ponto da jornada, e começasse a especular por quê? E se alguém por acaso entrasse na cabana de caça no momento errado? Quantas pessoas notariam que Ralph saía sozinho com Alan sempre que Gwenda viajava de Earlscastle para Wigleigh?

Ela parou numa taverna pouco antes de meio-dia, e tomou cerveja com queijo. Os viajantes costumavam sair dali em grupos, por segurança, mas Gwenda fez questão de se demorar, para ter certeza de que estaria sozinha na estrada. Quando chegou o momento de entrar na floresta, olhou para a frente e para trás, para se certificar de que ninguém a observava. Teve a impressão de divisar um movimento entre as árvores, a cerca de um quilômetro para trás. Espiou atentamente para a distância nebulosa,

tentando divisar com mais nitidez o que percebera; mas não havia ninguém ali. Ela estava apenas nervosa.

Pensou outra vez em matar Ralph, enquanto avançava pelo mato rasteiro. Se Alan não estivesse ali, por um golpe de sorte, poderia ter uma oportunidade? Mas Alan era a única pessoa no mundo que sabia que ela se encontraria ali com Ralph. Se Ralph fosse assassinado, Alan saberia quem fora a assassina. Teria de matá-lo também. E isso parecia impossível.

Havia dois cavalos na frente da cabana de caça. Ralph e Alan sentavam a uma pequena mesa, com os restos de uma refeição à frente: metade de um pernil, um osso de pernil, a casca de um queijo e um frasco de vinho.

Gwenda fechou a porta depois de entrar.

- Aqui está ela, como foi combinado - disse Alan, com um ar de satisfação. Era evidente que ele recebera a incumbência de atraí-la para o encontro, e sentia-se aliviado ao constatar que Gwenda obedecera às suas ordens.

- Perfeita para sua sobremesa - acrescentou ele. - Como uma passa, um pouco enrugada, mas doce.

Gwenda perguntou a Ralph:

- Por que não manda ele sair? Alan levantou-se.

- Sempre o comentário insolente. Você nunca vai aprender?

Mas ele se retirou. Foi para a cozinha, batendo a porta. Ralph sorriu.

- Venha até aqui.

, Ela se aproximou, obediente.

- Direi a Alan para não ser tão rude, se você quiser - acrescentou ele.

- Por favor, não faça isso! - exclamou ela, horrorizada. - Se Alan começar a ser simpático comigo, as pessoas vão especular por quê.

- Como preferir. - Ralph pegou sua mão e tentou puxá-la. - Sente no meu colo.

- Não podemos apenas ter uma relação e acabar logo com isso? Ele riu.

- É o que aprecio em você... sempre é franca e honesta.

Ralph levantou-se, segurou-a pelos ombros, e fitou-a nos olhos; depois, inclinou a cabeça e beijou-a.

Era a primeira vez que ele fazia isso. Já haviam feito sexo duas vezes sem qualquer beijo. Agora, Gwenda ficou revoltada. Enquanto os lábios de Ralph comprimiam os seus, sentiu-se mais violada até do que no momento em que ele a penetrava com o pênis. Ele abriu a boca, e Gwenda sentiu o bafo de queijo. Desvencilhou-se, repugnada.

-Não!

- Lembre-se do que tem a perder.
- Não faça isso, por favor. Ralph começou a se irritar.
- Terei você de qualquer maneira! - gritou ele. - Tire o vestido!
- Por favor, deixe-me ir embora.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas Gwenda elevou a voz. As paredes eram finas, e ela sabia que Alan, na cozinha, poderia ouvi-la suplicando, mas não se importava.

- Não me obrigue, eu suplico!
- Não me importa o que você diga! - gritou ele. - Vá para a cama!
- Por favor, não me obrigue!

A porta da frente foi aberta nesse instante. Gwenda e Ralph se viraram para olhar, aturdidos. Sam estava na porta.

- Oh, Deus, não! - balbuciou Gwenda.

Os três se mantiveram paralisados por uma fração de segundo. Nesse momento, Gwenda adivinhou o que acontecera. Sam estava preocupado com ela e - desobedecendo suas ordens - seguira-a desde Earls castle, permanecendo fora de vista, mas nunca muito atrás. Vira-a deixar a estrada e entrar na floresta ela percebera um movimento quando olhara para trás, mas descartara-o como uma mera impressão de sua imaginação. Sam devia ter parado lá fora e ouvido os gritos. E devia ser óbvio que Ralph se encontrava no processo de forçar Gwenda a um sexo indesejado; e recordando tudo num relance, ela compreendeu que eles não haviam mencionado o verdadeiro motivo para que ela se submetesse. O segredo não fora revelado... ainda.

Sam sacou sua espada.

Ralph levantou-se de um pulo. Enquanto Sam avançava, ele conseguiu também desembainhar sua espada. Sam desferiu um golpe contra a cabeça de Ralph, que levantou sua espada a tempo de apará-lo.

O filho de Gwenda estava tentando matar o pai.

Sam corria um terrível perigo. Pouco mais que um menino, enfrentava um soldado calejado em batalha.

- Alan! - gritou Ralph.

E Gwenda compreendeu que Sam tinha de enfrentar não apenas um, mas dois veteranos.

Ela correu para o outro lado. Enquanto a porta da cozinha era aberta, Gwenda postou-se no lado, comprimindo-se contra a parede. Tirou a adaga comprida do cinto.

Alan entrou na sala.

Olhou para os combatentes, mas não viu Gwenda. Hesitou por um instante, apreendendo a cena. A espada de Sam tornou a cortar o ar, visando ao pescoço de Ralph, que outra vez aparou o golpe com sua espada.

Alan percebeu à primeira vista que seu amo estava sob um ataque furioso. Estendeu a mão para o cabo da espada, e deu um passo à frente. E foi então que Gwenda o apunhalou pelas costas.

Ela enfiou a adaga comprida e empurrou-a para cima, com toda a força de que era capaz, com o vigor de uma camponesa que trabalhava nos campos. A adaga passou pelos músculos das costas de Alan, subiu pelo rim, estômago e pulmão, na tentativa de alcançar o coração. A arma tinha cerca de um palmo de comprimento, era pontuda e afiada, e foi cortando os órgãos; mas a morte não foi imediata.

Alan rugiu de dor, mas logo ficou em silêncio. Cambaleou, virou-se para agarrá-la, puxando-a num abraço de luta livre. Gwenda desferiu outro golpe, desta vez atingindo o estômago, com o mesmo impulso para cima, atravessando órgãos vitais. O sangue esguichou pela boca de Alan. Ele ficou inerte, os braços caíram pelos lados do corpo. Fitou-a por um momento, com uma expressão de absoluta incredulidade, aquela mulher desprezível que acabara com sua vida. Depois, fechou os olhos e desabou no chão.

Gwenda olhou para os outros dois.

Sam atacou e Ralph aparou; Ralph recuou e Sam avançou; Sam golpeou de novo e Ralph aparou mais uma vez. Ralph defendia-se vigorosamente, mas sem atacar.

Ralph não queria matar seu filho.

Sam, sem saber que o oponente era seu pai, não tinha esses escrúpulos, e continuou a atacar.

Gwenda sabia que aquela situação não poderia perdurar por muito tempo. Um deles feriria o outro, e a luta passaria a ser até a morte. Empunhando a adaga ensanguentada, ela procurou desesperada por uma chance de interferir, apunhalando Ralph da mesma maneira como apunhalara Alan.

- Espere! - gritou Ralph, erguendo a mão esquerda.

Mas Sam estava furioso demais e continuou a atacar. Ralph aparou o golpe e gritou de novo:

- Espere!

Ele ofegava do esforço, mas conseguiu enunciar algumas palavras:

- Há uma coisa que você não sabe.

- Sei o suficiente! - berrou Sam.

Gwenda pôde ouvir o tom de histeria infantil na voz do homem enorme; e Sam atacou de novo.

- Não sabe, não! - insistiu Ralph.

Gwenda sabia o que Ralph queria dizer a Sam. Ele ia declarar Eu sou seu pai.

Isso não devia acontecer.

- Precisa me ouvir!

Sam finalmente reagiu. Deu um passo para trás, embora sem baixar a espada.

Ralph ofegava, recuperando o fôlego para falar; e quando ele fez uma pausa, Gwenda avançou.

Ele virou-se para enfrentá-la, ao mesmo tempo em que deslocava a espada para a direita, num arco. Sua lâmina atingiu-a, derrubando a faca de sua mão. Gwenda ficou completamente indefesa. Sabia que morreria se Ralph a golpeasse de novo, no sentido inverso.

Mas pela primeira vez desde que Sam sacara a espada, a guarda de Ralph se abriu, deixando a frente do corpo indefesa.

Sam adiantou-se e estendeu a espada para o peito de Ralph.

A ponta afiada da lâmina passou pela túnica leve de verão de Ralph e penetrou no peito, no lado esquerdo do esterno. Devia ter passado entre duas costelas, pois penetrou ainda mais fundo. Sam soltou um grito de triunfo, sedento de sangue, e pressionou a espada. Ralph cambaleou para trás, sob o impacto. Os ombros bateram na parede. Mas Sam se adiantou, cravando a espada com toda a sua força. A espada pareceu atravessar todo o peito de Ralph. Houve um estranho baque quando a ponta da espada saiu pelas costas e atingiu a parede de madeira.

Os olhos de Ralph fixaram-se em Sam, e Gwenda compreendeu o que ele pensava. Ralph sabia que o ferimento era fatal. E nos últimos segundos de sua vida, refletia que fora morto pelo próprio filho.

Sam largou a espada, que não caiu. Estava cravada na parede, empalando Ralph de uma maneira sinistra. Sam recuou, transtornado.

Ralph ainda não morreria. Tentou erguer os braços, num esforço para segurar a espada e arrancá-la do peito. Mas não era mais capaz de

coordenar os movimentos. Gwenda pensou, num lampejo angustiante, que ele parecia com o gato que os pajens haviam amarrado no poste.

Ela abaixou-se e pegou sua adaga no chão.

E foi nesse instante, por mais incrível que pudesse parecer, que Ralph falou.

- Sam, eu sou...

O sangue esguichou da boca, numa golfada repentina, cortando suas palavras.

Graças a Deus, pensou Gwenda.

A torrente de sangue cessou tão depressa quanto começara, e Ralph falou de novo:

- Eu sou...

Desta vez ele foi impedido de continuar por Gwenda. Ela saltou para a frente, e enfiou a adaga na boca de Ralph. Ele soltou um som estrangulado horrível. A lâmina afundou na garganta.

Gwenda largou a adaga e recuou.

Ficou olhando para o que fizera, horrorizada. O homem que a atormentara por tanto tempo estava pregado na parede, como se crucificado, com uma espada através do peito e uma adaga na garganta. Ele não emitiu qualquer som, mas os olhos indicavam que ainda vivia, deslocando-se de Gwenda para Sam e de volta, em agonia, terror e desespero.

Eles ficaram imóveis, olhando para Ralph, em silêncio, esperando. Até que finalmente ele fechou os olhos.

A peste desapareceu em setembro. Pouco a pouco, o hospital de Caris foi se esvaziando, à medida que pacientes morriam sem que novos dessem entrada. Os quartos desocupados foram varridos e lavados. Lenha de juníperos foi acesa nas lareiras, impregnando o hospital com uma intensa fragrância de outono. No início de outubro, a última vítima da peste foi enterrada no cemitério do hospital. Um sol vermelho enevoadado subia pela Catedral de Kingsbridge no momento em que quatro freiras jovens e fortes baixaram o cadáver amortalhado para o buraco na terra. O corpo era de um tecelão corcunda de Outhenby. Ao contemplar a sepultura, Caris viu sua inimiga antiga, a peste, estendida na terra fria. Não pôde deixar de murmurar:

- Você morreu mesmo, ou voltará mais uma vez?

Quando as freiras retornaram ao hospital, depois do funeral, não havia nada a fazer.

Caris lavou o rosto, escovou os cabelos, e pôs o vestido novo que guardara para aquele dia. Era um vermelho de Escarlata de Kingsbridge. Depois, ela deixou o hospital, pela primeira vez em meio ano.

Seguiu imediatamente para o jardim de Merthin.

As pereiras projetavam sombras compridas ao sol da manhã. As folhas começavam a avermelhar e encrespar, com uns poucos frutos atrasados ainda pendendo dos galhos, arredondados e castanhos. Arn, o jardineiro, colhia lenha com um machado. Ao avistar Caris, ele ficou a princípio surpreso e assustado; mas depois compreendeu o que significava a presença dela ali, e seu rosto se desmanchou num sorriso. Arn largou o machado e correu para a casa.

Na cozinha, Em fazia um mingau, num fogo alegre. Olhou para Caris como se fosse uma aparição divina. Ficou tão comovida que beijou as mãos de Caris.

Ela subiu e entrou no quarto de Merthin.

Ele estava parado na janela, olhando para o rio, que corria além da frente da casa. Virou-se para ela. O coração de Caris quase parou ao contemplar o rosto familiar, irregular, a expressão de inteligência alerta, o humor rápido na contração dos lábios. Os olhos castanho dourados fitaram-na com uma profunda afeição, enquanto a boca se alargava num sorriso de boas-vindas. Merthin não demonstrou qualquer surpresa: já devia ter notado que menos e menos pacientes chegavam ao hospital e aguardava o retorno dela a qualquer dia. Parecia um homem cujas esperanças haviam se realizado.

Caris parou ao seu lado na janela. Ele passou o braço por seus ombros. Ela estendeu o braço em torno da cintura de Merthin. Havia mais alguns fios brancos na barba do que seis meses antes, e o halo de cabelos parecia ter recuado mais um pouco, embora talvez ela estivesse imaginando.

Por um momento, os dois ficaram olhando para o rio. A superfície se movimentava, interminável, brilhante como um espelho ou de um preto profundo, em padrões irregulares, sempre mudando e sempre igual.

- Acabou - murmurou Caris.

E eles se beijaram.

Merthin anunciou uma Feira de Outono especial para celebrar a reabertura da cidade. Foi realizada na última semana de outubro. A temporada dos negócios com lã já terminara, mas esta não era mais a principal mercadoria negociada em Kingsbridge. Milhares de pessoas vieram comprar o tecido escarlata pelo qual a cidade se tornara famosa.

No banquete da noite de sábado que inaugurou a feira, a guilda prestou uma homenagem a Caris. Embora Kingsbridge não tivesse escapado totalmente à nova erupção da peste, sofrera muito menos do que outras cidades. Quase todas as pessoas achavam que deviam a vida às precauções de Caris. Ela era a heroína de todos. Os membros da guilda insistiram em destacar seu trabalho. Madge Webber planejou uma nova cerimônia, em que Caris recebeu uma chave de ouro, simbolizando a chave do portão da cidade. Merthin sentiu-se muito orgulhoso.

No dia seguinte, domingo, Merthin e Caris foram à catedral. Os monges ainda continuavam em St.-John-in-the-Forest, e por isso a missa foi celebrada pelo padre Michael, da igreja paroquial de St. Peter, na cidade. Lady Philippa, condessa de Shiring, compareceu.

Merthin não a via desde o funeral de Ralph. Ela não derramara muitas lágrimas pelo falecido marido. O conde, em circunstâncias normais, seria enterrado na Catedral de Kingsbridge; mas porque a cidade estava fechada, Ralph fora enterrado em Shiring.

Sua morte permanecia um mistério. O corpo fora encontrado numa cabana de caça, ferido com uma espada no peito. Alan Fernhill estava caído no chão, também morto por ferimentos de uma lâmina. Os dois pareciam ter almoçado juntos, pois ainda havia os restos de uma refeição na mesa. Era evidente que ocorrera uma luta, mas não ficara claro se Ralph e Alan haviam infligido os ferimentos fatais um ao outro, ou se mais alguém estivera envolvido. Nada fora roubado: havia dinheiro nos dois corpos, as armas caríssimas continuavam caídas no chão, e dois cavalos valiosos pastavam na relva na clareira. Por causa disso, o juiz de instrução de Shiring optara pela teoria de que haviam matado um ao outro.

Em outro sentido, não havia mistério. Ralph fora um homem de violência, e não era surpresa para ninguém que sofresse uma morte violenta. Aqueles que vivem pela espada morrerão pela espada, dissera Jesus, embora esse versículo não fosse citado com frequência pelos padres do reinado do rei Edward III. Se qualquer coisa era extraordinária, era o fato de Ralph ter sobrevivido a tantas campanhas militares, a tantas batalhas sangrentas, e a tantas cargas da cavalaria francesa, para morrer numa briga a poucos quilômetros de sua casa.

Merthin surpreendera a si mesmo ao chorar no funeral. Não entendera por que se sentira tão triste. O irmão fora um homem perverso, que causara

muito sofrimento; sua morte era uma bênção. Merthin não tivera qualquer intimidade com Ralph desde que ele assassinara Tilly. O que havia para lamentar? Ao final, Merthin concluiu que lamentava pelo Ralph que poderia ter existido: um homem cuja violência não era impulsiva, mas controlada; cuja agressividade era orientada não pela ambição por glória pessoal, mas sim por um senso de justiça. Talvez tivesse sido possível outrora que Ralph crescesse para se tornar um homem assim. Quando os dois brincavam juntos, aos cinco e seis anos de idade, flutuando barcos de madeira numa poça lamacenta, Ralph não era cruel nem vingativo. Era por isso que Merthin chorava.

Os dois meninos de Philippa haviam comparecido ao funeral, e também a acompanhavam hoje. O mais velho, Gerry, era filho de Ralph com a pobre Tilly. O mais jovem, Roley, era visto por todos como o filho de Ralph com Philippa, embora na verdade fosse de Merthin. Por sorte, Roley não era um ruivo pequeno e irrequieto como Merthin. Haveria de se tornar alto e distinto como a mãe.

Roley segurava uma pequena escultura de madeira, que ofereceu a Merthin, com a maior solenidade. Era um cavalo, muito bem-feito para um menino de dez anos, compreendeu Merthin. A maioria das crianças esculpiria o animal firmemente apoiado nas quatro patas, mas Roley o fizera em movimento, as pernas em posições diferentes, a crina esvoaçando ao vento.

O menino herdara a capacidade do pai verdadeiro para visualizar objetos complexos em três dimensões. Merthin sentiu um inesperado aperto na garganta. Abaixou-se e beijou a testa de Roley.

Ele deu um sorriso agradecido a Philippa. Adivinhou que ela encorajara Roley a lhe dar o cavalo, sabendo o que significaria para ele. Merthin olhou para Caris e percebeu que ela também compreendia o significado; mas ninguém disse qualquer coisa.

O clima na vasta catedral era de alegria. O padre Michael não era um pregador carismático, e disse toda a missa num murmúrio. Mas as freiras cantaram tão lindamente quanto sempre, e um sol otimista brilhava através dos vitrais.

Depois, eles circularam pela feira, ao ar fresco do outono. Caris dera o braço a Merthin e Philippa andava no outro lado. Os dois meninos seguiam na frente, enquanto o guarda pessoal e a dama de companhia de Philippa vinham atrás. Os negócios eram bons, constatou Merthin. Os artesãos e

mercadores de Kingsbridge já começavam a reconstruir suas fortunas. A cidade se recuperaria daquela epidemia mais depressa do que da anterior.

Os membros mais velhos da guilda circulavam pela feira verificando pesos e medidas. Havia padrões para o peso de um saco de lã, a largura de uma peça de pano, o tamanho de um alqueire, e assim por diante. Por isso, as pessoas sabiam o que compravam. Merthin encorajava os membros da guilda a fazer as verificações ostensivamente, para que os compradores pudessem perceber como a cidade controlava com cuidado seus mercadores. Se desconfiassem de que alguém enganava os compradores, é claro que fariam uma conferência discreta; e se a suspeita fosse confirmada, o culpado seria convidado a se retirar.

Os dois filhos de Philippa corriam excitados de um estande para o seguinte. Observando Roley, Merthin disse em voz baixa a Philippa:

- Agora que Ralph morreu, há mais algum motivo para que Roley não deva saber a verdade?

Ela ficou pensativa.

- Eu gostaria de poder lhe dizer... mas seria para o bem de Roley, ou pelo nosso? Durante dez anos ele acreditou que Ralph era seu pai. Há dois meses ele chorou à beira da sepultura de Ralph. Seria um choque terrível revelar agora que ele é filho de outro homem.

Os dois falavam em voz baixa, mas Caris podia ouvir.

- Concordo com Philippa - disse ela. - Você tem de pensar no menino, não em si mesmo.

Merthin percebeu que havia sentido no que elas diziam. Era uma pequena tristeza num dia feliz.

- Há outro motivo - acrescentou Philippa. - Gregory Longfellow foi me procurar na semana passada. O rei quer fazer de Gerry o novo conde de Shiring.

- Aos treze anos de idade? - indagou Merthin.

- O título de conde é sempre hereditário, depois que foi concedido, embora o mesmo não aconteça com os baronatos. Seja como for, eu administraria o condado pelos próximos três anos.

- Como você fez na ocasião em que Ralph se ausentou para lutar contra os franceses. Deve estar aliviada porque o rei não está lhe pedindo para casar de novo.

Philippa fez uma careta.

- Estou velha demais.

- Roley será o segundo na linha hereditária do condado... desde que guardemos nosso segredo.

Se alguma coisa acontecer a Gerry, pensou Merthin, meu filho se tornará o conde de Shiring. Imagine só.

- Roley seria um bom soberano - comentou Philippa. - É inteligente e muito determinado, mas não cruel como Ralph.

A natureza impiedosa de Ralph já era evidente desde cedo: ele tinha dez anos, a idade de Roley agora, quando matara o cachorro de Gwenda.

- Mas Roley pode preferir ser outra coisa.

Merthin tornou a olhar para o cavalo esculpido em madeira. Philippa sorriu. Não sorria com frequência, mas se tornava deslumbrante sempre que isso acontecia. Ainda é uma linda mulher, pensou ele.

- Deixe-o ser o que quiser e se orgulhe dele.

Merthin recordou como o pai ficara orgulhoso quando Ralph se tornara o conde. Mas sabia que nunca se sentiria da mesma maneira. Teria orgulho de qualquer coisa que Roley fizesse, desde que ele se empenhasse ao máximo. Talvez o garoto se tornasse um escultor em pedra, criando anjos e santos. Talvez se tornasse um nobre sensato e misericordioso. Ou poderia ser alguma coisa que os pais nunca haviam imaginado.

Merthin convidou Philippa e os meninos para almoçar. Todos deixaram a área do priorado. Atravessaram a ponte, contra o fluxo de carroças carregadas a caminho da feira. Cruzaram a ilha do Leproso e passaram pelo pomar para entrar na casa.

Encontraram Lolla na cozinha.

Assim que viu o pai, ela desatou a chorar. Merthin abraçou-a, e ela soluçou em seu ombro. Onde quer que tivesse estado, Lolla devia ter perdido o hábito de se lavar, pois cheirava que nem um chiqueiro. Mas ele sentia-se feliz demais para se importar com isso.

Demorou algum tempo antes que eles pudessem encontrar algum sentido no que Lolla dizia. Quando finalmente conseguiu ser coerente, ela informou:

- Todos morreram!

E teve um novo acesso de choro descontrolado. Só depois de algum tempo, quando se acalmou um pouco, é que se tornou mais coerente.

- Todos morreram - repetiu Lolla, conseguindo agora reprimir os soluços. Jake e Boyo, Netty e Hal, Joanie, Chalkie e Ferret, um a um, e nada do que eu fazia por eles ajudava!

Viviam na floresta, deduziu Merthin, como um grupo de jovens fingindo ser ninfas e pastores. Os detalhes foram aflorando, pouco a pouco. Os rapazes matavam um veado de vez em quando, às vezes se ausentavam por um dia e voltavam com pão e um barril de vinho.

Lolla disse que compravam os suprimentos, mas Merthin achou que era mais provável que assaltassem viajantes. Lolla imaginara que poderiam viver assim para sempre: não pensara como a situação poderia ser diferente no inverno. Mas, no final, fora a peste, em vez do clima, que acabara com o idílio.

- Fiquei muito assustada - murmurou Lolla. - Queria Caris.

Gerry e Roley escutavam impressionados. Idolatravam a prima mais velha. Embora Lolla tivesse chegado em casa em lágrimas, a história de sua aventura só servia para engrandecê-la ainda mais aos olhos dos dois.

- Não quero nunca mais me sentir assim de novo - disse Lolla. - Tão impotente, com meus amigos doentes e morrendo ao meu redor.

- Posso compreender - comentou Caris. - Foi como me senti quando minha mãe morreu.

- Pode me ensinar a curar as pessoas? - pediu Lolla. - Quero realmente ajudá-las, como você faz, não apenas cantar hinos e mostrar a imagem de um anjo. Quero compreender sobre ossos e sangue, sobre ervas e as coisas que fazem as pessoas melhorar. Quero ser capaz de fazer alguma coisa quando uma pessoa fica doente.

- Claro que ensinarei, se é isso o que você quer. Terei a maior satisfação. Merthin estava atônito. Lolla era rebelde e mal-humorada há alguns anos, e parte de sua rejeição à autoridade fora a pretensão de que Caris, sua mãe adotiva, não era de fato sua mãe, e por isso não precisava ser respeitada. Ele sentiu-se exultante com a reviravolta. Quase que fazia valer a pena a agonia de preocupação por que passara. Um momento depois, uma freira entrou na cozinha.

- A pequena Annie Jones está com um acesso de tosse, e não sabemos por quê

- disse ela a Caris. - Pode ir ao hospital?

- Claro.

- Posso ir com você? - perguntou Lolla.

- Não. E esta é a sua primeira lição: você tem de estar limpa. Vá se lavar agora. Poderá ir comigo amanhã.

Quando Caris saía, Madge Webber apareceu.

- Já souberam da notícia? - indagou ela, com uma expressão sombria. Philemon voltou.

Naquele domingo, Davey e Amabel casaram na pequena igreja de Wigleigh.

Lady Philippa deu permissão para que o solar fosse usado para a festa. Wulfric matou um porco e assou-o sobre uma fogueira no pátio. Davey comprou passas bem doces e Annet fez bolinhos. Não havia cerveja - a maior parte da colheita de cevada apodrecera nos campos por falta de colhedores -, mas Philippa mandara Sam para casa com um barril de sidra de presente.

Gwenda ainda pensava, todos os dias, na cena na cabana de caça. No meio da noite, olhava para a escuridão e via Ralph com sua adaga na boca, o cabo se destacando entre os dentes marrons, enquanto a espada de Sam o pregava na parede.

Depois que Sam e ela arrancaram suas armas de Ralph, o corpo caíra no chão. A impressão era a de que os dois mortos haviam matado um ao outro. Gwenda espalhara sangue em suas armas limpas e deixara-os caídos onde estavam. Lá fora, afrouxara as rédeas dos cavalos, para que pudessem sobreviver por alguns dias, se necessário, até que alguém os encontrasse. Depois, ela e Sam se afastaram a pé.

O juiz de instrução de Shiring especulava que salteadores poderiam estar envolvidos nas mortes, mas no final chegara à conclusão que Gwenda esperava. Ninguém desconfiara dela ou de Sam. Havia escapado impunes de assassinato.

Ela apresentara a Sam uma versão alterada do que acontecera. Alegara que era a primeira vez que Ralph tentava coagi-la, e que ameaçara matá-la se recusasse. Sam sentia-se assustado por ter matado um conde, mas não tinha a menor dúvida de que sua ação fora justificada. Ele tinha mesmo o temperamento certo para um soldado, compreendeu Gwenda: nunca sofreria as agonias do remorso por matar.

Nem ela sofrera, embora recordasse a cena com repulsa. Matara Alan Fernhill e dera o golpe final em Ralph, mas não sentia o menor arrependimento. O mundo era um lugar melhor sem os dois. Ralph morrera na agonia de saber que o próprio filho o ferira fatalmente, e era exatamente o que ele merecia. Com o passar do tempo, Gwenda tinha certeza, a visão do que fizera na cabana deixaria de atormentá-la à noite.

Ela tratou de remover a lembrança da mente. Correu os olhos pelo salão do solar, observando os camponeses se divertir.

O porco foi comido e os homens beberam o resto da sidra. Aaron Appletree pegou sua gaita-de-foles. A aldeia não tinha um tambor desde a morte de Perkin, o pai de Annet. Gwenda especulou se Davey se tornaria o tocador de tambor agora.

Wulfric queria dançar, como sempre acontecia quando bebia muito. Gwenda dançou com ele a primeira música, rindo muito enquanto tentava acompanhá-lo nas voltas e pulos. Ele levantou-a, girou-a pelo ar, apertou seu corpo contra o dele, largou-a no chão, ficou dando enormes pulos ao seu redor. Wulfric não tinha o menor senso de ritmo, mas seu imenso entusiasmo era contagiante. Quando se declarou exausta, ele dançou com a nora, Amabel.

E depois, como não podia deixar de ser, dançou com Annet.

Ele olhou para Annet assim que a música terminou e largou Amabel. Annet sentava num banco, do lado do salão do solar. Usava um vestido verde curto como o de uma garota, os tornozelos à mostra. O vestido não era novo, mas ela bordara flores amarelas e rosas no busto. Como sempre, uns poucos cachos escapavam da touca, pendendo em torno de seu rosto. Era velha demais - pelo menos uns vinte anos - para aquele vestido, mas não sabia disso... nem Wulfric.

Gwenda sorriu quando eles começaram a dançar. Queria parecer feliz e despreocupada, mas compreendeu que sua expressão podia ser mais como uma careta, e desistiu de tentar. Desviou o olhar dos dois e observou Davey e Amabel. Talvez Amabel não fosse exatamente igual à mãe.

Tinha alguns jeitos coquetes de Annet, mas Gwenda nunca a vira flertando com ninguém; e naquele momento ela parecia desinteressada por qualquer outro que não o marido.

Gwenda olhou ao redor e localizou o outro filho, Sam. Ele estava com os jovens, contando uma história, gesticulando, segurando as rédeas de um cavalo imaginário, do qual quase caía. Todos se mostravam fascinados. Era bem provável que invejassem sua sorte de se tornar um pajem.

Sam ainda vivia em Earlscastle. Philippa mantivera a maioria dos pajens e homens de armas, pois seu filho Gerry precisaria deles para cavalgar e caçar, treinar com a espada e a lança. Gwenda esperava que, durante a regência de Philippa, Sam aprendesse um código mais inteligente e misericordioso do que teria adquirido com Ralph.

Não havia muito mais coisa para observar, e o olhar de Gwenda voltou para o marido e a mulher com quem outrora ele queria casar. Como Gwenda receara, Annet tratava de aproveitar ao máximo a exuberância e o inebriamento de Wulfric. Oferecia sorrisos sensuais quando dançavam separados, e grudava nele quando se juntavam, pensou Gwenda, como se fosse uma camisa molhada.

A dança parecia se prolongar por uma eternidade, com Aaron Appletree repetindo várias vezes a animada melodia em sua gaita-de-foles. Gwenda conhecia os ânimos do marido, e agora percebeu o brilho em seus olhos que sempre aparecia quando estava prestes a lhe pedir para fazer amor. Annet sabia exatamente o que fazia, pensou Gwenda, furiosa. Ela mudou de posição em seu banco, irrequieta, desejando que a música parasse logo, com um esforço para não deixar a ira transparecer.

Mas fervia de indignação quando a música terminou, com um floreio. Tomou a decisão de fazer Wulfric sentar ao seu lado, até se acalmar. Trataria de mantê-lo perto pelo resto da tarde, e não haveria qualquer problema.

Foi então que Annet o beijou.

Quando Wulfric ainda tinha as mãos em sua cintura, ela ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o em cheio nos lábios, por um breve instante, mas com firmeza; e Gwenda explodiu.

Levantou-se de um pulo do banco e atravessou o salão. Ao passar pelos recém-casados, o filho Davey percebeu a expressão em seu rosto, e tentou detê-la. Mas Gwenda ignorou-o. Foi até Wulfric e Annet, que ainda se fitavam, com sorrisos estúpidos. Espetou o ombro de Annet com um dedo e disse:

- Deixe meu marido em paz! Wulfric virou-se para ela.
- Gwenda, por favor...
- Não diga nada! Apenas fique longe desta prostituta! Os olhos de Annet faiscaram em desafio.
- Não é para dançar que as prostitutas são pagas.
- Tenho certeza de que você sabe tudo sobre o que as prostitutas fazem.
- Como ousa me falar assim?

Davey e Amabel intervieram. Amabel disse a Annet:

- Por favor, mãe, não faça uma cena.
- Não sou eu, mas Gwenda!

- Não sou eu quem está tentando seduzir o marido de outra mulher - protestou Gwenda.

- Mãe, você está estragando o casamento - disse Davey. Gwenda estava enfurecida demais para ouvir.

- Ela sempre faz isso. Rompeu o noivado há vinte e três anos, mas nunca o deixou em paz!

Annet começou a chorar. Gwenda não ficou surpresa. As lágrimas de Annet eram apenas outro meio de conseguir o que queria. Wulfric estendeu a mão para apertar o ombro de Annet, mas Gwenda gritou, ríspida:

- Não toque nela!

Ele retirou a mão num movimento brusco, como se a tivesse queimado.

- Você não compreende... - soluçou Annet.

- Compreendo muito bem!

- Não, não compreende. - Annet limpou os olhos e fitou Gwenda. - Não compreende que venceu. Ele é seu. Não sabe que ele a adora, respeita e admira. Não percebe que ele olha para você quando fala com outra mulher. Gwenda estava espantada.

- Bom... Ela não sabia o que mais dizer. Annet continuou:

- Ele olha para mulheres mais jovens? Alguma vez fica longe de você? Quantas noites dormiu separado de você nos últimos vinte anos... duas? Três? Não percebe que ele nunca amará outra mulher enquanto viver?

Gwenda olhou para Wulfric e teve certeza de que tudo aquilo era verdade. Na verdade, era óbvio. Ela sabia e todos também sabiam. Ela tentou recordar por que sentia tanta raiva de Annet, mas a lógica do sentimento lhe escapou.

A dança parara e Aaron largara sua gaita-de-foles. Todos os aldeões agrupavam-se agora em torno das duas mulheres, as mães dos recém-casados. Annet acrescentou:

- Eu era uma garota tola e egoísta, tomei uma decisão errada, e perdi o melhor homem que já conheci. E você ficou com ele. Às vezes não posso resistir à tentação de fingir que aconteceu o contrário, e que ele é meu. Por isso, sorrio para ele, afago seu braço. Wulfric é gentil comigo, porque sabe que partiu meu coração.

- Você partiu seu próprio coração - comentou Gwenda.

- É verdade. E você foi a garota afortunada que se beneficiou da minha insensatez.

Gwenda estava espantada. Nunca pensara em Annet como uma pessoa triste. Para ela, Annet sempre fora uma figura poderosa e ameaçadora, sempre tramando para reconquistar Wulfric. Mas isso nunca aconteceria. Annet acrescentou:

- Sei que fica irritada quando Wulfric é gentil comigo. Eu gostaria de dizer que não vai acontecer de novo, mas conheço minha fraqueza. Você tem de me odiar por isso? Não deixe que isso estrague a alegria do casamento e dos netos que ambas queremos.

Em vez de me considerar como sua inimiga vitalícia, não poderia pensar em mim como uma irmã leviana, que às vezes se comporta mal e a deixa irritada, mas ainda assim deve ser tratada como uma pessoa da família?

Ela tinha razão. Gwenda sempre pensara em Annet como um rosto bonito e uma cabeça vazia. Naquela ocasião, no entanto, Annet era a mais sensata das duas, e Gwenda sentiu-se humilhada.

- Não sei... mas talvez eu possa tentar.

Annet adiantou-se e deu um beijo no rosto de Gwenda. Gwenda sentiu as lágrimas de Annet em sua face.

- Obrigada - murmurou Annet.

Gwenda ainda hesitou por um instante, mas depois passou os braços pelos ombros estreitos de Annet e apertou-a num abraço. Ao redor, os aldeões aclamaram e aplaudiram. A música recomeçou um momento depois.

No início de novembro, Philemon realizou uma missa de ação de graças pelo fim da peste. O arcebispo Henri compareceu, em companhia do cônego Claude. Sir Gregory Longfellow também foi.

Gregory devia ter vindo a Kingsbridge para anunciar a escolha do rei para o novo bispo, pensou Merthin. Formalmente, ele diria aos monges que o rei indicara alguém, e caberia aos monges eleger o nome indicado ou algum outro; mas, em última análise, os monges costumavam eleger o escolhido pelo rei.

Merthin não pôde ler qualquer mensagem no rosto de Philemon, e calculou que Gregory ainda não revelara a escolha real. A decisão significava tudo para Caris e Merthin. Se Claude ficasse com o posto, seus problemas acabariam. Ele era moderado e razoável. Mas se Philemon se tornasse bispo, enfrentariam mais anos de disputas e ações judiciais.

Henri conduziu o serviço, mas Philemon fez o sermão. Agradeceu a Deus por atender às preces dos monges de Kingsbridge e poupar a cidade dos

piores efeitos da peste. Não mencionou que os monges haviam fugido para St.-John-in-the-Forest e deixado os moradores da cidade para se defenderem sozinhos; nem que Caris e Merthin haviam ajudado Deus a atender às preces dos monges ao fecharem os portões da cidade por seis meses. Pelo sermão, parecia que fora ele quem salvara Kingsbridge.

- Faz meu sangue ferver de raiva - comentou Merthin para Caris, sem se dar o trabalho de baixar a voz. - Ele está distorcendo completamente os fatos!

- Relaxe - murmurou ela. - Deus sabe a verdade, e as pessoas também. Philemon não está enganando ninguém.

Ela tinha razão, é claro. Depois de uma batalha, os soldados no lado vencedor sempre agradeciam a Deus, mas mesmo assim eles conheciam a diferença entre bons e maus generais.

Depois da missa, Merthin, como regedor, foi convidado a almoçar no palácio do prior com o arcebispo. Sentou ao lado do cônego Claude. Depois da oração de graças, as conversas começaram. Merthin perguntou a Claude, num sussurro urgente:

- O arcebispo já sabe quem o rei escolheu para bispo?

Claude respondeu com um aceno de cabeça quase imperceptível.

- É você?

Claude sacudiu a cabeça em negativa, um movimento também mínimo.

- Então é Philemon? Outro aceno de cabeça.

Merthin sentiu um aperto no coração. Como o rei podia escolher um idiota e covarde como Philemon, em vez de alguém sensato e competente como Claude? Mas ele sabia a resposta: Philemon manobrava com a eficiência habitual.

- Gregory já instruiu os monges?

- Ainda não. - Claude inclinou-se para Merthin. - Provavelmente fará uma comunicação informal a Philemon esta noite, depois do jantar, para em seguida falar com os monges no capítulo, amanhã de manhã.

- Então temos até o final do dia.

- Para quê? „

- Para fazê-lo mudar de idéia.

- Não vai conseguir.

- Posso tentar.

- Será em vão.

- Não se esqueça de que estou desesperado.

Merthin comeu pouco e fez um esforço para se manter paciente. Quando o arcebispo levantou-se, ele procurou Gregory.

- Eu gostaria que me acompanhasse até a catedral. Preciso falar sobre uma coisa que vai interessá-lo profundamente.

Gregory acenou com a cabeça, em concordância. Caminharam pela nave lado a lado, até um ponto em que Merthin teve certeza de que ninguém poderia ouvi-los. Respirou fundo. Era muito perigoso o que estava prestes a fazer. Tentaria dobrar o rei à sua vontade. Se falhasse, podia ser acusado de traição... e executado.

- Há muito tempo circulam rumores de que existe em algum lugar de Kingsbridge um documento que o rei gostaria muito de destruir - comentou ele.

Gregory manteve o rosto impassível.

- Continue.

Era um bom presságio.

- Essa carta estava em poder de um cavaleiro que morreu recentemente.

- Ele morreu? - indagou Gregory, surpreso.

- E evidente que sabe exatamente de quem estou falando. Gregory respondeu como um advogado:

- Em prol da argumentação, suponhamos que sei.

- Eu gostaria de prestar o serviço de devolver esse documento ao rei... qualquer que seja o seu conteúdo.

Merthin sabia muito bem qual era, mas podia adotar uma pretensão cautelosa de ignorância tanto quanto Gregory.

- O rei ficaria agradecido - murmurou Gregory.

- Agradecido até que ponto?

- Em que está pensando?

- Um bispo que esteja mais em sintonia com a população de Kingsbridge do que Philemon.

Gregory fitou-o nos olhos.

- Está tentando chantagear o rei da Inglaterra? Merthin sabia que aquele era o ponto perigoso.

- Nós, de Kingsbridge, somos mercadores e artesãos - disse ele, tentando parecer razoável. - Compramos, vendemos, fazemos negócios. Só estou tentando chegar a um acordo com você. Quero lhe vender uma coisa, e disse meu preço. Não há chantagem, não há coação. Não faço ameaças. Se não quiser o que estou vendendo, o assunto estará encerrado.

Chegaram ao altar. Gregory olhou para o crucifixo por cima. Merthin sabia exatamente o que ele estava pensando. Deveria prender Merthin, levá-lo para Londres, e torturá-lo até que revelasse o paradeiro do documento? Ou seria mais simples e mais conveniente para o rei indicar um nome diferente para bispo de Kingsbridge?

Houve um longo silêncio. A catedral estava fria, e Merthin se aconchegou em seu casaco. Gregory finalmente perguntou:

- Onde está o documento?

- Aqui perto. Eu o levarei até lá.

- Está bem.

- E o nosso acordo?

- Se o documento for mesmo o que você pensa que é, cumprirei minha parte do acordo.

- E o cônego Claude será o novo bispo?

- Será.

- Obrigado. Precisamos caminhar um pouco pela floresta.

Desceram lado a lado pela rua principal e atravessaram a ponte, a respiração formando nuvens de vapor no ar. Um sol de inverno brilhava com pouco calor quando entraram na floresta. Merthin encontrou o caminho com facilidade desta vez, pois fizera o percurso apenas poucas semanas antes. Reconheceu a pequena fonte, o imenso bloco de rocha, e o vale lamacento. Alcançaram a clareira com o enorme carvalho, e ele foi direto para o lugar em que o pergaminho fora enterrado.

E ficou consternado ao descobrir que alguém já estivera ali antes.

Alisara a terra com todo cuidado e a cobrira com folhas, mas mesmo assim alguém descobrira o esconderijo. Havia um buraco de trinta centímetros, com uma pilha de terra ao lado. E o buraco estava vazio. Ele ficou olhando, aturdido.

- Que inferno!

- Espero que isto não seja alguma brincadeira - disse Gregory.

- Deixe-me pensar! - pediu Merthin, um tanto ríspido. Gregory ficou calado.

- Só duas pessoas sabiam sobre isso - disse Merthin, pensando em voz alta. Não contei a ninguém. Portanto, só pode ter sido Thomas. Ele estava ficando senil antes de morrer. Creio que revelou o segredo.

- Mas para quem?

- Thomas passou os últimos meses de sua vida em St.-John-in-the-Forest, e os monges não permitiam que ninguém de fora entrasse. Portanto, deve ter sido um monge.

- Quantos são?

- Cerca de vinte. Mas não muitos saberiam o bastante sobre os antecedentes para compreender o significado dos murmúrios de um velho sobre uma carta enterrada.

- Mas onde está a carta agora?

- Acho que sei. Dê-me mais uma chance.

- Está certo.

Eles voltaram para a cidade. Ao atravessarem a ponte, o sol baixava sobre a ilha do Leproso. Entraram na catedral já escura, foram para a torre do lado sudoeste, e subiram pela estreita escada em espiral até o pequeno compartimento em que eram guardados os trajes para as encenações religiosas.

Merthin não entrava ali há onze anos, mas depósitos empoeirados não mudam muito, ainda mais em catedrais: aquele continuava como antes. Ele encontrou a pedra solta na parede e tirou-a.

Todos os tesouros de Philemon continuavam por trás da pedra, inclusive a mensagem de amor talhada na madeira. E ali estava também um saco de lã oleado. Merthin abriu-o e tirou o pergaminho.

- Foi o que pensei - disse ele. - Philemon arrancou o segredo no momento em que Thomas perdia o juízo.

Sem dúvida Philemon guardara a carta para usar como um instrumento de barganha se a decisão sobre o bispado lhe fosse contrária... mas agora era Merthin quem aproveitava.

Ele entregou o pergaminho a Gregory.

O advogado desenrolou-o. Uma expressão de espanto estampou-se em seu rosto enquanto ele lia.

- Santo Deus... então os rumores eram verdadeiros!

Ele tornou a enrolar o documento. A expressão era agora a de alguém que encontrara uma coisa que procurava há muitos anos.

- É o que você esperava? - perguntou Merthin.

- É, sim.

- E o rei ficará agradecido?

- Profundamente.

- Então sua parte no acordo...?

- Será cumprida. Claude será o seu novo bispo.

- Graças a Deus!

Oito dias mais tarde, no início da manhã, Caris estava no hospital, ensinando Lolla a prender uma atadura, quando Merthin entrou.

- Quero lhe mostrar uma coisa - disse ele. - Vamos para a catedral.

Era um dia de inverno claro e frio. Caris envolveu-se com um grosso manto vermelho. Ao atravessarem a ponte para a cidade, Merthin parou e apontou.

- A agulha foi concluída.

Caris levantou os olhos. Podia avistar a forma através da teia de andaimes que ainda a cercavam. A agulha era muito alta e graciosa. Enquanto seu olhar acompanhava a subida afilada da agulha, ela teve a impressão de que aquilo poderia se prolongar para sempre.

- É o prédio mais alto da Inglaterra? Merthin sorriu.

- É, sim.

Os dois subiram pela rua principal e entraram na catedral. Merthin subiu na frente pela escada por dentro das paredes da torre central. Já se acostumara com a escalada, mas Caris ofegava quando saíram para o ar livre no alto da torre, no passadiço em torno da agulha. Lá em cima soprava uma brisa firme e fria.

Contemplaram a vista, enquanto Caris recuperava o fôlego. Toda a cidade de Kingsbridge estendia-se para o norte e oeste: a rua principal, o distrito industrial, o rio, a ilha com o hospital. A fumaça se elevava de mil chaminés. Pessoas em miniatura passavam apressadas pelas ruas, a pé, a cavalo, ou guiando carroças, carregando sacos de ferramentas, cestas com legumes e frutas, ou sacos pesados; homens, mulheres e crianças, gordos e magros, as roupas pobres e finas, ou ricas e grossas, quase todas marrons e verdes, mas com alguns relances de azul e escarlata. A vista de todas aquelas pessoas deixou Caris maravilhada: cada pessoa tinha uma vida diferente, cada vida era rica e complexa, com dramas no passado e desafios no futuro, recordações felizes e pesares secretos, uma multidão de amigos, inimigos e entes amados.

- Está pronta? - indagou Merthin. Caris acenou com a cabeça.

Ele subiu na frente pelos andaimes. Era uma teia de cordas e galhos que sempre a deixava nervosa, embora não gostasse de dizê-lo: se Merthin podia subir, ela também podia. O vento fazia toda a estrutura balançar um pouco. A túnica de Caris adejava em torno das pernas, como as velas de

um navio. A agulha era muito alta, e a subida pelas escadas de cordas foi extenuante. Pararam na metade para descansar.

- A agulha é muito simples - comentou Merthin, sem precisar recuperar o fôlego. - Apenas uma moldura arredondada nos ângulos.

Caris refletiu que as outras agulhas eram muito ornamentadas, com faixas de pedras e ladrilhos coloridos, recessos que pareciam janelas.

A simplicidade do projeto de Merthin dava a impressão de que se prolongava indefinidamente. Merthin apontou para baixo.

- Ei, olhe só o que está acontecendo!

- Prefiro não olhar...

- Acho que é Philemon partindo para Avignon.

Caris tinha de ver isso. Estava numa plataforma larga de tábuas, mas mesmo assim se segurou com as duas mãos no poste vertical para ter certeza de que não cairia. Engoliu em seco e olhou para baixo, em perpendicular.

O esforço valeu a pena. Havia uma charrete puxada por dois bois parada na frente do palácio do prior. Uma escolta consistindo de um monge e um homem de armas, ambos a cavalo, esperava pacientemente. Philemon estava parado ao lado da carroça, enquanto os monges de Kingsbridge se adiantavam, um a um, para beijar sua mão.

Depois que todos o fizeram, o irmão Sime entregou-lhe um gato preto-e-branco, em que Caris reconheceu um descendente do gato de Godwyn, Arcebispo.

Philemon subiu na carroça, e o cocheiro chicoteou os bois. O veículo arrastou-se lentamente pelo portão e desceu a rua principal. Caris e Merthin continuaram a observar até que a charrete passou pela ponte e desapareceu nos subúrbios.

- Graças a Deus ele foi embora - murmurou Caris. Merthin olhou para cima.

- Não falta muito para o topo. Daqui a pouco você estará num ponto mais alto do que qualquer mulher jamais esteve na Inglaterra.

Ele recomeçou a subir. O vento foi se tornando mais forte, mas Caris sentia-se exultante, apesar de sua ansiedade. Era o sonho de Merthin, e ele o convertera em realidade. Todos os dias, durante centenas de anos, as pessoas por quilômetros ao redor contemplariam aquela agulha e a achariam linda.

Chegaram ao alto dos andaimes, as tábuas em torno do pico da agulha. Caris tentou esquecer que não havia uma grade em torno da plataforma para impedir que eles caíssem.

Na ponta da agulha havia uma cruz. Parecia pequena lá de baixo, mas agora Caris via que era maior do que ela.

- Há sempre uma cruz no alto de uma agulha - disse Merthin. - Isto é convencional. Afora isso, há uma variação na prática. Em Chartres, a cruz sustenta uma imagem do sol. Fiz uma coisa diferente.

Caris viu que, ao pé da cruz, Merthin pusera um anjo de pedra em tamanho natural. A figura ajoelhada não olhava para a cruz, mas sim para oeste, na direção da cidade. Ao olhar mais atentamente, Caris constatou que as feições do anjo não eram convencionais. O pequeno rosto redondo era obviamente feminino. Parecia vagamente familiar, com feições precisas e cabelos curtos.

E depois ela compreendeu que o rosto era o seu.

Ficou espantada.

- Eles deixarão você fazer isso?

Merthin acenou com a cabeça, em confirmação.

- Metade da cidade já acha que você é um anjo.

- Mas não sou.

- Não, não é - concordou Merthin, com o sorriso que ela tanto amava. - Mas é a coisa mais próxima que já conheci.

O vento soprou mais forte, subitamente. Caris segurou Merthin. Ele abraçou-a, bem apertado, com os pés separados, confiante. A rajada passou tão depressa quanto surgira, mas Merthin e Caris permaneceram abraçados, no topo do mundo, por muito tempo depois.

Agradecimentos

Meus principais consultores históricos foram Sam Cohn, Geoffrey Hindley e Marilyn Livingstone. A fraqueza nas fundações da Catedral de Kingsbridge baseia-se de uma forma aproximada no que ocorre na catedral de Santa Maria, em Vitoria-Gasteiz, na Espanha; e sou grato ao pessoal da Fundación Catedral Santa Maria pela ajuda e inspiração, especialmente Carlos Rodriguez de Diego, Gonzalo Arroita e o intérprete Luis Rivero. Também contei com a ajuda do pessoal de York Minster, especialmente John David. Martin Allen, do Fitzwilliam Museum, em Cambridge, Inglaterra, foi muito gentil ao me permitir manipular as moedas do reinado de Edward III. Em Le Mont St. Michel, na França, recebi a ajuda de Soeur Judith e Frère Francois. Como sempre, Dan Starer, da Research for Writers, na cidade de Nova York, ajudou-me com a pesquisa. Entre meus conselheiros literários incluíram-se Amy Berkower, Leslie Gelbman, Phyllis Grann, Neil Nyren, Imogen Taylor e Al Zuckerman. Também fui ajudado pelos comentários e críticas de amigos e da minha família, especialmente Barbara Follett, Emanuele Follett, Marie-Claire Follett, Erica Jong, Tony Mc Walter, Chris Manners, Jann Turner e Kim Turner.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**